

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PROTO-MACRO-JÊ:
UM ESTUDO RECONSTRUTIVO

Andrey Nikulin

Brasília
2020

ANDREY NIKULIN

PROTO-MACRO-JÊ:
UM ESTUDO RECONSTRUTIVO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profª Drª Flávia de Castro Alves

Brasília

2020

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org

N694p

Nikulin, Andrey
Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo / Andrey Nikulin; orientadora Flávia de Castro Alves. — Brasília, 2020.
xxiv + 571 p.

Tese (Doutorado — Doutorado em Linguística) — Universidade de Brasília, 2020.

1. Línguas Macro-Jê. 2. Línguas indígenas brasileiras. 3. Linguística histórica. 4. Método histórico-comparativo. 5. Sintaxe diacrônica. I. Castro Alves, Flávia de, orient. II. Título.

TESE DE DOUTORADO

PROTO-MACRO-JÊ:
UM ESTUDO RECONSTRUTIVO

Andrey Nikulin

BANCA EXAMINADORA

_____

Profª Drª Flávia de Castro Alves (orientadora)
Universidade de Brasília

_____

Prof. Dr. Spike Gildea (membro externo)
University of Oregon

_____

Profª Drª Ana Vilacy Moreira Galúcio (membro externo)
Museu Paraense Emílio Goeldi / Universidade Federal do Pará

_____

Prof. Dr. Thiago Costa Chacon (membro interno)
Universidade de Brasília

_____

Prof. Dr. Antônio Augusto Souza Mello (membro suplente)
Universidade de Brasília

Brasília/DF, 19 de março de 2020



El sufrimiento colectivo del éxodo forzado de millones de venezolanos
me ha estado a t o r m e n t a n d o
desde la primera hasta la última página de esta tesis.
La dedico a la lucha de la sociedad venezolana
en contra de la usurpación del estado,
con la esperanza de que un día
Caracas y toda Venezuela
vuelvan a llenarse
d e g e n t e ,
ciencia y
amor.

Agradecimentos

Gostaria de utilizar este espaço para expressar a minha profunda gratidão a algumas pessoas e entidades que não apenas contribuíram para que esta tese se materializasse, como também fizeram com que a minha jornada de doutorado se tornasse a melhor experiência que já vivi.

Primeiramente, agradeço ao povo Chiquitano, que me proporcionou o melhor dos acolhimentos em diversas ocasiões. Devo o meu conhecimento de sua língua à dona Ignacia (*Násiya*) Yopié Tomichá, à dona Antonia (*Ato'ĩxh*) Socoré Masaí, ao dom Victoriano Julián Laverán Ramos († 2019), à dona Micaela Ribera Montero, ao dom Miguel Putaré Tapanaché († 2019) e ao dom Benjamín Bas Aguilera. *Ñachapienakaka j-aume, tyákuta apaɨnonikyaka iñemo y auki tɨ ikyaka ñanitya'a au r-ózura. ¡Chapié, tyákuta chɨ'apikyenekapiñɨ'!* En San Juan de Lomerío, les doy las gracias al cacique Elmar Socoré Casupá, a Rubén Pitigá Socoré y a sus familias por haberme brindado todo el respaldo necesario para que mi investigación de la lengua chiquitana se realizara con éxito.

Sou infinitamente grato à minha orientadora, Flávia de Castro Alves (*Pahnõ*), tanto por ter me introduzido ao mundo da sintaxe funcional e da Gramática de Construções Diacrônica como pela amizade extra-acadêmica. Trabalhar com você tem sido um privilégio; ainda bem que é apenas o começo (haja cerveja)!

Agradeço ainda aos professores que se dispuseram a compor a minha banca de defesa — Vilacy Galucio, Thiago Chacon, Spike Gildea e (na qualidade de membro suplente) Augusto Mello — por todas as valiosas sugestões e pelas sempre acertadas críticas. É ótimo poder contar com as contribuições de especialistas como vocês! Qualquer equívoco que tiver sobrado nesta versão final, escusado será dizer, é de minha inteira responsabilidade.

Além da Profa. Flávia, ao longo dos últimos dois anos tive a oportunidade de colaborar, intensamente e de perto, com duas outras pessoas cujo impacto nas ideias expostas nesta tese foi enorme. Não tenho palavras para agradecer ao meu amigo Mário André Coelho da Silva (*Mãn*), meu principal interlocutor nas horas quando aperta a vontade de conversar sobre as línguas Macro-Jê ou fonologia, principalmente de madrugada, mas também meu principal cúmplice no que tange ao consumo de cerveja e café no Itatiaia. Obrigado também por compartilhares comigo teus dados do Maxakalí e de outras línguas Macro-Jê, sempre de qualidade, e por teres me acolhido em Goiânia tantas vezes.

Tuve una experiencia semejante con Andrés Pablo Salanova (*Kaitire*), con quien trabajé en dos ocasiones en uOttawa y a quien le debo una gran parte de mi conocimiento del léxico y

de la morfología de las lenguas ye del norte. Gracias, entre otras cosas, por estar siempre dispuesto a revisar lo que me ha tocado escribir en inglés. Aprovecho para extender mis agradecimientos a Clara Foz.

Queria expressar também a minha profunda admiração por meus melhores amigos, *nokitsinda* Artur (*Waliperi*) e Elian Reis; cada dia junto a vocês traz um aprendizado diferente. Sinto-me afortunado pelo fato de vocês terem vindo parar no DF na mesma época que eu; sem vocês, viver aqui seria muito menos divertido. Por falar em diversão, gostaria de agradecer ainda a dois outros amigos, Francisco Sarmento e Eliel Reis, que fazem falta nos nossos rolês e com quem também aprendi muito.

Foi fundamental para mim poder ter reencontrado, em diversas fases da realização do meu doutorado, vários amigos meus que se encontram espalhados pelo mundo. Agradezco sobre todo a mi gente de Venezuela: Gabriel Pérez (*Rancho*), Heryens (y la familia), Elisa, Astrid, Jorge, Isis (y la familia Díaz), Janeiro, Tina, Alvertluis, Eduardo y Flavian, Daniel, Gabriel Sánchez, Luis Oquendo, Giuska, Heryan, Rossini, Jonathan y Josua y otros más; los quiero burda. Además, le doy las gracias a Pipo (*Alijuna*) y a su familia, por un intercambio riquísimo de ideas sobre la fonología y por la calurosa recepción en Maracaibo en 2017 y 2018.

Em Brasília, agradeço por tantos bons momentos a meus colegas de pós, principalmente à Kaoru (e ao Lira, apesar de não sermos [[colegas de pós] *stricto sensu*]), ao Murilo (*Ihxẽc*), ao Jessé, à Iveth, ao Ago (*Walhipali*), ao Diogo e ao Ariel. Fora da academia, valorizo muito a amizade da Márcia, apesar da distância física, do Arthur e do Heryens (*sorry, wrong person*). Expresso a minha gratidão ainda ao Aldir Koprepre (*Caprêprêc*): embora a nossa convivência tenha sido breve, foi de aprendizado intenso (espero que para ambos); sempre serás bem-vindo aqui em casa! Não posso deixar de mencionar duas pessoas com as quais tenho mantido pouco contato mas sem as quais tudo seria diferente: sou grato à Dani, por ter semeado na minha mente a ideia de vir a esse quadrado no meio de Goiás, e à Deborah, pelo acolhimento e amizade no meu primeiro ano aqui.

As minhas idas a Goiânia foram fundamentais para a realização desta tese. O texto do capítulo 5 e muitas das ideias relativas ao ramo Transanfranciscano nasceram na vila Tawaoperatãwa. Sou muito grato à minha amiga Juliana Santos (*Tsinhotsé Dza'ré'õ*), que me ensinou muitas coisas nas entrelinhas das nossas conversas — tanto sobre o Xavánte como sobre a vida em geral — e de quem sinto muita saudade; te devo uma visita em NX! Aliás, guardo um carinho enorme por toda a vizinhança da vila Tawaoperatãwa e do Itatiaia: René, Janeth, Yohana, Victor, Bepo (*kubẽ kajkep djwỳnh*), Paula, Alawero, Maria, Hanna, Ytaynuwy e o pessoal

do Núcleo Takinahakỹ. Tem sido incrível contar com um espaço em que se conversa em espanhol, Apyãwa, Tenetehára, Gavião-Pyhcopji, Krahô, Akwẽ-Xerénte, Canela e Mẽbêngôkre ao mesmo tempo, por entre cervejas, tequilas, sertanejos e forrós. Agradeço também à Christiane (*Irehti*), com quem compartilhei risadas, empadões e ideias sobre a morfossintaxe do Apinajé.

En Santa Cruz de la Sierra, les doy las gracias a mis queridos churapas Mau Mesa y José Chuvé, con quienes he compartido unas cuantas frías y conversaciones sobre la Chiquitanía y la vida.

Em Belém (e adjacentes), sou grato aos meus maravilhosos amigos Dêbson e Nandra, da linguística, e à Anastácia, da área dos estudos de babaçu. Foi ótimo ter podido discutir assuntos linguísticos com outras colegas da UFPA — Ana Paula, Camille, Gessiane, Vilacy, Leopoldina, dentre outras — apesar de termos interagido um pouco menos do que deveríamos.

Em São Paulo, sempre fui muito bem recebido pelo Rafael, com quem aprendi muito sobre os mais diversos assuntos; escrevi a seção acerca do método comparativo no capítulo 1 pensando nas nossas conversas lá de 2017 (porém espero ter me tornado uma pessoa melhor e mais didática desde então). Agradeço também a Anna, Juliana V., Eduardo, Flavian, Pedro, Flávio, Luana e Ayrton, que faziam as minhas visitas a São Paulo valerem a pena.

Além dos lugares que já mencionei, fui gentilmente acolhido por diversas pessoas em Boa Vista (Elivelton), Lima (José Ignacio, Francisco), Buenos Aires (Jorge, Julián e Rossini), Londrina (Palote, Karin e João), Rio de Janeiro (Gean, Cynthia), Montreal (Karolina e Gab) e Macapá (Fernando e Lorena, Eduardo), dentre alguns outros lugares. Devo agradecimentos especiais ao Fernando por ter tirado incontáveis dúvidas minhas relacionadas à linguística histórica e por discussões profundas acerca de dados de línguas e famílias específicas.

Esta seção seria incompleta se eu deixasse de mencionar as amizades inspiradoras da linguística indígena que fiz em diversos eventos e na Chiquitanía, apesar de não nos vermos com frequência. Brittany Hause, Luca Ciucci e Luis Miguel Rojas-Berscia têm sido ótimos interlocutores; o meu conhecimento das variedades Lomeriana e Ignaciana do Chiquitano e das línguas Kawapana deve-se a esses três pesquisadores. Tive o privilégio de intercambiar ideias com muitos outros jovens linguistas, tais como Olivia Griffin, Kasia Wojtylak, Andrés Sabogal, Celeste Escobar, Gislaine Domingues, Eneida Brupahi, Damaris Felisbino, Glória Ruz, João Henrique Souza, Tempty Suyá, Raiane Salles (entre tantas outras pessoas!), e não-linguístas, incluindo Anai Vera e Thomaz Pinotti.

Posso ter me afastado, literal e metaforicamente, dos amigos da época do colégio; é por isso que valorizo imensamente as amizades que sobreviveram à passagem do tempo. Em especial, agradeço à Polina e a Sacha, que chegaram até a me visitar em Brasília e em São Paulo;

ao Serj, que nunca hesitou em me receber em sua casa em Munique; e à Olga, com quem não tive a oportunidade de me reencontrar desde que me mudei a Brasília mas que ocupa — e sempre ocupará — um lugar especial na minha vida.

Devo muito às pessoas que me ensinaram linguística histórica em diferentes etapas da minha vida. Meu primeiro contato com a linguística histórica ocorreu quando eu estava terminando a 6ª série do Ensino Fundamental, graças a uma intervenção de Svetlana Burlak, que alguns anos depois viria a me orientar na Universidade Estatal de Moscou. Além de sua orientação, foi fundamental para a minha formação ter participado em um grupo de pesquisa em linguística histórica formado por Mikhail Jivlov, George Starostin, Galina Sim, Ievguênia Koróvina, dentre algumas outras pessoas. Sou grato a todas elas. Além disso, a obra de algumas pessoas que não conheci pessoalmente teve um impacto inigualável na minha relação com a linguística histórica. São elas: Eugene Helimski († 2007), Luobbal Sámmol Sámmol Ánte, Sérgio Meira.

Posso apenas especular o que seria do meu conhecimento da teoria linguística e da linguística descritiva se não fosse por Maria Škapa e Dmitry Nikolaev, meus queridos amigos que não tive a oportunidade de reencontrar desde que iniciei meu doutorado. Foi em sua casa, por entre chás, lobianis, tortas ossetas e jogos de tabuleiro, que aprendi linguística moderna — da fonética articulatória e fonologia formal à morfologia e linguística computacional — em uma época quando o Ocidente me parecia tão distante.

Aproveito para expressar ainda o meu reconhecimento à CAPES, pela concessão de uma bolsa de doutorado, ao DPG/UnB, pela concessão de três auxílios-viagem, e à Universidade de Brasília como um todo, por ter me proporcionado um ambiente adequado para a realização da minha pesquisa. Sinto muito orgulho da UnB e acredito firmemente na necessidade imperativa de defendermos uma universidade pública, gratuita e de qualidade.

Por último, reitero o meu agradecimento ao Elian, que me apoiou das mais diversas formas nas mais diversas ocasiões durante a elaboração desta tese. Graças a ti, descobri que o jabuti sabe se virar sozinho, caso seja realmente necessário.

Resumo

O tronco Macro-Jê é um dos principais agrupamentos linguísticos do leste sul-americano. Estudos histórico-comparativos das línguas desse tronco encontram-se numa fase ainda incipiente. Em particular, não há consenso na comunidade científica quanto a sua constituição exata, motivo pelo qual diversos autores têm caracterizado o tronco Macro-Jê como uma "hipótese em construção" (cf. RODRIGUES, 1999, p. 165) ou até mesmo como o "*caput mortuum* da linguística sul-americana" (RIVET, 1924, p. 697). Graças a recentes avanços na documentação das línguas indígenas brasileiras e bolivianas, tornou-se possível reavaliar as relações entre as línguas que têm sido incluídas nesse agrupamento.

A presente tese tem por objetivo fornecer uma reconstrução de aspectos da língua ancestral do tronco Macro-Jê, incluindo domínios tais como a fonologia, a morfossintaxe e o léxico. Para tanto, fizemos uso da metodologia tradicional da linguística histórica, aplicando às línguas Macro-Jê o *método histórico-comparativo* e, quando possível, o método de *reconstrução interna*; além disso, recorremos à metodologia da *Gramática de Construções Diacrônica* para a reconstrução da sintaxe. A aplicação desses métodos seguiu os princípios de reconstrução *bottom-up* com controle externo. Para a investigação das relações entre as línguas cuja afinidade genética não pôde ser demonstrada através do método histórico-comparativo, utilizamos uma ferramenta conhecida sob o nome de *lexicoestatística preliminar*.

Concluímos que fazem parte do tronco Macro-Jê as famílias linguísticas Jê, Jaikó, Maxakalí, Krenák, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí; a família Chiquitana estaria relacionada às famílias supracitadas em um nível mais profundo. Contrariamente a ideias anteriores de alguns autores, excluímos as famílias Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí e Otí da proposta, mas não descartamos a possibilidade de uma relação genética distante entre o tronco Macro-Jê, por um lado, e as línguas Boróro, Karirí e Tupí, por outro lado.

Para o Proto-Macro-Jê, reconstruímos um inventário fonológico compreendendo as consoantes */p, m, w, t, n, r, c, ñ, j, k, ŋ/ e as vogais */a, â, ə, ə̂, y, o, ô, u, e, ê, i, ə̃, ỹ, ũ, ẽ, ĩ/. A estrutura silábica máxima do Proto-Macro-Jê reconstrói-se como */CrVC°/, onde */°/ representa a chamada vogal eco. Apenas as não-contínuas periféricas (labiais e velares) podiam formar *onsets* ramificados com o rótico: */pr, mr, kr, ŋr/.

Morfossintaticamente, o Proto-Macro-Jê era uma língua de núcleo final. Uma subclasse de nomes (os chamados nomes flexionáveis, ou relacionais), uma subclasse de verbos intransitivos (os chamados verbos descritivos) e a totalidade dos verbos transitivos e das posposições exigiam que seu argumento fosse expresso imediatamente à esquerda do tema, ora por meio de um sintagma nominal, ora por meio de um índice de pessoa (**a-* 2, **i-* 3NCRF, **ta-* 3CRF). Reconstruímos ainda o comportamento morfofonológico dos temas iniciados por */j-/, que perdiam sua consoante inicial (*consoante temática*) quando da ocorrência dos índices de pessoa; os índices, por sua vez, apresentavam alomorfes diferenciados restritos a esses temas (**Ø-* 2, **c-* 3NCRF, **t-* 3CRF). Para a primeira pessoa, reconstrói-se a inexistência de índices de pessoa dedicados.

Por último, abordamos a reconstrução da morfossintaxe oracional da língua ancestral das famílias Jê, Maxakalí, Krenák e Kamakã ("Proto-Macro-Jê Oriental"). Foi-nos possível reconstruir quatro construções encabeçadas por verbos, ou quatro tipos de orações. Em contextos de subordinação sintática, as orações seguiam um padrão ergativo-absolutivo de alinhamento

morfossintático; os verbos que as encabeçavam recebiam marcação explícita de não-finitude. As orações finitas (independentes de padrão geral, imperativas e coordenadas) apresentavam uma cisão intransitiva, a qual se manifestava na codificação diferenciada do único argumento de duas subclasses de predicados monovalentes. As orações imperativas divergiam daquelas de padrão geral no que tange à expressão de seu argumento agentivo (A/S_A), obrigatória nas orações de padrão geral e inibida nas imperativas. As orações coordenadas conectavam-se às anteriores por meio de um elemento que rastreava a identidade do sujeito (argumento nominativo, A/S), configurando, assim, um padrão de referência cruzada. No caso de sujeitos correferentes, utilizava-se a conjunção **nẽc (~ -j, -ñ)* 'e.MS', ao passo que o argumento agentivo da oração subsequente não se expressava explicitamente. A não-correferência entre os sujeitos marcava-se por meio da justaposição das orações, sendo a oração subsequente introduzida por um pronome agentivo ou (na terceira pessoa) pelo elemento conector **mə̃* 'e.SD'.

Abstract

Macro-Jê is a major language family of Eastern South America. Historical-comparative studies of Macro-Jê are still incipient; in particular, there is no consensus regarding its exact composition in the scientific community. For this reason, it has been referred to as a "working hypothesis" (cf. RODRIGUES, 1999, p. 165) or even the "*caput mortuum* of South American linguistics" (RIVET, 1924, p. 697) in a number of earlier works. Thanks to recent advances in the documentation of Brazilian and Bolivian indigenous languages, we are now in position to reevaluate earlier claims on the relations between the languages that have been classified as Macro-Jê.

This Ph.D. dissertation aims to provide a reconstruction of aspects of the ancestral language of the Macro-Jê language family, including domains such as phonology, morphosyntax and lexicon. In addition to applying the traditional methods employed by historical-comparative linguistics, such as the *comparative method* and the *internal reconstruction method*, I make an attempt at reconstructing elements of Proto-Macro-Jê syntax within the *Diachronic Construction Grammar* framework. Throughout, I have adhered to bottom-up reconstruction principles with external control. For languages whose common origin could not be proven using the comparative method, probability judgments regarding their relation to Macro-Jê have been made through a tool known as *preliminary lexicostatistics*.

I conclude that the following language groups should be classified as Macro-Jê: Jê, Jaikó, Maxakalí, Krenák, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa, and Jabutí; Chiquitano could be related to the aforementioned languages at a deeper level. Contrary to earlier claims by a number of authors, I exclude Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí, and Otí from the proposal, though a long-range genetic relationship may exist between Macro-Jê, Boróro, Karirí, and Tupian.

For Proto-Macro-Jê, I reconstruct the consonants */p, m, w, t, n, r, c, ñ, j, k, ŋ/ and the vowels */a, â, ə, ê, y, o, ô, u, e, ê, i, ə̃, ỹ, ũ, ẽ, ĩ/. Its maximal syllable structure is reconstructed as */CrVC°/, where /°/ stands for the so called echo vowel. Complex onsets could be formed exclusively by the combination of a peripheral (labial or velar) non-continuant and a rhotic: */pr, mr, kr, ŋr/.

Proto-Macro-Jê is reconstructed as head-final. A subclass of nouns (known as inflectable, or relational nouns), a subclass of intransitive verbs (known as descriptives), and the totality of transitive verbs and postpositions required their argument to be expressed immediately adjacent to the stem, to its left, either as a noun phrase or as a person index (one of **a-* 2, **i-* 3NCRF, **ta-* 3CRF). I also reconstruct the morphophonological behavior of the */j/-initial stems, whose initial (*thematic*) consonant was elided upon the accretion of a person index; the person indices, in their turn, had allomorphs whose occurrence was restricted to the */j/-initial stems (**∅-* 2, **c-* 3NCRF, **t-* 3CRF). A defective paradigm with no dedicated first person index can be reconstructed.

Finally, I tackle the reconstruction of the clause-level morphosyntax of the ancestral language of the Jê, Maxakalí, Krenák, and Kamakã families ("Proto-Eastern Macro-Jê"). I reconstruct four distinct constructions headed by verbs, or four clause types. Subordinate clauses displayed ergative-absolutive alignment, and were headed by verbs overtly marked as non-finite. Finite clauses (default pattern main clauses, imperative clauses, and coordinated clauses) displayed split intransitivity, whereby the only argument of monovalent predicates was encoded

differently for each of the two subclasses of monovalent verbs. Imperative clauses diverged from the default pattern regarding the expression of their agentive argument (A/S_A), obligatory in the default pattern and inhibited in imperative clauses. In the coordinated construction, consequent clauses were joined to the preceding clause through an element that tracked the identity of their subjects (nominative arguments, A/S), thus configuring a switch reference pattern. In the event of coreferent subjects, the conjunction **nẽc (~ -j, -ñ)* 'and (*same subject*)' was used; in this case, the agentive argument of the consequent clause was not overtly expressed. Another strategy was deployed for expressing disjoint reference, whereby clauses were simply juxtaposed, with the consequent clause being introduced by an agentive pronoun, or connected through the element **mə̃* 'and (*different subject*)' (third person only).

Resumen

La familia macro-ye es una de las principales agrupaciones lingüísticas del oriente sudamericano. El estudio histórico-comparativo de las lenguas de esa familia se encuentra en una fase todavía incipiente. En particular, no hay consenso en la comunidad científica en cuanto a su constituición exacta, motivo por el cual diversos autores han caracterizado la familia macro-ye como una "hipótesis en construcción" (cf. RODRIGUES, 1999, p. 165) o incluso como el "*caput mortuum* de la lingüística sudamericana" (RIVET, 1924, p. 697). Gracias a los recientes avanzos en la documentación de las lenguas originarias brasileñas y bolivianas, se ha vuelto posible reevaluar las relaciones entre las lenguas que han sido clasificadas como macro-ye.

La presente tesis doctoral tiene como objetivo ofrecer una reconstrucción de aspectos de la lengua ancestral de la familia macro-ye, incluyendo dominios como la fonología, la morfosintaxis y el léxico. Para ello, aplicamos a las lenguas macro-ye la metodología tradicional de la lingüística histórica (el *método histórico-comparativo* y, siempre que posible, el método de *reconstrucción interna*; además, recurrimos a la metodología de la *Gramática de Construcciones Diacrónica* para la reconstrucción de la sintaxis. La aplicación de esos métodos siguió los princípios de reconstrucción *bottom-up* con control externo. Para la investigación de las relaciones entre las lenguas cuyo origen genético común no pudo demostrarse a través del método histórico-comparativo, utilizamos una herramienta conocida bajo el nombre de *lexicoestadística preliminar*.

Se concluye que las siguientes agrupaciones lingüísticas constituyen la familia macro-ye: ye, yaicó, maxacalí, crenac, camacán, carayá, ofayé, ricbactsa y yabutí; el chiquitano podría relacionarse a las lenguas supracitadas en un nivel más profundo. Contrario a hipótesis anteriores de algunos autores, se excluyen de la propuesta las familias bororo, yaaté, purí, guató, carirí y otí, aunque no rechazamos la posibilidad de un parentesco distante entre las lenguas macro-ye, bororo, carirí y tupí.

Para el proto-macro-ye, se reconstruye un inventario fonológico que comprende las consonantes */p, m, w, t, n, r, c, ñ, j, k, ŋ/ y las vocales */a, â, ə, ə̂, y, o, ô, u, e, ê, i, ə̃, ỹ, ũ, ẽ, ĩ/. La estructura silábica máxima del proto-macro-ye se reconstruye como */CrVC°/, donde */°/ representa la llamada vocal eco. Solamente las [-continuas] periféricas (labiales y velares) podían formar ataques complejos con la rótica: */pr, mr, kr, ŋr/.

Morfosintácticamente, el proto-macro-ye era una lengua de núcleo final. Una subclase de sustantivos (los llamados sustantivos flexionables, o relacionales), una subclase de verbos intransitivos (los llamados verbos descriptivos) y la totalidad de los verbos transitivos y de las posposiciones exigían que su argumento se expresara inmediatamente a la izquierda del tema, así sea mediante un sintagma nominal o mediante un índice de persona (**a*- 2, **i*- 3NCRF, **ta*- 3CRF). Además, reconstruimos el comportamiento morfofonológico de los temas que tenían */j-/ por segmento inicial: al agregárseles un índice de persona, esos temas sufrían la caída de su consonante inicial (*temática*). Los índices de persona, a su vez, poseían alomorfos diferenciados (**Ø*- 2, **c*- 3NCRF, **t*- 3CRF), cuya ocurrencia se restringía justamente a los temas que presentaban la caída de la consonante temática. Para la primera persona, se reconstruye la inexistencia de índices de persona dedicados.

Por último, hicimos un intento de reconstruir la morfosintaxis a nivel de oración del idioma ancestral de las lenguas ye, maxacalí, crenac y camacán ("proto-macro-ye del este").

Pudimos reconstruir cuatro construcciones encabezadas por verbos, o cuatro tipos de oraciones. En contextos de subordinación sintáctica, las oraciones seguían un patrón ergativo-absolutivo de alineamiento morfosintáctico; los verbos que las encabezaban recibían una marca explícita de no-finitud. Las oraciones finitas (independientes llanas, imperativas y coordinadas) presentaban una escisión intransitiva, que se manifestaba en la codificación diferenciada del único argumento de dos subclases de verbos monovalentes. Las oraciones imperativas divergían de las independientes llanas en cuanto a la expresión de su argumento agentivo (A/S_A), obligatoria en las independientes llanas e inhibida en las imperativas. Las oraciones coordinadas se conectaban a las anteriores mediante un elemento que rastreaba la identidad del sujeto (argumento nominativo, A/S), configurando, de esta manera, un patrón de referencia cruzada. En cuanto a los sujetos correferentes, se empleaba la conjunción **nẽc (~ -j, -ñ)* 'y.MS', mientras que el argumento agentivo de la oración subsiguiente no se expresaba explícitamente. La referencia disyuntiva se marcaba mediante la yuxtaposición de las oraciones; en este caso, la oración subsiguiente se introducía por un pronombre agentivo o (en la tercera persona) por el elemento conector **mə̃* 'y.SD'.

Lista de figuras

Figura 1.1. Línguas Macro-Jê 4
Figura 1.2. Cladograma do sub-ramo Jê de Goyaz 7
Figura 1.3. Subagrupamento e reconstrução 35
Figura 3.1. Cladograma da família Jê 83
Figura 3.2. Cladograma da família Transanfranciscana 92
Figura 3.3. Cladograma do tronco Macro-Jê 178
Figura 5.1. Alinhamento em Proto-Macro-Jê Oriental 266
Figura 5.2. Alinhamento em Proto-Cerratense 273

Lista de quadros

Quadro 1.1. Alguns dados lexicais das línguas Xavánte e Maxakalí 32
Quadro 1.2. Evolução de alguns dados lexicais das línguas Xavánte e Maxakalí 33
Quadro 1.3. “Formas-base” de Mattoso Câmara Jr. (1959) e as respectivas reconstruções atualizadas 40
Quadro 2.1. Composição do tronco Macro-Jê ou equivalentes nas classificações de larga escala 56
Quadro 2.2. Semelhanças técnicas entre o Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí 62
Quadro 2.3. Semelhanças técnicas entre o Proto-Boróro, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí 67
Quadro 2.4. Semelhanças técnicas entre o Proto-Boróro, as variedades Karirí e o Proto-Caribe (lista de 38 itens) 68
Quadro 2.5. Semelhanças técnicas entre o Proto-Boróro, as variedades Karirí e o Proto-Caribe (diversos) 68
Quadro 2.6. Semelhanças técnicas entre o Yaathê, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí 70
Quadro 2.7. Semelhanças técnicas entre as línguas Purí, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí 74
Quadro 2.8. Semelhanças técnicas entre o Guató, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí 75
Quadro 2.9. Semelhanças técnicas entre as línguas Karirí, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí 77
Quadro 2.10. Semelhanças técnicas entre o Otí, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí 79
Quadro 2.11. Morfologia de pessoa nas famílias do leste sul-americano 80
Quadro 3.1. As consoantes do Proto-Jê 84
Quadro 3.2. Revisão da reconstrução das vogais orais do Proto-Jê 87
Quadro 3.3. Revisão da reconstrução das vogais nasais do Proto-Jê 87
Quadro 3.4. Reconstrução de codas silábicas em Proto-Jê 90
Quadro 3.5. As consoantes do Proto-Transanfranciscano 93
Quadro 3.6. Os núcleos do Proto-Transanfranciscano 94
Quadro 3.7. Evolução do Proto-Karajá para as variedades modernas 96
Quadro 3.8. As consoantes do Rikbáktsa 98
Quadro 3.9. As vogais do Rikbáktsa 98
Quadro 3.10. Os onsets do Proto-Jabutí 100
Quadro 3.11. Os núcleos orais do Proto-Jabutí 103
Quadro 3.12. Os núcleos nasais do Proto-Jabutí 105
Quadro 3.13. Os onsets do Proto-Macro-Jê 108
Quadro 3.14. Os núcleos do Proto-Macro-Jê 135
Quadro 3.15. As codas do Proto-Macro-Jê 159
Quadro 3.16. Chiquitano e Macro-Jê 180
Quadro 3.17. Tupí e Macro-Jê 182
Quadro 3.18. Tupí e Macro-Jê: distribuição limitada 184
Quadro 4.1. Reflexos dos pronomes pacientivos Proto-Macro-Jê nas línguas Macro-Jê 189
Quadro 4.2. Reflexos dos pronomes agentivos Proto-Macro-Jê nas línguas Macro-Jê 190
Quadro 4.3. Evolução das formas de pessoa do Proto-Macro-Jê para o Maxakalí 192
Quadro 4.4. Índices locufóricos nos temas flexionáveis do Proto-Macro-Jê 193
Quadro 4.5. Clíticos de sujeito em três variedades reto-românicas (HACK; GAGLIA, 2009, p. 161–163) 195
Quadro 4.6. Etapas da gramaticalização dos pronomes nas línguas Macro-Jê 202
Quadro 4.7. Prefixos e clíticos expressando o argumento de 1(SG) em temas flexionáveis das línguas Macro-Jê 203
Quadro 4.8. Prefixos e clíticos codificando o argumento da segunda pessoa em temas da classe I nas línguas Macro-Jê 209
Quadro 4.9. Pronomes e índices do Proto-Jê Setentrional e do Panará 214
Quadro 4.10. Codificação do argumento de segunda pessoa nas línguas Rikbáktsa, Jabutí e algumas línguas Jê 219
Quadro 4.11. Índices de 1PL e 2PL nas línguas Macro-Jê 219
Quadro 4.12. Terminologia referente às duas classes de formas pessoais 220
Quadro 4.13. Análises dos fenômenos que ocorrem na margem esquerda dos temas flexionáveis nas línguas Macro-Jê 228
Quadro 4.14. Análises dos fenômenos que ocorrem na margem esquerda dos temas flexionáveis nas línguas Macro-Jê 233
Quadro 4.15. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Proto-Jê Setentrional 234
Quadro 4.16. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Panará 238
Quadro 4.17. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Krenák 244
Quadro 4.18. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Proto-Karajá 244
Quadro 4.19. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Ofayé 245
Quadro 4.20. Índices de terceira pessoa não-correferencial e correferencial em Arikapú, Rikbáktsa e Karajá 254

Quadro 4.21. Índices alofóricos do Arikapú 256
Quadro 4.22. Funções dos reflexos de PMJ **t(a)-* 257
Quadro 4.23. Paradigma alofórico do Proto-Macro-Jê 258
Quadro 4.24. Paradigmas alofóricos do Proto-Macro-Jê, Proto-Tupí e Proto-Boróro 259
Quadro 4.25. Algumas correspondências entre as línguas Tupí 259
Quadro 4.26. As construções de marcação dupla em Rikbáktsa e Karajá 263
Quadro 5.1. Formas que codificam os argumentos A e S_A em reflexos das construções ativas-inativas do Proto-Macro-Jê Oriental e nas construções cognatas de outros ramos 270
Quadro 5.2. Pronomes e índices do Proto-Macro-Jê correspondentes ao caso interno 271
Quadro 5.3. Os padrões de alinhamento em Proto-Jê Setentrional 280
Quadro 5.4. Índices de pessoa do Panará (modo *irrealis*) 285
Quadro 5.5. As formas verbais do Proto-Jê Meridional 293
Quadro 5.6. Os padrões de alinhamento em Proto-Jê Meridional e Proto-Cerratense 304
Quadro 5.7. Os padrões de alinhamento do Maxakalí associados com os verbos nativos e suas propriedades 312
Quadro 5.8. Os padrões de alinhamento do Maxakalí associados com os verbos heterogêneos e suas propriedades 313
Quadro 5.9. A evolução da categoria de finitude nas línguas Macro-Jê Orientais 328

Abreviações e convenções de glosas

1/2/3	1ª/2ª/3ª pessoa	ERG	ergativo	NF	não finito
ABL	ablativo	EXCL	exclusivo	NFUT	não-futuro
ABS	absolutivo	EXT	extensão temática	NMLZ	nominalizador
ACC	acusativo	F	feminino *ou* finito	NOM	nominativo
ACT	ativo	F.I	finita I	NPST	não-passado
AFFIR	afirmativo	F.II	finita II	OBL	oblíquo
AG	agentivo	FCT	factual	ONOM	onomatopeia
ALL	alativo	FND	finalidade	PAUC	paucal
ANTIC	anticausativo	FUT	futuro	PF	perfectivo
ANTP	antipassivo	GEN	genitivo	PL	plural
ASSOC	associativo	GNQ	argumento genérico	PRED	predicado
ASS.INST	associativo-instrumental	HAB	habitual	PRES	presente
AUX	auxiliar	HTO	heterofórico	PRIV	privativo
BEN	benefactivo	HYP	hipotético	PROGR	progressivo
CAUS	causativo	IAM	iamitivo	PROH	proibitivo
CL	classificador	IMP	imperativo	PROSP	prospectivo
COLL	coletivo	INAN	inanimado	PST	passado
COM	comitativo	INCL	inclusivo	PTCP	particípio
COMCAUS	comitativo-causativo	IND	indicativo	PUNCT	pontual
COMPL	completivo	INDEF	indefinido	RCPR	recíproco
COMPR	comprido (objeto)	INESS	inessivo	REFL	reflexico
COND	condicional	INSTR	instrumental	REL	prefixo relacional
CONS	consecutivo	INT	interno	REP	reportativo
CONT	continuativo	INTENS	intensificador	REGR	regressivo
COP	cópula	INTR	intransitivo	RLS	modo *realis*
CRF	correferencial	IPF	imperfeito	SBJ	marca de sujeito
CTFG	centrífugo	IRR	modo *irrealis*	SG	singular
CTG	contíguo	ITER	iterativo	SÓLIDO	sólido (objeto)
CTPT	centrípeto	LIQ	líquido (objeto)	ST.AF	estativo afirmativo
CURTO	curto (objeto)	LOC	locativo	STAT	estativo
DAT	dativo	LUGAR	nome de lugar	STIM	estímulo/desencadeador
DEF	definido	M	masculino/não-feminino	SUPERESS	superessivo
DESID	desiderativo	MALEF	malefactivo	TH	consoante temática
DIM	diminutivo	MASS	massivo (objeto)	TOP	tópico
DISCR	discreto	MS	mesmo sujeito	TR	transitivo
DS	sujeito diferente	NCRF	não correferencial	VBZ	verbalizador
DU	dual	NCTG	não-contíguo	WH.Q	interrogação de conteúdo
EGO	egofórico	NEG	negativo		

A	argumento mais parecido com o agente de um verbo (di)transitivo
CNJ	conjunção
N	nome/sintagma nominal
npos.	não possuído
P	argumento mais parecido com o paciente de um verbo transitivo
POSS	possuidor de nome
PREDNOM	predicado nominal
R	argumento de verbo ditransitivo menos parecido com A/P (recipiente ou oblíquo)
S	único argumento de verbo intransitivo
S_A	… alinhado morfossintaticamente com o argumento A
S_P	… alinhado morfossintaticamente com o argumento P
T	argumento mais parecido com o argumento P de verbo ditransitivo (tema)
V	predicado verbal
vb.	verbo derivado (causativo ou verbo denominal)

Línguas atestadas

AKW	Akwẽ-Xerénte	KRJ	Karajá	OFA	Ofayé
API	Apinajé	KSJ	Kĩsêdjê	PNR	Panará
ARI	Arikapú	KTX	Kotoxó	PTJ	Parkatêjê
CAN	Canela	LKL	Laklãnõ	PYK	Gavião-Pyhcopji
K.	Krahô	MAS	Masakará	K.	Krĩkatí
DJE	Djeoromitxí	MBG	Mẽbêngôkre	RIT	Maxakalí Ritual
HHH	Pataxó-Hãhãhãe	X.	Xikrín	TAP	Tapayúna
KGG	Kaingáng	MGY	Mongoyó	TIM	Timbíra
KMK	Kamakã	MLL	Malalí	RKB	Rikbáktsa
KNK	Krenák	MXK	Maxakalí	XAV	Xaványte

Protolínguas e famílias

(P)B	(Proto-)Boróro
PCerr	Proto-Cerratense
PChq	Proto-Chiquitano
PJ	Proto-Jê
PJab	Proto-Jabutí
PJS	Proto-Jê de Goyaz
PJM	Proto-Jê Meridional
PJS	Proto-Jê Setentrional
PK	Proto-Karajá
(P)MJ	(Proto-)Macro-Jê
PMJOr	Proto-Macro-Jê Oriental
(P)T	(Proto-)Tupí
PTSF	Proto-Transanfranciscano

Fontes de dados / Abreviações de nomes de variedades

AT = Torrezão (1889, Purí)
B = Silva *et al.* (1983, Pataxó-Hãhãhãe)
CN = Nimuendajú (1932, Ofayé; 1986, Kamakã)
CP = Martius (1867, v. 2, p. 198–207, Coroado da Aldeia da Pedra)
CR = Ambrosetti (1896, Ingain; dados de Cosme Román)
CX = Martius (1867, v. 2, p. 195–198, Coroado do rio Xipotó)
DP = Lista (1883, Ingain; dados de Domingos Patiño)
DZ = Dzubukuá
ER = Ribeiro (2011; RIBEIRO, VOORT, 2010, Ofayé)
G = Guérios (1945, Kamakã) ou Gudschinsky (1974, Ofayé)
JS = J. Silva (2012, Ofayé)
K = Kipeá
LS = L. Silva (2012, Ofayé)
LU = Ambrosetti (1896, Ingain; dados de Luchessi)
M = Martius (1867, v. 2, Purí)
MA = Ambrosetti (1896, Ingain; dados de María Antonia)
MP = Maria Pankararú (OLIVEIRA, 2006, Ofayé)
P = Ambrosetti (1896, Ingain; dados de Pedro) ou Meader (1978, Pataxó-Hãhãhãe)
RL = Lista (1883, Ingain; dados próprios)
SH = Martius (1867, v. 2, Malalí, dados de Saint-Hilaire)
SO = Sá Oliveira (1892, Kamakã)
V1/3 = Vogt (1904, Ingain, dados marcados como V1/V3)
WH = Hanke (1964, Ofayé)

Miscelânea

AFI	Alfabeto Fonético Internacional
ATR	*advanced tongue root* (raiz da língua avançada)
ELDP	*Endangered Language Documentation Programme*
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
n.d.a.	nos demais ambientes
P.I.	Posto Indígena
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
TAM	tempo, aspecto, modo
T.I.	Terra Indígena
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNIFAP	Universidade Federal do Amapá

Sumário

Agradecimentos vi
Resumo x
Abstract xii
Resumen xiv
Lista de figuras xvi
Lista de quadros xvii
Abreviações e convenções de glosas xix
Sumário xxii
Introdução 1
Capítulo I. As línguas Macro-Jê e a linguística histórica 3
1.1. Línguas Macro-Jê 3
1.1.1. Jê 5
1.1.2. Jaikó 16
1.1.3. Maxakalí 16
1.1.4. Krenák 20
1.1.5. Kamakã 22
1.1.6. Karajá 23
1.1.7. Ofayé 24
1.1.8. Rikbáktsa 25
1.1.9. Jabutí 27
1.1.10. Chiquitano 28
1.2. Metodologia 30
1.2.1. Demonstração de parentesco 30
1.2.2. Relação entre o subagrupamento e a reconstrução 34
1.2.3. Reconstrução fonológica e lexical 36
1.2.4. Reconstrução sintática 38
1.3. Estudos históricos sobre línguas Macro-Jê 38
1.4. Convenções de transcrição e representação dos dados: alfabeto Macro-Jê 50
Capítulo II. Delimitação do tronco Macro-Jê 54
2.1. Demonstração da implausibilidade de uma hipótese de parentesco 57
2.2. Boróro e Macro-Jê 64
2.3. Yaathê e Macro-Jê 69
2.4. Purí e Macro-Jê 71
2.5. Guató e Macro-Jê 74
2.6. Karirí e Macro-Jê 75

2.7. Otí e Macro-Jê 77
2.8. Conclusão 79
Capítulo III. Reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê 82
3.1. Reconstruções das protolínguas e fonologias das línguas das famílias Macro-Jê 82
3.1.1. Proto-Jê 83
3.1.2. Proto-Transanfranciscano 91
3.1.3. Proto-Karajá 95
3.1.4. Ofayé 96
3.1.5. Rikbáktsa 97
3.1.6. Proto-Jabutí 100
3.2. Reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê 107
3.2.1. *Onsets* 107
3.2.2. Núcleos 134
3.2.3. Codas 158
3.3. Classificação interna do tronco Macro-Jê 177
3.4. Posição do Chiquitano 179
3.5. Relação com Tupí 181
3.6. Conclusão 184
Capítulo IV. Indexação de pessoa em Proto-Macro-Jê 186
4.1. Pronomes 187
4.1.1. Série interna 188
4.1.2. Série agentiva 189
4.2. Índices locufóricos 193
4.2.1. Codificação dos argumentos de primeira pessoa 194
4.2.2. Codificação dos argumentos de segunda pessoa 208
4.2.3. Índices de 1PL e 2PL nas línguas Macro-Jê 219
4.3. Índices alofóricos 220
4.3.1. Indexação alofórica *vs* ausência de índice 221
4.3.2. A categoria de correferencialidade 253
4.3.3. Reconstrução dos índices alofóricos do PMJ e possíveis correspondências externas 258
4.4. Indexação dupla nas línguas Macro-Jê 261
4.5. Conclusão 263
Capítulo V. A finitude e o alinhamento em Proto-Macro-Jê Oriental 265
5.1. Alinhamento 266
5.1.1. Cisão intransitiva 266
5.1.2. Construções ativas-inativas 269

5.1.3. Construção ergativa-absolutiva 274
5.2. Evolução das construções finitas e da não finita 276
5.2.1. Jê 276
5.2.2. Maxakalí 308
5.2.3. Krenák 322
5.3. Morfologia de finitude 327
5.4. Conclusão 333
Capítulo VI. Considerações finais 334
Referências 337
Apêndice A. Etimologias Macro-Jê 369
Apêndice B. Proto-Jê 424
Apêndice C. Proto-Cerratense 445
Apêndice D. Proto-Jê Setentrional 477
Apêndice E. Proto-Transanfranciscano 526
Apêndice F. Proto-Jabutí 542
Apêndice G. Fonologia do Proto-Tupí 566
Apêndice H. Fonologia do Proto-Chiquitano 571

Introdução

Esta tese trata da reconstrução de aspectos da língua ancestral do tronco linguístico conhecido sob o nome de Macro-Jê, bem como do desenvolvimento histórico das línguas que a ele pertencem. Os falantes das línguas Macro-Jê povoam uma extensa região localizada nas terras baixas da América do Sul, ao sul do rio Amazonas.

Embora o Macro-Jê seja um dos troncos mais importantes da América do Sul em termos da profundidade temporal de sua diversificação, até o presente não houve nenhuma proposta reconstrutiva referente a sua protolíngua. É possível citar vários fatores que podem ter contribuído para a persistência dessa lacuna. Em primeiro lugar, acreditamos que diversas famílias e línguas têm sido **incluídas nesse tronco erroneamente**, impedindo, dessa forma, a detecção de correspondências sonoras regulares e conjuntos de cognatos que contemplassem todas as famílias do tronco. Em segundo lugar, destacamos **a escassez de documentação** das línguas Macro-Jê antes da década de 2000, embora a situação venha se modificando com a aparição de novas descrições gramaticais e lexicográficas de alta qualidade. Finalmente, salientamos a **baixa quantidade de trabalhos que empreendam reconstruções de protolínguas intermediárias** de famílias ou ramos menos profundos, permitindo proceder com uma reconstrução *bottom-up* do Proto-Macro-Jê; felizmente, nos últimos anos essa lacuna também vem se remediando (VOORT, 2007; JOLKESKY, 2010; NIKULIN, 2016, 2017, 2019a; NIKULIN, SALANOVA, 2019; NIKULIN, SILVA, 2020; RIBEIRO-SILVA, 2020).

O objetivo desta tese, dessa forma, é o de proporcionar uma proposta reconstrutiva referente à língua ancestral do tronco Macro-Jê. Uma atenção especial é dada à fonologia dessa protolíngua (capítulo **3**), visto que a disponibilidade de uma reconstrução fonológica sólida é um pré-requisito crucial para a futura identificação de novas etimologias e a ampliação do *corpus* comparativo. Além da fonologia, serão abordados alguns aspectos morfológicos e (morfos)sintáticos do Proto-Macro-Jê, tais como a indexação de pessoa (capítulo **4**), a flexão de finitude e a relação entre a finitude e o alinhamento morfossintático (capítulo **5**; apenas na língua ancestral do ramo Oriental do tronco Macro-Jê). Como se tornará claro a seguir, estamos abertos às hipóteses que relacionam o tronco Macro-Jê a outras famílias e troncos linguísticos (particularmente ao tronco Tupí); apesar de não ser este o foco da presente investigação, aspectos desse provável parentesco serão discutidos em diversas ocasiões ao longo desta tese, em particular, nos capítulos **2**, **3** e **4**.

Esta tese organiza-se da seguinte forma. No capítulo **1**, apresentamos algumas informações básicas referentes às línguas Macro-Jê, além de oferecermos uma discussão acerca da metodologia empregada, um sobrevoo dos trabalhos já existentes de relevância para a nossa pesquisa, bem como um resumo das convenções de representação dos dados às quais aderimos nesta tese. No capítulo **2**, trataremos da constituição do tronco Macro-Jê, justificando a exclusão de algumas famílias e línguas (Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí, Otí) em comparação com propostas anteriores. O capítulo **3** abordará a reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê; nele serão expostas as correspondências sonoras regulares e os conjuntos de cognatos que as instanciam. No capítulo **4**, procedemos à reconstrução da morfologia e da morfossintaxe da indexação de pessoa em Proto-Macro-Jê, fazendo ainda alguns apontamentos relacionados à chamada flexão relacional de contiguidade, categoria proposta em análises sincrônicas de línguas Macro-Jê por alguns autores. A reconstrução de mais uma categoria gramatical, a chamada finitude verbal, será discutida no capítulo **5** em conjunto com o alinhamento morfossintático, embora neste caso nos limitemos a apenas um possível ramo do tronco Macro-Jê, o ramo Oriental. Concluímos a tese com o capítulo **6**, em que resumimos os achados apresentados em capítulos anteriores e apontamos direções para futuras pesquisas.

A tese inclui ainda oito apêndices, numerados de **A** a **H**. Os apêndices de **A**–**F** contêm uma seleção de conjuntos de cognatos, acompanhados de seus respectivos étimos reconstruídos, sendo que cada apêndice cobre um agrupamento linguístico diferente (**A**: Macro-Jê; **B**: Jê; **C**: Cerratense; **D**: Jê Setentrional; **E**: Transanfranciscano; **F**: Jabutí). Os apêndices **G** e **H** contêm informações sobre as reconstruções fonológicas do Proto-Tupí e Proto-Chiquitano adotadas nesta tese.

Capítulo I.
As línguas Macro-Jê e a linguística histórica

Este capítulo encontra-se organizado da seguinte maneira. Na subseção **1.1**, apresentamos informações sociolinguísticas básicas sobre as línguas que, em nossa opinião, compõem o tronco Macro-Jê e sobre os respectivos povos. As premissas teóricas e a metodologia utilizada nesta tese serão discutidas na subseção **1.2**. Na subseção **1.3**, será oferecido um sobrevoo dos estudos em linguística histórica centrados nas línguas Macro-Jê. Na subseção **1.4**, expomos os princípios de representação e apresentação do material linguístico empregados nesta tese.

1.1. Línguas Macro-Jê

Não há consenso na literatura quanto à constituição exata do tronco linguístico Macro-Jê,[1] problema este que será o objeto central de discussão do capítulo **2** desta tese. Como será argumentado no referido capítulo, nesta tese consideramos as seguintes famílias linguísticas como pertencentes ao tronco: **Jê**, **Jaikó**, **Maxakalí**, **Krenák**, **Kamakã**, **Karajá**, **Ofayé**, **Rikbáktsa**, **Jabutí** e (com algumas ressalvas) **Chiquitano**. Os falantes das línguas Macro-Jê habitam uma vasta região que se estende, no eixo longitudinal, desde o litoral Atlântico até o Bosque Seco Chiquitano e o Rio Guaporé e, no eixo latitudinal, desde o baixo Tocantins até o norte do atual estado do Rio Grande do Sul. Atualmente totalizam aproximadamente 80 mil indivíduos, sendo as línguas mais faladas o Kaingáng (~30 mil), o Xavánte (~15 mil) e o Mẽbêngôkre (~13,5 mil); ver abaixo para um detalhamento do número de falantes das línguas Macro-Jê. Sua localização histórica e contemporânea encontra-se representada na Figura 1.1.

Do ponto de vista tipológico, as línguas Macro-Jê apresentam as seguintes características. Na fonologia, destacam-se por seus inventarios vocálicos extensos que incluem vogais nasais, as quais frequentemente são desencadeadoras de fenômenos de realce nasal (*nasal enhancement*) nos segmentos adjacentes. Diversas línguas Macro-Jê apresentam um número limitado de *onsets* possíveis, tipicamente admitindo apenas sequências de uma obstruinte periférica (labial ou velar) e um rótico.[2] A ordem de constituintes tende a ser aquela de núcleo final. No

[1] O emprego dos termos *tronco* e *família* nesta tese não necessariamente reflete a nossa posição quanto à presumida profundidade temporal absoluta da diversificação das protolínguas dos respectivos agrupamentos. Em vez disso, seguimos um uso tradicionalmente estabelecido na escrita acadêmica brasileira, em que certos agrupamentos genéticos particularmente profundos e diversos (notavelmente Tupí e Macro-Jê) são usualmente conhecidos como *troncos*, sendo o rótulo *família* reservado para agrupamentos de menor porte (tais como Tupí-Guaraní, Jê ou Tukáno). Para os agrupamentos hipotéticos, cuja validade ainda não foi comprovada por meio de uma aplicação rigorosa do método histórico-comparativo, utilizamos o termo *macrofamília*.

[2] Restrições fonotáticas análogas são atestadas em algumas outras famílias que não consideramos pertencentes ao tronco Macro-Jê, incluindo as famílias Karirí (cf. QUEIROZ, 2012, p. 92f.), Purí (cf. D'ANGELIS, 2011, p. 256, 260, 270) e Yanomámi (PERRI FERREIRA, 2017, p. 50–52).

léxico, é comum existirem pares ou trios de verbos não relacionados que contrastam, semanticamente, apenas no que diz respeito ao número de seu argumento absolutivo.[3] Em contraste, é comum a expressão gramaticalizada da categoria semântica de *direção*, fazendo com que não existam pares de verbos tais como 'ir'/'vir' ou 'levar'/'trazer' em português. Para um perfil tipológico mais detalhado das línguas Macro-Jê, referimos o leitor aos trabalhos de Salanova (em preparação), Storto (2019, p. 138–140, apenas fonologia), Wiesemann (1986) e Rodrigues (1999; parcialmente desatualizado).

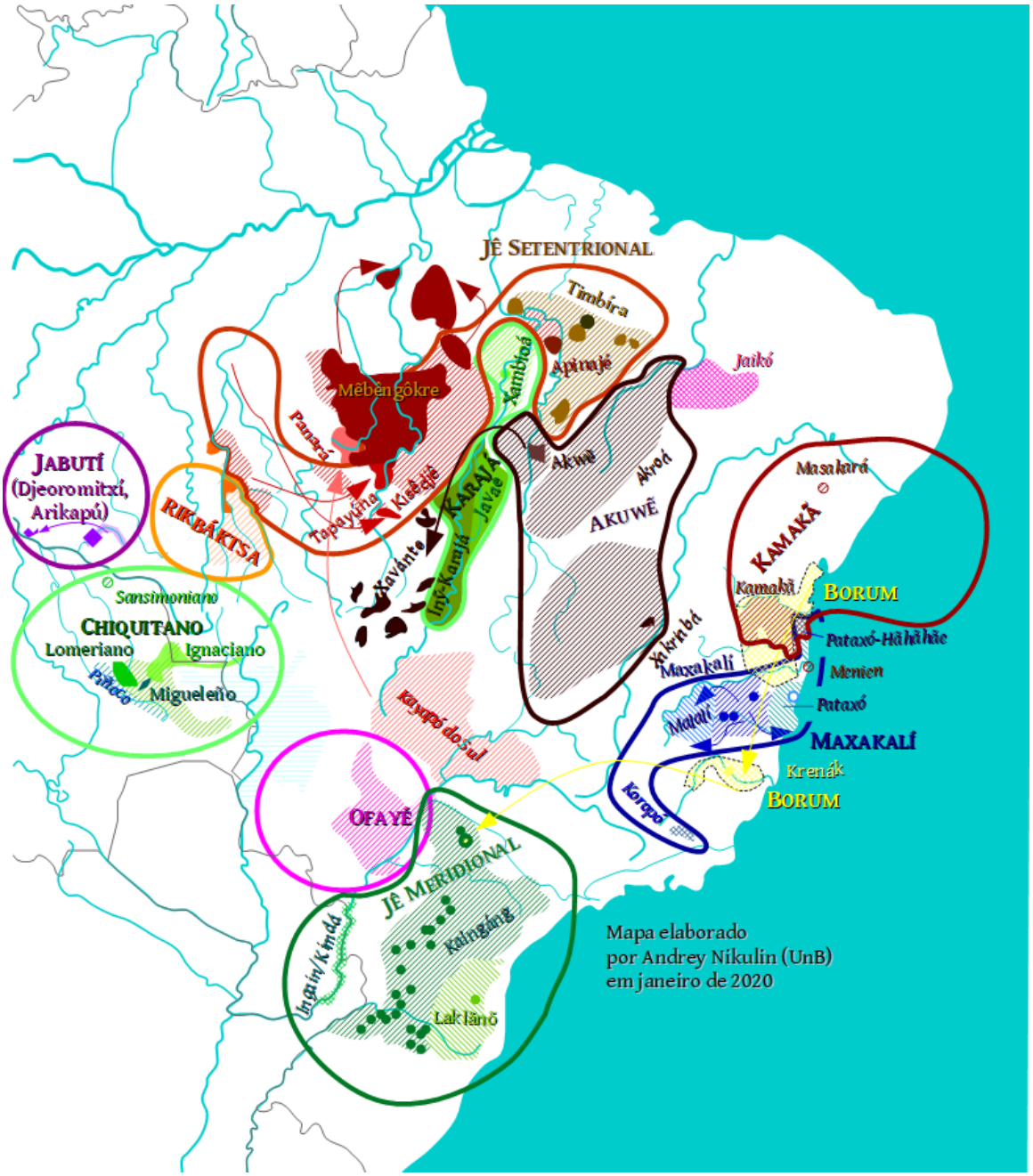


Figura 1.1. Línguas Macro-Jê

[3] Essa característica, por vezes chamada de "supleção de número", pode ser descrita em termos de *paradigmas lexicais* de número (FRANÇOIS, 2019) e é encontrada também em diversas línguas da família Tupí e em Yaathê.

A seguir, apresentaremos algumas informações de cunho histórico e sociolinguístico sobre as línguas Macro-Jê e os povos que as falam ou falavam, mencionando também para cada uma delas as fontes que utilizamos nesta pesquisa. Atenção especial será dada às evidências linguísticas de situações de contato.

1.1.1. Jê

A família linguística Jê é o agrupamento mais ramificado de todo o tronco Macro-Jê e também o primeiro em termos do número de línguas e de seus falantes. Ela se subdivide em dois ramos, **Cerratense** (= Jê do Cerrado) e **Paranaense** (= Jê Meridional *lato sensu*), cada um dos quais também se subdivide em dois sub-ramos constituintes. Os sub-ramos que compõem o ramo Cerratense se denominam **Jê de Goyaz** (= Jê Setentrional *lato sensu*, **1.1.1.1**) e **Akuwẽ** (= Jê Central, **1.1.1.2**). O ramo Paranaense compreende um sub-ramo que rotulamos de **Jê Meridional** (**1.1.1.3**) e uma língua à parte, o **Ingain**† (**1.1.1.4**).[4]

Embora não seja um dos objetivos desta tese empreender uma reconstrução de aspectos culturais dos falantes do Proto-Jê, é interessante observar como a classificação aqui adotada é compatível com o cenário de evolução da estrutura social Jê reconstruído por Urban (1978, p. 34–40, 277–280). Segundo esse autor, a sociedade dos falantes do Proto-Jê organizava-se em metades patrilineares exogâmicas, sistema conservado tanto no ramo Cerratense (sub-ramo Akuwẽ) como no Paranaense (Kaingáng) e perdido apenas nos Laklãnõ e nos Jê Setentrionais. Além disso, é possível afirmar com um alto grau de certeza que na sociedade dos falantes do Proto-Cerratense a nomeação dos imaturos se realizava pelos adultos vivos, enquanto naquela dos falantes do Proto-Jê Meridional eram os mortos que transmitiam nomes para os imaturos.

Mais um aspecto fortemente associado com os povos da família Jê é o formato circular de suas aldeias, com as casas dispostas em círculo aberto (os povos do sub-ramo Akuwẽ e, antigamente, os Laklãnõ; ver URBAN, 1978, p. 248) ou fechado (os povos do sub-ramo Jê de Goyaz). No pátio das aldeias de quase todos os povos do ramo Cerratense se ergue uma ou duas *casas de homens* (Proto-Cerratense ***ŋgy***), locais especiais reservados para as reuniões dos homens. A grande semelhança das aldeias Jê tradicionais com as aldeias dos Boe (Boróro) tem

[4] As classificações existentes normalmente incluem na família Jê ainda a extinta língua Jaikó (Geicó, Jeikó) do sudeste do Piauí. O único registro desta língua é um curto vocabulário encontrado na obra de Martius (1867, v. 2, p. 143). Conforme assinalado por Ramirez *et al.* (2015, p. 260–261), há motivos para duvidar se a lista de Martius, de fato, representa uma única variedade linguística: nas palavras dos autores, o documento "parece ser uma mistura de todas as línguas do Piauí", incorporando elementos de proveniência claramente Caribe (‹coco› 'noite'), Kamakã (‹tiqua› 'comer', ‹uschiegkó› 'ouvir') e Karirí (‹arandische› 'folha'). No entanto, pelo menos 13 elementos da lista claramente representam uma variedade linguística pertencente ao tronco Macro-Jê. Nesta tese chamaremos a variedade linguística em questão de Jaikó, mas divergiremos das classificações mais tradicionais ao não tratar o Jaikó como um membro da família Jê e sim como uma família à parte, baseando-nos em evidências fonológicas.

sido um motivo recorrente nas discussões acerca do tronco Macro-Jê, visto que a maioria das classificações existentes têm tido a família Boróro como um provável membro desse tronco (*vide* capítulo 2). Nossas próprias investigações linguísticas, no entanto, não confirmam a classificação da família Boróro como Macro-Jê. Lembramos ao leitor que as evidências relacionadas à cultura são tangenciais em relação à demonstração do parentesco linguístico.

Finalmente, todos os povos falantes das línguas do ramo Cerratense realizam, ou realizavam em um passado recente, as famosas corridas de tora, permitindo supor que os falantes do Proto-Cerratense também o faziam (principalmente em razão da ausência de registros dessa prática nos demais povos da região do Cerrado). O único outro grupo Macro-Jê para o qual se há registros de corridas de tora, na primeira metade do século XIX, são os Kamakã. Todos os registros que dizem respeito às corridas realizadas por povos falantes de línguas não-Macro-Jê se limitam aos povos do Nordeste, mais especificamente da região localizada ao norte do rio São Francisco (NIMUENDAJU, 2001 [1934]). É incerto quais são as implicações desse fato para a reconstrução da difusão dessa prática pelo leste das terras baixas da América do Sul.

1.1.1.1. Jê de Goyaz

O sub-ramo Jê de Goyaz é conhecido na literatura sob os nomes "Jê Setentrional" / "Jê do Norte" e "Jê Norocidental" / "Jê do Noroeste". Ramirez *et al.* (2015, p. 261) o denominam "Jê próprio", ao passo que Nikulin (2019a, p. 95) utiliza o rótulo "Jê Setentrional–Panará". Nesta tese, seguindo a nossa prática anterior, reservamos o rótulo "Jê Setentrional" para um subconjunto das línguas Jê de Goyaz que inclui as línguas Mẽbêngôkre, Kĩsêdjê, Tapayúna, Apinajé e o complexo Timbíra, mas exclui o Panará (e seu predecessor Kayapó do Sul†). Em contraste, o ramo que abrange tanto as línguas Jê Setentrionais como o Panará receberá o rótulo "Jê de Goyaz", inspirado no nome da capitania homônima.[5] Aqui aceitamos o subagrupamento das línguas Jê de Goyaz proposto por Nikulin e Salanova (2019, p. 535). O respectivo cladograma, baseado na distribuição das inovações lexicais e fonológicas compartilhadas, encontra-se reproduzido na Figura 1.2, com apenas algumas mudanças de rótulos.

[5] Além de servir ao propósito de desambiguação, a mudança do rótulo possui ainda uma justificativa geográfica: embora na atualidade o povo Panará habite o alto fluxo do rio Iriri (extremo norte de Mato Grosso, sudoeste do Pará), seus ancestrais, os Kayapó do Sul, são originários dos entornos do que hoje é o Triângulo Mineiro (HEELAS, 1979; VASCONCELOS, 2013 e referências), uma região localizada consideravelmente mais ao sul em relação a todos os demais povos falantes de línguas Cerratenses. Portanto, seria inadequada a utilização do rótulo "Jê Setentrional" para um agrupamento que inclui, entre outras línguas, o Panará.

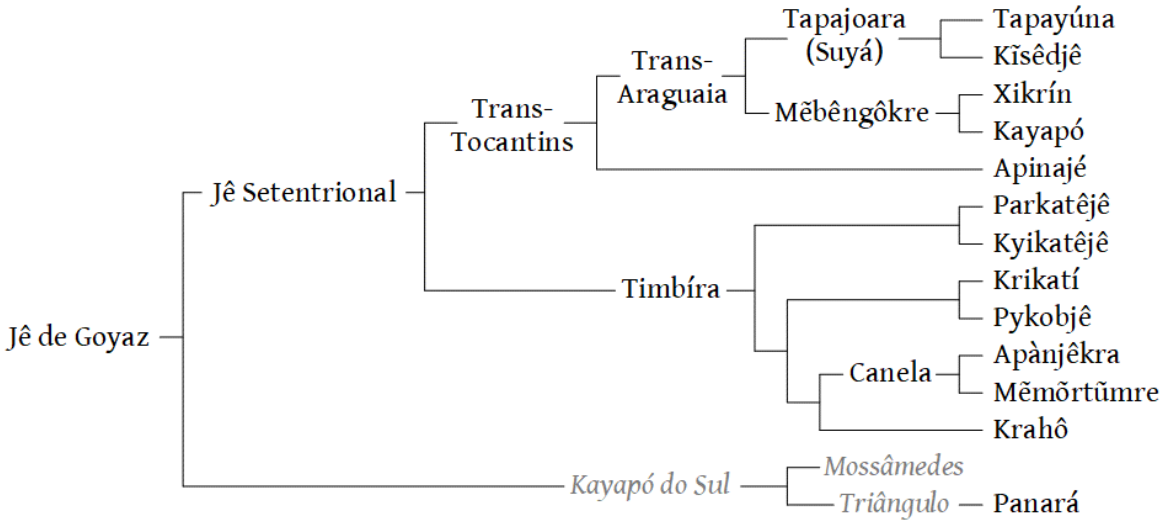


Figura 1.2. Cladograma do sub-ramo Jê de Goyaz

As línguas Jê de Goyaz, em total, contam com aproximadamente 22 mil falantes.

A língua **Mẽbêngôkre**[txu][6] é utilizada pelas nações Kayapó e Xikrín, totalizando aproximadamente 13500 falantes (estimativa baseada nos dados da SIASI–FUNASA de 2014 para os Kayapó e de 2010 para os Xikrín). Há algumas pequenas diferenças dialetais entre as variedades faladas pelos Kayapó[kaya1330] e Xikrín[xikr1238].[7] Seu território ancestral localiza-se ao leste do médio Xingu, compreendendo também o alto Cateté (no passado, estendia-se até o Araguaia no leste; VERSWIJVER, 1992). Reporta-se que eles realizavam incursões na bacia do rio Jamanxim (afluente do Tapajós), atacando a população ribeirinha, no fim do século XIX. Ainda de acordo com Verswijver (1992), no começo do século XX, um grupo Kayapó atravessou definitivamente o rio Xingu, ocupando os rios Jarina e Iriri Novo e dando origem a uma subdivisão chamada Mẽkrãknoti (uma facção dos Mẽkrãknoti, autodesignada Mẽtyktire, se tornou conhecida na literatura como Txukarramãe); posteriormente, grupos Mẽkrãknoti povoaram também o médio Iriri e o Curuá. A subdivisão que permaneceu ao leste do Xingu é denominada Gorotire. Ao longo do século XX, houve mais duas importantes expansões do território Mẽbêngôkre para o norte: na década de 1940, um grupo Xikrín migrou do Cateté para o rio Pacajá (a atual T.I. Trincheira/Bacajá) em decorrência de um ataque dos Gorotire; na década de 1980, registra-se a chegada dos Kararaô (descendentes de um grupo que havia se separado dos Gorotire na década de 1930) na foz do Iriri (a atual T.I. Kararaô). A língua Mẽbêngôkre goza de uma alta taxa de transmissão intergeracional (quase todos os Kayapó e Xikrín étnicos são falantes da língua, com a exceção da T.I. Kararaô), sendo numerosos os falantes monolíngues,

[6] Os códigos superscritos de três letras dizem referência aos códigos de ISO 639-3.
[7] Os códigos superscritos de quatro letras e quatro algarismos dizem referência aos códigos de Glottolog 4.1 (HAMMARSTRÖM *et al.*, 2019).

e exerce algum grau de pressão sobre as línguas Tapayúna, Panará e Kĩsêdjê. A maioria dos empréstimos lexicais identificados provêm do Karajá (presentes principalmente na variedade Xikrín; RIBEIRO, 2012b, p. 13) e, nas últimas décadas, do português; identificamos também itens sem cognatos em outras línguas Jê, que possivelmente foram emprestados de alguma língua amazônica ainda não identificada,[8] bem como dois prováveis empréstimos de uma língua Tupí (*ʔôk-ti* 'batata *sp.*', cf. Proto-Tupí **ʔək* 'tubérculo'; *motobi-ʔy* 'amendoim', cf. Kayabí, Ãpyãwa *monowi* 'id.'). Nossa fonte primária sobre a língua é a comunicação pessoal com Andrés Pablo Salanova (Universidade de Ottawa, 2016–9), mas consultamos várias outras obras, incluindo as descrições fonológicas de Stout e Thomson (1974c) e Salanova (2001), a gramática pedagógica de Jefferson (1989) e outros trabalhos que versam sobre diversos aspectos gramaticais do Mẽbêngôkre (REIS SILVA, 2003, SALANOVA, 2007; COSTA, 2015; STOUT, THOMSON, 1974a, b).

A língua **Kĩsêdjê**[suy]/[suya1243], também conhecida como Suyá, é falada pelo povo Kĩsêdjê e conta com aproximadamente 450 usuários. Embora atualmente eles residam no rio Suiá-miçu, um afluente da margem direita do Xingu, diversas pesquisas convergem ao apontar que os Kĩsêdjê se estabeleceram na região do Suiá-miçu apenas a partir da segunda metade do século XIX. Antes disso, esse povo havia percorrido um longo caminho desde a bacia do Tapajós (onde se separaram dos Tapayúna). Sua rota incluiu uma passagem pela cabeceira do Manitsauá-miçu e pelo rio Arraias, seguida de uma tentativa de estabelecimento no rio Ronuro (todos afluentes da margem *esquerda* do Xingu). Em seguida, os Kĩsêdjê desceram pelo Xingu e, finalmente, se instalaram no Suiá-miçu (STEINEN, 1940; FRIKEL, 1972; SEEGER, 1981). Apesar de terem vivido em uma região altamente multiétnica nos últimos séculos, a maioria dos empréstimos em Kĩsêdjê que pudemos identificar provém do português. Sabemos de apenas um elemento de origem Kamayurá, *kamĩ* 'mingau' < *kawĩ*.[9] Há também palavras de origem não identificada, tais como *ôtô* 'macaúba', *hwĩsê* 'muruci', *mbaj-ci* 'cará *sp.*', *hwambât* 'lagoa', *kõmndu* 'cascudo', porém não pudemos encontrar fontes plausíveis para esses prováveis empréstimos. Quanto às fontes de dados linguísticos, utilizamos as descrições gramaticais de Santos (1997)

[8] Exemplos incluem *ijêk* 'macaco cuxiu', *êtû* 'lagartixa *sp.*', *pycañ-re* 'pau-brasil', *mokok-ti* 'poraquê', *karacu* 'colher', *ice* 'espelho', *ibê* 'surubim pintado', *mrêʔê-ti* 'maracajá', *tey* 'ferrão, cauda de ave', *kone-tə̃* 'filho do meio', *koneñ* 'centro', *ñigo* 'ninar', *onî* 'longe', *ŋy* 'rastejar como uma lagarta', *jêñ* 'carga', *jañy* 'restos', *kamjõr-ti* 'bagre *sp.*', *akrañi-ti* 'abacaxi', *krək* 'chamar', *pa-ñõp* 'cotovelo', *pê* 'rim', *kaŋrõñ* 'ameaçar', *rəc* 'arame', *jari* 'guelra', *jabatəñ* (Kayapó) ou *jabatər* (Xikrín) 'enorme', *jacwe* 'mau', *aʔu* 'luz do dia', *kacêt* 'pontilhado', *awər* 'pau-de-cheiro' e outros.

[9] Camargo (2010, p. 37) afirma ainda que o termo *wəsy* 'milho' do Kĩsêdjê foi emprestado de Kamayurá *awatsi*, hipótese da qual discordamos à luz da existência de cognatos em todas as línguas do ramo Trans-Tocantins (Mẽbêngôkre *bəy*, Tapayúna *wəty*, Apinajé *põy*), que poderiam ser reflexos de Proto-Trans-Tocantins **bə-cy* 'milho' (potencialmente analisável como 'semente do mato'), embora a nasalidade em Apinajé ainda não possa ser explicada.

e Nonato (2014), bem como um esboço de dicionário de Nonato (s/d) e dois livros na língua Kĩsêdjê (SUYÁ *et al.*, 1999; SUYÁ *et al.*, 2012). Consultamos também a descrição de Guedes (1993) e o trabalho comparativo de Rodrigues e Ferreira-Silva (2011), porém não utilizamos amplamente os dados dessas fontes em razão de problemas de transcrição fonológica.

Os **Tapayúna**[beic1238], autodenominados *Kajkwakratxi* e também conhecidos sob o nome de Beiços de Pau, são parentes próximos dos Kĩsêdjê. Os ancestrais desses dois povos (um passado comum ainda faz parte de sua história oral) provavelmente viviam no rio Tapajós à época da separação, sendo que os Kĩsêdjê teriam seguido rumo ao sudeste subindo o rio Teles Pires e eventualmente chegando no alto Xingu, enquanto os Tapayúna teriam subido pelo Juruena, estabelecendo-se no rio Arinos. O contato dos Tapayúna com a sociedade nacional na segunda metade do século XX resultou em um genocídio. Como consequência de uma série de atrocidades cometidas pelos seringalistas e fazendeiros locais, incluindo duas tentativas de envenenamento e um ataque de bala, seguidas de uma epidemia de gripe levada aos Tapayúna por um repórter, a população desse povo sofreu uma redução de, no mínimo, 90% apenas na década de 1960, Em 1969, os 41 Tapayúna sobreviventes foram transferidos ao Parque Indígena do Xingu, sendo que dez deles faleceram logo após a transferência (SEEGER, 1981; FRANCHETTO, 1987; BATISTA DE LIMA, 2012; BATISTA DE LIMA, BECHELANY, 2017). Atualmente os Tapayúna vivem em uma situação de diglossia (com o Mẽbêngôkre) ou triglossia (com o Mẽbêngôkre e o Kĩsêdjê); alguns elementos lexicais emprestados dessas duas línguas após a transferência são discutidos por Camargo (2010, p. 37). Além desses empréstimos, há algumas palavras não etimologizadas em Tapayúna, tais como *tano-ci* ‘tucunaré’, *kapkap-ci* ‘jaó’, que possivelmente provêm de línguas não-Jê. Detectamos ainda um possível empréstimo de origem Xavánte (Tapayúna *uhə-ci* ‘anta’ < Xavánte *ʔutə // ʔuhəːdə* ‘anta’; NIKULIN, 2017, p. 177). Para essa língua, dispomos de uma descrição fonológica e morfossintática (CAMARGO, 2010, 2015); além disso, tivemos acesso a alguns dados inéditos de Jérémie Beauchamp (UC Santa Cruz, comunicação pessoal, 2018). Consultamos ainda o trabalho comparativo de Rodrigues e Ferreira-Silva (2011) e os fragmentos da descrição fonológica de Santos (1990) citados no trabalho de Guedes (1993) como fontes secundárias.

O território tradicional do povo **Apinajé**[apn]/[apin1244] localiza-se no extremo norte do atual estado de Tocantins, na confluência dos rios Araguaia e Tocantins, e atualmente encontra-se reduzido à T.I. Apinajé. A língua conta com aproximadamente 1300 falantes. Em diversas classificações anteriores, o Apinajé aparece como um membro do grupo Timbíra (os chamados “Timbíras Ocidentais”), devido à proximidade geográfica. Parece, de fato, ter havido contato entre o Apinajé e alguma variedade Timbíra, como demonstram alguns empréstimos lexicais

(*am-kô(-re/-ti)* ‘lagarta’, *pre-re* ‘irmã (*ego feminino*)’, com consoantes surdas, ao lado dos lexemas nativos *am-ŋgô* ‘lagarta, grilo, besouro’, *mbre-ndi* ‘cunhada’, *mbre-mby* ‘cunhado’). Há ainda empréstimos do português. Além desses, detectamos itens de origem ainda não identificada (*êːry* ‘jararacuçu’, *ndêkurə(ː)-re* ‘araçá, ariçabá’, *kapõ* ‘axixá’, *kokwe* ‘raso’, *ŋ̂iːˑ-ti* ‘gambá’, *ŋgrôːˑ(-re/-ti)* ‘serra-pau’, *mbruːˑ-ti* ‘araticum’, *ŋgyj-re* ‘abelha-europa’, *ŋ̂ju* ‘jacarandá’ e outros). Nesta tese nos baseamos na descrição gramatical de Oliveira (2005), a qual contém ainda um esboço de um dicionário, e no dicionário de Albuquerque (2012a). Consultamos ainda a gramática pedagógica de Ham *et al.* (1979), que contém um pequeno vocabulário, as descrições gramaticais de Ham (1961), Callow (1962) e Albuquerque (2011), a descrição fonológica de Salanova (2001), o artigo de Oliveira (2003) e o livro organizado por Albuquerque (2012b) como fontes secundárias.

Timbíra[timb1253] é o nome dado às variedades linguísticas do sub-ramo Jê Setentrional faladas ao leste do rio Tocantins. Embora mutuamente próximas, essas variedades apresentam importantes diferenças fonológicas, lexicais e sintáticas (para uma pioneira reconstrução fonológica do Proto-Timbíra, *vide* RIBEIRO-SILVA, 2020). As variedades mais divergentes, embora muito próximas uma à outra, são o **Parkatêjê**[gvp]/[para1315] e o **Kyikatêjê**, atualmente falados na T.I. Mãe Maria, a qual se localiza na margem direita do Tocantins na altura de sua confluência com o Araguaia (sudeste do Pará). Os Kyikatêjê são originários de uma região localizada águas acima pelo rio Tocantins, no atual estado do Maranhão. A quantidade de falantes estima-se em 12 para o Parkatêjê (Nandra Ribeiro-Silva, UFPA, comunicação pessoal, 2019). Para o Kyikatêjê, Brito (2015, p. 126) afirma que 6% da população étnica entrevistada falam a língua fluentemente; como a população étnica totaliza cerca de 142 indivíduos, a projeção é de que aproximadamente 9 Kyikatêjê são falantes fluentes da língua. A maioria dos empréstimos provém do português, mas encontramos alguns itens não etimologizados em Parkatêjê, que poderiam ser empréstimos de línguas ainda não identificadas.[10] Para o Parkatêjê, dispomos de um dicionário de Araújo (2016), que utilizamos como a nossa fonte primária sobre a língua. Consultamos também as obras de Araújo (1989, 1993), Ferreira (2003), Neves *et al.* (2011), Ribeiro-Silva (2016), Maciel do Vale (2016), Neves (2017) e Ribeiro-Silva *et al.* (2018). Para o Kyikatêjê, há apenas um trabalho de Ferreira Silva (2014). Todas as demais variedades Timbíra compartilham claras inovações fonológicas e lexicais e podem ser divididas em dois grupos de

[10] Exemplos incluem *kury-ti* ‘murajuba’, *prer-pa* ‘taioba’, *pyn-re* ‘curiatá’, *krôp-ti* ‘pirarara’, *kuj-ti* ‘freijó’, *rim-re* ‘inhame *sp.*’, *rôt* ‘resina’, *kurom* ‘verde, azul’, *harop-re* ‘aracuã cigana’, *kô(-re/-ti)* ‘irara, gato-do-mato’, *jôw-re* ‘tamaquaré, tacaranga’, *rahõn-ti* ‘mangangá *(tipo de marimbondo)*’, *kuhẽk-ti ~ kurẽk-ti* ‘casca-de-tatu *(tipo de marimbondo)*’, *rahõn(-re/-ti)* ‘cipó escada’, *kahêj(-re/-ti)* ‘curica’.

dialetos, cada um dos quais também é caracterizado por claras inovações. O agrupamento composto pelo **Krahô**[xra]/[krah1246] (aproximadamente 2000 falantes na T.I. Kraolândia, margem esquerda do rio Vermelho, leste do estado de Tocantins) e o **Canela**[ram] (subdivisões Apànjêkra[apan1243] e Mẽmõrtũmre = Ràmkôkamẽkra[ramk1239], aproximadamente 2200 falantes nas T.I. Porquinhos e Canela, respectivamente; entre o rio Alpercatas e o riacho Enjeitado, estado do Maranhão) é caracterizado por inovações tais como a queda irregular de **-r-* na palavra *kʰat* (< Proto-Timbíra **kʰrat*) 'base, tronco, quadril' e o acréscimo de *a-* na palavra *ampo* (< Proto-Timbíra **mpo*) 'coisa, algo'. O segundo agrupamento é composto pelas variedades **Krĩkatí**[xri]/[krin1238, krik1239] e **Gavião-Pyhcopji** (= Pykobjê, Gavião; aproximadamente 1700 pessoas nas T.I. Krikati e Governador, respectivamente) e caracteriza-se por um desenvolvimento singular do sistema vocálico (alçamento das vogais médias-altas, abaixamento das vogais altas). A maior parte dos empréstimos em Krahô, Canela, Krĩkatí e Gavião-Pyhcopji provém do português, mas há palavras não etimologizadas nessas variedades que poderiam ter sido emprestadas de línguas ainda não identificadas.[11]

As principais fontes acerca dessas variedades que utilizamos são as descrições fonológicas de Castro Alves (1999, Canela-Apànjêkra), Sá (1999, Gavião-Pyhcopji) e Popjes e Popjes (1971 [2009], Canela-Mẽmõrtũmre), as descrições morfossintáticas de Castro Alves (2004, Canela-Apànjêkra), Sá Amado (2004, Gavião-Pyhcopji) e Miranda (2014, Krahô), bem como os dicionários de Grupp (2015, Canela-Mẽmõrtũmre) e Pries (2008, Krĩkatí/Gavião-Pyhcopji). Outros trabalhos utilizados incluem as descrições de Popjes e Popjes (1986, Canela-Mẽmõrtũmre), Souza (1989, Krahô), Albuquerque e Krahô (2016, Krahô) e T. Silva (2011, 2012, Gavião-Pyhcopji), bem como o livro didático de Albuquerque (2016, Krahô), a dissertação de Barros (2019, Canela-Apànjêkra) e os trabalhos de Castro Alves (2011, 2018, submetido) sobre aspectos gramaticais específicos do Canela-Apànjêkra. Além disso, tivemos a oportunidade de verificar a forma e a semântica de algumas palavras com Aldir Koprepre (*Caprêprêc*) Canela, falante nativo de Canela-Mẽmõrtũmre.

Os **Panará**[kre]/[pana1307] vivem, na atualidade, no alto rio Iriri (atual T.I. Panará), porção de um território maior que eles haviam ocupado ao menos desde o começo do século XX e até 1975, quando 79 Panará sobreviventes foram transferidos ao Parque Indígena do Xingu em decorrência das consequências trágicas do contato com a sociedade nacional quando da cons-

[11] Exemplos incluem Canela/Krahô *kʰuj* 'disco de orelha', *tap* 'tipiti', *jõj-ti* 'inhuma', *karẽk* 'barro', *jajo* 'redondo', *jiku ~ jikû* 'parar', *parpup* 'jaracuçu', *katak* 'rachar'; Krĩkatí/Gavião-Pyhcopji *huj* 'cavador', *tikryj* 'araçá', *kʰor* 'cigarra', *roj/ros* 'esquivar-se', *katik-re* 'munguru'.

trução da BR-163. A volta dos Panará ao Iriri ocorreu nos meados da década de 1990, concluindo-se em 1997 (BATISTA DE LIMA, BECHELANY, 2017). A despeito do processo genocida da década de 1970, os Panará retomaram o crescimento demográfico após o retorno ao Iriri, sendo sua população estimada em aproximadamente 550 indivíduos (BECHELANY, 2017). Os Panará são os últimos descendentes dos chamados **Kayapó do Sul**†, um povo que habitava uma vasta área que corresponde aos atuais Triângulo Mineiro, centro-sul de Goiás, sudeste de Mato Grosso, nordeste de Mato Grosso do Sul e noroeste de São Paulo (particularmente nos rios Turvo, Corumbá, Meia Ponte, Tijuco, das Velhas, Pardo, Sucuriju, Aparé, Verde e Taquari) e que teve um histórico conflituoso de contato com as frentes de colonização entre os séculos XVII e XIX (HEELAS, 1979; SCHWARTZMAN, 1988; GIRALDIN, 1997; MEAD, 2010). Os registros do Kayapó do Sul foram minuciosamente analisados por Vasconcelos (2013a,b, 2014a,b, 2017, 2019), que chegou à conclusão de que essa língua apresentava ao menos dois dialetos. No dialeto falado no aldeamento de São José de Mossâmedes (atual Mossâmedes/GO), a consoante **r* do Proto-Jê de Goyaz era preservada sem modificações, tal como registrado em 1819 por Pohl (1832) e Saint-Hilaire (1848); na atualidade, essa variedade encontra-se extinta. Já o dialeto utilizado em Santana do Paranaíba/MS (KUPFER, 1870; LEMOS DA SILVA, 1882; NEHRING, 1894) e no Triângulo Mineiro (BARBOSA, 1918) apresentava uma inovação fonológica importante (**r* > *j* em alguns ambientes) compartilhada com o Panará moderno (ver também CARVALHO, 2016), indicando que os Panará provavelmente descendem de um grupo oriundo daquela região. A origem de uma parcela significativa do léxico do Panará permanece desconhecida; sabemos de ao menos um empréstimo das línguas Akuwẽ (Proto-Akuwẽ **bətə // *bəːdə* ou Xavánte *bətə // bəːdə* ‘sol’ > Panará *wətə-ti*; CARVALHO, 2016, p. 71–72). Para o Panará moderno, as principais fontes de dados que consultamos são as teses de Bardagil-Mas (2018) e Dourado (2001), mas extraímos alguns dados lexicais dos trabalhos de Bardagil-Mas (2015), Anonby e Holbrook (2010), Vasconcelos (2013), Bechelany (2017) e Bechelany e Sturlini (2019). Nosso entendimento da fonologia sincrônica no Panará beneficiou-se da proposta de Lapierre (2018).

1.1.1.2. Akuwẽ

As línguas Akuwẽ historicamente eram faladas entre o médio fluxo do rio São Francisco (povo **Xakriabá**, autodenominado *Krẽká*), o alto rio Parnaíba (povo **Akroá**) e o médio rio Tocantins (povo **Akwẽ-Xerénte**). Uma das línguas Akuwẽ, conhecida em português como **Xavánte** (*A’uwẽ*), atualmente é falada ao oeste do alto rio Araguaia, fora da região ancestral Akuwẽ, em decorrência de um evento migratório documentado. A origem oriental dos falantes do Proto-

Akuwẽ é corroborada pela existência de prováveis empréstimos do Maxakalí (cf. Maxakalí *ptaT* [pɨtɑɦɑ̰], Maxakalí Ritual *pdaT* [pɨdɑɦɑ̰] > PA **bədədi* ‘caminho’).

O povo **Xavánte** (**A’uwẽ**)[xav]/[xava1240], que vivia entre os rios Tocantins e Araguaia à época da invasão europeia, hoje habita diversas terras demarcadas localizadas no sudeste matogrossense, ao oeste do alto fluxo do Araguaia. Estevam (2011) estima em 15 mil o número total de falantes dessa língua. Há algumas diferenças lexicais e fonéticas entre as variedades do Xavánte utilizadas em diferentes terras indígenas, porém desconhecemos estudos que investiguem tais diferenças em suficiente detalhe.[12] Uma variedade particularmente divergente do Xavánte foi registrada por Ehrenreich (1895) no aldeamento de Salinas, no rio Araguaia; esta se caracterizava pela retenção da oclusiva velar surda (inexistente em Xavánte moderno, que apresenta uma oclusiva glotal em seu lugar) e por um desenvolvimento peculiar do rótico, que em muitos ambientes perdeu seu ponto original de articulação, transformando-se em *w* ou *j*. Quanto ao contato com outras línguas, é possível identificar empréstimos lexicais isolados de origem Xavánte em línguas como o Tapayúna, o Panará e o Ofayé (ver subseções sobre essas línguas), mas não vice-versa; os empréstimos do português em Xavánte também não são muito frequentes. Um item que certamente entrou o léxico Xavánte via transmissão horizontal é a palavra para ‘não indígena’, *warazu*, que certamente possui a mesma origem que os lexemas com significado análogo nas línguas Boróro (*barae* < **baraĵo*), Tupí-Guaraní (**waraju*) e Enlhet-Enenlhet (Enlhet *valay*, Enxet *valee*, Angaité *valayo*, Sanapaná *valayo/varayo*; UNRUH, KALISCH, 2003). Outro empréstimo, de origem Tupí-Guaraní, é *paʔo* ‘banana’. As fontes principais que utilizamos para o Xavánte são os trabalhos de Estevam (2011), Hall *et al.* (2004 [1987]) e Lachnitt (1987). Consultamos também os trabalhos de Burgess (1971), McLeod (1974), McLeod e Mitchell (1977), Lachnitt (2004), Quintino (2000, 2012), Oliveira (2007), Pickering (2010), Santos (2008) e Sipré e Martins (2019).

Os **Akwẽ-Xerénte** (**Akwẽ**, **Xerénte**)[xer]/[xere1240] vivem no médio fluxo do Tocantins, ocupando, na atualidade, duas terras demarcadas: T.I. Xerente e T.I. Funil. Sua população étnica é avaliada em 3400 indivíduos por Cotrim (2015, p. 45), sem a especificação do número total de falantes. As relações de contato linguístico do Akwẽ-Xerénte não foram muito bem investigadas até o presente. Além dos empréstimos do português (*bor* ‘bola’, *bisikret* ‘bicicleta’, entre outros), há lexemas que evidenciam que os Akwẽ-Xerénte, no passado, poderiam ter estado em contato com povos mais orientais: Ribeiro (2009, p. 70) aponta à semelhança entre Akwẽ-Xerénte *pawi* e Kipeá *pəwi* ‘fumo’ (compare também Xavánte *pawi* ‘guatambu, cachimbo’),

[12] Mário André Coelho da Silva (UFG/UFMG, comunicação pessoal, 2020) enumera os seguintes pares e trios de fonemas sujeitos a variação diatópica: /ə/ ~ /ô/, /y/ ~ /u/, /ĵ/ ~ /z/ ~ /j/, /c/ ~ /s/, /õ/ ~ /ũ/.

Akwẽ-Xerénte *hêspo-krə̃* e Krenák *jipokan* ‘banana’. Nossas fontes primárias sobre a língua são os trabalhos de Krieger e Krieger (1994), Sousa Filho (2007, 2010, 2011) e Cotrim (2016). Além desses, consultamos as obras de Mattos (1973), Souza (2008), Siqueira (2003, 2010) e Frazão (2013).

A transmissão das línguas **Xakriabá**†[xkr]/[xakr1238] e **Akroá**†[acs]/[acro1239], de acordo com as fontes por nós consultadas, foi interrompida antes de as mesmas terem sido amplamente documentadas, restando delas apenas curtas listas vocabulares coletadas por pessoas sem treinamento linguístico (ESCHWEGE, 1830; SAINT-HILAIRE, 1848 para o Xakriabá; MARTIUS, 1867, v. 2, p. 145–146 para o Akroá).[13] Segundo Mário André Coelho da Silva (UFG/UFMG, comunicação pessoal, 2020), uma família Xakriabá recentemente fez estadia em uma comunidade Akwẽ-Xerénte com o intuito de aprender a língua e, futuramente, revitalizar o Xakriabá, podendo-se classificar o Xakriabá como uma língua dormente (ver também M. A. de O. SILVA, 2018). O povo Xakriabá, que atualmente ocupa duas terras demarcadas em Minas Gerais (T.I. Xakriabá e T.I. Xakriabá Rancharia), é originário de uma vasta região localizada entre os rios Palma e Corumbá; muitos Xakriabá foram aldeados em São Francisco Xavier do Duro, no Rio das Pedras e em Santana do Rio das Velhas (atual Indianópolis) (ESCHWEGE, 1830, p. 95–96; SAINT-HILAIRE, 1848; CHAIM, 1974). Já os Akroá são originários da região localizada na cabeceira dos rios Parnaíba e Paranaíba (Bahia) e foram aldeados em São José do Duro (Formiga) e em São José de Mossâmedes (MARTIUS, 1867, v. 1, p. 266; CHAIM, 1974).

1.1.1.3. Jê Meridional

O ramo Jê Meridional inclui duas línguas faladas no Planalto Meridional, o **Kaingáng** e o **Laklãnõ**.

O povo **Kaingáng**[kgp]/[kain1271] ocupa uma vasta área, hoje descontígua, contida entre o baixo Rio Tietê no norte e a bacia do Alto Rio Uruguai no sul. De acordo com Domingues (2013, p. 15), aproximadamente 30 mil indígenas são falantes do Kaingáng. Sua língua apresenta um alto grau de variação diatópica, podendo ser subdividida em cinco dialetos, de acordo com a classificação de Wiesemann (1978). São eles: o **Kaingáng Paulista**[saop1235] (aldeias Icatu, Vanuíre e Araribá, próximas a Braúna, Tupã e Bauru, respectivamente), o **Kaingáng do Paraná**[para1314] (no estado homônimo), o **Kaingáng Central**[cent2143] (no oeste de Santa Catarina), o **Kaingáng do Sudoeste**[sout2998] e o **Kaingáng do Sudeste**[sout2997]. Desses, o dialeto

[13] Carvalho e Damulakis (2015, p. 19) mencionam ainda uma lista vocabular inédita do Akroá compilada por Curt Nimuendajú, constatando que os dados nessa lista provêm da obra de Martius (1867, v. 2, p. 145–146).

Paulista parece ser o mais divergente; é também o que é caracterizado pelo maior grau de obsolescência, apresentado algumas fusões fonológicas parciais. Nesta tese, utilizamos o dialeto do Paraná como representativo de todo o complexo dialetal: além de ser a variedade Kaingáng mais bem documentada, o Kaingáng do Paraná preserva a distinção entre PJM **a* e **ã* (cujos reflexos são *õ* e *ẽ*, respectivamente), perdida nos dialetos Paulista, Central e do Sudoeste (após essa fusão, alguns dialetos introduziram um contraste secundário, não etimológico entre *õ* e *ẽ*, sendo que a ocorrência de *õ* é associada com objetos arredondados e compactos, ao passo que a vogal *ẽ* é associada com objetos compridos e difusos; D'ANGELIS, 2002). A maioria dos empréstimos lexicais no Kaingáng provém do português, mas há também lexemas de origem Guaraní (WIESEMANN, 1978, p. 211; NIKULIN, 2015, p. 303). As nossas principais referências para o Kaingáng são os dicionários de Wiesemann (1981, 2011) para o dialeto do Paraná e a tese de Cavalcante (1987) para o dialeto Paulista. Além dessas fontes, consultamos as obras de Herold (1996) para o dialeto Central; D'Angelis (2008) e M. Silva (2011) para o dialeto Paulista; Tabosa (2006, 2016), Almeida (2008), Almeida e Santos (2008), Abreu (2009), Andrade (2012) e Domingues (2013) para o dialeto do Paraná; Teixeira (1988), S. Nascimento (1995) e M. Nascimento (2013) para o dialeto do Sudoeste; Jolkesky (2009) para o dialeto do Sudeste; Gonçalves (2007, 2011) para os dialetos do Sudoeste e Sudeste.

O **Laklãnõ**[xok]/[xokl1240] (também conhecido como **Xokléng**) é falado pelo povo homônimo, que vive no atual estado de Santa Catarina e cuja população não passa de 2000 mil indivíduos (GAKRAN, 2015, p. 36). As fontes principais sobre a língua que utilizamos nesta tese são as obras de Gakran (2015) e Alves Júnior (2014), mas consultamos também alguns trabalhos adicionais sobre a língua (BUBLITZ, 1994; GAKRAN, 2005; GAKRAN, JOLKESKY, s/d; JOLKESKY, GAKRAN, 2013).

1.1.1.4. Ingain

A língua **Ingain**† (**Kimdá**†)[inga1253], já extinta, era utilizada no médio rio Paraná, entre o rio Iguatemi no norte e o Arroyo Yabebiry no sul. O material sobre essa língua do qual dispomos é extremamente limitado tanto em quantidade como em qualidade. Trata-se de pequenas listas de palavras transcritas de forma não uniformizada, encontradas nos trabalhos de Lista (1883), Ambrosetti (1896, quatro listas originais) e Vogt (1904, duas listas originais). Não há motivos suficientes para tratar o Ingain e o Kimdá como variedades distintas (*pace* JOLKESKY, 2010). O povo Ingain não existe mais como uma etnia organizada.

1.1.2. Jaikó

Os dados da língua **Jaikó**†[geic1236] (Geicó, Jeikó) são extremamente escassos, limitando-se a uma única lista de palavras coletada por Martius (1867, v. 1, p. 279; v. 2, p. 143) de um indígena oriundo da aldeia de Cajueiro, no atual estado do Piauí. O respectivo etnônimo deu origem ao nome da cidade de Jaicós, localizada na região originária dos Jaikós (rios Canindé e Gurgueia). Ramirez *et al.* (2015, p. 260–261) expressam dúvidas quanto à possibilidade de identificar a lista de Martius (1867) com uma única variedade linguística, pois a mesma "parece ser uma mistura de todas as línguas do Piauí" e inclui elementos de proveniência claramente Caribe (‹coco› 'noite'), Kamakã (‹tiqua› 'comer', ‹uschiegkó› 'ouvir') e Karirí (‹arandische› 'folha', este último acrescentado por nós). Não está claro se se trata de transmissão horizontal ou de mistura de múltiplas variedades linguísticas em uma mesma lista. No entanto, pelo menos 13 elementos da lista claramente representam uma variedade linguística pertencente ao tronco Macro-Jê. Nesta tese aceitamos o Jaikó como uma variedade linguística real (pelo menos no que diz respeito aos 13 itens supracitados), mas divergiremos das classificações mais tradicionais ao não tratar o Jaikó como um membro da família Jê e sim como uma família à parte, baseando-nos em evidências fonológicas. Atualmente, os Jaikó não existem mais como uma etnia organizada.

1.1.3. Maxakalí

A família linguística Maxakalí se subdivide em dois ramos: por um lado, as línguas **Maxakalí Nucleares**, por outro, a extinta língua **Malalí**†. As línguas Maxakalí Nucleares incluem uma língua falada na atualidade (o **Maxakalí**), uma língua utilizada pelos Maxakalí em seus cantos rituais (o **Maxakalí Ritual**, também conhecido como **Língua dos Cantos Rituais**), bem como diversas línguas que deixaram de ser faladas antes de ter sido amplamente documentadas: o **Pataxó-Hãhãhãe**†, o **Pataxó**†, o **Koropó**† e um complexo dialetal que denominamos **Makuní**†, muito próximo ao Maxakalí Ritual (NIKULIN, 2020b). Além disso, atualmente o povo Pataxó é protagonista de um movimento de retomada de sua língua ancestral (sob o nome de **Patxohã**), a partir da documentação das línguas Pataxó-Hãhãhãe e Pataxó realizada antes de a transmissão das mesmas ter se interrompido (BOMFIM, 2012; CUNHA, 2018).

O povo **Maxakalí**[mbl]/[maxa1247] (autodenominado *Tikmũũn*), originários da região localizada nos vales dos rios Mucuri, Itanhém e Jequitinhonha, hoje encontra-se distribuído entre quatro aldeias: Pradinho (*Pananiy*, Bertópolis/MG), Água Boa (*Kõnãg Mai* ou *Akmamo*, Santa Helena de Minas/MG), Aldeia Verde (*Apne Yĩxux*, Ladainha/MG) e Cachoeirinha (*Ĩmmoknãg*, Teófilo Otoni/MG). Sua população pode ser estimada em 2000, levando em consideração sua

dinâmica de crescimento demográfico (SIASI–FUNASA/MG contabilizou 1907 indivíduos em 2013); praticamente todos eles são falantes da língua (SILVA, 2020a, p. 28). Nikulin e Silva (2020, p. 9) hipotetizam, baseando-se em evidências fonológicas, que uma porção significativa do léxico do Maxakalí falado (vernacular) provém do Maxakalí Ritual via empréstimo (ver abaixo). Outros empréstimos lexicais são oriundos do português (WETZELS, 2009; SILVA *et al.*, 2020), bem como de uma variedade próxima ao Tupinambá ou uma das Línguas Gerais (RIBEIRO, 2009, 2012a). Pelo menos um item de origem potencialmente Maxakalí foi identificado por Ribeiro (2009, p. 71) no Kipeá: cf. Maxakalí *puhuK* [poɦoɯ] e Kipeá *pôhô* 'pântano'. Nossa fonte primária sobre o Maxakalí é a comunicação pessoal com Mário André Coelho da Silva (UFG/UFMG, 2016–20), bem como a tese do mesmo autor (SILVA, 2020a). Além disso, consultamos os trabalhos de Gudschinsky *et al.* (1970), Popovich (1985), D. Pereira (1992), Araújo (1996, 2000, 2001), Antunes (1999), equipe Maxakalí (GM, 2003), Popovich e Popovich (2005), Campos (2009, 2012), Ferreira (2012), S. Pereira (2012, 2020), Silva (2015, 2016, 2020b, no prelo), Silva e Nevins (2014), Nevins e Silva (2017) e Silva e Nikulin (no prelo).

O **Maxakalí Ritual**[capo1236, macu1258] não existe na atualidade como uma língua falada no dia-a-dia, mas é utilizada pelos Maxakalí em seus cantos rituais. Segundo os próprios falantes, esta é a língua de seus ancestrais. É aparentada com o Maxakalí falado, mas possui uma relação ainda mais estreita com as variedades linguísticas registradas no século XIX por viajantes europeus e compiladas por Martius (1867, v. 2, p. 169–176) sob os nomes de Machacarí, Machaculí, Machacalí, Macuni, Capoxô, Cumanachô e Panháme.[14] Nikulin (2020b) propõe a denominação "**Makuní**" para o complexo dialetal em questão. Os grupos que utilizavam essas variedades viviam entre Minas Gerais e Porto Seguro/BA; os Panháme eram originários do rio Mucuri, mas foram aldeados em Peçanha/MG (vale do rio Doce) juntamente com os Capoxô. Nesta tese, utilizaremos apenas os dados do Maxakalí Ritual para os fins comparativos, ignorando os registros do século XIX, o que se justifica pela baixa qualidade de transcrição dos dados encontrados nessas listas. Quanto aos contatos linguísticos, destacam-se diversos itens tomados do Tupinambá ou de uma das Línguas Gerais, ausentes no Maxakalí falado (NIKULIN, SILVA, 2020). Extraímos os dados do Maxakalí Ritual das obras de Campos (2009, 2011), Tugny (2009a, b), Campelo (2009) e das notas de campo de Mário André Coelho da Silva (UFG/UFMG, comunicação pessoal, 2018).

[14] Silva (2020a, p. 43–44), citando comunicação pessoal com Isael Maxakalí) discute a origem dos últimos quatro nomes e sua possível forma original em Maxakalí. De acordo com o autor, possivelmente trata-se de transcrição equivocada das seguintes palavras do Maxakalí: *Mãgkõnĩn*, *Kopoxop*, *Kõmãgxop* (?), *Patyãm*.

Das demais línguas da família Maxakalí, a mais bem documentada é o **Pataxó-Hãhãhãe**† (ou **Pataxó Setentrional**†)[pth]/[pata1261] do litoral do sul baiano (entre os rios Pardo e de Contas), para o qual dispomos de quatro listas de palavras. Essas listas foram recolhidas por Paulo Scheibe em 1957 (LOUKOTKA, 1963, p. 32–33), Wilbur Pickering em 1961 (MEADER, 1978), Coronel Antônio Medeiros de Azevedo em 1963 (fragmento publicado por URBAN, 1985b) e Greg Urban e Aracy Lopes da Silva em 1981 (SILVA *et al.*, 1983). Esta última foi coletada junto à senhora Bahetá, possivelmente a última falante do Pataxó-Hãhãhãe antes de que a transmissão dessa língua fosse interrompida; as gravações de áudio que resultaram da investigação encontram-se no acervo do IEL/UNICAMP. Sabemos ainda de uma lista vocabular inédita, a qual foi coligida por Curt Nimuendajú em 1938 e cujo original, armazenado no Museu Nacional/UFRJ, foi destruído pelo incêndio em setembro de 2018. Os falantes do Pataxó-Hãhãhãe habitavam o litoral do atual sul baiano, atingindo o Rio das Contas no norte.

Em contraste, o **Pataxó**† (ou **Pataxó Meridional**†)[sem código ISO 639-3 ou Glottolog 4.1] conta com apenas um registro, uma lista vocabular recolhida por Maximiliano Wied-Neuwied ([1820] 1940, p. 487–488) no começo do século XIX no rio Pardo. De acordo com Loukotka (1939), a lista de palavras do Pataxó na obra de Martius (v. 2, p. 172–173) é uma reprodução parcial daquela de Wied-Neuwied, com a adição de dois itens. Segundo Loukotka (1939, p. 6), é provável que Martius tenha coletado dados do Pataxó pessoalmente, mas mesmo se este tiver sido o caso, tais dados nunca foram publicados. Os Pataxó viviam ao sul da região tradicional dos Pataxó-Hãhãhãe, no litoral baiano, em uma faixa limitada pelo rio da Santa Cruz, no norte, e a divisa capixaba com a Bahia, no sul.

Apesar de a transmissão das línguas Pataxó-Hãhãhãe e Pataxó ter sido interrompida antes de que as mesmas pudessem ser plenamente documentadas, o povo Pataxó, que hoje ocupa uma porção de sua terra originária no sul baiano, encontra-se no processo de retomada de sua língua ancestral (sob o nome de **Patxohã**; ver BOMFIM, 2012; CUNHA, 2018). Por ser fragmentário o conhecimento da fonologia, morfologia e sintaxe da língua utilizada pelos Pataxó(-Hãhãhãe) antes da perda linguística, sabe-se que os falantes do Patxohã precisaram incorporar diversos elementos que não existiam no Pataxó ancestral, incluindo toda a sintaxe. Diante disso, é mais prudente vislumbrar o Patxohã revitalizado como uma língua não classificável, não pertencente à família Maxakalí nem ao tronco Macro-Jê (da mesma forma como o cabo-verdiano ou o Galibi-Marworno não são classificados como línguas neolatinas ou indo-europeias). Para os estudos comparativos com fins reconstrutivos, é imperativo utilizar os dados primários do Pataxó ancestral (isto é, documentados antes da interrupção da transmissão da língua).

A língua **Koropó**†[xxr]/[coro1248] era falada em uma região descontígua àquela ocupada pelos falantes das demais línguas da família Maxakalí, entre a Zona da Mata mineira e o norte fluminense (particularmente no rio Pomba), bem como na Serra da Mantiqueira. Segundo Martius (1867, v. 1, p. 307–308), os Koropó eram trilíngues em Koropó, Purí e português. Ramirez *et al.* (2015) analisaram os registros do Koropó existentes e chegaram à conclusão de que essa língua deve ser classificada como pertencente à família Maxakalí e não à família Purí, como se supunha em classificações anteriores. Não está claro se os numerosos itens lexicais de origem Purí, presentes nas listas vocabulares do Koropó, devem ser atribuídos à transmissão horizontal entre as línguas ou à inabilidade dos autores dos respectivos registros de discernir entre elementos pertencentes a duas línguas diferentes (reiteremos que as listas em questão provavelmente foram obtidas em uma situação de triglossia, com a língua Koropó possuindo menos prestígio do que o Purí). As listas vocabulares referentes ao Koropó podem ser encontradas nos trabalhos de Eschwege (1818, v. 1, p. 165–171) e Schott (1822, p. 48–51). Ramirez *et al.* (2015, p. 225–226) observaram ainda que a lista vocabular do Koropó apresentada por Martius (1867, v. 2, p. 167–169) é idêntica àquela coletada por Eschwege três anos antes, sem que conste na obra de Martius (1867) qualquer atribuição de autoria. Os Koropó não existem mais como etnia organizada.

A língua **Malalí**†[mala1432] é a língua mais divergente da família Maxakalí, apresentando algumas retenções do Proto-Macro-Jê que se opõem a inovações compartilhadas por todas as demais variedades Maxakalí (NIKULIN, 2020b; NIKULIN, SILVA, 2020). O povo Malalí, que não existe mais como etnia organizada, vivia no vale do rio Doce na região de Peçanha/MG, onde foi aldeado. As únicas fontes de dados desta língua são listas vocabulares recolhidas por Wied-Neuwied ([1820] 1940, p. 488–489) e por Saint-Hilaire (MARTIUS, 1867, v. 2). Como observamos em um outro trabalho (NIKULIN, SILVA, 2020),

> "Martius (1867, v. 2) afirma que os dados por ele apresentados (com exceção dos que são expressamente indicados como coletados por Saint-Hilaire) foram coletados por ele mesmo, porém ao compararmos com a lista de Wied-Neuwied fica claro que se trata de uma cópia parcial da mesma lista. A lista de Wied-Neuwied conta com mais indicações de pronúncia e com zoônimos, os quais não aparecem na lista de Martius. Além disso, o fato de Martius ter chegado ao Brasil somente em 1817, mesmo ano em que Wied-Neuwied deixa o país, levanta a suspeita de que ele tenha plagiado Wied-Neuwied e não o contrário."

Percebe-se, dessa forma, que nesse caso Martius (1867) seguiu uma prática idêntica àquela denunciada por Ramirez *et al.* em relação à lista vocabular do Koropó elaborada por Eschwege.

1.1.4. Krenák

Os **Krenák**[kqq]/[kren1239] são os últimos descendentes do povo **Borum** (*mburuŋ* 'gente'). No século XVI, os Borum (naquela época conhecidos sob o nome de **Aimorés** nas crônicas coloniais) ocupavam um vasto território que se estendia do Recôncavo Baiano até o rio Doce, particularmente nas capitanias de Ilhéus e Porto Seguro. Há também menções a um povo supostamente aparentado, os **Guerens**[guer1242], cujo domínio se estendia de Cairu e Camamu, no litoral, até as proximidades do rio São Francisco e a serra do Salitre, no interior.[15] A partir do século XVII, a denominação *Gueren* passa a ser utilizada como um sinônimo de *Aimoré,* sendo, por sua vez, substituída pela denominação **Botocudos** entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX (coincidindo com a desaparição gradual desse povo do sul baiano e com sua presença cada vez maior em Minas Gerais e no Espírito Santo, principalmente nos rios Doce, Mucuri e São Mateus). O contato entre os Borum e a frente de colonização foi altamente conflituoso e belicoso, culminando na divulgação, em 1808, da Carta Régia, a qual deu início à Guerra Justa (1808–1831). Pequenos grupos de Borum permaneciam entre Minas Gerais e Espírito Santo ainda no começo do século XX, onde foram criados alguns postos indígenas para atendê-los (Aimorés, Cybrão, Pancas, Eme/Guido Marliere), porém essa medida falhou em proteger os Borum sobreviventes das barbáries perpetradas pelos fazendeiros locais. Dos postos supracitados, o último a ser extinto foi o Guido Marliere, em 1958, de onde os Borum foram transferidos para o P.I. Engenheiro Mariano de Oliveira, dos Maxakalí, onde, segundo Seki (1992), "foram deixados abandonados, sem qualquer assistência, sofrendo discriminações várias" (três famílias haviam permanecido no P.I. Guido Marliere, morando de meia nas terras dos invasores particulares). Foi nessas circunstâncias que a comunidade de fala Borum se desintegrou: alguns deles foram à ilha do Bananal, outros ao P.I. Vanuíre (São Paulo), outros ao P.I. Cachoeirinha (Mato Grosso do Sul). Um grupo retornou, em 1967, ao P.I. Guido Marliere. Em 1970, iniciou-se um conflito judicial entre a FUNAI e os posseiros que haviam se apropriado das terras da região depois da remoção dos Borum do Guido Marliere em 1958. Em decorrência desse conflito, os Borum foram transferidos novamente, contra sua vontade, à Fazenda Guarani (Carmésia/MG), porém não lograram se adaptar ali. Em 1980, 27 indígenas voltaram ao seu antigo território. Maiores detalhes sobre a história trágica dos Borum podem ser encontrados nas obras de Emmerich e Monserrat (1975) e Seki (1992).

[15] Embora seja provável que os Gueren, que habitavam o interior da Bahia no século XVI, fossem falantes de uma língua Macro-Jê, não podemos atribuir-lhes uma classificação linguística definitiva por não dispormos de dados referentes à língua desse povo.

Embora os Borum se subdividissem em múltiplos grupos (Nakrehé, Gutkrák, Naknanúk, Krekmún, Jiporók, Pojitxá, entre outros), ainda não foram encontradas claras evidências fonológicas ou lexicais que permitissem fazer afirmações definitivas acerca da variação dialetal de sua língua. Nas palavras de Emmerich e Monserrat (1975, p. 39), "é demasiado precária a possibilidade de estabelecer uma divisão da língua *Botocudo* em um determinado número de dialetos, ou de considerar o *Botocudo* como uma família linguística, integrada por várias línguas designadas por Krekmun, Nakrehé, Pojichá, etc.". Por esse motivo, não endossamos aqui a ideia de que existiria uma família linguística Aimoré com vários membros e preferimos falar em apenas uma variedade linguística. Por convenção, atribuímos-lhe o rótulo Krenák (nome de um cacique de uma subdivisão dos Gutkrák), embora não todos os Krenák sobreviventes são descendentes desse grupo. Segundo Nitsch (2014), são nove os falantes da língua.

Diversos lexemas do Krenák são claramente de origem Tupí, incluindo *krai* 'homem branco', *takruk* 'pedra' (< *ita-kuru* 'cascalho'), *tũŋ* 'bicho-de-pé', *wati* 'milho' (RIBEIRO, 2009; NIKULIN, SILVA, 2020), havendo também empréstimos do português. Além disso, Ribeiro (2009) aponta a algumas semelhanças lexicais entre o Krenák e as línguas indígenas não Tupí, tais como o Kipeá (Kipeá *gora* 'homem negro' < Krenák ‹hingora›, atestado por RUDOLPH, 1909, p. 9) e o Akwẽ-Xerénte (Akwẽ-Xerénte *hêspo-krə̃* 'banana' > Krenák *jipokan*).

As fontes primárias utilizadas nesta tese são as obras de Seki (s/d; 2004), Cristófaro-Silva (1986, 1987) e Pessoa (2012). Evitamos a utilização de dados colhidos por não linguistas, embora tenhamos consultado as respectivas fontes (RUDOLPH, 1909; SILVA, 1924; ESTIGARRIBIA, 1934; MONTEIRO, 1948; SEMEGHINI-SIQUEIRA, RODRIGUES, 2010, entre outras). Um tratamento detalhado dos dados de algumas dessas fontes pode ser encontrado nas obras de Loukotka (1955), Emmerich e Monserrat (1975) e Nitsch (2014).

Há mais uma fonte potencialmente relevante para a nossa pesquisa, porém ainda não digitalizada e de difícil acesso. Trata-se dos materiais inéditos coletados por Henri Manizer em 1915 no P.I. Pancas junto a falantes nativos dos grupos Nakrehé e Krenák, da margem setentrional do rio Mutum. Esses materiais, que incluem um esboço de um dicionário e alguns contos tradicionais glosados, são de importância ímpar por terem sido coletados por um pesquisador com um bom treinamento linguístico em uma época em que a língua ainda era utilizada regularmente (a próxima linguista que trabalhou com a língua, Lucy Seki, já a encontrou um em estado de obsolescência). Uma parte ínfima dos materiais de Manizer foi publicada e analisada

por Šprincin (1961), Pessoa (2012) e Pessoa e Seki (2014);[16] os originais encontram-se disponíveis no Museu de Antropologia e Etnologia da Academia Russa de Ciências (São Petersburgo, Rússia). É a intenção do autor desta tese recuperar o restante desses materiais, prepará-los para a publicação e, futuramente, incorporar seus dados em nossa pesquisa comparativa.

1.1.5. Kamakã

Os povos de fala Kamakã, que não existem mais como etnias organizadas, ocupavam, historicamente, um território localizado no atual sul baiano, exceto pelos Masakará, que se encontravam no nordeste baiano (vale do São Francisco). Os registros das línguas da família Kamakã não são muito numerosos e foram, em sua quase totalidade, coletados por pessoas sem nenhum treinamento linguístico. Segundo Martins (2007), a família Kamakã, proposta inicialmente por Loukotka (1932), compreende quatro línguas: o **Masakará**, o **Kotoxó** (= **Mongoyó**), o **Menien** e o **Kamakã**. Dessas, a língua Masakará é a mais divergente, ao passo que as línguas Kotoxó, Menien e Kamakã são estreitamente relacionadas entre si, formando um agrupamento que podemos chamar de **Kamakã Nuclear** (ou **Meridional**)[nucl1661].

Quanto aos contatos linguísticos, Ribeiro (2009) identifica alguns empréstimos de origem Tupí nas línguas Kamakã. Além disso, Ribeiro (2009, p. 71) acredita que pelo menos um empréstimo de origem Kamakã tenha penetrado o léxico Karirí (Masakará *krazo* ‘anta’ > Karirí *kradzo* ‘vaca’). Notamos aqui que embora a forma MAS *krazo* ‘anta’ seja reproduzida nas obras comparativas de Loukotka (1932, p. 511) e Martins (2007, p. 68), ela não se encontra na obra original de Martius (1867, v. 2, p. 144–145), levantando dúvidas quanto a sua procedência.

Para o **Masakará**[masa1311], que viviam ao sul da atual cidade de Juazeiro (com um grupo aldeado na missão Saco dos Morcegos), contamos com apenas uma lista coligida por Martius (1867, v. 2, p. 144–145). Para o **Kotoxó**/**Mongoyó**[coto1237], que habitavam a região compreendida entre os rios Pardo e de Contas, incluindo o fluxo do rio Cachoeira, dispomos de uma lista colhida por Wied-Neuwied ([1820] 1940, p. 491–493, sob o nome Camacan/Mongoió) e de uma lista publicada por Martius (1867, v. 2, p. 156–158, sob o nome Kotoxó). Apenas uma lista, da autoria de Wied-Neuwied ([1820] 1940, p. 490–491), está disponível para a língua dos **Menien**[meni1247], do rio Jequitinhonha. Finalmente, as fontes de dados lexicais referentes à língua do povo **Kamakã**[vkm]/[kama1372], também da região localizada entre os rios Pardo e de Contas, incluem as listas de J. B. Douville (publicada em MÉTRAUX, 1930), Sá Oliveira (1892, abreviado SO), Guérios (1945, G), Nimuendajú (1986, CN) e Martius (1867, v. 2, p. 153–154, M).

[16] Não tivemos acesso aos trabalhos de Sebestyén (1981) e Dridzo (2003), em que os materiais de Manizer (a julgar pelo título) também são discutidos.

Em razão das limitações das fontes originais sobre as línguas Kamakã, reproduzimos os dados dessas línguas tal como aparecem nas obras originais ao invés de utilizarmos as reconstruções de Martins (2007) ou a fonologização proposta por Grahl (2009).[17]

1.1.6. Karajá

A família **Karajá**[kpj]/[kara1500], autodenominada *Iny*, inclui quatro codialetos, conhecidos como **Karajá Setentrional**, **Karajá Meridional**, **Javaé**[java1255] e **Xambioá** (*Ixỹbi(k)òwa*). A quantidade total de falantes estima-se entre 2000 (BORGES, 2012) e 3000 (RIBEIRO, 2001, p. 91, nota 4) indivíduos. Ribeiro (2012b, p. 3) aponta à ilha do Bananal como o provável centro de dispersão das variedades linguísticas do Karajá. Na atualidade, os Javaé povoam o rio Javaés (embora historicamente — até a primeira metade do século XX — eles tenham habitado o interior da ilha do Bananal). Os falantes do Karajá *stricto sensu* vivem no médio fluxo do rio Araguaia. Já os Xambioá deslocaram-se para uma região mais setentrional, também situada no rio Araguaia, à altura da foz do rio Maria.

A língua com a qual as variedades Karajá, principalmente o Javaé, tiveram mais contato é o Ãpyãwa (Tapirapé), da família Tupí-Guaraní, como demonstram numerosos empréstimos em ambas direções; algumas palavras do Karajá entraram também no léxico de outras línguas Tupí-Guaraní do baixo rio Tocantins (Asuriní do Tocantins, Parakanã). O contato com a sociedade nacional em diversas etapas cronológicas resultou na penetração de empréstimos da Língua Geral Paulista (a variedade Tupí-Guaraní utilizada pelos bandeirantes) e, posteriormente, do português. Em Xambioá, detectou-se pelo menos um empréstimo da Língua Geral Amazônica. Há também alguns empréstimos isolados do Mẽbêngôkre (e muitos mais na direção inversa, principalmente em Xikrín), que podem ser atribuídos à época quando os falantes desta última língua ainda ocupavam o fluxo do Araguaia, bem como empréstimos isolados de origem Tupí-Guaraní (**dûwaθa* ‘flecha venenosa’, *ĵakare* ‘jacaré (*em mitos*)’[18]) e Aruák (**mãkî* ‘milho’) cuja procedência não pôde ser rastreada com precisão até o presente. Informações mais

[17] Grahl (2009) realiza uma tentativa de propor uma análise formal para os dados disponíveis da língua Kamakã, mas não exerce a devida cautela quando da interpretação dos registros disponíveis (todos eles necessariamente de qualidade limitada), incorrendo em evidentes equívocos. Por exemplo, o autor utiliza os seguintes pares de dados para fins de demonstração de contraste fonológico: [daˈko] ‘fruta’ / [daˈkɔ] ‘banana’, [tʃaˈka] ‘carvão / [tʃaˈkʌ] ‘brasa’, [koˈre] ‘gritar’ / [koˈrɛ] ‘assobiar’ (GRAHL, 2009, p. 64). É evidente que em todos esses casos se trata de atestações variadas de itens lexicais e não de pares mínimos.

[18] Este item viola as restrições fonotáticas do léxico Karajá nativo no que diz respeito à ocorrência da africada *ĵ* e, portanto, não pode ser reconstruído para o Pré-Karajá (ver **3.1.3** para a representação dos dados Karajá utilizada nesta tese).

detalhadas sobre os contatos linguísticos dos Karajá, Javaé e Xambioá, incluindo numerosos exemplos, podem ser encontradas nos trabalhos de Ribeiro (2001/2002; 2012b, p. 5–15).[19]

Nossas fontes primárias sobre as variedades da família Karajá são a tese de Ribeiro (2012b) e o dicionário de Karajá *et al.* (2013). Consultamos também os trabalhos de Palha (1942), Fortune (1973), Fortune e Fortune (1975), Maia (1986), Cavalcante (1992), Viana (1995) e Borges (1997, 2012), porém não os utilizamos como fonte primária por não representarem a distinção entre as vogais altas [+ATR] e [-ATR] e nem distinguirem sistematicamente entre os generoletos feminino e masculino (com a exceção das obras de FORTUNE, FORTUNE, 1975 e BORGES, 1997, 2012), o que é crucial para uma representação fonológica correta do material.

1.1.7. Ofayé

Os **Ofayé**[opy]/[ofay1240] historicamente habitavam um território localizado na margem direita do Paraná, desde a foz do Ivinhema até a foz do rio Verde (incluindo os rios Brilhante, Vacaria, Nhanduí e Pardo), que se estendia em direção oeste rumo aos rios Negro e Taboco. Vítimas de um genocídio perpetrado pelos criadores de gado, tiveram sua população reduzida drasticamente no século XX e acabaram espalhando-se pela região (município de Brasilândia, próximo ao rio Ivinhema), instalando-se em diferentes fazendas onde eram explorados como mão de obra barata. Foram contatados pela FUNAI apenas em 1978, que realizou sua transferência para a Serra da Bodoquena, uma terra Kadiwéu. A transferência ocorreu sem que os Ofayé fossem consultados ou até mesmo avisados. Em Bodoquena, os Ofayé foram deixados em condições precárias; conseguiram fugir de lá somente em 1986, quando retornaram a Brasilândia. Atualmente, moram na T.I. Ofayé-Xavánte, demarcada nos anos 1990, sendo que 9 pessoas de uma população étnica total de 60 pessoas são falantes da língua (J. SILVA, 2012, p. 15). Uma discussão detalhada da história dos Ofayé pode ser encontrada nas teses de Dutra (2004) e de Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006).

Quanto aos contatos linguísticos, destacamos a presença de elementos oriundos do português (*kaxôrô* ‘cachorro’), Guaraní (*jôkô*$_{\text{MP}}$ ~ *jykôh*$_{\text{G}}$ ‘sal’) e, possivelmente, Xavánte (*kătəːrəʔ*$_{\text{G}}$).[20]

[19] É provável que a lista das línguas com as quais o Karajá esteve em contato, tal como dada por Ribeiro (2001/2002; 2012b), não seja exaustiva. Destacamos a existência de semelhanças tais como Karajá *n-õhõ* ~ Mundurukú *õhõ* ‘animal doméstico’ (PICANÇO, 2005).

[20] Esta última etimologia foi identificada por Eduardo Rivail Ribeiro e, até onde sabemos, nunca foi publicada (<http://listserv.linguistlist.org/pipermail/etnolinguistica/2008-August/001743.html>, acesso em 15 de fevereiro de 2020).

Pode-se afirmar que a documentação do Ofayé realizada até o presente é relativamente escassa. As principais referências sobre a língua que consultamos foram a tese de Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006), o artigo de Gudschinsky (1974) e a dissertação de J. Silva (2012). Como essas fontes divergem radicalmente uma da outra no que tange à representação fonológica do material, tornou-se imprescindível indicar a procedência de cada forma citada ($_{MP}$ = Maria Pankararu, $_{G}$ = Sarah Gudschinsky, $_{JS}$ = Jeniffer Silva). Consultamos ainda as publicações de Nimuendajú (1932, $_{CN}$), Hanke (1964, $_{WH}$) e L. Silva (2002, $_{LS}$), porém não utilizamos amplamente os dados registrados por esses autores, salvo quando explicitamente indicado, pois os registros em questão apresentam problemas de transcrição fonética/fonológica. O dicionário de Ferreira (2017) utiliza, indiscriminadamente, o material contido nos trabalhos de Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006), Gudschinsky (1974) e J. Silva (2012), sem indicar a procedência dos respectivos dados.

Outro autor que desenvolveu um projeto de documentação junto aos Ofayé foi Eduardo R. Ribeiro (UFG, 2003–6), no âmbito do *Endangered Language Documentation Project* (ELDP).[21] Não tivemos acesso aos dados coletados por esse autor, exceto por algumas palavras dispersas nas obras de sua (co)autoria (RIBEIRO, VOORT, 2010; RIBEIRO, 2011, $_{ER}$).

1.1.8. Rikbáktsa

O povo **Rikbáktsa**[rkb]/[rikb1245] (também conhecido como Canoeiro) é originário do médio fluxo do rio Juruena e do baixo fluxo dos afluentes de sua margem esquerda (rio Arinos, rio do Sangue), no atual estado de Mato Grosso. Os primeiros anos do contato entre os Rikbáktsa e a sociedade nacional (1952–6) foram marcados por conflitos violentos com os seringueiros recém-chegados no rio Juruena, que envolveram episódios de envenenamento. Em decorrência desses conflitos e das doenças levadas aos Rikbáktsa quando da "pacificação", sua população foi reduzida de aproximadamente 700 a 250 (LUNKES, 1967, p. xix). Hoje a população étnica dos Rikbáktsa se estima em 1323 indivíduos (SIASI–FUNASA/MT *apud* ATHILA *et al.*, 2010), que habitam uma parte de seu território ancestral, distribuídos entre 34 aldeias nas Terras Indígenas Japuíra e Erikpatsa, além de uma aldeia da T.I. Escondido, fora de seu território originário. Além das doenças, o processo "pacificatório" teve mais uma consequência crítica. No âmbito do mesmo, as crianças Rikbáktsa (tanto órfãs quanto não) eram levadas a um internato jesuíta denominado Utiariti, onde lhes era imposto o uso do português, ao passo que o uso do Rikbáktsa era proibido. Um resultado dessa prática é que a partir da geração crescida no Utiariti,

[21] Segundo o portal do ELDP (<https://www.eldp.net/en/our+projects/projects+list/>, acesso em 21 de janeiro de 2020), o projeto foi realizado, porém desconhecemos se algum produto foi, de fato, publicado ou depositado no acervo do projeto.

a transmissão da língua Rikbáktsa se interrompeu. Um levantamento sociolinguístico de Athila *et al.* (2010) mostrou que dos 297 Rikbáktsa entrevistados "apenas cerca de 6% é monolíngue ou quase monolíngue em Rikbaktsa, 38% é bilíngue em Rikbaktsa e Português, 18% compreende Rikbaktsa e 38% é monolíngue em Português" (*op. cit.*, p. 22). Projetando essas porcentagens para a totalidade da população étnica, obtém-se a seguinte estimativa: cerca de 80 falantes monolíngues, cerca de 500 falantes bilíngues em Rikbáktsa e português e cerca de 240 pessoas que entendem o Rikbáktsa. Note-se que os dados datam de 2010, sendo altamente provável que o número dos falantes do Rikbáktsa tenha diminuído ainda mais até o presente.

Apenas uma pequena parte do léxico do Rikbáktsa pôde ser etimologizada até o presente, sendo frequentes segmentos e estruturas fonotáticas que não pudemos relacionar com elementos já reconstruídos para o Proto-Macro-Jê. É provável, portanto, que a língua apresente uma ou múltiplas camadas de substrato ou adstrato de origem externa ao tronco Macro-Jê. Entretanto, não conseguimos encontrar exemplos claros de empréstimos lexicais da maioria das línguas faladas em regiões adjacentes (Mỹky/Irantxé, Umutína, Kayabí, Paresí, Tapayúna[22]).[23] Jolkesky (2016, p. 425) fornece uma lista de semelhanças lexicais entre o Rikbáktsa e as línguas da família Caribe, das quais acreditamos apenas quatro não serem espúrias. Os prováveis empréstimos do Bakairí ou uma variedade extinta próxima a essa língua incluem Rikbáktsa *wanãci* 'milho' e *wytyk* 'mulher' (Pré-Bakairí ***anaʒi* ~ ***az-anaʒi* 'milho', *wɨdɨ* 'esposa'; MEIRA, 2005, p. 23, 28), embora no último caso a discrepância semântica é indicadora de que a semelhança poderia ser superficial apenas. Os outros dois itens, Rikbáktsa *wywyk* 'machado' e *maɽori* 'algodão', são semelhantes às formas encontradas em algumas línguas Caribe (cf. *wɨːwɨ* 'machado', *maɨŋru* 'algodão' em Kali'ña da Venezuela;[24] MOSONYI, 2005, p. 38, 82), porém na única língua Caribe atualmente falada em uma área próxima à localização dos Rikbáktsa são atestadas formas dissimilares (Pré-Bakairí ***pɨ* 'machado', ***kədəkira* 'algodão'; MEIRA, 2005, p. 25, 26). Nos três primeiros casos, os prováveis empréstimos em Rikbáktsa apresentam segmentos não encontrados no suposto étimo (*w-* em 'milho', *-k* em 'mulher' e 'machado'), levantando dúvidas quanto à legitimidade das respectivas comparações. Um item de possível origem Rikbáktsa é encontrado na língua Boróro: Boróro *pipi* 'piolho' viola as restrições fonotáticas

[22] Chama a atenção a semelhança entre Rikbáktsa *hui* 'árvore' e Tapayúna *hwĩ* 'id.' (um reflexo regular de PJS **pĩ* < PCerr/PJ **pĩm* < PMJ **pĩm*° 'madeira, lenha'), mas descartamos a possibilidade de empréstimo tanto por não existirem traços de contato entre essas duas línguas em campos semânticos mais permeáveis à transmissão horizontal, como em razão da inimizade notória entre os povos Rikbáktsa e Tapayúna, que diminui mais ainda a credibilidade da hipótese em questão. Sugerimos em vez disso, de forma tentativa, que Rikbáktsa *hui* é um possível empréstimo do mesmo étimo Aruák (ramo Achane) que deu origem a Chiquitano *soe-* 'árvore' (NIKULIN, a sair).

[23] Infelizmente, não pudemos realizar tal levantamento com o léxico das línguas Nambikwára.

[24] Essa forma também é encontrada em algumas línguas Aruák (cf. Wayuunaiki *mawɨ.li-* 'algodão'; JUSAYÚ, OLZA ZUBIRI, 2012, p. 138), onde provavelmente representa um empréstimo Caribe.

da língua (NONATO, 2008; NIKULIN, 2020b), sendo, assim, um provável empréstimo recente; sugerimos que se trata de um empréstimo do Rikbáktsa (*pepe* ‘carrapato’). Finalmente, há indícios de que o Rikbáktsa (ou, melhor, o pré-Rikbaktsa) pode ter estado em contato com o Proto-Jê Setentrional, embora as possíveis circunstâncias de tal contato não estejam claras (lembremos ao leitor que os Rikbáktsa se localizam ao oeste do Araguaia, ao passo que o provável *Urheimat* dos falantes do Proto-Jê Setentrional é situado ao leste desse rio). Um provável empréstimo do Proto-Jê Setentrional em Rikbáktsa é *pici* ‘castanha-do-Pará’, que possui uma semelhança formal com PJS **pĩ-cy* ‘id.’ (segmentável como ‘árvore-semente’), sem que as duas formas apresentem correspondências sonoras regulares típicas do material cognato entre si. Um provável empréstimo na direção contrária é PJS **jət* ‘batata-doce’ < Rikbáktsa *ɽodo* ‘id.’; observe que o *onset* PJS **j* jamais ocorre no vocabulário nativo em sílabas tônicas.[25]

Nesta pesquisa, utilizamos como as fontes principais dos dados do Rikbáktsa a tese de L. Silva (2011) e o dicionário de Tremaine (2007). Consultamos também outros trabalhos de Silva (2005, 2019), bem como as obras de Lunkes (1967) e Boswood (1974a, b, 2007 [1978]).

1.1.9. Jabutí

A família Jabutí, do sul de Rondônia, inclui duas línguas, **Djeoromitxí**[jbt]/[djeo1235] e **Arikapú**[ark]/[arik1265]. Até os meados do século XX, os povos Djeoromitxí (também conhecidos como Jabutí) e Arikapú viviam no alto fluxo do rio Branco, habitando sua margem esquerda e seus afluentes esquerdos (os Arikapú ocupavam uma área rio acima dos Djeoromitxí), e formavam parte do chamado complexo cultural Marico, juntamente com os Makuráp, os Wayoró, os Sakurabiát e os Akuntsú (falantes de línguas da família Tuparí, tronco Tupí), os Aruá (família Mondé, tronco Tupí), os Kanoê, os Aikanã e os Kwazá (MALDI, 1991).[26] Com a expansão da frente da colonização no século XX, ambos os povos falantes de línguas Jabutí foram obrigados a se deslocar rio abaixo para trabalhar em seringais; muitos deles fugiam a Guarajá-Mirim, de onde eram transferidos à colônia Ricardo Franco ou a outras áreas reservadas no Guaporé (VOORT, 2007, p. 136). Hoje eles vivem na T.I. Rio Branco e na T.I. Rio Guaporé. Segundo Voort (2007), o Djeoromitxí contava, à época da publicação, com menos de 50 falantes. Quanto ao Arikapú, A. K. Djeoromitxi (2015) informa que pelo menos duas pessoas (as irmãs Nazaré Wadjidjika Arikapu e Nambuika Arikapu) ainda sabem falar a língua.

[25] Notamos, de forma preliminar, que os prováveis empréstimos de outras línguas em Rikbáktsa frequentemente apresentam um padrão acentual diferenciado nos dados de Lunkes (1967). Enquanto o acento tende a recair na penúltima sílaba das palavras no léxico nativo, os itens *wytyk*, *pici* e *wanãci*, citados acima, não seguem este padrão. Lunkes (1967) registra *wyhˈtyk* ‘mulher’, *pihˈci?* ‘castanha-do-Pará’, *ˈwanãci-* ‘milho’ (não ocorreu em isolamento nos dados disponíveis).

[26] Maldi (1991) não faz menção aos Akuntsú.

As línguas pertencentes às famílias Jabutí e Tuparí compartilham inúmeros itens lexicais, não sendo sempre fácil determinar a direção em que se deu a transmissão horizontal. Note-se que o Makuráp (uma língua Tuparí) desempenhava o papel de uma língua geral na região durante o ciclo da borracha; além disso, nas últimas décadas os Djeoromitxí e os Arikapú têm vivido em um contexto altamente multilíngue das áreas reservadas no rio Guaporé, as quais abrigaram falantes de diversas línguas não originárias da região (incluindo, principalmente, as línguas da famílias Tuparí).[27] Semelhanças lexicais são observadas também entre os formativos de classe das línguas Jabutí e das línguas Nambikwára, Aikanã, Kanoê, Kwazá, sugerindo uma difusão areal de origem Jabutí (VOORT, 2005, p. 397). Em alguns casos, as línguas Jabutí apresentam itens lexicais tão amplamente difundidos que se torna possível falar em *Wanderwörter*.[28]

As fontes de dados das línguas Jabutí utilizadas nesta tese são como segue. Para o Arikapú, dispomos de dicionários de R. Ribeiro (2008) e Arikapú *et al.* (2010), bem como um esboço gramatical encontrado no artigo de Voort (2007). Para o Djeoromitxí, consultamos o dicionário de M. Ribeiro (2008), os trabalhos de Pires (1992, 1998) e o esboço gramatical encontrado no artigo de Voort (2007).

1.1.10. Chiquitano

O povo **Chiquitano**[cax]/[chiq1248] é o principal grupo étnico da Chiquitania, uma região histórica localizada no Oriente boliviano e que se estende às áreas adjacentes do atual estado de Mato Grosso. À época da invasão europeia, a Chiquitania ostentava um alto grau de diversidade linguística, abrigando povos falantes de línguas de diversas famílias linguísticas (Boróro, Aruák, Tupí-Guaraní, Zamuco, Txapakúra), além do Chiquitano. Entretanto, a situação começou a se transformar com a fundação de missões jesuítas, posto que o Chiquitano foi escolhido como a

[27] Exemplos incluem os itens para ‘jabuti’ (Arikapú *miakô*, Djeoromitxí *bziekô*, Makuráp *mbiako*), ‘lua’ (PJab **kupa*, Tuparí *koepa*), ‘ficar em pé’ (Djeoromitxí *tumĩ*, Tuparí *tomeka-*), ‘nós’ (Arikapú *ci-* > Wayoró *ci-* ‘nós.INCL’), ‘morder’ (Djeoromitxí *wekə* > Tuparí *wek-*), ‘poraquê’ (Djeoromitxí *dôkô*, Makuráp *ndoko*), ‘macaco-prego’ (PJab **mbiry*, Wayoró *mbery*), ‘cana-de-açúcar’ (Arikapú *mbeky*, Djeoromitxí *beki*, Makuráp *mbeky*), ‘aricuri’ (PJab **ôraɴ*, Makuráp *ora*), ‘não indígena’ (PJab **ere*, Makuráp *ere*), ‘arara’ (PJab **pera*, Makuráp *pera*, Tuparí *petʔa*), ‘galinha, pato, marreca, jaçanã’ (Arikapú *paw- ~ paô-*, Djeoromitxí *parô*, Makuráp *pajo*).

[28] Exemplos incluem os itens para ‘estrela’ (Arikapú *wirəwirə*, cf. *warə-warə* ‘estrela brilhante’, Djeoromitxí *bzirebzire*, Makuráp *waɾowaɾo*, Wayoró *βaβaɾo*, Sakurabiát *paroparo*, Akuntsú *paroparo*, Kanoê *varyvary*, Aimara *warawara*), ‘areia’ (Arikapú *kykyra*, Proto-Boróro **k₂uk₂ary*, Panará *kukarĩ*), ‘peneira’ (Arikapú *mãnãri*, Djeoromitxí *mẽnẽ*, Makuráp *mãnãre*, Tuparí *marare*, Kanoê *mænære*, Kwazá *manary*, Karitiána mẽrẽra, Kuikúro *manaɻe*, Werikyana (Katxúyana) *manare*, Kali’ña *manaːre*, Wayuunaiki *manaɭi-*), ‘chicha’ (Arikapú *cuerə*, Wayoró/Sakurabiát/Akuntsú *tyero*, Kanoê *cero*), ‘milho’ (PJab **cici*, Makuráp/Wayoró *atiti*, Sakurabiát *asisi*, Akuntsú *atiti ~ atsitsi*, Kanoê *atiti*, Kwazá *acici*, Proto-Kawapana **tɪti(ʔ)*). Para as línguas não-Jabutí, os dados provêm das obras de Galucio (2001), Bacelar (2004), Braga (2005), Voort (2008), Alves (2004), Landin (2005), Jusayú e Olza Zubiri (2012), Aragon (2014), Singerman (2018), Nogueira (2019), Rojas-Berscia e Nikulin (manuscrito), Carvalho (UNIFAP, comunicação pessoal, 2020).

lingua franca das mesmas. Dessa forma, a maioria esmagadora dos descendentes de falantes de outras línguas indígenas da Chiquitania passou a utilizar o Chiquitano (no século XX, além do Chiquitano e do dialeto camba do espanhol, apenas as línguas Paunaka e Ayoreo sobreviviam na região). A década de 1950 foi marcada pela implementação das reformas agrária e educacional, que resultaram na substituição do Chiquitano pelo espanhol em quase toda a Chiquitania. Atualmente, apenas 2400 pessoas ainda dominam o Chiquitano, segundo o censo boliviano de 2012 (INE, 2015). Desses, a maioria absoluta utiliza o **Bésiro**[conc1244] (também conhecido como **Chiquitano Lomeriano**), uma variedade falada na região do Lomerío e em Concepción e que foi reconhecida como uma língua cooficial do Estado Plurinacional da Bolívia. Entretanto, fora da região do Lomerío persistem variedades bastante divergentes do Chiquitano, tais como o **Chiquitano Migueleño**[sanm1288] (em San Miguel de Velasco e adjacências), o **Chiquitano Ignaciano**[sani1274] (em San Ignacio de Velasco e adjacências) e o **Chiquitano Santiagueño**[sant1429] (em Santiago de Chiquitos); dispomos ainda de registros mais antigos de procedência incerta, que associamos com o **Chiquitano Colonial**. As variedades em questão apresentam diversas diferenças de cunho fonológico, lexical e gramatical, fazendo com que seja possível considerá-las línguas distintas e não apenas dialetos de uma mesma língua. Empreendemos uma tentativa de reconstrução fonológica e lexical do Proto-Chiquitano através do método comparativo (NIKULIN *et al.*, manuscrito).

Além das variedades supracitadas, há duas variedades linguísticas, provavelmente extintas, que poderiam ser classificadas como línguas independentes pertencentes a uma família diversificada ("família Chiquitana"). Trata-se do **Sansimoniano** (uma variedade obviamente relacionada ao Chiquitano outrora utilizada no extremo nordeste do departamento do Beni; dispomos de uma curta lista vocabular da mesma da autoria de SNETHLAGE, 1965, p. 293) e do **Piñoco** (uma variedade que, segundo as crônicas coloniais, era utilizada nas missões de San José de los Boros, San Francisco Xavier de los Piñoca e San José de Buenavista/Desposorios; não foi atestada na época colonial, mas que parece ter sido a fonte de numerosos itens lexicais presentes no dialeto camba do espanhol; *vide* NIKULIN, a sair para uma análise fonológica e uma discussão). O Sansimoniano e o Piñoco são certamente mais divergentes das variedades modernas do Chiquitano do que estas últimas entre si.

Nikulin (a sair) discute em detalhe as evidências de contato linguístico entre as variedades do Chiquitano e as demais línguas da região, incluindo o espanhol, as línguas do ramo meridional da família Tupí-Guaraní (Guaraní, Guarasugwe, Chiriguano), o Otuke e as línguas Aruák da região (Paunaka e outras línguas do ramo Achane).

As principais fontes sobre o Chiquitano que consultamos são como segue. Para a variedade Lomeriana (Bésiro), utilizamos os trabalhos de Galeote Tormo (1993), Parapaino Castro (2008) e Sans (2010). Para a variedade Migueleña, baseamo-nos em dados que colhemos junto a falantes nativos dessa língua em cinco viagens de campo, realizadas entre 2017 e 2019; uma parte desses dados pode ser encontrada em nossas publicações (NIKULIN, 2019b, c). Para a variedade Ignaciana, dispomos dos dicionários de Ciucci e Macoñó Tomichá (2018) e Fuss e Riester (1986); além disso, variedades próximas a essa foram estudadas por Santana (2012; Mato Grosso) e Girard (2012; San Rafael de Velasco). O Chiquitano Santiagueño conta com uma documentação extremamente escassa, que consiste em dois manuscritos elaborados por Juan Taceó Pocubé e Julio Moreno, respectivamente, ambos já falecidos (dispomos de cópias desses manuscritos feitas por Brittany Hause com a autorização de Katalina Taseó de Moreno, Alberta Moreno e Lorenza Chuvé); além disso, Brittany Hause realizou trabalho de campo com alguns dos últimos falantes dessa variedade. Finalmente, o Chiquitano Colonial é representado por uma gramática e um dicionário de autoria anônima (ADAM, HENRY, 1880).

1.2. Metodologia

O método central para a nossa pesquisa é o **método comparativo**. Uma vez que existe um consenso na comunidade científica acerca dos fundamentos desse procedimento, cujo detalhamento pode ser facilmente encontrado em qualquer manual de linguística histórica, traremos apenas um breve resumo das etapas nele envolvidas, abordando temas como a demonstração de parentesco (subseção **1.2.1**), relação entre o subagrupamento e a reconstrução (**1.2.2**), reconstrução fonológica e lexical (**1.2.3**) e reconstrução sintática (**1.2.4**). Algumas das ideias aqui expostas foram abordadas também em uma publicação anterior de nossa coautoria (NIKULIN, CARVALHO, 2019).

1.2.1. Demonstração de parentesco

O problema da demonstração de parentesco entre línguas é particularmente relevante para nossa pesquisa, visto que não há consenso na literatura quanto à constituição do tronco Macro-Jê. Esse tema será o foco do capítulo **2** desta tese.

Segundo Burlak e Starostin (2005, p. 8–9), o parentesco entre línguas pode ser definido de duas maneiras. Em uma abordagem **ontológica**, línguas aparentadas são conceitualizadas como variedades temporais e espaciais de uma mesma tradição linguística contínua. Isto é, o parentesco é a relação que se dá entre todas as variedades linguísticas que emergiram como resultado de evolução de uma mesma língua ancestral. Entende-se que cada cisão de uma co-

munidade de fala resulta na adoção de um percurso evolutivo único por cada uma das comunidades de fala recém-formadas, sendo que o acúmulo constante de mudanças linguísticas exclusivas de cada comunidade leva a um distanciamento gradual das respectivas variedades linguísticas. Entretanto, são poucos os exemplos de famílias linguísticas cuja história está bem documentada e cuja realidade pode ser atestada por meio de observação direta.

Para as línguas cuja evolução não pode ser rastreada diretamente (como é o caso das línguas Macro-Jê), faz-se necessário, portanto, partir de uma abordagem **gnoseológica** (BURLAK, STAROSTIN, 2005). Nela, o parentesco linguístico recebe uma definição mais funcional, cuja aplicabilidade independe da existência de registros dos estágios anteriores das línguas examinadas. Essencialmente, a definição gnoseológica do parentesco de línguas se baseia em determinados critérios que, como demonstraram diversos estudos de caso, são atendidos por propostas universalmente aceitas de parentesco genético em sua acepção ontológica. A seguir, listamos esses critérios:

(i) existência de um conjunto de correspondências sonoras (necessariamente recorrentes) que contemplem as línguas comparadas;

(ii) existência de um conjunto de prováveis cognatos entre as línguas em questão, isto é, de itens lexicais tais que

  (a) apresentem as correspondências sonoras supracitadas;
  (b) possuam semântica idêntica ou muito próxima;
  (c) pertençam ao vocabulário básico (isto é, não cultural);[29]

(iii) inexistência de hipóteses concorrentes mais plausíveis.

Há mais um critério comumente mencionado em trabalhos que tratam da questão da demonstração de parentesco genético, a saber:

(iv) existência de um conjunto de semelhanças morfológicas (de preferência, paradigmáticas).

Em nossa opinião, apesar de os paralelos morfológicos serem de grande valor para a corroboração das propostas de parentesco, este critério não pode ser considerado universal. Primeiramente, casos de erosão morfológica rápida são bem atestados na história das línguas do mundo

[29] É de conhecimento geral que em todas as famílias linguísticas bem estabelecidas há conjuntos de prováveis cognatos que violam as correspondências sonoras conhecidas, possuem semântica divergente e/ou não pertencem ao vocabulário básico. Tais cognatos, entretanto, não devem ser usados como evidência para uma demonstração inicial de parentesco e devem ser abordados somente após a apresentação da evidência central. Via de regra, uma vez que a reconstrução por meio do método histórico comparativo avança, os conjuntos de prováveis cognatos que, em um primeiro momento, se mostraram problemáticos são eventualmente rejeitados como aparentes, ou são explicados em função de outros fatores, tais como mudanças sonoras adicionais, alterações analógicas, empréstimos dialetais e mudanças semânticas menos óbvias.

(por exemplo, na história recente do inglês, do francês moderno ou do africâner), indicando que sistemas morfológicos complexos podem ser perdidos ou reestruturados em um período relativamente breve. Além disso, o critério morfológico não é aplicável no caso de línguas isolantes (por exemplo, no caso de algumas línguas da família Nadahup) pelo simples motivo de essas línguas quase não possuírem morfologia afixal. Isto é, embora a presença de correspondências morfológicas, em especial quando apresentando organização paradigmática, constitua uma evidência forte para que se reconheça a existência de um vínculo genético entre duas ou mais línguas (ou famílias), a *ausência* deste tipo de similaridade não indica que as línguas ou famílias sob comparação não possuam tal vínculo, nem serve de indicação de que investigações adicionais que examinem dados, por exemplo, de natureza lexical, estejam necessariamente fadadas ao fracasso. Para uma discussão maior sobre a superioridade do critério lexical em relação ao critério morfológico, referimos o leitor a Dybo e Starostin (2008, p. 124–138).

Em se tratando de agrupamentos de grande profundidade temporal (conhecidos na literatura como "troncos"), é imprescindível a aplicação do chamado princípio *bottom-up* (ver subseção **1.2.2**) quando da demonstração do parentesco. Esse princípio consiste na utilização, sempre que possível, de reconstruções que dizem respeito a nós intermediários (aqueles que correspondem a subagrupamentos de baixa ou média profundidade temporal) em vez dos dados das línguas modernas. A aplicação dessa medida permite maximizar a quantidade das evidências positivas através da minimização da distância temporal entre os nós comparados. Observe que a quantidade do material cognato diminui, invariavelmente, com o aumento da distância temporal. Isto se deve a fatores tais como a perda lexical e o inevitável acúmulo de mudanças em todos os níveis da língua (fonético, fonológico, morfológico, (morfos)sintático, semântico). Trazemos, a seguir, um exemplo das línguas Macro-Jê que ilustra como a utilização de reconstruções intermediárias pode contribuir para a demonstração de parentesco linguístico. Reproduzimos, no Quadro 1.1, alguns dados lexicais das línguas Xavánte (< Akuwẽ < Cerratenses < Jê) e Maxakalí (< Maxakalí < Transanfranciscanas).

glosa	filho	dente	barriga	fome	semente	cabeça	osso	cinza
Xavánte	*ʔraː // ʔra*	*ʔwa*	*diʔi // di*	*mrə̃m // mrə̃*	*ñə̃mə̃ // ĵə*	*ʔrə̃j // ʔrə̃*	*hi*	*ʔruj // ʔru*
Maxakalí	*ktuK*	*cuC*	*teC*	*ptyP*	*caP*	*ptuC*	*kyP*	*ptuK*

Quadro 1.1. Alguns dados lexicais das línguas Xavánte e Maxakalí

Imaginemos que o parentesco entre o Maxakalí e o Xavánte ainda não foi demonstrado, mas suspeita-se que essas duas línguas são relacionadas uma à outra. A princípio, seria plausível

supor, a partir dos dados apresentados no Quadro 1.1, que as oclusivas do Maxakalí dos diferentes pontos de articulação (*k-*, *c-*, *p-*) correspondem à oclusiva glotal do Xavánte diante de consoantes (*ktuK ~ ʔraː // ʔra*, *cuC ~ ʔwa*, *ptuC ~ ʔrə̃j // ʔrə̃*, *ptuK ~ ʔruj // ʔru*; exceção: *ptyP ~ mrə̃m // mrə̃*). Poderíamos ainda constatar a presença de algumas outras correspondências recorrentes, tais como XAV *a* ~ MXK *u*; XAV *r* ~ MXK *t*. Entretanto, essas evidências seriam claramente insuficientes para uma afirmação categórica quanto à provável existência de um vínculo genético entre o Xavánte e o Maxakalí. Se um pesquisador chegasse a fazer tal afirmação **apenas** com base nos dados expostos no Quadro 1.1, provavelmente sua hipótese não encontraria ampla aceitação na comunidade acadêmica.[30]

A qualidade das evidências, contudo, aumenta consideravelmente quando a comparação passa a ser efetuada não diretamente entre o Xavánte e o Maxakalí e sim entre as protolínguas dos ramos que compreendem essas línguas. Como vimos acima, o Xavánte integra o sub-ramo Akuwẽ do ramo Cerratense da família Jê; já o Maxakalí pertence à família homônima que faz parte do ramo Transanfranciscano. As transformações sofridas pelas formas apresentadas no Quadro 1.1 no percurso do Proto-Jê e Proto-Transanfranciscano para o Xavánte e Maxakalí, respectivamente, encontram-se resumidas no Quadro 1.2 (o material cognato é destacado em negrito).

glosa	filho	dente	barriga	fome	semente	cabeça	osso	cinza
Xavánte	***ʔraː // ʔra***	***ʔwa***	***diʔi // di***	***mrə̃m // mrə̃***	***ñə̃mə̃ // ĵə***	***ʔrə̃j // ʔrə̃***	***hi***	*ʔruj // ʔru*
PA	****kraː // *kra***	****kwa***	****diki // *di***	****mrə̃m // *mrə̃***	****ñə̃mə̃ // *ĵə***	****krə̃j // *krə̃***	****hi***	(?)
PCerr	****kra***	****jwa***	****tik***	****prə̃m***	****cym***	****krə̃j***	****ci***	****mbro***
PJ	****kra***	****jô***	****tik***	****prə̃m'***	****cym***	****krỹñ***	****ci***	****mbro***
PTSF	****kruk***	****juñ***	****tek***	****prym***	****jam***	****krỹñ***	****jet ~ *jek***	****proŋ***
Maxakalí	***ktuK***	***cuC***	***teC***	***ptyP***	***caP***	*ptuC*	*kyP*	***ptuK***

Quadro 1.2. Evolução de alguns dados lexicais das línguas Xavánte e Maxakalí

[30] Evidências lexicais de qualidade comparável foram apresentadas por Rodrigues (1999) a fim de defender a unidade genética entre as famílias Boróro, Karirí, Yaathê, Purí, Guató e as línguas do tronco Macro-Jê tal como o definimos nesta tese (Jê, Jaikó, Maxakalí, Krenák, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa). Pesquisas posteriores têm permitido identificar evidências mais numerosas e superiores em qualidade que dizem respeito às famílias Jê, Maxakalí, Krenák, Karajá, Ofayé e Rikbáktsa (às quais se acrescentaram as famílias Jabutí e Chiquitano). Em contraste, a aplicação do princípio *bottom-up* de reconstrução não revelou novas evidências convergentes que relacionassem as famílias Boróro, Karirí, Yaathê, Purí e Guató ao tronco Macro-Jê, sugerindo que a respectiva porção da hipótese de Rodrigues (1999) poderia estar equivocada, e as tentativas de identificar correspondências sonoras entre elas e as línguas comprovadamente Macro-Jê estão fadadas ao fracasso.

Uma breve inspeção das formas reconstruídas apresentadas no Quadro 1.2 é suficiente para o investigador perceber o alto grau de semelhança superficial entre as línguas das famílias Jê e Transanfranciscana. É fácil ver que, com o aumento da distância temporal, a quantidade das evidências inequívocas de parentesco diminui. Nos primeiros cinco pares de exemplos, isto ocorre em razão do acúmulo das mudanças sonoras (tais como as mudanças **ô* > **wa* em Proto-Cerratense, **jw* > **kw* em Proto-Akuwẽ, **k* > *ʔ* em Xavánte; **r* > *t* em Maxakalí). Nos itens 'cabeça' e 'osso', o Maxakalí sofreu uma perda lexical (os itens **krỹñ* 'cabeça' e **jet* ~ **jek* 'osso' são preservados na língua Krenák, onde seus reflexos possuem a forma *krẽn*, *jek*, respectivamente). Já a forma **mbro* 'cinza' do Proto-Cerratense, embora seja preservada em Xavánte, sofreu uma mudança semântica: seu reflexo Xavánte *-pro* ocorre em palavras compostas e denota substâncias sólidas reduzidas a partículas tênues. Portanto, a suposta correspondência entre Maxakalí *p-* e Xavánte *ʔ-*, discutida acima, é fictícia: os dois pares de palavras em que ela se baseava, após uma análise mais detalhada, resultam não serem verdadeiros cognatos.

1.2.2. Relação entre o subagrupamento e a reconstrução

Nesta subseção, discutimos em maior detalhe um aspecto específico da aplicação do método comparativo, a negligência do qual, em nossa opinião, tem afetado negativamente o desenvolvimento de estudos histórico-comparativos das línguas sul-americanas. Trata-se de dois princípios, que denominaremos aqui de **princípio de reconstrução *bottom-up* e princípio de controle externo**. Definimo-los em (1.1) e (1.2), respectivamente.

(1.1) **Princípio de reconstrução *bottom-up*.** A reconstrução de cada elemento de uma protolíngua de um agrupamento ramificado deve ser baseada nas reconstruções referentes às protolínguas intermediárias.

(1.2) **Princípio do controle externo.** Se os dados internos a um agrupamento linguístico proporcionam evidências conflitantes ou insuficientes para uma reconstrução inequívoca do respectivo elemento da protolíngua, consultar-se-ão os dados externos ao agrupamento em questão a fim de determinar qual é a reconstrução mais plausível.

Os princípios em (1.1) e (1.2) podem ser aplicados, de forma indiscriminada, a elementos fonológicos, lexicais, morfológicos ou sintáticos. Ilustraremos sua aplicação com um exemplo das línguas Jê (suponhamos que não sabemos nada sobre o subagrupamento da dessa família). Observe-se a seguinte correspondência sonora: Laklãnõ *ã* : Xavánte *a* : Mẽbêngôkre *a*. Essa correspondência é perfeitamente regular, como evidenciam múltiplos exemplos (LKL *klã̲* ~ XAV *ʔra̲ː* // *ʔra̲* ~ MBG *kra̲* 'filho'; LKL *pã̲n* ~ XAV *pa̲ːra* // *pa̲ra* ~ MBG *pa̲r* 'pé'; LKL *tõ-mã̲* ~ XAV *pa̲* ~ MBG *ma̲* 'fígado'). Considerando que a mudança sonora *a* > *ã* é tão plausível quanto

ã > *a*, qual é o segmento que deve ser reconstruído para a protolíngua? A resposta dependerá da configuração topológica da árvore filogenética da família. Os cenários mais econômicos para cada uma das três possíveis configurações estão apresentados na Figura 1.3 abaixo.

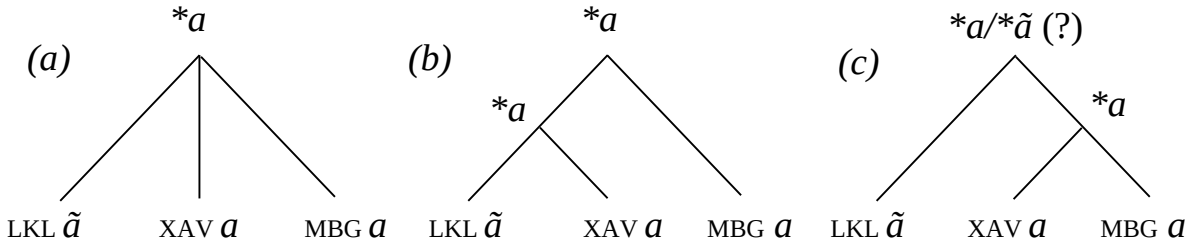


Figura 1.3. Subagrupamento e reconstrução

Caso o subagrupamento da família não envolvesse nenhum nó intermediário (ou seja, se as línguas Laklãnõ, Xavánte e Mẽbêngôkre fossem mutuamente equidistantes), a solução mais plausível seria reconstruir **a* para a protolíngua, visto que nesse caso teríamos que postular apenas uma inovação (**a* > *ã* em Laklãnõ) e não duas inovações paralelas, que seriam necessárias caso reconstruíssemos **a* para o Proto-Jê (opção *(a)* na Figura 1.3). Entretanto, este último cenário não poderia ser definitivamente descartado (e deveria ser preferido, por exemplo, se existisse uma correspondência hipotética concorrente LKL *ã* : XAV *ã* : MBG *a*).

Se as línguas Laklãnõ e Xavánte fossem mais estreitamente relacionadas uma à outra, formando um nó na árvore filogenética da família, a solução mais econômica seria reconstruir **a* tanto para o Proto-Jê, como para a protolíngua intermediária do Laklãnõ e do Xavánte: nesse caso seria necessário postular apenas uma inovação, sendo que qualquer cenário alternativo exigiria, no mínimo, duas inovações (opção *(b)* na Figura 1.3).

Já no caso de uma proximidade especial entre as línguas Xavánte e Mẽbêngôkre (opção *(c)* na Figura 1.3) seria possível propor uma reconstrução sólida apenas para a protolíngua intermediária dessas duas línguas (**a*, sem nenhuma mudança nas línguas-filhas). Para decidir se o Proto-Jê apresentava **a* ou **ã* neste caso, teríamos que recorrer a informações adicionais (sistêmicas ou externas), já que qualquer uma dessas opções exigiria apenas uma inovação na família (seja em Laklãnõ, seja em proto-Xavánte-Mẽbêngôkre). É exatamente este cenário que se verifica quando evidências adicionais são consideradas. Como os sub-ramos Akuwẽ (incluindo o Xavánte) e Jê de Goyaz (incluindo Mẽbêngôkre) pertencem ao ramo Cerratense, podemos reconstruir **a* para o Proto-Cerratense (vogal preservada em todas as línguas Cerratenses). Para o Proto-Jê Meridional (sub-ramo que inclui o Laklãnõ), reconstrói-se **ã* (> LKL *ã*, KGG *ẽ*). A reconstrução da respectiva vogal do Proto-Jê seria problemática se não dispuséssemos de

evidências de outros ramos do tronco Macro-Jê;[31] felizmente, os dados externos mostram que a vogal em questão era originalmente oral (cf. MXK *ktuK* 'filho', *pata* 'pé', ARI *mbə* 'fígado'), possibilitando reconstruir Proto-Jê **a* para a correspondência Proto-Cerratense **a* ~ Proto-Jê Meridional **ã* com um alto grau de certeza.

Obviamente, uma aplicação rigorosa dos princípios (1.1) e (1.2) depende crucialmente do subagrupamento do conjunto de línguas examinado. Por sua vez, uma reconstrução detalhada da protolíngua é fundamental para a identificação do subagrupamento exato. Portanto, trata-se de um processo circular, com a precisão da reconstrução e do subagrupamento aumentando em cada iteração do procedimento. A acumulação de evidências convergentes faz parte da aplicação metodologicamente correta do método comparativo.

1.2.3. Reconstrução fonológica e lexical

A reconstrução de elementos fonológicos de uma protolíngua é realizada por meio do *método comparativo*, o qual pode ser complementado (mas nunca substituído) pelo *método de reconstrução interna*. Em primeiro lugar, a aplicação do método comparativo a um grupo de línguas que se suspeitam serem relacionadas exige a identificação de um **conjunto de prováveis elementos cognatos** (alguns dos quais podem vir a ser descartados em uma etapa posterior da aplicação do método). A próxima etapa consiste na **identificação de correspondências sonoras** entre as línguas que estão sendo comparadas, com base nos conjuntos de prováveis cognatos previamente reunidos. Finalmente, é necessário apresentar uma **interpretação diacrônica** dessas correspondências, ou seja, a atribuição de segmentos (sequências de segmentos, elementos suprassegmentais) reconstruídos específicos a cada uma das correspondências. Caso duas (ou mais) correspondências possam ocorrer no mesmo ambiente, torna-se necessário reconstruir dois (ou mais) elementos contrastivos para a protolíngua. Para as correspondências que estiverem em uma distribuição complementar, é possível apresentar uma interpretação mais econômica: as correspondências podem ser atribuídas a apenas um segmento (sequência de segmentos, elemento suprassegmental) reconstruído, porém, em contrapartida, torna-se necessário determinar as condições de seu desenvolvimento nas línguas-filhas. É dessa forma que são estabelecidas as mudanças sonoras no percurso da protolíngua reconstruída às línguas atestadas (a

[31] Neste caso específico, há evidências internas às línguas Jê Meridionais que mostram que a vogal **ã* provém de uma antiga vogal oral. O fonema */j/ do Proto-Jê possuía dois alofones, **j* em ambientes orais e **ñ* em ambientes nasais. Essa distinção se fonologizou em Proto-Jê Meridional, onde PJ **ñ* > PJM **n* (fundindo-se com PJ **n* > PJM **n*; NIKULIN, 2019a, p. 101), mas PJ **j* > PJM **j*. Isto resultou na inexistência de sequências do tipo ***jĩ* ou ***jũ* em Proto-Jê Meridional, visto que PJ */jĩ/, */jũ/ tornaram-se PJM **nĩ*, **nũ* (PJ */j/*ũɪcto* > PJM **nũnã* 'língua', PJ */j/*ĩ* > PJM **nĩ* 'carne' etc.). Entretanto, a sequência **jã* é extremamente comum em Proto-Jê Meridional, fato que é imediatamente explicado em nossa abordagem como uma consequência da nasalização tardia de PJ **a* (PJ **jara* > PJM **jãrã* 'axila', PJ **jando* > PJM **jãnã* 'enviar', PJ **ja* > PJM **jã* 'ficar de pé.SG' etc.).

chamada *história fonológica* dessas línguas). A linguística histórica procura identificar o cenário tão plausível quanto for possível para o desenvolvimento dos sons da protolíngua em todas as línguas descendentes, minimizando a necessidade de recorrer a mudanças sonoras tipologicamente incomuns.

Em se tratando de agrupamentos genéticos que ainda não foram objeto de extensas pesquisas em linguística histórica, não é suficiente que o procedimento supracitado seja aplicado apenas uma vez. Via de regra, ao ser descoberta uma nova lei sonora, novas etimologias (conjuntos de cognatos) passam a integrar o *corpus* sobre o qual se baseia a proposta reconstrutiva. Por vezes, ocorre o inverso: com a identificação de uma lei sonora, algumas etimologias antes tidas por certas ou prováveis podem vir a ser descartadas. Nas palavras de Aikio (2018, p. 88),

> "[…] a fonologia histórica e a etimologia dependem uma da outra e encontram-se em uma interação constante. No trabalho comparativo que envolve grandes profundidades temporais […], é comum depararmo-nos com um problema aparentemente circular: por um lado, não podemos saber quais etimologias são corretas se não sabemos também quais foram os desenvolvimentos fonológicos regulares que operaram na história da língua em questão; por outro lado, não podemos decidir quais desenvolvimentos são regulares se não podemos decidir quais comparações etimológicas são confiáveis. Entretanto, há uma maneira de resolver esse problema: as hipóteses de fonologia histórica podem ser testadas através de pesquisa etimológica e vice-versa." (tradução nossa)

Dessa forma, a aplicação do método comparativo e a identificação de novas etimologias são realizadas ciclicamente, com um refinamento da proposta reconstrutiva progredindo com cada iteração.

O método comparativo pode e deve ser complementado pela **reconstrução interna**, porém é importante lembrar que a reconstrução interna prototipicamente não fornece evidências quanto à **profundidade cronológica** das mudanças sonoras por ela desvendadas, exceto pela cronologia relativa dessas mudanças em relação a algumas outras mudanças. Isto ocorre porque tanto as alternâncias herdadas de uma protolíngua comum quanto aquelas inovadas na língua sob análise são tratadas indiscriminadamente pela reconstrução interna. Dessa forma, o método de reconstrução interna recupera apenas um estágio abstrato de homogeneidade, o qual não pode, de forma não ambígua, ser atribuído a um estrato filogenético específico na ausência de evidências comparativas. Se o método comparativo fornece evidências que contradizem aquelas obtidas através da aplicação da reconstrução interna, torna-se necessário reconhecer a superioridade do método comparativo em relação ao de reconstrução interna. Em tais casos, na melhor das hipóteses, o cenário sugerido pela reconstrução interna pode ser postulado para um estágio que precede a dissolução da protolíngua; na pior das hipóteses, é definitivamente descartado.

1.2.4. Reconstrução sintática

Os últimos anos foram marcados pelo surgimento de um novo paradigma na linguística histórica, conhecido sob o nome de *Gramática de Construções Diacrônica*, cuja ideia central consiste na extensão do método comparativo para a reconstrução sintática (GILDEA, 1998; BARÐDAL, EYÞÓRSSON, 2012; BARÐDAL *et al.*, 2015; GILDEA *et al.*, 2019). Seus proponentes observam que as unidades sintáticas, ao serem representadas dentro do paradigma da Gramática de Construções (CROFT, 2001), tornam-se passíveis de aplicação do método comparativo (e também do método de reconstrução interna), permitindo reconstruir unidades sintáticas existentes na língua ancestral do conjunto de línguas comparado. No caso do método comparativo, o procedimento envolve a identificação de construções cognatas; no caso da reconstrução interna, a tarefa do pesquisador é a de identificar isomorfias entre diferentes construções que assinalam uma reanálise ocorrida num estágio anterior da língua. Dentro dessa abordagem, presume-se que as mudanças sintáticas diacrônicas envolvem três mecanismos principais:

i. reanálise (isto é, uma mudança estrutural sem mudanças na superfície);
ii. extensão (incluindo o nivelamento paradigmático);
iii. empréstimo.

Algumas construções de determinadas línguas Macro-Jê já foram objeto de investigações realizadas dentro do paradigma da Gramática de Construções Diacrônica, incluindo as obras de Castro Alves (2010), Gildea e Castro Alves (2010, 2019), Nikulin e Silva (no prelo) e Castro Alves e Nikulin (em preparação).

No capítulo 5 desta tese, empreendemos uma reconstrução sintática de diversas construções do Proto-Macro-Jê Oriental, a língua ancestral da qual descendem as línguas Macro-Jê faladas ao leste do rio Araguaia. Além disso, o tema da reconstrução morfossintática será abordado, em menor medida, no capítulo 4, centrado na indexação dos argumentos de pessoa em Proto-Macro-Jê.

1.3. Estudos históricos sobre línguas Macro-Jê

Nesta seção enumeramos, em ordem cronológica aproximada, os trabalhos mais importantes da área de linguística histórica que versam sobre as línguas Macro-Jê.

Os trabalhos de **Loukotka** (**1931**, **1932**, **1937**, **1955**) abordam, respectivamente, as famílias linguísticas Maxakalí, Kamakã, Purí (Coroado) e Krenák (Botocudo), reconhecendo-as como unidades genéticas coesas e notando algumas semelhanças lexicais entre as mesmas e as línguas de outras famílias da América do Sul (incluindo as línguas Jê). Essas semelhanças le-

xicais frequentemente envolvem segmentações morfológicas que hoje sabemos serem equivocadas, e o material primário em que Loukotka (1931, 1932, 1937, 1955) se baseia apresenta limitações relativas à qualidade de sua transcrição fonética ou fonológica. Além disso, entende-se que Loukotka (1931, 1932, 1937, 1955), ao notar tais semelhanças, não pretendia afirmar que as famílias em questão seriam geneticamente relacionadas, pois esse autor acreditava em "línguas mistas" (cf. GREENBERG, 1987, p. 65), referindo-se a "intrusões" Jê nessas famílias. Não há, na obra de Loukotka (1931, 1932, 1937, 1955), tentativas de aplicação do método comparativo. Em seu catálogo das línguas indígenas sul-americanas, Loukotka (1968) lista separadamente as famílias que posteriormente viriam a ser classificadas como Macro-Jê, sem que a possibilidade de essas famílias serem aparentadas seja mencionada.

Guérios (**1939**) observou algumas semelhanças entre o Boróro e as línguas Jê Setentrionais e fez uma tentativa de demonstrar que essas línguas são geneticamente aparentadas. Infelizmente, as fontes primárias consultadas por Guérios (1939) continham erros graves de tradução e de transcrição, fazendo com que algumas das comparações apresentadas pelo autor sejam baseadas em dados inexistentes. Por exemplo, o autor (op. cit., p. 65) compara Boróro ‹tagui› (*tagi*) 'vós' com Merrime (corruptela de *Mẽhĩ*, ou Timbíra) ‹ita-iê› 'vós', ‹ta› 'tu'; os respectivos itens significam, na realidade 'estes' (*ita-jê*) e 'ele' (*ta*). Como não existiam descrições das referidas línguas elaboradas por linguistas à época da publicação do trabalho citado, Guérios (1939) incorreu também em múltiplos erros de segmentação morfológica, presentes em quase todas as comparações apresentadas no trabalho citado.[32] Finalmente, várias comparações propostas por Guérios (1939) não são compatíveis com as reconstruções intermediárias, tanto do Proto-Boróro como do Proto-Jê Setentrional, Proto-Cerratense e Proto-Jê, que foram elaboradas nos últimos anos com base no método comparativo. Por exemplo, Guérios (1939, p. 67) compara Boróro ‹a-huago, a-uago› (*awagu*) 'cobra' com Merrime ‹kago-n› (*kaŋə̃*) 'id.'. Em um trabalho dedicado à fonologia do Boróro (NIKULIN, 2020b), mostramos que a representação subjacente de *awagu* 'cobra' é /abaku/ e que a mesma contém as mesmas consoantes que o cognato Umutína desse item, *ɛbaki ~ ebaki*, permitindo reconstruir Proto-Boróro **Vbakᵻ V* 'cobra'. Já o étimo de *kaŋə̃* é Proto-Jê Setentrional **kaŋə̃* (NIKULIN, SALANOVA, 2019), forma incompatível com Proto-Boróro **Vbakᵻ V*. Portanto, os resultados de Guérios (1939) não serão

[32] Exemplos incluem tais comparações como Boróro ‹ame-ma› 'lagarto' ~ Merrime ‹am(o)-kó› (na realidade *am-kô* 'lagarta' < Proto-Jê Setentrional **ap-ŋgô*, derivado de **ŋgô* 'piolho'); Boróro ‹mako, maku› 'dar' ~ Merrime ‹mãgõ› (na realidade *mə̃* 'posposição dativa' + *ŋõ* 'dar'); Boróro ‹tchoreu, tchereu› 'preto' ~ Merrime ‹tu-kure› (na realidade *tyk-re*, com o sufixo diminutivo *-re*).

considerados como válidos no restante desta tese. A relação entre a família Boróro e o tronco Macro-Jê será discutida em algum detalhe no capítulo 2 desta tese (seção **2.2**).

O trabalho de **Mattoso Câmara Jr.** (**1959**) visa proporcionar uma análise mórfica (morfológica) rigorosa de trinta itens lexicais em diversas línguas do ramo Cerratense, baseando-se em materiais recolhidos entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX por pessoas que, em sua maioria, não possuíam um extenso treinamento linguístico (Paul Ehrenreich, Fritz Krause, Carl von Martius, Curt Nimuendajú, Emil Snethlage, Karl von den Steinen), com a exceção de Olive Shell. Em cada caso Mattoso Câmara Jr. busca identificar não apenas a composição morfológica de cada forma atestada, mas também a respectiva *"forma-base que melhor favorece a análise descritiva [...] e que a experiência geral da evolução fonética nos autoriza a postular como ponto de partida evolutivo"* (op. cit., p. 12). Além disso, o autor indica as mudanças fonéticas que cada um dos itens discutidos teria sofrido em seu percurso da "forma-base" para a forma atestada. Apesar de ostentar uma semelhança superficial com o método comparativo, o procedimento adotado por Mattoso Câmara Jr. (1959) não pode ser equiparado ao de reconstrução fonológica, pois as mudanças sonoras propostas não demonstram nenhum grau de regularidade ou sistematicidade, como o próprio autor admite no trabalho citado (MATTOSO CÂMARA JR., 1959, p. 10). Portanto, as "formas-base" oferecidas pelo autor são resultado da aplicação de um procedimento pré-neogramático e não são passíveis de discussão científica. Comparem-se algumas "formas-base" de Mattoso Câmara Jr. com as respectivas reconstruções de Nikulin (2017) referentes ao Proto-Cerratense, obtidas através de uma aplicação rigorosa do método comparativo. Observe-se que a "forma-base" proposta por Mattoso Câmara Jr. (1959, p. 54) para 'cobra' corresponde, em realidade, a duas formas não cognatas, PJS **kaŋə̃* e PA **waːhi*.

glosa	'sangue'	'fogo'	'pedra'	'cobra'
Mattoso Câmara Jr. (1959)	KWAMPRU	KUKWI	KHÄN	KWAÑOÑ
Nikulin (2017)	**kambrôj'*	**kucym*	**kẽt*	PJS **kaŋə̃*, PA **waːhi*

Quadro 1.3. "Formas-base" de Mattoso Câmara Jr. (1959) e as respectivas reconstruções atualizadas

É necessário constatar que com o avanço da documentação das línguas Jê e das investigações comparativas dessas línguas o trabalho de Mattoso Câmara Jr. (1959) tornou-se obsoleto, sendo, hoje, de interesse apenas historiográfico. Isto fica evidente no fato de que muitas das segmentações morfológicas empreendidas pelo autor são, comprovadamente, errôneas. Por exemplo, no item para 'nariz' (PJS **ñĩja-kre* < PJ **ñĩja* em nossa reconstrução; **-kre* é a segunda parte do composto e significa 'orifício') o autor identifica a raiz KHRÄ ("forma-base"), que viria,

em sua análise, precedida de prefixos *i-* (1SG) ou *ni-* ("demonstrativo") e *ya-* ("indicativo do referente expresso") em diversas línguas contemporâneas. Descrições modernas não deixam dúvidas quanto à composição morfológica real desse item.

Outro volume que atualmente apresenta um interesse meramente historiográfico é o de **Wilbert** (**1964**), uma grande compilação de dados (predominantemente lexicais) de línguas Cerratenses documentados anteriormente por outros autores. Uma parte do trabalho é dedicada a um estudo glotocronológico da família. Apesar da baixa qualidade dos dados primários submetidos a esse estudo, Wilbert (op. cit.) pôde delimitar, corretamente, pelo menos um sub-ramo cuja validez hoje não dá margem à dúvida, o "Akroá" (= Akuwẽ). Desde a publicação da obra de Wilbert (1964), todas as línguas (com a exceção das extintas) foram objeto de estudos mais sistemáticos e detalhados, fazendo com que o trabalho citado passasse a ser dispensável na qualidade de uma referência lexicográfica.

Os estudos de **Davis** (**1966**, **1968**) foram os primeiros que aplicaram o método histórico-comparativo às línguas Macro-Jê, sendo que o primeiro desses trabalhos (DAVIS, 1966) contém uma tentativa de reconstrução fonológica do Proto-Jê e uma demonstração definitiva de que o Kaingáng tem de ser incluído na família Jê, ao passo que o segundo (DAVIS, 1968) contém uma demonstração do parentesco entre as línguas Jê, Maxakalí e Karajá, baseando-se na reconstrução do Proto-Jê de 1966 (o trabalho de **HAMP**, **1969** sugere algumas adições insignificantes para a proposta de DAVIS, 1968). O *corpus* em que esses estudos foram baseados não é muito extenso. Davis (1966) reconstrói apenas 112 itens para o Proto-Jê; além disso, alguns deles tecnicamente podem ser reconstruídos apenas para protolínguas intermediárias menos profundas, como, por exemplo, **rɔp* 'cachorro' (na nossa reconstrução, Proto-Jê de Goyaz **rop* 'onça'). Quanto à comparação externa com o Maxakalí e o Karajá, Davis (1968) seleciona apenas 67 raízes reconstruídas por ele para o Proto-Jê e as compara com material Maxakalí e ou Karajá; além disso, várias dessas comparações são claramente equivocadas, tais como 59. PJ **tɨk* ~ Maxakalí *-nĩ̃ñ* 'preto' (na realidade, a raiz para 'preto' em Maxakalí é *mnĩ̃C*), 53. PJ **rã* 'flor' ~ Maxakalí *-ta?* 'fruto' ~ Karajá *ra* 'fruto' (a palavra Maxakalí é uma extensão semântica de PTSF **ra* 'maduro' e a palavra Karajá de PK **rã* 'cabeça'; em vez disso, sugerimos a comparação de PJ **rə̃(r)* 'flor' com Maxakalí *-dyT* 'flor'), entre outros itens. Davis (1968) ainda diz, mas não demonstra através do método comparativo, que as línguas Jaikó, Ofayé, Kamakã, Purí e Krenák (Botocudo) devem ser incluídos no tronco Macro-Jê, admitindo a possibilidade de que as famílias Boróro, Tupí e Yaathê (Fulni-ô) sejam relacionadas, de alguma forma, ao tronco Macro-Jê.

O trabalho de Davis (1966) permaneceu, durante décadas, a única referência publicada relativa à reconstrução do Proto-Jê e foi, por isso, utilizado por outras pesquisadoras que desenvolveram estudos de cunho comparativo. Por exemplo, **Gudschinsky** (**1971**) e **Boswood** (**1973**) compararam as formas reconstruídas por Davis (1966) com os dados das línguas Ofayé e Rikbáktsa, respectivamente, buscando demonstrar a existência de um vínculo genético entre essas duas línguas e a família Jê. É necessário constatar que, apesar de concordarmos com as conclusões gerais das autoras, os trabalhos supracitados apresentam graves falhas metodológicas, fazendo com que aceitemos apenas uma parte das comparações ali propostas.[33] **Seki** (**1989**) baseou-se na reconstrução de Davis (1966) para esclarecer a história fonológica do Kĩsêdjê e Tapayúna (tema abordado também por **RODRIGUES**, **FERREIRA-SILVA**, **2011**), bem como a relação dessas duas línguas às demais línguas da família Jê, notando em alguns casos que a reconstrução de Davis (1966) falha em explicar determinados reflexos em Kĩsêdjê e Tapayúna. Já **Araújo** (**1995/1996**) rastreou a evolução fonológica das formas reconstruídas por Davis (1966) em Parkatêjê.

Wiesemann (**1978**) desenvolve um estudo comparativo de cinco dialetos do Kaingáng e do Laklãnõ, fornecendo ainda uma reconstrução fonológica e lexical preliminar do Proto-Jê Meridional (porém o *corpus* apresentado é extremamente reduzido).

Urban (**1985b**) empreende uma comparação do Pataxó e do Pataxó-Hãhãhãe, identificando algumas correspondências sonoras regulares entre essas variedades. Suas conclusões foram corroboradas por pesquisas posteriores (cf. NIKULIN, 2020a).

O famoso trabalho de **Greenberg** (**1987**), que objetiva demonstrar a relação entre quase todas as famílias linguísticas das Américas, inclui uma seção sobre as línguas Macro-Jê (GREENBERG, 1987, p. 64–73). A obra de Greenberg (1987) apresenta os mesmos vícios que aquelas de Guérios (1939) e Mattoso Câmara Jr. (1959), citadas acima. A maioria esmagadora

[33] O trabalho de Gudschinsky (1971) destaca-se pela aderência a diversas práticas desencorajadas pela linguística histórica, tais como reconstrução de segmentos que não são atestados em nenhuma língua descendente e nem preenchem lacunas já existentes em um sistema fonológico (por exemplo, "Ofaié-Jê" **k^{w}, *ŋ^{w}, *h^{w}* > Proto-Jê **p, *m, *p*; Ofayé *k/ʔ, ỹ, h*); além disso, em muitas instâncias, Gudschinsky (1971) estabelece fronteiras morfológicas dentro de sílabas (ex. PJ **pyk-a* 'terra', **k-ry* 'frio', **(ñĩ-ñak-)re* 'nariz', **zak-ô* 'assoprar'), sem apresentar nenhuma justificativa para tal segmentação. Suas decisões reconstrutivas já foram objeto de uma crítica de Ribeiro (2005).

Segmentações morfológicas arbitrárias estão presentes, em menor medida, no trabalho de Boswood (1973); por exemplo, a sílaba inicial de **ku-kryt* 'anta' do Proto-Jê (na verdade do Proto-Cerratense) é comparada com a sílaba final de Rikbáktsa *pi-ku* 'anta', carecendo qualquer motivação para tal segmentação morfológica. Em efeito, Reis Silva e Salanova (2000, p. 234), ao discutir dados da língua Mẽbêngôkre, sugerem que *ku-* em *kukryt* poderia ser um prefixo encontrado em diversos nomes de animais de grande porte (cf. PJS **ku-kryt* 'anta', **ku-byt* 'guariba', **ku-kêñ* 'cotia', **ku-kôj* 'macaco', **ku-bẽ* 'estrangeiro, bárbaro', talvez **kũ-mtũm* < PJG **ku-mtym* 'capivara'). Esta e algumas outras das etimologias propostas por Boswood (1973) devem ser, portanto, definitivamente rejeitadas.

das comparações listadas por esse autor apresenta falhas de segmentação morfológica e citações incorretas do material.[34] Uma vez eliminadas essas falhas, torna-se óbvia a espuriedade de uma grande parte das "etimologias" propostas por Greenberg (1987). Por esse motivo, seus resultados não serão levados em consideração nesta tese.

Aikhenvald-Angenot e Angenot (**1992**) apresentam uma tentativa curiosa de comparação entre o Proto-Jê (servindo-se da reconstrução de DAVIS, 1966) e alguns troncos da Eurásia, incluindo supostas macro-famílias tais como a nostrática e a sino-caucasiana (cuja existência não é amplamente aceita), alegando que as semelhanças detectadas por eles revelam uma relação genética entre a família Jê e a macro-família nostrática. Línguas Macro-Jê que não pertencem à família Jê não são incluídas na comparação. A proposta que vincula a família Jê a outras famílias sul-americanas (tais como Maxakalí, Krenák, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí) hoje conta com evidências muito mais sólidas e numerosas, além de ser consideravelmente mais plausível, por motivos geográficos, do que a proposta de Aikhenvald-Angenot e Angenot (1992), a qual deve ser, portanto, abandonada.

Diversos trabalhos de **Rodrigues** (cf. **1999**), tratam do tronco Macro-Jê, que é caracterizado pelo autor como uma hipótese em construção. A posição do autor é que o tronco inclui as famílias Jê (incluindo Jaikó), Maxakalí, Krenák, Kamakã, Purí, Karirí, Yaathê, Karajá, Ofayé, Boróro, Guató e Rikbáktsa. **Rodrigues** (**2009**) ainda acredita que o tronco Macro-Jê é geneticamente relacionado ao tronco Tupí e a família Caribe, substanciando tal afirmação em evidências morfológicas — particularmente, nos padrões de alternância de consoantes coronais encontradas na margem esquerda de temas iniciados por vogais, às quais Rodrigues dá o nome de flexão relacional de contiguidade. Os prefixos relacionais, por meio dos quais se daria a flexão relacional, são usados por **Rodrigues** (**2012**) como evidência adicional de parentesco genético entre as línguas Jê, Ofayé, Karajá, Maxakalí, Karirí e Boróro. Quanto aos cognatos lexicais compartilhados pelas línguas Macro-Jê, Rodrigues (1999: 199–201) apresenta uma lista de 39 conjuntos de supostos cognatos nas doze famílias que ele classifica como Macro-Jê, porém devemos notar que alguns dos conjuntos de cognatos propostos são problemáticos. Por

[34] Por exemplo, Greenberg (1987) inclui as seguintes comparações:
- Karajá *dora, taroite* 'branco' ~ Chiquitano *turasi* 'branco';
- Boróro *miau, muiawo* 'abelha' ~ Kayapó *amiu*, Apinajé *amju*, Krẽjê *amčy* 'vespa';
- Krenák *kjiæk* 'osso' ~ Kaingáng *kuka* 'osso'.

A representação correta desse material é como segue:
- Karajá *dôrî* 'branco (não-indígena)' (cf. *kûra* 'branco (cor)') ≠ Chiquitano *purusuβí* 'branco (cor)' (não sabemos se esse era o item pretendido por Greenberg), cf. *-ʂaara-* 'branco (não-indígena)';
- Boróro *mujawo* ~ *mejao* /muĵabo ~ meĵabo/ 'abelha' ≠ Kayapó *am-jy*, Apinajé *am-nĵy*, Krẽjê *am-cy* < PJS **ap-nĵy* 'marimbondo' (derivado de **nĵy* 'caba');
- Krenák *k-jek* 'osso dele' (terceira pessoa de *jek* 'osso' < PMJ **jet* ~ **jek* 'osso') ≠ Kaingáng *ku-ka* < PJM **ku-kə* 'osso' (certamente derivado de PJM **kə* < PJ **kə̂ɪm* < PMJ **kyɪm*° 'árvore, pau').

exemplo, a etimologia (35) ‘sol’ supostamente instancia o desenvolvimento do fonema **m* do Proto-Macro-Jê, mas dos cinco reflexos citados dois (Xavánte *bətə // bəːtə*, Yaathê *fêca*) violam as correspondências explicitadas na p. 199 (nas duas línguas esperar-se-ia uma forma iniciada por ***m*-), enquanto o suposto reflexo na língua Kipeá significa ‘estrela’ e não ‘sol’; a etimologia (27) ‘pênis/macho’ baseia-se em apenas dois reflexos, Jaikó ‹aereng› (citado como *ɾẽ*) ‘pênis’ e Karirí *ɾæ* ‘macho’; a etimologia (23) ‘milho’ reúne empréstimos recentes das línguas Aruák (cf. RIBEIRO, 2009, p. 62). Além do baixo rigor na seleção dos possíveis cognatos, a amostra de Rodrigues (1999) inclui um número relativamente reduzido de cognatos de certas famílias, tais como Boróro (20), Karirí (16), Yaathê (15), Purí (9) e Guató (8). Em nossa opinião, as evidências lexicais oferecidas por Rodrigues não são suficientes para demonstrar conclusivamente a inclusão dessas cinco famílias no tronco Macro-Jê (ver capítulo **2** para uma discussão mais detalhada). As mesmas críticas podem ser feitas a respeito da lista quase idêntica, porém levemente ampliada, fornecida por **Cabral** e **Rodrigues** (**2007**).

O trabalho de **Seki** (**2002**) apresenta, pela primeira vez, evidências convincentes relativas à existência de um vínculo genético entre o Krenák e as línguas Jê, fazendo uso da reconstrução de Davis (1966). Embora alguns dos itens citados como cognatos pela autora não estejam em concordância com o sistema de correspondências sonoras defendido nesta tese, a obra de Seki (2002) foi fundamental para a inclusão definitiva do Krenák no tronco Macro-Jê.

O começo do século XXI foi marcado pela publicação de diversos trabalhos da autoria de **Ribeiro** (**2002**, **2004**, **2005**, **2009**, **2011**, **2012a**, **2012b**), que buscou juntar evidências a fim de demonstrar o parentesco entre as famílias Jê, Karirí, Karajá, Ofayé, Maxakalí, Krenák, Purí, Jabutí e Chiquitano. A maior parte dessas evidências limita-se a semelhanças entre morfemas específicos. A posposição genitiva (em nossa reconstrução, PMJ **ñũk*) teria sido preservada nas famílias Karirí, Jê, Krenák, Purí, Maxakalí e Boróro (RIBEIRO, 2002, 2009). Já o chamado “prefixo relacional” (em nossa reconstrução, a *consoante temática*, PMJ **j-/*ñ-*) teria sido preservado nas línguas Jê, Karajá, Jabutí, Chiquitano, Ofayé, Boróro e Karirí (RIBEIRO, 2004, 2011). Um trabalho de Ribeiro (2012a) trata das codas da língua Maxakalí, alegando que em alguns casos o Maxakalí apresenta codas não etimológicas (hipótese esta contestada por NIKULIN, SILVA, 2020). Sua tese (RIBEIRO, 2012b) inclui valiosas observações sobre o desenvolvimento fonológico do Karajá e diversas novas etimologias envolvendo essa língua. Não tivemos acesso ao material das numerosas apresentações orais desse autor; a título de exemplo, mencionamos uma apresentação que objetivou demonstrar o parentesco entre o Ofayé e as demais línguas Macro-Jê (**RIBEIRO**, **2005**), com base em evidências supostamente mais sólidas do que aquelas apresentadas por Gudschinsky (1971). Finalmente, depreende-se das citações

nas obras mencionadas que Ribeiro desenvolveu também uma série de trabalhos que versavam sobre a reconstrução do Proto-Jê, incluídas aí algumas apresentações orais; entretanto, se algum manuscrito tiver sido elaborado a partir dessa investigação, o mesmo nunca foi publicado.

Viegas Barros (**2005**) avalia a possibilidade de um vínculo genético distante entre as línguas Macro-Jê e aquelas da região do Chaco, pertencentes às famílias Matacoana e Guaicuru (que o autor acredita fazerem parte de uma macro-família denominada Macro-Guaicuru). Acreditamos que a hipótese do autor é plausível, principalmente à luz de certas semelhanças entre os paradigmas de pessoa dassas línguas (cf. NIKULIN, CARVALHO, 2018), porém uma investigação mais aprofundada de sua proposta encontra-se impedida pela ausência de uma reconstrução fonológica, lexical e morfológica atualizada do Proto-Matacoano.

Voort (**2007**) fornece uma pioneira reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jabutí; concordamos com suas decisões reconstrutivas em linhas gerais, propondo apenas alguns refinamentos (ver subseção **3.1.6** desta tese). Com base nessa reconstrução, **Ribeiro e Voort** (**2010**) argumentam, de forma persuasiva, que a família Jabutí deve ser classificada como pertencente ao tronco Macro-Jê. Uma proposta alternativa de reconstrução fonológica do Proto-Jabutí foi oferecida por **Oliveira e Cabral** (**2015**), que considera que uma lista de palavras da suposta língua Maxubí (*Mashubi*), recolhida pelo Coronel Percy Fawcett em 1914, representa uma terceira língua da família Jabutí, "bastante diferenciada a nível lexical em relação às demais línguas desta unidade genética (Arikapú e Djeoromitxí — A. N.)" (OLIVEIRA, CABRAL, p. 250). Contudo, Voort (2012) mostra que a lista de Fawcett pode ser interpretada como um registro pré-moderno do Arikapú. As supostas diferenças lexicais proviriam de erros de análise na lista de Fawcett, muito comuns em fontes desse tipo (por exemplo, ‹tapí› é glosado como 'cerimônia mortuária', mas certamente é apenas uma tradução equivocada de ARI *ta-pi* 'morreu'). Além disso, o *corpus* comparativo de Oliveira e Cabral (2015) é significativamente menos numeroso do que aquele utilizado por Voort (2007). Por esses motivos, não consideraremos a proposta reconstrutiva de Oliveira e Cabral (2015) neste trabalho.

Martins (**2007**) reúne os dados lexicais das línguas pertencentes à família Kamakã e faz uma tentativa de reconstruir algumas protoformas para o Proto-Kamakã. O autor demonstra, com êxito, que a família Kamakã é um agrupamento genético válido, confirmando a proposta de Loukotka (1932), porém as formas reconstruídas por Martins devem ser vistas como aproximadas apenas, pois a qualidade dos dados originais disponíveis é insuficiente para que se possa empreender sua fonologização precisa. Em um outro trabalho, **Martins** (**2009**) compara as formas por ele reconstruídas com as reconstruções do Proto-Purí, de Silva Neto (2007), e do Proto-Jê, de Davis (1966), e providencia uma lista de conjuntos de formas que o autor considera

cognatas. Entretanto, a lista fornecida por Martins (2009) inclui conjuntos de formas altamente dissimilares sem explicitar quais, segundo o autor, seriam as correspondências fonológicas entre os itens citados. Exemplos incluem os itens para 'fogo' (Proto-Kamakã **tʃakɨ*, Proto-Purí **pote*, Proto-Jê **ku-zi*; em nossa reconstrução: PJ **kucym*), 'comer' (Proto-Kamakã **jukwa*, Proto-Purí **maʃe*, Proto-Jê **kre^{n}, *kre^{n}r, *ku, *kur*; em nossa reconstrução: PJ **krẽ* 'comer.SG', **ku* 'comer.PL') e outros. Considerando a qualidade das evidências apresentadas, a conclusão de Martins (2009) relativa à afinidade genética das línguas Kamakã, Purí e Jê deve ser vista como prematura (embora acreditemos que a família Kamakã realmente faça parte do mesmo tronco com a família Jê).

Adelaar (**2008**) reúne algumas evidências em favor da inclusão do Chiquitano no tronco Macro-Jê, concluindo que sua posição genealógica é "bastante próxima à da família Jê (sobretudo ao Jê do Norte e ao Jê Central) e talvez à do Ofayé" (*op. cit.*, p. 25). Não está claro de que forma o Chiquitano poderia ser mais estreitamente relacionado às línguas Cerratenses ("Jê do Norte" e "Jê Central") do que às Jê Meridionais; na realidade, acreditamos que o ramo Cerratense ganhou tal destaque por contar com uma documentação mais extensa e por ser fonologicamente mais conservador do que algumas outras famílias do tronco Macro-Jê. A relação entre o tronco Macro-Jê e o Chiquitano é discutida na seção **3.4** desta tese. Adelaar (2008, p. 10–11) menciona também a possibilidade de uma relação distante entre o tronco Macro-Jê e as línguas Katukína-Harakmbut, da Amazônia ocidental, e Mapudungun, da Patagônia, com base em "coincidências lexicais".

O trabalho de **Jolkesky** (**2010**) trata da reconstrução fonológica e lexical da língua ancestral do ramo que chamamos aqui de Paranaense (isto é, o agrupamento que inclui o Jê Meridional *stricto sensu* e o Ingain), oferecendo um número impressionante de conjuntos de cognatos acompanhados das respectivas reconstruções. A obra de Jolkesky (2010) é uma contribuição de alta importância para os estudos comparativos das línguas Macro-Jê; entretanto, o leitor interessado precisa estar ciente de dois defeitos contidas nessa obra. Primeiramente, a interpretação diacrônica das correspondências entre as vogais proposta por Jolkesky (2010), no que tange às vogais orais, é claramente inferior à de Wiesemann (1978). Nikulin (2015) apresenta argumentos definitivos a favor da reconstrução de vogais PJM **ə, *a, *ã* (tal como sugerido por WIESEMANN, 1978) no lugar de **a, *ã, *ɛ̃* de Jolkesky (2010). Outro problema presente no trabalho de Jolkesky (2010, p. 120f.) é a dependência excessiva da reconstrução do PJM ali proposta quando da interpretação fonêmica dos dados do Ingain. Por exemplo, o autor interpreta a vogal comumente grafada como ‹a› ou ‹á› como /ɛ̃/ (JOLKESKY, 2010, p. 141),

visto que esse fonema corresponde a KGG *ẽ* ~ LKL *ã* (na reconstrução do autor, essa correspondência é derivada de PJM */ɛ̃/). Em nossa opinião, não há motivos para interpretar a vogal do Ingain em questão como /ɛ̃/, sendo preferível sua identificação com /a/: nesse cenário, tratar-se-ia de uma simples retenção de **a* do Proto-Paranaense (< PJ **a, *o*), vogal que, em nossa reconstrução, sofreu nasalização incondicional em Proto-Jê Meridional (PJM **ã* > LKL *ã*) e tem por reflexo *ẽ* no dialeto Paranaense do Kaingáng.

O trabalho de **Castro Alves** (**2010**), pioneiro na área de reconstrução sintática, aplicou o que viria posteriormente a ser conhecido sob o nome de "Gramática de Construções Diacrônica" às línguas Jê Setentrionais, reconstruindo algumas construções do Proto-Jê Setentrional e seu percurso evolutivo nas línguas Timbíra. A mesma linha foi seguida nos trabalhos de **Gildea e Castro Alves** (**2010**, **2019**, línguas Jê Setentrionais), **Nikulin e Silva** (**no prelo**, língua Maxakalí), **Castro Alves e Nikulin** (**em preparação**, línguas Jê Setentrionais e Maxakalí) e no capítulo 5 desta tese (línguas Jê, Maxakalí e Krenák).

Rodrigues e Cabral (**2010**) apresentam um conjunto de comparações entre as línguas dos troncos Macro-Jê (na acepção de Rodrigues, isto é, incluindo famílias tais como Boróro) e Tupí, dando continuidade a uma hipótese anterior de Rodrigues (2009) referente à suposta origem genética comum dos troncos Macro-Jê, Tupí e Caribe. Embora algumas das comparações apresentadas pareçam promissoras, outras devem ser refutadas à luz dos avanços na investigação da história fonológica das línguas Macro-Jê. Por exemplo, Rodrigues e Cabral (2010) comparam diversas palavras do Kaingáng com as de línguas Tupí em que se observa a correspondência entre KGG *ɸ* e Proto-Tupí *p*: KGG *ɸa* 'perna', *ɸor* 'cheio', *ɸôr* 'jogado fora', *ɸô* 'pus' (vb. *ɸo-m* 'criar pus'), *ɸyr* 'extremidade', *ɸər* 'pele, casca', *ɸi* 'dar, pôr' ~ Tupinambá *py, por, por, pew, apyr, pir, epy* 'comprar'. Hoje sabemos que Kaingáng *ɸ* tem como origem PJM **θ* < PJ **c* < PMJ **c*, tornando inviáveis as comparações supracitadas (cf. a crítica de RIBEIRO, 2004, nota 3).

Martins (**2011**) empreendeu uma tentativa de demonstrar que a língua Guató pertence ao tronco Macro-Jê, porém não logrou reunir um *corpus* de conjuntos de cognatos e nem identificar um sistema de correspondências sonoras entre o Guató e as demais línguas Macro-Jê. A relação entre o Guató e o tronco Macro-Jê será discutida em algum detalhe no capítulo 2 desta tese (seção **2.5**).

Os trabalhos de **Vasconcelos** (**2013a**, dentre outros) e **Carvalho** (**2016**) abordaram a fonologia histórica do Panará. Vasconcelos (2013a) fez uso do método filológico a fim de rastrear as mudanças sonoras que ocorreram na história recente do Panará, demonstrando ainda

que essa língua descende, de fato, do Kayapó do Sul. Carvalho (2016) se focou no desenvolvimento de PJG **r* em Panará (os reflexos possíveis são PNR *r, j* ou zero, a depender do ambiente), mas discutiu ainda diversas outras inovações que ocorreram na história dessa língua, tais como a perda de PJG **k* em codas e — sob certas circunstâncias — em *onsets*.

Ramirez *et al.* (**2015**) fizeram uma tentativa de revisar a classificação das línguas extintas e dormentes do leste brasileiro. Os autores argumentam, de forma persuasiva, contra a inclusão do Koropó na família linguística Purí (tradicional desde a obra de LOUKOTKA, 1937) e sugerem uma explicação alternativa para as semelhanças observadas entre os dados atestados do Koropó (ESCHWEGE, 1818, v. 1, p. 165–171; SCHOTT, 1822, p. 48–51) e do Purí/Coroado. De acordo com Ramirez *et al.* (2015), os Koropó seriam um povo de fala Maxakalí que vivia em uma situação de triglossia (Koropó, Purí, português). Os autores hipotetizam que as listas vocabulares de Eschwege (1818) e Schott (1822) não registram um Koropó puro, mas possuem diversos elementos Purí. Com a retirada do Koropó da família Purí, não restam evidências que possam sustentar a inclusão da família Purí no tronco Macro-Jê. Ramirez *et al.* (2015) ainda abordam a classificação das línguas Maxakalí, Kamakã, Krenák e Jê, concluindo que apenas as famílias Maxakalí e Kamakã, mas não Krenák e Jê, podem ser consideradas definitivamente aparentadas entre si. Entretanto, desconsideramos esse resultado de Ramirez *et al.*, pois a unidade genética das línguas Maxakalí, Krenák e Jê foi demonstrada em múltiplos trabalhos (DAVIS, 1968; SEKI, 2002; NIKULIN, SILVA, 2020).

O estudo de **Carvalho e Damulakis** (**2015**) tratou de assuntos internos ao subramo Akuwẽ. Os autores analisaram os parcos registros existentes do Xakriabá e do Akroá, detectando correspondências sonoras entre essas línguas e as línguas Akuwẽ mais conhecidas (Xavánte e Akwẽ-Xerénte).

Jolkesky (**2016**) providencia uma lista de supostos elementos cognatos entre as famílias Jê, Karajá, Jabutí e Chiquitano (JOLKESKY, 2016, p. 259–262), que, segundo o autor, constituiriam um agrupamento denominado "macro-jê-nuclear". A validade de algumas das etimologias apresentadas é, efetivamente, corroborada por nossa pesquisa, no sentido de que as correspondências sonoras identificadas por nós funcionam, inclusive, nesse material. Entretanto, devemos constatar que o trabalho de Jolkesky (2016) apresenta erros metodológicos de alta gravidade, pondo em xeque as conclusões alcançadas pelo autor (ver também a crítica de CARVALHO, 2017). Esses erros incluem citações de material lexical com glosas incorretas,[35]

[35] Por exemplo, Chiquitano *-pakɨ* 'mãe de *ego* masculino', *kɨri-* 'jacaré', *βoro-* 'lobo-guará' são citados como *pakɨ* 'mulher', *kɨri* 'lagarto', *oboro* 'onça'. No caso do item para 'jacaré', Jolkesky (2016), sem dúvida, foi induzido ao erro pelo desconhecimento do castelhano camba, a variedade do espanhol comumente empregada nas fontes sobre

atribuição errônea de itens lexicais a línguas específicas,[36] falha em identificar empréstimos recentes[37] e segmentações morfológicas equivocadas,[38] bem como o uso de pseudo-reconstruções intermediárias não baseados em evidência empírica alguma. Esse último ponto merece um comentário mais detalhado. Apesar de afirmar que "[q]uando favorecem a análise, protoformas foram inferencialmente reconstruídas para o proto-proto-jê, o proto-proto-karaja e o proto-proto-besiro [sic]" (JOLKESKY, 2016, p. 259), o autor não fornece nenhuma explicação quanto à procedência de tais "protoformas" e nem informa se fez uso de algum conjunto de leis sonoras a fim de obtê-las. Em diversos casos as formas "reconstruídas" por Jolkesky (2016) causam estranhamento por apresentarem elementos que, sem dúvida, foram acrescentados pelo autor com o único fim de aumentar o grau de semelhança entre as formas comparadas. Por exemplo, o item para 'cinza' é dado como Proto-Jê **mrɔj* < "proto-proto-jê" **mrɔhi*; Karajá *brɨbɨ* < "proto-proto-karaja" **brɨbɪ*; "proto-jeoromitxi" (Proto-Jabutí) **brəhi*. Observe que os reflexos desse tema em todas as línguas Jê e Jabutí são monossilábicos; as formas Arikapú *brəɪ* (*mbrəj* em nossa transcrição) e Djeoromitxí *bihi*, citadas em seguida pelo autor, significam 'miúdo, pequeno' e não 'cinza'. Portanto, não há nenhum motivo válido para se postularem proto-formas tais como **mrɔhi*, **brɨbɪ* ou **brəhi*. Em razão do exposto, o material comparativo oferecido por Jolkesky (2016) e as conclusões do autor não serão discutidos nesta tese em maior detalhe.

Pache (**2018**, seção 3.3) explora a possibilidade da existência de um parentesco genético distante entre a família linguística Chibcha e o tronco Macro-Jê. Dos elementos comparados apresentados pelo autor, muitos apresentam discrepâncias semânticas e/ou fonéticas que tornas as comparações pretendidas pouco convincentes (por exemplo, as formas do Proto-Chibcha **kaⁿd- ~ *kat-* 'pau, osso', **ka* 'folha', **ŋgʷaʔ* 'filho', **tau* 'cachorro' são comparados com as formas do Proto-Macro-Jê que reconstruímos, nesta tese, como **pâr°* 'pé', **paj(')* 'braço, galho', **ŋgrê(C)* 'ovo', **jôk ~ *jôŋ* 'animal'). Devemos concluir que as evidências reunidas por Pache (2018) são insuficientes para sustentar a hipótese de parentesco Chibcha–Macro-Jê, embora não podemos descartar a possibilidade de que evidências mais sólidas de tal vínculo sejam encontradas no futuro.

---

o Chiquitano. Em castelhano camba, *lagarto* é o nome dado ao jacaré. Os diferentes tipos de lagarto são conhecidos nessa variedade como *peni* 'teiú' e *jaúsi* 'tipo de calango' e em Chiquitano como *piɲe-*.

[36] Boróro *tori* 'pedra' é citado como se fosse um lexema Karajá, possivelmente porque o lexema Boróro em questão se encontra citado na tese de Ribeiro (2012b, p. 45) sobre o Karajá. Nas variedades Karajá, o item para 'pedra' é [məna] (em Karajá) ou [mana] (em Javaé e Xambioá), apontando para PK **mãn* */bãd/.

[37] Proto-Jê Meridional **kɨse* é citado como cognato de Chiquitano *kɨse*, sendo que ambos são empréstimos óbvios de origem Guaraní.

[38] Chiquitano *kɨ-βɨ(t)si* 'preto', *osiru-* 'riacho', *o-βoro-* 'lobo-guará (*fala masculina*)' são citados como *kɨbisi* 'preto', *siru* 'rio', *oboro* 'onça'. Notamos também um item Chiquitano citado como *oka* 'abelha', possivelmente equivalente a *n-o-βóː-ka* 'carapanãs, insetos daninhos' do dialeto Lomeriano ou a *ijó-ka* 'abelhas' do dialeto Migueleño (ambos de Proto-Chiquitano **-(i)βoo-*), em que *-ka* é um sufixo do plural.

O trabalho de **Ribeiro-Silva** (**2020**) é o primeiro a apresentar um conjunto substancial de etimologias referentes ao complexo dialetal Timbíra e a discutir em suficiente detalhe as correspondências diacrônicas entre as variedades Timbíra analisadas. Os resultados de Ribeiro-Silva (2020) ainda não puderam ser plenamente incorporados nesta pesquisa, mas parecem ser compatíveis com os nossos em grande parte.

Finalmente, apresentamos os trabalhos de nossa (co)autoria que abordam a reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Setentrional (NIKULIN, SALANOVA, 2019, com um enfoque na reconstrução da morfologia verbal), Proto-Cerratense (2017), Proto-Jê (2019a) e Proto-Transanfranciscano (NIKULIN, SILVA, 2020), bem como elementos da reconstrução fonológica do Proto-Jê Meridional (2015) e do Proto-Maxakalí (NIKULIN, 2020a). Há ainda um trabalho nosso que versa sobre a reconstrução fonológica do Proto-Jê de Goyaz (NIKULIN, 2016), mas advertimos ao leitor que a proposta reconstrutiva nele apresentada é inferior àquela que expusemos em um trabalho posterior (NIKULIN, SALANOVA, 2019).

1.4. Convenções de transcrição e representação dos dados: alfabeto Macro-Jê

Tomamos a decisão de unificar a representação de todos os dados das línguas Macro-Jê nesta tese, incluindo as citações das fontes de outros autores, com o intuito de tornar o texto mais legível para os leitores não familiarizados com os sistemas fonológicos e com as convenções ortográficas das línguas consideradas nesta tese. Para esses fins, idealizamos um sistema de notação que busca capturar todos os contrastes fonológicos existentes nas diferentes línguas Macro-Jê, ao mesmo tempo minimizando o uso de sinais diacríticos. Esse sistema, baseado no Alfabeto Fonético Internacional, já foi utilizado em outras publicações de nossa coautoria (NIKULIN, SALANOVA, 2019; NIKULIN, SILVA, 2020); sugerimos que ele seja adotado em futuros estudos comparativos sobre as línguas Macro-Jê. Abaixo descrevemos as diferenças entre o Alfabeto Fonético Internacional e o sistema empregado nesta tese, que batizamos de **alfabeto Macro-Jê.**

Primeiramente, apresentamos a transcrição das vogais no alfabeto Macro-Jê. Para as vogais centrais ou posteriores não arredondadas, usamos os caracteres ***a*** (AFI [a ~ ɑ]), ***ə*** (AFI [ɜ ~ ʌ ~ ɘ ~ ɐ]), ***ə̂*** (AFI [ɵ ~ ɤ]), ***y*** (AFI [ɨ ~ ɯ]), acompanhados de diacríticos adicionais, quando necessário (ver abaixo). Isto se justifica pela inexistência de línguas Macro-Jê em que vogais centrais contrastam com vogais posteriores não arredondadas. Os caracteres ***ə***, ***o***, ***e*** e seus equivalentes nasais ***ə̃***, ***õ***, ***ẽ*** denotam vogais médias-baixas (em línguas com quatro alturas contrastivas) ou médias (em línguas com três alturas contrastivas). Nas línguas que possuem quatro alturas contrastivas, empregar-se-á o acento circunflexo para distinguir as vogais médias-altas

das médias-baixas: ***ɜ̂***, ***ô***, ***ê*** (AFI [ɞ ~ ɤ, o, e]) em contraste com ***ɜ***, ***o***, ***e*** (AFI [ɜ ~ ɜ ~ ʌ ~ ɐ, ɔ, ɛ]). Não há línguas Macro-Jê em que quatro alturas contrastam na série das vogais nasais, eximindo-nos da necessidade de combinar o circunflexo com o diacrítico da nasalidade. Na língua Karajá, o acento circunflexo é utilizado para as vogais [+ATR]: ***ɜ̂***, ***ô***, ***ê***, ***ŷ***, ***û***, ***î*** (AFI [ɞ, o, e, ɨ̞, u, i]); a ausência do mesmo indica as vogais [-ATR]: ***ɜ***, ***o***, ***e***, ***y***, ***u***, ***i*** (AFI [ɜ, ɔ, ɛ, ɨ, ʊ, ɪ]). Nas línguas Jê de Goyaz, a ocorrência de um circunflexo nos caracteres que representam vogais altas denota ditongos decrescentes centralizantes: ***ŷ***, ***û***, ***î*** (AFI [ɨ(w)ă ~ ɯ(w)ă, u(w)ă, i(j)ă]). Algumas línguas Jê Setentrionais possuem ditongos decrescentes centralizantes cujo núcleo é uma vogal não alta; nesses casos, na ausência de uma decisão mais elegante, empregamos dígrafos, por exemplo: ***ow***, ***e̯j***, ***ej*** (AFI [ɔwă, e̯jă, ɛjɛ̆ ~ ɛă]). Finalmente, a vogal do Djeoromitxí cuja pronúncia varia entre [ø] e [ʉ] será transcrita com ***ö***.

Quanto às consoantes, as maiores diferenças dizem respeito à série palatal (alveo-palatal, pós-alveolar; não há línguas Macro-Jê que apresentem contraste entre as três). Empregamos os caracteres ***c*** e ***ĵ*** para quaisquer africadas (surda e sonora, respectivamente) coronais, exceto pelas retroflexas, e para as oclusivas palatais. Isto é, a depender da língua, os caracteres ***c***, ***ĵ*** podem representar os fones [tʃ ~ tɕ ~ ts ~ c, dʒ ~ dʑ ~ dz ~ ɟ]. Seus equivalentes retroflexos são transcritos com os caracteres ***č***, ***ǰ***. Em caso de pouquíssimas línguas (Chiquitano, Proto-Tupí-Guaraní, Proto-Mawé-Guaraní), foi necessário distinguir entre as africadas ***ts*** [ts] e ***c*** [tʃ]. As fricativas surdas são representadas com os caracteres ***s*** (AFI [s]), ***š*** (AFI [ʂ]), ***x*** (AFI [ʃ ~ ç ~ ɕ]). O caractere ***j*** representa uma aproximante palatal ou uma fricativa pós-alveolar (AFI [j ~ ʒ]), fones que não contrastam em nenhuma língua Macro-Jê mas que se encontram em variação em algumas línguas (Parkatêjê, Krenák). A nasal palatal é transcrita com o caractere ***ñ*** (AFI [ɲ]). Finalmente, o caractere ***r*** denota qualquer rótico (AFI [ɾ ~ ɹ ~ ɻ ~ ɺ ~ ʁ ~ ʀ̥]) com a exceção do flepe retroflexo, que contrasta com [ɾ] em Rikbáktsa e é representado com o respectivo caractere do AFI, ***ɾ***, e da coda alveolar do Kĩsêdjê (/-t/ [-t̄ ~ -ɾ̆]), que contrasta com a coda rótica subjacente (/-r/ [-ɺ̆]) e é transcrita com ***t***. O caractere ***ṯʰ*** denota uma oclusiva alveolar ou retroflexa surda aspirada, que contrasta com uma oclusiva dental em Kĩsêdjê e Tapayúna.

Diversas línguas Macro-Jê apresentam um fenômeno conhecido sob o nome de **vogais eco**, que consiste na ocorrência de uma vogal de qualidade previsível após a coda silábica. Não a marcaremos nas línguas em que sua presença é previsível. Entretanto, a nossa proposta reconstrutiva para o Proto-Macro-Jê, Proto-Jê, Proto-Cerratense e, marginalmente, Proto-Jê de Goyaz e Proto-Jê Setentrional envolve vogais eco contrastivas. Isto é, codas aplosivas (sem soltura) contrastariam com codas seguidas de vogais eco. Na reconstrução do Proto-Macro-Jê,

utilizaremos o caractere ° para marcar a vogal eco (por exemplo, **kyˌp°* ‘mosca’, **pĩm°* ‘madeira, lenha’, provável pronúncia [ˈkɯpʊ̆], [ˈpĩmɪ̆]). Nas protolínguas pertencentes à família Jê, a presença da vogal eco não será marcada (PJ **kɔ̂ˌp°* [ˈkɤpɤ̆] ‘mosca’, **pĩm°* [ˈpĩmɪ̆] ‘madeira, lenha’); em vez disso, marcamos a **ausência** da vogal eco com um apóstrofo: PJ **tôm’* [ˈtom̄] ‘gordura’. Esta prática visa minimizar o uso de diacríticos (note que em Proto-Jê a ocorrência de vogais eco é mais comum do que sua ausência).

Muitas línguas Macro-Jê apresentam o fenômeno de **blindagem nasal** (*nasal shielding*, WETZELS, NEVINS, 2018): as consoantes subjacentemente nasais possuem alofones pós-oralizados (na posição de *onset*, precedendo núcleos orais), pré-oralizados (na posição de coda, seguindo núcleos orais) e/ou circum-oralizados (entre núcleos orais). Tomamos a decisão de representar os alofones pós- e circum-oralizados com dígrafos (*mb, nd, nĵ, ŋg*). Os equivalentes surdos desses fones serão grafados como *mp, nt, nc, ŋk*. A pré-oralização não será representada no alfabeto Macro-Jê, pois na maioria das línguas que apresentam esse fenômeno é atestada variação entre as realizações do tipo [-^{D}N] ~ [-N]. Os alofones plenamente orais das consoantes analisadas como nasais serão transcritas como tais (isto é, *b, d, ĵ, g*). Evitamos utilizar uma representação mais fiel à fonologia (como aquela utilizada em DAVIS, 1966; JOLKESKY, 2010, entre outros), pois nem para todas as línguas existe um consenso quanto à representação subjacente dos respectivos segmentos. Por exemplo, as oclusivas sonoras do Rikbáktsa foram analisadas como nasais subjacentes por Lunkes (1967), mas como oclusivas orais pelas demais autoras. Para o Maxakalí, tem-se uma série de análises mutuamente incompatíveis (ver SILVA, 2020a para uma discussão). A escolha de uma representação mais fonética permite contornar esse problema sem que seja necessário incorrer em decisões arbitrárias.

Utilizamos o versalete para representar as codas de línguas em que apenas o ponto de articulação, mas não os demais traços, é contrastivo em coda (Maxakalí e algumas línguas Tupí), como em MXK *mĩP* [mĩh̃ĩβ̞] ‘árvore’ ou *ciP* [tɕiɦiβ̞] ‘fica de pé!’. As codas subjacentes do Proto-Jê, que possivelmente possuíam a realização zero já na protolíngua, serão representadas com caracteres maiúsculos superscritos (por exemplo, **a^{P}*).

O diacrítico de *creaky voice* nos núcleos dos temas nominais do Maxakalí falado e Maxakalí Ritual indica que esses temas são lexicalmente especificados para receberem a consoante *ʔ* (em vez de *h*) quando da formação da chamada “forma longa” (cf. SILVA, 2020a, p. 191). Por exemplo, a notação RIT *pi̯P* ‘metal, ferro, machado’ significa que o alomorfe bimoraico desse tema é [piʔiβ̞] (e não o esperado *[piɦiβ̞]).

Ao citarmos verbos de línguas que possuem uma categoria morfológica de finitude, separamos a forma finita da não finita por uma barra (por exemplo, *kato/kato-r* deve ser lido como

"forma finita *kato*, forma não finita *kato-r*"). A mesma notação é utilizada para as nominalizações do Karajá (por exemplo, *ka/[r]a* deve ser lido como "verbo *ka*, nominalização *[r]a*).

Para as línguas Akuwẽ, que distinguem entre os alomorfes que aparecem no meio e no final de uma frase fonológica, utilizamos a notação "X // Y", em que X é o alomorfe que ocorre na posição medial de um enunciado e Y é aquele que ocorre diante de uma pausa (por exemplo, **kõmõ // *ku*).

As formas reconstruídas ou não confirmadas pelos dados atestados serão marcadas por um asterisco (por exemplo, **jaka*). As formas reconstruídas **e** não confirmadas pelos dados atestados são precedidas por dois asteriscos (em contextos como, por exemplo, "um aparente cognato nessa protolíngua é **pa* em vez do esperado ***ba*"). As tentativas provisórias de fonologização de dados de baixa qualidade são marcadas com # (por exemplo, *#ka*). Utilizaremos barras e colchetes para representações fonológicas e fonéticas, respectivamente, inclusive nas reconstruções (por exemplo, */m/ *[mb]). Os colchetes são também utilizados para destacar os infixos, mas nesse caso o material segmentado aparecerá em itálico (por exemplo, *b[r]u*). Nas ocasiões em que citamos material que não pudemos fonologizar de forma não ambígua, utilizamos chevrons (por exemplo, JAI ‹uschiegkó› 'ouvir'). Em alguns casos, utilizamos letras maiúsculas subscritas para indicar as fontes dos dados; por exemplo, a notação "‹diélsede›$_{TB}$" significa que o dado (nesse caso, pertencente à língua Otí) foi recolhido por Telêmaco Borba.

Para fins de uniformização, as glosas dos exemplos linguísticos extraídos de trabalhos de outros autores foram refeitas por nós (a não ser que se explicite o contrário), em particular no que tange ao elemento que chamamos de "consoante temática" (ver capítulo 4) e aos rótulos dados às categorias utilizadas (por exemplo, utilizamos, de forma consistente, a glosa NF para os afixos das línguas Jê que, segundo diferentes autores, codificam a "forma longa", "forma não finita", "nome de ação" ou "nominalização").

Capítulo II.
Delimitação do tronco Macro-Jê

O tronco Macro-Jê se destaca entre os agrupamentos genéticos da América do Sul pela inexistência de consenso quanto a sua constituição. Apesar disso, o rótulo "Macro-Jê" é comumente utilizado em inúmeros trabalhos de áreas tão diversas como a linguística, a antropologia, a história, a arqueologia e a genética, tanto acadêmicos como de outros cunhos, sem que a qualidade das evidências que subjazem a classificação de várias línguas sul-americanas como Macro-Jê seja problematizada.

Para um estudo reconstrutivo, é de extrema importância garantir que línguas não relacionadas (ou relacionadas em um nível mais distante do que se pretende) não sejam incluídas na comparação. Caso contrário, incorre-se no risco de os esforços do pesquisador serem fúteis, pois seu trabalho necessariamente estaria baseado, pelo menos parcialmente, em material não cognato.

Até o presente, evidências sólidas foram apresentadas para a existência de um vínculo genético entre os seguintes pares de famílias: Jê e Maxakalí (DAVIS, 1968), Jê e Karajá (DAVIS, 1968; RIBEIRO, 2012b), Jê e Krenák (SEKI, 2002). Pouquíssimos trabalhos têm se dedicado a uma demonstração de parentesco entre mais de duas famílias; comparações multilaterais são encontradas nos trabalhos de Adelaar (2008), de Ribeiro e Voort (2010) e de Nikulin e Silva (2020), embora cada um desses trabalhos privilegie apenas um par de famílias (Chiquitano e Jê em ADELAAR, 2008; Jabutí e Jê em RIBEIRO, VOORT, 2010; Maxakalí e Krenák em NIKULIN, SILVA, 2020). Alguns autores (ao nosso ver, corretamente) aceitam apenas evidências desse tipo quando da delimitação do tronco Macro-Jê. Por exemplo, Jolkesky (2016) faz uso do termo "macro-je-nuclear", incluindo nesse agrupamento apenas as famílias Jê, Karajá, Jabutí e Chiquitano (não está claro o porquê da exclusão do Maxakalí e do Krenák); o mesmo rótulo é utilizado por Glottolog 4.1 (HAMMARSTRÖM *et al.*, 2019).

Além dos trabalhos supracitados, houve diversas outras tentativas de vincular famílias adicionais ao tronco Macro-Jê através da aplicação do método comparativo, porém, ao nosso ver, os trabalhos em questão apresentam vícios de cunho metodológico (fonologização incorreta dos dados primários, segmentação morfológica não justificada, identificação de padrões erráticos de correspondências, comparações espúrias) que invalidam uma parte ou até mesmo a totalidade dos resultados alcançados por seus autores. Referimo-nos aos trabalhos de Guérios (1939, Boróro e Jê Setentrional), Gudschinsky (1971, Ofayé e Jê), Boswood (1973, Rikbáktsa e Jê), Rodrigues e Cabral (2007, Boróro, Jê e outras famílias), Martins (2009, Kamakã e Purí;

2011, Guató e Macro-Jê).[39] Além disso, alguns autores têm apresentado evidências morfológicas ou tipológicas para a inclusão das famílias Karirí (RIBEIRO, 2002) e Boróro (RODRIGUES, 1993) no tronco Macro-Jê, mas estas têm um impacto nulo para a classificação genética por não virem acompanhadas de evidências lexicais e fonológicas.

Finalmente, mencionaremos alguns trabalhos em que foram empreendidas tentativas de obter classificações em larga escala, tais como os de Martius (1867), Steinen (1886), Ehrenreich (1891), River (1924), Schmidt (1926), Mason (1950), Loukotka (1968), Greenberg (1987), Kaufman (1990) e Rodrigues (1999). Embora possuam importância historiográfica e sejam frequentemente citados em obras que tratam de línguas Macro-Jê, as classificações contidas nesses trabalhos se baseiam, predominantemente, na detecção de semelhanças lexicais entre línguas modernas e não na aplicação do método histórico-comparativo. Isto implica na impossibilidade de aceitarmos, acriticamente, alguma dessas classificações como válida. Resumimos, no Quadro 2.1 abaixo, as propostas classificatórias em questão, omitindo os detalhes referentes ao subagrupamento (um sobrevoo pode ser encontrado no trabalho de RIBEIRO-SILVA, 2020, capítulo 1). Os nomes dos agrupamentos tidos como Macro-Jê nesta tese encontram-se destacados em negrito.

	Martius (1867)	Steinen (1886)	Ehrenreich (1891)	Rivet (1924)	Schmidt (1926)	Mason (1950)	Loukotka (1968)	Greenberg (1987)	Kaufman (1990)	Rodrigues (1999)
nome do tronco	diversos[40]	Tapuya	Gē	Že	Ges-Tapuya	Macro-Ge	diversos	Macro-Ge	Macro-Jê	Macro-Jê
Jê de Goyaz	Gês	+	+	+	+	+	Zé/Ge	+	+	+
Akuwẽ	Gês	+	+	+	+	+	Zé/Ge	+	+	+
Paranaenses	Cren *ou* Gueren		+	+	+	+	Kaingán	+	+	+
Jaikó	Gês		+			+	Zé/Ge	?[41]	+	+

[39] Críticas relativas a alguns dos trabalhos mencionados podem ser encontrados nos trabalhos de Ribeiro (2004, p. 96, n. 3; 2005; 2012b, p. 263, 266) e Ribeiro e Voort (2010, p. 548, nota 32), bem como no capítulo anterior (seção **1.4**).

[40] A classificação de Martius (1867), baseada nas intuições do autor, identifica grandes agrupamentos que recebem os títulos Tupi, Gês, Goitacás, Cren (Gueren) e Guck (Coco), além de classificar algumas línguas como isoladas. O agrupamento Tupi incluiria, além do Boróro, as línguas classificadas hoje como Tupí e Múra. O agrupamento de Gês compreenderia, além das línguas listadas no Quadro 2.1, o Tikúna (Tikúna-Yurí), o Katukína (Katukína-Harakmbet) e o Kueretú (Tukáno). O agrupamento Cren (Gueren) incluiria, além das línguas mencionadas no Quadro 2.1, o Mapudungun (isolada). Finalmente, o agrupamento Guck (Coco), na concepção de Martius (1867) é composto por línguas classificadas atualmente como Karirí, Karajá, Aruák, Caribe, Arawá, Páno e Tikúna-Yurí.

[41] Greenberg (1987) não especifica quais línguas acredita formarem parte da família Jê, deixando-nos em dúvida quanto a sua posição relativa a afiliação genética da língua Jaikó.

	Martius (1867)	Steinen (1886)	Ehrenreich (1891)	Rivet (1924)	Schmidt (1926)	Mason (1950)	Loukotka (1968)	Greenberg (1987)	Kaufman (1990)	Rodrigues (1999)
Maxakalí Nuclear	Goitacás	+	+	+	+	+	Mashakali	+	+	+
Malalí	Cren *ou* Gueren				+	+	Mashakali	+	+	+
Krenák	Cren *ou* Gueren	+	+	+		+	Botocudo	+	+	+
Kamakã	Gês	+	+	+	+	+	Kamakan	+	+	+
Karajá	Guck *ou* Coco	+					Karajá	+	+	+
Ofayé							Opaie	+	+	+
Rikbáktsa							Erikbaktsa	+	+	+
Jabutí						+/-[42]	Yabutí	+		
Chiquitano							Chiquito	+	+	
Boróro	Tupi						Boróro	+	+	+
Yaathê							Fulnio	+	+	+
Karirí	Guck *ou* Coco						Kiriri			+
Purí	Cren *ou* Gueren			+		+	Puri	+	+	+
Guató	Cren *ou* Gueren						Guató	+	+	+
Otí							Otí	+		

Quadro 2.1. Composição do tronco Macro-Jê ou equivalentes nas classificações de larga escala

No capítulo **3** desta tese, apresentaremos diversos cognatos lexicais e discutiremos as respectivas correspondências sonoras entre as famílias **Jê**, **Transanfranciscana** (incluindo as línguas Maxakalí, Krenák e Kamakã), **Karajá**, **Ofayé**, **Rikbáktsa**, **Jabutí** e, com ressalvas, **Chiquitano**. De acordo com a definição gnoseológica do parentesco genético dada no capítulo anterior, isto é suficiente para demonstrar que as famílias supracitadas são relacionadas uma à

[42] Mason (1950, p. 276) diz que as línguas Mashubi, Aricapu e Yaputi (hoje conhecidas como Arikapú e Djeoromitxí, da família Jabutí) não devem ser classificadas em razão da escassez de dados disponíveis. Em uma outra seção, entretanto, Mason (1950, p. 292) lista o Aricapu e o Yabuti como "possivelmente Caingang" (nome que ele dá ao ramo Paranaense.

outra. Portanto, o restante deste capítulo versará sobre as evidências negativas que nos impedem de concordar com a inclusão das famílias **Boróro** (**2.2**), **Yaathê** (**2.3**), **Purí** (**2.4**), **Guató** (**2.5**), **Karirí** (**2.6**) e **Otí** (**2.7**) no tronco Macro-Jê, servindo, assim, de justificativa para não tratar dos dados dessas línguas nos capítulos consequentes.[43] Antes de procedermos à exposição dessas evidências negativas, comentaremos, na subseção **2.1**, sobre a metodologia que empregamos para emitir um julgamento negativo sobre a plausibilidade de um vínculo genético em um determinado nível.

2.1. Demonstração da implausibilidade de uma hipótese de parentesco

Se, por um lado, conseguimos determinar os critérios que apontam à provável existência de um vínculo genético entre dois ou mais agrupamentos linguísticos, por outro é significativamente mais difícil demonstrar a **ausência** de tal relação, pois a possibilidade de que os agrupamentos linguísticos em questão sejam aparentados em um nível extremamente profundo — talvez não mais discernível — nunca pode ser descartada (ao menos com os métodos dos quais dispomos hoje). Mais factível é a tarefa de demonstrar que dois agrupamentos linguísticos não são relacionados **no nível que se pretende**, isto é, que pelo menos um deles possui parentes mais próximos. Lembramos ao leitor que a inexistência de hipóteses concorrentes mais plausíveis faz parte da definição gnoseológica do parentesco genético, dada no capítulo anterior.

Uma ferramenta particularmente útil, ainda que pouco difundida na atualidade, para os fins de busca preliminar de hipóteses de parentesco de longa distância é a chamada **léxico-estatística preliminar** (STAROSTIN, 2010), a qual não deve ser confundida com a léxico-estatística clássica, usada para as investigações relacionadas ao subagrupamento de famílias já estabelecidas.[44] Starostin (2010) advoga pelos seguintes princípios, indispensáveis para que os resultados do procedimento possam ser interpretados acima do nível de significância: (i) uso de

[43] Em teoria, o mero fato de não termos logrado identificar um conjunto de cognatos e de correspondências sonoras regulares entre determinadas famílias constitui, por si só, uma justificativa suficiente para excluir os dados dessas famílias da discussão. Entretanto, considerando o impacto que a obra de Rodrigues (1999) teve nas pesquisas posteriores e a proliferação de sua classificação nos trabalhos dos mais diversos cunhos, julgamos pertinente dedicar um capítulo a uma discussão explícita do porquê da rejeição de algumas das hipóteses anteriores.

[44] Enfatizamos que as *condições de aplicabilidade* da lexicoestatística preliminar são menos estringentes em comparação com aquelas dos procedimentos "clássicos" associados com o método histórico-comparativo (tais como a classificação interna através do método das inovações compartilhadas), pois esses últimos podem ser aplicados apenas a línguas cuja afinidade genética se encontra fora de dúvida. Em compensação, a lexicoestatística preliminar perde para os procedimentos "clássicos" no que diz respeito à *interpretabilidade* de seus resultados: ao invés de fornecer *demonstrações* ou *provas*, ela permite obter meras aproximações da probabilidade de que um determinado conjunto de línguas apresente uma origem genética comum.

Por esse motivo, ao decorrer desta tese aplicamos métodos diferentes de classificação a conjuntos de línguas diferentes: para as línguas cuja afiliação ao tronco Macro-Jê pôde ser demonstrada através do método histórico-comparativo (ver capítulo **3**), foram utilizados métodos mais rígidos; para as demais línguas, discutidas neste capítulo, limitamo-nos à lexicoestatística preliminar.

listas vocabulares reduzidas, contendo apenas itens muito estáveis, referentes às protolínguas de baixa profundidade (o tamanho sugerido das listas é 50 itens); (ii) uso de um procedimento "misto" de julgamento de possíveis cognatos, baseado em correspondências regulares caso estas já tenham sido estabelecidas através do método comparativo e em "compatibilidade fonética com traços de regularidade" caso não se tenha conhecimento de correspondências regulares; (iii) fortes restrições à escolha de formas que devem ser incluídas na comparação nos níveis cronológicos de baixa, média e alta profundidade, a fim de minimizar a necessidade de processar mais de uma forma em cada *slot*; (iv) uma abordagem "recursiva" (*bootstrapping*) ao julgamento de possíveis cognatos, em que a primeira etapa dos cálculos é seguida de uma etapa de refinamento, cujo propósito é eliminar falsos positivos (semelhanças cuja suposta origem histórica seria incompatível com o cenário sugerido pela primeira etapa). Instruções detalhadas relativas ao preenchimento das listas para as protolínguas de baixa profundidade, incluídas aí as orientações referentes à escolha dos melhores candidatos para cada *slot*, podem ser encontradas no trabalho citado (STAROSTIN, 2010).

Para verificar o quão provável é a existência de um vínculo genético entre o tronco Macro-Jê (tal como concebido nesta tese) e as famílias Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí e Otí, aplicamos o procedimento sugerido por Starostin (2010) a essas línguas, usando também o Proto-Tupí para fins de controle externo. Em seguida, avaliamos a possibilidade de que cada uma das famílias Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí e Otí seja mais estreitamente relacionada ao tronco Macro-Jê do que qualquer uma delas ao tronco Tupí (ou do que o próprio tronco Macro-Jê ao tronco Tupí).

Para esses fins, elaboramos uma lista de **38** significados básicos (um subconjunto da lista de Swadesh) que julgamos ser particularmente aptos para uma busca de relações de longa distância entre as línguas das terras baixas da América do Sul. Definimos esse conjunto da seguinte maneira. Primeiramente, verificamos para cada significado da lista de Swadesh (utilizamos uma versão estendida com dez significados adicionais, totalizando 110 itens, tal como reproduzida em KASSIAN *et al.*, 2010) se o respectivo item pode ser reconstruído, de forma não ambígua, para cada uma das seguintes protolínguas das terras baixas da América do Sul: (i) Proto-Wichí-Chorote (sem controle externo); (ii) Proto-Nadahup (sem controle externo); (iii) Proto-Hup-Dâw (controle externo: Nadëb); (iv) Proto-Tuparí Nuclear[45] (controle externo: Makuráp e outras línguas Tupí); (v) Proto-Mawé-Guaraní (controle externo: outras línguas Tupí); (vi) Proto-Kawapana (sem controle externo); (vii) Proto-Boróro (sem controle externo); (viii)

[45] Por "Tuparí Nuclear" entendemos o agrupamento constituído pelas línguas Tuparí, Wayoró, Sakurabiát e Akuntsú (NIKULIN, CARVALHO, 2018, p. 268).

Proto-Jabutí (controle externo: outras línguas Macro-Jê); (ix) Proto-Transanfranciscano (controle externo: outras línguas Macro-Jê); (x) Proto-Jê (controle externo: outras línguas Macro-Jê); (xi) Proto-Cerratense (controle externo: outras línguas Macro-Jê); (xii) Proto-Jê Setentrional (controle externo: outras línguas Macro-Jê); (xiii) Proto-Akuwẽ (controle externo: outras línguas Macro-Jê); (xiv) Proto-Jê Meridional (controle externo: outras línguas Macro-Jê). A escolha das protolínguas foi guiada pela existência de listas comparativas padronizadas prontas, elaboradas por nós para a *Global Lexicostatistical Database* e publicadas no âmbito da mesma (STAROSTIN, 2011–2019). Selecionamos 50 itens que verificamos serem facilmente reconstruíveis para, no mínimo, 11 protolínguas (de um total de 14 protolínguas consideradas), listados a seguir:

– **‘osso’**, **‘semente’**, **‘dormir’**, **‘tu’** (14 protolínguas);

– **‘vir’**, **‘nome’**, **‘ovo’**, **‘olho’**, **‘fogo’**, **‘pé’**, **‘cabelo’**, **‘cabeça’**, **‘piolho’**, **‘caminho’**, **‘língua’**, **‘eu’** (13 protolínguas);

– **‘novo’**, **‘barriga’**, **‘pele’**, **‘morder’**, **‘unha’**, **‘terra’**, **‘comer’**, **‘dar’**, **‘folha’**, **‘fígado’**, **‘carne’**, **‘chuva’**, **‘raiz’**, **‘rabo’**, **‘dente’**, **‘árvore/pau’**, **‘água’**, **‘sangue’** (12 protolínguas);

– **‘beber’**, **‘gordura’**, **‘pedra’**, **‘saber’**, **‘casca’**, **‘chifre’**, **‘estar em pé’**, **‘cinza’**, **‘mão’**, **‘ouvir’**, **‘lua’**, **‘boca’**, **‘nariz’**, **‘estar sentado’**, **‘ir’**, **‘nós’** (11 protolínguas).

Optamos por eliminar os seguintes itens dessa lista por diferentes motivos:

– os itens **‘eu’**, **‘tu’**, **‘nós’**, que, apesar de estáveis, não são ideais para uma testagem de hipóteses de longa distância por frequentemente apresentarem paradigmas supletivos de caso, distinções entre pronomes e índices *vel sim.*, além de tenderem a possuir formas demasiadamente curtas, implicando em um alto risco de falsos positivos;

– os itens **‘casca’**, **‘saber’**, **‘chifre’**, **‘vir’**, por serem comumente expressos por raízes idênticas àquelas que denotam ‘pele’, ‘ouvir’, ‘árvore/pau’, ‘ir’;

– os itens **‘comer’**, **‘beber’** e **‘morder’**, visto que o campo semântico de ingestão é organizado de formas radicalmente diferentes em diferentes famílias da região, com algumas línguas (Caribe, Rikbáktsa) distinguindo entre múltiplos verbos para ‘comer’ a depender da textura do objeto ingerido e outras (Tupí) possuírem apenas um verbo para todos os tipos de ingestão, incluindo o consumo de substâncias líquidas; além disso, várias línguas apresentam lexemas diferentes para ‘comer (*transitivo*)’ e ‘comer (*intransitivo*)’, dificultando a escolha da(s) forma(s) a ser(em) incluída(s) nas comparações externas;

– o item **‘barriga’**, problemático em razão da frequente existência de lexemas semanticamente próximos (‘estômago’, ‘bucho’, ‘abdômen’), dificultando a escolha da(s) forma(s) a ser(em) incluída(s) nas comparações externas;

– o item **‘novo’**, problemático no que diz respeito à atestação, pois várias fontes sobre línguas pouco documentadas falham em distinguir entre ‘novo (*objeto*)’ e ‘novo (*idade*), jovem’.

A lista final utilizada nesta investigação é, então: **‘osso’**, **‘semente’**, **‘dormir’**, **‘nome’**, **‘ovo’**, **‘olho’**, **‘fogo’**, **‘pé’**, **‘cabelo’**, **‘cabeça’**, **‘piolho’**, **‘caminho’**, **‘língua’**, **‘pele’**, **‘unha’**, **‘terra’**, **‘dar’**, **‘folha’**, **‘fígado’**, **‘carne’**, **‘chuva’**, **‘raiz’**, **‘rabo’**, **‘dente’**, **‘árvore/pau’**, **‘água’**, **‘sangue’**, **‘gordura’**, **‘pedra’**, **‘estar em pé’**, **‘cinza’**, **‘mão’**, **‘ouvir’**, **‘lua’**, **‘boca’**, **‘nariz’**, **‘estar sentado’**, **‘ir’**.

No Quadro 2.2 abaixo, reproduzimos as listas reconstruídas ou compiladas por nós para o Proto-Macro-Jê (sem Chiquitano; esta tese), Proto-Chiquitano (NIKULIN *et al.*, manuscrito; **Apêndice H**) e Proto-Tupí (NIKULIN, CARVALHO, manuscrito; **Apêndice G**), três agrupamentos que, como será discutido em maior detalhe no próximo capítulo, acreditamos serem relacionados em um nível altamente profundo (ver também ADELAAR, 2008; RODRIGUES, 2009). As chamadas consoantes temáticas (ver capítulo **4**) encontram-se segmentadas por meio de hifens em razão de seu *status* comparativo ambíguo.[46]

	PMJ	PChq	PT	semelhanças
cinza	*mbrôŋ	*tyβyty-	N/A[47]	
pé	***<u>pâr°</u>**	*-pope	***<u>py</u>**	MJ/T (?)
folha	***<u>c(-)yɪj</u>**	*-a**<u>su</u>**	*j-əᴘ	MJ/Chq
fígado	***<u>mbâ(C)</u>**	*-pakã	***<u>py</u>(-)ʔa**	MJ/T
dente	*j-**<u>uñ°</u>**	*(-ts)-**<u>oʔo</u>**	*j-**<u>ãc</u>**	MJ/Chq/T
cabelo	***<u>ke</u>** *j-i(C)	***-<u>ki</u>**	*j-aᴘ	MJ/Chq
pele	*kəj	*-taki	*pe	
água	*mbiɪn°	*tu-	*ʔɯ	
língua	*ñ-**<u>ũɪctôk</u>**	***-<u>õtu</u>**	*kʲũ	MJ/Chq

[46] Pelo menos nas línguas Tupí, determinados temas nominais (**əK* ‘casa’, **ə-ƙɯP* ‘flecha’) não apresentam a consoante temática quando absolutos, mas a adquirem ao serem possuídos (**j-əK* ‘casa de’, **j-ə-ƙɯP* ‘flecha de’). Isto não ocorre nas línguas Macro-Jê, porém uma alternância semelhante pode ser reconstruída para pelo menos um verbo do Proto-Macro-Jê, **ũɪr* ‘dormir’ (forma finita), cuja forma não finita é **ñ-ũɪt°* (note que nas línguas Macro-Jê mais conservadoras os verbos dessa classe expressam seu único argumento como externo na forma finita, mas como interno na forma não finita; ver capítulo **5** para mais detalhes).

[47] Não se reconstrói uma raiz com o significado ‘cinza’ para o Proto-Tupí. Nas famílias constituintes ocorrem raízes tais como Proto-Tuparí **jẽT* ‘fezes; cinza’, Karitiána *ñõnĩŋ*, Sateré-Mawé *ywyrup*, Awetí *(taža-)ʔipuK*, Proto-Tupí-Guaraní **tãnĩmbuK*.

	PMJ	PChq	PT	semelhanças
boca	*j-ar°(-kuñ°)	*-aʔi	*j-ẽ[48] *wuru[49]	
nariz	*ñ-**ĩja**	***-ĩña**	*ãpyC	MJ/Chq
olho	***ndôm°**	***(-sU)-to**	*(e-)ca	MJ/Chq
orelha	*ñĩpV[50]	*-masu	*nãpi[51]	
cabeça	*krỹj°	*-tãnU	*ʔa	
fogo	*kucəm°	*pe-	*j-atʲa	
árvore	***kyɪm°**	*soe-	***kɯP**	MJ/T
semente	***c(-)əm°**	*i**jo-**	*j-upa[52]	MJ/Chq
osso	*c(-)**et** ~ *c(-)**ek**	*-pa-**ʔi**	*kãK	MJ/Chq
ouvir	*mbâ	*-õk-oʔi	*…-tuP (*j-ẽ-tuP, *waK-tuP)[53]	
gordura	*tum	N/A[54]	*kʲaP	
dormir	*ũɪr/*ñũɪt°	*-a-no-	*kʲeT	
terra	***ŋgy(C)**[55]	***ky-**	***kɯC**	MJ/Chq/T
piolho	*ŋgyɪt	*-ãpa	*ŋgɯP	
pedra	*kra(C)	*kã-	*wyca	
chuva	***ndaj(°)**	***ta-**	*ãmãT	MJ/Chq
peito	N/A[56]	*-tusi	*ŋãP	

[48] Raiz preservada em seu significado original em Akuntsú (*jẽ*) e, com prefixos opacos, em Sakurabiát *ĩjẽ* e Tuparí *ojẽ*. Em outras línguas Tupí, é comumente encontrada em compostos para 'saliva' (Proto-Mawé-Guaraní **j-ẽ-ty* > **j-ẽ-ndy*), 'beiço' (Proto-Mawé-Guaraní **j-ẽ-pe* > **j-ẽ-mbe*), 'ouvir = ver a boca' (Proto-Mawé-Guaraní **j-ẽ-tuP* > **j-ẽ-nduP*).

[49] Raiz preservada em seu significado original em Tupí-Guaraní (**juru*), Puruborá (*uru-ʔaP*) e possivelmente Makuráp (*ora-pi*), muito embora o reflexo da vogal da segunda sílaba em Makuráp seja totalmente inesperado. Destacamos também a raiz **py* 'parte interior', cujo reflexo significa 'boca' nas línguas Mundurukú (**-pi*) e ocorre nos compostos que significam 'boca' em Makuráp (*ora-pi*) e Awetí (*tu-py*).

[50] Raiz preservada apenas em Rikbáktsa e na família Jabutí, com uma correspondência única entre as vogais (Rikbáktsa *i* ~ Proto-Jabutí **y*).

[51] Raiz preservada em Awetí-Guaraní e nas línguas Mondé. Nas línguas Tuparí e Karitiána, ocorre uma raiz distinta cuja proto-forma pode ser reconstruída como **api* ou **apy* (possivelmente um composto de Proto-Tupí **ʔa* 'cabeça' e **py* 'interior').

[52] Reflexos de **j-upa* significam 'grão' em Makuráp (*copa*, 3 *t-opa*), 'semente, olho' em Karitiána (*sypo*) e 'rosto' em Mundurukú (Proto-Mundurukú **ðópa*, 3 **t-ópa*). Essa raiz não deve ser confundida com Proto-Tupí **jəba* 'rosto, testa' > Proto-Tupí-Guaraní **toβa* 'rosto', Awetí *towa* 'rosto', Makuráp *cepa* 'testa', Tuparí *epa* 'olho'.

As línguas Tuparí apresentam também um reflexo de Proto-Tupí **ɬit* com o significado 'semente'; em outras línguas Tupí, o cognato desse item significa 'esperma', 'filho de homem' *vel sim.*

Além disso, há raízes com o significado 'semente' cuja distribuição é restrita a famílias específicas do tronco Tupí, tais como Proto-Mawé-Guaraní **jãʔỹC*, Proto-Tuparí **jambi*, Proto-Mundurukú **ða*, Yudjá *-byɬa*, Káro *cot*.

[53] O verbo **tuP* do Proto-Tupí certamente significava 'ver'; o significado 'ouvir' ocorre em compostos (Proto-Tuparí **waK-toP* 'ver o som', Proto-Mawé-Guaraní **j-ẽ-tuP* > **j-ẽnduP* 'ver a boca').

[54] As variedades do Chiquitano empregam o empréstimo do espanhol para esse significado (**mãteka-*).

[55] Raiz preservada apenas em Proto-Jê Meridional mas projetada para o Proto-Macro-Jê à luz da existência de um paralelo perfeito em Chiquitano e nas línguas Tupí.

[56] Não se reconstrói uma raiz com o significado 'peito' (em oposição a 'seio') para o Proto-Macro-Jê. Nas famílias constituintes ocorrem raízes tais como PCerr **ñõkôt*, PJM **θê*, Maxakalí *keP*, PK **ber-ti*, Rikbáktsa *harak, erok*. Em Arikapú, ocorre um derivado de *mbə* 'fígado'.

	PMJ	PChq	PT	semelhanças
mão	*ñ-**ĩm°**	***-ẽʔẽ**	*po	MJ/Chq
caminho	*prən°	*kotVβyu-	*pe, *j-a-pe	
dar	***ũp**	*-a-ce-	***ũP**	MJ/T
estar sentado	*ñ-ỹp	*-tymõ-	*apyK	
estar deitado	*nũp	*-a-ryky-	*j-uP	
ir	*tẽ	N/A[57]	*teT ~ *təT *to ~ *tə[58]	
voar	*tôp	*-atso-	*tẽP	
sangue	*jum	*-õto	*j-əɯ	
rabo	***c(-)uk**	*i**jo-**	*j-uaC(-po)	MJ/Chq
carne	***ñ-ĩt**	*a**ñe-**	***ẽT**[59]	MJ/Chq/T
ovo	*ŋgrê(C)	*-ciki	*j-upi(-ʔa)	
nome	*-**jet**	*(-ts)-yri	***j-eT**	MJ/T
unha	N/A[60]	*-ykyki	*j-ã[61]	

Quadro 2.2. Semelhanças técnicas entre o Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí

Para os troncos Macro-Jê e Tupí, foram consideradas "tecnicamente semelhantes" as sílabas cujos *onsets* e codas são articulados no mesmo ponto de articulação em ambas as protolínguas e cujos núcleos não diferem quanto a sua anterioridade.[62] As codas foram ignoradas quando da comparação com o Chiquitano, pois o léxico nativo do Chiquitano apresenta apenas sílabas abertas (salvo em casos de síncope), sugerindo que na pré-história dessa língua as codas silábicas, se alguma vez existiram, foram eliminadas ou ressilabificadas como *onsets*. Segmentações morfológicas arbitrárias geralmente não foram admitidas. Uma exceção foi feita para as palavras **asu-* 'folha' e **añe-* 'carne' do Chiquitano: nesses dois casos, seguindo Adelaar (2008), supusemos que **a-* poderia ser, historicamente, um prefixo fossilizado (talvez comparável a

[57] As variedades do Chiquitano apresentam um paradigma totalmente irregular para esse verbo, sendo a respectiva raiz verbal indiscernível.

[58] Os reflexos de **teT ~ *təT* são atestados nas famílias Tuparí e Arikém. Os reflexos de **to ~ *tə* são atestados nas famílias Mawé-Guaraní e Mundurukú. No plural, reconstrói-se uma raiz diferente, Proto-Tupí **waT* (preservada, por exemplo, nas línguas Tuparí, Karitiána e em Sateré-Mawé).

[59] Preservado nas famílias Mundurukú e Tuparí, sem uma consoante temática na primeira (**ẽn*) e con tal consoante na segunda (**j-ẽT-ʔa*).

[60] Não se reconstrói uma raiz com o significado 'unha' para o Proto-Macro-Jê. Nas famílias constituintes ocorrem raízes tais como PCerr **ñĩ-kop*, PJM **nĩ-ŋgru*, PK **de-sîkã*, Ofayé *ñĩ-ɸanxe*, PJab **nĩ-kətəj*. Nas línguas Transanfranciscanas e Rikbáktsa ocorrem compostos não cognatos que significam, literalmente, 'pele da mão'.

[61] Preservado na família Mundurukú e em prováveis compostos opacos nas línguas Puruborá (*xukujã*) e Tuparí/Wayoró (*kĩrĩjã*).

[62] Cientes de que mudanças sonoras que transpassam os limites aqui estabelecidos são perfeitamente possíveis nas línguas do mundo e ocorrem inclusive em línguas Macro-Jê (por exemplo, PCerr **ə* > PA **e*), para os presentes fins optamos por utilizar critérios extremamente rígidos de modo a minimizar os eventuais falsos positivos. É notável o fato de que mesmo com esses critérios estringentes pudemos identificar um número considerável de semelhanças técnicas entre Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí.

Proto-Macro-Jê **ap-* ‘argumento genérico’), como em PChq **ape-* ‘céu’ (~ PMJ **mbêñ°* ~ **mbêŋ(°)*). Uma exceção semelhante foi feita para PChq **ijo-* ‘rabo, cauda; semente’. Marcamos como incerta a semelhança técnica entre PMJ **pâr°* ‘pé’ e PT **py* ‘pé’, admitindo a possibilidade de as aproximantes em coda do Proto-Macro-Jê (muito raras nessa posição) corresponderem a zero em Proto-Tupí. Dessa forma, a quantidade de semelhanças técnicas entre as famílias em questão é como segue: 12–13 para Macro-Jê–Chiquitano, 7–8 para Macro-Jê–Tupí, 3 para Chiquitano-Tupí, números compatíveis com a ideia de que o Chiquitano é mais estreitamente relacionado ao tronco Macro-Jê do que o tronco Tupí. (A título de comparação, nenhuma língua Macro-Jê moderna preserva menos de 15 palavras da mesma lista com o significado original; o número 15 diz respeito à língua Rikbáktsa, cuja história fonológica é uma das menos bem compreendidas dentre as línguas do tronco.)[63] Utilizando os dados das línguas modernas no lugar das protolínguas reconstruídas, obtêm-se os seguintes números (escolhemos as línguas Maxakalí, Chiquitano Migueleño e Tuparí como representativas dos três agrupamentos): 6–7 para Macro-Jê–Chiquitano (‘folha’, ‘dente’, ‘língua’, ‘semente’, ‘mão’, ‘carne’, ? ‘chuva’), 4–

[63] As retenções nas línguas das diferentes famílias são como segue.

Kayapó (Jê): 29 retenções (*mro* ‘cinza’, *par* ‘pé’, *pi-**ʔô*** ‘folha’, *ma* ‘fígado’, *ĵwa* ‘dente’, *kə* ‘pele’, *ñõto* ‘língua’, *jajkwa* ‘boca’, ***ñija**-kre* ‘nariz’, *no* ‘olho’, *krə̃* ‘cabeça’, *kwy* ‘fogo’, *ʔy* ‘semente’, *ʔi* ‘osso’, *ma/**ma**-r* ‘ouvir’, *twə̂m* ‘gordura’, *ŋõr/ñõt* ‘dormir’, ***ŋô**-re* ‘piolho’, *na* ‘chuva’, ***ñi**-kra* ‘mão’, *pry* ‘caminho’, *ŋə̃/**ñõ**-r* ‘dar’, *ñỹ/**ñỹ**-r* ‘estar sentado.SG’, *nõ/**nõ**-r* ‘estar deitado.SG’, *tẽ/**tẽ**-m* ‘ir/vir.SG’, *to/**to**-r* ‘voar/dançar’, *mry-**ñĩ*** ‘carne’, *ŋre* ‘ovo’, *ñi**ĵi*** ‘nome’). Reflexos semanticamente divergentes: *mê* ‘gota’ (< *‘água’), *kô* ‘borduna; grupo de árvores’ (< *‘árvore’).

Maxakalí (Transanfranciscana): 21 retenções (*ptuK* ‘cinza’, *pata* ‘pé’, *cyC* ‘folha’, *cuC* ‘dente’, *ce* ‘cabelo’, *caC* ‘pele’, *ñũCcũK* ‘língua’, *kycaP* ‘fogo’, *caP* ‘semente’, REL-***pa**-K*/REL-***pa**-C* ‘ouvir’, *tuP* ‘gordura’, *mũ=**ñũT*** ‘dormir’, *kyT* ‘piolho’, *teC* ‘chuva’, *ñĩP* ‘mão’, *ptaT* ‘caminho’, *hũP* ‘dar’, *ñỹP* ‘estar sentado.SG’, ***tup**-a/tuP* ‘voar’, *ñĩT* ‘carne’, REL-***ciT**-aC* ‘nome’). Reflexos semanticamente divergentes: *catakuC* ‘palato’ (< *‘boca’), *kyP* ‘tronco’ (< *‘árvore’), *nũP* ‘estar deitado.PL’ (< *‘estar deitado(.SG)’), ***nỹ**-T/nỹ* ‘vir’ (< *‘ir/vir.SG’), *-cuP* ‘plural coletivo’ (< *‘sangue’).

Karajá: 20 retenções (*ma* ‘fígado’, *ĵû* ‘dente’, *ra-**de*** ‘cabelo’, *be* ‘água’, *dorədo* ‘língua’, ***dea**θə̃* ‘nariz’, *ra* ‘cabeça’, *he-**koɗỹ*** ‘fogo’, *ko* ‘árvore’, *dỹ* ‘semente’, *dĩ* ‘osso’, *õrõ* ‘dormir’, ***de**bo* ‘mão’, *ry* ‘caminho’, *õ* ‘dar’, ***unə̃*** ‘estar sentado’, *ləbu* ‘sangue’, *de* ‘carne’, *θi* ‘ovo’, *ni* ‘nome’). Reflexos semanticamente divergentes: *ky* ‘fibra de casca’ (< *‘pele/casca’), *ɗu* ‘cauda de ave’ (< *‘rabo’).

Ofayé: 18–19 retenções (? *kə̃tah* ‘cinza’, *ɸar* ‘pé’, *ɸa* ‘fígado’, *xeʔ* ‘dente’, *jiʔ* ‘cabelo’, *haʔ* ‘casca, pele’, *ɸiĕʔ* ‘água’, *jõrə̃h* ‘língua’, *xerĕʔ* ‘boca’, *jĩxej-haʔ* ‘nariz’, *kə̃teːʔ* ‘cabeça’, *heɰ(ʔ)* ‘árvore’, *xaːʔ* ‘semente’, *hih* ‘osso’, *ɸaj* ‘ouvir’, *wõĕʔ* ‘dormir’, *keteh* ‘pedra’, *jĩj(ʔ)* ‘mão’, *xeːʔ* ‘sangue’). Reflexo semanticamente divergente: *no ~ norŏʔ* ‘estar sentado, sentar-se’ (< *‘estar deitado’).

Rikbáktsa: 12–15 retenções (*pyry* ‘pé’, *py* ‘fígado’, *hara-**ɽi*** ‘cabelo’, ***pi**-hik* ‘água’, ***xtẽrõ**-ɽik* ‘língua’, ? *xay-* ~ *xak* ‘boca’, *xpi* ‘orelha’, ***har**-ek* ‘cabeça’, ? *wa**by*** ‘ouvir’, ? *tu**ta*** ‘gordura’, *uru* ‘dormir’, ***hara**hare* ‘pedra’, *a* ‘rabo’, *nĩ* ‘carne’, *kare* ‘ovo’. Reflexos semanticamente divergentes: *poro* ‘bambu, sal’ (< *‘cinza’), *ek* ‘perna’ (< *‘osso’), *nũ* ‘pôr do sol’, *cik-nũ* ‘fluir’ (? < *‘estar deitado’).

Arikapú (Jabutí): 21 retenções (*pikə-**mbrə*** ‘cinza’, *par* ‘pé’, *mbə* ‘fígado’, ***co**kriã* ‘dente’, *ka-**i*** ‘cabelo’, *mbi* ‘água’, ***ndu**[ku]**tə**-re* ‘língua’, ***ca**[mbi]**ko*** ‘boca’, *ku* ‘árvore’, *hã* ‘semente’, *i* ‘osso’, *mbə* ‘ouvir’, ***tô**-ka* ‘gordura’, *nũtã* ‘dormir’, *kra* ‘pedra’, *naj* ‘chuva’, ***nĩ**kaj* ‘mão’, *ũ* ‘dar’, *co* ‘sangue’, *nĩ* ‘carne’, *rẽ* ‘ovo’). Reflexos semanticamente divergentes: ***nĩpy**-koj* ‘ouvido’ (< *‘orelha’), *-ka* ‘parte do corpo (*formativo*)’.

5 para Macro-Jê–Tupí para (‘dente’, ‘dar’, ‘carne’, ‘nome’, ? ‘pé’), 3 para Chiquitano-Tupí (‘dente’, ‘terra’, ‘carne’).

Dessa forma, podemos adotar o seguinte critério lexical para determinar o nível em que as diferentes línguas ou pequenas famílias provavelmente se relacionam ao tronco Macro-Jê.

- As línguas que apresentarem **15 ou mais** semelhanças técnicas com a lista do Proto-Macro-Jê aqui utilizada são prováveis membros do tronco Macro-Jê, sua inclusão definitiva pendendo de uma demonstração através do método histórico-comparativo. Espera-se que no caso dessas línguas o número de semelhanças técnicas seja próximo de 7 para o Proto-Chiquitano (estimativa baseada no Maxakalí moderno) e de 3–5 para o Proto-Tupí (estimativa baseada no Maxakalí moderno e no Chiquitano).

- As línguas que apresentarem **entre 10 e 15** semelhanças técnicas com a lista do Proto-Macro-Jê aqui utilizada poderiam estar relacionadas ao tronco Macro-Jê aproximadamente no mesmo nível do Chiquitano. Espera-se que no caso dessas línguas o número de semelhanças técnicas seja próximo de 3–5 para o Proto-Tupí e não inferior a 6–7 para o Proto-Chiquitano (poderá ser superior a 6–7 em caso de estar mais estreitamente relacionada ao Chiquitano que ao tronco Macro-Jê *stricto sensu*).

- As línguas que apresentarem **entre 5 e 10** semelhanças técnicas com a lista do Proto-Macro-Jê aqui utilizada poderiam estar relacionadas ao tronco Macro-Jê aproximadamente no mesmo nível do tronco Tupí, como parte de uma possível macro-família das terras baixas sul-americanas. Espera-se que tais línguas apresentem um número comparável (ou superior) de semelhanças técnicas com a lista referente ao Proto-Tupí e um número levemente inferior quando da comparação com o Proto-Chiquitano, devido à baixa profundidade temporal desta última protolíngua.

- Para as línguas que apresentarem **menos de 5** semelhanças técnicas com qualquer uma das listas apresentadas acima, qualquer proposta referente à existência de uma relação genética entre as mesmas e os troncos Macro-Jê e Tupí deverá ser considerada indemonstrável, pelo menos enquanto não existir uma proposta reconstrutiva referente ao Proto-Macro-Jê–Tupí.

2.2. Boróro e Macro-Jê

A família Boróro, atualmente representada por apenas uma língua viva (o povo Boe/Boróro vive hoje em Mato Grosso, mas seu território tradicional se estendia até Goiás), inclui ainda o Umutína (língua dormente, cuja transmissão se interrompeu no século XX, também em Mato Grosso) e o Otuke (uma língua extinta parcamente documentada da Chiquitania boliviana).

A ideia de que as famílias Boróro e Jê poderiam ser relacionadas uma à outra foi expressa, pela primeira vez, por Guérios (1939). As evidências lexicais apresentadas por esse autor foram criticadas no capítulo anterior, mas não podemos negar que algumas das semelhan-

ças detectadas por Guérios, ainda que extremamente poucas, poderiam ser significativas (algumas delas serão mencionadas abaixo). Além disso, é notória a semelhança entre os prefixos que codificam a pessoa e o número do argumento do Boróro com os prefixos ou pronomes reconstruídos para o Proto-Macro-Jê: Proto-Boróro **i-* 1SG, **a-* 2SG ~ PMJ **iñ-* 1SG, **a-* 2SG (a terceira semelhança comumente destacada, PB **pa-* 1INCL ~ PJS **ba-* 1INCL, é certamente fortuita apenas: o prefixo PJS provém de PCerr **wa-* < PJ **ô-*, correspondendo ao prefixo **o-* 1INCL do Proto-Chiquitano). Note, entretanto, que o paradigma do tipo *#i-* 1(SG) / *#a-* 2(SG) é encontrado em diversas famílias linguísticas do leste sul-americano, muitas das quais não são incluídas no tronco Macro-Jê por nenhum autor, e não pode ser indicativo da classificação de uma determinada língua ou família como Macro-Jê. As famílias que apresentam um paradigma similar são: Yaathê (*i*= 1SG, *a*= 2SG; COSTA, 1999), Karirí (*hi*-$_{K, DZ}$ 1SG, *e-* 2$_K$, *an(i)-/a-* 2$_{DZ}$; QUEIROZ, 2012; AZEVEDO, 1965), Zamuco (**j-* 1SG, **a-* 2; verbos no modo *irrealis* e nomes; CIUCCI, BERTINETTO, 2015, 2017), Matacoana (**j-* 1SG, **a-* 2SG; VIEGAS BARROS, 2013), Guaicuru (**j-* 1SG possessivo, **ʔa-* 2 ativo; VIEGAS BARROS, 2013).

Rodrigues (1993) discute uma outra semelhança gramatical entre o Boróro e algumas línguas Macro-Jê, que consiste na ocorrência de uma consoante entre os índices prefixais de pessoa e os temas iniciados por vogais. O valor fonológico dessa consoante é reconstruído como PB **t* para o ambiente V[+ant]_V[-ant] e como PB **k₂* para os demais ambientes (NIKULIN, 2020b; ver também NONATO, SANDALO, 2007, que reconstroem apenas **t* aplicando o método de reconstrução interna à língua Boróro, mas sem considerar os dados do Umutína). Alguns poucos temas são lexicalmente especificados para receberem a consoante **n* (em vez de **t*) no ambiente V[+ant]_V[-ant], fato que tem sido interpretado como indicativo da existência, no passado, de vogais nasais em Boróro (RODRIGUES, 1993; NONATO, SANDALO, 2007), como, por exemplo, no classificador genitivo inanimado *o* (cf. 1SG *in-o*), que tem sido comparado com a posposição genitiva das línguas Macro-Jê (PMJ **ñũk*). Rodrigues (1993) acredita que a consoante (velar ou coronal) que aparece entre os prefixos pessoas e os temas iniciados por vogal corresponde ao antigo prefixo relacional de contiguidade das línguas Macro-Jê, que em nossa análise é interpretado como uma consoante temática (ver **4.3.1**), reconstruída como PMJ **j-/*ñ-*. Note, entretanto, que não se trata de uma semelhança exclusiva às famílias Macro-Jê e Boróro, pois fenômenos análogos são atestados em diversas outras famílias, tais como Tupí e Caribe (como já foi notado por RODRIGUES, 2009), mas também nas línguas Matacoanas e Guaicuru (cf. NONATO, SANDALO, 2007).

A reconstrução do Proto-Boróro aqui empregada é de nossa autoria; a proposta de Camargos (2013), portanto, não será utilizada (para uma crítica de sua reconstrução dos segmentos

consonantais do Proto-Boróro e uma proposta alternativa, ver NIKULIN, 2020b). Quanto às vogais, ainda não nos foi possível elaborar uma proposta exaustiva referente a sua evolução nas línguas Boróro; a reconstrução das vogais do Proto-Boróro utilizada nesta tese é provisória e se baseia principalmente nos dados do Umutína, cujo inventário vocálico é mais rico do que aquele do Boróro, apresentando quatro alturas distintivas. As fontes de dados lexicais que consultamos são como segue: Th. Crowell (1977, 1979), J. Crowell (2013 [1983]), Nonato (2008), Ochôa Camargo (2005) para o Boróro; Schmidt (1941), Schultz (1952), Lima (1995), Cruz (2012), Huare (2015) para o Umutína.

A fonotática das línguas Boróro não admite sílabas fechadas. Por isso, aceitamos como tecnicamente semelhantes os itens em que uma coda do Proto-Macro-Jê ou do Proto-Tupí corresponde a zero em Proto-Boróro, bem como aqueles em que uma coda do Proto-Macro-Jê ou do Proto-Tupí corresponde ao *onset* de uma segunda sílaba em Proto-Boróro.

O vocabulário básico do Proto-Boróro é comparado com as listas reconstruídas do Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí no Quadro 2.3 abaixo.

	PB	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o PB
cinza	*ĵôru-**k₂utu**	*mbrôŋ	*tyβyty-	N/A	
pé	***bure** ~ ***byre**	***pâr°**	*-pope	*py	MJ
folha	B /**rary**/[64] (cf. U /ipwazô/)	*c(-)yɪj	*-asu	*j-əᴘ	
fígado	***ak₂a**	*mbâ(C)	*-pakã	*py(-)ʔa	
dente	***o** ~ ***ə**	*j-**uñ°**	*(-ts)**-oʔo**	*j-**ãc**	MJ/Chq/T
cabelo	***aĵô**[65]	*ke *j-i(C)	*-ki	*j-aᴘ	
pele	***biri**	*kəj	*-taki	*pe	
água	B /**pəpə ~ popo**/ U /**puru**-ka/	*mbiɪn°	*tu-	*ʔɯ	
língua	***k₂êru ~ *k₂êry**	*ñ-ũɪctôk	*-õtu	*kʲũ	
boca	***ôĵa**[+nas]	*j-ar°(-kuñ°)	*-aʔi	*j-ẽ *wuru	
nariz	B /**eno**/ U /**napôlô**/	*ñ-ĩja	*-ĩña	*ãpyc	B: MJ/Chq

[64] Em Umutína, atesta-se *ipwazô*, um provável composto (no sentido etimológico): compare Boróro *ipo* 'pau' e Umutína *azô* (< PB **aĵô*) 'cabeça, cabelo'. Note-se a semelhança superficial com Arikapú *puaro* 'folha; tipo de cogumelo' (R. RIBEIRO, 2008, p. 137); uma outra fonte atesta *kuaro* 'folha', mas *pwaro* 'tipo de cogumelo' para essa língua (ARIKAPÚ *et al.*, 2010, p. 22, 36).

[65] O significado original deste étimo parece ter sido 'cabeça', retido tanto em Umutína como em Boróro (embora nesta última língua é mais comum o uso do composto *ao-ra* < **aĵô-da* para 'cabeça', com o segundo elemento significando 'osso'). Cf. também Boróro *by* 'pelo, penugem, pena', Umutína *kaby* 'pelo'.

	PB	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o PB
olho	B /ĵe-**ku**/ U /**rikixi**/	*ndôm°	*(-sU)-to	*(e-)ca	
orelha	***bia**	*ñĩpV	*-masu	*nãpi	
cabeça	***aĵô**	*krỹj°	*-tãnU	*ʔa	
fogo	***ĵôru**	*kucəm°	*pe-	*j-atʲa	
árvore	***i**	*kyɪm°	*soe-	*ƙɯP	
semente	***a**	*c(-)**əm°**	*ij**o-**	*j-upa	MJ/Chq
osso	***da**	*c(-)et ~ *c(-)ek	*-pa-ʔi	*kãK	
ouvir	B /**meary**-ty/ U /**mamety**/	*mbâ	*-õk-oʔi	*…-tuP	
gordura	***k₂a**	*tum	N/A	***kʲaP**	T
dormir	***(u)nutu**	***ũ₁r**/***ñũ₁t°**	*-a-**no-**	*kʲeT	MJ (?), Chq (?)
terra	***môtô**	*ŋgy(C)	*ky-	*ƙɯC	
piolho	N/A	*ŋgyɪt	*-ãpa	*ŋgɯP	
pedra	***tori**	*kra(C)	*kã-	*wyca	
chuva	U /**bwêno**/	*ndaj(°)	*ta-	*ãmãT	
peito	B /**okea**/ B/~~**u-ma-ɨa-u-mo-ɨa**~~/ U /**a**-ka/	N/A	*-tusi	*ŋãP	
mão	***iĵê**(-)da	*ñ-ĩm°	*-ɛ̃ʔɛ̃	*po	
caminho	***abada**	*prən°	*kotVβyu-	*pe, *j-a-pe	
dar	B /**maky**/	*ũp	*-a-ce-	*ũP	
estar sentado	***muk₁u ~ *myk₁y**	*ñ-ỹp	*-tymõ-	*a**pyK**	T (?)
estar deitado	***patu ~ *paty**	*nũp	*-a-ryky-	*j-uP	
ir	B /**(u)tu**/ U /**pwê ~ pi**/	*tɛ̃	N/A	*teT ~ *təT ***to ~ *tə**	B: T
voar	***k₂ôtu**	*tôp	*-atso-	*tɛ̃P	
sangue	***k₁u**	*jum	*-õto	*j-əɯ	
rabo	***o**	*c(-)**uk**	*ij**o-**	*j-uaC(-po)	MJ/Chq
carne	***k₁ôty ~ *k₁əty**	*ñ-ĩt	*añe-	*ɛ̃T	
ovo	***ba**	*ŋgrê(C)	*-ciki	*j-upi(-ʔa)	
nome	***iĵe**	*-**jet**	*(-ts)-yri	***j-eT**	MJ/T
unha	***inok₂i**	N/A	*-ykyki	*j-ã	

Quadro 2.3. Semelhanças técnicas entre o Proto-Boróro, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí

A quantidade das semelhanças técnicas entre a família Boróro e as famílias em questão é como segue: 6–7 para o Proto-Macro-Jê, 4–5 para o Proto-Chiquitano, 4–5 para o Proto-Tupí. Se considerarmos línguas modernas no lugar de protolínguas reconstruídas a fim de fazer com que

os números sejam comparáveis, esses indicadores serão ainda mais próximos um ao outro: 4–5 para o Maxakalí (‘pé’, ‘dente’, ‘nome’, ‘semente’, ? ‘dormir’), 4–5 para o Chiquitano Migueleño (‘dente’, ‘nariz’, ‘nome’, ‘semente’, ? ‘dormir’) e 3–4 para o Tuparí (‘dente’, ‘gordura’, ‘nome’, ? ‘estar sentado’). Isto é compatível com a ideia de que a família Boróro seria **equidistante** aos três agrupamentos genéticos, podendo ser inserida, de forma provisória, na hipotética macro-família Macro-Jê–Tupí.

É provável que a família Boróro possua uma relação mais estreita com outras duas famílias sul-americanas: a família Karirí e a família Caribe. Ambas têm sido vinculadas ao tronco Macro-Jê (Karirí como um membro interno, RODRIGUES, 1999; Caribe no âmbito de uma proposta de parentesco distante, RODRIGUES, 2009). Algumas semelhanças técnicas entre o Proto-Boróro, as variedades Karirí e o Proto-Caribe estão reproduzidas nos Quadros 2.4 (itens que fazem parte da lista de 38 itens) e 2.5 (itens fora dessa lista). As reconstruções referentes ao Proto-Caribe se baseiam nas correspondências expostas por Meira e Franchetto (2005) e Meira *et al.* (2010).

	Proto-Boróro	Karirí	Proto-Caribe
árvore, madeira	*i	dzi$_{K,\ DZ}$	
dente	*o ~ *ə	dza$_{K}$	*(j)ə
nome	*iĵe	dze$_{K,\ DZ}$	
boca	*ôĵa$_{[+nas]}$	(-u)waridza$_{K}$, (-u)wolidze$_{DZ}$	
pé	*bure ~ *byre	by(ri-)$_{K}$, by$_{DZ}$	
orelha	*bia	beñe$_{K,\ DZ}$	*pana
pele, casca	*biri		*pi
língua		nunu$_{K}$	*nuru
mão		(-a)mysã$_{K}$, amәða$_{DZ}$	*әmija
semente	*a		*a
ir	B /(u)tu/		*tə
gordura	*k$_{2}$a		*ka(t-)
dormir	*(u)nutu	unu$_{K,\ DZ}$	

Quadro 2.4. Semelhanças técnicas entre o Proto-Boróro, as variedades Karirí e o Proto-Caribe (lista de 38 itens)

	Proto-Boróro	Karirí	Proto-Caribe
beber	*k$_{1}$utu	kru$_{K}$, klu$_{DZ}$	
pesado	*mVtyty	madi$_{DZ}$	
peixe	*k$_{2}$arV		*kana
raiz		mu$_{K}$	*mi(t-)
líquido saliva	*k$_{2}$uru B /oto-kuru/	ku$_{K}$	 ətaku
1PL	*k$_{2}$e(t)- (EXCL)	k(u)-$_{K}$, k(u)-/ked-$_{DZ}$ (INCL)	*k-

Quadro 2.5. Semelhanças técnicas entre o Proto-Boróro, as variedades Karirí e o Proto-Caribe (diversos)

Outra proposta referente à afiliação genética da família Boróro, segundo a qual haveria uma relação genética entre essa família e as famílias Matacoana e Guaicuru, é criticamente discutida por Nonato e Sandalo (2007), porém os autores não chegam a uma conclusão definitiva quanto a sua plausibilidade.

2.3. Yaathê e Macro-Jê

O Yaathê é a língua falada pelo povo Fulni-ô, no atual estado de Pernambuco. Os dados do Yaathê foram extraídos das obras de Lapenda (1965, 2005 [1968]), Barbosa (1991), Costa (1999) e F. Silva (2011a, b). O trabalho de Branner (1887) foi consultado apenas nos casos em que não encontramos os dados necessários nas obras posteriores.

O vocabulário básico do Yaathê é comparado com as listas reconstruídas do Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí no Quadro 2.6 abaixo.

	Yaathê	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Yaathê
cinza	**fêlôwa**	*mbrôŋ	*tyβyty-	N/A	
pé	**fêhê**	*pâr°	*-pope	***py**	T (?)
folha	ta(-)**cʰa**	***c(-)yɪj**	*-a**su**	*j-əP	MJ/Chq (?)
fígado	ta(-)**cô**	*mbâ(C)	*-pakã	*py(-)ʔa	
dente	ta(-)**xi**	*j-uñ°	*(-ts)-oʔo	*j-ãC	
cabelo	**li**	*ke ***j-i(C)**	*-ki	*j-aP	MJ (?)
pele	N/A	*kəj	*-taki	*pe	
água	**ôːja**	*mbiɪn°	*tu-	*ʔɯ	
língua	**kts(ʰ)ale**	*ñ-ũɪctôk	*-õtu	*kʲũ	
boca	ta(-)**tʰê**	*j-ar°(-kuñ°)	*-aʔi	*j-ẽ *wuru	
nariz	**kʰletʰa**	*ñ-ĩja	*-ĩña	*ãpyC	
olho	**tʰô**	***ndôm°**	*(-sU)-**to**	*(e-)ca	MJ/Chq
orelha	**kfakê**	*ñĩpV	*-masu	*nãpi	
cabeça	**tkʰa**	*krỹj°	*-tãnU	*ʔa	
fogo	**tôwê**	*kucəm°	*pe-	*j-atʲa	
árvore	**cʰleka**	*kyɪm°	*soe-	*ƙɯP	
semente	**kêtʰôja**	*c(-)əm°	*ijo-	*j-upa	
osso	N/A	*c(-)et ~ *c(-)ek	*-pa-ʔi	*kãK	
ouvir	**kfala-**	*mbâ	*-õk-oʔi	*…-tuP	
gordura	N/A	*tum	N/A	*kʲaP	
dormir	**kfafa-**	*ũɪr/*ñũɪt°	*-a-no-	*kʲeT	
terra	**fê(j)ʔa**	*ŋgy(C)	*ky-	*ƙɯC	

	Yaathê	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Yaathê
piolho	**cfôwa**	*ŋgyɪt	*-ãpa	*ŋgɯP	
pedra	**fô(ʔ)a**	*kra(C)	*kã-	*wyca	
chuva	**flicja**	*ndaj(°)	*ta-	*ãmãT	
peito	N/A[66]	N/A	*-tusi	*ŋãP	
mão	**koho ~ kʰoja** (?)[67]	*ñ-ĩm°	*-ẽʔẽ	*po	
caminho	**tdi**	*prən°	*kotVβyu-	*pe, *j-a-pe	
dar	**kô-**	*ũp	*-a-ce-	*ũP	
estar sentado	**kine-**	*ñ-ỹp	*-tymõ-	*apyK	
estar deitado	**kʰa-**	*nũp	*-a-ryky-	*j-uP	
ir	**o-, no-**	*tẽ	N/A	*teT ~ *təT *to ~ *tə	
voar	N/A	*tôp	*-atso-	*tẽP	
sangue	N/A	*jum	*-õto	*j-əɯ	
rabo	ta(-)**tô**	*c(-)uk	*ijo-	*j-uaC(-po)	
carne	**ucʰi ~ utxi**	*ñ-ĩt	*añe-	*ẽT	
ovo	N/A	*ŋgrê(C)	*-ciki	*j-upi(-ʔa)	
nome	**ketkʲa**	*-jet	*(-ts)-yri	*j-eT	
unha	**kʰôtkʲa**	N/A	*-ykyki	*j-ã	

Quadro 2.6. Semelhanças técnicas entre o Yaathê, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí

A quantidade das semelhanças técnicas entre o Yaathê e as famílias em questão é como segue: 1–3 para o Proto-Macro-Jê, 1–2 para o Proto-Chiquitano, 0–1 para o Proto-Tupí. Excetuando-se o item para ‘olho’, não há nenhuma semelhança particularmente forte dentro dessa lista entre o Yaathê, o Proto-Macro-Jê, o Proto-Chiquitano e o Proto-Tupí. Isso é compatível com a hipótese de que o Yaathê não seja demonstravelmente relacionado a essas famílias, a não ser que tal relação se dê em um nível extremamente profundo. Chama a atenção a forma dos índices actanciais do Yaathê *i*= 1SG, *a*= 2SG (COSTA, 1999), que apresenta uma certa semelhança com o material Macro-Jê (DAVIS, 1968, p. 47; ver capítulo **4** para uma reconstrução dos pronomes e dos índices de pessoa do Proto-Macro-Jê), mas, como já dissemos na seção **2.2**, formas semelhantes são encontradas em muitas famílias do leste sul-americano, tais como Zamuco, Matacoana, Guaicuru, Boróro e outras. É possível que todas essas famílias compõem uma macrofamília de uma extrema profundidade temporal; a investigação dessa possibilidade não faz parte desta pesquisa.

[66] Branner (1887, p. 330) atesta ‹d’hő hő› ‘peito, colo’. Não está claro como esse item deveria ser fonemicizado.
[67] Ocorre nos dados de Branner (1887, p. 330) como ‹tchó›.

2.4. Purí e Macro-Jê

As variedades da família Purí (Coroado) — o Purí e o Coroado — eram faladas predominantemente nos vales do Paraíba e do Itabapoana, mas também na bacia do rio Doce; sua transmissão foi interrompida antes de que as variedades Purí pudessem ser amplamente documentadas. Atualmente existe um movimento forte de retomada da língua Purí (Kwaytikíndo), denominado Txemím Purí.

A família Purí tem sido classificada como pertencente ao tronco Macro-Jê por diversos autores (cf. RODRIGUES, 1999). Ramirez *et al.* (2015) argumentam que essa classificação se devia à inclusão — errônea, como mostram os autores — da língua Koropó na família Purí. O Koropó, segundo Ramirez *et al.* (2015), seria uma língua da família Maxakalí falada em uma região em que predominavam as variedades Purí, fazendo com que os registros disponíveis do Koropó incluíssem um alto número de elementos de origem Purí. Esses registros teriam induzido os pesquisadores a classificar o Koropó como uma língua Purí, e os elementos de origem Macro-Jê, presentes no léxico Koropó, teriam possibilitado a classificação de toda a família Purí como Macro-Jê. Uma vez removido o Koropó da família, as semelhanças lexicais entre a família Purí e as línguas do tronco Macro-Jê praticamente desaparecem (cf. RAMIREZ *et al.*, 242).

Todas as fontes disponíveis acerca das variedades Purí são listas vocabulares recolhidas no século XIX. Para o Purí, consultamos as listas de Martius (1867, v. 2, p. 194–195, abreviado $_{M}$) e Torrezão (1889, p. 511–513, $_{AT}$). Para o Coroado, consultamos as listas recolhidas no rio Xipotó (MARTIUS, 1867, v. 2, 195–198, $_{CX}$) e na Aldeia da Pedra (MARTIUS, 1867, v. 2, p. 198–207, $_{CP}$). Não utilizamos as supostas formas reconstruídas do Proto-Purí, fornecidas por Silva Neto (2007, p. 39–41), pois elas não se baseiam na aplicação do método histórico-comparativo.

O vocabulário básico das línguas Purí é comparado com as listas reconstruídas do Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí no Quadro 2.7 abaixo.

	Purí	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Purí
cinza	N/A	*mbrôŋ	*tyβyty-	N/A	
pé	‹**chapêprê**ra›$_{AT}$ ‹**schabre**ra›$_{M}$ ‹scharu, **t'chaperré**›$_{CX}$ ‹**t'chaperré**›$_{CP}$	*pâr°	*-pope	*py	
folha	‹**djop'leh**›$_{AT}$ ‹**tchopé**›$_{CX}$ ‹**tchopé**, tschupan gué›$_{CP}$	*c(-)y$_{1}$j	*-asu	***j-ɔʁ**	T

	Purí	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Purí
fígado	N/A	*mbâ(C)	*-pakã	*py(-)ʔa	
dente	‹u**tsché**›$_{AT}$ ‹**tchèh**›$_{M}$ ‹**scheh**, **tzèh**, **tsché**›$_{CX}$ ‹**tché**›$_{CP}$	***j-uñ°**	***(-ts)-oʔo**	***j-ãc**	MJ/Chq/T (?)
cabelo	= ‘cabeça’ ‹**quê**›$_{AT}$ ‹**gué**›$_{CX, CP}$	***ke** *j-i(C)	***-ki**	*j-aᴘ	MJ/Chq
pele	‹**peh**›$_{AT, M, CX}$ ‘couro$_{AT}$, casca$_{CX}$, unha$_{P}$’	*kəj	*-taki	***pe**	T
água	‹**m’nhàmã, munhãmá**›$_{AT}$ ‹**mniamå(ng), mniamà**›$_{M}$ ‹**mniamâ, mhaman**›$_{CX}$ ‹**nhaman**›$_{CP}$	*mbiɪn°	*tu-	*ʔɯ	
língua	‹**toppeh**›$_{AT}$ ‹**tobeh**›$_{CX}$ ‹**topé**›$_{CP}$	*ñ-ũɪctôk	*-õtu	*kʲũ	
boca	‹**tchoré**›$_{AT}$ ‹**schorèh**›$_{M}$ ‹**schòry**, **tzòry**, **tchoré**›$_{CX}$ ‹**tshoré**›$_{CP}$	***j-ar°**(-kuñ°)	*-aʔi	*j-ẽ *wuru	MJ
nariz	‹ahm’**ni**›$_{AT}$ ‹**ingnì**›$_{M}$ ‹**nhieng**›$_{CX}$	***ñ-ĩja**	***-ĩña**	*ãpyc	MJ/Chq (?)
olho	‹**mri**›$_{AT}$ ‹**mirih**›$_{M}$ ‹**mereng**, **merim**›$_{CX}$ ‹**merim**, **mereng**, **hmrim**›$_{CP}$	*ndôm°	*(-sU)-to	*(e-)ca	
orelha	‹**bipína**›$_{AT}$ ‹**bipihna**›$_{M}$ ‹pèuti, **pepehna**›$_{CX}$ ‹**pepehna**, penta›$_{CP}$	*ñĩpV	*-masu	*nãpi	
cabeça	= ‘cabelo’ ‹**nguê**›$_{AT}$ ‹**guèh**›$_{M}$ ‹**gueh**›$_{CX}$ ‹**gué**›$_{CP}$	*krỹj°	*-tãnU	*ʔa	
fogo	‹**poteh**›$_{AT}$ ‹**pothèh**, **pottaeh**›$_{M}$ ‹**botèh**, **poté**, **putapé**›$_{CX}$ ‹**poté**›$_{CP}$	*kucəm°	*pe-	*j-atʲa	
árvore	‹**mpó**›$_{AT}$ ‹a**mcó** nayman›$_{CP}$ ‘árvores cortadas’	*kyɪm°	*soe-	*kɯᴘ	
semente	N/A	*c(-)əm°	*ijo-	*j-upa	
osso	‹am’**mi**›$_{AT}$ ‹am**mi**›$_{M}$ ‹**d’jarra**›$_{CX, XP}$	*c(-)et ~ *c(-)ek	*-pa-ʔi	*kãk	

	Purí	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Purí
ouvir	N/A	*mbâ	*-õk-oʔi	*…-tuP	
gordura	‹teshama nheme›$_{CX,\ XP}$	*tum	N/A	*kʲaP	
dormir	‹ka**tahra**›$_{AT}$ (= ‘deitar’) ‹**thara**›$_{M}$ ‹**terá**, **tehré** greme›$_{CP}$ ‹**gamung**›$_{M}$ (‘ir’?) ‹**gàvumung**›$_{CX}$	*ũɪr/*ñũɪt°	*-a-no-	*kʲeT	
terra	‹**uchô**›$_{AT}$ P. ‹**guaschèh**›$_{M}$ CX ‹**oseh**›$_{CX}$	*ŋgy(C)	*ky-	*kɯC	
piolho	N/A	*ŋgyɪt	*-ãpa	*ŋgɯP	
pedra	‹**uk’huá**›$_{AT}$ ‹**ùcah**›$_{CX}$	*kra(C)	*kã-	*wyca	
chuva	‹**nhã ma** ku-uh›$_{AT}$ ‹**mniamâ**›$_{CX}$ = ‘àgua’: ‹**m’nhàmã**, **munhãmá**›$_{AT}$ ‹**mniamå(ng)**, **mniamà**›$_{M}$ ‹**mniamâ**, **mhaman**›$_{CX}$ ‹**nhaman**›$_{CP}$	*ndaj(°)	*ta-	***ãmãT**	T (?)
peito	‹**puiltha**›$_{M}$ ‹**pũìra**›$_{CX}$ ‹**puará**›$_{CP}$	N/A	*-tusi	*ŋãP	
mão	‹**cocorre**›$_{CX}$ ‘mão’ ‹**cacora**›$_{CP}$ ‘braço’ cf. ‹chapeprera›$_{AT}$ (= ‘pé’)	*ñ-ĩm°	*-ẽʔẽ	*po	
caminho	‹**chiman**›$_{AT}$ ‹**chiuna**, **cheuna**›$_{CP}$	*prən°	*kotVβyu-	*pe, *j-a-pe	
dar	‹mayáme gayudo›$_{CX,\ CP}$	*ũp	*-a-ce-	*ũP	
estar sentado	N/A	*ñ-ỹp	*-tymõ-	*apyK	
estar deitado	‹**katahra**›$_{AT}$ (= ‘dormir’) ‹**cransanron**›$_{CP}$	*nũp	*-a-ryky-	*j-uP	
ir	‹**-mùm**, **-mûm**›$_{AT}$ ‹ga**mun**›$_{CP}$	*tẽ	N/A	*teT ~ *təT *to ~ *tə	
voar	N/A	*tôp	*-atso-	*tẽP	
sangue	‹**ahtl’im**›$_{AT}$	*jum	*-õto	*j-əɯ	
rabo	‹**chésa**›$_{CP}$	*c(-)uk	*ijo-	*j-uaC(-po)	
carne	‹**arikê**›$_{AT}$ ‹sorìncking, **hanikē**›$_{CX}$ CP ‹**haniké**›$_{CP}$	*ñ-ĩt	*añe-	*ẽT	
ovo	‹**paki**›$_{CX}$ ‹arinha **poké**›$_{CP}$	*ŋgrê(C)	*-ciki	*j-upi(-ʔa)	

	Purí	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Purí
nome	‹**mandgira**›$_{CP}$	*-jet	*(-ts)-yri	*j-eT	
unha	‹chapeprera**quê**›$_{AT}$ = ‘cabelo ou cabeça da mão’ ‹**peh**›$_{M}$ = ‘pele’	N/A	*-ykyki	*j-ã	

Quadro 2.7. Semelhanças técnicas entre as línguas Purí, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí

O número das semelhanças técnicas identificadas é como segue: 2–4 (Purí e Macro-Jê), 1–3 (Purí e Chiquitano), 2–4 (Purí e Tupí). Esses números indicam que mesmo se existe algum tipo de relação genética entre a família Purí e os demais agrupamentos mencionados, tal relação seria necessariamente muito distante.

2.5. Guató e Macro-Jê

O Guató é uma língua moribunda falada pelo povo homônimo do Pantanal. O vocabulário básico do Guató é comparado com as listas reconstruídas do Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí no Quadro 2.8 abaixo. Os dados lexicais foram retirados dos trabalhos de Palácio (1984) e Postigo (2009) e são reproduzidos aqui com a omissão dos tons.

	Guató	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Guató
cinza	**fôra**(-)**ta**	***mbrôŋ**	*tyβyty-	N/A	MJ (?)
pé	**gỹ**	*pâr°	*-pope	*py	
folha	**ku**	*c(-)yɪj	*-asu	*j-əP	
fígado	**pe**	***mbâ(C)**	*-pakã	***py**(-)ʔa	MJ/T (?)
dente	**k^{w}a**	*j-uñ°	*(-ts)-oʔo	*j-ãC	
cabelo	**ky**	***ke** *j-i(C)	***-ki**	*j-aP	MJ/Chq (?)
pele	**fe**	*kəj	*-taki	***pe**	T
água	**gỹ**	*mbiɪn°	*tu-	*ʔɯ	
língua	**caĵa**	*ñ-ũɪctôk	*-õtu	*kʲũ	
boca	**ĵio**, **ĵia-**	*j-ar°(-kuñ°)	*-aʔi	*j-ẽ *wuru	
nariz	**taga**, **caga**, **ciêga**	*ñ-ĩja	*-ĩña	*ãpyC	
olho	**re**	*ndôm°	*(-sU)-to	*(e-)ca	
orelha	**vi**	*ñĩpV	*-masu	*nãpi	
cabeça	(ôdô-)**k^{w}y**	*krỹj°	*-tãnU	*ʔa	
fogo	**ta**	*kucəm°	*pe-	*j-a**tʲa**	T (?)
árvore	**ada**	*kyɪm°	*soe-	*kɯP	
semente	**ôpa**	*c(-)əm°	*ijo-	*j-**upa**	T

	Guató	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Guató
osso	**ôku**	*c(-)et ~ *c(-)ek	*-pa-ʔi	*kãK	
ouvir	**kũ**	*mbâ	*-õk-oʔi	*…-tuP	
gordura	**gỹ**	*tum	N/A	*kʲaP	
dormir	**kyni**	*ũɪr/*ñũɪt°	*-a-no-	*kʲeT	
terra	**afô**	*ŋgy(C)	*ky-	*kɯC	
piolho	**ibeu pagu**	*ŋgyɪt	*-ãpa	*ŋgɯP	
pedra	**aku**	*kra(C)	*kã-	*wyca	
chuva	**ve**	*ndaj(°)	*ta-	*ãmãT	
peito	**ôfa**	N/A	*-tusi	*ŋãP	
mão	**ra**	*ñ-ĩm°	*-ẽʔẽ	*po	
caminho	**aôvi**	*prən°	*kotVβyu-	*pe, *j-a-pe	
dar	**dô-** (?)	*ũp	*-a-ce-	*ũP	
estar sentado	**kigʷaĵagani** (?)	*ñ-ỹp	*-tymõ-	*apyK	
estar deitado	N/A	*nũp	*-a-ryky-	*j-uP	
ir	N/A	*tẽ	N/A	*teT ~ *təT *to ~ *tə	
voar	**ka**	*tôp	*-atso-	*tẽP	
sangue	**ôgʷa**	*jum	*-õto	*j-**ɘɯ**	T (?)
rabo	**pana**	*c(-)uk	*ijo-	*j-uaC(-po)	
carne	**ry**	*ñ-ĩt	*añe-	*ẽT	
ovo	**ky**	*ŋgrê(C)	*-ciki	*j-upi(-ʔa)	
nome	N/A	*-jet	*(-ts)-yri	*j-eT	
unha	**tê**	N/A	*-ykyki	*j-ã	

Quadro 2.8. Semelhanças técnicas entre o Guató, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí

É possível observar que o Guató demonstra mais semelhanças técnicas com o Proto-Tupí (2–5) do que com o Proto-Macro-Jê (0–3) ou com o Chiquitano (0–1), e mesmo nesse caso as semelhanças observadas não são particularmente notáveis e poderiam ser fortuitas. Concluímos que não há evidências para classificar o Guató como uma língua relacionada ao tronco Macro-Jê.

2.6. Karirí e Macro-Jê

A família Karirí, do Nordeste brasileiro, inclui apenas duas variedades suficientemente bem documentadas: Kipeá e Dzubukuá. A transmissão de ambas foi interrompida no passado, mas hoje existe um movimento de revitalização da língua protagonizado pelo povo Kirirí.

Para o Kipeá (abreviado $_{K}$), baseamo-nos na gramática e no catecismo de Mamiani (1942 [1698]; 1877 [1699]), analisados por Azevedo (1965). Para o Dzubukuá (abreviado $_{DZ}$), utilizamos o catecismo de Nantes (1896 [1709]). Seguimos a análise de Queiroz (2008, 2012), divergindo apenas na interpretação dos dígrafos ‹oe›$_{DZ}$, ‹dh›$_{DZ}$ de Nantes (1896 [1709]) como *ə*, *ð*, respectivamente.

O vocabulário básico das línguas Karirí é comparado com as listas reconstruídas do Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí no Quadro 2.9 abaixo.

	Kipeá/Dzubukuá	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Kipeá/Dzubukuá
cinza	**bydi**$_{K, DZ}$	*mbrôŋ	*tyβyty-	N/A	
pé	**by(ri-)**$_{K}$, **by**$_{DZ}$	***pâr°**	*-pope	***py**	MJ/T
folha	**ərã**$_{K}$	*c(-)y$_{ɪ}$j	*-asu	*j-əP	
fígado	**preñe**$_{K}$	*mbâ(C)	*-pakã	*py(-)ʔa	
dente	**dza**$_{K}$, **ðe**$_{DZ}$	***j-uñ°**	*(-**ts**)-**oʔo**	***j-ãC**	Kipeá: MJ/Chq/T
cabelo	**dy**$_{K}$	*ke *j-i(C)	*-ki	*j-aP	
pele	? **buro**$_{K}$ ‘casca’, **-ro**$_{K, DZ}$ ‘casca:CL’	*kəj	*-taki	*pe	
água	**dzu**$_{K, DZ}$	*mbi$_{ɪ}$n°	*tu-	***ʔɯ**	T (?)
língua	**nunu**$_{K}$	***ñ-ũ$_{ɪ}$ctôk**	***-õtu**	*k^{j}ũ	MJ/Chq
boca	(**-u**)**wari**dza$_{K}$, (**-u**)**woli**dze$_{DZ}$	*j-ar°(-kuñ°)	*-aʔi	*j-ẽ *wuru	
nariz	**nambi**$_{K}$, **nabi**dze$_{DZ}$	*ñ-ĩja	*-ĩña	*ãpyC	
olho	**po**$_{K}$, **poh**$_{DZ}$	*ndôm°	*(-sU)-to	*(e-)ca	
orelha	**beñe**$_{K, DZ}$	*ñĩpV	*-masu	*nãpi	
cabeça	**tsãbu**$_{K}$, **tsebu**$_{DZ}$	*krỹj°	*-tãnU	*ʔa	
fogo	**isu** / **-usu**$_{K}$, **iðu** / **-uðu**$_{DZ}$	*kucəm°	*pe-	*j-**at^{j}a**	T (?)
árvore	**ihẽ**$_{K}$, **dzi**$_{K}$ ‘madeira’ **ihẽ-dzi**$_{DZ}$	*ky$_{ɪ}$m°	*soe-	*ƙɯP	
semente	N/A	*c(-)əm°	*ijo-	*j-upa	
osso	**me**$_{K}$	*c(-)et ~ *c(-)ek	*-pa-ʔi	*kãK	
ouvir	**ubi**$_{K, DZ}$ ‘ver, ouvir’ (?)	*mbâ	*-õk-oʔi	*…-tuP	
gordura	**sa**$_{K}$	*tum	N/A	*k^{j}aP	
dormir	**unu**$_{K, DZ}$	***ũ$_{ɪ}$r**/***ñũ$_{ɪ}$t°**	*-a-**no**-	*k^{j}eT	MJ ou Chq
terra	**rada**$_{K, DZ}$	*ŋgy(C)	*ky-	*ƙɯC	
piolho	**du**$_{K}$	*ŋgy$_{ɪ}$t	*-ãpa	*ŋgɯP	

	Kipeá/Dzubukuá	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Kipeá/Dzubukuá
pedra	(-**u**)**kro**$_{K}$, **kro**$_{DZ}$	***kra(C)**	*kã-	*wyca	MJ
chuva	**dzo**$_{K, DZ}$	*ndaj(°)	*ta-	*ãmãT	
peito	**krabu**$_{K, DZ}$	N/A	*-tusi	*ŋãP	
mão	(**-a**)**mysã**$_{K}$, **aməða**$_{DZ}$	*ñ-ĩm°	*-ẽʔẽ	*po	
caminho	**wo**$_{K, DZ}$	*prən°	*kotVβyu-	*pe, *j-a-pe	
dar	**di**$_{K, DZ}$	*ũp	*-a-ce-	*ũP	
estar sentado	**dadi**$_{K, DZ}$	*ñ-ỹp	*-tymõ-	*apyK	
estar deitado	**bapi**$_{K, DZ}$	*nũp	*-a-ryky-	*j-uP	
ir	**wi**$_{K, DZ}$	*tẽ	N/A	*teT ~ *təT *to ~ *tə	
voar	**ho**$_{K}$	*tôp	*-atso-	*tẽP	
sangue	**pri**$_{K}$, **pli**$_{DZ}$	*jum	*-õto	*j-əɯ	
rabo	**kru**$_{K}$	*c(-)uk	*ijo-	*j-uaC(-po)	
carne	**itu**$_{DZ}$ **aĵe**$_{K}$, **aĩðe**$_{DZ}$ ‘caça, carne’	*ñ-ĩt	*añe-	*ẽT	
ovo	N/A	*ŋgrê(C)	*-ciki	*j-upi(-ʔa)	
nome	**dze**$_{K, DZ}$	***-jet**	*(-ts)-yri	***j-eT**	MJ/T
unha	**ebaja**$_{K}$	N/A	*-ykyki	*j-ã	

Quadro 2.9. Semelhanças técnicas entre as línguas Karirí, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí

A quantidade total das semelhanças técnicas entre as listas das línguas Karirí, por um lado, e Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí, por outro lado, são como segue: 5–6 para o Proto-Macro-Jê, 2–3 para o Chiquitano, 3–5 para o Proto-Tupí. Esses números são compatíveis com a hipótese de que a família Karirí poderia formar parte de uma mesma macrofamília que os troncos Macro-Jê e Tupí, sendo equidistante desses dois troncos.

Observe que há semelhanças marcantes entre o vocabulário básico Karirí e o de outras famílias, tais como Caribe (DE GOEJE, 1932, 169–173; RAMIREZ *et al.*, 2015, anexo I; NIKULIN, CARVALHO, 2018) e Boróro (ver subseção **2.2**). É possível que essas três famílias formam um tronco linguístico à parte, que, por sua vez, poderia estar remotamente relacionado à suposta macrofamília Macro-Jê–Tupí. Uma investigação mais detalhada dessa possibilidade encontra-se fora do escopo desta tese.

2.7. Otí e Macro-Jê

Os dados do Otí, uma língua extinta da bacia do Paranapanema (oeste paulista), provêm das seguintes fontes: Quadros (1892, abreviação $_{FQ}$), Borba (1908, p. 73–76, $_{FQ}$) e Nimuendajú (publicado em IHERING, 1912, p. 8, $_{CN}$).

O vocabulário básico do Otí é comparado com as listas reconstruídas do Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí no Quadro 2.10 abaixo.

	Otí	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Otí
cinza	N/A	*mbrôŋ	*tyβyty-	N/A	
pé	‹**jube**›$_{TB}$, ‹**fum**›$_{CN}$	*pâr°	*-pope	*py	
folha	N/A	*c(-)yɪj	*-asu	*j-əP	
fígado	N/A	*mbâ(C)	*-pakã	*py(-)ʔa	
dente	‹**vê**›$_{FQ}$, ‹**ûa**›$_{CN}$	*j-uñ°	*(-ts)-oʔo	*j-ãC	
cabelo	‹**eteche**›$_{FQ}$ ‹**naôdj**›$_{CN}$	*ke *j-i(C)	*-ki	*j-aP	
pele	N/A	*kəj	*-taki	*pe	
água	‹**ocochia**›$_{FQ}$, ‹**kos(h)îa**›$_{CN}$ ‹**diélsede**›$_{TB}$	*mbiɪn°	*tu-	*ʔɯ	
língua	N/A	*ñ-ũɪctôk	*-õtu	*kʲũ	
boca	‹**afót**›$_{FQ}$	*j-ar°(-kuñ°)	*-aʔi	*j-ɛ̃ *wuru	
nariz	‹**assondlaibe**›$_{TB}$, ‹**son-duái**›$_{FQ}$	*ñ-ĩja	*-ĩña	*ãpyC	
olho	‹**acli**, **athli**›$_{TB}$	*ndôm°	*(-sU)-to	*(e-)ca	
orelha	‹**aconxe**›$_{TB}$, ‹**acóti**›$_{FQ}$, ‹**kō's(h)a**›$_{CN}$	*ñĩpV	*-masu	*nãpi	
cabeça	‹**ursube**›$_{TB}$, ‹**ufúbe**›$_{FQ}$	*krỹj°	*-tãnU	*ʔa	
fogo	‹**iná**›$_{TB}$ ‹**achô**›$_{FQ}$ ‹**úgide**›$_{CN}$	*kucəm°	*pe-	*j-**atʲa**	T (?)
árvore	‹**tajane**›$_{TB}$	*kyɪm°	*soe-	*ƙɯP	
semente	N/A	*c(-)əm°	*ijo-	*j-upa	
osso	N/A	*c(-)et ~ *c(-)ek	*-pa-ʔi	*kãK	
ouvir	N/A	*mbâ	*-õk-oʔi	*…-tuP	
gordura	N/A	*tum	N/A	*kʲaP	
dormir	N/A	*ũɪr/*ñũɪt°	*-a-no-	*kʲeT	
terra	‹**biroa**›$_{TB}$	*ŋgy(C)	*ky-	*ƙɯC	
piolho	N/A	*ŋgyɪt	*-ãpa	*ŋgɯP	
pedra	‹**rátcha**›$_{TB}$	*kra(C)	*kã-	*wyca	
chuva	‹**chanin**›$_{TB}$ ‹**béia**›$_{CN}$	*ndaj(°)	*ta-	*ãmãT	
peito	‹**instúa**›$_{FQ}$	N/A	*-tusi	*ŋãP	
mão	‹**insua**›$_{TB}$	*ñ-ĩm°	*-ɛ̃ʔɛ̃	*po	
caminho	N/A	*prən°	*kotVβyu-	*pe, *j-a-pe	
dar	N/A	*ũp	*-a-ce-	*ũP	

	Otí	PMJ	PChq	PT	semelhanças envolvendo o Otí
estar sentado	‹**roiábe**›$_{TB}$ ‘sente-se!’	*ñ-ỹp	*-tymõ-	*apyK	
estar deitado	‹**bója**›$_{TB}$ ‘deite fora!’ (?)	*nũp	*-a-ryky-	*j-uP	
ir	N/A	*tẽ	N/A	*teT ~ *təT *to ~ *tə	
voar	N/A	*tôp	*-atso-	*tẽP	
sangue	‹**astaete**›$_{FQ}$	*jum	*-õto	*j-əɯ	
rabo	N/A	*c(-)uk	*ijo-	*j-uaC(-po)	
carne	N/A	*ñ-ĩt	*añe-	*ẽT	
ovo	N/A	*ŋgrê(C)	*-ciki	*j-upi(-ʔa)	
nome	N/A	*-jet	*(-ts)-yri	*j-eT	
unha	N/A	N/A	*-ykyki	*j-ã	

Quadro 2.10. Semelhanças técnicas entre o Otí, Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí

Apenas uma semelhança vaga foi observada entre uma forma Otí (‹achô›$_{FQ}$ ‘fogo’) e seu equivalente em Proto-Tupí (**j-atʲa*); notamos ainda que nos registros de Borba e Nimuendajú aparecem itens totalmente diferentes para ‘fogo’, tornando a única semelhança encontrada ainda menos crível. Conclui-se, portanto, que os dados disponíveis do Otí não permitem relacioná-lo às línguas Macro-Jê, Chiquitano e Tupí.

2.8. Conclusão

Neste capítulo comparamos amostras de vocabulário básico das línguas Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí e Otí com as reconstruções relativas ao Proto-Macro-Jê, Proto-Chiquitano e Proto-Tupí. Concluímos que nenhuma dessas famílias e línguas pode ser classificada como pertencente ao tronco Macro-Jê em razão da ausência de um número suficiente de cognatos plausíveis. As famílias Boróro, Karirí e, possivelmente, Purí poderiam estar relacionadas ao tronco Macro-Jê em um nível consideravelmente mais profundo, no âmbito de uma hipótese de parentesco distante entre diversas famílias do leste da América do Sul (cf. NIKULIN, CARVALHO, 2018). No Quadro 2.11, listamos os possíveis membros desse suposto macro-agrupamento, indicando se eles possuem marcadores parecidos com *#i* 1(SG), *#a* 2, *#kVt* 1PL, *#i* 3, *#tV-* 3CRF, tão difundidos no leste sul-americano (ver também GREENBERG, 1987, p. 44–46).

	#i 1(SG)	*#a* 2(SG)	*#kVt* 1PL	*#i* 3	*#tV-* 3CRF	alternâncias consonantais à esquerda do tema
Macro-Jê	**iñ*	**a-*, **a*	—	**i-*	**ta-*	+ (**j-*/**ñ-*)
Chiquitano	**ij-* M, **iš-* F	**a-*	—	**i-*	—	+ (**ts-*)
Tupí	— (**o*)	? **e*	—	**i-*	**tə-*	+ (**j-*)
Caribe	— (**u-*)	? **ə-*	**k-*	**i-*	**t-*	+ (**j-*)
Karirí	*hi-*	*e-* 2_K, *an(i)-*/*a-* 2_{DZ}	**ked-*$_{DZ}$, **k(u)-*	*i-*	*d(i)-*	+ (*ts-*)
Boróro	**i-*	**a-*	**k_2e(t)-* EXCL	—	**ty-*	+ (**t-*/**n-*/**k_2-*)
Matacoana	**j-*	**a-*	**kats(')-*	—	—	+ (**ɬ-*)
Guaicuru	**j-*	**ʔa-*	**qod(')-*	—	—	?
Zamucoana	**j-*	**a-*	—	—	**da-*	—
Yaathê	*i=*	*a=*	—	? *e=* (P)	—	—

Quadro 2.11. Morfologia de pessoa nas famílias do leste sul-americano

Constatamos que a comparação entre as protolínguas cuidadosamente reconstruídas das famílias supracitadas poderia resultar na identificação de vínculos genéticos de alta profundidade entre pelo menos algumas delas. Nesta tese, não nos comprometermos com a proposta referente a todas essas famílias; em vez disso, limitamos a nossa hipótese classificatória aos troncos Macro-Jê e Tupí e ao Chiquitano.

Quanto a esses últimos três agrupamentos, a posição que tomamos atualmente é a de que o tronco Macro-Jê e o Chiquitano são mais estreitamente relacionados entre si do que qualquer um desses agrupamentos é relacionado ao tronco Tupí. Na presente fase da nossa investigação, ainda não é possível utilizar o método das inovações compartilhadas para demonstrar que o tronco Macro-Jê e o Chiquitano formam, de fato, um clado à exclusão do tronco Tupí; entretanto, o número das prováveis etimologias Macro-Jê–Chiquitano identificadas até o presente é consideravelmente mais elevado do que a quantidade das prováveis etimologias Tupí–Chiquitano (ou até mesmo Macro-Jê–Tupí), fato indicador de que os três agrupamentos provavelmente formam a estrutura filogenética descrita acima.

Optamos por usar a seguinte nomenclatura nesta tese. O termo "Macro-Jê" é reservado para o agrupamento que compreende as famílias Jê, Jaikó, Transanfranciscana (Maxakalí, Krenák, Kamakã), Karajá, Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí; foi-nos possível identificar as correspondências fonológicas regulares entre essas famílias e apresentar uma proposta reconstrutiva referente à fonologia de sua protolíngua (ver capítulo **3**). Para o agrupamento constituído por essas famílias e o Chiquitano, utilizaremos o termo "Macro-Jê *lato sensu*";[68] sua protolíngua ainda não

[68] É evidente que seria também possível rotulá-lo simplesmente de "Macro-Jê" e atribuir algum outro rótulo (por exemplo, "Macro-Jê *stricto sensu*" ou "Macro-Jê Nuclear") ao agrupamento menor mencionado acima, sem o Chiquitano. Qualquer uma dessas convenções terminológicas seria necessariamente arbitrária. Como o foco desta tese é o agrupamento formado pelas famílias Jê, Jaikó, Transanfranciscana (Maxakalí, Krenák, Kamakã), Karajá,

foi objeto de estudos reconstrutivos aprofundados, mas já foram detectadas diversas correspondências sonoras regulares entre o Proto-Macro-Jê e o Proto-Chiquitano (**3.4**), colocando fora de dúvida a existência de um vínculo genético, ainda que profundo, entre esses agrupamentos. Finalmente, a suposta macrofamília formada pelo Macro-Jê *lato sensu* e pelo tronco Tupí (ver também **3.5**) receberá o nome de "hipótese Macro-Jê–Tupí" (notamos que não excluímos a possibilidade de algumas outras famílias, tais como Karirí e Boróro, integrarem essa suposta macrofamília).

Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí (isto é, à exclusão do Chiquitano), optamos por utilizar um rótulo mais curto (ou seja, "Macro-Jê") para nos referirmos a esse agrupamento.

Capítulo III.
Reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê

Neste capítulo apresentamos a nossa proposta reconstrutiva referente à fonologia do Proto-Macro-Jê. Em plena consonância com os princípios de reconstrução *bottom-up*, baseamos a nossa reconstrução do Proto-Macro-Jê nas reconstruções das protolínguas intermediárias das famílias que constituem o tronco Macro-Jê, tais como Jê, Transanfranciscana e Jabutí, além dos dados das línguas Macro-Jê contemporâneas que não pertencem a famílias ramificadas. Na seção **3.1** explicitamos as reconstruções das protolínguas e a fonologização dos dados das diversas famílias Macro-Jê: Jê (**3.1.1**), Transanfranciscana (**3.1.2**), Karajá (**3.1.3**), Ofayé (**3.1.4**), Rikbáktsa (**3.1.5**) e Jabutí (**3.1.6**). Os dados do Jaikó serão reproduzidos sem modificações, visto que há apenas uma fonte referente a essa língua. Detalhamos a nossa proposta de reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê na seção **3.2**, apresentando as correspondências fonéticas entre as línguas das diferentes famílias Macro-Jê e as inovações identificadas. A estrutura interna do tronco Macro-Jê é discutida na seção **3.3**, onde argumentamos em favor de uma divisão ternária do Macro-Jê em três ramos: Ocidental, Oriental e Karajá. Na seção **3.4**, retornamos à hipótese de Adelaar (2008) que visa incluir a língua Chiquitana no tronco Macro-Jê e tentamos mostrar que, apesar de o Chiquitano estar geneticamente relacionado às línguas Macro-Jê, essa língua não descende diretamente do Proto-Macro-Jê e deve ser classificada como Para-Macro-Jê. Na seção **3.5**, avaliamos algumas semelhanças lexicais entre as formas reconstruídas do Proto-Macro-Jê e do Proto-Tupí e concluímos que tais semelhanças poderiam, de fato, refletir uma origem genética comum desses dois troncos. Encerramos o capítulo com a seção **3.6**, onde resumimos a discussão das seções anteriores e identificamos os problemas a serem tratados em futuras pesquisas.

3.1. Reconstruções das protolínguas e fonologias das línguas das famílias Macro-Jê

Nesta seção apresentamos as nossas propostas de reconstrução fonológica das protolínguas das famílias integrantes do tronco Macro-Jê (a saber, das famílias Jê, Transanfranciscana e Jabutí) e discutimos os aspectos fonológicos das línguas Macro-Jê que não integram nenhuma família de baixa profundidade. No caso de duas línguas escassamente documentadas, Krenák e Ofayé, as fontes disponíveis exibem uma elevada quantidade de discrepâncias quanto à fonologização dos dados, as quais receberão uma atenção especial nas respectivas subseções. Isto é necessário a fim de garantir a uniformidade da representação fonológica dos dados das diversas línguas Macro-Jê a serem submetidos à comparação na seção **3.2**.

3.1.1. Proto-Jê

A família Jê abrange cinco subgrupos de baixa diversidade interna, que denominamos (1) **Jê Setentrional** (línguas Apinajé, Mẽbêngôkre, Kĩsêdjê, Tapayúna, Timbíra), (2) **Panará** (apenas a língua Panará), (3) **Akuwẽ** (línguas Xavánte, Akwẽ-Xerénte, *Xakriabá*, *Akroá*), (4) **Jê Meridional** (línguas Kaingáng e Laklãnõ) e (5) **Ingain** (apenas uma língua extinta, *Ingain*). As línguas Jê Setentrionais e o Panará constituem um sub-ramo, que nesta tese é denominado **Jê de Goyaz**. Este, por sua vez, faz parte de um ramo que inclui também as línguas Akuwẽ e que denominamos aqui **Cerratense**. As línguas Jê Meridionais são estreitamente relacionadas ao Ingain, formando, junto com essa língua, um ramo que denominamos **Jê Paranaense**. Dessa maneira, a família Jê é dividida em dois grandes ramos, Cerratense e Paranaense. Providenciamos uma representação gráfica da estrutura interna da família Jê na Figura 3.1.

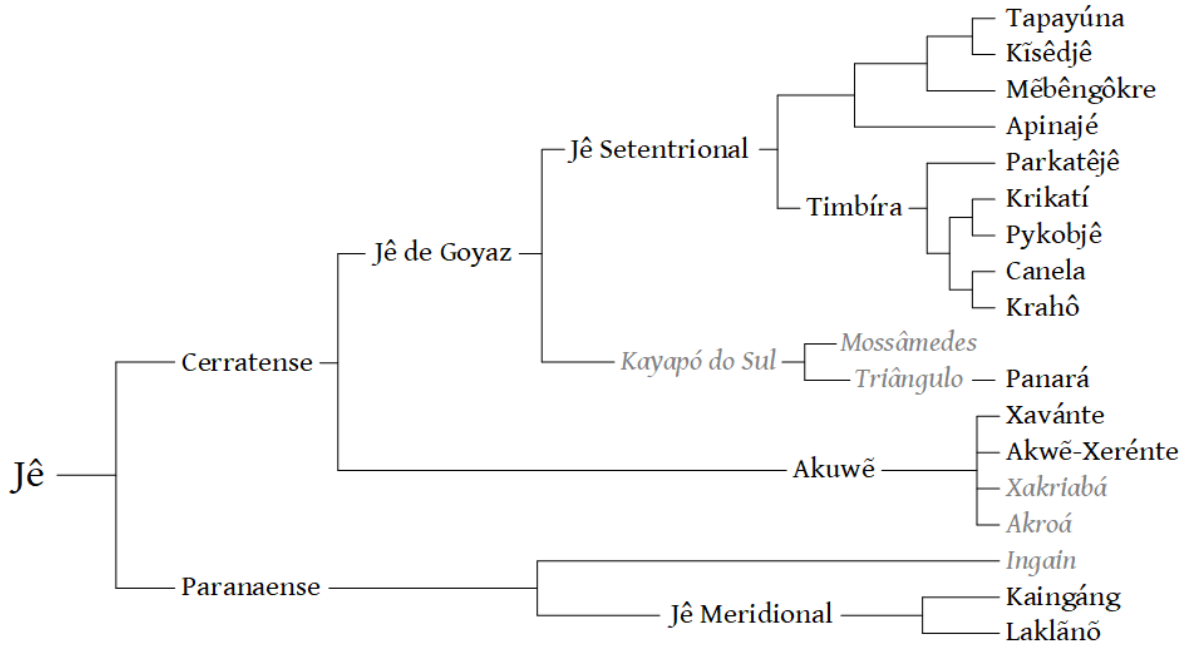


Figura 3.1. Cladograma da família Jê

Aqui adotamos a proposta reconstrutiva de Nikulin (2019a), que se distingue da proposta pioneira de Davis (1966) não apenas no que diz respeito à quantidade e à qualidade dos dados comparativos utilizados, mas também por se basear nas reconstruções fonológicas e lexicais das protolínguas intermediárias (NIKULIN e SALANOVA, 2019 para o Proto-Jê Setentrional; NIKULIN, 2016 para o Jê de Goyaz; NIKULIN, 2017 para o Proto-Akuwẽ e para o Proto-Cerratense; JOLKESKY, 2010; NIKULIN, 2015 para o Proto-Jê Meridional).

Estruturamos esta seção da seguinte forma: a subseção **3.1.1.1** tratará dos *onsets*, a subseção **3.1.1.2** versará sobre as vogais, enquanto na subseção **3.1.1.3** discutiremos as codas silábicas do Proto-Jê. Além das reconstruções, detalharemos a evolução dos segmentos reconstruídos nas línguas Jê contemporâneas.

3.1.1.1. *Onsets*

De acordo com a proposta reconstrutiva que defendemos em um trabalho anterior (NIKULIN, 2019a), o inventário consonantal do Proto-Jê compreendia 11 fonemas, distribuídos entre quatro pontos (labial, dento-alveolar, palatal e velar) e três modos de articulação (obstruintes surdas, nasais e aproximantes), tal como mostrado no Quadro 3.1 abaixo. Todas essas consoantes podiam preencher a posição de *onset* em Proto-Jê. É possível reconstruir ainda um um processo fonológico de *blindagem nasal* (WETZELS, NEVINS, 2018) para essa protolíngua, o qual fazia com que as nasais do Proto-Jê fossem realizadas como segmentos de contorno pós-oralizados (*[mb], *[nd], *[nĵ], *[ŋg]) em sílabas com núcleos orais.[69] Pelo contrário, a aproximante */j/ se nasalizava completamente em sílabas com núcleos nasais, possuindo neste caso a realização *[ñ].

		labiais		dento-alveolares		palatais		velares	
obstruintes surdas		*[p]	*/p/	*[t]	*/t/	*[c]	*/c/	*[k]	*/k/
nasais	ambientes nasais	*[m]	*/m/	*[n]	*/n/		*/ñ/[70]	*[ŋ]	*/ŋ/
	ambientes orais	*[mb]		*[nd]		*[nĵ]		*[ŋg]	
aproximantes	ambientes nasais	*[w]	*/w/	*[r]	*/r/	*[ñ]	*/j/		
	ambientes orais					*[j]			

Quadro 3.1. As consoantes do Proto-Jê

[69] Apesar de preferirmos reconstruir os alofones em questão como vozeados (*[mb], *[nd], *[nĵ], *[ŋg]) com base em seus reflexos nas línguas Apinajé, Kĩsêdjê, Kaingáng e Laklãnõ (exceto por *[nĵ], que tem um reflexo surdo nas línguas Jê Meridionais), chama a atenção a alta quantidade de línguas em que esses alofones possuem reflexos desvozeados (Panará, Timbíra, Akuwẽ). Notamos, entretanto, que na história fonológica desses três agrupamentos houve o ensurdecimento de **todas** as oclusivas vozeadas (PCerr **w/*j/*g* > PJG **b/*ĵ/*g* > PNR *p/s/k*, Proto-Timbíra **p/*c/*k*; PCerr **g* > PA **k*), fornecendo uma explicação plausível para o ensurdecimento num ambiente pós-nasal, aparentemente antinatural (ver também a discussão em BEGUŠ, 2018, p. 25).

Salientamos que não descartamos a possibilidade de que as nasais subjacentes tenham possuído alofones pós-oralizados parcialmente surdos (isto é, *[mp], *[nt], *[nc], *[ŋk]) já em Proto-Jê; nesse caso, sua sonorização nas línguas Jê Meridionais e Setentrionais teria ocorrido de forma independente. Agradecemos a Andrés Pablo Salanova (comunicação pessoal, Universidade de Ottawa, 2018) e a Thiago Costa Chacon (comunicação pessoal, Universidade de Brasília, 2020) por direcionarem nossa atenção a essa possibilidade.

[70] É necessário ressaltar que não nos foi possível reconstruir nenhuma ocorrência da nasal palatal subjacente do Proto-Jê em ambientes nasais. Por esse motivo, o segmento que reconstruímos como */ñ/ possuía sempre a realização *[nĵ]. Quanto ao fone *[ñ] do Proto-Jê, este deve ser analisado como um alofone de */j/ (e não de */ñ/) em ambientes nasais, conforme evidenciado pelo comportamento da chamada consoante temática (ver **4.3.1.2** e NIKULIN, SALANOVA, 2019 para uma discussão mais detalhada).

A fonotática do Proto-Jê admitia quatro *onsets* ramificados, a saber: */pr/, */mr/, */kr/, */ŋr/. As aproximantes e as consoantes coronais (dento-alveolares ou palatais) não podiam formar *onsets* ramificados com **r*. Esta restrição opera em diversas línguas Macro-Jê, incluindo a quase totalidade das línguas Jê (ver DAMULAKIS, 2010, capítulo 5 para uma discussão mais detalhada).

A evolução do sistema dos *onsets* do Proto-Jê nas línguas da família ocorreu da seguinte maneira.

Fontes: Nikulin e Salanova (2019) para as línguas Jê Setentrionais
Nikulin (2016) para as línguas Jê de Goyaz
Nikulin (2016, 2017), Carvalho (2016), Vasconcelos (2013), Nikulin e Carvalho (2019) para o Panará
Ribeiro-Silva (2020) para as variedades Timbíra
Nikulin (2017) para as línguas Akuwẽ
Wiesemann (1978), Jolkesky (2010), Nikulin (2019a) para as línguas Jê Meridionais

a. Proto-Cerratense: epêntese de */g/ **[g]/*[ŋ]* em sílabas tônicas sem *onset*
a.a. Proto-Jê de Goyaz: **w > *b*; **j > *ĵ* (apenas em sílabas tônicas)
a.a.a. Proto-Jê Setentrional: (re)introdução de **w, *j, *d* em itens não nativos
a.a.a.a. Proto-Timbíra: **c > *h* (**Ø* antes de **w*); **k > *kʰ*; **tj > *c*; **ñ > *j*; **ŋr > *r*; **rw > *wr* (**Crw > *Cwr > *Cr*); eliminação de obstruintes orais sonoras: **(m)b > *(m)p, *(n)d > *(n)t, *(n)ĵ > *(n)c, *(ŋ)g > *(ŋ)k* (com perda da fase nasal entre vogais tautomorfêmicas)
a.a.a.a.a. Parkatejê–Kyikatêjê: **ŋ > h*; **ŋk > nk*; **kʰ > k*
a.a.a.a.b. Krikatí–Gavião-Pyhcopji: nenhuma inovação
a.a.a.a.b.a. Krikatí: **ŋ > h*
a.a.a.a.b.b. Gavião-Pyhcopji: nenhuma inovação
a.a.a.a.c. Krahô–Canela: nenhuma inovação
a.a.a.b. Proto-Trans-Tocantins: **j > *ĵ* (precedendo **u, *ə* em sílabas átonas)
a.a.a.b.a. Apinajé: **c > ʔ ~ Ø*; **tj > c*; **b/*d/*ĵ/*g > p/t/c/k*; **j > z* (em sílabas tônicas); **w > v* (em sílabas tônicas); **rw > *vr*
a.a.a.b.b. Mẽbêngôkre: **c > ʔ ~ Ø*; **tj > c*; **mb/*nd/*nĵ/*ŋg > m/n/ñ/ŋ*; **-m.ĵ- > -m.j-*
a.a.a.b.c. Proto-Tapajoara: **p > *hw* (**h* diante de vogais arredondadas ou **r*); **t > *tʲʰ* (**c* diante de **i*); **c > *tʲʰ*; **k > *kʰ* (pelo menos em sílabas tônicas); **b/*ĵ/*g > *p/*t/*k*; **nĵ > *nt ~ *nd*
a.a.a.b.c.a. Tapayúna: **p, *m(b), *m(b)r > w, w̃, r̃*; **tʰ > t*; **tj, *kʰj > c*; **mbj > j*
a.a.a.b.c.b. Kĩsêdjê: **tʰ, *tj > s*; **mbj > mj*; **p > w* (em sílabas átonas)
a.a.b. Panará: **ka- > a-* (em sílabas átonas); **ku.C- > C꞉-* (em sílabas átonas); eliminação de obstruintes orais vozeadas: **(m)b > (m)p, *nd > nt, *(n)ĵ/*c > (n)s, *(ŋ)g > (ŋ)k*; **r > j* (quando contíguo a vogais não anteriores[71]); mudanças filologicamente atestadas: *ŋ > ŋk*; epêntese de *n-* em palavras iniciadas por *ə̃-*
a.b. Proto-Akuwẽ: **ka- > *wa-* (em sílabas átonas); **p(r)/*mb(r), *t/*nd, *c/*nĵ, *k(r)/*ŋg(r) > *p(r), *t, *c, *k(r)* (em sílabas com núcleos orais, padrão geral[72]), **m(r), *n, (?), *k(r)* (em sílabas com núcleos nasais), **b(r), *d, *ĵ, *h* (em sílabas tônicas com núcleos orais altos); **j > *ĵ* (mas **j/*c > *h* diante de **i*; **j > *c* no ambiente **ĩ...i*); **Cj, *Cw > *ĵ, *w* (mas **jw > *kw*); reanálise de antigas codas como *onsets* com a fonologização das vogais eco

[71] Essa mudança não atingiu o dialeto do Kayapó do Sul que se utilizava em Mossâmedes (GO), havendo ocorrido apenas nas variedades outrora faladas em Santana do Paranaíba (MS) e no Triângulo Mineiro (uma das quais parece haver dado origem ao Panará moderno).

[72] Em um trabalho anterior (NIKULIN, 2017) propusemos, erroneamente, a seguinte mudança diacrônica para a história fonológica do Proto-Akuwẽ: **kə/*ŋgə, *k(r)y/*ŋg(r)y > *hə*. No entanto, observe-se que se este fosse o caso, o desenvolvimento PCerr **aŋgə* 'semente de tiririca' > PA **a꞉ke* deveria ser considerado irregular. Aqui consideramos que PCerr **k(r), *ŋg(r)* > PA **h* diante de qualquer vogal oral alta tônica do PCerr, sendo que em PJS ocorreu o abaixamento **ky/*ŋgy > *kə/*ŋgə*:

(i) PCerr **ku/*ku-r'* 'ingerir.PL' > PA **hu/*hu-ri*;
(ii) PCerr **kum'* 'nuvem, neblina' > PA **hum // *hu*;
(iii) PCerr **kakum'* 'estação seca' > PA **wa꞉hum // *wa꞉hu*;

a.b.a. Xavánte: **k > ʔ*; **c/*ĵ > s/z* (em algumas variedades); epêntese de *ʔ* em sílabas sem *onset*
a.b.b. Akwẽ-Xerénte: **ñ > n*; **c/*ĵ > ʂ/ʐ ~ ʐd ~ d* (*s/z ~ zd ~ d* na fala dos falantes mais novos); formação de *onsets* complexos com a redução vocálica

b. Proto-Jê Meridional:[73] **c > *θ*; **nĵ > *c*; **ñ > n*; **-ñ.t- > *-c-*; **-ñ.nd- > *-nĵ-*

b.a. Kaingáng: **θ > ɸ*

b.a.a. dialeto Paulista: *ɸ > w ~ ɸ*

b.a.b. dialeto Central: **c > x*; **-ñ.n-, *-ñ.j- > -ñ-, -j-*; **nĵ > ŋg* (diante de *i*)

b.a.c. dialetos do Paraná, do Sudeste e do Sudoeste: **c > x*; **-ñ.n-, *-ñ.j- > -ñ-, -j-*

b.b. Laklãnõ: **θ > ð* (exceto em **ŋ.θ > k.θ*); **w > v*; **r > l*; **j > ñ* (diante de vogais nasais ou seguindo consoantes nasais)

Além desses desenvolvimentos, há algumas mudanças sonoras que não podem ser facilmente atribuídas a uma determinada camada cronológica. Uma delas é a emergência da pré-glotalização das obstruintes surdas, presente nas variedades Timbíra e no Apinajé: atualmente desconhecemos se se trata de uma inovação paralela (difundida via contato do Timbíra para o Apinajé ou vice-versa) ou de uma única inovação que teria ocorrido na história do Proto-Jê Setentrional (retida em Timbíra e Apinajé mas perdida nas línguas Trans-Araguaia). Outra mudança sonora cujo *status* ainda não está claro é aquela que subjaz a palatalização morfofonológica das obstruintes nas línguas Jê Setentrionais, discutida em detalhe por Nikulin e Salanova (2019). Embora a maior parte das evidências que permitem sustentar a existência desse processo provém das línguas Jê Setentrionais, há motivos para acreditar que a mudança diacrônica que deu origem à palatalização ocorreu na história do Proto-Cerratense ou até mesmo na história do Proto-Jê.

3.1.1.2. Núcleos

A reconstrução dos núcleos do Proto-Jê é mais problemática do que a reconstrução de seus *onsets*. Em um trabalho anterior (NIKULIN, 2019a), identificamos 19 correspondências vocálicas entre o Proto-Cerratense e o Proto-Jê Meridional e atribuímos cada uma dessas correspondências a um fonema diferente do Proto-Jê. Ao total, reconstruímos um inventário vocálico complexo que compreendia 13 fonemas orais e 6 nasais. Propusemos, ainda, que o Proto-Jê

(iv) PCerr **-ki* ‘pelo, cabelo’ > PA **ĵa-hi* (cf. PJM **ky-ki*);
(v) PCerr **ky/ky-r* ‘gritar, assoviar’ > PA **hə/*hə-rə*;
(vi) PCerr **kyj’* ‘pele, casca’ > PA **həj // *hə*;
(vii) PCerr **kry* ‘frio’ > PA **hə*;
(viii) PCerr **kryt* ‘pederneira, metal’ > PA **hətə // *həːdə*;
(ix) PCerr **kukryt* ‘anta’ > PA **kutə // *kuhəːdə*;
(x) PCerr **ŋgy* ‘casa dos homens’ > PA **hə*;
(xi) PCerr **ŋgryk* ‘raiva, zanga’ > PA **həkə // *hə*.

[73] Na presente etapa de nossa pesquisa, não empreendemos uma tentativa de descrever a história fonológica do Ingain por carecermos de uma análise fonológica sincrônica confiável para essa língua (aquela proposta por JOLKESKY, 2010 se baseia em um alto número de premissas *ad hoc* e não pode ser utilizada acriticamente). Por esse motivo, não distinguimos aqui entre os níveis Proto-Paranaense e Proto-Jê Meridional. Destacamos aqui apenas o desenvolvimento Proto-Jê **c* > Ingain *l*, o qual pode ter seguido o percurso **c > *θ > *ð > *l* ou **c > *θ > *ɬ > *l*. A inovação **c > *θ*, dessa forma, deve ser atribuída ao Proto-Paranaense.

possuía cinco alturas vocálicas contrastivas a fim de acomodar as vogais orais reconstruídas no sistema fonológico dessa protolíngua.

Desde então, tivemos a oportunidade de revisar a interpretação de algumas das vogais reconstruídas a fim de eliminar algumas assimetrias e inconsistências detectadas em nossa proposta anterior por Mikhail Jivlov (comunicação pessoal, outubro de 2019). Nos Quadros 3.2 e 3.3 a seguir, reproduzimos a proposta reconstrutiva atualizada, a proposta anterior (a título de comparação), bem como os reflexos de cada vogal do Proto-Jê em Proto-Cerratense e Proto-Jê Meridional.

PJ (proposta)	*a	*ə̂₁	ə̂₂	*ə	*y	*o	*ô	*u₁	*u₂	*e	*ê₁	*ê₂	*i
PJ (Nikulin 2019a)	*a	*ô	*ə̂	*ʏ	*y	*ə	*o	*ʊ	*u	*e	*ê	*ɪ	*i
PCerr	*a	*ô	*ə̂	*ə	*y	*o	*wa	*u		*e	*ê	*ja	*i
PJM	*ã	*ə		*ə̂	*y	*ã	*a	*ô	*u	*e	*ê		*i

Quadro 3.2. Revisão da reconstrução das vogais orais do Proto-Jê

PJ (proposta)	*ə̃	*ỹ	*ũ₁	*ũ₂	*ẽ	*ĩ
PJ (Nikulin 2019a)	*ə̃	*ỹ	*ũ	*õ	*ẽ	*ĩ
PCerr	*ə̃	*ỹ (após palatais), *ə̃ (n.d.a.)	*õ		*ẽ	*ĩ
PJM	*ə̃	*ĩ	*ũ	*ə̃	*ĩ	

Quadro 3.3. Revisão da reconstrução das vogais nasais do Proto-Jê

A versão revisada permite eliminar as seguintes inconsistências presentes na proposta de Nikulin (2019).

– As vogais reconstruídas como **o/*ɪ* na proposta anterior deveriam ser acomodadas na mesma altura: além de ambas terem sofrido um processo de ditongação em Proto-Cerratense (PCerr **wa/*ja*), suas correspondências externas também são simétricas (PTSF **u/*i* > Maxakalí *u/i*; Krenák *u/i*). Na nova proposta, reconstruímos vogais médias-altas para essas correspondências: **ô, *ê₂*.

– Alguns pares de vogais apresentam reflexos idênticos em um dos ramos constituintes e correspondências externas também idênticas. Não está claro como tais distinções devem ser reconstruídas para o Proto-Jê; em cada um desses casos, poderia se tratar de uma cisão condicionada por um fator ainda desconhecido (possivelmente de natureza prosódica, como, por exemplo, a duração vocálica), a qual teria ocorrido em um dos ramos constituintes, ou então de um par de vogais muitos próximas uma à outra, facilitando fusões que teriam ocorrido de forma independente em múltiplos ramos do tronco Macro-Jê. Trata-se dos seguintes pares: PJ **ô/*ə̂* > PJM **ə* (ambas correspondem a PTSF **y*); PJ **ʊ/*u* > PCerr **u* (ambas correspondem a PTSF **o*); PJ **ê/*ɪ* > PJM **ê*

(ambas correspondem a PTSF **i*); PJ **ũ/*õ* > PCerr **õ* (ambas correspondem a PTSF **ũ*). A solução que adotamos nesta tese é a utilização de índices subscritos, visto que qualquer tentativa mais concreta de representar a diferença entre as respectivas vogais reconstruídas seria necessariamente especulativa.

A evolução do sistema dos núcleos do Proto-Jê nas línguas da família ocorreu da seguinte maneira.

Fontes: Nikulin e Salanova (2019) para as línguas Jê Setentrionais
Nikulin (2016) para as línguas Jê de Goyaz
Nikulin (2016, 2017), Nikulin e Carvalho (2019) para o Panará
Ribeiro-Silva (2020) para as variedades Timbíra
Nikulin (2017) para as línguas Akuwẽ
Wiesemann (1978), Jolkesky (2010), Nikulin (2019a) para as línguas Jê Meridionais

a. Proto-Cerratense: **ə̂₁ > *ô* (mas **ə̂₂ > *ə̂*); **ô > *wa*; **ê₂ > *ja* (mas **ê₁ > *ê*); **u₁,₂ > *u*; **ũ₁,₂ > *õ*; **ỹ > *ə̃* (exceto após palatais); redução das vogais na sílaba pretônica do tipo **pV- > *pᵊ-*

a.a. Proto-Jê de Goyaz: **wa > *wa ~ *û; *ja > *jê ~ *î; *y > *ə* após consoantes velares; **a/*y/*u > *ã/*ỹ/*ũ* em sílabas travadas por **-m'*; **pᵊ- > *py-/*pu-* (a depender do arredondamento do núcleo na sílaba seguinte)

a.a.a. Proto-Jê Setentrional: nenhuma inovação

a.a.a.a. Proto-Timbíra: **û > *û ~ *ówa*

a.a.a.a.a. Parkatejê–Kyikatêjê: nenhuma inovação

a.a.a.a.b. Krikatí–Gavião-Pyhcopji: **ə̂/*ô/*ê > *y/*u/*i; *ỹ/*ũ/*ĩ/*ỹ/*ũ/*ĩ > *ə̨/*ǫ/*ę/*ə̨̃/*ǫ̃/*ę̃*

a.a.a.a.b.a. Krikatí: perda de voz murmurada contrastiva (? dados insuficientes)

a.a.a.a.b.b. Gavião-Pyhcopji: nenhuma inovação

a.a.a.a.c. Krahô–Canela: criação de ditongos (*V > Va*) em contextos de ênfase

a.a.a.b. Proto-Trans-Tocantins: nenhuma inovação

a.a.a.b.a. Apinajé: desnasalização fonética de algumas vogais átonas; **û/*î > û ~ ur/î ~ ir*

a.a.a.b.b. Mẽbêngôkre: desnasalização fonética de **ĩ* átono; **ỹ > y*

a.a.a.b.c. Proto-Tapajoara: **ôj > *wə̂j* (**ə̂j* após labiais); **ỹ > yp // ywy*

a.a.a.b.c.a. Tapayúna: nenhuma inovação

a.a.a.b.c.b. Kĩsêdjê: nenhuma inovação

a.a.b. Panará: **ə̂ > ə*; **Crê > Crə*; nasalização de vogais precedendo segmentos pós-oralizados (**VND > ṼND*)

a.b. Proto-Akuwẽ: **ô/*ê > *u/*i*; **e > *ê*; **ə̂/*ə > *e*; **y > *ə*; fonologização das vogais eco (**-Vm, *-Vn > *-ṼmṼ, *-ṼnṼ*, sendo que **u* se nasaliza para **õ*); **pᵊ- > *pi-*

a.b.a. Xavánte: nenhuma inovação

a.b.b. Akwẽ-Xerénte: **ĩ > i* após *s*; síncope vocálica

b. Proto-Jê Meridional:[74] **u₁ > *ô* (mas **u₂ > *u*); **ô > *a*; **o/*a > *ã*; **ẽ/*ỹ > *ĩ*; **ə > *ə̂*; **ə̂₁,₂ > *ə*; **ê₁,₂ > *ê*; **ũ₂ > *ə̃* (mas **ũ₁ > *ũ*)

b.a. Kaingáng: **ə̂/*ə/*a/*ã > ə/a/ã/ẽ* (mudança em cadeia)

b.a.a. dialeto Paulista: fusão de *ã* e *ẽ > ã ~ ẽ*

b.a.b. dialetos Central e do Sudoeste: fusão de *ã* e *ẽ > õ ~ ã ~ ẽ*

b.a.c. dialetos do Paraná e do Sudeste: *ã > õ ~ ã*

b.b. Laklãnõ: **ə/*ə̃ > o/õ* (em três morfemas gramaticais, **ə̃ > ũ*); **o > u*; **ĩ > *ẽ*

Este conjunto de mudanças sonoras permite derivar a maioria dos reflexos das vogais do Proto-Jê nas línguas-filhas. Há dois assuntos problemáticos que ainda não foram resolvidos em nossa proposta. Um deles é a nasalização secundária (NIKULIN, 2019, p. 97), aparentemente espontânea nas línguas Akuwẽ (pelo menos, não pudemos determinar qual elemento poderia tê-la

[74] Novamente, não utilizamos aqui os dados do Ingain por carecermos de uma análise fonológica adequada para os fins comparativos. Destacamos aqui apenas o desenvolvimento Proto-Jê **ô* > Ingain *a͡u* (compare-se o reflexo não arredondado **a* em PJM).

desencadeado). Essa mudança deve ter ocorrido posteriormente ao desenvolvimento do tipo **pṼ, *tṼ > *mṼ, *nṼ* (cf. PCerr **pĩm* 'madeira', **tẽ-m'* 'ir/vir.SG.NF' > PA **mĩmĩ // *mĩ, *nẽm // *nẽ* 'ir/vir.DU.NF'), pois esta última nunca afeta as consoantes no ambiente das vogais nasais secundárias: PCerr **pa̲* 'matar.PL.F' > PA **pə̃* 'matar.DU.F', PCerr **tu̲-r'* 'urinar.NF' > PA **tõ-rĩ* 'id.', PCerr **ndaj'* 'chuva' > PA **tə̃j // *tə̃* 'id.'. Exemplos como PCerr **ĵə̲* 'inserir.SG.NF' > PA **ñẽ* demostram que a nasalização secundária ocorreu depois de determinadas mudanças vocálicas características do PA, tais como **ə > *e* (observe que a vogal **ə̃* do PCerr foi preservada no PA). Por outro lado, o processo em questão claramente precedeu a sonorização das oclusivas seguidas de vogais altas orais, pois de outra forma esperaríamos que essa segunda mudança ocorresse em exemplos como PCerr **tu̲-r'* 'urinar.NF' > PA **tõ-rĩ* 'id.' (cf. PCerr **tu-r'* 'carregar.SG.NF' > PA **du-ri* 'id.'). A sonorização das oclusivas seguidas de vogais altas orais, por sua vez, precedeu a fusão de algumas vogais médias-altas e altas (**ô/*u, *ê/*i > *u, *i*) (NIKULIN, 2017, p. 160–161).

Outro problema que não pretendemos resolver aqui é a origem das vogais longas presentes em algumas variedades Timbíra e na língua Xavánte. Em ambas, sua função contrastiva é marginal, mas pelo menos em Gavião-Pyhcopji e em Canela há pares mínimos que envolvem a quantidade vocálica em sílabas pretônicas (são distinguidos apenas na ortografia usada pelos Gavião-Pyhcopji e Krĩkatí; em Canela, vogais longas foram atestados em pouquíssimos itens). Não conseguimos achar nenhum paralelo externo a esse fenômeno e não projetamos as vogais longas para níveis mais profundos de reconstrução, na esperança de que a quantidade vocálica nas variedades Timbíra seja objeto de documentação mais sistemática em futuros trabalhos.

3.1.1.3. Codas

A reconstrução das codas do Proto-Jê baseia-se tanto em seus reflexos diretos nas línguas Jê como nas alternâncias morfofonológicas atestadas nas línguas Akuwẽ e Jê Meridionais. Além de traços contrastivos tais como ponto e modo de articulação, reconstruímos um parâmetro não segmental crucial para o entendimento dos reflexos das diferentes codas nas línguas Jê contemporâneas: a presença/ausência da chamada vogal eco. O Quadro 3.4 sintetiza a nossa proposta reconstrutiva referente às codas do Proto-Jê (NIKULIN, 2019, p. 107–110).[75]

[75] Modificamos a reconstrução de alguns segmentos palatais em relação à nossa proposta anterior (NIKULIN, 2019). A correspondência entre PCerr **-j'* e PJM **-j* foi considerada inválida, pois descartamos a única etimologia que a sustentava (não consideramos mais PJM **θej* 'folha' cognato de PCerr **côj'* 'folha', pois a correspondência vocálica entre esses dois itens seria irregular). Dessa forma, pudemos reinterpretar a correspondência PCerr **c* ~ PJM **j* como derivada de PJ **j*. Já a correspondência PCerr **j'* ~ PJM **Ø* pôde ser atribuída a PJ **j'*.

com vogal eco			
PJ	PCerr	PJM	PJM (vb.)
*p	*p	*∅	*-n
*t	*t	*r	
*c	*c	*∅	
*k	*k	*∅, *j[A]	
*m	*m	*∅	
*n	*n		
*r	*r	*n	*-n
*j	*c	*j	*-ñ

sem vogal eco				
PJ		PCerr	PJM	PJM (vb.)
*/P/	*[∅]	*∅, *-p-[B]	*∅	*-m
*/T/		*∅		*-n
*/C/				*-ñ
*/K/				*-ŋ
*m’		*m’	*ŋ	*-ŋ
*n’		*n’	*n	*-n
*ñ’		*ñ’	*ñ	*-ñ
*r’		*d	*n	*-n
*j’		*j’	*∅	*-ñ

[A] = seguindo o núcleo **ê*; [B] = precedendo o sufixo de não-finitude **-r(’)*

A coluna denominada “PJM (vb.)” diz respeito a um processo derivacional de causativização ou verbalização de nomes (também conhecido como *ampliação de valência*), característico das línguas Jê Meridionais e descrito para o Kaingáng Paulista por Cavalcante (1987, p. 51–52).

Quadro 3.4. Reconstrução de codas silábicas em Proto-Jê

Devemos notar aqui que enquanto algumas codas (**t, *m’, *m*) são relativamente frequentes e não apresentam dificuldades na interpretação diacrônica das respectivas correspondências, outras (**ñ, *j’*) são de baixa frequência, sendo sua reconstrução passível de revisão à medida que os estudos comparativos das línguas Jê avancem.

A evolução do sistema das codas do Proto-Jê em palavras não derivadas nas línguas dessa família ocorreu da seguinte maneira.

Fontes: Nikulin e Salanova (2019) para as línguas Jê Setentrionais
Nikulin (2016) para as línguas Jê de Goyaz
Nikulin (2016, 2017), Carvalho (2016) para o Panará
Nikulin (2017) para as línguas Akuwẽ
Wiesemann (1978), Jolkesky (2010), Nikulin (2019a) para as línguas Jê Meridionais

a. Proto-Cerratense: **j/*ñ > *j’*; **j’ > *c*; **r’ > *d*
a.a. Proto-Jê de Goyaz: **m/*n/*j’ > ∅*; **d/*pr > r*; **pr’ > r’*
a.a.a. Proto-Jê Setentrional: nenhuma inovação
a.a.a.a. Proto-Timbíra: **c > *j*; **ñ > *n*
a.a.a.a.a. Gavião-Pyhcopji: **j > s*
a.a.a.a.b. outras variedades: nenhuma inovação
a.a.a.b. Proto-Trans-Tocantins: **r’ > r* (**ar/*ər/*or > ar[i]/ər[i]/or[i]*, **ar’/*ər’/*or’ > ar[i]/ər[ə]/or[o]*)
a.a.a.b.a. Apinajé: **at/*it > ac ~ at/ic ~ it*
a.a.a.b.b. Mẽbêngôkre: **at > ac*; **c > c ~ j*; **ñ > ñ ~ j*; **ẽr/*ĩr > ẽn/ĩn*

a.a.a.b.c. Proto-Tapajoara: **c > *t (*ec > et[i])*, **ar[i] > *aj*
a.a.a.b.c.a. Tapayúna: **ñ > j*; **m/*n > p/t*
a.a.a.b.c.b. Kĩsêdjê: **ñ > n (*ẽñ > ẽn[ĩ])*
a.a.b. Panará: **c, *k > ∅*; **Vr > V:*; **m/*n/*ñ > ŋ*
a.b. Proto-Akuwẽ: **Vp > VpV // V:bV*; **Vt > VtV // V:tV*; **Vc > Vci // V*; **Vk > VkV // V*; **Vm > ṼmṼ // V*; **Vn > ṼnṼ // V*; **Vr > VrV // V:rV*; **Vd > VdV // V:dV*; **Vm' > Vb ~ Vm ~ V:* (diante de labiais) *// V*; **Vñ, *Vj' > Vj // V*; **Vr' > Vri*; **Vpr > VbrV*; **Ṽpr > ṼmrṼ*; **Vpr' > Vbri*; **Ṽpr' > Ṽmrĩ*
a.b.a. Xavánte: **Vb > Vp* (diante de *c*, *t*) ou *V:* (diante de *ʔ*)
a.b.b. Akwẽ-Xerénte: **əj > əj ~ ê*; **ə̃j > ə̃j ~ ẽ*
b. Proto-Jê Meridional: **p/*c/*k/*m/*n/*ñ > ∅*; **t > *r*; **r(') > *n*; **j' > *j*; **m' > ŋ*
b.a. Kaingáng: nenhuma inovação
b.a.a. dialetos do Paraná, Paulista e Central: nenhuma inovação
b.a.b. dialeto do Sudeste: **w > ∅*
b.a.c. dialeto do Sudoeste: **ñ > ñ ~ j*; **w > ∅*
b.b. Laklãnõ: **w > v*; **r > l*

Para maiores detalhes sobre a história fonológica das vogais eco nas línguas Jê Setentrionais, o leitor é referido aos trabalhos de Nikulin (2016, p. 169, 182; 2017, p. 169) e Nikulin e Salanova (2019, apêndice A).

3.1.2. Proto-Transanfranciscano

A proximidade especial entre a famílias Maxakalí e a língua Krenák (esta última também conhecida na literatura como *Borum* ou *Aimoré*) foi defendida por Nikulin e Silva (2020, p. 50), trabalho que inclui também uma proposta de reconstrução fonológica e lexical da respectiva protolíngua intermediária, denominada "Proto-Maxakalí-Krenák" no trabalho citado. Nesta tese preferimos utilizar o rótulo Proto-Transanfranciscano (PTSF), pois a posição que tomamos nesta tese é que o agrupamento em questão possivelmente inclui também as línguas Kamakã (e não apenas o Maxakalí e o Krenák). Embora os dados disponíveis referentes a esta última família sejam extremamente fragmentários, os prováveis cognatos que pudemos identificar demonstram características compatíveis com a classificação das línguas Kamakã como Transanfranciscanas, tais como a mudança **p/*t > *m/*n* nos ambientes nasais. Por ora, não nos comprometeremos com a classificação da família Kamakã como Transanfranciscana e basearemos a nossa proposta reconstrutiva do PTSF apenas nos dados das línguas Maxakalí e do Krenák.

Dessa forma, a família Transanfranciscana compreende três famílias de pequeno porte: (1) a família **Maxakalí** (que abrange aproximadamente 7 variedades linguísticas), (2) a família **Borum** (no passado, um provável contínuo dialetal; a única variedade sobrevivente é o Krenák) e, possivelmente, (3) a família **Kamakã** (cerca de 4 variedades linguísticas). Na família Maxakalí, a divisão mais óbvia é aquela entre o **Malalí** (a língua mais divergente) e as demais línguas (Maxakalí, Maxakalí Ritual/Makuní, Pataxó-Hãhãhãe, Pataxó, Koropó), um agrupamento que chamamos de **Maxakalí Nuclear** e que se caracteriza pela fortição das aproximantes (**w/*r/*j > *b/*d/*ʃ*). A natureza fragmentária dos dados da maioria das línguas Maxakalí Nucleares

impede-nos de determinar o subagrupamento dessa unidade genética com segurança. O Maxakalí Ritual é muito próximo lexicalmente ao Maxakalí falado, mas isso poderia se dever ao inevitável contato linguístico, pois o Maxakalí falado parece compartilhar uma inovação (ensurdecimento das oclusivas sonoras) com o Pataxó-Hãhãhãe e possivelmente outras línguas Maxakalí, enquanto o Maxakalí Ritual apresenta, neste caso, uma retenção. Por outro lado, o Pataxó-Hãhãhãe parece compartilhar alguns lexemas com o Pataxó, porém os dados dessa última variedade são tão escassos que hesitamos em insistir na proximidade especial entre essas duas variedades. Quanto à família Kamakã, a subdivisão mais evidente é aquela entre o **Masakará** e as demais variedades ("**Kamakã Meridional**"). Dentre as línguas Kamakã Meridionais, a mais divergente é o **Menien**. Não está totalmente claro se as variedades Kamakã e Mongoyó/Kotoxó eram distintas entre si ou se as diferenças entre as mesmas devem ser atribuídas às peculiaridades da notação empregada pelos autores de seus registros. Providenciamos uma representação gráfica da estrutura interna da família Transanfranciscana na Figura 3.2.

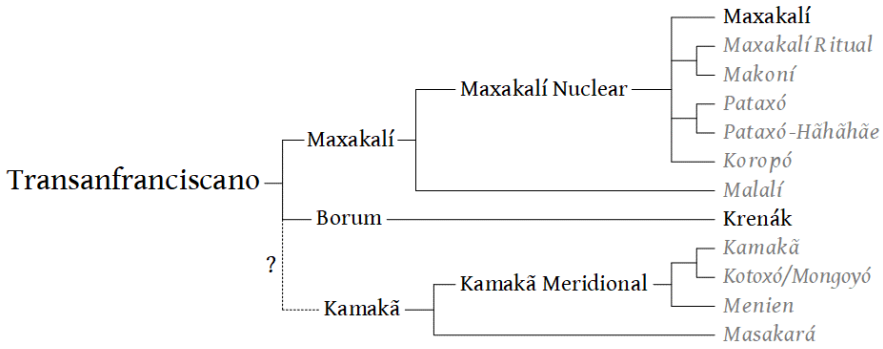


Figura 3.2. Cladograma da família Transanfranciscana

Aqui adotamos a proposta reconstrutiva de Nikulin e Silva (2020) com pequenos aprimoramentos. Em razão da extrema escassez dos dados referentes às línguas extintas ou dormentes das famílias Maxakalí e Kamakã, foi-nos impossível providenciar reconstruções intermediárias completas baseadas na aplicação do método comparativo para o Proto-Maxakalí e o Proto-Kamakã (cf. NIKULIN, 2020a sobre o Proto-Maxakalí e MARTINS, 2007 para uma tentativa de reconstrução do Proto-Kamakã). Para a família Maxakalí, utilizaremos as formas da língua Maxakalí (e as do Maxakalí Ritual, caso difiram formalmente do Maxakalí) como representativas dessa família, a não ser que o item em questão seja preservado apenas nas línguas Maxakalí extintas. Para a família Kamakã, citaremos o material tal como aparece nas fontes (para fins de legibilidade e em razão da natureza incerta da classificação dessa família como Transanfranciscana, dedicamos uma linha separada para as línguas Kamakã).

Estruturamos esta seção da seguinte forma: a subseção **3.1.2.1** tratará dos *onsets*, a subseção **3.1.2.2** versará sobre as vogais, enquanto na subseção **3.1.2.3** discutiremos as codas silábicas do Proto-Transanfranciscano. Além das reconstruções, detalharemos a evolução dos segmentos reconstruídos nas línguas Transanfranciscanas contemporâneas.

3.1.2.1. *Onsets*

De acordo com a proposta reconstrutiva de Nikulin e Silva (2020), o inventário consonantal do Proto-Transanfranciscano compreendia 12 fonemas, distribuídos entre cinco pontos (labial, dento-alveolar, palatal, velar e glotal) e três modos de articulação (obstruintes surdas, nasais sonoras e aproximantes). Todas essas consoantes podiam preencher a posição de *onset* em Proto-Transanfranciscano. É possível reconstruir ainda um um processo fonológico de *blindagem nasal* (WETZELS, NEVINS, 2018) para essa protolíngua, o qual fazia com que as nasais do Proto-Transanfranciscano fossem realizadas como segmentos de contorno pós-oralizados (*[mb], *[nd], *[nĵ], *[ŋg]) em sílabas com núcleos orais. Pelo contrário, a aproximante */j/ se nasalizava completamente em sílabas com núcleos nasais, possuindo neste caso a realização *[ñ]. Como em Proto-Jê, os *onsets* ramificados possíveis incluíam */pr, mr, kr, ŋr/. Evidências para outros *onsets* ramificados são escassas e inconclusivas; é possível que existiam *onsets* tais como /pj/, /kw/, /ŋgw/ (> Maxakalí *pc-, ku-, ku-*, Krenák *?, kw, ŋgw*), como em itens ***pjet*** ‘um’, ***kwy-ŋ*** ‘assoprar.NF’, ***ŋgwiŋ*** ‘inexistir’. Reproduzimos o inventário dos *onsets* do Proto-Transanfranciscano no Quadro 3.5 abaixo.

		labiais	dento-alveolares	palatais	velares	glotal
obstruintes surdas		*[p] */p/	*[t] */t/	*[c] */c/	*[k] */k/	
nasais	ambientes nasais	*[m] */m/	*[n] */n/	*/ñ/	*/ŋ/	
	ambientes orais	*[mb]	*[nd]	*[nĵ]	*[ŋg]	
aproximantes	ambientes nasais	*[w] */w/	*[r] */r/	*[ñ] */j/		[h] /h/
	ambientes orais			*[j]		

Quadro 3.5. As consoantes do Proto-Transanfranciscano

A evolução desses *onsets* na família Maxakalí e em Krenák ocorreu da seguinte forma (omitimos as línguas Pataxó e Koropó em razão da escassez de dados disponíveis).

Fontes: Nikulin e Silva (2020); Nikulin (2020a); Urban (1985b)

a. Maxakalí (família): **k > *c* (diante de **a*, **e* e talvez **i*); **p/*t/*c > *m/*n/*ñ* (em ambientes nasais); **mb/*nd/*nj/*ŋg > *p/*t/*c/*k*
a.a. Maxakalí Nuclear: **w > *b*; **r > *d*
a.a.a. Maxakalí: **b/*d > p/t*; **j > c*
a.a.b. Maxakalí Ritual: **j > c*
a.a.c. Pataxó-Hãhãhãe: **t/*d > k*; **n/*ñ > ŋ(g)*; **j > č-/-h-*; **c > č*
a.b. Malalí: **Cr > C*; **c > x*
b. Krenák: **h > Ø*; **Ø > h*

3.1.2.2. Núcleos

No Quadro 3.6, sintetizamos a reconstrução dos núcleos do Proto-Transanfranciscano e sua evolução nas línguas Maxakalí e Krenák, tal como proposto por Nikulin e Silva (2020). Não fazemos nenhuma tentativa de determinar a evolução das vogais das línguas extintas da família Maxakalí, pois a transcrição das vogais nas respectivas fontes não é confiável.

PTSF	MXK	KNK
*a	a	a
*y	y	ə
*o	a	o
*ô	u	o
*u	u	u
*e	e	e
*ê	e	i
*i	i	i

PTSF	MXK	KNK
*ỹ	ỹ	ẽ
*ũ	ũ	ũ
*ẽ	ỹ	ĩ
*ĩ	ĩ	ĩ

Quadro 3.6. Os núcleos do Proto-Transanfranciscano

3.1.2.3. Codas

Nikulin e Silva (2020) reconstroem um inventário de oito codas para o Proto-Transanfranciscano: **p, *t, *c, *k, *m, *n, *ñ, *ŋ*. De acordo com sua proposta, o Maxakalí teria retido apenas o ponto de articulação dessas codas (PTSF **p/*m, *t/*n, *c/*ñ, *k/*ŋ* > Maxakalí *P, T, C, K*), com a palatalização regular **k/*ŋ > C* seguindo núcleos anteriores. De fato, Silva (2020a) propõe que a coda palatal seguindo núcleos anteriores deve ser analisada, sincronicamente, como subjacentemente velar em Maxakalí. É importante notar que em Maxakalí moderno a realização das codas que representamos como *P, T, C, K* é sujeita à variação condicionada por diversos fatores (tanto posicionais como sociolinguísticos), sendo frequentes os alofones semivocálicos (SILVA, 2015, 2016, 2020a). Já o Krenák, segundo Nikulin e Silva (2020), teria preservado o

valor de nasalidade das codas, porém o ponto de articulação original não foi mantido no caso das codas palatais (PTSF **c, *ñ* > Krenák *t, n*) e dentais (PTSF **t, *n* > Krenák *k, ŋ*). As codas **p, *m, *k, *ŋ* do PTSF não sofreram nenhuma modificação em Krenák.

Aqui propomos uma adição marginal à proposta de Nikulin e Silva (2020): hipotetizamos que o PTSF contava também com codas aproximantes **r, *w* (possivelmente seguidas de uma vogal eco não contrastiva). Em Maxakalí, desenvolveram-se para *tV, pV* (copiando a vogal do núcleo), como em *pata* 'pé', *capa* 'pus', *cata-kuC* 'palato' < PTSF **por* 'pé', **jow* 'pus', **jor-kuñ* 'boca'. Em Krenák, podemos apenas especular acerca de seu destino com base em um único exemplo, *po* < **por* 'pé', que mostra que as codas aproximantes do PTSF provavelmente foram elididas nessa língua.

3.1.3. Proto-Karajá

A família Karajá é constituída por quatro variedades muito próximas uma à outra, geralmente vistas como dialetos de uma mesma língua: o Karajá Setentrional, o Karajá Meridional, o Javaé e o Xambioá. Cada um desses dialetos apresenta também uma série de distinções entre os generoletos feminino e masculino, sendo o generoleto feminino mais conservador. Ribeiro (2001/2002, 2012b) discute em detalhe as diferenças sistemáticas entre os dialetos e os generoletos do Karajá, além de descrever, pela primeira vez, alguns processos fonológicos que operam nos diferentes dialetos do Karajá (vários tipos de palatalização e espraiamento do traço [+ATR]). É com base nos trabalhos de Ribeiro (2001/2002, 2012b) que elaboramos a reconstrução do Proto-Karajá empregada nesta tese, detalhada no Quadro 3.7 a seguir.

PK	reflexo	ambiente	variedades
**(C₁)VC₂#, *…C₁C₂V*	*(C₁)əC₂V*	padrão geral	Karajá
	C₁C₂V	C_1 = *k, b, d*; C_2 = *r*	
	(C₁)VC₂V	padrão geral	Javaé, Xambioá
	(C₁)êC₂V	V = *î*	Javaé
**CV*	*CVV*	palavras monossilábicas isoladas	todas
**b* */b/* **m* */b/*	*b*	padrão geral	todas
	m	diante de *a* < **ã* e vogais nasais	
**w*	*w*	padrão geral	todas
**t*	*d̰*	padrão geral	todas
	c	adjacente a vogais altas [+ATR]	todas

PK	reflexo	ambiente	variedades
**d* */d/ **n* */d/	*d*	padrão geral	todas
	ĵ	adjacente a vogais altas [+ATR]	todas
	n	diante de *a* < **ã* e vogais nasais	todas
**θ*	*θ*	padrão geral	todas
	x ~ *s*	adjacente a vogais altas [+ATR]	todas
**l*	*l*	padrão geral	todas
	ĵ	adjacente a vogais altas [+ATR]	todas
**r*	*r*	padrão geral	todas
	ĵ	*î_V*	Karajá
**k*	*k*	padrão geral	todas
	Ø (**V_1V_1 > V_1*; *ao > o*; **aû, *ôû > ô*; **əV > VV*; **#îV > #îjV*)	fala masculina (obrigatório em palavras da classe *c*, opcional em palavras da classe *b*)	Karajá, Xambioá
		fala masculina e feminina (palavras da classe *c*); fala masculina (palavras da classe *b*, opcional)	Javaé
	c	*î_V* (fala feminina)	Karajá (fonológico); Xambioá (fonético)
**h*	*h*	padrão geral	todas
	Ø	em algumas palavras	Xambioá
**ã*	*a*	padrão geral	todas
	ã	sílabas sem *onset*, *h_*	Karajá, Javaé

Quadro 3.7. Evolução do Proto-Karajá para as variedades modernas

Não reproduzimos no Quadro 3.7 acima a evolução das vogais do Proto-Karajá (com a exceção de **ã*), as quais passaram por uma única modificação nas variedades modernas (o espraiamento do traço [+ATR]).

3.1.4. Ofayé

Embora diversos linguistas e não-linguistas (Sarah C. Gudschinsky, Maria Pankararu, Jeniffer E. da Silva, Eduardo R. Ribeiro, Rogério V. Ferreira, Wanda Hanke, Curt Nimuendaju) tenham

realizado pesquisa junto aos Ofayé, os dados colhidos por esses pesquisadores apresentam sérias discrepâncias (principalmente, no que diz respeito a sua representação fonética ou fonológica), impossibilitando a elaboração de um sistema unificado para a representação dos dados disponíveis do Ofayé. Em vez disso, citamos separadamente as formas dadas por cada uma das autoras contemporâneas: Gudschinsky (1974; abreviado como SG), Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006; abreviação MP) e J. Silva (2012; abreviação JS). Adicionamos também as formas citadas *in passim* nos trabalhos de Ribeiro e Voort (2010) e Ribeiro (2012b), quando diferentes das formas encontradas nos trabalhos supracitadas; estas recebem a marca ER. As transcrições fornecidas por Nimuendaju (1932), Hanke (1964) e L. Silva (2002) foram julgadas como insuficientemente precisas e não foram, portanto, utilizadas neste capítulo. O dicionário de Ferreira (2017) utiliza, indiscriminadamente, o material contido nos trabalhos de Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006), Gudschinsky (1974) e J. Silva (2012), sem indicar a procedência dos respectivos dados.

Ao citarmos as formas encontradas nas fontes supracitadas, aplicamos algumas modificações (além daquelas exigidas pelo Alfabeto Macro-Jê), a fim de padronizar a representação fonológica do material e torná-la mais legível. Primeiramente, a consoante labial surda foi sempre transcrita como *ɸ*; evitamos o uso dos símbolos *ɸʷ, fʷ, p, p̌, hʷ, f*, frequentemente utilizados nas fontes consultadas para representar o mesmo fonema. Outra modificação foi a omissão da marca de acento tônico nas transcrições de Gudschinsky (1974), pois nos dados dessa autora a maioria das palavras polissilábicas do Ofayé possui múltiplas sílabas tônicas, sugerindo que a característica prosódica interpretada como acento tônico por Gudschinsky é a realização não marcada das sílabas na língua. Em vez de preservar a marca de acento, marcamos como reduzidas as vogais das sílabas que, segundo Gudschinsky, seriam átonas (diacrítico *V̌*).

3.1.5. Rikbáktsa

A língua Rikbáktsa não apresenta variações dialetais documentadas, mas os dados atestados por diferentes pesquisadores apresentam algumas discrepâncias de natureza fonológica, obrigando-nos a fazer alguns comentários referentes à representação dos dados que utilizamos neste trabalho. Os Quadros 3.8–9 trazem uma reconciliação das propostas de Lunkes (1967) e Silva (2005) referentes ao inventário fonológico do Rikbáktsa.

		labiais	dento-alveolares	retroflexa	palatais	velares	glotal
obstruintes surdas		/p/	/t/		/c/	/k/	
fricativa					/x/		
nasais	ambientes nasais	[m] /m/	[n] */n/				
	ambientes orais	[b]	[nd]				
contínuas		/w/	/r/	/ɽ/	/j/		/h/

Quadro 3.8. As consoantes do Rikbáktsa

	anteriores não arredondadas	centrais não arredondadas	posteriores arredondadas
altas	/i ĩ/	/y ỹ/	/u ũ/
não altas	/e ẽ/	/a ã/	/o õ/

Quadro 3.9. As vogais do Rikbáktsa

A estrutura silábica do Rikbáktsa é estritamente (C)V(k), *k* sendo a única consoante que pode ocupar a posição de coda. Na superfície, é possível encontrar encontros consonantais tendo por seu primeiro membro a fricativa *x* (como em *xpu* ‘sangue’, *xpi* ‘orelha’, *xke* ‘caminho’), que resultam da elisão (potencialmente opcional) de uma vogal alta. Variantes como *xupu* ‘sangue’ e *xike* ‘caminho’ também são registradas; são estas que serão utilizadas nesta tese (quando atestadas), pois servem melhor aos fins comparativos.

A divergência principal entre as análises de Lunkes (1967) e de Silva (2005) diz respeito à representação fonológica das oclusivas sonoras [b, d] do Rikbáktsa. Para Lunkes, são alofones de nasais subjacentes /m, n/ que ocorrem em ambientes orais; ele diz ainda que os mesmos fonemas apresentam alofones pós-oralizados [mb, nd] quando seguidos de vogal oral e precedidos de pausa (LUNKES, 1967, p. 19–21, 23–24), configurando, assim, um padrão alofônico de blindagem nasal no sentido de Wetzels e Nevins (2018). Trabalhos posteriores (SILVA, 2005, entre outros) afirmam que as quatro consoantes — /m, n, b, d/ — são fonemas da língua, pois todas elas poderiam ocorrer em ambientes orais. Vale notar que as sequências que são transcritas por Silva (2005, 2011) como “nasal + vogal oral” são registradas como “nasal + vogal nasal” por Lunkes; em muitos casos, variantes com vogais nasais aparecem também nos dados de Silva (2005, 2011), porém são tratadas pela autora como instâncias de espraiamento nasal advindo da consoante nasal para a vogal. Uma vez que a realidade fonética é que as vogais em tais itens são normalmente nasais, mantemos a nasalidade registrada por Lunkes (1967) em nossa representação. Inversamente, não utilizamos os alofones pós-oralizados descritos pelo autor, pois pesquisas posteriores, como aquela de Silva, não confirmam sua existência.

Outro aspecto em que as análises de Lunkes (1967) e Silva (2005) são incompatíveis é a representação dos elementos glotais em coda silábica. Em determinados itens, Lunkes (1967) registra, na posição de coda, um segmento cujo ponto de articulação exato varia consideravelmente de acordo com o ambiente e analisa-o como /h/. Já Silva (2005) diz tratar-se de uma pré-aspiração automática do *onset* da sílaba seguinte. Embora Lunkes (1967) apresente pares mínimos que poderiam ser indicativos de um contraste fonológico (cf. *hyricik* 'chuva' e *hyrihcik* 'grilo', *op. cit.*, p. 42), acreditamos que a preaspiração é, efetivamente, um fenômeno secundário, pois aparece em fronteiras morfológicas onde, em princípio, /h/ não poderia pertencer a nenhum morfema constituinte (*ka + pyry = ka[h]pyry[ʔ]* 'meu pé').[76] O último exemplo ilustra também a ocorrência de uma oclusiva glotal, analisada como fonêmica por Lunkes (1967), mas não pelas demais autoras, como, por exemplo, Silva (2005). Uma análise dos dados disponíveis deixa claro que se trata, na realidade, de um segmento que demarca as fronteiras de uma palavra fonológica: [ʔ] aparece no final das palavras que terminam, subjacentemente, em uma vogal, mas também no início das palavras iniciadas por uma vogal, quando ocorrem meio de uma frase fonológica. Ambos tipos da oclusiva glotal demarcadora são instanciados em [ˈpiuʔʔaʔ] 'rabo de tatu' e [ˈpiɨkʔaʔ] 'cauda de passarinho' (LUNKES, 1967, p. 10), itens representados em nossa transcrição como *piu a*, *piyk a*, respectivamente (*piu* 'tatu', *piyk* 'passarinho', *a* 'rabo, cauda').

Um último ponto de divergência entre as análises de Lunkes (1967) e Silva (2005) é o reconhecimento, por parte de Silva, do contraste entre duas vogais centrais não baixas: /ə/ e /y/, ao passo que outros autores (LUNKES, 1967; BOSWOOD, 1973, 1974a, b, 1978 [2007]; TREMAINE, 2007) registram apenas uma vogal, *y*, em seu lugar. Apesar de afirmar que /ə/ e /y/ contrastam na língua, a obra de Silva (2005, 2011, 2019) apresenta numerosíssimos casos de oscilação entre esses dois fonemas, impedindo, no caso de muitos lexemas, de determinar qual seria a maneira correta de representá-las fonologicamente (há também casos, muito menos numerosos, de variação entre /o/ e /u/). Por esse motivo, nesta tese utilizaremos apenas /y/ e não /ə/ (em casos de variação entre /o/ e /u/, manteremos ambas formas).

Quanto ao acento tônico, sua posição parece ser determinada lexicalmente na língua, embora não haja dados suficientes que confirmem sua função contrastiva de forma definitiva (LUNKES, 1967, p. 123–126). Em geral, o acento tende a recair na penúltima sílaba da palavra (sendo alguns afixos tratados como extramétricos). Notamos também que o acento na última

[76] Além disso, há dados que aparecem registrados ora com [h], ora sem [h] na própria obra de Lunkes (1967), como, por exemplo, [kʰaʃu̥ˈp͡ɸuʔ ~ kʰaʃu̥ɸˈp͡ɸuʔ], analisado por Lunkes como /kasuˈpuʔ ~ kasuhˈpuʔ/ (*op. cit.*, p. 2, 74) e representado em nossa transcrição como *ka-xupu*.

sílaba é comum em prováveis empréstimos de outras línguas (ver seção **1.1.8**). Na presente fase da nossa pesquisa, desconsideramos a posição do acento tônico em Rikbáktsa, pois esta informação é indisponível para itens não atestados por Lunkes (1967) ou Silva (2005).

3.1.6. Proto-Jabutí

A reconstrução do Proto-Jabutí que utilizamos nesta tese é baseada naquela de Voort (2007), mas com algumas importantes modificações. Essas modificações visam eliminar determinadas irregularidades inexplicáveis dentro da proposta de Voort (2007) e foram possibilitadas pela inclusão de dados adicionais provenientes dos dicionários de M. Ribeiro (2008) e R. Ribeiro (2008).

3.1.6.1. *Onsets*

No Quadro 3.10, sintetizamos a reconstrução dos *onsets* do Proto-Jabutí e sua evolução nas línguas Jabutí modernas.

PJab	ARI	DJE
*p	p	p, ps[A], ɸ[B]
*[m] */m/	m	m
*[mb] */m/	mb, m[C]	b, bz[A]
*pr	pr	p, ɸ[B]
*[mr ~ mbr] */mr/	mbr	m
*b	w	ø
*w	w	w
*t	t, c[D]	t
*[n] */n/	n, nd[E]	n
*[nd] */n/	nd	d

PJab	ARI	DJE
*d	d	ø
*ð	r	d
*r	r	r, h[F], n[G]
*č	h, c[D]	h
*ǰ	c	r, h[F]
*c	c, k[H]	c
*ĵ	c	ĵ
*k	k	k
*kr	kr	t, k[I]
*ŋgr	rṼ	ĵV

[A] = diante de *i (< *i, *yj)*; [B] = diante de vogais arredondadas; [C] = diante de **a, *e, *o* (PJab **mba, *mbe, *mbo* > ARI *mã, mẽ, mõ*); [D] = diante de *i*; [E] = diante de **ũ* em sílaba átona (PJab **nũ-* > ARI *ndu-*); [F] = no início de palavra fonológica; [G] = diante de vogal nasal; [H] = diante de *ə*; [I] = caso a sílaba seguinte contenha **kr* > *t*.

Quadro 3.10. Os *onsets* do Proto-Jabutí

As adições à reconstrução de Voort (2007) incluem a identificação de novos conjuntos de correspondências fonológicas entre os *onsets* das línguas Jabutí (ARI *w* ~ DJE *ø*; ARI *r* ~ DJE *d*;

ARI *kr* ~ DJE *k*), mas também modificamos a interpretação diacrônica de algumas correspondências que já haviam sido identificadas por esse autor. Por exemplo, Voort (2007, p. 150) identifica a correspondência ARI *d* ~ DJE *Ø* e atribui-a a PJab */n/ nos ambientes "/_*ɛ,ə,ɨ*". À luz da existência de exemplos em que PJab */n/ > ARI *nd* ~ DJE *d* nos mesmos ambientes (ARI *kandə* ~ DJE *kade* 'melada'), preferimos derivar a correspondência ARI *d* ~ DJE *Ø* de um outro fonema PJab, que denotamos como **d*; fornecemos alguns exemplos em (3.1) abaixo.

(3.1)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**də*	*ndə*	*ə*	'inessivo, instrumental'
b.	**nũdy*	*ndũndy*	*nõwi*	'seio'
c.	**kady(dy)*	*kadydy*	*kai*	'marajá'
d.	**-dybə*	*pera-dywə*	*pire-iə-ka*	'gengibre' (*pera-/pire-* = 'arara')

Outra decisão reconstrutiva de Voort (2007) da qual discordamos é a reconstrução de apenas um segmento, PJab **c* (**ʧ* na transcrição original do autor), no lugar de duas consoantes distintas em nossa reconstrução (PJab **c* em oposição a **ǰ*). Segundo Voort (2007), o desenvolvimento de PJab **c* teria sido sujeito ao seguinte condicionamento em Djeoromitxí: *h-/-r-* diante de *a, u*; *c* diante de *i, ĩ, e, ə*. Em Arikapú, seu reflexo principal seria *c* (mas *k* diante de *ə*). Entretanto, encontramos diversos exemplos que instanciam as correspondências ARI *c* ~ DJE *c*; ARI *c* ~ DJE *h-/-r-* em ambientes idênticos, motivo pelo qual julgamos necessário reconstruir duas consoantes distintas para o Proto-Jabutí. Em (3.2), fornecemos exemplos da primeira correspondência nos ambientes *_a, i*. Em (3.3), damos exemplos da segunda correspondência nos mesmos ambientes.

(3.2)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**caôɴ*	*caô ~ caw*	*caõ*	'arraia'
b.	**ciũ*	*ciũ ~ cĩw*	*he-ciõ*	'espirrar'
c.	**cici*	*cici*	*cici*	'milho'; 'grande'

(3.3)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**kuǰaô*	*kucaw*	*kuraô*	'bacurau'
b.	**ǰako*	*cako*	*pice-rakö*	'lenha'
c.	**ciǰi*	*cici*	*ciri*	'sair, nascer'

Além disso, PJab **c* e **ǰ* parecem ter reflexos distintos em Arikapú em um ambiente específico: diante de **ə/*əj/*âj* o primeiro fonema se velariza para *k* em Arikapú (como em PJab **mbôrôcəĵ* > ARI *mbôrôkəj-o* 'etnônimo', DJE *bôrôci* 'indígena'), ao passo que o segundo é refletido como *c* em todos os ambientes (PJab **ǰâjko* > ARI *cəjko* 'quarto', DJE *hikö* 'casa').

A correspondência ARI *h* (*c* diante de *i*) ~ DJE *h* é atribuída por Voort (2007) a PJab **h*. À luz do reflexo ARI *c* em um ambiente palatalizante, que não seria facilmente explicável se

tomássemos *[h] como um ponto de partida, preferimos reconstruir uma africada não palatal (retroflexa?) **č* para o segmento em questão. Dessa forma, PJab **č* teria sido debucalizado em ambas as línguas Jabutí, mas em Arikapú a debucalização não teria ocorrido no ambiente **_i*, em que a africada teria se fundido com PJab **c* antes de ser afetada pela debucalização.

Para a correspondência ARI *rṼ* ~ DJE *ĵV*, reconstruímos PJab **ŋgr* exclusivamente em razão de as correspondências externas apontarem a Proto-Macro-Jê **ŋgr* (ver 'ovo' e 'dançar' na subseção **3.2.1.15**).

Finalmente, listamos, em (3.4–6), os exemplos em que nos baseamos para reconstruir PJab **b* (> ARI *w*, DJE *Ø*), **ð* (> ARI *r*, DJE *d*), **kr…(k)r…* (> ARI *kr…(k)r…*, DJE *k…t…, k…r…*). Essas correspondências não foram notadas por Voort (2007).

(3.4)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**ĵôbi*	*côwi*	*ĵôi*	'inambu-relógio'
b.	**wəbâw*	*wəwəw*	*wəô*	'roer'
c.	**raɴbaci*	*rawaci*	*hõaci-tə*	'banana'
d.	**čabi*	*hawi*	*hai(-)nẽ*	'bom'
e.	**rãbə ~ *n-*	*nãwə*	*hõə ~ hõã*	'anta'
f.	**-dybə*	*pera-dywə*	*pire-iə-ka*	'gengibre' (*pera-/pire-* = 'arara')

(3.5)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**kuðâj*	*kurəj*	*kudi*	'veado-mateiro'
b.	**kəjðVre*	*karere*	*kədəre*	'cócegas'

(3.6)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**kryry*	*kryry*	*kiri*	'desembaraçar, pentear'
b.	**krakra*	*krakra*	*kata*	'cabelo branco'
c.	**krokro*	*krokro*	*kötö*	'pilão'

A reconstrução de **b* e, principalmente, **ð* é incerta: além de os exemplos relevantes serem parcos, alguns deles envolvem irregularidades adicionais (tais como a consoante inicial no item para 'anta', a vogal da segunda sílaba em 'cócegas') ou outros problemas (a última sílaba em DJE *hainẽ*; a aparente incompatibilidade entre a profundidade temporal do Proto-Jabutí e a introdução de bananas na Amazônia). Como nenhum desses itens possui uma etimologia Macro-Jê, é possível que eles foram introduzidos nas línguas Jabutí via transmissão horizontal. Contudo, optamos pela manutenção provisória de **b* e **ð*, até que emerjam evidências mais definitivas a favor ou contra sua reconstrução. Não insistimos em nenhum valor fonético específico para esses segmentos. A escolha de **b* (> ARI *w*, DJE *Ø*) foi baseada na reconstrução de **d* (> ARI *d*, DJE *Ø*), mas consideramos também outros valores, tais como *[ɯ̟] e *[ɓ] (neste último caso, **d* deveria ser reinterpretado como *[ɗ]).

Quanto ao desenvolvimento de PJab **kr* > DJE *k* (em vez do reflexo usual, *t*) precedendo sílabas que contém um rótico, trata-se de uma dissimilação regular que parece ter ocorrido na história do Djeoromitxí.[77] Não sabemos de nenhum possível contraexemplo.

3.1.6.2. Núcleos

No Quadro 3.11, sintetizamos a nossa reconstrução dos núcleos orais do Proto-Jabutí e sua evolução nas línguas Jabutí modernas. Os núcleos podiam ser simples ou ramificados. Os núcleos ramificados tinham por seu segundo elemento **j* ou **w* (os núcleos do tipo **Vw* não estão representados no Quadro 3.11), estrutura que foi preservada sem grandes modificações na língua Arikapú mas simplificada em Djeoromitxí, que permite apenas núcleos simples.

PJab	ARI	DJE
*a	a	a
*ə	ə	ə, e[A]
*ə̂	ə	ô
*y	y	i, e[A]
*o	o	ö
*ô	ô	ô
*u	u	u
*e	e	e
*ɪ	ɪ	i
*i	i	i

PJab	ARI	DJE
*aj	aj[B]	a
*əj	aj[B]	ə, e[A]
*ə̂j	əj[B]	i
*yj	yj[B]	i
*oj	əj[B]	ə, e[A]
*ôj	ôj[B]	i
*uj	uj[B]	i
*ej	i	e

[A] = após uma consoante coronal exceto *t* < PJab **kr*; [B] = *j* desaparece diante de consoante coronal.

Quadro 3.11. Os núcleos orais do Proto-Jabutí

As adições à proposta de Voort (2007) incluem os núcleos PJab **ə̂, *ô, *ôj, *ej*. As correspondências que subjazem as reconstruções de PJab **əj*, **ə̂j*, **oj* foram identificadas por Voort (2007), mas receberam uma interpretação diferente na proposta desse autor. Em nossa proposta, a correspondência ARI *a(j)* ~ DJE *ə/e* é atribuída a PJab **əj*, pois em Arikapú esse ditongo desencadeia, paralelamente a PJab **ə* > ARI *ə*, a velarização de PJab **c* > ARI *k* (como em

[77] Poderíamos aduzir também a comparação entre Arikapú *krikri* e Djeoromitxí *katimari* 'grilo-toupeira' (< PJab **krVkri*), mas a correspondência entre Arikapú *i* e Djeoromitxí *a* seria totalmente irregular. Além disso, não há evidências que permitam segmentar a palavra Djeoromitxí em dois morfemas (*kati-mari*). Somados à provável natureza onomatopaica de Arikapú *krikri*, esses fatos nos levam a não usarmos essa comparação para sustentar a lei sonora aqui proposta.

PJab **cəjryry* ‘cupim’ > ARI *karere*). Outra adição à proposta de Voort (2007) é a regra de elisão de *j* diante de uma consoante coronal em Arikapú. Além disso, a correspondência ARI *y* ~ DJE *e* não foi notada por Voort (2007); em nossa proposta, é atribuída a PJab **y* (ambiente: após consoantes coronais).

Em (3.7–10), mostramos os dados em que nos baseamos para reconstruir PJab **â, *ô, *ôj, *ej*. Note que Voort (2007; cf. ARIKAPÚ *et al.*, 2010) não distingue as vogais *ô* e *u* do Arikapú, transcrevendo ambas como *u*; essa distinção é observada no dicionário de R. Ribeiro (2008) e corresponde a uma distinção análoga em Djeoromitxí.

(3.7)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**werâ*	*werə*	*werô*	‘muruci’
b.	**târâ*	*tərə*	*tôrô*	‘coar, peneirar’
c.	**nârə*	*nərə*	*nôre*	‘jatobá’
d.	**čikrâ (~ *ǰ-)*	*cikrə*	*hitô*	‘feder’
e.	**wəbâw*	*wəwəw*	*wəô*	‘roer’

(3.8)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**kotô*	*kotô*	*kötô*	‘zogue-zogue’
b.	**ôa*	*ôa*	*ôa*	‘panela’
c.	**ônĩ*	*ônĩ*	*ônĩ* ‘tocaia’	‘faixa’
d.	**ôraN*	*ôra*	*ônõ*	‘aricuri’
e.	**ôrə*	*ôrə*	*ôre*	‘castanha-do-Pará’
f.	**ôrənĩ*	*ôrənĩ*	*ôreni*	‘taperebá’
g.	**ôtô*	*ôtô*	*ôtô*	‘rodear’
h.	**mbômbôi*	*mbõmbôi*	*bôbôi*	‘taquara’
i.	**mbôrôcâj*	*bôrôkəj-o*	*bôrôci*	‘indígena (*um etnônimo*)’
j.	**ĵôbi*	*côwi*	*ĵôi*	‘inambu-relógio’
k.	**rimbô*	*rĩmbô*	*hibô*	‘japu’
l.	**pô*	*pô*	*ɸô*	‘comer’
m.	**ĵô*	*cô*	*hô*	‘amadurecer’
n.	**ĵôkə*	*côkə*	*hôkə*	‘cipó, envira’
o.	**ĵôpô*	*côpô-nã*	*hôɸô*	‘soltar, desatar’
p.	**ĵô(-ci)*	*cô(-ci)*	*hô-ci / rô*	‘pai’
q.	**ĵô*	*cô*	*rô(ô)*	‘pus, seiva’
r.	**pôpô*	*pôpô*	*ɸôɸô*	‘coruja’
s.	**pakô*	*pakô* ‘irmã m. nova’, *pakoe* ‘mulher’	*pakô*	‘mulher’
t.	**paĵôri*	*pacôri*	*parôri*	‘tamanduá’
u.	**kô*	*kô*	*kô*	‘comer’
v.	**ôku*	*ôku*	*ôku*	‘assoviar’

(3.9)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**ǰambôj*	*cãmbôj*	*habzi*	‘algodoeiro’

(3.10)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**mbej*	*mbi* ‘abelha’	*be* ‘mel’	‘abelha, mel’
b.	**čej ~ ǰej*	*ci*	*he*	‘assar’
c.	**kuǰauĵej*	*kucawci*	*kurauĵe*	‘trinca-culhão’
d.	**ǰokrej*	*cokri* ‘engordar’	*höte / röte*	‘crescer’

Em (3.11), mostramos que *j* (o segundo elemento de ditongos) sofreu elisão em Arikapú diante de consoantes coronais.

(3.11)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**əjrã*	*arã*	*ərõ*	‘ver’
b.	**əjtaɴ*	*ata*	*ətõ*	‘sumir, perder’
c.	**ǰəjre*	*care*	*ĵe-rəre*	‘rir, gargalhar’
d.	**ǰəjrəj*	*caraj*	*həre / rəre*	‘ciúmes’
e.	**tojɴčaɴ*	*təha*	*tõhõ*	‘sol’
f.	**cəjryry*	*karyry*	*cerere-ka* ‘cupinzeiro’	‘cupim’

Em (3.12), mostramos que PJab **y* tem por reflexo Arikapú *e* seguindo consoantes coronais.

(3.12)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**ury*	*ury*	*ure-nõrö*	‘urutau, udu’
b.	**mbiry*	*mbiry*	*bzire*	‘macaco-prego’
c.	**ǰawa-ty*	*cawa-ty*	*hawa-te*	‘pente-de-macaco’
d.	**cəjryry*	*karyry*	*cerere-ka* ‘cupinzeiro’	‘cupim’
e.	**pyry*	*pyry* ‘verm.’	*pire* ‘arara-vermelha’	‘vermelho’ / ‘arara’
f.	**kəry*	*kyrə*	*kəre* ‘impingem’	‘escuro, sujo’

Explicitamos a reconstrução das vogais nasais adotada neste trabalho no Quadro 3.12.

PJab	ARI	DJE
*ã	ã ~ ə̃	õ
*ỹ		ĩ
*ũ	ũ	õ
*ĩ	ĩ	ĩ

PJab	ARI	DJE
*ãj	ãj ~ ə̃j	ẽ[A]
*ỹj		ĩ

[A] = após coronais.

Quadro 3.12. Os núcleos nasais do Proto-Jabutí

Todas essas correspondências constam na proposta de Voort (2007); divergimos dela no que tange à interpretação de algumas outras correspondências, que Voort também deriva de vogais nasais. Por exemplo, a correspondência entre ARI *mõ* e DJE *bö* foi notada por Voort (2007, p. 146) e atribuída à desnasalização da suposta vogal PJab **õ* em Djeoromitxí. Entretanto, a ocorrência das vogais *õ* e *ẽ* em Arikapú é extremamente limitada, motivo pelo qual preferimos derivá-las de vogais orais do Proto-Jabutí através de um processo de nasalização condicionada

pelo ambiente (PJab **mbo, *mbe, *ŋgre* > ARI *mõ, mẽ, rẽ*). Para a interpretação que damos à correspondência entre as vogais orais do Arikapú e as nasais do Djeoromitxí, que Voort (2007) também atribui a segmentos nasais do Proto-Jabutí, ver subseção **3.1.6.3** sobre as codas do Proto-Jabutí.

Além dos núcleos ramificados da forma **Vj*, um número consideravelmente mais reduzido de pares de cognatos apresenta uma correspondência entre ARI *Vw* e DJE *V*. Para tais itens, reconstruímos núcleos do tipo **Vw* para o Proto-Jabutí, como nos exemplos reproduzidos em (3.13).

(3.13)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**wəbâw*	*wəwəw*	*wəô*	‘roer’
b.	**nũrãw*	*nũrãw*	*nõrö*	‘vermelho’
c.	**Vtaw*	*ataw*	*ôta-hõ*	‘seringa’

Finalmente, notamos que nem todos os itens do Arikapú que contêm as sequências *Vj* e *Vw* possuíam um núcleo ramificado em Proto-Jabutí, pois as mesmas podem também se originar em sequências do tipo **Vi, *Vu, *Vô*. Exemplificamos isto em (3.14).

(3.14)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**ǰau*	*caw*	*hau*	‘lagarto, camaleão, calango, osga’
b.	**kuǰaô*	*kucaw*	*kuraô*	‘bacurau’
c.	**ǰakəi*	*cakəj*	*hakəi*	‘nojo’

3.1.6.3. Codas

Reconstruímos apenas uma coda para o Proto-Jabutí, **-N* (utilizamos este caractere para representar uma nasal não especificada para o ponto de articulação). Esse segmento desaparece em ambas as línguas Jabutí, nasalizando as vogais orais precedentes em Djeoromitxí. Isto resulta em uma correspondência entre uma vogal oral em Arikapú e uma nasal em Djeoromitxí, ilustrada em (3.15) abaixo. Seguindo as vogais nasais, a presença de PJab **-N* não é recuperável.

(3.15)	PJab	Arikapú	Djeoromitxí	
a.	**ôraN*	*ôra*	*ônõ*	‘aricuri’
b.	**paciN*	*paci*	*pacĩ*	‘carapanã’
c.	**əjtaN*	*ata*	*ətõ*	‘sumir’
d.	**ǰapoN*	*capo*	*haɸõ / raɸõ*	‘esquerdo’
e.	**caôN*	*caô ~ caw*	*caõ*	‘arraia’
f.	**praj-kuroN*	*praj-kuro*	*pa-kunõ*	‘ponte’
g.	**praN*	*pra*	*ɸõ* ‘neto’	‘sobrinho’
h.	**roNroN*	*roro*	*nõnõ*	‘xerimbabo’
i.	**nũreN*	*nũre*	*nõnĩ*	‘umbigo’
j.	**nĩreN*	*nĩre*	*nĩnĩ-ka*	‘tripa’
k.	**taNči*	*taci*	*tõhi*	‘nome’

l.	**tojɴčaɴ*	*təha*	*tõhõ*	‘sol’
m.	**ǰô-taɴ*	*cô-ta*	*hô-tõ*	‘avô’
n.	**čaɴ-(ka-)y*	*ha-y*	*hõ-ka-y*	‘lágrima’

Note que PJab **-ɴ* corresponde a codas nasais das línguas Macro-Jê Orientais em itens como **tôɴ* ‘gordura’ e **ča(ɴ)* ‘olho, semente’ (compare PMJ **tum* ‘gordura’, **cəm°* ‘semente’), tornando mais crível a proposta aqui adotada.

3.2. Reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê

Nesta seção examinamos as correspondências recorrentes observadas entre as línguas e proto-línguas intermediárias do tronco Macro-Jê e propomos, a partir das correspondências encontradas, uma reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê. Estruturamos esta seção da seguinte maneira: a subseção **3.2.1** tratará das correspondências entre os onsets, a subseção **3.2.2** versará sobre as correspondências vocálicas, enquanto na subseção **3.2.3** discutir-se-ão as correspondências entre as codas silábicas das línguas Macro-Jê.

3.2.1. *Onsets*

Para o Proto-Macro-Jê, reconstruímos 12 fonemas consonantais. Os *onsets* podiam ser formados por uma consoante ou por um encontro formado por uma consoante não-continua (oclusiva ou nasal) periférica (labial ou velar) e **r*, totalizando quatro possibilidades: */pr/, */mr/, */kr/, */ŋr/. Todos os *onsets* que pudemos reconstruir para o Proto-Macro-Jê são reproduzidos no Quadro 3.13, junto a seus reflexos nas famílias constituintes.

As nasais subjacentes certamente possuíam uma realização pós-oralizada em sílabas com núcleos orais (*blindagem nasal*), pois vestígios dessa alofonia são encontrados em quase todas as famílias do tronco.[78] Outro fonema que, sem dúvida, possuía alofones condicionados pela nasalidade do núcleo é PMJ */j/ (situação ainda preservada nas línguas do ramo Trans-Tocantins e em Krenák; em outras línguas, os diferentes alofones de PMJ **j* se fonologizaram). No Quadro 3.13, os alofones restritos a ambientes orais são reproduzidos na primeira linha de cada célula, já aqueles restritos a ambientes nasais aparecem na segunda linha.

[78] Apesar de preferirmos reconstruir os alofones em questão como vozeados (*[mb], *[nd], *[nǰ], *[ŋg]) com base em seus reflexos nas línguas Jê e Jabutí, chama a atenção a existência de línguas em que esses alofones possuem reflexos desvozeados (Transanfranciscanas, possivelmente Rikbáktsa e Ofayé). Em contraste com a situação da família Jê, discutida na nota 69, não há evidências positivas que mostrem que na história dessas línguas houve o ensurdecimento de todas as oclusivas vozeadas. Portanto, não descartamos a possibilidade de que os alofones pós-oralizados das nasais subjacentes do Proto-Macro-Jê tenham possuído uma fase oral surda (isto é, *[mp], *[nt], *[nc], *[ŋk]); nesse caso, diversas línguas Macro-Jê teriam inovado de forma independente, sonorizando a fase oral desses segmentos de contorno. Agradecemos a Thiago Costa Chacon (comunicação pessoal, Universidade de Brasília, 2020) por direcionar nossa atenção a essa possibilidade. A representação dos segmentos em questão do PMJ como **mb, *nd, *nǰ, *ŋg* (e não ***mp, **nt, **nc, **ŋk*, por exemplo), empregada nesta tese, há de ser vista como convencional.

PMJ	PJ	PTSF	PK	OFA	RKB	PJab
***p**	*p	*p *m	*h	ɸ	p	*p
***[mb]** ***m**	*[mb] *m		*b *[m]		p-/-b- m	*[mb] *m
***pr**	*pr	*pr *mr	*r	—	bVr	*pr
***[mbr]** ***mr**	*[mbr] *mr		—	kVt	pVr mVr	*[mbr] *mr
***w**	*w	*w	*w	w	—	*w
***t**	*t	*t *n —	*t	t	t	*t
***[nd]** ***n**	*[nd] *n		—	t n	n n	— *n
***r**	*r	*r	*r	r	r	*r
***c**	*c	*j/*c[A]	*t	h	∅	*∅
***[nĵ] */ñ/**	*[nĵ] */ñ/	*c	*d	—	j	*ĵ[B]
***j** ***[ñ]**	*j *[ñ]	*j *ñ	*l-/*-∅- *d-/*[n]-/-∅-	x j	x, ɾ[C], d[B] n	*ǰ, *ĵ[B] *n
***k**	*k	*k	*k	h	k	*k
***[ŋg]** ***ŋ**	*[ŋg] *ŋ	*[ŋg] —	—	—	—	—
***kr**	*kr	*kr	*r	kVt-/-gVt-	hVr	*kr
***[ŋgr]** ***ŋr**	*[ŋgr] *ŋr	*[ŋgr] *ŋr	*θ —	k(V)r-/-g(V)r- —	kVr —	*ŋgr —
***∅**	*∅	*h ~ *∅	*∅	∅	∅	*∅

[A] = distribuição desconhecida; [B] = diante de *(*)i*; [C] = diante de PMJ **o*.

Quadro 3.13. Os *onsets* do Proto-Macro-Jê

As inovações nas famílias constituintes são detalhadas a seguir.

3.2.1.1. PMJ **p*

PMJ **p* não sofreu nenhuma mudança em Proto-Jê, Rikbáktsa e Proto-Jabutí. Em Ofayé, seu reflexo é *ɸ*. Em Proto-Transanfranciscano, PMJ **p* e */m/ sofreram uma fusão: os dois fonemas do Proto-Macro-Jê são refletidos como **p* em ambientes orais e como **m* em ambientes nasais. Quanto ao Karajá, alguns autores têm afirmado que PMJ **p* é refletido como **w* nessa língua

(DAVIS, 1968; RIBEIRO, 2012b, p. 271), possibilidade essa sugerida pela semelhança superficial entre PK **wã* ‘pé’ e itens como PJ **par*, MXK *pata*, OFA *ɸar* ou RKB *pyry* com o mesmo significado. Na ausência de exemplos adicionais que possam corroborar tal interpretação, propomos que PMJ **p* > PK **h*; nesse caso, seria possível etimologizar os itens PK **he* ‘lenha’ (< PMJ **pĩm*°) e **ho* ‘lavar’ (< PMJ **pũ₂c* ‘limpar’).[79] Observe que PMJ **-p*° em coda também se debucalizou em Karajá (PMJ **kyp*° ‘mosca, carapanã’ > PK **koho*). O item PK **wã* ‘pé’, portanto, não seria relacionado a PJ **par*°, cujo reflexo esperado em Karajá possuiria a forma PK ***hãr* (> Karajá **hərа*, Javaé, Xambioá **hara*).

‘jirau’:
PJ **par* > PCerr **par*
(?) OFA *ĩ(-)ɸer* ‘lenha’
RKB *para*

‘pé’:
PJ **par* > PCerr **par*; PJM **pãn*
PTSF **por* > MXK *pata*; KNK *po* ‘pé, mão’
(?) KMK ‹uádhê›$_{SO}$, ‹uadê›$_{G}$, KTX ‹hoate›, MGY ‹uadä›, MAS ‹huachtöh› → *#h^{w}ate*
OFA *ɸar*
RKB *pyry*

‘braço, galho’:
PJ **paj’* > PCerr **paj’*; PJM **pã*
JAI ‹ae**pang**›
OFA *ɸe* ‘braço, asa’
RKB *pa-, ci-pa* ‘braço’, *xara-pa* ‘galho’
PJab **ǰa(-)pa*

‘voar’:
RKB *pa*
PJab **ǰo(-)po*

‘sair.PL’:
PJ **pâ₁c* > PCerr **pôc*, PJM **pə* (vb. **pə-n*)
(?) PTSF **pyc* > MXK *pyC* ‘servir.LIQ’
RKB *po*

[79] Esta suposição permite também explicar por que as consoantes **k* e **h* em Karajá são as únicas que desaparecem quando do acréscimo do nominalizador infixal *-r-* (cf. RIBEIRO, 2012b, p. 283–284), como em **ky* ‘comer’, **kuko* ‘levantar’, **rîka* ‘caminhar’, **ho* ‘lavar’, **he* ‘arranhar’, **kohe* ‘cortar’ → **[r]y, *ku[r]o, *rî[r]a, *[r]o, *[r]e-d, *ko[r]e*. As correspondências já identificadas em trabalhos anteriores incluem Proto-Jê **k* ~ Karajá *k*; Proto-Jê **kr* ~ Karajá *r*; Proto-Jê **pr* ~ Karajá *r*. Ribeiro (2012b, p. 283, nota 41) informa que claras correspondências nas línguas Jê para a consoante **h* do Karajá ainda não foram identificadas e argumenta, baseado em evidências internas ao Karajá, que **h* poderia ser reflexo de uma antiga oclusiva, por exemplo, **ʔ*. Na abordagem que abordamos aqui, a deleção de **k* e **h* em nominalizações recebe uma explicação imediata: PMJ **p, *k* teria dado origem a PK **h, *k*, mas PMJ **pr, *kr* teriam se simplificado para PK **r*.

‘acender’:
PJ **pə̂₁k* > PJS **pôr/*pôk*, PNR *pô* ‘queimar’
PTSF **pyk* ~ **pyŋ* > MXK *pyK* ‘arder’
RKB *pok*

‘comer’:
RKB *pu*
PJab **pô*

‘cana, tubo’:
PJ **pu₁* > PCerr **pu*; PJM **pu* ‘cabo’
PJab **pə*

‘limpar’:
PJ **pũ₂* > PJS **põ/*põ-ñ* ‘esfregar’, **ka-põ/*ka-põ-ñ* ‘varrer’; PJM **pə̃* ‘roçar; roça’
PTSF **mũc* > MXK *mũC* ‘tirar.PL, servir.PL’
PK **ho/*[r]o* ‘lavar’
PJab **pũ* ‘lavar’ > DJE *ɸõ*

‘articulação’:
RKB *pa-pepe* ‘antebraço’
PJab **pepe* ~ **mbepe* > ARI *mẽpe*, DJE *pepe*

‘fazer’:
PJ **-pê₁* > PCerr **a-pê/*jV-pê-ñ’*
PTSF **pi* > KNK *pi*

‘lavar’:
PJ **-pê* > PJM **-pê*
PTSF **pi-k* ~ **pi-ŋ* (IRR **pi*) > MXK *pi-C* (IRR *pi*)
RKB *pik*
PJab **pi*

‘tocar, mexer’:
PJ **-pê₁* > PCerr **ku-pê/*ku-pê-ñ’*
PTSF **-pit* > MXK REL-*piT* ‘usar, mexer’

‘flatular’:
PTSF **-pac* ~ **-pañ* ~ **-poc* ~ **-poñ* > MXK *ñ-ũT-paC*
PJab **pə̂j* > ARI *pəj*, DJE *psi*

‘orelha’:
RKB *xpi*
PJab **nĩpy*

‘um’:
PJ **p(V)ji* > PCerr **pᵊji*
PTSF **pjet* > MXK *pceT*

‘madeira, lenha’:
PJ **pĩm* > PCerr **pĩm*, PJM **pĩ* ‘fogo’
PTSF **mĩm* > MXK *mĩP* ‘árvore’
KMK ‹**hui**›$_{M}$ ‘árvore’, KTX ‹**huy**› ‘lenha’, MGY ‹**hoin**dá (oin *unido*, dá *breve*)› ‘lenha’, MEN ‹**hi**› ‘árvore’, ‹**hin**tá (hin *pelo nariz*)› ‘lenha’ → *#h^{w}ĩ* ‘árvore’, *#h^{w}ĩ ta* ‘lenha = árvore morta’
PK **he* ‘lenha’
(?) RKB *pi(-)ak* ‘casca’
(?) PJab **pi-cə* ‘fogo’ (**cə* ‘quente’)

Em dois casos, encontramos possíveis conjuntos de cognatos envolvendo *b* em Rikbáktsa em correspondência com PJ ou PJab **p*. Não pudemos encontrar nenhum fator que pudesse condicionar tal desenvolvimento de PMJ **p* e acreditamos tratar-se de semelhanças fortuitas ou empréstimos.

‘apagar’:
RKB *be*
PJab **pe*

‘matar.PL’:
PJ **pa(C)* > PCerr **pa̲/*pa̲-r’*
RKB *ba*

Em mais um caso, Rikbáktsa *p* poderia corresponder regularmente a PJab **p*, mas a correspondência vocálica RKB *y* ~ PJab **a* não possui paralelos conhecidos.

‘carapanã’:
RKB *pykcĩ*
PJab **paciN*

Neste caso também poderia se tratar de um empréstimo entre o (pré-)Rikbáktsa e o (pré-)Proto-Jabutí.

3.2.1.2. PMJ */m/ (**[mb], *[m]*)

PMJ */m/ certamente possuía dois alofones: **m* em ambientes nasais e **mb* em ambientes orais, situação preservada sem modificação em Proto-Jê (e, dentre as línguas Jê modernas, em Kĩsêdjê, Apinajé, Kaingáng e Laklãnõ) e Proto-Jabutí (como indicam os dados da língua Arikapú). Em Proto-Transanfranciscano, PMJ **p* e */m/ sofreram uma fusão: os dois fonemas do Proto-Macro-Jê são refletidos como **p* em ambientes orais e como **m* em ambientes nasais. Em Ofayé, o reflexo de PMJ */m/ é *ɸ* (pelo menos, em ambientes orais). Em Karajá, esse fonema é refletido como */b/ (realizado foneticamente como [b] em ambientes orais, [m] em ambientes nasais e diante de *a*). Em Rikbáktsa, na maioria das vezes encontramos *p-* no início dos morfemas e *-b-* no ambiente intervocálico (em ambientes orais) ou *m* (em ambientes nasais).

‘fígado’:
PJ **mba* > PCerr **mba*; PJM **tə̃-mã*
PK **mã*
OFA *ɸa*$_{ER}$
RKB *py*
PJab **mbə*

‘ouvir/saber’:
PJ **mba* ‘ouvir, entender’ > PCerr **mba/*mba-r’*; PJM **mã*
PTSF **po-ŋ* (IRR **po-c*) > MXK REL-*pa-K* (IRR REL-*pa-C*); KNK *poŋ*
OFA *ɸaj*
(?) RKB *waby* ‘ouvir’
PJab **mbə*

‘ter medo’:
PJ **pVmba(C)* > PCerr **pᵊmba*
RKB *pyby*

‘costela’:
PJ **mbyn* ‘rabo’ > PCerr **mbyn*; PJM **mby*
PTSF **pan* > MXK *paT* ‘costela’
RKB *p-ek*

‘DAT’:
PJ **mə̃* > PCerr **mə̃*; PJM **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py*; KNK *pə*
PK **mə̃* ‘LOC’, **t-amə̃* ‘DAT.3, ALL.3’
(?) RKB *mỹ- ~ mũ-* ‘FUT’ (*p-* diante de vogais)
PJab **mã* > DJE *mã* ‘DAT, FUT’

‘e.DS’:
PJ **mə̃* > PJS **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py* ‘FND.DS’

‘pegar, carregar’:
PJ **mbə̂₂* > PCerr **mbə̂/*mbə̂-ñ’*; PJM **mbə* (vb. **mba-n*) ‘segurar, pegar.CURTO’
PTSF **pyt* > MXK *pyT* ‘pegar.ANIM.SG’, (?) KNK *m-bək* ‘matar’

‘cará’:
PJ **mbə̂p* > PJS **mbôp ~ *mbə̂p*
PJab **mbu*

‘mata’ / ‘veado’:
PJ **mỹrỹj’ ~ *mỹrỹñ’* > PA **mərə̃j // mərə̃* ‘mata’
PTSF **mỹrỹc ~ *mỹrỹñ* > MXK *mỹnỹC* ‘veado’

‘chorar’:
PJ **mbô* > PJS **mbû/*mbə̂-r*
PTSF **pu-t* (IRR **pu*) > MXK *pu-t-a* (IRR *pu*), RIT *pu-T* (IRR *pu*); KNK *puk*
PK **bu/*bu-r*
PJab **mbo*

‘ir.PL’:
PJ **mũ₁* > PCerr **mõ/*mõ-r’*; PJM **mũ* (vb. **mũ-n*)
PTSF **mũ-ŋ* (IRR **mũ*) ‘ir’ > MXK *mũ-K* (IRR *mũ*); KNK *mũ-ŋ* (IMP *mũ*)
KMK ‹mã›G, MGY ‹man› → *#mã*

‘céu’:
PJ **(-)mbe(ñ)* > PJM **ã-mbe* ‘tempo bom’ (vb. **ã-mba-n*)
JAI ‹maecó›
PTSF **pêñ-kuñ* ~ **pêŋ-kuñ* > MXK *peC-kuC*
PK **bikû* ‘céu, chuva’
OFA *ɸij(?)*G
(?) RKB *bio* ‘nuvem, céu’
PJab **mbe*

‘PL; com’:
PJ **mẽ* > PCerr **mẽ*; PJM **mĩ* ‘PL’
PTSF **mẽk* ~ **mẽŋ* > MXK *mỹK* ‘PL’ (*mỹ-* em compostos)

‘ver’:
PTSF **pêp* > MXK *pe-nã*; KNK *pip*
KMK ‹ha hôeh›G ‘eu o vejo’ → *#hʷe*
PK **obî* ou **ôbî*

‘mel’:
PJ **mbeñ’* > PJS **mbeñ*
PK **bid*
PJab **mbê* > ARI *mbi* ‘abelha’, *mbi-co* ‘mel’; DJE *be* ‘mel’, *be-ĵe* ‘caba’

‘machado’:
PJ **mbêm’* > PJM **mbeŋ*
PTSF **pim* > MXK *piP-* ‘metal (*em compostos*)’, RIT *pi̯P* ‘machado’
PJab **mbiN-* > DJE *mĩ-tə*

‘água’:
PJ **mbê₁n* ‘líquido’ > PCerr **mbên*; PJM **mbê* (vb. **mbe-n*)
PK **be*
OFA *ɸiĕʔ, ɸi(ĕ)n-*G, *ɸie, ɸin-, ɸĩ*MP, *ɸi, ɸin-*JS
RKB *pi-hik*
PJab **mbi*

‘esposo’:
PJ **mbê₂n’* > PCerr **mbjan’*; PJM **mben*
PTSF **pin* > MXK *piT* ‘macho’

‘peixe’:
PK **bedo* ‘filhote’
RKB *piknũ*
PJab **mĩnũ*

Em dois itens, o Rikbáktsa apresenta *b-* na posição inicial em correspondência com PJab **mb-* (ver também ‘céu’). Hipotetizamos que nestes casos poderia se tratar de empréstimos ou de comparações errôneas.

‘mutum’:
RKB *baiɣik*
PJab **mbâjci*

‘morcego’:
RKB *byriɣik*
DJE *berece* (? < PJab **mbErV(j)cV(j)*)

Não listamos acima a comparação entre PJG **mĩ* e MXK *mãʔãC* ‘jacaré’: apesar dos segmentos iniciais desses temas poderem ser reflexos de PMJ */m/, não há dados que permitam comprovar a regularidade da correspondência entre PJS **-ĩ-* e MXK *-ãʔã-*. Finalmente, em dois casos não pudemos determinar se o étimo PMJ deve ser reconstruído com **mb-* ou **p-* (note que rejeitamos a comparação com PCerr **mbôŋ* ‘lagoa’ e PJM **mãŋ* ‘mel’ por motivos da não-correspondência entre as codas):

‘lagoa’:
PTSF **pyC-* > MXK *pyC-heP*
OFA *ɸəiʔ*G, *ɸoj ~ hoj*MP

‘abelha, mel’:
PTSF **pyŋ* > MXK *pyK*; KNK *pəŋ*
OFA *ɸək*G, *ɸok ~ ɸak*MP

3.2.1.3. PMJ **pr*

O encontro consonantal **pr* do Proto-Macro-Jê foi fielmente preservado em Proto-Jê, em Proto-Transanfranciscano e em Proto-Jabutí. Em Karajá, foi simplificado para *r*. Para o Rikbáktsa, dispomos de apenas um exemplo confiável, em que a correspondência é *bVr-* (com uma cópia do núcleo, nesse caso uma vogal posterior). Não há exemplos confiáveis referentes ao Ofayé.

‘fome; querer’:
PJ **prãm’* > PCerr **prãm’*; PJM **prãŋ* ‘fome, estação de fome, ano’
PTSF **prym* > MXK *ptyP* ‘fome; querer; poder’, RIT *pdyP*; KNK *prãm* ‘querer’
PK **rãm*

‘sobrinho’:
PK **rã*
PJab **praN* ‘sobrinho, neto’> ARI *pra* ‘sobrinhos fraternos’, DJE *ɸõ* ‘neto, neta’

‘pena’:
PJ **prâ₂(J)* > PJS **prâ* ‘pena, palha de milho’
PTSF **pryc ~ *pryñ* > MXK *ptyC-nãK* ‘pássaro’, RIT *pdyC-cuP* ‘papagaio (espírito)’, HHH *#pəkəC* ‘pássaro, pena’

‘caminho’:
PJ **pry ~ *pryn* > PJG **pry*; PJM **REL-pry*
PTSF **prat ~ *pran* > MXK *ptaT*
PK **ry*

‘esposa’:
PJ **prũ$_{I}^{K}$* > PCerr **prõ*; PJM **prũ* (vb. **prũ-ŋ*)
PTSF **mrũp* > MXK *mnũP-cuP* ‘grupo de gente da mesma categoria’

‘morder’:
(?) PJ **prə̂(C)* > PJM **prə*
(?) PTSF **prôp* ~ **prôm* > MXK *ptuP*
MEN ‹im**bró**› → *#pro*
PK **ro*
RKB *boro*

Dentre as comparações rejeitadas está o par RKB *puru* ‘roçar’ ~ PJab **proN* > ARI *pro* ‘roçar, capinar, bater’, DJE *ɸõ* ‘derrubar’ (tanto a correspondência entre os *onsets* como a correspondência entre os núcleos seriam irregulares); a semelhança superficial pode ser atribuída à transmissão horizontal entre famílias independentes.

3.2.1.4. PMJ */mr/ (**[mbr], *[mr]*)

O *onset* */mr/ seguia o padrão de alofonia já descrito acima para PMJ */m/ (subseção **3.2.1.2**): **mr* em ambientes nasais e **mbr* em ambientes orais. Esta situação é preservada sem modificação em Proto-Jê (e, dentre as línguas Jê modernas, em Kĩsêdjê, Apinajé, Kaingáng e Laklãnõ, com pequenas mudanças na articulação do rótico em Kĩsêdjê e Laklãnõ). Nas línguas Jabutí, encontramos *mbr* em Arikapú (incluindo os ambientes nasais), mas *m* em Djeoromitxí (incluindo os ambientes nasais do Proto-Jabutí), dificultando a reconstrução do padrão alofônico para o Proto-Jabutí (de forma provisória, reconstruímos **mbr* em ambientes orais, **mr* em ambientes nasais). Em Proto-Transanfranciscano, PMJ **pr* e */mr/ sofreram uma fusão: os dois fonemas do Proto-Macro-Jê são refletidos como **pr* em ambientes orais e como **mr* em ambientes nasais. Em Ofayé, o possível reflexo de PMJ */mr/ é *kVt*. Em Karajá, seus reflexos ainda não foram identificados (duvidamos da validade da comparação de PK **bryby* com PMJ **mbrôŋ*). Em Rikbáktsa, encontramos *pVr-* no início dos morfemas em ambientes orais e *mVr-* em ambientes nasais; a qualidade da vogal epentética é sempre uma cópia do núcleo (ao menos precedendo vogais centrais ou posteriores).

‘andar, caminhar’:
PJ **mbra(C)* > PCerr **mbra* ‘andar.PL’
(?) PTSF **pron* ~ **proŋ* > KNK *m-broŋ* ‘caminho’
RKB *parak* ‘andar, correr.SG’

‘cinza’:
PJ **mbro* > PCerr **mbro*; PJM **mrã*
PTSF **prôŋ* > MXK *ptuK* ‘cinza’, RIT *pduK* ‘branco’; KNK *proŋ* ‘carvão’
(?) OFA *kǎtah*$_{G}$
RKB *poro* ‘bambu; sal’
PJab **mbrəN*

‘submergir, dar banho’:
PJ **mrỹ ~ *mrỹm* > PJS **kumrə̃* ‘dar banho’
PTSF **mrỹp ~ *mrỹm* > MXK *mnỹP* ‘submergir’
RKB *para* ‘dar banho’
PJab **mbra* > ARI *mbrã* ‘dar banho’, DJE *ma* ‘tomar banho’

‘barro, argila’:
RKB *mõrõ-xuk* ‘panela de barro’
PJab **mrã*

‘mergulhar’:
PJ **mrũ(C)* > PJS **mrõ* ‘mergulhar, afundar; cozinhar’
RKB *mõrõ ~ mũrũ* ‘tomar banho’

3.2.1.5. PMJ **w*

Dispomos de poucos exemplos referentes à consoante **w* do Proto-Macro-Jê, dos quais apenas dois itens (‘carregar, pegar’ e ‘matar’) possuem reflexos identificados além das famílias Jê e Transanfranciscana. Em todos os casos a consoante foi preservada sem modificações nas protolínguas das famílias Jê, Transanfranciscana e Jabutí, bem como nas línguas Karajá e Ofayé (não há exemplos referentes ao Rikbáktsa). Em decorrência de uma tendência à fortição das aproximantes, alguns sub-ramos apresentam desenvolvimentos como **w* > **b* (Proto-Jê de Goyaz; NIKULIN, 2017, p. 159) ou **w* > **b/*m* (Proto-Maxakalí Nuclear; NIKULIN, SILVA, 2020). Como as demais línguas Jê e Transanfranciscanas (Akuwẽ, Jê Meridionais, Malalí, Krenák) preservam *w*, trata-se, certamente, de inovações recentes que ocorreram independentemente uma da outra.

‘cheirar, farejar’:
PJ **wə̃$^{(P)}$* > PJG **bə̃/*bə̃-r*
PTSF **wyp* > MXK *cy-pyP* ‘nariz’, *ca-pyP* ‘porco’, RIT *byP* ‘farejar’, *ca-byP* ‘porco’; KNK *wəp* ‘cheirar, beijar’

‘podre’:
PJ **wəm* > PJM **wə̂*
PTSF **wym* > KNK *wəm*

‘pegar, carregar’:
PJ **wy* > PJS **by/*by-r* ‘pegar.SG’; PJM **wy-n* ‘pegar, carregar.COMPR.NF’
PTSF **wa* > MXK *pa* ‘pegar.INAN.SG’, *pa-C-* ‘CAUSCOM.INAN.SG’, RIT *ba* ‘pegar.INAN.SG’, *ba-C-* ‘CAUSCOM.INAN.SG’
PK **wy/*wy-d* ‘carregar’
OFA *wa*$_{JS}$ ‘pegar’
PJab **wa(j)* > DJE *wa* ‘pegar, comprar’

‘subir’:
PJ **(-)wi(C)* ‘subir’ > PJS **a-bi/*ĵə-bi-r*
OFA *wi(-gê)*$_{MP}$
(?) PJab **ǰu(w)i*

‘mostrar’:
PJ **wẽ* ‘mostrar, falar’ > PJG **wẽ/*wẽ-r*; PJM **wĩ* (vb. **wĩ-n*) ‘falar’
PTSF **wẽk* ~ **wẽŋ* > MXK *mỹ$_K$*

‘convidar’:
PJ **jawê$_I$* > PCerr **jawê* ‘amar, respeitar’
PTSF **jawit* > MXK *capi$_T$* ‘convidar’

‘matar’:
PJ **wĩ* > PCerr **wĩ/*wĩ-r* ‘matar.SG’
PTSF **wĩ-k* ~ **wĩ-ŋ* (IRR **wĩ*) > MXK *mĩ-C* (IRR *mĩ*) ‘fazer’, RIT *mĩ-C* (IRR *mĩ*) ‘matar’
(?) PK **we* ‘furar, dar facada’
OFA *wĩ*$_G$ ‘atirar’

3.2.1.6. PMJ **t*

A consoante **t* do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Jê, Proto-Jabutí, Ofayé e possivelmente em Proto-Karajá e Rikbáktsa. No ramo Transanfranciscano, esse fonema fundiu-se com PMJ */n/, mantendo-se como **t* em ambientes orais e dando origem a **n* em ambientes nasais.

‘cortar fora’:
PJ **ta(C)* > PCerr **ta/*ta-r’*
OFA *te(-gê)*$_{MP}$
RKB *tak* ‘quebrar’

‘3$_{CRF}$’:
(?) PJ **ta* > PCerr **ta* ‘base dêitica que serve para derivar demonstrativos’
PK **ta-* (classe I) / **t-* (classe II)
RKB *ta-* (PL *ta-ha-*)
PJab **ta-* > ARI *ta-* ‘3CRF, 3.S$_A$’

‘preto’:
PJ **tyk* > PCerr **tyk*; PJM **ku-ty* ‘escuro, noite’ (vb. **ku-ty-ŋ*)
KTX ‹tah›, MAS ‹oeich**tá**› ‘preto’ → *#ta*; KMK ‹cua**dá**›$_{SO}$, ‹kua**da**, kuà**dá**, kwahă**dá**›$_G$, MGY ‹khoha**dá** (kho *tão breve que apenas se ouve*, dá *breve*), koache**dá** (e *apenas audível*, da *breve*›, MAS ‹gach**thá**› ‘homem negro; preto (*cor*)’ → *#kwaha-ta*

‘INSTR’:
PJ **tə̃* > PCerr **tə̃*; PJM **tə̃* ‘ERG, INSTR’
PTSF **ty* ‘LOC’ > MXK *ty*; KNK *tə*
(?) RKB *tuk*

‘novo’:
PJ **təm’ ~ *tə̂₂m’* > PCerr **təm’ ~ *tə̂m’* ‘novo, cru’; PJM **taŋ*
PTSF **tym* > MXK *tyP*
(?) PK **tə̃m-rə̃*
OFA *təMP*
(?) RKB *edytyk ~ (e)ɽytyk*
(?) PJab **-təj* > ARI *rətəj*, DJE *dôte*

‘urinar’:
PJ **tu(C)* > PCerr **tu/*tu-r’*
RKB *tuk*

‘velho’:
PJ **tu₂m’* > PCerr **tum’*; PJM **toŋ* ‘seco (*de plantas*)’
PTSF **tom* > MXK *taP* ‘já’, *-taP* ‘escuro, seco (*de plantas*)’, *hi-taP* ‘antigo’
PK **tyb*

‘voar’:
PJ **toP* > PCerr **to/*top-r*; PJM **tə̃* (vb. **tə̃-m*)
PTSF **tôp* > MXK *tup-a* (IRR *tuP*) ‘voar.SG’

‘língua’:
PJ **ñũ₁cto(K)* > PCerr **ñõjto*; PJM **nũnə̃*
PTSF **ñũccôk* > MXK *ñũCcũK*; KNK *jicok*
PK **dorto*
OFA *jõrăhG*
RKB *xtẽrõ-ɽik*
PJab **nũtə*

‘gordura’:
PJ **tôm’* > PCerr **twam’*; PJM **taŋ*
PTSF **tum* > MXK *tuP*
(?) RKB *tu**ta***
PJab **tôN* > ARI *tô-ka*, DJE *tõ*

‘irmão (mesmo gênero do *ego*)’:
PJ **tũj’* > PCerr **tõj’*
PTSF **nũc ~ *nũñ* > MXK *nũC*
(?) KTX ‹chi**ton**›, MEN ‹a**tó**› → *#tõ*

‘NEG’:
PJ **tũ₁K* > PCerr **tõ*; PJM **tũ* (vb. **tũ-ŋ*)
PTSF **nũk* > MXK *nũK* ‘acabar’; KNK *nuk*
PJab **tə̃* > ARI *tə̃*, DJE *tõ*

‘barriga’:
PJ **tik* > PCerr **tik*
PTSF **tek ~ *teŋ* > MXK *teC*

‘ir.SG’:
PJ **tẽ/*tẽ-m’* > PCerr **tẽ/*tẽ-m’*; PJM **tĩ* (vb. **tĩ-n*)
PTSF **nẽ-n* (IRR **nẽ*) ‘vir’ > MXK *nỹ-T* (IRR *nỹ*); KNK *nĩ-ŋ* (IRR *nĩ*)
KMK ‹hi ni!, hini!›$_{G}$ ‘vem!’, MEN ‹ni› ‘ir depressa; vem!’ → *#nĩ*

‘GEN’ → ‘ERG’:
PJ **te* > PCerr **te* ‘GEN, ERG’
PTSF **tê* ‘ERG’ > MXK *te* ‘ERG/NOM’; KNK *ti* ‘eu’, *ho-ti* ‘tu’

3.2.1.7. PMJ */n/ (**[nd], *[n]*)

A consoante */n/ certamente possuía dois alofones: **n* em ambientes nasais e **nd* em ambientes orais, situação preservada sem modificação em Proto-Jê (e, dentre as línguas Jê modernas, em Kĩsêdjê, Apinajé, Kaingáng e Laklãnõ). Em Proto-Transanfranciscano, PMJ **t* e */n/ sofreram uma fusão: os dois fonemas do Proto-Macro-Jê são refletidos como **t* em ambientes orais e como **n* em ambientes nasais. Em Karajá, Rikbáktsa e Proto-Jabutí, seu possível reflexo é *n*, mas os dados relevantes são escassos e algumas das respectivas etimologias questionáveis. Em Ofayé, encontramos o reflexo *t* em ambientes orais e *n* em ambientes nasais (etimologia questionável).

‘chuva’:
PJ **ndn̲j’* > PCerr **ndn̲j’*
(?) PTSF **tVc* ~ **tVñ* ~ **tVj* > MXK *teC*
PJab **nãj* > ARI *nãj*, (?) DJE *nĩ(-)pa*

‘mãe’:
PJ **nə̃* > PCerr **nə̃*; PJM **nə̃*
JAI ‹ná›
PTSF **tyt* > MXK *tyT*

‘pescoço’:
PJ **ndu$_{I}$ñ’* > PJM **nduñ*
OFA *tôə̆ʔ*$_{G}$ ‘pescoço, nuca’

‘olho’:
PJ **ndom* > PCerr **ndom*; PJM **kə-nã* (vb. **kə-nã-n*) ‘olho, semente’
PTSF **kitôm* > MLL *#keto*; KNK *kitom*
KMK ‹ae**nköh-toh**›$_{M}$, ‹an**quedô**›$_{SO}$, ‹**kôdôh**›$_{G}$, KTX ‹**kitho**›, MGY ‹**kedó**›, MEN ‹im**gutó**›, MAS ‹**göchtch**› → *#kVtô*

‘estar deitado’:
PJ **nũ$_{2}^{P}$* (SG) > PCerr **nõ/*nõp-r*; PJM **nə̃*
PTSF **nũp* > MXK *nũP* (PL)
(?) OFA *no* ~ *norə̆ʔ*$_{G}$, *nõ꞉, nõd-, nõ꞉-g^{w}ê*$_{MP}$ ‘estar sentado, sentar-se’
(?) RKB *nũ* ‘pôr do sol’, *cik-nũ* ‘fluir’
PJab **nã* > ARI *nã* ‘fazer sexo’

‘outro, INDEF’:
PJ **nũ(C)* > Timbíra **nõ*
PTSF **nũc* ~ **nũñ* > MXK *nũC* ‘outro’
PK **nõ* ‘INDEF’

‘dar’:
OFA no_{G}, $nõ_{MP}$
RKB *nỹnỹ*

‘maduro’:
PJ **ndep* > PJS **ndep*
(?) PTSF **têp-* > MXK *teP-ta* ‘banana’
(?) RKB *nẽnẽ*

No seguinte exemplo, foi-nos impossível determinar se seu étimo continha PMJ **n* ou **ñ*, pois ambas as consoantes são refletidas como *(*)n* tanto em Rikbáktsa, como em Proto-Jabutí (e provavelmente como */d/ em Proto-Karajá).

‘peixe’:
PK **bedo* ‘filhote’
RKB *piknũ*
PJab **mĩnũ*

3.2.1.8. PMJ **r*

A consoante **r* do Proto-Macro-Jê foi preservada em todas as famílias e quase todas as línguas modernas, excetuando-se algumas mudanças sonoras limitadas a línguas específicas (tais como PTSF **r* > MXK *t/n*, RIT *d/n*; PJM **r* > LKL *l*; PJab **r-* > DJE *h-*).

‘flor’:
PJ **rə̃(r)* > PCerr **rə̃(r)* (PJS **rə̃*, PA **ñĩ-rə̃rə̃* ~ **ñĩ-rə̃nə̃*)
PTSF **ryT* > RIT *dyT* (→ MXK *mĩ-dyT* ‘flor’, *ñĩ-dyT* ‘barba’, *kyC-dyT* ‘sobrancelha’)

‘saliva’:
PJ **jar-rə* ~ **jar-rə̂₂* > PCerr **jadrə̂* ~ **jadrə*; PJM **jãrə* (vb. **jãra-n*)
(?) OFA $xerə̆\text{-}iʔ_{G}$
PJab **(ǰa-)roj* > ARI *ca-rəj*, DJE *he-i*

‘parecer’:
PJ **pVrək* > PJS **pyrək*
PTSF **pVryk* ~ **pVryŋ* > MXK *pytyK*, RIT *pydyK*

‘mata’ / ‘veado’:
PJ **mỹrỹj’* ~ **mỹrỹñ’* > PA **mə̃rə̃j // mə̃rə̃* ‘mata’
PTSF **mỹrỹc* ~ **mỹrỹñ* > MXK *mỹnỹC* ‘veado’

‘carregar.MASS’:
PJ **ru₁* > PCerr **ru/*ru-ñ’* ‘derramar’; PJM **ru/*ru-n* ‘carregar água’
PTSF **rot* > MXK *taT* ‘carregar.MASS’

‘comprido’:
(?) PJ **ro(j’)* > PJS **ro* ‘sucuri’
PTSF **rôñ* > MXK *tuC*, RIT *duC*; KNK *ron*
(?) KMK ‹i**roro**›M, ‹hin-**rôrô**-dãn›G, KTX ‹ni**rrorho**› → *#rôrô*
OFA *ra:*G, *rah-*MD ‘comprido, alto’

‘morrer’:
PK **ru/*ru-b*
RKB *ra*

‘xerimbabo’:
RKB *rara*
PJab **roNroN* > ARI *roro*, DJE *nõnõ*

‘LOC’:
PJ **ri* > PJS **ri*
PTSF **-re* > MXK *-te* (*nỹ-te* ‘aqui’, *nũ-te* ‘aí’, *ũ-te* ‘lá’), RIT *-de* (*nỹ-de* ‘aqui’, *nũ-de* ‘aí’, *ũ-de* ‘lá’); KNK *-re* (*hak-re* ‘onde’)

‘deixar, abandonar’:
PJ **re* > PCerr **re*; PJM **re*
PK **ri*

‘dois’:
PJ **-rêI^K* > PJM **reŋ-rê* (vb. **reŋ-re-ŋ*)
PTSF **rik* > MXK *tiC*, RIT *-diC* (em compostos)

‘raiz’:
PJ **jarêI^T* > PJS **jarê*; PJM **jãrê* (vb. **θ-are-n*)
PTSF **-jorit* > MXK *ñĩP-catiT*, RIT *ñĩP-cadiT*
PJab **ǰari* > DJE *rari*

3.2.1.9. PMJ **c*

A consoante **c* do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Jê. Em Proto-Transanfranciscano, é refletida como **j*. Em Karajá, fundiu-se com PMJ **t*, dando origem a PK **t* (*ɗ* ou *c* nas línguas modernas). Em Ofayé, seu reflexo normal parece ser *h*, mas em alguns poucos casos no início de temas flexionáveis encontramos *x-* (como em ‘semente’), possivelmente através da reanálise de *h-* inicial como um prefixo de terceira pessoa dos temas da classe II.

‘tecer, costurar’:
PJ **cyP* > PCerr **cy/*cyp-r’*; PJM **θy*
PTSF **jap* > MXK *caP*
PK **ty*

‘semente’:
PJ **cym* > PCerr **cym*; PJM **θy* (vb. **θy-n*)
PTSF **jam* > MXK *caP*; KNK *jam*
PK **ty*
OFA *xa:ʔ*G, *xa*MP
PJab **čã* ‘semente’, **čã-ka* ‘olho’, **čã(-ka)-y* ‘lágrima’

‘fogo’:
PJ **kucym* > PCerr **kucym*
PTSF **kyjam* > MXK *kycaP*
PK **he-koty*

‘chupar’:
PJ **cə̂$_1$^{P}* > PCerr **cô/*cô̲p-r*; PJM **pe-θə* (vb. **pe-θa-m*) ‘mamar’
PTSF **jyp* > MXK *cyP* ‘chupar, lamber’
PK **to*
RKB *ok* ‘comer comida pastosa’
PJab **u*

‘folha’:
PJ **cə̂$_1$j’* > PCerr **côj’*
PTSF **jyc* > MXK *cyC*; KNK *jət*

‘vagina’:
PJ **cu$_1$* > PJM **θu*
PTSF **jo* > KNK *jo*
PK **ty*

‘rosto, testa, pele’:
PK **tyk* ‘pele, casca, roupa’
RKB *ok-* ‘rosto’, *uk-pe* ‘testa’

‘rabo, cauda’:
PTSF **juk* ‘rabo, pênis’ > RIT *cuK* (*cu-* em compostos); KNK *juk*
PK **tu* ‘cauda de ave’
RKB *a*
(?) PJab **ô(j)* > DJE *ô*

‘osso’:
PJ **ci* > PCerr **ci*
PTSF **jet* ~ **jek* > KNK *jek*
MAS ‹ing**je**› → *#je*
PK **ti*
OFA *hih*$_G$, *hi*$_{MP}$ ‘osso, perna’
RKB *ek* ‘perna’, *har-ek* ‘cabeça’ (lit. ‘redondo-osso’)
PJab **ĵi* ~ **i*

‘3^{INT} (classe II)’:
PJ **c-* > PCerr **c-*; PJM **θ-* (fossilizado)
PK **t-*
OFA *h-*

3.2.1.10. PMJ */ñ/ (**[nĵ]*)

O fonema PMJ */ñ/ pôde ser reconstruído em um número extremamente reduzido de morfemas, todos eles monossilábicos e orais. A provável realização desse segmento era *[nĵ], como ainda é o caso em Apinajé. Seus reflexos são PJ **nĵ* (*/ñ/ no nível subjacente), PTSF **c*, PK **d*,

Rikbáktsa *j*, PJab **ĵ* (pelo menos, diante de **i*). Não encontramos nenhum item em Ofayé que pudesse aprexentar um reflexo de PMJ **nĵ*.

‘morder’:
PJ **nĵa* ‘morder’ > PCerr **nĵa/*nĵa-r’*; (?) PJM **cã* ‘caça’
PTSF **co* > MXK *ca* ‘morder, picar’

‘pendurar.SG’:
PJ **nĵə̲ɪ*^{P} > PCerr **nĵô̲/*nĵô̲p-r’*; PJM **cə* (vb. **cə-m*)
PTSF **cyp* > MXK *cyP*; KNK *cəp*

‘mãe’:
PJ **nĵi(C)* ‘mãe’ > PJS **nĵi*; (?) PJM **ci* ‘velho’
PK **nã-di*
RKB *je*
PJab **ĵi*

No seguinte exemplo, foi-nos impossível determinar se seu étimo continha PMJ **j* ou **nĵ*, pois ambas as consoantes são refletidas como MXK *c* e PJab **ĵ* (diante de **i*).

‘frio’:
PTSF **-ji* ~ **-ci* > MXK REL-*ci*
PJab **ĵiĵi*

3.2.1.11. PMJ */j/ (**[j], *[ñ]*)

Os reflexos de PMJ */j/ apresentam um grau considerável de diversidade nas línguas Macro-Jê. Nos ambientes orais, seus reflexos são PJ **j*, PTSF **j*, PK **l*, OFA *x*, RKB *x* (diante de *a*), *ɾ* (diante de PMJ **o*) ou *d* (diante de *i*), PJab **ǰ* (**ĵ* diante de **i*). Nos ambientes nasais, seus reflexos são PJ **ñ*, PTSF **ñ*, PK **d/*n*, OFA *j*, RKB *n*, PJab **n*. Baseando-nos nesses reflexos, reconstruímos o seguinte padrão alofônico para o Proto-Macro-Jê: a consoante */j/ provavelmente se realizava como **j* em ambientes orais, mas como **ñ* em ambientes nasais. Sincronicamente, esse padrão foi preservado nas línguas Apinajé, Mẽbêngôkre, Kĩsêdjê, Tapayúna e Krenák. Entre vogais, PMJ **j* parece ter sofrido uma elisão em Karajá (**ñĩja* > PK **dea-* ‘nariz’, **-juñ* > PK **-ud* ‘formativo de nomes de agente’), com a simplificação subsequente de alguns encontros vocálicos não tolerados pela língua (**pĩm°-ñĩjə̂k* > **he-deə̂* > PK **hedə̂* ‘fumaça’, ? **ñĩjet* > **dei* > PK **nĩ* ‘nome’).

‘ficar de pé.SG’:
PJ **ja/*ja-m’* ‘ficar de pé.SG’ > PCerr **ja/*ja-m’*; PJM **jã/*jã-ŋ*; PJ **ja̲/*ja̲-r’* ‘colocar de pé.SG’ > PCerr **ja̲/*ja̲-r’*; PJM **jã* (vb. **jã-ŋ*)
PTSF **jim* > MXK *ciP*; (?) KNK *ñĩm*
PK **lãm* (nominalização)
OFA *xeːʔ*$_{G}$, *heː*$_{MP}$ (possivelmente 3SG)
(?) RKB *xa* ‘começar a andar (*de crianças*)’

‘nariz’:
PJ **ñĩja* > PCerr **ñĩja-kre*; PJM **nĩjã*
PTSF **ñĩji* > RIT *ñĩci-kuC* ‘focinho’, HHH *#cihĩ*, MLL *#seje ~ #seji* ‘nariz’
KMK ‹aenköh **nini**koh›M, ‹**ninji**cô›SO, ‹**nydy**kô, **nin**ko›G, KTX ‹**nii**ka›, MGY ‹**nihie**kó›, MEN ‹**inschi**wó›, MAS ‹**tchü**chgoh› → *#ñĩji-kô*
PK **deã-θə̃* ‘nariz’, **deã-ti* ‘osso do nariz’
OFA *jĩxe*ER (em outras fontes ‘bico’); *jĩxej-ha*ʔG; *nĭxej-kĕrĩ*ʔG, *ẽxê-gri*MP

‘comer.INTR’:
PJ **ja ~ *jan* > PJM **jã/*jã-n* (vb. **jã-n*)
PTSF **jit ~ *jin* > MXK *ciT*

‘boca’:
PJ **jar-* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’, **jãn-ky* ‘boca’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹**dihari**cô›SO, MGY ‹**härä**ko›, MEN ‹**jniata**gó›, MAS ‹**t(chiatta**› → *#ĵara-kô/ĵata(-kô)*
OFA *xerĕ*ʔG, *xer*ER, *ere*MP (possivelmente 2SG)
(?) RKB *xak* ‘lábio, boca (*em compostos*); *xay-* ‘boca (*em compostos*)’
PJab **ǰa-ko*; **ǰa-* (em compostos)

‘asa, axila’:
PJ **jar(a)* ‘asa’ > PJG **jara*, PJM **θ-ãr*; PJ **jara(C)* ‘axila’ > PJG **jara-kre*, PJM **jãrã* (vb. **jãrã-n*)
RKB *xara* ‘asa, pena’
PJab **ǰa-ko-* ‘axila’

‘entrar’:
PJ **jə*^{P} > PCerr **a-jə/*jəp-r* ‘entrar.SG’ (CAUS **jə̲/*jə̲-r*)
OFA *xəh*G

‘urina’:
PJ **jə*^{C} > PCerr **jə*; PJM **jə̂-ñ* ‘urinar’
PTSF **jyc* > MXK *cyC* ‘urinar’
KMK ‹**jack**›SO, MAS ‹a**jach** cumung› ‘urinar’ → *#jak*
PK **lə̂*

‘doce, saboroso’:
PJ **jəñ’* > PCerr **jəñ’*
PTSF **jyñ-* > MXK *cyC-peC*

‘fumaça’:
PJ **ñĩjə̂*$_{2}^{K}$ > PA **ñĩǰe*; PJM **nĩjə* (vb. **nĩja-ŋ*)
PK **he-də̂*

‘estar sentado.SG’:
PJ **ñỹ*^{P} > PCerr **ñỹ/*ñỹp-r*; PJM **nĩ* (vb. **nĩ-m*)
PTSF **ñỹp* > MXK *ñỹP*; KNK *n̥ep*
PK **u(-)nə̃*

‘pai’:
PJ **ju₂m’* > PJS **ĵũ(m)*; PJM **joŋ*
PK **t-yb* (3ª pessoa)
OFA *xew(ʔ)*$_{G}$, *xôw*$_{MP/JS}$, *xəw*$_{ER}$
RKB *ɾo*
PJab **ǰô*

‘chegar’:
PJ **ju₁t* > PJM **jur*
PTSF **-jo* > MXK *mũ=ca* (IRR *mũ=cã-T*) ‘chegar.PL, sair.PL’
RKB *ɾuk*

‘pus’:
PJ **ju₂*^{P} > PCerr **jup-r*; PJM **θô* (vb. **θo-m*)
(?) PTSF **jow* > MXK *capa*
PJab **ǰô* ‘pus, seiva’

‘caça, animal’:
(?) PJ **jo(ŋ’)* > PJS **ĵo* ‘raposa’
PTSF **jôK* > MXK *cuK* ‘caça, animal’
OFA *xak ~ xak*^{n}$_{MP}$, *xak ~ xag*^{n}$_{JS}$ ‘carne’

‘derramar’:
PJ **-jô* > PCerr **ja-jwa/*ja-jwa-r’* ‘derramar, colocar deitado.PL’
PTSF **ju* > MXK *nỹ=cu-K* (IRR *nỹ=cu*); KNK *ju*

‘tomar banho’:
PJ **jôm* > PJG **ĵû/*ĵwə̂-r*
PTSF **jum* > KNK *jum*
PJab **ǰo*

‘sangue’:
(?) PTSF **jum* > MXK *-cuP* ‘plural coletivo’
KMK ‹**schoh**›$_{M}$, MGY ‹**kedió** (e *e* o *breves*)›, MEN ‹**ísó** (í *indist.*)›, MAS ‹**höh**› → *#xô*
PK **lub*
OFA *xeːʔ*$_{G}$, *xeː*$_{MP}$, *ənxe*$_{JS}$
PJab **ǰo* > ARI *co*

‘dente’:
PJ **jô* > PCerr **jwa*; PJM **ja*
PTSF **juñ* > MXK *cuC*; KNK *jun*
KMK ‹anköh **tchoh**›$_{M}$, ‹**dju**›$_{SO}$, ‹nãn-**co**, nãn**cô-**›$_{G}$, MGY ‹**dió**›, MEN ‹**jo**›, MAS ‹**thüoh**› → *#cô*
PK **lû*
OFA *xeʔ*$_{G}$, *xeː ~ xê*$_{MP}$, *xe*$_{ER}$
PJab **ǰo*

‘NOMAG’ (‘dono’):
PJ **jôñ’* > PCerr **jwañ’*
PK **-ud*

‘pescoço’:
PK **lo-ti*
RKB *xoik*

‘dormir.NF’:
PJ **ñũ$_{ɪ}$t* > PCerr **ñõt*; PJM **nũr*
PTSF **ñũt* > MXK *mũ=ñũT*
OFA *jõh-*$_{MP}$, *jõr*$_{ER}$
PJab **nũtã*

‘envira, corda’:
PJ **ñũr* > PCerr **ñõr*
PJab **nũrã*

‘comida’:
PJ **ñũ(C)* > PCerr **ñõ*
PK **do* ‘alimento duro’
PJab **nũ* ‘pamonha’

‘GEN’:
PJ **ñũ$^{(K)}$* > PJS **ñõ*
PTSF **ñũk* > MXK *ñũK*; KNK *ñuk*
MAS ‹ing**niung**› ‘meu’ → *#ñũŋ*

‘colocar deitado’:
PJ **ji* > PCerr **ji/*ji-r*; PJM **ji*
PTSF **je-k* (IRR **je*) > MXK *ce-C* (IRR *ce*), RIT *ky-ĵeC*; KNK *jek*
PK **lid* (Karajá, Xambioá) ~ **lîd* (Javaé)
OFA *xi, xi-ke*$_{G}$, *xirê, xiː-gê*$_{MP}$ ‘estar deitado, deitar-se’
PJab **ĵi*

‘um’:
PJ **p(V)ji* > PCerr **pᵊji*
PTSF **pjet* > MXK *pceT*

‘nome’:
PJ **ñĩji* ~ **jiji* > PCerr **ñĩji*; PJM **jiji* ~ **jyjy* (vb. **jiji-n* ~ **jyjy-n*)
PTSF **-jet* > MXK REL-*ceT-aC*
(?) PK **nĩ* ‘nome’, **nĩnĩ* ‘chamar’

‘deixar’:
PTSF **ji-k* ~ **ji-ŋ* (IRR **ji*) > MXK *ci-C* (IRR *ci*) ‘deixar, emprestar’
RKB *dik* ‘deixar, encostar, colocar no fogo’

‘fio’:
PJ **jê^{T}* ~ **jên* > PJG **jê*; PJM vb. **θe-n* ‘fazer fio’
PTSF **jit* ~ **jin* > MXK *ciT*
OFA *xiʔ*$_{G}$, *xik*^{n}$_{MP}$
(?) RKB *di* ‘amarrar’

‘espinho’:
PJ **ñĩ(C)* > PCerr **-ñĩ*
PK **dede*
RKB *nĩ*
PJab **nĩ* > ARI *nĩ* ‘espinho’, DJE *nĩ* ‘folha’

‘mão’:
PJ **ñĩ̃m-* (formativo) > PCerr **ñĩ̃m-* (formativo); PJM **nĩ̃-* (formativo)
JAI ‹ae**nae**nong› ‘mão’
PTSF **ñĩ̃m* > MXK *ñĩ̃P* ‘mão, braço’
KMK ‹guangäh**ni** tschoh ~ guangäh **ni**tscho›$_{M}$ ‘dedo, unha’, ‹**nhin**djú›$_{SO}$ ‘dedo’, MGY ‹**ni**hitió› ‘mão’, ‹**ny**hitiocrin› ‘dedo’, ‹**in**hindió (inhin *breve e indistinto*)› ‘dedão’ → *#nĩ̃cô*; KMK ‹**nhin**djouká›$_{SO}$ ‘unha’, ‹**ñôn**côkás›$_{G}$ ‘unha’, MGY ‹**ni**hitioca› ‘unha’ → *#nĩ̃cô-ka*; KMK ‹guangäh**ni** kreschi nighör›$_{M}$ ‘mão’, MGY ‹**nin**kre (kre *muito breve*)› ‘mão’, MEN ‹**in**crú› → *#nĩ̃krV*; KMK ‹**nin**cas›$_{SO}$ ‘mão’, ‹**nên**kišk›$_{G}$ ‘mão’ → *#nĩ̃kVs*
PK **de-* (formativo)
OFA *jĩ̃j(ʔ)*$_{G}$, *ĩ*$_{MP}$, *jĩ̃*$_{ER}$
PJab **nĩ̃-* (formativo)

‘carne’:
PJ **ñĩ̃* > PCerr **ñĩ̃*; PJM **nĩ̃*
PTSF **ñĩ̃t* > MXK *ñĩ̃T*; KNK *ñik*
PK **de*
RKB *nĩ̃*
PJab **nĩ̃*

‘fezes, tripa’:
PJ **ñṼ́t* > PCerr **ñṼ́t* (PJS **ñĩ̃n*, PNR *ñĩ̃ː*; PA **ñə̃nə̃ // *ñə̃ːnə̃*)
PTSF **ñũ̃t* > MXK *ñũ̃T* ‘defecar, fezes’, RIT *ñũ̃T* ‘barriga’

Ribeiro (2012b, p. 276) ainda compara o formativo de nomes que denotam lugar ou instrumento das línguas Karajá (PK **-nã̃*) e Jê (em nossa reconstrução, PJS **jə*, PA **-ĵem // *-ĵe*, PJM **-jə*). Não encontramos nenhum outro exemplo que pudesse comprovar a regularidade da correspondência entre PK **ã̃*, PJS **ə* ou PJM **ə* (note que a correspondência entre PJS **ə* e PJM **ə* é igualmente irregular; PA **e* poderia corresponder a PJS **ə* ou a PJM **ə*, mas não a ambos ao mesmo tempo). A coda labial subjacente nas línguas Akuwẽ deveria corresponder a PJS **-m*, PJM **-ŋ* e PK **-m* (como no item para ‘fome’). À luz da existência de tantas irregularidades, preferimos desconsiderar a comparação de Ribeiro até que nosso conhecimento da história fonológica das línguas Jê e Karajá avance. Compare-se também o sufixo do Ofayé com um significado idêntico: *-ji*$_{MP}$.

No seguinte exemplo, foi-nos impossível determinar se seu étimo continha PMJ **n* ou **ñ*, pois ambas as consoantes são refletidas como *(*)n* tanto em Rikbáktsa, como em Proto-Jabutí (e, possivelmente, como */d/ em Proto-Karajá).

‘peixe’:
PK **bedo* ‘filhote’
RKB *piknũ*
PJab **mĩ̃nũ*

No seguinte exemplo, foi-nos impossível determinar se seu étimo continha PMJ **j* ou **nĵ*, pois ambas as consoantes são refletidas como MXK *c* e PJab **ĵ* (diante de **i*).

‘frio’:
PTSF **-ji* ~ **-ci* > MXK REL-*ci*
PJab **ĵiĵi*

Finalmente, um item apresenta uma correspondência totalmente singular entre os *onsets*. Não nos foi possível determinar se se trata de um desenvolvimento condicionato de PMJ **j-*, de reflexos de um *onset* diferenciado ou de um desenvolvimento irregular.

‘pelo, cabelo’:
PK **rã-de* ‘cabelo’ (cf. **rã* ‘cabeça’)
OFA *ji*ʔG, *i*MP
RKB *ɾi* ‘pena’, *hara-ɾi* ‘cabelo’
PJab **(č)i* ‘pena, pelo, cabelo’

3.2.1.12. PMJ **k*

A consoante **k* do Proto-Macro-Jê foi preservada em todas as famílias menos o Ofayé, em que seu reflexo é *h*, e o Jaikó (ver abaixo). Nas línguas Transanfranciscanas, PTSF **k* certamente apresentava algum grau de palatalização alofônica diante das vogais PTSF **a, *e* (e, presume-se, **ê, *i*), fenômeno preservado em Krenák no nível fonético (CRISTÓFARO-SILVA, 1987) e responsável pelo desenvolvimento **k* > *c* em Maxakalí (PTSF **kac, *ka, *ke* > MXK *caC, ca, ce*). Aparentemente, esse último desenvolvimento foi compartilhado também pela língua Jaikó, em que o reflexo de PMJ **k* parece ser uma fricativa coronal surda nos cognatos dos itens que apresentam palatalização em línguas Transanfranciscanas. Não dispomos de nenhum exemplo de um item Jaikó que mostre qual seria o reflexo não palatalizado de PMJ **k*.

‘gritar, chamar’:
PJ **kyj/*kyj-r* > PCerr **kyj/*kyj-r*; PJM vb. **kyj-n* ‘tocar instrumento, fazer ruído’
PTSF **ka-t* (IRR **ka*) > MXK *ca-t-a* (IRR *ca*), RIT *ca-T* ~ *ca-t-a*; KNK *kak* ‘chamar’
(?) PK **ry* (se generalizado a partir de **ky*, NMLZ **[r]y*)

‘casca, pele’:
PJ **kyj’* > PCerr **kyj’*; PJM **jãn-ky* ‘boca’ (vb. **jãn-ky-n*)
JAI ‹aenaenong**siaé**› ‘unha’ (cf. ‹aenaenong› ‘mão’)
PTSF **kac* > MXK *caC*; KNK *kat*
KMK ‹an**ká**›SO → *#ka*
PK **ky* ‘fibra de casca’
OFA *ha*ʔG, *ha*MP
PJab **-ka* ‘parte do corpo (*formativo*)’

‘mosca *ou* **carapanã’:**
PJ **kâ₁p* > PCerr **kôp*; PJM **kə*
PTSF **kyp* > MXK *kyP-nũP* ‘mosca’, *kyP-mãñũC* ‘carapanã’; KNK *kəp*
PK **koho*

‘árvore, chifre’:
PJ **kâ₁m* > PCerr **kôm*; PJM **kə*
PTSF **kym* > MXK *kyP*
MAS ‹zigöh-**ku**› ‘umbu’, ‹schüö**kuh**› ‘coxa’, ‹mutg**kú**› ‘milho’ → *#ku*
PK **ko*
OFA *heɰ(ʔ)*G, *hə̀*MP
PJab **ku*

‘assoprar’:
PJ **-kâ₁/*-kâ₁-k* ‘assoprar’ > PCerr **ja-kô/*ja-kô-r*; **(ka-)kə̂₁-k* ‘vento’ > PCerr **(ka-)kôk*; PJM **kã-kə* (vb. **kã-kə-n*)
PTSF **kwy-ŋ* (IRR **kwy-c*) > MXK *mũ=kuy-K* (IRR *mũ=kuy-C*)
(?) OFA *hy̆iʔ*G, *ahô-g^{w}êMP*
(?) PJab **{j̆/č/r}Vku* > DJE *heku*; PJab **ôku* ‘assoviar’

‘testa, rosto’:
PJ **kâ₁j’* ‘testa’ > PA **kuj-həj // *kuj-hə*
PTSF **kyñ* > MXK *kyC*; KNK *kən* ‘testa’
KMK ‹a**ckühh**›M, MGY ‹a**ké** (e *breve e acent.*, a *indist.*)›, MAS ‹**küh**› ‘testa’ → *#ky*
PK **ko* ‘rosto’
OFA *həʔ* ‘rosto’G, ‹-hǫ́› ‘testa’CN

‘ingerir’:
PJ **ku₂* > PCerr **ku/*ku-r’* ‘ingerir.PL’; PJM **kô* ‘comer, utilizar’
PK **ky/*[r]y* ‘comer (grãos)’
OFA *hô*, *hô-ê*MP, *hô*JS ‘comer:SÓLIDO’
RKB *ku* ‘beber’
PJab **kô*

‘buraco’:
PJ **kô* > PJS **kwa* ‘poço’; PJM **-ka* (em compostos)
PTSF **kuñ* > MXK *kuC*
MGY ‹aekó› ‘buraco’ → *#kô*; KMK ‹aenköh nini**koh**›M, ‹ninji**cô**›SO, ‹nydy**kô**, nin**ko**›G, KTX ‹nii**ka**›, MGY ‹nihie**kó**›, MEN ‹inschi**wó**›, MAS ‹tchüch**goh**› ‘nariz’ → *#ñĩ̃ji-kô*
PJab **ko*

derivado: **‘céu’:**
JAI ‹maecó›
PTSF **pêñ-kuñ* ~ **pêŋ-kuñ* > MXK *peCkuC*
PK **bikû* ‘chuva, céu’
PJab **mbe-ko* (> DJE *be-kö-kö* ‘céu’)

derivado: **‘boca’:**
PJ **jar-kô* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹diharicô›SO, MGY ‹häräko›, MEN ‹jniatagó› → *#ĵara-kô/ĵata-kô*
PJab **j̆a-ko*

‘cavar’:
PJ **kô^{T}* > PJG **kwâ/*kwâ-ñ’*; PJM **ka* (vb. **ka-n*)
PTSF **kut* > MXK *kuT*

‘defecar’:
PJ **kô(C)* > PJS **ij-kwa/*kwâ-r*
(?) PTSF **ñĩ-ku* > KNK *ĩŋgu ~ ñĩŋgu* ‘ovo, fezes’
PK **ku*

‘macaxeira’:
PJ **kôr* > PJG **kwâr*
PTSF **kut* > MXK *kuT*

‘NEG’:
PJ **kũ* > PA **kõ*
PK **kõ*

‘cabelo, pelo’:
PJ **-ki* > PA **-hi*; PJM **ky-ki*
JAI ‹grang**sché**› ‘cabelo’ (cf. ‹grangblá› ‘cabeça’)
PTSF **ke* > MXK *ce*; KNK *ke*
MGY ‹a(e)n **köh**›$_{M}$, ‹rô**kê**›$_{G}$, KTX ‹**qué**›, MGY ‹**kä**›, MEN ‹inin**gé**› ‘cabelo’, ‹ín**gé**› ‘pena’, MAS ‹**chöh**› → *#ke*

‘LOC’:
PJ **ki(C)* > PJM **ki*
PK **ki*
(?) OFA *hê* (posposição dativa e locativa)
RKB *ke*

A comparação entre as posposições alativas do Karajá (**ku*) e das línguas Akuwẽ (PA **ku*), proposta por Ribeiro (2012b) não foi aceita, pois as vogais das mesmas não correspondem: a sequência PMJ **ku* (a única que tem por reflexo **ku* em PK) deveria ter evoluído a PJ ***kô* > PCerr ***kwa* > PA ***wa*. Por sua vez, a correspondência esperada de PA **ku* em Karajá seria PK ***ko* (cf. PMJ **ky$_{1}$* > PJ **kâ$_{1}$* > PCerr **kô* > PA **ku*).

3.2.1.13. PMJ */ŋ/ (**[ŋg], *[ŋ]*)

Dispomos de apenas um exemplo claro de PMJ */ŋ/, com reflexos nas línguas Jê (PJ **ŋg-*) e em Maxakalí (*k*). A reconstrução de uma nasal velar para o Proto-Macro-Jê, no entanto, não é tão duvidosa como poderia parecer, pois há exemplos mais numerosos para o *onset* ramificado */ŋgr/ (**3.2.1.15**).

‘piolho’:
PJ **ŋgâ$_{1}^{(T)}$* > PCerr **ŋgô*; PJM **ŋgə* (vb. **ŋga-n*)
PTSF **ŋgyt* > MXK *kyT*

3.2.1.14. PMJ **kr*

O encontro consonantal **kr* do Proto-Macro-Jê foi fielmente preservado em Proto-Jê, em Proto-Transanfranciscano e em Proto-Jabutí (em Djeoromitxí, PJab **kr* > *t*). Em Karajá, foi simplificado para *r*. Em Rikbáktsa, seu reflexo é *hVr-* (a vogal epentética é uma cópia do núcleo, caso este último seja posterior; se o núcleo é anterior, a vogal epentética é *y*). Em Ofayé, seu reflexo é *kVt-/-gVt-* (a qualidade da vogal epentética varia de fonte para fonte).

‘pedra’:
OFA *keteh*$_{G}$, *kəte*$_{MP}$
RKB ***hara**-hare*
PJab **kra*

‘base, quadril’:
PJ **krat* > PCerr **krat* ‘base, quadril’ (em PA ‘começo, raiz’)
RKB *-harata* ‘raiz’
PJab **(nĩ-)kra* > ARI *nĩkra*

‘filho/filha’:
PJ **kra*^{K} > PCerr **kra*; PJM **krã* (vb. **krã-ŋ*)
PTSF **kruk* > MXK *ktuK*, RIT *kduK*; KNK *kruk*
KMK ‹**kra**ni(n)g›$_{M}$, ‹**koa**-nin›$_{G}$ ‘filho/filha’, KTX ‹getie**crà**› ‘filho’, ‹kiach**kra**rá› ‘filha’, MGY ‹kediä**grá**›, MAS ‹kügc**rá**› ‘filho’, ‹thziagi**crá**› ‘filha’ → *#(kece-)kra*
OFA *kə̆tê*ʔ$_{G}$, *gatê ~ gêtê*$_{MP}$ ‘ovo’
RKB *hyry* ‘crianças’
PJab **krəj*

derivado: **‘dedo’ (‘filho da mão’):**
PJ **ñĩm-kra* > PCerr **ñĩm-kra* ‘mão’
PTSF **ñĩm-kruk* > MXK *ñĩP-ktuK*
(?) KMK ‹guangäh**ni kre**schi nighör›$_{M}$, MGY ‹**ninkre** (kre *muito breve*)›, MEN ‹**incrú**› → *#nĩkrV*
PK **derã* ‘antebraço’

‘coxa’:
PK **ru*
RKB *hyry*

‘pederneira/metal’:
PJ **kryt* > PCerr **kryt* ‘pederneira’
PTSF **krat* > KNK *krak* ‘metal, faca’

‘cabeça’:
PJ **krỹj’* > PCerr **krãj’*; PJM **krĩ* (vb. **krĩ-n*)
JAI ‹**grang**blá› ‘cabeça’, ‹**grang**sché› ‘cabelo’
PTSF **krỹñ* > MLL *#kã*; KNK *krẽn*
PK **rã*
OFA *kə̆te:*ʔ$_{G}$, *gate:*$_{MP}$
RKB *hara* ‘coisa redonda’, *har-ek* ‘cabeça’ (cf. *ek* ‘perna’ < **‘osso’)

derivado: **‘joelho’:**
PJ **jV-krỹñ* > PA **hikrə̃j // *hikrə̃*; PJM **jəkrĩ*
OFA *hijkə̆teʔ*$_{G}$
RKB *ekara*

‘podre’:
PJ **kroj’* > PCerr **kroj’*
PTSF **krôc ~ *krôñ* > MXK *ktuC*, RIT *kduC*
PK **ro*
RKB *horo*

‘pilão’:
RKB *harahara*
PJab **krokro*

‘comer (*transitivo*)**’:**
PJ **krẽ* > PCerr **krẽ/*krẽ-r* ‘comer.SG’
PTSF **krẽk ~ *krẽŋ* > MXK *knỹK* ‘fazer sexo’

‘coçar, arranhar’:
PJ **-krêɪ(C)* > PCerr **kakrê/*kakrê-ñ’*
RKB *hyri*

‘grilo’:
PJ **krêɪt* > PA **kriti // *kriːdi* ‘gafanhoto’
PTSF **krit* > MXK *kdiT* (< RIT?)
(?) RKB *hyricik*
(?) PJab **-kri* > ARI *cakri* ‘grilo grande preto’, *krikri* ‘grilo-toupeira’

A seguinte etimologia foi considerada, mas rejeitada por não apresentar correspondências sonoras regulares:

‘periquito *vel sim.*’:
PJ **krẽ* > PCerr **krẽ* ‘periquito’
OFA *krĩ*$_{MP}$ ‘papagaio’
RKB *kẽrẽkẽrẽ* ‘ararinha’

Hipotetizamos que se trata de um empréstimo independente de línguas Cerratenses em Ofayé (talvez do Kayapó do Sul) e em Rikbáktsa ou de uma semelhança fortuita. Alternativamente, seria possível supor que PMJ **kr* possui reflexos diferenciados em ambientes nasais em Ofayé e Rikbáktsa, mas na ausência de exemplos adicionais tal hipótese não foi adotada.

3.2.1.15. PMJ */ŋr/ (**[ŋgr], *[ŋr]*)

O encontro consonantal */ŋr/ do Proto-Macro-Jê foi fielmente preservado em Proto-Jê, em Proto-Transanfranciscano e em Proto-Jabutí (se a nossa proposta reconstrutiva referente a essa protolíngua é correta; PJab **ŋgre* > ARI *rẽ*, DJE *ĵe*). Em Karajá, foi simplificado para *θ*. Em Rikbáktsa, seu reflexo é *kVr-* (a vogal epentética é uma cópia do núcleo, caso este último seja

posterior; se o núcleo é anterior, a vogal epentética é *a*). Em Ofayé, seu reflexo é *k(V)r-/-g(V)r-* (a qualidade da vogal epentética, bem como sua presença, varia de fonte para fonte).

‘raiva, zanga’:
PJ **ŋgryk* > PCerr **ŋgryk* ‘raiva’
PTSF **ŋgraŋ* > KNK *ŋgraŋ* ‘zangado; cobra’

‘queimar’:
PJ **ŋgro(C)* > PJS **ŋgro* ‘esquentar, assar’ (cf. PCerr **ka-ŋgro* ‘quente’)
RKB *koro*

‘ovo’:
PJ **ŋgre* > PCerr **ŋgre*; PJM **ŋgre*
(?) MEN ‹sa**kré**› ‘ovo de galinha’ → *#-kre*
PK **θi*
RKB *kare*
PJab **ŋgre*

‘dançar, cantar’:
PJ **ŋgre* > PCerr **ŋgre/*ŋgre-r* ‘cantar’; PJM **ŋgre* (vb. **ŋgre-n*) ‘dançar’
PTSF **ŋgrê(-k/-ŋ)* ‘cantar’ > MXK *kte-C* (IRR *kte*), RIT *kde-C*; KNK *ŋgri*
(?) MAS ‹ag**gre**amú› ‘cantar’ → *#-gre*
PK **u(-)θi* ‘dançar’
OFA *kărih*$_{G,}$ *gri-(g)ê*$_{MP}$, *gri*$_{JS}$ ‘cantar’
RKB *kari*
PJab **ŋgre* ‘dançar’

‘pequeno’:
PJ **ŋgrê$_{I}$(C)* > PJS **ŋgrê* ‘poucos’; (?) PJM **ŋgrê* ‘peneirar’
PTSF **ŋgrik* ~ **ŋgriñ* ~ **ŋgriŋ* > MXK *ktĩ$_{C}$-nã$_{K}$*

‘tucano’:
PJ **ŋrũ$_{I}^{(T)}$* ~ **ŋrũ$_{I}$n* > PJS **ŋrõ*; PJM **ŋrũ*
PTSF **ŋrõt* ~ **ŋrõn* > MXK *knã$_{T}$*

3.2.1.16. PMJ **Ø*

As sílabas sem *onset* parecem não ter sido muito frequentes em Proto-Macro-Jê. Em sílabas tônicas, elas ganharam uma consoante epentética nas línguas Cerratenses (PCerr **g-* > PJS **g-/*ŋ-*) e Transanfranciscanas (PTSF **h-* > MXK *h-*). No prefixo de segunda pessoa, a epêntese é observada nas línguas Jê Setentrionais e em Krenák, mas não em Maxakalí (ver **4.2.2**). As línguas das demais famílias preservam a ausência do *onset*. Não dispomos de dados disponíveis referentes às línguas Jê Meridionais.

‘assar’:
PJ **a^{P}* > PJS **ga*
PTSF **hop* > MXK *mũ=ha$_{P}$*; KNK *op*

‘dar’:
PJ **ũ^{P}* > PJS **ŋõ*
PTSF **hũp* > MXK *hũP*; KNK *uᵑ̊m*
PK **õ*
PJab **ũ*

‘dormir.F’:
PJ **ũ$_{I}$r* > PJS **ŋõr*
(?) JAI ‹uhl**iong**›
PTSF **hũt* (IRR) > MXK *mũ=hũT*
(?) KMK ‹montong›$_{M}$, ‹humhumdong›$_{SO}$, ‹hondon›$_{G}$, MEN ‹jundun (un *pela metade*)› → *#-õtõ*
PK **õrõ*
OFA *wõěʔ*$_{G}$, *õê*$_{MP/JS}$
RKB *uru*

‘2^{INT} (classe II)’:
PJ **Ø-* > PJS **g-/*ŋ-*
PTSF **h-* > MXK *Ø-*; KNK *h-*
PK **Ø-*
OFA *Ø-*

3.2.2. Núcleos

As línguas Macro-Jê, principalmente aquelas das famílias Jê, Jabutí e Karajá, possuem inventários vocálicos relativamente grandes, os quais prototipicamente apresentam pelo menos algumas das seguintes características:

i. a existência de vogais nasais (porém em menor número em comparação com o inventário das vogais orais);
ii. a organização do sistema vocálico em três séries:
    a. posteriores arredondadas;
    b. centrais ou posteriores não arredondadas;
    c. anteriores não arredondadas;
iii. a existência de, no mínimo, quatro alturas contrastivas.

Acreditamos que todas essas propriedades caracterizavam também o sistema vocálico do Proto-Macro-Jê. Dessa forma, as línguas com inventários vocálicos mais reduzidos (Maxakalí, Krenák, Ofayé e Rikbáktsa) teriam simplificado seus sistemas vocálicos por meio de diversas fusões.

Embora tenhamos conseguido identificar, com um grau razoável de certeza, quinze correspondências recorrentes entre as vogais das famílias do tronco Macro-Jê (e mais uma que contempla apenas as famílias Jê e Transanfranciscana), a interpretação dos segmentos reconstruídos ainda não pôde ser feita de forma conclusiva, principalmente no que diz respeito às alturas vocálicas. Expomos a nossa proposta atual no Quadro 3.14 abaixo.

PMJ	PJ	PTSF	PK	OFA	RKB	PJab
***a**	*a	*o (*ja > *ji)	*ã	e	a	*a
***â**				a	y	*ə
***ə**	*y	*a	*y	a	—	*a
***ə̂**	*ə, *ə̂₂ (?)	*y	*ə̂	ə	(y)	(*oj)
***y**	*ə̂₁	*y	*o	ə	o	*u
***o₁,₂**	*u₁,₂	*o	*y	ô	u (o)	*ô, *ə
***ô**	*o	*ô	*o	a	o	*ə
***u**	*ô	*u	*u	e	a	*o
***e₁,₂**	*i₁,₂	*e	*i	i	e	*i
***ê**	*e	*ê	*i	i	i, e (?)	*e
***i**	*ê	*i	*e	i	i	*i
***ə̃**	*ə̃	*y	*ə̃, *ã (?)	—	(y, u)	(*ã)
***ỹ**	*ỹ	*ỹ	*ə̃, *ã (?)	e	a	(*a)
***ũ₁,₂**	*ũ₁,₂	*ũ	*õ (*o)	õ	ũ, u, o (?)	*ũ, *ã (?)
***ẽ**	*ẽ	*ẽ	—	—	—	—
***ĩ**	*ĩ	*ĩ	*e	ĩ	ĩ	*ĩ

Quadro 3.14. Os núcleos do Proto-Macro-Jê

Notamos também que nesta seção tratamos o traço [+ATR] da língua Karajá como autosegmental (portanto, as vogais *û* e *u* serão consideradas variantes de um único segmento /u/, um reflexo regular de PMJ **u*). Na próxima seção, veremos que o traço [+ATR] é provavelmente advindo das codas do Proto-Macro-Jê. Por exemplo, PK **lû* 'dente' é reflexo de PMJ **juñ*°, sendo PK **l-* um reflexo de PMJ **j-*, PK **-u-* um reflexo de PMJ **-u-* e o traço [+ATR] (representado por meio de um circunflexo) um reflexo de PMJ **-ñ*°.

Fica claro do Quadro 3.14 que consideramos o ramo Transanfranciscano mais conservador no que tange às vogais. Para o Proto-Jê, postulamos um desenvolvimento em cadeia que consiste em uma troca de alturas: as vogais altas e médias-altas sofrem um abaixamento para médias-altas e médias-baixas, respectivamente, ao passo que as médias-baixas se transformam em altas (o mecanismo por trás disso não está claro, mas compare o alçamento de PJM **o* para LKL *u*, que ocorreu a despeito da existência da vogal **ô* > LKL *ô* no sistema fonológico).

3.2.2.1. **a*

Os reflexos mais usuais de PMJ **a* são *(*)a* em todas as famílias, com a exceção de Krenák *o*, PK **ã* e Ofayé *e*. Em Maxakalí, o reflexo mais comum é *a*; à luz dos dados do Krenák, Nikulin e Silva (2020) afirmam que nesse caso não se trata de uma retenção, pois o desenvolvimento seguiu o percurso PMJ **a* > PTSF **o* > MXK *a*. Nesta tese, propomos uma lei sonora adicional para o ramo Transanfranciscano: em sílabas tônicas, a sequência **ja* do Proto-Macro-Jê possui o reflexo **ji* em Proto-Transanfranciscano (PMJ **ja-m* > MXK *ciP* ‘ficar de pé.SG’).

‘jirau’:
PJ **par* > PCerr **par*
(?) OFA *ĩ(-)ɸer* ‘lenha’
RKB *para*

‘braço, galho’:
PJ **paj’* > PCerr **paj’*; PJM **pã*
JAI ‹ae**pang**›
OFA *ɸe* ‘braço, asa’
RKB *pa-, ci-pa* ‘braço’, *xara-pa* ‘galho’
PJab **ǰa(-)pa*

‘sobrinho’:
PK **rã*
PJab **praɴ* ‘sobrinho, neto’> ARI *pra* ‘sobrinhos fraternos’, DJE *ɸõ* ‘neto, neta’

‘andar, caminhar’:
PJ **mbra(C)* > PCerr **mbra* ‘andar.PL’
(?) PTSF **pron ~ *proŋ* > KNK *m-broŋ* ‘caminho’
RKB *parak* ‘andar, correr.SG’

‘cortar fora’:
PJ **ta(C)* > PCerr **ta/*ta-r’*
OFA *te(-gê)*$_{MP}$
RKB *tak* ‘quebrar’

‘3CRF’:
(?) PJ **ta* > PCerr **ta* ‘base dêitica que serve para derivar demonstrativos’
PK **ta-* (classe I) / **t-* (classe II)
RKB *ta-* (PL *ta-ha-*)
PJab **ta-* > ARI *ta-* ‘3CRF, 3.S$_A$’

‘chuva’:
PJ **nd̲aj’* > PCerr **nd̲aj’*
(?) PTSF **tVc ~ *tVñ ~ *tVj* > MXK *teC*
PJab **ndaj* > ARI *nãj*

‘morder’:
PJ **nĵa* ‘morder’ > PCerr **nĵa/*nĵa-r’*; (?) PJM **cã* ‘caça’
PTSF **co* > MXK *ca* ‘morder, picar’

‘ficar de pé.SG’:
PJ **ja/*ja-m’* ‘ficar de pé.SG’ > PCerr **ja/*ja-m’*; PJM **jã/*jã-ŋ*; PJ **ja/*ja-r’* ‘colocar de pé.SG’ > PCerr **ja/*ja-r’*; PJM **jã* (vb. **jã-ŋ*)
PTSF **jim* > MXK *ciP*; (?) KNK *ñĩm*
PK **lãm* (nominalização)
OFA *xeːʔ*$_{G}$, *heː*$_{MP}$
(?) RKB *xa* ‘começar a andar (*de crianças*)’

‘nariz’:
PJ **ñĩja* > PCerr **ñĩja-kre*; PJM **nĩjã*
PTSF **ñĩji* > RIT *ñĩci-kuC* ‘focinho’, HHH *#cihĩ*, MLL *#seje ~ #seji* ‘nariz’
KMK ‹aenköh **nini**koh›$_{M}$, ‹**ninji**cô›$_{SO}$, ‹**nydy**kô, **nin**ko›$_{G}$, KTX ‹**nii**ka›, MGY ‹**nihie**kó›, MEN ‹**inschi**wó›, MAS ‹**tchü**chgoh› → *#ñĩji-kô*
PK **deã-θə̃* ‘nariz’, **deã-ti* ‘osso do nariz’
OFA *jĩxe*$_{ER}$ (em outras fontes ‘bico’); *jĩxej-haʔ*$_{G}$; *nĭxej-kĕrĩʔ*$_{G}$, *ẽxê-gri*$_{MP}$

‘comer.INTR’:
PJ **ja ~ *jan* > PJM **jã/*jã-n* (vb. **jã-n*)
PTSF **jit ~ *jin* > MXK *ciT*

‘boca’:
PJ **jar-* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’, **jãn-ky* ‘boca’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹**dihari**cô›$_{SO}$, MGY ‹**härä**ko›, MEN ‹**jniata**gó›, MAS ‹**t(chiatta**› → *#ĵara-kô/ĵata(-kô)*
OFA *xerĕʔ*$_{G}$, *xer*$_{ER}$, *ere*$_{MP}$ (possivelmente 2SG)
(?) RKB *xak* ‘lábio, boca (*em compostos*); *xay-* ‘boca (*em compostos*)’
PJab **ĭa-ko*; **ĵa-* (em compostos)

‘asa, axila’:
PJ **jar(a)* ‘asa’ > PJG **jara*, PJM **θ-ãr*; PJ **jara(C)* ‘axila’ > PJG **jara-kre*, PJM **jãrã* (vb. **jãrã-n*)
RKB *xara* ‘asa, pena’
PJab **ĭa-ko-* ‘axila’

‘pedra’:
OFA *ketehG*, *kəte*$_{MP}$
RKB *hara-hare*
PJab **kra*

‘base, quadril’:
PJ **krat* > PCerr **krat* ‘base, quadril’ (em PA ‘começo, raiz’)
RKB *-harata* ‘raiz’
PJab **(nĩ-)kra* > ARI *nĩkra*

‘assar’:
PJ **a*^{P} > PJS **ga*
PTSF **hop* > MXK *mũ=haP*; KNK *op*

Para as sílabas não finais (átonas), dispomos de poucos exemplos. Observe que nesse caso as línguas da família Maxakalí não demonstram o desenvolvimento **ja* > **ji*. No índice de se-

gunda pessoa, o Krenák apresenta o reflexo *a*- (em vez do esperado *o*-), sugerindo que o desenvolvimento PMJ **a* > PTSF **o* não ocorreu em sílabas átonas. No cognato desse índice em Ofayé tem-se *ə* em vez do esperado **e*; não sabemos se se trata de um desenvolvimento regular.

‘convidar’:
PJ **jawê$_I$* > PCerr **jawê* ‘amar, respeitar’
PTSF **jawit* > MXK *capi$_T$* ‘convidar’

‘boca’:
PJ **jar-kô* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-ku$_C$* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔo$_C$* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹**dihari**cô›$_{SO}$, MGY ‹**härä**ko›, MEN ‹**jniata**gó›, MAS ‹**t(chiatta**› → *#ĵara-kô/ĵata(-kô)*
PJab **ǰa-ko*; **ĵa-* (em compostos)

‘2^{INT}’:
PJ **a-* > PCerr **a-* (PA **aj-*)
PTSF **a-* > MXK *ã-*, KNK *a-*
PK **ã-*
OFA *ə-*
RKB *a-*
PJab **a-*

3.2.2.2. **â*

Reconstruímos PMJ **â* para a correspondência que se dá entre PJ **a*, PTSF **o* (MXK *a*, KNK *o*), PK **ã*, OFA *a*, RKB *y* e PJab **ə*. Até o presente, essa correspondência foi detectada apenas seguindo *onsets* labiais, porém não pode ser atribuída a um desenvolvimento condicionado de PMJ **a*, visto que ambas as vogais podiam coocorrer com PMJ **p* (cf. PMJ **par*° ‘jirau’ e **pâr*° ‘pé’, ambos refletidos como PCerr **par* mas distinguidos em Rikbáktsa: *para* ‘jirau’, *pyry* ‘pé’). Por ora, não defenderemos nenhuma realização específica para o segmento denotado nesta tese como **â* (trata-se, portanto, de uma notação *ad hoc*).

‘pé’:
PJ **par* > PCerr **par*; PJM **pãn*
PTSF **por* > MXK *pata*; KNK *po* ‘pé, mão’
(?) KMK ‹uádhê›$_{SO}$, ‹uadê›$_G$, KTX ‹hoate›, MGY ‹uadä›, MAS ‹huachtöh› → *#h^{w}ate*
OFA *ɸar*
RKB *pyry*

‘fígado’:
PJ **mba* > PCerr **mba*; PJM **tə̃-mã*
PK **mã*
OFA *ɸa*$_{ER}$
RKB *py*
PJab **mbə* > ARI *mbə*, DJE *bə*

‘ouvir/saber’:
PJ **mba* ‘ouvir, entender’ > PCerr **mba/*mba-r’*; PJM **mã*
PTSF **po-ŋ* (IRR **po-c*) > MXK REL-*pa-K* (IRR REL-*pa-C*); KNK *poŋ*
OFA *ɸaj*
(?) RKB *waby* ‘ouvir’
PJab **mbə*

‘ter medo’:
PJ **pVmba(C)* > PCerr **pᵊmba*
RKB *pyby*

3.2.2.3. **ə*

A vogal que reconstruímos como **ə* tem por seus reflexos *(*)y* (em Proto-Jê e Karajá) e *(*)a* (em Proto-Transanfranciscano, incluindo a família Kamakã, Ofayé e Proto-Jabutí). Não pudemos encontrar nenhum exemplo referente ao Rikbáktsa (no único exemplo potencialmente relevante, RKB *p-ek* ‘costela’, a vogal etimológica parece ter sido elidida precedendo *-ek* ‘osso’).

‘caminho’:
PJ **pry* ~ **pryn* > PJG **pry*; PJM **REL-pry*
PTSF **prat* ~ **pran* > MXK *ptaT*
PK **ry*

‘costela’:
PJ **mbyn* ‘rabo’ > PCerr **mbyn*; PJM **mby*
PTSF **pan* > MXK *paT* ‘costela’
RKB *p-ek*

‘pegar, carregar’:
PJ **wy* > PJS **by/*by-r* ‘pegar.SG’; PJM **wy-n* ‘pegar, carregar.COMPR.NF’
PTSF **wa* > MXK *pa* ‘pegar.INAN.SG’, *pa-C-* ‘CAUSCOM.INAN.SG’, RIT *ba* ‘pegar.INAN.SG’, *ba-C-* ‘CAUSCOM.INAN.SG’
PK **wy/*wy-d* ‘carregar’
OFA *waJS* ‘pegar’
PJab **wa(j)* > DJE *wa* ‘pegar, comprar’

‘preto’:
PJ **tyk* > PCerr **tyk*; PJM **ku-ty* ‘escuro, noite’ (vb. **ku-ty-ŋ*)
KTX ‹**tah**›, MAS ‹oeich**tá**› ‘preto’ → *#ta*; KMK ‹cua**dá**›SO, ‹kua**da**, kuà**dá**, kwahă**dá**›G, MGY ‹khoha**dá** (kho *tão breve que apenas se ouve*, dá *breve*), koache**dá** (e *apenas audível*, da *breve*›, MAS ‹gach**thá**› ‘homem negro; preto (*cor*)’ → *#kwaha-ta*

‘semente’:
PJ **cym* > PCerr **cym*; PJM **θy* (vb. **θy-n*)
PTSF **jam* > MXK *caP*; KNK *jam*
PK **ty*
OFA *xaːʔ*G, *xa*MP
PJab **čã* ‘semente’, **čã-ka* ‘olho’, **čã(-ka)-y* ‘lágrima’

‘tecer, costurar’:
PJ **cy̲^{P}* > PCerr **cy̲/*cy̲p-r’*; PJM **θy*
PTSF **jap* > MXK *caP*
PK **ty*

‘fogo’:
PJ **kucym* > PCerr **kucym*
PTSF **kyjam* > MXK *kycaP*
PK **he-koty*

‘gritar, chamar’:
PJ **ky/*ky-r* > PCerr **ky/*ky-r*; PJM vb. **ky-n* ‘tocar instrumento, fazer ruído’
PTSF **ka-t* (IRR **ka*) > MXK *ca-t-a* (IRR *ca*), RIT *ca-T ~ ca-t-a*; KNK *kak* ‘chamar’
(?) PK **ry* (se generalizado a partir de **ky*, NMLZ **[r]y*)

‘casca, pele’:
PJ **kyj’* > PCerr **kyj’*; PJM **jãn-ky* ‘boca’ (vb. **jãn-ky-n*)
JAI ‹aenaenong**siaé**› ‘unha’ (cf. ‹aenaenong› ‘mão’)
PTSF **kac* > MXK *caC*; KNK *kat*
KMK ‹an**ká**›$_{SO}$ → *#ka*
PK **ky* ‘fibra de casca’
OFA *haʔ*$_{G}$, *ha*$_{MP}$
PJab **-ka* ‘parte do corpo (*formativo*)’

‘pederneira/metal’:
PJ **kryt* > PCerr **kryt* ‘pederneira’
PTSF **krat* > KNK *krak* ‘metal, faca’

‘raiva, zanga’:
PJ **ŋgryk* > PCerr **ŋgryk* ‘raiva’
PTSF **ŋgraŋ* > KNK *ŋgraŋ* ‘zangado; cobra’

3.2.2.4. **ə̂*

A vogal **ə̂* do Proto-Macro-Jê apresenta os seguintes reflexos recorrentes: PJ **ə̂₂ ~ *ə*, PTSF **y*, PK **ə̂*, OFA *ə*. Os seguintes reflexos parecem ser regulares, mas dispomos de poucos dados que os instanciam: RKB *y*, PJab **oj*. Note que os exemplos que dizem respeito às línguas Jê incluem vários casos que havíamos considerado irregulares em um trabalho anterior (NIKULIN, 2019); em todos eles, os reflexos apontam seja para **ə* (> PJS **ə*, PJM **ə̂*), seja para **ə̂₂* (> PJS **ə̂*, PJM **ə*). Essas duas vogais reconstruídas possuem reflexos idênticos nas línguas Akuwẽ (PA **e*) e Panará (PNR *ə*). Em futuros estudos, as correspondências que envolvem PJS e PJM **ə* e **ə̂* deverão ser repensadas; possivelmente se trata de uma única vogal do Proto-Jê, cindida em PJS e PJM sob circunstâncias ainda desconhecidas. Até o presente, não encontramos nenhuma solução elegante para esse problema.

‘pegar, carregar’:
PJ **mbə̂₂* > PCerr **mbə̂/*mbə̂-ñ’*; PJM **mbə* (vb. **mba-n*) ‘segurar, pegar.CURTO’
PTSF **pyt* > MXK *pyT* ‘pegar.ANIM.SG’, (?) KNK *m-bək* ‘matar’

‘podre’:
PJ **wəm* > PJM **wə̂*
PTSF **wym* > KNK *wəm*

‘novo’:
PJ **təm’* ~ **tə̂₂m’* > PCerr **təm’* ~ **tə̂m’* ‘novo, cru’; PJM **taŋ*
PTSF **tym* > MXK *tyP*
(?) PK **tə̃m-rə̃*
OFA *tə*MP
(?) RKB *edytyk* ~ *(e)ɽytyk*
(?) PJab **-toj* > ARI *rətəj*, DJE *dôte*

‘saliva’:
PJ **jarrə* ~ **jarrə̂₂* > PCerr **jadrə̂* ~ **jadrə*; PJM **jãrə* (vb. **jãra-n*)
(?) OFA *xerə̆-iʔ*G
PJab **(ǰa-)roj* > ARI *ca-rəj*, DJE *he-i*

‘parecer’:
PJ **pVrək* > PJS **pyrək*
PTSF **pVryk* ~ **pVryŋ* > MXK *pytyK*, RIT *pydyK*

‘fumaça’:
PJ **ñĩjə̂₂*^{K} > PA **ñĩje*; PJM **nĩjə* (vb. **nĩja-ŋ*)
PK **he-də̂*

‘entrar’:
PJ **jə*^{P} > PCerr **a-jə/*jəp-r* ‘entrar.SG’ (CAUS **jə̲/*jə̲-r*)
OFA *xəh*G

‘urina’:
PJ **jə*^{C} > PCerr **jə*; PJM **jə̂-ñ* ‘urinar’
PTSF **jyc* > MXK *cyC* ‘urinar’
KMK ‹**jack**›SO, MAS ‹a**jach** cumung› ‘urinar’ → *#jak*
PK **lə̂*

‘doce, saboroso’:
PJ **jəñ’* > PCerr **jəñ’*
PTSF **jyñ-* > MXK *cyC-peC*

‘coxa’:
PK **ru*
RKB *hyry*

3.2.2.5. **y*

A vogal **y* do Proto-Macro-Jê é preservada em Proto-Transanfranciscano, incluindo a família Kamakã. Nas demais famílias, tem os seguintes reflexos: Proto-Jê **ə̂₁*, Proto-Karajá **o*, Ofayé *ə*, Rikbáktsa *o*, Proto-Jabutí **u*.

‘sair.PL’:
PJ **pâ₁c* > PCerr **pôc*, PJM **pə* (vb. **pə-n*)
(?) PTSF **pyc* > MXK *pyC* ‘servir.LIQ’
RKB *po*

‘acender’:
PJ **pâ₁k* > PJS **pôr/*pôk*, PNR *pô* ‘queimar’
PTSF **pyk* ~ **pyŋ* > MXK *pyK* ‘arder’
RKB *pok*

‘cará’:
PJ **mbâp* > PJS **mbôp* ~ **mbâp*
PJab **mbu*

‘pena’:
PJ **prâ₂(J)* > PJS **prâ* ‘pena, palha de milho’
PTSF **pryc* ~ **pryñ* > MXK *ptyC-nãK* ‘pássaro’, RIT *pdyC-cuP* ‘papagaio (espírito)’, HHH *#pəkəC* ‘pássaro, pena’

‘chupar’:
PJ **cə̂₁^{P}* > PCerr **cô/*côp-r*; PJM **pe-θə* (vb. **pe-θa-m*) ‘mamar’
PTSF **jyp* > MXK *cyP* ‘chupar, lamber’
PK **to*
RKB *ok* ‘comer comida pastosa’
PJab **u*

‘folha’:
PJ **câ₁j’* > PCerr **côj’*
PTSF **jyc* > MXK *cyC*; KNK *jət*

‘pendurar.SG’:
PJ **ɲĵə̂₁^{P}* > PCerr **ɲĵô/*ɲĵôp-r’*; PJM **cə* (vb. **cə-m*)
PTSF **cyp* > MXK *cyP*; KNK *cəp*

‘mosca *ou* **carapanã’:**
PJ **kâ₁p* > PCerr **kôp*; PJM **kə*
PTSF **kyp* > MXK *kyP-nũP* ‘mosca’, *kyP-mãñũC* ‘carapanã’; KNK *kəp*
PK **koho*

‘árvore, chifre’:
PJ **kâ₁m* > PCerr **kôm*; PJM **kə*
PTSF **kym* > MXK *kyP*
MAS ‹zigöh-**ku**› ‘umbu’, ‹schüö**kuh**› ‘coxa’, ‹mutg**kú**› ‘milho’ → *#ku*
PK **ko*
OFA *heuɥ(ʔ)*$_{G}$, *hə̀*$_{MP}$
PJab **ku*

‘assoprar’:
PJ **-kâ₁/*-kâ₁-k* ‘assoprar’ > PCerr **ja-kô/*ja-kô-r*; **(ka-)kə̂₁-k* ‘vento’ > PCerr **(ka-)kôk*; PJM **kã-kə* (vb. **kã-kə-n*)
PTSF **kwy-ŋ* (IRR **kwy-c*) > MXK *mũ=kuy-K* (IRR *mũ=kuy-C*)
(?) OFA *hy̆iʔ*$_{G}$, *ahô-g^{w}ê*$_{MP}$
(?) PJab **{ʃ/č/r}Vku* > DJE *heku*; PJab **ôku* ‘assoviar’

‘testa, rosto’:
PJ **kə̂₁j’* ‘testa’ > PA **kuj-həj // *kuj-hə*
PTSF **kyñ* > MXK *kyC*; KNK *kən* ‘testa’
KMK ‹a**ckühˀ**›$_{M}$, MGY ‹a**ké** (e *breve e acent.*, a *indist.*)›, MAS ‹**küh**› ‘testa’ → *#ky*
PK **ko* ‘rosto’
OFA *həʔ* ‘rosto’$_{G}$, ‹-hǫ́› ‘testa’$_{CN}$

‘piolho’:
PJ **ŋgə̂₁$^{(T)}$* > PCerr **ŋgô*; PJM **ŋgə* (vb. **ŋga-n*)
PTSF **ŋgyt* > MXK *kyT*

Em um caso, não pudemos determinar se o étimo continha PMJ **y* ou **ə̂*:

‘lagoa’:
PTSF **pyC-* > MXK *pyC-heP*
OFA *ɸəiʔ*$_{G}$, *ɸoj ~ hoj*$_{MP}$

3.2.2.6. **o*

Utilizamos os símbolos **o₁* e **o₂* para representar os segmentos do Proto-Macro-Jê que são refletidos como PTSF **o* e Proto-Karajá **y*. Em Ofayé, seu reflexo parece ser *ô*. Em Rikbáktsa, o reflexo mais frequente é *u*, mas em alguns itens os prováveis reflexos em Rikbáktsa apresentam *o*, havendo um caso de alternância em um mesmo morfema (*ok-* ‘rosto’, usado em compostos; *uk-pe* ‘testa’), a não ser que se trate de um erro de transcrição. Finalmente, em Proto-Jê e em Proto-Jabutí PMJ **o₁* e **o₂* parecem apresentar reflexos distintos: PMJ **o₁* > PJ **u₁*, PJab **ə*; PMJ **o₂* > PJ **u₂*, PJab **ô*. Notamos que a reconstrução da distinção entre PJ **u₁,₂* baseia-se apenas entre seus reflexos em Proto-Jê Meridional (**u₁* > PJM **u*; **u₂* > PJM **ô*), ao passo que em Proto-Cerratense ambos os segmentos são refletidos como **u*. Por ora, não podemos afirmar conclusivamente que existia uma distinção fonológica entre PMJ **o₁* e **o₂*, pois a quase totalidade das famílias apresentam um único reflexo desses supostos segmentos. Entretanto, não podemos identificar nenhum fator que pudesse ser responsável pela cisão de PMJ **o* nas línguas Jê Meridionais e Jabutí; por isso, optamos por utilizar índices subscritos em nossas reconstruções até que mais exemplos sejam identificados.

‘comer’:
RKB *pu*
PJab **pô*

‘cana, tubo’:
PJ **pu₁* > PCerr **pu*; PJM **pu* ‘cabo’
PJab **pə*

‘carregar’:
PJ **tu₁* > PCerr **tu/*tur’*; PJM **tu* ‘carregar nas costas’
PJab **tə* ‘levar, trazer’

‘urinar’:
PJ **tu̲(C)* > PCerr **tu̲/*tu̲-r’*
RKB *tuk*

‘velho’:
PJ **tu₂m’* > PCerr **tum’*; PJM **toŋ* ‘seco (*de plantas*)’
PTSF **tom* > MXK *taP* ‘já’, *-taP* ‘escuro, seco (*de plantas*)’, *hi-taP* ‘antigo’
PK **tyb*

‘pescoço’:
PJ **ndu₁ñ’* > PJM **nduñ*
OFA *tôə̆ʔ*G ‘pescoço, nuca’

‘carregar.MASS’:
PJ **ru₁* > PCerr **ru/*ru-ñ’* ‘derramar’; PJM **ru/*ru-n* ‘carregar água’
PTSF **rot* > MXK *taT* ‘carregar.MASS’

‘vagina’:
PJ **cu₁* > PJM **θu*
PTSF **jo* > KNK *jo*
PK **ty*

‘rosto, testa, pele’:
PK **tyk* ‘pele, casca, roupa’
RKB *ok-* ‘rosto’, *uk-pe* ‘testa’

‘LOC’:
PJ **ju₂* > PCerr **ju* ‘à procura de’; PJM **jô* ‘em frente a’
PK **t-u* ‘LOC.3’

‘pai’:
PJ **ju₂m’* > PJS **ĵũ(m)*; PJM **joŋ*
PK **t-yb* (3ª pessoa)
OFA *xew(ʔ)*G, *xôw*MP/JS, *xəw*ER
RKB *ɣo*
PJab **ǰô*

‘chegar’:
PJ **ju₁t* > PJM **jur*
PTSF **-jo* > MXK *mũ=ca* (IRR *mũ=cã-T*) ‘chegar.PL, sair.PL’
RKB *ɣuk*

‘pus’:
PJ **ju₂*^{P} > PCerr **jup-r*; PJM **θô* (vb. **θo-m*)
(?) PTSF **jow* > MXK *capa*
PJab **ǰô* ‘pus, seiva’

‘ingerir’:
PJ **ku₂* > PCerr **ku/*ku-r’* ‘ingerir.PL’; PJM **kô* ‘comer, utilizar’
PK **ky/*[r]y* ‘comer (grãos)’
OFA *hô, hô-ê*MP, *hô*JS ‘comer:SÓLIDO’
RKB *ku* ‘beber’
PJab **kô*

3.2.2.7. **ô*

A vogal do Proto-Macro-Jê que reconstruímos como **ô* foi preservada em Proto-Transanfranciscano, incluindo a família Kamakã. É refletida como *(*)o* em Proto-Jê, Proto-Karajá e Rikbáktsa, como *a* em Ofayé e como **ə* em Proto-Jabutí.

‘cinza’:
PJ **mbro* > PCerr **mbro*; PJM **mrã*
PTSF **prôŋ* > MXK *ptuK* ‘cinza’, RIT *pduK* ‘branco’; KNK *proŋ* ‘carvão’
(?) OFA *kə̆tah*$_{G}$
RKB *poro* ‘bambu; sal’
PJab **mbrəN*

‘voar’:
PJ **to*^{P} > PCerr **to/*top-r*; PJM **tã* (vb. **tã-m*)
PTSF **tôp* > MXK *tup-a* (IRR *tuP*) ‘voar.SG’

‘língua’:
PJ **ñũ$_{1}$cto*$^{(K)}$ > PCerr **ñõjto*; PJM **nũnã*
PTSF **ñũccôk* > MXK *ñũCcũK*; KNK *jicok*
PK **dorto*
OFA *jõrə̆h*$_{G}$
RKB *xtẽrõ-ɽik*
PJab **nũtə*

‘mãe’:
PJ **nə̃* > PCerr **nə̃*; PJM **nə̃*
JAI ‹ná›
PTSF **tyt* > MXK *tyT*

‘olho’:
PJ **ndom* > PCerr **ndom*; PJM **kə-nã* (vb. **kə-nã-n*) ‘olho, semente’
PTSF **kitôm* > MLL *#keto*; KNK *kitom*
KMK ‹aen**köh-toh**›$_{M}$, ‹an**quedô**›$_{SO}$, ‹**kôdôh**›$_{G}$, KTX ‹**kitho**›, MGY ‹**kedó**›, MEN ‹im**gutó**›, MAS ‹**göchtch**› → *#kVtô*

‘comprido’:
(?) PJ **ro(j’)* > PJS **ro* ‘sucuri’
PTSF **rôñ* > MXK *tuC*, RIT *duC*; KNK *ron*
(?) KMK ‹i**rroro**›$_{M}$, ‹hin-**rôrô**-dãn›$_{G}$, KTX ‹ni**rrorho**› → *#rôrô*
OFA *ra*$_{:G}$, *rah*-$_{MD}$ ‘comprido, alto’

‘caça, animal’:
(?) PJ **jo(ŋ’)* > PJS **ĵo* ‘raposa’
PTSF **jôK* > MXK *cuK* ‘caça, animal’
OFA *xak ~ xak*^{n}$_{MP}$, *xak ~ xag*^{n}$_{JS}$ ‘carne’

‘podre’:
PJ **kroj’* > PCerr **kroj’*
PTSF **krôc* ~ **krôñ* > MXK *ktuC*, RIT *kduC*
PK **ro*
RKB *horo*

‘queimar’:
PJ **ŋgro(C)* > PJS **ŋgro* ‘esquentar, assar’ (cf. PCerr **ka-ŋgro* ‘quente’)
RKB *koro*

3.2.2.8. **u*

A vogal do Proto-Macro-Jê que reconstruímos como **u* foi preservada em Proto-Transanfranciscano (na família Kamakã, seu reflexo é *#ô*) e Proto-Karajá. É refletida como **ô* em Proto-Jê, *a* em Rikbáktsa, *e* em Ofayé e **o* em Proto-Jabutí.

‘voar’:
RKB *pa*
PJab **ǰo(-)po* > ARI *copo*, DJE *hoɸo*

‘chorar’:
PJ **mbô* > PJS **mbû/*mbə̂-r*
PTSF **pu-t* (IRR **pu*) > MXK *pu-t-a* (IRR *pu*), RIT *pu-T* (IRR *pu*); KNK *puk*
PK **bu/*bu-r*
PJab **mbo*

‘gordura’:
PJ **tôm’* > PCerr **twam’*; PJM **taŋ*
PTSF **tum* > MXK *tuP*
(?) RKB *tu**ta***
PJab **tôN* > ARI *tô-ka*, DJE *tõ*

‘morrer’:
PK **ru/*ru-b*
RKB *ra*

‘xerimbabo’:
RKB *rara*
PJab **roNroN* > ARI *roro*, DJE *nõnõ*

‘rabo, cauda’:
PTSF **juk* ‘rabo, pênis’ > RIT *cuK* (*cu-* em compostos); KNK *juk*
PK **tu* ‘cauda de ave’
RKB *a*
(?) PJab **ô(j)* > DJE *ô*

‘derramar’:
PJ **-jô* > PCerr **ja-jwa/*ja-jwa-r’* ‘derramar, colocar deitado.PL’
PTSF **ju* > MXK *nỹ=cu-K* (IRR *nỹ=cu*); KNK *ju*

‘tomar banho’:
PJ **jôm* > PJG **ĵû/*ĵwə̂-r*
PTSF **jum* > KNK *jum*
PJab **ǰo*

‘sangue’:
(?) PTSF **jum* > MXK *-cuP* ‘plural coletivo’
KMK ‹**schoh**›$_{M}$, MGY ‹**kedió** (e *e* o *breves*)›, MEN ‹**ísó** (í *indist.*)›, MAS ‹**höh**› → *#xô*
PK **lub*
OFA *xeːʔ*$_{G}$, *xeːˑ*$_{MP}$, *ənxe*$_{JS}$
PJab **ǰo* > ARI *co*

‘dente’:
PJ **jô* > PCerr **jwa*; PJM **ja*
PTSF **juñ* > MXK *cuC*; KNK *jun*
KMK ‹anköh **tchoh**›$_{M}$, ‹**dju**›$_{SO}$, ‹nãn-**co**, nãn**cô-**›$_{G}$, MGY ‹**dió**›, MEN ‹**jo**›, MAS ‹**thüoh**› → *#cô*
PK **lû*
OFA *xeʔ*$_{G}$, *xeːˑ ~ xê*$_{MP}$, *xe*$_{ER}$
PJab **ǰo*

‘NOMAG’ (‘dono’):
PJ **jôñ’* > PCerr **jwañ’*
PK **-ud*

‘buraco’:
PJ **kô* > PJS **kwa* ‘poço’; PJM **-ka* (em compostos)
PTSF **kuñ* > MXK *kuC*
MGY ‹aekó› ‘buraco’ → *#kô*; KMK ‹aenköh nini**koh**›$_{M}$, ‹ninji**cô**›$_{SO}$, ‹nydy**kô**, nin**ko**›$_{G}$, KTX ‹nii**ka**›, MGY ‹nihie**kó**›, MEN ‹inschi**wó**›, MAS ‹tchüch**goh**› ‘nariz’ → *#ñĩĵi-kô*
PJab **ko*

derivado: **‘céu’:**
JAI ‹maecó›
PTSF **pêñ-kuñ ~ *pêŋ-kuñ* > MXK *peCkuC*
PK **bikû* ‘chuva, céu’
PJab **mbe-ko* (> DJE *be-kö-kö* ‘céu’)

derivado: **‘boca’:**
PJ **jar-kô* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹**dihari**cô›$_{SO}$, MGY ‹**härä**ko›, MEN ‹**jniata**gó›, MAS ‹**t(chiatta**› → *#ĵara-kô/ĵata(-kô)*
PJab **ǰa-ko*

‘cavar’:
PJ **kô*^{T} > PJG **kwə̂/*kwə̂-ñ’*; PJM **ka* (vb. **ka-n*)
PTSF **kut* > MXK *kuT*

‘defecar’:
PJ **kô(C)* > PJS **ij-kwa/*kwə̂-r*
(?) PTSF **ñĩ-ku* > KNK *ĩŋgu ~ ñĩŋgu* ‘ovo, fezes’
PK **ku*

‘macaxeira’:
PJ **kôr* > PJG **kwə̂r*
PTSF **kur* > MXK *kuT*

‘pilão’:
RKB *harahara*
PJab **krokro*

3.2.2.9. **e*

PMJ **e* possui o reflexo *(*)e* em Proto-Transanfranciscano (*#ê* em Kamakã) e em Rikbáktsa, mas *(*)i* em Proto-Jê, Karajá, Ofayé e Proto-Jabutí. Os poucos reflexos divergentes foram marcados com um ponto de interrogação.

‘subir’:
PJ **(-)wi(C)* ‘subir’ > PJS **a-bi/*ĵə-bi-r*
OFA *wi(-gê)*$_{MP}$
(?) PJab **ǰu(w)i*

‘barriga’:
PJ **tik* > PCerr **tik*
PTSF **tek ~ *teŋ* > MXK *teC*

‘osso’:
PJ **ci* > PCerr **ci*
PTSF **jet ~ *jek* > KNK *jek*
MAS ‹ing**je**› → *#je*
PK **ti*
OFA *hih*$_{G}$, *hi*$_{MP}$ ‘osso, perna’
RKB *ek* ‘perna’, *har-ek* ‘cabeça’ (lit. ‘redondo-osso’)
PJab **ĵi ~ *i*

‘mãe’:
PJ **ɲĵi(C)* ‘mãe’ > PJS **ɲĵi*; (?) PJM **ci* ‘velho’
PK **nã-di*
RKB *je*
PJab **ĵi*

‘colocar deitado’:
PJ **ji* > PCerr **ji/*ji-r*; PJM **ji*
PTSF **je-k* (IRR **je*) > MXK *ce-C* (IRR *ce*), RIT *ky-ĵeC*; KNK *jek*
PK **lid* (Karajá, Xambioá) ~ **lîd* (Javaé)
OFA *xi, xi-ke*$_{G}$, *xirê, xi꞉-gê*$_{MP}$ ‘estar deitado, deitar-se’
PJab **ĵi*

‘um’:
PJ **p(V)ji* > PCerr **pᵊji*
PTSF **pjet* > MXK *pceT*

‘nome’:
PJ **ñĩ̃ji ~ *jiji* > PCerr **ñĩ̃ji*; PJM **jiji ~ *jyjy* (vb. **jiji-n ~ *jyjy-n*)
PTSF **-jet* > MXK REL-*ceT-aC*
(?) PK **nĩ̃* ‘nome’, **nĩ̃nĩ̃* ‘chamar’

‘LOC’:
PJ **ri* > PJS **ri*
PTSF **-re* > MXK *-te* (*nỹ-te* ‘aqui’, *nũ-te* ‘aí’, *ũ-te* ‘lá’), RIT *-de* (*nỹ-de* ‘aqui’, *nũ-de* ‘aí’, *ũ-de* ‘lá’); KNK *-re* (*hak-re* ‘onde’)

‘cabelo, pelo’:
PJ **-ki* > PA **-hi*; PJM **ky-ki*
JAI ‹grang**sché**› ‘cabelo’ (cf. ‹grangblá› ‘cabeça’)
PTSF **ke* > MXK *ce*; KNK *ke*
MGY ‹ajan **köh**›M, ‹rô**kê**›G, KTX ‹**qué**›, MGY ‹**kä**›, MEN ‹inin**gé**› ‘cabelo’, ‹ín**gé**› ‘pena’, MAS ‹**chöh**› → *#kê*

‘LOC’:
PJ **ki(C)* > PJM **ki*
PK **ki*
(?) OFA *hê* (posposição dativa e locativa)
RKB *ke*

3.2.2.10. **ê*

A vogal **ê* do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Transanfranciscano. Seus reflexos nas demais famílias são como segue: PJ **e*, PK **i*, OFA *i*, PJab **e*. Em Rikbáktsa, os reflexos incluem *e* e *i*, a não ser que algumas das correspondências analisadas estejam equivocadas.

‘ver’:
PTSF **pêp* > MXK *pe-nã*; KNK *pip*
KMK ‹ha **hôeh**›G ‘eu o vejo’ → *#hʷe*
PK **o(-)bî* ou **ô(-)bî*

‘articulação’:
RKB *pa-pepe* ‘antebraço’
PJab **pepe ~ *mbepe* > ARI *mẽpe*, DJE *pepe*

‘céu’:
PJ **(-)mbe(ñ)* > PJM **ã-mbe* ‘tempo bom’ (vb. **ã-mba-n*)
JAI ‹maecó›
PTSF **pêñ-kuñ ~ *pêŋ-kuñ* > MXK *peC-kuC*
PK **bikû* ‘céu, chuva’
OFA *ɸij(ʔ)*G
(?) RKB *bio* ‘nuvem, céu’
PJab **mbe*

‘mel’:
PJ **mbeñ’* > PJS **mbeñ*
PK **bid*
PJab **mbej* > ARI *mbi* ‘abelha’, *mbi-co* ‘mel’; DJE *be* ‘mel’, *be-ĵe* ‘caba’

‘GEN’ → ‘ERG’:
PJ **te* > PCerr **te* ‘GEN, ERG’
PTSF **tê* ‘ERG’ > MXK *te* ‘ERG/NOM’; KNK *ti* ‘eu’, *ho-ti* ‘tu’

‘maduro’:
PJ **ndep* > PJS **ndep*
(?) PTSF **têp-* > MXK *teP-ta* ‘banana’
(?) RKB *nẽnẽ*

‘deixar, abandonar’:
PJ **re* > PCerr **re*; PJM **re*
PK **ri*

‘ovo’:
PJ **ŋgre* > PCerr **ŋgre*; PJM **ŋgre*
(?) MEN ‹sa**kré**› ‘ovo de galinha’ → *#-kre*
PK **θi*
RKB *kare*
PJab **ŋgre*

‘dançar, cantar’:
PJ **ŋgre* > PCerr **ŋgre/*ŋgre-r* ‘cantar’; PJM **ŋgre* (vb. **ŋgre-n*) ‘dançar’
PTSF **ŋgrê(-k/-ŋ)* ‘cantar’ > MXK *kte-C* (IRR *kte*), RIT *kde-C*; KNK *ŋgri*
(?) MAS ‹ag**gre**amú› ‘cantar’ → *#-gre*
PK **u(-)θi* ‘dançar’
OFA *kărih*$_{G,}$ *gri-(g)ê*$_{MP}$, *gri*$_{JS}$ ‘cantar’
RKB *kari*
PJab **ŋgre* ‘dançar’

3.2.2.11. **i*

A vogal **i* do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Transanfranciscano, Ofayé, Rikbáktsa e Proto-Jabutí. Em Proto-Karajá, é refletida como **e*. Em Proto-Jê Meridional, é sistematicamente refletida como **ê*, porém os cognatos no ramo Cerratense apresentam duas correspondências totalmente diferentes, que derivamos de duas vogais potencialmente distintas do Proto-Jê e do Proto-Macro-Jê. Mais especificamente, reconstruímos duas vogais diferentes para o Proto-Jê, PJ **ê$_1$* (> PCerr **ê*) e **ê$_2$* (> PCerr **ja*), as quais são provisoriamente derivadas de PMJ **i$_{1,2}$*. Nas etimologias que carecem de cognatos nas línguas Cerratenses, reconstruímos apenas PJ **ê* e PMJ **i*, sem índices subscritos.

‘fazer’:
PJ **-pê$_1$* > PCerr **a-pê/*jV-pê-ñ’*
PTSF **pi* > KNK *pi*

‘lavar’:
PJ *-*pê* > PJM *-*pê*
PTSF **pi-k* ~ **pi-ŋ* (IRR **pi*) > MXK *pi-C* (IRR *pi*)
RKB *pik*
PJab **pi*

‘tocar, mexer’:
PJ *-*pê*$_{1}$ > PCerr **ku-pê/*ku-pê-ñ’*
PTSF *-*pit* > MXK REL-*piT* ‘usar, mexer’

‘machado’:
PJ **mbêm’* > PJM **mbeŋ*
PTSF **pim* > MXK *piP*- ‘metal (*em compostos*)’, RIT *pi̯P* ‘machado’
PJab **mbiN*- > DJE *mĩ-tə*

‘água’:
PJ **mbê*$_{1}$*n* ‘líquido’ > PCerr **mbên*; PJM **mbê* (vb. **mbe-n*)
PK **be*
OFA *ɸiĕʔ, ɸi(ĕ)*n-$_{G}$, *ɸie, ɸin-, ɸĩ*$_{MP}$, *ɸi, ɸin*-$_{JS}$
RKB *pi-hik*
PJab **mbi*

‘esposo’:
PJ **mbê*$_{2}$*n’* > PCerr **mbjan’*; PJM **mben*
PTSF **pin* > MXK *piT* ‘macho’

‘peixe’:
PK **bedo* ‘filhote’
RKB *piknũ*
PJab **mĩnũ*

‘convidar’:
PJ **jawê*$_{1}$ > PCerr **jawê* ‘amar, respeitar’
PTSF **jawit* > MXK *capiT* ‘convidar’

‘dois’:
PJ *-*rê*$_{1}^{K}$ > PJM **reŋ-rê* (vb. **reŋ-re-ŋ*)
PTSF **rik* > MXK *tiC*, RIT *-diC* (em compostos)

‘raiz’:
PJ **jarê*$_{1}^{T}$ > PJS **jarê*; PJM **jãrê* (vb. **θ-are-n*)
PTSF *-*jorit* > MXK *ñĩP-catiT*, RIT *ñĩP-cadiT*
PJab **ǰari* > DJE *rari*

‘fio’:
PJ **jê*^{T} ~ **jên* > PJG **jê*; PJM vb. **θe-n* ‘fazer fio’
PTSF **jit* ~ **jin* > MXK *ciT*
OFA *xiʔ*$_{G}$, *xik*^{n}$_{MP}$
(?) RKB *di* ‘amarrar’

‘pelo, cabelo’:
PK **rã-de* ‘cabelo’ (cf. **rã* ‘cabeça’)
OFA *ji*ʔG, *i*MP
RKB *ɾi* ‘pena’, *hara-ɾi* ‘cabelo’
PJab **(č)i* ‘pena, pelo, cabelo’

‘frio’:
PTSF **-ji* > MXK REL-*ci*
PJab **ĵiĵi*

‘deixar’:
PTSF **ji-k* ~ **ji-ŋ* (IRR **ji*) > MXK *ci-C* (IRR *ci*) ‘deixar, emprestar’
RKB *dik* ‘deixar, encostar, colocar no fogo’

‘coçar, arranhar’:
PJ **-krêɪ(C)* > PCerr **kakrê/*kakrê-ñ’*
RKB *hyri*

‘grilo’:
PJ **krêɪt* > PA **kriti // *kriːdi* ‘gafanhoto’
PTSF **krit* > MXK *kdiT* (< RIT?)
(?) RKB *hyricik*
(?) PJab **-kri* > ARI *cakri* ‘grilo grande preto’, *krikri* ‘grilo-toupeira’

‘pequeno’:
PJ **ŋgrêɪ(C)* > PJS **ŋgrê* ‘poucos’; (?) PJM **ŋgrê* ‘peneirar’
PTSF **ŋgrik* ~ **ŋgriñ* ~ **ŋgriŋ* > MXK *ktĩC-nãK*

3.2.2.12. **ə̃*

A vogal PMJ **ə̃* foi preservada em Proto-Jê. É refletida como **y* em Proto-Transanfranciscano. Dispomos de poucos dados referentes às demais famílias; em PK, seu reflexo parece ser **ã* ou **ə̃*; em Rikbáktsa, *ỹ-* ~ *ũ-* ou *u*; em Proto-Jabutí, **ã*. Não encontramos reflexos relevantes na língua Ofayé.

‘fome; querer’:
PJ **prə̃m’* > PCerr **prə̃m’*; PJM **prə̃ŋ* ‘fome, estação de fome, ano’
PTSF **prym* > MXK *ptyP* ‘fome; querer; poder’, RIT *pdyP*; KNK *prə̃m* ‘querer’
PK **rãm*

‘DAT’:
PJ **mə̃* > PCerr **mə̃*; PJM **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py*; KNK *pə*
PK **mə̃* ‘LOC’, **t-amə̃* ‘DAT.3, ALL.3’
(?) RKB *mỹ-* ~ *mũ-* ‘FUT’ (*p-* diante de vogais)
PJab **mã* > DJE *mã* ‘DAT, FUT’

‘e.DS’:
PJ **mə̃* > PJS **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py* ‘FND.DS’

‘cheirar, farejar’:
PJ **wə̃$^{(P)}$* > PJG **bə̃/*bə̃-r*
PTSF **wyp* > MXK *cy-pyP* ‘nariz’, *ca-pyP* ‘porco’, RIT *byP* ‘farejar’, *ca-byP* ‘porco’;
KNK *wəp* ‘cheirar, beijar’

‘INSTR’:
PJ **tə̃* > PCerr **tə̃*; PJM **tə̃* ‘ERG, INSTR’
PTSF **ty* ‘LOC’ > MXK *ty*; KNK *tə*
(?) RKB *tuk*

‘mãe’:
PJ **nə̃* > PCerr **nə̃*; PJM **nə̃*
JAI ‹ná›
PTSF **tyt* > MXK *tyT*

‘flor’:
PJ **rə̃(C)* > PCerr **rə̃(C)* (PJS **rə̃*, PA **ñĩ-rə̃rə̃ ~ *ñĩ-rə̃nə̃*)
PTSF **ryT* > RIT *dyT* (→ MXK *mĩ-dyT* ‘flor’, *ñĩ-dyT* ‘barba’, *kyC-dyT* ‘sobrancelha’)

3.2.2.13. **ỹ*

A vogal PMJ **ỹ* foi preservada em Proto-Jê (PJ **ỹ* > PCerr **ỹ/*ə̃*, PJM **ĩ*) e Proto-Transanfranciscano. É refletida como *a* em Rikbáktsa. Dispomos de poucos dados referentes às demais famílias; em PK, seu reflexo parece ser **ã* ou **ə̃*; em Ofayé, *e*; em Proto-Jabutí, **a*.

‘mata’ / ‘veado’:
PJ **mỹrỹj’ ~ *mỹrỹñ’* > PA **mərə̃j // mərə̃* ‘mata’
PTSF **mỹrỹc ~ *mỹrỹñ* > MXK *mỹnỹC* ‘veado’

‘submergir, dar banho’:
PJ **mrỹ ~ *mrỹm* > PJS **kumrə̃* ‘dar banho’
PTSF **mrỹp ~ *mrỹm* > MXK *mnỹP* ‘submergir’
RKB *para* ‘dar banho’
PJab **mbra* > ARI *mbrã* ‘dar banho’, DJE *ma* ‘tomar banho’

‘estar sentado.SG’:
PJ **ñỹ^{P}* > PCerr **ñỹ/*ñỹp-r*; PJM **nĩ* (vb. **nĩ-m*)
PTSF **ñỹp* > MXK *ñỹP*; KNK *ñ̊ep*
PK **u(-)nə̃*

‘cabeça’:
PJ **krỹj’* > PCerr **krə̃j’*; PJM **krĩ* (vb. **krĩ-n*)
JAI ‹**grang**blá› ‘cabeça’, ‹**grang**sché› ‘cabelo’
PTSF **krỹñ* > MLL *#kə̃*; KNK *krẽn*
PK **rã*
OFA *kə̆te:ʔ*$_{G}$, *gate:*$_{MP}$
RKB *hara* ‘coisa redonda’, *har-ek* ‘cabeça’ (cf. *ek* ‘perna’ < **‘osso’)

derivado: **‘joelho’:**
PJ **jV-krỹñ* > PA **hikrə̃j // *hikrə̃*; PJM **jəkrĩ*
OFA *hijkə̆teʔ*$_{G}$
RKB *ekara*

3.2.2.14. **ũ*

Proto-Macro-Jê **ũ* é um fonema que reconstruímos para a correspondência entre Proto-Cerratense **õ*, Proto-Transanfranciscano **ũ* e Ofayé *õ*. Os demais agrupamentos demonstram múltiplas correspondências: PJM **ũ/*ə̃*, PK **õ/*o*, RKB *ũ/u/õ*, PJab **ũ/*ã*. Isto pode se dever a cisões condicionadas (porém ainda não identificamos os fatores que possam ter condicionado as cisões), à existência de múltiplos fonemas em Proto-Macro-Jê que teriam se fundido em PCerr, PTSF e Ofayé ou, em alguns casos, a equívocos na identificação de cognação entre os itens comparados. De forma provisória, derivamos a correspondência PCerr **õ* ~ PJM **ũ* de PJ **ũ₁* (< PMJ **ũ₁* > PK **õ*), ao passo que a correspondência PCerr **õ* ~ PJM **ə̃* é associada com PJ **ũ₂* (< PMJ **ũ₂* > PK **o*). Nas etimologias que carecem de cognatos nas línguas Jê Meridionais e Karajá, reconstruímos apenas PMJ **ũ*.

‘limpar’:
PJ **pũ₂* > PJS **põ/*põ-ñ* ‘esfregar’, **ka-põ/*ka-põ-ñ* ‘varrer’; PJM **pə̃* ‘roçar; roça’
PTSF **mũc* > MXK *mũC* ‘tirar.PL, servir.PL’
PK **ho* ‘lavar’
PJab **pũ* ‘lavar’ > DJE *ɸõ*

‘ir.PL’:
PJ **mũ₁* > PCerr **mõ/*mõ-r’*; PJM **mũ* (vb. **mũ-n*)
PTSF **mũ-ŋ* (IRR **mũ*) ‘ir’ > MXK *mũ-K* (IRR *mũ*); KNK *mũ-ŋ* (IMP *mũ*)
KMK ‹mã›G, MGY ‹man› → *#mã*

‘esposa’:
PJ **prũ₁K* > PCerr **prõ*; PJM **prũ* (vb. **prũ-ŋ*)
PTSF **mrũp* > MXK *mnũP-cuP* ‘grupo de gente da mesma categoria’

‘barro, argila’:
RKB *mõrõ-xuk* ‘panela de barro’
PJab **mrã*

‘mergulhar’:
PJ **mrũ(C)* > PJS **mrõ* ‘mergulhar, afundar; cozinhar’
RKB *mõrõ* ~ *mũrũ* ‘tomar banho’

‘irmão (mesmo gênero do *ego*)’:
PJ **tũj’* > PCerr **tõj’*
PTSF **nũc* ~ **nũñ* > MXK *nũC*
(?) KTX ‹chi**ton**›, MEN ‹a**tó**› → *#tõ*

‘NEG’:
PJ **tũ₁K* > PCerr **tõ*; PJM **tũ* (vb. **tũ-ŋ*)
PTSF **nũk* > MXK *nũK* ‘acabar’; KNK *nuk*
PJab **tã* > ARI *tã*, DJE *tõ*

‘estar deitado’:
PJ **nũ₂*^{P} (SG) > PCerr **nõ/*nõp-r*; PJM **nə̃*
PTSF **nũp* > MXK *nũP* (PL)
(?) OFA *no ~ norŏʔ*$_{G}$, *nõː, nõd-, nõː-g*^{w}*ê*$_{MP}$ ‘estar sentado, sentar-se’
(?) RKB *nũ* ‘pôr do sol’, *cik-nũ* ‘fluir’
PJab **nã* > ARI *nã* ‘fazer sexo’

‘outro, INDEF’:
PJ **nũ(C)* > Timbíra **nõ*
PTSF **nũc ~ *nũñ* > MXK *nũC* ‘outro’
PK **nõ* ‘INDEF’

‘peixe’:
PK **bedo* ‘filhote’
RKB *piknũ*
PJab **mĩnũ*

‘comida’:
PJ **ñũ(C)* > PCerr **ñõ*
PK **do* ‘alimento duro’
PJab **nũ* ‘pamonha’

‘envira, corda’:
PJ **ñũr* > PCerr **ñõr*
PJab **nũrã*

‘GEN’:
PJ **ñũ*$^{(K)}$ > PJS **ñõ*
PTSF **ñũk* > MXK *ñũK*; KNK *ñuk*
MAS ‹ing**niung**› ‘meu’ → *#ñũŋ*

‘dar’:
PJ **ũ*^{P} > PJS **ŋõ*
PTSF **hũp* > MXK *hũP*; KNK *uᵑ̊*
PK **õ*
PJab **ũ*

‘NEG’:
PJ **kũ* > PA **kõ*
PK **kõ*

‘dormir’:
PJ **ũ*$_{I}$*r/*ñũ*$_{I}$*t* > PCerr **ŋõr/*ñõt*; PJM **nũr*
(?) JAI ‹uhl**iong**›
PTSF **ñũt* (IRR **hũt*) > MXK *mũ=ñũT* (IRR *mũ=hũT*)
(?) KMK ‹montong›$_{M}$, ‹humhumdong›$_{SO}$, ‹hondon›$_{G}$, MEN ‹jundun (un *pela metade*)› → *#-õtõ*
PK **õrõ*
OFA *wõĕʔ*$_{G}$, *õê/jõh-*$_{MP/JS}$, *jõr*$_{ER}$
RKB *uru*
PJab **nũtã*

3.2.2.15. **ẽ*

As etimologias que apresentam PMJ **ẽ* possuem reflexos identificados apenas nas línguas Jê (em que seu reflexo é **ẽ* > PCerr **ẽ*, PJM **ĩ*) e Transanfranciscanas (PTSF **ẽ* > MXK *ỹ*, KNK *ĩ*).

‘PL; com’:
PJ **mẽ* > PCerr **mẽ*; PJM **mĩ* ‘PL’
PTSF **mẽk* ~ **mẽŋ* > MXK *mỹK* ‘PL’ (*mỹ-* em compostos)

‘mostrar’:
PJ **wẽ* ‘mostrar, falar’ > PJG **wẽ/*wẽ-r*; PJM **wĩ* (vb. **wĩ-n*) ‘falar’
PTSF **wẽk* ~ **wẽŋ* > MXK *mỹK*

‘ir.SG’:
PJ **tẽ/*tẽ-m’* > PCerr **tẽ/*tẽ-m’*; PJM **tĩ* (vb. **tĩ-n*)
PTSF **nẽ-n* (IRR **nẽ*) ‘vir’ > MXK *nỹ-T* (IRR *nỹ*); KNK *nĩ-ŋ* (IRR *nĩ*)
KMK ‹hi **ni**!, hi**ni**!›$_{G}$ ‘vem!’, MEN ‹**ni**› ‘ir depressa; vem!’ → *#nĩ*

‘comer (*transitivo*)**’:**
PJ **krẽ* > PCerr **krẽ/*krẽ-r* ‘comer.SG’
PTSF **krẽk* ~ **krẽŋ* > MXK *knỹK* ‘fazer sexo’

3.2.2.16. **ĩ*

A vogal **ĩ* do Proto-Macro-Jê é preservada nas línguas Jê, Transanfranciscanas, Ofayé, Rikbáktsa (pelo menos quando precedida de consoantes nasais) e Jabutí, mas é regularmente refletida como **e* em Proto-Karajá.

‘madeira, lenha’:
PJ **pĩm* > PCerr **pĩm*, PJM **pĩ* ‘fogo’
PTSF **mĩm* > MXK *mĩP* ‘árvore’
KMK ‹**hui**›$_{M}$ ‘árvore’, KTX ‹**huy**› ‘lenha’, MGY ‹**hoin**dá (oin *unido,* dá *breve*)› ‘lenha’, MEN ‹**hi**› ‘árvore’, ‹**hin**tá (hin *pelo nariz*)› ‘lenha’ → *#hʷĩ* ‘árvore’, *#hʷĩ ta* ‘lenha = árvore morta’
PK **he* ‘lenha’
(?) RKB *pi(-)ak* ‘casca’
(?) PJab **pi-cə* ‘fogo’ (**cə* ‘quente’)

‘matar’:
PJ **wĩ* > PCerr **wĩ/*wĩ-r* ‘matar.SG’
PTSF **wĩ-k* ~ **wĩ-ŋ* (IRR **wĩ*) > MXK *mĩ-C* (IRR *mĩ*) ‘fazer’, RIT *mĩ-C* (IRR *mĩ*) ‘matar’
(?) PK **we* ‘furar, dar facada’
OFA *wĩ* ‘atirar’

‘espinho’:
PJ **ñĩ(C)* > PCerr **-ñĩ*
PK **dede*
RKB *nĩ*
PJab **nĩ* > ARI *nĩ* ‘espinho’, DJE *nĩ* ‘folha’

‘mão’:
PJ **ñĩm-* (formativo) > PCerr **ñĩm-* (formativo); PJM **nĩ-* (formativo)
JAI ‹ae**nae**nong› ‘mão’
PTSF **ñĩm* > MXK *ñĩP* ‘mão, braço’
KMK ‹guangäh**ni** tschoh ~ guangäh **ni**tscho›$_{M}$ ‘dedo, unha’, ‹**nhin**djú›$_{SO}$ ‘dedo’, MGY ‹**ni**hitió› ‘mão’, ‹**ny**hitiocrin› ‘dedo’, ‹**in**hindió (inhin *breve e indistinto*)› ‘dedão’ → *#nĩcô*; KMK ‹**nhin**djouká›$_{SO}$ ‘unha’, ‹**ñôn**côkás›$_{G}$ ‘unha’, MGY ‹**ni**hitioca› ‘unha’ → *#nĩcô-ka*; KMK ‹guangäh**ni** kreschi nighör›$_{M}$ ‘mão’, MGY ‹**nin**kre (kre *muito breve*)› ‘mão’, MEN ‹**in**crú› → *#nĩkrV*; KMK ‹**nin**cas›$_{SO}$ ‘mão’, ‹**nên**kišk›$_{G}$ ‘mão’ → *#nĩkVs*
PK **de-* (formativo)
OFA *jĩj(ʔ)*$_{G}$, *ĩ*$_{MP}$, *jĩ*$_{ER}$
PJab **nĩ-* (formativo)

‘carne’:
PJ **ñĩ* > PCerr **ñĩ*; PJM **nĩ*
PTSF **ñĩt* > MXK *ñĩT*; KNK *ñik*
PK **de*
RKB *nĩ*
PJab **nĩ*

‘nariz’:
PJ **ñĩja* > PCerr **ñĩja-kre*; PJM **nĩjã*
PTSF **ñĩji* > RIT *ñĩci-kuC* ‘focinho’, HHH *#cihĩ*, MLL *#seje* ~ *#seji* ‘nariz’
KMK ‹aenköh **nini**koh›$_{M}$, ‹**ninji**cô›$_{SO}$, ‹**nydy**kô, **nin**ko›$_{G}$, KTX ‹**nii**ka›, MGY ‹**nihie**kó›, MEN ‹**inschi**wó›, MAS ‹**tchü**chgoh› → *#ñĩji-kô*
PK **deã-θə* ‘nariz’, **deã-ti* ‘osso do nariz’
OFA *jĩxe*$_{ER}$ (em outras fontes ‘bico’); *jĩxej-haʔ*$_{G}$; *nĭxej-kĕrĩʔ*$_{G}$, *ẽxê-gri*$_{MP}$

3.2.2.17. Correspondências irregulares

Nesta subseção, listamos as etimologias que apresentam correspondências que não pudemos atribuir a nenhuma vogal específica do Proto-Macro-Jê.

‘flatular’:
PTSF **-pac* ~ **-pañ* ~ **-poc* ~ **-poñ* > MXK *ñ-ũT-paC*
PJab **pə̂j* > ARI *pəj*, DJE *psi*

‘orelha’:
RKB *xpi*
PJab **nĩpy*

‘filho/filha’:
PJ **kra*^{K} > PCerr **kra*; PJM **krã* (vb. **krã-ŋ*)
PTSF **kruk* > MXK *ktuK*, RIT *kduK*; KNK *kruk*
KMK ‹**kra**ni(n)g›$_{M}$, ‹**koa**-nin›$_{G}$ ‘filho/filha’, KTX ‹getie**crà**› ‘filho’, ‹kiach**kra**rá› ‘filha’, MGY ‹kediä**grá**›, MAS ‹kü**crá**› ‘filho’, ‹thziagi**crá**› ‘filha’ → *#(kece-)kra*
OFA *kə̆tê*$ʔ_{G}$, *gatê* ~ *gêtê*$_{MP}$ ‘ovo’
RKB *hyry* ‘crianças’
PJab **krəj*

derivado: **‘dedo’ (‘filho da mão’):**
PJ **ñĩm-kra* > PCerr **ñĩm-kra* ‘mão’
PTSF **ñĩm-kruk* > MXK *ñĩP-ktuK*
(?) KMK ‹guangäh**ni kre**schi nighör›M, MGY ‹**ninkre** (kre *muito breve*)›, MEN ‹**incrú**›
→ *#nĩkrV*
PK **derã* ‘antebraço’

‘tucano’:
PJ **ŋrũ$_{ɪ}^{(T)}$ ~ *ŋrũ$_{ɪ}$n* > PJS **ŋrõ*; PJM **ŋrũ*
PTSF **ŋrõt ~ *ŋrõn* > MXK *knãT*

‘morder’:
(?) PJ **prâ(C)* > PJM **prə*
(?) PTSF **prôp ~ *prôm* > MXK *ptuP*
MEN ‹im**bró**› → *#pro*
PK **ro*
RKB *boro*

‘dar’:
OFA *no*G, *nõ*MP
RKB *nỹnỹ*

‘fezes, tripa’:
PJ **ñ̃Ṽt* > PCerr **ñ̃Ṽt* (PJS **ñĩn*, PNR *ñĩ˞*; PA **ñənə̃ // *ñə˞nə̃*)
PTSF **ñũt* > MXK *ñũT* ‘defecar, fezes’, RIT *ñũT* ‘barriga’

3.2.3. Codas

A reconstrução das codas do Proto-Macro-Jê nesta tese baseia-se principalmente nos dados das línguas Maxakalí, Krenák e Jê e seguem, em geral, a proposta de Nikulin e Silva (2020, p. 34–43). De acordo com essa proposta, são três os traços fonológicos relevantes para as codas do Macro-Jê: (i) *ponto de articulação* (labial, dental, palatal, velar), (ii) *modo de articulação* (oclusiva, nasal, (?) aproximante), (iii) *presença de vogal eco* (presente, ausente). O traço (i) foi bem preservado nas línguas Maxakalí e Jê; em Krenák houve uma mudança em cadeia que transformou as codas palatais em dentais e as dentais em velares. O traço (ii) foi bem preservado em Krenák e parcialmente em Jê, mas não em Maxakalí, onde sincronicamente não há contraste de modo de articulação na posição de coda. O traço (iii) foi preservado em Jê. O Karajá também parece preservar certas codas, mas muitas foram elididas sem deixar nenhum vestígio.

PMJ	PJ	PTSF	PK	OFA	RKB	PJab
***-p**	*-^{P}	**-p*	**-Ø*	(?) *-Ø*	(?) *-k*	**-Ø*
***-t**	*-^{T}	**-t*	**-Ø*	—	*-Ø*	**-Ø*
***-c**	*-^{C}	**-c*	**-Ø*	*-j*	—	**-Ø*

PMJ	PJ	PTSF	PK	OFA	RKB	PJab
***-k**	*-^{K}	*-*k*	*-*Ø*	-*Ø* (? -*h*, -*ʔ*)	-*Ø*	*-*Ø*
***-p°**	*-*p*	*-*p*	*-*hV*	-*Ø*	-*Ø*	*-*Ø*
***-t°**	*-*t*	*-*t*	—	-*r*	-*tV*	*-*Ø*,(*ʔ*) *-*tã*
***-c°**	*-*c*	*-*c*	—	—	-*Ø*	—
***-k°**	*-*k*	*-*k*	*-*k*	—	-*k*	—
***-m**	*-*m*	*-*m*	*-*b*	-*Ø*	-*Ø*	*-$_{N}$
***-n**	*-*n*	*-*n*	—	—	—	—
***-ñ**	*-*ñ*	*-*ñ*	*-*d*	?	—	*-*j*
***-ŋ**	*-*Ø*	*-*ŋ*	—	-*Ø* (? -*h*)	-*Ø*	*-$_{N}$
***-m°**	*-*m*	*-*m*	*-*Ø*	-/n/ ~ -*Ø*	(?) -*Ø*	*-*Ø*
***-n°**	*-*n*	*-*n*	*-*Ø*	-/n/ ~ -*V*	*-*Ø*	*-*Ø*
***-ñ°**	*-*Ø*	*-*ñ*	[+ATR]	-/n/ ~ -*Ø*	—	-*Ø*
***-ŋ°**	*-*k*	*-*ŋ*	—	—	—	—
***-r**	*-*r*	*-*t*	*-*rV*	?	-*rV*	*-*rV*
***-j**	*-*j'*	*-*c*	*-*Ø*	-*Ø*	—	*-*Ø*
***-w°**	*-^{P}	*-*w*	—	—	—	*-*Ø*
***-r°**	*-*r*	*-*r*	—	-*r*	-*rV*	*-*Ø*
***-j°**	*-*j'*	*-*ñ*	*-*Ø*	-*Ø*	-*Ø*	—

Quadro 3.15. As codas do Proto-Macro-Jê

Abaixo reproduzimos **apenas** aquelas etimologias para as quais a reconstrução da coda Proto-Macro-Jê pôde ser feita de forma não ambígua. As etimologias que carecem de reflexos em línguas diagnósticas (principalmente Akuwẽ, Jê Meridionais, Maxakalí ou Krenák), admitindo reconstruções alternativas, não foram listadas nesta subseção. Por exemplo, a comparação entre PCerr **tõj'* e MXK *nũC* 'irmão' é foneticamente impecável, mas na ausência de um cognato Krenák é impossível determinar se a respectiva protoforma do Proto-Macro-Jê possuía ou não uma vogal eco (o reflexo esperado de PMJ **tũj* em Krenák seria **nut*; já PMJ **tũj°* teria o reflexo KNK **nũn*).

3.2.3.1. **-p*

A coda **-p* do Proto-Macro-Jê pode ser reconstruída com um elevado grau de certeza com base em seus reflexos nas línguas Jê (PJ **-^{P}*; ver abaixo) e Transanfranciscanas (PTSF **-p* > MXK *-P*, KNK *-p*). Essa coda desapareceu completamente nas línguas Karajá e Jabutí. Para o Rikbáktsa, dispomos de apenas um exemplo, em que aparece a coda *-k*. Quanto ao Ofayé, o único exemplo não problemático (‘entrar’) apresenta uma coda *-h* dos dados de Gudschinsky (1974), cujo *status* fonológico é questionável.

Nas línguas Jê modernas, a coda PMJ **-p* é preservada apenas indiretamente (simbolizamos seu reflexo em PJ como **-^{P}*, ou */-p’/ subjacente). Nas línguas Jê Meridionais, raízes que terminavam em PMJ **-p* destacam-se por selecionarem o alomorfe *-m* do sufixo ampliador de valência (cuja forma subjacente é /-n/); nas línguas Akuwẽ, a consoante labial persiste em formas não finitas de verbos, seguida do sufixo de não-finitude PA **-rV* (PCerr **-p-r(’)* > PA **-b-rV/*-m-rṼ*). Nas línguas Jê de Goyaz, bem como em formas não derivadas de todas as demais línguas Jê, PMJ **-p* desapareceu sem vestígios. É importante notar que **todos** os verbos cujas raízes terminavam em **-p* em Proto-Macro-Jê recebem o sufixo de não-finitude **-r(’)* nas línguas Cerratenses.

‘cheirar, farejar’:
PJ **wə̃$^{(P)}$* > PJG **bə̃/*bə̃-r*
PTSF **wyp* > MXK *cy-pyP* ‘nariz’, *ca-pyP* ‘porco’, RIT *byP* ‘farejar’, *ca-byP* ‘porco’;
KNK *wəp* ‘cheirar, beijar’

‘voar’:
PJ **to^{P}* > PCerr **to/*top-r*; PJM **tã* (vb. **tã-m*)
PTSF **tôp* > MXK *tup-a* (IRR *tuP*) ‘voar.SG’

‘estar deitado’:
PJ **nũ$_{2}^{P}$* (SG) > PCerr **nõ/*nõp-r*; PJM **nə̃*
PTSF **nũp* > MXK *nũP* (PL)
(?) OFA *no ~ norŏʔ*$_{G}$, *nõː, nõd-, nõː-g^{w}ê*$_{MP}$ ‘estar sentado, sentar-se’[80]
(?) RKB *nũ* ‘pôr do sol’, *cik-nũ* ‘fluir’
PJab **nã* > ARI *nã* ‘fazer sexo’

‘tecer, costurar’:
PJ **cy^{P}* > PCerr **cy/*cyp-r’*; PJM **θy*
PTSF **jap* > MXK *caP*
PK **ty*

[80] Se este verbo do Ofayé realmente é um cognato do material das línguas Jê e Maxakalí, as consoantes *-r-* e *-d-*, atestadas em algumas fontes, poderiam continuar antigos sufixos de não-finitude.

‘chupar’:
PJ *$c\underline{\hat{ə}}_I{}^P$ > PCerr *$c\underline{\hat{o}}$/*$c\underline{\hat{o}}p$-*r*; PJM *pe-$\theta ə$ (vb. *pe-θa-*m*) ‘mamar’
PTSF *jyp > MXK cyP ‘chupar, lamber’
PK *to
RKB ok ‘comer comida pastosa’
PJab *u

‘pendurar.SG’:
PJ *$nj\underline{\hat{ə}}_I{}^P$ > PCerr *$nj\underline{\hat{o}}$/*$nj\underline{\hat{o}}p$-*r’*; PJM *$cə$ (vb. *$cə$-*m*)
PTSF *cyp > MXK cyP; KNK $cəp$

‘entrar’:
PJ *$jə^P$ > PCerr *a-$jə$/*$jəp$-*r* ‘entrar.SG’ (CAUS *$j\underline{ə}$/*$j\underline{ə}$-*r*)
OFA $xəh_G$

‘estar sentado.SG’:
PJ *$ñỹ^P$ > PCerr *$ñỹ$/*$ñỹp$-*r*; PJM *$nĩ$ (vb. *$nĩ$-*m*)
PTSF *$ñỹp$ > MXK $ñỹP$; KNK $n̥ep$
PK *$u(-)nə̃$

‘assar’:
PJ *a^P > PJS *ga (cf. NF PCerr *j-$əp$-*r*)
PTSF *hop > MXK $mũ{=}haP$; KNK op

‘dar’:
PJ *$ũ^P$ > PJS *$ŋõ$ (cf. NF PCerr *$ñ$-$õp$-*r’*)
PTSF *$hũp$ > MXK $hũP$; KNK $um̥$
PK *$õ$
PJab *$ũ$

Em um caso, o verbo derivado das línguas Jê Meridionais viola a correspondência regular, apresentando o alomorfe *-*ŋ* em vez do esperado *-*m* em correspondência com MXK -*P*.

‘esposa’:
PJ *$prũ_I{}^K$ > PCerr *$prõ$; PJM *$prũ$ (vb. *$prũ$-*ŋ*)
PTSF *$mrũp$ > MXK $mnũP$-cuP ‘grupo de gente da mesma categoria’

Acreditamos que nesse caso o verbo das línguas Jê Meridionais pode ter sido derivado em um estágio em que a suposta oclusiva */-p’/ não fazia mais parte da representação subjacente da raiz. Nos respectivos nomes do PJM e do PCerr (não derivados) não há nenhuma consoante em coda; como o nome correspondente em Maxakalí apresenta -*P*, preferimos reconstruir neste caso uma oclusiva labial: PMJ *$prũ_Ip$, com reflexos regulares em todas as línguas exceto pelo verbo derivado nas línguas Jê Meridionais.

3.2.3.2. *-*t*

A coda *-*t* do Proto-Macro-Jê pode ser reconstruída com base em seus reflexos nas línguas Jê (PJ *-^{T}; ver abaixo) e Transanfranciscanas (PTSF *-*t* > MXK -*T*, KNK -*t*). Essa coda desapareceu

completamente nas línguas Karajá, Jabutí e Rikbáktsa, bem como no único dado identificado na língua Jaikó. Não dispomos de exemplos referentes ao Ofayé.

Nas línguas Jê modernas, a coda PMJ **-t* é preservada apenas indiretamente (simbolizamos seu reflexo em PJ como *-^{T}, ou */-t'/ subjacente). Nas línguas Jê Meridionais, raízes que terminavam em PMJ **-t* recebem o alomorfe *-n* do sufixo ampliador de valência (alomorfe não marcado). Em Proto-Cerratense, o único vestígio de PJ *-^{T} pode ser observado nos verbos transitivos, que recebem o alomorfe PCerr **-ñ'* do sufixo de não-finitude (em vez do alomorfe mais comum, **-r(')*).

'tocar, mexer':
PJ **-pê$_{1}$ $^{(T)}$* > PCerr **ku-pê/*ku-pê-ñ'*
PTSF **-pit* > MXK REL-*piT* 'usar, mexer'

'um':
PJ **p(V)ji$^{(T)}$* > PCerr **p^{ə}ji*
PTSF **pjet* > MXK *pceT*

'pegar, carregar':
PJ **mbâ$_{2}$$^{(T)}$* > PCerr **mbâ/*mbâ-ñ'*; PJM **mbə* (vb. **mba-n*) 'segurar, pegar.CURTO'
PTSF **pyt* > MXK *pyT* 'pegar.ANIM.SG', (?) KNK *m-bək* 'matar'

'convidar':
PJ **jawê$_{1}$$^{(T)}$* > PCerr **jawê* 'amar, respeitar'
PTSF **jawit* > MXK *capiT* 'convidar'

'mãe':
PJ **nə̃$^{(T)}$* > PCerr **nə̃*; PJM **nə̃*
JAI ‹ná›
PTSF **tyt* > MXK *tyT*

'raiz':
PJ **jarê$_{1}$$^{(T)}$* > PJS **jarê*; PJM **jãrê* (vb. **θ-are-n*)
PTSF **-jorit* > MXK *ñĩP-catiT*, RIT *ñĩP-cadiT*
PJab **ǰari* > DJE *rari*

'nome':
PJ **ñĩji$^{(T)}$ ~ *jiji$^{(T)}$* > PCerr **ñĩji*; PJM **jiji ~ *jyjy* (vb. **jiji-n ~ *jyjy-n*)
PTSF **-jet* > MXK REL-*ce-aC*
(?) PK **nĩ* 'nome', **nĩnĩ* 'chamar'

'carne':
PJ **ñĩ$^{(T)}$* > PCerr **ñĩ*; PJM **nĩ*
PTSF **ñĩt* > MXK *ñĩT*; KNK *ñik*
PK **de*
RKB *nĩ*
PJab **nĩ*

‘cavar’:
PJ **kôᵀ* > PJG **kwâ/*kwâ-ñ’*; PJM **ka* (vb. **ka-n*)
PTSF **kut* > MXK *kuT*

‘piolho’:
PJ **ŋgâ₁(T)* > PCerr **ŋgô*; PJM **ŋgə* (vb. **ŋga-n*)
PTSF **ŋgyt* > MXK *kyT*

3.2.3.3. **-c*

A coda **-c* do Proto-Macro-Jê pode ser reconstruída com base em seus reflexos nas línguas Transanfranciscanas (PTSF **-c* > MXK *-C*) e Jê (PJ **-C*; ver abaixo). Essa coda desapareceu completamente nas línguas Karajá e Jabutí. Em Ofayé, seu reflexo parece ser *j*. Não dispomos de exemplos referentes às línguas Rikbáktsa e Krenák (nessa última, esperaríamos KNK *-t*). Nas línguas Jê modernas, a coda PMJ **-c* parece ser preservada apenas indiretamente (simbolizamos seu reflexo em PJ como **-C*, ou */-c’/ subjacente): nas línguas Jê Meridionais, raízes que terminavam nessa consoante destacam-se por selecionarem o alomorfe *-ñ* do sufixo ampliador de valência (cuja forma subjacente é /-n/); no ramo Cerratense, a consoante é perdida.

‘limpar’:
PJ **pũ₂(C)* > PJS **põ/*põ-ñ* ‘esfregar’, **ka-põ/*ka-põ-ñ* ‘varrer’; PJM **pə̃* ‘roçar; roça’
PTSF **mũc* > MXK *mũC* ‘tirar.PL, servir.PL’
PK **ho* ‘lavar’
PJab **pũ* ‘lavar’ > DJE *ɸõ*

‘ouvir/saber.F’:
PJ **mba(C)* ‘ouvir, entender’ > PCerr **mba* ‘escutar’; PJM **mã*
PTSF (IRR) **po-c* > MXK REL-*pa-C*
OFA *ɸaj*

‘urina’:
PJ **jəC* > PCerr **jə*; PJM **jâ-ñ* ‘urinar’
PTSF **jyc* > MXK *cyC* ‘urinar’
KMK ‹**jack**›SO, MAS ‹a**jach** cumung› ‘urinar’ → *#jak*
PK **lâ*

‘assoprar.F’:
PJ **-kâ₁(C)* ‘assoprar’ > PCerr **ja-kô*
PTSF **kwy-c* (IRR) > MXK *mũ=kuy-C*

3.2.3.4. **-k*

A coda **-k* do Proto-Macro-Jê pode ser reconstruída com base em seus reflexos nas línguas Transanfranciscanas (PTSF **-k* > MXK *-K* ou *-C* seguindo um núcleo anterior, KNK *-k*) e Jê (PJ **-K*; ver abaixo). Essa coda desapareceu completamente nas línguas Karajá, Rikbáktsa e Jabutí. Quanto ao Ofayé, seu reflexo parece ser zero; não está claro se os elementos glotais (*-h, -ʔ*) registrados por Gudschinsky (1974) são verdadeiros segmentos consonantais fonológicos,

pois nenhum outro autor os registra. Nas línguas Jê modernas, a coda PMJ *-*k* é preservada apenas indiretamente (simbolizamos seu reflexo em PJ como *-^{K}, ou */-k'/ subjacente): nas línguas Jê Meridionais, raízes que terminavam nessa consoante destacam-se por selecionarem o alomorfe *-ŋ* do sufixo ampliador de valência (cuja forma subjacente é /-n/); no ramo Cerratense, a consoante é perdida.

'língua':
PJ **ñũ$_{1}$cto$^{(K)}$* > PCerr **ñõjto*; PJM **nũnã*
PTSF **ñũccôk* > MXK *ñũCcũK*; KNK *jicok*
PK **dorto*
OFA *jõrăh*$_{G}$
RKB *xtẽrõ-ɾik*
PJab **nũtə*

'NEG':
PJ **tũ$_{1}^{K}$* > PCerr **tõ*; PJM **tũ* (vb. **tũ-ŋ*)
PTSF **nũk* > MXK *nũK* 'acabar'; KNK *nuk*
PJab **tã* > ARI *tã*, DJE *tõ*

'dois':
PJ **-rê$_{1}^{K}$* > PJM **reŋ-rê* (vb. **reŋ-re-ŋ*)
PTSF **rik* > MXK *tiC*, RIT *-diC* (em compostos)

'fumaça':
PJ **ñĩjə̂$_{2}^{K}$* > PA **ñĩje*; PJM **nĩjə* (vb. **nĩja-ŋ*)
PK **he-də̂*

'GEN':
PJ **ñũ$^{(K)}$* > PJS **ñõ*
PTSF **ñũk* > MXK *ñũK*; KNK *ñuk*
MAS ‹ing**niung**› 'meu' → *#ñũ*

'filho/filha':
PJ **kra^{K}* > PCerr **kra*; PJM **krã* (vb. **krã-ŋ*)
PTSF **kruk* > MXK *ktuK*, RIT *kduK*; KNK *kruk*
KMK ‹**kra**ni(n)g›$_{M}$, ‹**koa**-nin›$_{G}$ 'filho/filha', KTX ‹getie**crà**› 'filho', ‹kiach**kra**rá› 'filha', MGY ‹kediä**grá**›, MAS ‹küg**crá**› 'filho', ‹thziagi**crá**› 'filha' → *#(kece-)kra*
OFA *kə̆têʔ*$_{G}$, *gatê ~ gêtê*$_{MP}$ 'ovo'
RKB *hyry* 'crianças'
PJab **krəj*

derivado: **'dedo' ('filho da mão'):**
PJ **ñĩm-kra* > PCerr **ñĩm-kra* 'mão'
PTSF **ñĩm-kruk* > MXK *ñĩP-ktuK*
(?) KMK ‹guangäh**ni kre**schi nighör›$_{M}$, MGY ‹**ninkre** (kre *muito breve*)›, MEN ‹**incrú**› → *#nĩkrV*
PK **derã* 'antebraço'

3.2.3.5. *-*p*°

A coda *-*p*° do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Jê como *-*p* (a mudança na notação é ortográfica apenas: tanto PMJ *-*p*°, como PJ *-*p* denotam uma coda labial surda seguida de uma vogal eco). O reflexo *-*p* é observado em Proto-Transanfranciscano (> MXK -*P*, KNK -*p*). Em Karajá, a coda *-*p*° é refletida como PK *-*hV*. Nas línguas Jabutí, seu reflexo é zero; o único reflexo em Rikbáktsa também apresenta um zero, mas sua pertinência à etimologia em questão é duvidosa. Não identificamos nenhum cognato relevante em Ofayé.

‘cará’:
PJ **mbə̂p* > PJS **mbôp* ~ **mbə̂p*
PJab **mbu*

‘maduro’:
PJ **ndep* > PJS **ndep*
(?) PTSF **têp-* > MXK *teP-ta* ‘banana’
(?) RKB *nẽnẽ*

‘mosca *ou* **carapanã’:**
PJ **kə̂ˌp* > PCerr **kôp*; PJM **kə*
PTSF **kyp* > MXK *kyP-nũP* ‘mosca’, *kyP-mãñũC* ‘carapanã’; KNK *kəp*
PK **koho*

3.2.3.6. *-*t*°

A coda *-*t*° do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Jê como *-*t* (a mudança na notação é ortográfica apenas: tanto PMJ *-*t*°, como PJ *-*t* denotam uma coda dental surda seguida de uma vogal eco). O reflexo *-*t* é observado em Proto-Transanfranciscano (> MXK -*T*, KNK -*k*). Em Rikbáktsa, o reflexo parece ser *-tV*. Nas línguas Jabutí, seu reflexo regular parece ser zero, mas no verbo ‘dormir’ observamos o reflexo *-*tã* (compare isto com o desenvolvimento *-*ũr*° > PJab *-*ũrã*). Note que esse verbo apresentava um paradigma de finitude irregular em Proto-Macro-Jê, possuindo a coda *-*r* em sua forma finita (ver **3.2.3.17**). O único reflexo em Ofayé apresenta -*r*, ao passo que em Karajá não atestamos itens associados com PMJ *-*t*°.

‘dormir’ (NF):
PJ **ñũˌt* > PCerr **ñõt*; PJM **nũr*
PTSF **ñũt* (RLS) > MXK *mũ=ñũT*
OFA *jõr*$_{ER}$
PJab **nũtã*

‘fezes, tripa’:
PJ **nṼt* > PCerr **nṼt* (PJS **ñĩn*, PNR *ñĩː*; PA **ñə̃nə̃ // *ñə̃ːnə̃*)
PTSF **ñũt* > MXK *ñũT* ‘defecar, fezes’, RIT *ñũT* ‘barriga’

‘grilo’:
PJ **krê$_{I}$t* > PA **kriti // *kri:di* ‘gafanhoto’
PTSF **krit* > MXK *kdiT* (< RIT?)
(?) RKB *hyricik*
(?) PJab **-kri* > ARI *cakri* ‘grilo grande preto’, *krikri* ‘grilo-toupeira’

‘pederneira/metal’:
PJ **kryt* > PCerr **kryt* ‘pederneira’
PTSF **krat* > KNK *krak* ‘metal, faca’

‘base, quadril’:
PJ **krat* > PCerr **krat* ‘base, quadril’ (em PA ‘começo, raiz’)
RKB *-harata* ‘raiz’
PJab **(nĩ-)kra* > ARI *nĩkra*

3.2.3.7. **-c°*

A coda **-c°* do Proto-Macro-Jê é reconstruída para apenas um item, que apresenta os reflexos Proto-Jê **-c*, Maxakalí *-C*, Rikbáktsa zero.

‘sair.PL’:
PJ **pâ$_{I}$c* > PCerr **pôc*, PJM **pə* (vb. **pə-n*)
(?) PTSF **pyc* > MXK *pyC* ‘servir.LIQ’
RKB *po*

3.2.3.8. **-k° (ou *-ŋ°)*

Para a correspondência entre PJ **-k* e Maxakalí *-K*, é possível reconstruir PMJ **-k°* ou **-ŋ°*. Na ausência de cognatos em Krenák, é impossível determinar se as respectivas formas em Proto-Transanfranciscano (e, por conseguinte, Proto-Macro-Jê) continham uma coda oclusiva ou nasal. Acreditamos que PMJ **-k°* também está por trás da coda PK **-k* e que essa coda é refletida como *-k* em Rikbáktsa.

‘acender’:
PJ **pâ$_{I}$k* > PJS **pôr/*pôk*, PNR *pô* ‘queimar’
PTSF **pyk* ~ **pyŋ* > MXK *pyK* ‘arder’
RKB *pok*

‘preto’:
PJ **tyk* > PCerr **tyk*; PJM **ku-ty* ‘escuro, noite’ (vb. **ku-ty-ŋ*)
KTX ‹tah›, MAS ‹oeich**tá**› ‘preto’ → *#ta*; KMK ‹cua**dá**›$_{SO}$, ‹kua**da**, kuà**dá**, kwahã**dá**›$_{G}$, MGY ‹khoha**dá** (kho *tão breve que apenas se ouve*, dá *breve*), koache**dá** (e *apenas audível*, da *breve*›, MAS ‹gach**thá**› ‘homem negro; preto (*cor*)’ → *#kwaha-ta*

‘barriga’:
PJ **tik* > PCerr **tik*
PTSF **tek* ~ **teŋ* > MXK *teC*

‘parecer’:
PJ **pVrək* > PJS **pyrək*
PTSF **pVryk ~ *pVryŋ* > MXK *pyty*$_K$, RIT *pydy*$_K$

‘rosto, testa, pele’:
PK **tyk* ‘pele, casca, roupa’
RKB *ok-* ‘rosto’, *uk-pe* ‘testa’

3.2.3.9. **-m*

A coda **-m* do Proto-Macro-Jê é uma das mais bem atestadas no nosso *corpus*. Tem por reflexos PJ **-m’* (> PCerr **-m*, PJM **-ŋ*), PTSF **-m* (> MXK *-P*, KNK *-m*), PK **-/b/ *[-b, -m], PJab **-*$_N$ (um segmento que desaparece em ambas as línguas Jabutí, mas nasaliza as vogais orais anteriores em Djeoromitxí, resultando em uma correspondência entre uma vogal oral em Arikapú e uma nasal em Djeoromitxí). Em Ofayé e Rikbáktsa, **-m* parece ter desaparecido sem deixar vestígios.

‘machado’:
PJ **mbêm’* > PJM **mbeŋ*
PTSF **pim* > MXK *piP-* ‘metal (*em compostos*)’, RIT *pi̱P* ‘machado’
PJab **mbi*$_N$*-* > DJE *mĩ-tə*

‘fome; querer’:
PJ **prə̃m’* > PCerr **prə̃m’*; PJM **prə̃ŋ* ‘fome, estação de fome, ano’
PTSF **prym* > MXK *ptyP* ‘fome; querer; poder’, RIT *pdyP*; KNK *prə̃m* ‘querer’
PK **rə̃m*

‘novo’:
PJ **təm’ ~ *tə̂*$_2$*m’* > PCerr **təm’ ~ *tə̂m’* ‘novo, cru’; PJM **taŋ*
PTSF **tym* > MXK *tyP*
(?) PK **tə̃m-rə̃*
OFA *tə*$_{MP}$
(?) RKB *edytyk ~ (e)ɽytyk*
(?) PJab **-təj* > ARI *rətəj*, DJE *dôte*

‘velho’:
PJ **tu*$_2$*m’* > PCerr **tum’*; PJM **toŋ* ‘seco (*de plantas*)’
PTSF **tom* > MXK *taP* ‘já’, *-taP* ‘escuro, seco (*de plantas*)’, *hi-taP* ‘antigo’
PK **tyb*

‘gordura’:
PJ **tôm’* > PCerr **twam’*; PJM **taŋ*
PTSF **tum* > MXK *tuP*
(?) RKB *tu**ta***
PJab **tô*$_N$ > ARI *tô-ka*, DJE *tõ*

‘ficar de pé.SG.NF’:
PJ **ja-m’* > PCerr **ja-m’*; PJM **jã-ŋ*
PTSF **jim* > MXK *ciP*; (?) KNK *ñĩm*
PK **lə̃m*

‘pai’:
PJ **ju₂m’* > PJS **ĵũ(m)*; PJM **joŋ*
PK **t-yb* (3ª pessoa)
OFA *xew(ʔ)*$_{G}$, *xôw*$_{MP/JS}$, *xəw*$_{ER}$
RKB *ɾo*
PJab **ǰô*

‘sangue’:
(?) PTSF **jum* > MXK *-cuP* ‘plural coletivo’
KMK ‹**schoh**›$_{M}$, MGY ‹**kedió** (e *e* o *breves*)›, MEN ‹**ísó** (í *indist.*)›, MAS ‹**höh**› → *#xô*
PK **lub*
OFA *xeːʔ*$_{G}$, *xeː*$_{MP}$, *ən**xe***$_{JS}$
PJab **ǰo* > ARI *co*

3.2.3.10. **-n*

A coda **-n* do Proto-Macro-Jê é reconstruída para apenas um item, que apresenta os reflexos Proto-Jê **-n’* e Maxakalí *-T*. Apesar de sua atestação parca, acreditamos que a reconstrução é plausível, pois seus reflexos são totalmente paralelos àqueles de PMJ **-m, *-ñ*.

‘esposo’:
PJ **mbê₂n’* > PCerr **mbjan’*; PJM **mben*
PTSF **pin* > MXK *piT* ‘macho’

3.2.3.11. **-ñ*

A coda **-ñ* do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Jê como **-ñ’* (a mudança na notação é ortográfica apenas: tanto PMJ **-ñ*, como PJ **-ñ’* denotam uma coda palatal nasal desprovida de uma vogal eco). É refletida como Maxakalí *-C*, Proto-Karajá **-d* e possivelmente Proto-Jabutí **-j*. O único exemplo disponível referente ao Ofayé não é facilmente interpretável.

‘mel’:
PJ **mbeñ’* > PJS **mbeñ*
PK **bid*
PJab **mbej* > ARI *mbi* ‘abelha’, *mbi-co* ‘mel’; DJE *be* ‘mel’, *be-ĵe* ‘caba’

‘pescoço’:
PJ **ndu₁ñ’* > PJM **nduñ*
OFA *tôə̆ʔ*$_{G}$ ‘pescoço, nuca’

‘doce, saboroso’:
PJ **jəñ’* > PCerr **jəñ’*
PTSF **jyñ-* > MXK *cyC-peC*

‘NOMAG’ (‘dono’):
PJ **jôñ’* > PCerr **jwañ’*
PK **-ud*

3.2.3.12. **-ŋ*

A coda **-ŋ* do Proto-Macro-Jê é reconstruída para apenas um item, que apresenta os reflexos Proto-Transanfranciscano **-ŋ* (MXK *-K*, KNK *-ŋ*) e Proto-Jabutí **-N*, mas zero em Proto-Jê, Rikbáktsa e, possivelmente, Ofayé (GUDSCHINSKY, 1974 registra a coda *-h*, mas não está claro se se trata de uma verdadeira consoante fonológica).

‘cinza’:
PJ **mbro* > PCerr **mbro*; PJM **mrã*
PTSF **prôŋ* > MXK *ptuK* ‘cinza’, RIT *pduK* ‘branco’; KNK *proŋ* ‘carvão’
(?) OFA *kə̆tah*$_{G}$
RKB *poro* ‘bambu; sal’
PJab **mbrəN*

3.2.3.13. **-m°*

A coda **-m°* do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Jê como **-m* (a mudança na notação é ortográfica apenas: tanto PMJ **-m°*, como PJ **-m* denotam uma coda labial nasal seguida de uma vogal eco). O reflexo **-m* é observado em Proto-Transanfranciscano (> MXK *-P*, KNK *-m*). Em Karajá, Ofayé e Proto-Jabutí, a coda **-m°* desaparece; em Ofayé, o reflexo de PMJ **kyɪm°* ‘árvore, chifre’ apresenta um comportamento morfofonológico peculiar que Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006, p. 79) atribui a uma coda nasal subjacente. O único reflexo em Rikbáktsa também apresenta um zero, mas sua pertinência à etimologia em questão é duvidosa.

‘madeira, lenha’:
PJ **pĩm* > PCerr **pĩm*, PJM **pĩ* ‘fogo’
PTSF **mĩm* > MXK *mĩP* ‘árvore’
KMK ‹**hui**›$_{M}$ ‘árvore’, KTX ‹**huy**› ‘lenha’, MGY ‹**hoin**dá (oin *unido*, dá *breve*)› ‘lenha’, MEN ‹**hi**› ‘árvore’, ‹**hin**tá (hin *pelo nariz*)› ‘lenha’ → *#hʷĩ* ‘árvore’, *#hʷĩ ta* ‘lenha = árvore morta’
PK **he* ‘lenha’
(?) RKB *pi(-)ak* ‘casca’
(?) PJab **pi-cə* ‘fogo’ (**cə* ‘quente’)

‘podre’:
PJ **wəm* > PJM **wâ*
PTSF **wym* > KNK *wəm*

‘olho’:
PJ **ndom* > PCerr **ndom*; PJM **kə-nã* (vb. **kə-nã-n*) ‘olho, semente’
PTSF **kitôm* > MLL *#keto*; KNK *kitom*
KMK ‹aen**köh-toh**›$_{M}$, ‹an**quedô**›$_{SO}$, ‹**kôdôh**›$_{G}$, KTX ‹**kitho**›, MGY ‹**kedó**›, MEN ‹im**gutó**›, MAS ‹**göchtch**› → *#kVtô*

‘semente’:
PJ **cym* > PCerr **cym*; PJM **θy* (vb. **θy-n*)
PTSF **jam* > MXK *caP*; KNK *jam*
PK **ty*
OFA *xaːʔ*$_{G}$, *xa*$_{MP}$
PJab **čã* ‘semente’, **čã-ka* ‘olho’, **čã(-ka)-y* ‘lágrima’

‘fogo’:
PJ **kucym* > PCerr **kucym*
PTSF **kyjam* > MXK *kycaP*
PK **he-koty*

‘tomar banho’:
PJ **jôm* > PJG **ĵû/*ĵwâ-r*
PTSF **jum* > KNK *jum*
PJab **ǰo*

‘mão’:
PJ **ñĩm-* (formativo) > PCerr **ñĩm-* (formativo); PJM **nĩ-* (formativo)
JAI ‹ae**nae**nong› ‘mão’
PTSF **ñĩm* > MXK *ñĩP* ‘mão, braço’
KMK ‹guangäh**ni** tschoh ~ guangäh **ni**tscho›$_{M}$ ‘dedo, unha’, ‹**nhin**djú›$_{SO}$ ‘dedo’, MGY ‹**ni**hitió› ‘mão’, ‹**ny**hitiocrin› ‘dedo’, ‹**in**hindió (inhin *breve e indistinto*)› ‘dedão’ → *#nĩcô*; KMK ‹**nhin**djouká›$_{SO}$ ‘unha’, ‹**ñôn**côkás›$_{G}$ ‘unha’, MGY ‹**ni**hitioca› ‘unha’ → *#nĩcô-ka*; KMK ‹guangäh**ni** kreschi nighör›$_{M}$ ‘mão’, MGY ‹**nin**kre (kre *muito breve*)› ‘mão’, MEN ‹**in**crú› → *#nĩkrV*; KMK ‹**nin**cas›$_{SO}$ ‘mão’, ‹**nên**kišk›$_{G}$ ‘mão’ → *#nĩkVs*
PK **de-* (formativo)
OFA *jĩj(ʔ)*$_{G}$, *ĩ*$_{MP}$, *jĩ*$_{ER}$
PJab **nĩ-* (formativo)

‘árvore, chifre’:
PJ **kâ$_{I}$m* > PCerr **kôm*; PJM **kə*
PTSF **kym* > MXK *kyP*
MAS ‹zigöh-**ku**› ‘umbu’, ‹schüö**kuh**› ‘coxa’, ‹mutg**kú**› ‘milho’ → *#ku*
PK **ko*
OFA *heɰ(ʔ)*$_{G}$, *həːˀ*$_{MP}$ (/-n/ subjacente; OLIVEIRA, 2006, p. 79)
PJab **ku*

3.2.3.14. **-n°*

A coda **-n°* do Proto-Macro-Jê pôde ser reconstruída para apenas dois itens, em que é preservada em Proto-Jê como **-n* (a mudança na notação é ortográfica apenas: tanto PMJ **-n°*, como PJ **-n* denotam uma coda dental nasal seguida de uma vogal eco). É refletida como Maxakalí *-T* (não encontramos cognatos em Krenák, mas a correspondência esperada seria KNK *-n* < PTSF **n*). Em Karajá, Rikbáktsa e Proto-Jabutí, a coda **-n°* desaparece. Em Ofayé, o reflexo de PMJ **mbi$_{I}$n°* ‘água’ possui alomorfes com e sem um segmento nasal em coda, que Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006, p. 78–79) atribui a uma coda nasal subjacente (cf. também GUDSCHINSKY, 1974, p. 243, nota 8).

‘costela’
PJ **mbyn* ‘rabo’ > PCerr **mbyn*; PJM **mby*
PTSF **pan* > MXK *paT* ‘costela’
RKB *p-ek*

‘água’:
PJ **mbêˌn* ‘líquido’ > PCerr **mbên*; PJM **mbê* (vb. **mbe-n*)
PK **be*
OFA *ɸiěʔ, ɸi(ě)n-*G, *ɸie, ɸin-, ɸĩ*MP (/-n/ subjacente), *ɸi, ɸin-*JS
RKB *pi-hik*
PJab **mbi*

3.2.3.15. **-ñ°*

A coda **-ñ°* do Proto-Macro-Jê é refletida como PTSF **-ñ* (> MXK *-C*, KNK *-n*), mas desapareceu nas demais famílias (não dispomos de exemplos de seu desenvolvimento na língua Rikbáktsa). Em Karajá, parece ter desencadeado uma tensão dos núcleos, fazendo com que os mesmos adquirissem o traço [+ATR]. Em Ofayé, o reflexo de PMJ **juñ°* ‘dente’ apresenta um comportamento morfofonológico peculiar que Maria Pankararu (OLIVEIRA, 2006, p. 79) atribui a uma coda nasal subjacente.

‘dente’:
PJ **jô* > PCerr **jwa*; PJM **ja*
PTSF **juñ* > MXK *cuC*; KNK *jun*
KMK ‹anköh **tchoh**›M, ‹**dju**›SO, ‹nãn-**co**, nãn**cô-**›G, MGY ‹**dió**›, MEN ‹**jo**›, MAS ‹**thüoh**› → *#cô*
PK **lû*
OFA *xeʔ*G, *xeː ~ xê*MP (/-n/ subjacente), *xe*ER
PJab **ǰo*

‘buraco’:
PJ **kô* > PJS **kwa* ‘poço’; PJM **-ka* (em compostos)
PTSF **kuñ* > MXK *kuC*
MGY ‹aekó› ‘buraco’ → *#kô*; KMK ‹aenköh nini**koh**›M, ‹ninji**cô**›SO, ‹nydy**kô**, nin**ko**›G, KTX ‹nii**ka**›, MGY ‹nihie**kó**›, MEN ‹inschi**wó**›, MAS ‹tchüch**goh**› ‘nariz’ → *#ñĩǰi-kô*
PJab **ko*

derivado: **‘céu’:**
JAI ‹maecó›
PTSF **pêñ-kuñ ~ *pêŋ-kuñ* > MXK *peCkuC*
PK **bikû* ‘chuva, céu’
PJab **mbe-ko* (> DJE *be-kö-kö* ‘céu’)

derivado: **‘boca’:**
PJ **jar-kô* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹diharicô›SO, MGY ‹häräko›, MEN ‹jniatagó› → *#ǰara-kô/ǰata-kô*
PJab **ǰa-ko*

3.2.3.16. **-ŋ°*

A coda **-ŋ°* é provisoriamente reconstruída para dar conta da correspondência entre PJ **k* e PTSF **ŋ*. Provavelmente existiu, em Proto-Macro-Jê Oriental, um marcador de não-finitude que possuía essa forma (ver **5.3**). Não pudemos identificar formas cognatas em línguas Macro-Jê que não pertencessem ao ramo Oriental.

‘assoprar.NF’:
PJ **(ka-)kə̂₁-k* ‘vento’ > PCerr **(ka-)kôk*; PJM **kã-kə* (vb. **kã-kə-n*)
PTSF **kwy-ŋ* > MXK *mũ=kuy-K*

‘raiva, zanga’:
PJ **ŋgryk* > PCerr **ŋgryk* ‘raiva’
PTSF **ŋgraŋ* > KNK *ŋgraŋ* ‘zangado; cobra’

3.2.3.17. **-r*

A coda PMJ **-r* tem por reflexos PJ **r*, PTSF **-t*, PK **-r*, Rikbáktsa *-rV*, Proto-Jabutí **-rV* (no único caso disponível, a vogal inserida é **ã* após a rima **-ũr*). O único exemplo Ofayé disponível apresenta uma sequência vocálica para a qual hesitamos fornecer uma interpretação fonológica. Provavelmente existiu, em Proto-Macro-Jê, um marcador de não-finitude que possuía a forma **-r* (ver **5.3**).

‘chorar.NF’:
PJ **mbô-r* > PJS **mbə̂-r*
PTSF **pu-t* (RLS) > MXK *pu-t-a*, RIT *pu-T*; KNK *puk*
PK **bu-r*

‘envira, corda’:
PJ **ñũr* > PCerr **ñõr*
PJab **nũrã*

‘gritar, chamar.NF’:
PJ **ky-r* > PCerr **ky-r*
PTSF **ka-t* > MXK *ca-t-a*, RIT *ca-T* ~ *ca-t-a*; KNK *kak* ‘chamar’
(?) PK **ry* (se generalizado a partir de **ky*, NMLZ **[r]y*)

‘macaxeira’:
PJ **kôr* > PJG **kwə̂r*
PTSF **kut* > MXK *kuT*

‘dormir’ (F):
PJ **ũ₁r* > PCerr **ŋõr/*ñõt*; PJM **nũr*
PTSF **hũt* (IRR) > MXK *mũ=hũT*
PK **õrõ*
OFA *wõĕʔ*G, *õê/jõh-*MP/JS
RKB *uru*

3.2.3.18. **-j*

A coda PMJ **-j* tem por reflexos PJ **j'* e PTSF **-c*. Nas línguas Karajá, Ofayé e Jabutí parece ter sofrido uma elisão. Não identificamos nenhum provável reflexo do único étimo disponível em Rikbáktsa. Apesar de se fundamentar em apenas dois exemplos, a reconstrução de PMJ **-j* parece uma opção viável à luz do suposto paralelismo com PMJ **-r*, que também possui um reflexo surdo em PTSF.

'casca, pele':
PJ **kyj'* > PCerr **kyj'*; PJM **jãn-ky* 'boca' (vb. **jãn-ky-n*)
JAI ‹aenaenong**siaé**› 'unha' (cf. ‹aenaenong› 'mão')
PTSF **kac* > MXK *caC*; KNK *kat*
KMK ‹an**ká**›$_{SO}$ → *#ka*
PK **ky* 'fibra de casca'
OFA *ha*ʔ$_{G}$, *ha*$_{MP}$
PJab **-ka* 'parte do corpo (*formativo*)'

'folha':
PJ **cə̂$_{1}$j'* > PCerr **côj'*
PTSF **jyc* > MXK *cyC*; KNK *jət*

3.2.3.19. **-w°*

A coda PMJ **-w°* tem por reflexos PJ **-^{P}* (ver subseção **3.2.3.1**) e PTSF **-w*. Nas línguas Jabutí parece ter sofrido uma elisão. Não identificamos nenhum provável reflexo do único étimo disponível nas línguas Karajá, Ofayé e Rikbáktsa. Apesar de se fundamentar em um único exemplo, a reconstrução de PMJ **-w°* parece uma opção viável à luz do suposto paralelismo com PMJ **-r°*, que possui um reflexo análogo em Maxakalí (uma sequência de uma oclusiva surda seguida de uma cópia da vogal). Uma opção alternativa seria reconstruir PMJ **jop* 'pus', mas neste caso seria necessário excluir o item Maxakalí da comparação ou segmentá-lo como "*cap-a*" (um sufixo com a forma *-a* de uma função desconhecida é encontrado em alguns verbos na forma *irrealis*, tais como *put-a* 'chorar' e *tup-a* 'voar.SG').

'pus':
PJ **ju$_{2}^{P}$* > PCerr **jup-r*; PJM **θô* (vb. **θo-m*)
(?) PTSF **jow* > MXK *capa*
PJab **jô* 'pus, seiva'

3.2.3.20. **-r°*

A coda **-r°* do Proto-Macro-Jê foi preservada em Proto-Jê e Ofayé como *(*)-r* (a mudança na notação é ortográfica apenas: tanto PMJ **-r°*, como PJ **-r* e OFA *-r* denotam um rótico seguido de uma vogal eco). Em PTSF, seu reflexo é **-r* (> MXK *-tV*; KNK zero). Em Rikbáktsa, é refletida como *-V*. Nas línguas Jabutí, é elidida. Não dispomos de exemplos referentes ao Karajá.

‘jirau’:
PJ **par* > PCerr **par*
(?) OFA *ĩ(-)ɸer* ‘lenha’
RKB *para*

‘pé’:
PJ **par* > PCerr **par*; PJM **pãn*
PTSF **por* > MXK *pata*; KNK *po* ‘pé, mão’
(?) KMK ‹uádhê›$_{SO}$, ‹uadê›$_{G}$, KTX ‹hoate›, MGY ‹uadä›, MAS ‹huachtöh› → *#h^{w}ate*
OFA *ɸar*
RKB *pyry*

‘asa, axila’:
PJ **jar(a)* ‘asa’ > PJG **jara*, PJM **θ-ãr*; PJ **jara(C)* ‘axila’ > PJG **jara-kre*, PJM **jãrã* (vb. **jãrã-n*)
RKB *xara* ‘asa, pena’
PJab **ǰa-ko-* ‘axila’

‘boca’:
PJ **jar-* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’, **jãn-ky* ‘boca’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹**dihari**cô›$_{SO}$, MGY ‹**härä**ko›, MEN ‹**jniata**gó›, MAS ‹**t(chiatta**› → *#ĵara-kô/ĵata(-kô)*
OFA *xerěʔ*$_{G}$, *xer*$_{ER}$, *ere*$_{MP}$ (possivelmente 2SG)
(?) RKB *xak* ‘lábio, boca (*em compostos*); *xay-* ‘boca (*em compostos*)’
PJab **ǰa-ko*; **ǰa-* (em compostos)

3.2.3.21. **-j°*

A coda **-j°* do Proto-Macro-Jê é reconstruída para a correspondência entre Proto-Jê **-j’* (coda preservada apenas no sub-ramo Akuwẽ) e Proto-Transanfranciscano **-ñ* (> MXK *-C*, KNK *-n*). Nas demais famílias (incluindo as línguas Jê de Goyaz, Jê Meridionais e Kamakã), o reflexo de PMJ **-j°* parece ser zero. Ainda não achamos reflexos dos itens que contêm PMJ **-j°* nas línguas Jabutí.

‘testa, rosto’:
PJ **kâ₁j’* ‘testa’ > PA **kuj-həj // *kuj-hə*
PTSF **kyñ* > MXK *kyC*; KNK *kən* ‘testa’
KMK ‹a**ckühh**›$_{M}$, MGY ‹a**ké** (e *breve e acent.*, a *indist.*)›, MAS ‹**küh**› ‘testa’ → *#ky*
PK **ko* ‘rosto’
OFA *həʔ* ‘rosto’$_{G}$, ‹-hǫ́› ‘testa’$_{CN}$

‘cabeça’:
PJ **krỹj’* > PCerr **krãj’*; PJM **krĩ* (vb. **krĩ-n*)
JAI ‹**grang**blá› ‘cabeça’, ‹**grang**sché› ‘cabelo’
PTSF **krỹñ* > MLL *#kã*; KNK *krẽn*
PK **rã*
OFA *kǎteːʔ*$_{G}$, *gateː*$_{MP}$
RKB *hara* ‘coisa redonda’, *har-ek* ‘cabeça’ (cf. *ek* ‘perna’ < *‘osso’)

derivado: **‘joelho’:**
PJ **jV-krỹñ* > PA **hikrə̃j // *hikrə̃*; PJM **jəkrĩ*
OFA *hijkə̆teʔ*$_{G}$
RKB *ekara*

3.2.3.22. Zero

Abaixo apresentamos as etimologias que são compatíveis com a reconstrução de sílabas sem coda para o Proto-Macro-Jê.

‘fazer’:
PJ **-pê$_{I}$* > PCerr **a-pê/*jV-pê-ñ’*
PTSF **pi* > KNK *pi*

‘lavar.F’:
PJ **-pê* > PJM **-pê*
PTSF **pi* (IRR) > MXK *pi*
(RKB *pik* — possivelmente continua a forma não finita)
PJab **pi*

‘DAT’:
PJ **mə̃* > PCerr **mə̃*; PJM **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py*; KNK *pə*
PK **mə̃* ‘LOC’, **t-amə̃* ‘DAT.3, ALL.3’
(?) RKB *mỹ- ~ mũ-* ‘FUT’ (*p-* diante de vogais)
PJab **mə̃* > DJE *mə̃* ‘DAT, FUT’

‘e.DS’:
PJ **mə̃* > PJS **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py* ‘FND.DS’

‘chorar.F’:
PJ **mbô* > PJS **mbû*
PTSF **pu* (IRR) > MXK *pu*, RIT *pu*
PK **bu*

‘ir.PL.F’:
PJ **mũ$_{I}$* > PCerr **mõ*; PJM **mũ* (vb. **mũ-n*)
PTSF **mũ* (IRR) ‘ir’ > MXK *mũ*; KNK *mũ*
KMK ‹mã›$_{G}$, MGY ‹man› → *#mã*

‘matar.F’:
PJ **wĩ* > PCerr **wĩ* ‘matar.SG’
PTSF **wĩ* (IRR) > MXK *mĩ* ‘fazer’, RIT *mĩ* ‘matar’
(?) PK **we* ‘furar, dar facada’
OFA *wĩ*$_{G}$ ‘atirar’

‘pegar, carregar.F’:
PJ **wy* > PJS **by* ‘pegar.SG’
PTSF **wa* > MXK *pa*, RIT *ba* ‘pegar.INAN.SG’
PK **wy* ‘carregar’
OFA *wa*$_{JS}$ ‘pegar’
PJab **wa(j)* > DJE *wa* ‘pegar, comprar’

‘INSTR’:
PJ **tə̃* > PCerr **tə̃*; PJM **tə̃* ‘ERG, INSTR’
PTSF **ty* ‘LOC’ > MXK *ty*; KNK *tə*
(?) RKB *tuk*

‘ir.SG.F’:
PJ **tẽ* > PCerr **tẽ*; PJM **tĩ* (vb. **tĩ-n*)
PTSF **nẽ* (IRR) ‘vir’ > MXK *nỹ*; KNK *nĩ*
KMK ‹hi ni!, hini!›$_{G}$ ‘vem!’, MEN ‹ni› ‘ir depressa; vem!’ → *#nĩ*

‘GEN’ → ‘ERG’:
PJ **te* > PCerr **te* ‘GEN, ERG’
PTSF **tê* ‘ERG’ > MXK *te* ‘ERG/NOM’; KNK *ti* ‘eu’, *ho-ti* ‘tu’

‘LOC’:
PJ **ri* > PJS **ri*
PTSF **-re* > MXK *-te* (*nỹ-te* ‘aqui’, *nũ-te* ‘aí’, *ũ-te* ‘lá’), RIT *-de* (*nỹ-de* ‘aqui’, *nũ-de* ‘aí’, *ũ-de* ‘lá’); KNK *-re* (*hak-re* ‘onde’)

‘vagina’:
PJ **cu$_{I}$* > PJM **θu*
PTSF **jo* > KNK *jo*
PK **ty*

‘morder’:
PJ **nĵa* ‘morder’ > PCerr **nĵa/*nĵa-r’*; (?) PJM **cã* ‘caça’
PTSF **co* > MXK *ca* ‘morder, picar’

‘nariz’:
PJ **ñĩja* > PCerr **ñĩja-kre*; PJM **nĩjã*
PTSF **ñĩji* > RIT *ñĩci-ku$_{C}$* ‘focinho’, HHH *#cihĩ*, MLL *#seje* ~ *#seji* ‘nariz’
KMK ‹aenköh **nini**koh›$_{M}$, ‹**ninji**cô›$_{SO}$, ‹**nydy**kô, **nin**ko›$_{G}$, KTX ‹**nii**ka›, MGY ‹**nihie**kó›, MEN ‹**inschi**wó›, MAS ‹**tchü**chgoh› → *#ñĩji-kô*
PK **deã-θə̃* ‘nariz’, **deã-ti* ‘osso do nariz’
OFA *jĩxe*$_{ER}$ (em outras fontes ‘bico’); *jĩxej-ha*$_{G}$; *nĭxej-kĕrĩʔ*$_{G}$, *ẽxê-gri*$_{MP}$

‘derramar.F’:
PJ **-jô* > PCerr **ja-jwa* ‘derramar, colocar deitado.PL’
PTSF **ju* (IRR) > MXK *nỹ=cu*; KNK *ju*

‘deixar.F’
PTSF **ji* (IRR) > MXK *ci* ‘deixar, emprestar’
(RKB *dik* ‘deixar, encostar, colocar no fogo’ — possivelmente continua a forma não finita)

‘colocar deitado.F’:
PJ **ji* > PCerr **ji*; PJM **ji*
PTSF **je* (IRR) > MXK *ce*
(PK **lid* (Karajá, Xambioá) ~ **lîd* (Javaé) — possivelmente continua a forma não finita)
OFA *xi, xi-ke*$_{G}$, *xirê, xi꞉-gê*$_{MP}$ ‘estar deitado, deitar-se’
PJab **ĵi*

‘frio’:
PTSF **-ji* > MXK REL-*ci*
PJab **ĵiĵi*

‘cabelo, pelo’:
PJ **-ki* > PA **-hi*; PJM **ky-ki*
JAI ‹grang**sché**› ‘cabelo’ (cf. ‹grangblá› ‘cabeça’)
PTSF **ke* > MXK *ce*; KNK *ke*
MGY ‹a(e)n **köh**›$_{M}$, ‹rô**kê**›$_{G}$, KTX ‹**qué**›, MGY ‹**kä**›, MEN ‹inin**gé**› ‘cabelo’, ‹ín**gé**› ‘pena’, MAS ‹**chöh**› → *#kê*

‘gritar, chamar.F’:
PJ **ky* > PCerr **ky*
PTSF **ka* (IRR) > MXK *ca*

‘dançar, cantar.F’:
PJ **ŋgre* > PCerr **ŋgre* ‘cantar’; PJM **ŋgre* (vb. **ŋgre-n*) ‘dançar’
PTSF **ŋgrê* (IRR) ‘cantar’ > MXK *kte*; KNK *ŋgri*
PK **u(-)θi* ‘dançar’
OFA *kărih*$_{G}$, *gri-(g)ê*$_{MP}$, *gri*$_{JS}$ ‘cantar’
RKB *kari*
PJab **ŋgre* ‘dançar’

3.3. Classificação interna do tronco Macro-Jê

Alguns desenvolvimentos fonológicos, combinados com determinadas evidências lexicais, permitem levantar hipóteses relativas ao subagrupamento do tronco Macro-Jê.[81] Mais especificamente, acreditamos que as famílias historicamente distribuídas ao leste do Araguaia (Jê, Maxakalí, Krenák, Kamakã e aparentemente Jaikó) pertencem a um agrupamento que chamamos de Macro-Jê Oriental, e as famílias distribuídas ao oeste do Araguaia (Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí) formam parte de mais um agrupamento, que recebe aqui o nome de Macro-Jê Ocidental. Como já dissemos acima, as famílias Maxakalí, Krenák e, possivelmente, Kamakã são relacionadas entre si em um nível ainda menos profundo, formando uma família que chamamos de Transanfranciscana. Das línguas Macro-Jê Ocidentais, o Ofayé e o Rikbáktsa parecem ser mais próximas uma à outra do que à família Jabutí; embora as evidências sejam inconclusivas, propomos,

[81] A única outra proposta classificatória da qual temos conhecimento é aquela de Rodrigues (1999, p. 166–168), porém a divisão sugerida por esse autor baseia-se estritamente em critérios geográficos e não é, portanto, uma proposta de subagrupamento. Para Rodrigues, as famílias Jê e Karajá são agrupadas em um ramo chamado Central, as famílias ao leste do Araguaia (incluindo as famílias Purí, Karirí e Yaathê) são inseridas em um ramo denominado Oriental, ao passo que as famílias ao oeste do Araguaia (incluindo Guató) formam um ramo chamado Ocidental.

provisoriamente, o rótulo “Matogrossense” para o agrupamento formado pelo Ofayé e pelo Rikbáktsa. O Karajá não pôde ser incluído nem no Macro-Jê Oriental nem no Macro-Jê Ocidental. Dessa forma, acreditamos que o subagrupamento do tronco Macro-Jê configura um padrão trifurcado, tal como mostramos no cladograma na Figura 3.3.

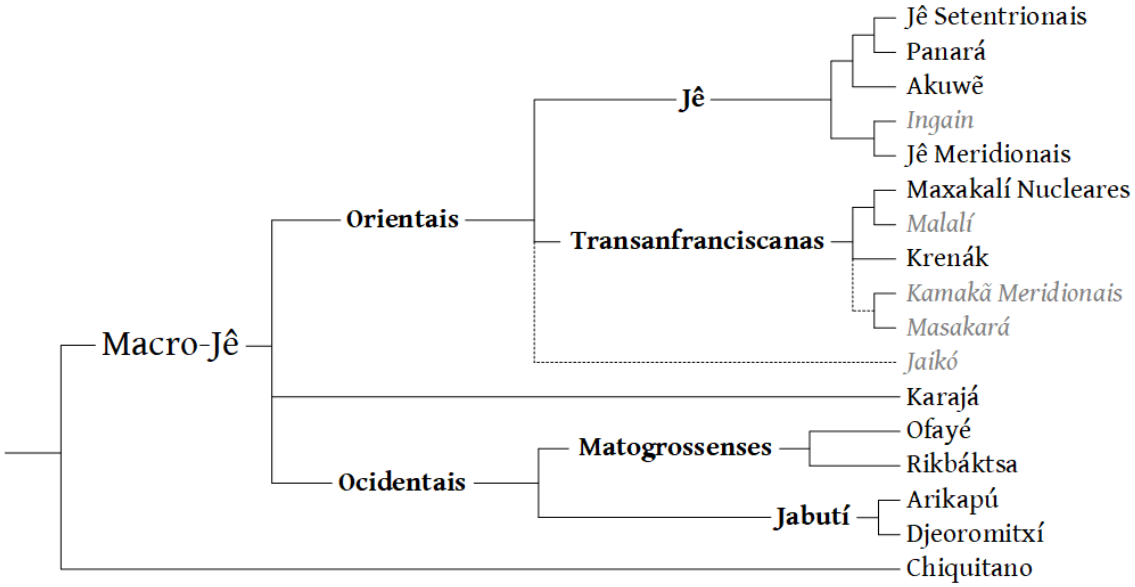


Figura 3.3. Cladograma do tronco Macro-Jê

As inovações compartilhadas que apontam para a classificação defendida nesta subseção são como segue.

O ramo **Oriental** é caracterizado pela fusão de PMJ **a* e **ã* (compartilhada também pelo Karajá). Apenas as línguas desse ramo apresentam reflexos dos itens que contêm Proto-Macro-Jê (ou talvez Proto-Macro-Jê Oriental) **ẽ* e **ŋg.* Além disso, é elevado o número de etimologias Macro-Jê que envolvem apenas as línguas desse ramo (no **Apêndice A** estas são marcadas com L = Leste, totalizando 35–38 etimologias). As línguas do ramo Oriental apresentam ainda afinidades morfossintáticas, que serão discutidas em detalhe no capítulo **5**; em particular, apenas nas línguas desse ramo ocorrem reflexos da posposição ergativa **tê*.

O ramo **Ocidental** compartilha inovações tais como a fusão de PMJ **a* e **ỹ* (ambos tem por reflexos OFA *e*, RKB *a*, PJab **a*), o abaixamento de PMJ **u* (OFA *e*, RKB *a*, PJab **o*) e o enfraquecimento de PMJ **c* (OFA *h*, RKB, PJab zero). Além disso, há diversas etimologias Macro-Jê que envolvem apenas as línguas desse ramo (no **Apêndice A** estas são marcadas com W = Oeste). Dentro do ramo Ocidental, o Rikbáktsa e o Ofayé compartilham a perda do arredondamento de PMJ **u* (provavelmente abaixado para **o* na protolíngua do ramo Ocidental), que se fundiu com PMJ **a* e **ỹ*, a epêntese de uma vogal entre os elementos dos ataques ramificados (tais como **kr*) e a emergência de afixos potencialmente cognatos (OFA *-kV-*, RKB *-hV-*) que

ocorrem entre os índices pessoais e os respectivos temas, funcionando como um pluralizador do argumento indexado (ver **4.2.3**).

O subagrupamento aqui defendido é necessariamente provisório; é possível que algumas das inovações que subjazem a nossa proposta sejam, na realidade, consequências de uma difusão areal das inovações.

3.4. Posição do Chiquitano

Nas etimologias citadas na seção **3.2** acima, não fornecemos os prováveis cognatos do Chiquitano porque acreditamos que as variedades deste último agrupamento não descendem diretamente do Proto-Macro-Jê, tal como reconstruído neste capítulo (*pace* ADELAAR, 2008), e sim de uma protolíngua ainda mais antiga ("Proto-Macro-Jê *lato sensu*"). O motivo para tal suposição consiste não apenas na baixa quantidade de possíveis cognatos entre o Chiquitano e as demais línguas Macro-Jê,[82] mas também na impossibilidade de determinar quais segmentos do Chiquitano poderiam corresponder a uma grande parte dos segmentos reconstruídos para o Proto-Macro-Jê (incluindo todos os encontros consonantais do tipo **Cr*, tão característicos do Proto-Macro-Jê). Abaixo listamos as etimologias mais convincentes que vinculam o Chiquitano às línguas Macro-Jê; as correspondências sonoras serão discutidas após a exposição do material. As reconstruções das formas do Proto-Chiquitano são aquelas de Nikulin *et al.* (manuscrito); para as correspondências fonológicas, vide **Apêndice H**. As reconstruções do Proto-Macro-Jê baseadas nos dados de duas ou mais famílias do tronco são reproduzidas normalmente; as reconstruções baseadas nos dados de apenas uma família do tronco Macro-Jê *stricto sensu* (e nos dados do Chiquitano) são precedidas de um ponto de interrogação.

PChq		PMJ
**-pa*	braço, asa	**paj(°)* 'braço, galho'
**pe-*	fogo	**pĩm*° 'lenha, madeira'
ape**-*	céu	**mbêñ*° ~ **mbêŋ(°)* 'céu'
-sU-to***	olho, buraco (cf. **-su* 'rosto')	**ndôm*° 'olho'
**-tyy*	pescoço	**ndoɪñ* 'pescoço'

[82] A situação do Chiquitano contrasta com aquela de línguas como o Ofayé, o Jaikó ou as variedades Kamakã, cujo material integra um baixo número de etimologias Macro-Jê, pois no caso dessas línguas a pesquisa etimológica é severamente limitada pelo tamanho reduzido do *corpus* e pela baixa qualidade do material documentado. O Chiquitano não sofre de tais restrições: das línguas analisadas nesta tese, o Chiquitano perde apenas para as línguas Jê e Maxakalí no que diz respeito à extensão do *corpus* disponível e à qualidade da transcrição dos dados.

PChq		PMJ
*-*otu*$_{[+nas]}$	língua	**ñ-ũ$_{I}$ctôk* ‘língua’
**ta-*	chuva	**ndaj(°)* ‘chuva’
-asu*** (ou **asu-**sy**-*)	folha	**cy$_{I}$j* ‘folha’
**su-*	sol	? **cu(C)* (apenas PK **tû*)
**-a-*	comer	**j-at* ~ **j-an*° ‘comer (intr.)’
**-ʔiña*	nariz	**ñ-ĩ̃ja* ‘nariz’
**-yʔy*	urina	**j-ə̂c* ‘urina’
añe**-*	carne	**ñ-ĩ̃t* ‘carne’
**-ki*	pelo, pena	**ke* ‘cabelo, pelo’
-tapa-ky***	chifre (cf. **-tapa* ‘perna’)	**ky$_{I}$m*° ‘árvore, chifre’
**kypy-*	mosca	**ky$_{I}$p*° ‘mosca, carapanã’
**ky-*	terra	? **ŋgy(C)* ‘terra’ (apenas PJM **ŋgə* ‘terra’)
**-ãʔã*	fezes	**ñ-Ṽ̃t*° ‘fezes’
**-oʔo / *-ts-oʔo*	dente	**j-uñ*° ‘dente’
**-ẽʔẽ*	mão	**ñ-ĩ̃m*° ‘mão’
**-i*	perna (cf. **-pa-ʔi* ‘osso’)	**cet* ~ **cek* ‘osso, perna’
**iš-*, **ij-*	1SG.F/M	**iñ* ‘eu^{INT}’
**a-*	2	**a-* ‘2^{INT}’, **a* ‘tu’ (> PJS **ga*)
**i-*	3	**i$_{I}$-* ‘3^{INT}’, **i* ‘ele/ela’ (> PJS **gê*)
**o-*	1+2	**u-* ‘1+2^{INT}’, **o* ‘nós.INCL’ (> PJS **gu*)

Quadro 3.16. Chiquitano e Macro-Jê

É possível depreender algumas correspondências sonoras regulares entre o Proto-Chiquitano e o Proto-Macro-Jê. As vogais **a* e **y* de ambas as protolínguas correspondem uma à outra. As vogais altas (**u/*ũ/*i/*ĩ*) e médias-baixas (**o/*e*) do Proto-Macro-Jê normalmente correspondem, respectivamente, às médias e altas do Proto-Chiquitano. Entretanto, em sílabas não finais PMJ **i/*ĩ* correspondem a **i/*ĩ* do Proto-Chiquitano (‘nariz’, prefixos pessoais). Os alofones pós-oralizados das nasais subjacentes do Proto-Macro-Jê (**mb, *nd, *ŋg*) correspondem, em

Chiquitano, a oclusivas surdas (*p, t, k*). PMJ **c* corresponde a PChq **s* em alguns itens e a zero em outros. As codas do Proto-Macro-Jê geralmente correspondem a zero em Chiquitano, mas PMJ **ky₁p°* 'mosca, carapanã' corresponde a Proto-Chiquitano **kypy-* 'mosca', sugerindo que em alguns casos as palavras do Proto-Macro-Jê que possuem uma vogal eco poderiam ter como origem palavras dissilábicas.

Torna-se claro que a proposta de Adelaar (2008) é correta no que tange à existência de uma relação genética entre o Chiquitano e as línguas Macro-Jê, porém o mesmo não pode ser dito sobre sua hipótese relativa à classificação do Chiquitano dentro do tronco Macro-Jê (de acordo com o autor, sua posição seria "bastante próxima à da família Jê (sobretudo ao Jê do Norte e ao Jê Central) e talvez à do Ofayé"; ADELAAR, 2008, p. 25). Em particular, a inexistência de possíveis cognatos que envolvam os ataques ramificados do Proto-Macro-Jê, tais como **kr, *ŋ(g)r, *pr, *m(b)r*, torna a classificação do Chiquitano como uma família constituinte do tronco Macro-Jê implausível.

3.5. Relação com Tupí

Como já foi adiantado no capítulo **2**, nesta tese consideramos plausível a hipótese que vincula o Proto-Macro-Jê ao Proto-Tupí (ver também RODRIGUES, 2009, que adiciona a família Caribe à proposta). Identificamos alguns possíveis conjuntos de cognatos envolvendo formas reconstruídas dessas duas protolínguas. Em todos eles, o ponto de articulação dos *onsets* e das codas coincide em PMJ e PT. Não foram admitidas comparações entre vogais anteriores e não anteriores, e nem itens com semântica divergente, a fim de minimizar os falsos positivos.

No Quadro 3.17 a seguir, comparamos algumas formas reconstruídas do Proto-Macro-Jê com aquelas do Proto-Tupí, servindo-nos de nossa própria reconstrução de ambas as protolínguas (cf. NIKULIN, CARVALHO, manuscrito e **Apêndice G** para a nossa reconstrução do Proto-Tupí, baseada, com algumas modificações, nas reconstruções de protolínguas intermediárias de MOORE, GALUCIO, 1993; MELLO, 2000; GALUCIO, NOGUEIRA, 2011; PICANÇO, 2005, 2020; MEIRA, DRUDE, 2015).

Proto-Macro-Jê		Proto-Tupí	
**pâr°*	pé	**py* (npos. **mb-*)	pé
**py₁k°*	acender	**puᴋ*	queimar
**mbâ(C)*	fígado	**py(-)ʔa* (npos. **mb-*)	fígado
**mbi₂n*	marido	**mẽᴛ*	marido

Proto-Macro-Jê		Proto-Tupí	
**wĩ*	matar	**wĩ*	matar
**ta-*	3CRF	**tə-*	3CRF
**tẽ-m*	ir/vir.SG.NF	**(a-)tẽP*	sair/chegar
**ñ-Ṽt°*	fezes, tripa	**j-ṼT*	fezes
**j-a-m*	ficar em pé.NF	**ʔãP*	ficar em pé
**j-ə̂c*	urina	**jy*	urina
**jo₂m*	pai	**juP*	pai
**j-uñ°*	dente	**j-ãC*	dente
**-jet*	nome	**j-eT*	nome
**ñ-ĩt*	carne	**ẽT*	carne
**ky₁m°*	árvore, pau, tronco, chifre	**ɬɯP*	árvore, pau
**k₂o(C)*	ingerir	**ɬu*	ingerir
**ŋgy(C)*	terra	**ɬɯC*	terra
**ũp*	dar	**ũP*	dar
**i-*	3	**i-*	3

Quadro 3.17. Tupí e Macro-Jê

Apesar do tamanho limitado do *corpus*, é possível observar algumas correspondências sonoras recorrentes entre o Proto-Macro-Jê e o Proto-Tupí, tais como PMJ **â* ~ PT **y* (vogal que reconstruímos para a correspondência observada entre Proto-Tuparí **i*, Karitiána *i*, Proto-Mundurukú **i*, Proto-Mawé-Guaraní **y*), PMJ **y* ~ PT **ɯ* (vogal que reconstruímos para a correspondência observada entre Proto-Tuparí **y*, Karitiána *e*, Proto-Mundurukú **i*, Proto-Mawé-Guaraní **y*), PMJ **o* ~ PT **u*, PMJ **k*/**ŋ* ~ PT **ɬ* (consoante que reconstruímos para a correspondência observada entre Proto-Tuparí **k* e **ʔ* nas demais famílias). A nasalidade do núcleo geralmente coincide entre o Proto-Macro-Jê e o Proto-Tupí, mas em dois casos (‘marido’, ‘dente’) tem-se uma correspondência entre um núcleo oral do PMJ (seguido de uma coda nasal) e um núcleo nasal do Proto-Tupí. É possível que algumas codas nasais etimológicas nasalizaram os núcleos que as precediam na pré-história do Proto-Tupí. No geral, as codas do Proto-Macro-Jê correspondem muito bem às codas do Proto-Tupí (porém nesta última protolíngua

não há contraste entre os diferentes modos de articulação). Somente nos itens para ‘pé’ e ‘urina’ a coda do Proto-Macro-Jê corresponde a zero em Proto-Tupí. Os itens para ‘ficar em pé’ e ‘ir/vir, sair/chegar’ mostram que os temas verbais do Proto-Tupí potencialmente correspondem à forma não finita dos verbos do Proto-Macro-Jê.

Notamos ainda alguns itens que foram preservados apenas em ramos isolados dos troncos Macro-Jê ou/e Tupí (ou pelo menos não conseguimos encontrar seus cognatos em outras línguas dos respectivos troncos), mas que apresentam as mesmas correspondências sonoras que os itens reconstruíveis para ambas protolínguas. Por motivos geográficos, parece-nos pouco provável que se trate de empréstimos; é mais plausível supor que nesses casos determinadas línguas Macro-Jê e/ou Tupí apresentam retenções de étimos perdidos (ou ainda não atestados) nas demais línguas dos respectivos troncos. Tais itens não podem servir como evidência central a favor da origem comum dos troncos Tupí e Macro-Jê, mas eles reforçam a hipótese do parentesco quando combinados com a evidência apresentada acima.

formas em que é baseada a reconstrução PMJ	PMJ	PT	formas em que é baseada a reconstrução PT
‘braço, galho’ (ver Apéndice A)	**paj(°)*[83]	? **paʔ*	Proto-Mundurukú **pa̱*
PCerr **ndap* ‘azedo, amargo’	? **ndap°* ~ **ndâp°*	**ndəP*	Tuparí *teP-ʔa* ‘amargo’, *teP-ʔyT* ‘azedo’; Proto-Mundurukú **cyp*; Proto-Mawé-Guaraní **ðoP* ‘amargo’
PJS **ndep* ‘maduro’ (?) MXK *teP-ta* ‘banana’ (?) RKB *nene* ‘maduro’	? **ndêp°*	? **teP* ~ **ndeP*	Tuparí *teP*
PJ **tê₂t* > PCerr **tjat* ‘queimar’; PJM **têr* (vb. **te-n*) ‘morrer.ACT’	? **ti₂t°*	? **tiT*	Salamãy *tíːt*, Mondé *tírí*, Suruí-Paitér *cíːr*
PCerr **wôj/*wôc* ‘chegar’	? **wy₁c°*	**wuC* ‘sair, chegar’	Káro *wyj* ‘sair’, Puruborá *wy* ‘sair’, Yudjá *wy* ‘chegar’

[83] A coda palatal neste item é reconstruída por causa do reflexo em um único ramo, Akuwẽ, em que essa raiz ocorre como **paj-* em compostos (**paj-hi* ou **paj-nõ* ‘braço’). Nos outros ramos (Jê de Goyaz, Jê Meridional, Ofayé, Rikbáktsa, Jabutí, Chiquitano) a coda, se é que existiu em algum momento, foi perdida. O possível cognato em Mundurukú também não apresenta coda supraglotal. Observe que o ponto de articulação das codas do Proto-Tupí (e do possível Proto-Macro-Jê–Tupí) são preservadas fielmente nesse ramo: PMJ **juñ°* ~ PT **jãC* ‘dente’ > Proto-Mundurukú **ðãj*; PMJ **kuñ°* ‘buraco’ ~ Proto-Mundurukú **kg̃j*. Portanto, para que o termo Proto-Macro-Jê para ‘braço, galho’ possa ser relacionado ao item Mundurukú, é necessário ajustar sua reconstrução de **paj(ʼ)* para **pa*. Nesse caso, as línguas Akuwẽ teriam acrescentado a coda palatal de forma irregular. É possível também que os verdadeiros reflexos de PMJ **pa* ‘braço, galho’ nas línguas Akuwẽ sejam os compostos **pa-krata // *pa-kraːda* ‘raiz’, **wêdê-pa* ‘raiz’.

formas em que é baseada a reconstrução PMJ	PMJ	PT	formas em que é baseada a reconstrução PT
PJG **nĵêp* ‘morcego’	? **nĵip*°	? **jiP*	Salamãy *ɟíːp*, Mondé *ɟíːp*, Suruí-Paitér *líːp*
‘doce’ (ver Apéndice A)	**jə̂ñ*	? **joC* ~ **juC*	Tuparí *hoC*
‘buraco’ (ver Apéndice A)	? **kuñ*°	? **kãʔãC*	Proto-Mundurukú **kə̃j*
‘cavar’ (ver Apéndice A)	**kut*	? **koT*	Proto-Mundurukú **-koT*
PCerr **wa(j’)* ‘eu[AG]’	**u*	**u*	todas as famílias

Fontes dos dados das línguas Tupí: Alves (2004, Tuparí), Picanço (2005, 2020, Proto-Mundurukú), Gabas Jr. (1999, Káro), Galucio (2005, Puruborá), Fargetti (2001, Yudjá), Moore (2005, família Mondé)

Quadro 3.18. Tupí e Macro-Jê: distribuição limitada

Um caso mais difícil de interpretar é o da posposição PCerr **wê* ‘ABL’. Esta se assemelha à posposição **wi* ‘ABL’ do Proto-Tupí-Guaraní. Entretanto, em nosso entendimento da fonologia histórica das línguas Tupí (NIKULIN, CARVALHO, manuscrito), a aproximante **w* do Proto-Tupí-Guaraní no léxico nativo emerge apenas como um segmento de transição, como em PT **-əu* > **-oy* > Proto-Tupí-Guaraní **-uwy* ‘sangue’; PT **-uaC* > Proto-Tupí-Guaraní **-uwaC* ‘cauda, rabo’. Em contraste, a aproximante **w* do Proto-Tupí tem por reflexo **j* em Proto-Tupí-Guaraní (por exemplo, PT **waty* > Proto-Tupí-Guaraní **jacy* ‘lua’). Dessa forma, a possibilidade de as posposições ablativas do PCerr e do Proto-Tupí-Guaraní serem cognatas é posta em xeque, a não ser que ambas provenham de uma forma próxima a ***ui* (Proto-Tupí **ui* > Proto-Tupí-Guaraní **wi*; Proto-Macro-Jê **wi*$_1$ > Proto-Jê **wê*$_1$ > PCerr **wê*). Outra possibilidade é que PCerr **wê* ‘ABL’ seja uma posposição cognata da posposição comparativa do Karajá (PK **weθ*).

As hipóteses que vinculam o tronco Macro-Jê com o Chiquitano e com o tronco Tupí são mutuamente compatíveis, pois há itens lexicais que participam nas duas propostas (‘dente’, ‘carne’, ‘árvore/chifre’, ‘terra’, ‘braço’, ‘fezes’, ‘3ª pessoa’). Dos itens que poderiam ser cognatos entre o Proto-Tupí e o Chiquitano sem apresentar cognatos em Macro-Jê, destacamos PChq **-ay* ‘filho’ ~ PT **jaʔɯT* (cf. Proto-Tupí-Guaraní **taʔyT*) ou **jaʔɯP* (cf. Proto-Tuparí **jaʔyP*).

3.6. Conclusão

Neste capítulo apresentamos a nossa proposta reconstrutiva referente à fonologia do Proto-Macro-Jê. Discutimos a reconstrução dos *onsets* (incluindo os *onsets* ramificados */pr/, */kr/,

*/mr/, */ŋr/), dos núcleos (orais e nasais) e das codas (incluindo as codas simples e aquelas seguidas por uma vogal eco) do Proto-Macro-Jê. A partir dessa reconstrução, examinamos o subagrupamento do tronco Macro-Jê, concluindo que o mesmo pode ser provisoriamente subdividido, com base em evidências fonológicas e lexicais, em três ramos, que rotulamos de Macro-Jê Oriental (Jê, Jaikó, Transanfranciscanas), Ocidental (Ofayé, Rikbáktsa, Jabutí) e Karajá. Argumentamos pela classificação do Chiquitano como um agrupamento estreitamente relacionado ao tronco Macro-Jê ao invés de tratá-lo como uma família pertencente ao tronco. Finalmente, observamos algumas semelhanças entre as formas reconstruídas do Proto-Macro-Jê e do Proto-Tupí, concluindo que sua natureza é compatível com a hipótese de parentesco distante entre esses dois troncos.

Capítulo IV.
Indexação de pessoa em Proto-Macro-Jê

Este capítulo versará sobre as estratégias de codificação dos argumentos de pessoa reconstruíveis para o Proto-Macro-Jê. Todas as línguas Macro-Jê, com a exceção das línguas Jê Meridionais, possuem pelo menos uma série de índices pessoais que ocorrem na posição prefixal, além de uma série de pronomes pessoais livres. Neste capítulo, argumentaremos que os dados das línguas Macro-Jê modernas permitem reconstruir pelo menos duas séries de pronomes pessoais livres para o Proto-Macro-Jê (que, desse modo, teriam apresentado um paradigma supletivo de flexão de caso) e uma série de índices de pessoa. Além de oferecer reconstruções fonológicas para os pronomes e índices pessoais do Proto-Macro-Jê, elaboramos uma reconstrução preliminar de suas propriedades morfossintáticas.

Para fundamentar a reconstrução das propriedades morfossintáticas dos pronomes e índices pessoais do Proto-Macro-Jê, baseamo-nos na abordagem descrita por Gildea, Luján e Barðdal (no prelo; ver também GILDEA, 1998; BARÐDAL, EYÞÓRSSON, 2012; BARÐDAL *et al.*, 2015, dentre outras referências), segundo a qual o método comparativo pode ser aplicado não apenas a unidades fonológicas e morfológicas, mas também a unidades sintáticas. Essa possibilidade decorre da Gramática de Construções (cf. CROFT, 2001) que reconhece que tanto as unidades fonológicas e morfológicas quanto as unidades sintáticas mapeiam a forma com a função e, portanto, são passíveis de comparação, permitindo uma reconstrução.

A terminologia que adotamos para a caracterização dos morfemas que codificam os argumentos de pessoa se baseia na proposta de Haspelmath (2013, 2019), que defende a necessidade de distinguir entre dois tipos de codificação de argumentos: a sinalização (*flagging*) e a indexação (*indexing*). O termo "sinalização" diz respeito à codificação do papel sintático dos argumentos de um nome ou de um verbo através de marcas (tais como adposições ou marcadores de caso) presas aos próprios argumentos. Em contraste, o termo "indexação" diz respeito à codificação através de *índices*, marcadores presos a um verbo ou a um nome que codificam, cumulativamente, a pessoa/número de seu argumento e seu papel sintático. Segundo Haspelmath, as formas pessoais presas geralmente seguem um dos seguintes três padrões de comportamento sintático: *pro*-indexação, *gramm*-indexação e *cross*-indexação (embora algumas línguas não possam ser facilmente classificadas neste eixo por apresentarem um comportamento misto). Na *pro*-indexação, o argumento pode ser expresso ora por um índice, ora por um sintagma nominal, com a coocorrência de ambos gerando agramaticalidade. A *gramm*-indexação exige a ocorrência simultânea de um sintagma nominal e de um índice. Na *cross*-indexação, a

ocorrência do índice é obrigatória, enquanto a do sintagma nominal é opcional. O espaço conceitual proposto por Haspelmath permite abrir mão do conceito de *lócus de marcação* (NICHOLS, 1986), ao passo que o conceito de *concordância* fica restrito para descrever os fenômenos que ocorrem nos modificadores.

Nesta tese, seguindo Haspelmath (2013), chamamos as formas associadas com as categorias de primeira e de segunda pessoa de *locufóricas*. Já as formas associadas com a categoria de terceira pessoa são rotuladas de *alofóricas*.

No âmbito desta tese adotamos a terminologia proposta por Rodrigues (2012), que subdivide os temas flexionáveis da maioria das línguas Macro-Jê em duas grandes classes morfofonológicas, denominadas "classe I" e "classe II".[84] Diferentemente de Rodrigues, tratamos as consoantes que ocorrem na margem esquerda dos temas da classe II como consoantes temáticas e não como prefixos relacionais de contiguidade. Para uma discussão mais detalhada acerca deste fenômeno, *vide* subseção **4.3.1**.

Neste capítulo apresentamos a nossa hipótese reconstrutiva e descrevemos as mudanças que teriam afetado o sistema de codificação dos argumentos de pessoa na história das famílias e línguas individuais pertencentes ao tronco Macro-Jê. A seção **4.1** versará sobre os pronomes do Proto-Macro-Jê, para os quais reconstruímos um paradigma supletivo envolvendo formas flexionadas para os casos **interno** (subseção **4.1.1**) e **agentivo** (subseção **4.1.2**). Os índices locufóricos serão tratados na seção **4.2**, ao passo que os índices alofóricos serão abordados na seção **4.3**. Na seção **4.4** discutiremos o caso das línguas Macro-Jê que admitem a indexação simultânea de dois argumentos nos verbos transitivos e defenderemos a natureza inovadora desse fenômeno nas línguas em questão.

4.1. Pronomes

Os dados das línguas Macro-Jê modernas permitem reconstruir uma oposição básica entre duas séries de pronomes, que parecem corresponder a dois casos gramaticais. A primeira série, que chamaremos de *série interna*, teria codificado, entre outros, os argumentos S_P e P dos verbos (em orações finitas), os argumentos S e P (em orações não finitas), o possuidor (posse inalienável) e o complemento de posposições. A segunda série, que denominaremos *série agentiva*, teria codificado os argumentos S_A e A. Estas duas sérias serão discutidas nas subseções **4.1.1** e **4.1.2**, respectivamente.

[84] As classes I e II são rotuladas, respectivamente, de "class B" e "class A" em um trabalho anterior do mesmo autor (RODRIGUES, 2009, p. 165).

4.1.1. Série interna

A série pronominal que identificamos com o caso morfológico interno é bem preservada nas línguas Macro-Jê modernas, embora a esfera de seu uso tenha sido modificada em alguns casos. Prototipicamente, os reflexos dos pronomes desta série são usados para codificar o possuidor, o complemento das posposições, os argumentos S_P e P em orações finitas e os argumentos S e P em orações não finitas.[85] Um desenvolvimento particularmente frequente que atingiu os pronomes desta série foi a transformação massiva destes em formas presas (índices); as hipóteses referentes à gramaticalização dos pronomes da série pacientiva serão expostas na seção **4.2**.

A série interna do Proto-Macro-Jê incluía pelo menos dois pronomes, que reconstruímos como **iñ* 'eu^{INT}' e **a* 'tu^{INT}'. Reproduzimos seus prováveis reflexos nas diferentes famílias Macro-Jê no Quadro 4.1 abaixo.[86] Utilizamos as seguintes abreviações: PP = complemento de posposição, PD = posse direta (sem posposição genitiva ou classificador possessivo), P = argumento P, S = argumento S, S_P = argumento S_P, S_A = argumento S_A, A = argumento A, f = apenas em orações finitas, nf = apenas em orações não finitas, r = apenas no modo *realis*, est = apenas no aspecto estativo.

---

[85] Para uma discussão mais detalhada sobre o alinhamento Proto-Macro-Jê, ver capítulo **5**.

[86] Os dados reproduzidos no Quadro 4.1 e nos demais quadros neste capítulo provêm das seguintes fontes:

Arikapú	VOORT, 2007
Rikbáktsa	L. SILVA, 2011
Ofayé	GUDSCHINSKY, 1974; OLIVEIRA, 2006
Karajá	RIBEIRO, 2012b
Maxakalí	SILVA, 2020
Krenák	SEKI, 2004
Akwẽ-Xerénte	COTRIM, 2016
Xavánte	ESTEVAM, 2011
Panará	DOURADO, 2001; BARDAGIL-MAS, 2018
Timbíra	CASTRO ALVES, 2004; AMADO, 2004
Mẽbêngôkre	REIS SILVA, 2003; SALANOVA, 2007
Apinajé	OLIVEIRA, 2005
Kĩsêdjê	SANTOS, 1997; NONATO, 2014
Tapayúna	CAMARGO, 2015
Kaingáng	WIESEMANN, 1972, 2011
Laklãnõ	URBAN, 1985a; GAKRAN, 2015

	**iñ*	**a*	função sintática	outros membros do subparadigma locu-fórico
Djeoromitxí	—	*a-*	índice (PP, PD, P, S)	*hi-* ‘nós’
	—	*a-ĵe*	pronome	*hö* ‘eu’, *hi-rö* ‘nós’
Arikapú	*i-*	*a-*	índice (PP, PD, P, S)	*ci-* ‘nós’
	i-he	*a-he*	pronome	*ci-he* ‘nós’
Rikbáktsa	*ik-*	*a-*	índice (P)	*mỹ-* ‘nós’, *aha-* ‘vocês’
	—		índice (PP, PD)	
	(?) ikɣa	—	pronome feminino	
Ofayé	*a / a-gⁿ*	*e / e-gⁿ*[87]	pronome e índice (posse alienável, P, S, A): masculino / feminino	*aka* ‘nós’, *eke* ‘vocês’[88]
Maxakalí	*(?) K=*	—	índice (PP, PD, P, S_P)	*K-mỹK=* ‘nós.EXCL’
Krenák	*(?) ŋg(i)-*	—	índice (PP, PD, P)	*kĩñĩŋ* ‘nós.INCL’, *(nĩ)ŋgren* ‘nós.EXCL’, *anĵuk* ‘vocês’
	(?) ŋĩ(ñ)ĩŋ	—	índice (PD, S_P)	
Xerénte	*ĩ-*	—	índice (PP, PD, P; S_P-f, S-nf)	*wa-* ‘nós’
Xavánte	*ʔĩ꞉-*	—	índice (PP, PD, P; S_P-f, S-nf)	*wa꞉-* ‘nós’
Panará	—	*ka*	índice (PP, PD; A-r)	*rê=/ri=* ‘eu’
Timbíra	*ij-*	—	índice (PP, PD, P; S_P-f, S-nf)	*pa-* ‘nós.INCL’
Mẽbêngôkre	*i-*	—	índice (PP, PD, P; S_P-f, S-nf)	*ba-* ‘nós.INCL’
Apinajé	*i(c)-*	—	índice (PP, PD, P; S_P-f, S-nf)	*pa-* ‘nós.INCL’
Kĩsêdjê	*i-*	—	índice (PP, PD, P; S_P-f, S-nf)	*k-wa-* ‘nós.INCL’
Tapayúna	*i-*	—	índice (PP, PD, P; S_P-f, S-nf)	*kô-wa-* ‘nós.INCL’
Kaingáng	*iñ*	*õ*	todas	*ẽŋ* ‘nós’, *õ-jaŋ* ‘vocês’
Laklãnõ	*ẽñ*	*a*	PP, PD, P, S-est	*ãŋ* ‘nós’

Quadro 4.1. Reflexos dos pronomes pacientivos Proto-Macro-Jê nas línguas Macro-Jê

Note que o índice **wa-* ‘1INCL’ do Proto-Cerratense é formalmente comparável a Proto-Chiquitano **o-* ‘1INCL’; é possível derivar esse prefixo de PJ **ô-* < PMJ **u* ‘nós.INCL[INT]’. É importante notar também que o pronome **a* ‘tu[INT]’, reconstruído por nós para o Proto-Macro-Jê, era formalmente idêntico ao alomorfe do índice de segunda pessoa **a-* compatível com os temas da classe I (ver **4.2.2**), apesar de pelo menos uma língua possuir reflexos diferenciados desses dois morfemas (OFA *e* < PMJ **a*; OFA *ə-* < PMJ **a-*).

4.1.2. Série agentiva

A evidência para a existência de uma segunda série de pronomes em Proto-Macro-Jê provém das línguas Rikbáktsa (L. SILVA, 2011, p. 134, 319), Karajá (RIBEIRO, 2012b, p. 47) e Maxakalí (CAMPOS, 2009, p. 78, 86). Esta teria incluído pelo menos os pronomes **a* ‘eu[AG]’ e

[87] Oliveira (2006) registra *ê / ê-gⁿ*.
[88] Oliveira (2006) registra *aga* ‘nós’, *êgê* ‘vocês’.

**ca* ‘tu^{AG}’. No Quadro 4.2, reproduzimos os prováveis reflexos dessas formas nas línguas Rikbáktsa, Karajá e Maxakalí.

	**a*	**ca*	função sintática	outros membros do subparadigma locufórico
Rikbáktsa	*Ø-*	*c(i)-*	índice (S_A, A)	*c(i)-…-naha* ‘nós’
	—	*(?) ca-*	índice (S_P)	*ka-* ‘eu’, *mỹ-* ‘nós’, *a-ha-* ‘vocês’
Karajá	**ã-*	**tã-*	índice (S_A-r, A-r)	—
Maxakalí	*ã*	*ca*	argumento dativo, índice (complemento de posposições)	*ñỹ-mỹ-ã* ‘nós.INCL’, *K-mỹ-ã* ‘nós.EXCL’
	ỹ		conjunção (S, A) de finalidade (sujeito diferente)	—

Quadro 4.2. Reflexos dos pronomes agentivos Proto-Macro-Jê nas línguas Macro-Jê

Os reflexos Rikbáktsa dessa série, como exemplificamos em (4.1), codificam os argumentos S_A e A; é possível que o prefixo *ca-* ‘2SG.S_P’ também seja relacionado a **ca* (a função dos demais índices dessa série, com a exceção de *ci-* ‘3SG.S_P’, não se limita à codificação do argumento S_P). Em (4.2) mostramos que os reflexos Karajá da série em questão codificam os argumentos S_A e A no modo *realis*. Em Maxakalí, os reflexos dessa série codificam o argumento dativo e o complemento de posposições (dessa forma, as posposições do Maxakalí regem o caso dativo), como mostramos em (4.3) abaixo, além de funcionarem como conjunções de finalidade, codificando o argumento nominativo (S, A) não correferente com o da oração principal (4.4).

(4.1) RIKBÁKTSA (L. SILVA, 2011, pp. 119, 120, 129, 132, 144, 321)

passado, precedendo consoantes:

a. *ikɣa* ***Ø-ik-ɣ-i-pok***
eu.F **1.S_A/A-**PST-CTPT-3SG.P-acender
‘eu acendi o fogo’

b. ***c-ik-nã-mõrõ***
2.S_A/A-PST-CTPT-tomar_banho
‘tu foste tomar banho’

passado, precedendo vogais:

c. ***Ø-Ø-aha-pery-kyk***
1.S_A/A-PST-2PL.S_P/P-esperar-CONT
‘eu esperava vocês’

d. ***c-Ø-ikxi***
2.S_A/A-PST-ir_embora
‘tu foste embora’

não passado:

e. *uta* *tumỹ* ***Ø-p-i-ku-ku***
eu.M chicha **1.S$_A$/A-**NPST-3SG.P-beber-CONT
'estou tomando chicha'

f. ***ci-p-ikxi***
2.S$_A$/A-NPST-ir_embora
'tu vais embora'

argumento S$_P$:

g. *ikia* ***ca-hyrik-ca-wororo-ĩ=ta***
tu **2SG.S$_P$-**olho-M.PL-estar_claro-ST.AF=M.DISCR.SG
'tu tens olhos claros''

(4.2) KARAJÁ SETENTRIONAL, JAVAÉ, XAMBIOÁ (RIBEIRO, 2012b, pp. 39–40)

a. ***ã****dîwŷdê*
/**ã-**d-i-Ø-wy=d-ê/
1-CTPT-TR-3-carregar=CTPT-IPF
'Eu o trouxe.'

b. ***ɗa****dîwŷ****ɗ****ê*
/**ɗa-**d-i-Ø-wy=**ɗ**-ê/
2-CTPT-TR-3-carregar=2-IPF
'Tu o trouxeste.'

(4.3) MAXAKALÍ (CAMPOS, 2009, pp. 80, 86–88)

a. *kaciãT* *te* ***ã*** *cy-KtyC*
Cassiano ERG **1SG.DAT** NCTG-dizer
'O Cassiano me contou.'

b. *ỹT* *te* ***ca*** *cakuT* *hũP*
mulher ERG **2.DAT** bolsa dar
'A mulher te deu a bolsa.'

c. *hũThã* ***ã*** *te* *cuK-ñĩT* *mã* *aC*
hoje **1SG** ERG bicho-carne comer FUT
'Hoje eu vou comer carne.'

e. *uK* ***ca*** *te* ***ã*** *tyK* *gãC*
INT **2** ERG **1SG** STIM estar_bravo
'Estás bravo comigo?'

f. *ty* *te* ***ca*** *tyK* *gãC*
3 ERG **2** STIM estar_bravo
'Ele está bravo contigo.'

(4.4) MAXAKALÍ (POPOVICH, POPOVICH, 2005)

a. *ãjyhyK* *te* *K=ã-ceTaC* *hũP* [***ỹ*** *puP* *hãPcuP*]
não-indígena ERG 1SG=NCTG-nome dar.RLS[**FND.1.SD** pegar.PL.IRR comida]
'O não-indígena me autorizou que comprasse alimento.'

b. *ty* *te* *ã-KtuK* *py* *hemẽT* *hũP* [***ca*** *kyca* *hityP*]
ele ERG 2^{INT}-filho DAT remédio dar.RLS[**FND.2.SD** coração alegre]
'Ele deu remédio para o teu filho para tu ficares alegre.'

Com dados tão limitados, é difícil discernir as funções sintáticas originais das inovadoras. É possível que originalmente **a* e **ca* codificavam os argumentos S_A e A dos verbos, uso retido em Rikbáktsa e em Karajá. A situação teria sido modificada na história da língua Maxakalí. Nas orações de finalidade do Maxakalí, os pronomes dessa série teriam estendido seu uso para o argumento S, mas foram reanalisados como conjunções à medida que deixaram de ocorrer em orações principais (como veremos em **5.2.2**, as orações principais do Maxakalí certamente continuam antigas orações não finitas); nesse contexto morfossintático ocorreu ainda um alçamento irregular **ã* > *ỹ* (a nasalização das vogais na margem esquerda de temas é um processo sincronicamente ativo na língua, segundo SILVA, 2020a, p. 148–152). A evolução das orações de finalidade em Maxakalí será discutida em maior detalhe em **5.2.2**. Já o uso dos reflexos dos pronomes dessa série com adposições é mais difícil de explicar. Note que para a posposição ergativa do Transanfranciscano se reconstrói um paradigma com índices internos: **Ø-tê* 'ERG.1SG', **ho-tê* 'ERG.2' > KNK *ti* 'eu', *hoti* 'tu' (consideramos as formas do Krenák mais conservadoras, pois a quase totalidade das línguas Macro-Jê emprega o caso morfológico interno para codificar o complemento das posposições). Já em Maxakalí, como vimos em (4.3), a posposição ergativa, dentre outras, recebe os alomorfes *ã* 1, *ca* 2. Ainda não temos uma explicação para o percurso evolucionário dos sintagmas posposicionais do Maxakalí.

A evolução das formas de pessoa do Proto-Macro-Jê para o Maxakalí está resumida no Quadro 4.3 abaixo (as inovações sintáticas em cada etapa estão destacados em negrito).

PMJ			PTSF			Maxakalí			função sintática
1	2	nome	1	2	nome	1	2	nome	
**iñ*	**a*	**N*	****ŋ=***	****a-***	**N*	*K=*	*ã-*	**N*	INT/ABS
	**a-*								INT/ABS (índice)
**a*	**ca*	**N*	**a*	**ca*	**N*				AG
**tê*	**a-tê*	**N-tê*	**tê*	**ho-tê*[89]	**N-tê*	***ã-te***	***ca-te***	N-*te*	ERG
**mə̃*	**a-mə̃*	**N-mə̃*	**py*	**a-py*	**N-py*	***ã***	***ca***	N-*py*	DAT

Quadro 4.3. Evolução das formas de pessoa do Proto-Macro-Jê para o Maxakalí

[89] O fato do índice PMJ **a-* ser refletido como KNK *a-* na maioria dos temas e *ho-* na posposição ergativa pode ser atribuído a diferenças prosódicas entre as formas. PMJ **a-* > KNK *ho-* é um desenvolvimento fonético regular na língua, pelo menos em sílabas tônicas.

Por fim, mencionamos a série de pronomes agentivos das línguas Cerratenses, que não encontram paralelos óbvios nas demais línguas Macro-Jê. Em Proto-Jê Setentrional, os pronomes da série agentiva possuem a forma **ba* '1^{AG}', **ga* '2^{AG}', **gu* '$1+2^{AG}$', **gê* '3^{AG}'. Desses, os primeiros dois possuem cognatos nas línguas Akuwẽ (PA **waj // *wa, *kaj // *ka*), apontando a PCerr **waj'* '1^{AG}' e **gaj'* '2^{AG}'. Os pronomes PJS **gu* e **gê* não possuem cognatos nas línguas Akuwẽ, mas poderiam continuar PCerr **guj'* '$1+2^{AG}$' e **gêj'* '3^{AG}'. Embora não haja cognatos conhecidos em Proto-Jê Meridional, as leis sonoras já estabelecidas permitem derivar toda a série de formas PJ sem *onset*, a saber: **ôj'* '1^{AG}', **aj'* '2^{AG}', **uj'* '$1+2^{AG}$', **êj'* '3^{AG}'. As últimas três formas apresentam uma semelhança notável com os marcadores de pessoa que correspondem ao caso morfológico interno (PCerr **aj'*- '2^{INT}', **wa*- '$1+2^{INT}$', **i*- '3^{INT}' < PJ **a*-, **ô*-, **i*-, morfemas cuja antiguidade é confirmada pela existência de prefixos quase idênticos em Chiquitano: PChq **a*- '2SG', **o*- '1+2', **i*- '3SG'). Já a forma da primeira pessoa do singular, PJ **ôj'*, pode ser comparada a Proto-Tupí **o*. A origem dos pronomes agentivos das línguas Cerratenses deve ser investigada em um futuro estudo.

4.2. Índices locufóricos

Hipotetizamos que o Proto-Macro-Jê possuía uma série de índices prefixais de pessoa, que podiam ocorrer em nomes inalienáveis (codificando o possuidor), em verbos finitos (codificando os argumentos P e S_P, que estariam alinhados em Proto-Macro-Jê), em verbos não finitos ou nominalizados (codificando os argumentos P e S) e em posposições (codificando seu respectivo complemento). Além disso, nas línguas Macro-Jê esses índices são encontrados nos morfemas que mediam a posse dos nomes alienáveis, que derivamos de uma posposição genitiva do Proto-Macro-Jê.[90] Apresentamos o paradigma locufórico reconstruído por nós para o Proto-Macro-Jê no Quadro 4.4 abaixo (a reconstrução será fundamentada mais adiante).

	classe I	classe II
1, argumento nominal	sem índice	**j*- (consoante temática; sem índice)
2	**a*-	**Ø*- (elisão da consoante temática)

Quadro 4.4. Índices locufóricos nos temas flexionáveis do Proto-Macro-Jê

O paradigma reconstruído teria sofrido modificações significativas na história individual de todas as famílias constituintes do tronco Macro-Jê. Essas modificações serão discutidas abaixo. As subseções **4.2.1** e **4.2.2** são dedicadas à codificação dos argumentos internos de primeira

[90] Em algumas línguas há apenas um morfema que desempenha essa função, que nesse caso é conhecido como *posposição genitiva* ou *mediador de posse* (na maioria das línguas é um reflexo de PMJ **ñũk*). Em outras línguas a posse dos nomes alienáveis pode ser mediada por múltiplos classificadores genitivos. É incerto se um sistema que envolve múltiplos classificadores genitivos pode ser reconstruído para o Proto-Macro-Jê.

pessoa e de segunda pessoa, respectivamente, enquanto a subseção **4.2.3** aborda a possibilidade de reconstruir os índices de 1PL e 2PL para o Proto-Macro-Jê.

4.2.1. Codificação dos argumentos de primeira pessoa

A maioria das línguas Macro-Jê modernas possui prefixos ou clíticos que indexam a primeira pessoa.[91] No entanto, há evidências morfológicas, morfossintáticas e distribucionais que nos levam a acreditar que em Proto-Macro-Jê os argumentos de primeira pessoa não eram codificados por meio de índices. Os prefixos de primeira pessoa existentes nas línguas Macro-Jê modernas teriam surgido através da gramaticalização de pronomes da primeira pessoa.

Na subseção **4.2.1.1**, avaliaremos criticamente a plausibilidade tipológica da reconstrução de um paradigma defectivo. Na subseção **4.2.1.2**, apresentaremos as evidências das línguas Macro-Jê modernas que acreditamos representarem **retenções** diretas da construção que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê. Na subseção **4.2.1.3** identificamos as **inovações** que teriam alterado a situação do Proto-Macro-Jê na maioria das línguas Macro-Jê modernas. Argumentaremos que a gramaticalização de pronomes da primeira pessoa foi motivada pela necessidade de distinguir formalmente os temas sem argumento expresso dos temas cujo argumento é de primeira pessoa. Apresentaremos as evidências distribucionais e morfossintáticas que nos levam a hipotetizar que a gramaticalização teria ocorrido independentemente na história das línguas Macro-Jê.

4.2.1.1. Plausibilidade da reconstrução de um paradigma defectivo

Há claros exemplos de línguas em que se tem o uso de construções morfossintaticamente distintas para codificar os argumentos que divergem em pessoa e/ou número entre si. Por exemplo, na variedade coloquial da língua finlandesa falada principalmente na área metropolitana de Helsinque a codificação dos argumentos de 1SG, 1PL, 2PL, 3SG e 3PL dos nomes e posposições (codificando o possuidor dos nomes e o complemento das posposições) se dá preferencialmente por meio de pronomes pessoais no caso genitivo, conforme exemplificado em (4.5a) abaixo.

(4.5) FINLANDÊS COLOQUIAL DE HELSINQUE (JARVA; NURMI, 2006, p. 12)

a. *mu-n* *pöytä*
eu-GEN mesa
‘minha mesa’

[91] Em algumas línguas Macro-Jê existem índices específicos para 1PL; alguns deles serão tratados na subseção **4.2.3**. Nesta subseção consideramos apenas os índices de primeira pessoa (para as línguas que não fazem a distinção de número) ou 1SG (para as línguas que a fazem).

No entanto, nos mesmos contextos morfossintáticos a segunda pessoa do singular é excepcionalmente marcada por meio de um índice sufixal, tal como mostrado abaixo em (4.5b–c). Neste caso a ocorrência redundante de um pronome pessoal é opcional, constituindo, assim, um padrão de *cross*-indexação.

b. *su-n* *pöytä-s*
tu-GEN mesa-2SG
'tua mesa'

c. *pöytä-s*
mesa-2SG
'tua mesa'

De uma maneira semelhante, os clíticos que codificam o sujeito nas línguas reto-românicas apresentam paradigmas defectivos, conforme ilustrado no Quadro 4.5 abaixo.

	romanche sobresselvano	romanche baixo engadino		ladino de Ghernëina	
1SG	=u	e=	=a		=i
2SG				te=	
3SG.M	='l		='l	l=	=(e)l
3SG.F	='la		='la	la=, l'=	=(e)la
1PL	=s, =sa		=a		=s
2PL					
3PL.M	=i	i=	=a	i=	=i
3PL.F	='las		=a	les=	=(e)les / =i

Quadro 4.5. Clíticos de sujeito em três variedades reto-românicas (HACK, GAGLIA, 2009, p. 161–163)

Como pode ser observado no Quadro 4.5 acima, os dialetos sobresselvano e baixo engadino da língua romanche usam índices encliticizados apenas na primeira e na terceira pessoa, sendo que o baixo engadino possui ainda proclíticos de 1SG e 3PL; no ladino de Ghernëina na primeira pessoa se usam apenas os enclíticos (=*i* '1SG', =*s* '1PL'), na segunda pessoa do singular apenas o proclítico (*te*= '2SG'), mas não há índices marcando a segunda pessoa do plural.[92] Portanto, a reconstrução de um paradigma defectivo não incorre em violação de universais linguísticos conhecidos.

Um possível argumento contra a nossa hipótese reconstrutiva é a observação feita por Cysouw (2001, p. 54), que afirma não ter encontrado claros exemplos de marcação zero (ou

[92] Para mais exemplos de paradigmas assimétricos nas línguas neolatinas, referimos o leitor ao trabalho de Sibille (2012).

não-marcação) da primeira pessoa em línguas que possuem marcação não-zero das demais formas pessoais. O autor analisa criticamente as descrições que postularam a indexação zero (ou a não-indexação) da primeira pessoa para o romeno (família indoeuropeia), o wiyot (família álgica), o marghi (família chádica), o alagwa (família cuxítica) e o burunge (família cuxítica) e chega à conclusão de que nessas línguas se trata de alomorfes zero (ou seja, a aparente não-indexação da primeira pessoa seria um epifenômeno de natureza morfofonológica) ou de erros de interpretação das fontes primárias pelos autores. Contudo, como veremos na subseção **4.2.1.2.1**, o padrão que Cysouw (2001) julga inexistente é encontrado, sincronicamente, em uma língua Macro-Jê, Djeoromitxí.[93] A não-indexação da primeira pessoa em Djeoromitxí, além de ser de grande interesse para a tipologia linguística, constitui uma evidência fundamental para a nossa hipótese reconstrutiva.

4.2.1.2. Retenções do padrão original

As evidências mais inequívocas para o padrão que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê — isto é, a não-indexação dos argumentos internos de 1(SG) — provêm das línguas Djeoromitxí, Ofayé e Maxakalí.

4.2.1.2.1. Djeoromitxí

A não-indexação da primeira pessoa, reconstruída por nós para o Proto-Macro-Jê, é mantida intacta apenas na língua Djeoromitxí (VOORT, 2007, p. 143; PIRES, 1992, p. 60–61), conforme exemplificado em (4.6).[94]

(4.6) DJEOROMITXÍ (RIBEIRO, M. A., 2008, p. 56–58, 71, 97)[95]

a. *haku-tə* *ɸôriri* *kuka*
terçado-DIM nervo cortar
'A faca cortou meu nervo.'

b. *hö* *ceu* *habə*
eu hoje estar_cansado
'Hoje eu estou cansado.'

[93] Pelo menos mais uma língua amazônica, o Ye'pa-mahsã/Tukáno (família Tukáno), parece contradizer à generalização de Cysouw (2001): nas construções de posse indireta (com o uso de um mediador de posse), o possuidor de 1SG sistematicamente não se expressa (RAMIREZ, 2019 [1995], p. 242–243), à diferença dos demais tipos de possuidores: *yaá wi'í* 'minha casa', mas *mɨ'i yaá wi'i* 'tua casa', *mari yaá wi'i* 'nossa casa', *misa yaá wi'i* 'casa de vocês', *koo yaá wi'i* 'casa dela', *noa yaá wi'i?* 'a casa de quem?'. Agradecemos a Thiago Costa Chacon (Universidade de Brasília, comunicação pessoal, 2020) por chamar a nossa atenção aos dados do Ye'pa-mahsã.

[94] Em Djeoromitxí, os índices podem codificar o possuidor nos nomes, os argumentos S e P nos verbos e o complemento das posposições; o argumento A é expresso exclusivamente por meio de pronomes.

[95] Não adotamos aqui a análise de Voort (2007) e Pires (1992), que identificam um prefixo zero marcando a primeira pessoa do singular.

c. *haci-be* *aĵe* *itĩ?*
WH.Q-BEN tu desprezar
'Por que tu me desprezas?'

d. *na* *ĵiri* *nõte-õ* *ri*
aquele criança língua-dar BEN
'Aquele menino deu língua para mim.'

e. *ĵewecia* *haka* *buru*
GEN braço ser_grande
'Meu braço é grosso.'

Os nomes flexionáveis, quando carecem de argumentos explicitamente expressos, admitem uma interpretação ambígua. Por exemplo, a forma *dikö* pode significar tanto 'roça de milho (*não possuída*)' como 'minha roça de milho' (VOORT, 2007, p. 143). Esta ambiguidade pode ser opcionalmente resolvida por meio da posposição genitiva *ĵewecia*, conforme exemplificado em (4.6e) acima. Nos verbos e posposições, não há ambiguidade: se não há nenhum sintagma nominal (ou um prefixo de pessoa) precedendo um verbo ou uma posposição, a ausência da indexação é automaticamente interpretada como um argumento de 1SG, como em (4.6b–e) acima. Se houver um sintagma nominal precedendo um verbo ou uma posposição, esse sintagma nominal será interpretado, respectivamente, como o argumento do verbo ou o complemento da posposição, como acontece com o verbo *buru* em (4.6e) ([[*ĵewecia haka*] *buru*]).

Outras línguas que preservam vestígios da não-indexação da primeira pessoa são o Ofayé e o Maxakalí, embora as evidências dessas línguas se limitem a um número reduzido de temas da classe II.

4.2.1.2.2. Ofayé

Em Ofayé, os resquícios do padrão de codificação do argumento da primeira pessoa que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê restringem-se a algumas particularidades morfológicas dos prefixos atestados em nomes e verbos descritivos. Como já vimos acima (subseções **1.1.7**, **3.1.4**), as fontes existentes sobre a língua são extremamente escassas e utilizam convenções de transcrição difíceis de se reconciliar. Nesta seção usaremos o trabalho de Gudschinsky (1974) como a nossa fonte primária por conter informações mais detalhadas sobre a morfologia flexional da língua; a tese de Oliveira (2006), apesar de constituir uma descrição mais completa do Ofayé, carece de dados essenciais para a nossa argumentação, exposta abaixo.

Gudschinsky (1974) registra oito temas da classe II flexionados para a primeira pessoa,[96] que reproduzimos em (4.7).

(4.7) OFAYÉ (GUDSCHINSKY, 1974)[97]

	tema	1SG	glosa
a.	*-enxəh*	*x-enxəh*	‘coração’
b.	*-erĕʔ*	*x-erĕʔ*	‘boca’
c.	*-ekĕjiʔ*	*x-ekĕjiʔ*	‘rabo’
d.	*-ĩɸanxeʔ*	*j-ĩɸanxeʔ*	‘unha’
e.	*-ĩj-xaʔ*	*j-ĩj-xaʔ*	‘dedo’ (literalmente ‘mão-filho’)
f.	*-ĩj*	*axə-j-ĩj*	‘mão’
g.	*-ixej-haʔ ~ -ĩxej-haʔ*	*a-j-ĩxej-haʔ*	‘nariz’ (literalmente ‘nariz-pele’)
h.	*-ĩhtôɸe*	*a-j-ĩhtôɸe*	‘orelha’

Os temas (4.7a–e) não apresentam nenhum índice de pessoa (ou apresentam um índice de pessoa zero) na forma identificada por Gudschinsky como 1SG. A consoante inicial que ocorre nessa forma é uma consoante temática, um fenômeno característico dos temas da classe II nas línguas Macro-Jê (RODRIGUES, 2012). É importante ressaltar que as mesmas formas ocorrem quando há um argumento expresso por um sintagma nominal: *ɸikătəĕn x-enxəh* ‘coração do jacaré’, *ɸeʔkrĩĕn n-iɸanxe’* (provavelmente uma transcrição corrupta de *j-ĩɸanxe’*) ‘garra do pássaro’.

Segundo Gudschinsky, o argumento de 1SG nos temas (4.7f–h) é expresso por meio dos prefixos *axə-* (4.7f) e *a-* (4.7g–h). A ocorrência de *axə-* parece ser opcional, pois Nimuendajú (1932, p. 573) documenta ‹ni-nyé› (provavelmente *j-ĩj*) ‘minha mão’ (cf. ‹i-nyé› ‘tua mão’, ‹oni-nyé› ‘mão dele’). Como a forma de citação dos nomes que denotam partes do corpo no vocabulário de Nimuendajú parece ser aquela de 1SG, acreditamos que as formas ‹ni-čehá› e ‹ni-toupĕ́› (provavelmente *j-ĩxej-haʔ* e *j-ĩhtôɸe*), traduzidas pelo autor como ‘nariz’ e ‘orelha’, respectivamente, significam na realidade ‘meu nariz’ e ‘minha orelha’, o que nos permite concluir que a ocorrência do morfema *a-* em (4.7g–h) também não é obrigatória. A opcionalidade de *a(xə)-* é reminiscente da ocorrência facultativa dos pronomes pessoais em línguas com *cross*-indexação, o que nos leva a interpretar *a ~ axə* como um pronome cliticizado.[98]

[96] Hipotetizamos que a classe II do PMJ foi cindida em duas subclasses (séries {š-} e {jĩ-} na classificação de GUDSCHINSKY, 1974) na história do Ofayé, conforme a nasalidade da primeira vogal do tema.

[97] É importante levar em consideração que os dados de Gudschinsky (1974) foram elicitados de um falante com um domínio incompleto da língua; sendo assim, suas transcrições podem ser inexatas. Por exemplo, Ribeiro (2011, p. 114–115) registra *x-êgi* ‘meu rabo’, *Ø-êgi* ‘teu rabo’, *h-êgi* ‘rabo dele’ (ver 4.7c).

[98] Gudschinsky (1974) não apresenta um quadro de pronomes pessoais do Ofayé. Para o pronome da primeira pessoa do singular, Nimuendajú (1932, p. 572) registra ‹aʔ› (masculino) e ‹agn› (feminino); Hanke (1964, p. 29) atesta ‹aši› e ‹agn›; Oliveira (2006, p. 197) transcreve *a* (masculino) e *ag*^{n} (feminino). É interessante notar que tanto Gudschinsky (1974) como Oliveira (2006, p. 101) registram o prefixo *a-* marcando o possuidor de 1SG em

Outros temas pertencentes à classe II, reproduzidos em (4.7i–k) abaixo, não são documentados por Gudschinsky (1974) na forma flexionada para 1SG, mas provavelmente apresentam um comportamento idêntico.

(4.7) OFAYÉ (GUDSCHINSKY, 1974)

i.	*-exəh*	**x-exəh*	‘ser frio’
j.	*-ekôʔ*	**x-ekôʔ*	‘ser estreito’
k.	*-enxə̃w*	**x-enxə̃w*	‘ser pesado’

Além dos temas mencionados acima, três outros temas atestados por Nimuendajú (1932) parecem pertencer à classe II. Reproduzimo-los em (4.7l–n) abaixo.

(4.7) OFAYÉ (NIMUENDAJÚ, 1932)

l.	*‹-i-čáa-tetó›	‹ni-čáa-tetó›	‘pulso’ (derivado de *-ĩj-xaʔ* ‘dedo’)
m.	*‹-i-ča-tourá›	‹ni-ča-tourá›	‘polegar’ (derivado de *-ĩj-xaʔ* ‘dedo’)
n.	*‹-i-aka-tetu›	‹ni-aka-tetu›	‘vaso sanguíneo’

Gudschinsky classifica dezessete temas do Ofayé como pertencentes à série {šy-} (classe I nos termos desta tese). Na forma identificada pela autora como 1SG, esses temas coocorrem com o pronome *axə* ou com uma variante reduzida do mesmo, *xy*, conforme ilustrado em (4.8) abaixo.

(4.8) Temas da classe I do Ofayé (GUDSCHINSKY, 1974)

	tema	1SG	glosa
a.	*-hih*	*axə-hih*	‘osso’
b.	*-kəteːʔ*	*axə-kəteːʔ*	‘cabeça’
c.	*-jiʔ*	*axə-jiʔ*	‘cabelo’
d.	*-xeʔ*	*axə-xeʔ*	‘dente’
e.	*-kə̃ʔ*	*axə-kə̃ʔ*	‘ombro’
f.	*-haʔ*	*axə-haʔ*	‘pele’
g.	*-ɸar*	*xə-ɸar*	‘pé’
h.	*-ɸat-xaʔ*	*xə-ɸat-xaʔ*	‘dedo de pé’ (literalmente ‘pé-filho’)
i.	*-həʔ*	*xə-həʔ*	‘rosto’
j.	*-tôə̆ʔ*	*xə-tôə̆ʔ*	‘pescoço’
k.	*-jõwʔ*	*xə-jõwʔ*	‘ser velho’
l.	*-ganiĕʔ*	*xə-ganiĕʔ*	‘ser bravo’
m.	*-xarə̆ʔ*	*xə-xarə̆ʔ*	‘ser seco’
n.	*-haːĭʔ*	*xə-haːĭʔ*	‘ser amarelo’

nomes alienavelmente possuídos. No entanto, segundo Oliveira (2006, p. 100), este marcador pode ocasionalmente ocorrer também em nomes inalienavelmente possuídos.

É possível ainda que *axə-* nos dados de Gudschinsky seja equivalente à sequência de prefixos *a-xi-*, atestada por Oliveira (2006, p. 101–103), que marcaria a posse alienável enfática de 1SG (‘meu próprio…’). Contudo, esta última autora não registra nenhum exemplo de ocorrência de *a-xi-* em nomes alienavelmente possuídos.

o.	*-raːʔ*	*xə-raːʔ*	‘ser doente’
p.	*-kərêʔ, -kərêː-ṇ*	*xə-kərêʔ, xə-kərêː-ṇ*	‘ser bom, bonito = bom.DIM’
q.	*-kərij-ṇ*	*xə-kərij-ṇ*	‘ser magro’

Nos dados de Nimuendajú (1932, p. 567–569) ocorre apenas o alomorfe *xə* (‹čį-› na transcrição do autor). Reproduzimos os dados relevantes em (4.8′) abaixo.

(4.8′) Temas da classe I do Ofayé (NIMUENDAJÚ, 1932)

	tema	1SG	glosa
a.	‹-čį́é›	‹čį-čį́é›	‘dente’
b.	‹-gareyé›	‹čį-gareyé›	‘olho’
c.	‹-garei-há›	‹čį-garei-há›	‘celha’
d.	‹-hǫ́›	‹čį-hǫ́›	‘testa’
e.	‹-yé›	‹čį-yé›	‘cabelo’
f.	‹-tou-nhí›	‹čį-tou-nhí›	‘pescoço’
g.	‹-tówę́›	‹čį-tówę́›	‘nuca’
h.	‹-tá›	‹čį-tá›	‘peito, estômago’
i.	‹-hue-nhí›	‹čį-hue-nhí›	‘barriga’
j.	‹-kã́›	‹čį-kã́›	‘ombro’
k.	‹-p̌é›	‹čį-p̌é›	‘braço’
l.	‹-p̌ége-rí›	‹čį-p̌ége-rí›	‘cotovelo’
m.	‹-ri-geté›	‹čį-ri-geté›	‘coxa’
n.	‹-hį-geté›	‹čį-hį-geté›	‘joelho’
o.	‹-hié›	‹čį-hié›	‘canela’
p.	‹-p̌ará›	‹čį-p̌ará›	‘pé’
q.	‹-p̌a-ča-nį̌ę›	‹čį-p̌a-ča-nį̌ę›	‘dedo de pé’
r.	‹-há›	‹čį-há›	‘pele’
s.	‹-hí›	‹čį-hí›	‘osso’
t.	‹-šóu›	‹čį-šóu›	‘pai’
u.	‹-ó-téye›	‹čį-ó-téye›	‘mãe’
v.	‹-šã́d›	‹čį-šã́d›	‘filho, filha’
w.	‹-geyĩ́e›	‹čį-geyĩ́e›	‘esposo’
x.	‹-ša-téye›	‹čį-ša-téye›	‘esposa’

Hanke (1964, p. 22–23) registra ‹ši-›, mas os dados disponíveis, reproduzidos em (4.8″) abaixo, são muito limitados.

(4.8″) Temas da classe I do Ofayé (HANKE, 1964)

	tema	1SG	glosa
a.	‹-žetej›	‹ši žetej›	‘mãe’
b.	‹-žát›	‹ši žát›	‘filho’
c.	‹-žažát›	‹ši žažát›	‘tio’

Oliveira (2006) não menciona a existência dos temas da classe II. Segundo a autora, o argumento de 1SG pode ser expresso através dos prefixos *xə-* (posse inalienável, o único argumento de um verbo descritivo), *a-* (posse alienável), *a-xi-* (posse alienável enfática), não constando no

trabalho citado nenhuma referência às diferenças morfofonológicas ou morfológicas entre os temas das classes I e II.

Concluímos que em Ofayé a não-indexação de 1SG é consistentemente mantida nos temas da classe II, enquanto nos temas da classe I houve gramaticalização do pronome de 1SG *axə*, que se transformou no prefixo *xə-*.

4.2.1.2.3. Maxakalí

O único tema do Maxakalí que preserva a não-indexação da primeira pessoa do argumento, reconstruída por nós para o Proto-Macro-Jê, é a posposição genitiva *ñũK* (reflexo de PMJ **ñ-ũk*, pertencente à classe II). Essa posposição possui formas idiossincráticas de 1SG (*ñũK* em vez de **K-ñũK*) e 2SG (*Ø-ũK* em vez de **ã-ñũK*) (CAMPOS, 2009, p. 71), conforme ilustrado em (4.9).

(4.9) MAXAKALÍ (GM, 2003, p. 14)

a.	*ñ-ũK*	*ĵiP*	b.	*Ø-ũK*	*ĵiP*	c.	*ỹ-ñ-ũK*	*ĵiP*
	TH-GEN	carro		2-GEN	carro		3-TH-GEN	carro
	‘meu carro’			‘teu carro’			‘carro dele’	

Estas formas, sincronicamente irregulares, podem ser facilmente explicadas se supusermos que são continuações diretas de PMJ **ñ-ũk* (forma usada em contextos conominais e com o argumento de primeira pessoa) e **Ø-ũk* (segunda pessoa, ver subseção **4.2.2.1.7**).

4.2.1.3. Inovações nas línguas Macro-Jê

Em todas as línguas Macro-Jê, com a exceção do Djeoromitxí e das línguas Jê Meridionais, existem prefixos ou proclíticos que indexam o argumento de 1(SG). Sua origem tardia pode ser evidenciada pelos seguintes fatos:

- diferentemente dos índices de 2(SG) e 3 (ver **4.2.2** e **4.3**), esses índices não possuem alomorfes diferenciados para os temas das classes I e II em nenhuma língua Macro-Jê;
- diferentemente dos índices de 2(SG) e 3 (ver **4.2.2** e **4.3**), esses índices coocorrem com com a consoante temática (reflexo de PMJ **j-*/**ñ-*) nos temas da classe II, precedendo-a;[99]
- na língua Maxakalí o índice de 1SG apresenta um comportamento morfossintático diferenciado, não observado nos demais índices pessoais;
- esses índices não são sempre cognatos em todas as famílias do tronco Macro-Jê.

[99] Este argumento já foi utilizado por Rodrigues (2009, p. 159) para propor um cenário semelhante para o desenvolvimento histórico do respectivo prefixo em Karajá.

4.2.1.3.1. Cenário geral de gramaticalização

Hipotetizamos que os índices de 1(SG) em diversas línguas Macro-Jê se originaram através da gramaticalização de um pronome pessoal, que pode ter sido motivada pela necessidade de evitar a ambiguidade formal entre a forma não flexionada (com um argumento nominal) e a forma flexionada para a primeira pessoa.[100] A gramaticalização do pronome pessoal teria envolvido as etapas listadas no Quadro 4.6 abaixo (ver também GIVÓN, 1976; HOPPER, TRAUGOTT, 1993, p. 7; BYBEE et al., 1994, p. 40; HARRIS, CAMPBELL, 1995, p. 337; HASPELMATH, 2011b).

etapa	formas	funções
(1)	*tema* 'eu' + *tema*	forma não flexionada, primeira pessoa primeira pessoa
(2)	*tema* 'eu' + *tema*	forma não flexionada primeira pessoa
(3)	*tema* *1(SG)=tema*	forma não flexionada primeira pessoa
(4)	*tema* *1(SG)-tema*	forma não flexionada primeira pessoa

Quadro 4.6. Etapas da gramaticalização dos pronomes nas línguas Macro-Jê

Na etapa 1, a ocorrência do pronome teria sido opcional, como ainda é o caso na língua Djeoromitxí. A frequência da ocorrência do pronome teria aumentado gradualmente, provavelmente em razão da ambiguidade semântica da forma não indexada, até que sua ocorrência passasse a ser obrigatória (etapa 2, atestada em Kaingáng e em Laklãnõ). Os próximos passos teriam sido a cliticização do pronome (etapa 3, atestada em Maxakalí; situação comparável com aquela observada no francês moderno) e a reanálise do clítico como um prefixo (etapa 4, atestada em línguas como o Karajá e o Rikbáktsa).[101] Novos pronomes pessoais para a primeira pessoa podem ter emergido nas línguas que chegaram às etapas 3 e 4, mas estes não necessariamente são cognatos dos pronomes que existiam em Proto-Macro-Jê.

Os índices da primeira pessoa (do singular) atestados nas línguas Macro-Jê estão apresentados no Quadro 4.7.

[100] Há exemplos de outras famílias linguísticas que corroboram a hipótese de que a existência de formas ambíguas pode desencadear processos de gramaticalização. Por exemplo, Kaiser (2009, p. 138–140) argumenta que o sincretismo intraparadigmático foi um dos fatores que contribuíram para um aumento da frequência dos pronomes pessoais nominativos na história do português brasileiro e do francês medieval.

[101] Apesar de reconhecermos que a aplicação dos critérios que têm sido propostos para distinguir entre clíticos e prefixos pode dar resultados contraditórios (HASPELMATH, 2011a), as inconsistências apontadas por Haspelmath não foram atestadas no caso dos índices pronominais das línguas Macro-Jê. Por exemplo, o índice de 1SG em Maxakalí (*ĸ*=) possui propriedades morfossintáticas muito diferentes daquelas dos demais índices pessoais, apresentando mais características típicas de palavras independentes do que os índices de segunda pessoa (*ãˀ*-) ou terceira pessoa (*ỹ*-), e nos parece apropriado tratá-lo como clítico.

língua	índice	função sintática do argumento codificado
Arikapú	*i-*	POSS, P/S, complemento de posposições
Rikbáktsa	*ka-*	POSS, S_P, complemento de posposições
	ik-	P
	Ø-	S_A/A
Ofayé	*xə-* (cl. I)	POSS (inalienável), S_P
	a-	POSS (alienável), A/S_A (*t-a-*), P (*a-* ~ *wa-*)
	wa-	P (*a-* ~ *wa-*), complemento de posposições
Proto-Karajá	**wã-*	POSS, P/S_P, complemento de posposições
	**ã-*	argumentos S_A/A (modo *realis*)
	**kã-*	argumentos S_A/A (modo *irrealis*)
Maxakalí	*ĸ=*	POSS (posse direta), P/S_P
Krenák	*ŋg(i)-*	POSS, argumentos P/S_P (em variação com o pronome?), complemento de posposições
Akwẽ-Xerénte	*ĩ-*	POSS, P/S_P (de verbos finitos), P/S (de verbos não finitos), complemento de posposições
Xavánte	*ʔĩ̃ː-*	POSS, P/S_P (de verbos finitos), P/S (de verbos não finitos), complemento de posposições
Panará	*r(a)=*	P/S (modo *realis*); P (modo *irrealis*)
	rê=	A (modo *realis*)
Timbíra	**ij-*	POSS, P/S_P (de verbos finitos), P/S (de verbos não finitos), complemento de posposições
Mẽbêngôkre	*i-*	
Apinajé	*i(c)-*	
Kĩsêdjê	*i-*	
Tapayúna	*i-*	

Quadro 4.7. Prefixos e clíticos expressando o argumento de 1(SG) em temas flexionáveis das línguas Macro-Jê

4.2.1.3.2. Ausência de diferenciação entre as classes I e II

Como pode ser observado no Quadro 4.7 acima, os índices de 1(SG) nas línguas Macro-Jê (com a exceção do Ofayé) não apresentam alomorfia condicionada pela classe morfofonológica. Como veremos na subseção **4.2.2** e na seção **4.3**, este não é o caso dos índices de segunda e de

terceira pessoas em muitas línguas Macro-Jê (tais como Karajá, Ofayé ou Krenák), que apresentam alomorfes diferenciados condicionados pela classe morfofonológica; alguns vestígios dessa alomorfia são conservados nas línguas Jê e em Maxakalí. Tomamos isto como evidência de que os índices de 1(SG) das línguas Macro-Jê modernas tenham se integrado no paradigma flexional tardiamente.

4.2.1.3.3. Coocorrência dos índices com a consoante temática

É importante observar que, no caso dos temas da classe II, a consoante temática (ou o reflexo da consoante temática do PMJ) não deixa de ocorrer na presença dos índices mencionados acima em nenhuma das línguas Macro-Jê. Como veremos mais adiante, este não é o caso dos índices de segunda e terceira pessoas em algumas línguas Macro-Jê, tais como o Karajá ou o Kĩsêdjê. Conforme exemplificado em (4.10) abaixo, nestas duas línguas a consoante temática ocorre na presença de um índice da primeira pessoa ou de um argumento expresso por um sintagma nominal, mas não coocorre com os índices da segunda ou da terceira pessoa.

(4.10) KARAJÁ (RIBEIRO, 2012, p. 42)

a.	*wa-d-ebo,*	cf.	*Ø-ebo*;	*ɗ-ebo;*	N	*d-ebo*
	1-TH-mão		2-mão	3-mão	N	TH-mão
	‘minha mão’		‘tua mão’	‘mão dele’	‘mão de N’	

KĨSÊDJÊ (SANTOS, 1997, p. 35)

b.	*i-j-ajkʰwa,*	cf.	*ŋ-ajkʰwa*;	*s-ajkʰwa*;	N	*j-ajkʰwa*
	1-TH-boca		2-boca	3-boca	N	TH-boca
	‘minha boca’		‘tua boca’	‘boca dele’	‘boca de N’	

Dessa forma, os índices de primeira pessoa em línguas como Karajá e Kĩsêdjê compartilham uma particularidade morfofonológica com os sintagmas nominais e não com os demais índices de pessoa.

4.2.1.3.4. Comportamento morfossintático do índice de 1SG em Maxakalí

Como já foi mencionado acima, há evidências sincrônicas que sugerem que o índice de 1SG em Maxakalí apresenta um comportamento morfossintático que o diferencia dos índices de segunda ou terceira pessoa.

Um dos fenômenos que evidenciam o *status* especial do índice de 1SG ocorre quando da marcação de pessoa nos chamados *verbos direcionais* (SILVA, NIKULIN, no prelo). Nesta classe de verbos, caracterizada pela ocorrência dos clíticos *mũ*= ‘CTFG’ e *nỹ*= ‘CTPT’ (relacionados aos verbos *mũ-K* ‘ir’ e *nỹ-T* ‘vir’), a indexação de pessoa geralmente ocorre na posição

entre o clítico direcional e a raiz verbal. Excepcionalmente, a ordem relativa dos clíticos direcionais e do índice de 1SG (/K=/) é sujeita a variação na fala de alguns falantes do Maxakalí, conforme ilustrado em (4.11) abaixo.

(4.11) MAXAKALÍ (Mário André Coelho da Silva, UFG/UFMG, comunicação pessoal, 2017)

a. *mũ=K=cypaha* = *ỹK=mũ=cypaha*
/mũ=K=cypa/ /K=mũ=cypa/
CTFG=1SG=correr.SG 1SG=CTFG=correr
'eu corro'

b. *mũ=ã-cypaha* (**ã=mũ=cypaha*)
/mũ=a-cypa/ (*/a=mũ=cypa/)
CTFG=2-correr.SG (2=CTFG=correr.SG)
'tu corres'

c. *mũ=Ø-cypaha* (**ỹ=mũ=cypaha*)
/mũ=y-cypa/ (*/y=mũ=cypa/)
CTFG=3-correr.SG (3=CTFG=correr.SG)
'ele corre'

d. *nỹ=K=cyP* = *ỹK=nỹ=cyP*
/nỹ=K=cyP/ /K=nỹ=cyp/
CTPT=1SG=abaixar 1SG=CTPT=abaixar
'me abaixa'

e. *nỹ=ã-cyP* (**ã=nỹ=cyP*)
/nỹ=a-cyP/ (*/a=nỹ=cyp/)
CTPT=2-abaixar (2-CTPT-abaixar)
'te abaixa'

f. *nỹ=Ø-cyP* (**ỹ=nỹ=cyP*)
/nỹ=y-cyP/ (*/y=nỹ=cyP/)
CTPT=3-abaixar (3=CTPT=abaixar)
'o abaixa'

g. *mũ=K=ñ-ũT* = *ỹK=mũ=ñ-ũT*
/mũ=K=ñ-ũT/ /K=mũ=ñ-ũT/
CTFG=1SG=TH-dormir 1SG=CTFG=TH-dormir
'eu durmo'

h. *mũ=ã-ñ-ũT ~ mũ=Ø-ũT* (**ã=mũ=ñ-ũT*)
/mũ=a-ñ-ũT ~ mũ=Ø-ũT/ (*/a=mũ=ñ-ũT/)
CTFG=2-(TH-)dormir (2=CTFG=TH-dormir)
'tu dormes'

i. *mũ=Ø-ñ-ũT* (**ỹ=mũ=ñ-ũT*)
/mũ=y-ñ-ũT/ (*/y=mũ=ñ-ũT/)
CTFG=3-TH-dormir (3=CTFG=TH-dormir)
'ele dorme'

Em (4.11a, d, g), a posição do índice pessoal flutua: embora /K=/ normalmente apareça entre o clítico direcional e a raiz verbal, como os demais índices pessoais, alguns falantes aceitam a ordem inversa: *ỹK=mũ=*, *ỹK=nỹ=* /K=mũ=, K=nỹ=/. Neste caso o índice pessoal ocupa a posição típica dos argumentos nominais, precedendo o prefixo direcional.[102] Conforme demonstrado em (4.11b–c, e–f, h–i), os índices *ã-* /a-/ 2 e *ỹ-* /y-/ 3 são obrigatoriamente entrepostos entre o clítico direcional e o tema verbal.

Outro fenômeno que revela o caráter especial do índice pessoal /K=/ dá-se na margem esquerda dos chamados *temas relacionais* (SILVA, NIKULIN; no prelo). Estes temas constituem uma classe muito reduzida de temas verbais e sempre ocorrem com um dos prefixos *ã-* /a-/ CTG ou *cy-* /cy-/ NCTG. Em (4.12) abaixo, mostramos que o prefixo *ã-* /a-/ CTG ocorre quando o argumento é expresso por um sintagma nominal localizado imediatamente à esquerda do verbo; caso contrário, tem-se a ocorrência do prefixo *cy-* /cy-/ NCTG.

(4.12) MAXAKALÍ (SILVA, 2020a, p. 243)

a. *kaĵaK ã-ta ci PduK*
camisa CTG-ser_vermelho e ser_branco
'camisa vermelha e branca'

b. *kaĵaK puduK ci cy-ta*
camisa ser_branco e NCTG-ser_vermelho
'camisa branca e vermelha'

O tema relacional *-ta* 'ser vermelho' vem acompanhado do prefixo relacional de contiguidade *ã-* /a-/ em (4.12a), pois o argumento deste verbo, *kaĵak* 'camisa', está localizado imediatamente à esquerda. Em (4.12b), não há adjacência entre o verbo e o argumento, o que determina a ocorrência do prefixo relacional de não-contiguidade *cy-* /cy-/. Nesse sentido é interessante observar o comportamento morfossintático dos índices de pessoa quando de sua ocorrência junto ao tema *-ceT-aC* 'nome' (morfologicamente uma nominalização de um verbo não atestado **-ceT* 'chamar-se'), sempre acompanhado de um dos dois prefixos relacionais. Enquanto os índices /K=/ 1SG e /KmỹK=/ 1EXCL exigem a ocorrência de um prefixo relacional de contiguidade, assemelhando-se nesse sentido aos sintagmas nominais (4.13a), os índices /a-/ 2, /y-/ 3 podem coocorrer apenas com o prefixo de NCTG (4.13b–c).

[102] Os argumentos expressos por sintagmas nominais podem aparecer tanto seguindo, como precedendo o clítico direcional em Maxakalí: *ã te ĵuãP mũ=pyT ~ ã te mũ=ĵuãP=pyT* 'encostei no João'.

(4.13) MAXAKALÍ (SILVA, 2020a, p. 238–239; SILVA, NIKULIN, no prelo)

a.	b.	c.
ỹK=ã-ceTaC	*ã-cy-ceTaC*	*ỹ-cy-ceTaC*
/K=a-ceTaC/	/a-cy-ceTaC/	/y-cy-ceTaC/
1SG=CTG-nome	2-NCTG-nome	3-NCTG-nome
‘meu nome’	‘teu nome’	‘nome dela/dele’

Dessa forma, o índice de 1SG compartilha certas características morfossintáticas com os sintagmas nominais, opondo-se aos índices de segunda e de terceira pessoas.

4.2.1.3.5. Fontes de gramaticalização

As assimetrias paradigmáticas discutidas nas subseções **4.2.1.3.2–4** podem ser facilmente explicadas se supusermos que os prefixos e clíticos que codificam o argumento de 1(SG) nas línguas Macro-Jê provêm de antigos sintagmas nominais (mais especificamente, de pronomes). As formas cognatas entre as famílias que constituem o tronco Macro-Jê permitem reconstruir o seguinte conjunto de pronomes de primeira pessoa para o Proto-Macro-Jê (*vide* a seção **4.1** para mais detalhes):

– PMJ **iñ* ‘eu^{INT}’ > ARI *i-* (cf. o pronome *i-he*), RKB *ik-* (cf. o pronome *ik-ɾa* ‘1SG.F’), PJM **iñ ~ *ĩñ* (pronome), PA **ḭ̃-*, PJS **ic-* (compare PChq **iʂ-* ‘1SG.F’, **ij-* 1SG.M);
– PMJ **a* ‘eu^{AG}’ > RKB *Ø-*, PK **ã-*, MXK *ã*.

(A gramaticalização dos prefixos RKB *Ø-* e PK **ã-* é discutida na seção **4.4**.)

Os prefixos PK **wã-* (caso interno) e **kã-* (agentivo, *irrealis*) poderiam, em teoria, corresponder a prefixos específicos do Ofayé e do Rikbáktsa, porém não insistimos na reconstrução das respectivas formas do Proto-Macro-Jê em razão da distribuição limitada das supostas formas cognatas.

– (?) PMJ **wâ(C)* > PK **wã-* ‘1^{INT}’, OFA *wa-*, (?) PCerr **wa-* ‘1+2^{INT}’[103]
– (?) PMJ **ka(C)* > PK **kã-* ‘1^{AG}.IRR’, RKB *ka-*.

Alternativamente, o prefixo RKB *ka-* poderia ser comparado a PTSF **ŋg-* ‘1SG^{INT}’ > MXK *K=*, KNK *ŋg(i)-*.

[103] Fonologicamente, a comparação entre PCerr **wa-* ‘1+2^{INT}’ e as formas do Karajá e Ofayé é impecável. Entretanto, acreditamos que é mais provável que o índice em questão seja relacionado ao índice *o-* ‘1+2’ do Chiquitano. Se esta última hipótese estiver certa, o índice PCerr **wa-* ‘1+2^{INT}’ deve ser derivado, historicamente, de PJ **ô-* < PMJ **u-* (compare PJS **gu* ‘1+2^{AG}’ < PJ **u(C)* < PMJ **o(C)*) e não pode ser relacionado às formas do Karajá e Ofayé.

4.2.2. Codificação dos argumentos de segunda pessoa

Diverso ao caso do significado gramatical de primeira pessoa, os dados as línguas Macro-Jê são consistentes quanto à existência continuada de um índice de segunda pessoa. Em algumas línguas, pertencentes a quatro famílias diferentes, o padrão que consideramos original é mantido intacto. O significado de 2(SG) nessas línguas é expresso por meio de um índice prefixal que possui dois alomorfes: é reflexo de PMJ **a-* nos temas da classe I e reflexo de PMJ **∅-* nos temas da classe II. Nas demais línguas, incluindo todas as línguas nas quais a consoante temática dos temas da classe II foi reinterpretada como parte dos temas, o índice de 2(SG) possui apenas um alomorfe que ocorre com os temas das duas classes (em muitas línguas, sua forma sincrônica é *a-*). Devido à semelhança formal entre o pronome **a* 'tu^{INT}' e o alomorfe **a-* '2^{INT}.II', é difícil dizer se a ocorrência desse alomorfe *a-* em temas de ambas as classes (I e II) se deu através da gramaticalização do pronome **a* ou através da extensão analógica do índice **a-* (alomorfe que antes fora restrito aos temas da classe I) para os temas da classe II. Os reflexos do prefixo **a-* nos temas da classe I foram mantidos em quase todas as línguas Macro-Jê, conforme ilustrado no Quadro 4.8.

língua	índice	função sintática do argumento codificado
Djeoromitxí, Arikapú	*a-*	POSS, P/S, complemento de posposições
Rikbáktsa	*a-*	POSS, P, complemento de posposições
	ca-	S_P
	c(i)-	S_A/A
Ofayé	*ê-*$_{MP}$, *e-*$_G$	POSS (inalienável), P/S_P, S_A/A (*t-ê-*), complemento de posposições
	ə-	POSS (alienável)
Karajá	**ã-*	POSS, complemento de posposições, P/S_P
	**tã-*	S_A/A (modo *realis*)
	**b-*	S_A/A (modo *irrealis*)
Maxakalí	*ã-* /a-/	POSS (posse direta), P/S_P
Krenák	*a-*, *ã-*	POSS, P/S_P (em variação com o pronome?), complemento de posposições

língua	índice	função sintática do argumento codificado
Akwẽ-Xerénte	*aj-*	possuidor, complemento de posposições, argumentos P/S_P; argumentos P/S (em formas não finitas de verbos)
	bə=	A/S (passado)
	te=	A/S (não passado; codifica também a terceira pessoa)
Xavánte	*ʔaj-*	possuidor, argumentos P; S, A (em aoristo)
	mə̃=	A/S (passado; codifica também a terceira pessoa)
	tê=	A/S (não passado; codifica também a terceira pessoa)
Panará	*a=*	argumentos P; S (modo *realis*)
	ka=	argumento A (modo *realis*)
	ti=	argumentos S, A (modo *irrealis*)
Timbíra	*a-*	possuidor, complemento de posposições, argumentos P/S_P; P/S (em formas não finitas de verbos)
Mẽbêngôkre	*a-*	
Apinajé	*a-*	
Kĩsêdjê	*a-*	
Tapayúna	*a-*	

Quadro 4.8. Prefixos e clíticos codificando o argumento da segunda pessoa em temas da classe I nas línguas Macro-Jê

4.2.2.1. Retenções do padrão original

As línguas que sistematicamente preservam a distinção entre os alomorfes de 2(SG) que ocorrem nos temas das classes I e II são o Ofayé, o Karajá, o Krenák, o Kĩsêdjê e, parcialmente, o Timbíra, o Panará e o Maxakalí. Em Mẽbêngôkre, tal distinção não foi preservada na morfologia flexional, mas alguns resquícios podem ser encontrados nos termos triádicos de parentesco.

4.2.2.1.1. Ofayé

Como mostramos em (4.14) abaixo, os temas da classe II (séries {š-} e {jĩ-} na classificação de GUDSCHINSKY, 1974) apresentam um índice zero de 2SG, enquanto todas as demais formas, incluindo a forma não flexionada (ou seja, aquela usada com argumentos nominais), apresentam uma consonante temática em seu lugar.

(4.14) Temas da classe II do Ofayé (GUDSCHINSKY, 1974)

	tema	2SG	glosa
a.	*-enxəh*	*Ø-enxəh*	‘coração’
b.	*-erĕʔ*	*Ø-erĕʔ*	‘boca’
c.	*-ekĕjiʔ*	*Ø-ekĕjiʔ*	‘rabo’
d.	*-ĩɸanxeʔ*	*Ø-ĩɸanxeʔ*	‘unha’
e.	*-ĩj-xaʔ*	*Ø-ĩ-xaʔ*	‘dedo’ (literalmente ‘mão-filho’)
f.	*-ĩj*	*Ø-ĩj*	‘mão’
g.	*-ixej-haʔ ~ -ĩxej-ha*	*Ø-ixej-ha*	‘nariz’ (literalmente ‘nariz-pele’)
h.	*-ĩhtôɸe*	*Ø-ĩhtôɸe*	‘orelha’

Isso contrasta com a presença do prefixo *ə-* nos temas da classe I (4.15).

(4.15) Temas da classe I do Ofayé (GUDSCHINSKY, 1974)

	tema	2SG	glosa
a.	*-hih*	*ə-hih*	‘osso’
b.	*-kəteːʔ*	*ə-kəteːʔ*	‘cabeça’
c.	*-jiʔ*	*ə-jiʔ*	‘cabelo’
d.	*-xeʔ*	*ə-xeʔ*	‘dente’
e.	*-kə̃ʔ*	*ə-kə̃ʔ*	‘ombro’
f.	*-haʔ*	*ə-haʔ*	‘pele’
g.	*-ɸar*	*ə-ɸar*	‘pé’
h.	*-ɸat-xaʔ*	*ə-ɸat-xaʔ*	‘dedo de pé’ (literalmente ‘pé-filho’)
i.	*-həʔ*	*ə-həʔ*	‘rosto’
j.	*-tôə̆ʔ*	*ə-tôə̆ʔ*	‘pescoço’
k.	*-jõwʔ*	*ə-jõwʔ*	‘ser velho’
l.	*-ganiĕʔ*	*ə-ganiĕʔ*	‘ser bravo’
m.	*-xarə̆ʔ*	*ə-xarə̆ʔ*	‘ser seco’
n.	*-haːĭʔ*	*ə-haːĭʔ*	‘ser amarelo’
o.	*-raːʔ*	*ə-raːʔ*	‘ser doente’

O morfema *e-* (*ê-* na transcrição de OLIVEIRA, 2006) ocorre com os temas alienavelmente possuídos (a série {š-} de Gudschinsky) e marca os argumentos S_P/P e S_A/A (*t-ê-*), bem como complementos de posposições. Provavelmente se trata de um reflexo do pronome PMJ **a*, enquanto Ofayé *ə-* poderia ser um reflexo irregular do prefixo PMJ **a-*, com a divergência entre as qualidades vocálicas podendo ser atribuída a diferenças no *status* prosódico desses elementos (pronome tônico, índice átono).

4.2.2.1.2. Karajá

A situação do Karajá assemelha-se àquela do Ofayé. A divisão em duas classes morfológicas do Proto-Macro-Jê é nitidamente mantida nessa família linguística. Nos temas da classe ***i*** (classe I na terminologia de RODRIGUES, 2012), a marcação da segunda pessoa do argumento interno dá-se por meio do índice prefixal *ã-* (exemplo 4.16a abaixo), enquanto nos temas da classe ***ɗ***

(classe II nos termos de RODRIGUES, 2012) ocorre um índice zero (exemplos 4.16b–c), sendo que em todas as outras formas, incluindo a forma não flexionada, ocorrem prefixos foneticamente expressos e/ou consoantes temáticas.

(4.16) Índices de segunda pessoa em Karajá (RIBEIRO, 2012, p. 41–43)

	forma não flexionada	2	glosa
a.	*koru* (< **koru*)	*ã-koru* (< **ã-koru*)	‘testa’
b.	*d-ebo* (< **d-ebo*)	*Ø-ebo* (< **Ø-ebo*)	‘mão’
c.	*l-əbu* (< **l-ub*)	*Ø-əbu* (< **Ø-ub*)	‘sangue’

Rodrigues (2012, p. 272) argumenta que o alomorfe zero do prefixo da segunda pessoa resulta de uma assimilação e subsequente contração por meio de crase: **ã-ebo* > **e-ebo* > *Ø-ebo* ‘tua mão’ (vs. **ã-koru* > *ã-koru* ‘tua testa’). Contudo, à luz dos dados fornecidos por outras línguas Macro-Jê, é possível formular outra hipótese: o prefixo *ã-* continuaria diretamente o prefixo PMJ **a-*, enquanto o índice de segunda pessoa que ocorre nos temas da classe ***d*** seria um prefixo pessoal zero herdado sem nenhuma modificação do Proto-Macro-Jê. Com isso, não precisaríamos mais encarar o zero de *Ø-ebo* como um resultado de assimilação de **a*.

4.2.2.1.3. Krenák

Sendo o Krenák uma língua insuficientemente descrita, pouco se pode dizer sobre a existência ou inexistência de duas classes morfofonológicas nessa língua. Seki (2004, p. 132) apresenta as seguintes formas pronominais para a segunda pessoa do singular: *huti ~ hoti* (formas livres), *a- ~ ã- ~ h- ~ hi-* (formas presas). Segundo a autora, as formas livres codificam o sujeito de verbos ativos e descritivos, enquanto as formas presas codificam o possuidor, embora alguns alomorfes presos possam ocorrer também “como sujeito de descritivos e como objeto de verbos e posposições” (*ibidem*). Entretanto, os fatores que determinariam a escolha dos alomorfes da forma presa não são explicitados na obra de Seki (2004).

As ocorrências da forma presa da segunda pessoa do singular, registradas nos escassos dados disponíveis, são reproduzidas em (4.17) abaixo.

(4.17) KRENÁK (SEKI, 2004; PESSOA, 2012)

a.	*a-nĩŋ, a-nĩñ*	‘vir’	k.	*a-bone*	‘boné’
b.	*a-ron*	‘ser alto, ser comprido’	l.	*a-we*	‘COM’
c.	*ã-nʃem*	‘casa’	m.	*a-po*	‘pé, mão’
d.	*a-rehe*	‘ser bom’	n.	*a-kitom*	‘olho’
e.	*a-kruk*	‘filho’	o.	*h-uk*	‘BEN’
f.	*a-pok*	‘fechar’	p.	*h-opu*	‘mãe’
g.	*a-kwem*	‘morrer’	q.	*h-iõjek*	‘costas’
h.	*a-m̥oŋ*	‘bater’	r.	*h-ep*	‘sentar-se’

i.	*a-ne*	‘FUT’	s.	*h-um*	‘banhar-se, nadar’
j.	*a-palito*	‘paletó’	t.	*hi-nun*	‘braço’

Com a exceção da palavra *hi-nun* ‘teu braço’ (4.17t), o alomorfe *a-* ocorre diante de consoantes (4.17a–n) e o alomorfe *h-* ocorre diante de vogais (4.17o–s). É possível que a segmentação correta de *hi-nun* seja *h-inun*: a única outra forma registrada desse tema, *kinun* (3SG-braço), pode ser segmentada ora como *ki-nun*, ora como *k-inun* (ambos alomorfes de 3SG — *ki-* e *k-* — são atestados por SEKI, 2004, p. 132).

Sugerimos, de forma preliminar, que o alomorfe *a-* (*ã-* diante de consoantes pós-oralizadas) ocorra em reflexos de temas da classe I e que o alomorfe *h-* ocorra em reflexos de temas da classe II do Proto-Macro-Jê. É plausível supor que Krenák *a-* < PMJ **a-*, enquanto Krenák *h-* < PMJ **Ø-*. Notamos, entretanto, que o reflexo esperado de PMJ **a-* seria KNK **o* (e não *a*). A ocorrência de KNK *a-* poderia ser explicada pelo ambiente átono ou considerada irregular; a situação, portanto, se assemelha àquela descrita para o Ofayé na subseção **4.2.2.1.1**.

4.2.2.1.4. Kĩsêdjê

Na língua Kĩsêdjê, o argumento de 2(SG) pode ser codificado através de um dos dois índices prefixais: *a-* ou *ŋ-*, cuja ocorrência encontra-se ilustrada em (4.18).

(4.18) Flexão de segunda pessoa em Kĩsêdjê (SANTOS, 1997, p. 35–36)

	forma não flexionada	2SG	glosa
a.	*nã*	*a-nã*	‘mãe’
b.	*j-ajk^{h}wa*	*ŋ-ajk^{h}wa*	‘boca’
c.	*ñ-õ*	*ŋ-õ*	‘GEN’

O índice *a-* (< PJS **a-* < PMJ **a-*) ocorre nos temas da classe I (4.18a), enquanto o índice *ŋ-* (< PJS */g-/* < PMJ **Ø-*) ocorre nos temas da classe II (4.18b–c).[104] A ocorrência de uma consoante nasal *ŋ-* é esperada nos temas cuja sílaba inicial contém um núcleo nasal (4.18c); nos demais temas, o reflexo regular de PJS */g-/* seria KSJ **k-*. Explicamos tal irregularidade assumindo que o uso de *ŋ-* foi estendido da posposição genitiva *ŋ-õ*, de alta frequência, para todos os temas (como no exemplo 4.18b).

Segundo uma proposta (cf. NONATO, 2014, p. 135), o alomorfe *ŋ-* poderia ser derivado de /a-ñ-/ subjacente por meio de um processo morfofonológico de amalgamação. Embora tal

[104] É importante ressaltar que há temas que, apesar de seus cognatos serem da classe II em outras línguas Jê e Macro-Jê, pertencem à classe I em Kĩsêdjê devido a uma fossilização da consoante temática como parte da raiz. Por exemplo, Santos (1997, p. 106–107) registra *i-ñja-kre* ‘meu nariz’, *a-ñja-kre* ‘teu nariz’ (classe I), embora os cognatos deste tema (PJ **ñ-ĩja* < PMJ ** ñ-ĩja*) pertençam à classe II em línguas como o Mẽbêngôkre (*ñ-ĩja-kre*, terceira pessoa *Ø-ĩja-kre*) ou Karajá (*d-ea-θə̃*, terceira pessoa *ɗ-ea-θə̃*).

análise, tecnicamente, dê conta dos fatos sincrônicos, desconhecemos evidências que mostrem que a análise de Nonato (2014) corresponde a alguma realidade diacrônica.

É interessante notar que na língua Tapayúna, estreitamente relacionada ao Kĩsêdjê, foi atestado apenas o alomorfe *a-*, que nos temas da classe II coocorre com a consoante temática (CAMARGO, 2015), provavelmente devido a uma extensão analógica da classe I para a classe II. Por exemplo, em vez de Kĩsêdjê *ŋ-õ* 'teu' em Tapayúna ocorre *a-ñ-õ*.

4.2.2.1.5. Timbíra

A possibilidade de codificar o argumento de segunda pessoa em alguns temas da classe II com o prefixo *ŋ-* (< PJS */g-/ < PMJ **Ø-*) foi atestada para o Canela-Apànjêkra (CASTRO ALVES, 2004), o Canela-Mẽmõrtũmre (POPJES, POPJES, 1971; GRUPP, 2015) e o Gavião-Pyhcopji (SÁ AMADO, 2004). Em todas essas variedades o uso deste morfema parece alternar com a sequência do alomorfe *a-* (o mesmo que marca a flexão de segunda pessoa nos temas da classe I) e da consoante temática, conforme ilustrado em (4.19).

(4.19) Prefixo *ŋ-* nas variedades Timbíra

CANELA-APÀNJÊKRA (CASTRO ALVES, 2004, p. 35)

a. *a-j-apak* = *ŋ-apak*
2-TH-orelha = 2-orelha
'tua orelha'

CANELA-MẼMÕRTŨMRE (POPJES, POPJES, 1971)

b. *ŋg-aːra ~ g-aːra ~ ŋ-aːra*
2-braço
'teu braço'

GAVIÃO-PYHCOPJI (SÁ AMADO, 2004, p. 85)

c. *aː-j-apak* = *ŋg-apak*
2-TH-orelha = 2-orelha
'tua orelha'

d. *aː-j-əːpə-n* = *ŋg-əːpə-n*
2-TH-comer-NF = 2-comer-NF
'tu comeste'

Sá (1999, p. 61) deriva *ŋg-* de *aː-j-* através de um suposto processo de dissimilação de traços, mas não se tem conhecimento de nenhum outro fato linguístico que possa corroborar tal interpretação. Segundo Castro Alves (2004), "a ocorrência de *aj-* está restrita à fala mais cuidadosa, enquanto *ŋ-* ocorre na fala mais natural" em Canela-Apànjêkra. Dessa maneira, é provável que estejamos observando uma mudança morfológica em curso: uma forma morfologicamente

opaca está sendo substituída por uma forma transparente e aparentemente "regular" na fala mais cuidadosa.[105]

A ocorrência de uma consoante nasal *ŋ(g)-* é esperada nos temas cuja sílaba inicial contém um núcleo nasal (tais como CAN *ŋ-õ* '2.GEN'); nos demais temas, o reflexo regular de PJS */g-/ em Timbíra seria **k-*, porém o reflexo observado é *ŋ(g)-* (4.19). Explicamos tal irregularidade assumindo que o uso de *ŋ-* foi estendido da posposição genitiva *ŋ-õ*, de alta frequência, para todos os temas, tal como foi proposto em **4.2.2.1.4** para o Kĩsêdjê.

4.2.2.1.6. Panará

A morfossintaxe do Panará sofreu profundas transformações na história individual dessa língua (cf. BARDAGIL-MAS, 2015, p. 6; ver também subseção **5.2.1.2**), e os índices pessoais do Proto-Jê de Goyaz reduziram drasticamente a esfera de seu uso, sendo substituídos na maioria de suas funções por índices de origem incerta. No Quadro 4.9, reproduzimos os pronomes e índices do Proto-Jê Setentrional e do Panará, omitindo as formas que contêm afixos marcadores de número por serem irrelevantes à presente discussão.

<table>
<tr><td colspan="2" rowspan="2"></td><td colspan="4">Proto-Jê Setentrional</td><td colspan="3">Panará</td></tr>
<tr><td>1</td><td>1+2</td><td>2</td><td>3</td><td>1</td><td>2</td><td>3</td></tr>
<tr><td rowspan="5">PJS: verbos finitos
PNR: irrealis</td><td>A</td><td rowspan="2">*ba</td><td rowspan="2">*gu</td><td rowspan="2">*ga</td><td rowspan="2">*gê</td><td rowspan="3">Ø=</td><td>ti=</td><td>ti=</td></tr>
<tr><td>S_A</td><td>ti= … a- I
ti= … k- II</td><td>ti= … Ø- I
ti= … s- II</td></tr>
<tr><td>S_P</td><td rowspan="4">*ij-</td><td rowspan="4">*ba-</td><td rowspan="4">*a- I
*g- II</td><td>*c-</td><td rowspan="3">a- I
k- II</td><td rowspan="3">Ø- I
s- II</td></tr>
<tr><td>P</td><td>*ku-/*c-</td><td rowspan="2">ra- I
r- II</td></tr>
<tr><td rowspan="2">PJS: verbos não finitos
PNR: realis</td><td>P</td><td rowspan="2">*c-</td></tr>
<tr><td>S</td></tr>
<tr><td>A</td><td colspan="4">*-te ERG</td><td>rê=/ri=</td><td>ka=</td><td>ti=</td></tr>
<tr><td colspan="2">posposições</td><td rowspan="2">*ij-</td><td rowspan="2">*ba-</td><td rowspan="2">*a- I
*g- II</td><td>*ku-</td><td rowspan="2">ĩŋkjẽ</td><td rowspan="2">ka</td><td rowspan="2">mə̃ra</td></tr>
<tr><td colspan="2">nomes</td><td>*c-</td></tr>
</table>

Quadro 4.9. Pronomes e índices do Proto-Jê Setentrional e do Panará

Embora os índices absolutivos/acusativos ("caso interno") do Panará tenham sido descrito como clíticos (DOURADO, 2001, p. 44; BARDAGIL-MAS, 2015, 2018), o fato de eles apresentarem alomorfia condicionada pela classe morfofonológica do tema (ver a discussão abaixo)

[105] Não é incomum os falantes das línguas do mundo terem preferência por formas mais arcaicas em uma fala mais natural, enquanto a fala mais controlada/formal apresenta formas inovadoras. Por exemplo, na língua estoniana há duas estratégias de marcação do caso ilativo. A estratégia conservadora consiste em uma alternância no interior do radical (< proto-fínico **-sen*), por exemplo, NOM.SG *küla* 'povoado', ILL.SG *külla* (< proto-fínico **külä-sen*). A estratégia inovadora consiste no uso do sufixo *-sse* (por exemplo, ILL.SG *küla-sse*), moldado por analogia com os demais marcadores de casos locativos (adessivo *-l* : ablativo *-lt* : alativo *-le*, inessivo *-s* : elativo *-st* : ilativo ***-sse***). Além de as formas mais conservadoras serem mais frequentes em textos (HASSELBLATT, 2000; KAALEP, 2009), elas também são mais recorrentes na variedade coloquial do estoniano do que na variedade formal (KEEVALLIK, 2003, p. 362). Outro exemplo, dessa vez do domínio de fonologia, diz respeito à neutralização de /ɑ/ e /ɒ/ na fala monitorada — mas não na fala natural — de um falante de inglês de Duncannon (Pensilvânia, EUA) (LABOV *et al.*, 1972, p. 235–236). Dessa maneira, a fala natural do falante entrevistado apresenta uma retenção (distinção entre /ɑ/ e /ɒ/) que não é atestada na fala cuidadosa do mesmo.

é compatível com uma interpretação prefixal.[106] Dentre as aparentes retenções do Proto-Jê de Goyaz em Panará estão os índices *a*-, *k*- ‘2^{INT} (classe II)’ (< PJG **a*-, **g*- ‘2^{INT}’).

De acordo com Dourado (2001, p. 44), os alomorfes *r*- ‘1^{INT}’, *k*- ‘2^{INT}’ e *s*- ‘3^{INT}’ (“prefixos de concordância”, segundo a autora) ocorrem nos verbos “cujos temas se iniciam por *s*-”, que “pode alternar-se com *y*-, quando o nome se incorpora ao verbo” — isto é, nos temas que pertencem à classe morfofonológica denominada *classe II* nos termos desta tese (cf. BARDAGIL-MAS, 2018, p. 115–117). Nos dados disponíveis há exemplos de ocorrência do alomorfe *k*- com seis temas verbais: *-ə̃mpə* ‘comer.INTR’, *-ə̃mpũŋ* ‘ver’, *-ə̃nte* ‘deixar’, *-ə̃nto* ‘mandar’, *-ə̃ŋkju* ‘sangrar’, *-ũmpa* ‘ter medo, dar medo’, conforme ilustrado em (4.20) abaixo.

(4.20) Alomorfe *k*- no Panará (DOURADO, 2001; BARDAGIL-MAS, 2015)

a. *ĩŋkjẽ* *hẽ* *rê=k-ə̃nte-rĭ* *jy=k-ə̃mpə* *rahê* *ka*
eu ERG $1^{ERG}=2^{INT}$-deixar-RLS RLS.INTR=2.ABS/ACC-comer FND tu
‘eu deixei tu comeres’

b. *ĩŋkjẽ* *hẽ* *rê=su=k-ə̃nto-rĭ* *mə̃ra-mẽra* *ka=r-ə̃mpũŋ* *ahê*
eu ERG 1^{ERG}=AUX=2^{INT}-mandar-RLS ele-PL $2^{ERG}=3PL^{INT}$-ver FND
‘eu te fiz vê-los’

c. *ka=ti=k-ũmpa* *nə̃ŋkə̃* *hẽ?*
IRR=$3^{ERG}=2^{INT}$-dar_medo cobra ERG
‘as cobras te dão medo?’

É importante ressaltar que a relação entre a classe morfofonológica do tema verbal e a alomorfia dos índices absolutivos/acusativos não parece ser tão direta quanto Dourado (2001) sugere. Por exemplo, embora o verbo *-isy* ‘bater’ (pertencente à classe II) seja atestado com os alomorfes monoconsonantais, em conformidade com a generalização de Dourado (4.21a), em outros exemplos ocorrem os alomorfes *ra*- ‘1^{INT}’ e *a*- ‘2^{INT}’ no mesmo tema (4.21b–d).

(4.21) Dualidade do comportamento morfofonológico do verbo *-isy* ‘bater’ em Panará (BARDAGIL-MAS, 2015)

a. *pykkôwmə̃* *ka* *hẽ* *ka=ti=r-isy-rĭ* *ĩŋkjẽ*
amanhã tu ERG IRR=$2^{NOM}=1^{INT}$-bater-IRR eu
‘amanhã tu vais bater em mim’

b. *ka* *hẽ* *ka=ra-sisy* *ĩŋkjẽ*
tu ERG $2^{ERG}=1^{INT}$-bater eu
‘tu bateste em mim’

[106] De fato, Dourado (2001, p. 44) analisa como clíticos apenas os alomorfes *ra=* e *a=*. Os alomorfes *r*- ‘1^{INT}’, *k*- ‘2^{INT}’, *s*- ‘3^{INT}’ são tratados como prefixos pela autora.

c. *ka* *hẽ* *ka=ti=ra-sisy* *ĩŋkjẽ*
tu ERG IRR=2^{NOM}=1^{INT}-bater eu
'tu vais bater em mim'

d. *pykkôwmə̃* *mə̃ra* *hẽ* *ka=ti=a-sisy-rĭ* *ka*
amanhã ele ERG IRR=3^{NOM}=2^{INT}-bater-IRR tu
'amanhã ele vai bater em ti'

É possível observar que em (4.21b–d), onde o verbo 'bater' recebe alomorfes característicos da classe I, o tema verbal inclui uma consoante inicial *s-*, que nestes exemplos não pode ser analisada como um índice de 3^{INT}. Aderindo à proposta de Dourado que relaciona a alomorfia dos índices absolutivos/acusativos à classe morfofonológica dos temas verbais, sugerimos a possibilidade de explicar a duplicidade exemplificada em (4.21) postulando a existência de dois verbos formalmente distintos: *-isy* (classe II) e *sisy* (classe I), sendo que *sisy* provavelmente emergiu na língua através da fossilização do verbo *-isy* com um índice de terceira pessoa absolutiva (*s-isy*).

É plausível supor que os alomorfes *a-* e *k-* '2.ABS/ACC' são continuações diretas de PMJ **a-* e **Ø-* (> PJS **a-* e **g-*), respectivamente.

4.2.2.1.7. Maxakalí

Na língua Maxakalí, o argumento interno (POSS, P/S_P, P/S) de segunda pessoa é tipicamente codificado através do índice *ã-* /a-/ 2 (4.22), inclusive em muitos temas que pertenciam, em Proto-Macro-Jê, à classe II (4.22). Nesse último caso, a consoante temática PMJ **j-* foi fossilizada em Maxakalí como parte integral do tema.

(4.22) Temas de classes diferentes do PMJ em Maxakalí (GM, 2003, p. 12)

	classe I		classe II
a.	*ã-pata*	b.	*ã-ñĭP*
	2-pé		2-mão
	'teu pé' (< **a-pâr*°)		'tua mão' (≠ PMJ **Ø-ĩm*)

Há, entretanto, alguns poucos temas em Maxakalí que opcionalmente marcam a flexão de segunda pessoa por meio da elisão da consoante temática *ñ-* (SILVA, 2020a, p. 172–173, 245–249), embora todos eles admitam também a utilização do padrão regular (prefixação de *ã-* /a-/ 2, sem a elisão da consoante temática). Todos esses temas apresentam um núcleo nasal em sua sílaba inicial. Damos alguns exemplos desses temas em (4.23a–d).

(4.23) Elisão de consoante temática na forma de segunda pessoa em Maxakalí (SILVA, 2020a)

a. *Ø-ũKtaT* ~ *ã-ñ-ũKtaT*
2-seio 2-TH-seio
'teu seio'

b. *Ø-ĩP-ktuK* ~ *ã-ñ-ĩP-ktuK*
2-mão-filho 2-TH-mão-filho
'teu dedo'

c. *Ø-ũKmĩC* ~ *ã-ñ-ũKmĩC*
2-vomitar 2-TH-vomitar
'tu vomitaste'

d. *mũ=Ø-ũT* ~ *mũ=ã-ñ-ũT*
CTFG=2-dormir CTFG=2-TH-dormir
'tu dormiste'

Silva (2020a) mostra ainda que os temas monossilábicos (4.23e–f), bem como aqueles que possuem um núcleo oral em sua sílaba inicial (4.23g), não apresentam a elisão de sua consoante inicial (a não ser que se trate de um tema monossilábico nasal que faz parte de uma palavra fonológica maior, como em 4.23d), mesmo se seus cognatos em outras línguas Macro-Jê pertencerem à classe II. O autor atribui a não-utilização dessa estratégia nos temas monossilábicos à necessidade da formação de um pé bimoraico, que constitui uma tendência forte na língua.

e. *ã-ñ-ĩP* *(*Ø-ĩP)*
2-TH-mão/braço
'tua mão, teu braço'

f. *ã-ñ-ĩT* *(*Ø-ĩT)*
2-TH-carne
'tua carne'

g. *ã-catakuC* *(*Ø-atakuC)* ≠ PMJ *Ø-ar°-kuñ° 'tua boca' > KSJ *ŋ-ajkʰwa*
2-palato
'teu palato'

O único tema do Maxakalí em que a elisão da consoante temática é a **única** maneira de marcar a flexão de segunda pessoa é a posposição genitiva *ñũK* (reflexo de PMJ **ñ-ũk*, classe II). Como já foi visto em **4.2.1.2.3**, essa posposição possui formas idiossincráticas de 1SG (*ñũK* em vez de **K=ñũK*) e 2SG (*Ø-ũK* em vez de **ã-ñũK*) (CAMPOS, 2009, p. 71). Reproduzimos (4.9) como (4.24) abaixo.

(4.24) Posposição genitiva no Maxakalí (GM, 2003, p. 14)

a. *ñ-ũK* *ĵiP*
TH-GEN carro
'meu carro'

b. *Ø-ũK* *ĵiP*
2-GEN carro
'meu carro'

c. *ỹ-ñ-ũK* *ĵiP*
3-TH-GEN carro
'carro dele/dela'

A forma *Ø-ũK* (4.24b) corresponde perfeitamente a Kĩsêdjê, Canela *ŋõ* (< PMJ **Ø-ũk*).

4.2.2.1.8. Mẽbêngôkre

O único índice de segunda pessoa em Mẽbêngôkre, utilizado regularmente na flexão de verbos, nomes e posposições, é *a-* (tanto nos temas da classe I, em que seu uso apresenta uma retenção do Proto-Macro-Jê, como nos temas da classe II, em que o uso de *a-* foi extendido dos temas

da classe I). O percurso evolutivo da flexão de segunda pessoa em Mẽbêngôkre, compartilhado por diversas outras línguas Jê, será discutido em maior detalhe na subseção **4.2.2.2**.

Entretanto, a alomorfia original do índice de segunda pessoa parece ser preservada em Mẽbêngôkre nos chamados termos triádicos de parentesco, que expressam simultaneamente a relação de parentesco entre um indivíduo referente, o locutor e o ouvinte (cf. LEA, 2004). Quase todos os termos triádicos apresentam o prefixo *a-* de segunda pessoa, como em *a-par* 'teu *təmĵwâ* (ChCh, ZCh, … para *ego* masculino, BCh, … para *ego* femenino) = meu *kra* (Ch, …)'. Além disso, um termo triádico, *ba-kroŋêt* 'teu e meu amigo formal' contém um prefixo *ba-* de 1INCL, indicando que o *propositus* é relacionado da mesma forma ao *ego* e ao ouvinte. Apenas três termos triádicos, dados em (4.25), não são iniciados por *a-* ou *ba-*.

(4.25) MẼBÊNGÔKRE
a. *gətẽk* 'teu *kra* = meu *təmĵwâ*'
b. *gəĵwâñ* 'tua *kra* = minha *təmĵwâ*'
c. *ŋiñĩ* 'tua esposa = minha cunhada, nora' (*ego* feminino).

Salanova e Lea (em preparação) sugerem que esses três termos contêm um alomorfe diferenciado do prefixo de segunda pessoa, /g-/ (< PJS */g-/ < PMJ *Ø-), e os respectivos temas (não atestados sem o prefixo de segunda pessoa) pertencem à classe II, podendo ser representados como /ĵ-ətẽk, ĵ-ôjwâñ, ĵ-iñĩ/ em sua forma subjacente.

4.2.2.2. Inovações nas línguas Macro-Jê

As línguas Macro-Jê não mencionadas em **4.2.2.1** (Rikbáktsa, ambas as línguas Jabutí, a maioria das línguas Jê) não apresentam índices de segunda pessoa assilábicos nos temas da classes II. Nessas línguas a indexação do argumento de segunda pessoa nos temas que pertenciam às classes I e II em Proto-Macro-Jê se dá de uma forma unificada. Reproduzimos os marcadores relevantes no Quadro 4.10.

Jabutí	Djeoromitxí	*a-* (PIRES, 1992, p. 60–61; VOORT, 2007, p. 143)
	Arikapú	*a-* (VOORT, 2007, p. 139)
Rikbáktsa	Rikbáktsa	*a-* (L. SILVA, 2011, p. 72, 125, 189)
Akuwẽ	Xavánte	*ʔaj-*[107] (ESTEVAM, 2011, p. 149, 209)
	Akwẽ-Xerénte	*aj-* (SOUSA FILHO, 2007, p. 123)
Jê Setentrionais	Apinajé	*a-* (OLIVEIRA, 2015, p. 180)
	Tapayúna	*a-* (CAMARGO, 2015, p. 98)

[107] Diante de consoantes alveolares o fonema *-j-* é sujeito a assimilação.

Jê Meridionais	Kaingáng	*ã* (WIESEMANN, 2011, p. 160)
	Laklãnõ	*a* (GAKRAN, 2015, p. 74)

Quadro 4.10. Codificação do argumento de segunda pessoa nas línguas Rikbáktsa, Jabutí e algumas línguas Jê

A ausência de diferenças na indexação do argumento de segunda pessoa nos temas das classes I e II nas línguas mencionadas provavelmente resulta da eliminação do padrão improdutivo (classe II) em favor do padrão produtivo (classe I) e encontra um paralelo exato em línguas como Maxakalí (em temas monossilábicos e orais) e Mẽbêngôkre (em temas que não são termos triádicos de parentesco). Outra possibilidade a ser considerada é a gramaticalização de um pronome pacientivo de segunda pessoa (PMJ **a*). É difícil distinguir entre esses dois caminhos possíveis de evolução em razão da homonímia formal do pronome pacientivo de segunda pessoa (PMJ **a*) e do índice de segunda pessoa compatível os temas da classe I (PMJ **a-*) em Proto-Macro-Jê. A questão, portanto, permanece em aberto.

4.2.3. Índices de 1PL e 2PL nas línguas Macro-Jê

Embora algumas línguas do tronco Macro-Jê expressem o número apenas nos pronomes livres, outras apresentam índices especiais de 1PL/INCL e 2PL, reproduzidos no Quadro 4.11 abaixo.[108]

Djeoromitxí	1PL	*hi-*	VOORT, 2007, p. 143
Arikapú	1PL	*ci-*	VOORT, 2007, p. 139
Rikbáktsa	1PL	*mỹ-*	L. SILVA, 2011, p. 72, 118, 125, 189 (cf. 3SG.CRF *ta-*, 3PL.CRF *ta-ha-*)
	2PL	*a-ha-* (SG *a-*)	
Ofayé	1PL	*a-ka-* (SG *a-*)	GUDSCHINSKY, 1974; OLIVEIRA, 2006, p. 97, 101
	2PL	*e-ke-* (SG *e-*) *ê-kê-* (SG *ê-*)	
Karajá	1PL	*rək-* (CTFG.IRR)	RIBEIRO, 2012, p. 207
Akwẽ-Xerénte	1PL	*wa-*	COTRIM, 2016, p. 206
Xavánte	1PL	*wa-*	ESTEVAM, 2011, p. 149
Timbíra	1INCL	*pa-*	CASTRO ALVES, 2004, p. 83
Mẽbêngôkre	1INCL	*(gu)=(NUM)=ba-*	REIS SILVA, 2003, p. 51; SALANOVA, 2007, p. 29
Kĩsêdjê	1INCL	*wa-*	SANTOS, 1997, p. 35–36; NONATO, 2007, p. 13
Tapayúna	1INCL	*wa-*	CAMARGO, 2015, p. 98

Quadro 4.11. Índices de 1PL e 2PL nas línguas Macro-Jê

RKB *mỹ-*, PJab **ci-* (DJE *hi-*, ARI *ci-*), KRJ *rək-* não possuem cognatos conhecidos em outras famílias do tronco Macro-Jê. É provável que os morfemas RKB *-ha-* e OFA *-kV-*, que codificam o plural nos índices pronominais, sejam relacionados, embora a correspondência entre RKB *h* e

[108] Omitimos os índices de pessoa compostos das línguas Jê Setentrionais que incluem os clíticos de número (PJS **mẽ* PL e **ar* PAUC).

OFA *k* não seja regular; poderia se tratar de uma inovação exclusiva ao Proto-Matogrossense. PCerr **wa-* (XAV, AKW, KSJ, TAP *wa-*, TIM **pa-*, MBG *ba-*) é comparável ao prefixo **o-* 1INCL do Proto-Chiquitano, mas não pudemos identificar nenhum cognato nas demais línguas Macro-Jê.

4.3. Índices alofóricos

É de conhecimento geral que a categoria de pessoa não é um domínio semântico *stricto sensu*: existe uma diferença fundamental entre a primeira e a segunda pessoas, por um lado, e a terceira pessoa, por outro lado (cf. BENVENISTE, 1956; LYONS, 1977, p. 638–639; SIEWIERSKA, 2004, p. 5–8; HASPELMATH, 2013, p. 199–200). Enquanto as expressões de primeira ou segunda pessoa se caracterizam pela referência dêitica e não podem ser regularmente substituídas por expressões lexicais, a referência feita pelos marcadores de terceira pessoa tipicamente não é dêitica e sempre pode ser atingida através de uma expressão lexical.[109] Contudo, não há terminologia universalmente aceita para denominar estas duas categorias. O Quadro 4.12 sistematiza os termos que têm sido propostos por diversos autores.

	1/2	3
Benveniste (1956)	formas pessoais	formais não pessoais
Dahl (2000)	formas egofóricas (*egophoric*)	formas alofóricas (*allophoric*)
Haspelmath (2013)	formas locufóricas (*locuphoric)*	formas alofóricas (*allophoric*)
outros termos	*speech-role*, SAP (*speech act participant*)	*non-speech-role*

Quadro 4.12. Terminologia referente às duas classes de formas pessoais

O principal motivo de estas duas categorias serem comumente agrupados sob o rótulo de 'pessoa' é o fato de as línguas do mundo frequentemente expressarem essas noções de uma maneira semelhante (HASPELMATH, 2013, p. 200), organizando-as em paradigmas pronominais e pessoais (CYSOUW, 2001). Nesta tese adotamos a terminologia de Haspelmath (2013) e, portanto, dividimos o paradigma de flexão pessoal em dois subparadigmas: **locufórico** (tratado na seção **4.2**) e **alofórico** (examinado nesta seção).

Dada a existência de diferenças semânticas fundamentais entre as formas locufóricas e alofóricas, é apenas natural que as formas alofóricas possam apresentar fenômenos que não afetam o subparadigma locufórico. As seguintes características atestadas em algumas línguas

[109] Algumas línguas, tais como o japonês, desenvolveram sistemas que admitem ou exigem o uso sistemático de expressões lexicais ao invés de pronomes pessoais de primeira ou de segunda pessoas sob o condicionamento de certos fatores pragmáticos. Contudo, em todas essas línguas se trata de uma classe fechada ou semifechada de expressões lexicais (diferentemente do que ocorre com a terceira pessoa).

do mundo são associadas exclusivamente com as formas alofóricas (CYSOUW, 2001, p. 58–60; SIEWIERSKA, 2004, p. 5–7; GIVÓN, 2011, 60–61; CORBETT, 2000, p. 277):

- a inexistência de um pronome pessoal correspondente;
- a impossibilidade de uso dêitico;
- a subcategorização em formas anafóricas e dêiticas;
- a subcategorização em formas visíveis e invisíveis;
- a subcategorização em formas obviativas e proximativas;
- a subcategorização em formas animadas e inanimadas.

Os seguintes fenômenos ocorrem com uma frequência maior no subparadigma alofórico do que no subparadigma locufórico (MITHUN, 1986; CYSOUW, 2001, p. 15–16, 56–58; SIEWIERSKA, 2004, p. 203, 205):

- indexação zero / ausência de indexação;[110]
- a existência de formas logofóricas restritas ao discurso indireto;
- a existência de formas reflexivas especiais.

O restante desta seção está estruturado da seguinte maneira. Na subseção **4.3.1**, analisamos as dificuldades que emergem quando da detecção da presença de um índice alofórico. Abordamos criticamente as propostas que envolvem a noção de flexão relacional (subseção **4.3.1.1**), propomos uma análise uniformizada para as alternâncias próprias aos temas da classe II (subseção **4.3.1.2**) e discutimos as construções de diversas línguas Macro-Jê que exigem a ocorrência de um índice mesmo na presença de uma expressão nominal codificando o argumento (subseção **4.3.1.3**). Na seção **4.3.2** tratamos da categoria de correferencialidade e discutimos as propriedades dos possíveis reflexos de um índice alofórico correferencial do Proto-Macro-Jê nas línguas Macro-Jê modernas. Na seção **4.3.3** fornecemos as reconstruções Proto-Macro-Jê dos índices alofóricos, comparando-as com o material Tupí e Boróro.

4.3.1. Indexação alofórica *vs* ausência de índice

Nas línguas Macro-Jê as formas alofóricas apresentam dificuldades de análise não encontradas nas locufóricas. Estas dificuldades decorrem do fato de os temas flexionáveis de algumas línguas Macro-Jê possuírem duas formas alofóricas diferenciadas, que denominaremos “forma A” e “forma B” nesta etapa da discussão. A forma A tipicamente ocorre quando o argumento interno do tema é expresso por um sintagma nominal, que neste caso precede o tema imediatamente. A ocorrência da forma B prototipicamente coincide com a ausência de um argumento interno expresso. Dois caminhos de análise diferentes foram propostos na literatura existente

[110] Como vimos no capítulo anterior, o sistema de formas pessoais reconstruível para o Proto-Macro-Jê não está em conformidade com este universal, apresentando a não-indexação da primeira pessoa. Esta peculiaridade tipológica se manteve na língua Djeoromitxí.

sobre as línguas Macro-Jê. Um deles, resumido por Rodrigues (2012), encara a oposição entre as formas A e B como uma categoria especial conhecida como *flexão relacional*. Esta proposta entende que a escolha entre as formas A e B é determinada pela **contiguidade** do tema a seu argumento interno. Desse modo, a forma A conteria um morfema conhecido como prefixo relacional de contiguidade, enquanto a forma B conteria um morfema conhecido como prefixo relacional de não-contiguidade. A outra abordagem, defendida por Salanova (2011) para as línguas Jê, trata a forma A como a forma não marcada (ou não flexionada) dos temas, já a forma B corresponderia à flexão de terceira pessoa.

Adotamos a proposta de Salanova (2011) quanto ao tratamento das formas A e B como forma não flexionada e forma flexionada para a terceira pessoa, respectivamente. Contudo, é importante ressaltar que a nossa análise, apresentada em **4.3.1.1** abaixo, diverge substancialmente daquela de Salanova no que tange ao tratamento das peculiaridades morfofonológicas da forma B. Estas serão discutidas em **4.3.1.2**, onde introduzimos o conceito de *consoante temática*. Na subseção **4.3.1.3**, analisamos o fenômeno de indexação redundante dos argumentos nas línguas Macro-Jê (*cross*-indexação). Argumentaremos que os fatos observados podem ser capturados postulando-se que os temas flexionáveis nas línguas Macro-Jê exigem a expressão do argumento à margem esquerda do tema. Mostraremos que a *cross*-indexação é desencadeada pelo deslocamento do argumento a uma posição não canônica em diversas línguas Macro-Jê.

4.3.1.1. A controvérsia da flexão relacional nas línguas Macro-Jê

A noção de flexão relacional foi proposta inicialmente por Rodrigues (1953) para o Tupinambá e estendida pelo autor para as línguas Macro-Jê em obras posteriores (1999, 2010, 2012). O sistema de flexão relacional consistiria

> "[…]num jogo de dois a quatro prefixos que ocorrem nos nomes, nos verbos e nas posposições para indicar o status sintático destes em relação a seus determinantes ou dependentes. Nas línguas em que há só dois prefixos, um destes, a que aqui chamo de prefixo 1, indica que o determinante está expresso nominalmente no sintagma de dependência e, assim, está adjacente ou contíguo, isto é, precede imediatamente ao determinado, que é o núcleo desse sintagma; o outro, o prefixo 2, indica o contrário, a saber, que o determinante foi removido do sintagma de dependência e, por isso, não precede imediatamente o respectivo núcleo, que é o determinado, e, assim, não lhe está estruturalmente contíguo, ainda que na superfície possa aparecer justaposto. Além desses dois prefixos, pode ocorre um terceiro, o prefixo 3, o qual indica que o determinante não contíguo é correferente do sujeito da oração em que se acha o sintagma de dependência; nas línguas que têm esse prefixo 3, o prefixo 2 implica que o determinante não tem a mesma referência que o sujeito da oração. Por fim, há línguas que têm mais um prefixo, o prefixo 4, o qual também indica que o determinante não está contíguo e não é correferente do sujeito da oração, mas é, além disso, um ser humano indeterminado;

> nas línguas que têm o prefixo 4, o prefixo 2 implica, por default, i. é, não havendo nenhuma explicitação do determinado, que este é não humano."
>
> (RODRIGUES, 2012, p. 267–268)

Segundo Rodrigues, a flexão relacional existe sincronicamente nas línguas Jê Setentrionais, Maxakalí, Karajá e Ofayé, sendo que as línguas Akuwẽ e Meridionais apresentam vestígios da existência da flexão relacional no passado.[111] Reproduzimos os exemplos que Rodrigues (2012) utiliza para ilustrar o conceito em (4.26–30) abaixo, conservando as glosas do autor referentes à flexão relacional.

(4.26) PANARÁ (dados de L. G. Dourado *apud* RODRIGUES, 2012)

a. *soti j-akôa*
animal CTG-boca
'boca do animal'

b. *s-õto s-akôa amə̃*
NCTG-língua NCTG-boca em
'a língua está na boca'

c. *mə̃ra Ø-te*
ele CTG-perna
'a perna dele'

d. *mə̃ra hẽ rõkrê ĩ-te*
ele ERG coçar NCTG-perna
'ele coçou a perna'

e. *mə̃ra Ø-sua*
ele CTG-dente
'os dentes dele'

f. *nõpjõ Ø-sua*
três NCTG-dente
'três dentes'

(4.27) CANELA-MẼMÕRTÜMRE (POPJES, POPJES, 1986)

a. *ku-te ampo j-aprô-r*
NCTG-ERG coisa CTG-comprar-NF
'ele comprou alguma coisa'

b. *ku-te h-aprô-r*
NCTG-ERG NCTG-comprar-NF
'ele (o) comprou'

c. *pjên c-ôm*
areia CTG-grão
'grãos de areia'

d. *h-ôm*
NCTG-grão
'grãos'

e. *Kapi Ø-to*
Capi CTG-olho
'o olho de Capi'

f. *i-nto*
NCTG-olho
'o olho dele'

(4.28) OFAYÉ (GUDSCHINSKY, 1974, pp. 194, 210, 226, 239, 240)

a. *ɸikə̆tə̆ĕn x-enxəh*
jacaré CTG-coração
'coração do jacaré'

b. *h-enxəh*
NCTG-coração
'coração dele'

[111] O autor ainda menciona as famílias Boróro e Karirí, que excluímos da nossa acepção do tronco Macro-Jê (ver capítulo **2**).

c. *piĕn* *x-ĕxəh*
água CTG-estar_frio
'a água está fria'

d. *h-e(ː)xəh*
NCTG-estar_frio
'está frio'

e. *peʔkrĩĕn* *Ø-kătêʔ*
pássaro CTG-ovo
'ovo do pássaro'

f. *ỹ-kătêʔ*
NCTG-ovo
'ovo'

g. *həhɸar* *Ø-haʔ*
mandioca pele/casca
'casca de mandioca'

h. *ỹ-haʔ*
NCTG-pele/casca
'pele dele'

(4.29) KARAJÁ (dados de E. R. Ribeiro *apud* Rodrigues)

a. *hãbû* *Ø-koru*
homem CTG-testa
'a testa do homem'

b. *î-koru*
NCTG-testa
'a testa dele'

c. *hãbû* *l-awəko*[112]
homem CTG-canoa
'a canoa do homem'

d. *h-ãwəko*
NCTG-canoa
'a canoa dele'

e. *hãbû* *d-ebo*
homem CTG-mão
'a mão do homem'

f. *ɗ-ebo*
NCTG-mão
'a mão dele'

(4.30) MAXAKALÍ (PEREIRA, 1992; POPOVICH, 1971)

a. *pycaP* *Ø-cypeP*
pato CTG-chegar
'o pato chegou'

b. *ỹ-cypeP* *pycaP*
NCTG-chegar pato
'chegou o pato'

c. *ĩhã* *tihiC* *Ø-cypeP* *ty* *te* *pẽñũK* *Ø-mãhã*
quando homem CTG-chegar 3 ERG feijão CTG-comer
'quando o homem chegou, ele comeu feijão'

e. *kaKcuP* *te* *ʔ-mãhã* *mĩP-ta*[113]
criança ERG NCTG-comer árvore-fruta
'a criança comeu uma fruta'

f. *ha* *ʔ-pe* *ʔ-mũ-K* *aca*
e NCTG-atrás NCTG-ir-RLS EVID
'e é verdade que ela foi atrás dele'

É importante notar que, segundo Rodrigues, em nenhuma das línguas citadas acima (com a possível exceção do Panará, ver subseção **4.3.1.2.2** abaixo) existiria a indexação de terceira

[112] Esta forma não é mencionada por Ribeiro (2012b); segundo o autor, *hãwəko* é um tema da classe I (classe *i-* na terminologia adotada no trabalho citado).
[113] Possivelmente uma transcrição equivocada de *mĩ-ta* 'fruta' (cf. SILVA, 2020a, p. 188).

pessoa; isto é, a existência dos índices de terceira pessoa estaria em uma distribuição complementar com a existência de flexão relacional, não havendo oposição formal ou funcional demonstrável entre os índices de terceira pessoa e os marcadores relacionais de não-contiguidade. De fato, frequentemente as traduções dos sintagmas que envolvem o uso do suposto prefixo relacional de não-contiguidade contêm explicitamente uma referência anafórica ou dêitica, como ocorre nos exemplos (4.27b, f; 4.28b, h; 4.29b, d, f; 4.30f). Noutros exemplos, tais como (4.26b, 4.27d, 4.28f), é concebível uma interpretação semântica do índice de terceira pessoa fazendo referência a um referente genérico: 'a língua (de alguém)', 'a boca (de alguém)', 'o grão (de algo)', 'o ovo (de algum animal)'.

Desse modo, é possível articular uma proposta de análise alternativa, que atribuiria ao morfema identificado por Rodrigues como prefixo relacional de não-contiguidade o *status* de um índice (ou seja, um marcador referencial), que pode ter referência tanto anafórica ou dêitica (4.31a abaixo), como genérica (4.31b). O exemplo (4.31c) mostra que uma consoante é acrescentada ao tema *-ark^{h}wa* 'boca' quando o argumento deste é expresso por um sintagma nominal em sua posição canônica.

(4.31) CANELA-APÀNJÊKRA (CASTRO ALVES, 2004, p. 52, 101, 124)

a.
	índice	
i-mə̃	***h-***	*ũpa*
1-DAT	**3-**	temer

'estou com medo dele'

b.
índice		índice		
h-	*õʔto*	***h-***	*ark^{h}wa*	*k^{h}ə̃m*
3-	língua	**3-**	boca	LOC

'a língua está na boca'

c.
argumento	
rop	*j-ark^{h}wa*
cachorro	TH-boca

'a boca do cachorro'

A ocorrência frequente do índice de terceira pessoa em orações cujas traduções a línguas tais como o português não possuem nenhum equivalente explícito pode ser facilmente explicada pelo fato de os temas flexionáveis serem obrigatoriamente flexionados, exigindo a expressão de um argumento (seja nominal, seja pessoal).[114] Portanto, no caso da quase totalidade das línguas Macro-Jê é impossível elicitar sintagmas semanticamente equivalentes aos sintagmas

[114] Mithun (1986) discute algumas línguas, tais como o Lakhota, em que as formas que às vezes são analisadas como flexionadas para a terceira pessoa não podem ocorrer isoladamente. Por exemplo, em Lakhota temas tais como *-k^{h}úže* 'estar doente' podem receber índices locufóricos (*ma-k^{h}úže* 'estou doente', *ni-k^{h}úže* 'estás doente').

como ‘o pé’ ou ‘a raiz’: o tema necessariamente virá acompanhado de um índice marcando terceira pessoa ou referente genérico (para as línguas que o possuem). Tal análise é adotada por autoras como Castro Alves (2004, p. 83–84), que fornece exemplos de ocorrências do índice de terceira pessoa codificando “possuidor genérico” em Canela-Apànjêkra, e Camargo (2015, p. 78), que introduz a noção de “forma citacional” para o Tapayúna. C. C. de Oliveira (2005, p. 180), M. das D. de Oliveira (2006, p. 97–98, 101, 210), Campos (2009, p. 110), Ribeiro (2012b, p. 42, 47–48), Nonato (2014, p. 133) e outros autores também glosam o morfema em questão como índice de terceira pessoa em diversas línguas Macro-Jê, embora não comentem explicitamente acerca da funcionalidade estendida deste marcador.

Uma segunda observação a ser feita é que, segundo Rodrigues, o prefixo relacional de contiguidade possui um alomorfe zero que ocorre com todos os temas que começam com consoante (temas da classe I), como pode ser observado nos exemplos (4.26c, e; 4.27e; 4.28e, g; 4.25a; 4.30a, c). Isto faz com que o alomorfe zero ocorra com uma frequência extremamente elevada nas análises de línguas Macro-Jê que seguem a proposta de Rodrigues. Um exemplo extremo é dado em (4.32) abaixo.

(4.32) KRAHÔ (MIRANDA, 2014, p. 124, 230)

a. *kô* *Ø-kacwãm* *Ø-pê* *i* *Ø-mrõ-r*
água CTG-fundo CTG-LOC 1SG CTG-mergulhar-NMLZ
‘Eu mergulhei no fundo da água.’

b. *a* *Ø-te* *kop* *Ø-kʰãm* *kô* *j-acwə̂-r*
2SG CTG-OBL copo CTG-LOC água CTG-derramar-NMLZ

Ø-to *i* *Ø-kõ-m* *Ø-kacû*
NCTG-ASS.INST 1SG CTG-beber-NMLZ CTG-FND

‘Tu derramaste a água no copo para bebê-la.’

É fácil observar que, segundo a análise de Miranda (2014), em (4.32a) haveria três ocorrências de um alomorfe zero de CTG; em (4.32b) haveria quatro.

Com o intuito de reduzir a alta ocorrência de alomorfes zero de morfemas que não codificariam nada além da relação entre os constituintes, alguns autores que partem da proposta de Rodrigues chegam a considerar que o prefixo relacional de contiguidade (ou apenas “prefixo relacional”, caso seja aceita a existência de índices de terceira pessoa) ocorre apenas nos temas

No entanto, a autora observa que as tentativas de elicitar um equivalente da frase ‘ele está doente’ (sem um sintagma nominal expresso explicitamente) resultam em hesitação por parte dos falantes de Lakhota. Essa situação se assemelha àquela observada nas línguas Macro-Jê no que diz respeito ao caráter preso dos temas flexionáveis, mas diverge dela quanto à existência de índices de terceira pessoa nas línguas Macro-Jê (ausentes em Lakhota).

da classe II. Nesses temas é possível identificar um segmento específico que aparece em determinados contextos sintáticos (principalmente quando o tema é imediatamente precedido por seu argumento interno) e desaparece em outros.

Salanova (2011) discute alguns dados relevantes da língua Mẽbêngôkre, defendendo uma análise contrária àquela proposta por Rodrigues. O autor afirma que a forma que, segundo Rodrigues, conteria um prefixo relacional de contiguidade é, na verdade, a forma não marcada dos temas flexionáveis. As evidências utilizadas por Salanova (2011) para sustentar tal análise incluem as propriedades morfológicas dos nomes próprios Mẽbêngôkre, dos nomes opcionalmente flexionados e da forma finita dos verbos intransitivos da classe II. Salanova observa que nos nomes próprios que são derivados de temas da classe II há a ocorrência do segmento consonantal que, segundo a linha de análise de Rodrigues, marcaria a flexão relacional de contiguidade. Entretanto, como mostramos em (4.33), tais temas carecem de um argumento expresso.

(4.33) MẼBÊNGÔKRE (SALANOVA, 2011, p. 85)

a. *j-a-my* *bi-ŋrĩ-ñ*
TH-FORM-rabo ANTP.NF-enrolar-NF
‘Rabo Enrolado (*nome de pessoa*)’

b. *ñ-õ* *mry-re*
TH-GEN bicho-DIM
‘Dono de Animais (*nome de pessoa*)’

O Mẽbêngôkre possui mais um grupo de nomes da classe II que mostram que as consoantes *j-*, *ĵ-* e *ñ-* não são marcadores de contiguidade nessa língua. Trata-se de uma pequena classe de nomes que podem ocorrer como alienavelmente possuídos (neste caso eles não exigem a expressão do argumento) ou inalienavelmente possuídos (neste caso a expressão de seu argumento por meio de um índice ou de um sintagma nominal é obrigatória). De acordo com Salanova (*op. cit.*), tais nomes, ao ocorrerem como alienavelmente possuídos (4.34a–c), apresentam a consoante que, na interpretação de Rodrigues, seria segmentável como um prefixo relacional de contiguidade. Em (4.34d–f), mostramos que o tema *ĵ-ujêˆ* pode ocorrer também como inalienavelmente possuído e recebe, nesse caso, morfologia característica da classe II.

(4.34) MẼBÊNGÔKRE (SALANOVA, 2011, p. 85)

a. *ĵ-ujêˆ*
TH-arco
‘arco’

b. *i-ñ-õ* *ĵ-ujêˆ*
1-TH-GEN TH-arco
‘meu arco’

c. *Ø-õ* *ĵ-ujêˆ*
3-GEN TH-arco
‘arco dele’

d. X *ĵ-ujêˆ*
X TH-arco
‘arco de X’

e. *i-ĵ-ujêˆ*
1-TH-arco
‘meu arco’

f. *Ø-ujêˆ*
3-arco
‘arco dele’

Por fim, Salanova examina os verbos de estrutura argumental S_A iniciados por /ĵ-/, tais como *ñỹ* ‘estar sentado’, *ĵa* ‘estar em pé’. Em Mẽbêngôkre, assim como em outras línguas Jê Setentrionais, o único argumento dos verbos finitos com essa estrutura argumental é codificado como externo (caso morfológico agentivo) e jamais é indexado no verbo. Ao contrário do que se esperaria se *j-*, *ĵ-* e *ñ-* realmente fossem marcas de contiguidade, os verbos dessa classe jamais ocorrem sem as respectivas consoantes iniciais, inclusive quando seu argumento não é expresso em nenhuma posição (*ñỹ* ‘senta-te!’, *ĵa* ‘fica de pé!’). O fato de os temas em questão pertencerem à classe II é evidenciado por suas formas não finitas: nas línguas Jê Setentrionais, as formas não finitas de qualquer verbo podem receber índices codificando seu argumento absolutivo. A ocorrência do índice absolutivo de terceira pessoa nas formas não finitas dos verbos intransitivos da classe II faz com que a consoante inicial do tema desapareça: *Ø-ỹ-r* ‘estar sentado.3.NF’, *Ø-ã-m* ‘estar em pé.3.NF’.

Resumimos as análises de diferentes autores no Quadro 4.13.

Rodrigues (1999, 2010, 2012) Santos (1997) Miranda (2014) Costa (2015)	Castro Alves (2004) Oliveira (2005) Ribeiro (2011, 2012) Camargo (2015)	Salanova (2011) Nikulin e Salanova (2019)
prefixo relacional de não-contiguidade	índice de terceira pessoa	índice de terceira pessoa
prefixo relacional de contiguidade (classe I)	— (ausência de marcação)	— (ausência de marcação)
prefixo relacional de contiguidade (classe II)	prefixo relacional	— (ausência de marcação)

Quadro 4.13. Análises dos fenômenos que ocorrem na margem esquerda dos temas flexionáveis nas línguas Macro-Jê

Neste trabalho adotaremos uma análise uniforme que visa capturar os fatos descritos por Salanova para o Mẽbêngôkre. Aceitamos a proposta de Salanova (2011) quanto ao fato de os segmentos identificados por Rodrigues como marcas de contiguidade não possuírem nenhuma carga funcional. Contudo, rejeitamos a solução sugerida por Salanova (2011) a fim de explicar a ausência desses segmentos na forma indexada para a terceira pessoa. Em vez de tratá-los como uma parte integral dos temas, optamos por glosá-los como *consoantes temáticas*. Argumentamos a favor dessa solução na subseção **4.3.1.2**.

Acima mostramos como é possível reinterpretar o prefixo relacional de não-contiguidade como um índice de terceira pessoa se assumirmos que este pode codificar um referente genérico além de suas funções prototípicas (anafóricas e dêiticas). Além disso, reproduzimos a argumentação de Salanova (2011) a favor de uma análise que não identifica o prefixo relacional

de contiguidade como um morfema funcional. Contudo, os dados de diversas línguas Macro-Jê apresentam mais uma particularidade morfossintática que recebe uma explicação direta na análise de Rodrigues mas que deve ser tratada à parte nas análises que não recorrem à noção de flexão relacional. Trata-se de orações com um argumento expresso lexicalmente em uma posição não canônica, como em (4.30b, e) acima. Discutimos os dados relevantes e sugerimos uma análise uniformizada para esse fenômeno na subseção **4.3.1.3**, em que argumentamos que o deslocamento do argumento para uma posição não canônica desencadeia o emprego de *cross*-indexação em diversas línguas Macro-Jê.

4.3.1.2. As consoantes temáticas nas línguas Macro-Jê

Nesta seção oferecemos uma proposta de análise dos fenômenos morfofonológicos que ocorrem em diversas línguas Macro-Jê nos temas da classe II.

Para os pesquisadores que aceitam a segmentação do prefixo relacional (de contiguidade; ver subseção **4.3.1.1**), os temas da classe II apresentam substituição de prefixos, não havendo necessidade de recorrer a processos morfofonológicos complexos. Esta análise é exemplificada em (4.35) abaixo (com duas interpretações funcionais dos prefixos envolvidos). Por outro lado, os autores tais como Salanova (2011), que optam por não segmentar morfologicamente as formas não flexionadas, são obrigados a oferecer uma explicação mais complexa para alguns fatos das línguas Macro-Jê, tais como a suposta elisão da consoante inicial dos temas da classe II em algumas formas flexionadas, tal como mostramos em (4.35′).

(4.35) MĒBÊNGÔKRE (análise com prefixo relacional)

a.	*j-amak*	b.	*Ø-amak*
	CTG-orelha		NCTG-orelha
	REL-orelha		3-orelha
	‘orelha’ (*forma não flexionada*)		‘orelha dele’

(4.35′) MĒBÊNGÔKRE (análise sem prefixo relacional)

a.	*jamak*	b.	*Ø-amak*
	/jamak/		/h-jamak/
	orelha		3-orelha
	‘orelha’ (*forma não flexionada*)		‘orelha dele’

Salanova (2011, p. 93) argumenta que a elisão das consoantes iniciais dos temas nas línguas Jê Setentrionais é motivada pelas restrições fonotáticas que determinam a formação de *onsets* ramificados vigentes nessas línguas. Embora seja possível postular um conjunto de regras morfofonológicas que derive as formas observadas da representação subjacente proposta por Salanova, há pelo menos duas evidências fortes que sugerem que não foi este o caminho diacrônico

que fez com que surgissem as alternâncias em questão nas línguas Macro-Jê. A primeira evidência consiste na existência de formas, além daquela indexada para a terceira pessoa, que exigem a não-ocorrência das consoantes iniciais dos temas da classe II, tais como a forma indexada para a segunda pessoa (ver **4.2.2**). A segunda evidência consiste na ampla ocorrência do padrão ora em discussão: é impossível atribuí-lo a uma inovação recente, pois o mesmo está presente em diversas línguas Macro-Jê e coincide funcional e formalmente com um padrão reconstruível para o Proto-Tupí, constituindo, assim, uma provável retenção do Proto-Macro-Jê–Tupí (ver mais detalhes em **4.3.3**).

Nesta tese utilizamos uma análise que busca reconciliar as propostas ilustradas em (4.35) e (4.35′) e que acreditamos refletir melhor o desenvolvimento diacrônico das formas em questão. Apresentamos a nossa proposta em (4.35″).

(4.35″) MẼBÊNGÔKRE (análise com consoante temática)

a.	*j-amak*	b.	*Ø-amak*
	TH-orelha		3-orelha
	‘orelha’ (*forma não flexionada*)		‘orelha dele’

A glosa TH corresponde à noção de *consoante temática*. Definimos os segmentos temáticos como segmentos marginais dos temas que sofrem alternâncias morfofonológicas particularmente fortes a ponto de não serem facilmente reconhecíveis como uma parte integral dos temas. Este conceito tem sido útil na descrição de alternâncias observadas em diversas línguas do mundo, tais como o português (MATTOSO CÂMARA Jr., 1970), o Ayoreo (família Zamuco; CIUCCI, 2016) ou o efate meridional (família oceânica; THIEBERGER, 2016), que exemplificamos em (4.36–38) abaixo.

(4.36) PORTUGUÊS

a.	*fal-e-i*	b.	*fal-o-u*
	/fal-a-i/		/fal-a-u/
	falar-TH-1SG.PST		falar-TH-3SG.PST
c.	*com-Ø-i*	d.	*com-e-u*
	/kom-e-i/		/kom-e-u/
	comer-TH-1SG.PST		comer-TH-3SG.PST
e.	*preven-Ø-i*	f.	*preven-i-u*
	/pɾeven-i-i/		/pɾeven-i-u/
	prevenir-TH-1SG.PST		prevenir-TH-3SG.PST

Nestes exemplos do português, as vogais temáticas (*-a, -e* ou *-i*; o condicionamento é lexical) podem ser facilmente detectadas na representação subjacente. Na superfície, elas se fundem

com os índices de pessoa (que expressam cumulativamente tempo e modo), e em obras não dedicadas à morfofonologia são comumente separadas dos temas e juntadas com os índices de pessoa em um morfema só.

(4.37) AYOREO (BERTINETTO, 2009)

a.	*j-i-go* 1SG-TH-dizer ‘eu digo’	b.	*ba-go* 2SG-dizer ‘tu dizes’	c.	*tɕ-i-go* 3-TH-dizer ‘diz’
d.	*j-u-ga* 1SG-TH-costurar ‘eu costuro’	e.	*ba-ga* 2SG-costurar ‘tu costuras’	f.	*tɕ-u-ga* 3-TH-costurar ‘costura’
g.	*j-e-do* 1SG-TH-criticar ‘eu critico’	h.	*b-e-do* 2SG-TH-criticar ‘tu criticas’	i.	*tɕ-e-do* 3-TH-criticar ‘critica’
j.	*ñ-o-n̥e* 1SG-TH-espalhar ‘eu espalho’	k.	*b-o-n̥e* 2SG-TH-espalhar ‘tu espalhas’	l.	*tɕ-o-n̥e* 3-TH-espalhar ‘espalha’
m.	*j-a-ka* 1SG-TH-plantar ‘eu planto’	n.	*b-a-ka* 2SG-TH-plantar ‘tu plantas’	o.	*tɕ-a-ka* 3-TH-plantar ‘planta’
p.	*ñ-i-ŋana* 1SG-TH-jogar ‘eu jogo’	q.	*ma-ŋana* 2SG-jogar ‘tu jogas’	r.	*Ø-kana* 3-jogar ‘joga’

Em Ayoreo, as vogais temáticas, cuja qualidade é condicionada lexicalmente, aparecem entre os índices de pessoa e os radicais. Elas não ocorrem quando o índice de pessoa possui um alomorfe zero (como em 4.37r); além disso, as vogais temáticas altas são apagadas quando precedidas por índices de segunda pessoa (4.37b, e, q), ao passo que as vogais temáticas não altas acarretam o apagamento da vogal *a* dos índices de segunda pessoa (4.37h, k, n).

(4.38) EFATE MERIDIONAL (THIEBERGER, 2006, p. 206)

a.	*tag* chorar ‘chorar’	b.	*tag-is-i-Ø* chorar-TH-TR-3 ‘chorar para ele’	~ ~	*tag-isi-Ø* chorar-TR-3
c.	*plag* abrir ‘abrir’	d.	*plag-t-i-Ø* abrir-TH-TR-3 ‘abrir para ele’	~ ~	*plag-ti-Ø* abrir-TR-3
e.	*tfag* construir ‘construir’	f.	*tfag-Ø-i-Ø* construir-TH-TR-3 ‘construir para ele’	~ ~	*tfag-i-Ø* construir-TR-3

O exemplo (4.38) ilustra uma situação levemente diferente daquela observada em português ou Ayoreo. Na história do efate meridional, houve uma queda de consoantes em posição final da palavra. Essas consoantes, entretanto, permaneceram na posição medial da palavra, como nos exemplos em (4.38b, d, f), em que o sufixo transitivizador (aplicativo) preveniu a queda das consoantes. Por exemplo, a forma *tag* (4.38a) provém de **tagis*, enquanto *tagisi* (4.38b) provém de **tagis-i*. As consoantes que antigamente faziam parte dos radicais foram reanalisadas como partes do sufixo transitivizador, porém a escolha dos alomorfes inovadores desse sufixo não é previsível sincronicamente, motivo pelo qual alguns especialistas em línguas oceânicas defendem uma análise envolvendo morfemas semanticamente vazios conhecidos como consoantes temáticas (ver LICHTENBERK, 2008, p. 90–97 para a língua toqabaqita).

É de notar que a noção de consoantes temáticas pode ser aplicada a outras línguas que têm recebido descrições envolvendo a flexão relacional. Por exemplo, como foi demonstrado por Meira e Drude (2013), na história do Proto-Tupí-Guaraní o **t-* inicial dos temas sofreu lenição (**t-* > **r-*) quando precedido de um argumento interno expresso por um sintagma nominal, fazendo com que emergissem alternâncias como **teT* 'nome' / **X reT* 'nome de X',[115] o que levou muitos autores a interpretarem **t-* e **r-* e seus reflexos nas línguas Tupí-Guaraní como marcadores de flexão relacional.

Dessa forma, o fenômeno dos segmentos temáticos consiste na complexidade morfofonológica que tem sua origem em processos diacrônicos, sendo particularmente suscetível a reanálises ou multiplicidade de análises possíveis.

Em todas as línguas Macro-Jê as consoantes temáticas são segmentos de articulação coronal, como mostramos no Quadro 4.14 (excluímos a língua Rikbáktsa em razão das dificuldades na interpretação dos dados disponíveis). A diversidade dos reflexos se deve parcialmente a alguns *splits* foneticamente condicionados na história de línguas específicas; a solução reconstrutiva mais plausível para o PMJ é reconstruir a consoante temática **j-*.

[115] Note que em Proto-Tupí-Guaraní, assim como nas línguas Tupí-Guaraní modernas, os temas flexionáveis podiam ocorrer livremente, sem nenhum argumento expresso por um índice ou um sintagma nominal (por ex. **teT* 'nome'). Nesse sentido, o Proto-Tupí-Guaraní contrasta com a maioria das línguas Macro-Jê, que não admitem a supressão do argumento. A indexação de terceira pessoa em Proto-Tupí-Guaraní nos temas que pertencem à mesma classe que **teT* é feita por outro tipo de substituição da consoante inicial: **c-eT*. Meira e Drude (2013) hipotetizam que neste caso se trata de uma coalescência do índice de terceira pessoa **i-* com a consoante **t-* em Proto-Mawé-Awetí-Guaraní. Nós não aceitamos essa proposta pelos seguintes motivos: (1) diferentemente do padrão de substituição **t / *r*, o padrão **t / *c* não pode ser resumido a uma inovação do Proto-Mawé-Awetí-Guaraní, estando presente em diversas famílias do tronco Tupí e sendo claramente reconstruível para o Proto-Tupí; (2) em nossa reconstrução, o padrão de substituição da consoante inicial na forma indexada para a terceira pessoa é formalmente idêntico em Proto-Tupí e Proto-Macro-Jê (**j-* sem índice, **c-* na terceira pessoa), indicando um grau extremamente profundo de sua antiguidade.

	reflexo de *j- (consoante temática)		reflexo de *c- (índice de 3ª pessoa)	coocorrência de TH com outros prefixos
	ambiente nasal	ambiente oral		
Proto-Jabutí: Djeoromitxí Arikapú	*n- n- n-	*ǰ- h-, -r- c-	*consoante temática fossilizada*	
Ofayé	j-	x-	h-	1SG (Ø-) 1PL (aka-) 2PL (eke-)
Karajá	*/d-/	*/l-/	*/t-/	1SG (*/wã-/)
Krenák	ñ	j	(?) k(j)-	1SG (ŋg-)
Maxakalí	ñ	c	*consoante temática fossilizada*	
Proto-Jê Meridional: Kaingáng Laklãnõ	*n n n	*j j j	*θ- ɸ- ð-	*consoante temática fossilizada*
Proto-Akuwẽ: Xavánte Akwẽ-Xerénte	*ñ ñ n	*ĵ ĵ z	*c c s	*consoante temática fossilizada*
Proto-Jê de Goyaz: Panará Timbíra Kĩsêdjê Tapayúna Mẽbêngôkre Apinajé	*ñ ñ j ñ ñ ñ ñ	*j; *ĵ j; s j; c j; t j; t j; ĵ j; c	*c s h, Ø (antes de w) s t ʔ, Ø ʔ, Ø	1EXCL (*ij-), 2 (*a-), 1INCL (*ba-)

Quadro 4.14. Análises dos fenômenos que ocorrem na margem esquerda dos temas flexionáveis nas línguas Macro-Jê

A seguir, apresentamos as mudanças que afetaram o funcionamento das consoantes temáticas em diversas línguas Macro-Jê.

4.3.1.2.1. Jê Setentrional

O Proto-Jê Setentrional teria preservado relativamente bem os contextos morfossintáticos que exigiam, em nossa reconstrução, a ocorrência ou a não ocorrência das consoantes temáticas em Proto-Macro-Jê. A consoante temática teria ocorrido, pelo menos, nos seguintes contextos:

– na presença de um argumento expresso por um sintagma nominal (**kukryt j-arkwa* ‘boca da anta’);

– na presença dos índices inovadores de 1(EXCL), 1INCL (**i-j-arkwa* ‘minha boca’, **ba-j-arkwa* ‘nossa.INCL boca’);

– na forma finita de alguns verbos intransitivos de estrutura argumental {S_A} (**ba ĵa* ‘eu estou em pé’).

A consoante temática não ocorria no seguinte contexto:

– na presença dos índices herdados do PMJ, como os de segunda ou de terceira pessoa (**g-arkwa* ‘tua boca’, **c-arkwa* ‘boca dele’).

As continuações dessas construções ocorrem em todas as línguas Jê Setentrionais modernas (com a exceção do índice de segunda pessoa, que em línguas como Apinajé, Mẽbêngôkre ou Tapayúna passou a ser expresso pelo alomorfe característico dos temas da classe I com a consoante temática, ver **4.2.2.2**). Para alguns contextos, tais como nomes próprios ou nomes flexionáveis compatíveis com um possuidor alienável (ver subseção **4.3.1.1**), não dispomos de dados suficientes para poder projetar as respectivas construções para o Proto-Jê Setentrional.

Quanto à qualidade da consoante temática, em Proto-Jê de Goyaz houve cisão de PCerr **j* (< PMJ **j*) condicionada pela posição do acento. Em sílabas tônicas (finais), PCerr **j* sofreu uma fortição para PJG **ĵ*, como em PJG **ĵa* ‘estar em pé’ e **ĵwa* ‘dente’. Nas línguas do ramo Trans-Tocantins, mas não em Timbíra, a fortição ocorreu também em sílabas átonas, exceto diante da vogal baixa **a* (PJS **jujarẽñ* ‘contar.NF’, **jəbir* ‘subir.NF’ > **ĵujarẽñ*, **ĵəbir*).

No Quadro 4.15, apresentamos os reflexos em Proto-Jê Setentrional das principais formas que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê.

PMJ	índice	PJS	exemplos
**j-/*ñ-*	—	**j-*ĵ-/*ñ-*	**-j-arkwa* ‘boca’, **-ĵ-wa* ‘dente’, **-ñ-õ* ‘GEN’
**Ø-*	2	**ŋ-*	**g-arkwa* ‘boca’, **ŋ-õ* ‘GEN’[116]
**c-*	3	**c-*	**c-arkwa* ‘boca’, **c-wa* ‘dente’, **c-õ* ‘GEN’

Quadro 4.15. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Proto-Jê Setentrional

É oportuno fazermos um comentário acerca de um grupo reduzido de temas que, apesar de começarem com um segmento palatal em Proto-Jê Setentrional, tipicamente não apresentam alternâncias do segmento inicial nas línguas Jê Setentrionais: **cy* ‘semente’, **cô* ‘folha, pelo’, **ci* ‘osso’, **cêc* ‘mentir’. Nas línguas Apinajé e Mẽbêngôkre, o reflexo de **c* nesses temas é

[116] Os temas que apresentam a consoante temática **ĵ* não foram atestados com o índice de segunda pessoa nos dados disponíveis da língua Kĩsêdjê (que é a língua que retém o alomorfe **ŋ-* mais sistematicamente).

geralmente *ʔ* (em vez do regular *∅*) (NIKULIN, 2017, p. 150). Quando não flexionados para pessoa, esses temas geralmente ocorrem com o reflexo de **c* em diversas línguas Jê Setentrionais, como ilustramos em (4.39) com dados do Canela-Apànjêkra.

(4.39) CANELA-APÀNJÊKRA (CASTRO ALVES, 1999, p. 16, 57)

a.	*ampo-hy*	b.	*pĩʔ-hô*	c.	*iʔ-hi*
	GNQ-semente		árvore-folha		3-osso
	‘semente’		‘folha de árvore’		‘osso dele’

Entretanto, Salanova (2011, p. 79) observa que esses radicais podem ocorrer com o que aparenta ser consoante temática, sempre e quando precedidos por um índice de pessoa, pelo menos nas línguas Mẽbêngôkre e Apinajé. Exemplificamos este fenômeno em (4.40).

(4.40) MẼBÊNGÔKRE (SALANOVA, 2011, p. 79)

a.	*ʔô*	b.	*i-j-ô*	c.	*a-j-ô*
	pelo		1EXCL-TH (?)-pelo		2-TH (?)-pelo
	‘pelo’ (*forma não flexionada*)		‘meu pelo’		‘teu pelo’

APINAJÉ (OLIVEIRA, 2005, p. 269; ALBUQUERQUE, 2012b, p. 51)

d.	*ʔêc*	e.	*a-c-êc*
	mentir		2-TH (?)-mentir.NF
	‘mentir’ (*forma não flexionada*)		‘tu mentires’

Salanova interpreta as consoantes temáticas observadas em formas como (4.40b, c, e) como partes dos índices de pessoa, cuja representação subjacente seria, dessa forma, */ij-/ e */aj-/ (a estes, soma-se */baj-/ 1INCL). Embora a representação subjacente do índice */ij-/ 1 encontre apoio nos dados de línguas como o Apinajé e o Gavião-Pyhcopji, em que o reflexo deste índice possui uma coda palatal (permitindo reconstruir PJS **ij-*), este não é o caso dos índices de segunda pessoa e de primeira pessoa inclusiva, que não possuem codas em nenhuma língua Jê Setentrional.[117] Podemos especular que formas como *i-j-ô* ‘meu pelo’ emergiram quando da queda de PJS **c* em Mẽbêngôkre/Apinajé (**ij-cô* > *ij-ô*, reanalisado como *i-j-ô*), sendo que a ocorrência da aproximante palatal foi posteriormente estendida para as demais formas indexadas (extensão intraparadigmática).

[117] Um índice de segunda pessoa com um segmento palatal em coda é atestado nas línguas Akuwẽ (PA **aj-*), mas a origem deste segmento parece ser recente. As línguas Macro-Jê mais conservadoras em relação à conservação das consoantes em coda, Maxakalí e Krenák (ver capítulo **3**), não apresentam nenhuma coda nos cognatos desse índice (Maxakalí *ã-*, Krenák *a-*).

4.3.1.2.2. Panará

No Panará, os índices de pessoa do Proto-Jê de Goyaz sobreviveram sistematicamente apenas na função do argumento absolutivo/acusativo, como já vimos na subseção **4.2.2.1.6**, devido a mudanças estruturais no Panará que fizeram com que a ordem básica nessa língua se transformasse em SV/AVP e levaram a uma gramaticalização da cláusula de verbo final do PJG (BARDAGIL-MAS, 2015, p. 6). Dessa forma, a construção com o argumento deslocado e com *cross*-indexação, discutida detalhadamente abaixo na subseção **4.3.1.3**, teria se generalizado como a construção de padrão geral em Panará. Como é esperado, a *cross*-indexação do Proto-Jê de Goyaz é manifestada em Panará através da ocorrência de um índice de terceira pessoa na posição pré-verbal, como mostramos em (4.41a–c); note que em (4.41c) o alomorfe do índice de pessoa é zero, visto que o tema verbal pertence à classe I. A única construção do Panará que continua diretamente a construção transitiva prototípica do Proto-Jê Setentrional, preservando a expressão do objeto na posição pré-verbal, envolve a incorporação do objeto. Nessa construção, a ausência de indexação na forma não flexionada do verbo é naturalmente preservada em Panará, o que inclui também a preservação da consoante temática na margem esquerda dos verbos em exemplos como (4.41d). Os exemplos (4.41d–e) mostram que o objeto incorporado apresenta um prefixo que reflete a forma indexada para a terceira pessoa do Proto-Jê de Goyaz (índice que, lembramos, possuía também a interpretação de um argumento genérico), porém sincronicamente não é mais possível analisá-lo como um índice de terceira pessoa, pois o mesmo é encontrado em objetos incorporados cujo possuidor é semanticamente locufórico (4.41d). Neste caso glosamos o morfema *s-* como GNQ ‘posse genérica’.

(4.41) PANARÁ (DOURADO, 2001, p. 17, 35, 68–73, 102, 191)

a. *Maíra hẽ ti=*[*s*]*-ə̃mpũŋ* [*s-õ kôa*]
Maíra ERG 3^{ERG}=[3^{INT}]-ver 3-GEN casa
‘Maíra conhece sua própria casa.’

b. *mə̃ra hẽ ti=*[*s*]*-ə̃ntê-rĭ* [*ka j-ikja*]
ele ERG 3^{ERG}=3^{INT}-apertar-RLS [tu TH-mão]
‘Ele está apertando a tua mão.’

c. *mə̃ra hẽ ti=*[*Ø*]*-krə-rĭ* [*ikkôw j-ə̃ːmpy*]
ele ERG 3^{ERG}=[3^{INT}]-puxar-RLS macaco TH-rabo
‘Ele puxou o rabo do macaco.’

d. *mə̃ra hẽ ti=*[s_i*-ikja*]*-j-ə̃ntê-rĭ* *ka*$_i$
ele ERG 3^{ERG}=[GNQ-mão]-TH-apertar-RLS tu
‘Ele está apertando a tua mão.’

e. *mə̃ra* *hẽ* *ti*=[s_i-*ə̃ːmpy*]-*krə*-*rĭ* *ikkôw*$_i$
ele ERG 3^{ERG}=[GNQ-rabo]-puxar-RLS macaco
'Ele puxou o rabo do macaco.'

Em outras construções, tais como as possessivas ou descritivas, o uso dos índices locufóricos foi abandonado no Panará, que começou a empregar pronomes para esta função, como em (4.41b) acima ou em (4.41f–g) abaixo. O emprego de pronomes acarreta o uso da forma não flexionada.

f. *ĩŋkjẽ* *j-asĩ*
eu TH-nariz
'meu nariz'

g. *mə̃ra* *j-õ* *kukre*
ele TH-GEN casa
'a casa dele'

Como esperado, as construções possessivas com um possuidor nominal do Proto-Jê de Goyaz também foram conservadas, como exemplificamos em (4.41h–j).

h. *kə̃ŋ* *j-utĩ*
cesta TH-estar_pesado
'cesta pesada'

i. *ikkôw* *j-ə̃ːmpy*
macaco TH-rabo
'o rabo do macaco'

j. *tesêja* *j-õ* *puː* ~ *puː* *tesêja* *j-õ*
Tesêja TH-GEN roça roça Tesêja TH-GEN
'a roça de Tesêja'

A forma que continha, no Proto-Jê de Goyaz, um índice de terceira pessoa adquiriu um funcionamento diferente em Panará, sendo empregada em predicados, como mostramos em (4.41k–m). Provavelmente tal uso se originou em uma construção do tipo "tópico–comentário", existente no pré-Panará, que permitia a expressão de posse predicativa com construções que poderiam ser traduzidas literalmente como 'macaco, o rabo dele'.

k. *kə̃ŋ* *s-utĩ*
cesta PRED-estar_pesado
'A cesta é/está pesada.'

l. *ikkôw* *s-ə̃ːmpy*
macaco PRED-rabo
'O macaco tem rabo.'

m. *tesêja* *s-õ* *puː* ~ *puː* *tesêja* *s-õ*
Tesêja TH-GEN roça roça Tesêja TH-GEN
'Tesêja tem roça.'

Note que, excepcionalmente, um possuidor de terceira pessoa pode ser expresso sem o uso do pronome, apresentando uma retenção da construção com um índice de terceira pessoa não predicativo *s*- (< PJG **c*-). No entanto, isto ocorre se e somente se o referente desse índice é correferente ao sujeito, como em (4.41a) acima ou (4.41n, p) abaixo. O exemplo (4.41o) mostra que, quando não há correferencialidade entre os constituintes indicados, recorre-se ao uso do

pronome *mə̃ra*. A consoante temática pode ocorrer se há correferencialidade entre o tema e o constituinte imediatamente a sua esquerda, como em (4.41q).

n. *kokə* *jy=Ø=sə* *s-õ* *kôa* *amə̃*
Kokâ RLS.INTR=3^{INT}=entrar 3CRF-GEN casa INESS
'Kokâ$_i$ entrou em sua$_i$ casa.'

o. *kokə* *jy=Ø=sə* *mə̃ra* *j-õ* *kôa* *amə̃*
Kokâ RLS.INTR=3^{INT}=entrar ele TH-GEN casa INESS
'Kokâ$_i$ entrou em sua$_j$ casa.'

p. *pəsinə̃* *hẽ* *ti=s-ə̃nto-rĭ* *sekikjy* *s-ĩ* *kôa* *tə̃*
Pâsina ERG 3^{ERG}=3^{INT}-mandar-RLS Sekikjy 3CRF-GEN casa ALL
'Pâsina$_i$ mandou Sekikjy$_j$ para sua$_i$ casa.'

q. *pəsinə̃* *hẽ* *ti=s-ə̃nto-rĭ* *sekikjy* *j-ĩ* *kôa* *tə̃*
Pâsina ERG 3^{ERG}=3^{INT}-mandar-RLS Sekikjy TH-GEN casa ALL
'Pâsina$_i$ mandou Sekikjy$_j$ para sua$_j$ casa.'

Dessa forma, em decorrência das mudanças sintáticas ocorridas na história do Panará, o índice de terceira pessoa da classe II do Proto-Jê de Goyaz **c-* deu origem a Panará *s-* e adquiriu as seguintes funções: (1) índice alofórico absolutivo-acusativo 3^{INT} (nos verbos), (2) marcador predicativo PRED (nos nomes e nos verbos descritivos), (3) índice de terceira pessoa correferencial 3CRF (nas posposições genitivas), (4) índice de posse genérica GNQ (nos objetos incorporados).

Quanto à fonologia, o Panará, assim como o Proto-Jê Setentrional, sofreu a cisão descrita na subseção anterior (**4.3.1.2.1**), que transformou PCerr **j* (< PMJ **j*) em PJG **ĵ* em sílabas tônicas e em PJS **j* nos demais ambientes. Contudo, posteriormente a essa cisão, na história do Panará houve uma fusão de PJS **ĵ* e **c* (NIKULIN, 2016, p. 170), fazendo com que alguns temas, ao invés de possuir duas formas distintas (com ou sem o prefixo *s-*), não sejam mais segmentáveis no Panará devido à identidade formal dessas duas formas, como em PCerr **j-wa* 'dente' / **c-wa* 'dente dele' > PJS **ĵ-wa* 'dente' / **c-wa* 'dente dele' > Panará *s(-)ua / s(-)ua*, como em (4.26e–f). No Quadro 4.16, apresentamos os reflexos em Panará das principais formas que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê.

PMJ	índice	Panará	exemplos
**j-/*ñ-*	—	*j-/s-*	*j-akôa* 'boca', *s-ua* 'dente', *j-õto* 'língua'
**Ø-*	2	*k-*	*k-isy* 'bater'
**c-*	3	*s-*	*s-akôa* 'boca', *s-ua* 'dente', *s-õto* 'língua', *s-isy* 'bater'

Quadro 4.16. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Panará

4.3.1.2.3. Akuwẽ

Os reflexos dos temas da classe II nas línguas Akuwẽ apresentam um padrão regular de alternâncias na margem esquerda dos temas que pode ser reconstruído para o Proto-Akuwẽ e que resumimos da seguinte forma: depois dos índices **aj-* '2^{INT}' e **ĩ-* '3^{INT}',[118] os temas começam com uma consoante surda (**c-* > XAV *c-*, AKW *s-*); em todos os outros contextos morfossintáticos, os mesmos temas começam com uma consoante sonora (**ĵ-* > XAV *ĵ-*, AKW *z-/d-* em ambientes orais, **ñ-* > XAV *ñ-*, AKW *n-* em ambientes nasais). Ilustramos isto em (4.42).

(4.42) PROTO-AKUWẼ (NIKULIN, 2017, p. 154)

a. PA **-ĵa* 'estar em pé' > XAV *-ĵa*, AKW *-za ~ -da*
b. PA **-ĵadawa* 'boca' > XAV *-ĵadawa*, AKW *-zdawa*
c. PA **-ñõjto* 'língua' > XAV *-ñõjto ~ -ñõtto*, AKW *-nõjto*
d. PA **aj-ca* 'tu estás em pé' > XAV *ʔa-ca*, AKW *aj-sa*
e. PA **aj-cadawa* 'tua boca' > XAV *ʔa-cadawa*, AKW *aj-sdawa*
f. PA **aj-cõjto* 'tua língua' > XAV *ʔa-cõjto ~ ʔa-cõtto*, AKW *aj-sõjto*

Rodrigues (2012, p. 271) argumenta que os alomorfes dos temas que começam com uma consoante vozeada, como em (4.42a–c), historicamente continham um prefixo relacional de contiguidade (em nossa reconstrução, Proto-Cerratense **j-*), enquanto os alomorfes que começam com uma consoante desvozeada resultam de uma reanálise de um prefixo relacional de não-contiguidade (Proto-Cerratense **c-* em nossa reconstrução):

> "Entretanto, o que se pode depreender da comparação dos paradigmas do Xavánte com os do Panará e do Timbíra, é que as formas já flexionadas com esse prefixo, que correspondem à classe II, passaram a receber, por analogia com a classe I, o alomorfe dessa classe, como se fossem palavras simples: **ts-ɛrɛ* > *ʔĩ-tsɛrɛ*. A forma de segunda pessoa, com o prefixo *a-*, teria ficado sendo a única em que o prefixo precedia imediatamente o tema (**ʔa-ɛrɛ*), aparentemente irregular, e teria sido substituída por *ʔa-tsɛrɛ*."
>
> (RODRIGUES, 2012, p. 267–268)

Embora coincidamos com Rodrigues (2012) em acreditarmos que as formas como XAV *ʔa-cere* 'teu cabelo' (na transcrição de Rodrigues, *ʔa-tsɛrɛ*) são, de fato, inovadoras, uma vez que elas substituíram um padrão diferenciado de indexação de segunda pessoa nos temas da classe II (ver **4.2.2**), ressaltamos que Rodrigues não oferece nenhuma explicação para o fato de que o alomorfe com uma consoante surda, e não o alomorfe mais usual com uma consoante sonora, tenha sido generalizado na forma flexionada para a segunda pessoa.

Por outro lado, há evidências que apontam para uma origem puramente fonológica da alternância em questão. Sugerimos que a alternância **ĵ-/*ñ-/*c-* na margem esquerda dos temas,

[118] Em Xavánte o emprego de *c-* no lugar de *ĵ-/ñ-* é condicionado, além dos reflexos destes índices, por *ĩ-* '2^{ERG}' (ESTEVAM, 2011, p. 137–139, 189–192), cujo cognato inexiste em Akwẽ-Xerénte.

pelo menos no que tange à flexão de segunda pessoa, se deve a um processo diacrônico de ensurdecimento das consoantes iniciais dos temas, que teria ocorrido na história do Proto-Akuwẽ. As evidências para esta hipótese são as seguintes.

(1) A mesma alternância é observada no tema XAV *dəʔə // də* ‘morrer.NF’, da classe I (reflexo regular de Proto-Cerratense **tyk* ‘id.’), como mostramos em (4.43).

(4.43) XAVÁNTE (ESTEVAM, 2011, p. 190)[119]

a.	b.	c.
ʔĩ̃ː-dəʔə	*wa-dəʔə*	*ʔa-**t**əʔə*
1SG-morrer.NF	1PL-morrer.NF	2-morrer.NF
‘eu morrer (NF)’	‘nós morrermos (NF)’	‘tu morreres (NF)’

(2) Nos temas que invariavelmente começam com uma consoante **c*- em Proto-Jê Setentrional (ver subseção **4.3.1.2.1**) ou apresentam **-c*- na posição intervocálica, há correspondência entre PJS **c* e PA **c* (diante de vogais orais não altas), **ĵ* (diante de vogais orais altas) ou **ñ* (diante de vogais nasais), com uma distribuição posicional típica das oclusivas Proto-Cerratenses, conforme ilustrado em (4.44).

(4.44) PROTO-AKUWẼ (NIKULIN, 2017, p. 161)

a. PCerr **côj’* ‘folha’ > PA **cuj // *cu*
b. PCerr **jacê* ‘ninho’ > PA **ĵaci*
c. PCerr **cym* ‘semente’ > PA **ñə̃mə̃ // *ĵə*
d. PCerr **kucym* ‘fogo’ > PA **kuñə̃mə̃ // *kuĵə*
e. PCerr **c-ĩ̃* ‘carne dele’ > PA **ñ-ĩ̃*

Em contraste, as instâncias de PA **c* que apresentam alternância sincrônica **c/*ĵ* (como em 4.42) ocorrem invariavelmente diante de vogais orais e nasais, não obedecendo à distribuição exemplificada em (4.44) acima: XAV *ʔa-cə̃* ‘tu ficas em pé’, *ʔa-cõ* ‘tu dormes’ (e não **ʔa-ñə̃*, **ʔa-ñõ*, como se esperaria caso os alomorfes em questão realmente apresentassem um reflexo de PCerr **c*).

Dessa forma, acreditamos que a alternância PA **c/*ĵ* observada na margem esquerda de alguns temas deve ser explicada como uma inovação própria do Proto-Akuwẽ (ensurdecimento no ambiente **j_*), pelo menos no que tange à flexão de segunda pessoa. Isto significa que a evolução morfossintática da flexão de segunda pessoa na história do Proto-Akuwẽ tem seguido o mesmo cenário que aquele que propusemos para línguas Apinajé e Tapayúna (**4.2.2.2**).

[119] Note que na presença do prefixo *ʔĩ̃-* de terceira pessoa ocorre o alomorfe com a consoante vozeada: *ʔĩ̃-dəʔə* (ESTEVAM, 2011, p. 329).

A única forma que preserva a não-ocorrência da consoante temática nos temas da classe II é a flexão de terceira pessoa, onde o Proto-Akuwẽ sistematicamente reflete o índice PCerr **c-* como PA **c-*: PA **c-ĩp-têtê // *c-ĩp-têːdê* ‘é forte’, PA **c-ô* ‘para buscá-lo’. Os temas que combinam o **c-* inicial com o índice **ĩ-*, como PA **ĩ-c-õrõ // *ĩ-c-õːrõ* ‘corda dele’, são inovadoras, apresentando uma extensão de um alomorfe característico da classe I para os temas da classe II.

4.3.1.2.4. Jê Meridionais

Como já foi brevemente discutido por Ribeiro (2011, p. 109, nota 8), na história do Proto-Jê Meridional os temas que pertenciam à classe II em Proto-Jê sofreram uma fossilização da consoante temática (PJ **j-* > PJM **j-*), como ilustramos em (4.45), ou do marcador de terceira pessoa (PJ **c-* > PJM **θ-*), como mostramos em (4.46), diante de vogais orais, às vezes criando variação idiossincrática, exemplificada em (4.47). Diante de vogais nasais, como mostramos em (4.48), se generalizou a ocorrência da consoante temática (PJ **ñ-* > PJM **n-*), como nas línguas Jabutí (ver subseção **4.3.1.2.10**).

(4.45) Generalização de PJ **j-* > PJM **j-*
- a. PJ **j-arkô* (3 pessoa **c-arkô*) ‘boca’ > PJM **jãnkã* (KGG *jõnkõ* ‘porta’)
- b. PJ **j-ô* (3 pessoa **c-ô*) ‘dente’ > PJM **ja* (KGG *jõ*)
- c. PJ **j-u₂m’* (3 pessoa **c-u₂m’*) ‘pai’ > PJM **joŋ* (KGG *joŋ*)

(4.46) Generalização de PJ **c-* > PJM **θ-*
- a. PJ **j-ar* (3 pessoa **c-ar*) ‘asa’ > PJM **θãr* (KGG *ɸẽr*)
- b. PJ **j-u₂* (3 pessoa **c-u₂*) ‘pus, abcesso’ > PJM **θô* (KGG *ɸô*)
- c. PJ **j-ə̂₂* (3 pessoa **c-ə̂*) ‘amargo’ > PJM **θə* (KGG *ɸa*)
- d. PJ **j-i* (3 pessoa **c-i*) ‘colocar deitado’ > PJM **θi* (KGG *ɸi*)

(4.47) Generalização de PJ **j-* > PJM **j-* em variação com PJ **c-* > PJM **θ-*
- a. PJ **j-arê₁* (3 pessoa **c-arê₁*) ‘raiz’ > PJM **jarê*, **θare-n* ‘enraizar’ (KGG *jõrê*, LKL *ðare-n* ‘enraizar’)
- b. PJ **j-a* (3 pessoa **c-a*) ‘estar em pé’ > PJM **jã / *θã* (KGG *jẽ / ɸẽ*)

(4.48) Generalização de PJ **ñ-* > PJM **n-*
- a. PJ **ñ-ĩ* (3 pessoa **c-ĩ*) ‘carne’ > PJM **nĩ* (KGG *nĩ*)
- b. PJ **ñ-ĩjə̂₂* (3 pessoa **c-ĩjə̂*) ‘fumaça’ > PJM **nĩjə* (KGG *nĩja*)
- c. PJ **ñ-ĩja* (3 pessoa **c-ĩja*) ‘nariz’ > PJM **nĩjã* (KGG *nĩjẽ*)
- d. PJ **ñ-ũ₁r* (3 pessoa **c-ũ₁r*) ‘dormir’ > PJM **nũr* (KGG *nũr*)
- e. PJ **ñ-ỹ* (3 pessoa **c-ỹ*) ‘estar sentado’ > PJM **nĩ* (KGG *nĩ*)
- f. PJ **ñ-ũ₁cto* (3 pessoa **c-ũ₁jto*) ‘língua’ > PJM **nũnã* (KGG *nũnẽ*)

O fenômeno dos temas que apresentam uma substituição de prefixos (PJM **ja-* CTG / **ã-* NCTG) nas línguas Jê Meridionais, discutido por Rodrigues (2012), não parece ser relacionado à substituição da consoante temática por um marcador de terceira pessoa observada em outras línguas Macro-Jê (o reflexo do índice de terceira pessoa esperado em Proto-Jê Meridional seria **θ-*).

Em pouquíssimos temas, tais como *j-ô / ð-ô* 'na frente de, antes de, preparando-se para' ou *j-e / ð-e* 'para', a função do índice de terceira pessoa PJ **c-* parece ter sido idiossincraticamente conservada na língua Laklãnõ, onde o reflexo deste índice é *ð* (< PJM **θ*). De acordo com Henry (1948, p. 202, nota 15), "alguns elementos ocorrem com *y* [*j-* na nossa transcrição — A. N.] quando precedidas pelo elemento que eles modificam, mas com *ð* quando este não é o caso" (tradução nossa).

4.3.1.2.5. Maxakalí

A oposição entre os temas das classes I e II não se manifesta na língua Maxakalí sincronicamente (exceto pela forma flexionada para a segunda pessoa). Hipotetizamos que isto se deve a uma reanálise diacrônica da consoante temática **j-* do Proto-Macro-Jê, encontrada nos radicais da classe II, como uma consoante inicial dos temas. Dessa forma, os alomorfes dos índices de pessoa antes restritos aos temas da classe I teriam estendido seu uso aos temas que pertenciam, em Proto-Macro-Jê, à classe II. Um provável motivo dessa extensão é o fato de as consoantes **j* e **c* do Proto-Macro-Jê (e do Proto-Transanfranciscano) terem se fundido na história do Maxakalí: *c* [tɕ] em contextos orais e *ñ* [ɲ] em contextos nasais (DAVIS, 1968, p. 44; NIKULIN, SILVA, 2020; capítulo **3**). Desse modo, a forma não flexionada e a forma indexada para a terceira pessoa dos temas da classe II do Proto-Macro-Jê teriam se fundido em Maxakalí, como mostramos em (4.49).

(4.49) Provável evolução das consoantes palatais em Maxakalí
  a. PMJ **j-uñ°* (TH-dente) / **c-uñ°* (3-dente) 'dente' > Maxakalí *cuC*
  b. PMJ **ñ-ĩm* (TH-mão) / **c-ĩm* (3-mão) 'mão' > Maxakalí *ñĩP*

É plausível supor que a extensão dos alomorfes dos índices de pessoa dos temas da classe I para os temas da classe II poderia ter sido motivada pela necessidade de distinguir formalmente entre a forma não flexionada e a forma indexada para a terceira pessoa (ver nota 100). Em decorrência disso, os paradigmas flexionais dos temas das duas classes morfofonológicas do Proto-Macro-Jê teriam sido unificadas (exceto pela flexão de segunda pessoa em alguns temas; ver **4.2.2.1.7**), conforme ilustrado em (4.50).

(4.50) Temas de classes diferentes do PMJ em Maxakalí (GM, 2003, p. 12)

	classe I		classe II
a.	*K=pata* 1-pé ‘meu pé’ (< **ŋ pâr°*)	b.	*K=ñĩP* 1-mão ‘minha mão’ (< **ŋ ñ-ĩm*)
c.	*ã-pata* 2-pé ‘teu pé’ (< **a-pâr°*)	d.	*ã-ñĩP* 2-mão ‘tua mão’ (≠ PMJ **Ø-ĩm*)
e.	*ỹ-pata* 3-pé ‘pé dele’ (< **i-pâr°*)	f.	*ỹ-ñĩP* 3-mão ‘mão dele’ (≠ PMJ **c-ĩm*)

Além da queda da consoante temática nos temas que apresentam a flexão conservadora de segunda pessoa (**4.2.2.1.7**), há apenas um pequeno grupo de palavras compostas que demonstram que a consoante temática já foi um elemento segmentável na língua. Nelas, temas que são comumente encontrados com a consoante temática *ñ* (*ñĩT* ‘orelha’, *ñĩP* ‘mão’, *ñĩT* ‘carne’) a perdem. É difícil dizer qual era a função original da não-ocorrência da consoante temática; uma hipótese preliminar é que a ausência da consoante temática e índices correspondia à semântica de possuidor genérico. Reproduzimos os dados relevantes em (4.51).

(4.51) MAXAKALÍ (SILVA, 2020a, p. 184, 270, nota 170)

a.	*ĩPkuC-ceCka* orelha-grande ‘Botocudos’	b.	*ĩP-caP-pe*[120] mão-fila-rachado ‘cinco’	c.	*ĩT-mũ=ca*[121] carne-CTFG=chegar.PL ‘*ĩnmõxa* (monstro lendário)’

4.3.1.2.6. Krenák

O Krenák parece conservar relativamente bem o estado reconstruído por nós para o Proto-Macro-Jê, com as correspondências ilustradas no Quadro 4.17. Note que o reflexo regular de PMJ **c-* em Krenák é *j-* (**3.2.1.9**) e não *k(j)-*; ainda não sabemos como explicar a ocorrência desse último alomorfe e nem se é realmente um reflexo de PMJ **c-*.

[120] Segundo as explicações de um falante do Maxakalí, esta palavra composta faz referência às filas formadas pelos dedos das mãos. Compare-se: *ỹ-ñ-ĩP-caP-pe pceT ci pceT* (3-TH-mão-fila-rachado um e um) ‘dez’, com um índice de terceira pessoa e consoante temática.

[121] Esta interpretação do termo *ĩnmõxa* (‘carnes que saem’) foi sugerida, na qualidade de uma hipótese preliminar, por Mário André Coelho da Silva (UFG/UFMG, comunicação pessoal, 2017) e faz referência ao fato de que, na cosmologia Maxakalí, os mortos mal enterrados viram *ĩnmõxa*; ver também Silva (2020a, p. 117, nota 88).

PMJ	índice	Krenák	exemplos
**j-/*ñ-*	—	*j-/ñ-*	*j-uk* ‘BEN’, *j-um* ‘banhar’, ñ̥ *-ep* ‘sentar-se’, *j-ek* ‘osso’, *j-upuk* ‘pescoço’, *j-in* ‘nariz’, *j-uk* ‘rabo’, *j-icok* ‘língua’, *j-un* ‘dente’
**Ø-*	2	*h-*	*h-uk* ‘BEN’, *h-um* ‘banhar, nadar’, *h-ep* ‘sentar-se’, *h-iojek* ‘costas’
**c-*	3	(?) *k(j)-*	*kj-um* ‘banhar’, *kj-ek* ‘osso’, *kj-upuk* ‘pescoço’, *ki-in* ‘nariz’, *kj-uk* ‘rabo’, *k-icok* ‘língua’, *kj-un* ‘dente’, *k-iojek* ‘costas’

Quadro 4.17. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Krenák

4.3.1.2.7. Karajá

Assim como o Krenák, a língua Karajá apresenta uma retenção quase completa do padrão que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê. A consoante temática PMJ **j-/*ñ-* é refletida em Karajá como PK **l-/*d-* (nas variedades modernas do Karajá, ela se palataliza para *ĵ-* diante de vogais altas [+ATR]; RIBEIRO, 2012b, p. 119). A não-ocorrência da consoante temática quando da presença dos índices da segunda (**Ø-* > KRJ **Ø-*) ou terceira (**c-* ‘3CRF’, **t-* 3NCRF’[122] > PK **t-*) pessoas também é mantida. Providenciamos alguns exemplos no Quadro 4.18.

PMJ	índice	PK	exemplos
**j-/*ñ-*	—	**l-/*d-*	**d-ebo* ‘mão’, **lub* ‘sangue’, **d-û* ‘dente’
**Ø-*	2	**Ø-*	**Ø-ebo* ‘tua mão’, **Ø-ub* ‘teu sangue’, **Ø-û* ‘teu dente’
**c-*	3NCRF	**t-*	**t-ebo* ‘mão dele’, **t-ub* ‘sangue dele’, **t-û* ‘dente dele’
**t-*	3CRF		

Quadro 4.18. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Proto-Karajá

4.3.1.2.8. Ofayé

Como já mencionamos na seção **4.2**, hipotetizamos que a classe II do Proto-Macro-Jê sofreu uma cisão na história do Ofayé, subdividindo-se em duas subclasses que Gudschinsky (1974) denomina “série {š-}” e “série {jĩ-}”, conforme a nasalidade da primeira vogal do tema. Assim como o Karajá, o Ofayé teria preservado a não-ocorrência da consoante temática na presença dos índices da segunda (**Ø-* > OFA *Ø-*) ou terceira (**c-* > OFA *h-*) pessoas, como mostramos no Quadro 4.19.

[122] Acreditamos que os índices PK **t-* ‘3CRF’ e **t-* ‘3NCRF’ são morfemas diferentes em Karajá, apesar de serem homófonos: os alomorfes destes índices que ocorrem em temas da classe I são **tã-* e **i-*, respectivamente. A homofonia neste caso é apenas o resultado esperado da fusão dos fonemas PMJ **c* e **t* em Karajá (**3.2.1.6**, **3.2.1.9**).

PMJ	índice	Ofayé	exemplos
**j-/*ñ-*	—	*x-/j-*	*x-enxəh* ‘coração’, *x-erĕʔ* ‘boca’, *j-ĩj* ‘mão’
**Ø-*	2	*Ø-*	*Ø-enxəh* ‘coração’, *Ø-erĕʔ* ‘boca’, *Ø-ĩj* ‘mão’
**c-*	3	*h-*	*h-enxəh* ‘coração’, *h-erĕʔ* ‘boca’

Quadro 4.19. Reflexo dos índices do Proto-Macro-Jê da classe II em Ofayé

4.3.1.2.9. Rikbáktsa

A evolução dos temas da classe II do Proto-Macro-Jê na língua Rikbáktsa não é bem compreendida na fase atual da análise.

É provável que a consoante temática PMJ **j-* se fossilizou aos temas, tendo como seu reflexo principal a fricativa RKB *x*, como nas seguintes palavras: RKB *xara* ‘asa, pena’ (cf. PJ **j-ar(a)* ‘asa, pena; axila’), RKB *xoik* ‘pescoço’ (cf. PK **l-oti* ‘garganta, pescoço’), RKB *xpi* ‘orelha’ (cf. PJab **nĩpy* ‘orelha’), RKB *xak* ‘lábio, beira; boca (em compostos)’ e/ou *xay-* ‘boca (em compostos)’ (cf. PJ **j-ar-kô* ‘boca’, MXK *cata-kuC* ‘palato’, OFA *x-erĕʔ* ‘boca’, PJab **ĵa-ko* ‘boca’), RKB *xtẽrõ-ɾik* ‘língua’ (cf. PMJ **ñ-ũ₁ctô*k). Diante da vogal *i*, o reflexo de PMJ **j* é RKB *d*, como em RKB *di* ‘desenhar, amarrar’ < PMJ **j-it* ‘fio; amarrar’ e RKB *dik* ‘deixar, encostar, colocar no fogo’ < PMJ **j-ik(°)* ~ **j-iŋ°* ‘deixar’. Diante de PMJ **o*, seu reflexo é *ɾ*, como em *ɾo* ‘pai’ < PMJ **jo₂m*.

Em algumas pouquíssimas instâncias o Rikbáktsa apresenta uma alternância entre um segmento que parece continuar PMJ **j-* e um outro segmento (RKB *ɾ-*), sendo essa situação reminiscente das alternâncias que afetavam a consoante temática em Proto-Macro-Jê. Dessa forma, os temas verbais *xara* (transitivo) e *ɾara* (intransitivo) em (4.52) abaixo poderiam ser comparados com PMJ **j-ar°* e **c-ar°* ‘asa, pena, axila’ (com o índice de terceira pessoa, que teria satisfeito a valência do verbo originalmente transitivo). Contudo, RKB *ɾ* não é um reflexo regular de PMJ **c*.

(4.52) RIKBÁKTSA (TREMAINE, 2007, p. 29, 36)

		a-	p-V
a.	*ka-boto*	*Ø-p-*	*i-xara*
	1SG-flecha	1.S_A/A-NPST-	3.P-fazer_flecha
	‘Vou fazer a flecha com penas.’		

		s_A-
b.	*ka-boto*	*Ø-my-ɾara*
	1SG-flecha	1.S_A/A-NPST-fazer_flecha
	‘Vou fazer minhas flechas.’	

Uma análise mais detida dos dados do Rikbáktsa disponíveis pode revelar maiores regularidades neste padrão.

Um outro fenômeno semelhante, que pode ser relacionado ou não aos temas da classe II do Proto-Macro-Jê e à questão da consoante temática, consiste na existência de um pequeno grupo de temas que podem ocorrer ora com um *c*-, ora com um *h*- inicial:

- *cik* ‘chicha, mel, líquido:CL’ (cf. *cik-cĩ-a* ‘água suja’, *cik-cĩrõrõ* ‘água escura, preta’, *cik-hõrõ* ‘água parada, fedida’, *cik-papãrã* ‘pesca’, *cik-nũ* ‘água correndo’, *cik-pykyryk* ‘jogar água do córrego para criar lagoa’, *cik-pepe* ‘ondas’, *cik-ɾiu* ‘doce (mel, rio)’; *hyri-cik* ‘chuva’, *say-cik* ‘saliva’) vs. *-hik* ‘líquido:CL’ (cf. *pi-hik* ‘água’);
- *cocik* ‘peito, mamilos’ vs. *wocik* ‘seio’.[123]

Por ora, não sabemos qual poderia ser a origem diacrônica da africada *c* do Rikbáktsa e nem de sua alternância com *h*. Futuros estudos sincrônicos e diacrônicos focados em Rikbáktsa deverão contribuir significativamente para a identificação dos reflexos dos segmentos palatais do Proto-Macro-Jê nessa língua.

4.3.1.2.10. Jabutí

De acordo com a hipótese de Ribeiro (2011, p. 116–117), a consoante temática se fossilizou aos temas na língua Arikapú, mas manteve-se como um morfema segmentável em Djeoromitxí. Tal conclusão se baseia em uma alternância na margem esquerda dos temas descrita por Pires (1992, p. 44–47) e Voort (2007, p. 142). Segundo esses autores, em Djeoromitxí há uma classe de temas que apresentam a alternância entre *h*- e *r-/n*- (diante de vogais orais/nasais, respectivamente). O alomorfe *r-/n*- é utilizado quando o tema é acompanhado de um índice de pessoa,[124] bem como quando ocorre como uma segunda parte de um composto; o alomorfe com *h*- ocorre nos demais contextos, como ilustramos em (4.53) abaixo.

(4.53) DJEOROMITXÍ (VOORT, 2007, p. 142)

a. *hö* *höbi*
eu doente
‘Estou doente.’

b. *hö* *pa=röbi*
eu pé=doente
‘Meu pé dói.’

c. *hõbeka=röbi*
testa=doente
‘Estou com dor de cabeça.’

d. *habə*
cansado
‘Ele está cansado.’

[123] A realização opcional de *h* como *w* diante de *o* é recorrente em Rikbáktsa, cf. *hõrõ* ~ *wõrõ* ‘podre, fedido’.
[124] No capítulo anterior argumentamos que o argumento de primeira pessoa, excepcionalmente, não é indexado em Djeoromitxí. As análises que optarem por considerar que a flexão de primeira pessoa se dá por um prefixo zero nessa língua deverão especificar que o alomorfe *r-/n*- é utilizado quando o tema ocorre com um índice **não-zero** de pessoa.

e. *hö* *habə*
eu cansado
'Estou cansado.'

f. *aĵe* *a-rabə*
tu 2-cansado
'Tu estás cansado.'

A posição assumida por Ribeiro e Voort (2010) e desenvolvida por Ribeiro (2011) é que a alternância entre *h-* e *r-/n-* reflete diretamente os segmentos do Proto-Macro-Jê que identicamos com o índice de terceira pessoa **c-* e a consoante temática **j-*. Os autores apontam à existência de alguns casos de variação em Arikapú (como *haroko* ~ *caroko* 'falar', *hanaj* ~ *canaj* 'outro'), que são interpretado por eles como um resquício de uma alternância já existente em Proto-Jabutí na língua Arikapú.

No entanto, a argumentação de Ribeiro e Voort sofre de alguns problemas. Abaixo argumentaremos que as alternâncias na margem esquerda dos temas no Djeoromitxí são, na realidade, inovadoras e não possuem, portanto, relação alguma ao padrão de substituição da consoante temática por um índice de terceira pessoa que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê. Não obstante, concordamos com Ribeiro e Voort (2010) quanto à origem das instâncias de variação entre *h-* e *c-* que foram observadas em Arikapú.

Argumento 1. Os temas que apresentam a alternância *h-/r- (h-/n-)* em Djeoromitxí podem corresponder não apenas a temas do Arikapú que começam com *c-* ou *h-*, mas também a temas que começam com *r-* (por exemplo, Djeoromitxí *ha-ĵi / ra-ĵi* 'costela' ~ Arikapú *ra-ci* < PJab **ra-ĵi*). Em nossa opinião, este fato pode ser atribuído a uma mudança diacrônica **r* > *h* em Djeoromitxí, a qual teria ocorrido na posição inicial da palavra fonológica (e, consequentemente, teria sido bloqueada caso o tema estivesse precedido por índices de pessoa ou ocorresse como uma segunda parte de uma palavra composta) e que também afetou palavras como DJE *hõaci-tə* 'banana' < PJab **raɴbaci* (ARI *rawaci*), DJE *hibô* 'jacu' < PJab **rimbô* (ARI *rimbô*), DJE *hehi* 'campo' < PJab **reči* (ARI *reci*), que certamente **não** teriam apresentado nenhum tipo de alternância em Proto-Jabutí.

Argumento 2. As consoantes *r* e *c* do Arikapú possuem correspondências idênticas em Djeoromitxí não apenas no início das palavras (Djeoromitxí *h-*), mas também entre vogais (Djeoromitxí *-r-*). Reconstruímos PJab **r* para a correspondência ARI *r* ~ DJE *h-/-r-* e PJab **ǰ* para a correspondência ARI *c* ~ DJE *h-/-r-*. Intervocalicamente, a consoante PJab **ǰ* estaria presente em palavras tais como **koǰu* 'mexer' (ARI *kocu* 'mexer', *y-kocu* 'nadar', DJE *bzi-ru-i-köru* 'nadar'), **mbi-ǰakə* 'porto' (ARI *mbi-cakə*, DJE *bzi-rakə*), **paǰôri* 'tamanduá' (ARI *pacôri*, DJE *parôri*), **kuǰaô* 'bacurau' (ARI *kucaw*, DJE *kuraô*), **kuǰauĵej* 'trinca-culhão' (ARI *kucawci*, DJE *kurauĵe*), **ciǰi* 'sair' (ARI *cici* 'sair, passar, findar, ir embora', DJE *ciri* 'nascer, parir, botar ovos') e outras. A interpretação diacrônica mais natural desse sistema de correspondências envolve uma fusão

em Djeoromitxí (PJab **ǰ* e **r* > pré-DJE **r*), a qual teria sido seguida de uma cisão (pré-DJE **r* > DJE *h-/-r-*).

Argumento 3. Como já dissemos acima, os alomorfes com *h-* inicial em Djeoromitxí não são restritos a temas flexionados para a terceira pessoa, mas ocorrem também quando o argumento interno do tema é da primeira pessoa do singular (4.53a, e). Se a hipótese de Ribeiro e Voort (2010) condissesse com a realidade, esperar-se-ia que a flexão de primeira pessoa apresentasse um reflexo da consoante temática do PMJ (DJE *r* < PMJ **j*, na interpretação de Ribeiro e Voort), o que, porém, não corresponde aos fatos observados.

Os argumentos expostos acima sugerem fortemente que as alternâncias entre *h-* e *r-/n-* observadas em Djeoromitxí são resultado de um desenvolvimento fonético que provocou uma cisão de uma única consoante inicial do tema (pré-DJE **r* < PJab **ǰ/*r*), sendo que PJab **ǰ* aparece com alta frequência em temas que pertenciam, em Proto-Macro-Jê, à classe II, continuando a consoante temática PMJ **j-* (que foi fossilizada aos temas nas línguas Jabutí). Note que diante de **i* a consoante temática do Proto-Macro-Jê possui um reflexo diferenciado em Proto-Jabutí, PJab **ĵ*, cujos reflexos em Djeoromitxí não apresentam nenhum tipo de alternância (compare PJab **ĵi* 'colocar'). O mesmo pode ser dito dos temas cuja sílaba inicial contém um núcleo nasal, pois nesse caso a consoante temática do Proto-Macro-Jê é refletida como PJab **n* (por exemplo, PJab **nĩ* 'carne' > DJE *nĩ*, sem alternância).

Por outro lado, não encontramos uma explicação puramente fonológica para as alternâncias irregulares entre *h-* e *c-*, documentadas em Arikapú (como, por exemplo, em *haroko* ~ *caroko* 'falar', *hanaj* ~ *canaj* 'outro'). Embora a função sincrônica de tais alternâncias seja desconhecida, a forma fonológica desses itens é compatível com a natureza conservadora desse padrão de alomorfia. Os alomorfes com *c-* poderiam continuar as formas não flexionadas do Proto-Macro-Jê, visto que ARI *c-* é um reflexo regular de PJab **ǰ-* < PMJ **j-*. Já os alomorfes iniciados por *h-* são prováveis reflexos das formas do Proto-Macro-Jê flexionadas para a terceira pessoa (ARI *h-* < PJab **č-* < PMJ **c-*, como no item para 'semente'). São necessárias investigações mais aprofundadas da função morfossintática da referida alternância do Arikapú.

4.3.1.3. A *cross*-indexação de argumentos nas línguas Macro-Jê

Como já mencionamos na subseção **4.3.1.1**, em algumas línguas Macro-Jê existem construções em que a expressão de um argumento por meio de um sintagma nominal não impede a ocorrência de um morfema que analisamos como um índice de terceira pessoa. Na linha de análise defendida por Rodrigues (2012), este fato recebe uma explicação imediata: o morfema que ana-

lisamos como um índice de pessoa, para esse autor, não é referencial e codifica apenas a ausência de contiguidade entre o tema e seu argumento interno. Em nossa análise, entretanto, trata-se de um índice de pessoa que, a princípio, deveria possuir um referente. Em razão disso, torna-se necessário explicar por que um argumento passaria a apresentar uma exponência redundante.

4.3.1.3.1. Maxakalí

Na análise de Rodrigues (2012, p. 273), a flexão relacional na língua Maxakalí se manifesta através do morfema *ỹ-*, como já mostramos acima em (4.30), reproduzido parcialmente abaixo em (4.54).

(4.54) Flexão relacional em Maxakalí (RODRIGUES, 2012, p. 273; dados de PEREIRA, 1992)

a. *pycaP Ø-cypeP*
pato CTG-chegar
'o pato chegou'

b. *ỹ-cypeP pycaP*
NCTG-chegar pato
'chegou o pato'

Um fato não mencionado por Rodrigues é que a ocorrência de *ỹ-* com os verbos intransitivos é frequente, embora opcional, mesmo se há um sujeito expresso por um sintagma nominal na posição pré-verbal, como mostramos em (4.55), glosando, dessa vez, *ỹ-* como '3' e omitindo o suposto marcador zero de não-contiguidade.

(4.55) Prefixo *ỹ-* precedido por um sintagma nominal em Maxakalí (CAMPOS, 2009, p. 180–181; GM, 2013, p. 32–34)

a. *capyP ỹ-tuP*
porco 3-engordar
'o porco engordou'

b. *ĵugadu ỹ-ñãC-pakỹhĩC*
jogador 3-REFL-distrair
'o jogador se distraiu'

(cf. c. *ĵugadu ñãC-pakỹhĩC*)
jogador REFL-distrair
'o jogador se distraiu'

Os exemplos (4.55a, b) mostram que a (des)contiguidade linear dos temas a seus argumentos não é o único fator que condiciona a ocorrência, ou não, do prefixo *ỹ-*. A opcional ausência de *ỹ-* em exemplos como *ĵugadu (ỹ-)ñãC-pakỹhĩC* encontra um paralelo em línguas tais como o francês, onde o sujeito, desde que não seja lexicalmente expresso na posição pré-verbal, necessariamente será expresso por um proclítico de pessoa (ROWLETT, 2007, p. 94–99). Comparem-se, em (4.56), alguns exemplos do francês coloquial e do Maxakalí:

(4.56) FRANCÊS COLOQUIAL e MAXAKALÍ

a. *Pierre dort*
Pierre dormir.PRES.3SG
'o Pierre dorme'

b. *ĵugadu ñãC-pakỹhĩC*
jogador REFL-distrair
'o jogador se distraiu'

c. *Pierre, il=dort*
Pierre 3.M=dormir.PRES.3SG
'quanto ao Pierre, ele dorme'

d. *ĵugadu ỹ-ñãC-pakỹhĩC*
jogador 3-REFL-distrair
'o jogador se distraiu'

d. **dort*
dormir.PRES.3SG
pretendido: 'ele dorme'

e. **ñãC-pakỹhĩC*
REFL-distrair
pretendido: 'ele se distraiu'

f. *il=dort*
3.M=dormir.PRES.3SG
'ele dorme'

g. *ỹ-ñãC-pakỹhĩC*
3-REFL-distrair
'ele se distraiu'

h. **dort Pierre*
dormir.PRES.3SG Pierre
'o Pierre dorme' (suposto)

i. **ñãC-pakỹhĩC ĵugadu*
REFL-distrair jogador
'o jogador se distraiu'

j. *il=dort, Pierre*
3.M=dormir.PRES.3SG Pierre
'quanto ao Pierre, ele dorme'

k. *ỹ-ñãC-pakỹhĩC ĵugadu*
3-REFL-distrair jogador
'o jogador se distraiu'

É possível observar que a ocorrência de um verbo sem um argumento expresso por um sintagma nominal ou por um índice imediatamente na posição pré-verbal é agramatical, tanto em francês coloquial como em Maxakalí (4.56d–e, h–i) (embora em francês o índice possa se deslocar à direita em certas construções, tais como orações interrogativas). Em ambas línguas a posição canônica do argumento indexado (nominativo em francês, absolutivo em Maxakalí) é antes do verbo, e os exemplos com a ordem oposta são menos frequentes. O deslocamento do argumento em francês coloquial é relacionado a fatores pragmáticos (CAT, 2007); a relação da ordem dos constituintes à pragmática em Maxakalí é ainda desconhecida.

4.3.1.3.2. Jê Setentrionais

Nas línguas Jê Setentrionais, o índice de terceira pessoa geralmente pode coocorrer com o argumento expresso por um sintagma nominal em construções sintáticas específicas, que geralmente apresentam não apenas um argumento deslocado da posição canônica, mas também algum tipo de marcação explícita, conforme exemplificado em (4.57) abaixo.

(4.57) MẼBÊNGÔKRE (SALANOVA, 2011, p. 88)

a. *tep nẽ Ø-ano*
peixe NFUT 3-enviar
'enviou um *peixe* (contrastivo)'

(cf. b. *tep j-ano*)
peixe TH-enviar
'enviou um peixe'

Em (4.57a), o argumento P é deslocado da posição canônica, conforme exigido pela construção clivada do Mẽbêngôkre, mencionada por Salanova (2007, p. 110, nota 24). Essa construção é caracterizada pela ocorrência explícita do marcador *nẽ* 'NFUT'. O deslocamento do argumento faz com que o verbo receba o índice de terceira pessoa. Em (4.57b), mostramos que o índice de terceira pessoa não ocorre quando o argumento do verbo ocorre em sua posição canônica.

Além de casos de deslocamento acompanhado por marcação explícita, algumas línguas admitem a ocorrência de um índice de terceira pessoa sem que haja deslocamento do argumento, como nos exemplos do Tapayúna reproduzidos em (4.58).

(4.58) TAPAYÚNA (CAMARGO, 2015, p. 78)

a. *row-katək* *t-ĩjakʰre*
onça-ruim 3-nariz
'o cachorro, o nariz dele'

b. *Martiniano* *mẽ-kʰrĩ-tə* *ro* *t-õn* *ñỹ*
Martiniano PL-estar_sentado-LUGAR LOC 3-dormir.NF estar_sentado.SG
'Martiniano na cadeira está dormindo (sentado).'

É possível que se trate de estruturas do tipo "tópico–comentário", embora a escassez dos dados impossibilite uma categorização mais bem fundamentada. As estruturas potencialmente cognatas sofreram uma reanálise em Panará, onde o índice de terceira pessoa passou a ser usado em funções predicativas, como foi ilustrado em (4.41k–m) acima (ver subseção **4.3.1.2.2** para uma discussão).

4.3.1.3.3. Interpretação

Como vimos acima, a relação existente entre a ordem de constituintes e a ocorrência do índice de terceira pessoa pode ser explicada desde que reconheçamos que a posição imediatamente à esquerda de um tema flexionável deve ser preenchida por um argumento. Se o argumento não for expresso por um sintagma nominal nem por um índice de pessoa em seu uso canônico (referencial, anafórico ou dêitico), ocorrerá um índice de terceira pessoa funcionalmente vazio (resumptivo). Este uso seria reminiscente da ocorrência de *it* 'PRO' no inglês, que é opcional quando um argumento sentencial precede o verbo (4.59a–b), mas obrigatório quando um argumento sentencial segue o verbo principal (4.59c–d).

(4.59) INGLÊS

a. *Whether* *he* *met* *them* *is* *not* *clear.*
se ele.NOM encontrar.PST eles.ACC COP NEG claro

b. *Whether* *he* *met* *them,* *it* *is* *not* *clear.*
se ele.NOM encontrar.PST eles.ACC PRO COP NEG claro

c. *It* *is* *not* *clear* *whether* *he* *met* *them.*
PRO COP NEG claro se ele.NOM encontrar.PST eles.ACC

d. **Is* *not* *clear* *whether* *he* *met* *them.*
COP NEG claro se ele.NOM encontrar.PST eles.ACC

‘Não está claro se ele os encontrou.’

Nós interpretamos a expressão simultânea do argumento por meio de um sintagma nominal e de um índice como uma instância de *cross*-indexação nos termos de Haspelmath (2013).[125] Note que o padrão principal de indexação nas línguas Macro-Jê é *pro*-indexante: a ocorrência de um sintagma nominal (incluindo pronomes) e de um índice de pessoa na posição canônica seria mutuamente exclusiva. Entretanto, não há nada de incomum na existência de cisões nos sistemas de indexação: a *pro*-indexação, a *gramm*-indexação e a *cross*-indexação podem coexistir em uma mesma língua, caracterizando construções diferentes (HASPELMATH, 2013, p. 213–215). Um exemplo particularmente interessante mencionado por Haspelmath (2013) é o caso da língua Yágua (Peba-Yágua, Peru e Colômbia), que apresenta um sistema de indexação cindido (*cross/pro*-indexação), sendo que o fator que condiciona a escolha entre a *cross*- e a *pro*-indexação é a ordem dos constituintes. Reproduzimos os dados relevantes em (4.60).

(4.60) YÁGUA (PAYNE, 1990, p. 30 *apud* HASPELMATH, 2013)

a. *sa-juuy*
3SG-cair
‘Ela cai.’

b. *sa-juuy* *Anita*
3SG-cair Anita
‘A Anita cai.’

c. *Anita* (**sa-*)*juuy*
Anita (*3SG-)cair
‘A Anita cai.’

No exemplo (4.60b), em que o argumento nominal segue o verbo, a ocorrência do índice de pessoa é obrigatória, enquanto no exemplo (4.60c), que apresenta a ordem SV, é agramatical. Um padrão análogo, além de ser dominante nas línguas Macro-Jê, é atestado em outras línguas amazônicas, tais como Panare (família Caribe, Venezuela), em que os índices do chamado con-

[125] Note que em algumas línguas Macro-Jê há outras construções com *cross*- ou até mesmo *gramm*-indexação, como nos verbos intransitivos na construção nominativa-absolutiva do Timbíra (CASTRO ALVES, 2010, p. 449–453) e do Tapayúna (CAMARGO, 2015, p. 96–97) ou nos verbos intransitivos do Djeoromitxí, como no exemplo (4.53f) acima. Entretanto, não trataremos de sua origem nesta tese.

junto II seguem um padrão ora de *cross*-, ora de *pro*-indexação a depender da ordem dos constituintes (os índices não podem coocorrer com sintagmas nominais correferentes expressos na posição pré-verbal, mas coocorrem livremente com sintagmas nominais correferentes expressos na posição pós-verbal; GILDEA, 1998, p. 34).

As línguas da família Caribe apresentam ainda paralelos interessantes para o cenário diacrônico que propusemos acima para o Maxakalí e o Tapayúna, em que um índice de terceira pessoa passou a ser compatível com um sintagma nominal expresso em sua posição canônica (imediatamente antes do núcleo). Na maioria das línguas Caribe, assim como em Proto-Caribe, o índice de 3_A>3_P (Proto-Caribe **n*-) é incompatível com a expressão do argumento P por um sintagma nominal em sua posição canônica (pré-verbal), segundo Gildea (1998, p. 58–74). Entretanto, algumas línguas da família, tais como o De'kwana e o Waiwái, admitem a coocorrência do índice em questão com um argumento P expresso em sua posição canônica como resultado de uma inovação (GILDEA, 1998, p. 74–76), instanciando a evolução de um índice do tipo *pro*- para um índice do tipo *cross*-. Uma mudança semelhante atingiu a morfossintaxe de posse na língua Tiriyó, também da família Karíb. Nessa língua, o índice de terceira pessoa codificando o possuidor passou a ser compatível com sintagmas nominais correferentes expressos em sua posição canônica (*cross*-indexação), sendo essa a estratégia preferida de expressão da relação de posse em Tiriyó moderno; isso diverge do padrão típico das línguas Caribe (e reconstruível para o Proto-Caribe), em que a ocorrência dos índices e de sintagmas nominais codificando o possuidor é mutuamente excludente, instanciando a *pro*-indexação (GILDEA, 1998, p. 110–111; MEIRA, 1999, p. 515–522).

4.3.2. A categoria de correferencialidade

Algumas línguas Macro-Jê permitem reconstruir para o Macro-Jê dois índices de terceira pessoa com funções diferenciadas: PMJ **i*- (classe I) / **c*- (classe II) '3NCRF' e **ta*- (classe I) / **t*- (classe II) '3CRF'.[126] Os dados relevantes estão reunidos no Quadro 4.20.

[126] Não trataremos aqui dos índices correferenciais não cognatos das línguas Macro-Jê (tais como o prefixo *s*- do Panará, que em decorrência de uma reestruturação sintática passou a codificar terceira pessoa correferencial em posposições genitivas, dentre outras funções, ou Proto-Jê Meridional **ã*- 3CRF); uma discussão acerca da correferencialidade nas línguas Macro-Jê é oferecida por Wiesemann (1986, p. 375–377).

língua	3NCRF	3CRF	fonte
Arikapú	*i-*	*ta-*	VOORT, 2007, p. 139
Rikbáktsa	*i-* (SG) / *xi-* (PL)	*ta-* (SG) / *ta-ha-* (PL)	L. SILVA, 2011, p. 125
Karajá	*î-* (I) / *d̂-* (II) (PK **î-* / **t-*)	*d̂a-* (I) / *d̂-* (II) (PK **tã-* / **t-*)	RIBEIRO, 2012b, p. 42

Quadro 4.20. Índices de terceira pessoa não-correferencial e correferencial em Arikapú, Rikbáktsa e Karajá

A seguir, apresentamos as informações mais detalhadas sobre o funcionamento dos índices de terceira pessoa não-correferencial nas línguas examinadas.

4.3.2.1. Karajá

Em Karajá, o índice alofórico correferencial *d̂a-* (classe I) / *d̂-* (classe II) codifica o possuidor. Os dados relevantes são escassos; nos exemplos disponíveis, reproduzidos em (4.61), se trata da correferencialidade do possuidor do argumento P ou do argumento dativo (objeto indireto) com o argumento A ou S (sujeito).

(4.61) KARAJÁ (RIBEIRO, 2012b, p. 42, 227)

a. *î-koru*
3NCRF-testa
'testa dela/dele'

b. ***d̂a-koru***
3CRF-testa
'testa dela mesma/dele mesmo'

c. ***d̂a-d̂ì=lê=mə̃***
3CRF-perna=EMPH=LOC
Ø-r-Ø-a=r-eri
3-CTFG-INTR-ir=CTFG-PROGR
'Ele está vindo de pé.' (lit. 'Ele$_i$ está vindo nas pernas dele$_i$.')

XAMBIOÁ (RIBEIRO, 2012b, p. 51)

d. *hãwyky* ***d̂a-rîkore=ko*** *Ø-r-Ø-ə̃kə̃raxî=r-ê*
mulher **3CRF-**filho=ALL 3-CTFG-INTR-perguntar=CTFG-IPF
'A mulher$_i$ perguntou ao filho dela$_i$.'

Nos dados de Ribeiro (2012b) não há ocorrências do índice correferencial que não sejam adnominais. Em todos os dados disponíveis, o antecedente se encontra na mesma cláusula, embora seja possível que este fato se deva à escassez de dados relevantes.

Para indicar a correferencialidade do argumento P com o argumento A de um verbo transitivo (ou do argumento E com o argumento S de um verbo intransitivo), não necessariamente de terceira pessoa, na língua Karajá utiliza-se o morfema *îxî* (incorporado *-êxî-*), como mostramos em (4.62) abaixo.

(4.62) KARAJÁ (RIBEIRO, 2012b, p. 52)

a. *dikarə̃ ka-r-**êxî**-θuho=krê*
eu 1.IRR-CTFG-REFL-lavar=FUT
'Eu me lavarei.'

b. *hãbu **îxî**-mə̃ Ø-r-Ø-ôbî=r-ê*
homem REFL-LOC 3.RLS-CTFG-INTR-ver=CTFG-IPF
'O homem se viu.'

Nenhum provável cognato deste morfema foi identificado até o presente em outras línguas Macro-Jê.

4.3.2.2. Rikbáktsa

Segundo L. Silva (2011), o Rikbáktsa possui um morfema de 3CRF *ta-*, que pode ser pluralizado por meio do marcador *-ha-*. Este índice pode codificar o possuidor de um argumento ou de um adjunto do verbo, o argumento P (gerando uma interpretação reflexiva) e o complemento de posposição, como mostramos em (4.63).

(4.63) RIKBÁKTSA (L. SILVA, 2011)

a. *nĩ-Ø-ta-boro*
3-PST-3CRF-morder
'Ele$_i$ se$_i$ mordeu.'

b. *Ø-mỹ-ta-boro*
3-NPST-3CRF-morder
'Ele$_i$ vai se$_i$ morder.'

c. *Sílvia ta-barikta=tuk nĩ-Ø-wak*
Sílvia 3CRF-marido=COM 3-PST-caçar
'A Sílvia$_i$ foi caçar com o marido dela$_i$.'

d. *iwaɾe=hi ba ta-haraɾe ɾ-Ø-i-te-te-ke caxowy*
depois=? AFFIR 3CRF-em.frente 3-PST-3SG-cavar-CONT REP
'Depois dizem que ela cavava$_i$ na frente dela mesma$_i$.'

Este morfema aparece também em formas que L. Silva (2011) identifica como anticausativas e mediopassivas, provavelmente em razão de uma extensão semântica da interpretação reflexiva original.

e. *aba=hi ta-ypyry-kyk*
agora=? 3CRF-crescer-CONT
'Agora ele está crescendo.'

Em todos os exemplos disponíveis o antecedente do índice *ta-* é o argumento S ou A (sujeito).

4.3.2.3. Arikapú

Voort (2007, p. 139) apresenta um paradigma de marcadores pessoais para o Arikapú, incluindo alguns marcadores de terceira pessoa, com os seguintes comentários:

> "Como prefixo da terceira pessoa do sujeito, *i-* ocorre somente com certos verbos de conteúdo semântico adjetival. Geralmente, é o prefixo da terceira pessoa *ta-* que refere ao sujeito do verbo intransitivo. O possuidor de terceira pessoa, quando expresso pelo prefixo *ta-*, é cor[r]eferencial com o sujeito, da mesma forma que ocorre com elementos similares em várias línguas do tronco Macro-Jê… O uso de *ʧi-* e *ʧɛ-* como marcadores de terceira pessoa é difícil de distinguir do uso como marcadores impessoais ou de referência genérica. A terceira pessoa não ocorre como prefixo pessoal se já está expressa por um substantivo[…]"
>
> (VOORT, 2007, p. 139)

Resumimos as funções dos índices alofóricos do Arikapú no Quadro 4.21.

possuidor (NCRF)	*i- (ci-)*
possuidor (CRF)	*ta-*
S_A	*ta-*
S_P	*i-*
P	*i- (ci-, ce-)*

Quadro 4.21. Índices alofóricos do Arikapú

Considerando que os índices *ci-* e *ce-* (*ʧi-* e *ʧɛ-* na transcrição de Voort) provavelmente são oriundos dos índices de referência genérica (cf. *hi-* '1PL/IMPERS' em Djeoromitxí), o subparadigma alofórico original do Arikapú deve ter incluído apenas os índices *i-* e *ta-*. Hipotetizamos que na história do Arikapú o uso do reflexo de PMJ **ta-* '3CRF', conservado em exemplos como (4.64a–d), teria sido estendido para a codificação do único argumento dos verbos intransitivos (cf. 4.64e–g), exceto por alguns verbos descritivos (4.64h).

(4.64) ARIKAPÚ (RIBEIRO, 2008)

a. *ta-nirã=ce* *wiro*
3CRF-casa=LOC ir
'Ele$_i$ vai para a sua$_i$ própria casa.'

b. *ta-kraj-ci* *tãmbrã*
3CRF-filho-mãe bater
'Ele$_i$ bateu na esposa dele$_i$.'

c. *õnãhẽ* *ta-kə* *krəjkrəj* *ta-kə* *ymãj*
homem 3CRF-roupa lavar 3CRF-roupa espremer
'O homem$_i$ está lavando e espremendo a roupa dele$_i$.'

d. *tõã* *ta-capa* *karaj*
criança 3CRF-braço quebrar
'A criança$_i$ quebrou o braço dela$_i$.'

e. *ta-pi*
3-morrer
'Ele morreu. / Está bêbado.'

f. *tõã* *ta-täci* *ajhã=ce*
criança 3-cair este=LOC
'A criança caiu aqui.'

g. *kôra* *ta-pi*
cachorro 3-morrer
'O cachorro morreu.'

h. *i-kômə̃*
3-estar_pesado
'Está pesado.'

É importante notar que o prefixo *ta-*, quando ele codifica o único argumento de verbos intransitivos, ocorre obrigatoriamente mesmo na presença de um argumento expresso por um sintagma nominal, como em (4.64f–g) (*cross*-indexação). Pelo contrário, o prefixo *i-* instancia a *pro*-indexação: ele ocorre em uma distribuição complementar com os argumentos conominais, como mostramos em (4.65).

(4.65) ARIKAPÚ (RIBEIRO, 2008)

a. *i-kômə̃*
3-estar.pesado
'Está pesado.'

b. *tõã* *kômə̃*
criança estar.pesado
'A criança está pesada.'

Os caminhos possíveis de reanálise de um índice de 3CRF como um índice de 3.S_A deverão ser objeto de um futuro estudo.

4.3.2.4. Função e possível origem

O índice pessoal **t(a)-*, reconstruível para o Proto-Macro-Jê (ou para o Proto-Macro-Jê Ocidental), certamente tinha entre suas funções a codificação do possuidor de um argumento ou adjunto (correferencial com o sujeito) e provavelmente do argumento P e do complemento de posposições. Em nenhuma das línguas Macro-Jê o reflexo deste morfema codifica os argumentos S_P e A, como pode ser observado no Quadro 4.22.

	possuidor	complemento de posposição	P	S_P	S_A	A
Arikapú	+	–	–	–	+	–
Rikbáktsa	+	+	+	–	–	–
Karajá	+	–	–	–	–	–
PMJ	**+**	**?**	**?**	**–**	**??**	**–**

Quadro 4.22. Funções dos reflexos de PMJ **t(a)-*

É possível que o morfema em questão seja um cognato de PCerr **ta*, cujos reflexos nas línguas modernas possuem diversas funções, tais como um pronome enfático de terceira pessoa ou uma base dêitica que serve para derivar demonstrativos. Neste caso a reanálise de **ta* como um

índice correferencial teria sido uma inovação das línguas Macro-Jê Ocidentais e do Karajá. No entanto, a existência de prováveis cognatos externos nas famílias Boróro e Tupí (ver **4.3.3**) sugere que o índice **t(a)-* já codificava a terceira pessoa correferencial em Proto-Macro-Jê.

4.3.3. Reconstrução dos índices alofóricos do PMJ e possíveis correspondências externas

No Quadro 4.23, apresentamos o paradigma alofórico que reconstruímos para o PMJ.

	classe I	reflexos	classe II	reflexos
forma base	—	—	**j-* (consoante temática)	PJab **ǰ-/*ĵ-* RKB *x-/ɽ-/n-* OFA *x-/j-* PK **d-/l-* KNK *j-/ñ-* MXK *c-/ñ-* PJ **j-/*ñ-*
terceira pessoa não-correferencial	**i-*	PJab **i-* RKB *i-* OFA *ỹ-* (?) PK **î-* KNK *i-* MXK *ỹ-*	**c-*	OFA *h-* PK **t-* PJ **c-* PJab **č-* (?) RKB *ɽ-* (?) KNK *k(j)-* (?)
terceira pessoa correferencial	**ta-*	PJab **ta-* RKB *ta-* PK **tã-*	**t-*	PK **t-*

Quadro 4.23. Paradigma alofórico do Proto-Macro-Jê

Há certas semelhanças marcantes entre o paradigma das formas alofóricas reconstruível para o Proto-Macro-Jê e os paradigmas alofóricos reconstruíveis para as protolínguas de outras famílias potencialmente aparentadas com o tronco Macro-Jê, tais como o Proto-Tupí e o Proto-Boróro (NIKULIN, CARVALHO, 2018; capítulo **2**). Isto sugere um grau significativo de antiguidade do padrão reconstruído.

No Quadro 4.24, comparamos os paradigmas alofóricos reconstruídos do Proto-Macro-Jê, Proto-Tupí (PT) e Proto-Boróro (PB). É interessante observar que os paradigmas do Proto-Macro-Jê e do Proto-Tupí são quase completamente isomorfos, incluindo a complementaridade da consoante temática **j-* e do índice de terceira pessoa **c-*. O Proto-Boróro não apresenta nenhum cognato para os índices de terceira pessoa, mas apresenta um fenômeno comparável com a consoante temática do Macro-Jê e Tupí, que consiste na ocorrência de um segmento consonantal entre os índices de pessoa e os temas flexionáveis iniciados por vogais (RODRIGUES, 1993).

	PMJ	PT	PB	PMJ	PT	PB
	classe I (‘pé’)			classe II (‘dente’)		
forma base	**pâr°*	**py*	**byre*	**j-uñ°*	**j-ãC*	**-k₂-o / *-t-o*[127]
3CRF	**i-pâr°*	**i-py*		**c-uñ°*	**c-ãC*	**o*
3NCRF	**ta-pâr°*	**tə-py*	**ty-byre*	**t-uñ°*	**tə-j-ãC*	**ty-k₂-o ~ *t-o*

Quadro 4.24. Paradigmas alofóricos do Proto-Macro-Jê, Proto-Tupí e Proto-Boróro

A reconstrução das consoantes do Proto-Boróro é nossa (NIKULIN, 2020b). A reconstrução do Proto-Tupí baseia-se nos princípios detalhados em um outro trabalho (NIKULIN, CARVALHO, manuscrito), que incluem, entre outras, as séries gerais de correspondências reproduzidas no Quadro 4.25 (ver também **Apêndice G**). As reconstruções referentes às proto-línguas intermediárias baseiam-se, com algumas modificações, nos trabalhos de Moore e Galucio (1993, Proto-Tuparí), Mello (2000, Proto-Tupí-Guaraní), Galucio e Nogueira (2011, Proto-Tuparí), Picanço (2005, 2020, Proto-Mundurukú) e Meira e Drude (2015).

Proto-Tupí	****j*** [-nasal]	****j*** [+nasal]	****c***	****t***	****ə***
Proto-Mawé-Guaraní	**ts*	**ts*	**c*	**t*	*o*
Sateré-Mawé	*s*	*j*	*h*	*t*	*o*
Awetí	*t-/-Ø-*	*t*	*t*	*t*	*o*
Proto-Tupí-Guaraní	**t-/*-Ø-*	**t*	**c- ~ *ts-/*-t-*	**c ~ *ts*	**o*
Proto-Mundurukú	**ð*	**ð*	**t*	**c-/*-d-*	**y*
Proto-Tuparí	**j*	**j*	**c*	**t*	**e*
Tuparí	*h*	*ñ*	*Ø*	*t*	*e*
Wayoró	*nd*	*ñ*	*c*	*t*	*e*
Sakurabiát/Akuntsú	*t*	*ñ*	*t*	*s/c*	*e*
Makuráp	*c*	*ñ*	*t*	*t*	*e*
Karitiána	*s*	*ñ*	*s*	*t*	*a*

Quadro 4.25. Algumas correspondências entre as línguas Tupí

Além disso, na história do Proto-Mawé-Guaraní teriam acontecido as mudanças **Cts* > **c* (como em **tsaCtsu* > **tsacu* ‘tatu’), **its* > **ic* (como em **wi-tset* > **wi-cet* ‘meu nome’) e **ti*

[127] Nas línguas Boróro, não há oposição entre a forma não flexionada e a forma indexada para a terceira pessoa. Aqui reproduzimos os alomorfes dos temas da classe II que coocorrem com alguns índices de pessoa.

> **tʲi* (> Sateré-Mawé *-ti-/-ri*, Awetí *ʒɨ*, Proto-Tupí-Guaraní **ti*, como em **waboti* > **waβotʲi* ‘jabuti’).

Em razão da existência de correspondências externas exatas, rejeitamos a hipótese de Meira e Drude (2015), de acordo com a qual o índice de terceira pessoa era **i-* em temas de todas as classes. Nos temas que classificamos como pertencentes à classe II, segundo Meira e Drude, teria ocorrido a fusão de **i-* à consoante inicial dos temas. Acreditamos que uma explicação mais direta dos fatos observados exige a reconstrução de dois segmentos distintos para o Proto-Mawé-Guaraní, que identificamos como **c* e **ts* (sendo que **ts* não podia ocorrer depois de **i*). Pretendemos desenvolver um estudo separado tratando desta decisão reconstrutiva.

É oportuno ressaltarmos que as propriedades morfossintáticas do índice de terceira pessoa correferencial nas línguas Macro-Jê são consideravelmente diferentes daquelas dos índices correferenciais do Boróro, onde existe um provável cognato de PMJ **ta-*. Em Boróro, o índice correferencial *t(y)-* 3CRF é utilizado, por exemplo, quando há correferência entre os argumentos de um verbo auxiliar e um verbo lexical intransitivo, como ilustramos em (4.66).

(4.66) BORÓRO (NONATO, 2008)

	S_A	s_A-AUX	s_A-V
a.	*are-me*	*e-mod-e*	*t-amudə*
	mulher$_i$-PL	3PL$_i$-FUT-ASS	3CRF$_i$-descansar
	‘As mulheres vão descansar.’		

O fato de que o prefixo *t(y)-* é realmente um índice de terceira pessoa correferencial torna-se evidente, por exemplo, em (5.42b–c).

	s-V	[a-AUX	P	V	]
b.	*e-go-re*	[*e-je*	*awagy*	*bi-to*	]
	3PL$_i$-dizer-ASS	[3PL$_j$-que	cobra	morrer-CAUS	]
	‘Eles/elas$_i$ disseram que eles/elas$_j$ mataram a cobra’.				

	s-V	[a-AUX	P	V	]
c.	*e-go-re*	[*ty-je*	*awagy*	*bi-to*	]
	3PL$_i$-dizer-ASS	[3CRF$_i$-que	cobra	morrer-CAUS	]
	‘Eles/elas$_i$ disseram que eles/elas mesmos$_i$ mataram a cobra’.				

A ocorrência do marcador correferencial nos verbos intransitivos, como em (4.62), provavelmente reflete uma origem biclausal das construções que envolvem um auxiliar em Boróro. Uma investigação mais detalhada da evolução construcional em Boróro foge ao escopo desta tese.

4.4. Indexação dupla nas línguas Macro-Jê

Embora na maioria das línguas Macro-Jê a indexação dos argumentos de pessoa no verbo pode ser feita apenas para um argumento (tipicamente P ou S_P), em algumas línguas do tronco Macro-Jê os dois argumentos dos verbos bivalentes devem ser indexados no verbo. A posição relativa dos índices nesse caso é *A-…-P-tema*, em plena conformidade com o fato de a ordem dos constituintes na maioria das línguas Macro-Jê ser APV/SV (RODRIGUES, 1999, p. 187–188), como mostramos em (4.67) para as línguas Rikbáktsa, Ofayé, Karajá, Xavánte e Panará.

(4.67) RIKBÁKTSA (L. SILVA, 2011, p. 113)

	a-	p-	V
a.	*ci-mỹ-nã-*	[*xi-*	*do*]
	2-NPST-CTPT-	[3PL-	levantar]

‘Tu vais levantá-los.’

OFAYÉ (GUDSCHINSKY, 1974)

		a-	p-	V
b.	*t-*	*e-*	[*ă-*	*kə̃ĭt*][128]
	COMPL-	2-	[1-	matar]

‘Tu me mataste.’

KARAJÁ (RIBEIRO, 2012b, p. 38)

	A	a-	p-	V
c.	*waha*	*Ø-r-i-*	[*wa-*	*rako*]=*krê*
	1.pai	3-CTFG-TR-	[1-	esperar]=FUT

‘Meu pai vai nos esperar.’

XAVÁNTE (MCLEOD, MITCHELL, 1977)

			a-	p-	V
d.	*mə*	*tô*	*ʔĩ-*	[*wa-*	*pawapto*]
	PF	FCT	2-	[1PL-	ajudar[129]]

‘Tu ajudaste nós dois.’

PANARÁ (BARDAGIL-MAS, 2015)

	A	a=	p=	V	
e.	*Kupêri hẽ*	*ti=*	[*ra=*	*ĩŋkwə-rĭ*]	*ĩŋkjẽ*
	Kupêri ERG	3SG=	[1SG=	capturar-RLS]	eu

‘O Kupêri me pegou.’ (construção ergativa/absolutiva)

[128] Na transcrição de Oliveira (2006) esperar-se-ia *tê-(w)a-kãj*. Esta autora analisa *ta-* e *tê-* como índices que codificam os argumentos A e S_A. Aqui aceitamos a análise de Gudschinsky, que segmenta *t-* COMPL.

[129] O verbo *pawapto* (subjacentemente /pa-waptom/) provém etimologicamente da lexicalização de uma construção com a incorporação do objeto: ‘oferecer braço’ (/pa/ ‘braço’, /waptom/ ‘oferecer’). Sincronicamente, *pawapto* é um verbo transitivo.

		A			a=	p=	V	
f.	*pykkôwmə̃*	*ka*	*hẽ*	*ka=*	*ti=*	[*r=*	*isy-rĩ*]	*ĩŋkjẽ*
	amanhã	tu	ERG	IRR=	2SG=	[1SG=	bater-IRR]	eu
	‘Amanhã tu vais bater em mim.’					(construção nominativa/acusativa)		

Destas construções apenas os padrões Rikbáktsa e Karajá parecem continuar uma construção existente na protolíngua, cujas características teriam incluído as seguintes:

- o índice que codifica o argumento A pode ser também usado para codificar o argumento S_A (mas não S_P nem P);
- o índice que codifica o argumento A continua um pronome agentivo do PMJ (**4.1.2**);
- o índice que codifica o argumento A é seguido por marcadores de TAM e direção.

Nenhuma dessas características é compartilhada pelas construções com indexação dupla do Ofayé, Xavánte ou Panará, que parecem apresentar inovações recentes independentes.

É plausível supor que a construção original do Proto-Macro-Jê que teria dado origem às construções Rikbáktsa e Karajá tenha envolvido um verbo auxiliar em vez de um simples afixo de TAM. Tal hipótese é corroborada pela existência de um padrão de incorporação de objeto em Karajá, construção em que um nome é inserido imediatamente antes do tema verbal, mas seguindo as marcas de agente, TAM e direção. Ilustramos essa construção em (4.68) abaixo.

(4.68) KARAJÁ (RIBEIRO, 2012b, p. 56)

kənə̃xîwe	*kûθêhêwê*	*Ø-r-i-dî-dəka=r-ê*
Kynyxiwè	ema	3-CTFG-TR-perna-amarrar=CTFG-IPF

‘O Kynyxiwè amarrou as pernas da ema.’

Levando em consideração a posição do nome incorporado, é provável que a incorporação do objeto ocorreu em um estágio diacrônico do Karajá em que a sequência dos marcadores do agente, TAM e direção ainda constituía um item à parte (talvez um verbo auxiliar acompanhado de índices), podendo ser separada do verbo por um objeto.

Note que embora a incorporação de nomes e classificadores ocorra também na língua Rikbáktsa, nessa língua os verbos transitivos com um objeto incorporado mantêm a valência original, admitindo índices de objeto. Isto é ilustrado em (4.69) abaixo.

(4.69) RIKBÁKTSA (L. SILVA, 2011, p. 178)

a. *ci-p-ik-cyhyry-koro=ba=hik*
2-NPST-1SG-mão-queimar=COMPL=PUNCT
‘Tu vais queimar a minha mão.’

b. *ikɽa* *Ø-mỹ-xi-we-pik*
eu.F 1SG-NPST-3PL-CL:comprido-lavar
'Eu vou lavá-los (os tubérculos de mandioca).'

Esquematizamos o caminho de gramaticalização proposto no Quadro 4.26.

PMJ		[A/S_A 1 **a* 2 **ca*	TAM RLS IRR	direção] CTPT CTFG		[objeto (opcional)	verbo]
Rikbáktsa		A/S_A 1SG *Ø-* 2, 1PL *c-* 3 *nĩ-/ɽ-/Ø-*	TAM PST *ik-/Ø-* NPST *mỹ-/p-*	direção CTPT *nã-/ɽ-* CTFG *Ø-*		objeto (opcional)	verbo
Karajá		A/S_A + TAM 1.RLS **ã-* 2.RLS **ta-* 3 **Ø-* 1.IRR **kã-* 2.IRR **b-* 3.IRR.CTPT **k-*		direção CTPT **d-* CTFG **r-* 2.CTFG **Ø-*	transitividade TR **i-* INTR **ã-*	objeto (opcional)	verbo
	direção + A/S_A + TAM 1.RLS.CTPT *n-a-d-* (K. Meridional) 1.RLS.CTFG **r-ã*						

Quadro 4.26. As construções de marcação dupla em Rikbáktsa e Karajá

Futuras pesquisas deverão averiguar a hipótese de L. Silva (2011, p. 131), que propõe que os morfemas RKB *nã-/ɽ-* e KRJ *d-* 'CTPT' poderiam ser morfemas cognatos (segundo as correspondências identificadas nesta tese, essas formas apontam para PMJ **ñ(Ṽ)-*). A origem da série dos índices Karajá que codificam os argumentos A e S_A no modo *irrealis* deverá ser investigada em um estudo separado.

4.5. Conclusão

Neste capítulo sistematizamos as possibilidades de análise para alguns fenômenos recorrentes nas línguas Macro-Jê e oferecemos uma reconstrução dos índices de pessoa do Proto-Macro-Jê. Argumentamos, em particular, que em Proto-Macro-Jê existiam índices diferenciados que codificavam a terceira pessoa correferencial ao sujeito e que os índices de 2, 3NCRF e 3CRF possuíam alomorfes diferenciados condicionados pela classe morfofonológica dos temas. Mostramos também que os argumentos de primeira pessoa aparentemente não eram indexados nos temas, resultando na reconstrução de um paradigma defectivo. Além disso, definimos o conceito de "consoante temática", aplicando-o aos temas da classe II das línguas Macro-Jê e do Proto-Macro-Jê. Rastreamos o desenvolvimento da consoante temática do Proto-Macro-Jê, que

reconstruímos como **j-* (*[ñ]- em ambientes nasais), nas línguas Macro-Jê modernas. Mostramos que a não-ocorrência da consoante temática **j-* em algumas formas não é um fenômeno recente: sua incompatibilidade com o índice de terceira pessoa é atestada não apenas em diversas línguas Macro-Jê, mas também em famílias potencialmente aparentadas.

Capítulo V.
A finitude e o alinhamento em Proto-Macro-Jê Oriental

Neste capítulo fazemos uma tentativa de empreender uma reconstrução de alguns aspectos da morfossintaxe verbal do Proto-Macro-Jê Oriental, a língua ancestral das famílias Jê, Maxakalí, Krenák e Kamakã. O empreendimento de uma reconstrução sintática torna-se possível graças à abordagem descrita por Gildea, Luján e Barðdal (no prelo; ver também GILDEA, 1998; BARÐDAL, EYÞÓRSSON, 2012; BARÐDAL *et al.*, 2015, dentre outras referências), segundo a qual o método comparativo pode ser aplicado não apenas a unidades fonológicas e morfológicas, mas também a construções (no sentido de CROFT, 2001).

Na seção **5.1**, apresentamos uma reconstrução da morfossintaxe verbal do Proto-Macro-Jê Oriental. Afirmamos que nesta protolíngua a codificação dos argumentos de verbos podia seguir dois padrões de alinhamento morfossintático, a depender da finitude do verbo. Por ***finitude*** entendemos uma categoria morfossintática cujos dois pólos correspondem a dois extremos da escala funcional de dessentencialização, ou desranqueamento dos predicados (NIKOLAEVA, 2007; CRISTOFARO, 1998, 2003).[130] Dessa forma, reconstruímos para o Proto-Macro-Jê Oriental uma série de ***construções ativas-inativas*** (orações predominantemente independentes, encabeçadas por verbos em sua forma ***finita***) e uma ***construção ergativa-absolutiva*** (orações subordinadas, encabeçadas por verbos em sua forma ***não finita***). Em seguida, na seção **5.2**, rastreamos a evolução das duas construções supracitadas nas diversas famílias do ramo Oriental. Discutimos a expressão morfológica da categoria de ***finitude*** reconstruída para o Proto-Macro-Jê Oriental na seção **5.3**. Encerramos o capítulo com a seção **5.4**, em que resumimos a discussão das seções anteriores e identificamos os problemas a serem tratados em futuras pesquisas.

Baseando-nos parcialmente na convenção de Comrie (1978, 1981), no âmbito deste capítulo utilizamos as seguintes abreviações: A = argumento mais parecido com o agente de um verbo (di)transitivo, P = argumento mais parecido com o paciente de um verbo transitivo, S = único argumento de verbo intransitivo, S_A = único argumento de verbo intransitivo alinhado morfossintaticamente com o argumento A, S_P = único argumento de verbo intransitivo alinhado morfossintaticamente com o argumento P, POSS = possuidor de nome, PREDNOM = predicado nominal, R = argumento menos parecido com os argumentos A/P (recipiente ou oblíquo) de verbo ditransitivo , T = argumento mais parecido com o argumento P (tema) de verbo

[130] Para o termo *desranqueamento* (ingl. *deranking*), ver o trabalho de Stassen (1985, p. 77f).

ditransitivo, V = predicado verbal.[131] Os índices de pessoa que codificam as relações gramaticais listadas acima são representados com letras minúsculas (exemplo: *p*-*V*). Abreviações sobrescritas referem-se ao caso morfológico (nas glosas) ou estrutural (nas linhas que detalham as relações gramaticais): ^{ABS} = absolutivo, ^{ACC} = acusativo, ^{AG} = agentivo, ^{DAT} = dativo, ^{ERG} = ergativo, ^{INT} = interno, ^{NOM} = nominativo, ^{OBL} = oblíquo.

5.1. Alinhamento

Em um trabalho anterior (NIKULIN, SILVA, no prelo), baseando-nos exclusivamente em dados das línguas Jê Setentrionais e da língua Maxakalí, argumentamos que as orações independentes da língua ancestral das famílias Jê e Maxakalí (aqui denominada Proto-Macro-Jê Oriental) eram encabeçadas por verbos em sua forma ***finita*** e apresentavam um padrão ***ativo-inativo*** de alinhamento morfossintático.[132] Por sua vez, as orações subordinadas se caracterizariam pela ocorrência dos verbos em sua forma ***não finita*** (nominalizada), sendo que o alinhamento de seus argumentos seguiria um padrão ***ergativo-absolutivo***. A relação sintática de subordinação dava-se também no caso dos chamados ***operadores***, palavras funcionais de origem verbal ou posposicional que ocorriam em posposição ao verbo e exibiam propriedades sintáticas de predicados principais. Na Figura 5.1, sintetizamos as informações referentes ao alinhamento do Proto-Macro-Jê Oriental na nossa reconstrução.

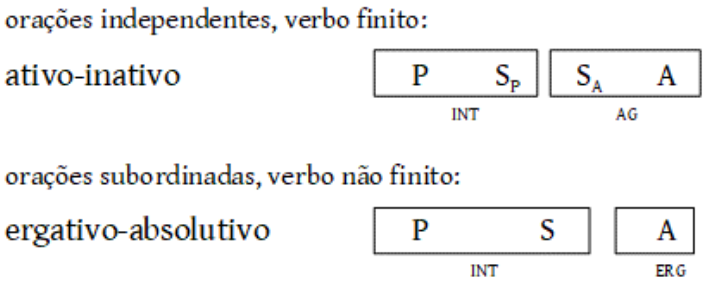


Figura 5.1. Alinhamento em Proto-Macro-Jê Oriental

A ordem canônica dos constituintes reconstruível para o Proto-Macro-Jê Oriental (bem como para o Macro-Jê como um todo) é APV/SV em todas as construções.

5.1.1. Cisão intransitiva

A **cisão intransitiva** consiste na existência de duas classes de predicados monovalentes com propriedades morfossintáticas diferenciadas, situação que se dá em diversas línguas do ramo Oriental e que reconstruímos também para o Proto-Macro-Jê Oriental. Os predicados de uma

[131] Neste capítulo não discutimos os predicados que exigem uma marcação não-canônica de argumentos.
[132] Abaixo discutiremos a possibilidade de rotular este padrão de ***ativo-tripartido***, relacionada com o fato de somente os argumentos A e S_A, mas não P e S_P, serem mutuamente alinhados nos reflexos das orações desse tipo em uma parte das línguas do ramo Oriental.

dessas classes (doravante **verbos ativos**) possuem a característica de ter seu único argumento (S_A) alinhado com o argumento A de verbos transitivos em certas construções. Os predicados da segunda classe (doravante **descritivos**) tendem a compartilhar certas propriedades com os nomes monovalentes:[133] tanto os descritivos como os nomes prototipicamente carecem da flexão de finitude (ver **5.3**), enquanto o único argumento (S_P) de descritivos tem a mesma expressão morfossintática que o possuidor de nomes monovalentes (frequentemente compartilhada também com o argumento P de verbos transitivos e com o complemento de posposições). O fato de o argumento S_A, mas não o argumento S_P, ser alinhado com o argumento A torna-se evidente no caso dos argumentos de pessoa. Em (5.1), a título de exemplo, comparamos a expressão morfossintática dos argumentos de segunda pessoa nas línguas Maxakalí e Canela (ramo Oriental do tronco Macro-Jê), bem como em uma língua Macro-Jê que não pertence a esse ramo, o Karajá.

(5.1) Expressão de argumentos $2.S_A$, 2.A, $2.S_P$, 2.Poss[134]

MAXAKALÍ, construções imperativas (NIKULIN, SILVA, no prelo)

a. expressão de S_A inibida
pihi
estar_deitado.SG.IRR
'Deita-te!'

b. expressão de A inibida
kukeC *pyteC*
cachorro matar.SG.IRR
'Mata o cachorro!'

c. S_P
ã-cyP
2^{INT}-estar_pendurado.SG.IRR
'Pendura-te!'

d. POSS
ã-pata
2^{INT}-pé
'teu pé'

CANELA, construções finitas (CASTRO ALVES, 2004, pp. 31, 55, 67, 90)

e. S_A
ka *apu* *ŋõr*
tu^{AG} PROGR dormir
'Tu estás dormindo.'

f. A
ka *ha* *iʔ-kura*
tu^{AG} IRR 3^{INT}-matar
'Tu vais matá-lo.'

g. S_P
a-tertet
2^{INT}-tremer
'Tu estás tremendo.'

h. POSS
a-par
2^{INT}-pé
'teu pé'

[133] Estes são conhecidos também como *nomes relacionais* ou *inalienavelmente possuídos*. Observe-se este último rótulo é indissociável da premissa de que a morfossintaxe da expressão de posse estaria necessariamente relacionada à distinção semântica entre a posse alienável e inalienável. Aqui evitamos adotar tal premissa, sendo que em diversas línguas Macro-Jê alguns nomes demonstram um certo grau de fluidez quanto à escolha da estratégia de expressão de posse sem consequências para a semântica: Mẽbêngôkre *i-ñõ ĵuĵê ~ i-ĵuĵê* 'meu arco'.

[134] Há motivos para afirmar que o argumento P é alinhado com os argumentos S_P e POSS nas três línguas, ainda que parcialmente. O complemento de posposições é alinhado com estes em Karajá e em Canela (bem como na maioria das línguas Jê), mas não em Maxakalí.

KARAJÁ, construções finitas (RIBEIRO, 2012b, pp. 42, 179, 190, 214)[135]

	S_A		A
i.	***ɗa-n-a-rîa=d-eri***	j.	***ɗa-d-î-Ø-wŷ=ɗ-ê***
	2$^{AG.RLS}$-CTPT-INTR-andar=2-PROGR		**2**$^{AG.RLS}$-CTPT-TR-3-carregar=2-IPF
	‘Tu estás andando (em um vídeo).’		‘Tu o trouxeste.’
	S_P		POSS
k.	***ã-îcə̃dê=ɗ-ê***	l.	***ã-koru***
	2^{INT}-enlouquecer=2-IPF		**2**^{INT}-testa
	‘Tu estás doido.’		‘tua testa’

A cisão intransitiva constitui, antes de tudo, um fenômeno morfossintático, sendo que a semântica dos predicados monovalentes não determina suas propriedades morfossintáticas de forma categórica, embora haja uma correlação entre elas (ver BARROS, 2019 para as línguas Jê Setentrionais). Um padrão interessante diz respeito ao número verbal: identificamos alguns pares de predicados nas línguas Jê Setentrionais e em Maxakalí em que o predicado singular pertence à classe de verbos ativos (5.2a–c), enquanto seu correspondente plural (pluracional) é descritivo (5.2d–e).

(5.2) Pares de verbos que diferem em número e estrutura argumental

	PROTO-JÊ SETENTRIONAL			
	singular, ativo		plural, descritivo	
a.	**ĵa*	a′.	**kucê*	‘estar em pé’
b.	**ñỹ*	b′.	**krĩ*	‘estar sentado’
c.	**ajêt*	c′.	**jarî ~ *arî*	‘estar pendurado’
	MAXAKALÍ			
	singular, ativo		plural, descritivo	
d.	*ci*$_P$	d′.	*tihi ~ ti*	‘estar (em pé)’
e.	*pi*$_P$	e′.	*nũ*$_P$	‘estar deitado’

Entretanto, até o presente não pudemos identificar nenhum par de predicados desse tipo que se reconstrua para o Proto-Macro-Jê Oriental (observe-se, em particular, que o descritivo Maxakalí *nũ*$_P$ ‘estar deitado.PL’ corresponde ao verbo ativo **nũ*$_2$ ‘estar deitado.SG’ do Proto-Jê, impossibilitando uma reconstrução inequívoca das propriedades morfossintáticas e do número de Proto-Macro-Jê Oriental **nũ*$_2$*p*).

A grande extensão das semelhanças estruturais entre os descritivos e os nomes monovalentes provavelmente se deve à origem nominal dos descritivos. De fato, é possível que os

[135] Para fins expositivos, restringimos os dados do Karajá aos temas da chamada classe I no modo *realis*. No modo *irrealis*, o índice de 2.A/S_A é *b*-. Nos temas da classe II, o índice de 2.P/S_P é zero (com queda da consoante temática; ver capítulo IV).

predicados monovalentes que rotulamos de descritivos simplesmente pertenciam à classe lexical de nomes em Proto-Macro-Jê. Fora do ramo Oriental, uma análise nominal dos predicados desse tipo foi defendida para o Karajá (RIBEIRO, 2012b, p. 212–220; *pace* FORTUNE & FORTUNE, 1964; MAIA, 1998). Entretanto, mesmo se a origem nominal dos descritivos for comprovada, é importante notar que as evidências disponíveis convergem quanto ao *status* verbal dos descritivos pelo menos na protolíngua do ramo Oriental. Sincronicamente, diversas línguas deste ramo não admitem uma análise nominal dos descritivos. Por exemplo, em Maxakalí os descritivos se assemelham aos verbos de outras classes, mas não aos nomes, no que diz respeito ao espraiamento de nasalidade quando do acréscimo do sufixo /-nãK/ DIM (CAMPOS, 2009, p. 281–287; SILVA, 2020, p. 119, 155–159). Já nas línguas Jê Setentrionais a classe dos descritivos inclui um item que, excepcionalmente, possui flexão de finitude, incompatível com os nomes: PJS **kato*, NF **kato-r* 'sair'. Oliveira (2003) e Castro Alves (2004) aplicam ainda critérios sintáticos a línguas Jê Setentrionais específicas (Apinajé e Canela, respectivamente), demonstrando que nestas variedades os descritivos devem ser analisados como um subconjunto da classe verbal.

5.1.2. Construções ativas-inativas

Na nossa reconstrução, as construções **ativas-inativas** em Proto-Macro-Jê Oriental compartilhavam a estrutura sintetizada em (5.3). Observe que as siglas ^{AG} e ^{INT} correspondem aos *casos agentivo* e *interno*, respectivamente. As reticências sinalizam a possibilidade de ocorrência de elementos adicionais, tais como marcadores de aspecto ou direção, na posição especificada.

(5.3) Construções ativas-inativas em Proto-Macro-Jê Oriental

***(A^{AG})**	**…**	**[P^{INT}**	**V$_F$]**
***(S$_A$^{AG})**	**…**		**V$_F$**
*****	**…**	**[S$_P$^{INT}**	**V$_F$]**

Dessa forma, os argumentos A e S_A receberiam um caso gramatical, que rotulamos aqui de *agentivo*, e ocorreriam à esquerda dos eventuais marcadores de aspecto ou direção (isto é, poderiam ser separados do verbo por elementos adicionais). Já os argumentos P e S_P compartilhariam duas características importantes: além de coincidirem em receberem o mesmo caso gramatical, que denominamos *interno* (esse caso também possui algumas outras funções, tais como a codificação do possuidor de nomes e de argumentos S e P dos verbos em sua forma não finita), eles ocorrem, obrigatoriamente, imediatamente à esquerda do verbo, formando com ele um

constituinte.[136] Várias línguas modernas do ramo Oriental admitem que os argumentos P e S_P (exceto os de pessoa) sejam deslocados sob certas condições sintáticas, mas neste caso é obrigatória a ocorrência de um índice de terceira pessoa redundante na posição canônica (que poderia ser chamado de "índice resumptivo"; ver também CASTRO ALVES, 2004, p. 127–129 e a discussão acerca da "flexão relacional" no capítulo anterior).

A distinção entre os casos agentivo e interno é reconstruível apenas para os argumentos de pessoa (para os sintagmas nominais, reconstrói-se a marcação zero para os dois casos). Esses argumentos eram expressos por pronomes no caso agentivo e por pronomes ou índices de pessoa no caso interno. O Quadro 5.1 traz uma síntese das formas agentivas dos pronomes nas línguas Macro-Jê (incluímos tanto as línguas do ramo Oriental como as línguas que possuem prováveis cognatos das construções ativas-inativas).

PMJ		formas cognatas			formas não cognatas[137]			
		Maxakalí	Karajá (*realis*)	Rikbáktsa	Karajá (*irrealis*)	Laklãnõ	PJS	PA
***a**	1	**ỹ** (< *ã)	**ã-**	**Ø-**	*ka-	=nũ	*ba	*wa=
***ca**	2	**ca**	**ɗa-**	**c(i)-**	*b-	=mã	*ga	*bə= (PST) *te= (NPST)
	1+2			**(c-)**		=ãŋ	*gu	

Quadro 5.1. Formas que codificam os argumentos A e S_A em reflexos das construções ativas-inativas do Proto-Macro-Jê Oriental e nas construções cognatas de outros ramos

[136] Afirmamos isto com uma certa cautela, visto que é impossível aplicar testes sintáticos diretamente a uma língua reconstruída. A principal evidência para tanto consiste na impossibilidade de adicionar elementos entre o verbo e seu argumento P/S_P (ou de omitir este argumento) em nenhuma língua Macro-Jê que preserva a construção ativa-inativa. Em línguas individuais é possível aplicar outros critérios de constituência. Por exemplo, em Maxakalí os constituintes aparentam ser o domínio para a aplicação da regra /V/ → [VhV]/[VʔV] em palavras subjacentemente monossilábicas (SILVA, 2020b; NIKULIN, SILVA, no prelo). Por outro lado, não utilizaremos como um critério de constituência o emprego do chamado *prefixo relacional (de contiguidade)*, pois, como argumentamos no capítulo anterior, os segmentos comumente analisados como tal prefixo devem ser analisados como partes integrais dos temas nas línguas Macro-Jê e ocorrem inclusive na ausência de um argumento (como em Canela *ca!* 'fica de pé!' ou em Mẽbêngôkre *ĵuĵê* 'arco').

[137] Os pronomes agentivos de PJS são evidentemente cognatos dos pronomes PA **waj* 'eu', **kaj* 'tu' e provêm de PCerr **waj* '1', **gaj* '2' e possivelmente **gu(j)* '1+2', **gê(j)* '3' (não preservados em PA). Dada a provável origem protética de PCerr **g-* (ver cap. 3), essas formas poderiam continuar formas iniciadas por PJ **ô-* ~ **wa-* '1', **a-* '2', **u-* '1+2', **ê-* '3'. Destas, a primeira poderia ser comparada ora com o índice Proto-Tupí **o-* (se PCerr **waj* < PJ **o-*), ora com o índice Karajá *wa-* (caso PCerr **waj* < PJ **wa-*), ambos codificando o argumento interno de primeira pessoa. As demais formas são muito semelhantes aos índices PCerr **aj-* '2', **wa-* '1+2', **i-* '3' (< PJ **añ-*, **ô-*, **i-*), respectivamente, e poderiam compartilhar com estes uma origem comum. A diferença na qualidade vocálica entre **u-*/**ê-* e **ô-*/**i-* poderia ser explicada, por exemplo, por uma antiga diferença no *status* prosódico das formas que teriam dado origem a esses morfemas. Por ora evitamos propor uma reconstrução de um paradigma pronominal completo para o Proto-Macro-Jê.

No Quadro 5.2, reproduzimos os índices de pessoa do Proto-Macro-Jê (*vide* o capítulo anterior para o embasamento empírico dessa reconstrução).

PMJ	1	2	1+2	3
classe I	***ij**	***a-**	***u**	***i-**
classe II		***Ø-**		***c-**

Quadro 5.2. Pronomes e índices do Proto-Macro-Jê correspondentes ao caso interno

É possível reconstruir para o Proto-Macro-Jê Oriental, no mínimo, três construções ativas-inativas. A primeira é a mais básica e envolve **orações independentes** (5.4a). A construção **coordenada** assemelha-se estruturalmente à primeira, com a diferença de que esta construção é introduzida por um elemento conector que rastreia a correferência do sujeito (argumento A/S) da construção com o da oração anterior (5.4b). Se o sujeito da construção coordenada for de primeira ou segunda pessoa e não for correferente ao da oração anterior, o elemento conector utilizado é um pronome no caso agentivo. Já a construção **imperativa** difere das duas primeiras por ter a expressão do argumento agentivo (isto é, A/S_A) inibida. Nessa construção, o sujeito (isto é, os argumentos $A/S_A/S_P$) é sempre de segunda pessoa, sendo que sua expressão é redundante. É muito importante notar que tal redundância resulta na inibição da expressão dos argumentos A e S_A, mas **a expressão do argumento S_P** (semanticamente sempre de segunda pessoa, isto é, **a-/*Ø-*) **continua sendo obrigatória**, evidenciando o alto nível de integração entre os elementos do constituinte [S_P-V]. A reconstrução, apresentada em (5.4c) abaixo, se baseia nas evidências do Maxakalí e das línguas Jê Setentrionais, que preservam esta construção sem modificações.

(5.4) a. Orações independentes em Proto-Macro-Jê Oriental (construção ativa-inativa)

***A^{AG}**	**…**	**[P^{INT}**	**V_F]**
***$S_A{}^{AG}$**	**…**		**V_F**
*****	**…**	**[$S_P{}^{INT}$**	**V_F]**

b. Construção coordenada em Proto-Macro-Jê Oriental (construção nominativa-inativa)

*****[oração 1]	**[conj/A^{AG}**	**…**	**[P^{INT}**	**V_F]]**
*****[oração 1]	**[conj/S^{AG}**	**…**		**V_F]**
*****[oração 1]	**[conj/S^{AG}**	**…**	**[$S_P{}^{INT}$**	**V_F]]**

c. Construção imperativa em Proto-Macro-Jê Oriental

***…**	**[P^{INT}**	**V_F]**	*2.A
***…**		**V_F**	*2.S_A
***…**	**[2.S_P-^{INT}**	**V_F]**	

Finalmente, é necessário ressaltar que em um único subgrupo do ramo Oriental (mais especificamente, em algumas línguas Cerratenses), o argumento P não é totalmente alinhado com o

argumento S_P em orações encabeçadas por verbos finitos. Nessas línguas, em uma subclasse de verbos transitivos (verbos monossilábicos compatíveis com sufixos de não-finitude), há a ocorrência de um índice diferenciado de 3.P (PJS **ku-*, XAV *ti-*), prefixo também encontrado em algumas posposições (5.5). Associamos esse índice com o caso morfológico acusativo.[138]

(5.5) Prefixo de terceira pessoa "acusativa" em CANELA (CASTRO ALVES, 2004; GRUPP, 2015)
P_P (verbos monossilábicos compatíveis com sufixos de NF), finito (cf. 5.6g–i)

a.	***ku-****kʰu*	b.	***ku-****pə̂*	c.	***ku-****ka*
	3^{ACC}-comer		**3**^{ACC}-carregar		**3**^{ACC}-assar
	'comê-lo'		'carregá-lo'		'assá-lo'
	complemento de posposições				
d.	***ku-****ri*	e.	***ku-****mə̃*	f.	***ku-****te*
	3^{ACC}-LOC		**3**^{ACC}-DAT		**3**^{ACC}-ERG
	'naquele lugar'		'para ele'		'ele.ERG'

Os demais verbos transitivos (os monossilábicos incompatíveis com sufixos de não-finitude e todos os polissilábicos), contudo, recebem um índice de 3.P idêntico ao de 3.S_P nos descritivos (e que coincide também com o índice de 3.P/S de verbos não finitos e com o de 3.Poss) (5.6). Associamos esse índice diferenciado com o caso morfológico interno. No caso do Canela, este índice possui diversos alomorfes (*iʔ-*, *i-*, *im-*, *in-, iŋ-*, *h-*) morfofonologicamente condicionados; em (5.6) ilustramos somente os alomorfes *iʔ-*, *im-*, *h-*.

(5.6) Prefixo de terceira pessoa "interna" em CANELA (CASTRO ALVES, 2004; GRUPP, 2015)

P_S (verbos monossilábicos sem sufixos de NF e todos os polissilábicos), finito/não finito

a.	***iʔ-****cêt*	b.	***im-****pok*	c.	***h-****õmpu(-n)*
	3^{INT}-assar(.NF)		**3**^{INT}-cortar(.NF)		**3**^{INT}-ver(-NF)
	'assá-lo(.NF)'		'cortá-lo(.NF)'		'vê-lo(.NF)'
	S_P, finito/não finito				
d.	***iʔ-****pə̂m*	e.	***im-****pej*	f.	***h-****akʰa*
	3^{INT}-cair(.NF)		**3**^{INT}-ser_bom(.NF)		**3**^{INT}-ser_branco(.NF)
	'cai(.NF)'		'é bom(.NF)'		'é branco(.NF)'

[138] Uma vez que a escolha do índice de P nesse caso é condicionada pela classe lexical do verbo (pois os verbos monossilábicos incompatíveis com sufixos de não-finitude e todos os polissilábicos jamais recebem o índice acusativo), é possível falar em *cisão pacientiva*, que consistiria na expressão diferenciada do argumento P em uma mesma construção (nesse caso, em orações finitas) a depender da classe lexical do verbo e constituiria, assim, um fenômeno análogo à cisão intransitiva (com a diferença de que o papel semântico cindido seria o P e não o S); agradecemos a Spike Gildea (Universidade de Oregon, comunicação pessoal, 2020) por sugerir tal caminho de análise. Para denotar o argumento P expresso por um índice acusativo, fazemos o uso do rótulo P_P; para o argumento P expresso por um índice interno nas orações finitas, cuja ocorrência se exemplificará em (5.6) adiante, será empregada a notação P_S. Nas orações não finitas, a cisão pacientiva não ocorre.

P (verbos monossilábicos com sufixos de NF), não finito (cf. 5.5a–c)

g.	***i?-k^{h}u-r***	h.	***im-pə̂-n***	i.	***h-ə-r***
	3^{INT}-comer-NF		**3**^{INT}-carregar-NF		**3**^{INT}-assar-NF
	‘comê-lo.NF’		‘carregá-lo.NF’		‘assá-lo.NF’

S (verbos ativos), não finito

j.	***i?-tẽ-m***	k.	***im-pra-r***	l.	***h-ỹ-r***
	3^{INT}-viajar-NF		**3**^{INT}-andar_depressa-NF		**3**^{INT}-estar_sentado-NF
	‘viaja.NF’		‘anda depressa.NF’		‘está sentado.NF’

Poss

m.	***i?-k^{h}ra***	n.	***im-put***	o.	***h-apak***
	3^{INT}-filho		**3**^{INT}-pescoço		**3**^{INT}-orelha
	‘filho dele’		‘pescoço dele’		‘orelha dele’

Dessa forma, o alinhamento morfossintático nas orações encabeçadas por verbos em sua forma finita nas referidas línguas pode ser descrito como *ativo-tripartido* (ver Figura 5.2), com a ressalva de que a expressão morfossintática dos argumentos P_P, por um lado, e P_S/S_P, por outro lado, se diferencia apenas para os argumentos de terceira pessoa. Este alinhamento é também reconstruível para o Proto-Cerratense (para o prefixo *ti-* em Xavánte codificando o argumento P em verbos finitos e o complemento de posposições *wi* ABL e — com harmonia vocálica — *mə̃* DAT e *tê* ERG, ver ESTEVAM, 2011, p. 182–184; HALL *et al.*, 2004 [1987], p. 296; entretanto, nessa língua um prefixo idêntico ainda codifica um possuidor de terceira pessoa correferencial e o argumento 3.S em verbos não finitos, fato a ser explicado em futuros estudos).

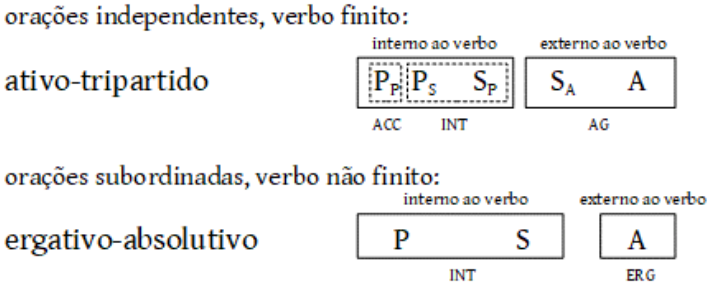


Figura 5.2. Alinhamento em Proto-Cerratense

Não encontramos evidências externas às línguas Cerratenses que pudessem comprovar a natureza conservadora do alinhamento ativo-tripartido e da cisão pacientiva (ver nota 138) nesse agrupamento genético (isto é, evidências de que tal alinhamento existia em Proto-Macro-Jê Oriental). Entretanto, não defenderemos também sua origem recente, pois atualmente não podemos apresentar nenhuma construção-fonte que explicaria a emergência de uma “cisão pacientiva” (isto é, marcação diferenciada dos argumentos P_P e P_S/S_P) nas línguas Cerratenses no caso específico do argumento de terceira pessoa. A possibilidade de reconstruir um alinhamento

ativo-tripartido (com a "cisão pacientiva" na terceira pessoa) para o Proto-Macro-Jê Oriental permanece em aberto.

5.1.3. Construção ergativa-absolutiva

Nesta subseção apresentamos as propriedades formais que reconstruímos para a construção **ergativa-absolutiva** do Proto-Macro-Jê Oriental (5.7). Observe que a sigla ^{INT} corresponde ao *caso interno* (ver subseção anterior). O elemento **tê* é a posposição ergativa. As reticências sinalizam a possibilidade de ocorrência de elementos adicionais, tais como marcadores de aspecto ou direção, na posição especificada.

(5.7) Construção ergativa-absolutiva em Proto-Macro-Jê Oriental

***[A**	***tê*]**	**…**	**[P^{INT}**	**V$_{NF}$]**
*****		**…**	**[S^{INT}**	**V$_{NF}$]**

Dessa forma, o verbo ocorreria em sua forma não finita (nominalizada). Não haveria cisão intransitiva: o argumento S, alinhado com o argumento P, receberia o caso *interno* (não marcado no caso de sintagmas nominais; os argumentos de pessoa seriam expressos por respectivos pronomes ou clíticos, ver Quadro 5.2 acima). Já o argumento A seria expresso por um sintagma posposicional encabeçado pela posposição ergativa **tê* (não se reconstrói o caso morfológico correspondente para o Proto-Macro-Jê Oriental).

Castro Alves (2010, p. 469) apresenta uma hipótese reconstrutiva acerca do percurso evolutivo da posposição ergativa **te* do Proto-Jê Setentrional. De acordo com a autora, esta posposição teria sua origem em uma antiga posposição genitiva, a qual marcaria o possuidor em construções possessivas oblíquas que tinham por seu núcleo nomes ou formas não finitas (nominalizadas) de verbos. De fato, posposições idênticas à posposição ergativa podem introduzir adjuntos adnominais, como nos seguintes exemplos do Canela (5.8).

(5.8) CANELA (CASTRO ALVES, 2010, p. 469)

a.	*karẽk*	*te*	*pry-re*		b.	*kʰẽn*	*te*	*wakʰə̂*
	argila	GEN	bicho-DIM			pedra	GEN	facão
	'bicho de argila'					'facão de pedra'		

Observe-se, entretanto, que sincronicamente em todos os exemplos disponíveis os sintagmas posposicionais com *te* possuem a função específica de codificar o "material com que o item especificado é feito" em Canela (CASTRO ALVES, 2004, p. 155), sendo que a construção de posse indireta faz uso da posposição genitiva *jõ* (< PMJ **ñũk*, possuindo cognatos com funções idênticas nas línguas Jê Setentrionais, Maxakalí, Krenák). Em mais uma língua Jê Setentrional, Kĩsêdjê, uma posposição idêntica à posposição ergativa é utilizada para introduzir um adjunto sentencial com a semântica de estímulo (5.9).

(5.9) KĨSÊDJÊ (NONATO, 2014, p. 134, 144)
i-nə̃ ra [i-kahrĩ re] mbə̂rə̂
1-mãe NOM [1-ter_dó STIM] chorar
'Minha mãe está chorando de dó de mim.'

As línguas em que as funções do reflexo de Proto-Macro-Jê Oriental **tê* mais se aproximam da função genitiva, reconstruída por Castro Alves (2010) para o predecessor de Canela *te*, são as línguas Akuwẽ. Por exemplo, em Akwẽ-Xerénte a posposição *tê* pode desempenhar a função de uma posposição genitiva (SOUSA FILHO, 2007, p. 204–205), podendo tomar como complemento pronomes ou índices de pessoa (5.10).

(5.10) AKWẼ-XERENTE (SOUSA FILHO, 2007, p. 205)

a. *tôkaj tê wakrowdê*
tu GEN arco
'teu arco'

b. *aj-tê ti*
2-GEN flecha
'tua flecha'

A diversidade semântica dos reflexos da posposição **tê* nas línguas contemporâneas (argumento A, material, estímulo, genitivo) é compatível com a reconstrução proposta por Castro Alves (2010) de **tê* GEN, porém o fato de as construções ergativas-absolutivas do Maxakalí e das línguas Jê Setentrionais serem absolutamente homólogas sugere que a extensão da função original desta posposição para a codificação do argumento A em orações subordinadas é extremamente antiga, havendo ocorrido anteriormente à dissolução do Proto-Macro-Jê Oriental.

Fora do ramo Oriental, as nominalizações cujo possuidor codifica os argumentos S e P nocionais foram atestadas na língua Karajá (5.11).

(5.11) KARAJÁ (RIBEIRO, 2012b, p. 211)

	s-V_{NMLZ}		S	V_{NMLZ}		s-V_{NMLZ}
a.	*wa-rî[r]a*	b.	*be*	*lu[r]ə̃*	c.	*wa-rybe*
	1-andar[NMLZ]		água	secar[NMLZ]		1-falar.NMLZ
	'minha caminhada'		'a seca da água'			'minha fala'

	P	V_{NMLZ}		P	V_{NMLZ}
d.	*bdi*	*do*	d.	*ɗky*	*θu[r]o*
	mel	chupar.NMLZ		pele/casca/roupa	lavar[NMLZ]
	'ingestão de mel'			'lavagem de roupa'	

	P	V_{NMLZ}
e.	*ãjĩkûra*	*ko[r]a*
	macaxeira	ralar[NMLZ]
	'ralação de macaxeira'	

Contudo, o emprego das nominalizações do Karajá é consideravelmente mais limitado do que nas línguas do ramo Oriental: nessa língua, em contextos de subordinação os verbos, em vez de serem nominalizados, sofrem um processo de deslocamento acentual (RIBEIRO, 2006). Além

disso, não foi atestado na literatura nenhum mecanismo que permitisse expressar o argumento A nocional dos verbos nominalizados em Karajá. Portanto, é provável que a construção ergativa-absolutiva emergiu apenas na protolíngua do ramo Oriental (com a introdução da possibilidade de expressar o argumento A, marcado nesse caso pela posposição ergativa **tê*, e da obrigatoriedade da ocorrência das formas não finitas em contextos de subordinação sintática), constituindo uma inovação distintiva desse agrupamento genético.

5.2. Evolução das construções finitas e da não finita

Nesta seção rastreamos a evolução das construções, cuja reconstrução foi apresentada na seção **5.1** acima, nas diversas línguas do ramo Oriental: Jê (subseção **5.2.1**), Maxakalí (subseção **5.2.2**) e Krenák (subseção **5.2.3**). Não abordaremos a família Kamakã, as línguas extintas/dormentes da família Maxakalí e nem as línguas Ingain e Jaikó, para as quais não dispomos de dados morfossintáticos.

5.2.1. Jê

Dentro da família Jê, o sub-ramo mais conservador em termos de morfossintaxe é o Jê Setentrional, que apresenta uma retenção total do padrão reconstruído por nós para o Proto-Macro-Jê Oriental. Isto significa que todas as protolínguas intermediárias no percurso do Proto-Macro-Jê Oriental para o Proto-Jê Setentrional (Proto-Jê, Proto-Cerratense, Proto-Jê de Goyaz) conservavam o padrão em questão, isentando-nos da necessidade de discutir em detalhe o alinhamento em cada uma dessas protolínguas intermediárias. Dedicaremos uma subseção separada apenas para o Proto-Jê Setentrional, uma protolíngua cujos elementos dos mais diversos níveis (fonologia, léxico, morfologia, morfossintaxe) podem ser reconstruídos com um alto grau de certeza. Na subseção **5.2.1.1**, apresentamos os fatos básicos acerca da finitude e do alinhamento referentes a essa protolíngua, baseando-nos na nossa reconstrução fonológica e na reconstrução sintática de Castro Alves (2010). Em seguida, abordaremos a evolução construcional em Panará (**5.2.1.2**), nas línguas Akuwẽ (**5.1.2.3**) e Jê Meridionais (**5.1.2.4**).

5.2.1.1. Jê Setentrional

A categoria de *finitude* é central para uma compreensão da morfossintaxe das línguas Jê Setentrionais. A forma não finita dos verbos é prototipicamente utilizada em contextos de subordinação, embora em algumas línguas contemporâneas ela possa ocorrer também em orações independentes como resultado de reanálise, possuindo neste caso leituras temporais e/ou aspectuais específicas (por exemplo, tempo passado recente em Timbíra). Castro Alves (2010) reconstrói as propriedades morfossintáticas das formas finitas e não finitas dos verbos do Proto-

Jê Setentrional, concluindo que as orações independentes (portanto, encabeçadas por um verbo finito) apresentavam um alinhamento ativo-estativo (na nossa terminologia, ativo-tripartido, ver subseção **5.1.2**)[139] (5.12a–e), ao passo que as orações subordinadas encabeçadas por um verbo não finito apresentavam um alinhamento ergativo-absolutivo (5.12a′–e′) em Proto-Jê Setentrional. A ordem canônica dos constituintes é SV/APV nos dois tipos de construções.

(5.12) PROTO-JÊ SETENTRIONAL (reconstrução nossa)

	A^{AG}	$P_P{}^{ACC}$	V_F		A^{ERG}	P^{INT}	V_{NF}	
a.	**ba*	*kẽn*	*by*	a′.	**ij-te*	*kẽn*	*by-r*	*kêt*
	1^{AG}	pedra	pegar.SG		1^{ACC}-ERG	pedra	pegar.SG-NF	NEG
	‘Eu peguei a pedra.’				‘Eu não peguei a pedra.’			
	A^{AG}	p^{ACC}-V_F			A^{ERG}	p^{INT}-V_{NF}		
b.	**ba*	*ku-by*		b′.	**ij-te*	*c-by-r*		*kêt*
	1^{AG}	3^{ACC}-pegar.SG			1^{ACC}-ERG	3^{INT}-pegar.SG-NF		NEG
	‘Eu a peguei.’				‘Eu não a peguei.’			
	$S_A{}^{AG}$	V_F			s^{INT}-V_{NF}			
c.	**ba*	*ŋõr*		c′.	**i-ñõt*	*kêt*		
	1^{AG}	dormir			1^{INT}-dormir.NF	NEG		
	‘Eu durmo.’				‘Eu não durmo.’			
	$s_P{}^{INT}$-V_F				s^{INT}-V_{NF}			
d.	**ij-prõt*			d′.	**ij-prõt*	*kêt*		
	1^{INT}-correr				1^{INT}-correr.NF	NEG		
	‘Eu corro.’				‘Eu não corro.’			
	$s_P{}^{INT}$-V_F				s^{INT}-V_{NF}			
e.	**c-prõt*			e′.	**c-prõt*	*kêt*		
	3^{INT}-correr				3^{INT}-correr.NF	NEG		
	‘Ele corre.’				‘Ele não corre.’			

Os exemplos acima ilustram que nas orações independentes, encabeçadas por verbos em sua forma finita, os argumentos A e S_A compartilham a propriedade de receber o mesmo caso, que chamamos aqui de *agentivo*, cf. o pronome **ba* ‘1^{AG}’ em (5.12a–c). Este comportamento não é

[139] A distinção formal na expressão dos argumentos A/S_A, S_P/P_S e P_P nesse tipo de construções torna-se evidente no caso dos argumentos de pessoa (a marcação de caso nos sintagmas nominais é zero). Para tais argumentos, reconstrói-se o seguinte paradigma supletivo de caso:

	agentivo (A/S_A)	interno (S_P/P_S)	acusativo (P_P)
1	**ba*	**ij-*/**i-*	**ij-*/**i-*
2	**ga*	**a-*/**g-*	**a-*/**g-*
1+2	**gu*	**ba-*	**ba-*
3	(?) **gê, *ta*	**c-*	**ku-* (**a-* para 2_A>3_P)

compartilhado com os argumentos S_P e P, que apresentam índices de pessoa no lugar dos pronomes (5.12b, d–e). No caso dos argumentos de terceira pessoa, faz-se, ainda, uma distinção entre os argumentos S_P/P_S, que sempre são expressos por **c-* '3^{INT}' (5.12e), e P_P, expresso por **ku-* '3^{ACC}' (5.12b). O índice **ku-* '3^{ACC}' ocorre apenas em verbos transitivos monossilábicos compatíveis com sufixos de não-finitude (tais como **bĩ*, NF **bĩ-r* 'matar.SG', **nĵa*, NF **nĵa-r* 'morder', **ru*, NF **ru-ñ* 'despejar', **krẽ*, NF **krẽ-r* 'comer.SG', **kwỹr*, NF **kwỹ-ñ* 'quebrar', dentre muitos outros).[140] O índice **c-* '3^{INT}' é utilizado com todos os demais verbos transitivos, incluindo os polissilábicos (tais como **jamə̃*, NF **jamə̃-r* 'esperar', **pumbu*, NF **pumbu-ñ* 'ver') e os incompatíveis com sufixos de não-finitude (tais como **pro*, NF **pro* 'cobrir', **kre*, NF **kre* 'plantar', **côk*, NF **côk* 'pintar'). Seguindo a sugestão de Spike Gildea (Universidade de Oregon, comunicação pessoal, 2020), analisamos esse fenômeno como uma cisão pacientiva lexical e diferenciamos entre os argumentos P_P (acusativo) e P_S (interno). Note que a cisão pacientiva nas línguas Jê Setentrionais não possui um condicionamento semântico (em vez disso, é correlacionada com certas propriedades fonológicas e morfológicas do predicado), diferenciando-se, portanto, das cisões pacientivas semânticas discutidas nos trabalhos de Tsunoda (1985) e Malchukov (2005), dentre outros.

As cisões intransitiva e pacientiva não se manifestam nas orações subordinadas (note-se que a relação sintática de subordinação se dá também no caso dos operadores, tais como **kêt* NEG), em que o verbo obrigatoriamente ocorre em sua forma não finita, imediatamente precedido do argumento S/P no caso interno. Nesse tipo de construções, os verbos ativos e descritivos possuem o mesmo comportamento morfossintático (compare-se 5.12c′ com 5.12d′). O argumento A, quando presente, é codificado por um sintagma posposicional encabeçado pela posposição ergativa **te*.

Embora Castro Alves (2010) não discuta as construções imperativas no trabalho supracitado, as evidências das línguas Jê Setentrionais contemporâneas (ver FERREIRA, 2011 para uma seleção de dados) convergem apontando ao seguinte padrão: o verbo que encabeça a construção imperativa ocorre em sua forma finita, e os argumentos internos (P_P, P_S, S_P) ocorrem em

[140] No caso das orações transitivas em que o argumento A de segunda pessoa atua sobre um argumento P de terceira pessoa ($2_A>3_P$), os verbos compatíveis com **ku-* '3^{ACC}' exibem um efeito de hierarquia de pessoa, atestado até o presente em Mẽbêngôkre, Apinajé e Canela (ver CASTRO ALVES, 2011 e referências) e, portanto, reconstruível para o Proto-Jê Setentrional. Este efeito consiste na indexação do argumento A (em vez do argumento P) nos verbos finitos: **ga a-by* [2^{AG} 2^{INT}-pegar] 'tu o pegaste'. Os verbos transitivos cujo argumento P é marcado pelo caso interno (e não acusativo) não apresentam esse fenômeno.

sua posição canônica (preverbal), como mostramos em (5.13a–b, d). Já a expressão dos argumentos externos (A, S_A; semanticamente sempre de segunda pessoa) é inibida (5.13a–c).[141] É possível reconstruir também a construção coordenada, em que uma oração é anexada à anterior por meio de um elemento conector que rastreia a identidade entre os sujeitos (argumentos A/S) das mesmas (sistema de referência cruzada). Se a segunda oração apresenta um sujeito de primeira ou segunda pessoa não correferente ao da oração anterior, o elemento conector utilizado é o pronome no caso agentivo (5.13e–h), configurando um padrão que podemos rotular de nominativo-tripartido (CASTRO ALVES, NIKULIN, em preparação).

(5.13) PROTO-JÊ SETENTRIONAL (reconstrução nossa)

	P_P	V_F (*A)		P_S	V_F (*A)		V_F (*S_A)		s_P-V_F
a.	*kẽn*	*by*	b.	*kwâr-ĵa*	*kre*	c.	*ŋõr*	d.	*a-prõt*
	pedra	pegar		macaxeira-caule	plantar		dormir		2^{INT}-correr
	‘Pega a pedra!’			‘Planta a macaxeira!’			‘Dorme!’		‘Corre!’

					[A	p_P-V_F]
e.	*ga*	*ij-mə̃*	*kẽn*	*ŋõ*	[*ba*	*ku-mẽ*]
	tu^{AG}	1^{ACC}-DAT	pedra	dar	[eu	3^{ACC}-jogar.SG]
	‘Tu me deste uma pedra para eu arremessá-la.’					

					[A	p_S-V_F]
f.	*ga*	*ij-mə̃*	*kwâr-ĵa*	*ŋõ*	[*ba*	*c-kre*]
	tu^{AG}	1^{ACC}-DAT	macaxeira-caule	dar	[eu	3^{INT}-plantar]
	‘Tu me deste caule de macaxeira para eu plantá-lo.’					

					[S	V_F]
g.	*ga*	*ij-mə̃*	*kẽn*	*ŋõ*	[*ba*	*ñỹ*]
	tu^{AG}	1^{ACC}-DAT	pedra	dar	[eu	estar_sentado.SG]
	‘Tu me deste uma pedra para eu me sentar.’					

					[S	s_P-V_F]
h.	*ga*	*ij-mə̃*	*kẽn*	*ŋõ*	*ba*	*ij-prõt*
	tu^{AG}	1^{ACC}-DAT	pedra	dar	[eu	1^{INT}-correr]
	‘Tu me deste uma pedra para eu correr.’					

Sintetizamos as informações detalhadas acima no Quadro 5.3.

[141] Não consideramos aqui o efeito de hierarquia de pessoa (ver nota anterior), cuja aplicação automaticamente resulta na indexação do argumento A (em vez do argumento P), como em PJS **a-by* [2^{INT}-pegar] ‘pega ele!’.

<table>
<tr><td>alinhamento</td><td colspan="2">ativo-tripartido[I], nominativo-tripartido[II]</td><td>ergativo-absolutivo</td></tr>
<tr><td>verbo transitivo</td><td>*A^{AG} … [P_P^{ACC} V]
A^{AG} … [P_S^{INT} V]</td><td>[P_P^{ACC} V]
[P_S^{INT} V]</td><td>A^{INT} te… [P^{INT} V]</td></tr>
<tr><td>verbo ativo</td><td>*S_A^{AG} … V</td><td>* V</td><td rowspan="2">* … [S^{INT} V]</td></tr>
<tr><td>descritivo</td><td>*$(S_P^{AG})^{II}$ … [S_P^{INT} V]</td><td>*[S_P^{INT}- V]</td></tr>
<tr><td>forma do verbo</td><td colspan="2">finita</td><td>forma não finita</td></tr>
<tr><td>condicionamento</td><td>orações independentes (padrão geral)[I], coordenadas[II]</td><td>construção imperativa</td><td>orações subordinadas</td></tr>
</table>

Quadro 5.3. Os padrões de alinhamento em Proto-Jê Setentrional

É fácil observar que o padrão do Proto-Jê Setentrional é praticamente idêntico àquele que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê Oriental (seção **5.1**), com a diferença de que não pudemos verificar se certos fenômenos presentes nas línguas Jê Setentrionais (tais como uma diferença marginal entre os casos interno e acusativo, que se manifesta apenas nos argumentos de terceira pessoa) existiam ou não na protolíngua do ramo Oriental.

5.2.1.2. Panará

Todos os estudos que tratam da morfossintaxe das línguas Jê de Goyaz convergem apontando à existência de diferenças radicais entre o Panará e as línguas Jê Setentrionais: Mẽbêngôkre, Apinajé, Kĩsêdjê, Tapayúna e Timbíra (CASTRO ALVES, 2010, p. 454, 458; BARDAGIL-MAS, 2018, entre outros). Essas diferenças são as seguintes:

(i) o alinhamento ativo-tripartido (ou ativo-inativo) não ocorre em nenhum tipo de construções em Panará; todas as orações apresentam um alinhamento ergativo-absolutivo, manifestado na marcação de caso nos sintagmas nominais (caso ergativo marcado pela posposição *hẽ* ou, nos sufixos de número, pelo sufixo *-ŋ*; caso absolutivo não marcado) e, nos modos *realis* e condicional, também nos índices de pessoa (uma consequência disso é que a cisão intransitiva não existe em Panará);

(ii) a ordem dos constituintes não é rígida, como nas línguas Jê Setentrionais, e nem é estritamente de verbo final; os argumentos A, S e P podem ser expressos na posição pós-verbal.

A ordem de constituintes característica das línguas Jê Setentrionais (e de quase todas as línguas do ramo Oriental), contudo, é replicada pelos proclíticos do Panará. Segundo Bardagil-Mas (2018) e Dourado (2001), os elementos do complexo verbal nos modos *realis* e condicional são organizados linearmente, como mostramos em (5.14).

(5.14) PANARÁ (adaptado de BARDAGIL-MAS, 2018, p. 111; DOURADO, 2001)

(1) modo *jy*= RLS.INTR, *ta*= COND, *tu*= COND.INTR
(2) A *rê*= 1SG/DU, *nẽ*= 1/3PL, *ka*= 2, *ti*= 3SG/DU
(3) 2PL (A/S/P) *rê*= 2PL
(4) voz *pĩ*= RCPR, *jĩ=/jə̃*= REFL
(5) direção *py*= REGR/ITER, *mỹŋ*= CTPT
(6) destinatário *kjẽ*= 1SG/DU, *paŋ*= 1PL, *kə̃ŋ*= 2, *mə̃*= 3SG, *mẽ*= 3DU, *raŋ*= 3PL
(7) sintagma posposicional incorporado (ou apenas o índice de pessoa)
(8) dual (A/S/P) *mẽ*= DU
(9) S/P *ra-/r-* 1, *a-/k-* 2, *Ø-/s-* 3, nome/classificador incorporado
(10) verbo (forma *realis*)

É fácil observar que a posição imediatamente à esquerda do verbo está obrigatoriamente ocupada por um índice de pessoa ou por um nome/classificador incorporado[142] que codifica o argumento absolutivo (S/P). Por outro lado, os índices ergativos que codificam a pessoa do argumento A se localizam mais à esquerda, sendo que há seis posições (todas opcionais) entre os índices ergativo e absolutivo que podem ser preenchidas. Os exemplos em (5.15) mostram as posições relativas dos índices absolutivo e ergativo, bem como o fato de os índices que codificam a primeira pessoa (do singular) possuírem formas diferentes a depender do caso (absolutivo *ra*=, ergativo *rê*=). Os complexos verbais estão destacados em negrito, sendo que as posições se encontram alinhadas verticalmente.

(5.15) PANARÁ (BARDAGIL-MAS, 2018, p. 59)

	(1)	**(2)**	**…**	**(9)**	**(10)**		
	[			**s-**	**V**	]	S
a.	[***jy=***			***ra-***	***pôw***	]	*ĩŋkjẽ*
	[RLS.INTR=			1ABS-	chegar	]	eu

'Eu cheguei.'

[142] Bardagil-Mas (2018) reserva posições separadas para os nomes/classificadores incorporados e índices absolutivos de pessoa, aparentemente porque o autor analisa a consoante temática em exemplos como (5.i) como um índice de terceira pessoa.

(5.i) PANARÁ (BARDAGIL-MAS, 2018, p. 59)
ti= *nə̃ŋkə̃*= *j*= *ũmpa*
3SG/DUERG= cobra= 3ABS= temer
'Ele tem medo da cobra.'

Em nossa opinião, tal análise não é justificada; preferimos analisar o exemplo acima como em (5.i′), eliminando a necessidade de postular posições separadas para os nomes/classificadores incorporados e índices absolutivos (para uma discussão da nossa proposta de análise para as consoantes temáticas, ver capítulo 4).

(5.i′) *ti*= *nə̃ŋkə̃*= *j-ũmpa*
3SG/DUERG= cobra= TH-temer
'Ele tem medo da cobra.'

	A^{ERG}	P	[	**a=**	**p-**	**V**	]
b.	[*nãŋkə̃ hẽ*]	*ĩŋkjẽ*	[	***ti=***	***ra-***	***nsari***	]
	[cobra ERG]	eu	[	$3_{SG/DU}^{ERG}$=	1^{ABS}-	morder	]
	‘Uma cobra me mordeu.’						
	P	A^{ERG}		[	**a=**	**p-**	**V**	]
c.	*jôriti*	[*ĩŋkjẽ*	*hẽ*]	[	***rê=***	***Ø-***	***pĩri***	]
	caititu	[eu	ERG]	[	$1_{SG/DU}^{ERG}$=	3^{ABS}-	matar	]
	‘Matei um caititu.’							

É muito importante notar que as formas dos verbos que aparecem nesse tipo de orações continuam as formas **não finitas** do Proto-Jê de Goyaz. Por exemplo, os verbos em (5.15) são reflexos absolutamente regulares de PJG **bôc* ‘chegar.NF’, **nĵa-r* ‘morder.NF’, **bĩ-r* ‘matar.SG.NF’.

Os fatos expostos acima são compatíveis com a hipótese de que o complexo verbal do Panará — ou, pelo menos, sua parte entre as posições (2) e (10) — é uma construção cognata da construção ergativa-absolutiva do Proto-Jê Setentrional e um reflexo direto da construção análoga do Proto-Macro-Jê Oriental, embora a evolução fonológica dos clíticos ergativos do Panará permanece sem explicação. O antigo argumento absolutivo é continuado, em Panará, por índices de pessoa (PJG **a-/*g-* ‘2^{INT}’ > PNR *a-/k-* ‘2^{ABS}’; PJG **c-* ‘3^{INT}’ > PNR *Ø-/s-* ‘3^{ABS}’; a etimologia de PNR *ra-/r-* ‘1^{ABS}’ é desconhecida) ou nomes/classificadores incorporados (fenômeno que aparece com uma frequência significativa na fala dos Panará mais velhos, mas que aparenta não ser muito produtivo na fala dos mais jovens; DOURADO, 2001, p. 222). Os sintagmas nominais não incorporados do Panará que aparecem à esquerda ou à direita do complexo verbal não continuam nenhum elemento da construção fonte e são, portanto, inovadores (entretanto, a posposição ergativa *hẽ* parece ser um reflexo de PJS **te* com uma nasalidade irregular[143]). O proposto caminho da evolução da construção ergativa-absolutiva do Proto-Jê Setentrional no Panará encontra-se sintetizado em (5.16) abaixo.

[143] Para a correspondência consonantal, comparem-se as posposições adessiva *hə̃* (~ PJS **tə̃/*cə̃* ‘posp. locativa’) e instrumental *ho* (~ PJS **to/*co* ‘id.’).

(5.16) Evolução da construção ergativa-absolutiva em Panará

transitivos	***[A^{ACC} *te*]**	**…**	**[P^{INT}**	**V$_{NF}$]**
	↓	↓	↓	↓
	a^{ERG}=	**…**	**p^{ABS}-**	**V$_{RLS}$**
	(2)	(3–8)	(9)	(10)
intransitivos	*	**…**	**[S^{INT}**	**V$_{NF}$]**
		↓	↓	↓
		…	**s^{ABS}-**	**V$_{RLS}$**
		(3–8)	(9)	(10)

A considerações expostas acima valem para as orações nos modos *realis* e condicional do Panará. No modo *irrealis*, o verbo ocorre em uma forma diferente (*irrealis*), e o complexo verbal é obrigatoriamente iniciado pelo clítico *ka*= IRR. Além disso, apesar de o complexo verbal exibir a mesma ordem geral dos clíticos, as posições (2) e (9) são ocupadas, no modo *irrealis*, por índices de pessoa que pertencem a uma série diferente daquela que ocorre nos modos *realis* e condicional, e o alinhamento desses índices de pessoa não pode mais ser caracterizado como ergativo-absolutivo. Em (5.17), reproduzimos o esquema do complexo verbal no modo *irrealis* do Panará, omitindo as posições (3–8), que não apresentam diferenças em relação ao esquema exposto em (5.14) acima.

(5.17) PANARÁ (adaptado de BARDAGIL-MAS, 2018)

(1) *ka*= IRR
(2) *ti*= 2/3^{NOM}
(…)
(9) *ra-/r-* 1^{ACC}, *a-/k-* 2^{ABS}, *Ø-/s-* 3^{ABS}, nome/classificador incorporado
(10) verbo (forma *irrealis*)

É fácil observar que, no modo *irrealis*, a posição (2) pode ser ocupada apenas pelo clítico *ti*=, o qual codifica os argumentos A e S (sendo, portanto, um clítico nominativo e não ergativo) de segunda ou terceira pessoas (na análise de Bardagil-Mas, *não-falante*). Em (5.18a–d), oferecemos alguns exemplos que mostram que a posição (2) pode ser preenchida pelo clítico *ti*= 2/3^{NOM} no modo *irrealis*.

(5.18) PANARÁ (BARDAGIL-MAS, 2018, p. 123, 126)

			(1)	**(2) …**	**(9)**	**(10)**		
	S		[	**s=**	**s-**	**V**	**]**	
a.	*ka*		[***ka=***	***ti=***	***a-***	***tẽ-ri***	**]**	
	tu		[IRR=	2^{NOM}=	2^{ABS}-	ir-IRR	**]**	
	‘Tu vais embora.’							
	A^{ERG}		[	**a=**	**p-**	**V**	**]**	P
b.	[*ka*	*hẽ*]	[***ka=***	***ti=***	***Ø-***	***pĩri***	**]**	*swasĩrə̃*
	[tu	ERG]	[IRR=	2^{NOM}=	3^{ABS}-	matar	**]**	queixada
	‘Tu vais matar uma queixada.’							
	S		[	**s=**	**s-**	**V**	**]**	
c.	*mə̃ra*		[***ka=***	***ti=***	***Ø-***	***tẽ-ri***	**]**	
	ele		[IRR=	2^{NOM}=	3^{ABS}-	ir-IRR	**]**	
	‘Ele vai embora.’							
	A^{ERG}		[	**a=**	**p-**	**V**	**]**	P
d.	[*mə̃ra*	*hẽ*]	[***ka=***	***ti=***	***Ø-***	***pĩri***	**]**	*swasĩrə̃*
	[ele	ERG]	[IRR=	3^{NOM}=	3^{ABS}-	matar	**]**	queixada
	‘Ele vai matar uma queixada.’							

No caso do argumento nominativo de primeira pessoa, não ocorre nenhum clítico foneticamente expresso (na análise de Bardagil-Mas, ocorre um clítico zero) (5.18e–f).

			(1)	**(2) …**	**(9)**	**(10)**		
	S		[	(s=)		**V**	**]**	
e.	*ĩŋkjẽ*		[***ka=***	*(Ø=)*		***tẽ-ri***	**]**	
	eu		[IRR=	(1^{NOM}=)		ir-IRR	**]**	
	‘Eu vou embora.’							
	A^{ERG}		[	(a=)	**p-**	**V**	**]**	P
f.	[*ĩŋkjẽ*	*hẽ*]	[***ka=***	*(Ø=)*	***Ø-***	***pĩri***	**]**	*swasĩrə̃*
	[eu	ERG]	[IRR=	(1^{NOM}=)3^{ABS}-		matar	**]**	queixada
	‘Eu vou matar uma queixada.’							

À diferença da posição (2), a posição (9) não pode ser imediatamente identificada com um caso específico, visto que os índices de pessoa diferentes demonstram alinhamentos diferentes. Nesta posição podem ocorrer os mesmos índices de pessoa que ocorrem nos modos *realis* e condicional: *ra-/r-* 1, *a-/k-* 2, *Ø-/s-* 3. Os últimos dois possuem propriedades idênticas em todos os modos, podendo codificar os argumentos S e P (e seguem, portanto, um padrão absolutivo). Já o índice *ra-/r-* 1, no modo *irrealis*, codifica o argumento P (5.18a), mas não o argumento S (5.17e, reproduzido como 5.18b), configurando, portanto, um padrão acusativo.

(5.18) PANARÁ (BARDAGIL-MAS, 2018, p. 123, 127)

		(1)	**(2)**	**(3) …**	**(9)**	**(10)**		
	A^{ERG}	[	**a=**	**a=**	**p-**	**V**	**]**	P
a.	*ka-mẽrə̃-ŋ*	[***ka=***	***ti=***	***rê=***	***ra-***	***sikəri***	**]**	*ĩŋkjẽ*
	tu-PL-ERG	[IRR=	2^{NOM}=	2PL=	1^{ACC}-	bater	**]**	eu
	‘Vocês vão bater em mim.’							
	S	[	(s=)			**V**	**]**	
b.	*ĩŋkjẽ*	[***ka=***	*(Ø=)*			***tẽ-ri***	**]**	
	eu	[IRR=	(1^{NOM}=)			ir-IRR	**]**	
	‘Eu vou embora.’							

O Quadro 5.4 traz uma síntese das informações acerca dos índices de pessoa que ocorrem nas orações do Panará no modo *irrealis*.

argumento	A (posição 2)	S (posição 2)	S (posição 9)	P (posição 9)
1				ra-/r-
2	ti=	ti=	a-/k-	a-/k-
3	ti=	ti=	Ø-/s-	Ø-/s-

Quadro 5.4. Índices de pessoa do Panará (modo *irrealis*)

Dessa forma, no modo *irrealis*, o índice da primeira pessoa segue um padrão nominativo-acusativo, ao passo que os índices da segunda e da terceira pessoa possuem uma distribuição diferenciada, a qual pode ser descrita como *nominativa-absolutiva* em termos de Gildea e Castro Alves (2010). As orações no modo *irrealis* em Panará, portanto, apresentarem um alinhamento misto (“nominativo-absolutivo-acusativo”), com uma cisão condicionada pela pessoa do argumento absolutivo (primeira pessoa → alinhamento nominativo-acusativo, segunda/terceira pessoa → alinhamento nominativo-absolutivo).

Este sistema do Panará não encontra cognatos nas línguas Jê Setentrionais (o alinhamento nominativo-absolutivo, descrito por Gildea e Castro Alves (2010) para o Timbíra, constitui, de acordo com os autores, uma inovação exclusiva do Timbíra).[144] Não nos parece plausível relacionar a construção *irrealis* do Panará com a construção ativa-tripartida do Proto-Jê Setentrional. O único possível candidato para uma semelhança estrutural — a existência de

[144] É interessante notar que as línguas Akuwẽ apresentam um paradigma de proclíticos nominativos (codificando os argumentos A e S) que possui uma grande semelhança com os clíticos nominativos da construção *irrealis* do Panará: **wa* ‘1^{AG}’, **tê* ‘2/3^{AG}’, sendo que a marcação dos argumentos A e S de segunda pessoa segue um padrão ergativo-absolutivo pelo menos em Xavánte, independentemente da finitude nocional do verbo (ver subseção 5.2.1.3 sobre a finitude nocional nas línguas Akuwẽ).

índices acusativos dedicados — é meramente superficial: em Panará isto ocorre apenas na primeira pessoa e nas demais línguas Jê Setentrionais apenas na terceira pessoa (com restrições adicionais relacionadas à classe lexical do verbo); além disso, a "cisão acusativa-absolutiva" possui condicionamentos inteiramente diferentes em Panará (pessoa do argumento) e nas línguas Jê Setentrionais (classe lexical do verbo). A forma verbal utilizada em Panará no modo *irrealis* também não é cognata da forma finita das línguas Jê Setentrionais e, possivelmente, não é etimológica (no sentido de não continuar nenhuma forma da protolíngua), sendo derivada a partir da forma *realis* através do acréscimo de sufixos *-rĭ, -j, -ŋ, -Ø* (ver também a proposta de BARDAGIL-MAS, 2018, p. 38).

Dessa forma, hipotetizamos que na história do Panará a construção ativa-tripartida cedeu espaço a um reflexo da construção ergativa-absolutiva, à semelhança do desenvolvimento diacrônico reconstruído por Castro Alves (2010) para o Timbíra no tempo passado recente. Contudo, a expansão da construção ergativa-absolutiva em Panará não se limitou a um aspecto/tempo específico, progredindo ao ponto de ocupar todos os espectros de uso da antiga construção ativa-tripartida (com a possível exceção das construções *irrealis*, cuja gênese em Panará permanece desconhecida). Abaixo (seções **5.2.2–3**) veremos que uma expansão semelhante pode ser reconstruída para a história das línguas Maxakalí e Krenák; Gildea (1998, p. 161–182) defende um cenário análogo para algumas línguas da família Caribe, tais como o Makuxí e o Kuhikuru/Kalapalo.

5.2.1.3. Akuwẽ

A morfossintaxe verbal das línguas Akuwẽ para as quais dispomos de descrições morfossintáticas — o Xavánte e o Akwẽ-Xerénte — apresenta uma interação particularmente complexa entre o alinhamento e a finitude. Além de existirem algumas diferenças morfossintáticas entre as duas línguas, diferentes autores apresentam análises mutuamente incompatíveis para diversos fenômenos dessas duas línguas. A análise adotada nesta subseção busca capturar os fatos linguísticos disponíveis (por vezes sem uma devida discussão) nos trabalhos existentes de Estevam (2011), Hall *et al.* (2004 [1987]), Sousa Filho (2007, 2010, 2011) e Cotrim (2016), sendo um resultado preliminar de nosso estudo em curso que visa elaborar uma proposta de análise mais abrangente das construções predicativas das línguas Akuwẽ. Por não ser o foco desta tese, não expomos nesta subseção todos os dados em que nos baseamos para elaborar a análise aqui adotada, limitando-nos apenas aos indispensáveis. Procuramos comentar e justificar as diferenças mais marcantes entre a presente proposta e as análises dos autores supracitados.

Em nossa análise, a classe verbal nas línguas Akuwẽ compreende três subclasses, para as quais mantemos os rótulos utilizados acima em relação às classes verbais nas línguas Jê Setentrionais — verbos transitivos, ativos e descritivos —, apresentando, dessa forma, uma cisão intransitiva.[145] Exemplificamos a diferença entre os verbos ativos e descritivos em (5.19).

(5.19) XAVÁNTE (HALL *et al.*, 2004 [1987], p. 104, 304, 305; ESTEVAM, 2011, p. 317)

	s=		V			s=	V	
a.	*mə̃=*	*tô=*	*mõ*		b.	*wa=*	*mõ*	
	HTO.PST=	FCT=	ir.SG			EGO=	ir.SG	
	‘Ele foi.’					‘Eu vou.’		
	s=		sP-V			s=	sP-V	
c.	*wa=*	*tô=*	*ʔɾ̃ː-ca*		d.	*tê=*	*tiː-ca*	
	EGO=	FCT=	1SG-comer			HTO.NPST=	3CRF-comer	
	‘Eu de fato comi.’					‘Ele come.’		

AKWẼ-XERÉNTE (SOUSA FILHO, 2007, p. 132, 242)

	S	s=	V			S		s=	sP-V
e.	*tahə̃*	*mə̃-t=*	*mõ*		f.	[*tahə̃*	*ambə*]	*te-t=*	*ti-sa*
	DEM	3PST-RLS=	ir.SG			[DEM	homem]	HTO.NPST-RLS=	3-comer
	‘Ele foi.’					‘Ele está comendo.’			

É possível observar que uma parte dos verbos intransitivos (tais como XAV, AKW *mõ* ‘ir.SG’) não recebem um índice de pessoa prefixal nas mesmas construções em que outros verbos (tais como XAV *caj // ca*, AKW *saj // sa* ‘alimentar-se, comer.INTR’) o recebem.

Abaixo apresentamos algumas informações básicas acerca do alinhamento nas línguas Akuwẽ, focando-nos nos clíticos pessoais (não discutiremos a expressão dos argumentos expressos por sintagmas nominais não incorporados). Mostraremos que há dois padrões básicos de alinhamento, distribuídos de acordo com o tipo de construção (nocionalmente finita vs. não finita), com algumas complicações adicionais.

Assim como em Panará, os verbos das línguas Akuwẽ, quando ocorrem em construções que chamamos de *nocionalmente finitas*, são tipicamente precedidos por um grupo de prefixos e clíticos que codificam a pessoa (e, em alguns casos, o número) dos argumentos, bem como

[145] É importante frisar que divergimos aqui da análise de Estevam (2011): embora a autora também identifique uma cisão da classe verbal em Xavánte, não se trata da mesma cisão. Estevam não distingue as classes de predicados que chamamos de ativos e descritivos — que, como demonstramos em (5.19), possuem comportamentos morfossintáticos diferentes — e agrupa esses verbos na classe de *verbos dinâmicos (monovalentes)* (ESTEVAM, 2011, p. 64, 178). Estes verbos se oporiam aos *verbos estáticos* (que podem ser não apenas monovalentes, mas também divalentes e trivalentes), que se caracterizariam por serem seguidos da marca impessoal *di*. Aqui provisoriamente concordamos com a análise proposta para o Akwẽ-Xerénte por Sousa Filho (2010), que diz tratar-se de predicados nominais (decisão corroborada pela não ocorrência, em nenhuma das duas línguas, dos clíticos característicos dos complexos verbais prototípicos nos predicados desse tipo).

categorias verbais tais como tempo, aspecto, modo e direção. A ordem desses morfemas é praticamente idêntica em Xavánte e Akwẽ-Xerénte, sendo facilmente reconstruível para o Proto-Akuwẽ, e parece replicar a ordem dos constituintes típica das línguas Jê Setentrionais. Apresentamos essa ordem em (5.20) abaixo, com a ressalva de que nos limitamos aqui às orações encabeçadas por verbos em sua forma finita.

(5.20) Complexo verbal em Xavánte e Akwẽ-Xerénte (construções nocionalmente finitas encabeçadas por verbos finitos)

	$A/S_{(A/P)}$ e tempo	interrogativo	modo	TAM, direção	S_P, P	V
XAV	*wa=* 1 *mə̃=* 2/3.PST *tê=* 2/3.NPST		*tô=* FCT *ĵa=* PROSP	…	*ʔḭ̃-* 1SG *wa-* 1PL *ʔaj-* 2 *ti-/c-*[146] 3 nome incorporado	
XER	*wa-* 1 *bə-* 2.PST *mə̃-/nə̃-* 3.PST *te-* 2/3.NPST	*p=* INT	*t(ô)=* RLS *za=* IRR	…	*ĩ-* 1SG *wa-* 1PL *aj-* 2 *t(i)-/s-* 3	

É fácil ver que a codificação dos argumentos segue padrões diferentes na posição mais distante do verbo (A/S; trata-se, portanto, de clíticos nominativos que ainda expressam, cumulativamente, o tempo) e na posição que imediatamente precede o verbo (S_P/P; trata-se, portanto, de clíticos pacientivos), configurando um alinhamento que poderíamos chamar de *nominativo-pacientivo*.

Uma complicação adicional é a possibilidade de os verbos, nas línguas Akuwẽ, ocorrerem não apenas na forma finita nesse tipo de construções, como nas línguas Jê Setentrionais, mas também na forma não finita (ou, mais precisamente, em uma das formas não finitas, visto que, à diferença das línguas Jê Setentrionais, pelo menos o Xavánte pode distinguir entre até três formas não finitas distintas, cujo uso, como veremos mais abaixo, é condicionado pelo contexto sintático). Neste caso os índices que precedem o verbo imediatamente podem codificar não apenas os argumentos S_P e P, mas qualquer argumento absolutivo (isto é, tanto o P como também o S, o único argumento de **qualquer** verbo intransitivo). Nas duas línguas as formas não finitas são empregadas em construções finitas caso o verbo seja seguido de um enclítico de número (5.21).[147]

[146] O prefixo *ti-* pode codificar o argumento P apenas em verbos monossilábicos compatíveis com sufixos de não-finitude. Não há restrições desse tipo para o argumento S_P. Futuros estudos deverão determinar se se trata de um mesmo prefixo ou de prefixos homófonos.

[147] Pelo menos em Xavánte há uma diferença marginal entre as formas não finitas prototípicas (aquelas utilizadas em contextos de subordinação) e as formas não finitas utilizadas na construção nocionalmente finita precedendo

(5.21) XAVÁNTE (HALL *et al.*, 2004 [1987], p. 323)

	a=	p-	V_F		a=	(p-)	V_{NF}	
a.	*wa=*	*ti-*	*cə̃*	a′.	*wa=*	(*Ø-*)	*cə̃m-rĩ*	*=nĩ*
	EGO=	3-	achar		EGO=	(3-)	achar-NF	=1DU
	‘Eu o descobri.’				‘Nós dois o descobrimos.’			

	s=	V_F		s=	s-V_{NF}	
b.	*mə̃=tô=*	*ʔə̃ːja*	b′.	*mə̃=tô=*	*ti-ja-ci*	*=jahure*
	HTO.PST=FCT=	entrar.DU.F		HTO.PST=FCT=	3-entrar.DU-NF	=3DU
	‘Eles dois entraram.’			‘Eles dois entraram.’		

AKWẼ-XERÉNTE (SOUSA FILHO, 2007, p. 244)

	S	V_F		S	s=	s-V_{NF}
c.	*ta-nõrĩ za=*	*waptə̃r*	c′.	*ka-nõrĩ=kwa*	*te=za=aj-waptkə̃=kwa*	
	ele-PL IRR=	cair.SG.F		tu-PL=2PL	HTO.NPST=IRR=2-cair.NF=2PL	
	‘Eles caem (sempre).’			‘Vocês caem (sempre).’		

Além disso, pelo menos em Xavánte, a não-finitude do verbo é desencadeada por um argumento A/S de segunda pessoa. Além de tomar a forma não finita, os verbos nesses contextos perdem a última sílaba, caso esta provenha, diacronicamente, de uma consoante ressilabificada através da inserção de uma vogal eco (ver capítulo **2**), a não ser que haja um enclítico de número à direita, cuja presença bloqueia a elisão da última sílaba. Propomos chamar a forma não finita cuja ocorrência é condicionada por um sujeito de segunda pessoa de *forma não finita truncada* (glosa NFTR). Mais uma vez, a não-finitude faz com que a posição imediatamente à esquerda do verbo seja preenchida por um índice absolutivo e não pacientivo (isto é, pode codificar não apenas os argumentos P e S_P, mas também o S, o único argumento de **qualquer** verbo intransitivo). Providenciamos alguns exemplos em (5.22).

(5.22) XAVÁNTE (HALL *et al.*, 2004 [1987], p. 98, 105; ESTEVAM, 2011, p. 174)

	s=	s-V_{NFTR}			s=	V_F
a.	*tê=*	*ʔa-nõ*	cf.	a′.	*tê=*	*nõːmrõ*
	HTO.NPST=	2-deitar_se.NFTR			HTO.NPST=	deitar_se.SG
	‘Tu te deitas.’				‘Ele se deita.’	

clíticos de número. Esta diferença se dá nos prefixos de voz: comparem-se as formas não finitas prototípicas *ñĩmĩ-pa-ri* (de *mə̃-pa* ‘esperar’), *ci-hə* (de *ʔaj-hə* ‘rir’), *ci-mrõj // ci-mrõ* ‘ficar sentado.PL’ com seus equivalentes que ocorrem na construção nocionalmente finita precedendo clíticos de número: *mə̃-pa-ri, ʔaj-hə, ʔaci-mrõj // ʔaci-mrõ*. Percebe-se que essas formas combinam a morfologia sufixal da forma não finita com a morfologia prefixal da forma finita. É possível que haja uma solução sintática para esse problema aparentemente morfológico. Spike Gildea (Universidade de Oregon, comunicação pessoal, 2020) observa que a emergência de tais formas com características “mistas” se assemelha a uma inovação que atingiu as línguas do ramo Pekodiano da família Caribe (Bakairí e Ikpéng) e que fez com que os predicados de orações não finitas passassem a recebem morfologia típica das orações finitas (GILDEA, 2012, p. 465; ver também discussão em ROSE, 2016, que propõe o rótulo *finitização gradual* para o fenômeno).

	s=	s-V_{NFTR}			s=	V_F
b.	*tê=*	*ʔa-cõ*	cf.	b′.	*tê=*	*ñõːnõ*
	HTO.NPST=	2-dormir.NFTR			HTO.NPST=	dormir
	‘Tu dormes.’				‘Ele dorme.’	
	s=	s-V_{NFTR}			s=	V_F
c.	*tê=*	*ʔaj-mõ*	cf.	c′.	*tê=*	*mõ*
	HTO.NPST=	2-ir.SG.NFTR			HTO.NPST=	ir.SG
	‘Tu vais.’				‘Ele vai.’	

No caso de verbos transitivos, cria-se uma situação única na língua: além de uma mudança na série de índices que ocorrem imediatamente à esquerda do verbo (o alomorfe *ti-* não é compatível com as formas não finitas dos verbos transitivos, indicando uma possível diferença entre *ti-* 3^{ACC} e *Ø-* 3^{ABS}), o argumento A também passa a ser indexado com o índice *ʔĩ-* 2^{ERG}.

	a=	a-p-V_{NFTR}			a=	p-V_F
d.	*tê=*	*ʔĩ-Ø-ʔrẽ-Ø*	cf.	d′.	*wa=*	*ti-ʔrẽ*
	HTO.NPST=	2^{ERG}-3^{ABS}-comer.SG-NFTR			EGO=	3^{ACC}-comer.SG
	‘Tu o comes.’				‘Eu o como.’	

	a=		a-p-V_{NFTR}
e.	*ʔê*	*tê=*	*ʔĩ-wa-ʔmãdə?*
	INT	HTO.NPST=	2^{ERG}-1PL-observar.NFTR
	‘Tu nos observas?’		

Embora desconheçamos a origem da não-finitude manifestada nas construções nocionalmente finitas em Xavánte, o padrão geral que se manifesta nas construções desse tipo (o “nominativo-pacientivo”) é transparentemente relacionado ao padrão ativo-inativo (ou possivelmente ativo-tripartido) que reconstruímos para o Proto-Macro-Jê Oriental e que acreditamos ter sido conservado nas línguas Jê Setentrionais. A única mudança formal necessária para a derivação do padrão observado nas línguas Akuwẽ é a extensão do uso do caso agentivo para a codificação do argumento S_P (5.23).

(5.23) Evolução da construção nocionalmente finita (orações encabeçadas por verbos finitos) em Proto-Akuwẽ

transitivos	***A^{AG}**	**…**	**[P^{ACC}**	**V$_F$]**
	↓	↓	↓	↓
	***a^{NOM}=**	**…**	**[p^{ACC}-**	**V$_F$]**
ativos	***S$_A$^{AG}**	**…**		**V$_F$**
	↓	↓		↓
	***s^{NOM}=**	**…**		**V$_F$**
descritivos	*	**…**	**[S$_P$^{INT}**	**V$_F$]**
	↓	↓	↓	↓
	***s^{NOM}=**	**…**	**[s$_P$^{INT}-**	**V$_F$]**

Em contextos de subordinação (incluindo a subordinação desencadeada por operadores) os verbos nas línguas Akuwẽ ocorrem em sua forma não finita e apresentam um alinhamento estritamente ergativo-absolutivo. Em Akwẽ-Xerénte, o argumento A, quando é expresso por um sintagma nominal, é codificado pela posposição *t(ê)* ERG, um cognato de PJS **te* (5.24).

(5.24) AKWẼ-XERÉNTE (SOUSA FILHO, 2007, p. 87, 109)

	[A^{ERG}		P	V$_{NF}$]	-AUX
a.	[[*sika*	*tê*]	*kũmdə*	*kahə-r*]	*-wawẽ*
	[[galinha	ERG]	capivara	bater-NF	-INTENS
	‘A galinha bicou muito a capivara.’				
	[A^{ERG}		P	V$_{NF}$]	AUX
b.	[[*kêti*	*tê*]	*samũru*	*kmədək*]	*kõ-di*
	[[Kêti	ERG]	Samũru	ver.NF]	NEG-STAT
	‘Kêti não viu Samũru.’				

Em Xavánte, a marcação ergativa é conservada apenas nos argumentos de pessoa, onde forma um paradigma irregular: *tê* 1SG.ERG, *Ø* 2SG.ERG, *(tê-)tê* 3.ERG, *wa-tê* 1PL.ERG (correspondendo a AKW *ĩ-tê* 1SG.ERG, *Ø* 2SG.ERG, *tê* 3.ERG, *wa-tê* 1PL.ERG, com uma forma regular de primeira pessoa mas com uma forma igualmente irregular de segunda pessoa, aparentemente continuando PA **ĩ-tê, *Ø, *(tê-)tê, *wa-tê*). Damos alguns exemplos em (5.25).

(5.25) XAVÁNTE (ESTEVAM, 2011, p. 214, 221)

	[a^{ERG}=	p-V$_{NF}$]	AUX
a.	[*wa-tê*=	*ʔaj-wapa-ri*]	*ʔõ-di*
	[1PL-ERG=	2-ouvir-NF]	NEG-STAT
	‘Nós não te ouvimos.’		

	[a^{ERG}=	p-V_{NF}]	AUX
b.	[*tê*=	*Ø-cə̃m-rĩ*]	*ʔõ-di*
	[1SG.ERG=	3-achar-NF]	NEG-STAT
	‘Eu não o encontrei.’		

Dessa forma, o Proto-Akuwẽ parece ter mantido a construção ergativa-absolutiva do Proto-Macro-Jê Oriental intacta, sendo que posteriormente a sua dissolução o Xavánte teria reduzido a produtividade dos sintagmas posposicionais encabeçados pela posposição ergativa *tê*, restringindo sua ocorrência à codificação dos argumentos de pessoa. O padrão original teria sido conservado em Akwẽ-Xerénte.

Finalmente, as construções não finitas podem ser combinadas com clíticos nominativos nas línguas Akuwẽ, possuindo nesse caso interpretações aspectuais específicas (no caso do Xavánte, “ação completa de pouca duração” nos termos de HALL *et al.*, 2004 [1987], e “aoristo” nos termos de ESTEVAM, 2011), como em (5.26) abaixo.

(5.26) XAVÁNTE (HALL *et al.*, 2004 [1987], p. 320)

a=		[a^{ERG}=	p-V_{NF}	]
mə̃=	*tô*=	[*tê-tê*=	*Ø-wẽʔẽ*	]
HTO.PST=	FCT=	[3-ERG=	3-quebrar.NF	]
‘ele o quebrava em pedaços’ (ação completa de pouca duração)				

Ao que tudo indica, tais construções, cujo alinhamento pode ser descrito como “nominativo-ergativo-absolutivo”, emergiram em Proto-Akuwẽ seguindo um cenário idêntico àquele proposto por Gildea e Castro Alves (2010, 2019) para as construções nominativas-absolutivas do Timbíra e de duas línguas da família Caribe, o Panare e o Werikyana (Katxúyana).

5.2.1.4. Jê Meridional

Os verbos nas línguas Jê Meridionais apresentam uma categoria flexional que pode ser comparada com a categoria de finitude das demais línguas Jê. Assim como em diversas outras línguas Jê, os verbos das línguas Jê Meridionais ocorrem em formas diferentes, a depender do contexto sintático, e desencadeiam alinhamentos diferentes nas orações por eles encabeçados.

Entretanto, essa categoria envolve uma distinção entre quatro formas (e não duas, como seria esperado caso se tratasse de uma simples distinção de finitude), cuja expressão é resumida no Quadro 5.5 abaixo (observe que a situação é adicionalmente complicada pela existência de classes flexionais e regras morfofonológicas).

classes (proposta)		classe A	classe B	classe C	classe D	classe E
classes segundo Wiesemann (2011)		1, 6	N/A	2, 5	3, 4	
classes segundo Jolkesky e Gakran (2013)		C1/C2, A, B	A	C3	C4	
exemplos		**mũ* ‘ir.PL’ **ra* ‘entrar.SG’ **pə* ‘sair.PL’ **kô* ‘comer’ **peju* ‘roubar.SG’	**jã* ‘estar em pé.SG’ **tĩ* ‘ir.SG’	**wê* ‘ver’ **θi* ‘colocar’ **prə* ‘morder’ **θə* ‘lavar roupa’	**nũ* ‘arrancar’ **rĩ* ‘jogar.PL’ **ka* ‘cavar’ **kykũ* ‘limpar’	**jaŋ-cu* ‘moquear’ **ŋrĩ* ‘embrulhar’ **kə-wə* ‘desatar’ **jə* ‘rasgar’
formas	**finita I**	*-Ø (abaixamento da vogal)[148]				
	finita II	*-Ø		*-ŋ		
	não finita	*-Ø	*-ŋ	*-Ø	*-n, *-ñ	*-n
	particípio	*-N → *-R		*-Ø		*-r

Quadro 5.5. As formas verbais do Proto-Jê Meridional

É importante notar que a classe B inclui apenas verbos intransitivos, ao passo que as classes C, D e E contêm somente verbos transitivos (a classe A abrange tanto verbos transitivos como intransitivos).

Embora a reconstrução morfossintática do Proto-Jê Meridional se encontre em sua fase inicial, é possível fazer algumas asserções acerca do emprego das formas supracitadas. Observe-se que em todas as construções a ordem dos constituintes prototípica é APV/SV exceto pelos enclíticos de pessoa que codificam o argumento nominativo (ver abaixo).

Orações finitas. A forma **finita I** é aquela que ocorre quando o verbo não é seguido de nenhum operador[149] (embora ela possa também coocorrer com determinados elementos pós-verbais, pelo menos na língua Kaingáng), como em (5.27) abaixo. É ainda compatível com reflexos de PJM **rə* (> Kaingáng *ra* ‘imperativo’, Laklãnõ *lo* ‘hipotético’[150]).

[148] Wiesemann (2011, p. 163–164) faz uma distinção entre as chamadas formas *v1* e *v2* em Kaingáng, a diferença entre as quais consiste na qualidade da última vogal. Esta diferença pode ser atribuída à aplicação de um processo morfofonológico regular, conhecido sob o nome de *apofonia* (ver JOLKESKY, 2010; NIKULIN, 2015), que consiste no abaixamento das vogais **ə, *o, *e, *ɜ̂, *ô, *ê > *a, *a, *a, *ə, *o, *e* no final absoluto das orações. Em nossa classificação, as formas *v1* e *v2* de Wiesemann correspondem à forma finita I.

[149] De acordo Jolkesky e Gakran (2013), apenas os verbos inergativos podem ser utilizado em orações finitas sem serem seguidos por um operador na língua Laklãnõ (nos termos dos autores, “sem que um morfema na posição de SFlex esteja atualizado”). O conjunto de verbos que os autores rotulam de inergativos inclui os seguintes predicados: *nẽ/jãŋ-nẽ* ‘estar sentado.SG/PL’, *jã/ko-jã* ‘estar em pé.SG/PL’, *nõ/jãŋ-nõ* ‘estar deitado.SG/PL’, *co/jãŋ-jo* ‘estar pendurado.SG/PL’, *nĩ/nỹ* ‘estar.SG/PL’, *tẽ/mũ* ‘ir.SG/PL’, *tã/jã* ‘aproximar-se.SG/PL’, *la/ŋgê* ‘entrar.SG/PL’, *kutãnẽ/po* ‘sair.SG/PL’, *taply/japly* ‘subir.SG/PL’, *telê/lê* ‘descer.SG/PL’.

[150] Um morfema homônimo do Laklãnõ, *lo* IMP, certamente possui a mesma origem, mas exige a ocorrência da forma não finita do verbo (GAKRAN, JOLKESKY, s/d), como mostramos em (5.ii):

(5.27) KAINGÁNG (WIESEMANN, 2011, p. 163)

a. *ŋõr* ***ɸa*** *=ti*
milho **quebrar.F.I** =ele
'Ele quebrou milho.'

b. *rõke tə* *=iñ* *ŋõr* ***ɸõ***[151]
ontem =eu milho **quebrar.F.I**
'Ontem quebrei milho.'

c. *ŋõr* ***ɸa*** *ra*
milho **quebrar.F.I** IMP
'Quebra milho (agora)!'

LAKLÃNÕ (GAKRAN, JOLKESKY, s/d; JOLKESKY, GAKRAN, 2013)

d. *kul* *wũ* ***co***
roupa NOM **estar_pendurado.SG.F.I**
'A roupa está pendurada.'

e. *jẽl* *wũ* ***jã***
criança NOM **estar_em_pé.SG.F.I**
'A criança está em pé.'

f. [*ẽ* ***ka-tẽ*** *lo*] *=ta* *ẽñ* *ve-ŋ* *tẽ*
[CRF **CTPT-ir.F.I** HYP] =3SG.M.NOM 1SG ver-F.II PF
'Se ele chegasse, teria me visto.'

Já a forma **finita II** é utilizada em determinadas construções que envolvem um operador de origem comprovadamente verbal (por exemplo, os marcadores de TAM que continuam PJM **mũ, *tĩ, *jã, *nĩ, *nõ, *co*, os quais etimologicamente provêm de **mũ* 'ir.PL', **tĩ* 'ir.SG', **jã* 'estar em pé.SG', **nĩ* 'estar sentado.SG', **nõ* 'estar deitado.SG', **co* 'estar pendurado.SG') ou de origem incerta (por exemplo, PJM **tũ* 'NEG'), como nos exemplos dados em (5.28).[152]

(5.28) KAINGÁNG (WIESEMANN, 2011, p. 20, 164)

a. *ŋõr* ***ɸõ-ŋ*** *=ti* *mũ*
milho **quebrar-F.II** =ele ACT
'Ele está quebrando milho.'

b. *ŋõr* ***ɸõ-ŋ*** *=iñ* *tĩ*
milho **quebrar-F.II** =eu HAB
'Costumo quebrar milho.'

(5.ii) LAKLÃNÕ (GAKRAN, JOLKESKY, s/d)
jã-ŋ *lo*
estar_em_pé.SG-NF IMP
'Fica de pé!'

Os verbos da classe E constituem uma aparente exceção por ocorrerem na forma finita I na mesma construção (GAKRAN, JOLKESKY, s/d, nota 11), conforme ilustrado em (5.iii).

(5.iii) LAKLÃNÕ (GAKRAN, JOLKESKY, s/d)
ko *toŋ* *kupo* *lo*
pau este rachar.F.I IMP
'Racha esse pau!'

Para os verbos das classes A, C e D torna-se impossível determinar se estes ocorrem em sua forma finita I ou não finita quando seguidos de *lo* IMP, visto que as referidas formas de tais verbos são homônimas. Por exemplo, não está claro se a forma verbal utilizada em *wê lo* 'não vejas!' é a finita I ou a não finita.

Segundo Gakran e Jolkesky (s/d, nota 11), a ocorrência da forma não finita seria esperada em razão da suposta origem posposicional do morfema imperativo *lo*. Contudo, o fato de o morfema homônimo *lo* HYP, bem como o morfema cognato do Kaingáng (*ra* IMP), exigirem a ocorrência da forma finita I sugere que o emprego da forma não finita em exemplos como (5.ii) poderia ser uma inovação específica ao Laklãnõ.

[151] A diferença na qualidade da vogal entre as formas *ɸa* e *ɸõ* não é morfossintática e sim fonológica, condicionada pela posição relativa do verbo à margem direita do sintagma prosódico (ver nota 148).

[152] Em Laklãnõ, segundo Gakran e Jolkesky (s/d), a forma que rotulamos de *finita II* é utilizada também em orações relativas.

c. *ŋõr* ***ɸõ-ŋ*** *tũ* *=iñ* *nĩ*
milho **quebrar-F.II** NEG =eu AUX
'Não quebrei milho.'

LAKLÃNÕ (URBAN, 1985, p. 166, 174)

d. *tã* *wũ* ***tẽ*** *mũ*
3SG.M NOM **ir.SG.F.II** ACT
'Ele foi.'

e. *tã* *wũ* ***kupe-ŋ*** *ñã*
3SG.M NOM **lavar-F.II** PROGR
'Ele continuou lavando.'

f. *ko* ***kupo-ŋ*** *=ta* *mũ*
pau **rachar-F.II** =3.M.NOM ACT
'Ele rachou madeira.'

g. *ũn* *tõ* *pẽ* *peju* *mũ* *te* ***ve-ŋ*** *tũ* *=nũ* *mũ*
INDEF ERG lenha roubar.SG ACT TOP **ver-F.II** NEG =1SG.NOM ACT
'Eu não vi aquele que roubou a lenha.'

Embora as formas finita I e finita II sejam morfologicamente distintas para os verbos das classes C, D e E, elas se assemelham uma à outra no que diz respeito ao alinhamento morfossintático das orações por elas encabeçadas: em ambas as línguas Jê Meridionais, o uso das formas finita I e finita II se associa com o alinhamento morfossintático nominativo-acusativo. Este tipo de alinhamento é mais evidente na língua Laklãnõ, em que o argumento nominativo (S/A) nas orações encabeçadas por verbos finitos é explicitamente marcado (URBAN, 1985). Tal argumento pode ser expresso ora por um sintagma adposicional encabeçado pela posposição *wũ* NOM(.3) (5.29a–b), ora por um índice de pessoa de uma série dedicada a essa função, a série nominativa (*=nũ* 1SG.NOM, *=mã* 1PL.NOM, *=nã* 2.NOM, *=ta* 3SG.M.NOM[153]). Os índices de pessoa nominativos se comportam como enclíticos de segunda posição (5.29c–f). Não há índices nominativos correspondentes aos significados de 3SG.F ou 3PL (segundo Urban (1985), a variedade falada pelos Laklãnõ mais velhos carecia também do índice nominativo de 3SG.M), porém os respectivos sintagmas adposicionais são passíveis de enclitização; nesse caso a ordem dos elementos que os constituem é invertida (5.29g–h).[154] Já o argumento P é sempre expresso imediatamente à esquerda do verbo ora por um sintagma nominal, ora por um índice de pessoa da

[153] À época da investigação de Urban (1985a), *=ta* 3SG.M.NOM (*=tã* na transcrição do autor) era utilizado nessa qualidade somente pelos falantes mais novos. No Laklãnõ falado pelos mais velhos, *ta* ocorria apenas como uma forma supletiva do pronome *ti* 'ele' quando este fazia parte de um sintagma posposicional encabeçado pela posposição nominativa *wũ* NOM. Nas descrições mais recentes (GAKRAN, 2015; GAKRAN, JOLKESKY, s/d), o uso de *=ta* 3SG.M.NOM mostra-se totalmente paralelo ao dos demais índices nominativos.

[154] Nas descrições mais recentes (GAKRAN, 2015), há exemplos em que *=ði* e *=oŋ* funcionam como enclíticos nominativos (3SG.F.NOM e 3PL.NOM, respectivamente), como aqueles reproduzidos em (5.iv) abaixo, contrariando a descrição de Urban (1985a).

série geral (*ẽñ* 1SG, *a* 2SG, *ãŋ* 1PL, *ti* 3SG.M, *ði* 3SG.F, *oŋ* 3PL, "caso interno"), como em (5.29b–c,i–k).[155]

(5.29) LAKLÃNÕ (URBAN, 1985, p. 170; GAKRAN, 2015, p. 142, 164, 172, 206, 219; GAKRAN, JOLKESKY, s/d; JOLKESKY, GAKRAN, 2013)

	S^{NOM}		V				
a.	[*kul*	*wũ*]	*co*				
	[roupa	NOM]	estar_pendurado.SG.F.I				
	'A roupa está pendurada.'						
	A^{NOM}				$[P^{INT}$	V]	
b.	[*koñŋgəŋ*	*tê*	*wũ*]		[*ti*	*penũ*]	*mũ*
	[homem	DEF	NOM]		[3SG.M	atirar.F.II]	ACT
	'O homem atirou nele.'						
	$[P^{INT}$	V]		$=a^{NOM}$			
c.	[*ti*	*penũ*]		*=nũ*		*mũ*	
	[3SG.M	atirar.F.II]		=1SG.NOM		ACT	
	'Eu atirei nele.'						
	V		$=s^{NOM}$				
d.	*kupli*		*=mã*		*ñã*		
	ser_branco		=2.NOM		PROGR		
	'Tu és claro (de cor branca).'						
			$=s^{NOM}$		V		
e.	[*kutê*	*tə*]	*=mã*		*ka-po*		*mũ*
	[mato	ABL]	=1PL.NOM		CTPT-sair.PL.F.II		ACT
	'Nós saímos do mato.'						
			$=a^{NOM}$		$[P^{INT}$	V]	
f.	[*ti*	*mõ*]	*=ta*		[*kaŋklô*	*vin*]	*mũ*
	[3SG.M	DAT]	=3SG.M.NOM		[peixe	dar.PL.F.II]	ACT
	'Ele deu peixe para ele.'						
	V			$=s^{NOM}$			
g.	*tẽ*		[*=wũ*	*=ði*]	*mũ*		
	ir.SG.F.II		[=NOM	=3SG.F]	ACT		
	'Ela foi.'						

(5.iv) LAKLÃNÕ (GAKRAN, 2015, p. 181)

	$[P^{INT}$	V]	$=a^{NOM}$			V	$=s^{NOM}$	
a.	[*ũ ta*	*ða-ŋ*]	*=ði*	*mũ*	b.	*jan*	*=oŋ*	*mũ*
	[aquele	lavar-F.II]	=3SG.F.NOM	ACT		cantar	=3PL.NOM	ACT
	'Ela lavou aquele outro.'					'Eles cantaram.'		

[155] Os índices da mesma série são também utilizados em Laklãnõ para codificar o possuidor, o complemento de posposição e, como veremos adiante, o argumento absolutivo (S ou P) de um verbo em sua forma não finita.

	V			=s^{NOM}			
h.	*tẽ*		[=*wũ*	=*ta*]	*mũ*		
	ir.SG.F.II		[=NOM	=3SG.M]	ACT		
	‘Ele foi.’						
	A^{NOM}			[P^{INT}	V]		
i.	[*ta*	*wũ*]	*wêl*	[*ẽñ*	*lã-ŋ*]	*tũ*	*tẽ*
	[3SG.M	NOM]	ainda	[1SG	bater.SG-F.II]	NEG	PF
	‘Ele ainda não me bateu.’						
	A^{NOM}		[P^{INT}	V]			
j.	[*kəlũ*	*wũ*]	[*a*	*ve-ŋ*]	*ñã*		
	[rapaz	NOM]	[2	ver-F.II]	PROGR		
	‘O rapaz está te vendo.’						
	[P^{INT}			V]	=a^{NOM}		
k.	[[*wan*		*ũ*]	*kleŋ*]	*=mã*	*mũ*	
	[[taquara		INDEF]	cortar.PL.F.II]	2.NOM	ACT	
	‘Tu cortaste algumas taquaras?’						

No que tange à morfologia, o Kaingáng apresenta menos evidências do que o Laklãnõ que permitam fazer uma caracterização do alinhamento morfossintático das orações encabeçadas por verbos finitos, visto que essa língua carece de uma série de índices nominativos e não apresenta marcação de caso explícita nesse tipo de orações. Contudo, há uma propriedade sintática compartilhada pelos argumentos S e A (mas não pelo argumento P) nas orações finitas do Kaingáng, evidenciando, dessa forma, um alinhamento nominativo-acusativo. Essa propriedade diz respeito à posição dos argumentos pronominais:[156] os argumentos S e A, desde que expressos por pronomes, normalmente se encliticizam ao primeiro constituinte (5.30), ao passo que o argumento P imediatamente precede o verbo (5.30c–h), formando com ele uma unidade sintática inseparável.[157]

[156] A escolha dos termos “pronome” e “pronominal” para nos referirmos aos morfemas de pessoa do Kaingáng (em oposição ao termo “índice” que utilizamos na discussão dos cognatos desses morfemas em Laklãnõ) não é arbitrária: na língua Kaingáng, à diferença do Laklãnõ, esses morfemas podem desempenhar qualquer função sintática e possuem, pelo menos em alguns casos, independência prosódica, como no exemplo (5.v).

(5.v) KAINGÁNG (WIESEMANN, 2011, p. 168)

a.	*ũ tə̃ hẽ*	*nə̃*	*tĩ-ŋ*	*mũ?*	***iñ.***
	quem	TOP	ir.SG-NF	ACT	**eu**
	‘Quem vai? Eu.’				

Em Laklãnõ, a função dos pronomes prosodicamente autônomos é desempenhada pelas combinações dos índices da série geral com o elemento *-hã* (*ẽñ-jã* ‘eu’, *a-hã* ‘tu’, *ãŋ-hã* ‘nós’, *ti-hã* ‘ele’, *ðĩ-hã* ‘ela’, *oŋ-hã* ‘eles’). Uma construção cognata existe também em Kaingáng, onde possui um uso mais restrito (*iñ hã* ‘precisamente eu’, ‘somente eu’, ‘quanto a mim’…).

[157] Os argumentos expressos por sintagmas nominais “plenos” (não pronominais) não são passíveis de cliticização; nesse caso a ordem dos constituintes preferida é SV/APV (ABREU, 2009).

(5.30) KAINGÁNG (WIESEMANN, 2011, p. 33, 35, 44, 75, 163)

		V		=s				=s	V
a.		*nduŋʔən~ʔə-n*		*=ẽŋ*	*mũ*	b.	[*rõke tə*]	*=iñ*	*jun*
		bichado~PL-VBZ.F.II		=nós	ACT		[ontem]	=eu	chegar.F.I
		‘Estamos com dor de barriga, com verme.’					‘Cheguei ontem.’		
		P	V	=a			P	V	=a
c.		[[*iñ*	*mbeŋ*]	*pu-ŋ*]	*=iñ*	d.	[*ti*	*wê*]	*=ẽŋ*
		[[eu	machado]	cabo-VBZ-F.I]	=eu		[ele	ver-F.I]=nós	
		‘Coloquei um cabo no meu machado.’					‘Nós o vimos.’		
		P	V	=a			P	V	=a
e.		[*ŋõr*	*ɸõ-ŋ*]	*=ti*	*mũ*	f.	[*aŋ*	*jẽʔə̃n~ʔə̃n*]	*=iñ*
		[milho	quebrar-F.II]	=ele	ACT		[eles	criar~PL.F.I]	=eu
		‘Ele está quebrando milho.’					‘Eu os criei.’		
			=a	P	V		P	V	=a
g.		[*rõke tə*]	*=iñ*	[*ŋõr*	*ɸõ*]	h.	[*iñ*	*kõʔu*]	*=õ*
		[ontem]	=eu	[milho	quebrar.F.I]		[eu	assustar.F.I]	=tu
		‘Ontem quebrei milho.’					‘Tu me assustaste.’		

Uma vez que o argumento P, à diferença dos argumentos S e A, não é passível de enclitização nas orações finitas em Kaingáng, é possível afirmar que o alinhamento morfossintático das orações finitas dessa língua seguem um padrão nominativo-acusativo, divergindo daquilo que observamos em Laklãnõ apenas no que diz respeito ao grau de diferenciação morfológica entre a marcação dos argumentos nominativo e acusativo.[158]

[158] É possível que existam outros fenômenos em Kaingáng que evidenciem a existência de um padrão nominativo-acusativo nas orações finitas dessa língua. Um deles diz respeito à distribuição sintática do elemento *toŋ*, que aparece em algumas orações finitas seguindo um argumento nominativo (S ou A) ou codificando um argumento nominativo de terceira pessoa, como mostramos em (5.vi) (glosamos *toŋ* como SBJ).

(5.vi) KAINGÃNG (WIESEMANN, 2011, p. 36, 49, 50, 54, 62)

		S			V					
a.		[*krê*	*kõpo*]	*toŋ,*	*tej*		*nĩ*			
		[balaio	pulga]	SBJ	comprido		AUX			
		‘A cesta oval é alongada.’								
		S			V					
b.		*mbru*		*toŋ,*	*xĩ*	*pẽ*	*nĩ*			
		pica-pauzinho		SBJ	pequeno	INTENS	AUX			
		‘O pica-pauzinho é bem pequeno.’								
					S		V			
c.		[*ka krẽ*	*kri*]		*ẽŋ*	*toŋ*	*nũr*		*tĩ*	
		[cama	SUPERESS]		nós	SBJ	dormir.F.II		HAB	
		‘Dormimos em cima da cama.’								
				A		P		V		
d.		[*krê*	*ki*]	*ẽŋ*	*toŋ,*	[[*ŋõr*	*ŋrõñ*]	*nĩ-m*]		*tĩ*
		[balaio	LOC]	nós	SBJ	[[milho	debulhar]	estar_sentado-VBZ.F.II]		HAB
		‘Guardamos o milho debulhado num balaio.’								

Quanto às orações finitas do Proto-Jê Meridional, há poucas dúvidas que estas tenham seguido um padrão nominativo-acusativo de alinhamento morfossintático. É possível também projetar as propriedades compartilhadas por ambas as línguas descendentes para a protolíngua: trata-se (i) da ordem rígida *objeto–verbo* e (ii) da enclitização dos argumentos S/A (nominativos) pronominais na segunda posição.

Hipotetizamos também que a marcação explícita do argumento nominativo em Laklãnõ por meio da posposição *wũ* NOM, bem como a existência de uma série nominativa de índices, é uma inovação exclusiva a essa língua. Observe-se que os sistemas de nominativo marcado e acusativo não marcado, como em Laklãnõ, são tipologicamente infrequentes (DIXON, 1979, p. 76–78), sendo que uma das fontes atestadas da marca do nominativo nesse tipo de sistemas é o marcador de tópico. Isto se observa, por exemplo, na língua Kĩsêdjê (ramo Jê Setentrional), em que o enclítico nominativo *=ra* (NONATO, 2014, p. 13) emergiu a partir de um marcador de tópico (GILDEA, CASTRO ALVES, no prelo, seção 4.3).[159] Parece-nos altamente provável que o marcador *wũ* NOM do Laklãnõ também tenha se originado como um marcador de tópico, visto que essa é exatamente a função desempenhada por seu cognato Kaingáng, *wə̃* TOP (WIESEMANN, 2011, p. 160, 172). Quanto à origem da série dos índices nominativos do Laklãnõ, sua evolução ainda não está clara. Wiesemann (1978, p. 210) propõe que estes tenham se originado a partir de uma fusão de pronomes e "indicadores de sujeito", solução que envolve fortes irregularidades no desenvolvimento fonológico.

Em resumo, o padrão nominativo-acusativo está presente nas orações finitas das duas línguas Jê Meridionais, sendo também reconstruível para a respectiva protolíngua.[160]

					A		P	V	
e.	[*nden*	*ũ*	*hə*	*tô*]	*õ-jaŋ*	*toŋ,*	[*ẽŋ*	*kuŋ-mĩ-ŋ*]	*mũ*
	[coisa	INDEF	bom	ALL]	tu-PL	SBJ	[nós	PL-pegar-F.II]	ACT
	'Vocês nos prenderam por uma boa ação.'								

	A				P	V	
f.	[*ɸoŋ*	*aŋ*]	*toŋ,*	[[*aŋ*	*ŋõñ*]	*koñŋrĩn~ŋrĩ-ŋ*]	*tĩ*
	[bárbaro	3PL]	SBJ	[[eles	cabelo]	enrolar~PL-F.II]	HAB
	'Os não índios enrolam seus cabelos.'						

Por ora, desconhecemos a função exata desse morfema e não sabemos em que este se diferencia semanticamente do marcador de tópico *wə̃* TOP (ver NASCIMENTO, 2013, p. 36–40 para uma discussão). De qualquer maneira, a ocorrência de *toŋ* parece ser sujeita a maiores restrições que a de *wə̃*, sendo limitada aos argumentos S e A.

[159] Gildea e Castro Alves (op. cit.) hesitam em analisar o morfema *=ra* do Kĩsêdjê como um marcador do caso nominativo, observando que há exemplos em que *=ra* ocorre no argumento P. A análise de *=ra* como NOM é aquela adotada por Nonato (2014). Contudo, mesmo que o percurso evolutivo *tópico → caso nominativo* não tenha sido concluído em Kĩsêdjê, não há dúvidas quanto ao vetor da mudança, permitindo hipotetizar que a evolução desse tipo pode ocorrer também em outras línguas.

[160] Não consideramos aqui a categoria de número verbal, a qual é estreitamente associada com as propriedades do argumento absolutivo (S, P) (URBAN, 1985a, p. 176; D'ANGELIS, 2004), pois esta relação se dá no nível lexical e independe da finitude do verbo ou do tipo de construção em que ele ocorre.

Orações não finitas. Em nossa análise, distinguimos entre duas formas verbais que, nas línguas Jê Meridionais, possuem propriedades morfossintáticas diferentes daquelas associadas com as formas verbais finitas descritas acima. Uma dessas formas, denominada *forma básica* ou *imperfectiva* por Wiesemann (2011) e *não finita agentiva* por Gakran e Jolkesky (s/d), é utilizada em uma série de contextos sintáticos, a serem detalhados em seguida, e será denominada simplesmente **forma não finita** nesta tese.

A segunda forma é usada principalmente para a modificação nominal quando da relativização do argumento P, função que é compatível com a definição de *particípio de paciente* (SHAGAL, 2017); utilizaremos doravante o rótulo **particípio** para nos referirmos a essa forma verbal. Os verbos intransitivos não possuem particípios por carecerem de argumento P.

Tanto em Kaingáng como em Laklãnõ, as formas não finitas são utilizadas (i) em orações independentes estativas, caracterizadas pela ocorrência do operador estativo KGG *wẽ*, LKL *wã* (< PJM **wã*, cognato de PJS **ba* 'andar'), (ii) em contextos de subordinação, (iii) em derivações nominais. Os exemplos abaixo ilustram a ocorrência de formas verbais não finitas em orações estativas (5.31a–c,h–i), em contextos de subordinação (5.31d–f,j) e em derivações nominais (5.31g,k).

(5.31) KAINGÃNG (WIESEMANN, 2011, p. 26, 37, 79, 163)

a. *xã ŋõr* ***ɸõ-n*** *wẽ*
eu.ERG milho **quebrar-NF** STAT
'Estou quebrando milho.'

b. *ti* [***jaŋɸõ-n***] ***tĩ-ŋ*** *wẽ*
ele [**colher_milho-NF**] **ir.SG-NF** STAT
'Ele foi colher milho.'

c. [*ixã* [*iñ* *ŋõñ*] ***roñ***] ***tĩ-ŋ*** *wẽ*
[eu.ERG [eu cabelo] **cortar_cabelo.NF**] **ir.SG-NF** STAT
'Estou indo cortar o cabelo.'

d. [*ŋõr* ***ɸõ-n***] *kõn* *=iñ*
[milho **quebrar-NF**] completar.F.I =eu
'Terminei de quebrar o milho.'

e. [*ŋõr pir* ***kaɸõ-n***] *kã* *ŋgarĩñ* *mə* *ŋrõ*
[milho um **descascar-NF**] CONS galinha DAT debulhar.F.I
'Descasca uma espiga de milho e debulha para as galinhas.'

f. [*ŋõr* ***ɸõ-n***] *xor* *=iñ* *mũ*
[milho **quebrar-NF**] querer.F.II =eu ACT
'Quero quebrar milho.'

Outra propriedade que deixaremos de discutir nessa seção é a concordância de número entre o argumento nominativo (S, A) e os operadores de origem posicional, descrita por Urban (1985a, p. 177) para o registro de fala cuidadosa do Laklãnõ, visto que não dispomos de dados dessa natureza referentes ao Kaingáng.

g. *iñ* ***ru-n****-ja* *wə̃* *mbrəj*
eu **carregar_água-NF-**LUGAR TOP quebrar.PTCP
'Minha cuia quebrou.'

LAKLÃNÕ (URBAN, 1985a, p. 166; GAKRAN, JOLKESKY, s/d)

h. *ti* ***tẽ-ŋ*** *wã*
3SG.M **ir.SG-NF** STAT
'Ele foi.'

i. *ðĩ* *tõ* *kul* *ðo-Ø* *wã*
3SG.F ERG roupa **lavar-NF** STAT
'Ela está lavando roupa.'

j. [*ẽñ* ***wê-Ø***] *cul* *=ta* *mũ*
[1SG **ver-NF**] querer.F.II =3SG.M.NOM ACT
'Ele quis me ver.'

k. *kuðo* ***jã-ŋ****-jo* *wã*
ancião **estar_em_pé.SG-NF-**LUGAR STAT
'É o rastro do velho.'

As orações encabeçadas por verbos em sua forma não finita apresentam um alinhamento morfossintático ergativo-absolutivo em ambas as línguas Jê Meridionais: os argumentos S e P não recebem marcação explícita e precedem o verbo imediatamente (5.32a–l), ao passo que o argumento A é marcado pela posposição KGG *tə̃*, LKL *tõ* (< PJM **tə̃*; primeira pessoa do singular KGG *(i)cə̃*, LKL *ẽñ cõ ~ ẽcõ* < PJM **iñ cə̃*), glosada como ERG em (5.32d–f, j–l).

(5.32) KAINGÃNG (WIESEMANN, 2011, p. 22, 24, 163, 167, 169)

	S^{INT}	V			**S**^{INT}		V	
a.	***ti***	*nũr*	*wẽ*	b.	***ti***	*tĩ-ŋ*	*wẽ*	
	ele	dormir.NF	STAT		**ele**	ir.SG-NF	STAT	
	'Ele está dormindo.'				'Ele vai.'			

	S^{INT}	V						
c.	[***ẽŋ***	*nũr*]	*xor*	*kə̃*	*ẽŋ*	*hõŋ*	*hê*	*tĩ*
	[**nós**	dormir.NF]	querer.NF	CONS	nós	*hãg*	dizer.F.II	HAB
	'Quando estamos com sono, bocejamos.'							
	(lit. 'Quando queremos dormir, dizemos *"hãg"*.')							

	A^{ERG}		**P**^{INT}		V			
d.	[***ɸi***	***tə̃***]	[***ɸarĩñ***	***kê***]	*ŋgrê*	*wẽ,*	*pẽnẽra*	*ki*
	[**ela**	**ERG**]	[**farinha**	**PROSP**]	peneirar.NF	STAT	peneira	LOC
	'Ela está peneirando milho para fazer farinha.'							
	(lit. 'Ela está peneirando futura farinha na peneira.')							

	A^{ERG}		**P**^{INT}	V		
e.	***ixə̃***	[***iñ***	***ĩn***]	*kykũ-ñ*	*kê*	*wẽ*
	eu.ERG	[**eu**	**casa**]	limpar-NF	PROSP	STAT
	'Vou limpar a minha casa.'					

	AERG	**P**INT	V		
f.	[***xə̃***	***wẽjẽn***	*ŋrõ*]	*xor*	*wẽ*
	[**eu.ERG**	**comida**	assar]	querer.NF	STAT

‘Quero assar a comida.’

LAKLÃNÕ (URBAN, 1985a, p. 166, 173; GAKRAN, 2015, p. 142, 199; GAKRAN, JOLKESKY, s/d)

	SINT	V								
g.	***ti***	*têl*	*wã*	h.	*ẽn*	*kuty*	*tə*	***ti***	*ka-tẽ-ŋ*	*wã*
	3SG.M	morrer.STAT.NF	STAT		casa	escuro	ABL	**3SG.M**	CTPT-ir.SG-NF	STAT
	‘Ele morreu.’				‘Ele veio da cidade.’					

	SINT	V					
i.	[***ẽ***	*kutã*]	*kũ*	*=ta*	*ẽ*	*nẽŋga*	*bloñ*	*mũ*
	[**CRF**$_i$	cair]	CONS	=3SG.M.NOM$_i$	CRF$_i$	mão/braço	quebrar-F.II	ACT

‘Ele$_i$ quebrou o braço (dele$_i$) quando ele$_i$ caiu.’

	AERG		**P**INT	V			**A**ERG		**P**INT		V	
j.	[***ti***	***tõ***]	***ti***	*penũ*	*wã*	k.	[***ti***	***tõ***]	[***ko***	***ũ***]	*kupa-n*	*wã*
	[**3SG.M**	**ERG**]	**3SG.M**	atirar.NF	STAT		[**3SG.M**	**ERG**]	[**pau**	**INDEF**]	rachar-NF	STAT
	‘Ele atirou nele.’						‘Ele está rachando um pau.’					

	AERG		**P**INT	V				
l.	[[***ẽñ***	***cõ***]	***ẽ***	*lã-n*]	*kũ*	*=ta*	*plãl*	*tẽ*
	[[**1SG**	**ERG**]	**CRF**$_i$	bater-NF]	CONS	=3SG.M.NOM$_i$	chorar-F.II	ACT

‘Ele vai chorar quando eu bater nele.’

Os dados expostos acima mostram que o Kaingáng e o Laklãnõ compartilham entre si quase todas as propriedades morfológicas e (morfos)sintáticas associadas com as formas verbais não finitas, possibilitando uma reconstrução da morfossintaxe das orações encabeçadas por verbos em tais formas do Proto-Jê Meridional. Está claro que, nessa protolíngua, a subordinação sintática (bem como a ocorrência do operador estativo **wã*) fazia com que os verbos ocorressem em suas formas não finitas, desencadeando um alinhamento ergativo-absolutivo em toda a oração subordinada (ou modificada pela ocorrência do operador estativo **wã*). Este padrão é idêntico àquele que observamos nas orações subordinadas das línguas Jê Setentrionais (subseção **5.2.1.1** acima) e Akuwẽ (subseção **5.2.1.3** acima) e pode, portanto, ser projetado para o Proto-Jê sem grandes obstáculos.

Quanto aos particípios, desconhecemos obras que tratem de sua derivação em Kaingáng, embora os dados relevantes constem, por exemplo, no trabalho de Wiesemann (2011). Para o Laklãnõ, nos baseamos nos dados de Gakran e Jolkesky (s/d), embora a análise defendida no trabalho citado divirja significativamente da nossa: os autores atribuem o contraste entre as formas rotuladas aqui de “não finita” e “particípio” ao traço [±agentivo], classificando como [-agentivos] não apenas o que chamamos de “particípios” (que permitem a expressão do

agente), mas também alguns claros verbos intransitivos, como *têl* ‘morrer’ ou *nũl* ‘dormir’, que jamais permitem a expressão do agente, a não ser que sejam causativizados (→ *te-n* ‘matar’, *nũ-n* ‘ninar’). Em nossa opinião, todas as propriedades sintáticas das formas que classificamos como “particípios” podem ser facilmente explicados a partir da premissa de que sua função primária é a de modificação nominal (como em KGG *nĩ jãŋxu-r* ‘carne moqueada’, *ɸəŋ ŋãr* ‘pinheiro derrubado’; LKL *ndô tuŋðẽ-l* ‘feixe de flecha’, lit. ‘flecha amarrada’, *ko pankê-l* ‘pau raspado’; exemplos de WIESEMANN, 2011, p. 15, 28; GAKRAN, JOLKESKY, s/d). Do ponto de vista sintático, suas ocorrências predicativas não parecem diferir em nada da predicação nominal (a semântica é aquela de voz média ou passiva). Um estudo mais detalhado de voz, valência e estrutura argumental nas línguas Jê Meridionais está fora do escopo deste trabalho.

Alinhamento morfossintático do Proto-Jê Meridional. A semelhança entre os subsistemas de alinhamento das línguas Jê Meridionais, por um lado, e das línguas Jê Setentrionais e Akuwẽ, por outro lado, é evidente. Em todas essas línguas (isto é, em todas as línguas Jê com a exceção do Panará, ver subseção **5.2.1.2**) existe uma correlação direta entre a forma verbal que encabeça a oração e seu alinhamento morfossintático. Uma vez que uma dessas formas, de forma consistente, apresenta propriedades mais nominais do que a outra em todas as línguas Jê investigadas, atribuímos o contraste entre as diferentes formas verbais à categoria de *finitude*.

A despeito dessas semelhanças, as línguas Jê Meridionais apresentam algumas divergências do padrão que observamos nas línguas Jê Setentrionais e Akuwẽ e que reconstruímos também para o Proto-Macro-Jê Oriental. Trata-se dos seguintes fatos:

(i) a existência de **duas** formas finitas distintas nas línguas Jê Meridionais vs. a existência de apenas **uma** forma finita das línguas Jê Setentrionais;[161]

(ii) o uso de uma das formas finitas (F.II) com diversos operadores de origem verbal nas línguas Jê Meridionais vs. a não-finitude incondicional nesse tipo de ambientes sintáticos nas línguas Cerratenses,

(iii) a inexistência de cisão intransitiva nas línguas Jê Meridionais vs. a existência de duas subclasses de verbos intransitivos nas línguas Cerratenses,

[161] Nas línguas Akuwẽ, como vimos na subseção **5.2.1.3** (ver especialmente nota 147), alguns verbos possuem múltiplas formas finitas, diferenciadas principalmente pelos prefixos de voz utilizados e pela presença vs. ausência de truncamento. Este fenômeno não parece ser relacionado à existência de duas formas finitas nas línguas Jê Meridionais de forma alguma.

(iv) a existência de apenas **uma** série de marcadores de pessoa reconstruível para o Proto-Jê Meridional, sem distinção de caso,[162] vs. a oposição entre os pronomes (caso agentivo) e os índices (casos interno e acusativo) nas línguas Cerratenses, bem como

(v) o fato de as posposições ergativas de Proto-Jê Meridional e Proto-Cerratense não serem cognatas.

Os padrões principais das línguas Jê Meridionais e do Proto-Cerratense são comparados no Quadro 5.6 abaixo.

Condicionamento	ramo	orações independentes (padrão geral)	orações independentes com operadores de origem verbal (PJ **tẽ, *mũ, *jã, *ñỹ, *nõ, *nj̃ô*)	orações subordinadas
alinhamento	PJM	nominativo-acusativo		ergativo-absolutivo
	PCerr	ativo-tripartido	ergativo-absolutivo	
verbo transitivo	PJM	*A … [P V] (OPER) *=A+[163] … [P V] (OPER)		*A *tə̃* … [P V]
verbo intransitivo	PJM	*S … V (OPER) *=S + … V (OPER)		* … [S V]
forma do verbo	PJM	finita I	finita II	não finita
verbo transitivo	PCerr	*A^{AG} … [P^{ACC} V]	*[A^{ACC} *te*] … [P^{INT} V] (OPER)	
verbo ativo	PCerr	*$S_A{}^{AG}$ … V	* … [S^{INT} V] (OPER)	
descritivo	PCerr	* … [$S_P{}^{INT}$ V]		
forma do verbo	PCerr	finita	não finita	

Quadro 5.6. Os padrões de alinhamento em Proto-Jê Meridional e Proto-Cerratense

Primeiramente abordaremos os itens (i) e (ii) da lista acima, referente a existência de uma **construção finita especial** (ou de uma família de construções) nas línguas Jê Meridionais caracterizada pela ocorrência de operadores e por uma **forma finita especial** do verbo (a chamada *forma finita II*). O equivalente funcional desse tipo de construções nas línguas Cerratenses envolve operadores cognatos que, no entanto, desencadeiam a **não-finitude** do verbo e, por conseguinte, o padrão ergativo-absolutivo de alinhamento morfossintático em toda a oração.[164]

[162] Como já discutimos acima, a série dos índices nominativos em Laklãnõ, bem como a marcação explícita do caso nominativo em geral, parece ser uma inovação restrita a essa língua.

[163] A notação "=X + Y" significa aqui que o elemento *X* possui o comportamento de um enclítico de segunda posição.

[164] Inovações posteriores fizeram com que diversas línguas Jê apresentassem um padrão nominativo-absolutivo (ou agentivo-absolutivo) de alinhamento morfossintático via a reintrodução do sujeito nominativo (agentivo) nas orações que contêm verbos descritivos (ver subseção 5.2.1.1).

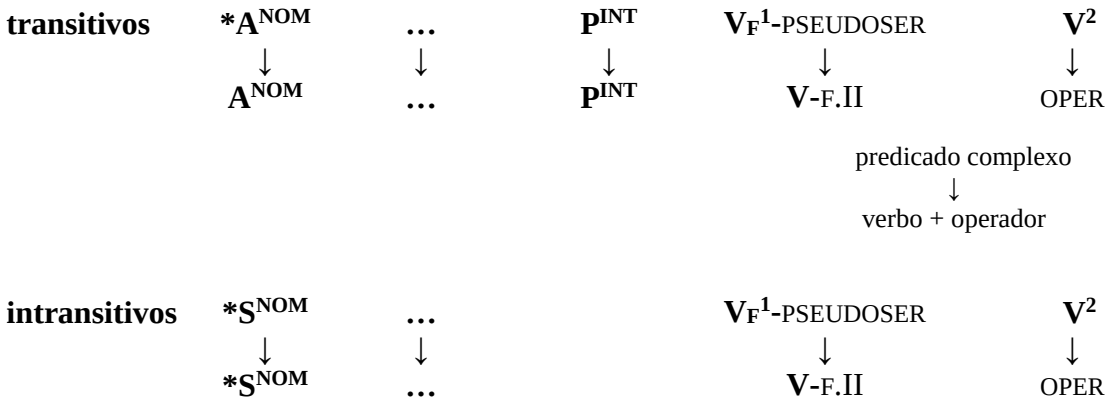
Apesar das semelhanças entre as respectivas construções nas línguas Jê Meridionais e Cerratenses (semântica aspectual e operadores cognatos), essas construções definitivamente **não são cognatas** entre si, conforme indicado por todas as características formais (forma verbal e alinhamento).

Não há dúvidas quanto à fonte das construções das línguas Cerratenses: como já foi discutido acima, é apenas natural que os antigos verbos, que posteriormente viriam a ser gramaticalizados como operadores, fossem os verbos principais das respectivas orações. Já os verbos lexicais, que posteriormente viriam a ser reanalisados como predicados principais, encabeçavam uma oração subordinada, ocorrendo, portanto, em sua forma não finita (CASTRO ALVES, 2010; subseção **5.2.1.1** acima). Aplicando o método de reconstrução interna, podemos afirmar que o processo de gramaticalização e reanálise ocorreu em algum momento antes da dissolução do Proto-Cerratense ("pré-Proto-Cerratense").

No entanto, os dados das línguas Jê Meridionais nos obrigam a buscar uma fonte alternativa para as construções com a forma finita II. As construções-fonte não podem ter envolvido subordinação sintática com desranqueamento (nesse caso, esperaríamos que o verbo ocorresse em sua forma não finita com a respectiva mudança do alinhamento); logo, a relação entre os verbos lexicais e os verbos que viriam a se gramaticalizar como operadores necessariamente era a de coordenação ou a de subordinação com balanceamento (CRISTOFARO, 1998, 2003). Como a subordinação com balanceamento é uma estratégia que não é comumente atestada nas línguas Macro-Jê, aqui hipotetizamos, de forma preliminar, que as construções em questão emergiram como algum tipo de predicados complexos, que chamaremos aqui de *construção pseudosserial*. Na construção-fonte, o predecessor da forma finita II teria sinalizado que o verbo forma um predicado complexo com o verbo que segue,[165] sem que um dos verbos dependesse sintaticamente do outro.

[165] Um fenômeno análogo ocorre, de forma marginal, na língua Maxakalí, em que aos verbos *pa* 'pegar' e *mũ* 'ir' se acrescenta o sufixo *-c* PSEUDOSER quando estes fazem parte de um predicado composto. Por motivos fonológicos, o sufixo *-c* do Maxakalí não pode ser cognato do sufixo PJM **-ŋ* F.II (pré-PJM PSEUDOSER).

(5.33) Evolução da construção pseudosserial em Proto-Jê Meridional



Nota: aqui utilizamos as abreviações NOM e INT não para indicar o caso (que acreditamos ter inexistido em Proto-Jê Meridional), mas sim o tipo de comportamento sintático apresentado pelos respectivos argumentos nas orações finitas (cliticização na segunda posição para o argumento nominativo pronominal; não-clitização do argumento interno).

Quanto aos itens (iii) e (iv), referentes à não-marcação de caso (além do caso ergativo) nos argumentos nucleares canônicos das línguas Jê Meridionais e à inexistência de uma cisão intransitiva, a única inovação necessária para explicar os fatos das línguas Jê Meridionais é uma perda total dos índices de pessoa no Proto-Jê Meridional. É notório que os pronomes do Kaingáng (e, acreditamos, do Proto-Jê Meridional) possuem o mesmo comportamento morfossintático que os sintagmas nominais comuns, com a exceção do fenômeno de clitização na segunda posição dos pronomes nominativos. Como as diferenças principais entre as duas subclasses dos verbos intransitivos do Proto-Cerratense (bem como do Proto-Macro-Jê Oriental e, aparentemente, do Proto-Jê) se manifestam principalmente nas orações intransitivas com o único argumento não nominal (pronomes agentivos para o argumento S_A, índices internos para o argumento S_P), a substituição da série de índices por pronomes "plenos" necessariamente ofuscaria as distinções existentes entre as referidas subclasses. Portanto, uma inovação importante que postulamos para a história do Proto-Jê Meridional é a eliminação dos índices pessoais e a introdução do uso de pronomes em todas as funções sintáticas. O Laklãnõ, como vimos acima, voltou a criar uma série de índices nominativos a partir de fontes desconhecidas.

Finalmente, trataremos do fato de a posposição ergativa das línguas Jê Meridionais (PJM **tə̃*) **não ser cognata** com a posposição ergativa reconstruível para o Proto-Cerratense, PCerr **te*. A posposição nas línguas Cerratenses possui um cognato perfeito em Maxakalí (*te* ERG, ver subseção 5.2.2) e, portanto, deve ser uma retenção do Proto-Jê. Como, então, poderíamos explicar a ocorrência de uma posposição não cognata em Proto-Jê Meridional?

Para responder essa pergunta, é necessário observar que o emprego da posposição KGG *tə̃*/LKL *tõ* não se limita à codificação do argumento A de verbos transitivos nas orações não

finitas. Uma função importante dessa posposição é relacionada ao papel semântico de instrumento (5.34a–b, glosa INSTR) nas duas línguas Jê Meridionais. Além disso, a posposição KGG *tə̃*/LKL *tõ* é utilizada em orações não finitas marcando o único argumento de verbos intransitivos, desde que esse argumento se encontre separado do verbo por um adjunto expresso por um sintagma posposicional (5.34c–d, glosa "ERG"). Finalmente, em Laklãnõ sintagmas posposicionais encabeçados por *tõ* codificam o agente de um particípio (5.34e–f, glosa OBL);[166] em contextos análogos, o Kaingáng não apresenta nenhuma posposição, sendo que o agente é codificado como um possuidor do respectivo sintagma nominal (5.34g–h).

(5.34) KAINGÁNG (WIESEMANN, 2011, p. 57)

a. [***kyɸe*** ***tə̃***] *ẽŋ* *toŋ,* *nden* *kar* *ha-n* *tĩ*
[**faca** **INSTR**] nós SBJ coisa completar.PTCP feito/bom-VBZ HAB
'Com uma faca podemos fazer muita coisa.'

LAKLÃNÕ (URBAN, 1985, p. 173)

b. *ti* *tõ* [***mbeŋ*** ***tõ***] *lãñlãñ* *wã*
3SG.M ERG [**machado** **INSTR**] trabalhar.NF STAT
'Ele está trabalhando [com o machado].'

KAINGÁNG (WIESEMANN, 2011, p. 167)

	S^{ERG}		adjunto	V	
c.	[***ti***	***tə̃***]	[*ka*	*tô*]	*xa*	*wẽ*
	[**ele**	**"ERG"**]	[pau	LOC]	estar_pendurado.NF	STAT

'Ele está grudado na árvore.'

LAKLÃNÕ (URBAN, 1985, p. 172; GAKRAN, JOLKESKY, s/d)

	S^{ERG}		adjunto		V	
d.	[***ti***	***tõ***]	[*ãmẽn*	*lo*]	*tẽ-ŋ*	*wã*
	[**3SG.M**	**"ERG"**]	[caminho	ALL]	ir.SG-NF	STAT

'Ele foi ao longo do caminho.'

			adjunto		**S**^{INT}	V	
cf.	d′.		[*ãmẽn*	*lo*]	***ti***	*tẽ-ŋ*	*wã*
			[caminho	ALL]	**3SG.M**	ir.SG-NF	STAT

'Ele foi ao longo do caminho.'

[166] Neste caso preferimos nos abster de nos posicionarmos quanto à interpretação funcional da construção que envolve um particípio com o agente especificado. As traduções no trabalho de Gakran e Jolkesky (s/d) sugerem que poderia se tratar de uma voz passiva. Para determinar se este é o caso, precisaríamos saber se *todos* os verbos transitivos permitem que seu particípio ocorra nessa construção, informação da qual não dispomos.

Observe-se que a expressão do agente em itens como (5.34e–f) é opcional: *ði tõ mõŋ mbil wã* 'é o mel que ela coou' vs. *mõŋ mbil wã* 'é o mel coado'; *ẽcõ ko toŋ kyw wã* 'é esta árvore que eu cortei' vs. *ko toŋ kyw wã* 'é esta árvore cortada'. Tal opcionalidade não se aplica quando um verbo transitivo é utilizado em qualquer outra forma que não o particípio: não é permitido omitir o agente em orações como *ði tõ mõŋ* ***mbin*** [coar.NF] *wã* 'é o mel que ela está coando', *ẽcõ ko toŋ* ***kym*** [cortar.NF] *wã* 'é esta árvore que eu estou cortando' (isto é, **mõŋ* ***mbin*** *wã, *ko toŋ* ***kym*** *wã* são orações agramaticais).

	A^{OBL}		S^{INT}	particípio	
e.	[***ðɨ***	***tõ***]	*mõŋ*	*mbil*	*wã*
	[**3SG.F**	**OBL**]	mel	coar.PTCP	STAT

‘É o mel que ela coou.’

	A^{OBL}	S^{INT}		particípio	
f.	***ẽ-cõ***	*ko*	*toŋ*	*kyw*	*wã*
	1SG-OBL	pau	este	cortar.PTCP	STAT

‘É esta árvore que eu cortei.’

KAINGÁNG (WIESEMANN, 2011, p. 27)

	“A”	particípio		
g.	[***ti***	[*jakrõ-n*]]	*kê*	*wẽ*
	[**ele**	[plantação-VBZ.PTCP]]	PROSP	STAT

‘É o que ele vai plantar.’

			“A”	nome	particípio	
h.	*õ*	*mə̃*	[***ti***	[*ŋga*	*kũw*]]	*we-ʔ?*
	tu	INT	[**ele**	[terra	cavar.PTCP]]	ver.F.I-DUB

‘Viste a terra que ele lavrou?’

Os dados comparativos revelam que a função original de PJM **tə̃* era, muito provavelmente, a codificação de adjuntos com o papel semântico de instrumento. Esta função é preservada na posposição cognata nas línguas Akuwẽ (PA **nə̃*; NIKULIN, 2019a, p. 113)[167] e é reconhecida como uma fonte extremamente comum de morfemas associados com o papel semântico de agente nas línguas do mundo. É possível especular que, em uma primeira etapa, o uso da posposição instrumental se estendeu para a codificação do argumento A em orações não finitas, substituindo a antiga posposição **te*. Em algum momento, os sintagmas posposicionais entrepostos entre o sujeito e o verbo intransitivo teriam passado a compartilharem comportamento sintático com o argumento P (possivelmente devido às semelhanças na ordem linear dos argumentos), levando à expansão do uso de **tə̃* para codificar o argumento S em orações como (5.34c–d). Finalmente, na história independente do Laklãnõ (ou seja, após a dissolução do Proto-Jê Meridional) o reflexo dessa posposição teria começado a marcar os agentes oblíquos de particípios. A plausibilidade de cada elemento do percurso diacrônico aqui sugerido deverá ser verificada por futuros estudos.

5.2.2. Maxakalí

O alinhamento morfossintático do Maxakalí foi objeto de diversos estudos, notavelmente daqueles de Campos (2009), Silva (no prelo) e Nikulin e Silva (no prelo). As análises dos autores

[167] Em outras línguas Macro-Jê os prováveis cognatos dessa posposição possuem diversos significados locativos (alativo em Panará *tə̃*, locativo temporal em Mẽbêngôkre *ʔə̃*, locativo em Apinajé *(t)ə̃*, Maxakalí *ty* e Krenák *tə*).

divergem quanto à interpretação das propriedades dos predicados de origem emprestada ou onomatopaica. Enquanto Nikulin e Silva (no prelo) consideram que se trata de uma subclasse verbal que segue um padrão nominativo-acusativo (com os argumentos S e A marcados pela posposição *te* NOM e o argumento P recebendo a posposição *hã* ACC), Campos (op. Cit.) analisa todos os predicados desse tipo como verbos intransitivos inergativos. Dessa forma, a análise de Campos (2009) falha em capturar o comportamento morfossintático de predicados emprestados ou onomatopaicos bivalentes (tais como *ñũda* 'ajudar', *bedeC* 'vender', *tupu* 'encontrar'), que possuem um participante pacientivo cuja expressão é obrigatória (portanto, não se trata de um adjunto e sim de um argumento). Além disso, apenas a análise de Silva (no prelo) e Nikulin e Silva (no prelo) visa contemplar um fenômeno importante relacionado à codificação do único argumento de verbos intransitivos em construções imperativas: enquanto uma subclasse dos verbos intransitivos **exige** a expressão do sujeito nesse tipo de construções, outros verbos intransitivos **não a admitem**, sugerindo que o Maxakalí apresenta o fenômeno de intransitividade cindida, ainda que de uma forma consideravelmente mais marginal em comparação às línguas Jê Setentrionais. Por esses motivos, nesta tese consideramos somente as análises de Silva (no prelo) e Nikulin e Silva (no prelo), a serem detalhadas a seguir.

Segundo Nikulin e Silva (no prelo), os predicados do Maxakalí se subdividem em duas grandes classes lexicais, cada uma das quais contém tanto predicados monovalentes (intransitivos) como divalentes (transitivos). Os predicados de uma dessas classes encabeçam orações que apresentam, de forma consistente, um alinhamento **ergativo-absolutivo** (exceto em algumas construções, a serem discutidas a seguir). Esta classe, em oposição à segunda classe, não contém nenhum predicado de origem comprovadamente emprestada ou de natureza onomatopaica; muitos predicados que pertencem a ela possuem cognatos claramente verbais nas línguas Jê. Por esses motivos, rotulamos os predicados dessa classe de "verbos nativos". Os demais predicados encabeçam orações que apresentam um alinhamento **nominativo-acusativo**. Podemos chamá-los de "verbos heterogêneos" por serem, em sua quase totalidade, de origem emprestada ou de natureza onomatopaica.[168]

[168] Todos os verbos demonstradamente emprestados do português, tais como *ñũda* 'ajudar' (← *ajudar*), *bedeC* 'vender' (← *vender*), *piciʃa* 'precisar' (← *precisar*), *tupu* 'encontrar (com alguém)' (← *topou*), *takaT* 'caro' (← *tá caro*), *tademẽT* 'dever dinheiro' (← *tá devendo*), pertencem a esta classe. A classificação dos demais predicados desta classe (tais como *pỹT* 'pular', *ñẽC* 'ficar calado', *tỹK* 'piscar') como onomatopaicos é sustentada pelas intuições dos falantes da língua e pela existência de pistas fonológicas (tais como a insuscetibilidade ao processo de formação de pé bimoraico) que comprovam seu estatuto diferenciado (NIKULIN, SILVA, no prelo). Popovich (1985, p. 41, 47) ainda aponta ao fato de que os predicados onomatopaicos (cujas propriedades morfossintáticas não são discutidas pelo autor) podem ser opcionalmente seguidos do verbo de citação *kacĩC* 'dizer/fazer assim' e possuem, nesse caso, o mesmo comportamento prosódico que as citações. Ainda retornaremos a esta última observação nesta subseção.

Os verbos nativos do Maxakalí podem apresentar uma distinção formal entre duas formas que ocorrem em construções diferentes. Seguindo a proposta de Silva e Nikulin (no prelo), associamos essa distinção com o contraste entre os modos *realis* (forma utilizada em quase todos os tipos de orações, tanto independentes como subordinadas) e *irrealis* (forma utilizada em construções imperativas e de finalidade).[169] No modo *realis*, tanto o objeto de verbos nativos transitivos (P) como o único argumento de verbos nativos intransitivos (S) formam um constituinte com o verbo (5.35a–f),[170] enquanto o sujeito de verbos transitivos (A) é expresso por um sintagma posposicional encabeçado pela posposição *te* ERG (5.35a–b).

(5.35) MAXAKALÍ (NIKULIN, SILVA, no prelo)

a. A^{ERG} P^{INT} V
[*tiC* *te*] [*kukeC* *pyteC*]
[homem ERG] [cachorro matar.SG.RLS]
'O homem matou o cachorro.'

b. A^{ERG} p^{INT}-V
[*ã*[171] *te*] [*ã-canãhã*]
[1SG^{DAT} ERG] [2-chamar.RLS]
'Eu te chamei.'

c. S^{INT}=V
[*ỹK=cyP*]
[1SG=estar_pendurado.SG.RLS]
'Eu estou pendurado.'

d. S^{INT} V
[*teC* *tihi*]
[chuva estar_em_pé.PL.RLS]
'Está chovendo.'

e. s^{INT}-V
[*ỹ-mãP*]
[3-estar_sentado.PL.RLS]
'Eles estão sentados.'

f. S^{INT} V
[*tiC* *pi-P*]
[homem estar_deitado.SG-RLS]
'O homem está deitado.'

Já em construções imperativas, os verbos da mesma classe ocorrem em uma forma diferente (a de modo *irrealis*) e apresentam um alinhamento diferente daquele observado em cláusulas encabeçadas por um verbo nativo no modo *realis*. Nessas construções, o objeto de verbos transitivos (P) é obrigatoriamente expresso em sua posição canônica (5.36a–b), propriedade compartilhada com o único argumento de uma parte dos verbos intransitivos (S_P); neste último caso, a única possibilidade em construções imperativas é o índice de segunda pessoa *ã-* (5.36c–d). Em contraste, a expressão do agente de verbos transitivos (A) não é permitida em construções imperativas (5.36a–b), comportamento compartilhado com o único argumento dos demais verbos intransitivos (S_A) (5.36e–f). Observe que a impossibilidade de expressar o argumento S_A dos

[169] Ao usarmos os rótulos "modo *realis*" e "modo *irrealis*", não nos comprometemos com a associação entre o contraste formal em Maxakalí e a categoria gramatical de *modo*, cientes de que desde um ponto de vista construcional a descrição da distribuição das formas discutidas não pode ser feita em termos de semântica gramatical.
[170] O Maxakalí apresenta alguns claros critérios de constituência específicos a essa língua, incluindo um determinado processo morfofonológico (o processo de formação de pé bimoraico a fim de satisfazer a restrição referente ao pé mínimo) que tem por domínio o constituinte.
[171] Os complementos de posposições em Maxakalí recebem o caso morfológico dativo, caso se trate de argumentos de pessoa: *ã* '1SG^{DAT}', *ca* '2^{DAT}', *ty* '3^{DAT}'.

verbos intransitivos pode resultar na aplicação de um processo morfofonológico que transforma as vogais subjacentes de constituintes monossilábicos em sequências do tipo *VhV* (para a operação deste processo em nomes, ver SILVA, 2020b).

(5.36) MAXAKALÍ (NIKULIN, SILVA, no prelo)

	P^{INT}	V (*A)
a.	*kukeC*	*pyteC*
	/kukeK	pteK/
	cachorro	matar.SG.IRR
	‘Mata o cachorro!’	

	p^{INT}-V (*A)
b.	*ỹ-canã*
	/y-canã/
	3-chamar.IRR
	‘Chama-o!’

	$s_P{}^{INT}$-V
c.	*ã-cyP*
	/ã-cyP/
	2-estar_pendurado.SG.IRR
	‘Pendura-te!’

	$s_P{}^{INT}$-V
d.	*ã-ti*
	/ã-ti/
	2-estar_em_pé.PL.IRR
	‘Fiquem de pé!’

	V ($*S_A$)
e.	*mãhãP*
	/mãP/
	estar_sentado.PL.IRR
	‘Sentem-se!’

	V ($*S_A$)
f.	*pihi*
	/pi/
	estar_deitado.SG.IRR
	‘Deita-te!’

O fato de alguns verbos intransitivos (tais como *cyP* /cyP/ ‘estar pendurado.SG’, *tihi* /ti/ ‘estar em pé.PL’, *nũP* /nũP/ ‘estar deitado.PL’, *pyKteT* /pyKteT/ ‘arrotar’, *pyK* /pyK/ ‘assoviar’, *catapaK* /catapaK/ ‘bocejar’, *ciT* /ciT/ ‘comer.INTR’, *ciThĩC* /ciThĩK/ ‘espirrar’, *pakyT* /pakyT/ ‘ser/estar doente’) exigirem a expressão, em construções imperativas, de seu único argumento por meio de um índice de segunda pessoa, ao mesmo tempo que outros verbos intransitivos (tais como *ciP* /ciP/ ‘estar.SG’, *mũK* /mũ-K/ ‘ir’, *nỹT* /nỹ-T/ ‘vir’, *putaha* /pu-t-a/ ‘chorar’, *ñỹP* /ñỹ-P/ ‘estar sentado.SG’, *mãP* /mãP/ ‘estar sentado.PL’, *tupaha* /tup-a/ ‘voar’, *cataha* /ca-t-a/ ‘gritar’, *nãhã* /nã/ ‘cair’, *piP* /pi-P/ ‘estar deitado.SG’, *tehe* /te/ ‘estar preparado’, *kuteC* /kte-K/ ‘cantar’) não admitirem a expressão de seu único argumento no mesmo tipo de construções, configura uma cisão intransitiva. Em construções que utilizam a forma verbal associada aqui com o modo *realis*, no entanto, tal cisão não se operacionaliza.

O Maxakalí possui ainda construções não imperativas que envolvem verbos em sua forma de modo *irrealis*. Trata-se de orações subordinadas de finalidade introduzidas pelas conjunções *ỹ* ‘para que eu’, *ca* ‘para que tu’, *py* ‘para que (*terceira pessoa*)’, *nỹC* ‘para que (*mesmo sujeito*)’, sendo que a identidade de sujeito é rastreada seguindo um padrão nominativo (A/S).

(5.36) MAXAKALÍ (POPOVICH, POPOVICH, 2005)

						cnj.A	V	P
a.	*ãĵyhyK*	*te*	*K=ã-ceTaC*	*hũP*	[*ỹ*	*puP*	*hãPcuP*]
	não-indígena	ERG	1SG=NCTG-nome	dar.RLS	[FND.1.SD	pegar.PL.IRR	comida]
	‘O não-indígena me autorizou que comprasse alimento.’							

							cnj.S	PREDNOM	
b.	*ty*	*te*	*ã-KtuK*	*py*	*hemẽT*	*hũP*	[*ca*	*kyca*	*hityP*]
	ele	ERG	2^{INT}-filho	DAT	remédio	dar.RLS	[FND.2.SD	coração	alegre]
	‘Ele deu remédio para o teu filho para tu ficares alegre.’								

					cnj.A	V
c.	*ã-taK*	*te*	*capyP*	*mỹ-K*	[*py*	*PteC*]
	2^{INT}-pai	ERG	porco	pegar.SG-RLS	[FND.3.SD	matar.SG.IRR]
	‘Papai pegou o porco para que (outro) pudesse abatê-lo.’					

				cnj.A	p-V
d.	*ã*	*te*	*hãP-ã-KtyC*	[*nỹC*	*ã-ñỹmỹg-ã*]
	$1SG^{DAT}$	ERG	ANTP-NCTG-dizer	[FND.MS	2^{INT}=saber-CAUS.IRR]
	‘Eu estou falando para lhes dar informação.’				

Os elementos conectores (conjunções) que introduzem as orações de finalidade em Maxakalí seguem um padrão nominativo; em particular, os sintagmas ergativos nunca aparecem nesse tipo de orações. Entretanto, em função da escassez de dados relevantes no *corpus* analisado, ainda não pudemos determinar com segurança qual é o comportamento morfossintático dos argumentos **internos** ao predicado (tais como P, S_P). Para que uma descrição completa da morfossintaxe das orações de finalidade em Maxakalí seja possível, serão necessárias novas pesquisas junto a falantes dessa língua.

Sintetizamos os padrões de alinhamento associados com os verbos nativos do Maxakalí no Quadro 5.7 abaixo.

alinhamento	ergativo-absolutivo	ativo-inativo	nominativo (?)
verbo transitivo	A^{ERG} [P^{INT} V] [A^{DAT} *te*] [P^{INT} V]	[P^{INT} V] (*A)	conjunção.A (P) V (P)
verbo intransitivo	[S^{INT} V]	V (*S_A) [$S_P{}^{INT}$- V]	conjunção.S (S) V
modo verbal	*realis*	*irrealis*	
condicionamento	padrão geral	construção imperativa	construção de finalidade

Quadro 5.7. Os padrões de alinhamento do Maxakalí associados com os verbos nativos e suas propriedades

Em contraste com os verbos nativos, os verbos heterogêneos encabeçam orações que apresentam um alinhamento estritamente nominativo-acusativo: o agente de verbos transitivos (A) e o

único argumento de verbos intransitivos (S) desta subclasse são expressos por sintagmas posposicionais encabeçadas pela posposição *te* NOM (5.37a–d, no modo *realis*) ou omitidos (5.37e–g, em construções imperativas), enquanto o objeto de verbos transitivos heterogêneos (P) é expresso por um sintagma posposicional encabeçado pela posposição *hã* ACC (5.37a–b, e), que possui ainda uma forma supletiva de terceira pessoa, *nũ* 3.ACC (5.37f).

(5.37) MAXAKALÍ (SILVA, 2020a, p. 218–219)

a. A^{NOM} [*tiC te*] [homem NOM] P^{ACC} [*kỹnĩũK hã*] [coelho ACC] V *mãT* explodir
'O homem atirou no coelho.'

b. A^{NOM} [*ty te*] [3SG^{DAT} NOM] P^{ACC} [*pa hã*] [olho ACC] V *tỹK* piscar
'Ele piscou o olho.'

c. S^{NOM} [*ã te*] [1SG^{DAT} NOM] V *pỹT* pular
'Eu pulo.'

d. S^{NOM} [*dadỹC te*] [laranja NOM] V *takaT* estar_caro
'A laranja está cara.'

e. P^{ACC} [*kỹnĩũK hã*] [coelho ACC] V *mãT* explodir
'Atira no coelho!'

f. P^{ACC} *nũ* 3.NOM V *tỹK* piscar
'Pisca-o!'

g. V *pỹT* pular
'Pula!'

Observe que a ocorrência do sintagma posposicional encabeçado pela posposição acusativa é obrigatória nas orações transitivas encabeçadas por verbos heterogêneos, mostrando claramente que se trata de um argumento e não de um adjunto. O Quadro 5.8 sistematiza o que foi dito acima sobre o alinhamento em orações encabeçadas por verbos heterogêneos.

alinhamento	nominativo-acusativo					
verbo transitivo	A^{NOM} [A^{DAT} *te*]	P^{ACC} [P^{DAT} *hã*]	V V	P^{ACC} [P^{DAT} *hã*]	V V	(A*) (A*)
verbo intransitivo	S^{NOM} [S^{DAT} *te*]		V V		V V	(S*) (S*)
modo verbal	sem distinção formal					
condicionamento	padrão geral			construção imperativa		

Quadro 5.8. Os padrões de alinhamento do Maxakalí associados com os verbos heterogêneos e suas propriedades

É notável ainda que as posposições *te* NOM e *hã* ACC, que ocorrem nesta função apenas em orações encabeçadas por verbos heterogêneos, são idênticas, respectivamente, às posposições

te ERG e *hã* INSTR, que ocorrem em orações encabeçadas por verbos nativos. A este fato se soma a observação de Popovich (1985, p. 47), referente à possibilidade de os predicados onomatopaicos serem opcionalmente seguidos do verbo de citação *kacĩC* ‘dizer/fazer assim’ (nesse caso, eles possuem o mesmo comportamento prosódico que as citações diretas, ver POPOVICH, 1985, p. 41). Silva (no prelo) propõe, de forma provisória, que a construção nominativa-acusativa do Maxakalí é resultado de uma reanálise de orações que, originalmente, eram transitivas e tinham por núcleo o verbo transitivo *kacĩC* ‘dizer/fazer assim’, com as onomatopeias[172] funcionando como seu objeto direto (5.38aa. Como a carga semântica se concentra, nesses casos, nas onomatopeias e não no verbo *kacĩC*, é apenas natural que as onomatopeias tenham passado a ser concebidas como o predicado principal (5.38a), deixando ao verbo *kacĩC* a função de um verbo auxiliar e modificando os papéis sintáticos dos demais argumentos sem mudanças na marcação ([A *te*] → [S *te*]; [A *te*] [E *hã*] → [A *te*] [P *hã*]). A mudança na superfície que evidencia a reanálise é o fato de a ocorrência de o verbo *kacĩC* ter se tornado opcional (e até mesmo infrequente) nesse tipo de construções (5.38b,c).

(5.38) MAXAKALÍ

análise conservadora: A^{ERG} P^{INT} V

a. [*pedeC* *te*] *pỹT~pỹT~pỹT* *kacĩC*
[perereca ERG] pular.ONOM~RED~REDdizer/fazer_assim
‘A perereca pulou: *pũn, pũn, pũn*.’ (POPOVICH, 1985, p. 84)

análise inovadora: S^{NOM} V^{ONOM} AUX

a′. [*pedeC* *te*] *pỹT~pỹT~pỹT* *kacĩC*
[perereca NOM] pular~RED~RED AUX
‘A perereca pulou: *pũn, pũn, pũn*.’

S^{NOM} V^{ONOM}

b. [*kudukacaC* *te*] *pỹT*
[sapo ERG] pular
‘O sapo pulou.’ (CAMPOS, 2009, p. 182)

S^{NOM} V^{ONOM}

c. [*kydiT* *te*] *pỹT~pỹT*
[grilo ERG] pular~RED
‘O grilo saltitou.’ (CAMPOS, 2009, p. 81)

[172] Muito provavelmente, o cenário descrito aqui pode ser estendido também aos predicados emprestados. Contudo, estes não são discutidos por Popovich (1985) e desconhecemos se eles admitem a ocorrência opcional de *kacĩC*. Note que há diversas línguas que recorrem à mesma estratégia de adaptação de predicados emprestados, que, em vez de se comportarem morfológica e morfossintaticamente como verbos nativos, integram estruturas compostas por um verbo transitivo dessemanticizado e um complemento não analisável (WOHLGEMUTH, 2009, p. 103–111).

O cenário da emergência dos predicados heterogêneos e do respectivo padrão de alinhamento morfossintático em Maxakalí, tal como proposto por Silva (no prelo), encontra-se resumido em (5.39) abaixo.

(5.39) Evolução da construção nominativa-acusativa em Maxakalí

transitivos	A^{ERG}	R^{INSTR}	T^{INT}	V^{RLS}
realis	$[A^{DAT}$ *te*$]$	$[R^{DAT}$ *hã*$]$	ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*kacĩC*
	↓	↓	↓	↓
	A^{NOM}	P^{ACC}	V	(AUX)
	$[A^{DAT}$ *te*$]$	$[P^{DAT}$ *hã*$]$	ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*(kacĩC)*
		R^{INSTR}	T^{INT}	V^{IRR}
irrealis		$[R^{DAT}$ *hã*$]$	ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*kacĩC*
		↓	↓	↓
		P^{ACC}	V	(AUX)
		$[P^{DAT}$ *hã*$]$	ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*(kacĩC)*
intransitivos	A^{ERG}		P^{INT}	V^{RLS}
realis	$[A^{DAT}$ *te*$]$		ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*kacĩC*
	↓		↓	↓
	S^{NOM}		V	(AUX)
	$[S^{DAT}$ *te*$]$		ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*(kacĩC)*
			P^{INT}	V^{IRR}
irrealis			ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*kacĩC*
			↓	↓
			V	(AUX)
			ONOMATOPEIA/EMPRÉSTIMO	*(kacĩC)*

O cenário proposto por Silva (no prelo) e exposto acima ainda explica por que os predicados heterogêneos (i) não possuem uma distinção formal entre os modos *realis* e *irrealis*[173] e (ii) não são suscetíveis ao processo de formação de pé bimoraico: na construção-fonte, os respectivos

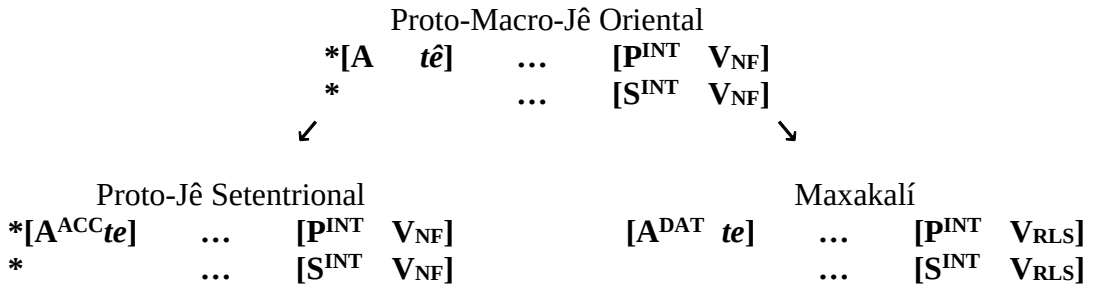
[173] Sabemos de dois predicados monovalentes que distinguem entre as formas *realis* e *irrealis* (*taTcu-K* (RLS), *taTcu* (IRR) 'tomar banho', *hãPñã-K* (RLS), *hãPñã* (IRR) 'dançar'), porém possuem as propriedades sintáticas de verbos heterogêneos: seu único argumento é marcado pela posposição nominativa *te*, como em [*kaKcuP te*] *taTcu-K* 'a criança tomou banho'. Silva (no prelo) hipotetiza que estes predicados resultam diacronicamente de uma lexicalização de combinações de um verbo transitivo com um objeto: *taT* (não identificado) + *cu-K* (RLS), *cu* (IRR) 'plantar'; *hãP* 'terra' + *ñãK* 'lascar'. Semanticamente, é comum expressões idiomáticas (não composicionais) do tipo V + P se lexicalizarem como predicados monovalentes em diversas línguas do mundo, como ocorre nas expressões *levar o farelo* (= 'morrer', usado no Pará), *fazer a egípcia*, *rodar a baiana* ou *vestir a carapuça* em português brasileiro; *pelar bolas* (= 'estar sem dinheiro, liso') em espanhol venezuelano. Outro predicado semanticamente intransitivo que recebe um argumento S marcado por *te* NOM é *cyPceT* 'roubar' Para esse verbo, cujas formas *realis* e *irrealis* coincidem, é possível aplicar o argumento apresentado acima para *taTcu-K* e *hãPñã-K* ou, alternativamente, classificá-lo como heterogêneos. Veja-se também a discussão dos mesmos dados na tese de Silva (2020a, p. 220–221).

itens não eram predicados e nem compunham constituintes por si só, por desempenharem a função sintática de objeto direto do verbo *kacĩc*.

Uma vez explicada a origem do alinhamento nominativo-acusativo em orações encabeçadas por verbos heterogêneos, podemos proceder às diferentes construções que envolvem orações encabeçadas por verbos nativos: a que segue o padrão geral (modo *realis*), a imperativa (modo *irrealis*) e a de finalidade (modo *irrealis*). Os dados das línguas Jê Setentrionais tornam-se cruciais para a compreensão da evolução dessas construções, pois para cada uma das construções do Maxakalí é possível apresentar uma construção estruturalmente idêntica reconstruível para o Proto-Jê Setentrional (NIKULIN, SILVA, no prelo), permitindo projetar as respectivas estruturas diretamente para o Proto-Macro-Jê Oriental.

No tocante às construções **ergativas-absolutivas** do Proto-Jê Setentrional e do Maxakalí, constatamos a identidade quase total da codificação dos argumentos: o argumento A é expresso por um sintagma posposicional encabeçado pela posposição ergativa PJS **te*, Maxakalí *te* (< Proto-Macro-Jê Oriental **tê*), enquanto os argumentos P e S encontram-se expressos por um sintagma nominal (ou índice, no caso de argumentos de pessoa) no caso morfológico interno, tipicamente localizado imediatamente à esquerda do verbo. Tanto em PJS como em Maxakalí emprega-se uma forma verbal dedicada (denominada *não finita* nas línguas Jê, *realis* em Maxakalí). As respectivas construções nas línguas Jê Setentrionais e Maxakalí não apresentam intransitividade cindida. A única diferença formal, visível apenas nos argumentos de pessoa, diz respeito ao caso morfológico exigido pela posposição ergativa: nas línguas Jê Setentrionais, usa-se o caso acusativo (**ij-te* ‘1.ERG’, **a-te* ‘2.ERG’, **ku-te* ‘3.ERG’, **ba-te* ‘1+2.ERG’), ao passo que em Maxakalí há a ocorrência dos índices dativos (*ã te* ‘1.ERG’, *ca te* ‘2.ERG’, *ty te* ‘3.ERG’), os quais ocorrem com todas as posposições.

(5.40) Construção ergativa-absolutiva do Proto-Macro-Jê Oriental e seus reflexos em Proto-Jê Setentrional e em Maxakalí



Embora estruturalmente as construções ergativas-absolutivas do Proto-Jê Setentrional e do Maxakalí sejam praticamente idênticas, há importantes diferenças quanto a seu uso nas respectivas

línguas. Mais especificamente, nas línguas Jê Setentrionais a ocorrência dessas construções é fortemente associada com a subordinação sintática (a relação de subordinação dá-se também quando da presença dos operadores, que historicamente ocupavam a posição do predicado da oração principal e subordinavam a oração encabeçada pelo verbo lexical).[174] Em contraste, em Maxakalí tais construções ocorrem em quase todos os contextos, tanto em orações independentes (excetuando-se as imperativas) como em orações subordinadas (excetuando-se as construções de finalidade), inclusive precedendo operadores (tais como *huK* 'PROH', *kaʔuK* 'INTENS', *nãP* 'COMPL', *ʔaC* 'FUT', *taP* 'IAM').

Em um trabalho anterior, argumentamos que as línguas Jê Setentrionais são as que melhor preservam a situação original, enquanto o Maxakalí teria passado por uma inovação radical (NIKULIN, SILVA, no prelo). Uma evidência importante para essa afirmação provém do estreito paralelismo entre as propriedades morfossintáticas das formas verbais que encabeçam as construções ergativas-absolutivas (forma não finita em Proto-Jê Setentrional, forma *realis* em Maxakalí) e aquelas dos nomes flexionáveis. Esse paralelismo consiste nos seguintes dois fatos:

i. a obrigatoriedade da expressão do argumento interno (o possuidor nos nomes, o argumento S/P nos verbos), seja por meio de um sintagma nominal ou por meio de um índice de pessoa, imediatamente à esquerda do tema;[175]

ii. a utilização de uma única série de índices de pessoa para a codificação do argumento interno (PJS **ij-* '1', **ba-* '1+2', **a-/*g-* '2', **c-* '3'; MXK *K=* '1', *Kmỹ=* '1+3', *ã-* '2', *ỹ-* '3').

No caso do Proto-Jê Setentrional, tal situação não é de se estranhar, visto que a não-finitude é, essencialmente, uma espécie de nominalização. Quanto ao Maxakalí, acreditamos que essa língua exemplifica um cenário de evolução construcional tipificado por Gildea (2008). O autor observa que as semelhanças nas propriedades sintáticas entre orações independentes e sintagmas nominais normalmente se devem à origem nominal das formas verbais que ocupam, sincronicamente, a posição do predicado. Portanto, é plausível supor que as formas *realis* do Maxakalí continuam antigas formas não finitas. Dessa forma, hipotetizamos que na história do Maxakalí o uso da construção ergativa-absolutiva se expandiu ao ponto de ocupar todos os

[174] Em algumas línguas Jê Setentrionais, os reflexos da construção ergativa-absolutiva podem ocorrer em orações independentes, mas sempre com uma leitura aspectual/temporal específica, como o tempo passado recente em Canela (CASTRO ALVES, 2004) ou o perfeito resultativo ou genérico em Mẽbêngôkre (SALANOVA, 2007).

[175] Note-se que esta situação se observa apenas em construções ergativas-absolutivas do PJS e do Maxakalí. Nas demais construções, alguns verbos (mais especificamente, os intransitivos de argumento S_A) possuem apenas um argumento externo (cf. PJS **ba bôj* 'eu cheguei', **ba ŋõr* 'eu dormi'), cuja expressão é totalmente suprimida, por exemplo, em construções imperativas (cf. PJS **bôj* 'chega!', **ŋõr* 'dorme!').

espectros de uso da antiga construção ativa-inativa, à semelhança do desenvolvimento diacrônico reconstruído por nós para o Panará (ver subseção **5.2.1.2**). Além do Panará, há paralelos tipológicos de outras famílias linguísticas em que o alinhamento ergativo nas orações independentes se tornou dominante seguindo um percurso diacrônico análogo; exemplos da região amazônica incluem as línguas Makuxí e Kuhikuru/Kalapalo (família Caribe; GILDEA, 1998, p. 161–182).

As construções **imperativas** do Proto-Jê Setentrional e do Maxakalí são praticamente idênticas tanto estruturalmente como semanticamente, fazendo com que a reconstrução da respectiva construção do Proto-Macro-Jê Oriental não apresente complicações. Mostramos sua evolução em (5.41).

(5.41) Construção imperativa do Proto-Macro-Jê Oriental e seus reflexos em Proto-Jê Setentrional e em Maxakalí

Proto-Macro-Jê Oriental

***…**	**[P$^{\text{INT/ACC (?)}}$**	**V$_{\text{F}}$]**	*2.A
***…**		**V$_{\text{F}}$**	*2.S$_{\text{A}}$
***…**	**[2.S$_{\text{P}}$-$^{\text{INT}}$**	**V$_{\text{F}}$]**	

↙ ↘

Proto-Jê Setentrional

***…**	**[P$^{\text{ACC}}$**	**V$_{\text{F}}$]**	*2.A
***…**		**V$_{\text{F}}$**	*2.S$_{\text{A}}$
***…**	**[2.S$_{\text{P}}$-$^{\text{INT}}$**	**V$_{\text{F}}$]**	

Maxakalí

***…**	**[P$^{\text{INT}}$**	**V$_{\text{IRR}}$]**	*2.A
***…**		**V$_{\text{IRR}}$**	*2.S$_{\text{A}}$
***…**	**[2.S$_{\text{P}}$-$^{\text{INT}}$**	**V$_{\text{IRR}}$]**	

Observe-se que a forma verbal utilizada na construção imperativa do Maxakalí é analisada aqui como *irrealis*, pois seu uso é restringido à construção em questão e àquela de finalidade, enquanto nas línguas Jê Setentrionais ocorre a forma que analisamos como finita. Contudo, desde uma abordagem construcional a aparente discrepância é meramente superficial. Em nossa análise, a chamada forma *irrealis* engloba todos os contextos que não foram tomados pela antiga forma não finita, cujo uso, como vimos acima, se expandiu radicalmente na história do Maxakalí. Dessa forma, trata-se de uma simples mudança de rótulo.

Há mais uma diferença estrutural entre o PJS e o Maxakalí que diz respeito ao caso gramatical atribuído ao argumento P na construção imperativa. Em Maxakalí, o caso utilizado nesse contexto é o interno (índices de pessoa *K*= ‘1$^{\text{INT}}$’, *Kmỹ K*= ‘1+3$^{\text{INT}}$’, *ỹ*- ‘3$^{\text{INT}}$’). Nas línguas Jê Setentrionais, os índices pessoais que codificam o argumento P na construção imperativa são como segue: **ij*- ‘1$^{\text{INT/ACC}}$’, **ba*- ‘1+2$^{\text{INT/ACC}}$’, **a*- ‘2$_{\text{A}}$>3$_{\text{P}}$’, **c*- ‘3$^{\text{INT}}$’. Os primeiros dois são ambíguos no sentido de que podem instanciar o caso interno ou acusativo. Os índices de terceira pessoa, contudo, seguem o mesmo padrão encontrado nas orações independentes: os verbos

monossilábicos compatíveis com sufixos de não-finitude recebem o índice **a-* (resultado do efeito de hierarquia de pessoa, discutido na nota 140, como em **a-by* ‘pega-o!’); os demais recebem **c-*. Isso contrasta com a construção ergativa-absolutiva, em que todos os verbos transitivos ocorrem em sua forma não finita e recebem **c-* (por exemplo, **c-by-r* ‘pegá-lo’). Por esse motivo, utilizamos a notação P^{ACC} em (5.41) para representar a marcação de caso do argumento P na construção imperativa do Proto-Jê Setentrional. Entretanto, não encontramos vestígios do caso acusativo fora do ramo Cerratense e não podemos determinar com certeza se a distinção entre os casos interno e acusativo nessas línguas constitui uma retenção ou uma inovação. Os demais elementos das construções imperativas nas línguas Maxakalí e Jê Setentrionais coincidem totalmente, levando-nos a crer que as construções em questão são cognatas e podem ser reconstruídas para o Proto-Macro-Jê Oriental.

Finalmente, a construção de **finalidade** do Maxakalí apresenta notáveis semelhanças com a construção **coordenada** do Proto-Jê Setentrional. Semanticamente, esta última pode ter uma interpretação de finalidade, entre outras, como nos exemplos (5.13d–f) acima, que reproduzimos em (5.41) a seguir.

(5.41) PROTO-JÊ SETENTRIONAL (reconstrução nossa)

					[A	p-V_F]
a.	**ga*	*ij-mə̃*	*kẽn*	*ŋõ*	[*ba*	*ku-mẽ*]
	tu^{AG}	1^{ACC}-DAT	pedra	dar	[eu	3^{ACC}-jogar.SG]
	‘Tu me deste uma pedra para eu arremessá-la.’					
					[S	V_F]
b.	**ga*	*ij-mə̃*	*kẽn*	*ŋõ*	[*ba*	*ñỹ*]
	tu^{AG}	1^{ACC}-DAT	pedra	dar	[eu	estar_sentado.SG]
	‘Tu me deste uma pedra para eu me sentar.’					
					[S	s_P-V_F]
c.	**ga*	*ij-mə̃*	*kẽn*	*ŋõ*	*ba*	*ij-prõt*
	tu^{AG}	1^{ACC}-DAT	pedra	dar	[eu	1^{INT}-correr]
	‘Tu me deste uma pedra para eu correr.’					

A construção de finalidade em Maxakalí, como a imperativa, emprega a forma *irrealis* dos verbos. A mesma isonomia é observada nas línguas Jê Setentrionais, em que tanto a construção coordenada como a imperativa fazem uso da forma verbal finita. Como já dissemos acima, neste caso não se trata de uma verdadeira mudança estrutural: o rótulo “*irrealis*” significa apenas que a construção em questão não foi alvo da expansão da antiga forma não finita (→ “*realis*”). Portanto, no que diz respeito às formas verbais, há uma relação de identidade entre a construção de finalidade em Maxakalí e a construção coordenada das línguas Jê Setentrionais.

As semelhanças entre as construções supracitadas vão mais além das formas verbais. Em ambas, a codificação do argumento nominativo (S/A) segue o padrão de *switch reference*, rastreando, obrigatoriamente, a identidade entre o mesmo e aquele da oração anterior. Como mostramos em um trabalho dedicado a esse fenômeno (CASTRO ALVES, NIKULIN, em preparação), a correferência dos argumentos nominativos é indicada por meio do elemento conector *nỹC* (em Maxakalí) ou **nẽ* (em Proto-Jê Setentrional); nesse caso, a expressão do argumento nominativo da oração subsequente é suprimida por ser redundante (5.42a–b), exceto nas orações não finitas do Proto-Jê Setentrional (5.42c).

(5.42) MAXAKALÍ (reprodução de 5.36d)

	[S_i		V_{RLS}]	[cnj.A_i	p-V_{IRR}]
a.	[[*ãm*	*te*]	*hãP-ã-KtyC*]	[*nỹC*	*ã-ñỹmỹg-ã*]
	[[1SG^{DAT}	ERG]	ANTP-NCTG-dizer]	[FND.MS	2^{INT}=saber-CAUS.IRR]
	‘Eu estou falando para lhes dar informação.’				

PROTO-JÊ SETENTRIONAL (reconstrução de Castro Alves e Nikulin, em preparação)

	[S_{Ai}	V]	[cnj.A_i	p-V_F]
b.	[**ba*	*bôj*]	[*nẽ*	*ku-by*]
	[eu^{NOM}	chegar]	e.MS	3^{ACC}-pegar.SG
	‘Eu cheguei e o peguei.’ ou ‘Eu cheguei para pegá-lo.’			

	[S_{Ai}	V_F]	[cnj.A_i	A_I	p-V_{NF}	]
c.	[**ba*	*bôj*]	[*nẽ*	*ij-te*	*c-by-r*	*kêt*]
	[eu^{NOM}	chegar]	[e.MS	1^{ACC}-ERG	3^{INT}-pegar.SG-NF	NEG]
	‘Eu cheguei e não o peguei.’					

No caso da não-correferência entre os sujeitos nominativos das orações, as estratégias empregadas são como segue. O Maxakalí recorre aos elementos conectores *ỹ* ‘FND.1.SD’, *ca* ‘FND.2.SD’, *py* ‘FND.3.SD’ (5.43a–b). Em Proto-Jê Setentrional, as orações subsequentes cujo argumento nominativo é um participante do ato de fala justapõem-se às respectivas orações anteriores, introduzidas pelos respectivos pronomes: **ba* ‘eu’, **ga* ‘tu’, **gu* ‘eu e tu’ (note-se que enquanto esses pronomes codifiquem apenas os argumentos A e S_A no padrão geral, na construção em questão seu uso é estendido para o argumento S_P), como ilustramos em (5.43c). Na terceira pessoa, a estrutura empregada depende da semântica e/ou da estrutura da oração subsequente (os detalhes ainda não estão claros). As orações subsequentes finitas, ao menos aquelas com uma leitura de finalidade ou tempo futuro, são introduzidas pelo pronome de terceira pessoa **gê* (5.43d). A outra estratégia envolve o elemento conector **mə̃*, associado sobretudo a orações não finitas com uma leitura de ação consequente (5.43e).

(5.43) MAXAKALÍ (reprodução de 5.36a, c)

	[A_i[ERG]		P[INT]		V]	[cnj.A_j	V[INT]	P]
a.	[[*ãjyhyK*	*te*]	*K=ã-ceTaC*		*hũP*]	[*ỹ*	*puP*	*hãPcuP*]
	[[não-indígena	ERG]	1SG=NCTG-nome		dar.RLS]	[FND.1.SD	pegar.PL.IRR	comida]
	‘O não-indígena me autorizou que comprasse alimento.’							

	[A_i[ERG]		P[INT]	V]		[cnj.A_j	V]
b.	[[*ã-taK*	*te*]	*capyP*	*mỹ-K*]		[*py*	*PteC*]
	[[2[INT]-pai	ERG]	porco	pegar.SG-RLS]		[FND.3.SD	matar.SG.IRR]
	‘Papai pegou o porco para que (outro) pudesse abatê-lo.’						

PROTO-JÊ SETENTRIONAL (reconstrução de Castro Alves e Nikulin, em preparação)

	[S_{Ai}	R[DAT]	T[ACC]	V_F]		[A_j	p-V_F]
c.	[**kubẽ*	*a-mə̃*	*tep*	*ŋõ*]		[*ba*	*ku-ga*]
	[estrangeiro	2[ACC]-DAT	peixe	dar]		[eu[NOM]	3[ACC]-assar.SG]
	‘O estrangeiro te deu peixe para tu assares.’						

	[S_{Ai}[AG]	R[DAT]	T[ACC]	V_F]		[A_j	p-V_F]
d.	[**kubẽ*	*ku-mə̃*	*tep*	*ŋõ*]		[*gê*	*ku-ga*]
	[estrangeiro	3[ACC]-DAT	peixe	dar]		[FND.3.SD.F	3[ACC]-assar.SG]
	‘O estrangeiro$_i$ lhe deu peixe para ele$_{*i/j}$ assar.’						

	[S_{Ai}[AG]	R	T	V_F]	[cnj.A_j	A_j[ERG]	p-V_F	]
e.	[**kubẽ*	*ku-mə̃*	*tep*	*ŋõ*]	[*mə̃*	*ku-te*	*c-ə-r*	*kêt*]
	[estrangeiro	3[ACC]-DAT	peixe	dar]	[e.3.SD	3[ACC]-ERG	3[INT]-assar.SG-NF	NEG]
	‘O estrangeiro$_i$ lhe deu peixe e ele$_{*i/j}$ não o assou.’							

Pelo menos dois elementos conectores são cognatos entre o Maxakalí e as línguas Jê Setentrionais. Trata-se das conjunções MXK *nỹC* ~ PJS **nẽ* (argumento nominativo correferente) e MXK *py* ~ PJS **mə̃* (argumento nominativo de terceira pessoa não correferente), reflexos regulares de Proto-Macro-Jê Oriental **nẽc (~ *nẽñ°, *nẽj, *nẽj°)* e **mə̃*. Quanto aos elementos conectores que codificam argumentos participantes do ato de fala, não há cognação entre os elementos encontrados em Maxakalí e em Proto-Jê Setentrional. Provisoriamente, supomos que as conjunções do *ỹ* e *ca* do Maxakalí provêm de antigos pronomes agentivos, que poderiam possuir aproximadamente as mesmas propriedades morfossintáticas que os pronomes **ba, *ga, *gu* e **gê* do Proto-Jê Setentrional; no âmbito dessa hipótese, seria possível compará-las com os índices de pessoa nominativos encontrados em Karajá (*ã-* ‘1.RLS’, *ɗa-* ‘2.RLS’) e Rikbáktsa (*Ø-* ‘1SG’, *c(i)-* ‘2’) e reconstruir os pronomes **a* (primeira pessoa) e **ca* (segunda pessoa). Dessa forma, as construções discutidas seriam reflexos de uma construção do Proto-Macro-Jê Oriental semelhante estruturalmente àquela descrita acima para o Proto-Jê Setentrional. As orações subsequentes justapor-se-iam às anteriores se seu argumento nominativo era um pronome não correferente ao argumento nominativo da oração anterior; no caso de um argumento de

terceira pessoa, empregar-se-ia a conjunção **mə̃*. Se os argumentos nominativos de duas orações subsequentes eram correferentes, haveria a ocorrência da conjunção **nẽc (~ *nẽñ°, *nẽj, *nẽj°)*, com o apagamento do argumento nominativo da oração subsequente. Esquematizamos o percurso evolutivo proposto em (5.44).

(5.44) Construção coordenada do Proto-Macro-Jê Oriental e seus reflexos em Proto-Jê Setentrional e em Maxakalí

Proto-Macro-Jê Oriental

*[oração 1]	**[conj/A^{AG}**	**…**	**[P^{INT} V$_F$]]**
*[oração 1]	**[conj/S^{AG}**	**…**	**V$_F$]**
*[oração 1]	**[conj/S^{AG}**	**…**	**[S$_P$^{INT} V$_F$]]**

↙ ↘

Proto-Jê Setentrional		Maxakalí	
*[oração 1]	**[conj/A^{AG} … [P^{INT} V$_F$]]**	*[oração 1]	**[conj … [(P^{INT}) V$_{RLS}$ (P)]]**
*[oração 1]	**[conj/S^{AG} … V$_F$]**	*[oração 1]	**[conj … V$_{RLS}$]**
*[oração 1]	**[conj/S^{AG} … [S$_P$^{INT} V$_F$]]**	*[oração 1]	**[conj … V$_{RLS}$]**

Uma descrição mais detalhada das orações de finalidade em Maxakalí será necessária para reconstruir em detalhe a evolução da codificação dos argumentos S_P e P na construção em questão.

Acima vimos que para as três construções do Maxakalí (a ergativa-absolutiva, a imperativa e a de finalidade) é possível apresentar construções cognatas em Proto-Jê Setentrional, bem como suas possíveis fontes em Proto-Macro-Jê Oriental. A quarta construção do Proto-Macro-Jê Oriental — a ativa-inativa — não foi preservada na língua Maxakalí. Apesar de ter sido preservada apenas nas línguas Jê, podemos afirmar com um alto grau de certeza que não se trata de uma inovação exclusiva à família Jê e sim de uma perda da construção em Maxakalí, pois as construções imperativa e coordenada (facilmente reconstruíveis) são claramente baseadas na construção ativa-inativa e são secundárias em relação à mesma: na imperativa, o argumento agentivo (A/S_A) é suprimido; na coordenada, sua ocorrência é estendida para o argumento S_P (aparentemente porque de outra forma não haveria um elemento que pudesse servir de conector). As funções da antiga construção ativa-inativa foram tomadas por um reflexo da construção ergativa-absolutiva em Maxakalí.

5.2.3. Krenák

Em razão das limitações impostas pela situação sociolinguística do Krenák, a documentação dos aspectos morfossintáticos dessa língua apresenta importantes lacunas, sendo que o único trabalho que trata da questão é o de Seki (2004). Segundo a autora, o Krenák possui uma cisão

intransitiva. As diferenças entre as classes dos verbos intransitivos — os chamados verbos *ativos* e *descritivos* — jazem na incompatibilidade destes últimos com o pronomes *ti* ‘eu’ e *hoti* ‘tu’ (a autora menciona explicitamente apenas o primeiro destes) e com o marcador de presente contínuo *ʔĩ* (SEKI, 2004, p. 133–134). Os exemplos em (5.45a–f) instanciam o comportamento morfossintático dos verbos ativos e aqueles em (5.45g–l), o de verbos descritivos.

(5.45) KRENÁK (SEKI, 2004, p. 133–134, 138–139)

a.
S_A	V		
ti	*mũ-ŋ*	*nuk*	*ne*
eu^{AG}	ir-IND	NEG	FUT

‘Eu não irei.’

b.
S_A		V	
ŋ̊aŋtondon	*tə*	*puk*	*ʔĩ*
criança	?	chorar	CONT

‘A criança está chorando.’

c.
S_A	V		
ti	*mũ-ŋ*	*ne*	*a-nʃem-wa*
eu^{AG}	ir-IND	FUT	2-casa-ALL

‘Eu irei para a tua casa.’

d.
S_A	s_A-V		
hoti	*a-nĩ-ŋ*	*kuran*	*nuk*
tu^{AG}	2^{INT}-vir-IND	DESID	NEG

‘Não queres vir?’

e.
S_A		V	
hoti	*ŋg-we*	*mũ-ŋ*	*ne*
tu^{AG}	1SG-COM	ir-IND	FUT

‘Tu irás comigo?’

f.
S_A	s_A-V	
hoti	*a-nĩ-ŋ*	*ne*
tu^{AG}	2^{INT}-vir-IND	FUT

‘Tu virás?’

g.
s_P-V
ŋgiĩŋ-ton
1SG^{INT}-ser_feio/mau

‘Sou feio/mau.’

h.
s_P-V
a-rõn
2^{INT}-ser_comprido/alto

‘És alto.’

i.
s_P-V
a-rehe
2^{INT}-estar_bom

‘Estás bem?’

j.
S_P	V
wati	*ñõm*
milho	estar_verde

‘O milho está verde.’

k.
S_P	V
kuparak	*ŋ̊əkaraŋ*
onça	ser_pesado

‘A onça é pesada.’

l.
poss-S_P	V
[*ŋgiĩŋ-ŋ̊ak*]	*tondon*
[1SG^{INT}-terra]	ser_pequeno

‘Minha terra é pequena.’

As orações transitivas apresentam semelhanças àquelas encabeçadas por verbos ativos: além de serem compatíveis com o marcador de presente contínuo *ʔĩ*, o argumento A pode ser expresso por pronomes *ti* ‘eu’ e *hoti* ‘tu’ (assemelhando-se ao argumento S_A), os quais recebem, portanto, o rótulo de *pronomes agentivos*. Damos alguns exemplos em (5.46).

(5.46) KRENÁK (SEKI, 2004, p. 134)

a.
A	P	V	
ti	*krak*	*jaha*	*ʔĩ*
eu^{AG}	faca	procurar	CONT

‘Eu estou procurando a faca.’

b.
A	P	V
ŋ̊aŋtondon	*kuparak*	*pip*
criança	onça	ver

‘A criança viu a onça.’

c.
A	P	V	
ŋgraŋ	*ŋgoŋ*	*krop*	*ʔĩ*
cobra	cachorro	morder	CONT

‘A cobra está mordendo o cachorro.’

d.
A		P	V	
ŋ̊aŋtondon	[*kupirik*	*juk*]	*nʃorot*	*ʔĩ*
criança	[macaco	rabo]	puxar	CONT

‘A criança está puxando o rabo do macaco.’

Os pronomes agentivos opõem-se aos índices de pessoa *ŋgiĩŋ-* 1SG e *a-* 2. Ambos codificam os argumentos S_P e Poss nos dados disponíveis (5.45c, g–i, l); o índice de segunda pessoa possui ainda a função de S_A (5.45d, f), embora não categoricamente (cf. 5.45e sem o índice de S_A), e de complemento de posposição (não exemplificado nesta seção). Seki (2004, p. 132), ao discutir os índices de pessoa, diz que estes são usados "para codificar o possuidor, e certos alomorfes da primeira, da segunda e da terceira pessoas ocorrem como sujeito de descritivos e como objeto de verbos e posposições", sugerindo, portanto, que os índices em questão podem também codificar o argumento P; infelizmente, o trabalho citado carece de exemplos de argumentos P expressos por índices de pessoa.

Os dados referentes às orações não imperativas do Krenák, expostos acima, são compatíveis com a caracterização de sua morfossintaxe como agentiva-absolutiva: enquanto os argumentos A e S_A são alinhados no que diz respeito à ocorrência dos pronomes *ti* e *hoti*, os argumentos S e P aparentam compartilhar entre si a possibilidade de serem expressos por meio de índices de pessoa. Apesar da semelhança superficial desse sistema com a construção ativa-inativa das línguas Jê (e do Proto-Macro-Jê Oriental), abaixo argumentaremos que ele continua a construção **ergativa-absolutiva** do Proto-Macro-Jê Oriental.

Uma evidência baseia-se na hipótese de Nikulin e Silva (2020, p. 46), de acordo com a qual os pronomes *ti* 'eu' e *hoti* 'tu' do Krenák seriam reflexos da posposição ergativa do Proto-Macro-Jê Oriental flexionada para a primeira ou segunda pessoa (**Ø-tê, *a-tê*). As evidências das línguas Maxakalí e Jê mostram de forma inequívoca que a função original dessa posposição era a codificação do argumento A na construção ergativa-absolutiva. Se a proposta de Nikulin e Silva (2020, p. 46) está correta, seria necessário postular três inovações para o Krenák: (i) a extensão do uso de *ti, hoti* para a codificação do único argumento de uma parte dos verbos intransitivos (S_A); (ii) a desaparição da posposição ergativa nos demais ambientes; (iii) a opcional omissão dos índices de pessoa codificando o único argumento de uma parte dos verbos intransitivos (S_A), como em (5.45e). A cisão intransitiva do Krenák, portanto, não continuaria a cisão intransitiva do Proto-Macro-Jê Oriental, mas seria recriada por motivos pouco compreendidos através de uma inovação.

A outra evidência — ainda mais importante — consiste no fato de as formas verbais utilizadas nas orações não imperativas do Krenák corresponderem às formas *realis* do Maxakalí ou do Maxakalí Ritual, as quais também são associadas com a construção ergativa-absolutiva, como mostramos em (5.47). Lembramos ao leitor que as correspondências entre as codas do Maxakalí e do Krenák são como segue: MXK labiais ~ KNK labiais; MXK palatais ~ KNK dentais; MXK dentais/velares ~ KNK velares.

(5.47)	KRENÁK	MAXAKALÍ		PTSF	
		RLS	IRR	RLS	
a.	*wi**p***	*pi-**P***	*pihi*	**wi-p*	‘estar deitado.SG’
b.	*ka**k***	RIT *ca-**T*** ~ *ca-**t**-a(ha)*	*caha*	**k͡a-t*	‘chamar’
c.	*pu**k***	RIT *pu-**T*** ~ *pu-**t**-a(ha)*	*puhu*	**pu-t*	‘chorar’
d.	*po**ŋ***	REL*-pa-**K***	REL*-pa-C*	**po-ŋ*	‘ouvir’

Crucialmente para a proposta aqui apresentada, dois verbos do Krenák ainda preservam uma distinção entre duas formas que rotularemos aqui, para conveniência, de *indicativa* (aquela que aparece em orações não imperativas) e *imperativa*. Nos dois casos, a forma indicativa do Krenák corresponde perfeitamente à forma *realis* do Maxakalí, enquanto a forma imperativa do Krenák corresponde à forma *irrealis* do Maxakalí, a qual, como já dissemos acima, é utilizada na construção imperativa. Reproduzimos essas formas em (5.48).

(5.48)	KRENÁK		MAXAKALÍ		PTSF		
	IND	IMP	RLS	IRR	RLS	IRR	
a.	*mũ-ŋ*	*mũ*	*mũ-K*	*mũ*	**mũ-ŋ*	**mũ*	‘ir’
b.	*nĩ-ŋ*	*nĩ*	*nỹ-T*	*nỹ*	**nẽ-n*	**nẽ*	‘vir’

À luz desses dados, parece inevitável que as orações não imperativas do Krenák possuam a mesma origem que a construção ergativa-absolutiva do Maxakalí, das línguas Jê e do Proto-Macro-Jê Oriental. Aparentemente, a expansão da antiga construção ergativa-absolutiva para o contexto que denominamos “padrão geral” (orações independentes não imperativas), descrita em detalhe na subseção anterior, ocorreu ainda na protolíngua do ramo Transanfranciscano, substituindo a construção ativa-inativa que haveria sido utilizada nessa função em um estágio anterior. Posteriormente à dissolução do Proto-Transanfranciscano, o Krenák teria passado por inovações adicionais, recriando uma cisão intransitiva e fazendo com que o alinhamento ergativo-absolutivo cedesse espaço a um padrão agentivo-absolutivo. A posposição ergativa teria deixado de existir, fossilizando-se apenas nas formas *ti* e *hoti* (hoje pronomes agentivos e não ergativos). Esquematizamos o percurso provisoriamente proposto para as orações não imperativas do Krenák em (5.49) abaixo.

(5.49)

PROTO-MACRO-JÊ ORIENTAL			condicionamento
***[A^{INT} *tê*]**	**…**	**[P^{INT} V$_{NF}$]**	orações subordinadas
*****	**…**	**[S^{INT} V$_{NF}$]**	
↓			
PROTO-TRANSANFRANCISCANO			
***[A^{INT} *tê*]**	**…**	**[P^{INT} V$_{RLS}$]**	padrão geral
*****	**…**	**[S^{INT} V$_{RLS}$]**	
↓			
KRENÁK			
***A^{AG}**	**…**	**[P^{INT} V$_{RLS}$**	padrão geral
***A^{AG}**	**…**	**(S$_A$^{INT}-)V$_{RLS}$**	
*****	**…**	**[S^{INT} V$_{RLS}$]**	

Encerramos esta subseção com um comentário relativo à construção imperativa do Krenák. Devido à escassez extrema de dados sincrônicos relevantes, não podemos reconstruir seu percurso diacrônico com um grau minimamente alto de certeza. Como já vimos acima, a forma verbal que ocorre nessa construção é cognata da forma *irrealis* do Maxakalí e, por conseguinte, da forma finita das línguas Jê e do Proto-Macro-Jê Oriental (KNK *mũ* ‘vai!’ ~ MXK *mũ* ‘vai!, ir.IRR’ ~ PJ **mũ* ‘vão! / venham!’ < PMJOr **mũ* ‘ir/vir.PL.F’; KNK *nĩ* ‘vem!’ ~ MXK *nỹ* ‘vir.IRR’ ~ PJ **tẽ* ‘vai! / vem!’ < PMJOr **tẽ* ‘ir/vir.SG.F’). Pelo menos uma parte dos verbos intransitivos não apresenta marcação de seu único argumento na construção imperativa: *mũ* ‘vai!’, *nĩ* ‘vem!’, *cik* ‘desce!’, *mbaŋ* ‘sai!’, tal como ocorre com os verbos intransitivos de argumento S$_A$ nas línguas Maxakalí e Jê Setentrionais. Infelizmente, não dispomos de nenhum exemplo de um verbo descritivo ocorrendo em uma oração imperativa; esperaríamos que tais verbos ocorressem com um índice de segunda pessoa, como em Maxakalí e nas línguas Jê Setentrionais. Quanto aos verbos transitivos, pelo menos alguns deles apresentam o mesmo comportamento que é atestado nas línguas Maxakalí e Jê, ocorrendo com o argumento P anteposto sem que o argumento A seja expresso, como em (5.50a). Um exemplo, reproduzido em (5.50b), segue um padrão que foge totalmente às regularidades observadas em outras línguas Macro-Jê: nele, o argumento A aparece indexado entre o verbo e o argumento P anteposto. Não excluímos a possibilidade de tratar-se de um erro de transcrição, pois o suposto índice de pessoa *a-* é precedido, neste exemplo, por um sintagma nominal que termina em *a* (*ki-jem ṃa* ‘porta’).

(5.50) KRENÁK (SEKI, 2004, p. 141)

	[P	V]	V	(*A)		P	a-V
a.	*kon*	*jop*	*mbut*		b.	[*ki-jem ̪ma*]	*a-pok*
	INDEF	beber	parar			[3-casa buraco]	2-fechar
	‘Para de beber isso!’					‘Fecha a porta!’	

Uma análise mais aprofundada da morfossintaxe do Krenák poderá ser elaborada somente na hipótese de que dados adicionais (de preferência, novos dados coletados juntos aos falantes dessa língua) sejam considerados.

5.3. Morfologia de finitude

Nas seções anteriores, discutimos quatro construções reconstruíveis para o Proto-Macro-Jê Oriental, abordando sua estrutura com um enfoque no alinhamento morfossintático e descrevendo sua evolução em seis sub-ramos diferentes. Em todas as línguas analisadas, os verbos apresentam uma categoria flexional com uma distinção entre, no mínimo, duas formas cujo uso é condicionado pelo tipo de construção em que o verbo ocorre. Os dados das línguas Macro-Jê Orientais convergem apontando ao seguinte padrão original: as construções ativas-inativas (padrão geral, imperativa, coordenada) do Proto-Macro-Jê Oriental exigiam que o verbo ocorresse em uma forma que chamamos acima de ***finita***, ao passo que a construção ergativa-absolutiva era caracterizada pela ocorrência do verbo em sua forma ***não finita***. O Quadro 5.9 sintetiza o que foi dito acima sobre o alinhamento em orações encabeçadas por verbos heterogêneos.

Proto-Macro-Jê Oriental			novos valores da categoria de finitude
forma	finita	não finita	
condicionamento	padrão geral, imperativa, coordenada	subordinada	
Proto-Jê Setentrional			
forma	finita	não finita	
condicionamento	padrão geral, imperativa, coordenada	subordinada	
Panará			
forma	*extinta*	*realis*	*irrealis*
condicionamento	N/A	padrão geral	modo *irrealis*

Proto-Akuwẽ			
forma	finita	não finita	não finita truncada
condicionamento	padrão geral, imperativa	subordinada, clíticos de número	argumento nominativo de segunda pessoa
Proto-Jê Meridional			
forma	finita	não finita	finita II
condicionamento	independente (sem operador)	subordinada, estativa	padrão geral
Maxakalí			
forma	*irrealis*	*realis*	
condicionamento	imperativa, finalidade	padrão geral	
Krenák			
forma	imperativa	indicativa	
condicionamento	imperativa	padrão geral	

Quadro 5.9. A evolução da categoria de finitude nas línguas Macro-Jê Orientais

Na seção **5.2** acima, nossos argumentos utilizados na identificação de construções cognatas se limitaram ao domínio da morfossintaxe: de fato, o conjunto das semelhanças morfossintáticas entre determinadas construções das línguas Macro-Jê Orientais aponta, por si só, a sua origem comum. Porém nada dissemos sobre a **morfologia** das formas finitas e não finitas do Proto-Macro-Jê Oriental ou das línguas Macro-Jê Orientais contemporâneas. Apesar de estarmos longe de uma reconstrução definitiva da morfologia de finitude do Proto-Macro-Jê Oriental, expomos abaixo algumas considerações preliminares acerca desse tema.

Primeiramente, é necessário notar que os verbos descritivos (a subclasse dos verbos intransitivos cujo único argumento compartilha mais propriedades morfossintáticas com o argumento P dos transitivos) tipicamente **não** apresentam nenhum tipo de marcação formal de finitude, possivelmente refletindo sua origem nominal. Damos alguns exemplos em (5.51).

(5.51) MAXAKALÍ, verbos de argumento S_P

a. *ti* (RLS = IRR) ‘estar.PL’
b. *kteteC* (RLS = IRR) ‘estar pendurado.PL’
c. *ñ̃iC* (RLS = IRR) ‘falar’

PROTO-JÊ SETENTRIONAL

d. **jaka* (F = NF) ‘ser branco’
e. **kaŋgro* (F = NF) ‘estar quente’
f. **prõt* (F = NF) ‘correr’

g.	**krĩ*	(F = NF)	‘estar sentado.PL’
h.	**mbec*	(F = NF)	‘ser bom’
	exceção:		
i.	**kato* (F), **kator* (NF)		‘sair’

Dos demais verbos — intransitivos ativos e transitivos — muitos apresentam um sufixo monoconsonantal nos reflexos da forma não finita em comparação com as respectivas formas finitas.[176] Em Proto-Jê Setentrional, os sufixos de não-finitude incluem **-r*, **-ñ* (apenas transitivos), **-k* (apenas intransitivos), **-m* (apenas intransitivos), **-c* (um verbo intransitivo), que correspondem a Proto-Akuwẽ **-rV/*-ri*, **-j*, **-kV*, **-m*, **-ci* e continuam PCerr **-r(’), *-ñ’, *-k, *-m’, *-c* (5.52; ver NIKULIN, SALANOVA, 2019 para uma reconstrução minuciosa da morfologia de finitude do Proto-Jê Setentrional). Nas línguas Jê Meridionais, há verbos que recebem **-n*, **-ñ* ou **-ŋ* na forma não finita (5.53). Em Maxakalí, os sufixos de não-finitude incluem *-K*, *-ta* (alterna com *-T* em Maxakalí Ritual), *-P*, *-T* (5.54); desses, os últimos três ocorrem apenas em verbos intransitivos, ao passo que *-K* pode ocorrer em verbos transitivos ou intransitivos. Em Krenák, as formas não finitas do Proto-Macro-Jê parecem ter sido generalizadas como o padrão geral da língua; os dois únicos verbos para os quais a flexão cognata foi documentada apresentam o sufixo *-ŋ* e são intransitivos (5.55).

(5.52) PROTO-CERRATENSE

	F	NF	
a.	**cwa*	**cwa-r’*	‘pedir’
b.	**ajə*	**jəp-r*	‘entrar.SG’
b.	**ŋgja*	**ŋgja-ñ*	‘inserir.PL’
b.	**ty(r)*	**tyk*	‘morrer’
b.	**tẽ*	**tẽ-m*	‘ir.SG’
d.	**aŋgja*	**ŋgja-c*	‘entrar.PL’

(5.53) PROTO-JÊ MERIDIONAL

	F.I	NF	
a.	**θə*	**θa-n*	‘quebrar milho’
b.	**jaŋcu*	**jaŋcu-n*	‘moquear’
c.	**kykũ*	**kykũ-ñ*	‘limpar’
d.	**ŋgrə*	**ŋgra-ñ*	‘debulhar milho’
e.	**tĩ*	**tĩ-ŋ*	‘ir.SG’
f.	**jã*	**jã-ŋ*	‘ficar em pé.SG’

[176] Nas línguas Cerratenses, apenas verbos transitivos, mas não os intransitivos ativos, podem possuir formas finita e não finita idênticas (**pro* F = NF ‘cobrir’, **kre* F = NF ‘plantar’). Em Maxakalí, isso pode ocorrer tanto em verbos transitivos (*pa* RLS = IRR ‘pegar.INAN.SG’, *pyT* RLS = IRR ‘pegar.ANIM.SG’) como em intransitivos de argumento S_A (*mãP* ‘estar sentado.PL’, *ciP* ‘estar’).

(5.54) MAXAKALÍ

	IRR	RLS	
a.	*cu*	*cu-K*	‘plantar’
b.	*kuca*	*kuca-K*	‘acordar’
c.	*kte*	*kte-C* /kte-K/	cantar’
d.	*pu*	*pu-ta*	‘chorar’
e.	*tuP*	*tup-a* /tup-ta/	‘voar’
f.	*pi*	*pi-P*	‘estar deitado.SG’
g.	*nỹ*	*nỹ-T*	‘sorrir, rir’

(5.55) KRENÁK

	IMP	IND	
a.	*mũ*	*mũ-ŋ*	‘ir’
b.	*nĩ*	*nĩ-ŋ*	‘vir’

Apesar de existirem certas semelhanças na expressão morfológica da não-finitude entre as línguas Macro-Jê Orientais, são poucos os verbos que apresentam morfologia de finitude claramente cognata nas línguas Cerratenses, Jê Meridionais, Maxakalí e Krenák. Listamos os exemplos mais claros, com eventuais cognatos em Karajá, em (5.56) a seguir.

(5.56) Morfologia de finitude cognata nas línguas Macro-Jê (Orientais)

a. PMJ **mbu* (F), **mbu-r* (NF) ‘chorar’
   PJ **mbô* (F), **mbô-r* (NF)
      PJS **mbû* (F), **mbə̂-r* (NF)
   PTSF **pu* (IRR), **pu-t* (RLS)
      MXK *pu* (IRR), *pu-t-a* (RLS)
      RIT *pu* (IRR), *pu-T* (RLS)
      KNK *puk* (continua a forma *realis*)
   PK **bu*, NMLZ **bu-r*

b. PMJ **tup* (F), **tup-r* (NF) ‘voar.SG’
   PJ **to*^{P} (F), **top-r* (NF)
      PCerr **to* (F), **top-r* (NF)
      PJM **tã* (vb. **tã-m*)
   PTSF **tôp* (IRR), **tôp-t* (RLS)
      MXK *tup* (IRR), *tup-a* /tup-t-a/ (RLS)

c. PMJ **ky* (F), **ky-r* (NF) ‘gritar’
   PJ **ky* (F), **ky-r* (NF)
      PCerr **ky/*ky-r*
      cf. PJM vb. **ky-n* ‘tocar instrumento, fazer ruído’
   PTSF **ka* (IRR), **ka-t* (RLS)
      MXK *ca* (IRR), *ca-t-a* (RLS)
      RIT ? (IRR), *ca-T* (RLS)
      KNK *kak* ‘chamar’ (continua a forma *realis*)

d. PMJ **kwy-c* (F), **kwy-ŋ°* (NF) ‘assoprar’
PJ **-kə̂ɪ* (F), **-kə̂ɪ-k* (NF); **(ka-)kə̂ɪk* ‘vento’
PCerr **(ka-)kôk* ‘vento’; mas **-kô* (F), **-kô-r* (NF) — alomorfe inovador
PJM **kã-kə* (vb. **kã-kə-n*) ‘vento’
PTSF **kwy-c* (IRR), **kwy-ŋ* (RLS)
MXK *kuy-C* (IRR), *kuy-K* (RLS)

e. PMJ **mbâ-c* (F), **mbâ-ŋ°* (NF) ‘ouvir, saber’
PJ **-mba* (F), **-mba-k* (NF)
PCerr **ja-mba* (F), **ja-mba-k* (NF) ‘escutar’; PJS **jambak* ‘orelha’; mas **mba* (F), **mba-r’* (NF) ‘ouvir’ — alomorfe inovador
PJM **mã* (F = NF)
PTSF **po-c* (IRR), **po-ŋ* (RLS)
MXK REL-*pa-C* (IRR), REL-*pa-K* (RLS)
KNK *poŋ* (continua a forma *realis*)

f. PMJ **ũr°* (F), **ñ-ũt°* (NF) ‘dormir’
PJ **ũr* (F), **ñũt* (NF)
PCerr **hõr* (F), **ñõt* (NF)
PJM **nũr* (continua a forma NF)
PTSF **hũt* (IRR), **ñũt* (RLS)
MXK *mũ-hũT* (IRR), *mũ-ñũT* (RLS)
PK **õrõ* (continua a forma F)
OFA *wõĕʔ*$_{G}$, *õê*$_{MP/JS}$ (continua a forma F); *jõr*$_{ER}$ (continua a forma NF)
RKB *uru* (continua a forma F)
PJab **nũtã* (continua a forma NF)

Nos exemplos (5.56d–e), as línguas Cerratenses apresentam uma forma não finita não etimológica, marcada por meio do sufixo **-r(’)* NF, extremamente comum nas línguas Cerratenses, porém a forma conservadora (com o sufixo **-k* < PMJ **-ŋ°*) é preservada em derivados, tais como PCerr **(ka-)kôk* ‘vento’ (provavelmente uma antiga forma não finita do verbo ‘assoprar’) e **ja-mba-k* ‘escutar.NF’ (a forma não finita de **ja-mba*, etimologicamente um plural do verbo ‘ouvir’; essa forma não finita passou a significar também ‘orelha’ nas línguas Jê Setentrionais). O Maxakalí apresenta ainda uma coda palatal nas formas *irrealis* dos verbos em (5.56d–e), que derivamos de PMJ **-c* (essa coda desaparecia regularmente nas línguas Jê e, portanto, não deixou vestígios). O verbo ‘dormir’ (5.56f) apresenta uma alternância na margem esquerda tanto nas línguas Jê Setentrionais como em Maxakalí; nas línguas Jê Setentrionais, há alguns outros verbos que a apresentam (NIKULIN, SALANOVA, 2019), porém sem paralelos conhecidos em outras línguas Macro-Jê.

Alguns pares de formas *irrealis* e *realis* das línguas Transanfranciscanas possuem uma correspondência formalmente impecável nas línguas Jê Meridionais: nesses casos, o Maxakalí (e o Proto-Transanfranciscano) apresenta acréscimo ou substituição de coda silábica na forma

realis, ao passo que as línguas Jê Meridionais apresentam formas finita I e não finita idênticas, o que poderia ser atribuído à perda diacrônica da maioria das codas nesse sub-ramo (5.57).

(5.57) Morfologia de finitude das línguas Transanfranciscanas correspondendo a zero nas línguas Jê Meridionais

	PTSF			MXK		KNK		PJM
	IRR	RLS		IRR	RLS	IRR	RLS	F.I = NF
a.	**mũ*	**mũ-ŋ*	‘ir’	*mũ*	*mũ-K*	*mũ*	*mũ-ŋ*	**mũ* ‘ir.PL’
b.	**nẽ*	**nẽ-n*	‘vir’	*nỹ*	*nỹ-T*	*nĩ*	*nĩ-ŋ*	**tĩ* ‘ir.SG’
c.	**pi*	**pi-k* ~ **pi-ŋ*	‘lavar’	*pi*	*pi-C*	—	—	**-pê*
d.	**wẽ-c*	**wẽ-ŋ*	‘mostrar’	*mỹ-C*	*mỹ-K*	—	—	**wĩ* ‘falar’
e.	**je*	**je-k*	‘pôr deitado’	*ce*	*ce-C*	—	*jek*	**θ-i*

A princípio, seria possível reconstruir, com base nesses dados, formas PMJ tais como **mũ-ŋ(°)* ‘ir.PL.NF’, **tẽ-n°* ‘ir.SG.NF’, **pi-k(°) ~ *pi-ŋ(°)* ‘lavar.NF’, **wẽ-ŋ(°)* ‘mostrar’, **je-k(°)* ‘colocar deitado.SG.NF’. Entretanto, é necessário exercer cautela no que tange à interpretação diacrônica da situação observada: como múltiplos segmentos do Proto-Macro-Jê podem corresponder a zero em Proto-Jê Meridional em coda, a origem PMJ dos sufixos encontrados nas línguas Transanfranciscanas carece de uma confirmação externa convincente. Em particular, quase todos os verbos dados em (5.57) possuem equivalentes no ramo Cerratense que apresentam morfologia de não-finitude não cognata: PCerr **mõ-r’* ‘ir.PL.NF’ (5.57a), **tẽ-m’* ‘ir.SG.NF’ (5.57b), **wẽ-r(’)* ‘mostrar, falar’ (5.57d), **ji-r(’)* ‘colocar deitado.SG.NF’ (5.57e).

Em resumo, até o presente pudemos reconstruir apenas dois padrões recorrentes de morfologia de (não-)finitude para o Proto-Macro-Jê Oriental: (i) sem marcação F / **-r* NF (‘chorar’, ‘voar.SG’, ‘gritar’), (ii) **-c* F / **-ŋ°* NF (‘assoprar’, ‘ouvir, saber’, ? ‘mostrar’). Notamos ainda que o uso dos reflexos de PMJ **-r* NF é muito difundido no ramo Cerratense (PCerr **-r(’)*) e em Karajá (PK **-r* NMLZ; cf. RIBEIRO, 2012b, p. 277ff, que propõe a origem comum do nominalizador do Karajá e do sufixo de não-finitude das línguas Cerratenses). No ramo Jê Meridional, **-r* é refletido como PJM **-n*, mas ocorre em pouquíssimos verbos (por exemplo, em PJ **ŋgre-r* ‘dançar, cantar.NF’ > PJM **ŋgra-n* ‘dançar.NF’, PCerr **ŋgre-r*); nas línguas Transanfranciscanas, identificamos apenas três verbos que refletem esse alomorfe (PTSF **-t* > MXK *-t-a*, RIT *-T*, KNK *-k*). A reconstrução da morfologia de finitude do Proto-Macro-Jê é, portanto, fragmentária na atual etapa da nossa investigação. Talvez uma comparação sistemática dos dados das línguas Macro-Jê Orientais com os do Karajá possa esclarecer, em futuras pesquisas, a evolução da morfologia de finitude nessas línguas.

5.4. Conclusão

Neste capítulo, argumentamos que as línguas Macro-Jê Orientais permitem reconstruir, no mínimo, quatro construções encabeçadas por verbos para a protolíngua desse ramo. Três dessas construções — a de *padrão geral*, a *imperativa* e a *coordenada* — manifestavam intransitividade cindida e se caracterizavam pela ocorrência do verbo em sua forma *finita*. A quarta construção — a *subordinada* — seguia um alinhamento estritamente ergativo-absolutivo (sem a cisão intransitiva) e encabeçava-se por um verbo em sua forma *não finita*. As formas não finitas dos verbos assemelhavam-se a nomes flexionáveis no que diz respeito à expressão de seu argumento interno, possivelmente refletindo sua origem nominal.

Em seguida, discutimos a evolução do sistema reconstruído em diversas línguas do ramo Oriental do tronco Macro-Jê. O sistema original foi mais bem preservado nas línguas Jê Setentrionais e, com a exceção da construção de padrão geral, em Maxakalí. Na história do Panará e das línguas Transanfranciscanas, houve uma expansão radical da construção ergativa-absolutiva, a qual passou a representar o padrão geral dessas línguas.

Capítulo VI.
Considerações finais

Esta tese apresenta os resultados de um estudo histórico-comparativo das línguas pertencentes ao tronco Macro-Jê, que teve por objetivo fornecer uma reconstrução da fonologia, de elementos da morfossintaxe e de uma parte do léxico de sua língua ancestral.

No capítulo **1**, apresentamos informações sociolinguísticas básicas sobre as línguas que acreditamos pertencerem a esse tronco linguístico, bem como sobre os respectivos povos. Além disso, fizemos alguns comentários acerca do método histórico-comparativo e apresentamos um sobrevoo dos estudos anteriores que aplicaram esse método às línguas Macro-Jê. No final do capítulo, explicitamos as convenções utilizadas quando da apresentação dos dados linguísticos nesta tese.

Em seguida, reavaliamos a constituição do tronco Macro-Jê, que tem sido objeto de debate na literatura (capítulo **2**). Concluímos que apenas as famílias Jê, Jaikó, Maxakalí, Krenák, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí devem ser incluídas no tronco Macro-Jê; consideramos a família Chiquitana relacionada ao tronco, porém em um nível mais profundo. Contrariamente a ideias anteriores de alguns autores, excluímos as famílias Boróro, Yaathê, Purí, Guató, Karirí e Otí da proposta, mas não descartamos a possibilidade de uma relação genética distante entre as línguas Boróro e Karirí e o tronco Macro-Jê. Além disso, avaliamos como plausível a hipótese de parentesco distante entre os troncos Macro-Jê e Tupí.

No capítulo **3**, abordamos a reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê. Reconstruímos para essa protolíngua o seguinte inventário: */p, m, w, t, n, r, c, ñ, j, k, ŋ/ (consoantes) + */a, â, ə, ə̂, y, o, ô, u, e, ê, i, ə̃, ỹ, ũ, ẽ, ĩ/ (vogais). A estrutura silábica máxima do Proto-Macro-Jê reconstrói-se como */CrVC°/, onde */°/ representa a chamada vogal eco. Apenas as não-contínuas periféricas (labiais e velares) podiam formar *onsets* ramificados com o rótico: */pr, mr, kr, ŋr/. As nasais subjacentes */m, n, ñ, ŋ/ apresentavam ainda um padrão alofônico de blindagem nasal, resultando na existência de segmentos de contorno pós-oralizados quando da coocorrência de *onsets* nasais subjacentes com núcleos orais (e, possívelmente, de segmentos pré-oralizados quando da coocorrência de codas nasais subjacentes com núcleos orais). No mesmo capítulo, expusemos a nossa hipótese relativa ao subagrupamento do tronco Macro-Jê, discutindo a possibilidade de agrupar algumas de suas famílias constituintes em dois grandes ramos (“Macro-Jê Oriental” e “Macro-Jê Ocidental”). O primeiro deles compreenderia as fa-

mílias Jê, Jaikó e Transanfranciscana (Maxakalí, Krenák, Kamakã). O segundo incluiria as línguas Ofayé, Rikbáktsa e Jabutí. A família Karajá não demonstra afinidades com nenhum desses grandes ramos.

O restante da tese é dedicado à reconstrução de elementos da morfossintaxe do Proto-Macro-Jê. À semelhança da maioria das línguas Macro-Jê contemporâneas, essa protolíngua se reconstrói como uma língua de núcleo final. Uma subclasse de nomes (os chamados nomes flexionáveis, ou relacionais), uma subclasse de verbos intransitivos (os chamados verbos descritivos) e a totalidade dos verbos transitivos e das posposições exigiam que seu argumento fosse expresso imediatamente à esquerda do tema, ora por meio de um sintagma nominal, ora por meio de um índice de pessoa. A morfossintaxe da indexação de pessoa em Proto-Macro-Jê é discutida no capítulo **4**, em que reconstruímos os índices de pessoa **a-* 2, **i-* 3NCRF e **ta-* 3CRF. Uma subclasse de temas, iniciados por */j-/ (consoante temática), recebia alomorfes diferenciados dos índices de pessoa (**Ø-* 2, **c-* 3NCRF, **t-* 3CRF), incorrendo na queda da consoante temática. Para a primeira pessoa, reconstrói-se a inexistência de índices de pessoa dedicados na protolíngua; dessa forma, acreditamos que diversas línguas Macro-Jê inovaram criando novos índices de primeira pessoa através da gramaticalização de pronomes.

O capítulo **5** discorreu sobre o alinhamento morfossintático e a finitude verbal em Proto-Macro-Jê Oriental (a língua ancestral das famílias Jê, Maxakalí, Krenák e Kamakã. Foi-nos possível reconstruir quatro construções encabeçadas por verbos, ou quatro tipos de orações. Em contextos de subordinação sintática, as orações seguiam um padrão ergativo-absolutivo de alinhamento morfossintático; os verbos que as encabeçavam recebiam marcação explícita de não-finitude. As orações finitas (independentes de padrão geral, imperativas e coordenadas) apresentavam uma cisão intransitiva, a qual se manifestava na codificação diferenciada do único argumento de duas subclasses de predicados monovalentes. As orações imperativas divergiam daquelas de padrão geral no que tange à expressão de seu argumento agentivo (A/S_A), obrigatória nas orações de padrão geral e inibida nas imperativas. As orações coordenadas conectavam-se às anteriores por meio de um elemento que rastreava a identidade do sujeito (argumento nominativo, A/S), configurando, assim, um padrão de referência cruzada. No caso de sujeitos correferentes, utilizava-se a conjunção **nẽc (~ -j, -ñ)* 'e.MS', ao passo que o argumento agentivo da oração subsequente não se expressava explicitamente. A não-correferência entre os sujeitos marcava-se por meio da justaposição das orações, sendo a oração subsequente introduzida por um pronome agentivo ou (na terceira pessoa) pelo elemento conector **mə̃* 'e.SD'.

Estamos cientes de que a proposta aqui apresentada necessariamente contém pelo menos algumas interpretações equivocadas, inevitáveis em qualquer estudo de cunho comparativo de

um agrupamento genético altamente diversificado. Futuros avanços na documentação das línguas Macro-Jê e nos estudos comparativos de agrupamentos específicos desse tronco, sem dúvida, permitirão aperfeiçoar a nossa proposta reconstrutiva.

Esperamos que esta tese, além de cumprir com seu objetivo pretendido, sirva também de estímulo para futuras pesquisas relacionadas à documentação e descrição de línguas Macro-Jê. Para tanto, procuramos sistematizar as informações acumuladas até o presente acerca de alguns aspectos dessas línguas, propondo, na medida do possível e quando justificado, uma análise uniforme para determinados fenômenos fonológicos e gramaticais. Além disso, apontamos para a possibilidade de utilizar os **Apêndices B–D**, que contêm diversos conjuntos de cognatos organizados em formato de tabela, para a identificação de lacunas existentes na documentação do léxico das línguas da família Jê.

Futuros estudos histórico-comparativos das línguas Macro-Jê deverão se focar na identificação de novos conjuntos de cognatos (de preferência, tais que não estejam em desacordo com as correspondências sonoras aqui identificadas), bem como no refinamento da reconstrução fonológica do Proto-Macro-Jê e do nosso entendimento das leis sonoras que operaram na história fonológica de famílias e línguas individuais. Outra direção para futuras investigações consiste na comparação dos dados reconstruídos para o Proto-Macro-Jê com aqueles de outras (proto)línguas da América do Sul (tais como Chiquitano, Boróro, Karirí e o Proto-Tupí), com a finalidade de identificar sinais indicadores de parentesco genético e contato de línguas.

Referências

ABREU, E. R. R. de. *Descrição do sistema pronominal na estrutura frasal em Kaingang.* 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2009.

ADAM, L.; HENRY, V. *Arte y vocabulario de la lengua chiquita.* Paris: Maisonneuve y Cia, 1880. 136 f.

ADELAAR, W. F. H. Relações externas do Macro-Jê. O caso do Chiquitano. In: TELLES, S. V. T. de A. P. L.; PAULA, A. S. de (Orgs.). *Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Nectar, 2008. p. 9–28.

AIKHEVALD-ANGENOT, A. Y.; ANGENOT, J.-P. The South-American Proto-Ge and the Old World. In: SHEVOROSHKIN, V. V. (Org.). *Nostratic, Dene-Caucasian, Austric and Amerind. Materials from the First International Interdisciplinary Symposium on Language and Prehistory, Ann Arbor, 8–12 November, 1988.* Bochum: Universitätsverlag Dr. Norbert Brockmeyer, 1992. p. 403–418.

AIKIO, A. (L. S. S. Á.). Notes on the development of some consonant clusters in Hungarian. In: HOLOPAINEN, S.; SAARIKIVI, J. (Eds.). *Περὶ ὀρθότητος ἐτύμων. Uusiutuva uralilainen etymologia.* Helsinque: Suomalais-Ugrilainen Seura, 2018. p. 77–90. (Uralica Helsingiensia, v. 11.)

ALBUQUERQUE, F. E. *Gramática pedagógica da língua Apinajé.* Goiânia: Editora da PUC-Goiás, 2011. 140 f.

ALBUQUERQUE, F. E. (Org.). *Dicionário Escolar Apinayé:* Panhĩ kapẽr–kupẽ kapẽr, Apinayé–português. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras–UFMG, 2012a. 80 f.

ALBUQUERQUE, F. E. (Org.). *Texto e leitura*: uma prática pedagógica das escolas Apinayé e Krahô. Goiânia: América, 2012b. 144 f.

ALBUQUERQUE, F. E. (Org.). *Ciências Krahô.* Campinas: Pontes, 2016. 173 p.

ALBUQUERQUE, F. E.; KRAHÔ, R. Y. (Orgs.) *Gramática pedagógica Krahô.* Campinas: Pontes, 2016. 163 f.

ALMEIDA, L. de. *A marcação (tempo), modo e aspecto na língua Kaingáng:* uma proposta de análise. 2008. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2008.

ALMEIDA, L. de; SANTOS, L. A concordância de número em Kaingáng. In: TELLES, S. V. T. de A. P. L.; PAULA, A. S. de (Orgs.). *Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Nectar, 2008. p. 229–246.

ALVES, P. M. *O léxico do Tuparí:* proposta de um dicionário bilíngüe. 2004. 285 f. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita" (*campus* de Araraquara). 2004.

ALVES JÚNIOR, O. *Parlons xokleng / laklãnõ :* Langue indigène du sud du Brésil. Paris: L'Harmattan, 2014, 243 f.

AMBROSETTI, J. B. Materiales para el estudio de las lenguas del grupo Kaingangue (Alto Paraná). *Boletín de la Academia Nacional de Ciencias de Córdoba*, Córdoba, v. 14, p. 331–380, 1896.

ANDRADE, T. S. M. de. *As orações verbais simples em Kaingang:* uma proposta de análise. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2012.

ANONBY, S.; HOLBROOK, D. J. *Panará/Kreen-Akarore language survey report.* SIL International, 2010. 34 f. (SIL Electronic Survey Report.) Disponível em: <https://www.sil.org/system/files/reapdata/13/35/52/133552135709633637939719075526991436631/silesr2010_002.pdf>, acesso em 17 de fevereiro de 2020.

ANTUNES, M. A. D. *Pequeno dicionário indígena Maxakali-Português/Português-Maxakali*. Juiz de Fora: s. ed., 1999. 56 f.

ARAGON, C. C. *A Grammar of Akuntsú, a Tupian Language.* 2014. 334 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Hawai‘i at Mānoa. 2014.

ARAÚJO, G. A. Mašakarí: Vocabulário Maxakalí de Curt Nimuendaju. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 31, p. 5–31, jul./dez. 1996.

ARAÚJO, G. A. *Fonologia e morfologia da língua Maxakalí.* 2000. 144 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

ARAÚJO, G. A. Formas curtas e formas longas em Maxakalí. *Sínteses*, Campinas, v. 6, p. 31–47, 2001.

ARAÚJO, L. M. S de. *Aspectos da língua gavião-jê*. 1989. 183 f. Tese (Doutorado em. Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1989.

ARAÚJO, L. Retenções lexicais no dialeto Parkatêjê-Timbira. *Moara — Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará*, Belém, v. 4, p. 151–190, out. 1995/mar. 1996.

ARAÚJO, L. Fonologia e grafia da língua da comunidade Parkatêjê (Timbira). In: SEKI, L. (Org.). *Lingüística Indígena e Educação na América Latina*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013. p. 265–271.

ARAÚJO, L. *Dicionário Parkatêjê–Português.* Belém, edição da autora, 2016. 312 f.

ARIKAPÚ, M.; ARIKARÚ, N.; VOORT, H. van der (em colaboração com FERREIRA ALVES, A. C.). *Vocabulário Arikapú-Português*. Cadernos de Etnolingüística, 2010. 66 f. (Monografias, v. 1.)

ATHILA, A.; NÁBITA, E.; TSAPUTAI, J.; SILVA, L. de J. *Diagnóstico sociolinguístico do povo Rikbaktsa:* Levantamento realizado no quadro do projeto de documentação da língua Rikbaktsa – Museu do Índio/UNESCO. Rio de Janeiro: PRODOCLIN, 2010.

AZEVEDO, G. M. C. de. *Língua Kiriri. Descrição do dialeto Kipeá.* 1965. v + 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto Central de Letras, Universidade de Brasília. 1965.

BACELAR, L. N. *Gramática da língua Kanoê:* descrição gramatical de uma língua isolada e ameaçada de extinção, falada ao sul do Estado de Rondônia, Brasil. 2004. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Nijmegen. 2004.

BARBOSA, A. de S. *Cayapó e panará.* Uberaba (manuscrito), 1918. 92 f. (Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local–files/biblio%3Abarbosa-1918-cayapo/barbosa_1918_cayapo.pdf>, acesso em 16 de fevereiro de 2020.)

BARBOSA, E. A. *Aspectos fonológicos da língua Yatê.* 1991. 55 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 1991.

BARDAGIL-MAS, B. Tangled up in mood: exploring Panará split ergativity. In: KÖHNLEIN, B.; AUDRING, J. (Eds.). *Linguistics in the Netherlands 2015*. Amsterdã: John Benjamins, 2015. p. 1–15. (Linguistics in the Netherlands, v. 32).

BARDAGIL-MAS, B. *Case and agreement in Panará* (Naamval en congruentie in het Panará). 2018. 382 f. Tese (Doutorado) – CLCG, Faculteit der Letteren, Rijksuniversiteit Groningen. 2018.

BARÐDAL, J.; EYÞÓRSSON, Þ. Reconstructing Syntax: Construction grammar and the comparative method. In: BOAS, H. C.; SAG, I. A. (Eds.). *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CSLI Publications, 2012. p. 257–308.

BARÐDAL, J.; SMIRNOVA, E.; SOMMERER, L.; GILDEA, S. (Eds.). *Diachronic Construction Grammar.* Amsterdã: John Benjamins, 2015. 263 f. (Constructional Approaches to Language, v. 18.)

BARROS, M. da S. *Intransitividade cindida em línguas Jê Setentrionais.* 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2019.

BATISTA DE LIMA, D. *"Vamos amansar um branco para pegar as coisas":* elementos da etnohistória Kajkhwakratxi-jê (Tapayuna). 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. 2012.

BATISTA DE LIMA, D.; BECHELANY, F. C. O descaso induzido: o desterro dos Tapayuna e dos Panará. *Mediações*, Londrina, v. 22, n. 2, p. 179–203, jul./dez. 2017.

BECHELANY, F. C. *Suasêri:* a caça e suas transformações com os Panará. 2017. 316 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília. 2017.

BECHELANY, F.; STURLINI, M. O. (Orgs.). *Kâprẽpa puu popoti hã kia:* O livro da roça redonda dos Panará. 1ª ed. São Paulo: Instituto Socioambiental; Altamira: Associação Iakiô, 2019.

BEGUŠ, G. Post-nasal devoicing and the blurring process. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 56, p. 1–65, 2018.

BENVENISTE, É. La nature des pronoms. In: HALLE, M.; LUNT, H. G.; MCLEAN, H.; VAN SCHOONEVELD, C. H. (Eds). *For Roman Jakobson: Essays on the Occasion of His Sixtieth Birthday, 11 October 1956.* Haia: Mouton, 1956.

BERTINETTO, P. M. Ayoreo (Zamuco). A grammatical sketch. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, Pisa, n. 8, p. 1–59, 2009.

BOMFIM, A. B. *Patxohã, "Língua de Guerreiro":* Um estudo sobre o processo de retomada da língua Pataxó. 127 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Centro de Estudos Afro-Orientais, Universidade Federal da Bahia. 2012.

BORBA, T. *Actualidade Indígena (Paraná, Brazil).* Curitiba: Impressora Paranaense, 1908. 171 f.

BORGES, M. V. *As falas feminina e masculina no Karajá*. 1997. 288 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. 1997.

BORGES, M. V. Diferenças entre as falas feminina e masculina no Karajá e em outras línguas brasileiras: aspectos tipológicos. *LIAMES*, Campinas, v. 12, p. 103–113; primavera 2012.

BOSWOOD, J. Evidências para a inclusão do Aripaktsá no filo Macro-Jê. BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística*, no. 1. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1973. p. 67–78.

BOSWOOD, J. Algumas funções de participante nas orações Rikbaktsa. In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística*, no. 3. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974a. p. 7–33.

BOSWOOD, J. Citações no discurso narrativo da língua Rikbaktsa. In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística*, no. 3. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974b. p. 99–129.

BOSWOOD, J. *Quer falar a língua dos canoeiros? Rikbaktsa em 26 lições.* Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2007 [1978]. 108 f.

BRAGA, A. de O. *Aspects morphosyntaxiques de la langue makurap/tupi.* 2005. 247 f. Tese (Doutorado em Ciências de Linguagem) – Université de Toulouse – Le Mirail. 2005.

BRANNER, J. C. Os Carnijós de Aguas Bellas [Notas sobre uma língua indigena brasilieira]. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 94, n. 148, p. 359–365, 1929.

BRITO, Á. R. *Perdas, atitudes e significados de vitalização entre os Kyikatêjê.* 2015. 223 f. Tese (Doutorado em Linguística) – f. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2011.

BUBLITZ, T. *Análise fonológica preliminar da língua Xokléng.* 1994. 52 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 1994.

BURGESS, E. Duas análises das sílabas do xaváante. In: GUDSCHINSKY, S. C. (Ed.). *Estudos sôbre línguas e culturas indígenas*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1971. p. 96–102.

BURGESS, E.; HAM, P. Multilevel conditioning of phoneme variants in Apinayé. *Linguistics*, Berlim, v. 6, n. 41, p. 5–18, 1968.

BURLAK, S. A.; STAROSTIN, S. A. *Sravnitel'no-istoričeskoje jazykoznanije* [Linguística histórico-comparativa]. Moscou: Academia, 2005. 432 f.

BYBEE, J. L.; PERKINS, R. D.; PAGLIUCA, W. *The Evolution of Grammar:* Tense, Aspect, and Modality in the Languages of the World. Chicago: University of Chicago Press, 1994. 398 f.

CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. Através do léxico Macro-Jê: em busca de cognatos. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. (Orgs.). *Línguas e culturas Macro-Jê.* Brasília: Editora Universidade de Brasília/Finatec, 2007. p. 175–179.

CALLOW, J. C. *The Apinayé language:* Phonology and grammar. 1962. 306 f. Tese (Doutorado em Linguística) – School of Oriental and African Studies, University of London. 1962.

CAMARGO, N. da S. *Língua Tapayúna:* aspectos sociolingüísticos e uma análise fonológica preliminar. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2010.

CAMARGO, N. da S. *Tapayuna (Jê): aspectos morfossintáticos, históricos e sociolinguísticos.* 2015. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2015.

CAMARGOS, L. Sz. *Consolidando uma proposta de Família Linguística Boróro:* contribuição aos estudos histórico-comparativos do Tronco Macro-Jê. 2013. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2013.

CAMPELO, Douglas Ferreira Gadelha. *Ritual e dosmologia Maxakalí:* uma etnografia sobre a relação entre os Espíritos-Gaviões e os humanos. 2009. 229 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

CAMPOS, C. S. de O. *Morfofonêmica e morfossintaxe do Maxakalí.* 2009. 328 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

CAMPOS, C. S. de O. Considerações sobre a língua usada nos cantos Maxakalí. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; LOPES, J. D.; JULIÃO, M. R. S. (Orgs.). *Línguas e culturas Macro-Jê*, v. 2. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, 2011, p. 171–193.

CAMPOS, C. S. de O. Características morfofonêmicas, morfossintáticas e léxico-semânticas da zoonímia e da fitonímia em Maxakalí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 89–118, jul. 2012.

CARVALHO, F. O. de. On the development of the Proto-Northern-Jê rhotic in Panará historical phonology. *Anthropological Linguistics*, Lincoln, v. 58, n. 1, p. 52–78, 2016.

CARVALHO, F. O. de. Tupi-Guarani loanwords in Southern Arawak: taking contact etymologies seriously. *Revista Linguíſtica*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 41–74, dez. 2017.

CARVALHO, F. O. de; DAMULAKIS, G. N. The structure of Akroá and Xakriabá and their relation to Xavante and Xerente: A contribution to the historical linguistics of the Jê languages. *LIAMES*, Campinas, v. 15, n. 1, p. 17–46, jan./jun. 2015.

CASTRO ALVES, F. de. *Aspectos fonológicos do Apãniekrá (Jê).* 1999. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 1999.

CASTRO ALVES, F. de. *O Timbira falado pelos Canela Apãniekrá: uma contribuição aos estudos da morfossintaxe de uma língua.* 2004. 177 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2004.

CASTRO ALVES, F. de. Evolution of Alignment in Timbira. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 76, n. 4, p. 439–475, 2010.

CASTRO ALVES, F. de. *Hierarquia de pessoa e padrão nominativo nas línguas Jê Setentrionais.* Comunicação apresentada na XI Semana Universitária da Universidade de Brasília. Universidade de Brasília, 2011.

CASTRO ALVES, F. de. Sujeito dativo em Canela. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 13, n. 2, p. 377–403, maio/ago. 2018.

CASTRO ALVES, F. de. *Relações de objeto em Canela.* Submetido.

CASTRO ALVES, F. de.; NIKULIN, A. *Coordenação oracional e* switch reference *em Proto-Macro-Jê: evidências das línguas Jê Setentrionais e Maxakalí.* Comunicação a ser apresentada no Amazónicas 8. Universidade Federal de Goiás, em preparação.

CAT, C. de *French Dislocation*: Interpretation, Syntax, Acquisition. Oxford: Oxford University Press, 2007. 295 f. (Oxford Studies in Theoretical Linguistics).

CAVALCANTE, M. P. *Fonologia e morfologia da língua Kaingang:* o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná. 1987. 149 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1987.

CAVALCANTE, M. P. Fonologia do Karajá. *Revista do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 63–73, 1992.

CHAIM, M. M. 1974. *Os aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás:* sua importância na política de povoamento, 1749–1811. Goiânia: Oriente. 240 f.

CIUCCI, L. *Inflectional morphology in the Zamucoan languages.* Assunção: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", 2016. 802 f. (Biblioteca Paraguaya de Antropología, v. 103.)

CIUCCI, L.; BERTINETTO, P. M. A diachronic view of Zamucoan verb inflection. *Folia Linguistica Historica*, Berlim/Boston, v. 36, n. 1, p. 19–87, 2015.

CIUCCI, L.; BERTINETTO, P. M. Possessive inflection in Proto-Zamucoan. *Diachronica*, Amsterdã, v. 34, n. 3, p. 283–330, 2017.

CIUCCI, L.; MACOÑÓ TOMICHÁ, J. 2018. *Diccionario básico del chiquitano del Municipio de San Ignacio de Velasco.* Santa Cruz de la Sierra: Ind. Maderera "San Luis" S. R. L., Museo de Historia. U. A. R. G. M. 61 f.

COMRIE, B. Ergativity. In: LEHMANN, W. P. (Ed.*). Syntactic Typology:* Studies in the Phenomenology of Language. Austin: University of Texas Press, 1978. p. 329–394.

COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology:* Syntax and morphology. Oxford: Blackwell, 1981. xi + 252 f.

CORBETT, G. G. *Number*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. 358 f.

COSTA, J. F. da. *Ya꞉thê, a última língua nativa no Nordeste do Brasil:* aspectos morfofonológicos e morfo-sintáticos. 1999. 365 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco. 1999.

COSTA, L. S. da. *Uma descrição gramatical da língua Xikrín do Cateté (família Jê, tronco Macro-Jê).* 2015. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2015.

COTRIM, R. G. P. M. *Uma descrição da morfologia e de aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê Central).* 2016. 469 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2016.

CRISTOFARO, S. Deranking and balancing in different subordination relations: A typological study. *STUF (Sprachtypologie und Universalienforschung / Language Typology and Universals)*, Berlim/Boston, v. 51, p. 3–42, 1998.

CRISTOFARO, S. *Subordination.* Oxford: Oxford University Press, 2003.

CRISTÓFARO-SILVA, Th. (Th. C. A. da S.) *Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua Krenák.* 1986. 111 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 1986.

CRISTÓFARO-SILVA, Th. (Th. C. A. da S.) Um problema na análise fonológica dos segmentos vocálicos em Krenák. *Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (DELTA),* São Paulo, v. 3, n. 2, p. 183–195, ago. 1987.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar:* Syntactic Theory in Typological Perspective. Oxford: Oxford University Press, 2001. xxvii+416 f.

CROWELL, J. I. *Gramática pedagógica Bororo. Um esboço preliminar.* Anápolis: Associação Internacional de Linguística SIL–Brasil, 1983 [2013].

CROWELL, Th. H. The phonology of Boróro verb postposition and noun paradigms. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 157–178, 1977.

CROWELL, Th. H. *A grammar of Bororo.* 1979. 270 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Cornell University. 1979.

CRUZ, M. C. da. *Povo Umutína:* a busca da identidade linguística e cultural. 189 f. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2012.

CUNHA, J. B. *Iẽ atxôhã Patxôhã:* upãp hãwmãỹtây itsã ãpiäkxex. A língua Patxôhã: das palavras aos números. 2018. 103 f. Percurso Acadêmico (Licenciatura em Matemática) – Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

CYSOUW, M. A. *The Paradigmatic Structure of Person Marking.* 2001. 381 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Katholieke Universiteit Nijmegen. 2001.

DAHL, Ö. Egophoricity in discourse and syntax. *Functions of Language*, Amsterdã, Filadélfia, v. 7, n. 1, p. 37–77, 2000.

DAMULAKIS, G. N. *Fonologias de línguas Macro-Jê:* uma análise comparativa via teoria da otimalidade. 2010. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2010.

D'ANGELIS, W. da R. Gênero em Kaingang? In: SANTOS, L. dos; PONTES, I. (Orgs.). *Línguas Jê:* estudos vários. Londrina: Eduel, 2002. p. 215–242.

D'ANGELIS, W. da R. Concordância verbal de número em Kaingáng: algumas pistas. *LIAMES*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 71–81, primavera 2004.

D'ANGELIS, W. da R. Algumas notas comparativas sobre o dialeto Kaingáng paulista. In: TELLES, S. V. T. de A. P. L.; PAULA, A. S. de (Orgs.). *Topicalizando Macro-Jê*. Recife: Nectar, 2008. p. 29–48.

D'ANGELIS, W. da R. Fonologia da língua dos Coroados da Aldeia da Pedra (RJ). In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; LOPES, J. D.; JULIÃO, M. R. S. (Orgs.). *Línguas e culturas Macro-Jê*, v. 2. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, 2011, p. 249–272.

DAVIS, I. Comparative Jê phonology. *Estudos Lingüísticos:* Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 20–24, 1966.

DAVIS, I. Some Macro-Je Relationships. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 34, n. 1, p. 42–47, jan. 1968.

DE GOEJE, C. H. Das Kariri (nordost-brasilien). *Journal de la société des américanistes*, Paris, v. 23, p. 147–178, 1932.

DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, Washington, v. 55, n. 1, p. 59–138, mar. 1979.

DJEOROMITXI, A. K. *O fortalecimento da língua e cultura Djeromitxi a partir da formação dos professores.* 2015. 79 f. Monografia (Licenciatura em Educação Básica Intercultural) – Departamento de Educação Intercultural, Universidade Federal de Rondônia (*câmpus* de Ji-Paraná). 2015.

DOMINGUES, G. *Descrição morfossintática do nome e do verbo no Kaingang.* 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2013.

DOURADO, L. G. *Aspectos morfossintáticos da língua Panará (Jê).* 2001. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2001.

DRIDZO, A. D. Neopublikovannye materialy G. G. Manizera po jazyku botokudov [Materiais inéditos de G. G. Manizera sobre a língua dos Botocudos]. In: KOMISSAROV, B. I. *V mire luzofonii:* Materialy i st. São Petersburgo: Izdatel'stvo SPbGU [Editora da Universidade Estatal de São Petersburgo], 2003. p. 258–263.

DUTRA, C. A. dos S. *O território Ofaié pelos caminhos da história:* reencontro e trajetória de um povo. 2004. 262 + 33 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (*campus* de Dourados). 2004.

DYBO, A.; STAROSTIN, G. In Defense of the Comparative Method, or The End of the Vovin Controversy. In: STAROSTIN, G. (Ed.). *Aspekty komparativistiki III.* Moscou: Universidade Estatal Russa de Humanidades, p. 119–258, 2008. (Orientalia et Classica, v. 19.)

EHRENREICH, P. 1891. Die Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach dem gegenwärtigen Stand unsrer Kenntnisse. *Dr. A. Petermann's Mitteilungen aus Justus Perthes' geographischer Anstalt*, Gota, v. 37, p. 81–89, 114–124.

EHRENREICH, P. Materialen zur Sprachenkunde Brasiliens: III. Die Sprache der Akuä oder Chavantes und Cherentes (Goyaz). *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlim, v. 27, p. 149–162, 1895.

EMMERICH, Ch.; MONSERRAT, R. *Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas linguísticas.* Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Índio, 1975. 44 p. (Antropologia, n. 3.)

ESCHWEGE, W. L von. *Journal von Brasilien oder vermischte Nachrichten aus Brasilien, auf wissenschaftlichen Reisen gesammelt von W. C. von Eschwege*. Weimar: Landes-Industrie-Comptoir, 1818. 304 f.

ESCHWEGE, W. L. von. *Brasilien: Die neue Welt in topographischer, geognostischer, bergmännischer, naturhistorischer, politischer und statistischer Hinsicht während eines elfjährigen Aufenthaltes von 1810 bis 1821. Mit Hinweisung auf die neueren Begebenheiten*, vol. 1. Braunschweig: Vieweg, 1830. 251 f.

ESTEVAM, A. M. *Morphosyntaxe du xavante:* Langue jê du Mato Grosso (Brésil). 2011. 389 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Unité de formation et de recherche de linguistique, Université Dénis Diderot – Paris 7. 2011. 508 f.

ESTIGARRIBIA, A. Indios do Rio Dôce. *Revista do Instituto Historico e Geografico do Espirito Santo,* Vitória:, n. 7, p. 12–52, mar. 1934.

FARGETTI, C. M. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna.* 2001. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2004.

FERREIRA, M. de N. de O. *Estudo morfossintático da língua Parkatêjê.* 2003. 275 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2003.

FERREIRA SILVA, M. Descrição fonético-fonológica do Kyikatêjê. *Letras de Hoje,* Porto Alegre, v. 49, n. 1, p. 56–65, jan./mar. 2014.

FERREIRA, M. T. da S. *Ecologia histórica aplicada à gestão ambiental comunitária da Terra Indígena Maxakali, Minas Gerais.* 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre) – Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Minas Gerais. 2012.

FERREIRA, M. V. de L. *Atos de fala nas línguas Jê:* distinções sintáticas no imperativo e no proibitivo. 2011. 220 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Português, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2011.

FERREIRA, R. V. (Org.). *Palavras Ofaié*: um resgate da memória lexical. Campo Grande: Fundect, 2017. 139 f.

FORTUNE, D. L. Gramática Karajá: um estudo preliminar em forma transformacional. BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística*, no. 1. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1973. p. 101–161.

FORTUNE, D.; FORTUNE, G. *Karajá grammar*. Rio de Janeiro: Arquivo Lingüístico do Museu Nacional, manuscrito, 1964.

FORTUNE, D.; FORTUNE, G. Karajá men's-women's speech differences with social correlates. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 109–124, 1975.

FRANCHETTO, B. *Laudo antropológico:* a ocupação indígena da região dos formadores e do alto curso do Rio Xingu. Rio de Janeiro: s/ed., 1987. 159 f.

FRANÇOIS, A. Verbal number in Lo-Toga and Hiw: the emergence of a lexical paradigm. *Transactions of the Philological Society*, Londres, v. 117, n. 3, p. 338–371, nov. 2019.

FRAZÃO, K. S. *A sílaba no Akwẽ-Xerente (Jê).* 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2013.

FRIKEL, P. Migração, guerra e sobrevivência Suiá. *Revista de Antropologia,* São Paulo, v. 17/20, n. 1, pp. 105–136, 1972.

FUSS, M.; RIESTER, J. *Zúbaka. La Chiquitanía:* visión antropológica de una región en desarrollo. Tomo I: Vocabulario español–chiquito y chiquito–español. La Paz: Los Amigos del Libro, 1986. 385 f.

GABAS JR., N. *A Grammar of Karo, Tupí (Brazil).* 1999. xvii + 231 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Linguistics Department, University of California, Santa Barbara. 1999.

GAKRAN, N. *Aspectos morfossintáticos da língua Laklãnõ (Xokleng), Jê*. 2005. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2005.

GAKRAN, N. *Elementos fundamentais da gramática Laklãnõ.* 2015. 283 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2015.

GAKRAN, N.; JOLKESKY, M. P. de V. Aspectos do sistema verbal Laklãnõ/Xokleng. Não publicado, s/d. Disponível em: <https://www.academia.edu/33579708/Aspectos_do_sistema_verbal_Lakl%C3%A3n%C3%B5_Xokleng_vers%C3%A3o_atualizada_Abril_de_2013_>. Acesso em 17 de fevereiro de 2020.

GALEOTE TORMO, J. *Manityana auki besiro: gramática moderna de la lengua chiquitana y vocabulario básico.* Santa Cruz de la Sierra: Los Huérfanos, 1993. 393 f.

GALUCIO, A. V. *The Morphosyntax of Mekens (Tupi).* 2001. 508 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, University of Chicago, 2001.

GALUCIO, A. V. Puruborá: notas etnográficas e lingüísticas recentes. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 1, n. 2, p. 159–192, maio/ago. 2005.

GALUCIO, A. V.; NOGUEIRA, A. F. Comparative study of the Tupari branch of the Tupi family: contributions to understanding its historical development and internal classification. In: Memori*as del V Congreso de Idiomas Indígenas de Latinoamérica, 6–8 de octubre de 2011, Universidad de Texas en Austin.* Austin: University of Texas, 2011.

GILDEA, S. *On Reconstructing Grammar*: Comparative Cariban Morphosyntax. Nova Iorque, Oxford: Oxford University Press, 1998. 284 f. (Studies in Anthropological Linguistics, v. 18).

GILDEA, S. Explaining similarities between main clauses and nominalized phrases. *Amerindia*, Paris, v. 32, p. 57–75, 2008.

GILDEA, S. Linguistic studies in the Cariban family. In: CAMPBELL, L.; GRONDONA, V. (Eds.). *Handbook of South American languages*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2012. p. 441–494.

GILDEA, S.; CASTRO ALVES, F. de. Nominative-Absolutive: Counter-universal split ergativity in Jê and Cariban. In: GILDEA, S.; QUEIXALÓS, F. (Eds.) *Ergativity in Amazonia*. Amsterdã: John Benjamins, 2010. p. 159–199.

GILDEA, S.; CASTRO ALVES, F. de. Reconstructing the source of nominative-absolutive alignment in two Amazonian language families. In: BARÐDAL, J.; GILDEA, S.; LUJÁN, E. R. (Eds.). *Reconstructing syntax* (Vol. 9). Leiden: Brill, no prelo.

GILDEA, S.; LUJÁN, E. R.; BARÐDAL, J. The curious case of reconstruction in syntax. In: BARÐDAL, J.; GILDEA, S.; LUJÁN, E. R. (Eds.). *Reconstructing syntax* (Vol. 9). Leiden: Brill, no prelo.

GIRALDIN, O. *Cayapó e Panará:* luta e sobrevivência de um povo Jê no Brasil Central. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 198 f.

GIRARD, R. Documentación de la cantidad vocálica en chiquitano: algunas observaciones preliminares. In: GONZÁLEZ, H. A.; GUALDIERI, B. (Eds.). *Lenguas Indígenas de América del Sur I. Fonología y Léxico.* Mendoza: Editorial FFyL–UNCuyo y SAL, 2012. p. 25–38.

GIVÓN, T. Topic, pronoun and grammatical agreement. In LI, C. N. (Ed.). *Subject and topic*. Nova Iorque: Academic Press, 1976. p. 149–188.

GIVÓN, T. *Ute Reference Grammar.* Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins, 2011. 441 f. (Culture and Language Use, v. 3).

GM = Equipe maxakali. *Tikmũ'ũn yũy 'ax kup*: Gramática (prática) Maxakali. Manuscrito, 2003. 70 f.

GONÇALVES, S. A. *Aspecto no Kaingang.* 2007. 207 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2007.

GONÇALVES, S. A. *Tempo, aspecto e modo em contextos discursivos no Kaingang Sul (Jê).* 2011. 294 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2011.

GRAHL, J. A. P. *Kamakã em Prolog:* Possibilidades de análise de uma língua de tradição oral morta. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. 2009.

GREENBERG, J. H. *Language in the Americas.* Stanford: Stanford University Press, 1987. 438 + xvi f.

GRUPP, B. *Dicionário Canela: Canela–Português–Inglês, Português–Canela, Inglês–Canela.* 2ª edição revisada. Barra do Corda: Missão Cristã Evangélica do Brasil, 2015. vii + 380 + 48 f.

GUDSCHINSKY, S. C. Ofaié-Xavante, a Jê Language. In: GUDSCHINSKY, S. C. (Ed.). *Estudos sôbre línguas e culturas indígenas: Trabalhos lingüísticos realizados no Brasil*. Brasília: SIL–Instituto Linguístico de Verão, 1971. p. 1–16.

GUDSCHINSKY, S. C. Fragmentos de Ofaié: a descrição de uma língua extinta. In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística, no. 3*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974. p. 177–249.

GUDSCHINSKY, S. C.; POPOVICH, H; POPOVICH, F. Native reaction and phonetic similarity in Maxakali phonology. *Language*, Washington, v. 46, n. 1, p. 77–88, mar. 1970.

GUEDES, M. *Sɨwǰá mẽkapẽrẽra. SUYÁ*: a língua da gente. Um estudo fonológico e gramatical. 1993. 276 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1993.

GUÉRIOS, R. F. M. F. O nexo lingüístico Bororo/Merrime-Caiapó (contribuição para a unidade genética das línguas americanas). *Revista do Círculo de Estudos "Bandeirantes"*, Curitiba, v. 2, p. 61–74, 1939.

GUÉRIOS, R. F. M. F. 1945. Estudos sôbre a língua Camacã. Pequeno vocabulário – Nótulas gramaticais – Investigações etimológicas. *Arquivos do Museu Paranaense*, Curitiba v. 4, p. 291–319, 1945.

HACK, F. M.; GAGLIA, S. The use of subject pronouns in Raeto-Romance: A contrastive study. In: NULL-SUBJECTS, EXPLETIVES, AND LOCATIVES IN ROMANCE, 2009, Konstanz. *Proceedings of the Workshop "Null-subjects, expletives, and locatives in Romance".* Konstanz: Fachbereich Sprachwissenschaft der Universität Konstanz, 2009. p. 157–181. (Arbeitspapiere, n. 123.)

HALL, J.; MCLEOD, R. A; MITCHELL, V. *Pequeno dicionário Xavante-Português, Português-Xavante. Damreme pibuzé hã a'uwẽ mreme, warazu mreme na te te ĩsaprĩ mono zém na duré warazu mreme, a'uwẽ mreme na te te ĩsaprĩ mono zém na.* Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 2004 [1987]. 343 f.

HAM, P. *Apinayé Grammar*. Summer Institute of Linguistics, 1961. 29 f.

HAM, P.; WALLER, H.; KOOPMAN, L. *Aspectos da língua Apinayé*. Brasília: Summer Institute of Lingüístics, 1979. 58 f.

HAMMARSTRÖM, H.; FORKEL, R.; HASPELMATH, M. *Glottolog 4.1*. Iena: Max Planck Institute for the Science of Human History, 2019. (Disponível em: <http://glottolog.org>, acesso em 2 de janeiro de 2020.)

HAMP, E. P. On Maxakalí, Karaja, and Macro-Jê. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 35, n. 3, p. 268–270, jul. 1969.

HANKE, W. *Völkerkundliche Forschungen in Südamerika:* Verlöschende Urzeit im Innern Brasiliens (= Kulturgeschichtliche Forschungen). Braunschweig: Limbach, 1964. 195 f.

HARRIS, A. C.; CAMPBELL, L. *Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective.* Cambridge: Cambridge University Press, 1995. 488 f. (Cambridge Studies in Linguistics, n. 74.)

HASPELMATH, M. The indeterminacy of word segmentation and the nature of morphology and syntax. *Folia Linguistica*, Amsterdã, Filadélfia, v. 45, n. 2, p. 31–80, 2011a.

HASPELMATH, M. The gradual coalescence into "words" in grammaticalization. In: NARROG, H.; HEINE, B. (Eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2011b. p. 342–355.

HASPELMATH, M. Argument indexing: A conceptual framework for the syntactic status of bound person forms. In: BAKKER, D.; HASPELMATH, M. (Eds.). *Languages Across Boundaries:* Studies in Memory of Anna Siewierska. Berlim: Mouton de Gruyter, 2013. p. 197–226.

HASPELMATH, M. Indexing and flagging, and head and dependent marking. *Te Reo*, Christchurch, v. 62, n. 1, p. 93–115, 2019.

HASSELBLATT, C. Eesti keele ainsuse sisseütlev on lühike. *Keel ja Kirjandus*, Tallinn, n. 11, p. 796–803, 2000.

HEELAS, R. *The Social Organization of the Panara, a Gê Tribe of Central Brazil*. 1979. 405 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – St. Catherine's College, Oxford University, 1979.

HENRY, J. The Kaingang Language. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 14, n. 3, p. 194–204, jul. 1948.

HEROLD, C. *Aspectos da fonologia da língua Kaingáng:* dialeto central. 1996. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization.* Cambridge: Cambridge University Press, 1993. 276 f.

HUARE, D. T. *Léxico remanescente Umutina — repertório linguístico de seus lembrantes.* 2015. 98 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Estado de Mato Grosso. 2015.

IHERING, H. von. *A ethnographia do Brazil meridional. Extracto de las Actas del XVII° Congreso Internacional de Americanistas, pág. 250 y siguientes.* Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1912.

INE (Instituto Nacional de Estadística). *Censo de Población y Vivienda 2012. Bolivia:* Características de la Población. La Paz: Instituto Nacional de Estadística, 2015.

JARVA, V.; NURMI, T. *Oikeeta suomee:* suomen puhekielen sanakirja. Helsinque: Gummerus, 2006. 511 f.

JEFFERSON, K. *Gramática pedagógica Kayapó.* Anápolis: Associação Internacional de Linguística, SIL–Brasil, 1989.

JOLKESKY, M. P. de V. Fonologia e prosódia do Kaingang falado em Cacique Doble. *Anais do SETA*, Campinas, n. 3, p. 675–685, 2009.

JOLKESKY, M. P. de V. *Reconstrução fonológica e lexical do Proto-Jê Meridional.* 2010. 320 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2010.

JOLKESKY, M. P. de V.; GAKRAN, N. *As classes verbais em Xokleng.* Não publicado, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/5278237/As_classes_verbais_em_xokleng>, acesso em 17 de fevereiro de 2020.

KAISER, G. A. *Losing the null subject. A contrastive study of (Brazilian) Portuguese and (Medieval) French.* In: NULL-SUBJECTS, EXPLETIVES, AND LOCATIVES IN ROMANCE, 2009, Konstanz. *Proceedings of the Workshop "Null-subjects, expletives, and locatives in Romance".* Constança: Fachbereich Sprachwissenschaft der Universität Konstanz, 2009. p. 131–156. (Arbeitspapiere, n. 123.)

KAALEP, H.-J. Kuidas kirjeldada ainsuse lühikest sisseütlevat kasutamisandmetega kooskõlas? *Keel ja Kirjandus*, Tallinn, n. 6, p. 411–425, 2009.

KARAJÁ, H.; KARAJÁ, J.; KARAJÁ, L.; KARAJÁ, T.; KARAJÁ, W.; KARAJÁ, W.; OLIVEIRA, C.; WHAN, Ch. *Dicionário enciclopédico Inyrybè/Karajá–português brasileiro.* Rio de Janeiro: PRODOCLIN, 2013.

KASSIAN, K.; STAROSTIN, G.; DYBO, A.; CHERNOV, V. The Swadesh wordlist. An attempt at semantic specification. *Journal of Language Relationship*, Moscou, v. 4, p. 46–89, 2010.

KAUFMAN, T. Language history in South America: What we know and how to know more. In: PAYNE, D. L. (Ed.). *Amazonian Linguistics:* Studies in Lowland South American Languages. Austin: University of Texas Press, 1990. p. 13–74.

KEEVALLIK, L. Colloquial Estonian. In ERELT, M. (Ed.). *Estonian Language.* (Linguistica Uralica. Supplementary Series, v. 1). Tallinn: Estonian Academy Publishers, 2003. p. 343–378.

KRIEGER, W. B; KRIEGER, G. C. (orgs.). *Akwẽ mrmẽze–ktâwankõ mrmẽze; ktâwankõ mrmẽze–akwẽ mrmẽze. Dicionário escolar: Xerente–português; português–Xerente.* Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. 1994. 118 f.

KUPFER, Dr. Die Cayapo-Indianer in der Provinz Matto-Grosso. *Zeitschrift für der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin*, Berlim, n. 5, p. 244–254, 1870.

LABOV, W.; YAEGER, M.; STEINER, R. *A quantitative study of sound change in progress*, v. 1. Filadélfia: The U.S. National Survey, 1972. 337 f. (Report on National Science Foundation, Contract NSF-GS-3287, University of Pennsylvania.)

LACHNITT, G. *Romnhitsi'ubumro a'uwẽ mreme, waradzu mreme:* Dicionário xavante-português. Campo Grande: Missão Salesiana de Mato Grosso, 1987. 108 f.

LACHNITT, G. *Damrere'uwaimramidzé. Estudos sistemáticos e comparativos de gramática Xavante.* 3ª ed. Campo Grande: Editora UCDB, 2004. 202 f.

LANDIN, D. *Dicionário e léxico Karitiana/português.* Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 2005. 84 f.

LAPENDA, G. C. Perfil da lingua yathê. *Arquivos*, Recife, v. 21/47, p. 54–72, 1965.

LAPENDA, G. C. *Estrutura da língua Iatê, falada pelos índios Fulniôs em Pernambuco.* 2ª ed. Recife: Editora Universitária UFPE, 2005 [1968]. 277 f.

LAPIERRE, M. *Word-initial [i] epenthesis in Panãra.* Pôster apresentado em Sound Systems of Latin America III. University of Massachussets Amherst, 2018.

LEA, V. Aguçando o entendimento dos termos triádicos Mẽbengôkre via aborígenes australianos: dialogando com Merlan e outros. *LIAMES*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 29–42, primavera 2004.

LEMOS DA SILVA, J. *Os índios Cayapós.* Rio de Janeiro: Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, manuscrito, 1882.

LICHTENBERK, F. *A Grammar of Toqabaqita*. Berlim, Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 2008. 1356 f.

LISTA, R. *El Territorio de Las Misiones.* Buenos Aires: Imprenta «La Universidad», de J. N. Klingelfuss, 1883. 120 f.

LOURENÇO, S. R. *Brincadeiras de Aruanã:* performances, mito, música e dança entre os Javaé da ilha do Bananal (TO). 2009. 518 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

LOUKOTKA, Č. La familia lingüística Mašakali. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tucumán, v. 2, n. 1, p. 21–47, 1931.

LOUKOTKA, Ch. La familia lingüística Kamakan del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tucumán, v. 2, n. 2, p. 493–524, 1932.

LOUKOTKA, Č. La familia lingüística coroado. *Journal de la société des américanistes*, Paris, v. 29, n. 1, p. 157–214, 1937.

LOUKOTKA, C. Les Indiens Botocudo et leur langue. *Lingua Posnaniensis*, Poznań, v. 5, p. 112–135, 1955.

LOUKOTKA, Č. Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains. *Journal de la société des américanistes*, Paris, v. 52, p. 7–60, 1963.

LOUKOTKA, Č. *Classification of South American Indian languages.* Los Angeles: Latin American Center, University of California; Caracas: Sucre, 1968. 453 f. (Reference Series, v. 7.)

LUNKES, O. P. *Estudo fonológico da língua Rikbáktsa.* 1967. 130 + xxv f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília. 1967.

LYONS, J. *Semantics* (2 vol.). Londres: Cambridge University Press, 1977. 897 f.

MACIEL DO VALE, R. *Expressões descritivas em Parkatêjê*: aspectos semânticos e morfossintáticos. 2016. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. 2016.

MAIA, M. A. R. *Aspectos tipológicos da língua Javaé.* 1986. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.

MALCHUKOV, A. L. Case pattern splits, verb types and construction competition. In: AMBERBER, M.; HOOP, H. de. *Competition and variation in natural languages: the case for case*. Amsterdã: Elsevier, 2005. p. 73–117.

MALDI, D. O complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia*, Belém, v. 7, n. 2, p. 209–269, dez. 1991.

MAMIANI, L. V. *Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri.* 2ª edição (com notas introdutórias de Batista Caetano de Almeida Nogueira). Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1877 [1699].

MAMIANI, L. V. *Catecismo da doutrina christãa na lingua brasilica da nação Kiriri. Lisboa.* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1942 [1698].

MARTINS, A. M. S. Revisão da família linguística Kamakã proposta por Chestmir Loukotka. 2007. 89 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2007.

MARTINS, A. M. S. Um estudo comparativo-lexical das famílias Kamakã e Purí. In: BRAGGIO, S. L. B.; SOUSA FILHO, S. M. de (Orgs.). *Línguas e culturas Macro-Jê.* Goiânia: Vieira, 2009. p. 231–238.

MARTINS, A. M. S. *Uma avaliação da hipótese de relações genéticas entre o Guató e o tronco Macro-Jê.* 2011. 417 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2011.

MARTIUS, K. F. P. von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas zumal Brasiliens.* Vol. 1: Zur Ethnographie, vol. 2: Glossaria linguarum Brasiliensium. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867. 548 f.

MASON, J. A.. The Languages of South American Indians (part 3). In: STEWARD, J. H. (ed.). *Handbook of South American Indians.* Vol. 6: Physical Anthropology, Linguistics, and Cultural Geography of South American Indians. Washington: Government Publishing Office, p. 157–317, 1950.

MATTOS, R; de. Fonêmica Xerente. In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística*, no. 1. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1973. p. 79–100.

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Alguns radicais Jê.* Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1959. 69 f. (Publicações avulsas, n. 28.)

MATTOSO CÂMARA Jr., J. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

MCLEOD, R. Fonemas Xaványte. In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística, no. 3*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974. p. 131–152.

MCLEOD, R; MITCHELL, V. *Aspectos da língua Xavánte.* (Tradução de Mary L. Daniel.) Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1977. 228 f.

MEAD, D. L. *Caiapó do sul, an ethnohistory (1610–1920).* 2010. 490 f. Tese (Doutorado em História) – University of Florida, 2010.

MEADER, R. E. *Índios do Nordeste: Levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste Brasileiro.* (Série Lingüística 8). Cuiabá: Sociedade Internacional de Lingüística, 1978. 60 f.

MEIRA, S. (S. M. S. C. O.) *A Grammar of Tiriyó.* 1999. xviii + 708 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departament of Linguistics, Rice University. 1999.

MEIRA, S. Reconstructing Pre-Bakairi segmental phonology. *Anthropological Linguistics*, Bloomington, v. 47, n. 3, p. 1–31, outono 2005.

MEIRA, S.; DRUDE, S. Sobre a origem histórica dos "prefixos relacionais" das línguas Tupí-Guaraní. *Cadernos de Etnolingüística*, v. 5, n. 1, p. 1–30, 2013.

MEIRA, S.; DRUDE, S. A summary reconstruction of Proto-Maweti-Guarani segmental phonology. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências humanas*, Belém, v. 10, n. 2, p. 275–296, maio/ago. 2015.

MEIRA, S.; FRANCHETTO, B. The Southern Cariban languages and the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 71, n. 2, p. 127–192, abr. 2005.

MEIRA, S.; GILDEA, S.; HOFF, B. J. On the origin of ablaut in the Cariban family. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 76, n. 4, p. 477–515, out. 2010.

MELLO, A. A. S. *Estudo histórico da família lingüística Tupi-Guarani:* aspectos fonológicos e lexicais. 2000. vii + 285 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Língüística e Língua Vernácula, Instituto de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. 2000.

MÉTRAUX, A. Les indiens Kamakan, Patašo et Kutašo, d'après le journal de route inédit de l'explorateur français J. B. Douville. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tucumán, v. 1, p. 239–294, 1930.

MITHUN, M. When zero isn't there. *Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, v. 12, p. 195–211, 1986.

MIRANDA, M. G. *Morfologia e morfossintaxe da língua Krahô (família Jê, tronco Macro-Jê).* 2014. 328 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2014.

MONTEIRO, C. 1948. *Vocabulário Português-Botocudo.* São Paulo: Museu Paulista. (Boletim do Museu Paulista, Documentação Lingüística, v. 2).

MOORE, D. Classificação interna da família lingüística Mondé. *Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 515–520, 2005.

MOORE, D.; GALUCIO, A. V. Reconstruction of Proto-Tupari consonants and vowels. In: LANGDON, M. (Ed.). *Report 8. Survey of California and Other Indian Languages. Proceedings of the meeting of the Society for the Study of the Indigenous Languages (July 2–4, 1993) of the Americas and the Hokan-Penutian workshop (July 3, 1993).* Columbus: Ohio State University, 1993. p. 119–137.

MOSONYI, J. C. *Diccionario básico del idioma kariña. 2ª edición.* Barcelona (Anzoátegui): Fondo Editorial del Caribe, 2005. 188 f.

NANTES, B. de. *Catecismo da lingua Kariris.* Leipzig: B. G. Teubner, 1896 [1709].

NASCIMENTO, S. H. L. do. *Aspectos morfológicos e sintáticos e marcação de caso da língua Kaingáng.* 1995. viii + 87 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

NASCIMENTO, M. *Tempo, modo, aspecto e evidencialidade em Kaingang.* 2013. 127 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2013.

NEHRING, C. Sud-Cayapo: Wörterlisten. In: EHRENREICH, P. *Materialen Zur Sprachekunde Brasiliens. Zeitschrift fur Ethnologie*, n. 26, p. 136–137, 1894.

NEVES, C. de L. *Rearranjo de valência na língua Parkatêjê (Timbira).* 2017. 141 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. 2017.

NEVES, C.; PICANÇO, G.; FERREIRA, M. Análise acústica das vogais orais da língua Parkatêjê. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; LOPES, J. D.; JULIÃO, M. R. S. (Orgs.). *Línguas e culturas Macro-Jê*, v. 2. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, 2011, p. 283–295.

NEVINS, A. I.; SILVA, M. A. C. da. Maxakalí nasality and field recording with earbud microphony. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1011–1042, jun. 2017.

NICHOLS, J. Head-marking and dependent marking grammar. *Language*, Washington, v. 62, n. 1, p. 56–119, 1986.

NIKOLAEVA, I. (ed.). *Finiteness:* Theoretical and empirical foundations. Oxford: Oxford University Press, 2007. xiv + 537 f.

NIKULIN, A. Apofonia e sistema vocálico do Proto-Jê Meridional: contribuição para estudos comparativos das línguas Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 275–306, 2015.

NIKULIN, A. Historical phonology of Proto-Northern Jê. *Journal of Language Relationship*, Moscou, v. 14, n. 3, p. 165–185, 2016.

NIKULIN, A. A phonological reconstruction of Proto-Cerrado (Jê family). *Journal of Language Relationship*, Moscou, v. 15, n. 3, p. 147–180, 2017.

NIKULIN, A. A reconstruction of Proto-Jê phonology and lexicon. *Journal of Language Relationship*, Moscou, v. 17, n. 2, p. 93–127, 2019a.

NIKULIN, A. First person singular markers in Migueleño Chiquitano. In: REISINGER, D. K. E.; LO, R. Y.-HS. (Eds.). *Proceedings of the Workshop on the Structure and Constituency of Languages of the Americas 23.* Vancôver: UBCWPL, 2019b. p. 62–76.

NIKULIN, A. Indexical gender and grammatical gender in Chiquitano. *Typology of Morphosyntactic Parameters*, Moscou, v. 2, n. 1, p. 86–99, 2019c.

NIKULIN, A. Algumas considerações sobre a fonologia do Proto-Maxakalí. In: SILVEIRA, M.; GUERRA, M. J.; SANTOS, L. C. dos (Orgs.). *VIII Macro-Jê:* Língua, Cultura e Reflexões. Londrina: EDUEL. 2020a.

NIKULIN, A. Consonantal alternations in Boróro. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 86, n. 3, jul. 2020b.

NIKULIN, A. Contacto de lenguas en la Chiquitanía. *Revista Brasileira de Línguas Indígenas*, Macapá, v. 1, n. 2, a sair.

NIKULIN, A.; CARVALHO, F. O. de. Prehistoria de las lenguas y familias lingüísticas del Gran Chaco, de la meseta brasileña y cercanías: Propuesta de base de datos léxicos y resultados preliminares. In: REGÚNAGA, A.; SPINELLI, S.; ORDEN, M. E. (Eds.). *Actas IV Encuentro de lenguas indígenas americanas*. Santa Rosa: EdUNLPam, 2018.

NIKULIN, A.; CARVALHO, F. O. de. Estudos diacrônicos de línguas indígenas brasileiras: um panorama. *Macabéa*, Crato, v. 8, n. 2, p. 255–305, 2019.

NIKULIN, A.; CARVALHO, F. O. de. *Internal classification of Tupian.* Universidade de Brasília e Universidade Federal do Amapá, manuscrito.

NIKULIN, A.; CIUCCI, L.; HAUSE, B. *Towards the reconstruction of Proto-Chiquitano* (título provisório). Universidade de Brasília; University of Oxford; James Cook University, manuscrito.

NIKULIN, A.; SALANOVA, A. P. Northern Jê verb morphology and the reconstruction of finiteness alternations. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 85, n. 4, p. 533–567, 2019.

NIKULIN, A.; SILVA, M. A. C. da. As línguas Maxakalí e Krenák dentro do tronco Macro-Jê. *Cadernos de Etnolinguística*, v. 8, n. 1, p. –abr. 2020.

NIKULIN, A.; SILVA, M. A. C. da. Evolução do alinhamento na língua Maxakalí. In: OLIVEIRA, C. C. de (org.). *Memórias do 2º Encontro de Americanistas no Cerrado.* No prelo.

NIMUENDAJÚ, C. Idiomas indígenas del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán*, Tucumán, v. 2, n. 2, p. 543–618, 1932.

NIMUENDAJÚ, C. Curt Nimuendaju: 104 mitos indígenas nunca publicados. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 64–111, 1986.

NIMUENDAJÚ, C. “A corrida de toras dos Timbira”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 151–194, 2001.

NITSCH, M. *Die Rettung der Botokudensprache:* Von der Wiederherstellung einer bedrohten indigenen Sprache anhand eines historischen Wörterbuchs. Hamburgo: Diplomica Verlag GmbH, 2014. xvi + 243 f.

NOGUEIRA, A. F. de S. Predicação na língua Wayoro (Tupi): propriedades de finitude. 2019. xiv + 190 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2019.

NONATO, R. B. 2008. *Ainore Boe egore: um estudo descritivo da língua bororo e conseqüências para a teoria de caso e concordância*. 2008. 364 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2008.

NONATO, R. *Clause chaining, switch reference and coordination*. 2014. 152 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics and Philosophy, Massachussetts Institute of Technology. 2014.

NONATO, R. *Dicionário Multimídia Kĩsêdjê*. Rio de Janeiro: PRODOCLIN, s/d. Disponível em: <http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/etnias/kisedje/dicionario-multimidia>, acesso em 17 de dezembro de 2020.

NONATO, R.; SANDALO, F. Uma comparação gramatical, fonológica e lexical entre as famílias Guaikurú, Mataco e Bororo: um caso de difusão areal? *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, *Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 14, p. 91–107, maio/ago. 2007.

OCHÔA CAMARGO, G. *Pequeno dicionário Bororo/Português.* 2ª ed. Campo Grande: Editora UCDB, 2005. 314 f.

OLIVEIRA, C. C. de. Lexical categories and the status of descriptives in Apinajé. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 69, n. 3. p. 243–274, jul. 2003.

OLIVEIRA, C. C. de. *The language of the Apinajé people of Central Brazil*. 2005. 430 f. Tese (Doutorado em linguística) – Department of Linguistics, University of Oregon. 2005.

OLIVEIRA, G. B. S. de; CABRAL, A. S. A. C. Mais evidências para a hipótese de Loukotka (1963, 1968). *Fragmentum*, Santa Maria, v. 46, p. 247–285, jul./dez. 2015.

OLIVEIRA, M. das D. de. (M. P.) *Ofayé, a língua do povo do mel:* fonologia e gramática. 2006. 266 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Alagoas.

OLIVEIRA, R. C. de. *Morfologia e sintaxe da língua Xavante.* 2007. 274 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007.

PACHE, M. *Contributions to Chibchan Historical Linguistics.* 2018. xix + 693 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universiteit Leiden, 2018.

PALÁCIO, A. P. *Guató:* a língua dos índios canoeiros do Rio Paraguai. 1984. viii + 155 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Departamento de Lingüistica, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1984.

PALHA, L. *Ensaio de gramática e vocabulário da língua Karajá falada pelos índios remeiros do rio 'Araguaia'.* Rio de Janeiro: s/ed, 1942. 42 f.

PARAPAINO CASTRO, P. *Isiukiché nikorokó bésiro. Guía de escritura del idioma Bésiro.* Santa Cruz de la Sierra: Unión de Artesanos de la Tierra – UNIARTE, 2008. 166 f.

PEREIRA, D. C. *Alguns aspectos gramaticais da língua Maxakalí*. 1992. 121 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. 1992.

PEREIRA, S. S. *Estrutura e processamento da alternância causativa na língua indígena Maxakalí.* 2012. 162 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012.

PEREIRA, S. S. Switch reference em Maxakalí. In: SILVEIRA, M.; GUERRA, M. J.; SANTOS, L. C. dos (orgs.). *VIII Macro-Jê:* Língua, Cultura e Reflexões. Londrina: EDUEL. 2020.

PERRI FERREIRA, H. *Yanomama Clause Structure.* 2017. xiv + 745 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Radboud Universiteit Nijmegen, 2017.

PESSOA, K. N. *Análise fonética e fonológica da língua Krenak e abordagem preliminar de contos Botocudo.* 2012. 315 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2012.

PESSOA, K. N.; SEKI, L. Henri Henrikhovitch Manizer's Botocudo folklore texts: a symbol analysis. *STUF (Sprachtypologie und Universalienforschung / Language Typology and Universals)*, Berlim/Boston, v. 67, n. 2, p. 213–227, 2014.

PICANÇO, G. L. *Mundurukú:* phonetics, phonology, synchrony, diachrony. 2005. 410 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of British Columbia. 2005.

PICANÇO, G. L. *A fonologia diacrônica do Proto-Mundurukú (Tupí).* Curitiba: Appris, 2020. 159 f.

PICKERING, W. A. *A fonologia xavante: uma revisitação.* 2010. 249 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2010.

PIRES, N. N. *Estudo da gramática da língua Jeoromitxi (Jabuti):* aspectos sintáticos das cláusulas matrizes. 1992. 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1992.

PIRES, N. N. Construções passivas, transitivas e intransitivas em Djeoromitxi. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, v. 34, p. 147–155, 1998.

POHL, J. E. *Reise im Innern von Brasilien:* auf allerhoechsten Befehl seiner Majestät des Kaisers von Österreich, Franz des Ersten, in den Jahren 1817–1821 unternommen. Vol. 1. Viena: A. Strauss's Sel. Witwe e J. B. Wallishausser, 1832. 448 f.

POHL, J. E. *Viagem no Interior do Brasil: empreendida nos anos de 1817 a 1821 e publicada por ordem de Sua Majestade o Imperador da Áustria Francisco Primeiro.* Vol. 1. São Paulo: Instituto Nacional do Livro, 1951.

POPJES, J.; POPJES, J. *Phonemic statement of Canela*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1971. 20 f. (Arquivo Linguístico, n. 112.).

POPJES, J. & POPJES, J. Canela-Krahô. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds.). *Handbook of Amazonian Languages 1*. Berlim, Nova Iorque, Amsterdã: Mouton de Gruyter, 1986. p. 128–199.

POPOVICH, A. H. *Discourse phonology of Maxakalí:* a multilevel, multiunit approach. 1985. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade do Texas em Arlington, 1985.

POPOVICH, A. H.; POPOVICH, F. *Maxakalí-English Dicitionary / English-Maxakalí Glossary*. Cuiabá: Soceidade Internacional de Lingüística, 2005.

POSTIGO, A. V. *Fonologia da língua Guató.* 2009. 217 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (*campus* de Três Lagoas). 2009.

PRIES, S. T. *Dicionário Gavião-Krikati.* Mimeo, 2008.

QUADROS, F. R. E. Memoria sobre os trabalhos de exploração e observação efetuada pela secção da comissão militar encarregada da linha telegráfica de Uberaba a Cuiabá, de fevereiro a junho de 1889. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 55, n. 1, p. 233–260, 1892.

QUEIROZ, J. M. C. de. *Aspectos da fonologia Dzubukuá.* 2008. 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco. 2008.

QUEIROZ, J. M. C. de. *Um estudo gramatical da língua Dzubukuá, família Karirí.* 2012. 427 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba. 2012.

QUINTINO, W. P. *Aspectos da fonologia xavante.* 2000. 159 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2000.

QUINTINO, W. P. *Aspectos da fonologia xavante e questões relacionadas: rinoglotofilia e nasalidade.* 2012. 501 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

RAMIREZ, H. *A fala Tukano dos Ye'pâ-masa. Tomo I*: Gramática. (Versão digital atualizada.) Manaus: Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia/CEDEM, 2019 [1995]. v + 298 f.

RAMIREZ, H.; VEGINI, V.; FRANÇA, M. C. V. de. Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e proposta de nova classificação. *LIAMES*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 223–277, jul./dez. 2015.

REIS SILVA, M. A. *Pronomes, ordem e ergatividade em Mebengokre (Kayapó)*. 2003. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2003.

RIBEIRO, E. R. Empréstimos Tupí-Guaraní em Karajá. *Revisa do Museu Antropológico*, Goiânia, v. 5–6, n. 1, p. 75–100, jan./dez. 2001/2002.

RIBEIRO, E. R. O marcador de posse alienável em Karirí: um morfema Macro-Jê revisitado. *LIAMES*, Campinas, v. 2, p. 29–46, primavera 2002.

RIBEIRO, E. R. Prefixos relacionais em Jê e Karajá: um estudo histórico-comparativo. *LIAMES*, Campinas, v. 4, p. 91–101, primavera 2004.

RIBEIRO, E. R. *Ofayé, língua Macro-Jê:* evidências adicionais. Comunicação apresentada nos Colóquios Lingüísticos do Museu Antropológico. Goiânia: Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás, 2005.

RIBEIRO, E. R. Subordinate clauses in Karajá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 1, n. 1, p. 17–47, jan./abr. 2006.

RIBEIRO, E. R. Tapuya connections: language contact in eastern Brazil. *LIAMES*, Campinas, v. 9, p. 61–76, primavera 2009.

RIBEIRO, E. R. Prefixos relacionais como evidência histórico-comparativa: os casos Chiquitano e Jabutí. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; LOPES, J. D.; JULIÃO, M. R. S. (Orgs.). *Línguas e Culturas Tupí*, v. 3, *Línguas e culturas Macro-Jê*, v. 2. Campinas: Curt Nimuendajú; Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, 2011, p. 105–120.

RIBEIRO, E. R. Final consonants in Maxakalí and their comparative status. *LIAMES*, v. 12, p. 189–193, 2012a.

RIBEIRO, E. R. *A grammar of Karajá.* 2012. 292 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics, The University of Chicago. 2012b.

RIBEIRO, E. R.; VOORT, H. van der. Nimuendajú was right: The inclusion of the Jabutí language family in the Macro-Jê stock. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 76, n. 4, p. 517–570, out. 2010.

RIBEIRO, M. A. *Dicionário Djeoromitxi-Português:* Registro da diversidade lingüística do povo Jabuti. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Pedagogia, Universidade Federal de Rondônia (*campus* de Guajará-Mirim). 2008.

RIBEIRO, R. M. de L. *Dicionário Arikapu-Português*: Registro de uma língua indígena amazônica. 2008. 209 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras e Pedagogia, Fundação Universidade Federal de Rondônia (*campus* de Guajará-Mirim). 2008.

RIBEIRO-SILVA, N. *Pronomes em Parkatêjê*: a expressão da terceira pessoa. 2016. 87 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. 2016.

RIBEIRO-SILVA, N. *Reconstrução fonológica do Proto-Timbira*. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará. 2020.

RIBEIRO-SILVA, N.; GALÚCIO, A. V. M.; FERREIRA, M. de N. O. Expression of the third person in the Parkatêjê language. *Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, v. 42, p. 202–242, jul./dez. 2018.

RIVET, P. Langues Américaines III: Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Eds.). *Les langues du monde.* Paris: Société Linguistique de Paris, p. 639–712, 1924. (Coll. Ling. Paris, v. 16.)

RODRIGUES, A. D. Uma hipótese sobre flexão de pessoa em Bororo. In: *Anais da 45a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*. Recife, 1993. p. 505.

RODRIGUES, A. D. Macro-Jê. In: In DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, A. Y. (Eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 165–206. (Cambridge language surveys.)

RODRIGUES, A. D. A case of affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 139–167, 2009.

RODRIGUES, A. D. Flexão relacional no tronco linguístico Macro-Jê. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 4, n. 2, p. 267–277, 2012.

RODRIGUES, A. D.; CABRAL, A. S. A. C. Através do léxico Macro-Jê: em busca de cognatos. In: SÁ AMADO, R. de (Org.). *Estudos em línguas e culturas Macro-Jê.* São Paulo: Paulistana, 2010. p. 175–179.

RODRIGUES, C. K. C; FERREIRA-SILVA, M. de N. Comparando as consoantes das línguas Tapajúna e Suyá. *Alfa*, São José do Rio Preto, v. 55, n. 2, p. 601–611, jul./dez. 2011.

ROJAS-BERSCIA, L. M.; NIKULIN, A. *A phonological reconstruction of Proto-Kawapanan.* University of Queensland e Universidade de Brasília, manuscrito.

ROSE, F. On finitization. In: CHAMOREAU, C.; ESTRADA FERNÁNDEZ, Z. (Eds.). *Finiteness and nominalization*. Amsterdã, Filadélfia: John Benjamins, 2016. p. 347–372.

ROWLETT, P. 2007. *The Syntax of French.* Cambridge: Cambridge University Press. 255 f.

RUDOLPH, B. Wörterbuch der Botokudensprache. Hamburgo: Fr. W. Thaden, 1909. viii + 85 f.

SÁ, R. M. de. *Análise fonológica preliminar do Pykobjê*. 1999. 83 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciêncuas Humanas, Universidade de São Paulo. 1999.

SÁ AMADO, R. de. *Aspectos morfofonológicos do Gavião-Pykobjê*. 2004. 171 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2004.

SÁ OLIVEIRA, J. B. de. *Os índios Camacans:* estudos de ethnologia. Bahia: Typ. e Encadernação do "Diario da Bahia", 1892. 28 f.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Voyage aux sources du Rio de. S. Francisco et dans la province de Goyaz II.* Paris: Arthus Bertrand, 1848. 349 f.

SALANOVA, A. P. *A nasalidade em Mebengokre e Apinayé:* o limite do vozeamento soante. 2001. 93 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2001.

SALANOVA, A. P. *Nominalizations and aspect.* 2007. 151 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics and Philosophy, Massachussetts Institute of Technology. 2007.

SALANOVA, A. P. Não existem prefixos relacionais nas línguas Jê. In: BRAGGIO, S. L. B.; Martins Filho, S. (Eds.). *Línguas e culturas Macro-Jê.* Goiânia: Vieira, 2009. p. 259–271.

SALANOVA, A. P. A flexão de terceira pessoa nas línguas Jê. *LIAMES*, Campinas, v. 11, p. 75–114, 2011.

SALANOVA, A. P. The Macro-Jê languages. In: EPPS, P.; MICHAEL, L. (Eds.). *Amazonian Languages. An International Handbook.* Berlim: Mouton de Gruyter, em preparação.

SALANOVA, A. P.; LEA, V. *A linguistic analysis of Mẽbêngôkre triadic terms.* Comunicação a ser apresentada no Amazónicas 8. Universidade Federal de Goiás, em preparação.

SANS, P. *Éléments de sociolinguistique et de phonologie du bésiro (chiquitano) :* langue en danger des basses terres de Bolivie. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Université de Lyon/Université Lumière Lyon 2. 2010.

SANTANA, Á. C. *Línguas cruzadas, histórias que se mesclam:* ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua Chiquitano no Brasil. 2012. 290 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

SANTOS, J. C. F. dos. *Contribuições didáticas para o ensino de português aos akwẽ-xerente.* 2007. 2 vols. 338 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Centro de Educação e Humanidades, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2007.

SANTOS, J. P. dos. *Marcas pessoais:* concordância de número e alinhamento em Xavante. 2008. 129 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2008.

SANTOS, L. C. dos. *Abordagem preliminar da fonologia do Tapayúna.* Comunicação apresentada no Encontro Multidisciplinar de Indigenismo. Campinas, 1990.

SANTOS, L. C. dos. *Descrição de aspectos morfossintáticos da língua Suyá (Kĩsêdjê), família Jê.* 1997. 178 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Departamento de Língua e Literatura Vernáculas, Universidade Federal de Santa Catarina. 1997.

SCHMIDT, W. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde.* Heidelberg: Carl Winter, 1926.

SCHMIDT, W. Los Barbados o Umotinas en Matto Grosso (Brasil). *Revista de la Sociedad Cientifica del Paraguay*, Assunção, v. 5, n. 4, p. 1–51, out. 1941.

SCHOTT, H. W. *Tagebücher des k.k. Gärtners, Hern. H. Schott, in Brasilien, von dessen Reisen in die Campos am Paraiba und Paraibuna-Flusse und durch den Distrikt von Canta Gallo; dann nach Macaçu und am Flusse gleiches Nahmens, von Rio de Janeiro aus.* Brünn, 1822.

SCHULTZ, H. Vocabulário dos índios Umutina. *Journal de la société des américanistes*, Paris, v. 41, n. 1, p. 81–137, 1952.

SCHWARTZMAN, S. *The Panara of the Xingu National Park:* The Transformation of a Society. 1988. 484 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Department of Anthropology, University of Chicago. 1988.

SEBESTYÉN, É. H. H. Manizer's Botokudo folklore text. *Artes populares*, Budapeste, n. 7, p. 140–163, 1981.

SEEGER, A. *Nature and Society in Central Brazil:* The Suya Indians of Mato Grosso. Cambridge (Mass.): Harvard University Press, 1981. 278 f.

SEKI, L. *Notas para a história dos Botocudo (Borum).* Rio de Janeiro: Fundação Nacional do Índio, 1975. (Documentação, n. 4.)

SEKI, L. Evidências de relações genéticas na família Jê. In: *Estudos Lingüísticos, XVIII (Anais de Seminários do GEL).* Lorena: Prefeitura Municipal/GEL, 1989. p. 604–611.

SEKI, L. O Krenak (Botocudo/Borum) e as línguas Jê. In: SANTOS, L. dos; PONTES, I. (org.). *Línguas Jê:* estudos vários. Londrina: EDUEL, 2002. p. 15–40.

SEKI, L. Aspectos da morfossintaxe Krenak: orações independentes. *LIAMES*, Campinas, v. 4, p. 129–146, 2004.

SEMEGHINI-SIQUEIRA, I; RODRIGUES, L. de A. D. (Orgs.). *Vocabulário bilíngue: Krenak – Português.* São Paulo: Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010. 52 f.

SHAGAL, K. *Towards a typology of participles.* 2017. 280 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Suomen kielen, suomalais-ugrilaisten ja pohjoismaisten kielten ja kirjallisuuksien laitos, Helsingin yliopisto. 2017.

SIBILLE, J. Syncrétisme des formes verbales et des clitiques sujets dans plusieurs variétés romanes vernaculaires et en français standard. In: INTERNATIONALEN ARBEITSTAGUNG ZUM ROMANISCH-DEUTSCHEN UND INNERROMANISCHEN SPRACHVERGLEICH, 7., 2012, Innsbruck. *Comparatio delectat II. Akten der VII. Internationalen Arbeitstagung zum romanisch-deutschen und innerromanischen Sprachvergleich, Innsbruck, 6.–8. September 2012. Teil I.* Frankfurt am Main: Peter Lang, 2015. p. 341–354. (InnTrans. Innsbrucker Beiträge zu Sprache, Kultur und Translation, v. 7).

SIEWIERSKA, A. *Person*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 327 f.

SILVA, A. C. S. da. A "tribu dos indios Crenaks" (Botocudos do Rio Doce). *Annaes do XX Congresso Internacional de Americanistas*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 61–84, 1924.

SILVA, A. L. da; SANTOS, L. A. O.; LUZ, M. L. M. *Lições de Bahetá:* sobre a língua Pataxó Hãhãhãi. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo, 1982. 56 f.

SILVA, F. P. da. *A sílaba em Yaathe.* Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, 2011a. 133 f.

SILVA, F. P. da. Descrição da estrutura silábica do Yaathe, uma língua indígena brasileira. In: *Anais do VII Congresso Internacional da Abralin*. Curitiba: s./ed., 2011b. p. 1378–1389.

SILVA, J. E. da. *Aspectos morfossintáticos dos verbos na língua Ofayé.* 2012. 123 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (*campus* de Três Lagoas). 2012.

SILVA, L. de J. *Aspectos da fonologia e da morfologia da língua Rikbáktsa.* 2005. xv + 88 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2005.

SILVA, L. de J. *Morphosyntaxe du rikbaktsa (Amazonie brésilienne).* 2011. 389 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Unité de formation et de recherche de linguistique, Université Dénis Diderot – Paris 7. 2011.

SILVA, L. de J. 2019. Partículas em Rikbaktsa. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 3, p. 873–896, set./dez. 2019.

SILVA, L. H. T. da. Descrição fonológica do sistema vocálico da língua Ofaié. *Inter Atividade. Revista Multidisciplinar de Pesquisas e Estudos Acadêmicos*, Andradina, v. 2, n. 1, p. 100–114, jan./jun. 2002.

SILVA, M. A. C. da. *A coda consonantal em Maxakalí.* 2015. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2015.

SILVA, M. A. C. Sociolinguistic effects in consonant prevocalization in Maxakalí. *Chimera: Romance Corpora and Linguistic Studies*, Madri, v. 3, n. 2, p. 175–186, 2016.

SILVA, M. A. C. da. *Tikmũũg yĩy ax tinã xohi xi xahĩnãg. Sons e pedaços da língua Maxakalí:* descrição da fonologia e morfologia de uma língua Macro-Jê. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2020a.

SILVA, M. A. C. da. Um novo olhar sobre as formas longas e curtas em nomes no Maxakalí. In: SILVEIRA, M.; GUERRA, M. J.; SANTOS, L. C. dos (Orgs.). *VIII Macro-Jê:* Língua, Cultura e Reflexões. Londrina: EDUEL, 2020b.

SILVA, M. A. C. da. Alinhamento morfossintático do Maxakalí. In: Galvão, V. (Org.). *Atas do V Simpósio Internacional de Linguística Funcional.* Goiás: Universidade Estadual de Goiás, no prelo.

SILVA, M. A. C. da; NEVINS, A. I. Ethnosociophonology and consonant lenition in Maxakalí. *Linguíftica*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 47–60, dez. 2014.

SILVA, M. A. C. da; NEVINS, A. I.; WHITE, J. Domain-based preservation of nasal harmony in Maxakalí loanwords. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 86, n. 2, abr. 2020.

SILVA, M. A. C. da; NIKULIN, A. Morfologia verbal flexional da língua Maxakalí. In: MIRANDA, M. G.; BORGES, Á. A da C.; CARVALHO, T. R. de (orgs.). *Anais do IX Encontro Macro-Jê.* No prelo.

SILVA, M. A. de O. *"A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta":* a história da língua Akwen do povo Xakriabá. 2018. 47 f. Percurso Acadêmico (Licenciatura em Matemática) – Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

SILVA, M. S. R. *A língua kaingáng da aldeia paulista Icatu:* uma descrição funcional. 2011. 261 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". 2011.

SILVA, T. R. da. *Descrição e análise morfossintática do nome e do verbo em Pykobjê-Gavião (Timbira)*. 2011. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

SILVA, T. R. da. Análise sobre a tipologia da ordem dos constituintes do dialeto indígena Pykobjê-Gavião (Timbira). *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41, n. 1, p. 231–245, jan./abr. 2012.

SILVA NETO, A. P. da. Revisão da classificação da família lingüística Purí. 2007. 74 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2008.

SINGERMAN, A. R. *The morphosyntax of Tuparí, a Tupían language of the Brazilian Amazon.* 2018. 419 f. Tese (Doutorado) – Department of Linguistics, Faculty of the Division of the Humanities, University of Chicago. 2018.

SIPRÉ, E. W.; MARTINS, A. M. S. Nominalizações em A'uwẽ (Xavante), com foco especial no nominalizador de nome de ação. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 135–150, dez. 2019.

SIQUEIRA, K. M. de F. *Aspectos do substantivo na língua Xerente.* 2003. 65 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. 2002.

SIQUEIRA, K. M. de F. *O sistema de classificação nominal Akwe-Xerente (Jê):* âmbitos de análise. 2010. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. 2010.

SOUSA FILHO, S. M. de. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê).* 2007. 328 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás. 2007.

SOUSA FILHO, S. M. *Aspectos morfossintáticos da língua Akwẽ-Xerente (Jê).* Jundiaí: Paco Editorial, 2010. 214 f.

SOUSA FILHO, S. M. de. Padrões de alinhamento morfossintáticos em Akwẽ-Xerente (Jê). *LIAMES*, Campinas, v. 11, p. 115–128, 2011.

SOUZA, S. M. de. O sistema de referência pessoal da língua Krahô. 1989. 91 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Goiás. 1989.

SOUZA, Sh. de L. *Descrição fonético-fonológica da língua Akwen-Xerente.* 2008. 100 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 2008.

STAROSTIN, G. Preliminary lexicostatistics as a basis for language classification: A new approach. *Journal of Language Relationship*, Moscou, v. 3, p. 79–116, 2010.

STAROSTIN, G. (Ed.). *The Global Lexicostatistical Database.* Moscou: Higher School of Economics; Santa Fe: Santa Fe Institute, 2011–2019. (Disponível em: <http://starling.rinet.ru/new100/>, acesso em 12 de fevereiro de 2020.)

STASSEN, L. *Comparison and universal grammar*. Oxford: Basil Blackwell, 1985. x + 373 f.

STEINEN, K. von den. *Durch Central-Brasilien:* Expedition zur Erforschung des Schingú im Jahre 1884. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1886.

STEINEN, K. von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central.* São Paulo: Departamento de Cultura, 1940. 715 f.

STORTO, L. *Línguas indígenas:* tradição, universais e diversidade. Campinas: Mercado de Letras, 2019.

STOUT, M.; THOMSON, R. Elementos proposicionais em orações Kayapó. In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística, no. 3*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974a. p. 35–67.

STOUT, M.; THOMSON, R. Modalidade em Kayapó. In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística, no. 3*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974b. p. 69–97.

STOUT, M.; THOMSON, R. Fonêmica Txukuhamẽi (Kayapó). In: BRIDGEMAN, L. I. (Ed.). *Série Lingüística, no. 3*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1974c. p. 153–176.

SUYÁ, T.; KAYABI, K. S.; SUYÁ, G.; SUYÁ, P.; SUYÁ, Hw. *Kĩsêdjê kapẽrẽ.* São Paulo, Brasília: Instituto Socioambiental, 1999. 107 f.

SUYÁ, W.; SUYÁ, M.; SUYÁ, K.; SUYÁ, R.; SUYÁ, Nh.; SUYÁ, Mb.; SUYÁ, K.; SUYÁ, W. T.; SUYÁ, A.; SUYÁ, T. T.; SUYÁ, K.; SUYÁ, T. J.; KAIABI, P. T.; SUYÁ, Ng. K. *Wâtân khwê wa nhõ twâ. Livro sobre nutrição.* Belo Horizonte: Literaterras, 2012. 70 f.

ŠPRINCIN, N. G. Iz materialov po jazyku botokudov [Dos materiais sobre a língua dos Botocudos]. *Voprosy jazykoznanija*, Moscou, n. 6, p. 101–107, 1961.

TABOSA, L. P. *Construções causativas da língua Kaingang.* 103 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2006.

TABOSA, L. P. 2014. *Orações complexas da língua Kaingang.* 231 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina. 2004.

TEIXEIRA, J. B. *Contribuição para a fonologia do dialeto Kaingáng de Nonoai (RS).* 1988. 44 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 1988.

THIEBERGER, N. *A Grammar of South Efate:* An Oceanic Language of Vanuatu. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2006. 384 f. (Oceanic Linguistics Special Publication, n. 33.)

TREMAINE, Sh. *Dicionário Rikbaktsa-português, português-Rikbaktsa.* Cuiabá: Associação Internacional de Lingüística – SIL Brasil, 2007. viii + 100 f.

TSUNODA, T. Remarks on transitivity. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 21, p. 385–396, 1985.

TUGNY, R. P. de (org.). *Yãmĩyxop xũnĩm yõg kutex xi ãgtux xi hemex yõg kutex*: Cantos e histórias do Morcego-Espírito e do Hemex. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009a. 556 f.

TUGNY, R. P. de (org.). *Mõgmõka yõg kutex xi ãgtux*: Cantos e histórias do Gavião-Espírito. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009b. 539 f.

UNRUH, E.; KALISCH, H. Enlhet-Enenlhet. Una familia lingüística chaqueña. *Thule: Rivista italiana di studi americanistici*, Perúgia, v. 14/15, p. 207–231, 2003.

URBAN, G. 1978. *A model of Shokleng social reality*. 1978. 398 f. Tese (Doutorado) – Department of Anthropology, University of Chicago. 1978.

URBAN, G. Ergativity and accusativity in Shokleng (Gê). *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 51, n. 2, p. 164–187, abr. 1985a.

URBAN, G. On Pataxó and Hãhãhãi. *International Journal of American Linguistics*, Chicago, v. 51, n. 4, p. 605–608, out. 1985b.

VASCONCELOS, E. A. Estudo preliminar do Cayapó do Sul. In: BRAGGIO, S. L. B.; SOUSA FILHO, S. M. de. (Orgs.). *Línguas e Culturas Macro-Jê.* Goiânia: Vieira, 2009a. p. 313–328.

VASCONCELOS, E. A. Sobre a lista de palavras Cayapó do Sul de São José das Mossâmedes. *Sínteses*, Campinas, v. 14, p. 405–423, 2009b.

VASCONCELOS, E. A. A lista de palavras Cayapó do Sul anotada por Nehring. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 290–303, jan./abr. 2011.

VASCONCELOS, E. A. *Investigando a hipótese Cayapó do Sul–Panará*. 2013. 191 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. 2013a.

VASCONCELOS, E. A. Proposta de sistema fonológico para a língua dos Cayapó do Sul aldeados em São José de Mossâmedes. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 257–269, jan./abr. 2013b.

VASCONCELOS, E. A. Panará, Cayapó do Sul e a família Jê: primeiro caminho de análise. *Lenguas y Literaturas Indoamericanas*, Temuco, v. 16, p. 113–130, 2014a.

VASCONCELOS, E. A. Registros linguísticos do Cayapó do Sul de Santana do Paranaíba. *Letras Escreve*, Macapá, v. 4, n. 2, p. 21–40, 2014b.

VASCONCELOS, E. A. Os registros linguísticos dos viajantes naturalistas Emmanuel Pohl (1782–1834) e Auguste de Saint-Hilaire (1779–1853). *LIAMES*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 177–196, jan./jun. 2017.

VASCONCELOS, E. A. Sistema fonológico do Cayapó do Sul (Panará-Jê). In: CHAGAS, A. F. A.; VASCONCELOS, E. A.; GOMES, A. A. S. (Orgs.). *Aspectos gramaticais de línguas indígenas sul-americanas*. Macapá: UNIFAP, 2019. p. 119–143.

VERSWIJVER, G. *The club-fighters of the Amazon:* warfare among the Kaiapo Indians of Central Brazil. Ghent: Rijksuniversiteit te Gent, 1992. 378 f. (Werken uitgegeven door de Faculteit van de Letteren en Wijsbegeerte, v. 179.)

VIANA, A. M. S. *A expressão do atributo na língua Karajá.* 1995. 89 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília. 1995.

VIEGAS BARROS, J. P. *Algunas semejanzas gramaticales Macro-Guaicurú/Macro-Jê.* Comunicação apresentada no IV Encontro de Pesquisadores de Línguas e Culturas Macro-Jê. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

VIEGAS BARROS, J. P. La hipótesis de parentesco Guaicurú-Mataguayo: estado actual de la cuestión. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 5, n. 2, p. 293–333, dez. 2013.

VOGT, F. Die Indianer des Obern Paraná: II. Die Indianer der Coroados-Gruppe. *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft in Wien*, Viena, v. 34, n. 4, p. 353–377, 1904.

VOORT, H. van der. Proto-Jabutí: um primeiro passo na reconstrução da língua ancestral dos Arikapú e Djeoromitxí. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 2, n. 2, p. 133–168, maio/ago. 2007.

VOORT, H. van der. *A grammar of Kwaza.* Berlim: Mouton de Gruyter, 2008. 126 f. (Mouton Grammar Library, v. 29.)

VOORT, H. van der. Whatever happened to Mashubi? Taking a new look at Fawcett's vocabulary. *Cadernos de Etnolingüística*, v. 4, n. 1, p. 1–20, maio 2012.

WETZELS, W. L. Nasal harmony and the representation of nasality in Maxakali: evidence from Portuguese loans. In: CALABRESE, A.; WETZELS, W. L. (Eds.). *Loan Phonology.* Amsterdã: John Benjamins, 2009. p. 241–270.

WETZELS, W. L.; NEVINS, A. I. Prenasalized and postoralized consonants: the diverse functions of enhancement. *Language*, Washington, v. 94, n. 4, p. 834–866, dez. 2018.

WIED-NEUWIED, M. von. Viagem ao Brasil. São Paulo: Editora Nacional, 1940 [1820]. 511 f. (Brasiliana, v. 1.)

WIESEMANN, U. *Die phonologische und grammatische Struktur der Kaingáng-Sprache*. Haia: Mouton, 1972. 211 f.

WIESEMANN, U. Os dialetos da língua Kaingáng e o Xokléng. *Arquivos de Anatomia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 199–217, 1978.

WIESEMANN, U. *Dicionário kaingáng-português, português-kaingáng*. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 1981. 289 f.

WIESEMANN, U. The pronoun systems of some Jê and Macro-Jê languages. In: WIESEMANN, U. (Ed.). *Pronominal systems*. Tübingen: Gunther Narr Verlag. 1986. p. 359–380.

WIESEMANN, U. G. *Dicionário Kaingang – Português, Português – Kaingang*. Curitiba: Esperança, 2011. 175 f.

WILBERT, J. *Material lingüístico ye.* Caracas: Sucre, 1964. (Monografías, n. 10.) 305 f.

WOHLGEMUTH, J. *A Typology of Verbal Borrowings.* Berlim: Mouton de Gruyter, 2009, 459 f. (Trends in Linguistics. Studies and Monographs, v. 211.)

ZWICKY, A. M.; PULLUM, G. K. Cliticization vs. Inflection: English N'T. *Language*, Washington, v. 59, n. 3, p. 502–513, 1983.

Apêndice A. Etimologias Macro-Jê

A seguinte lista das etimologias Macro-Jê é ordenada pelo *onset* da última sílaba (seguindo a ordem */p pr m mr w t n r c ñ j k kr ŋ ŋr ∅/), logo pelo núcleo da última sílaba (seguindo a ordem */a â ə ə̃ ê y ỹ o ô u ũ e ẽ ê i ĩ/) e, finalmente, pela coda da última sílaba.

A estrutura das entradas é como segue: (i) forma reconstruída, (ii) significado, (iii) distribuição (se limitada), (iv) reflexos nas línguas Jê, Jaikó, Transanfranciscanas, Kamakã, Karajá, Ofayé, Rikbáktsa, Jabutí, (v) comentários sobre formas específicas, (vi) prováveis cognatos externos nas línguas Chiquitano, Tupí, Boróro e Karirí, (vii) cognatos propostos em outros trabalhos que não são aceitos nesta tese, (viii) referências.

Não foram incluídas as referências anteriores ao trabalho de Davis (1968) e nem aquelas que se restringem a comparações internas às famílias Jê e Jabutí.

Ao listarmos os cognatos rejeitados, incluímos as etimologias propostas em trabalhos anteriores que envolvem material etimologizado neste apêndice mas que não são compatíveis com a nossa proposta reconstrutiva. Novamente, desconsideramos as referências anteriores ao trabalho de Davis (1968); além disso, não avaliaremos criticamente cada uma das etimologias rejeitadas que se encontram nos trabalhos de Greenberg (1987) e Jolkesky (2016), os quais contêm um número tão elevado de comparações espúrias e erros graves na citação do material que julgamos inadequado incluir comentários detalhados acerca das comparações equivocadas ali propostas.

J = Jê; Jk = Jaikó; M = Maxakalí; Kn = Krenák; Km = Kamakã; Kj = Karajá; O = Ofayé; R = Rikbáktsa; Jb = Jabutí; Ch = Chiquitano; T = Tupí; B = Boróro; L = Macro-Jê Oriental; W = Macro-Jê Ocidental

RV 2010 = Ribeiro e Voort (2010)
NS 2020 = Nikulin e Silva (2020)

***par*°** ‘jirau’

PJ **par* > PJG **par*
(?) OFA *ĩ(-)ɸer* ‘lenha’
RKB *para*

***paj* ~ **paj*°** ‘braço, galho’

PJ **paj'* > PCerr **paj'*; PJM **pã*
JAI ‹ae**pang**›
OFA *ɸe* ‘braço, asa’
RKB *pa-*, *ci-pa* ‘braço’, *xara-pa* ‘galho’
PJab **ǰa(-)pa*

Cognatos externos: PChq **-pa* ‘braço, asa’, Proto-Mundurukú **pɑ*, (?) Kipeá *bo(ro-)*; compare (?) Proto-Caribe **apə-ry*.

Rejeitado:

- Davis (1968, p. 47) compara o material Jê com Proto-Tupí **po* ‘mão’, mas preferimos a comparação alternativa com Proto-Mundurukú **pɑ̨* (PICANÇO, 2020, p. 136), mais precisa do ponto de vista semântico e incompatível com aquela proposta por Davis.
- Ramirez *et al.* (2015, p. 255) e Nikulin (2015, p. 287) comparam o material Jê com MXK *-mãK* (*mĩ-mãK* ‘galho’, *ñĩ-mãK* ‘asa’), porém a nasalidade da vogal em Maxakalí seria inexplicável; além disso, a coda velar em Maxakalí não corresponde à coda palatal das línguas Akuwẽ.
- Rodrigues (1999: #1), Adelaar (2008: #5) e Ramirez *et al.* (2015, p. 258) incluem KNK *po* ‘mão’ na comparação, mas consideramos tratar-se de uma extensão semântica de *po* ‘pé’, reflexo de PMJ **pâr°*; além disso, a ausência da coda em Krenák não corresponde à coda palatal das línguas Akuwẽ.
- Nikulin e Silva (2020, p. 57) incluem Maxakalí *ñĩP-paK* ‘ombro’ na etimologia, porém a coda velar em Maxakalí é incompatível com a coda palatal encontrada nas línguas Akuwẽ. Somado à discrepância semântica, esse fato nos obriga a rejeitar a proposta de Nikulin e Silva (2020).

Davis 1968, p. #45 (J Jk) || Gudschinsky 1971: #3 (J O) || Boswood 1973 (J R) || Rodrigues 1999: #1 (J Jk O + Karirí + Guató *pó* + Yaathê *fê* ‘axila’) || Adelaar 2008: #5 (J O R + Ch + Guató *pó*) || Ribeiro 2011, p. 112 (J + Ch) || RV 2010: #18 (J O R Jb) || Nikulin 2015, p. 287 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Jb + Ch) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 553 (MJ + Ch + T + Karirí + Caribe) || NS 2020, p. 57 (J O R Jb + Ch)

****pâr°*** ‘pé’

PJ **par* > PCerr **par*; PJM **pãn*
PTSF **por* > MXK *pata*; KNK *po* ‘pé, mão’
(?) KMK ‹uádhê›SO, ‹uadê›G, KTX ‹hoate›, MGY ‹uadä›, MAS ‹huachtöh› → *#hʷate*
OFA ***ɸar***, *ɸad-*MP, *ɸar*G, *ɸar*ER, ‹-χoð-›WH ‘pé’, ‹-**ɸua**púį›WH ‘sola’; ‹-**ɸua**této›WH ‘calcanhar’, ‹-**χůat**iê›WH ‘casco’, ‹**puat**šé›WH ‘pata’, ‹-ɸará›CN, ‹-ɸóra›CN-V, *hwara*LS
RKB *pyry*

Cognatos externos: Proto-Tupí **py* (npos. **mby*), Proto-Boróro **bure ~ *byre*, Kipeá *by(ri-)*/Dzubukuá *by*.

Rejeitado:

- Davis (1968, p. 45) e Rodrigues (1999: #12) sugerem a inclusão de Jaikó ‹-pahno› ‘pé’, mas não propõem nenhuma explicação para a emergência da segunda sílaba desse tema.
- Davis (1968: #48), Rodrigues (1999: #12), Ribeiro e Voort (2010: #5) e Ribeiro (2012b, p. 269) propõem a inclusão de Karajá *wa* (< PK **wã*) na etimologia, mas o reflexo regular de PMJ **p* parece ser *h* e não *w*.
- Davis (1968, p. 47) e Rodrigues (1999: #12) comparam o material das línguas Macro-Jê com Yaathê *fêhê* ‘pé’, mas a semelhança é limitada apenas aos segmentos iniciais das respectivas raízes e deve ser descartada.
- Ribeiro e Voort (2010), Nikulin (2015) e Nikulin e Silva (2020, p. 58) propõem a inclusão de PJab **praj* ‘pé’, mas o *onset* PJab **pr* continua regularmente PMJ **pr*; além disso, o reflexo esperado de PMJ **â* nas línguas Jabutí é PJab **ə*, e a presença de *-j* em Arikapú não possui nenhuma explicação se ARI *praj* é considerado um reflexo de PMJ **pâr°*.
- Nikulin e Carvalho (2018, p. 554) sugerem, tentativamente, a inclusão de PChq **-pope* ‘pé’ (e Proto-Caribe **pupu-ru* ‘pé’) na comparação, mas a semelhança fonética entre os dados comparados se limita a apenas um segmento. A comparação entre o material Macro-Jê e Chiquitano é encontrada também no trabalho de Adelaar (2008: #16).

Davis 1968: #48, p. 47 (J M + T) || Gudschinsky 1971: #1 (J O) || Boswood 1973 (J R) || Rodrigues 1999: #12 (J M Kn Km O R + B + Karirí + Guató *àbò*) || Seki 2002, p. 24 (J Kn) || Adelaar 2008: #16 (J M Kn Km Kj O R + B) || RV 2010: #5 (J M O Jb) || Ramirez *et al.* 2015, p. 251, 255, 258 (J M Km Kn) || Nikulin 2015, p. 287 (J M) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + T + B + Karirí) || NS 2020, p. 58 (J M Kj O R)

***pyŋ* ~ **m(b)-*, ~ *-ɑ̂-*, *-ə̃-*, ~ *-ŋ*°** ‘abelha, mel’

PTSF **pyŋ* > MXK *pyK*; KNK *pəŋ*
OFA *ɸəkG*, *ɸok ~ ɸakMP*

Rejeitado:

- Nikulin (2019, p. 109, 124) e Nikulin e Silva (2020, p. 54) comparam PJM **məŋ* ‘caba’ com o material das línguas Transanfranciscanas, mas a coda PJM **-ŋ* deveria corresponder a PTSF **-m* e não a **-ŋ*. A comparação entre KNK *pəŋ* e KGG *mə̃ŋ* é feita também por Rodrigues (1999: #17), Seki (2002, p. 23) e Ramirez *et al.* (2015, p. 258), que adicionam uma comparação com reflexos de PJS **mbeñ* ‘mel’.

Rodrigues 1999: #17 (M Kn O) || Nikulin 2019, p. 124 (M Kn O) || NS 2020, p. 54 (M Kn O)

***pyc* ~ **m(b)-*, ~ *-ɑ̂-*, *-ə̃-*, ~ *-ñ*°** ‘lagoa’

PTSF **pyC-* > MXK *pyC-heP*
OFA *ɸəiʔG*, *ɸoj ~ hojMP*

Rejeitado:

- Nikulin (2015, p. 291; 2017, p. 169) e Nikulin e Silva (2020, p. 57, tentativamente) compara MXK *pyC-heP* com PCerr **mbôŋ* ‘lagoa’, porém a correspondência entre as codas seria irregular.

NS 2020, p. 57 (J? M O)

***pyɪc*°** ‘sair.PL’

PJ **pɑ̂ɪc* > PCerr **pôc*, PJM **pə* (vb. **pə-n*)
(?) PTSF **pyc* > MXK *pyC* ‘servir.LIQ’ [1]
RKB *po*

[1] Apesar da discrepância semântica entre o verbo Maxakalí e seus equivalentes Jê e Rikbáktsa, consideramos sua inclusão provável, pois os significados ‘sair’ e ‘servir’ parecem ser relacionados para os Maxakalí: compare o par *peP* ‘servir’ / REL-*peP* ‘sair.SG’.

Rejeitado:

- Davis (1966: #76) compara KGG *pa-n* ‘fazer sair.PL’ com reflexos de PCerr **pa/*pa-r’* ‘terminar’, porém a correspondência entre as vogais seria irregular.

***pyɪk*° ~ **pyɪŋ*°** ‘acender’

PJ **pɑ̂ɪk* > PJS **pôr/*pôk*, PNR *pô* ‘queimar’
PTSF **pyk ~ *pyŋ* > MXK *pyK* ‘arder’
RKB *pok*

Cognato externo: Proto-Tupí **puK*.

Rejeitado:

- Seki (2002, p. 38) compara MBG *pôk* ‘acender.NF’ (reflexo de PJS **pôk*) com KNK *-pek* (morfema atestado no composto *com-bek* ‘fogo’, cujo primeiro elemento é *con* ‘madeira’). No entanto, o reflexo esperado do étimo em Krenák seria **pək* ou **pəŋ* (e não *-pek*). O mesmo erro é cometido por Greenberg (1987: #18).

Greenberg 1987 (J R) || Nikulin 2015, p. 290 (J M) || Nikulin 2019, p. 122 (J M R + T) || NS 2020, p. 58 (J M R)

po₁(C) ‘cana, tubo’
PJ **pu₁* > PCerr **pu*; PJM **pu* ‘cabo’
PJab **pə*

po₂(C) ‘comer’ **(W)**
RKB *pu*
PJab **pô*

pu(C) ‘voar’ **(W)**
RKB *pa*
PJab **ǰo(-)po*

pũ₂c ‘limpar’
PJ **pũ₂* > PJS **põ/*põ-ñ* ‘esfregar’, **ka-põ/*ka-põ-ñ* ‘varrer’; PJM **pə̃* ‘roçar; roça’
PTSF **mũc* > MXK *mũC* ‘tirar.PL, servir.PL’
PK **ho/*[r]o* ‘lavar’
PJab **pũ* ‘lavar’ > DJE *ɸõ*

Nikulin 2015, p. 297 (J Jb)

pê(C)pê(C) ~ *mbê(C)pê(C) ‘articulação’ **(W)**
RKB *pa-pepe* ‘antebraço’
PJab **pepe ~ *mbepe* > ARI *mẽpe*, DJE *pepe*

pi₁ ‘fazer’ **(L)**
PJ **-pê₁* > PCerr **a-pê/*jV-pê-ñ’*
PTSF **pi* > KNK *pi*

Rejeitado:
- Nikulin (2015, p. 296) compara o material Jê com MXK *mĩ-C* ‘fazer’, admitindo que a nasalidade em Maxakalí é inesperada; aqui concordamos com Nikulin e Silva (2020, p. 57) e preferimos relacionar MXK *mĩ-C* ‘fazer’ a PJ **wĩ* ‘matar.SG’ (significado atestado em Maxakalí Ritual).

Nikulin 2019, p. 122 (J Kn) || NS 2020, p. 59 (J Kn)

pi (F) ‘lavar’
PJ **-pê* > PJM **-pê*
PTSF **pi-k ~ *pi-ŋ* (IRR **pi*) > MXK *pi-C* (IRR *pi*)
RKB *pik* [1]
PJab **pi*

[1] A forma Rikbáktsa contém uma consoante em coda que poderia corresponder ao sufixo de *realis* do Maxakalí.

RV 2010: #31 (J M R Jb) || Nikulin 2015, p. 295 (J M Jb) || Nikulin 2019, p. 124 (J M R Jb) || NS 2020, p. 57 (J M R Jb)

-piɪt ‘tocar, mexer’ **(L)**

PJ *-*pêɪ* > PCerr **ku-pê/*ku-pê-ñ’*
PTSF *-*pit* > MXK REL-*piT* ‘usar, mexer’

Nikulin 2015, p. 295 (J M) || Nikulin 2019, p. 122 (J M)

pVJ ‘flatular’

PTSF *-*pac* ~ *-*pañ* ~ *-*poc* ~ *-*poñ* > MXK *ñ-ũT-paC*
PJab **pâj* > ARI *pəj*, DJE *psi*

Rejeitado:

- Nikulin (2015, p. 295) compara o material Jabutí com reflexos de PJ **pê/*pêk* ‘flatular’, mas a vogal anterior encontrada nas línguas Jê parece ser incompatível os núcleos encontrados em Maxakalí e Arikapú.

ñĩpV ‘orelha’

RKB *xpi*
PJab **nĩpy*

Rejeitado:

- Ribeiro e Voort (2010: #46) incluem Maxakalí *ñĩP-kuC* ‘orelha’ na comparação, porém não sabemos de outros casos de *onsets* do Proto-Macro-Jê ressilabificados como codas em Maxakalí e rejeitamos a proposta de Ribeiro e Voort.

RV 2010: #46 (R Jb)

pĩm° ‘madeira, lenha’

PJ **pĩm* > PCerr **pĩm*, PJM **pĩ* ‘fogo’
PTSF **mĩm* > MXK *mĩP* ‘árvore’
KMK ‹**hui**›M ‘árvore’, KTX ‹**huy**› ‘lenha’, MGY ‹**hoin**dá (oin *unido,* dá *breve*)› ‘lenha’, MEN ‹**hi**› ‘árvore’, ‹**hin**tá (hin *pelo nariz*)› ‘lenha’ → *#hʷĩ* ‘árvore’, *#hʷĩ ta* ‘lenha = árvore morta’
PK **he* ‘lenha’
(?) RKB *pi(-)ak* ‘casca’
(?) PJab **pi-cə* ‘fogo’ (**cə* ‘quente’)

Cognato externo: PChq **peʔe-* ‘fogo’.

Rejeitado:

- Gudschinsky (1971: #53) compara o material Jê com OFA *heɯɻ*G ‘árvore’, porém acreditamos tratar-se de um reflexo de PMJ **kyɪm°* ‘id.’), pois o reflexo esperado de PMJ **pĩm°* nessa língua seria algo como **ɸĩ*.
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *hwi (~ hui)* ‘árvore’, mas não encontramos exemplos que pudessem sustentar a regularidade da mudança PMJ **p* > RKB *hw*. Em vez disso, hipotetizamos, de forma tentativa, que RKB *hui* e PChq **soe-* poderiam ser relacionados via empréstimo indireto (ver nota 22; NIKULIN, a sair).

Davis 1968: #50 (J M) || Adelaar 2008: #11 (J M + Ch) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252, 256, 258 (J M Km) || Nikulin 2015, p. 299 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj Jb + Ch) || NS 2020, p. 55 (J M + Ch)

pran ~ *praŋ ~ *prỹn ~ *prỹŋ ‘sobrinho’

PK **rã*
PJab **praN* ‘sobrinho, neto’> ARI *pra* ‘sobrinhos fraternos’, DJE *ɸõ* ‘neto, neta’

Rejeitado:

- Ribeiro e Voort (2010: #4), Ribeiro (2012b, p. 270) e Nikulin e Silva (2020, p. 53) comparam KRJ *ra* ‘sobrinho’ com reflexos de PJab **krəj* ‘filho’ e PJ **kra*K ‘filho’, porém preferimos a comparação dada nesta entrada por motivos semânticos.

prə̃m ‘fome; querer’

PJ **prə̃m’* > PCerr **prə̃m’*; PJM **prə̃ŋ* ‘fome, estação de fome, ano’
PTSF **prym* > MXK *ptyP* ‘fome; querer; poder’, RIT *pdyP*; KNK *prə̃m* ‘querer’
PK **rə̃m*

Seki 2002, p. 38 (J Kn) || RV 2010, p. 554 (J Kj) || Ribeiro 2012a, p. 189 (J M) || Ribeiro 2012b, p. 270, 280 (J M Kj) || Nikulin 2015, p. 298 (J M) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj) || NS 2020, p. 55 (J M Kn Kj)

prə̂J ‘pena’

PJ **prə̂₂(J)* > PJS **prə̂* ‘pena, palha de milho’
PTSF **pryc ~ *pryñ* > MXK *ptyC-nə̃K* ‘pássaro’, RIT *pdyC-cuP* ‘papagaio (espírito)’,
HHH *#pəkəC* ‘pássaro, pena’

Nikulin 2019, p. 122 (J M) || Nikulin 2015, p. 293 (J M) || Nevins e Silva 2017, p. 1033, nota 4 || NS 2020, p. 58 (J M)

prət ~ *prən° ‘caminho’

PJ **pry ~ *pryn* > PJG **pry*; PJM **REL-pry*
PTSF **prat ~ *pran* > MXK *ptaT*
PK **ry*

Rejeitado:

- Davis (1966: #84) compara o material das línguas Jê Setentrionais e Meridionais com uma forma citada como XAV *mə* (na realidade *bədədi* ‘caminho’ ~ AKW *bdədi*), que não pode ser derivada de PJ **pry(n)* por motivos fonológicos. Em vez disso, poderia se tratar de um empréstimo Maxakalí das línguas Akuwẽ.
- Davis (1968, p. 47) compara o material Jê com Tenetahára *pe* ‘caminho’ (< Proto-Tupí **pe*), mas a discrepância entre as codas faz com que rejeitemos a comparação.
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *hyryhyry* ‘andar por uma trilha’, mas RKB *hVr-* pode continuar apenas PMJ **kr* e não **pr*, cujo reflexo regular em Rikbáktsa parece ser *bVr-*.
- Greenberg (1987: #92) e Seki (2002, p. 25) comparam o material das línguas Jê com KNK *mbroŋ* (Greenberg inclui também o Karajá), porém o reflexo esperado do étimo em Krenák seria **prak* ou **praŋ*. Nikulin e Silva (2020, p. 29–30, 59) observam que KNK *mbroŋ* tecnicamente corresponde a MXK *ptaT*, porém essa comparação é incompatível com a etimologia Macro-Jê da palavra Maxakalí proposta nesta entrada.

Davis 1968: #51 (J M Kj) || Greenberg 1987: #92 (J Kj) || Ribeiro 2012b, p. 269, 280 (J M Kj) || Ramirez *et al.* 2015, p. 256 (J M) || Nikulin 2015, p. 293 (J M) || NS 2020, p. 29–30, 59 (J M Kj)

prũp ‘esposa’

PJ **prũ$_{1}^{K}$* > PCerr **prõ*; PJM **prũ* (vb. **prũ-ŋ*) [1]
PTSF **mrũp* > MXK *mnũP-cuP* ‘grupo de gente da mesma categoria’

[1] A derivação verbal nas línguas Jê Meridionais (KGG *prũ-ŋ*) aponta para uma coda velar subjacente, a qual não corresponde à coda labial atestada em Maxakalí. Não temos uma explicação para essa discrepância; provisoriamente assumimos que o Maxakalí é mais conservador.

Rejeitado:

– Adelaar (2008: #27) compara o material Jê com Chiquitano *pay-* ‘mulher’ (< PChq **-paʔy*) e com Arikapú *pakô-e* ‘mulher’ (< PJab **pakô*), porém não há correspondências sonoras regulares entre essas formas.

Nikulin 2015, p. 297 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M)

***pry(C) ~ *prôp ~ *prôm*°** ‘morder’

(?) PJ **prə̂(C)* > PJM **prə* [1]
(?) PTSF **prôp ~ *prôm* > MXK *ptuP* [1]
MEN ‹im**bró**› → *#pro*
PK **ro*
RKB *boro*

[1] A inclusão de PJM **prə* ‘morder’ na etimologia é incompatível com a inclusão de MXK *ptuP* ‘morder’, apesar da grande semelhança formal entre essas formas, pois a correspondência PJM **ə* ~ MXK *u* seria totalmente irregular. Entretanto, cada uma dessas formas pode ser comparada com PK **ro* e RKB *boro* (não dispomos de critérios estringentes para emitir um julgamento acerca da forma Menién). Se excluirmos PJM **prə* da etimologia, é possível reconstruir PMJ **prôp ~ *prôm*° (> MXK *ptuP*, PK **ro*, RKB *boro*). Se, por outro lado, MXK *ptuP* for considerado não relacionado, é possível reconstruir PMJ **pry(C)* (> PJM **prə*, PK **ro*, RKB *boro*).

Rejeitado:

– Rodrigues (1999: #9) compara o material Karajá com KGG *roŋ* ‘engolir’, Kipeá *do* ‘comer’, Ofayé *rõʔ*$_{G}$ ‘comer’ e Guató *rô* ‘comer’. Em nossa proposta, essa etimologia não é particularmente promissora: KGG *o* pode continuar apenas PMJ **o₂* (> PJ **u₂* > PJM **ô*, abaixado a **o* por apofonia), ao passo que OFA *õ* é reflexo de PMJ **ũ*; PK **ro* ‘morder, comer carne’, em nossa proposta, poderia ser cognato apenas da forma Ofayé (se ambas < PMJ **rũ₂(C)*), mas semanticamente corresponde melhor ao material reproduzido nesta entrada.

Greenberg 1987: #9 (J Km) || Nikulin 2019, p. 124 (J M Kj R) || NS 2020, p. 57 (J? M Kj R)

mbâ ‘fígado’

PJ **mba* > PCerr **mba*; PJM **tə̃-mã*
PK **mã*
OFA *ɸa*$_{ER}$
RKB *py*
PJab **mbə*

Cognato externo: Proto-Tupí **py(-)ʔa* (npos. **mby(-)ʔa*).

Rejeitado:

– Rodrigues (1999: #21) adiciona à etimologia uma forma do Pataxó-Hãhãhãe citada como *ta-ma-ŋaĩ* ‘fígado’. Possivelmente a forma em questão deve ser fonologizada como *čəPʔə̃ŋãC* (cf. *č’əmə̃ŋgə̃j* em MEADER, 1976; *čəmə̃ŋaj* em SILVA *et al.*, 1982); trata-se de um reflexo regular de Proto-Maxakalí

Nuclear **cyᴘkỹnãC* > MXK *cyᴘkỹnãC*, que não apresenta um *onset* labial em nenhuma sílaba e não pode, portanto, continuar PMJ **mbâ*.

- Seki (2002, p. 23) compara o material Jê com KNK *kupəŋ*, mas a forma esperada do reflexo regular de PMJ **mbâ* em Krenák seria **po*.
- Adelaar (2008: #18) adiciona reflexos de PChq **-pakã* 'fígado' na comparação, sugerindo identificar o elemento **-kã* com **kã-* 'pedra'. Embora a proposta de Adelaar (2008) seja impecável desde o ponto de vista fonológico, desconhecemos paralelos semânticos que pudessem sustentar a hipótese. Note que **kã-* 'pedra' é um nome que não pode ser facilmente possuído e não recebe prefixos.

Davis 1968: #26, p. 47 (J Kj + T) || Greenberg 1987: #74 (J Kj) || Rodrigues 1999: #21 (J Kj O + Guató *pe*) || Adelaar 2008: #18 (J Kj O R) || RV 2010: #13 (J Kj O Jb) || Ribeiro 2011, p. 115 (J Jb) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 287 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj Jb) || NS 2020, p. 28, nota 54 (J Kj O R Jb)

***mbâc** (F), ***mbâŋ** (NF) 'ouvir/saber'

PJ **mba* 'ouvir, entender' > PCerr **mba/*mba-r'*; PJM **mã*
PTSF **po-ŋ* (IRR **po-c*) > MXK REL-*pa-ĸ* (IRR REL-*pa-C*); KNK *poŋ*
OFA *ɸaj*
(?) RKB *waby* 'ouvir'
PJab **mbə*

Davis 1968: #27 (J M) || Gudschinsky 1971: #5 (J O) || Boswood 1973 (J R) || Rodrigues 1999: #16 (J Kn O) || Seki 2002, p. 23 (J Kn) || RV 2010: #12 (J M O Jb) || Ribeiro 2011, p. 115 (J Jb) || Ramirez *et al.* 2015, p. 256 (J M) || Nikulin 2015, p. 287 (J M Jb) || NS 2020, p. 54 (J M Kn O R Jb)

***pVmbâ(C)** 'ter medo'

PJ **pVmba(C)* > PCerr **pᵊmba*
RKB *pyby*

Rejeitado:

- Nikulin (2019, p. 112) compara o material das línguas Cerratenses com PJM **ka-mãŋ, *mũ-mãŋ* 'ter medo' e reconstrói PJ **-mbaŋ'*. Em nossa reconstrução atualizada do Proto-Jê, a coda **-ŋ'* não é mais reconhecida como válida, e a correspondência PCerr **-∅* ~ PJM **-ŋ* não é considerada regular.

***mbən°** 'costela'

PJ **mbyn* 'rabo' > PCerr **mbyn*; PJM **mby*
PTSF **pan* > MXK *paT* 'costela'
RKB *p-ek*

Rejeitado:

- Gudschinsky (1971: #50) compara o material Jê com a sílaba medial de OFA *e**kě**jiʔ* (a forma citada sem a consoante temática parece ser aquela flexionada para 2SG; a forma não flexionada é *xe**kě**jiʔ*$_{G}$; compare *xigi*$_{MP}$, *xêgi*$_{ER}$) e reconstrói "Ofaié-Jê" **ŋʷɛ* ~ **kʷɛ*. Neste trabalho não reconhecemos a regularidade da suposta correspondência entre PJ **m* e OFA *k* (com a possível exceção de um único ambiente específico: PJ **mbr* parece corresponder a OFA *kVt*); além disso, a segmentação morfológica proposta pela autora é infundada.

NS 2020, p. 56 (J M)

mə̃ ‘DAT’

PJ **mə̃* > PCerr **mə̃*; PJM **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py*; KNK *pə*
PK **mə̃* ‘LOC’, **t-amə̃* ‘DAT.3, ALL.3’
(?) RKB *mỹ- ~ mũ-* ‘FUT’ (*p-* diante de vogais)
PJab **mã* > DJE *mã* ‘DAT, FUT’

Rodrigues 1999: #36 (J Kj + Yaathê *ma* ‘propósito’) || Seki 2002, p. 38 || RV 2010: #26 (J Kj Jb) || Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj Jb) || NS 2020, p. 43–44 (J M Kn Kj Jb)

mə̃ ‘e.DS’

PJ **mə̃* > PJS **mə̃*
PTSF **py* > MXK *py* ‘FND.DS’

Castro Alves e Nikulin, em preparação (J M)

mbyt ‘pegar, carregar’

PJ **mbə̂₂* > PCerr **mbə̂/*mbə̂-ñ’*; PJM **mbə* (vb. **mba-n*) ‘segurar, pegar.CURTO’
PTSF **pyt* > MXK *pyT* ‘pegar.ANIM.SG’, (?) KNK *m-bək* ‘matar’

Rejeitado:

– Seki (2002, p. 25) compara KNK *mbək* com os reflexos de PJS **bĩ* ‘matar.SG’, bem como com PNR *parĩ* ‘matar.PL’ (forma citada como *tipʌriŋ*), mas a comparação é inviável por motivos fonológicos.

NS 2020, p. 54 (J M Kn)

***mbyp*°** ‘cará’

PJ **mbə̂p* > PJS **mbô̂p* ~ **mbə̂p*
PJab **mbu*

RV 2010: #28 (J Jb)

mbu (F), ***mbu-r*** (NF) ‘chorar’

PJ **mbô* > PJS **mbû/*mbə̂-r*
PTSF **pu-t* (IRR **pu*) > MXK *pu-t-a* (IRR *pu*), RIT *pu-T* (IRR *pu*); KNK *puk*
PK **bu/*bu-r*
PJab **mbo*

RV 2010: #41 (J Kj Jb) || Ribeiro 2012b: 283 (J Kj) || Nikulin 2019, p. 122 (J M Kn Kj Jb) || NS 2020, p. 52 (J M Kn Kj Jb)

mũ₁ (F) ‘ir.PL’

PJ **mũ₁* > PCerr **mõ/*mõ-r’*; PJM **mũ* (vb. **mũ-n*)
PTSF **mũ-ŋ* (IRR **mũ*) ‘ir’ > MXK *mũ-K* (IRR *mũ*); KNK *mũ-ŋ* (IMP *mũ*)
KMK ‹mã›G, MGY ‹man› → *#mã*

Rejeitado:

- Gudschinsky (1971: #48) compara o material Jê com OFA *kãw*$_{G}$ ‘ir’ (compare *kãw ~ kõ*$_{MP}$, *kəw*$_{JS}$), derivando essas formas de “Ofaié-Jê **ŋʷam ~ *kʷam*”). Não pudemos confirmar a regularidade da correspondência PJ **m* e OFA *k* (com a possível exceção de um único ambiente específico: PJ **mbr* parece corresponder a OFA *kVt*).
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com uma forma citada como RKB *para* (as demais fontes atestam *parak*), que preferimos comparar com PCerr **mbra* ‘andar.PL’, pois o reflexo esperado de PMJ **mũ$_{I}$* em Rikbáktsa seria **mũ* e não *parak*.
- Seki (2002, p. 23), ao comparar o material das línguas Jê e Krenák, lista dentre os reflexos em Jê a forma PNR *pan* ‘andar’ (em nossa transcrição, *pãŋ*). O verdadeiro reflexo em Panará é *mõrĩ* ‘ir’.
- Adelaar (2008: #28) compara o material das línguas Macro-Jê com a forma do Chiquitano citada como “*ñ-a-men-ka* ‘andar’” (na verdade *ñ-amẽ-ka* ‘eu caminho’, forma flexionada de PChq **Ø-amẽ-ko*), bem como com Boróro *meru* ‘andar’. Note que as correspondências vocálicas entre o PMJ e o Chiquitano, em geral, não incluem correspondências entre vogais anteriores e posteriores.

Davis 1968: #31 (J M) || Rodrigues 1999: #37 (J M Kn Km) || Seki 2002, p. 23 (J Kn) || Adelaar 2008: #28 (J M Kn Km) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252, 255, 256, 258, 259 (J M Kn Km) || Nikulin 2015, p. 297 (J M) || NS 2020, p. 53 (J M Kn)

****mẽk ~ *mẽŋ*** ‘PL; ASSOC, COM’

PJ **mẽ* > PCerr **mẽ*; PJM **mĩ* ‘PL’
PTSF **mẽk ~ *mẽŋ* > MXK *mỹ$_{K}$* ‘PL’ (*mỹ-* em compostos)

NS 2020, p. 47, 49 (J M)

****mbêñ° ~ *mbêŋ ~ *mbêŋ°*** ‘céu’

PJ **(-)mbe(ñ)* > PJM **ã-be* ‘tempo bom’ (vb. **ã-mba-n*)
OFA *ɸij(ʔ)*$_{G}$
(?) RKB *bio* ‘nuvem, céu’
PJab **mbe*

derivado: ****mbêñ°-kuñ° ~ *mbêŋ(°)-kuñ°*** ‘céu’

JAI ‹maecó›
PTSF **pêñ-kuñ ~ *pêŋ-kuñ* > MXK *peC$_{1}$kuC$_{1}$*
PK **bikû* ‘chuva, céu’
PJab **mbe-ko* (> DJE *be-kö-kö* ‘céu’)

Rejeitado:

- Nikulin (2015, p. 289) compara o material Maxakalí e Jabutí com PJ **kVñkô* ‘céu’. Apesar do elemento **-kô* ser um provável cognato de MXK *-kuC* e PJab **-ko*, a primeira parte desse composto não é comparável ao material das demais línguas Macro-Jê.

Nikulin 2015, p. 289 (J Jb)

****mbêp ~ *mbêp°*** ‘ver’

PTSF **pêp* > MXK *pe-nã* [1]; KNK *pip*
KMK ‹ha hôeh›$_{G}$ ‘eu o vejo’ → *#hʷe*
PK **o(-)bî* ou **ô(-)bî*

[1] O sufixo *-nã* em Maxakalí é utilizado para derivar causativos; talvez *pe-nã* seja, etimologicamente, um causativo de um verbo não atestado **peP* ‘ser visto’. Note que o padrão sincronicamente regular de derivação causativa em Maxakalí falado consiste em uma assilimação da consoante inicial do sufixo causativo à coda da raiz (*-P-nã → -mã*; *-C-nã → -ñã*; *-K-nã → -gã*). Este processo morfofonológico parece ser uma inovação do Maxakalí falado, pois em Maxakalí Ritual são encontrados causativos em que a coda subjacente é perdida completamente precedendo o sufixo *-nã* CAUS. Se MXK *pe-nã* realmente for cognato de KNK *pip*, essa forma deve ter sido lexicalizada em um estágio em que o processo *-P-nã → -mã* ainda não operava na língua.

Rejeitado:

- Seki (2002, p. 23) compara KNK *pip* com reflexos de PJG **pumbu* (NF **pumbuñ*), **jambu* (NF **jambuñ*) ‘ver’, PJM **kənã* ‘olho’ e **wê* ‘ver’. Apenas o último item apresenta alguma semelhança com KNK *pip*, mas a correspondência de PJM **w* em Krenák é *w* e não *p*.
- Ribeiro (2012b, p. 270) compara KRJ *ôbî* ‘ver’ com uma forma reconstruída por ele como **we* (provavelmente o suposto étimo de PJM **wê* ‘ver’), porém a correspondência regular de PJ **w* em Karajá é *w* e não *b*.

****mbêñ*** ‘mel’

PJ **mbeñ’* > PJS **mbeñ*
PK **bid*
PJab **mbê* > ARI *mbi* ‘abelha’, *mbi-co* ‘mel’; DJE *be* ‘mel’, *be-ĵe* ‘caba’

Rejeitado:

- Davis (1966: #46) compara PJS **mbeñ* ‘mel’ com XAV *pĩnĩ // pĩ* ‘id.’ e KGG *mãŋ* ‘id.’, porém essas formas não correspondem regularmente a PJS **mbeñ*. Em vez disso, derivamos a forma Xaváante de PA **pĩnĩ // *pi* ‘líquido’ < PJ **mbêɪn* < PMJ **mbiɪn°*; já KGG *mãŋ* e seu cognato LKL *mõŋ* não estariam relacionados. A comparação entre os reflexos de PJS **mbeñ* ‘mel’ e KGG *mãŋ* é feita também por Rodrigues (1999: #17), Seki (2002, p. 23) e Ramirez *et al.* (2015, p. 258); Rodrigues (1999) e Seki (2002) ainda comparam esses itens com reflexos de PTSF **pəŋ*, que preferimos atribuir a outro étimo do Proto-Macro-Jê.
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *mẽkmẽk-ca* (atestado em *tyk-mẽkmẽk-ca* ‘abelha da cobra’, *biok-mẽkmẽk-ca* ‘pé de jabuti (*tipo de abelha*)’; compare *mẽkmẽk-ɾa-ca* ‘jataí’), mais o reflexo esperado de PMJ **mb* nessa língua é *p-/-b-* e não *m*.

Davis 1968: #29 (J Kj) || RV 2010: #29 (J Kj Jb) || Ribeiro 2012b, p. 95, 282 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 294 (J Jb)

****mbim*** ‘machado’

PJ **mbêm’* > PJM **mbeŋ*
PTSF **pim* > MXK *piP-* ‘metal (*em compostos*)’, RIT *pi̯P* ‘machado; metal, ferro’
PJab **mbiɴ-* > DJE *mĩ-tə*

Rejeitado:

- Rodrigues (1999: #3) compara o material das línguas Jê Meridionais com MBG/API *krə̃mẽ̃ñ* ‘machado’, MXK *kypyk* ‘machado’, KNK *krapok* ‘machado’ e com uma forma Purí citada como *kra-maŋ*. Notamos que a forma MBG/API *krə̃mẽ̃ñ* não é sincronicamente segmentável e carece de cognatos conhecidos nas demais línguas Jê, apontando a sua possível origem não nativa. Os dados das demais línguas não são reconciliáveis fonologicamente com PJM **mbeŋ* e devem ser vistos como não relacionados.

Nikulin 2019, p. 122 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M)

mbi₁n° ‘água’
PJ **mbê₁n* ‘líquido’ > PCerr **mbên*; PJM **mbê* (vb. **mben*)
PK **be*
OFA *ɸiĕʔ, ɸi(ĕ)*n-G, *ɸie, ɸin-, ɸĩ*MP, *ɸi, ɸin*-JS
RKB *pi-hik*
PJab **mbi*

Jolkesky 2016, p. 261 (J Kj Jb) || Nikulin 2017, p. 177, nota 24 (J Kj R Jb)

mbi₂n ‘esposo’
PJ **mbê₂n’* > PCerr **mbjan’*; PJM **mben*
PTSF **pin* > MXK *piT* ‘macho’

Cognato externo: Proto-Tupí **mẽT*.

Rejeitado:
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *barikta*, mas não há qualquer correspondência regular entre essa forma do Rikbáktsa e o material das línguas Macro-Jê reproduzido nesta entrada.

Davis 1968, p. 47 (J + T) || Ribeiro 2009 (J + T) || NS 2020, p. 42, 57 (J M + T)

mbi(C)nũ₂(C) ~ *mbi(C)ñũ₂(C) ‘peixe’
PK **bedo* ‘filhote’
RKB *piknũ*
PJab **mĩnũ*

Jolkesky 2016, p. 267 (Kj R Jb)

****mbra(C)*** ‘andar, caminhar’
PJ **mbra(C)* > PCerr **mbra* ‘andar.PL’
(?) PTSF **pron ~ *proŋ* > KNK *m-broŋ* ‘caminho’
RKB *parak* ‘andar, correr.SG’

Rejeitado:
- Boswood (1973) compara RKB *para* (as demais fontes atestam *parak*) com uma forma citada como PJ **mõ/*mõr* (em nossa reconstrução, PJ **mũ₁* ‘ir.PL’), mas seu cognato regular em Rikbáktsa seria **mũ* e não *parak*. Em vez disso, preferimos a comparação citada nesta entrada.
- Greenberg (1987: #92) e Seki (2002, p. 25) comparam KNK *mbroŋ* com PJ **pry* ‘caminho’, porém o cognato esperado de PJ **pry* em Krenák seria **prak* ou **praŋ* (e não *mbroŋ*). Nikulin e Silva (2020, p. 29–30) observam que KNK *mbroŋ* tecnicamente corresponde a MXK *ptaT* ‘caminho’, porém tal comparação seria incompatível com a etimologia Macro-Jê da palavra Maxakalí proposta nesta tese.

Nikulin 2019, p. 122 (J R) || NS 2020, p. 30 (J Kn?)

mbrôŋ ‘cinza’

PJ **mbro* > PCerr **mbro*; PJM **mrã* [1]
PTSF **prôŋ* > MXK *ptuK* ‘cinza’, RIT *pduK* ‘branco’ [2]; KNK *proŋ* ‘carvão’
(?) OFA *kǎtah*$_{G}$
RKB *poro* ‘bambu; sal’
PJab **mbrəN*

[1] PJM **mrã* possui um reflexo irregular em Kaingáng: *mrẽj* (em vez do esperado **mrẽ*). Em Laklãnõ, o reflexo é regular (LKL *mlã*).
[2] O verbo MXK *pduK* ‘branco’ é tido por Nikulin e Silva (2020, p. 14, nota 30) e Silva (2020a) por um empréstimo do Maxakalí Ritual.

Rejeitado:
- Davis (1966: #49), Gudschinsky (1971: #49), Boswood (1973) e Seki (2002, p. 23) consideram, dentro de uma única etimologia, palavras das línguas Jê com o significado ‘cinza’ ou ‘carvão’; Davis (1966) ainda fornece a reconstrução “**mrɔ, *mrɔc, *prə* ‘cinza’”. A última forma, sem dúvida, é reconstruída para dar conta de API *prə-ʔcêt* ‘carvão’, um claro reflexo de PJS/PCerr **prə* ‘brasa, carvão’ < PJ **prə*^{C} ‘id.’, que não possui relação alguma com PJ **mbro* ‘cinza’.
- Davis (1968: #32), Adelaar (2008: #25), Ribeiro (2012b, p. 270) e Jolkesky (2016, p. 260) incluem Karajá *bryby* ‘cinza’ (< PK **bryby* ou **byrby*) nessa etimologia, porém nenhuma das correspondências sonoras envolvidas na comparação (PK **br* ~ PMJ **mbr*, PK **y* ~ PMJ **ô*, PK **b* ~ PMJ **ŋ*) é recorrente.
- Adelaar (2008: #25) inclui Chiquittano *tyβyty-* ‘cinza’ na etimologia, mas não vemos como reconciliar essa forma com PMJ **mbrôŋ* fonologicamente.

Davis 1968: #32 (J M) || Gudschinsky 1971: #49 || Boswood 1973 (J R) || Seki 2002, p. 23 (J Kn) || Adelaar 2008: #25 (J M) || RV 2010: #38 (J M Kn Jb) || Ribeiro 2012a, p. 190 (J M) || Nikulin 2015, p. 292 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Jb) || NS 2020, p. 52 (J M Kn O R Jb)

mrỹp ~ *mrỹm° ‘submergir, dar banho’

PJ **mrỹ ~ *mrỹm* > PJS **kumrə̃* ‘dar banho’
PTSF **mrỹp ~ *mrỹm* > MXK *mnỹP* ‘submergir’
RKB *para* ‘dar banho’
PJab **mbra* > ARI *mbrã* ‘dar banho’, DJE *ma* ‘tomar banho’

Rejeitado:
- Nikulin (2015, p. 298) compara o material Maxakalí e Jabutí com PJS **mrõ* ‘mergulhar’; aqui optamos por incluir na comparação PJS **kumrə̃* ‘dar banho’, um verbo transitivo que apresenta uma vogal não arredondada.

Nikulin 2015, p. 298 (M Jb) || Nikulin 2019, p. 122 (J M R?) || NS 2020, p. 58 (J M)

mrũ(C) ‘barro, argila’ **(W)**

RKB *mõrõ-xuk* ‘panela de barro’
PJab **mrã*

Rejeitado:
- Chama a atenção semelhança do material citado com MXK *ptʉ̃C* ‘barro’, mas o reflexo esperado de PMJ **mr* em um ambiente nasal seria MXK **mn-* e não *pt-*.

mrũ(C) ‘mergulhar’

PJ **mrũ(C)* > PJS **mrõ* ‘mergulhar, afundar; cozinhar’
RKB *mõrõ ~ mũrũ* ‘tomar banho’

Rejeitado:
- Nikulin (2019, p. 122) inclui também PJab **mrə̃* ‘banhar’, forma que aqui reconstruímos como **mbra* ‘dar banho’ e atribuímos ao étimo PMJ **mrỹp ~ *mrỹm°* ‘submergir, dar banho’.

Nikulin 2019, p. 122 (J R)

wə̃p ‘cheirar, farejar’ **(L)**

PJ **wə̃$^{(P)}$* > PJG **bə̃/*bə̃-r*
PTSF **wyp* > MXK *cy-pyP* ‘nariz’, *ca-pyP* ‘porco’, RIT *byP* ‘farejar’, *ca-byP* ‘porco’; KNK *wəp* ‘cheirar, beijar’

Rejeitado:
- Ramirez *et al.* (2015, p. 251, 254) comparam MXK *cy-pyP* ‘nariz’ com formas não relacionadas das línguas Maxakalí, Krenák e Kamakã, reflexos de PMJ **ñĩja* ‘nariz’.

Nikulin 2019, p. 122 (J M Kn) || NS 2020, p. 52 (J M Kn)

wə̂m° ‘podre’ **(L)**

PJ **wəm* > PJM **wə̂*
PTSF **wym* > KNK *wəm*

Rejeitado:
- Nikulin (2019, p. 124) e Nikulin e Silva (2020, tentativamente) consideram ainda a possibilidade de incluir Ofayé *ɸaːʔ* ‘podre’ na etimologia, porém o reflexo esperado de PMJ **w* nessa língua é *w* e não *ɸ*.

Nikulin 2019, p. 124 (J Kn) || NS 2020, p. 59 (J Kn)

wə ‘pegar, carregar’

PJ **wy* > PJS **by/*by-r* ‘pegar.SG’; PJM **wy-n* ‘pegar, carregar.COMPR.NF’
PTSF **wa* > MXK *pa* ‘pegar.INAN.SG’, *pa-C-* ‘CAUSCOM.INAN.SG’, RIT *ba* ‘pegar.INAN.SG’, *ba-C-* ‘CAUSCOM.INAN.SG’
PK **wy/*wy-d* ‘carregar’
OFA *wa*$_{JS}$ ‘pegar’
PJab **wa(j)* > DJE *wa* ‘pegar, comprar’

RV 2010: #39 (J M Kj Jb) || Nikulin 2015, p. 293 (J M Jb) || NS 2020, p. 58 (J M Jb)

wi(C) ‘subir’

PJ **(-)wi(C)* ‘subir’ > PJS **a-bi/*ĵə-bi-r*
OFA *wi(-gê)*$_{MP}$
(?) PJab **ǰu(w)i*

RV 2010: #35 (J Jb)

****wẽk ~ *wẽŋ*** ‘mostrar’ **(L)**

PJ **wẽ* ‘mostrar, falar’ > PJG **wẽ/*wẽ-r*; PJM **wĩ* (vb. **wĩ-n*) ‘falar’
PTSF **wẽk ~ *wẽŋ* > MXK *mỹK*

Rejeitado:

- Ribeiro (2012b, p. 270) compara PJ **wẽ* com KRJ *rybe* ‘falar’, porém a correspondência regular de PJ **w* em Karajá é *w* e não *b*. Além disso, KRJ *rybe* ‘falar’ provavelmente tem sua origem em PK **ry-be* ‘saliva’ (um composto de **ry* ‘boca’ e **be* ‘água’), pois, segundo Lourenço (2009, p. 270), na cultura Javaé “[a] transmissão das boas qualidades da voz (*rybèxi*) e de uma boa memória, tanto dos cantores quanto das cantoras, é feita através da saliva chamada de *rybè*, “água (*bè*) da boca (*ry*)”, que os parentes (bilaterais) de uma criança depositam em sua boca”.

NS 2020, p. 57 (J M)

****jawiɹt*** ‘convidar’ **(L)**

PJ **jawêɪ* > PCerr **jawê* ‘amar, respeitar’
PTSF **jawit* > MXK *capiT* ‘convidar’

Nikulin 2019, p. 122 (J M) || NS 2020, p. 55 (J M)

****wĩ*** (F) ‘matar’

PJ **wĩ* > PCerr **wĩ/*wĩ-r* ‘matar.SG’
PTSF **wĩ-k ~ *wĩ-ŋ* (IRR **wĩ*) > MXK *mĩ-C* (IRR *mĩ*) ‘fazer’, RIT *mĩ-C* (IRR *mĩ*) ‘matar’
(?) PK **we* ‘furar, dar facada’
OFA *wĩ*G ‘atirar’

Cognato externo: Proto-Tupí **wĩ* ‘matar’; compare Yaathê *wê* ‘matar’.

Rejeitado:

- Davis (1966: #81) compara KGG *pin* ‘atirar.PL’ com reflexos de PCerr **wĩ/*wĩ-r* ‘matar.SG’ (comparação reproduzida em GUDSCHINSKY, 1971: #45), porém não há correspondência regular entre os *onsets*, núcleos ou codas dessas formas.
- Gudschinsky (1971: #4) compara Ofayé *wĩ* com Proto-Jê **mẽ(ñ)* (em nossa reconstrução, PJ **mẽT* ‘arremessar.SG’), forma que acredita ser também o étimo de KGG *pẽŋ* ‘lançar, atirar’. Não pudemos comprovar a regularidade da correspondência PJ **m ~* OFA *w*. Já o dado do Kaingáng não possui qualquer relação nem a OFA *wĩ* e nem a PJ **mẽT* (cujo reflexo nessa língua é *mĩ*, NF *mĩn* ‘despejar’), pois continua regularmente PJM **pãŋ*.
- Gudschinsky (1971: #45) compara o material das línguas Cerratenses (e KGG *pin* ‘atirar.PL’) com OFA *kə̃ĩt*G (*kaj*MP, *kəj*JS) ‘matar.RLS’, porém não pudemos comprovar a regularidade da correspondência entre PCerr **w* e OFA *k*.
- Boswood (1973) compara o material das línguas Cerratenses com RKB *beɽe* ‘matar.SG’, porém o reflexo esperado de PMJ **wĩ* nessa língua seria algo como **wĩ* e não *beɽe*.

Greenberg 1987: #69 (J + Yaathê) || Nikulin 2019, p. 122 (J M + T) || NS 2020, p. 42, 57 (J M + T)

****ta-*** ‘3CRF’

(?) PJ **ta* > PCerr **ta* ‘base dêitica que serve para derivar demonstrativos’
PK **ta-* (classe I) / **t-* (classe II)
RKB *ta-* (PL *ta-ha-*)

PJab **ta-* > ARI *ta-* ‘3CRF, 3.S$_A$’

Cognatos externos: PT **tə-*, PB **ty-*, Kipeá/Dzubukuá *d(i)-*; compare Proto-Caribe **t-*.

Rejeitado:

- Gudschinsky (1971: #7) compara o material Jê com OFA *te?*$_G$ ‘ele’. Fonologicamente, poderia ser um reflexo de PMJ **ta*; entretanto, tal elemento não se encontra atestado em nenhuma descrição morfossintática do Ofayé (OLIVEIRA, 2006; J. SILVA, 2012), colocando em dúvida a realidade da forma documentada por Gudschinsky (1971, 1974).

Boswood 1973 (J R) || RV 2010: #52 (J R Jb + B)

****ta(C)*** ‘cortar fora’

PJ **ta(C)* > PCerr **ta/*ta-r’*
OFA *te(-gê)*$_{MP}$
RKB *tak* ‘quebrar’

****təkº*** ‘preto’ **(L)**

PJ **tyk* > PCerr **tyk*; PJM **ku-ty* ‘escuro, noite’ (vb. **ku-ty-ŋ*)
KTX ‹tah›, MAS ‹oeich**tá**› ‘preto’ → *#ta*; KMK ‹cua**dá**›$_{SO}$, ‹kua**da**, kuà**dá**, kwahă**dá**›$_G$, MGY ‹khoha**dá** (kho *tão breve que apenas se ouve*, dá *breve*), koache**dá** (e *apenas audível*, da *breve*›, MAS ‹gach**thá**› ‘homem negro; preto (*cor*)’ → *#kwaha-ta*

Rejeitado:

- Davis (1968: #59) compara o material Jê com a forma Maxakalí citada, equivocadamente, como *-nĩñ* ‘preto’; a raiz para ‘preto’ possui, na realidade, a forma *mnĩ*$_C$ e não apresenta nenhuma semelhança alguma com PJ **tyk* ou Kamakã *#ta*.
- Gudschinsky (1971: #13) compara o material Jê com OFA *kõrõ̌?*$_G$, segmentando o dado do Ofayé sem nenhuma justificativa como *kõ-rõ̌?* e derivando ambas as formas de “Ofaié-Jê” **tɨk, *rɨk*. Além da arbitrariedade da segmentação morfológica proposta pela autora, não pudemos comprovar a regularidade de nenhuma das supostas correspondências sonoras envolvidas (OFA *r* ~ PJ **t*; OFA *õ* ~ PJ **y*).

****tə̃*** ‘INSTR’ **(L?)**

PJ **tə̃* > PCerr **tə̃*; PJM **tə̃* ‘ERG, INSTR’
PTSF **ty* ‘LOC’ > MXK *ty*; KNK *tə*
(?) RKB *tuk*

NS 2020, p. 44 (J M Kn)

****tə̂m*** ‘novo’

PJ **təm’* ~ **tə̂$_2$m’* > PCerr **təm’* ~ **tə̂m’* ‘novo, cru’; PJM **taŋ*
PTSF **tym* > MXK *tyP*
(?) PK **tə̃m-rã*
OFA *tə*$_{MP}$
(?) RKB *edytyk* ~ *(e)ɽytyk*
(?) PJab **-təj* > ARI *rətəj*, DJE *dote*

Rejeitado:

– Davis (1966: #59) e Ramirez *et al.* (2015, p. 256) comparam XAV *tem // te* ‘novo, cru’, KGG *tõŋ* ‘novo’ com os reflexos de PJS/PJG **ndŷ* ‘novo’, reconstruindo PJ **nɨw*, forma que, por sua vez, é comparada com Maxakalí *tyP* (DAVIS, 1968: #37). O verdadeiro cognato de XAV *tem // te* ‘novo, cru’ (< PA **tem // *te*), KGG *tõŋ* ‘novo’ (< PJM **taŋ*) e MXK *tyP* ‘novo’ é, sem dúvida, PJS **təm* ‘cru’, ao passo que PJS/PJG **ndŷ* não possui relação alguma com as formas supracitadas, conforme evidenciado pela ausência de correspondências sonoras. Nikulin e Carvalho (2018, p. 557) hipotetizam que PJS/PJG **ndŷ* possui uma origem não nativa, comparando esse lexema com Hup (família Nadahup) *nd’əw-ájˀ* e atribuindo a semelhança observada a um possível substrato amazônico em Proto-Jê Setentrional.

Davis 1968: #37 (J M) || Ramirez *et al.* 2015, p. 256 (J M) || Nikulin 2015, p. 293 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M O)

****to(C)*** ‘carregar’

PJ **tu₁* > PCerr **tu/*tur’*; PJM **tu* ‘carregar nas costas’
PJab **tə* ‘levar, trazer’

Rejeitado:

– Nikulin (2015, p. 291) compara o material Jê e Jabutí com um verbo Maxakalí citado como *taha / tat* ‘carregar’; trata-se de uma representação equivocada MXK *taT* ‘carregar.MASS’, que preferimos aqui comparar com PJ **ru₁ᵀ* ‘carregar água’.

Nikulin 2015, p. 291 (J Jb?)

****to(C)*** ‘urinar’

PJ **tu(C)* > PCerr **tu/*tu-r’*
RKB *tuk*

****to₂m*** ‘velho’

PJ **tu₂m’* > PCerr **tum’*; PJM **toŋ* ‘seco (*de plantas*)’
PTSF **tom* > MXK *taP* ‘já’, *-taP* ‘escuro, seco (*de plantas*)’, *hi-taP* ‘antigo’
PK **tyb*

Rejeitado:

– Seki (2002, p. 38) compara MBG *tũm* ‘velho’ (reflexo de PCerr **tum’*) com KNK *ton* ‘velho, feio’, mas rejeitamos essa comparação, pois o reflexo regular de PMJ **to₂m* em Krenák seria **tom* e não *ton*.
– Nikulin (2015, p. 291) compara PJM **toŋ* ‘seco (*de plantas*)’ com MXK *daK* ‘seco’, porém na nossa proposta atual PJM **-ŋ* em palavras não derivadas pode corresponder apenas a MXK *-P*. Além disso, MXK *d* aponta para uma origem emprestada de *daK* (possivelmente do Maxakalí Ritual); nesse caso, o étimo desse verbo deve ter sido PTSF **rak, *raŋ, *rok* ou **roŋ*.

NS 2020, p. 58 (J M)

tôp ‘voar’ **(L)**

PJ *to^{P} > PCerr **to/*top-r*; PJM **tã* (vb. **tã-m*)
PTSF **tôp* > MXK *tup-a* (IRR *tuP*) ‘voar.SG’

Rejeitado:

- Davis (1966: #) inclui CAN *tee* na comparação, mas o único lexema com essa forma que conseguimos achar no dicionário de Grupp (2015) significa ‘em vão’ e não ‘voar’. O verdadeiro cognato em Canela é *to/(-ʔ)to-r* ‘voar’.
- Davis (1968: #57) compara KRJ *uo* ‘voar’ (citado por ele como *-ɔ-*) com o material das línguas Jê e Maxakalí, porém não aceitamos essa comparação em razão da ausência de qualquer traço de um reflexo de PMJ **t* em Karajá.

Davis 1968: #57 (J M) || Nikulin 2019, p. 109 (J M) || NS 2020, p. 58 (J M)

ñũɪctôk ‘língua’

PJ *$ñũ_{ɪ}cto^{(K)}$ > PCerr **ñõjto*; PJM **nũnã*
PTSF **ñũccôk* > MXK *ñũCcũK*; KNK *jicok*
PK **dorto*
OFA *jõrăh*$_{G}$
RKB *xtẽrõ-ɣik*
PJab **nũtə*

Cognato externo: PChq **-otu*$_{[+nas]}$, (?) Karirí *nunu*.

Davis 1968: #41, p. 45 (J Jk M Kj) || Gudschinsky 1971: #23 (J O) || Boswood 1973 (J R) || Seki 2002, p. 24 (J Kn) || Ribeiro 2002: 40 (J + Karirí) || Ribeiro 2004, p. 98 (J Kj) || Adelaar 2008: #1 (J Kj O + Ch) || RV 2010: #36 (J Kj O Jb) || Ribeiro 2011, p. 110, 112 (J Kj O + Ch) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Ramirez et al. 2015, p. 255 (J M) || Nikulin 2015, p. 292, 297 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 261 (J Jb + Ch) || NS 2020, p. 54 (J M Kn Kj O R Jb + Ch)

tum ‘gordura’

PJ **tôm’* > PCerr **twam’*; PJM **taŋ*
PTSF **tum* > MXK *tuP*
(?) RKB *tu**ta***
PJab **tôN* > ARI *tô-ka*, DJE *tõ*

Rejeitado:

- Davis (1968: #60) compara o material Jê e Maxakalí com KRJ *we*, mas rejeitamos essa sugestão em razão da ausência de qualquer traço de um reflexo de PMJ **t* em Karajá.

Davis 1968: #60 (J M) || Boswood 1973 (J R) || Greenberg 1987: #40 (J M) || Ramirez *et al.* 2015, p. 255 (J M) || Nikulin 2015, p. 289 (J M Jb?) || Jolkesky 2016, p. 263 (J Jb) || NS 2020, p. 56 (J M)

tũj ~ *tũj° ‘irmão (mesmo gênero do *ego*)’ **(L)**

PJ **tũj’* > PCerr **tõj’*
PTSF **nũc ~ *nũñ* > MXK *nũC*
(?) KTX ‹chi**ton**›, MEN ‹a**tó**› → *#tõ*

Greenberg 1987: #64 (J Km) || Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M)

tũ₁k ‘NEG’

PJ **tũ₁*^{K} > PCerr **tõ*; PJM **tũ* (vb. **tũ-ŋ*)
PTSF **nũk* > MXK *nũK* ‘acabar’; KNK *nuk*
PJab **tã* > ARI *tã*, DJE *tõ*

RV 2010: #11 (J Kn Jb) || Nikulin 2015, p. 297 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 261 (J Jb) || Nikulin 2019, p. 110 (J M) || NS 2020, p. 49 (J M Kn Jb)

***tek*° ~ *teŋ*°** ‘barriga’ **(L)**

PJ **tik* > PCerr **tik*
PTSF **tek* ~ **teŋ* > MXK *teC*

Rejeitado:

- Davis (1968: #58) compara MXK *teC* ‘barriga’ com a suposta forma PJ **tu*, **tum* e com uma forma do Karajá citada pelo autor como *-wo-* (nos dados de RIBEIRO, 2012b encontramos apenas KRJ *we* ‘barriga’). Notamos que a etimologia Jê, proposta pela primeira vez por Davis (1966: #98), inclui, indiscriminadamente, reflexos dos étimos PCerr **tum* ‘barriga’ e PJM **nduŋ*, cujos *onsets* e codas não apresentam correspondências sonoras regulares entre si; nenhum desses itens pode ser comparado com MXK *teC* por causa na discrepância entre as respectivas vogais. Karajá *we* não pode ser comparado com nenhum dos itens supracitados em razão da ausência de qualquer traço de um reflexo de PMJ **t* ou **nd*.
- Adelaar (2008: #19) compara MXK *teC* com a suposta forma PJ **tu(m)* (ver acima), KNK *tũŋ* e Chiquitano *tusi-x* ‘barriga’ (a glosa mais correta seria PChq **-tusi* ‘peito’). Nenhuma dessas comparações é foneticamente viável.

Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 55 (J M)

tẽ (F) ‘ir.SG’ **(L)**

PJ **tẽ/*tẽ-m’* > PCerr **tẽ/*tẽ-m’*; PJM **tĩ* (vb. **tĩ-n*)
PTSF **nẽ-n* (IRR **nẽ*) ‘vir’ > MXK *nỹ-T* (IRR *nỹ*); KNK *nĩ-ŋ* (IRR *nĩ*)
KMK ‹hi ni!, hini!›$_{G}$ ‘vem!’, MEN ‹ni› ‘ir depressa; vem!’ → *#nĩ*

Rejeitado:

- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *taba* ‘andar no mato’, mas o único segmento que apresenta uma correspondência regular entre PJ **tẽ* e RKB *taba* seria a consoante inicial.
- Seki (2002, p. 25), ao comparar o material das línguas Jê e Krenák, lista dentre os reflexos nas línguas Jê formas tais como PNR *kwy* ‘ir’ e KGG *mũ-n* ‘mover’, obviamente não relacionadas às demais.

Rodrigues 1999: #6 (J M Kn Km) || Seki 2002, p. 25 (J Kn) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252, 254, 256, 258 (J M Km Kn) || NS 2020, p. 55 (J M Kn)

tê ‘GEN’ → ‘ERG’ **(L)**

PJ **te* > PCerr **te* ‘GEN, ERG’
PTSF **tê* ‘ERG’ > MXK *te* ‘ERG/NOM’; KNK *ti* ‘eu’, *ho-ti* ‘tu’

Nikulin 2019, p. 123 (J M Kn) || NS 2020, p. 46 (J M Kn)

ndaj ~ *ndaj° ‘chuva’

PJ **ndaj’* > PCerr **ndaj’*
(?) PTSF **tVc ~ *tVñ ~ *tVj* > MXK *teC*
PJab **nãj* > ARI *nãj*, (?) DJE *nĩ(-)pa*

Cognato externo: PChq **ta-* ‘chuva’.

Rejeitado:

- Davis (1966: #55), Seki (2002, p. 23), Adelaar (2008: #3), Ramirez *et al.* (2015, p. 256) e Jolkesky (2016, p. 260) comparam KGG *ta* ‘chuva’ com o material das línguas Cerratenses, porém essa comparação é totalmente irregular e deve ser rejeitada. KGG *ta* (~ LKL *to* < PJM **tə*) aponta a PJ **tə̂(C)*, sendo que o reflexo esperado de PJ **ndaj’* em Kaingáng seria **nẽ*.
- Boswood (1973) e Jolkesky (2016, p. 267) compara o material das línguas Jê com RKB *nawu* ‘chover’ (cuja representação fonológica mais correta parece ser *nãwõ*), mas foi-nos impossível verificar se a palavra Rikbáktsa é morfologicamente complexa.
- Seki (2002) compara os reflexos de PJ **ndaj’* com KNK *m̊uñaŋ* ‘água, chuva’ (em outras fontes, a palavra é transcrita como *m̊iñaŋ, m̊iñəŋ, m̊yñəŋ, m̊ɨñaŋ*), mas não há qualquer correspondência regular entre esses vocábulos.

Davis 1968: #34 (J M) || Adelaar 2008: #3 (J M + Ch) || Ramirez *et al.* 2015, p. 256 (J M) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Jb + Ch)

nə̃t ‘mãe’ **(L)**

PJ **nə̃* > PCerr **nə̃*; PJM **nə̃*
JAI ‹ná›
PTSF **tyt* > MXK *tyT*

Rejeitado:

- Rodrigues (1999: #24) inclui em uma mesma etimologia reflexos de PMJ **nə̃t* ‘mãe’ (em Jê, Jaikó e Maxakalí) e **nĵe(C)* ‘mãe’ (PK **nã-di*, Rikbáktsa *je*), bem como Kipeá *de*, Yaathê *sa* e Boróro *ce* ‘mãe’. Note que em diversas línguas Jê Setentrionais reflexos de PMJ **nə̃t* e **nĵe(C)* coexistem, mostrando claramente que se trata de dois étimos distintos com semântica próxima.
- Seki (2002, p. 23) compara o material das línguas Jê com KNK *jopu* ‘mãe’ e *nĵuknãŋ* ‘mulher’ (em outras fontes, a palavra é transcrita como *nĵukn̊əŋ, nĵuknən, nĵuknaŋ*), porém o reflexo esperado desse étimo em Krenák seria **tək*, que não apresenta qualquer semelhança com os dados citados por Seki.
- Ramirez *et al.* (2015, p. 252) compara Maxakalí *tyT* com uma forma do Kotoxó citada como “*titsin*” (na obra original KTX ‹tizil› ‘mãe’, compare ‹deuzeuhda, totzöhntan›M ‘mãe’), mas não há qualquer semelhança fonológica entre os dados citados. Em um outro momento, Ramirez *et al.* (2015, p. 256) glosam MXK *tyT* como ‘grande’ e a comparam com as formas citadas pelos autores como “Jê *-ti / -rɨ*”; evidentemente, trata-se de PJS **-ti* ‘aumentativo’ e PJG **ry* ‘comprido’, duas raízes completamente diferentes entre si e que não podem corresponder a MXK *tyT* tanto por motivos semânticos como em razão da inexistência das correspondências MXK *y* ~ PJS **i*; MXK *y* ~ PJG **y*.
- Nikulin (2016, p. 293) compara Maxakalí *tyT* com PJM **tə̂* ‘mulher’; a comparação é fonologicamente impecável e semanticamente plausível, mas perde para a etimologia proposta por Nikulin e Silva (2020, p. 57), que envolve itens com semântica idêntica.

Davis 1968: #17; p. 45 (J Jk) || Rodrigues 1999: #24 (J Jk M) || Ramirez *et al.* 2015, p. 255 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M)

ndoɪñ ‘pescoço’

PJ **nduɪñ’* > PJM **nduñ*
OFA *tôə̆ʔ*G ‘pescoço, nuca’

Cognato externo: PChq **-tyy* ‘pescoço’.

Rejeitado:

- Gudschinsky (1971: #47) compara a forma do Ofayé não com PJM **nduñ* e sim com uma forma citada pela autora como PJ **mut* (em nossa reconstrução, PCerr **mbut*) 'pescoço'. Para tanto, Gudschinsky (1971) cita a forma do Ofayé flexionada para a terceira pessoa, segmentando-a como *ə̃t-ôə̃ʔ* (sic!) e derivando a sequência *ə̃t-* do Ofayé e o material Jê de "Ofaié-Jê" **ŋʷut*. A comparação é morfológica e fonologicamente impossível.

Greenberg 1987: #83 (J O + Ch)

****(kV-)ndôm°*** 'olho' **(L)**

PJ **ndom* > PCerr **ndom*; PJM **kə-nã* (vb. **kə-nã-n*) 'olho, semente'
PTSF **kitôm* > MLL *#keto*; KNK *kitom*
KMK ‹aen**köh-toh**›$_{M}$, ‹an**quedô**›$_{SO}$, ‹**kôdôh**›$_{G}$, KTX ‹**kitho**›, MGY ‹**kedó**›, MEN ‹im**gutó**›, MAS ‹**göchtch**› → *#kVtô*

Cognato externo: PChq **-sú-**to*** ~ **-sý-**to*** 'olho, buraco'; compare Yaathê *tʰô* 'olho'.

Rejeitado:

- Davis (1968: #36), Rodrigues (1999: #11), Ribeiro (2004, p. 98) e Adelaar (2008: #15) comparam o material Jê com Karajá *rûe* 'olho' (compare *rû* 'vista; olho:CL'), mas não encontramos exemplos que pudessem corroborar a regularidade das supostas mudanças PMJ **nd* > KRJ *r*, PMJ **ô* > KRJ *û* (ou *u*). Foneticamente, seria possível comparar a forma do Karajá com Maxakalí *ptuC* 'cabeça' (< PMJ **pruñ°* ou **mbruñ°*), mas a discrepância semântica impede a comparação.

Greenberg 1987: #37 (M Kn + Ch / J + Yaathê) || Rodrigues 1999: #11 (J Km + Yaathê) || Seki 2002, p. 23 (J Kn) || Adelaar 2008: #15 (J Kn Km + Ch + Yaathê) || Ramirez *et al.* 2015, p. 250, 254, 258 (J M Km Kn) || NS 2020, p. 54 (J M Kn)

****nũ₂p*** 'estar deitado'

PJ **nũ₂^{P}* (SG) > PCerr **nõ/*nõp-r*; PJM **nə̃*
PTSF **nũp* > MXK *nũP* (PL)
(?) OFA *no ~ norŏʔ*$_{G}$, *nõ꞉, nõd-, nõ꞉-gʷê*$_{MP}$ 'estar sentado, sentar-se'
(?) RKB *nũ* 'pôr do sol', *cik-nũ* 'fluir'
PJab **nã* > ARI *nã* 'fazer sexo'

Cognato externo: PChq **-no-* 'dormir'.

Rejeitado:

- Davis (1968: #35) compara o material Jê com um verbo Karajá citado, equivocadamente, como *rõrõ* 'dormir'. Na realidade, a raiz para 'dormir' em Karajá é apenas *õrõ* (*r-* é um prefixo centrífugo) e é reflexo de PMJ **ũ₁r* 'dormir'.
- Rodrigues (1999: #32) lista as formas das línguas Cerratenses e Ofayé na mesma etimologia que inclui os reflexos de PMJ **ũ₁r* 'dormir' como se, por exemplo, PJS **nõ* 'estar deitado.F' e **ŋõr* 'dormir.F' fossem reflexos de um mesmo étimo.
- Jolkesky (2016, p. 260) e Nikulin e Carvalho (2018, p. 554) compara Chiquitano *nu* 'dormir' com os reflexos de PMJ **ũ₁r* (NF **ñũ₁t°*) 'dormir' (em nossos dados, a raiz para 'dormir' é *-no-* em Chiquitano, cf. 3ª pessoa *m-á-no-mo* no dialeto Migueleño). Entretanto, não sabemos de nenhum outro exemplo que comprove a suposta regularidade da correspondência PMJ **ñ* ~ Chq *n*. Por esse motivo, preferimos incluir o referido verbo do Chiquitano nesta entrada.

Gudschinsky 1971: #9 (J O) || Boswood 1973 (J R) || Rodrigues 1999: #32 (J O) || Nikulin 2015, p. 298 (J Jb) || Nikulin 2019, p. 109 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M)

nũJ ‘outro, INDEF’:

PJ **nũ(C)* > Timbíra **nõ*
PTSF **nũc* ~ **nũñ* > MXK *nũC* ‘outro’
PK **nõ* ‘INDEF’

Rejeitado:

– Ramirez *et al.* (2015, p. 256) comparam o material das línguas Maxakalí e Timbíra ainda com reflexos de PJM **ũ* ‘outro, INDEF’ e formas tais como API/MBG *ʔõ* ‘outro’. A comparação é inviável por motivos fonológicos.

Ramirez *et al.* 2015, p. 256 (J M)

nṼ(C) ‘dar’ **(W)**

OFA *no*G, *nõ*MP
RKB *nỹnỹ*

ndêp° ‘maduro’

PJ **ndep* > PJS **ndep*
(?) PTSF **têp-* > MXK *teP-ta* ‘banana’ [1]
(?) RKB *nẽnẽ*

[1] A relação semântica entre MXK *teP-ta* ‘banana’ e os itens PJS e RKB (ambos significando ‘maduro’) não é trivial, mas um paralelo potencial é fornecido por algumas variedades do espanhol, em que alguns tipos de banana são conhecidos sob o nome de *maduro* (em oposição a *plátano* ‘banana-da-terra’).

mbiCnũ(C) ~ *mbê- ~ *-ñ- ‘peixe’ **(W)**

RKB *piknũ*
PJab **mĩnũ*

rãt ~ *rãn° ~ *rãr° ‘flor’ **(L)**

PJ **rã(r)* > PCerr **rã(r)* (PJS **rã*, PA **ñĩ-rãrã* ~ **ñĩ-rãnã*)
PTSF **ryT* > RIT *dyT* (→ MXK *mĩ-dyT* ‘flor’, *ñĩ-dyT* ‘barba’, *kyC-dyT* ‘sobrancelha’)

Rejeitado:

– Davis (1966: #87) reconstrói PJ **rã* ‘flor’ e deriva KGG *rõ* (vb. *rõ-n*) ‘maduro’ (citado como *rə̃*) dessa protoforma. Entretanto, a vogal da forma Kaingáng pode refletir regularmente apenas PJ **ô*, mas não **ã*.
– Davis (1968: #53) compara o material Jê com Maxakalí *-ta* ‘fruta’ e Karajá *ra* ‘fruta’; a comparação com o Maxakalí é ainda reproduzida por Nikulin (2015, p. 298). Além da discrepância semântica (e, no caso do Maxakalí, fonética), notamos que MXK *mĩ-ta* ‘fruta’ possivelmente é uma extensão semântica de *ta* ‘maduro’ (< PTSF **ra* ‘id.’), ao passo que KRJ *ra* ‘fruta’ (< PK **rã*) é uma extensão metafórica de PK **rã* ‘cabeça’ (< PMJ **krỹñ°*).
– Gudschinsky (1971: #39) compara o material das línguas Jê com OFA *ə̃ː-teːʔ*G (cf. *həh-teːʔ*G, *hah-teː*MP). Não pudemos confirmar a regularidade da correspondência OFA *t* ~ PJ **r* fora dos *onsets* ramificados.

Ramirez *et al.* 2015, p. 255 (J M) || Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M)

jar*°*-rə̂(C) ‘saliva’
PJ **jar-rə ~ *jar-rə̂₂* > PCerr **jadrə̂ ~ *jadrə*; PJM **jãrə* (vb. **jãra-n*)
(?) OFA *xerə̆-iʔ*G
PJab **(ǰa-)roj* > ARI *ca-rəj*, DJE *he-i*

RV 2010: #47 (J Jb)

***pVrə̂k*° ~ *pVrə̂ŋ*° ‘parecer’ (L)**
PJ **pVrək* > PJS **pyrək*
PTSF **pVryk ~ *pVryŋ* > MXK *pytyK*, RIT *pydyK*

Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M)

mỹrỹJ ‘mata’ / ‘veado’ **(L)**
PJ **mỹrỹj’ ~ *mỹrỹñ’* > PA **mărãj // mărã* ‘mata’
PTSF **mỹrỹc ~ *mỹrỹñ* > MXK *mỹnỹC* ‘veado’

Etimologia da autoria de Mário A. Coelho da Silva (UFG/UFMG, comunicação pessoal, 2019).

rot ‘carregar.MASS’
PJ **ruI* > PCerr **ru/*ru-ñ’* ‘derramar’; PJM **ru/*ru-n* ‘carregar água’
PTSF **rot* > MXK *taT* ‘carregar.MASS’

NS 2020, p. 55 (J M)

***rôñ*° ~ *rôj*°** ‘comprido’
(?) PJ **ro(j’)* > PJS **ro* ‘sucuri’
PTSF **rôñ* > MXK *tuC*, RIT *duC*; KNK *ron*
(?) KMK ‹i**roro**›M, ‹hin-**rôrô**-dãn›G, KTX ‹ni**rrorho**› → *#rôrô*
OFA *ra꞉*G, *rah*-MD ‘comprido, alto’

Rejeitado:
- Davis (1968: #55) compara MXK *tuC* ‘comprido’ com PJ **rɨ* (na realidade PJG **ry*) ‘comprido’ e Karajá *î-rehe* ‘comprido’. As correspondências sonoras seriam, entretanto, totalmente irregulares. Mais factível é a proposta de Gudschinsky (1971: #11), que compara os reflexos de PJS **ry* com OFA *ra꞉*G, *rah*-MD. Aqui preferimos manter a comparação do material das línguas Transanfranciscanas e Ofayé, pois PJS **ry* não apresenta cognatos óbvios nas demais línguas Jê e poderia representar uma inovação.
- Rodrigues (1999: #22) compara o material das línguas Krenák, Kamakã e Ofayé com os reflexos de PJG **ry* ‘comprido’, bem como com KGG *ryra* ‘arredar’, Karajá *rehe*, Rikbáktsa *ɾeɾe* (além de uma forma

citada como Boróro *raire*, que parece ser uma representação equivocada de *rai* ‘superlativo’ seguido de *=re* ‘assertivo). Não há quaisquer correspondências regulares entre essas formas.

– Seki (2002, p. 25) compara KNK *ron* com os reflexos de PJG **ry* ‘comprido’ e PJM **tej* ‘comprido’, porém ambas as comparações não apresentam qualquer correspondência sonora recorrente (além de KNK *r* ~ PJG **r* no primeiro caso).

Rodrigues 1999: #22 (Kn Kj O) || Ramirez *et al.* 2015, p. 255 (Kn Km) || NS 2020, p. 29 (J? M Kn)

****ru*** (F) ‘morrer’

PK **ru/*ru*-b
RKB *ra*

Rejeitado:

– Ribeiro (2012b, p. 270) compara PK **ru* (NMLZ **ru-b*) ‘morrer’ com PJ **ty(r)* (NF **ty-k*) ‘morrer’ (citado simplesmente como **tik* pelo autor). Como nenhuma das correspondências PK **r* ~ PJ **t*, PK **u* ~ PJ **y* é demonstradamente regular, preferimos comparar o verbo Karajá com RKB *ra* ‘morrer’.

****rumrum*** ‘xerimbabo’ **(W)**

RKB *rara*
PJab **roNroN* > ARI *roro*, DJE *nõnõ*

****re*** ‘LOC’ **(L)**

PJ **ri* > PJS **ri*
PTSF **-re* > MXK *-te* (*nỹ-te* ‘aqui’, *nũ-te* ‘aí’, *ũ-te* ‘lá’), RIT *-de* (*nỹ-de* ‘aqui’, *nũ-de* ‘aí’, *ũ-de* ‘lá’); KNK *-re* (*hak-re* ‘onde’)

NS 2020, p. 47 (J M Kn)

****rê(C)*** ‘deixar, abandonar’

PJ **re* > PCerr **re*; PJM **re*
PK **ri*

Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj)

****rik*** ‘dois’ **(L)**

PJ **-rê$_1^K$* > PJM **reŋ-rê* (vb. **reŋ-re-ŋ*)
PTSF **rik* > MXK *tiC*, RIT *-diC* (em compostos)

Rejeitado:

– Nikulin (2015, p. 295) sugere tentativamente adicionar Arikapú *heri* à comparação, mas não nos foi possível verificar a possibilidade de que essa forma fosse morfologicamente segmentável.

Nikulin 2015, p. 295 (J M) || Nikulin 2019, p. 124 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M)

***jarit** ‘raiz’

PJ *jarê$_{I}^{T}$ > PJS *jarê; PJM *jãrê (vb. *θ-are-n)
PTSF *-jorit > MXK *ñĩP-catiT*, RIT *ñĩP-cadiT*
PJab *ǰari > DJE *rari*

Rejeitado:

- Ribeiro e Voort (2010: #24), Ribeiro (2012b, p. 270) e Nikulin e Silva (2020, p. 58) propõem que a primeira parte do composto *lajĩ-kûra* ‘macaxeira’ (J Kj) seja cognata do material Jê (a segunda raiz significa ‘branco’), mas PMJ *r deveria ser preservado em Karajá, ao passo que PMJ *i deveria ser refletido em Karajá como *e*.
- Davis (1968: #62) compara o material Jê e Maxakalí com a segunda parte do composto KRJ *îrû-dî* ‘raiz’, mas nem *d* (< PK **t*), nem *i* são reflexos regulares dos segmentos encontrados na protoforma reconstruída.
- Gudschinsky (1971: #16) compara o material Jê com OFA *heuɣtew(ʔ)*$_{G}$ (cuja raiz, na realidade, é apenas *-tew(ʔ)*$_{G}$, pois *heuɣ(ʔ)*$_{G}$ significa ‘árvore’). Não há qualquer correspondência regular entre o dado do Ofayé e o material das demais línguas.

Davis 1968: #62 (J M) || RV 2010: #24 (J M Jb) || Nikulin 2015, p. 287, 295 (J M Jb) || Nikulin 2019, p. 110 (J M) || NS 2020, p. 58 (J M Jb)

***c-** ‘3^{INT}, classe II’

PJ *c- > PCerr *c-; PJM *θ-
PK *t-
OFA *h-*

Cognato externo: Proto-Tupí *c-.

Ribeiro 2012b, p. 274 (J Kj)

***cəp** ‘tecer, costurar’

PJ *cy^{P} > PCerr *cy/*cyp-r’; PJM *θy
PTSF *jap > MXK *caP*
PK *ty

Ribeiro 2004, p. 92, nota 2 (J Kj + Yaathê *sî*) || Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj) || Jolkesky 2016, p. 262 (J Kj) || Nikulin 2019, p. 109 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M Kj)

***cəm°** ‘semente’

PJ *cym > PCerr *cym; PJM *θy (vb. *θy-n)
PTSF *jam > MXK *caP*; KNK *jam*
PK *ty
OFA *xaːʔ*$_{G}$, *xa*$_{MP}$
PJab *čã ‘semente’, *čã-ka ‘olho’, *čã(-ka)-y ‘lágrima’

Cognato externo: (?) PChq *ijo-, PB *a ‘semente’; compare Proto-Caribe *a-ry, Proto-Mataco *-oʔ, Proto-Guaicuru *-a ‘fruta’.

Rejeitado:

- Davis (1968: #10) glosa MXK *caP* como ‘pedra’ e compara esse item com PJ *kẽt ‘pedra’ (citado como *kɛn). A correspondência esperada de PJ *kẽt em Maxakalí seria, no entanto, *kỹT. Além disso, a raiz

primária para ‘pedra’ em Maxakalí é *mĩkaC-* e não *caP* ‘semente, objeto pequeno redondo’ (embora o composto *mĩkaC-caP* signifique, de fato, ‘pedra’.
- Adelaar (2008: #14) e Ribeiro e Voort (2010) incluem Rikbáktsa *ɾik* na comparação, mas nem o *onset*, nem o núcleo e nem a coda dessa raiz apresentam correspondências regulares com as demais línguas.
- Nikulin e Carvalho (2018, p. 553) adicionam à comparação Proto-Mundurukú **ða* ‘semente’ (forma que poderia continuar PT **ja*) , mas a ausência de uma coda labial enfraquece a proposta.

Davis 1968: #67 (J Kj) || Gudschinsky 1971: #16 || Seki 2002 (J Kn) || Ribeiro 2004, p. 92, nota 2, p. 98 (J Kj) || Adelaar 2008: #14 (J Kn Kj O + Ch) || RV 2010: #22 (J M Kn K O Jb) || Ribeiro 2011, p. 110, 116, nota 14 (J Kj Jb + B) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 293 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 262, 265 (J Kj; Jb + B) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 553 (MJ + Ch + B + Caribe + Mataco + Guaicuru) || NS 2020, p. 55 (J M Kn Kj O Jb)

kVcəm° ‘fogo’

PJ **kucym* > PCerr **kucym*
PTSF **kyjam* > MXK *kycaP* [1]
PK **he-koty*

[1] Sincronicamente, MXK *kycaP* parece ser analisável como um composto opaco (*ky* ‘lenha’ + *-cap* ‘fogo (?)’, cf. *ky-gũC* ‘fumaça’), cujo segundo elemento não ocorre isolado em Maxakalí, mas parece corresponder a Pataxó-Hãhãhãe *čahaP*. Mesmo se a suposta complexidade morfológica da palavra Maxakalí for confirmada, o composto em questão é necessariamente de antiguidade considerável, pois é reconstruível para o Proto-Macro-Jê.

Rejeitado:
- Para Gudschinsky (1971: #44), o material das línguas Cerratenses seria cognato de OFA *ə̃ːxə̃w*$_{G}$ ‘fogo’, mas não há qualquer correspondência regular entre essa forma e PMJ **kVcəm°* (seu reflexo esperado em Ofayé seria algo como **hVha*).
- Boswood (1973) compara o material das línguas Cerratenses com RKB *iɻo*, mas não há qualquer correspondência regular entre essa forma e PMJ **kVcəm°*.
- Ribeiro (2002, p. 37) compara o reflexo na língua Panará (e, presume-se, seus cognatos nas demais línguas Cerratenses) com Karirí *isu / -usu*, Dzubukuá *iðu / -uðu* ‘fogo’, apontando a algumas supostas idiossincrasias morfológicas compartilhadas pelas línguas Panará e Karirí. Na análise do autor, baseada nos dados colhidos por Dourado (2001), a forma Panará para ‘fogo’ na ausência de um possuidor seria *i-sy* (com um suposto prefixo de terceira pessoa), sendo, assim, comparável com Karirí *isu*/Dzubukuá *iðu*. Para expressar um possuidor desse tema, o Panará recorreria a uma posposição genitiva (também conhecida como “mediador de posse”, como, por exemplo, em *s-õ sy* ‘fogo dele/dela’ (compare Karirí *s-u-su*/Dzubukuá *ð-u-ðu*). Entretanto, estudos mais recentes (cf. LAPIERRE, 2018) demonstraram que a palavra Panará para ‘fogo’ possui a representação subjacente /ssy/ (um reflexo regular de PJG **kucy*), sendo realizada como *[i]ssy* na ausência de um possuidor em função de um processo fonológico de epêntese. Dessa maneira, a suposta semelhança idiossincrática entre o Panará e o Kipeá/Dzubukuá é epifenomenal, e não há motivos para crer que PMJ **kVcəm°* ‘fogo’ seja cognato de Karirí *isu/-usu*, Dzubukuá *iðu*/*-u-ðu* ‘id.’.
- Adelaar (2008: #21) compara os reflexos de PCerr **kucym* com RKB *hui* ‘árvore’ e com reflexos de PChq **soe-* ‘árvore’, bem como com o material Karirí discutido acima. A comparação é inviável por motivos fonéticos, embora seja possível que RKB *hui* e PChq **soe-* sejam relacionados via empréstimo indireto (ver nota 22; NIKULIN, a sair).
- Ramirez *et al.* (2015, p. 252, 256) reúnem em uma mesma etimologia os reflexos de PMJ **kyɪm°* ‘árvore, chifre’ (em Maxakalí e Kaingáng) e **kVcəm°* ‘fogo’ (em Maxakalí e nas línguas Cerratenses), comparando-os ainda com Kamakã *#cakə* (KMK ‹tiãköh, hiöghköh›$_{M}$, ‹diakö›$_{SO}$, ‹caköü’, caxké (Nimuendajú) / caköy, caköu› ‘fogo’, ‹cakə› ‘acender, brasa acesa’, ‹caka› ‘carvão’, KTX ‹tiakihi›, MGY ‹diachke›, (?) MAS ‹gucháh›$_{M}$, ‹gucháh›$_{SH}$ ‘fogo’). Não vemos como reconciliar fonologicamente o material Kamakã com o das demais línguas Macro-Jê.

Davis 1968: #24 (J M Kj) || Ribeiro 2004, p. 98 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 293 (J M) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj) || Nikulin 2019, p. 123 (J M Kj) || NS 2020, p. 56 (J M Kj)

cy₁p ‘chupar’

PJ *$c\underline{ə}_1^P$ > PCerr *$c\underline{ô}$/*$c\underline{ô}p$-*r*; PJM *pe-$\theta ə$ (vb. *pe-θa-*m*) ‘mamar’
PTSF **jyp* > MXK *cyP* ‘chupar, lamber’
PK **to*
RKB *ok* ‘comer comida pastosa’
PJab **u*

Rejeitado:

- Davis (1966: #16) e Seki (2002, p. 21) comparam alguns reflexos de PCerr *$c\underline{ô}$/*$c\underline{ô}p$-*r* ‘chupar’ com KGG *kõ-hun* e *põ-hun* ‘id.’, porém não há nenhum segmento envolvido nessa comparação que apresente correspondências sonoras recorrentes. O verdadeiro cognato desse verbo PCerr é PJM *pe-$\theta ə$ (vb. *pe-θa-*m*) ‘mamar’.
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *eɽo* ‘chupar’, porém preferíamos incluir na etimologia o verbo *ok* ‘comer (*coisas pastosas*)’, que apresenta um reflexo regular de PMJ **c*.
- Ribeiro e Voort (2010: #19) comparam o material Jê, Karajá e Jabutí com Krenák *jop* ‘beber’ (e dizem haver um cognato em Maxakalí, mas não especificam qual forma Maxakalí — *cyP* ‘chupar, lamber’ ou *cuuP* ‘beber’ — consideram cognata). A comparação entre Jê e Krenák é citada também por Seki (2002, p. 21). Em nossa opinião, KNK *jop* deve ser comparado apenas com Maxakalí *cuuP*, pois o reflexo esperado de PMJ **y* em Krenák é *ə*.

Davis 1968: #6 (J M Kj) || RV 2010: #19 (J Kj Jb) || Ribeiro 2011, p. 110, 116, nota 14 (J Kj Jb) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 290 (J M Jb) || Nikulin 2019, p. 109 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M Kj Jb)

cy₁j ‘folha’ **(L)**

PJ *$cə_1j'$ > PCerr *$côj'$
PTSF **jyc* > MXK *cyC*; KNK *jət*

Cognato externo: PChq **asu* (ou **asu-sy-*) ‘folha’.

Rejeitado:

- Davis (1966: #111), Seki (2002, p. 25), Nikulin (2019, p. 107) e Nikulin e Silva (2020, p. 53) comparam PJM *θej ‘folha’ com o material das línguas Cerratenses e Transanfranciscanas, mas a correspondência entre os núcleos e as codas é irregular.
- Adelaar (2008: #7) ao comparar os dados das línguas Jê, Krenák e Chiquitano, menciona PTJ *jahi* ‘rosto’ (com claro composto de *ja(r)-* ‘boca’ e *hi* ‘osso’) e Chiquitano *-su* ‘rosto’, cuja relação semântica com o material citado aqui não é evidente.
- Nikulin e Carvalho (2018, p. 554) tentativamente comparam o material das línguas Macro-Jê e Chiquitano com Proto-Tupí **jəP* ‘folha’, porém as codas palatais do Proto-Macro-Jê deveriam corresponder a PT **-C*.

Davis 1968: #66 (J M) || Seki 2002, p. 25 (J Kn) || Adelaar 2008: #7 (J Kn + Ch) || Nikulin 2015, p. 290 (J M) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + Ch) || Nikulin 2019, p. 107 (J M Kn) || NS 2020, p. 53 (J M Kn + Ch)

co₁ ‘vagina’

PJ *cu_1 > PJM *θu
PTSF **jo* > KNK *jo*
PK **ty*

Rejeitado:

- Nikulin (2019, p. 124) e Nikulin e Silva (2020, p. 59) comparam o material das línguas Jê Meridionais e do Krenák com OFA *xa* ‘vagina’, porém nem o *onset* e nem a coda apresentam correspondências regulares entre as línguas.

Nikulin 2019, p. 124 (J Kn) || NS 2020, p. 59 (J Kn)

cok ‘rosto, testa, pele’

PK **tyk* ‘pele, casca, roupa’
RKB *ok-* ‘rosto’, *uk-pe* ‘testa’

Rejeitado:

- Davis (1968: #7) compara Karajá *ɗəky* (ou, mais precisamente, sua sílaba final *-ky*) com Jê **kə* (em nossa reconstrução, PJ **kyj'*) e Maxakalí *caC*, porém não encontramos evidências que pudessem sustentar a segmentação morfológica proposta pelo autor. Em vez disso, derivamos Karajá *ɗəky* de PK **tyk*, forma compatível fonologicamente com RKB *ok-/uk-*.

***cuñ*°** ‘sol’

PK **tû*

Cognato externo: PChq **su-*.

Greenberg 1987: #28 (Kj + Ch) || Jolkesky 2016, p. 262 (Kj + Ch)

cuk ‘rabo, cauda’

PTSF **juk* ‘rabo, pênis’ > RIT *cuK* (*cu-* em compostos); KNK *juk*
PK **tu* ‘cauda de ave’
RKB *a*
(?) PJab **ô(j)* > DJE *ô*

Cognato externo: (?) PChq **ijo-*, PB **o*.

Rejeitado:

- Nikulin e Carvalho (2018, p. 554) propõem a inclusão de Proto-Tupí **juaC* ‘rabo, cauda’ na comparação, porém a coda velar do Proto-Macro-Jê deveria corresponder a PT **-K* e não a **-C*.

RV 2010: #54 (Kj Jb) || Jolkesky 2016, p. 266 (Jb + Ch + B) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + Ch + B) || NS 2020, p. 55 (M Kn Kj R Jb?)

cet* ~ *cek ‘osso’

PJ **ci* > PCerr **ci*
PTSF **jet* ~ **jek* > KNK *jek*
MAS ‹ing**je**› → *#je*
PK **ti*
OFA *hih*$_{G}$, *hi*$_{MP}$ ‘osso, perna’
RKB *ek* ‘perna’, *har-ek* ‘cabeça’ (lit. ‘redondo-osso’)
PJab **ĵi* ~ **i*

Cognato externo: PChq **-ʔi* ‘planta, perna’; **-pa-ʔi* ‘osso’ (lit. ‘*osso do braço*’).

Rejeitado:

– Seki (2002, p. 25), ao comparar o material das línguas Jê e Krenák, lista dentre os reflexos nas línguas Jê a forma KGG *kuka*, que provém de um outro étimo (PJM **kukə* ‘osso’, derivado de PJM **kə* ‘árvore, chifre’ < PJ **kə̂ɪm* < PMJ **kyɪm°* ‘árvore, chifre’). O mesmo erro é cometido por Greenberg (1987: #14).

Davis 1968: #64 (J Kj) || Gudschinsky 1971: #20 (J O) || Seki 2002, p. 25 (J Kn) || Ribeiro 2004, p. 98 (J Kj) || Adelaar 2008: #12 (J Kn Kj O + Ch) || RV 2010: #20 (J Kn Kj O Jb) || Ribeiro 2011, p. 110, 113, 116, nota 14 (J Kj O Jb + Ch) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 296 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 261 (J Kj Jb + Ch) || Nikulin 2019, p. 123 (J Kn Kj O R Jb + Ch) || NS 2020, p. 59 (J Kn Kj O R Jb + Ch)

****nĵa*** ‘morder’ **(L)**

PJ **nĵa* ‘morder’ > PCerr **nĵa/*nĵa-r’*; (?) PJM **cã* ‘caça’
PTSF **co* > MXK *ca* ‘morder, picar’

Rejeitado:

– Seki (2002, p. 24) compara o material das línguas Cerratenses com KGG *tañ kê* e KNK *apm̊iñik*, mas não há qualquer correspondência regular entre esses itens e PCerr **nĵa*.

Nikulin 2019, p. 121, nota 36 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M)

****nĵyp*** ‘pendurar.SG’ **(L)**

PJ **nĵə̲ɪ*^{P} > PCerr **nĵo̲/*nĵo̲p-r’*; PJM **cə* (vb. **cə-m*)
PTSF **cyp* > MXK *cyP*; KNK *cəp*

Ribeiro 2012a, p. 190 (J M) || Nikulin 2019, p. 109 (J M) || NS 2020, p. 53 (J M Kn)

****nĵe(C)*** ‘mãe’

PJ **nĵi(C)* ‘mãe’ > PJS **nĵi*; (?) PJM **ci* ‘velho’
PK **nã-di*
RKB *je*
PJab **ĵi*

Rejeitado:

– Rodrigues (1999: #24) inclui em uma mesma etimologia reflexos de PMJ **nə̃t* ‘mãe’ (cf. PJ **nə̃*, JAI ‹ná› e MXK *tyT*) e **nĵe(C)* ‘mãe’ (PK **nã-di*, Rikbáktsa *je*), bem como Kipeá *de*, Yaathê *sa* e Boróro *ce* ‘mãe’. Note que em diversas línguas Jê Setentrionais reflexos de PMJ **nə̃t* e **nĵe(C)* coexistem, mostrando claramente que se trata de dois étimos distintos com semântica próxima.
– Ribeiro e Voort (2010: #37) e Ribeiro (2011, p. 115) comparam o material Jabutí e Rikbáktsa com PTJ *(-n)cê* ‘mãe’, mas é a forma PTJ *(-n)ci* (< PJS **nĵi*) que apresenta correspondências mais precisas com o material das demais línguas Macro-Jê.

Rodrigues 1999: #24 (Kj R) || RV 2010: #37 (R Jb)

****-ji ~ *-nĵi*** ‘frio’

PTSF **-ji ~ *-ci* > MXK REL-*ci*
PJab **ĵiĵi*

ja (F), ***ja-m*** (NF) ‘ficar de pé.SG’

PJ **ja/*ja-m’* ‘ficar de pé.SG’ > PCerr **ja/*ja-m’*; PJM **jã/*jã-ŋ*; PJ **j<u>a</u>/*j<u>a</u>-r’* ‘colocar de pé.SG’ > PCerr **j<u>a</u>/*j<u>a</u>-r’*; PJM **jã* (vb. **jã-ŋ*)

PTSF **jim* > MXK *ciP*; (?) KNK *ñĩm*

PK **lãm* (nominalização)

OFA *xeːʔ*G, *heː*MP (possivelmente 3SG)

(?) RKB *xa* ‘começar a andar (*de crianças*)’

Gudschinsky 1971: #18 (J O) || Seki 2002, p. 21 (J Kn) || RV 2010, p. 554 (J Kj) || Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj)

ñĩja ‘nariz’

PJ **ñĩja* > PCerr **ñĩja-kre*; PJM **nĩjã*

PTSF **ñĩji* > RIT *ñĩci-kuC* ‘focinho’, HHH *#cihĩ*, MLL *#seje ~ #seji* ‘nariz’

KMK ‹aenköh **nini**koh›M, ‹**ninji**cô›SO, ‹**nydy**kô, **nin**ko›G, KTX ‹**nii**ka›, MGY ‹**nihie**kó›, MEN ‹**inschi**wó›, MAS ‹**tchü**chgoh› → *#ñĩji-kô*

PK **deã-θə̃* ‘nariz’, **deã-ti* ‘osso do nariz’

OFA *jĩxe*ER (em outras fontes ‘bico’); *jĩxej-haʔ*G; *nĭxej-kĕrĩʔ*G, *ẽxê-gri*MP

Cognatos externos: PChq **-iña*, Boróro *eno*.

Rejeitado:

- Gudschinsky (1971: #25), ao comparar o material das línguas Jê e Ofayé, diz que a cognação se dá entre as sílabas *-re* (em PCerr **ñĩja-k**re***) e *-xe* (em Ofayé *jĩ**xej**-haʔ*G). Na realidade, o elemento PCerr **-kre* ‘orifício’ não pertence à raiz e nem aparece no cognato PJM; a cognação se dá entre PCerr **ñĩja* < PJ **ñĩja* e Ofayé *jĩxe(j)-*.
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *cunũ* ‘nariz’, porém não há qualquer correspondência regular entre essa forma e PMJ **ñĩja*.
- Seki (2002, p. 24), Adelaar (2008: #8), Ramirez *et al.* (2015, p. 258) e Nikulin e Silva (2020, p. 54) incluem KNK *jin* ‘nariz’ na etimologia (Nikulin e Silva derivam o material Maxakalí e Krenák de PTSF **jiñ*), mas a ausência de um reflexo de PMJ **ñĩ-* em Krenák e a discrepância entre as codas do Krenák e do Maxakalí Ritual nos faz rejeitar essa comparação. Além disso Seki (2002, p. 24) lista dentre os reflexos desse étimo nas línguas Jê PNR *s-asĩ* e KGG *jundun* (citado como “*dudn*”) ‘protuberância’, mas evidentemente trata-se de palavras não relacionadas.
- Ramirez *et al.* (2015, p. 251) comparam o material Kamakã tanto com as formas das línguas Maxakalí citadas nesta entrada como com uma raiz não relacionada, MXK *cy-pyP* ‘nariz’ (ver **wə̃p* ‘farejar’).

Davis 1968: #39 (J Kj) || Greenberg 1987: #85 (J + Ch + B) || Ribeiro 2004, p. 98, 99 (J Kj) || Adelaar 2008: #8 (J Kj O + Ch) || Ribeiro 2011, p. 110 (J Kj O) || Ribeiro 2012b, p. 269, 272 (J Kj O) || Ramirez *et al.* 2015, p. 251, 254 (M Km Kn) || Jolkesky 2016, p. 261, 266 (J Kj + Ch + B) || NS 2020, p. 54 (J M? Kj O + Ch)

***jat ~ *jan*°** ‘comer.INTR’ **(L)**

PJ **ja ~ *jan* > PJM **jã/*jã-n* (vb. **jã-n*)

PTSF **jit ~ *jin* > MXK *ciT*

Rejeitado:

- Davis (1966: #64) compara o material das línguas Jê Meridionais com reflexos de PCerr **ñõ* ‘comida’, porém as vogais desses itens não apresentam uma correspondência regular. Em vez disso, derivamos PCerr **ñõ* ‘comida’ de PMJ **ñũ(C)* (> PJab **nũ* ‘pamonha’).
- Nikulin (2019, p. 116) compara PJM **jã/*jã-n* (vb. **jã-n*) com PA **caj // *ca* ‘comida’, porém a comparação com Maxakalí *ciT* é semântica e morfossintaticamente mais precisa (e incompatível com a inclusão de PA **caj // *ca*, que apresenta uma coda palatal subjacente).

****jar***° ‘boca’

PJ **jar-kô* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’; PJ **jar-kyj’* ‘beiço’ > PA **ĵaj-həj // *ĵaj-hə*, PJM **jãn-ky* ‘boca’

PTSF **jar-*, **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’ (compare *cata-paK* ‘bocejar’), HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’

KMK ‹**dihari**cô›SO, MGY ‹**härä**ko›, MEN ‹**jniata**gó›, MAS ‹**t(chiatta**› → *#ĵara-kô/ĵata(-kô)*

OFA *xerĕʔ*G, *xer*ER, *ere*MP (possivelmente 2SG)

(?) RKB *xak* ‘lábio, boca (*em compostos*); *xay-* ‘boca (*em compostos*)’

PJab **ǰa-ko*; **ǰa-* (em compostos)

Rejeitado:

- Davis (1966: #108) reconstrói Proto-Jê **zaz-kwa* com base nos reflexos de PJS **jar-kwa* ‘boca’, XAV *ĵaj-hə* ‘beiço’ e KGG *jãn-ky* ‘boca’. O autor falha em notar que as línguas Akuwẽ e Jê Meridionais apresentam cognatos exatos de PJS **jar-kwa*: PA **ĵada-wa* ‘boca’ e PJM **jãn-ka* ‘porta’, apontando para PJ **jar-kô* (a segunda parte do composto é PJ **kô* ‘buraco’). Já XAV *ĵaj-hə* ‘beiço’ e KGG *jãn-ky* ‘boca’ parecem continuar um composto cujo segundo elemento é PJ **kyj’* ‘pele, casca’. Ramirez *et al.* (2015, p. 255) incorrem em um erro semelhante, incluindo KGG *jãn-ky* na comparação.
- Davis (1968: #63) compara o material Jê (o autor reconstrói **zaz-kwa*, como dissemos acima) com MXK *ñĩC-kuC* ‘boca’ (forma citada equivocadamente como *-ñĩ-koc*), um claro derivado de *ñĩC* ‘falar’ e *kuC* ‘buraco’. O verdadeiro cognato de PJ **jar-kô* em Maxakalí é *cata-kuC* ‘palato, céu da boca’; nas línguas Maxakalí extintas e dormentes, os respectivos cognatos comumente preservam o significado ‘boca’, como em Pataxó-Hãhãhãe ou Malalí.
- Adelaar (2008: #2) inclui a forma *(n-)aru-š* ‘boca’ do Chiquitano Lomeriano na comparação. Trata-se, entretanto, de uma inovação semântica restrita a esse dialeto específico, por Lomeriano *(n-)aru-š* provém de PChq **-(ts-)aru* ‘beiço’, ao passo que a forma para ‘boca’ é reconstruível como PChq **-(ts-)aʔi* (no dialeto Lomeriano, seu reflexo possui um uso locativo: ‘na boca de’). Apesar de haver uma certa semelhança entre o material do Chiquitano e das línguas Macro-Jê, a correspondência sonora regular se dá apenas entre PMJ **-a-* e PChq **-a-*, tornando a comparação um tanto duvidosa.

Davis 1968, p. 45 (J Jk) || Boswood 1973 (J R) || Greenberg 1987: #82 (J M Km) || Adelaar 2008: #2 (J O) || RV 2010: #6 (J O Jb) || Ribeiro 2011, p. 117 (J Jb) || Ramirez et al. 2015, p. 250, 251, 255, 257 (J M Km) || Nikulin 2015, p. 287 (J Jb) || NS 2020, p. 55 (J M O R Jb)

****jar***° ‘asa, axila’

PJ **jar(a)* ‘asa’ > PJG **jara*, PJM **θ-ãr*; PJ **jara(C)* ‘axila’ > PJG **jara-kre*, PJM **jãrã* (vb. **jãrã-n*)

RKB *xara* ‘asa, pena’

PJab **ǰa-ko-* ‘axila’

Rejeitado:
- Davis (1968: #61) compara o material Jê (o autor reconstrói **za-ra* ‘asa’) com KRJ *θa* ‘adorno de penas’, porém o reflexo esperado de PMJ **j* em Karajá é PK **l*.
- Ribeiro e Voort (2010: #27) comparam o material Jê e Rikbáktsa com DJE *rari* ‘asa’, mas a vogal final da forma Djeoromitxí carece de explicação.

Boswood 1973 (J R) || RV 2010: #27 (J R)

****jə̂p*** ‘entrar’
PJ **jə*^{P} > PCerr **a-jə/*jəp-r* ‘entrar.SG’ (CAUS **jə̲/*jə̲-r*)
OFA *xəh*$_{G}$

****jə̂c*** ‘urina’
PJ **jə*^{C} > PCerr **jə*; PJM **jə̂-ñ* ‘urinar’
PTSF **jyc* > MXK *cyC* ‘urinar’
KMK ‹**jack**›$_{SO}$, MAS ‹a**jach** cumung› ‘urinar’ → *#jak*
PK **lə̂*

Rejeitado:
- Nikulin e Silva (2020, p. 58) comparam o material Jê e Maxakalí com OFA *hə-ĭʔ*$_{G}$, mas o reflexo esperado de PMJ **j* em Ofayé é *x*, não *h*.

Nikulin 2019, p. 110 (J M) || Nikulin 2015, p. 293 (J M) || NS 2020, p. 58 (J M)

****jə̂ñ*** ‘doce, saboroso’ **(L)**
PJ **jəñ’* > PCerr **jəñ’*
PTSF **jyñ-* > MXK *cyC-peC*

Cognato externo: Proto-Tupí **joC* ou **juC* (> Tuparí *hoC* ‘doce’).

Nikulin 2019, p. 123 (J M + T) || NS 2020, p. 56 (J M)

****ñĩjə̂k*** ‘fumaça’
PJ **ñĩjə̂*$_{2}$^{K} > PA **ñḭ̃je*; PJM **nĩjə* (vb. **nĩja-ŋ*)
PK **he-də̂*

****ñỹp*** ‘estar sentado.SG’
PJ **ñỹ*^{P} > PCerr **ñỹ/*ñỹp-r*; PJM **nĩ* (vb. **nĩ-m*)
PTSF **ñỹp* > MXK *ñỹP*; KNK *ñ̰ep*
PK **u(-)nə̃*

Rejeitado:
- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com RKB *dyhy* ‘estar sentado’, mas não há qualquer correspondência regular entre essa forma e PMJ **ñỹp*.
- Ribeiro e Voort (2010: #21), Nikulin (2015, p. 298) e Nikulin e Silva (2020, p. 53) incluem na comparação uma forma reconstruída por eles como PJab **nã* ‘estar sentado’ (> DJE *hõna ~ runã*, ARI *nõ*). Em nossa opinião, a vogal *õ* em Arikapú sistematicamente continua uma vogal oral do Proto-Jabutí (PJab **o*) e não

pode corresponder a DJE *ã* ou *a*. Portanto, o material Proto-Jabutí não é comparável com o das demais línguas Macro-Jê.

Davis 1968: #42 (J M Kj) || Seki 2002, p. 24 (J Kn) || Ribeiro 2004, p. 98 (J Kj) || RV 2010: #21 (J M Kj) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 298 (J M) || Nikulin 2019, p. 110 (J M) || Nikulin e Salanova 2019, p. 555 (J M) || NS 2020, p. 53 (J M Kn Kj)

jo₂m ‘pai’

PJ **ju₂m’* > PJS **ĵũ(m)*; PJM **joŋ*
PK **t-yb* (3ª pessoa)
OFA *xew(ʔ)*$_{G}$, *xôw*$_{MP/JS}$, *xəw*$_{ER}$
RKB *ɾo*
PJab **ĵô*

Cognato externo: PT **cuP*.

RV 2010: #9 (J Kj O Jb) || Ribeiro 2011, p. 108, nota 7; p. 109, nota 8; p. 112, 117 (J Kj Jb + T) || Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj) || Jolkesky 2016, p. 261 (J Kj Jb) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + T) || NS 2020, p. 42 (J + T)

jo-t° (F), ***jo*** (NF) ‘chegar’

PJ **ju₁t* > PJM **jur*
PTSF **-jo* > MXK *mũ=ca* (IRR *mũ=cã-T*) ‘chegar.PL, sair.PL’
RKB *ɾuk*

Nikulin 2019, p. 124 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M)

jo₂w° ‘pus’

PJ **ju₂*^{P} > PCerr **jup-r*; PJM **θô* (vb. **θo-m*)
(?) PTSF **jow* > MXK *capa*
PJab **ĵô* ‘pus, seiva’

RV 2010: #11 (J Jb) || Nikulin 2015, p. 291 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 261 (J Jb)

jô(C)-cet ~ *jô(C)-cek ~ *jy(C)-cet ~ *jy(C)-cek ‘pescoço’

PK **lo-ti*
RKB *xoik*

jôk ~ *jôŋ ‘caça, animal’

(?) PJ **jo(ŋ’)* > PJS **ĵo* ‘raposa’
PTSF **jôK* > MXK *cuK* ‘caça, animal’
OFA *xak ~ xak*$^{n}_{MP}$, *xak ~ xag*$^{n}_{JS}$ ‘carne’

Rejeitado:

– Ramirez *et al.* (2015, p. 252) comparam o material Maxakalí com uma forma citada como *tfake* ‘onça’; nas fontes originais encontramos Kamakã *#cakê* ‘cachorro’ (KMK ‹cakê›$_{G}$, KTX ‹tiaké›, MEN ‹jaki›),

#cakê-hjê ‘onça’ (KMK ‹cakêîê›$_{G}$, KTX ‹tiuke-hié›, MGY ‹jake-hyä› ‘onça negra’), *#cakê-tErE* ‘onça pintada’ (MGY ‹jake-deré›). A comparação nos parece implausível por motivos de incompatibilidade fonológica.

NS 2020, p. 55 (J? M O)

ju ‘derramar’ **(L)**

PJ *-*jô* > PCerr **ja-jwa/*ja-jwa-r’* ‘derramar, colocar deitado.PL’
PTSF **ju* > MXK *nỹ=cu-K* (IRR *nỹ=cu*) ‘derramar, deixar.PL’; KNK *ju*

Rejeitado:

– Seki (2002, p. 36) compara KNK *ju* com KGG *kujẽ* (NF *kujẽ-n*) ‘derramar’, mas a vogal KGG *ẽ* (< PJM **ã*) pode corresponder ora a PCerr **a* ~ KNK *o*, ora a PCerr **o* ~ KNK *o*, e nunca a PCerr **ô* ~ KNK *u*.

Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 53 (J M Kn)

jum ‘sangue’

(?) PTSF **jum* > MXK *-cuP* ‘plural coletivo’
KMK ‹**schoh**›$_{M}$, MGY ‹ke**dió** (e *e* o *breves*)›, MEN ‹**ísó** (í *indist.*)›, MAS ‹**höh**› → *#xô*
PK **lub*
OFA *xeːʔ*$_{G}$, *xeˑ*$_{MP}$, *ənxe*$_{JS}$
PJab **ǰo* > ARI *co*

Rejeitado:

– Gudschinsky (1971: #46) compara a forma do Ofayé com uma forma citada pela autora como “PJ **(ka)mrek*” (em nossa reconstrução, PJG **kambrêk*) ‘vermelho’ e com XAV *pre* ‘vermelho’, derivando todo esse material de “Ofaié-Jê **ŋwəceek*”. Tal proposta é incompatível com a reconstrução aceita aqui.
– Nikulin e Carvalho (2018, p. 553) comparam o material Macro-Jê com PT **(j)əy*, Proto-Mataco **ʔwoj-*, Proto-Guaicuru **-awot*, Ayoreo *ijo* ‘sangue’, porém o fato de que não há nenhuma correspondência da coda labial do PMJ nas demais línguas nos obriga a desistirmos da comparação.

Nikulin e Carvalho 2018, p. 553 (MJ **-ɔpᵊ*) || Mário A. Coelho da Silva, UFG/UFMG, comunicação pessoal, 2019 (inclusão de M)

***jum*°** ‘tomar banho’

PJ **jôm* > PJG **ĵû/*ĵwâ-r*
PTSF **jum* > KNK *jum*
PJab **ǰo*

Rejeitado:

– Nikulin (2015, p. 289) compara o material Jê e Jabutí com MXK *taTcu-K* ‘tomar banho.RLS’ (compare a forma IRR sem coda: *taTcu*), porém o dado Maxakalí é incompatível com KNK *jum* por causa da coda labial.
– Ribeiro e Voort (2010: #51) comparam a forma Krenák flexionada pra a segunda pessoa (*hum*) com formas citadas como XAV *sõ* (nas fontes que consultamos, aparece *ʔupcõ*, NF *ʔupcõ-j // ʔupcõ* ‘lavar’, um claro reflexo de PCerr **-cõ, -cô-ñ’*) e DJE *hõ* ‘molhar’ (nas fontes que consultamos, aparece *ɸõ* /põ/ ‘lavar’). Essa comparação deve ser rejeitada por causa da incompatibilidade fonológica do material comparado.

RV 2010: #34 (J Jb) || Nikulin 2015, p. 289 (J Jb) || Nikulin 2019, p. 123 (J Kn Jb) || NS 2020, p. 59 (J Kn Jb)

juñ ‘NOMAG’ (‘dono’)

PJ **jôñ'* > PCerr **jwañ'*
PK **-ud* [1]

[1] Nas variedades modernas do Karajá a forma desse sufixo é *-du*. Ribeiro (2012b, p. 275–276) compara KRJ *d* com PCerr **j* e KRJ *u* com PCerr **wa*, porém não fornece nenhuma explicação para a ausência em Karajá de qualquer correspondência de PCerr **-ñ'* (compare PCerr **mbeñ'* ‘mel’ ~ PK **bid* > KRJ *bədi*). Aqui propomos que PMJ **juñ*, ao transformar-se em um sufixo em Karajá, perdeu a consoante inicial na posição intervocálica (compare PMJ **ñĩja* ‘nariz’ > PK **deã-*; PMJ **ñĩjə̂k* ‘fumaça’ > **deə̂* > PK **he-də̂*); reconstruímos a forma PK como **-ud*, assumindo que esta deu origem a **-ədu* > **-du* nas variedades modernas. A perda de **ə* na margem esquerda de um afixo poderia ser relacionada ao fato de não existirem afixos iniciados por *ə* em Karajá; um fenômeno semelhante é atestado em KRJ *bu* ‘teu pai’ < **Ø-əbu* < **Ø-ub* (compare a terceira pessoa: *ɗ-əby* < **t-yb*; a discrepância entre as vogais é irregular).

RV 2010, p. 553 (J Kj) || Ribeiro 2012b, p. 275 (J Kj) || Nikulin 2019, p. 123 (J Kj)

juñ° ‘dente’

PJ **jô* > PCerr **jwa*; PJM **ja*
PTSF **juñ* > MXK *cuC*; KNK *jun*
KMK ‹anköh **tchoh**›M, ‹**dju**›SO, ‹nãn-**co**, nãn**cô-**›G, MGY ‹**dió**›, MEN ‹**jo**›, MAS ‹**thüoh**› → *#cô*
PK **lû*
OFA *xeʔ*G, *xeː ~ xê*MP, *xe*ER
PJab **ǰo*

Cognatos externos: PChq **oʔo / *-ts-oʔo* ‘dente’, PT **jãC* ‘dente’, PB **o ~ *ə* ‘dente’, Karirí *dza*, Proto-Guaicuru **-owe*.

Rejeitado:

- Ribeiro (2004, p. 95) cita KGG *jõ* ‘dente, bico’ (< PJM **ja*) como *jã* ‘queixo’ e compara essa forma com Apinajé *ñãm* ‘queixo’ (um provável reflexo de PJS **jamã* ‘queixo’). O verdadeiro cognato de KGG *jõ* em Apinajé é *cwa* ‘dente’.
- Boswood (1973) compara o material Jê com Rikbáktsa *capu* ‘dente’, porém o reflexo esperado de PMJ **juñ°* nessa língua seria algo como **xa*.

Davis 1968: #2 (J M Kj) || Gudschinsky 1971: #19 (J O) || Greenberg 1987: #113 (J M Km Kj Jb + Ch + B) || Seki 2002, p. 21 (J Kn) || Ribeiro 2004, p. 98 (J Kj) || Adelaar 2008: #9 (J Kn Kj O + Ch) || RV 2010: #10 (J M Kn Kj O Jb) || Ribeiro 2011, p. 110–112, 117 (J Kj Jb + Ch + B) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Ramirez *et al.* 2015, p. 250, 251, 254 (M Km Kn) || Nikulin 2015, p. 289 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 265 (J Kj Jb + B) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 553 (MJ + Ch + T + B + Karirí + Caribe + Guaicurú) || NS 2020, p. 53 (J M Kn Kj O Jb + Ch + T)

ñũ₂(C) ‘comida’

PJ **ñũ(C)* > PCerr **ñõ*
PK **do* ‘alimento duro’
PJab **nũ* ‘pamonha’

Rejeitado:

- Davis (1966: #64) compara o material das línguas Jê Setentrionais com KGG *jẽ/jẽ-n* ‘comer.INTR’, porém as vogais desses itens não apresentam uma correspondência regular. Em vez disso, derivamos KGG *jẽ/jẽ-n* (e PJM **jã/*jã-n*) ‘comer.INTR’ de PMJ **jat* ou **jan*° (> MXK *ciT* ‘id.’).
- Jolkesky (2016, p. 260) menciona um suposto cognato em Chiquitano, citado pelo autor como “*nõ*”. Não conseguimos identificar o lexema em questão. Nos dialetos do Chiquitano dos quais temos conhecimento a palavra para ‘comida’ é uma nominalização do verbo ‘cozinhar’ (por exemplo, *pee-ma-ká-x* no dialeto Migueleño, derivado de *m-a-pee-ma-* ‘cozinhar’).

RV 2010: #30 (J Kj Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj Jb)

ñũk ‘GEN’

PJ **ñũ$^{(K)}$* > PJS **ñõ*
PTSF **ñũk* > MXK *ñũK*; KNK *ñuk*
MAS ‹ing**niung**› ‘meu’ → *#ñũŋ*

Cognatos externos: PB **o*$_{[+nas]}$, Kipeá/Dzubukuá *-u-*.

Rodrigues 1999: #28 (J M + B + Karirí) || Ribeiro 2002 (J M + B + Karirí) || Ribeiro 2012a, p. 190 (J M) || Nikulin e Salanova 2019, p. 552, nota 26; p. 555 (J M) || NS 2020, p. 46 (J M Kn)

ñũr° ‘envira, corda’

PJ **ñũr* > PCerr **ñõr*
PJab **nũrã*

RV 2010: #43 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Jb)

je (F) ‘colocar deitado’

PJ **ji* > PCerr **ji/*ji-r*; PJM **ji*
PTSF **je-k* (IRR **je*) > MXK *ce-C* (IRR *ce*), RIT *ky-ĵeC*; KNK *jek*
PK **lid* (Karajá, Xambioá) ~ **lîd* (Javaé)
OFA *xi, xi-ke*$_{G}$, *xirê, xiː-gê*$_{MP}$ ‘estar deitado, deitar-se’
PJab **ĵi*

Rejeitado:

- Nikulin e Silva (2020, p. 53) incluem Rikbáktsa *dik* ‘deixar, encostar, colocar no fogo’ na comparação, porém o reflexo esperado de PMJ **e* nessa língua seria *e* e não *i*. Preferimos comparar RKB *dik* com MXK *ci-C* (IRR *ci*) ‘deixar, emprestar’.

RV 2010: #23 (J Kj Jb) || Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 296 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj Jb) || NS 2020, p. 53 (J M Kn Kj Jb)

p(V)jet ‘um’ **(L)**

PJ **p(V)ji* > PCerr **pᵊji*
PTSF **pjet* > MXK *pceT*

Rejeitado:

- Davis (1966: #85) compara os reflexos de PJS **pyĵi* com XAV *mĩci* ‘um’, KGG *pir* (transcrito como “*pi(ri)*”) ‘um’ e reconstrói PJ **py-ci, *py-cit*. Na realidade, a correspondência regular de PJS **pyĵi* nas

línguas Akuwẽ é PA **pici* (> AKW *pici* ‘só’), um reflexo regular de PCerr **pʾji*. Já PJM **pir* ‘um’ pode continuar apenas uma forma com uma coda oclusiva (PJ **pit*) e não pode ser relacionada a PCerr **pʾji* por motivos fonológicos (*pace* NIKULIN, 2015, p. 297, que aceita a comparação apesar de apontar à incompatibilidade fonológica das formas em questão). PJM **pir* é incluído ainda por Ramirez *et al.* (2015, p. 256, 258).

– Davis (1968, p. 47) compara o material Jê com Tenetahára *pitci* ‘um’, mas o lexema em questão possui a forma *pitəj ~ pitəz ~ petej* e é um reflexo de Proto-Tupí-Guaraní **petẽC* ‘um’.
– Gudschinsky (1971: #54) compara o material das línguas Jê com OFA *həɯɬha*$_{G}$ (compare *həha*$_{MP}$) ‘um’, porém não há correspondências sonoras regulares entre essas formas.
– Seki (2002, p. 25), Ramirez *et al.* (2015, p. 254, 258) e Nikulin (2019, p. 123, com um ponto de interrogação) incluem Krenák *pucik* ‘um’ na comparação, porém nem o *onset*, nem o núcleo da última sílaba apresentam correspondências regulares com o material Jê e Maxakalí. Nikulin e Silva (2020, p. 30, 59) notam que as etimologias que vinculam MXK *pceT* a PJ **p(V)ji* e a KNK *pucik* são mutuamente excludentes.
– Ramirez *et al.* (2015, p. 252, 258) compara o material Jê e Maxakalí (assim como Krenák, ver acima) com formas dissimilares do Kamakã: KMK ‹uhaetoh›$_{M}$, MEN ‹wetó› (possivelmente *#weto*).

Davis 1968: #52 (J M) || Ramirez *et al.* 2015, p. 256 (J M) || Nikulin 2015, p. 296 (J M) || Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 30, 59 (J M)

****-jet*** ‘nome’

PJ **ñĩ̃ji ~ *jiji* > PCerr **ñĩ̃ji*; PJM **jiji ~ *jyjy* (vb. **jiji-n ~ *jyjy-n*)
PTSF **-jet* > MXK REL-*ceT-aC*
(?) PK **nĩ̃* ‘nome’, **nĩ̃nĩ̃* ‘chamar’

Cognatos externos: PT **jeT*, PB **iĵe*, Kipeá/Dzubukuá *dze*; compare Proto-Mataco **-ej*, Proto-Zamuco **i*.

Rejeitado:

– Nikulin (2015, p. 296) e Nikulin e Silva (2020, p. 56, tentativamente) admitem a possibilidade de incluir PJab **taɴči* na etimologia, porém PJab **č* não é um reflexo regular de PMJ **j*; além disso, a origem do suposto elemento PJab **taɴ-* permaneceria inexplicada.
– Seki (2002, p. 25) e Adelaar (2008: #13) comparam o material das línguas Jê com KNK *nĵak* ‘nome’ (em outros trabalhos, a forma é citada como *unĵak*), porém o reflexo esperado de PMJ **e* nessa língua é *e* e não *a*.
– Adelaar (2008: #13) e Nikulin e Carvalho (2018, p. 553) sugerem, tentativamente, adicionar PChq **-(ts-)yri* ‘nome’ à comparação, mas não está claro como reconciliar esse dado com PMJ **-jet* foneticamente.
– Adelaar (2008: #13) compara o material das línguas Jê com Ofayé *xirê* ‘nome’ (além de KNK *nĵak* e PChq **-(ts-)yri*). Não pudemos identificar nenhuma correspondência regular entre esse dado do Ofayé e o material das demais línguas.

Davis 1968: #65 (J M) || Ribeiro 2011, p. 108, nota 7 (J + T) || Nikulin 2015, p. 296 (J M) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 553 (MJ + Ch + T + B + Karirí + Mataco + Zamuco) || Nikulin 2019, p. 110 (J M) || NS 2020, p. 42, 56 (J M + T)

****ji*** (F) ‘deixar’

PTSF **ji-k ~ *ji-ŋ* (IRR **ji*) > MXK *ci-C* (IRR *ci*) ‘deixar, emprestar’
RKB *dik* ‘deixar, encostar, colocar no fogo’ [1]

[1] A forma Rikbáktsa poderia continuar a antiga forma não finita.

Rejeitado:

– Nikulin e Silva (2020, p. 53) comparam Rikbáktsa *dik* ‘deixar, encostar, colocar no fogo’ com reflexos de PMJ **je* ‘colocar deitado’, porém o reflexo esperado de PMJ **e* nessa língua seria *e* e não *i*. Preferimos comparar RKB *dik* com MXK *ci-C* (IRR *ci*) ‘deixar, emprestar’.

jit ~ *jin° ‘fio’

PJ **jêᵀ ~ *jên* > PJG **ĵê*; PJM vb. **θe-n* ‘fazer fio’
PTSF **jit ~ *jin* > MXK *ciT*
OFA *xiʔ*$_{G}$, *xikⁿ*$_{MP}$
(?) RKB *di* ‘amarrar’

Rejeitado:
- Nikulin (2015, p. 295) compara o material Jê e Maxakalí com os reflexos de PJab **re* ‘linha, fio’, mas nem os *onsets* e nem os núcleos apresentam uma correspondência regular.
- Ramirez *et al.* (2015, p. 254) comparam Maxakalí *ciT* com Krenák *ĵita* ‘corda (do arco)’, mas a comparação é incompatível com as correspondências sonoras identificadas por Nikulin e Silva (2020).

Nikulin 2015, p. 295 (J M) || Nikulin 2019, p. 110 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M O R)

ñĩ(C) ‘espinho’

PJ **ñĩ(C)* > PCerr **-ñĩ*
PK **dede*
RKB *nĩ*
PJab **nĩ* > ARI *nĩ* ‘espinho’, DJE *nĩ* ‘folha’

Nikulin 2015, p. 299 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj Jb)

ñĩm° ‘mão’

PJ **ñĩm-* (formativo) > PCerr **ñĩm-* (formativo); PJM **nĩ-* (formativo)
JAI ‹ae**nae**nong› ‘mão’
PTSF **ñĩm* > MXK *ñĩP* ‘mão, braço’
KMK ‹guangäh**ni** tschoh ~ guangäh **ni**tscho›$_{M}$ ‘dedo, unha’, ‹**nhin**djú›$_{SO}$ ‘dedo’, MGY ‹**ni**hitió› ‘mão’, ‹**ny**hitiocrin› ‘dedo’, ‹**in**hindió (inhin *breve e indistinto*)› ‘dedão’ → *#nĩcô*; KMK ‹**nhin**djouká›$_{SO}$ ‘unha’, ‹**ñôn**côkás›$_{G}$ ‘unha’, MGY ‹**ni**hitioca› ‘unha’ → *#nĩcô-ka*; KMK ‹guangäh**ni** kreschi nighör›$_{M}$ ‘mão’, MGY ‹**nin**kre (kre *muito breve*)› ‘mão’, MEN ‹**in**crú› → *#nĩkrV*; KMK ‹**nin**cas›$_{SO}$ ‘mão’, ‹**nên**kišk›$_{G}$ ‘mão’ → *#nĩkVs*
PK **de-* (formativo): *****de****rã* ‘antebraço’, *****de****bo* ‘mão’, **dê* ‘asa’
OFA *jĩj(ʔ)*$_{G}$, *ĩ*$_{MP}$, *jĩ*$_{ER}$
PJab **nĩ-* (formativo)

Cognato externo: PChq **-ẽʔẽ*.

Rejeitado:
- Ramirez *et al.* (2015, p. 252) comparam o material Kamakã com os dados do Maxakalí, mas aduzem a forma citada pelos autores como MSK *küm* (provavelmente referindo-se à primeira sílada encontrada em ‹kumbüóh› ‘dedo’, ‹kümbüóh› ‘mão’, ‹künthukah› ‘unha’). Não observamos qualquer semelhança entre esse suposto morfema do Masakará e os dados das demais línguas.
- Gudschinsky (1971: #22) compara a forma Ofayé com PJ **ñĩ* ‘carne’. Apesar da grande semelhança formal entre essas formas, evidentemente trata-se de reflexos de étimos diferentes do Proto-Macro-Jê que possuíam codas diferentes (seus reflexos contrastam nitidamente em Maxakalí: MXK *ñĩP* ‘mão’ vs. *ñĩT* ‘carne’).

Ribeiro 2004, p. 99 (J Kj) || Adelaar 2008: #10 (J O + Ch) || RV 2010, p. 552 (J M Kj O) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252, 255 (J M Km) || Nikulin 2015, p. 287, 299 (J M Jb) || NS 2020, p. 57 (J M Kj O Jb + Ch)

ñĩt ‘carne’

PJ **ñĩ* > PCerr **ñĩ*; PJM **nĩ*
PTSF **ñĩt* > MXK *ñĩT*; KNK *ñik*
PK **de*
RKB *nĩ*
PJab **nĩ*

Cognatos externos: PChq **añe-* ‘carne (abs.)’, **-añe-tu* ‘carne de’, Proto-Tupí **jẽT ~ *ẽT*.

Rejeitado:

– Greenberg (1987: #78) e Ramirez *et al.* (2015, p. 254, 258) comparam o material das línguas Jê e Maxakalí com Krenák *cĩŋ* ‘carne’, porém é a forma *ñik* ‘carne’ que exibe correspondências regulares com os dados das demais línguas Macro-Jê.

Davis 1968: #38 (J M Kj) || Boswood 1973 (J R) || Greenberg 1987: #78 (J M) || Seki 2002, p. 24 (J Kn) || Ribeiro 2004, p. 98 (J Kj) || Adelaar 2008: #23 (J M Kn Kj R + Ch) || RV 2010: #8 (J M Kn Kj Jb) || Ribeiro 2011, p. 110, 117 (J Kj Jb) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Ramirez *et al.* 2015, p. 255 (J M) || Nikulin 2015, p. 299 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 260, 267 (J Kj R Jb + Ch) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + Ch + T) || Nikulin e Salanova 2019, p. 555 (J M) || NS 2020, p. 42, 52 (J M Kn Kj R + Ch + T)

***ñṼt*°** ‘fezes, tripa’

PJ **ñṼt* > PCerr **ñṼt* (PJS **ñĩn*, PNR *ñĩ꞉*; PA **ñə̃nə̃ // *ñə̃꞉nə̃*)
PTSF **ñũt* > MXK *ñũT* ‘defecar, fezes’, RIT *ñũT* ‘barriga’

Cognatos externos: PChq **-ã?ã* ‘fezes’, PT **jṼT*.

Rejeitado:

– Ramirez *et al.* (2015, p. 252) comparam MXK *ñũT* com Kamakã.
– Ramirez *et al.* (2015, p. 252, 255) comparam MXK *ñũT* com reflexos de PCerr **tum* ‘barriga’, PJM **nduŋ* ‘barriga’, bem como com KGG *jõɸa* ‘fezes’, KMK ‹anganiukoh›$_{M}$ ‘barriga’, MEN ‹jundú› ‘barriga’ e MAS ‹tschiuggrüng› ‘barriga’, o que é impossível por motivos fonológicos.

Greenberg 1987: #9 (J M) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + T) || Nikulin 2019, p. 123 (J M + Ch) || NS 2020, p. 42, 56 (J M + Ch + T)

Ji(C) ‘pelo, cabelo’

PK **rã-de* ‘cabelo’ (cf. **rã* ‘cabeça’)
OFA *ji?*$_{G}$, *i*$_{MP}$
RKB *ɾi* ‘pena’, *hara-ɾi* ‘cabelo’
PJab **(č)i* ‘pena, pelo, cabelo’

Rejeitado:

– Adelaar (2008: #6) reproduz em uma mesma etimologia reflexos de PMJ **ke* ‘cabelo’ (em Maxakalí, Krenák, Kamakã e Jê, incluindo o cognato em Chiquitano) e **Ji(C)* ‘cabelo’ (em Ofayé e Arikapú).
– Nikulin e Silva (2020, p. 52) incluem MXK *ce*, KNK *ke* na comparação, reconstruindo PTSF **ce*. Aqui preferimos reconstruir PTSF **ke* e comparar essa raiz com PJ **-ki* ‘cabelo’, decisão mais compatível com as correspondências vocálicas documentadas.

Adelaar 2008: #6 (O Jb) || NS 2020, p. 52 (Kj O R Jb)

-nĵi ~ *-ji ‘frio’

PTSF *-*ji* ~ *-*ci* > MXK REL-*ci*
PJab **ĵiĵi*

kə (F), ***kə-r*** (NF) ‘gritar, chamar’

PJ *-*ky/*ky-r* > PCerr *-*ky/*ky-r*; PJM vb. *-*ky-n* ‘tocar instrumento, fazer ruído’
PTSF *-*ka-t* (IRR *-*ka*) > MXK *ca-t-a* (IRR *ca*), RIT *ca-T* ~ *ca-t-a*; KNK *kak* ‘chamar’
(?) PK *-*ry* [1]
(?) OFA *hara?*$_{JS}$ ‘chorar’ [2]

[1] Se PK *-*ry* pertence a essa etimologia, deve tratar-se de uma generalização da forma não finita (nominalizada) do Proto-Macro-Jê (PMJ *-*kə-r*) em Karajá; o reflexo esperado seria PK *-*ky* (NMLZ *-*[r]y*). Ribeiro (2012b, p. 282) propõe um cenário inverso, de acordo com o qual o étimo desse verbo continha a coda *-*r* (tanto na forma finita como na não finita), que teria sido reanalisada nas línguas Cerratenses como um marcador de não-finitude. A hipótese de Ribeiro (2012b), além de não fornecer nenhuma explicação para a forma *irrealis* sem coda do Maxakalí (cuja existência o autor desconhece), baseia-se na comparação do material do Karajá e Maxakalí com Laklãnõ *ky-l* ‘grito, som’ (< PJM *-*ky-r*), que, para Ribeiro, não é analisável. Entretanto, é preferível analisar PJM *-*ky-r* como um particípio do verbo *-*ky-n* ‘tocar instrumento, fazer ruído’, um causativo potencial de PJM **-*ky* (cujos reflexos não foram atestado nas línguas modernas). Note que PJM *-*r* não é um reflexo recorrente de PJ *-*r* e sim de *-*t* < PMJ *-*t*°, tornando a proposta de Ribeiro (2012b) inviável.

[2] A forma OFA *hara?*$_{JS}$ ‘chorar’, se pertence a essa etimologia, continua a forma não finita (nominalizada) do Proto-Macro-Jê (PMJ *-*kə-r*). Não sabemos se há uma forma finita correspondente; em geral, a evolução da flexão de finitude em Ofayé ainda não pôde ser investigada devido à escassez de documentação. Note que o único exemplo em que a forma *hara?*$_{JS}$ foi atestada é compatível com uma interpretação da forma como nominalizada: *Léia ôhtə ɸaj əɸô hara?* ‘Leia diz que ouviu o menino chorar’ (J. SILVA, 2012, p. 105).

Rejeitado:

- Boswood (1973) compara o material Jê com RKB *pukara* ‘chorar’, mas não há motivos para acreditar que a palavra do Rikbáktsa é morfologicamente complexa.
- Seki (2002, p. 21) compara KNK *kak* com o material das línguas Setentrionais reproduzido nesta entrada, mas também com KGG *je kê* ‘chamar’ e por algum motivo com KSJ *hwyk^{h}a* ‘terra’ (possivelmente se trata de um erro de organização dos dados na tabela na obra citada). A inclusão de KGG *je kê* é inteiramente impossível, pois essa expressão compreende os elementos *je* ‘chamamento’ e *kê* ‘fazer, dizer’ (verbo semanticamente vazio que faz parte de alguns predicados complexos do Kaingáng).

Ribeiro 2012b: 282 (J M Kj) || NS 2020, p. 52 (M Kn)

kəj ‘casca, pele’

PJ *-*kyj’* > PCerr *-*kyj’*; PJM *-*jãn-ky* ‘boca’ (vb. *-*jãn-ky-n*)
JAI ‹aenaenong**siaé**› ‘unha’ (cf. ‹aenaenong› ‘mão’)
PTSF *-*kac* > MXK *caC*; KNK *kat*
KMK ‹an**ká**›$_{SO}$ → *#ka*
PK *-*ky* ‘fibra de casca’
OFA *ha?*$_{G}$, *ha*$_{MP}$
PJab *-*ka* ‘parte do corpo (*formativo*)’

Rejeitado:

- Davis (1968: #7) compara o material Jê e Maxakalí com Karajá *dəky* (ou, mais precisamente, com a sílaba *-ky*), mas não encontramos evidências que pudessem sustentar tal segmentação morfológica. Karajá *dəky*

é comparado ainda a PTSF **cac* (assim reconstruído) por Nikulin e Silva (2020, p. 52). Em nossa reconstrução atual, Karajá *dəky* é derivado de PK **tyk*, forma incompatível com os dados Jê, Maxakalí e Krenák. Em vez disso, propomos incluir Karajá *ky* < PK **ky* 'fibra de casca' na etimologia.

- Davis (1966: #108) compara XAV *ĵaj-hə* 'beiço' e KGG *jãn-ky* 'boca' com reflexos de PJS **jar-kwa* 'boca'. O autor falha em notar que as línguas Akuwẽ e Jê Meridionais apresentam cognatos exatos de PJS **jar-kwa*: PA **ĵada-wa* 'boca' e PJM **jãn-ka* 'porta', apontando para PJ **jar-kô* (a segunda parte do composto é PJ **kô* 'buraco'). Já XAV *ĵaj-hə* 'beiço' e KGG *jãn-ky* 'boca' parecem continuar um composto cujo segundo elemento é PJ **kyj'* 'pele, casca'. Ramirez *et al.* (2015, p. 255) incorrem em um erro semelhante, comparando KGG *jãn-ky* com reflexos de PMJ **jar°-kuñ°* 'boca'.
- Boswood (1973) compara o material Jê com RKB *hwy* (as demais fontes atestam *hwyk*) 'pele', porém o reflexo esperado de PMJ **k-* nessa língua seria RKB **k-* e não *hw-*.
- Ribeiro e Voort (2010: #15), Nikulin (2015, p. 293) e Jolkesky (2016, p. 261) comparam o material de línguas Jê (e, por vezes, outras línguas Macro-Jê) com PJab **kə* 'casca, pele'. Acreditamos que se trata de um equívoco, pois a vogal **ə* do Proto-Macro-Jê parece ser regularmente refletida como PJab **a*, e sugerimos uma comparação alternativa com PJab **-ka* (formativo encontrado em muitos nomes de partes do corpo). Este último, por sua vez, é formal e funcionalmente idêntico a Proto-Boróro **-ka* (> Boróro, Umutína *-ka*), que poderia ter sido emprestado do Proto-Jabutí.
- Seki (2002, p. 21) compara KNK *kat* com o material das línguas Cerratenses reproduzido nesta entrada, mas também com KGG *ɸər* 'id.' e *ka* 'árvore', glosado como '(casca de) pau'. Nenhuma das palavras citadas do Kaingáng pode ser cognata do material das línguas Cerratenses e Krenák, pois *ɸər* provém de PJM **θər* (podendo continuar PJ **cət*, embora não tenhamos encontrado cognatos da forma PJM em nenhuma outra língua; seu cognato esperado em Krenák seria **jək*), ao passo que KGG *ka* regularmente continua PJM **kə* < PJ **kəˀm* < PMJ **kyˀm* 'árvore, chifre', cujo cognato esperado (porém não atestado) em Krenák seria **kəm*.

Davis 1968: #7 (J M) || Rodrigues 1999: #31 (J M Kn Km O + B *-ka* 'pele:CL') || Seki 2002, p. 21 (J Kn) || RV 2010: #15 (J M Kn) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252, 254, 255, 259 (J M Km Kn) || NS 2020, p. 52 (M Kn O)

***kyˀp°** 'mosca *ou* carapanã'

PJ **kəˀp* > PCerr **kôp*; PJM **kə*
PTSF **kyp* > MXK *kyP-nũP* 'mosca', *kyP-mãñũC* 'carapanã'; KNK *kəp*
PK **koho*

Cognato externo: PChq **kypy-* 'mosca'.

Greenberg 1987: #81 (J Kn ‹kook›? Kj ‹ahæ›?) || Seki 2002, p. 37 (J Kn) || Ramirez *et al.* 2015, p. 258 (J Kn) || Jolkesky 2016, p. 261 (J Kj + Ch) || NS 2020, p. 54 (J M Kn + Ch).

***kyˀm°** 'árvore, chifre'

PJ **kəˀm* > PCerr **kôm*; PJM **kə*
PTSF **kym* > MXK *kyP*
MAS ‹zigöh-**ku**› 'umbu', ‹schüö**kuh**› 'coxa', ‹mutg**kú**› 'milho' → *#ku*
PK **ko*
OFA *heuɥ(ʔ)*G, *hə:*MP
PJab **ku*

Cognatos externos: PChq **-tapa-ky* 'chifre', Proto-Tupí **ɬɯP* 'árvore, pau'.

Rejeitado:

- Ramirez *et al.* (2015, p. 252, 256) reúnem em uma mesma etimologia os reflexos de PMJ **kyˀm°* 'árvore, chifre' (em Maxakalí e Kaingáng) e **kVcəm°* 'fogo' (em Maxakalí e nas línguas Cerratenses), comparando-os ainda com Kamakã *#cakə* (KMK ‹tiäköh, hiöghköh›M, ‹diakö›SO, ‹caköü', caxké (Nimuendajú) / caköy, caköu› 'fogo', ‹cakə› 'acender, brasa acesa', ‹caka› 'carvão', KTX ‹tiakihi›, MGY ‹diachke›,

(?) MAS ‹gucháh›$_{M}$, ‹gucháh›$_{SH}$ ‘fogo’). Não vemos como reconciliar fonologicamente o material Kamakã com o das demais línguas Macro-Jê.

- Gudschinsky (1971: #53) compara OFA *heuɻ*$_{G}$ ‘árvore’ com Proto-Jê **pĩ* (em nossa reconstrução, **pĩm*) ‘madeira, lenha’, porém não há correspondências regulares entre essas formas: o cognato esperado de PJ **pĩm* em Ofayé seria algo como **ɸĩ*.
- Gudschinsky (1971: #36), ao comparar OFA *wykỹ-heuɻ* ‘chifre’ com PJ **ko* (em nossa reconstrução, **kə̂₁m*), diz haver cognação não entre o elemento *-heuɻ* e o material Jê (como acreditamos ser o caso), mas entre a sílaba *-kỹ-* e o material Jê. Entretanto, não há nenhum motivo para considerar o morfema OFA *wykỹ-* morfologicamente complexo; além disso, PJ **k* corresponde a OFA *h* e não a OFA *k*.

Davis 1968: #12 (J M) || Ribeiro 2004, p. 98 (J Kj) || RV 2010: #14 (J M Kj Jb) || Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj) || Ramirez *et al.* 2015, p. 256, 258 (J M Km) || Nikulin 2015, p. 291 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 260–1 (J Kj Jb) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + T) || NS 2020, p. 58 (J M Kj Jb + T)

***kyɪj*°** ‘testa, rosto’

PJ **kə̂₁j’* ‘testa’ > PA **kuj-həj // *kuj-hə*
PTSF **kyñ* > MXK *kyC*; KNK *kən* ‘testa’
KMK ‹a**ckühh**›$_{M}$, MGY ‹a**ké** (e *breve e acent.*, a *indist.*)›, MAS ‹**küh**› ‘testa’ → *#ky*
PK **ko* ‘rosto’
OFA *həʔ* ‘rosto’$_{G}$, ‹-hǫ́› ‘testa’$_{CN}$

Ramirez *et al.* 2015, p. 250, 251, 254 (M Kn Km) || NS 2020, p. 55 (M Kn)

ko₂ ‘ingerir’

PJ **ku₂* > PCerr **ku/*ku-r’* ‘ingerir.PL’; PJM **kô* ‘comer, utilizar’
PK **ky/*[r]y* ‘comer (grãos)’
OFA *hô, hô-ê*$_{MP}$, *hô*$_{JS}$ ‘comer:SÓLIDO’
RKB *ku* ‘beber’
PJab **kô*

Cognatos externos: Proto-Tupí **ku* ‘ingerir’, Proto-Boróro **k₂ô* ‘comer’.

Rejeitado:

- Boswood (1973) compara o material das línguas Jê com uma forma citada como “RKB *oro*”, mas tal verbo não é atestado em nenhuma outra fonte que consultamos; além disso, o reflexo esperado de PMJ **k* nessa língua seria RKB *k*.
- Boswood (1973) relaciona RKB *ku* ‘beber’ à forma citada pela autora como PJ **kõ/*kõm* ‘beber’ (em nossa reconstrução, PJS **ijkõ/*kõm*). Fonológica e semanticamente, a comparação é possível, mas parece um tanto duvidosa em razão da inexistência de cognatos conhecidos de PJS **ijkõ/*kõm* nas demais línguas Jê ou Macro-Jê (com a possível exceção de RKB *ku*). Por outro lado, RKB *ku* corresponde perfeitamente a PJ **ku₂*, apesar de uma pequena divergência semântica. Note que compostos que envolvem um reflexo de PJ **ku₂* são utilizados para a noção de ‘beber’ nas línguas Akuwẽ (literalmente “água-ingerir”); o provável cognato nas línguas Tupí também possui uma semântica mais ampla de ingestão tanto de sólidos como de líquidos, fazendo mais crível a inclusão de RKB *ku* nesta etimologia.
- Rodrigues (1999: #7) compara RKB *ku* com Boróro *ko* ‘comer’ (o que achamos plausível) e Yaathê *kʰô-* ‘beber’, mas aduz à comparação PJS **ijkõ/*kõm* (ver nota anterior) e outras formas obviamente não relacionadas (MXK *cuuP*, KNK *jop*, KRJ *õ*).
- Seki (2002, p. 22) e Ramirez *et al.* (2015, p. 259) comparam o material Jê com KNK *amaŋgut* (SEKI, 2002 cita a forma como *amŋgut*; RAMIREZ *et al.*, 2015 citam-na como *kut*), porém a presença de uma coda em Krenák (KNK *-t* < PTSF **-c*) parece ser incompatível com o provável cognato Tupí. Além disso, Seki (2002, p. 22) lista em uma mesma entrada reflexos de PJ **ku₂* ‘comer (*transitivo*)’, **ja*^{T} ‘comer (*intransitivo*)’, PCerr **krẽ* ‘comer.SG’, bem como a forma KGG *ŋgun* ‘engolir (*não líquido*)’.

Davis 1968: #21, p. 47 (J Kj + T, representado pelo Tenetehára) || Rodrigues 1999 (R + B + Yaathê *kʰô-* ‘beber’ + Guató *óký* ‘beber’) || RV 2010: #16 (J Jb) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Nikulin 2015, p. 291 (J Jb) || Jolkesky 2016, p. 260, 265 (J Kj Jb + B) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + T)

kut ‘cavar’ **(L)**

PJ **kôᵀ* > PJG **kwâ/*kwâ-ñ’*; PJM **ka* (vb. **ka-n*)
PTSF **kut* > MXK *kuT*

Cognato externo: Proto-Mundurukú **-koT* (< PT **kuT*).

Rejeitado:
- Nikulin e Silva (2020, p. 55, tentativamente) admitem a possibilidade de incluir KRJ *ka* (NMLZ *[r]a*) ‘cavar’ na etimologia, mas não sabemos de outros casos em que KRJ *a* (< PK **ã*) corresponderia a PJ **ô*, MXK *u*.

Nikulin 2019, p. 110 (J M) || NS 2020, p. 55 (J M)

kuñ° ‘buraco’

PJ **kô* > PJS **kwa* ‘poço’; PJM **-ka* (em compostos)
PTSF **kuñ* > MXK *kuC*
MGY ‹aekó› ‘buraco’ → *#kô*; KMK ‹aenköh nini**koh**›M, ‹ninji**cô**›SO, ‹nydy**kô**, nin**ko**›G,
KTX ‹nii**ka**›, MGY ‹nihie**kó**›, MEN ‹inschi**wó**›, MAS ‹tchüch**goh**› ‘nariz’ → *#ñĩji-kô*
PJab **ko*

RV 2010: #49 (M Jb) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252 (M Km) || Nikulin 2015, p. 289 (M + derivados em J Jb) || NS 2020, p. 57 (J M Jb)

derivado: ****mbêñ°-kuñ°*** ~ ****mbêŋ(°)-kuñ°*** ‘céu’

JAI ‹maecó›
PTSF **pêñ-kuñ* ~ **pêŋ-kuñ* > MXK *peCkuC*
PK **bikû* ‘chuva, céu’
PJab **mbe-ko* (> DJE *be-kö-kö* ‘céu’)

Rejeitado:
- Nikulin (2015, p. 289) compara o material Maxakalí e Jabutí com PJ **kVñkô* ‘céu’. Apesar do elemento **-kô* ser um provável cognato de MXK *-kuC* e PJab **-ko*, a primeira parte desse composto não é comparável ao material das demais línguas Macro-Jê.

Nikulin 2015, p. 289 (J Jb)

derivado: ****jar°-kuñ°***

PJ **jar-kô* > PCerr **jad-kwa*; PJM **jãn-ka* ‘porta’
PTSF **jar-kuñ* > MXK *cata-kuC* ‘palato’, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’, MLL *#jata-ko* ‘boca’
KMK ‹diharicô›SO, MGY ‹häräko›, MEN ‹jniatagó› → *#ĵara-kô/ĵata-kô*
PJab **ǰa-ko*

Rejeitado:

– Davis (1966: #108) reconstrói Proto-Jê **zaz-kwa* com base nos reflexos de PJS **jar-kwa* ‘boca’, XAV *ĵaj-hə* ‘beiço’ e KGG *jãn-ky* ‘boca’. O autor falha em notar que as línguas Akuwẽ e Jê Meridionais apresentam cognatos exatos de PJS **jar-kwa*: PA **ĵada-wa* ‘boca’ e PJM **jãn-ka* ‘porta’, apontando para PJ **jar-kô* (a segunda parte do composto é PJ **kô* ‘buraco’). Já XAV *ĵaj-hə* ‘beiço’ e KGG *jãn-ky* ‘boca’ parecem continuar um composto cujo segundo elemento é PJ **kyj’* ‘pele, casca’. Ramirez *et al.* (2015, p. 255) incorrem em um erro semelhante, incluindo KGG *jãn-ky* na comparação.

Greenberg 1987: #82 (M Km) || RV 2010: #6 (J Jb) || Ribeiro 2011, p. 117 (J Jb) || Ramirez *et al.* 2015, p. 250, 251 (J M Km) || Nikulin 2015, p. 289 (J Jb) || NS 2020, p. 55 (J M Jb)

****ku(C)*** ‘defecar’

PJ **kô(C)* > PJS **ij-kwa/*kwə̂-r*
(?) PTSF **ñĩ-ku* > KNK *ĩŋgu ~ ñĩŋgu* ‘ovo, fezes’
PK **ku*

Rejeitado:

– Seki (2002, p. 24, 37) compara a forma do Krenák ora com MBG *ñĩn* ‘fezes’, ora com os reflexos de PJ **ŋgre*, porém nenhuma dessas comparações parece acertada, pois não explica a origem da segunda sílaba da palavra Krenák.

Greenberg 1987: #29 (J Kn Kj) || Nikulin 2019, p. 123 (J Kj)

****kur*** ‘macaxeira’ **(L)**

PJ **kôr* > PJG **kwə̂r*
PTSF **kut* > MXK *kuT*

Rejeitado:

– Davis (1968: #25) inclui Karajá *lajĩkûra* (< PK **lãdî-kûrã*, citado como *(ãji)ura* no trabalho original) na comparação, porém o morfema *kûra* significa, na realidade, ‘branco’ (RIBEIRO, 2012b) e não apresenta correspondências regulares com o material Jê e Maxakalí.
– Gudschinsky (1971: #2) compara OFA *hyh-**ɸar*** com o material das línguas Jê, mas essa comparação é inviável, pois o reflexo esperado de PMJ **kur* em Ofayé seria **her* e não *-ɸar*.
– Ramirez *et al.* (2015, p. 252) compara a forma Maxakalí com material das línguas Kamakã (KMK ‹casch›$_{M}$, ‹k^{h}ašk (*Nimuendajú*)›$_{G}$ ‘caxiri de mandioca’, MEN ‹kaiú›, MAS ‹cachüh›), porém seria difícil explicar o porquê de uma evolução tão peculiar de PMJ **-r* nas línguas Kamakã caso se tratasse de verdadeiros cognatos.

Davis 1968: #25 (J M) || Ramirez *et al.* 2015, p. 256 (J M) || Nikulin 2015, p. 289 (J M) || Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 57 (J M)

****kũ(C)*** ‘NEG’

PJ **kũ* > PA **kõ*
PK **kõ*

ke ‘cabelo, pelo’

PJ *-*ki* > PA *-*hi*; PJM **ky-ki*
JAI ‹grang**sché**› ‘cabelo’ (cf. ‹grangblá› ‘cabeça’)
PTSF **ke* > MXK *ce*; KNK *ke*
MGY ‹a(e)n **köh**›$_{M}$, ‹rô**kê**›$_{G}$, KTX ‹**qué**›, MGY ‹**kä**›, MEN ‹inin**gé**› ‘cabelo’, ‹ín**gé**› ‘pena’, MAS ‹**chöh**› → *#kê*

Cognato externo: PChq *-*ki* ‘pelo, pena’.

Rejeitado:
- Davis (1966: #22), Rodrigues (1999: #14), Seki (2002, p. 22), Adelaar (2008: #6) e Ramirez *et al.* (2015, p. 255, 257–258) derivam de PJ **ki* as formas das línguas Jê de Goyaz que continuam PJG **kĩ*, mas a discrepância na nasalidade impossibilita a inclusão do material das línguas Jê de Goyaz na etimologia. Seki (2002, p. 22) e Ramirez *et al.* (2015, p. 255, 257–258) ainda incluem KGG *ŋôñ* ‘cabelo’, mas trata-se de um reflexo de PJ **ŋgôñ’* ‘pelo (de animal)’.
- Adelaar (2008: #6) reproduz em uma mesma etimologia reflexos de PMJ **ke* ‘cabelo’ (em Maxakalí, Krenák, Kamakã e Jê, incluindo o cognato em Chiquitano) e **Ji(C)* ‘cabelo’ (em Ofayé e Arikapú).
- Nikulin e Silva (2020, p. 52) reconstroem PTSF **ce* e comparam esse item com KRJ *ra-**de***, OFA *i*$_{MP}$ ~ *ji*ʔ$_{G}$, RKB *(hara-)ɣi*, PJab **(č)i* ‘pena, pelo, cabelo’. Entretanto, o material das línguas Macro-Jê Ocidentais e do Karajá aponta para PMJ **i* e não **e*.

Davis 1968: #11 (J M) || Greenberg 1987: #56 (Kn Km + Ch) || Rodrigues 1999: #14 (Jk M Kn Km) || Adelaar 2008: #6 (J M Kn Km + Ch) || Ramirez *et al.* 2015, p. 251, 254–255, 257–258 (J M Km Kn) || Jolkesky 2016, p. 260 (J + Jb) || NS 2020, p. 52 (M Kn)

ke(C) ‘LOC’

PJ **ki(C)* > PJM **ki*
PK **ki*
(?) OFA *hê* (posposição dativa e locativa)
RKB *ke*

Rodrigues 1999: #19 (J Kj + Yaathê *kê*) || Ribeiro 2012b, p. 273 (J Kj) || Nikulin 2019, p. 124 (J Kj)

kit ‘puxar, buscar água’ **(L)**

PJ *$kê^{T}$ > PCerr **kja/*kja-ñ’* ‘puxar, arrastar’ (compare PJS **jakjê/*jakjê-ñ* ‘buscar água’)
PTSF **kit* > KNK *kit* ‘buscar água’

Rejeitado:
- Nikulin e Silva (2020, p. 52) comparam KNK *kit* ‘buscar água’ com MXK *kẽT* ‘buscar mel’ e reconstroem PTSF **kẽt* ‘buscar líquido’, porém essa comparação incorre em dificuldades de cunho semântico, pois as ações de ‘buscar água’ e de ‘buscar mel’ são funcionalmente muito diferentes entre si.

kwy₁-c (F), ***kwy₁-ŋ°*** (NF) ‘assoprar’ **(L?)**

PJ *-*kâ₁/*-kâ₁-k* ‘assoprar’ > PCerr **ja-kô/*ja-kô-r*; **(ka-)kâ₁-k* ‘vento’ > PCerr **(ka-)kôk*; PJM **kã-kə* (vb. **kã-kə-n*)
PTSF **kwy-ŋ* (IRR **kwy-c*) > MXK *mũ=kuy-K* (IRR *mũ=kuy-C*) [1]
(?) OFA *hỹiʔ*$_{G}$, *ahô-g*^{w}*ê*$_{MP}$
(?) PJab **{j/č/r}Vku* > DJE *heku*; PJab **ôku* ‘assoviar’

[1] Em Maxakalí, as estruturas do tipo *kuV* são relativamente frequentes (*kuiP* ‘tatu’, *kueP* ‘vagalume’, *kuiT* ‘mentira’, *kuiC* ‘não haver’), apesar de sequências do tipo *CVV*, em geral, serem raras na língua. Tomamos esse fato distribucional como evidência de que a sequência *ku*, seguida de vogais, continua um antigo *onset* (provavelmente ramificado, **kw*, ou simples, **kʷ*). As correspondências desse *onset* nas demais línguas (pelo menos nas línguas Jê e Jabutí) não diferem daquelas de *k*. Provisoriamente, reconstruímos PMJ **kw*.

Rejeitado:
- Davis (1966: #16) considera KGG *kohô* ‘ventania’ (forma citada por ele como *ko(hu)* ‘vento’) um cognato dos reflexos de PCerr **kôk*, mas a correspondência regular de PCerr **ô* em Kaingáng é *a*.
- Davis (1968: #14) compara Jê **kâ˞k* ‘vento’ (citado como **kok*) com Karajá *kyhy* ‘id.’, mas essas formas não apresentam correspondência regular alguma, exceto por seus segmentos iniciais.
- Seki (2002, p. 25, 38) compara os reflexos de PCerr **ja-kô/*ja-kô-r* com KNK *ku* e KGG *jõ-kə/kõ-kə*, porém nem KNK *u* e nem KGG *ə* (< PJM **ə̂*) continuam regularmente PMJ **y˞*.
- Ribeiro (2012b, p. 270) e Jolkesky (2016, p. 262) comparam Jê **kâ˞k* ‘vento’ (citado como **kok*) com Karajá *kəbo* ‘banzeiro’ (PK **kob*); Ribeiro alega que há uma correspondência sonora recorrente entre PJ **k* em coda e Karajá *b*. Segundo o autor, essa correspondência ocorreria também em PJ **mrɔ(k)* ~ Karajá *bryby* ‘cinza’, PJ **tɨk* ~ Karajá *rub* ‘morrer.NF’ (em nossa reconstrução, esses itens do Proto-Jê possuem a forma **mbro*, **tyk*). Entretanto, nenhuma das últimas duas comparações apresenta correspondências regulares entre os respectivos *onsets* e núcleos. Consideramos que PK **bryby* ou **byrby* ‘cinza’ não é relacionado a PMJ **mbrôŋ* ‘cinza’, ao passo que PK **ru* (NMLZ **ru-b*) ‘morrer’ é cognato de Rikbáktsa *ra* ‘morrer’ e não de PJ **ty(r)* (NF **tyk*) ‘morrer’. Portanto, não há motivos para considerar a suposta correspondência entre PJ **-k* e PK **-b* como regular.

Gudschinsky 1971: #15

****kra(C) ~ *krỹ(C)*** ‘pedra’ **(W)**

OFA *keteh*$_{G}$, *kəte*$_{MP}$
RKB *hara-hare*
PJab **kra*

Cognato externo: Kipeá/Dzubukuá *kro*.

Rejeitado:
- Gudschinsky (1971: #31) compara a forma do Ofayé, segmentada pela autora como “*ket-eh*”, com PJ **kɛn* (em nossa reconstrução, **kẽt*). A segmentação morfológica proposta por Gudschinsky é *ad hoc* e contradiz o que se sabe da morfologia do Ofayé e das línguas Macro-Jê em geral. A comparação é reproduzida por Rodrigues (1999: #33), que acrescenta uma forma citada como Kamakã *kẽa* ‘pedra’ (no original KTX ‹kiàng›, MGY ‹keá (*nasal*)›) à comparação. O material Jê e Kamakã poderia ser cognato entre si, mas não pode ser relacionado à forma Ofayé (e nem à forma Karirí, também citada por Rodrigues).
- Adelaar (2008) compara a forma do Ofayé com KNK *krak* ‘metal, faca’, com reflexos de PChq **kã-* ‘pedra’ e PJ **kẽt* ‘pedra’ e uma forma citada como Kamakã *kẽa* ‘pedra’ (no original KTX ‹kiàng›, MGY ‹keá (*nasal*)›). É preferível derivar a forma Krenák de PMJ **krət°* ‘pederneira’, pois PMJ **a* e **ỹ* jamais possuem em Krenák o reflexo *a* (e sim *o* < PMJ **a*; *ẽ* < PMJ **ỹ*). Quanto à forma do Chiquitano, hesitamos em aceitar a comparação proposta por Adelaar (2008), pois não pudemos comprovar a regularidade da correspondência PMJ **kr* ~ PChq **k*. O material Jê e Kamakã poderia ser cognato entre si, mas não pode ser relacionado ao material das línguas Macro-Jê Ocidentais por apresentar um *onset* simples e um núcleo anterior. As mesmas críticas valem para as etimologias proposta por Greenberg (1987: #103) e Ribeiro e Voort (2010: #45), que comparam o material Jabutí com PJ **kɛn* (em nossa reconstrução, **kẽt*) ‘pedra’ e outras formas não relacionadas (Greenberg inclui PChq **kã-*, KTX ‹kiàng›, MGY ‹keá (*nasal*)› e certas formas das línguas Purí e Guató; Ribeiro e Voort incluem Krenák *krak* ‘metal, faca’).

Rodrigues 1999: #33 (O + Karirí) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + Karirí)

***krat*°** ‘base, quadril’

PJ **krat* > PCerr **krat* ‘base, quadril’ (em PA ‘começo, raiz’)
RKB *-harata* ‘raiz’
PJab **(nĩ-)kra* > ARI *nĩkra*

RV 2010: #46 (J Jb)

krVk ‘filho/filha’

PJ **kra*^{K} > PCerr **kra*; PJM **krã* (vb. **krã-ŋ*)
PTSF **kruk* > MXK *ktuK*, RIT *kduK*; KNK *kruk*
KMK ‹**kra**ni(n)g›$_{M}$, ‹**koa**-nin›$_{G}$ ‘filho/filha’, KTX ‹getie**crà**› ‘filho’, ‹kiach**kra**rá› ‘filha’,
MGY ‹kediä**grá**›, MAS ‹kügc**rá**› ‘filho’, ‹thziagi**crá**› ‘filha’ → *#(kece-)kra*
OFA *kə̃têʔ*$_{G}$, *gatê ~ gêtê*$_{MP}$ ‘ovo’
RKB *hyry* ‘crianças’
PJab **krəj*

Rejeitado:

- Ribeiro e Voort (2010: #4), Ribeiro (2012b, p. 270) e Nikulin e Silva (2020, p. 53) comparam o material Jê e Jabutí com Karajá *ra* ‘sobrinho’, porém preferimos comparar a última forma com PJab **praN* ‘sobrinho, neto’ por motivos semânticos.
- Gudschinsky (1971: #24) compara o material Jê com OFA *xa(ʔ)* ‘filho’, segmentando a forma do Proto-Jê como “*k-ra*”. Tal segmentação morfológica não é apenas infundada como impossível. Em vez disso, sugerimos que poderia se tratar de uma extensão semântica de OFA *xaːʔ*$_{G}$, *xa*$_{MP}$ ‘semente’. O verdadeiro reflexo de PMJ **krVk* em Ofayé poderia ser OFA *kə̃têʔ*$_{G}$, *gatê ~ gêtê*$_{MP}$ ‘ovo’.
- Seki (2002, p. 22), ao comparar o material das línguas Jê e Krenák, lista em uma mesma etimologia reflexos de PJ **kra*^{K} e formas semanticamente idênticas, mas etimologicamente não relacionadas, tais como PNR *prĩ*, KGG *ŋĩr*.
- Seki (2002, p. 36) compara KGG *krẽ-ŋ* ‘dar à luz’ com KNK *krynta*; a forma do Kaingáng, no entanto, é uma clara derivação verbal que continua PJM **krã* (vb. **krã-ŋ*).

Davis 1968: #16 (J M) || Boswood 1973 (J R) || Seki 2002, p. 22 (J Kn) || RV 2010: #4 (J Jb) || Ribeiro 2011, p. 115 (J Jb) || Nikulin 2015, p. 287 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 263 (J Jb) || Nikulin 2019, p. 110 (J M) || NS 2020, p. 53 (J M Kn Jb)

derivado: ***ñĩm*°*-krVk*** ‘dedo’ (‘filho da mão’)

PJ **ñĩm-kra* > PCerr **ñĩm-kra* ‘mão’
PTSF **ñĩm-kruk* > MXK *ñĩP-ktuK*
(?) KMK ‹guangäh**ni kre**schi nighör›$_{M}$, MGY ‹**ninkre** (kre *muito breve*)›, MEN ‹**incrú**› → *#nĩkrV*
PK **derã* ‘antebraço’

Rejeitado:

- Davis (1966: #62) compara os reflexos de PJS **ñĩm-kra* ‘filho’ com XAV *ñĩb-ʔrata // ñĩb-ʔraːda* ‘mão’ e KGG *kra* ‘mão de pilão’. Aparentemente, o reflexo esperado em Xavánte (**ñĩb-ʔra*, compare AKW *ñĩp-kra*) sofreu algum tipo de contaminação com *ʔrata // ʔraːda* ‘base, começo’ (< PCerr **krat*). Quanto a KGG *kra* ‘mão de pilão’, trata-se de uma semelhança fortuita, pois o reflexo regular de PJ **a* em Kaingáng é *ẽ*.
- Gudschinsky (1973) compara o material Jê com RKB *cyhyry* ‘mão, dedo’. Embora não estejamos convictos de que se trate de uma comparação necessariamente errônea, o reflexo esperado de PMJ **ñĩm*°*-krVk* nessa língua seria **nĩhyry* e não *cyhyry*. Por ora, parece mais prudente excluir RKB *cyhyry* da etimologia.
- Ramirez *et al.* (2015, p. 252) comparam o material Kamakã com os dados do Maxakalí, mas aduzem a forma citada pelos autores como MSK *küm* (provavelmente referindo-se à primeira sílada encontrada em

‹kumbüóh› ‘dedo’, ‹kümbüóh› ‘mão’, ‹künthukah› ‘unha’). Não observamos qualquer semelhança entre esse suposto morfema do Masakará e os dados das demais línguas.
– Ramirez *et al.* (2015, p. 255) comparam o material das línguas Jê e Kamakã, mas aduzem material das línguas Jê Meridionais que continua PJM **nĩŋga* ‘mão’. Consideramos que apenas o formativo **nĩ-* nessa forma é cognato ao material citado nesta etimologia.

Greenberg 1987 (J Km) || Ribeiro 2004, p. 99 (J Kj) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252, 258 (M Km) || Nikulin 2015, p. 287 (J M) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj) || NS 2020, p. 56 (J M)

krət° ‘pederneira/metal’

PJ **kryt* > PCerr **kryt* ‘pederneira’
PTSF **krat* > KNK *krak* ‘metal, faca’

Rejeitado:
– Seki (2002, p. 37) compara KNK *krak* com KGG *krĩ*, MBG *krə̃* ‘monte’, que acreditamos serem extensões semânticas de PJ **krỹj’* ‘cabeça’ (~ KNK *krẽn*).
– Adelaar (2008) compara a forma do Krenák com OFA *keteh*$_{G}$, *kəte*$_{MP}$, com reflexos de PChq **kã-* ‘pedra’ e PJ **kẽt* ‘pedra’ e com uma forma citada como Kamakã *kẽa* (no original KTX ‹kiàng›, MGY ‹keá (*nasal*)›). A forma Ofayé aqui é considerada um reflexo de PMJ **kra(C) ~ *krỹ(C)* ‘pedra’. Quanto à forma do Chiquitano, hesitamos em aceitar a comparação proposta por Adelaar (2008), pois não pudemos comprovar a regularidade da correspondência PMJ **kr* ~ PChq **k*. O material Jê e Kamakã poderia ser cognato entre si, mas não apresenta nenhum tipo de correspondência regular com KNK *krak*. As mesmas críticas valem para a etimologia proposta por Ribeiro e Voort (2010: #45), que comparam a forma Krenák com PJ **kɛn* (em nossa reconstrução, **kẽt*) ‘pedra’ e PJab **kra* ‘pedra’.
– Ramirez *et al.* (2015, p. 259) comparam KNK *krak* com uma forma citada como “Jê *krã* ‘machado’”, cuja existência não pudemos confirmar. Possivelmente os autores se referem a MBG/API *krə̃mẽ̃* ‘machado’, porém essa forma não é sincronicamente segmentável e carece de cognatos conhecidos nas demais línguas Jê, apontando a sua possível origem não nativa. Além disso, MBG/API *ə̃* não corresponde regularmente a KNK *a* e sim a KNK *y* (< PMJ **ə̃*) ou a KNK *ẽ* (< PMJ **ỹ*).

Nikulin 2019, p. 123 (J Kn) || NS 2020, p. 59 (J Kn)

krə̂(C) ‘coxa’

PK **ru*
RKB *hyry*

krỹñ° ‘cabeça’

PJ **krỹj’* > PCerr **krə̃j’*; PJM **krĩ* (vb. **krĩ-n*)
JAI ‹**grang**blá› ‘cabeça’, ‹**grang**sché› ‘cabelo’
PTSF **krỹñ* > MLL *#kə̃*; KNK *krẽn*
PK **rã*
OFA *kə̆teːʔ*$_{G}$, *gateː*$_{MP}$
RKB *hara* ‘coisa redonda’, *har-ek* ‘cabeça’ (cf. *ek* ‘perna’ < *‘osso’)

Rejeitado:
– Davis (1968, p. 47) compara o material Jê com Tenetehára *kaŋ*, mas na realidade *kəŋ* (< PT **kãK*) significa apenas ‘osso’, ao passo que o significado ‘cabeça’ é expresso pelo composto *ə-kəŋ* (< Proto-Tupí-Guaraní **a-kãK*).
– Rodrigues (1999: #15) adiciona à etimologia o material Kamakã (KMK ‹hérroh›$_{M}$, ‹anrú›$_{SO}$, MGY ‹heró (*lingual e muito breve*)›, MEN ‹inro (n *só pela metade*)›, MAS ‹a**charoh**› ‘cabeça’), porém não há motivos

para pensar que PMJ **kr* tenha sofrido algum tipo de mudança nas línguas Kamakã, sendo usualmente continuado por *#kr* e não por *#hVr*.

Davis 1968: #17; p. 45 (J Jk Kj) || Gudschinsky 1971: #30 || Boswood 1973 (J R) || Greenberg 1987: #59 (J Kn Kj O) || Rodrigues 1999: #15 (J Jk Kn Kj O R) || Seki 2002, p. 22 (J Kn) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Ramirez *et al.* 2015, p. 258 (J Kn) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj) || NS 2020, p. 59 (J Kn Kj O R)

derivado: ****cek-krỹ̃ñ°** ~ ***cet-krỹ̃ñ°*** ‘joelho’ (= ‘cabeça da perna/do osso’)
PJ **jV-krỹ̃ñ* > PA **hikrə̃j // *hikrə̃*; PJM **jəkrĩ*
OFA *hijkə̆teʔ*$_{G}$
RKB *ekara*

Rejeitado:
- Gudschinsky (1971: #37) segmenta a forma Ofayé como *hij-kə̆t-eʔ*$_{G}$ e compara o elemento *-kə̆t-* com PJ **kõn* (em nossa reconstrução, PCerr **kõt* ‘articulação’). Além de não haver argumentos para tal segmentação morfológica em Ofayé, não se observa nenhuma correspondência regular entre as formascomparadas por Gudschinsky (1971).
- Seki (2002, p. 22) lista em uma mesma etimologia reflexos de PCerr **kõt* ‘articulação’, PJM **jəkrĩ* ‘joelho’ e KNK *kikre* ‘joelho’ (provavelmente *kikri*, forma que aparece nos dados de CRISTÓFARO-SILVA, 1986, p. 187; cf. SEMEGHINI-SIQUEIRA, RODRIGUES, 2010, p. 25, 26; MONTEIRO, 1948, p. 27, 37). A forma PCerr **kõt* não pode ser relacionada às demais; o verdadeiro cognato nas línguas Cerratenses, reproduzido nesta entrada, é preservado apenas nas línguas Akuwẽ. Já KNK *kikri*, apesar de apresentar certa semelhança com PMJ **cek-krỹ̃ñ° ~ *cet-krỹ̃ñ°*, não apresenta correspondências regulares com o material Jê, Ofayé e Rikbáktsa; o reflexo esperado em Krenák seria **je(k)krẽn*.

****krôj ~ *krôj°*** ‘podre’
PJ **kroj’* > PCerr **kroj’*
PTSF **krôc ~ *krôñ* > MXK *ktuC*, RIT *kduC*
PK **ro*
RKB *horo*

Rejeitado:
- Davis (1966: #29) e Nikulin (2015, p. 293) derivam PJM **kokre* (vb. **kokra-ñ*) ‘fedendo de podre’ e seus reflexos da forma reconstruída pelos autores como PJ **krɔ* (Davis) ou PJ **krɔj* (Nikulin) ‘podre’, porém o reflexo regular de PJ **o* em PJM é **a* e não **e*.
- Nikulin (2015, p. 293) compara o material das línguas Jê e Maxakalí com PJab **krô* (preservada apenas em DJE *tô*); notamos que a forma do Djeoromitxí pode ser derivada de diversas formas do PJab (**tô*, **tə̂*, **krô* ou **krə̂*). De qualquer forma, o reflexo regular de PMJ **ô* em Proto-Jabutí é PJab **ə* e não **ô* ou **ə̂*.

Davis 1968: #19 (J M Kj) || Boswood 1973 (J R) || Nikulin 2015, p. 292 (J M) || Jolkesky 2016, p. 261 (J Kj) || Nikulin 2019, p. 123 (J M R) || NS 2020, p. 58 (J M R)

****kru(C)kru(C)*** ‘pilão’
RKB *harahara*
PJab **krokro*

krẽk ~ *krẽŋ ‘comer (*transitivo*)’ **(L)**

PJ **krẽ* > PCerr **krẽ/*krẽ-r* ‘comer.SG’
PTSF **krẽk ~ *krẽŋ* > MXK *knỹK* ‘fazer sexo’

Rejeitado:

- Davis (1966: #29) deriva KGG *wõkrê* ‘jejum’ de PJ **krẽ/*krẽ-r* ‘comer’, mas, além da discrepância semântica, o reflexo regular de PJ **ẽ* em Kaingáng é *ĩ* e não *ê*.
- PCerr **krẽ/*krẽ-r* ‘comer.SG’ (citado como PJ **krẽ/*krẽr* ‘comer’) é comparado por Davis (1968: #18) com MXK *ciT* ‘comer.INTR’ e KRJ *rəθə̃* ‘engolir’, mas esses itens não apresentam correspondência regular alguma com o material Jê. Preferimos derivar MXK *ciT* ‘comer.INTR’ de PMJ **jat ~ *jat*° *~ *jan*° ‘id.’.

Nikulin 2019, p. 123 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M)

kri₁(C) ‘coçar, arranhar’

PJ **-krê₁(C)* > PCerr **kakrê/*kakrê-ñ’*
RKB *hyri*

Rejeitado:

- PJM **ã-ŋgrê* ‘ciscar, esgravatar’ é comparado por Davis (1966: #8) com as formas que continuam PCerr **kakrê*, porém as consoantes iniciais não apresentam uma correspondência regular.
- PK **kyθe* ‘arranhar, coçar’ (citado como *ɨ-θɛ*) é comparado por Davis (1968: #4) com o material Jê, porém nem PK **θ*, nem PK **e* correspondem regularmente a PCerr **kr*, **ê*.

***kri₁t*°** ‘grilo’ **(L?)**

PJ **krê₁t* > PA **kriti // *kriːdi* ‘gafanhoto’
PTSF **krit* > MXK *kdiT* (< RIT?)
(?) RKB *hyricik*
(?) PJab **-kri* > ARI *cakri* ‘grilo grande preto’, *krikri* ‘grilo-toupeira’

Nikulin 2015, p. 295 (J M)

ŋgy(C) ‘terra’ **(L)**

PJ **ŋgə̂* > PJM **ŋgə*

Cognatos externos: PChq **ky-*, Proto-Tupí **ɨkyC*.

Rejeitado:

- Adelaar (2008: #22), ao comparar o material das línguas Jê e Chiquitano, inclui PTJ *pyka* (reflexo de PJS **pyka*) e PNR *kypă*, mas nenhuma dessas formas pode corresponder regularmente a PJM **ŋgə*.

Adelaar 2008: #22 (J + Ch)

ŋgyɪt ‘piolho’ **(L)**

PJ **ŋgə̂ɪ(T)* > PCerr **ŋgô*; PJM **ŋgə* (vb. **ŋga-n*)
PTSF **ŋgyt* > MXK *kyT*

Rejeitado:

- Davis (1968, p. 47) sugere uma comparação com Proto-Tupí **ŋkɨv* (em nossa reconstrução, PT **ŋɯP*), mas a discrepância entre os pontos de articulação das respectivas codas faz com que rejeitemos a comparação.
- Seki (2002, p. 24) compara os dados das línguas Jê com KNK *aŋ̊əm* ‘piolho’ (citado como “*ŋəm*”), mas o Maxakalí claramente aponta para uma coda dental na protolíngua, impossibilitando a comparação.

Davis 1968: #43 (J M) || Ramirez *et al.* 2015, p. 255 (J M) || Nikulin 2015, p. 291 (J M) || Nikulin 2019, p. 110 (J M) || Nikulin e Salanova 2019, p. 552, nota 26 (J M) || NS 2020, p. 58 (J M)

ŋgrəŋ° ‘raiva, zanga’ **(L)**

PJ **ŋgryk* > PCerr **ŋgryk* ‘raiva’
PTSF **ŋgraŋ* > KNK *ŋgraŋ* ‘zangado; cobra’

Rejeitado:

- Seki (2002, p. 21) compara KNK *ŋgraŋ* com reflexos de PJS **kaŋə̃* ‘cobra’, mas não há qualquer correspondência fonológica entre esses itens.
- Em um outro momento, Seki (2002, p. 37) compara KNK *ŋgraŋ* com MBG *ŋgryk* ‘zangado’ (comparação que acreditamos ser acertada), mas também com KGG *krĩ rə̃* ‘raiva’ (literalmente ‘cabeça quente’) e *krĩ ũ* ‘com raiva, tolo’ (possivelmente ‘cabeça INDEF’), que não possuem qualquer relação às palavras das línguas Cerratenses e do Krenák. De um ponto de vista fonológico, um possível reflexo nas línguas Jê Meridionais seria PJM **jã-ŋgry* ‘nojento’ (> KGG *jẽŋgry*), mas hesitamos em incluí-lo na etimologia por motivos semânticos.

Seki 2002, p. 37 (J Kn) || Nikulin 2019, p. 123 (J Kn) || NS 2020, p. 59 (J Kn)

ŋgrô(C) ‘queimar’

PJ **ŋgro(C)* > PJS **ŋgro* ‘esquentar, assar’ (cf. PCerr **ka-ŋgro* ‘quente’)
RKB *koro*

Rejeitado:

- Gudschinsky (1971: #40) compara o material das línguas Jê com a segunda sílaba de OFA *xəhtə?*G (*xêtəhə*JS) ‘quente’, derivando essas formas de “Ofaié-Jê” **ŋətuŋ ~ *ŋətuk*. Além de não haver motivos para defender tal segmentação morfológica, não pudemos comprovar a regularidade das supostas correspondências sonoras envolvidas.

ŋgrê (F) ‘dançar, cantar’

PJ **ŋgre* > PCerr **ŋgre/*ŋgre-r* ‘cantar’; PJM **ŋgre* (vb. **ŋgre-n*) ‘dançar’
PTSF **ŋgrê(-k/-ŋ)* ‘cantar’ > MXK *kte-C* (IRR *kte*), RIT *kde-C*; KNK *ŋgri*
(?) MAS ‹ag**gre**amú› ‘cantar’ → *#-gre*
PK **u(-)θi* ‘dançar’
OFA *kărih*G,, *gri-(g)ê*MP, *gri*JS ‘cantar’
RKB *kari*
PJab **ŋgre* ‘dançar’

Rejeitado:

- Segundo Davis (1966: #72) e Ramirez *et al.* (2015, p. 256), o cognato Xavánte seria *ñõʔrêm // ñõʔrê* ‘canto’. Entretanto, trata-se de um reflexo de PA **ñõkrêm // *ñõkrê* ‘garganta’ (compare PJS **ñõkre*). O verdadeiro cognato Xavánte que pertence a essa etimologia é *aj-ʔrẽ/ci-ʔrẽ-nẽ ~ aj-ʔrẽ-nẽ* ‘dançar.SG’.
- Seki (2002, p. 24), ao comparar os dados das línguas Jê e Krenák, lista dentre os reflexos desse étimo a forma PNR *s-arẽ*, que é, na realidade, um reflexo de PJG **jarẽ* ‘contar, dizer’.

Davis 1968: #45 (J M Kj) || Gudschinsky 1971: #41 || Boswood 1973 (J R) || Greenberg 1987: #98 (J Kn Km) || Rodrigues 1999: #30 (J M Kn Km Kj O R) || Seki 2002, p. 24 (J Kn) || RV 2010: #33 (J M Kn Kj O Jb) || Ribeiro 2011, p. 115 (J Jb) || Ribeiro 2012a, p. 190 (J M) || Ribeiro 2012b, p. 270 (J Kj) || Ramirez *et al.* 2015, p. 255–256, 258 (J M Kn Km) || Nikulin 2015, p. 294 (J M Jb) || NS 2020, p. 52 (J M Kn Kj O R Jb)

ŋgrê(C) ‘ovo’

PJ **ŋgre* > PCerr **ŋgre*; PJM **ŋgre*
(?) MEN ‹sa**kré**› ‘ovo de galinha’ → *#-kre*
PK **θi*
RKB *kare*
PJab **ŋgre*

Rejeitado:

- Rodrigues (1999: #10) cita KGG *krẽ* como pertencente a essa etimologia, mas trata-se de um reflexo regular de PJ **kra*^{K} ‘filho’. Além disso, o autor aduz uma forma citada como MXK *kiɾ*, cuja procedência não pudemos verificar (a palavra para ‘ovo’ em Maxakalí é *cyK*), e Guató *kʰý*, que não apresenta uma semelhança particularmente forte a PMJ **ŋgrê(C)*.
- Seki (2002, p. 24) o material das línguas Jê com KNK *ñĩŋgu ~ ĩŋgu* ‘ovo, fezes’; parece preferível derivar esse item de PMJ **ku* ‘defecar’, pois o reflexo esperado de PMJ **ŋgrê(C)* em Krenák seria **ŋgri(C)*.
- Gudschinsky (1971: #43) compara o material Jê com OFA *kɔ̃têʔ*$_{G}$, *gatê ~ gêtê*$_{MP}$ ‘ovo’. Entretanto, em nossa proposta OFA *kVt-/-gVt-* pode continuar apenas PMJ **kr/*pr/*mbr*, mas não **ŋgr*, que parece ser regularmente refletido como OFA *k(V)r-/-g(V)r-*. Por esse motivo, preferimos derivar o dado Ofayé de PMJ ** krVk* ‘filho’.

Davis 1968: #44 (J Kj) || Boswood 1973 (J R) || Rodrigues 1999: #10 (J Km Kj O R) || RV 2010: #32 (J Kj Jb) || Ribeiro 2011, p. 115 (J Jb) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Ramirez *et al.* 2015 (J Km) || Nikulin 2015, p. 294 (J Jb)

ŋgriɪk ~ *ŋgriɪñ° ~ *ŋgriɪŋ ‘pequeno’ **(L)**

PJ **ŋgrêɪ(C)* > PJS **ŋgrê* ‘poucos’; (?) PJM **ŋgrê* ‘peneirar’
PTSF **ŋgrik ~ *ŋgriñ ~ *ŋgriŋ* > MXK *ktĩC-nãK*

Nikulin 2019, p. 121, nota 37 (J M) || NS 2020, p. 58 (J M)

ŋrṼt ~ *ŋrṼn° ‘tucano’ **(L)**

PJ **ŋrũɪ*$^{(T)}$ *~ *ŋrũɪn* > PJS **ŋrõ*; PJM **ŋrũ*
PTSF **ŋrõt ~ *ŋrõn* > MXK *knãT*

Nikulin e Salanova 2019, p. 552, nota 26 (J M) || NS 2020, p. 58 (J M)

a ‘tu’; ***a-*** ‘2^{INT} (classe I)’

PJ **a-j’* ‘tu’ > PCerr **gaj’* ‘tu^{AG}’, PJM **a*; PJ **a-* ‘2^{INT} (classe I)’ > PCerr **a(j’)-*

PTSF **a-* ‘2^{INT}’ (**ho-tê* ‘ERG.2’) > MXK *ã-*; KNK *a-* (*ho-ti* ‘tu’)

PK **ã-*

OFA *e-, ə-*

RKB *a-*

PJab **a-*

Cognatos externos: PChq **a-*, PT **e-*, PB **a-*, Dzubukuá *an(i)-/a-* (ou Kipeá *e-*); compare Proto-Caribe **ə-*, Yaathê *a=*.

Rejeitado:

- Davis (1968: #3) compara PK **kãi* ‘tu’ com PCerr **gaj’* (a última forma é citada como PJ **ka*; cf. também JOLKESKY, 2016, p. 259). As línguas Jê Setentrionais claramente mostram que o étimo do pronome agentivo continha **g-* e não ***k-*, consonante que aqui é considerada possuir uma origem protética em sílabas tônicas que careciam de *onset* em PJ/PMJ.
- Boswood (1973) compara o pronome *ikia* ‘tu’ do Rikbáktsa com uma forma citada como PJ **ka* (em nossa reconstrução, PCerr **gaj’*). Rejeitamos a comparação pelos motivos citados no comentário anterior.

Davis 1968: #1 (J M Kj, apenas **a-*) || Boswood 1973 (J R) || Rodrigues 1999: #39 (J M Kn Kj O R + B + Kipeá + Yaathê) || Seki 2002, p. 21 (J Kn) || Adelaar 2008, p. 13 (J + Ch) || RV 2010: #2 || Ramirez *et al.* 2015, p. 254, 256 (J M Kn) || Ribeiro 2012b, p. 269 (J Kj) || Jolkesky 2016, p. 259, 265 (J Kj Jb + Ch + B) || NS 2020, p. 47–49

ap* ~ **âp ‘assar.SG’ **(L)**

PJ **a^{P}* > PJS **ga*

PTSF **hop* > MXK *mũ=haP*; KNK *op*

Rejeitado:

- Nikulin e Silva (2020, p. 42) comparam o material Macro-Jê com Proto-Tupí **wyP* ‘assar’, mas tanto a correspondência entre os *onsets* como aquela entre os núcleos não apresenta regularidade.

Ramirez *et al.* 2015, p. 254 (M Kn) || Nikulin 2019, p. 123 (J M Kn) || Nikulin e Salanova 2019, p. 552, nota 26; p. 555 (J M) || NS 2020, p. 52 (J M Kn)

o ‘nós.INCL’; ***u*** ‘$1+2^{INT}$’

PJ **u(-j’)* ‘$nós.INCL^{AG}$’ > PJS **gu*; PJ **ô-* > PCerr **wa-* ‘$1+2^{INT}$’

Cognato externo: PChq **o-*.

Rejeitado:

- Rodrigues (1999: #38) compara o índice encontrado nas línguas Cerratenses com KRJ *wa-* 1 e Boróro *pa-* 1INCL, bem como com uma forma citada como KMK *pa-ɲike* (não conseguimos localizá-la nas fontes originais), mas se PCerr **wa* provém de PJ **ô-*, como propomos, a comparação é invalidada pela ausência de correspondência regular entre os *onsets*.

Ribeiro 2011, p. 113 (J + Ch)

***u** ‘eu’

PJ **ba-j’* ‘eu^{AG}’ > PCerr **waj’*

Cognato externo: PT **u*.

***ũp** (F) ‘dar’

PJ **ũ^{P}* > PCerr **gõ* (NF **ñõp-r’*)
PTSF **hũp* > MXK *hũP*; KNK *um̥*
PK **õ*
PJab **ũ*

Cognato externo: PT **ũP*.

Rejeitado:

- Rodrigues (1999: #13) adiciona Ofayé *no*$_{G}$, *nõ*$_{MP}$ e Yaathê *kô-* à comparação, mas não se tem conhecimento de nenhum processo de epêntese de OFA *n-* ou Yaathê *k-* em sílabas sem *onset* (à diferença das línguas Cerratenses e Transanfranciscanas, onde a epêntese parece ser regular em sílabas tônicas).
- Ramirez *et al.* (2015, p. 256) comparam o material das línguas Cerratenses e do Maxakalí com reflexos de PJM **nĩ-m* ‘dar.PL’, que na realidade é o causativo de PJM **nĩ* ‘estar sentado’.

Rodrigues 1999: #13 (J M Kn Kj) || RV 2010: #40 (J M Kn Kj Jb) || Ramirez *et al.* 2015, p. 254, 256 (J M Kn) || Nikulin 2015, p. 297 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 260 (J Kj Jb) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + T) || Nikulin 2019, p. 110, 124 (J M Kn Kj Kb) || Nikulin e Salanova 2019, p. 552, nota 26; p. 555 (J M) || NS 2020, p. 53 (J M Kn Kj Jb)

***ũ$_{1}$r** (F), ***ñũ$_{1}$t°** (NF) ‘dormir’

PJ **ũ$_{1}$r* (F) > PJS **ŋõr* [1]; PJ **ñũ$_{1}$t°* (NF) > PCerr **ñõt*, PJM **nũr* [2]
(?) JAI ‹uhl**iong**›
PTSF **hũt* (IRR) > MXK *mũ=hũT*; PTSF **ñũt* (RLS) > MXK *mũ=ñũT*
(?) KMK ‹montong›$_{M}$, ‹humhumdong›$_{SO}$, ‹hondon›$_{G}$, MEN ‹jundun (un *pela metade*)› → *#-õtõ*
PK **õrõ* [1]
OFA *wõĕʔ*$_{G}$, *õê*$_{MP/JS}$ [1]; *jõr*$_{ER}$ [2]
RKB *uru* [1]
PJab **nũtã* [2]

[1] Continua a forma finita.
[2] Continua a forma não finita.

Cognatos externos: PB **(u)nutu*, (?) Kipeá/Dzubukuá *unu*.

Rejeitado:

- Davis (1968: #35) compara o verbo Karajá com Proto-Jê **nõ/*nõ-r* ‘estar deitado’ (em nossa reconstrução, PJ **nũ$_{2}^{P}$* ‘estar deitado.SG’), citando a forma do Karajá, equivocadamente, como *rõrõ* (na realidade, *r-* é um prefixo centrífugo).
- Rodrigues (1999: #32) inclui na etimologia reflexos de PJ **nũ$_{2}^{P}$* ‘estar deitado.SG’, bem como OFA *no ~ norŏʔ*$_{G}$, *nõ꞉, nõd-, nõ꞉-g^{w}ê*$_{MP}$ ‘estar sentado, sentar-se’. Consideramos que essas formas são, na realidade, reflexos de PMJ **nũ$_{2}$p* ‘estar deitado’.
- Seki (2002, p. 24) compara o material das línguas Jê com KNK *ŋume* (citado em outros trabalhos também como *hume*), mas não há qualquer correspondência regular entre esses itens e os dados reproduzidos nesta entrada.

– Adelaar (2008: #29), Jolkesky (2016, p. 260) e Nikulin e Carvalho (2018, p. 554) incluem Chiquitano *-nu* ‘dormir’ na comparação (em nossos dados, a raiz para ‘dormir’ é *-no-* em Chiquitano, cf. 3ª pessoa *m-á-no-mo* no dialeto Migueleño). Entretanto, não sabemos de nenhum outro exemplo que comprove a suposta regularidade da correspondência PMJ **ñ* ~ Chq *n*. É possível que se trate de um cognato de PMJ **nũ₂p* ‘estar deitado’.

Davis 1968: #40 (J M) || Rodrigues 1999: #32 (J Jk M Km Kj + B + Karirí) || Ribeiro 2002: 40 (J + Karirí) || Adelaar 2008: #29 (J Kj Jb + B + Karirí) || RV 2010: #7 (J M O Jb) || Ribeiro 2012a, p. 189 (J M) || Ramirez *et al.* 2015, p. 252, 256 (J M Km) || Nikulin 2015, p. 297 (J M Jb) || Jolkesky 2016, p. 260, 265, 266 (J Kj Jb + B + Karirí) || Nikulin e Carvalho 2018, p. 554 (MJ + B + Karirí) || Nikulin e Salanova 2019, p. 552, nota 26; p. 555 (J M) || NS 2020, p. 56 (J M Kj O R)

i ‘ele/ela’; ***i-*** ‘3^{INT} (classe I)’

PJ **ê₁(-j’)* ‘ele/ela^{AG}’ > PJS **gê*; PJ **i-* > PA **ĩ-* ‘3^{INT}’
PTSF **i-* ‘3^{INT}’ > MXK *ỹ-*
PK **î-*
RKB *i-*
PJab **i-*

Cognato externo: PChq **i-* ‘3SG’, PT **i-*, Kipeá/Dzubukuá *i-*; compare Proto-Caribe **i-*, Yaathê *e=* ‘3SG.P’.

Adelaar 2008, p. 13 (J + Ch) || RV 2010: #3 (J M Kj R Jb) || Jolkesky 2016, p. 259 (J Kj Jb + Ch)

iñ ‘1^{INT}’

PJ **iñ* > PCerr **ij-*; PJM **iñ*
RKB *ik-*
PJab **i-*

Cognatos externos: PChq **ij-* ‘1SG.M’/**iš-* ‘1SG.F’, PB **i-*, (?) Kipeá/Dzubukuá *hi-*; compare Yaathê *i=*.

Rejeitado:

– Rodrigues (1999: #18), Ribeiro e Voort (2010: #1) e Ramirez *et al.* (2015, p. 256) incluem Maxakalí *ỹk-* na etimologia, forma que na análise de Silva (2020a) deve ser representada fonologicamente como *ĸ=*. Nikulin e Silva (2020, p. 47) comparam o índice Maxakalí com Krenák *ŋg-* e reconstroem PTSF **ŋ*, forma que não apresenta semelhança alguma com PMJ **iñ*.

Boswood 1973 (J R) || Rodrigues 1999: #18 (J R + Karirí + Yaathê) || Adelaar 2008, p. 13 (J + Ch) || RV 2010: #1 (J Jb) || Ribeiro 2011, p. 112–113, 115 (J Jb + Ch) || Jolkesky 2016, p. 256, 265 (J Jb + Ch + B) || Nikulin 2019b (J + Ch).

Ø- ‘2^{INT} (classe II)’

PJ **Ø-* > PJS **g-/*ŋ-*
PTSF **h-* > MXK *Ø-*; KNK *h-*
PK **Ø-*
OFA *Ø-*

Cognato externo: PChq **Ø-*.

NS 2020, p. 47–48 (J M Kn Kj O)

Apêndice B. Proto-Jê

A seguinte lista das etimologias Jê é ordenada pelo *onset* da última sílaba (seguindo a ordem */p pr m mr w t n r c ñ j k kr ŋ ŋr ∅/), logo pelo núcleo da última sílaba (seguindo a ordem */a ə ə̃ ə̂ y ỹ o ô u ũ e ẽ ê i ĩ/) e, finalmente, pela coda da última sílaba.

Cada linha corresponde a uma etimologia. Em alguns casos, julgamos oportuno listar derivados de uma mesma raiz formados com prefixos diferentes em uma entrada. Para os verbos que apresentam uma distinção formal de finitude, listamos a forma não finita embaixo da finita.

Foram incluídas as etimologias conhecidas que satisfazem a uma das seguintes condições: (i) há reflexos conhecidos em ambos os ramos constituintes (Cerratense e Paranaense) ou (ii) há reflexos conhecidos em apenas um ramo constituinte que possuem cognatos em outras línguas Macro-Jê (ver **Apêndice A**).

Devida à natureza dos registros da língua Ingain, fornecemos os dados em sua representação original em notas de rodapé, bem como suas representações pseudofonológicas (altamente tentativas).

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
			***/p/**			
**par*	pé	**par*	*#mb(w)an*[177]	**pãn*	*pẽn*	*pãn*
**par*	jirau	**par*	—	—	—	—
**paj'*	braço, galho	**paj'*	*#mb(w)a*[178]	**pã*	*pẽ*	*pã*
**pə̂ɪk*	acender	**pôr* **pôk*	—	—	—	—
**pə̂ɪc*	sair.PL	**pôj* **pôc*	—	**pa* (vb. **pa-n*)	**pa* (vb. **pa-n*)	*po*

[177] ‹bàn›$_{V1}$, ‹bján, buàn, bjan-›$_{V3}$, ‹am**bán**›$_{P}$, ‹an**guá**›$_{MA}$, ‹un**guar**›$_{LU}$.
[178] ‹bá›$_{V1/3}$, ‹mbá›$_{V3}$ 'ombro', ‹in**guá**›$_{P}$, ‹am**má**›$_{MA/DP}$, ‹mbó›$_{MA}$ 'ombro', ‹a**gua**›$_{RL}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**pu₁ᴷ*	tubo, cabo	**pu* ‘tubo’	—	**pu* (vb. **pu-ŋ*) ‘cabo’	*pu* (vb. *pu-ŋ*)	vb. *pu-ŋ*
**pũ₂*	limpar	**põ* ‘esfregar, limpar’ **põñ’*	—	**pə̃* ‘roçar’	*pə̃*	—
**pê*	lavar	—	*#-mbê*[179]	**-pê*	*-pê*	*-pê*
**-pê₁ᵀ*	fazer	**a-pê* **jV-pêñ’*	—	—	—	—
**-pê₁ᵀ*	tocar, mexer	**kupê* **kupêñ’*	—	—	—	—
**pê₁k*	peidar	**pê* **pêk*	—	**pêj*	*pêj*	—
**pĩm*	madeira, lenha	**pĩm*	*#pẽ*[180] ‘fogo’ *#pẽ-ŋgra*[181] ‘chama, brasa’ *#pẽ-nĩjə*[182] ‘fumaça’	**pĩ* ‘fogo’	*pĩ*	*pẽ*
***/pr/**						
**prəᶜ*	carvão, brasa	**prə*	—	**prə̂ñ*	*prəñ*	*pləñ*
**prə̃m’*	fome, querer	**prə̃m*	—	**prə̃ŋ* ‘fome, ano’	*prə̃ŋ*	*plõŋ* ‘ano’

[179] ‹chi**bé**›P ‘banhar’, ‹andanku**be**ba›MA ‘lavar-se’, ‹ñendercu**be**ba›MA ‘lavar roupa’.
[180] ‹péi›V1, ‹pái›V3, ‹peín›P, ‹péin›MA, ‹pén›LU, ‹npai›RL. Compare ‹**pen**gyntei͡›V1 ‘buscar lenha’, ‹**pet**kre›V1 ‘fazer fogo’, ‹**péin**gahé›V3 ‘buscar lenha’, ‹**péin**grahá›V1 ‘fazer fogo’, ‹**pui**teichó›P ‘fumaça’, ‹**pim**pó›MA ‘lenha’, ‹**pet**krén, **pet**kren›MA ‘fazer fogo’, ‹**pen**guité›MA ‘buscar lenha’, ‹**pin**coró›LU ‘lenha’.
[181] ‹pingrá›V1/V3, ‹pingrá›P, ‹pingrá›MA.
[182] ‹peigyje›V1, ‹piniẽ›V3, ‹pinie›MA, ‹piná›LU.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
(?) **prâ(p/m)*[183]	morder	—	*#prə*[184]	**prə*	*pra*	*plo*
**prâ₂(j')*	pena, palha de milho	PJS **prâ*	(?) *#prə*[185] *#kə-prə*[186] ‘folha’	—	—	—
**pry ~ *pryn*	caminho	PJG **pry*	—	**ã-pry/*jə-pry*	*ẽ-pry/ja-pry*	—
**prũ₁ᴷ*	esposa	**prõ*	*#prõ*[187] ‘esposo’	**prũ* (vb. **prũ-ŋ*)	*prũ* (vb. *prũ-ŋ*)	*plũ* (vb. *plũ-ŋ*)
(?) **prĩt*	pequi / resina do pinheiro[188]	PJS **prĩt* ‘pequi’	—	**prĩr*	*prĩr* ‘resina do pinheiro’	(?) *plẽl* ‘avermelhado’
***/m/**						
**mba*	fígado	**mba*	*#tə̃-mba*[189]	**tə̃-mã*	*tə̃-mẽ*	*tõ-mã*
**mba*	ouvir, entender	**mba* **mbar'*	*#-mba*[190]	**mã*	*mẽ*	*mã*
**pVmba(C)*	medo	**pᵊmba*	—	—	—	—
**jVmba(C)*	bochecha	PJS **jamã*	—	**jəmã*	*jamẽ*	*jomã*
**mə̃*	DAT	**mə̃*	*#mə̃*[191]	**mə̃*	*mə̃*	*mõ*

[183] O material das línguas do ramo Paranaense pode ser projetado para o Proto-Jê caso seja cognato de RKB *boro*, Karajá *ro* ‘morder’.
[184] ‹pràn›$_{V1}$, ‹ak**pyreá**›$_{V3}$, ‹it**pirai**má›$_{CR}$.
[185] ‹ket perá›$_{MA}$.
[186] ‹kuprãu›$_{V1}$, ‹kyprá›$_{V3}$, ‹kapran›$_{P}$, ‹kupará›$_{MA}$, ‹kuprán›$_{CR}$.
[187] ‹pró›$_{V1}$.
[188] Embora a correspondência fonológica entre PJS **prĩt* ‘pequi’, KGG *prĩr* ‘resina do pinheiro’ e LKL *plẽl* ‘avermelhado’ seja impecável, não é fácil reconciliar esses dados de um ponto de vista semântico. Talvez os falantes do Proto-Jê Meridional, ao se deslocarem do Cerrado para o sul, tenham transferido a antiga designação do pequi para uma outra substância com um cheiro forte.
[189] ‹tampan›$_{MA}$.
[190] ‹dua**mba**njamó›$_{MA}$.
[191] ‹i**ma**ndãu›$_{V1}$ ‘estou com calor’, ‹i**má** kučyné kučybrěma› ‘estou com muito frio’.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**mbə̂₂^{T}*	agarrar, carregar	**mbə̂* **mbə̂ñ'*	—	**mbə* (vb. *mba-n)* 'carregar.CURTO'	*mba* (vb. *mõ-n*)	*mbo* (vb. *mba-n*)
**mbyt*	astro	**mbyt* 'sol'	*#pyr*[192] 'lua'	—	—	—
**mbyn*	rabo, cauda	**mbyn*	*#mby*[193]	**mby*	*mby*	*mby*
**mbô* **mbôr*	chorar	PJS **mbû* **mbə̂r*	—	—	—	—
**mũ₁*	ir.PL	**mõ* **mõr'*	*#mõ*[194]	**mũ* (vb. **mũ-n*)	*mũ* (vb. *mũ-n*)	*mũ*
**mbec*	bom	**mbec*	*#mbe*[195]	**mbe* 'HAB'	*mbe*	*mbe*
**mbe(C)*	céu	—	*#rau-mbe*[196]	**ã-mbe* (vb. **ã-mba-n*) 'tempo bom'	*ẽ-mbe* (vb. *ẽ-mõ-n*)	—
**mẽ*	PL; COM	**mẽ*	—	**mĩ*	—	*mẽ*
**mẽ^{T}*	arremessar.SG	**mẽ* **mẽñ'*	—	**mĩ* 'despejar' **mĩn*	*mĩ* *mĩn*	—
**mbêm*	machado	—	—	**mbeŋ*	*mbeŋ*	*mbeŋ*
**mbê₁n*	líquido	**mbên*	—	**mbê* (vb. **mbe-n*)	*mbê* (vb. *mbe-n*)	*mbê*
**mbê₂n'*	esposo	PJG **mbjên*	—	**mben*	*mben*	*mben*

[192] ‹pyri›$_{V1}$, ‹pyrý›$_{V3}$, ‹puirí›$_{P/CR}$, ‹puiré›$_{MA}$, ‹pirihí›$_{RL}$.
[193] ‹buí›$_{MA}$.
[194] ‹achá ñe **mo**›$_{MA}$ 'vai comer!', ‹ara te **mo**›$_{MA}$ 'aonde tu vais?'.
[195] ‹beé›$_{MA}$ 'bom, bonito', ‹bé›$_{MA}$ 'direito, correto', ‹**beebe**tumá›$_{MA}$ 'mau, feio', ‹**beebe**tondé›$_{MA}$ 'mulher linda', ‹**be**a›$_{MA}$ 'curar'.
[196] ‹rombé›$_{V1}$ 'dia', (?) ‹arjombé›$_{V1}$ 'não chove'.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
***/mr/**						
**mbra*	andar.PL	**mbra* (F) NF = ?	—	—	—	—
**-mrỹ(m)*	dar banho	PJS **kumrə̃*	—	—	—	—
**mbro*	cinza	**mbro*	*#mbra*[197]	**mrã*	*mrẽj*	*mlã*
**mbru₂m'*	formiga	PJS **mbrum*	—	**mbroŋ(-...)*	*mbroŋ-jy* ‘formiga argentina’	—
**mrũ(C)*	mergulhar, afundar	PJS **mrõ*	—	—	—	—
**mbre*	termo de parentesco por afinidade	**mbre* ‘cunhada, cunhado’	—	**jə(-)mbre*	*jambre* ‘primo, genro’	*jomble* ‘cunhado, sogro, sogra’
***/w/**						
**wa(C)*	andar	**wa*	—	**wã* ‘STAT’	*wẽ*	*vã*
**wəm*	podre	—	—	**wə̂*	*wə*	—
**wə̃^{P}*	cheirar, farejar	PJG **wə̃* **wə̃r*	—	—	—	—
**wə̂₂r' ~ *wər'*	árvore / taquara	**wəd* ‘árvore’	*#wən*[198] ‘taquara’	**wan* ‘taquara’	*wõn*	*wan*
**wy* **wyr*	pegar, carregar	**wy* **wyr(')*	—	N/A ‘carregar.COMPR’ **wyn*	N/A *wyn*	N/A *wun*

[197] ‹mrá›$_{V1}$, ‹nmará›$_{V3}$, ‹maráu›$_{MA}$, ‹nmará›$_{RL}$.

[198] ‹guán›$_{V1/MA}$, ‹**guan**pró›$_{V1}$ ‘folha de taquara’, ‹**guan**brá›$_{V3}$ ‘folha de taquara’, ‹nguá›$_{V3/CR}$, ‹**vuan** kran amen›$_{MA}$ ‘canudo de trazer água’.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**wô^{T}*	desatar	PJG **wô* **wôñ'*	—	**kə-wə* (vb. **kə-wa-n)*	*kawa* (vb. *kawõ-n*)	—
**wẽ(C)*	mostrar, falar	PJG **wẽ* **wẽr*	—	**wĩ* (vb. **wĩ-n*) 'falar'	*wĩ* (vb. *wĩ-n*)	*vẽ*
**jawê$_{1}$*	ser melancólico, gostar	**jawê*	—	—	—	—
**wĩ*	matar.SG	**wĩ* **wĩr*	—	—	—	—
***/t/**						
**tə̂$_{2}$m' ~ *təm'*	novo	**təm'* 'novo, cru'	—	**taŋ*	*tõŋ*	*taŋ*
**tə̃*	INSTR	**tə̃*	—	**tə̃* 'INSTR, ERG'	*tə̃*	*tõ*
**tə̂$_{2}$t*	duro, forte	**tə̂t*	—	**tər* (vb. **ta-n*)	*tar* (vb. *tõ-n*)	*tol*
**k(r)Vmtym'*	capivara	**kumtym'*	*#kraŋndaŋ*[199]	**kryŋndyŋ*	*kryŋndyŋ*	*klyŋndyŋ* 'paca'
**tyk*	morrer	**ty(r)* **tyk*	*#nda*[200]	**ty* 'dormir.STAT'	*ty* 'adormecer'	*ty*
**tyk*	preto	**tyk*	*#kunda*[201] 'escuridão, meia-noite'	**kuty* (vb. **kutyŋ*)	*kuty* (vb. *kutyŋ*)	*kuty* (vb. *kutyŋ*)
**to^{P}*	voar	**to* **topr*	—	**tã* (vb. **tã-m*)	*tẽ* (vb. *tẽ-m*)	*tã* 'aproximar-se.SG'

[199] ‹krandèn›$_{V1}$, ‹karanel›$_{V3}$, (?) ‹kara uán›$_{P}$.
[200] ‹ndá›$_{V1/V3}$, ‹ndẽ›$_{V1}$, ‹nda›$_{MA}$, ‹am**na**›$_{CR}$.
[201] ‹ro**kune**, ro**kuná**›$_{V1}$, ‹kun(n)á›$_{MA}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**ñũ₁cto*	língua	**ñõjto*	*#nũnda*[202]	**nũnã*	*nũnẽ*	*nũnã*
**tôm'*	gordura	**twam'*	*#ndauŋ*[203] *#ĵuŋgə-ndauŋ*[204] 'gordura de broca'	**taŋ*	*tõŋ*	*taŋ*
**tu₁*	carregar	**tu* **tur'*	—	**tu* 'carregar nas costas'	*tu*	*tu*
**pVtu₁*	mutuca	**pᵊtu*	*#pVndu*[205] 'muriçoca'	**patu*	*põtu*	*patu*
**tu₂m'*	velho, ancestral	**tum'*	—	**toŋ* 'seco (*plantas*)'	*toŋ*	*toŋ*
**tu₂t ~ *tu₂n'*	pomba	**tut*	—	**tôn*	*tôn*	—
**tũ*^{K}	NEG	**tõ*	*#tũ*[206]	**tũ* (vb. **tũ-ŋ*)	*tũ* (vb. *tũ-ŋ*)	*tũ*
**tũj'*	irmão	**tõj'*	—	—	—	—
**te*	GEN → ERG	**te*	—	—	—	—
**tẽ* **tẽm'*	ir.SG	**tẽ* **tẽm'*	*#…-tẽ*[207]	**tĩ* (vb. **tĩ-n*) **tĩŋ*	*tĩ* (vb. *tĩ-n*) *tĩŋ*	*tẽ* (vb. *tẽ-n*) *tẽŋ*

[202] ‹nomdá›$_{V1}$, ‹na͡urá›$_{V3}$, ‹ag**nupá**›$_{P}$, ‹am**undá**›$_{MA}$.
[203] ‹ndàn ~ ndan›$_{V1}$, ‹dàn›$_{V1}$ 'gordo', ‹ndjàn›$_{V3}$.
[204] ‹jungĕdàn›$_{V1}$, ‹jyngydá›$_{V3}$, ‹iunguedá›$_{MA}$.
[205] ‹pedú›$_{MA}$.
[206] ‹**tú**›$_{V1}$ 'sem', ‹ku**tu**mbĕ›$_{V1}$ 'ainda não comi', ‹kanda**tu**›$_{V1}$ 'cego', ‹djachike**tu**ma›$_{P}$ 'não querer', ‹dada**tu**de›$_{MA}$ 'não chove', ‹alaa**tu**kuá›$_{MA}$ 'não chore', ‹djibre**tu**má›$_{MA}$ 'não entender', ‹beebe-**tu**má›$_{MA}$ 'mau, feio'.
[207] ‹pengyn**te͡i**›$_{V1}$ 'buscar lenha', ‹gui**tén**›$_{MA}$ 'buscar', ‹güi**tén**›$_{MA}$ 'trazer', ‹krangui**ten**›$_{MA}$ 'buscar águaa', ‹penguit**é**›$_{MA}$ 'buscar lenha'.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**tê₂t*	queimar	**tjat*	*#ndêr*[208] ‘morrer’	**têr* (vb. **te-n*) ‘morrer.ACT’	*têr* (vb. *te-n*)	*têl* (vb. *te-n*)
**peti* **…ti*	sonhar	PJG **pyti* **pytir*	 *#jVndi*[209]	**peti* **jati*	*peti* *jõti*	*vãñ-mbi[ŋ]ti*
**tik*	barriga	**tik*	—	—	—	—
***/n/**						
**ndaj’*	chuva	**ndaj’*	*#nda*[210]	—	—	—
**nə̃*	mãe	**nə̃*	*#nə̃*[211]	**nə̃*	*nə̃*	*nõ*
**jando*	enviar	**jando* **jandor’*	—	**jãnã*	*jẽnẽ*	*jãnã*

[208] ‹ndĕrĕ›$_{V1}$.
[209] ‹yedi›$_{MA}$.
[210] ‹**da**kudá›$_{V1}$, ‹**nda**gyreá›$_{V3}$, ‹ná›$_{P/CR}$, ‹dan›$_{MA}$, ‹**nda**demoná›$_{MA}$ ‘chover’.
[211] ‹**ná**›$_{V3}$, (?) ‹am**na**kullá›$_{MA}$ ‘mulher’.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**ndom*	olho	**ndom*	*#nda* ‘olho’[212], ‘fruta’[213] *#kənda* ‘olho’[214], ‘fruta’[215] *#kənda-ŋgə*[216] ‘gorgulho’ *#kənda-ki*[217] ‘sobrancelha’	**kənã* (vb. **kənã-n*) ‘olho, fruta’	*kanẽ* (vb. *kanẽ-n*)	*konã*
**ndôn’ ~ *ndu₁n’*	caramujo	**ndwan’*	—	**ndun*	*ndôn nũnẽ, ndun*	*ndun* ‘lagarta’
**ndu₁ñ’*	pescoço	—	*#nduñ*[218]	**nduñ*	*nduñ*	*nduñ*
**pôndu₂(C)*	ruim / torto	PJS **pundu* ‘ruim’	—	**pandô* (vb. **pando-n*) ‘torto’	*põndô* (vb. *põndo-n*)	*pandô*
**nũ*^{P}	estar deitado.SG	**nõ* **nõpr*	*#nə̃*[219]	**nə̃*	*nə̃*	*nõ*

[212] ‹**da**iá›$_{MA}$ ‘pupila’; ‹**ndá**ioró›$_{MA}$ ‘pálpebra’.
[213] ‹dan›$_{RL}$ ‘milho’. Compare ‹rei**ndá**, rei**ndá**›$_{V3}$ ‘fruto de caraguatá’, ‹re**ntá**›$_{MA}$ ‘fruto de caraguatá’; ‹čaundá›$_{V3}$ ‘jacaratiá’, ‹chau**ndá**›$_{MA}$ ‘mamão’; ‹**ndá** bá›$_{MA}$ ‘espiga’.
[214] ‹kendá›$_{V1}$, ‹kandá›$_{V3}$ ‘olho, rosto’, ‹ap**undá**›$_{P}$ ‘pálpebra’, ‹kendá›$_{MA}$ ‘cara’ (‹**kenda**djó›$_{MA}$ ‘olhos’), ‹a**cpuedá**›$_{CR}$, ‹gundón›$_{LU}$, ‹ap**intá**›$_{RL}$. Compare ‹ro**kendá**›$_{V1}$ ‘sol’, ‹**kanda**tu›$_{V1}$ ‘cego’, ‹**kenda**ngáin›$_{V1}$ ‘cílias’.
[215] ‹kyndá›$_{V3}$ ‘laranja’, ‹kundá›$_{P}$ ‘milho’, ‹kunda›$_{MA}$ ‘milho’, ‹kundá›$_{MA}$ ‘laranja’, ‹quengtá›$_{DP}$ ‘milho’. Compare ‹dju**kandá**›$_{V1}$ ‘coco’, ‹djin**guendá**›$_{MA}$ ‘fruto de palmeira’; ‹grein**kantá**›$_{V1}$ ‘fruto do caraguatá’; ‹**kučau**kandá›$_{V1}$ ‘jaracatiá’; ‹ky**kandá**›$_{V1}$ ‘laranja’; ‹kre**gondá**›$_{V3}$ ‘guariroba’, ‹kri**gondá**›$_{CR}$ ‘guabiroba’; ‹kundalun›$_{V1}$ ‘milho socado’, ‹kundáluné›$_{P}$ ‘grão de milho’, ‹kendáuné›$_{MA}$ ‘esmagar milho’.
[216] ‹kundangá›$_{V1/MA}$.
[217] ‹kandeakí, kandeakí›$_{V3}$.
[218] ‹ndúi›$_{V3}$, ‹am**duí**›$_{MA}$.
[219] ‹**ná**ma›$_{MA}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
			***/r/**			
**ra*^{T}	bater	PJS **ku-ra* **ku-rañ'*	—	**rã* **rãn*	*rẽ* *rẽn*	*lã* *lãn*
**jar(a)*	asa, pena axila	PJG **jara* PJG **jar(a)-kre*	*#l-ar*[220] 'asa' —	**θ-ãr* **jãrã* (vb. *jãrã-n*)	*ɸẽr* *jẽrẽ*	*ðãl* *jãlã*
**pVrək*	parecer	**pᵊrək*	—	—	—	—
**rã(r)*	flor	**rã(r)*	—	—	—	—
**jar-rə ~ *jar-rə̂*$_{2}$	saliva	**jadrâ ~ *jadrə*	*#jarə*[221]	**jãrə* (vb. **jãra-n*)	*jõra* (vb. *jõrõ-n*)	*jãlo*
**rôk*	descer.SG, entrar.SG	**rwa(r)* 'descer.SG' **rwak*	—	**ra* 'entrar.SG'	*rõ*	*la*
**rôj'*	astro	**rwaj'* 'lua'	*#rau*[222] 'sol' *#rau-mbe*[223] 'dia'	**ra*	*rõ*	*la*
**ru*$_{1}$^{T}	buscar água, despejar	PJS **ru* **ruñ*	—	**ru* 'buscar água' **run*	*ru* *run*	*lun* 'poço'
**re*	abandonar, deixar	**re* (F) NF = ?	—	**re*	*re*	—
**rẽ*^{T} **rẽñ'*	arremessar.PL	PJS **rẽ* **rẽñ*	—	**rĩ* **rĩñ*	*rĩ* 'carregar.PL' *rĩñ*	*lẽ* *lẽñ*

[220] ‹làr›$_{V1}$, ‹làrá›$_{MA}$.
[221] ‹ńerá›$_{V3}$.
[222] ‹ró›$_{V1}$, ‹aráu͡›$_{V3}$ 'sol, céu, dia', ‹ará›$_{DP}$, ‹rau›$_{P}$, ‹arau ~ ará›$_{MA}$, ‹aró›$_{CR, LU}$. Compare (?) ‹**ro**iñá›$_{RL}$ 'sol', (?) ‹mo**rau**›$_{CR}$ 'dia'.
[223] ‹rombé›$_{V1}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**rê₁ᴾ*	atravessar, descer.PL	PJS **rê* ‘atravessar’ **rêr*	—	**rê* (vb. **rê-m*) ‘descer.PL’	*rê* (vb. *rê-m*)	*lê* (vb. *lê-m*)
**…-rê₁(C)*	capinar	PJS **karê* **karêr*	—	**kurê*	*kurê*	*kulê*
**jarê₁ᵀ ~ *jarê₁n*	raiz	PJG **jarê*	—	**jãrê* (vb. **θ-are-n*)	*jõrê*	*jãlê* (vb. *ð-ale-n*)
**rêᴷ*	dois	—	*#ri*[224] *#riŋ-ri kər*[225] ‘quatro’	**reŋ-rê* (vb. **reŋ-re-ŋ*) ‘dois, companheiro, irmão’	*reŋ-rê* (vb. *reŋ-re-ŋ*)	*leŋ-lê* (vb. *leŋ-le-ŋ*)
**rĩt*	olhar	**rĩt*	—	**rĩr* ‘acordar, viver’	*rĩr*	*lẽl*
***/c/**						
**cə̂₁ᴾ*	chupar, mamar	**cô* **côpr(’)* **ka(m)cô* **ka(m)côpr(’)*	—			
**pijacə̂₁ᴾ*	mamar	**pijacô* ‘amamentar’ **pijacô(pr’)*		**peθə* (vb. *peθa-m*)	*paɸa*[226] (vb. *paɸõ-m*)	*peðo* (vb. *peða-m*)
**cyᴾ*	tecer	**cy̲* **cy̲pr’*	—	**θy*	*ɸy*	*ðy*

[224] ‹rí›$_{V1}$, ‹ri›$_{MA/CR}$.
[225] ‹ringrikár›$_{V1}$.
[226] O reflexo é irregular; a forma esperada seria **peɸa* (vb. **peɸõ-m*). O fato de que a vogal anterior encontrada em Laklãnõ é mais conservadora é confirmado pela forma plural desse verbo em Kaingáng, *pi[ŋ]ɸa* (vb. *pi[ŋ]ɸõ-m*), com um alçamento regular *e* → *i*; além disso, a forma conservadora parece ser preservada em Kaingáng Paulista (vb. *peɸẽ-m*).

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**cym*	semente	**cym*	*#ly*[227]	**θy* (vb. **θy-n*)	*ɸy* (vb. *ɸy-n*)	*ðy*
**kucym*	fogo	**kucym*	—	—	—	—
**cu₁*	vagina	—	—	**θu*	*ɸu*	*ðu*
**jV(m)cê*	ninho	**jacê*	—	**jəŋθê* (vb. **jəŋθe-ñ*)	*jaŋɸê* (vb. *jaŋɸe-ñ*)	—
**ci*	osso	**ci*	—	—	—	—
**…-cĩ*	tipoia, feixe	PJS **ja-cĩ, *ka-cĩ* ‘tipoia’	—	**-θĩ* (vb. *-θĩ-n*) ‘feixe, tanga, saia’	*-ɸĩ* (vb. *-ɸĩ-n*)	*-ðẽ* (vb. *-ðẽ-n*)
***/ñ/**						
**nĵa* **ka(p)nĵa*	morder mascar, mastigar	**nĵa* **nĵar’* **ka(p)nĵa* **ka(p)nĵar’*	—	(?) **cã* **ka(ŋ)jã*	*xẽ* ‘caça, guerra’ *kajẽ*	 *kaŋjã*
**nĵə̂₁*[P]	pendurar.SG	**nĵô* **nĵôpr’* **janĵô* ‘pendurar.PL’ **janĵôpr’*	*#nẽŋgraŋ-ĵa*[228] ‘brinco’	**cə* (vb. **cə-m*)	*xa* (vb. *xa-m*, PTCP [*xə-w*])	*co*
**nĵy*	marimbondo, caba	**nĵy* **apnĵy*	(?) *#ĵa*[229] ‘iraxim’	**cy*	*xy*	*cy*

[227] ‹kundá **lu**né›$_{MA}$ ‘grão de milho’, ‹kendá **lu**né›$_{MA}$ ‘esmagar milho’, ‹**lu**tenderi›$_{CR}$ ‘farinha’.
[228] ‹nĕngrĕńá›$_{V1}$, ‹nengranshá›$_{MA}$.
[229] ‹dja›$_{P}$, ‹illá›$_{MA}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**nĵu$_1$*^{T}	esquentar, secar	PJG **ŋĵu* ‘secar no sol’ **nĵuñ*	—	vb. **cu-n* ‘esquentar’ **jaŋ-cu* (vb. **jaŋ-cu-n*) ‘moquear’	*xu-n* *jõŋ-xu* (vb. *jõŋ-xu-n*)	PTCP *cu-l* *jaŋ-cu* (vb. *jaŋ-cu-n*)
**nĵu$_2$m’*	saburá	**nĵum’*	—	**coŋ* ‘saburá, gema’	*xoŋ*	—
**nĵê*	beliscar	**nĵê* **nĵêr* **kupnĵê* ‘fazer cócegas’ **kupnĵêr*	—	**kucê*	*kuxê*	*kucê*
**nĵi*	mãe	**nĵi*	—	(?) **ci* ‘velho’	*xi*	*ci*
***/j/**						
**ja* **jam’*	estar de pé.SG	**ja* **jam’*	—	**jã* **jãŋ*	*jẽ* *jẽŋ*	*jã* *jãŋ*
	colocar de pé.SG	**ja* **jar’*		**jãŋ*	*ɸ-ẽŋ* (PTCP *ɸ-ẽ*)	*jãŋ*
**ja^T*	comer.INTR	—	—	**jã* (vb. **jã-n*) **jãn*	*jẽ* (vb. *jẽ-n*) *jẽn*	*jãn*
**ñĩja*	nariz	**ñĩja-kre*	*#nẽja*[230]	**nĩjã*	*nĩjẽ*	*nẽjã*
**jə^C*	urina	**jə*	—	vb. **jə̂-ñ* ‘urinar’	*jə-ñ*	*jə-ñ*
**jəñ’*	doce	**jəñ’*	—	—	—	—

[230] ‹g**ijá**›$_{V1}$, ‹nijá, nija-›$_{V3}$, ‹a**nedjá**›$_{P}$, ‹neiá›$_{MA}$, ‹am**iuá**›$_{LU}$, ‹am**iñá**›$_{RL}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**jə̂₁*	rasgar	**-jô* **-jôñ' ~ *-jôr'*	—	**jə* (vb. **ja-n*)	vb. *jõ-n*	*ðã-jo* (vb. *ðã-ja-n*)
**jə̂₂*^{K}	amargo	**jə̂*	—	**θ-ə* (vb. **θ-a-ŋ*)	*ɸa* (vb. *ɸõ-ŋ*)	*ðo* (vb. *ðа-ŋ*)
**ñĩ̃jə̂₂*^{K}	fumaça	PA **-ñĩ̃je*	*#pẽ-nẽjə*[231]	**nĩ̃jə* (vb. **nĩ̃ja-ŋ*)	*nĩ̃ja* (vb. *nĩ̃jõ-ŋ*)	*nẽjo*
**ñỹ*^{P}	estar sentado.SG	**ñỹ* **ñỹpr*	*#nẽ*[232]	**nĩ̃* (vb. **nĩ̃-m*)	*nĩ̃* (vb. *nĩ̃-m*)	*nẽ* (vb. *nẽ-m*)
**jô*	dente	**jwa*	*#jau*[233]	**ja*	*jõ*	*ja*
**…-jô*	derramar	**jajwa* **jajwar'*	—	—	—	—
**jôm*	tomar banho	PJG **ĵwa* **ĵwə̂r'*	—	—	—	—
**jôñ'*	dono, NOMAG	**jwañ'*	—	—	—	—
**jô*^{K}	azedo sal	PJG **ĵwa* PJS **kaĵwa*	—	'salgado, azedo' **kəja* (vb. **kəja-ŋ*)	*kajõ* (vb. *kajõ-ŋ*)	—
**peju₁*	esconder	PJS **puĵu* **puĵur*	*#peju*[234]	**peju*	*peju*	*peju*
**ju₁t*	chegar	—	—	**jur*	*jur*	*jul*
**ju₂*	(posposição)	**ju* 'em busca de'	—	**jô* 'diante de'	*jô* 'diante de, senão'	*jô*

[231] ‹pei**gyje**›$_{V1}$, ‹pi**niẽ**›$_{V3}$, ‹pi**nie**›$_{MA}$, ‹pi**ná**›$_{LU}$.
[232] ‹**ne**má›$_{MA}$ 'sentar-se', ‹**ne(n)**ma›$_{MA}$ 'senta aqui', ‹tangrau**ne**ma›$_{MA}$ 'sentar-se no colo'.
[233] ‹ńó›$_{V1}$, ‹ńáu, ya͡u›$_{V3}$, ‹am**iau**›$_{P}$, ‹am**niau**›$_{MA}$, ‹ami**yao**›$_{RL}$.
[234] ‹peiú›$_{MA}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**ju₂^{P}*	pus	**jupr*	—	**θ-ô* (vb. **θ-o-m*)	*ɸô* (vb. *ɸo-m*)	*ðô* (vb. *ðu-m*)
**ju₂m'*	pai	PJG **ĵum*	*#joŋ*[235]	**joŋ*	*joŋ*	*juŋ*
**ñ$\tilde{V}$t*	fezes	**ñ$\tilde{V}$t* ‘fezes’ **kañ$\tilde{V}$t* ‘cérebro’	—	—	—	—
**jê^{T}* ~ **jên*	fio	PJG **ĵê* ‘pano, nó’	*#-lê*[236] ‘linha de pesca’	vb. **θe-n* ‘fiar’	*ɸe-n*	*ðe-n*
**ñũ₁mjê(C)*	seio	PJS **ñõmĵê*	*#nũŋjê*[237]	**nũŋjê* ‘seio, leite’	*nũŋjê*	*nũŋɲjê*
**kujêk*	veia	PJS **kuĵêk*	*#kujê*[238]	**kujêj*	*kujêj*	*kujêj*
**ji*	colocar deitado.SG	**ji* **jir(')*	—	**ji*	*ɸ-i*	*ji*
**pVji^{T}*	um	**pˀji*	—	—	—	—
**…-ji*	nome	**ñĩji*	—	**jiji* ~ **jyjy* (vb. **jiji-n* ~ **jyjy-n*)	*jiji* ~ *jyji* ~ *jyjy* (vb. *jiji-n*)	*jyjy*, 3 *ð-yjy* (vb. *jyjy-n*, 3 *ð-yjy-n*)

[235] ‹iong›$_{P}$, ‹io›$_{MA}$, ‹inyong›$_{CR}$.
[236] ‹ua**lé**›$_{P}$, ‹rei**lé**›$_{MA}$, ‹do**lé**›$_{CR}$.
[237] ‹nundjá›$_{MA}$.
[238] ‹nangau**guyé**›$_{V3}$ ‘pulso’, (?) ‹m**ié**›$_{V3}$ ‘veia’.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**ñĩ^{T}*	carne	**ñĩ̃*	*#nẽ*[239]	**nĩ̃*	*nĩ̃*	*nẽ*
**ñĩ̃m-*	mão (*formativo*)	**ñĩ̃m-* (**ñĩ̃mkra* ‘mão’)	*#nẽ-ŋgau*[240] ‘mão’	**nĩ̃-*	*nĩ̃-* (*nĩ̃-pê* ‘lavar mãos’, *nĩ̃-ju* ‘apontar’, *nĩ̃-ŋge* (vb. *nĩ̃-ŋõ-n*) ‘mão’)	*nẽ-* (*nẽ-ju-jo* ‘indicador’, *nẽ-ŋga* ‘mão’)
***/k/**						
**kaj*	cesto	PJS **kac*	—	**kãj*	*kẽj*	*kãj*
**kə̂$_{1}$p*	mosca	**kôp*	*#kə*[241] ‘pium’	**kə*	*ka* ‘borrachudo’	*cẽ-to-ko* ‘mosca preta’
**kə̂$_{1}$m* **ñĩ̃kə̂$_{1}$m*	árvore, chifre chifre	**kôm* **ñĩ̃kôm* ‘chifre’	*#kə*[242] ‘madeira’ *#nĩ̃kə*[243] *#kukə* ‘osso[244], testa[245]’	**kə* **nĩ̃kə* **kukə* ‘osso’	*ka* *nĩ̃ka* *kuka*	*ko* *nẽko* *kuko*
**kə̂$_{1}$j’*	testa	PA **kuj-həj // *kuj-hə*	—	—	—	—
**kə̂$_{1}$k* **kakə̂$_{1}$k*	vento	**kôk* **kakôk*	*#kakə*[246]	**kãkə* (vb. **kãkə-n*)	*kõka* (vb. *kõka-n*)	—

[239] ‹dyné›$_{V3}$, ‹ndei**né**›$_{P}$, ‹ndui**né**›$_{MA}$. Compare ‹do**ni**ngýn›$_{V3}$ ‘carne assada’.
[240] ‹nengó›$_{V1}$, ‹nangãu›$_{V3}$, ‹am**enguau**›$_{P}$, ‹ammenguá›$_{MA}$, ‹nangãu›$_{V3}$, ‹nangãu›$_{V3}$. Compare ‹**nengo**rú›$_{V1}$ ‘luva’, ‹**nangãu**guyé›$_{V3}$ ‘pulso’, ‹**nangãu**miãu›$_{V3}$ ‘polegar’, ‹**nangãu**miyjý›$_{V3}$ ‘dedo’, ‹**nangãu**marý›$_{V3}$ ‘unha’, ‹am**anga**ibrá›$_{P}$ ‘unha’, ‹**nenga**mure›$_{MA}$ ‘unha’, ‹am**enka**iuiú›$_{MA}$ ‘palma da mão’, ‹am**engó** djuir›$_{MA}$ ‘dedos’, ‹am**enco**rí›$_{LU}$ ‘mão’, .
[241] ‹ká›$_{V1/V3}$, ‹ka›$_{MA}$.
[242] ‹ká›$_{V1/V3}$, ‹ka›$_{MA}$.
[243] ‹naká›$_{V1}$, (?) ‹kry**aká**›$_{V3}$, ‹nekán›$_{MA}$.
[244] ‹kokó›$_{V1}$ ‘rosto’, (?) ‹t**okuá**›$_{V3}$, ‹kukuá›$_{V3}$, ‹ap**uká**›$_{MA}$.
[245] ‹kukuá›$_{V3}$, ‹a**kuka**›$_{MA}$, ‹a**cucá**›$_{RL}$, ‹ap**ucá**›$_{DP}$.
[246] ‹kaká›$_{V1}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**kâ₂(C) ~ *ky(C)*[247]	catinga, pitiú, pixé	PJS **kâ* ‘pitiú, pixé’	—	**ky* ‘catinga’	*ky*	*ky*
**kyj’* **jar-kyj’ ~ *jaj-kyj’*	pele, casca beiço	**kyj’* **jaj-kyj’*	— *#jet-kə*[248]	— **jãn-ky* (vb. **jãn-ky-n*) ‘boca’	*jẽnky* (vb. *jẽnky-n*)	*jãnky*
**jar-kô*	boca	**jadkwa*	*#jet-kau*[249]	**jãnka* ‘porta’	*jõnkõ*	*ð-ãnka*
**kVjkô*	céu	**kyjkwa*	—	**kəñka*	*kañkõ*	*koñka*
**kô*^{T}	cavar	PJG **kwâ* **kwâñ*	—	**ka* (vb. **ka-n*)	—	*ka* (vb. *ka-n*)
**kô(C)*	cagar	PJS **ijkû* **kwâr*	—	—	—	—
**kôr*	macaxeira	PJS **kwâr*	—	—	—	—
**ku₂*	comer	**ku* ‘comer.PL’ **kur’*	*#ku*[250]	**kô* ‘comer, usar’	*kô*	*kô*
**ku₂m’ ~ *ŋgu₂m’*[251]	neblina, nuvem	**kum’* ‘neblina’ **kakum’* ‘nuvem, estação seca’	—	**ŋgoŋ* ‘nuvem’	*ŋgoŋ*	*ŋguŋ*
**kẽt*	pedra	**kẽt*	*#kẽr*[252]	—	—	—

[247] A correspondência entre as formas PCerr e PJM é irregular no que tange ao núcleo.
[248] ‹ńetký›$_{V1}$, ‹jitký›$_{V3}$, ‹yetký›$_{V3}$ ‘boca’, ‹am**itke**›$_{P}$, ‹m**itku**›$_{MA}$.
[249] ‹netkó›$_{V1}$, ‹yitkau›$_{V3}$, ‹am**itau**›$_{P}$, ‹nietkau›$_{MA}$, (?) ‹am**ignú**›$_{LU}$, ‹am**incá**›$_{RL}$. Compare ‹yetkan›$_{MA}$ ‘porta’.
[250] ‹**ku**tumbě›$_{V1}$ ‘ainda não comi’, ‹kran**kú**›$_{V1}$ ‘beber água’, ‹**ku**jýma›$_{V1}$ ‘já comi’.
[251] A correspondência entre as formas PCerr e PJM é irregular no que tange ao *onset*.
[252] ‹kiré›$_{V3}$, ‹keré›$_{MA}$, ‹kiné›$_{CR}$, ‹queré›$_{RL}$, ‹quené›$_{DP}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**kê₁t*	NEG	**kêt*	—	**kêr* ‘PROH (*advertência*)’	*kêr*	*kêl-o*
**kê₂^{C}*	rachar	PJS **kokî* **kokjêr*	—	vb. **(ka-)ke-ñ*	*keñ* *kõkeñ* (tb. ‘canoa’)	*kakeñ* (tb. ‘canoa’)
**ki*	LOC	—	—	**ki*	*ki*	*ki*
**-ki*	cabelo	AKW *ĵahi*	*#kəki*[253] ‘pena, pelo’ *#kənda-ki*[254] ‘sobrancelha’	**kyki* ‘pelo’	*kyki* ‘pelo, pena’	*kəki*
***/kr/**						
**kra^{K}*	filho, filha	**kra*	*#kra*[255] ‘filho’	**krã* (vb. **krã-ŋ*)	*krẽ* (vb. *krẽ-ŋ*)	*klã*
**kryt*	pederneira, metal	**kryt*	—	—	—	—
**krỹj’*	cabeça	**krə̃j // *krə̃*	*#krẽ*[256]	**krĩ* (vb. **krĩ-n*)	*krĩ* (vb. *krĩ-n*)	*klẽ*
**jVkrỹj’*	joelho	PA **hikrə̃j // *hikrə̃*	*#jəkrẽ*[257]	**jəkrĩ*	*jakrĩ*	*joklẽ*
**kroj’*	podre	**kroj’*	—	—	—	—
**krôt*	bico	**krwat*	*#nĩtkrar*[258]	—	—	—
**kre*	buraco	**kre*	—	**kre*	*kre*	*kle*

[253] ‹kakí›$_{V3}$ ‘pelo’, ‹kekí›$_{MA}$ ‘pena’.
[254] ‹kandea͡kí, kandeakí›$_{V3}$ ‘sobrancelhas’.
[255] ‹krá›$_{V1}$, ‹i**krá**›$_{P}$, ‹an**trá**›$_{RL}$.
[256] ‹krí, krẽ›$_{V1}$, ‹kré›$_{V3}$, ‹aut **krein**›$_{MA}$.
[257] ‹ńakaré›$_{V3}$, ‹am**itkrin**›$_{P}$, ‹am**iekré**›$_{MA}$.
[258] ‹jitkyrará›$_{V3}$, ‹am**itkreré**›$_{P}$ ‘bochecha’, ‹m**iet krará**›$_{MA}$, ‹am**incrará**›$_{RL}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**kre*	plantar	**kre*	—	**kre* (vb. **kra-n*) **ã-kre/*jə-kre* (vb. **ã-kra-n/*jə-kra-n*) 'plantação'	*kre* (vb. *krõ-n*) *ẽ-kre/ja-kre* (vb. *ẽ-krõ-n/ja-krõ-n*) 'plantação'	vb. *kla-n* (PTCP *kle-l*)
**krẽ*	comer.SG	**krẽ* (F) NF = ?	—	—	—	—
**krê₂j'*	coxa	**krjaj'*	*#krê*[259]	**krê*	*krê*	*klê*
***/ŋ/**						
**ŋə̃*^{T}	socar, debulhar	PJS **ŋə̃* **ŋə̃ñ*	—	**ŋə̃*	*ŋə̃*	—
**ŋgâ₁*^{T}	piolho	**ŋgô*	*#ŋgə*[260] *#kənda-ŋgə*[261] 'gorgulho' *#ĵu-ŋgə*[262] 'broca'	**ŋgə* (vb. **ŋga-n*)	*ŋga* (vb. *ŋõ-n*)	*ŋgo* (vb. *-ŋga-n*)
**ŋgâ(C)*	terra	—	—	**ŋgə*	*ŋga*	*ŋgo*
(?) **ŋgâ₁j'* ~ **ŋgâ₂j*[263]	água	**ŋgôj'* **kaŋgôj'* 'líquido' **jad-ŋgôj'* 'saliva'	—	**ŋgôj* (vb. **ŋgoñ*)	*ŋgôj* (vb. *ŋgoñ*)	*ŋgôj*
**ŋũ₁*^{T}	pressionar, esfregar, esfarelar	PJS **kaŋõ* **kaŋõñ*	—	**ŋũ*	*ŋũ*	—

[259] ‹karé›$_{V3}$, ‹ap**kré**›$_{MA}$ 'quadril', ‹a**cré**›$_{RL}$.
[260] ‹ngá›$_{V1/V3}$, ‹**nga**ná›$_{V3}$, ‹nga›$_{MA}$.
[261] ‹kundangá›$_{V1/MA}$.
[262] ‹djungá›$_{V1/MA}$, ‹jungá›$_{V3}$. Compare ‹**jungĕ**dàn›$_{V1}$, ‹**jyngy**dá›$_{V3}$, ‹**iungue**dá›$_{MA}$ 'gordura de broca' (*#ĵuŋgə-ndauŋ*).
[263] A correspondência entre as formas PCerr e PJM é irregular no que tange ao núcleo e à coda.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
**ŋgôñ'*	pelos de animal	PJG **ŋgwẫñ* ‘pena, penugem’	*#ŋgauñ*[264]	**ŋgañ*	*ŋõñ* ‘cabelo’	*ŋgañ* ‘crina’
**ŋgê₂*	entrar.PL inserir.PL vestir.PL	**aŋgja* **ŋgjac* **ŋgja* **ŋgjañ'* **jaŋgja* **jaŋgjañ'*	—	**ŋgê* (vb. **ŋgê-m* ~ **ŋgê*)	*ŋgê* (vb. *ŋgê-m*)	*ŋgê* (vb. *ŋgê*)
***/ŋr/**						
**ŋgryk*	raiva, zanga	**ŋgryk*	—	—	—	—
**ŋrũ₁*	tucano	PJG **ŋrõ*	*#ŋgrau*[265]	**ŋrũ*	*ŋrũ*	*ŋlũ*
**ŋgre*	ovo, genital	**ŋgre* ‘ovo, vagina’	*#-ŋgre*[266]	**ŋgre* ‘ovo, pênis’	*ŋgre* ‘pênis’	*ŋgle*
**ŋgre*	dançar, cantar	**ŋgre* (F) NF = ?	—	‘dançar’ **ŋgre* (vb. **ŋgre-n*) **ŋgran*	vb. *ŋgre-n*	*ŋgle* (vb. *ŋgle-n*)
**ŋgrê₁*	pequeno, miúdo	**ŋgrê* ‘poucos’	—	(?) **ŋgrê* ‘peneirar’	*ŋgrê*	*ŋglê*
**ŋrĩ*^{T}	empacotar, enrolar	**-ŋrĩ* **-ŋrĩñ'*	—	**ŋrĩ* (vb. **ŋrĩ-n*) **ŋrĩn*	*ŋrĩ* *ŋrĩn*	*ŋlẽ* (vb. *ŋlẽ-n*)

[264] ‹ngain, ngáin, ngai͡n›$_{V1}$, ‹ankán›$_{P}$, ‹ngain›$_{MA}$, ‹kain›$_{LU}$.
[265] ‹ngrau͡›$_{V3}$, ‹ngráu›$_{MA}$.
[266] ‹anangré›$_{P}$.

Proto-Jê	glosa	PCerr	ING	PJM	KGG	LKL
			***/Ø/**			
**a*^{P}	assar.SG	**ga* **jəpr*	—	—	—	—
**a(j')-*	2^{INT} (classe I)	**aj'-*	—	**a*	*õ*	*a*
**aj'*	2$^{AG/INT}$	**gaj'*				
**ô-*	1+2^{INT}	**wa-*	—	—	—	—
**ôj'*	1^{AG}	**waj'*	—	—	—	—
**uj'*	1+2^{AG}	PJS **gu*	—	—	—	—
**ũ*^{P}	dar	**gõ* **ñõpr'*	—	—	—	—
**ũ*$_{ɪ}$*r* **ñũ*$_{ɪ}$*t*	dormir	**gõr* **ñõt*	*#nũr*[267]	**nũr*	*nũr*	*nũl*
**ê*$_{ɪ}$*j'*	3^{AG}	PJS **gê*	—	—	—	—
**iñ'*	1^{INT}	**iñ-*	*#i-*[268]	**iñ*	*iñ*	*ẽñ*

[267] ‹nor, noró›$_{V1}$ ‘dormir’, ‹**nor**ján›$_{V1}$ ‘cama’, ‹**non**čó›$_{V1}$ ‘ele dorme’, ‹nauró›$_{V1}$ ‘ele dorme’, ‹ani**noron**›$_{P}$ ‘dormir’, ‹nóro›$_{MA}$ ‘ter sono’, ‹i**no**ngran›$_{MA}$ ‘dormir, vou dormir’.
[268] ‹**i**mandau͡›$_{V1}$ ‘estou com calor’, ‹**i**má kučyné kučybrěma› ‘estou com muito frio’.

Apêndice C. Proto-Cerratense

A seguinte lista das etimologias Cerratenses é ordenada pelo *onset* da última sílaba (seguindo a ordem */p pr m mr w t n r c ñ j k kr ŋ ŋr g ∅/), logo pelo núcleo da última sílaba (seguindo a ordem */a ə ə̃ ə̂ y ỹ o õ ô u wa e ẽ ê i ĩ ja/) e, finalmente, pela coda da última sílaba.

Cada linha corresponde a uma etimologia. Em alguns casos, julgamos oportuno listar derivados de uma mesma raiz formados com prefixos diferentes em uma entrada. Para os verbos que apresentam uma distinção formal de finitude, listamos a forma não finita embaixo da finita.

Foram incluídas as etimologias conhecidas que satisfazem a uma das seguintes condições: (i) há reflexos conhecidos em ambos os ramos constituintes (Jê de Goyaz e Akuwẽ) ou (ii) há reflexos conhecidos em apenas um ramo constituinte que possuem cognatos no ramo Paranaense ou em outras línguas Macro-Jê (ver **Apêndices A–B**). As derivações de voz (verbos antipassivos e anticausativos) foram incluídos somente para os verbos cuja base simples (não derivada) não foi atestada nas fontes disponíveis.

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
***/p/**						
**pa* **par'*	terminar	**pa* **par*	—	**pa* **pari*	*pa* *pari*	*pa* *par(i)*
**pa̲* **pa̲r'*	matar.PL	**pa* **par*	*parĭ*	**pə̃* 'matar.DU' **pə̃rĩ*	*pə̃* *pə̃rĩ*	*pə̃* *pə̃r(ĩ)*
**par*	pé	**par*	*pa:*	**para // *pa:ra*	*para // pa:ra*	*para* 'pé, rastro'
**par*	jirau	**par*	*paj*	—	—	—
**paj'*	braço, galho	**pa*	*pa*	**paj-nõ* 'braço' **paj-hi* 'braço' (?) **pa-krata // *pa-kra:da* 'raiz' (?) **wêdê-pa* 'raiz'	*pan-nõ* *paj-hi* *wêdê-pa*	*paj-nõ* *pa-krta // pa-krda* *wdê-pa*
**pyj'*	urucum	**py*	—	**bəj // *bə*	*bəj // bə*	*bə*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**po*	achatado	**po*	—	**po*	—	*po*
**poŋ*	taquara, flecha	**po, *po-cê*	*po* ‘cana, flauta’	**poko // *po* ‘flecha’	*poʔo // po*	—
**põ* **põñ’*	esfregar, limpar	**põ* **põñ*	—	—	—	—
**pôr* **pôk*	acender, queimar	**pôr* **pôk*	*pô*	—	—	—
**pôr* **pôk* **japôk*	furar	 **japôk* ‘furar.PL’	 *s-apô~pô*	**puru* **puku* **ĵapuku // *ĵapu*	*poʔrêpuru* ‘lembrar’ *poʔrê puʔu* *ĵapuʔu // ĵapu*	*puru* *puku* *zapuk(u)* ‘pregar’
**pôj* **pôc*	sair.PL	**to pôj* ‘tirar.PL’ **to pôc* **japôj* ‘sair.PL’ **japôc*	—	**pu* ‘sair.DU’ **puci*	*puci*	*pu* *pus(i)*
**pu* **ŋgrwa-pu*	cana, pau oco talo de buriti	**pu* **ŋgrwa-pu*	—	**bu* **waː-bu* ‘talo de buriti’	*bu* *waːbu*	— *wabu*
**kupu* **kwar-kupu*	embrulhar beiju com carne	**kupu* **kwâr-kupu*	—	**kubu* **wərəkubu*	*ʔubu*	 *wərkbu*
**pur*	roça	**pur*	*puː*	**buru // *buːru*	*buru // buːru*	*bru*
**pê* **pêk*	peidar	**ij-pê* **pêk*	—	**pi* **[piri]*	*pi* *piri*	—
**kupê* **kupêñ’*	tocar, mexer	**kupê* **kupêñ*	—	**kupi*	*ʔupi*	*kupi*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**a-pê* **jV-pêñ'*	trabalhar	**a-pê* **jə-pê-ñ*	*s-ə-pê*	**am-pi* 'fazer' **ñĩm-pi*	*ap-pi* 'cozinhar' *ñĩp-pi*	*nĩ-pi*
**pĩm*	madeira, lenha	**pĩ*	*pĩ*	**mĩmĩ // *mĩ*	*mĩmĩ // mĩ*	*mmĩ*
***/pr/**						
**prə*	brasa, aceso	**prə*	—	**pre*	—	*pre-*
**prə̃m*	fome, querer	**prə̃m*	*pjə̃nĭ* 'querer'	**mrə̃m // *mrə̃* 'fome'	*mrə̃m // mrə̃*	*mrə̃m // mrə̃*
**prə̃m*	pium	**prə̃m(-re/-ti)*	—	**prə̃m(-rê)*	—	*mrə̃m-rê*
**prâ(j')*	pena	**prâ* 'pena, palha de milho'	—	—	—	—
**pry*	caminho	**pry*	*pjy*	—	—	—
**prõ*	esposa	**prõ*	—	**mrõ* 'esposa/o, casar-se'	*mrõ*	*mrõ*
**pre* **kaj-pre*	amarrado amarrar	**pre* **kaj-pre*	Kayapó do Sul ‹ti**nápré**›	**waprê*	*waprê*	—
**prẽp*	falar	**kaprẽp* 'feitiço'	—	**mrẽmẽ // *mrẽːmẽ*	*mrẽmẽ // mrẽːmẽ*	*mrmẽ*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
***/m/**						
**mba*	fígado	**mba*	*ĩmpa*	**pa*	*pa*	*pa*
**mba* **mbar'* *(*amba)* **jambak*	ouvir, entender escutar	**mba* **mbar* **amba* **jambak* **jambak* 'orelha'	*ĩmparĭ*	**wa-pa* **wa-pari* 'mostrar interesse' **ĵapaka*	*wapa* *wapari* 'respeitar, cuidar' *ĵapaʔa*	*wapa* *wapar(i)* 'desejar, querer' *zap(a)ka ~ dapaka*
**pᵊmba*	medo	**pymba*	*s-ũmpa*	**pipa*	*pipa*	*pipa*
**jamba*	queixo	**jamã*	*s-apə̃-nsê* 'barba' Kayapó do Sul ‹**çámpa**ncê› 'barba', ‹**çapa**ncê› 'bigode'	—	—	—
**mə̃*	DAT	**mə̃*	*mə̃*	**mə̃*	*mə̃*	*mə̃*
**mə̃j'*	ema	**mə̃*	—	**mə̃j // *mə̃*	*mə̃j // mə̃*	*mə̃*
**jamə̃* **jamə̃r'*	cuidar, esperar	**jamə̃* **jamə̃r*	—	**ĵamə̃* 'seguir, correr atrás' **ĵamə̃rĩ*	*ĵamə̃* *ĵamə̃rĩ*	N/A *zamə̃rĩ*
**mbə̂* **mbə̂ñ*	agarrar.SG, carregar.SG	**mbə̂* **mbə̂ñ*	*[ĩmpərĭ]*	**kwa-pe* 'carregar.DU' **kwa-pej // *kwa-pe*	*ʔwa-pe* *ʔwa-pej // ʔwa-pe*	*kwa-pe*
**mbyn*	pênis, rabo, cauda	**mby* 'homem, pênis' **jamby* 'rabo, cauda'	*ĩmpy* 'homem, pênis' *s-ə̃mpy* 'rabo'	**mə̃nə̃ // *bə* 'rabo, cauda'	*mə̃nə̃ // bə*	*mnə̃ // bə*
**mbyt*	sol	**mbyt*	*ĩmpytĭ* 'tempo'	**bətə // *bəːdə* 'sol, dia'	*bətə // bəːdə*	*btə // bdə*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**mbo*	veado campeiro, galheiro	**mbo*	*ĩmpo*	**poː*	*poː-*	*po*
**mõ* **mõr'*	ir.PL	**mõ* **mõr*	*mõrĭ*	**mõ* (SG) **mõrĩ*	*mõ* *mõrĩ*	*mõ* *mõr(ĩ)*
**mbôŋ*	lagoa	**cĩ-mbô*	—	**puku // *pu*	*puʔu // pu*	*pku*
**pᵊmbu* **pᵊmbuñ'* **jambu* **jambuñ'*	ver	**pumbu* **pumbuñ*	 *s-ə̃mpũŋ*	**pibu* 'observar' **pibuj // *pibu* **ĵabu* **ĵabuj // *ĵabu*	*pibu* *pibuj // pibu* *ĵabu* *ĵabuj // ĵabu*	*pibu* *zabu*
**mbut*	pescoço	**mbut*	*ĩmputĭ* 'nuca'	**butu // *buːdu*	*butu // buːdu*	*bdu*
**mbwa* **mbwa-r'*	chorar	**mbû* **mbâr*	—	—	—	—
**mbec*	bom	**mbec*	*ĩmpe* 'verdadeiro'	**pêcê // *pê*	*pêcê // pê* 'curar; bem'	*p(ê)sê ~ pês // pê*
**mbeñ'*	mel	**mbeñ*	*nə̃-mpẽŋ*	—	—	—
**mẽ*	PL; gente; ASSOC	**mẽ*	*-mẽ-ra* 'PL (nomes)', *mẽ=* 'DU'	**mẽ* 'COM'	*mẽ*	*mẽ*
**mẽ* **mẽñ'* **kamẽ* **kamẽñ'*	arremessar.SG empurrar	**mẽ* **mẽñ* **kamẽ* **kamẽñ*	*mẽñ*, IRR *mẽː-rĭ*	**mẽ* **mẽj // *mẽ*	*mẽ* *mẽj // mẽ*	*mẽ*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**mbên*	líquido, gota, óleo	**mbê*	—	**pĩnĩ // *pi* **kuj-mpĩnĩ // *kuj-mpi* 'lágrima'	*pĩnĩ // [pĩ]* 'mel' *ʔujpĩnĩ // [ʔujpĩ]*	*to pi* 'remela', *kê pi* 'mel puro' *kujpi*
**mbjan'*	esposo	**mbjên*	*ĩmpĩm-pjə*	—	—	—
***/mr/**						
**mbra* (F) NF = ?	andar.SG	**mbra* **mbrar*	—	**pra* 'correr' **praba* **kmə̃-pra* 'levar' **kmə̃-praba*	*praba* *ʔmə̃-pra* *ʔmə̃-praba*	'dançar' *pr(a)ba ~ prab* *kmə̃-pra* *kmə̃-pr(a)ba ~ kmə̃-prab*
**-mrə̃* (F) NF = ?	dar banho	**kumrə̃* **kumrə̃(r)*	—	—	—	—
**mbro*	cinza	**mbro*	*ĩmpjo* 'sal'	**wêdê-pro* 'carvão' **kə-ĵaj-mpro* 'espuma' **ĵadaj-mpro* 'saliva' (?) **pro* 'queimar'	*wêdê-pro* *ʔə-ĵaj-pro* *ĵadaj-pro*	*wdê-pro* *kə-zaj̃-pro ~ kə-za-mpro* *zdaj̃-pro* *pro*
**mrõ(C)*	mergulhar, afundar, (?) cozinhar	**mrõ*	—	—	—	—
**japmbrô*	espuma / poeira	**japmbrô* 'espuma'	—	**ĵapru*	*ĵapru* 'poeira'	—
**kambrôj'*	sangue	**kambrô*	*nə̃mpju(:)*	**wa:pruj // *wa:pru*	*wa:pruj // wa:pru*	*wapru*
**mbrum'*	formiga	**mbrũm*	—	—	—	—
**mbre*	cunhada, cunhado	**mbre*	—	**mə̃-prê-baba // *mə̃-prê-wa* 'sogro, sogra'	*mə̃-prê-baba // mə̃-prê-wa*	*mə̃-prê-wa*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**cimbrê*	abelha tubi	**cimbrê*	—	**cipri*	—	*sipri*
? **kambrêk*	vermelho / borrifar[269]	**kambrêk* ‘vermelho’	*nãmprə*	**wapriki // *wapri* ‘borrifar’	—	*wapr(i)ki ~ waprik*
***/w/**						
**wa-*	1+2^{INT}	**ba-*	*p-* ‘2^{INT}’ (cl. II)	**wa-*	*wa-*	*wa-*
**wa(C)*	andar	**ba* ‘andar, viver’	*pa*	—	—	—
**kawa* **kajər*	tirar.SG	**kaba* **kaĵər*	—	**[waĵê]* **waĵêrê*	*waĵê* *waĵêrê*	*wazê* *waz(ê)rê ~ wazêr*
**waj’*	1^{AG}	**ba*	—	**waj’ // *wa*	*wa*	*waj̃ // wa*
**wəd*	pau, chifre	**bər*	*pərĭ*	**wêdê // *wêːdê*	*wêdê // wêːdê*	*wdê*
**wə̃* **wə̃pr(’)*	cheirar, farejar	**bə̃* **bə̃r*	Kayapó do Sul ‹ti**pén**›	—	—	—
**wy* **wyr(’)*	pegar.SG	**by* **byr*	*pyrĭ*	—	—	—
**wô* **wôñ’*	desatar	**bô* **bôñ*	Kayapó do Sul ‹ti**pó**›	—	—	—
**wôj* **wôc*	chegar	**bôj* **bôc*	*pôw*, IRR *pôw-rĭ*	**wi*[270] **wici*	*wi* *wici*	*wi* *w(i)si*

[269] Não há uma relação semântica óbvia entre os conceitos ‘vermelho’ (línguas Jê Setentrionais) e ‘borrifar’ (Akwẽ-Xerénte), mas julgamos oportuno incluir aqui a comparação, pois a correspondência fonológica é impecável. Talvez a etimologia do nome da cor vermelha nas línguas Jê Setentrionais diga respeito a alguma técnica específica de tingir.

[270] O desenvolvimento PCerr **ô* > PA **i* (em vez do esperado ***u*) é surpreendente, mas poderia ser regular no ambiente **w_*, pois as sequências do tipo **wu* inexistem nas línguas Akuwẽ.

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**wẽ* **wẽr*	mostrar, falar	**bẽ* ‘mostrar’ **bẽr* **kabẽr* ‘fala’	‘falar’ *pẽj*, IRR *pẽj-ŋ*	—	—	—
**kuwẽ*	povo (?)	**kubẽ* ‘estrangeiro’	*ippẽ*	**a-kuwẽ* ‘endônimo’	*aʔuwẽ*	*akwẽ*
**wê*	ABL; MALEF	**bê* ‘MALEF; COP’	*pê:*	**wi*	*wi*	*wi*
**wê* **wêñ’*	raspar, arranhar	**bê* **bêñ*	—	**wa-wi* ‘riscar’	*wawi*	*wawi*
**kajwê* **kajwêr*	sacudir	**kajbê* ‘abanar’ **kajbêr*	—	**wajwẽ* **wajwẽrẽ*	—	*wajwẽ* *wajw(ẽ)rẽ ~ wajwẽr*
**jawê*	confiável	**jabê*	—	**ĵawi* ‘amar, gostar’	*ĵawi*	*zawi*
**wĩ* **wĩr(’)*	matar.SG	**bĩ* **bĩr*	*wĩrĭ*	**wĩ* **wĩrĩ*	*wĩ* *wĩrĩ*	*wĩ* *w(ĩ)rĩ*
***/t/**						
**ta* (F) NF = ?	cortar fora.SG	**ta* **cyr*	*syrĭ*	**ta* **tari*	*ta* *tari*	*ta* *tar(i)*
**ta*	este aquele	**ic-ta* **a-ta*	—	**ta* ‘demonstrativo’	*ta*	*ta* ‘ele’
**tak*	bater	**tak*	—	**taka // *ta*	*taʔa // ta*	—
**tatak*	bater repetidamente	**tatak*	—	**tataka // *tata*	*tataʔa // tata*	—
**təm’*	novo, cru	**təm* ‘cru’	—	**tem // *te*	*tem // te*	*tem // te*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**atəpr*	orvalho	**atər*	—	**atebre*	*atebre*	*atbre*
**tã*	INSTR	**tã* / **cã* ‘LOC’	*tã* ‘ALL’, (?)*hã/(r)ahã* ‘ADESS’	**nã*	*nã*	*nã*
**tât*	forte, duro	**tâc*	*təti̯*	**têtê // *têːdê*	*-têtê // têːdê*	*t(ê)tê ~ têt // -tdê*
**ty(r)* **tyk*	morrer	**ty* **tyk*	*ty*	**dərə* **dəkə // *də*	*dərə* *dəʔə // də*	*dərə* *d(ə)kə ~ dək // də*
**tyk*	preto	**tyk*	*kə-tyː*	**dəkə // *də*	*ʔrã-də*	*dkə* ‘escuro’
**kumtym’*	capivara	**kũmtũm*[271]	*ĩntỹŋ*	**kumdəm // *kumdə*	*ʔumdə*	*kumdəm // kumdə*
**to* **topr*	voar	**to* **tor*	‘voar, dançar’ *toː*, IRR *toː-j*	**tobro*	*tobro* ‘descer’	*tbro* ‘atravessar’
**kato* **katopr*	sair, nascer	**kato* **kator*	—	**watobro*	*watobro*	*wat(o)bro ~ watobr*
**ñõjto*	língua	**ñõto*	*s-õto*	**ñõjto*	*ñõjto ~ ñõtto*	*nõjto*
**-to* **-côñ’*	acender	**kuto* ‘acender.SG’ **kucôñ* **jato* ‘acender.PL’ **jatôñ*	—	**cu* ‘queimar’	*cu* ‘queimar capim’	*su*
**totok*	latejar	**totok* ‘latejar (*coração*)’	—	**totoko // *toto*	*toto*	*totoko ~ totko*
**tom*	cera	**tom*	—	**tom // *to* ‘viscoso’	*tom // to*	*tom*

[271] O reflexo esperado seria PJS ***kũmtỹm*. O arredondamento de PCerr **ỹ* > PJS **ũ* é irregular.

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**ñĩtom*	trancar, fechar	**ñĩtom*	—	**ñĩtom // *ñĩto*	*ñĩtom // ñĩto*	—
**patom*	manuel-de-abreu	Apinajé *patom*	—	*(*patom //) *pato*	—	*pato*
**tõ*	NEG	—	(?)*rõ* ‘PRIV, NEG.NF’	**tõ*[272]	*tõ* ‘PROH, NEG.FNLD’	*tõ* ‘PRIV’
**tõj’*	irmão	**tõ* ‘irmão’ (cf. **tõc* ‘irmã’)	*tõ*	**nõj’* ‘irmã(o) mais nova(o) do mesmo gênero do *ego*’	*nõj // nõ*	*nõ-rê*
**katõk*	estourar	**katõk*	*atõ*	**wanõkõ // *wanõ*	*wanõʔõ // wanõ*	*wanõkõ*
**tu* **tur’*	levar, carregar	**tu* **tur*	‘carregar no cesto.SG’ *turĩ*	**du* ‘carregar.SG’ **duri*	*du* *duri*	*du* *dur(i)*
**pʲtu*[273]	mutuca	**pucu* ‘carapanã, mutuca’	*puːsu*	**pidu*	*pidu*	*pidu*
**tu̲* **tu̲-r’*	mijar	**ij-tu* **tur* **katu* ‘mijar em’ **katur*	—	**tõ* **tõ-rĩ*	*tõ* *tõ-rĩ*	*tõ-rĩ*
**tum*	barriga, bucho	**tu* ‘barriga, bucho, tubérculo’	*tu* ‘barriga’ *it-tu* ‘batata’	**nõmõ // *du*	*nõmõ // du*	*nmõ // dup-*
**tum’*	velho, ancestral	**tũm*	*tũŋ*	**dum // *du* ‘alto’ **dum-krata // *dum-kraːda* ‘irmã(o) mais velha(o) do gênero oposto ao do *ego*’	*dub-ʔrata // dub-ʔraːda*	*dum* *dum-krda*

[272] O reflexo esperado seria PA ***nõ*. A retenção de PCerr **t* > PA **t* em um ambiente nasal é irregular.
[273] A palatalização de PCerr **t* > PJG **c* é irregular. A natureza conservadora da forma PA **pidu* é confirmada pelo material das línguas Paranaenses (compare PJM **patu*).

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**tut*	pomba	**tut*	—	—	—	—
**tuj'*	capim, moita	**tu*	—	**duj // *du* 'capim'	*duj // du*	*duj // du*
**twa* **cuk*	socar, pisar	**twə̂* **cuk* **katwə̂* **kacuk*	*su*	**cuku (// *cu)* 'liso; alisar'	*cuʔu*	*s(k)u*
**twam'*	gordura	**twə̂m*	(?) *tumə̃*	**wam // *wa*	*wam // wa*	*rom-wa*
**atwar*	embaúba	**atwə̂r*	(?) *kwa(-)tuja*	**awə̃rə̃*	*ʔawə̃rə̃*	*awrə̃*
**tej'*	perna, sabugo	**te*	*te*	**têj // *tê*	*têj // tê*	*tê*
**te* **iñ-te* **wa-te* **a-te* **k-te*	ERG, GEN 1.ERG 1+2.ERG 2.ERG 3.ERG	**te* **ij-te* **ba-te* **a-te* **ku-te*	(?) *hẽ* — — — —	— **ĩː-tê* *wa-tê* **[Ø]* **(tê-)tê*	— *[tê]* *wa-tê* *Ø* *(tê-)tê*	— *ĩ-tê* *wa-tê* *Ø* *tê*
**tep*	peixe	**tep*	*tepĭ*	**têpê // *têːbê*	*têpê // têːbê*	*tpê // tbê*
**tẽ* **tẽm*	ir.SG	**tẽ* **tẽm*	'sair, cair' *tẽ,* IRR *tẽ-rĭ*	**nẽ* 'ir.DU' **nẽm // *nẽ*	*nẽ* *nẽm // nẽ*	*nẽ* *nẽm(ə̃) // nẽ*
**kutẽ*	muruci	**kutẽ*	—	**kunẽ-rê*	(?) *ʔunẽj-rê* 'arbusto'	*kunẽ-rê suj-po* (*kunẽ-rê* 'araçazeiro')
**tê*	carrapato	**tê*	*paːtê* 'bicho-de-pé'	**ti*	*tiː-ʔa*	*ti(-ka)*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**têk*	flecha	**têk* ‘jogar flecha que richocheteia’	—	**tiki // *ti*	*tiʔi // ti*	*t(i)ki // ti*
**têr*	tipo de fruta de palmeira	**têr* ‘açaí’	—	**tiri // *tiːri*	*tiri // tiːri* ‘acuri’	*tri-kwa tom-rê* ‘coquinho-babão’
**pᵊti* **pᵊtir(’)*	sonhar	**pyti* **pytir*	Kayapó do Sul ‹iú**pintín**›	—	—	—
**tik*	barriga	**tik*	—	**diki // *di*	*diʔi // di*	*d(i)ki ~ dik // di*
**tjat*	queimar	**tjêr* **tjêt*	*titĭ*	**ĵata // *ĵaːda*	*ĵata // ĵaːda*	*zata*
***/n/**						
**ndaj’*	chuva	**nda*	*ĩnta*	**tə̃j // *tə̃*	*tə̃j // tə̃*	*tə̃j // tə̃*
**ndap*	azedo	**ndap* ‘azedo, maduro’	—	**...-tapa* ‘azedo, amargo’	—	*wam-t(a)pa ~ wam-tap*
**ndət*	tocar de leve	**ndət*	—	**tete // *teːde* ‘fixar, segurar’	*tete // teːde*	*t(e)te ~ tet*
**nə̃*	mãe	**nə̃*	*nə̃-pjə*	**nə̃*	*nə̃*	—
**ndom*	olho	**ndo(p-)*	*ĩnto*	**tõmõ // *to*	*tõmõ // to*	*tmõ // to*
**jando* **jandor’*	enviar	**jando* **jandor*	*s-ə̃ntorĭ*	**ĵatõ* **ĵatõrĩ*	*ĵatõ* *ĵatõrĩ*	*zatõ* *zatõr(ĩ)*
**kundo* **kundor’*	perseguir, caçar	**kundo* **kundor*	—	**kutõ* ‘perder’ **kutõrĩ*	*aj-ʔutõ* ‘acabar’ *ci-ʔutõrĩ*	*kutõ* *kutõrĩ*
**nõ* **nõr*	estar deitado.SG	**nõ* **nõr*	*nõ*	**nõmrõ*	*nõmrõ*	*n(õ)mrõ ~ nõmr*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**nõ* **nõpr'*	colocar deitado	**nõ* (SG) **nõr*	—	**nõ* (DU) **nõmrĩ*	*nõ* *nõmrĩ*	*nõ* *nõmr(ĩ)*
**pᵊndu(C)*	ruim	**pundu*	—	—	—	—
**ndwan'*	caramujo	**ndwân*	*ĩntôw*	(?) **wãtãwã*[274]	*wãtãwã̃*	*wãtwã*
**ndep*	maduro	**ndep*	(?) *kwəti-ntepĭ* 'inajá'	—	—	—
**anẽ* **añỹr*	fazer/dizer assim	**(c)anẽ* **(c)añỹr*	—	**ãnẽ* 'assim'	*ʔãnẽ*	—
**ndê(ŋ)*	lontra	**ndê*	—	**ti* (? **tiːʔi // *ti*)	(?) *tiːʔi*	*ti-wawẽ*
**jandê*	espremer	**jandê*	—	**ĵati* 'aproximar, confinar'	*ĵati*	*zati*
***/r/**						
**jara*	pena de voo, asa	**jara*	*s-aja*	—	—	—
**jar(a)-kre*	axila	**jara-kre*	*s-a-kre*	**ĵa-krê*	*ĵa-ʔrê*	—
**…-ra* **…-rañ'*	bater	**kura* **kurañ*	—	—	—	—
**jad-rə*	saliva	**jar-rə*	—	**ĵada-re*	—	*zda-re*
**rəm'*	amescla-aroeira	**rəm* 'amescla-aroeira; resina'	*jãŋ*	**rem // *re*	*re* 'resina'	*rem-rã*; *a-rem-sku* 'pau-de-leite'
**pᵊrək*	parecer	**pyrək*	—	—	—	—

[274] Não está claro se PA **wãtãwã* é relacionado a PJS **ndwân* e Panará *ĩntôw* (que possuem cognatos nas línguas Jê Meridionais).

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**rə̃(r)*	flor	**rə̃*	*ijə̃*	**ñĩrə̃rə̃*	*ñĩrə̃rə̃*	*nĩr(ə̃)nə̃ ~ nĩrə̃n*
**rə̃rə̃k*	barulho	**rə̃rə̃k* ‘trovejar’	—	**rə̃rə̃kə̃ // *rə̃rə̃*	*rə̃rə̃ʔə̃ // rə̃rə̃*	—
**kurə̂*	liso	**kur(w)ə̂ ~ *kurû*	—	**kure*	*ʔure*	*kure*
**ro(C)*	sucuri	**ro-ti*	*jo-ti*	—	—	—
**…-rop*	muco nasal	**jarop* **ñĩjarop*	—	**ñĩropo // *ñĩroːbo*	*ñĩrobo* ‘espuma, constipação’	—
**karõ*	imagem, espírito	**karõ*	—	**waːrõ* ‘inanimado’	*waːrõ*	—
(?) **rõr*[275]	coco	**rõr*	—	**nõrõj // *nõrõ*	*nõrõj // nõrõ* ‘babaçu, indaiá’	*nrõj // nrõ*
**rôr(ô)*	cupinzeiro	**rôrô ~ *rôr*	—	*(*ruru-kwaj //) *ruru-kwa*[276]	*amĩ-ruruʔwa* ‘lagarta de fogo’	*rurukwa* ‘cobra coral’
**ru* **ruñ’*	despejar, derramar	**ru* **ruñ*	—	—	—	—
**rwaj’*	lua	**mbyt-rwə̂*	—	**waj // *wa*	—	*waj // wa*
**rwaj’-ci*	costela	**rwə̂ci*	—	**wajhi*	*wajhi*	*wahi*
**rwa(r)* **rwak*	descer.SG	**rû* **rwə̂k*	—	**wara* ‘correr, fugir, voar.SG’	*wara*	*w(a)ra*
**re* (F) NF = ?	abandonar	**re* (F) NF = ?	—	**rẽ* **rẽmẽ*	*rẽ* *rẽmẽ*	*rẽ* *r(ẽ)mẽ ~ rẽm*

[275] A correspondência é inteiramente irregular no que tange ao *onset* e ao acréscimo da coda subjacente */-j/ em Proto-Akuwẽ (mas compare PCerr **jupr* ‘pus’ > PA **ĵubruj // *ĵubru*).
[276] A comparação se baseia na hipótese de que PA **ruru-kwa* ‘nome de animal rastejante’ seja etimologicamente um composto de PCerr **rôr(ô)* ‘cupinzeiro’ e **jwañ’* ‘dono’. No entanto, não encontramos nas histórias tradicionais dos povos Cerratenses nenhuma relação entre a cobra coral e os cupinzeiros, fazendo com que a comparação seja duvidosa.

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**-re*	DIM	**-re*	—	**-rê*	*-rê*	*-rê*
**rẽ* **rẽñ*	arremessar.PL	**rẽ* **rẽñ*	—	—	—	—
**rê* **rêpr(')*	nadar, atravessar	**rê* **rêr*	—	—	—	—
**jarê(n)*	raíz	**jarê*	*s-arê*	—	—	—
**...-rê(C)*	capinar	**karê* **karêr ~ *karê*	—	—	—	—
**karên'*	fumo	**karên*	Kayapó do Sul ‹aréne›	**warĩ*	*warĩ*	*warĩ*
**rĩt*	olhar	**rĩt*	—	**rĩtĩ // *rĩːnĩ*	*rĩtĩ // rĩːnĩ* 'procurar'	*r(ĩ)tĩ*
**rVrVk*	cair.PL, descer.PL	**rôrôk*	—	**rêrêkê // *rêrê*	*rêrêʔê // rêrê*	*rêr(ê)kê ~ rêrêk // rêrê*
***/c/**						
**jVcəm'*	envergonhado	**pijacəm*	*pijasə*	**ñĩsem // *ñĩse*	*ñĩcem // ñĩce*	*nĩsse*
**cək*	ave grande, gavião	**cək*	*sə*	*(*ceke //) *ce*	—	*se* 'martim-pescador'
**cym*	semente	**cy*	*sy*	**ñãmã // *ĵə*	*ñãmã // ĵə*	*nmã // zə*
**kucym*	fogo	**kucy*	*issy*	**kuñãmã // *kuĵə*	*ʔuñãmã // ʔuĵə*	*kunmã // kuzə*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**cy* **cypr'*	tecer	**cy* **cyr* **kacy* **kacyr*	—	**ñã* **ñãmrĩ*	*ñã* *ñãmrĩ*	*nãmr(ĩ)*
**cy* **cyr'* **jacy* **jacyr'*	cortar	**jacy* (cortes profundos) **jacyr* MBG *ñijy* 'aparar' *ñijyr*	*(si-)syrĭ* 'bater' *s-isyrĭ* 'cortar cacho' *sõ-syrĭ*	**ĵaĵə* 'parar, interromper' **ĵaĵəri* **ci-ĵə* 'cortar' **ci-ĵəri* **cu-ĵə* 'cortar cacho' **cu-ĵəri* **ka-ĵə* 'surrar.SG' **ka-ĵəri*	*ĵaĵə* *ĵaĵəri* *ciĵə* *ciĵəri* *cuĵə* *cuĵəri* *ʔaĵə* *ʔaĵəri*	*zazə* *zazər(i)* *suzə* *suzər(i)* *kazə* *kazər(i)*
**ku(m)cõ* **ku(m)cõñ'*	lavar	**kucõ* (obj. duro) **kucõñ* **kacõ* (obj. mole) **kacõñ*	—	**kumcõ* **kumcõj // *kumcõ*	*ʔupcõ* *ʔupcõj // ʔupcõ*	*kupsõ*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**cô* **côpr(')*	comer coisa macia	**cô* **côr*	*sôwrĩ*			
**ka(m)cô* **ka(m)côpr(')*	chupar	**ka(cô)cô* **ka(cô)côr*		**wamcõ* **wamcõmrĩ*	N/A *wapcõmrĩ*	*wapsõ* N/A
**pijacô* **pijacô(pr')*	amamentar	**pijacô* **pijacô(r)*	*pisasôw*			
**côj'*	folha, pelo	**cô*	*pərĩ-sô*	**cuj // *cu*	*wê-cuj-rə* *-cuj//-cu* (em compostos)	*su*
**côk*	seiva	**côk* 'seiva; pintar'	—	**cuku (// *cu)*	—	*krə̃j-sku* 'copaíba', *arem-sku* 'pau-de-leite'
**jacôk*	aguado; piriri	**jacôk*	—	**[ĵacuru]* 'defecar' **ĵacuku*	*ĵacuru* *ĵacuku*	*dasuru* *dasuku*
**ñĩcôt*	ponta, fim	**ñĩcôt*	—	**ñĩcutu // *ñĩcuːdu*	—	*nĩstu // nĩsdu*
**cwa* **cwar'*	pedir	**cû* **cwâr*	—	**wa* **wari*	*wa* *wari*	*wari*
**ñĩce*	redondo	**ñĩce*	—	**ñĩcê*	—	*krə̃jti-to (~ krẽti-to) nĩsê* 'içá' (*krə̃jti-to ~ krẽti-to* 'tanajura')
**jacê*	ninho	**jacê*	*s-asê*	**ĵaci*	*ĵaci*	*zasi*
**kucê*	furúnculo	**kucê*	—	**kuci*	*ʔuci*	*kusi*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**ci*	osso	**ci*	*si*	**hi*	*hi*	*hi*
**-cĩ(C)*	tipoia	**jacĩ* **kacĩ*	—	—	—	—
***/ñ/**						
**nĵa* **nĵar'* **ka(p)nĵa* **ka(p)nĵar'*	morder mascar, mastigar roer	**nĵa* **nĵar* **kapnĵa* **kapnĵar* **jupnĵa* **jupnĵar*	*ĩnsarĭ*	**ca* **cari* **wa(:)ca* **wa(:)cari*	*ca* *cari*	*sa* *sar(i)* *wasa* *wasar(i)*
**nĵy* **amnĵy*	marimbondo, caba	**nĵy* **apnĵy*	—	**amĵə*	*abĵə* 'borá'	*amzə* 'enxu'
**nĵô* **nĵôpr'* **janĵô* **janĵôpr'*	pendurar.SG pendurar.PL	**nĵô* **nĵôr* **janĵô* **janĵôr*	—	**ĵacõ* **ĵacõmrĩ*	*ĵacõ* *ĵacõmrĩ*	*zasõ* *zasõmr(ĩ)*
**nĵu* **nĵuñ'*	esquentar	**nĵu* 'secar no sol' **nĵuñ*	Kayapó do Sul ‹timu**çún**kuátú, kuatáu**nçún**›	—	—	—
**nĵum'*	sujo	**nĵũm*	—	*(*ĵum //) *ĵu*	*ĵu*	—
**nĵum'*	saburá	**nĵum*	—	*(*ĵum //) *ĵu*	—	*zu*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**njê* **njêr* **kupnjê* **kupnjêr*	beliscar fazer cócegas	**njê* **njêr*	—	—	—	—
**kanjê*	estrela	**kanjê*	—	**waːci*	*waːci*	*wasi*
**njêp*	morcego / caranguejeira[277]	**njêp* ‘morcego’	*nãnsêpĭ* Kayapó do Sul ‹incêp›	**cibi // *ciːbi* ‘caranguejeira’	*cibi // ciːbi*	*sbi* ‘aranha’
**njĩ*	mãe	**njĩ*	*si-pjə* ‘esposa’	—	—	—
**janjĩ* (F) NF = ?	pegar e levantar	**janjĩ* **janjĩr*	—	**jãnĩ* ‘puxar, tirar de dentro’	*jãnĩ*	*zanĩ*
***/j/**						
**ja* **jam’*	ficar em pé.SG	**ĵa* **ĵãm*	*s-ə̃ːŋ*	**ĵa* **ĵam // *ĵa*	*ĵa* *ĵam // ĵa*	*da ~ za* *s-am(ə̃) // s-a*
**ja* **jar’*	colocar em pé.SG	**ĵa* **ĵar*	*sarĭ*	**c-ə̃* **c-ə̃rĩ*	*cə̃* *cə̃rĩ*	*sə̃* *sə̃r(ĩ)*
**ñĩja-kre*	nariz	**ñĩja-kre*	—	(?) **ñĩci-krê*	*ñĩci-ʔrê*	*n-krê*
**jaj-kəj’*	beiço	**ja-kə*	*s-a-kə*	**ĵaj-həj // *ĵaj-hə*	*ĵaj-həj // ĵaj-hə*	*zaj-hə* ‘nádegas’

[277] Embora o morcego e a caranguejeira sejam animais totalmente diferentes, a comparação do material das línguas Jê de Goyaz e Akuwẽ parece-nos plausível, pois tanto o morcego como a caranguejeira têm hábitos noturnos alimentícios e uma textura corporal aveludada.

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**jə(m')*	recipiente, nome de lugar	**ĵə*	—	**-ĵem // *-ĵe*	*-ĵem // -ĵe*	*-zem // -ze*
**ĵə*	dor, doer	**ĵə*	*sə* (? ~ *sə-rĭ*)	**ĵe*	*ĵe*	*ze*
**jə*	urina, bexiga	**ĵə*	—	**ĵe*	*ĵe* 'urina'	*ze* 'bexiga'
**jə̲* **jə̲r*	inserir.SG inserir, vestir	**ĵə* **ĵər* **jaĵə* **jaĵər*	*sə-rĭ*	**ñẽ* **ñẽrẽ*	*ñẽ* *ñẽrẽ*	*n(ẽ)rẽ*
**ajə* **jəpr*	entrar.SG	**aĵə* **ĵər*	*sə*	**ə̃ĵe* **ĵebre*	*ə̃ĵe* *ĵebre*	*zebre ~ debre*
**aĵə*	veado mateiro	**aĵə-ti*	—	**aĵe*	—	*aze* 'veado galheiro, suçuapara'
**ĵəñ'*	doce, gostoso	**ĵəñ*	—	**ĵẽñ // *ĵẽ*	*ĵẽj // ĵẽ*	*zẽĩ // zẽ*
**jə̂*	amargo	**ĵə̂*	—	**ĵe*	*ĵe*	*ze*
**ñĩjə̂*	fumaça	—	—	**-ñĩĵe*	*-ñĩĵe*	*-nĩze*
**kujə̂*	catinga	**kuĵə̂*	—	**kuĵe*	*ʔuĵe*	*kuze*
**ĵɣ̂ɣ̂k ~ *ŋ̂ɣ̂ŋ̂ɣ̂k*	gafanhoto	**ĵyĵyk ~ *ŋĵyŋĵyk*	—	**ĵy꞉ĵyky // *ĵyĵy*	*ĵy꞉ĵyʔy // ĵyĵy*	*zyzy*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**ñỹ* **ñỹpr*	estar sentado.SG	**ñỹ* **ñỹr*	*s-ĩrĭ*	**ñãmrə*	*ñãmrə*	*n(ə)mrə*
**jo*	animal	**ĵo* ‘raposa’	*so-ti*	—	—	—
**ñõ*	GEN	**ñõ*	*s-õ*	—	—	—
**ñõj’*	comida	**ñõ*	*s-õ*	**ñõj // *ñõ*	*ñõ* ‘comida’ *ñõj // ñõ* ‘avarento’	*nõj // nõ* ‘avarento’
**ñõ*	palmito	**ñõ*	—	**-ñõ*	*-ñõ*	—
**ñõr*	corda, envira	**ñõr*	—	**wêdê-ñõrõ // *wêdê-ñõːrõ* **ñõrõ // *ñõːrõ* ‘veia; fibroso’	*wêdê-ñõrõ // wêdê-ñõːrõ* *ñõrõ // ñõːrõ* ‘veia’	*wdê-nrô* *wa-nrõ* ‘veia’ *s-rõ* ‘fibroso’
**kajô* (F) NF = ?	rasgar descascar	**kaĵô* **kaĵôñ* **kuĵô* **kuĵôñ*	—	**waĵu* **waĵuri*	*waĵu* *waĵuri*	*wazu* N/A
**jôm’*	socar; grão, farinha	**ĵôm*	—	**ĵum // *ĵu*	*ĵum // ĵu*	*zum(ə̃) // zu*
**jôt*	pênis	**(ñĩ)ĵôt*	—	**ĵutu // *ĵuːdu*	*ĵutu-ʔrə̃* ‘glande’	*zdu*
**ju*	em busca de	—	*s-uː*	**ĵô* ‘em busca de, para’[278]	*ĵô*	*zô*
**pʲju* **pʲjur(’)*	esconder	**puĵu* **puĵur*	—	—	—	—

[278] O reflexo do núcleo é irregular; observe que a vogal **ô* ocorre em pouquíssimos lexemas do PA e não possui uma origem PCerr conhecida.

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**jupr*[279]	pus	**ĵur*	—	**ĵubruj // *ĵubru*	*ĵubruj // ĵubru*	*zbruj // zbru*
**jwa*	dente	**ĵwa*	*s-wa ~ s-ôa*	**kwa*	*ʔwa*	*kwa*
**jwa* **kajwa*	azedo sal	**ĵwa* **kaĵwa*	*sôa*	(?) **kVkwa*	(?) *ʔĩʔwa-waːhə*	(?) *kəkwa-rə̃*
**jwa* **jwar(')*	tomar banho	**ĵû* **ĵwâr*	*swərĭ*	—	—	—
**jajwa* **jajwar'*	colocar deitado.PL, derramar	**jaĵû* **jaĵwâr*	*s-aswərĭ*	**ĵa(j)kwa* **ĵa(j)kwari*	*ĵaʔwa* *ĵaʔwari*	*zajkwa* *zajkwar(i)*
**jwañ'*	dono, nome de agente	**ĵwâñ*	—	**-kwaj // *-kwa*	*-ʔwaj // -ʔwa*	*-kwaj // -kwa*
**kajwañ'*	miolo	**kaĵwâñ*	—	**wakwaj // *wakwa*	*waʔwaj // waʔwa* 'no meio'	—
**jum'*	pai	**ĵũ(m)*	*jum-pjə*	—	—	—
**jê*	pano, nó	**ĵê*	*s-ê*	—	—	—
**ñũmjê*	seio de mulher	**ñõmĵê*	—	—	—	—
**kujêk*	veia	**kuĵêk*	—	—	—	—
**ji* **jir(')*	colocar deitado.SG	**ĵi* **ĵir*	—	**h-i* **h-iri*	*hi* *hiri*	*hi* *h(i)ri*
**ñĩji*	nome	**ñĩĵi*	*issi ~ ĩnsi*	**ñĩci // *ñĩːci*	*ñĩci // ñĩːci*	*nĩsi-ze*
**pʲji*	um	**pyĵi*	—	**pici* 'somente'	—	*pici*

[279] O acréscimo da coda subjacente */-j/ em Proto-Akuwẽ é totalmente irregular (mas compare PCerr **rõr* 'coco' > PA **nõrõj // *nõrõ*).

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**ñĩ̃*	carne	**ñĩ̃*	*ñĩ̃*	**ñĩ̃*	*ñĩ̃*	*nĩ̃*
**ñĩ̃(C)*	espinho	**-ñĩ̃*	—	(?) **wêdê-ñĩ̃* ‘remédio’	*wêdê-ñĩ̃*	*wdê-nĩ̃*
**ñĩ̃m-*	GEN	—	*ñĩ̃-*	**ñĩ̃m-*	*ñĩ̃m-*	*nĩ̃m-*
**ñṼt* **kañṼt*	fezes cérebro, tutano	**ñĩ̃n* **kañĩ̃n*	*ñĩ̃ː*	**ñãnã // *ñãːnə* **wañãnã // *wañãːnə*	*ñãnã // ñãːnə* *wañãnã // wañãːnə*	*nnã* *wannã*
***/k/**						
**ka*	branco	**ja-ka*	—	**ka*	*ʔa*	*ka*
**kac*	cesto	**kac*	(?) *kə̃ŋ*	—	—	—
**kak*	tossir	**kar* **kak*	—	**kaka // *ka*	*ʔaʔa // ʔa*	*kka*
**kâ(C)*	pitiú, pixé	**kâ*	—	—	—	—
**ky* **kyr*	cantar (*pássaros*), assoviar	**kə* **kər*	—	**hə* **hərə*	*hə* *hərə*	*hə* *h(ə)rə ~ hər*
**ky* **kyr’*	cortar.PL entalhar.PL	**kə* **kər* **jakə* **jakər*	*kərĭ*	**hə* ‘surrar.PL’ **həri* **ĵahə* ‘parar.DU/PL’ **ĵahəri* **kahə* ‘surrar.DU’ **kahəri*	*hə* *həri* *ĵahə* ‘parar.DU/PL’ *ĵahəri* *ʔahə* *ʔahəri*	 N/A ‘parar.PL’ *zahəri* *kahə* (DU, PL) *kahəri*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**kyj'*	pele, casca, invólucro	**kə*	*kə* 'pele, casca, invólucro'	**həj // *hə*	*həj // hə* 'pele, casca, invólucro'	*həj ~ hê // hə*
**kyj*	topo, cume	**kâj, *kəj*	—	**həj-*	*həj-*	—
**ñĩ-kop* **par-kop*	garra, unha	**ñĩ-kop ~ *ñỹ-kop* **par-kop* 'unha de pé'	—	**ñĩkopo // *ñĩko:bo*	*ñĩpo*	*nĩk(r)bo*
**kot*	cigarra	**ko~kot*	*kokotĭ*	**koto // *ko:do*	*ʔoto // ʔo:do*	*k(r)do*
**cwakõ*	quati	**cwakõ*	*swakõ*	**wakõ*	*waʔõ*	*wakõ*
**kõt*	articulação	**kõn* 'joelho, articulação'	*kõ(:) ~ kõ:ŋ*	**-kõtõ // *-kõ:nõ* **para-kõtõ // *para-kõ:nõ* 'dorso de pé'	*ñĩmĩ-ĵaʔõ:nõ* 'cotovelo' *para-ʔõtõ // para-ʔõ:nõ* 'calcanhar'	*pra-ktõ // pra-knõ*
**kôm* **ñĩ-kôm*	pau, chifre chifre	**kô* 'borduna; chifre; grupo de árvores' **ñĩ-kô* 'chifre'	—	**kõmõ // *ku* 'chifre'	*ʔõmõ // ʔu*	*kmõ // ku*
**jakô* **jakôr'* assoprar em	assoprar, fumar assoprar em	**jakô* **jakôr* **kakô* **kakôr*	*s-akô(w)rĭ*	**ĵaku* **ĵakuri*	*ĵaʔu* *ĵaʔuri*	*zaku* *zakur(i)*
**kôp*	mosca	**kôp*	—	**kupu // *ku:bu*	*ʔupu // ʔu:bu*	*kpu // kbu*
**kô*	coluna, lombar	**kô*	—	**ku* 'anca, quadril'	*ʔu*	*ku*
**ñõkôt*	peito	**ñõkôt*	Kayapó do Sul ‹**çukôt**›	**ñokutu // *ñõku:du*	*ñoʔutu // ñõʔu:du*	*nõknõ*
**kôj'-kyj'*	testa	—	—	**kuj-həj // *kuj-hə*	*ʔuj-həj // ʔuj-hə*	*kuj-həj // kuj-hə*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**kôk* **kakôk*	vento	**kôk* ‘vento’ Timbíra **kakʰôk* ‘falar’	(?) Kayapó do Sul ‹ça**kô**›	**wakuku // *waku*	*ro:-waʎuʎu // ro:-waʎu*	*wakku*
**ku* **kur’*	comer.PL	**ku* **kur*	*kurĭ*	**hu* **huri*	*caj-hu* ‘comer.INTR.PL’ *caj-huri* *ʔə-hu* ‘beber.PL’ *ʔə-huri* *hu* ‘transar’ *huri*	(?) *ka(-)hu* ‘comer’ *ka(-)huri*
**kum’* **kakum’*	neblina estação seca; nuvem	**kũm* ‘fumaça’ **kakũm* ‘nuvem’	*akũŋ* ‘est. seca’	**hum // *hu* **wa:hum // *wa:hu* ‘est. seca’	*hu-ñĩje* ‘neblina’ *wahum // wahu*	*hu* *wahu*
**kwa*	poço	**kwa*	—	—	—	—
**kwa* **kwar(’)*	cagar	**ijkû* **kwâr* **kakû* ‘cagar em’ **kakwâr*	—	—	—	—
**kwa* **kwañ’*	cavar	**kwâ* **kwâñ* **kakwâ* **kakwâñ*	*kwãŋ*	—	—	—

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**kwa* **kwar'* **kukwa* **kukwar'*	quebrar castanha	 **kukwə̂* **kukwə̂r*	—	**wa* **wari* **kuwa* 'bater feijão' **kuwari*	*wa* *wari* *ʔuwa* *ʔuwari*	—
**ñõkwa*	esterno	**ñõkwa*	*s-õkwa* 'peito'	**ñõwa // *ñõːwa* 'diante'	*ñõwa // ñõːwa*	*nõwa*
**jadkwa*	boca	**jarkwa*	*s-akua ~ s-akôa*	**ĵadawa*	*ĵadawa*	*zdawa* 'boca, porta'
**kyjkwa*	céu	**kəjkwa*	—	**həjwa*	*həjwa*	*həjwa ~ hêwa*
**ñõrkwa*	casa, lar	**ñũrkwa*	(?) *(ĩŋ)kwa ~ kôa*	**ñõrõwa*	*ñõrõwa*	*nrõwa*
**kwar* **kwar-kupu*	macaxeira beiju com carne	**kwə̂r* **kwə̂r-kupu*	*kwyː*	 **wərəkubu*	—	 *wərkbu*
**kẽt*	pedra	**kẽn*	*kĩẽj ~ kjẽŋ*	**kẽtẽ // *kẽːnẽ*	*ʔẽtẽ // ʔẽːnẽ*	*ktẽ // knẽ*
**wêkê*	perdiz	**bêkê*	—	**wiki*	*wiʔi*	*wiki ~ wĩki*
**kêt*	NEG	**kêt*	—	(?) **kidikiti* 'tonto'	*ʔidiʔiti*	*kdik(i)ti*
**...-ki*	cabelo	—	—	**ĵa-hi*	—	*za-hi*
**...-kja* **...-kjar(')*	rachar	**kokî* **kokjêr*	—	—	—	—
**jad-kjak*	bocejar	**c-ar-kjêr* **jar-kjêk*	—	**ĵadaĵaka*	*ĵada[wa]ĵaʔa*	*zdazaka*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
***/kr/**						
**kra*	criança	**kra*	—	**kra: // *kra*	*ʔra: // ʔra*	*kra*
**ñĩmkra*	mão	**ñĩkra ~ *ñỹkra*	*s-ikja*	**ñĩmkra*	[*nĩbkrata // ñĩbkra:da*]	*nĩpkra*
**krat*	base, tronco, suporte	**krat*	*kjatĩ* ‘cintura’	**krata // *kra:da* ‘começo, base; velho; perto’	*ʔrata // ʔra:da*	*krta // krda* ‘antigo, velho; perto’
**krãj’*	cabeça	**krã*	*kjã*	**krãj // *krã* ‘cabeça, fruta’	*ʔrãj // ʔrã*	*krãj ~ krẽ // krã*
**krã*	escuro	**-krã* **kakrã* ‘nuvem de chuva’	*s-akjã ~ nə̃kjã* *kre-kjã* ‘noite’	**krã*	*ʔrã-dəʔə // ʔrã-də* *ĵa-ʔrã* ‘escuridão’	*-krã* ‘preto (*em compostos*)’
**krã*	chamuscar	KSJ *kʰrã* ‘queimar’	—	**krã*	*ʔrã*	(?)*krãmĩ* ‘queimar'
**cikrãj’*	joelho	—	—	**hikrãj // *hikrã*	*hiʔrã-ti*	*hikrãj-ti ~ hikrẽ-ti, hikrãj-*
**kry*	frio	**kry* **jakry*	*kjy*	**hə*	*hə*	*hə*
**kryt*	metal, pederneira	**kryt*	—	**hətə // *hə:də*	*hədə* *hətə-ra* ‘machado’	*hdə*
**kukryt*	anta	**kukryt*	*ikkjytĩ*	**kutə // *kuhə:də*	*ʔutə // ʔuhə:də*	*ktə // kdə*
**kroj’*	podre	**kro*	—	**kroj // *kro*	*ʔroj // ʔro*	*kroj // kro*
**krô*	roedor	**krô* ‘preá’	—	**kru* ‘rato, roedor’	*ʔru*	*kru*
**krwaj*	papagaio	**krwâj*	—	**waj // *wa* **waj-hərə*	*waj-hərə*	*waj // wa* *waj-hrə*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**krwat*	bico	**krwât* ‘bico, traíra’ **akrwât* ‘caju’	*kwyt-ĩnsi* ‘trairão, caju’	**wata // *waːda*	*wata // waːda* ‘queixo, bico’	*wda*
**kre* **amkre*	buraco	**kre* **amkre*	*kre*	**krê* ‘ânus’ **amkrê*	*ʔrê* *abʔrê*	*apkrê*
**kre*	plantar	**kre*	*kre*	**krê*	*ʔrê*	*krê*
**ñõkre(m’)*	garganta	**ñõkre*	*s-õkre-pajô*	**ñõkrêm // *ñõkrê*	*ñõʔrêm // ñõʔrê*	*nõkrê* ‘cantar’
**jakre* **jakreñ’*	passar, ultrapassar	**jakre* **jakreñ*	—	**ĵakrê*	*ĵaʔrê*	*zakrê*
**krẽ*	periquito	**krẽ*	—	**krẽ*	*ʔrẽ*	*krẽ*
**krẽ* (F) NF = ?	comer.SG	**krẽ* **krẽr*	*krẽ*, IRR *krẽ-jŋ*	**krẽ* **krẽnẽ*	*ʔrẽ* *ʔrẽnẽ*	*krẽ* *kr(ẽ)nẽ*
**kakrê* **kakrêñ’*	coçar	**kakrê* **kakrêñ*	(?) Kayapó do Sul ‹ti-nu**krê**›	**wakri*	*waʔri*	—
**krêt*	grilo, gafanhoto	(?) **krit*	(?) *to(-)kritĭ*	**kriti // *kriːdi*	*ʔriti // ʔriːdi*	*krti // krdi* ‘gafanhoto-de-asa-vermelha’
**krja* **krjar’*	criar	**krî* **kjêr*	—	**ĵa* **ĵari*	N/A ‘alimentar’ *ĵari*	*za* *zar(i)*
**krja* (F) NF = ?	puxar, arrastar buscar água	**kjê* **kjêñ* **jakjê* **jakjêñ*	*krərĭ*	**ca* **cari*	*sa* *sari*	—
**krjaj’*	coxa	**kjê*	*krə*	**ĵaj // *ĵa*	*ĵaj // ĵa*	*zda*

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
***/ŋ/**						
**kaŋga*	abandonar, cansar ter preguiça	**kaŋga* **ĵu-kaŋga*	*nãŋka* ‘ruim’ *s-w-ãŋka*	**waːka*	*waːʔa*	*waka*
**aŋgə*	semente de tiririca (capim-navalha)	**aŋgə*	*nãŋkə*	**aːke*	*ʔaːʔe*	*ake*
**ŋə̃* **ŋə̃ñ’*	socar, debulhar	**ŋə̃* **ŋə̃ñ*	(?) [*ŋkə̃rĩ*]	—	—	—
**ŋgy*	casa dos homens	**ŋgə*	*ĩŋkə*	**hə*	*hə*	—
**ŋgoj’*	molhado	**ŋgo*	(?) *kow*	**koj // *ko*	—	*koj // ko*
**-ŋõ* **-ŋõñ’*	pressionar, esfregar	**kaŋõ* **kaŋõñ*	—	—	—	—
**ŋgô*	piolho	**ŋgô* **amŋgô* ‘lagarta’	*kjə̃-ŋkô*	**ku*	*ʔu*	—
**ŋgôj’*	água	**ŋgô(c-)*	*ĩŋkô*	**kuj // *ku* ‘água parada’	*ʔuj // ʔu*	*kuj-*
**kaŋgôj’*	líquido	**kaŋgô*	*nãŋkô* ‘água de coco’	**waːkuj // *waːku*	*-wa(ː)ʔu* (*həj-waʔu* ‘leite’)	*waku*
**jad-ŋgôj’*	saliva	**jarŋgô*	*s-ə̃-ŋkô*	**ĵada-kuj // *ĵada-ku*	*ĵada-ʔu*	*zdakuj // zdaku*
**ŋgwañ’*	penugem, pena	**ŋgwə̂ñ*	*ĩŋkwə̃ŋ*	—	—	—

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**ŋgja* **ŋgjañ'* **jaŋgja* **jaŋgjañ'*	inserir.PL vestir.PL	**ŋgî ~ *ŋgjê* **ŋgjêñ* **jaŋgî* **jaŋgjêñ*	—	**ĵa* 'inserir.DU' **ĵaj // *ĵa* **ĵaĵa* 'vestimenta'	*ĵa* *ĵaj // ĵa* *ĵaĵa*	—
**aŋgja* **ŋgjac*	entrar.PL	**aŋgî* **ŋgjêc*	*ĩŋkjə*	**ə̃ːĵa* 'entrar.DU' **ĵaci*	*ʔə̃ːĵa* *ĵaci*	*zas(i)*
***/ŋr/**						
**ŋgrə*	seco	**ŋgrə*	—	**kre*	*ʔre*	*kre*
**ŋgryk*	zangado, ciumento	**ŋgryk*	—	**həkə // *hə*	*həʔə // hə*	—
**ŋgro* **kaŋgro*	esquentar quente	**ŋgro* **kaŋgro* **amŋgro* 'luz do dia'	*nə̃ŋkjo*	**-kro* **waːkro* **həj-ŋkro* 'esquentar'	*rob-ʔro* 'fim da estação da seca' *waːʔro* *həj-ʔro* 'aquecer'	*wakro* *həj̃-kro ~ hêj̃-kro* 'aquentar-se'
**ŋrõ(n)*	tucano	**ŋrõ*	*ĩŋkjõ-pepetĭ* 'tucano sp.'	—	—	—
**ŋgrôj'*	cinza acesa	**ŋgrô* **jaŋgrô* 'poeira'	—	**kruj // *kru*	*ʔruj // ʔru* 'cinza'	—
**ŋgrwa*	buriti	**ŋgrû ~ *ŋgrwa*	*ĩŋkwa*	**waː-bu* 'talo de buriti'	*waːbu*	*wabu*
**ŋgre*	ovo, vagina	**ŋgre*	*ĩŋkre*	**krê*	*ʔrê*	*krê*
**ŋgre* (F) NF = ?	dançar, cantar	**ŋgre* **ŋgrer*	*ĩŋkreː*	**aj-krẽ* 'dançar.SG' **ci-krẽ-nẽ*	*aj-ʔrẽ* *aj-ʔrẽ-nẽ ~ ci-ʔrẽ-nẽ*	—

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**ŋgrê*	poucos	**ŋgrê*	—	—	—	—
**(a)ŋgrê*	tatu-peba	**(a)ŋgrê*	Kayapó do Sul ‹ankrê›	**akri*	—	*akri* ‘tatu-da-beirada-branca, tatuxima’
**-ŋrĩ* **-ŋrĩñ’*	empacotar fazer pacotes	**kuŋrĩ* **kuŋrĩñ* **jaŋrĩ* **jaŋrĩñ*	—	—	—	—
***/g/**						
**g-*	2^{INT} (classe II)	**g-/*ŋ-*	*k-*	—	—	—
**gaj’*	2^{AG}	**ga*	*ka*	**kaj // *ka*	*ʔa*	*kaj // ka*
**ga* **jəpr*	assar.SG	**ga* **ĵər*	*s-ərĭ*	‘assar, cozinhar’ **ĵêbrê*	*ĵêbrê*	‘amolecer (cocido)’ *dêbr(ê) ~ zbrê*
**jagot*	redondo, inchado, grosso	**ñĩgot* ‘inchado, gordo’ **jagot* ‘redondo’	—	**ĵakõtõ // *ĵakõːnõ* ‘grosso’	*ĵaʔõ(ː)nõ*	*zaktõ // zaknõ*
**gõ* **ñõpr’*	dar	**ŋõ* **ñõr*	*s-õrĭ*	**[cõ]* **c-õmrĩ*	*cõ* *cõmrĩ*	*sõ* *sõm(rĩ)*
**gõr* **ñõt*	dormir	**ŋõr* **ñõt*	*s-õtĭ*	**ñõtõ // *ñõːnõ*	*ñõtõ // ñõːnõ*	*nõt(õ) ~ ntõ*
**guj’*	$1+2^{AG}$	**gu*	—	—	—	—

PCerr	glosa	PJS	Panará	PA	Xavánte	Akwẽ-Xerénte
**ge*	esquerdo	**pyge ~ *a-pge*	—	**ñĩmĩ-kê*	*ñĩmĩʔê*	*nmĩkê*
**gêj'*	3^{AG}.IRR	**gê*	—	—	—	—
***/Ø-/**						
**aj'-*	2^{INT} (classe I)	**a-*	*(h)a-*	**aj-*	*ʔaj-*	*aj-*
**iñ-*	1^{INT}	**ij-*	—	**ĩː-*	*ʔĩː-*	*ĩ-*

Apêndice D. Proto-Jê Setentrional

Nota: Uma versão anterior deste apêndice, parcialmente desatualizada, foi publicada (em inglês) em Nikulin e Salanova (2019, apêndice *online* B).

A seguinte lista das etimologias Jê Setentrionais é ordenada pelo *onset* da última sílaba (seguindo a ordem */p pr m mr b w t d n r c ñ ĵ j k kr ŋ ŋr g Ø/), logo pelo núcleo da última sílaba (seguindo a ordem */a ã ə ə̃ â y ỹ ŷ o õ ô u û wa wỹ e ẽ ê i ĩ î ja jê/) e, finalmente, pela coda da última sílaba.

Cada linha corresponde a uma etimologia. Em alguns casos, julgamos oportuno listar derivados de uma mesma raiz formados com prefixos diferentes em uma entrada. Para os verbos que apresentam uma distinção formal de finitude, listamos a forma não finita embaixo da finita. Os colchetes indicam que uma determinada forma não é herdada da protolíngua, mas foi modificada por mecanismos tais como analogia intraparadigmática.

Foram incluídas as etimologias conhecidas que satisfazem a uma das seguintes condições: (i) há reflexos conhecidos em ambos os ramos constituintes (Timbíra e Trans-Tocantins) ou (ii) há reflexos conhecidos em apenas um ramo constituinte que possuem cognatos em Panará, nas línguas Akuwẽ, no ramo Paranaense ou em outras línguas Macro-Jê (ver **Apêndices A–C**). As derivações de voz (verbos antipassivos e anticausativos) foram incluídos somente para os verbos cuja base simples (não derivada) não foi atestada nas fontes disponíveis.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
				***/p/**				
**pa*	braço, galho	*pa*	*pa*	*hwa*	*hwa*	*pa*	*(-ʔ)pa*	*(-ʔ)pa*
**pa* **par*	matar.PL, terminar, COMPL	*pa* *par*	*-pa* ‘COMPL’ *-par*	*hwa* *hwaj*	*hwa* N/A	N/A *-par* ‘COMPL’	*-pa* ‘COMPL’ *-par*	*-pa* ‘COMPL’ *-par*
**a-pa* **jə-pañ*	trocar	*a-pa* *ĵə-pañ*	*aʔ-pa* *cəʔ-pañ*	—	—	*[ja-pa]* ‘mudar-se’ *[ja-pan]*	*aʔ-pa* *jəʔ-pan*	*[jaʔ-pa]* *[jaʔ-pan]*
**kaj-pa* **kaj-par*	apoiar	*kaj-pa* *kaj-par*	—	—	—	*kaj-pa* *kaj-par*	*(-ʔ)kaj-pa* *(-ʔ)kaj-par*	*(-ʔ)kaj-pa* *(-ʔ)kaj-par*
**krə̃-japap ~* **krə̃-jabap*	ponta do cabelo	—	*krə̃-japap* ‘chapéu’	—	—	*krə̃-japap* ‘ponta do cabelo, nuca’	—	*(-ʔ)krə̃-japap* ‘nuca’
**par*	pé; jirau	*par*	*par*	*hwaj*	*hwaj*	*par*	*(-ʔ)par*	*(-ʔ)par*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**apar*	abaixo	*apar-mə̃*	*apar-mə̃* ~ *aʔpar-mə̃*	*ahwaj* ‘norte’	*ahwaj*	*apar-mə̃*	*aʔpar-mə̃*	*aʔpar-mə̃*
**pət*	tamanduá	*pət*	*pət*	*hwət-ci*, *hwət-kutâ*	*hwət-ci*	*pət*	*pət*	*pət*
**py*	urucum	*py*	*py*	*hwy*	*hwy*	*py*	*py*	*pn̥*
**a-pỹñ*	separadamente, um por um	*a-pỹñ*	*a-pỹñ* ~ *aʔ-pỹñ-ʔə̃*	*a-hwỹn-ndo*	—	(?) *a-pỹ* ‘de novo’	*aʔ-pỹan-re*	*aʔ-pn̥n-ʔnə̃*
**po*, **po-cê*	bambu, taquara	*po*	*po*, *po-ʔê*	*ho*	—	*po(-re/ti)*	*poʔ-ti*, *poʔ-hê*	*po*, *poʔ-hi*
**po*	achatado, largo	*poj*, *po-*	*po*	*ho*	*hwĩ-ho-re* ‘tábua’	*po*	*(-ʔ)po*	*(-ʔ)po*, *(-ʔ)poj-re*
**a-po* **bi-po*	paralelo	*a-po* ‘gêmeo’ *bi-po*	*a-po* *pi-po* (tb. ‘gêmeo’)	—	—	—	*aʔ-po* *(-)piʔ-po*	*aʔ-po* *(-j)pn̥ʔ-po:*
**porpot*	pássaro *sp*.	*poropot* ‘bacurau’	—	—	—	*porpot-ti* ‘libélula’	*porpot-re*	*porpot* ‘coruja’
**põ* **põñ*	esfregar	*põ* *põñ*	*põ* *põñ*	*hõ* N/A	*hõ* N/A	*põ* *põn*	*põ* *põn*	*jn̥-põ* *jn̥-põn*
**kapõ* **kapõñ*	varrer	*kapõ* *kapõñ*	*kapõ* *kapõñ*	—	*kahõ* *kahõj*	*kapõ* *kapõn*	*(-ʔ)kapõ* *(-ʔ)kapõn*	*(-ʔ)ka:põ* *(-ʔ)ka:põn*
**põpõ*	pássaro *sp*.	—	*põpõ*	—	*hõhõ*	*põpõ-re* ‘pavãozinho’	*põpõ-ti* ‘socó’	—
**kapô* **kapôñ*	rachar	ANTIC *aj-kapô* *bi-kapôñ*	ANTIC *ac-kapô* *pi-kapôñ*	—	—	N/A *kapôn*	*kapô* *kapôn*	—
**pôt*	chocar	*pôt*	—	—	—	—	*(-)pôt*	—
**pôr* **pôk*	acender	*pôr* *pôk*	*pôr* *pôk*	—	—	*pôr* *pôk*	*pôr* *(-ʔ)pôk*	*pur* *(-ʔ)puk*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**to pôj* **to pôc*	tirar.PL	*o pôj*	*(t)o pôj* *(t)o pôc*	*ro hwə̂j* *ro hôt*	—	—	*to (-ʔ)pôj*	*to pus* *to (-j)pus*
**japôj* **japôc*	sair.PL	*[apôj]* *japôj*	*japôj* *japôc*	—	—	*japôj*	*japôj*	*japus*
**japôk*	furar.PL	*japôk*	*japôk*	*jahôhôk*	*jahôk*	*japôk*	*japôk*	*japuk*
**ñõpôk*	eviscerar	*ñõpôk*	*ñõpôk*	—	—	—	*jõpôk*	—
**ñĩpôk*	centro, meio	*ñipôk*	*ñipôk*	*ñĩhôk*	*ñĩhôk*	*jipôk*	LOC *jipôk-ri*	LOC *jɛ̗̃puk-rɛ̗*
**pu*[280]	talo, pau oco	*-pu* (em compostos)	—	(?) *hu* ‘jangada’, *kʰrwa-hu* ‘cana-flecha’	—	—	—	—
**cĩpu*	cheio	*ʔipu ~ ipu*	*ʔipu*	—	—	—	*hipu*	*hɛ̗̃pɔ̗*
**kupu*	embrulhar	*kupu*	*kupu*	*kuhu*	—	*kupu*	*kupu*	*(-ʔ)kɔ̗ːpɔ̗ː*
**a-jpu ~ *-b-* **bi-j(a)pu ~ *-b-*	brigar	—	*ac-pu* *pi-apu ~ pi-pu*	—	—	*a-jpu* N/A	*a-jpu* *(-)pi-japu*	*a-spɔ̗* *(-j)pɛ̗-spɔ̗*
**pur*	roça	*pur*	*pur*	*hur*	*hur*	*pur*	*pur*	*pɔ̗r*
**pe* **peñ*	beber tudo	*pe* *peñ*	*pe* *peñ*	—	—	*pe* *pen*	*pe* *(-ʔ)pen*	*pe* *(-ʔ)pen*
**cipe ~ *cibe*	capoeira	—	*ʔipe*	—	—	*(h)ipe*	*hipe*	—
**pek*	frouxo	*pek*	—	*hwek*	—	—	*(-ʔ)pek*	*(-ʔ)pek*
**kupê* **kupêñ*	tocar, mexer	*kupê* *kupêñ*	*kupê* *kupêñ*	—	*kuhwê* *kuhwêj*	*kupê* *kupên*	*(-ʔ)kupê* *(-ʔ)kupên*	*(-ʔ)kɔ̗ːpi* *(-ʔ)kɔ̗ːpin*
**ijpê* **pêk*	peidar	*ipê* *pêk*	*icpê* *pêk*	*ihwê* *hwêk*	N/A *hwêk*	N/A *pêk*	*(-ʔ)pêk*	N/A *(-ʔ)pik*

[280] Cognato externo de PJS **ŋgrû-pu ~ *ŋgrwa-pu* ‘talo de buriti’: PA **waː-bu* (Xavánte *waː-bu*, Akwẽ-Xerénte *wa-bu*).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**a-pê* **jə-pêñ*	trabalhar	*a-pê* *ĵə-pêñ*	*a-pê* *cə-pêñ*	*a-hwê* *tə-hwên*	N/A *tə-hwêj*	—	*apê* *jəpên*	*a꞉pi* ‘pescar’ *jə꞉pin*
**japêc*	terminar	*[apêc]* *japêc*	*japêc*	*jahwêt*	—	*japêj ~ apêj*	*japêj*	—
**ñĩpêc*	fazer	*ñipêc*	*ñipêc*	*ñĩhwêt*	*ñĩhwêt*	*jipêj*	*jipêj*	*jẽ̯pis*
**jupî* **jupjêr*	carregar no ombro	*ĵupî* *ĵupjêr*	—	—	—	*jõpjê* *jõpjêr*	*jũʔpjê* *jũʔpjêr*	*jõ̯ʔpji* *jõ̯ʔpjir*
**kupĩp*	esteira	*kupip*	*kupĩp*	—	—	—	*kôʔpip* (Krahô *kôʔpĩp*)	*kuʔpẽ̯p*
**pĩ*	árvore, madeira, lenha	*pĩ*	*pĩ*	*hwĩ*	*hwĩ*	*pĩ*	*pĩ*	*pẽ̯*
**kapĩ* **kapĩr*	derramar	*kapĩ* *kapĩn*	*kapĩ* *kapĩ*	—	—	—	*(-ʔ)kapĩ* ‘sacudir’ *(-ʔ)kapĩ*	*(-ʔ)ka꞉pẽ̯* *(-ʔ)ka꞉pẽ̯r*
***/pr/**								
**prə* **ca-prə*	brasa, aceso	*prə*	*prə*	*hrə* *sa-hrə* ‘cinza’	*hrə* ‘cinza’	*prə* *(h)a-prə* ‘carvão’	*(-ʔ)prə* *(h)aʔ-prə* ‘carvão’	*(-ʔ)prə꞉*
**prə̃* **prə̃r*	sobrar	*ja-prə̃* *ja-prə̃r*	*prə̃* *prə̃r*	*hrə̃* N/A	—	N/A *prə̃r*	*(-ʔ)prə̃* *(-ʔ)prə̃r*	*(-ʔ)prə̃꞉* ‘desafiar’
**aprə̃* **jəprə̃r*	procurar	*aprə̃* ‘sentir falta’ *ĵəprə̃r*	—	*ahrə̃* N/A	—	N/A (?)*jəprə̃r* ‘corajoso’	*aprə̃* *jəprə̃r*	*a꞉prə̃꞉* *jə꞉prə̃꞉*
**kaprə̃* **kaprə̃r*	vazio	*kaprə̃* *kaprə̃r*	*kaprə̃* *kaprə̃r*	*kahrə̃* N/A	—	*kaprə̃* *kaprə̃r*	*(-ʔ)kaprə̃* *(-ʔ)kaprə̃r*	*kaprə̃꞉* *kaprə̃꞉*
**prə̃m*	fome, querer	*prə̃m*	*prə̃m*	*hrə̃m*	*hrə̃w*	*prə̃m*	*(-ʔ)prə̃m*	*(-ʔ)prə̃m*
**kaprə̃n*	jabuti	*kaprə̃n*	*kaprə̃n*	*kahrə̃n*	*kahrə̃(m)-ci*	*kaprən*	*kaprə̃n*	*kaprə̃n*
**prâ*	palha de milho, pena	*prâ* ‘palha de milho’	*prâ*	—	—	—	*(-ʔ)prâ*	*(-ʔ)pry*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**japrâ*	culpar, desonrar	*japrâ* ‘xingar’	*japrâ*	*jahrâ* ‘brincar’	—	—	*japrâ* ‘nome’	*japry*
**kaprâ*	vazio	*kaprâ*	*kaprâ*	*kahrâ*	*kahrâ*	*kaprâ*	*(-ʔ)kaprɐ̂*	*(-ʔ)kapry*
**kuprâ*	mulher solteira	*kuprâ*	*kuprâ*	—	—	—	*kuprâ*	*kǫpry*
**pry*	caminho	*pry*	*pry*	*hry*	*hry*	*pry*	*pry*	*prą:*
**pro*	cobrir	*pro*	*pro*	*hro*	*hro*	*pro* *[pror]*	*(-ʔ)pro*	*(-ʔ)pro:*
**prõ*	esposa	*prõ*	*prõ*	*hrõ*	*hrõ*	*prõ*	*(-ʔ)prõ*	*(-ʔ)prõ*
**kuprõ* **kuprõñ*	coletar	*kuprõ* *kuprõñ*	*kuprõ* *kuprõñ*	ANTIC *a-k^{h}rõ* *wi-k^{h}rõn*	—	*kuprõ*	*kuprõ* *kuprõn*	*kǫ:prõ* *kǫ:prõn*
**prõt*	correr	*prõt*	*prõt*	*hrõn*	*hrõt*	*prõt* ‘em todo lugar’	*(-ʔ)prõt* ‘correr.PL’	*(-ʔ)prõt* ‘fugir.PL’
**prõ(r)-prõt*	borbulhar	*prõr-prõt* ‘boiar’	*prõ-prõt* ‘tremer’	—	—	*prõ-prõt*	*(-ʔ)prõr-prõt*	*(-ʔ)prõ:-prõt*
**japrô* **japrôr*	levar	*japrô* *japrôr*	*japrô* ‘comprar’ *japrôr*	—	—	*japrô* ‘comprar’ *japrôr*	*japrô* ‘comprar’ *japrôr*	*japru:*
**pre*	amarrado	*pre*	*pre*	—	—	*pre* *[prer]*	*(-ʔ)pre*	*(-ʔ)pre:*
**kaj-pre*	amarrar	*kaj-pre*	*kac-pre*	—	—	—	*(-ʔ)kaj-pre*	—
**prêk*	alto	*prêk*	*prêk*	*hrêk*	*prêk*	*prêk* ‘baixo’ (?)	*(-ʔ)prêk*	*(-ʔ)prik*
**ka(prê)prêk*	espancar	*kaprêprêk*	*kaprêprêk*	*kahrêrêk*	*kahrê,* *kahrêhrê*	*kaprêk,* *kaprêprêk*	*(-ʔ)kaprêk*	*kapri:prik*
**prĩ*	baixo, calmo	*prĩ*	*prĩ*	—	—	*prĩ*	*(-ʔ)prĩ* ‘devagar’	*(-ʔ)prɛ̃ʔ-nɐ̃* ‘devagar’
**aprĩ*	devagar, cuidadosamente	*aprĩ*	*aprĩ*	*ahrĩ-ro*	*ahrĩ-ro*	*aprĩ*	—	*a:prɛ̃ʔ-nɐ̃*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kaprĩ*	triste	*kaprĩ*	*kaprĩ*	*kahrĩ*	*kahrĩ*	*kaprĩ*	*kaprĩ*	*kaprẽ̗ː-re, kaprĩː-re*
**prĩn*	pequi	*prĩn*	*prĩn*	*hwĩn*	—	*prĩn-ti* ‘piquiá’	*prĩn*	*prẽ̗n*
***/m/**								
**mba*	fígado	*ma*	*mba*	*mba*	*w̃a*	*(-m)pa*	*(-m)pa*	*(-m)pa*
**mba* **mbar*	ouvir, entender	*ma* *mar*	*mba* *mbar*	*mba* *mbaj*	*w̃a* *w̃aj*	*kə̃m-pa* *kə̃m-par*	*(-m)pa* *(-m)par*	*apa* *(-m)par*
**amba* **jambak*	escutar, lembrar	*amba* ‘ter saudade’ *ambak*	*amba* *(j)ambak*	*ro amba* *ro ambak*	—	N/A *to japak*	*to apa* *to h-apak*	*to [pa]* *to japak*
**jambak*	orelha	*jamak*	*jambak*	—	—	*japak*	*japak*	*japak*
**pymba*[281]	medo	*pyma*, X. *ĵuma*	*pymba*	*wymba*	*w̃a*	*pa*	*pa*	*pa*
**mbaj*	caranguejo	*maj*	*mbaj*	—	—	—	*paj*	—
**mbak*	escorpião	*mak*	*mbak-re*	—	*w̃at* (?)	—	*pak*	*pak(-re/-tẽ)*
**jamã*	queixo	*jama* ‘mandíbula’	*ñãm*	—	—	*jama*	*jama*	*jama*
**jamã-cô*	barba	*jama-ô*	*jamb-ô*	*jam-sô*	*jam-tô*	*jama-hô*	*jama-hô*	—
**a-mbə*[282] **jə-mbəñ*	comer.INTR	—	—	—	—	*ə-pə* *jə-pən*	*a-pə* *jə-pən*	*aː-pə* *jəː-pən*
**kumbə* **kumbəñ*	roer	*kumə* *kuməñ*	*kumbə* *kumbəñ*	—	—	*kupə* *kupəj*	*(-ʔ)kupə* *(-ʔ)kupən*	*(-ʔ)kọ̗ːpə* *(-ʔ)kọ̗ːpən*
**mbət*	desviar	*mət* ‘braço de rio’	*mbət*	*mbət* ‘braço de rio’	—	*pət*	*(-m)pət* ‘rasgar’	—
**kambət*	noite	*a-kamət*	*kambət*	*a-kambət*	*a-kaw̃ət*	*aj-kapət*	*aw-kapət*	*aw-kapət*
**mbən*	arara	*mən*	*mbən*	*mbən*	*w̃ət*	*pən*	*pən*	*pən*

[281] Em algumas variedades, houve a síncope da vogal do formative **py-* com a subsequente simplificação do encontro consonantal. A forma flexionada para a terceira pessoa, PJS **c-umba*, foi, entretanto, preservada nas línguas-filhas (cf. Tapayúna *t-uw̃a*, Parkatêjê *h-õpa*, Canela *h-ũpa*), mostrando que o formativo **py-* fazia parte da forma PJS.

[282] Cognato externo: Panará *s-ə̃-mpə* ‘comer.INTR’.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**mbən-krwât*	feijão	*mən-krwâ-ʔy*	*mbən-kvrât*	*mbən-kʰrwât*	*w̃ət-kʰrât-notĩ*	*pən-krât-re*	*pən-kʰrât*	*pən-kʰryt*
**ambən*	piranha	*amən*	*ambən*	—	*aw̃ət*	*(h)apən*	*apən*	*a:pən*
**mə̃* **ku-mə̃*	DAT DAT.3	*mə̃* *kum*	*mə̃* *kə̃m*	*mə̃* *kwə̃*	*w̃ə̃* *kwə̃*	*mə̃*	*mə̃* *ku-mə̃*	*mə̃* *kọ-mə̃*
**mə̃*	e.DS	—	—	—	—	*mə̃*	*mə̃*	*mə̃*
**mə̃*	ema	*mə̃*	*mə̃*	*mə̃*	*w̃ə̃*	*mə̃*	*mə̃*	*mə̃:*
**jamə̃* **jamə̃r*	cuidar, esperar	*jamə̃* *jamə̃r*	*jamə̃* *jamə̃r*	—	—	*jamə̃* *jamə̃r*	*jamə̃* *jamə̃r*	*jamə̃* *jamə̃r*
**mbâ* **mbâñ*	agarrar.SG, carregar.SG	*mâ* *mâñ*	*mbâ* *mbâñ ~ mbâr*	*mbâ* *mbân*	—	*pâ* *pân*	*pâ* *(-m)pân*	*py* *(-m)pyn*
**jambâ* **jambâñ*	agarrar.PL, segurar.PL	*jamâ* *jamâñ*	*jambâ* *jambâñ*	*jambâ* *jambân*	—	—	*japâ* *japân*	*japy* *japyn*
**mby*	homem	*my*	*mby*	*mẽ-mby-jê*	*(w̃ẽ-)w̃y*	*mpy*	—	—
**mby*	pênis	*my*	—	*mby*	*w̃y*	—	*(-m)py*	LOC *(-m)pạ:-kə̃m* ‘filhos verdadeiros de um pai’
**jamby*	rabo, cauda	*jamy*	*jamby*	—	*jaw̃y*	*japy*	*japy*	*japạ:*
**mbyt*	sol	*myt*	*mbyt*	*mbyt*	*w̃yt*	*pyt*	*pyt*	*pạt*
**mbyt-rwâ*	lua	*myty-rwâ*	*mbyt-vrâ*	*mbyt-rwâ*	*w̃yt-rwâ*	—	*put-wrâ*	*pạt-ry*
**mbo*	veado campeiro, galheiro	*mo*	*mbo-ti*	*mbot-ci*	—	—	*po*	*po:*
**mbok*	bater, abrir cortando	*mok*	*mbok*	*mbok* ‘cair (de frutas)’	—	—	*(-m)pok*	*(-m)pok*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**mbombok*	espancar, bater de leve repetidamente	*momok* ‘abrir e fechar, murmurar’	*par-mbombok* ‘bater o pé’	—	—	(?) *popok* ‘taboca usada para cortar cabelo’	*(-m)popok* ‘bater palmas’	*(-m)poːpok*
**mõ* **mõr*	ir.PL	*mõ* *mõr*	*mõ* *mõr*	*mõ* *mõr*	*w̃õ* *w̃õr*	*mõ* *mõn*	*mõ* *mõr*	*mõ* *mõr*
**ñĩmõk*	ponta	*ñimõk*	*ñimõk*	—	—	*jimõk*	LOC *jimok-ri*	LOC *jẽ̯mõk-rẹ̯*
**cĩmbô*	lagoa	*imô*	*ʔimbô*	—	—	*hipô(-re/-ti)*	*hĩpô*	*hẽːpu*
**mbôp ~ *mbâp*	cará	*môp*	*mbôp*	—	—	—	*pâp-re*	*pyp-re*
**mbôp ~ *mbâp*	poraquê	*môp*	*mbôp(-re/-ti)*	*mbôk-ci*	—	*pâp*	*pâp*	*pyp-re*
**mbôc*	jatobá	*môc*	*mbôc(-re/-ti)*	(?) *mbôt-kə* ‘canoa’	—	*pôj*	*pôj*	*pus*
**kambôk*[283]	taturubá, cutite	*kamôk-ti*	—	—	—	*kapôk-ti*	*kapôk* ‘oiti’	*kaːpuk(-re/-tẹ̯)* ‘oiti’
**ambu*	CTFG	*amũ*	—	*amũ*	*aw̃ũ*	*apu* ‘para baixo, movimento contínuo’	*apu* ‘PROGR’	*aːpọ̯* ‘ao contrário’
**pumbu* **pumbuñ*	ver	*pumũ* (X. *mũ*) *pumuñ* (X. *mũñ*)	*pumbu* *pumbuñ*	*mũ* *mũn*	*w̃u* *w̃uj*	*pupu* *pupun*	*pupu* *pupun*	*pọ̯pọ̯* *pọ̯pọ̯n*
**mbut*	pescoço	*mut*	*mbut*	*mbut*	*w̃ut*	*put*	*(-m)put*	*(-m)pọ̯t*
**mbû*[284] **mbâr*	chorar	*mû* *mâr*	*mbû ~ mbur* *mbâr*	*mbâr*	*w̃âr*	—	—	—
**amũ*	CTFG	*amũ*	—	*amũ*	*aw̃ũ*	—	*amũ*	*hamọ̯̃*
**mbec*	bom	*mec*	*mbec*	*mbet*^{i}	*w̃et*^{i}	*(-m)pej*	*(-m)pej*	*(-m)pes*
**ñĩmbec*	matar.PL	*ñĩmec*	*ñĩmbec*	*ñĩmbet*^{i} ‘parar, terminar’	—	*jipej*	*jipej*	*jẽ̯pes*

[283] Cognato externo: Panará *nãmpjô* ‘abiu’.
[284] Cognatos externos: PTSF **pu-t* (IRR *pu*); PK **bu* (NMLZ **bu-r*); PJab **mbo*.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**mbeñ*	mel	*meñ*	*mbeñ*	*mben*	*w̃ej*	*pen*	*pen*	*pen*
**mẽ*	PL; gente; ASSOC	*mẽ*	*mẽ*	*mẽ*	*w̃ẽ*	*mẽ*	*mẽ*	*mẽ*
**mẽ* **mẽñ*	arremessar.SG	*mẽ* *mẽñ*	*mẽ* *mẽñ*	*mẽ* *mẽn*	*w̃ẽ* *w̃ẽj*	*mẽ* *mẽn*	*mẽ* *mẽn*	*mẽ:* *mẽn*
**kamẽ* **kamẽñ*	empurrar	*kamẽ* *kamẽñ*	*ŋgô-kamẽñ-cə* ‘remo’	*kamẽ* N/A	—	*kamẽ* *kamẽn*	*kamẽ* *kamẽn*	*kamẽ:* *kamẽn*
**mbê*	líquido, gota, óleo	*mê*	*mbê*	*mbê*	—	—	*(-m)pê*	*to (-m)pi:* ‘untar’
**kambêr*	abacaba	*kamêr*	*kambêr*	*kambêr*	—	*kapêr*	*kapêr*	*ka:pir*
**mbjên*	esposo	*mjên*	*mbzên*	*mjên*	*nĵêt*	*(-m)pjên*	*(-m)pjên*	*(-m)pjin*
**mĩ*	jacaré	*mĩ*	*mĩ-ti*	*mĩ-ci*	*w̃ĩ*	*mĩ(-re/-ti)*	*mĩ*	*mẽ̗*
**jə-mĩ* **jə-mĩr* **ju-mĩ* **ju-mĩr*	cobrir com terra, assar na terra	*[a-mĩ]* *ĵə-mĩn*	*[a-mĩ]* N/A *cu-mĩ* *cu-mĩr*	*təmĩ* *təmĩr*	—	*jəmĩ* *jəmĩr*	*jəmĩ* *jəmĩr*	*jə:mẽ̗* *jə:mẽ̗r* *jõ:mẽ̗* N/A
***/mr/**								
**mbra* **mbrar*	acordar	—	*mbra* *mbrar*	—	—	ANTIC *a-mpra* *aj-pi-mprar*	ANTIC *a-mpra* *(-)pĩ-mprar*	ANTIC *a-mpra:* *(-j)pẽ̗-mpra:*
**mbra* **mbrar*	andar.SG	*mrã* *mrãñ*	*mbra* *mbrar*	*mbra* *mbraj*	*nra* N/A	*(-m)pra* *(-m)prar*	*(-m)pra* *(-m)prar*	*pra:* *(-m)pra:*
**mrã*	gritar	ANTP *a-mra* *[ĵə-mrañ]*	ANTP *a-mỹra* *cə-mbra*	ANTP *a-mbra* *tə-mbra*	—	*mrã* (?) *mrãr*	ANTP *a-mrã* ‘chorar’ *[(-ŋ)kwə̂r]*	ANTP *a:-mrã (~ -a)* *[(-ŋ)kwyr]*
**kumrə̃* **kumrə̃(r)*	dar banho	*kumrə̃* *kumrə̃*	*kumrə̃* *kumrə̃r*	*kumbrə̃* *kumə̃r*	—	*kumrə̃* *kumrə̃r*	*(-ʔ)kumrə̃* *(-ʔ)kumrə̃r*	*kọmrə̃* *kọmrə̃*
**mbry*	caça	*mry*	*mbry*	*mbry*	*nry*	*pry*	*pry*	*prạ:-re*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**mbro*	cinza	*mro*	*mbro*	*mbro*	—	*pro*	*pro*	*pro*
**mrõ*	mergulhar, afundar, (?) cozinhar	*mrõ*	*mrõ*	*mrõ*	—	*jõ-mrõ* 'mingau'	*mrõ [mrõr]*	—
**mbrô-ti*	jenipapo	*mrô-ti*	*mbrô-ti*	*mbrô-ci*	*nrô-ci*	*pôr-ti*	*pôr-ti ~ prôrô-ti*	*pru-tẹ*
**kambrô*	sangue	*kamrô*	*kambrô*	*kambrô*	*kanrô*	*kaprô*	*(-ʔ)kaprô*	*kapru:*
**japmbrô*	espuma	*jamrô*	*jambrô*	—	—	—	*jəmprô*	*jãmpru:*
**mbrũm*	formiga	*mrũm*	*mrũm*	*rũm-* (*em compostos*)	*rũw*	—	*prũm-re*	*prm̰-re*
**mbre*	cunhada, cunhado	*(ju-)mre*	*mbre-ndi* 'cunhada', *mbre-mby* 'cunhado'	—	—	*pre*	*(jũ-)pre(jê)*	*jm̰-pre:*
**mbre-ŋgêt*	sogro	*(ju-)mre-ŋêt*	*mbre-ŋgêt*	*tu-mbre-ŋgêt*	—	*pre-kêt*	*(jũ-)pre-kêt*	*jm̰-pre:-kit, pre:-kit-ji*
**mbre-ŋgêc*	sogra	*(ju-)mre-ŋêc*	*mbre-ŋgêc*	—	—	—	*(jũ-)pre-kê*	*jm̰-pre:-kij*
**cimbrê*[285]	abelha tubi	*imrê-re*	*ʔimbrê*	*simbrê-ci*	—	—	—	—
**mbrêk ~ *mbjêk*	seriema	*mrêk-kək* 'cigana'	*mbrêk-re*	—	—	—	*pjêk*	*pjik*
**kambrêk*	vermelho	*kamrêk*	*kambrêk*	*kambrêk*	*karêk*	*kaprêk (~ kaprik, kapryk)*	*kaprêk*	*kaprik*
**kambri*	garça	*kamri*	*kambri*	—	*kanri*	—	*kaprî*, Krahô *kapri*	*ka:prẹ*
***/b/**								
**ba*	1[AG]	*ba*	*pa*	*pa, wa=*	*wa*	*pa, wa=*	*pa, wa=*	*pa, wa=*
**ba-*	1+2[INT]	*ba-*	*pa-*	*wa-*	*wa*	*mpa-*	*paʔ-*	*paʔ-*
**ba*	andar, viver	*ba*	*pa*	*pa*	*wa*	*i-pa*	*(-)pa*	*ẽj-pa*

[285] Cognato externo: Akwẽ-Xerénte *sipri* 'abelha tubi'.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kaba*	capim-navalha, tiririca	*kaba*	—	*kapa*	—	—	*kapa-re*	*kapa:(-re/-tẹ)*
**kaba* **kaʃər*	tirar.SG	*kaba* *kaʃər*	*kapa* *kacər*	*kapa* *[kapaj]*	*kawa* *[kawaj]*	*kapa; [kacə]* *[kapa]; kacər*	*kapa* *kacər*	*kapa* *kacər*
**bat ~ *abat*	cascavel	*abat*	*apat-kəʔ-ti*	—	—	—	*pat(-re/-ti)*	*pat*
**ñõbajbat ~* **ñõbajbac*	enjoar	*ñõbajbat*	*ñõpacpat*	—	—	—	*jõpajpaj*	*jõ:pajpaj-cə*
**bãm*	pai	*bãm*	*pə̃m*	*pə̃m*	*wə̃m*	*a-pam* ‘pai de outra pessoa’	*a-pə̃m* (2)	*(-j)pãm*
**jabə* **jabə-ry*	paralelo enfileirado	*jabə*	*japə* *japə-ry*	—	*japə-ry*	—	*japə*	*jɑpə* ‘fios enrolados’ *japə-rə̰:*
**bər*	pau, chifre	*bər*	*pər*	—	—	*pər*	*(-)pər*	*(-j)pər*
**bər-cy*	pimenta	*bər-y*	*pər-y*	*waj-sy*	*wəj-ty*	*pər-hy-re*	*pər-hy-re*	*pər-hə̰:-re*
**bə̃*	coruja	*bə̃*	—	(?) *mə̃*	—	—	*pə̃-re*	—
**bə̃* **bə̃r*	cheirar, farejar	*bə̃* *bə̃r*	*pə̃* *pə̃r*	—	—	*pə̃* *pə̃r*	*pə̃* *(-)pə̃r*	*pə̃* *(-j)pə̃r*
**aj-bə̃* **bi-bə̃ñ*	bêbado	*aj-bə̃* *bi-bə̃ñ*	*ac-bə̃* *bi(ʔ)-bə̃ñ*	*aj-pə̃* *wi-pə̃n*	—	*aj-pə̃ ~ i-pə̃* N/A	*aj-pə̃* *(-)pi-pə̃n*	—
**by* **byr*	pegar.SG	*by* *byr*	*py* *pyr*	*py* *pyr*	*wy* *wyr*	*py* *pyr*	*py* *(-)pyr*	*pə̰* *(-j)pə̰r*
**ñĩby*	sobre	*ñiby*	*ñipy* ‘dentro de um recipiente profundo’	—	—	*jipy* ‘comer junto, rodeando a comida’	*jipy*	—
**by-ti*	rio grande	*by-ti* ‘Xingu’	—	—	—	*py-ti* ‘rio Tocantins’	—	—
**kaj-by*	trançar	*kaj-by*	*kac-py*	—	—	—	*kajpy*	*kajpə̰:*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**akubyn ~ *akubỹ(n)*	para trás	*akubyn*	*akupyn; akupy-m* ‘de volta p/ cá’; *akupy-ñ* ‘de volta p/ lá’	*akʰwyn ~ akʰwỹn*	*akʰwỹn*	—	*hakpỹ*	*akpa̰ː-mə̃*
**kubyt*	guariba	*kubyt*	*kupyt*	*kupyt*	*kuwyt*	*kupyt*	*kupyt*	*kọpa̰t*
**bõ*	capim	*bõ*	*põ*	*põ*	*wõ*	*põ*	*põ*	*põː*
**bõ-cy*	milho	*bõ-y* (*em mitos*)	*põ-y*	—	*wõ-ty*	*põ-hy*	*põ-hy*	*põː-ha̰*
**bô*	palha	*bô*	*pô*	—	—	*pô*	*pô*	*puː*
**bô* **bôr*	assar.PL	*bô* *bôr*	—	—	—	*pô* *pôr*	—	*pu* *(-j)pur*
**a-bô* **jə-bôr*	assoviar	*a-bô* *ĵə-bôr*	—	—	*[wô]* *tə-wôr*	*a-pô* ‘botar quente’ N/A	*a-pô* *jə-pôr*	*aː-pu* ‘incentivar’ *jəː-pur*
**bô* **bôñ*	desatar	*bô* *bôñ*	—	—	—	—	*pô* *(-)pôn*	*pu* *(-j)pun*
**bôt*	desatar, desenmaranhar	—	*pôt*	*pôt*	—	—	*(-)pôt*	—
**bôj* **bôc*	chegar	*bôj ~ bôc* *bôj ~ bôc*	*pôj* *pôc*	*pâj* *pôt*	*wâj* *wôt*	—	*pôj* *(-)pôj*	*pus* *(-j)pus*
**jubôk ~ *apbôk*	direito (lado)	*ĵubôk*	*cupôk*	*apôk*	*awôk*	*jõpôk*	LOC *awpôk-rũm*	*awpuk*
**bu*	parte de trás	*bu*	LOC *pũ-m*	—	*kêj-wu*	—	*(-)pu* ‘redondezas’	*(-j)pọ̃-nə̃* ‘ao redor’
**kabe*	rua perto do pátio	*kabe-ʔə̃*	*kape*	—	—	—	LOC *kape-nə̃, kape-kʰə̃m*	LOC *kapeʔ-nə̃*
**jabê(j)* **jabêj, *-ñ, *-r*	procurar	*jabej ~ jabjêr* *jabej ~ jabjêr*	*japêə* *japêə ~ japêr*	—	—	*japê* *japên*	*japê* *japên*	*japi* *japin*
**bẽ* **bẽr*	mostrar	*bẽ* *bẽn*	*pẽ* N/A	—	N/A *wẽr*	*pẽ* N/A	*pẽ* *(-)pẽr*	*pẽ* *(-j)pẽr*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kubẽ*	não-indígena	*kubẽ*	*kupẽ*	*kupẽ ~ kʰwẽ*	*kuwẽ*	*kupẽ*	*kupẽ*	*kọpẽ*
**bẽp*	moço	*bẽp*	*pẽp*	—	—	*pẽp*	*pep*, Krahô *pẽp*	*pẽp-kahək* ‘um ritual’
**kabẽr*	falar	*kabẽn*	*kapẽr*	*kapẽr*	*kawẽr*	—	*kapẽr*	—
**ajbẽn*	RCPR	*abẽn*	*acpẽn*	*ajmẽn*	*ajwẽn*	*ajpẽn*	*ajpẽn*	*ajpẽn*
**bê* **ku-bê*	MALEF; COP MALEF.3; COP.3	*bê* *ku-bê*	*pê* *kêp*	*wê* *kwê*	*wê* *kwê*	*pê* *ku-pê*	*pê* *ku-pê*	*pi* *kọ-pi*
**bê* **bêñ*	raspar, arranhar	*bê* *bêñ*	—	—	*wê* *wêj*	—	*pê* *(-ʔ)pên*	*pi* *(-ʔ)pin*
**a-bê* **jə-bêr*	ventar	*w-a-bê* *ĵə-bêr*	*a-pê* *cə-pêr*	*a-pê* *tə-pêr*	—	*t-apê* N/A	*a-pê* *jə-pêr*	*aː-pi* *jəː-pir*
**kaj-bê ~ *kar-* **kaj-bêr ~ *kar-*	abanar	*kari-bê* *kari-bêr*	*kaa-pê* *kaa-pêr (~ kar-)*	—	—	*kaj-pê* *kaj-pêr*	*(-ʔ)kaj-pê* *(-ʔ)kaj-pêr*	*(-ʔ)kaj-pi* *(-ʔ)kaj-pir*
**jabê*	confiável	*jabê*	*japê* ‘amar, ter dó’	—	—	*japê*	*japê*	*japiː*
**(a)bêñ*	mangaba	*bẽñ* (*bêñ*?)	*apêñ ~ pêñ*	*pên*	—	—	*pên-hôk* ‘borracha’ Krahô *apên*	*pin-cu*
**a-bi* **jə-bir*	subir	*w-a-bi* *ĵə-bir*	*a-pi* *cə-pir*	*a-pi* *tə-pir*	*a-wi* *tə-wir*	*ə-pi* *jə-pir*	*a-pi* *jə-pir*	*aː-pẹ* *jəː-pẹr*
**kabi*	escolher, experimentar	*kabi*	*kapi*	—	—	*kapi* *[kapir] ~ kapi*	*kapi*	*kapẹ*
**bit*	somente	*bit*	*pic*	*wit*	*wit*	—	*pit*	*pẹt*
**bĩ* **bĩr*	matar.SG	*bĩ* *bĩr*	*pĩ* *pĩr*	*pĩ* *pĩr*	*wĩ* *wĩr*	*pĩ* *pĩr*	*pĩ* (metafórico) *pĩr*	*pẽ̞* ‘apagar’ *(-j)pẽ̞r*
**jabjê*	comprido, alto	*jabjê*	*japjê*	*japjê-re*	—	—	*japjê*	*japjiʔ-tẹ*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**bî ~ *bjê* **bjêr*	arrastar	— *bjêr*	N/A *pjêr*	—	—	*pjê* *pjêr*	*pjê* *(-)pjêr*	*pji* *(-j)pjir*
**at-j(a)bî* **bit-j(a)bjêr*	fluir, gotejar	*a-cibî* *bi-cabjêr*	—	—	—	—	*a-jpjê* *(-)pi-japjêr*	*a-spji* *(-j)pẹ-spjir*
***/w/**								
**wô*	pati	*wô*	—	—	—	*wô-ti*	*wô-re*	*wuː-pər*
**wewe*	borboleta	*wewe*	*wewe(-re/-ti)*	*wewe*	*wewe*	*wewe-re,* *wewe-côcôk-ti*	*wewe*	*weːweː*
**wet*	lagartixa, calango, osga	*wet*	*wet*	—	*wet*	*wet-re*	*wet-re*	*wet-re*
**kuwêñ*	passarinho	*kwêñ*	*kuvêñ*	—	—	*kôwên*	*kuwên-re*, (?) *kuwên-ti* 'bicuda'	—
***/t/**								
**ta* **cyr*	cortar fora.SG	*ta* *ʔyr*	*ta* *yr*	*ṭʰa* *syr*	*ṭʰa* N/A	*ta* *hyr*	*ta* *(-ʔ)hyr*	*ta* *(-ʔ)hạr*
**ic-ta* **a-ta*	este aquele	—	(?) *za* N/A	*i-ṭʰa* *a-ṭʰa*	*i-ṭʰa* *a-ṭʰa*	*i-ta* *a-ta*	*i-ta* *a-ta*	*ę̃n-taː* *aː-taː* 'trem'
**ic-ta-r(i)* **a-ta-r(i)*	aqui lá	—	*ic-tar* *a-tar*	*i-ṭʰaj* *a-ṭʰaj*	*i-ṭʰaj* *a-ṭʰaj*	*i-tar* *(h)a-tar*	*i-ta-ri* *a-ta-ri*	*ę̃n-taː-rę̣* —
**tak*	bater	*tak*	*tak*	*ṭʰak* 'abrir'	—	*tak* 'jogar com força, escorregar, enterrar'	*(-ʔ)tak*	*(-ʔ)tak*
**tatak*	bater repetidamente	*tatak*	*tatak*	—	—	(?) *tatak* 'trovão'	*(-ʔ)tatak*	*(-ʔ)taːtak*
**pytə* **pytər*	adotar, proteger	*pytə* *pytər*	*pytə* 'ajudar' *pytər*	—	—	ANTP *a-mtə* *jə-mtər*	*pytə* *pytər*	*pą̣tə* *pą̣tər*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**təm*	cru	*təm*	*təm*	*tom-ci*	—	*təm*	*(-ʔ)təm*	*(-ʔ)təm*
**təm*	enchente	*təm*	*təm*	—	—	*tə̂m*	—	*(-ʔ)təm*
**atər*	orvalho	*atər*	*atər*	—	—	*atər*	*atər*	*aːtər*
**katət*	direto	*katət*	*katət*	—	*kaṭʰə̂t* ‘sempre’	—	*katət*	*katət* ‘esticar’
**tə̃ (~ *cə̃)*[286]	LOC	*ʔə̃*	*tə̃ / ə̃*	—	—	—	—	—
**tə̂r*	nascer (*penas*)	*tə̂r*	—	—	—	—	*(-ʔ)tə̂r*	—
**tə̂c*	forte, duro	*tə̂c*	*tə̂c*	*ṭʰə̂t*	*ṭʰə̂t*	*tə̂j* ‘realmente’; *tyj-ti*	*(-ʔ)tə̂j*	*(-ʔ)tys*
**ty* **tyk*	morrer	*ty* *tyk*	*ty* *tyk*	*ṭʰy* *ṭʰyk*	*ṭʰy* *ṭʰyk*	*ty* *tyk*	*(-ʔ)ty* *(-ʔ)tyk*	*tạ* *(-ʔ)tạk*
**-ty* **pyty*	cobrir uma superfície para sentar ou deitar	*a-ty*	*pyty* ‘pousar’	—	*hwyṭʰy-ci* ‘rede’	—	*pyty* ‘esteira’	—
**tyr*[287]	sororoca, banana-brava	*tyr* ‘folha de bananeira’, *tyr-ti* ‘banana’	*tyr-ti*	*ṭʰyr-ci*	*ṭʰyr-ci*	—	(?) K. *tur-hô*	—
**tyk*	preto	*tyk*	*tyk*	*ṭʰyk*	*ṭʰyk*	*tyk*	*(-ʔ)tyk*	*(-ʔ)tạk-re*
**atyk*[288]	mato	*atyk*	—	—	—	—	—	—
**tyk-ĵə*[289]	fádiga	*tyk-ĵə*	*tyk-cə rẽ* ‘respirar’	—	—	—	—	—
**kũmtũm*	capivara	*kunũm*	—	*kuṭʰũm*	*kʰôṭʰũw*	*tũmtũm*	*kũmtũm*	*kọ̃mtọ̃m*

[286] Cognatos externos: PNR *tə̃* ‘ALL’, PA **nə̃* ‘INSTR’ (XAV, AKW *nə̃*), PJM **tə̃* ‘INSTR, ERG’ (KGG *tə̃*, LKL *tõ*), PTSF **tə* ‘LOC’ (MXK *ty*, KNK *tə*).
[287] Cognato externo: Panará *tyː* ‘tipo de banana’.
[288] Cognato externo: Panará *(h)aty* ‘mato’.
[289] Cognato externo: Panará *ty-sə* ‘id.’.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**to ~ *co* **ij-to* **ba-to* **a-to* **to*	INSTR (= CAUS) 1.INSTR 1+2.INSTR 2.INSTR 3.INSTR	*o* *[ijo]* *[bajo]* *[ajo]* *[o]*	*o* *icto* — *ato* *[o]*	*ro, to, ndo* *iro* N/A *aro* *ṭʰo*	*ro, to* *iro* N/A N/A N/A	*to* N/A N/A *ato* *to*	*to* *ito* *paʔto* *ato* *to*	*to* *ɛ̃jto* *paʔto* *a꞉to* *to*
**to* **tor*	voar	*to* ‘voar, dançar’ *tor*	*to* *tor*	—	*ṭʰo* *ṭʰor*	*to* *tor*	*(-ʔ)to* *(-ʔ)tor*	N/A *(-ʔ)tor*
**kato* **kator*	sair, nascer	*kato* *kator*	*kato* *kator*	*kaṭʰo* *kaṭʰor*	*kaṭʰo* *kaṭʰor*	*kato* *kator*	*kato* *kator*	*kato* *kator*
**ñõto*	língua	*ñõto*	*ñõʔto*	*ñõṭʰo*	*ñõṭʰo*	*jõto*	*jõʔto [~ jopto]*	*jõʔto*
**kuto* **kucôñ*	acender.SG	*kuto* *kuôñ*	*kuto* N/A	*kuṭʰo* *kusôn*	*kuṭʰo* N/A	—	*kuto* *kuhôn*	*kọto* *kọhun*
**kato* **kacôñ*	acender	—	*kaʔto* ‘curar’ *kaʔôñ*	—	—	*[kahôn]* ‘cozinhar’ *kahôn*	*(-ʔ)kaʔto* *(-ʔ)kaʔhôn*	*kato* ‘cozinhar’ *kahun*
**totok*[290]	latejar (*coração*)	—	—	—	—	*totok*	*(-ʔ)totok*	*(-ʔ)to꞉tok*
**tom*	cera	*tom*	*tom*	—	*ṭʰõw*	*tom*	—	—
**patom*[291]	manuel-de-abreu (*abelha*)	—	*patom*	—	—	—	—	—
**jatom*	manchar-se	*jatom*	*jatom*	—	—	—	*jatom*	—
**ñĩtom*	trancar, fechar	*ñitom*	*ñi(ʔ)tom*	*ñĩṭʰõm*	—	*jitom*	—	—
**ator*	jaó	*ator*	*aʔtor*	—	—	*ator(-re/-ti)* ‘jaó, inambu’	*aʔtoro-re* ‘inambuzinho’	*aʔtor-re* ‘inambu’
**tõ*	irmão	*tõ, tõj-re*	*tõ*	*ṭʰõ*	—	*a-tõ*	*(-ʔ)tõ*	*(-ʔ)tõ*
**tõc*	irmã	(?) *õñ*	*tõc*	*ṭʰõn*	—	*a-tõj*	*(-ʔ)tõj*	*(-ʔ)tõj*

[290] Cognato externo: PA **totoko // *toto* ‘latejar’ (Xavánte *toto*, Akwẽ-Xerénte *totoko ~ totko*).
[291] Cognato externo: Akwẽ-Xerénte *pato* ‘manuel-de-abreu’.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**katõk*	estourar	*katõk*	*katõk*	*kaṭʰõŋ*	*kaṭʰõw* ‘trovão’	*katõk*	*katõk*	*katõk*
**kutõ(j)*	minhoca	*kutõj*	*kutõj*	—	*kuṭʰõj*	*kutõ(-re/-ti)*	*kutõ*	*kọ̰ːtõː*
**tô*	grudento	*tô*	*tô*	—	—	*tô*	*(-ʔ)tô*	*(-ʔ)tuː*
**jətô*	muitos	*ĵətô*	*coʔtô ~ joʔtô*	—	—	—	*jəʔtô*	*jəʔtuː*
**kutô* **kutôr ~ *kutôñ* **-tô* **-tôr ~ *-tôñ*	cuspir	N/A ‘cuspir em’ *kutôr* *aptô* *ĵəptôr*	*kutô* N/A *apʔtô* *cəpʔtôr*	—	—	 *katô* *katôn*	—	*(-ʔ)kọ̰ʔtu* *(-ʔ)kọ̰ʔtun*
**tôtôt*	caburé	*tôtôt-e*	*tôʔtôt*	—	—	—	*tôʔtôj-re*	*tuʔtut-re*
**tôn*	tatu	*tôn-ti*	*tôn*	*ṭʰwân-ci,* *ṭʰwân-mbet-ci*	*ṭʰôt*	*tôn*	*tôn*	*tun*
**tôk-re*	pau-d’arco	—	*tôk-re ~ tôt-re ~ tu-re*	—	—	—	*tôk-re*	*tuk-re*
**tu*	barriga, bucho	*tu*	*tu* ‘tripa’; *tu-jarô* ‘grávida’	*ṭʰu-jarô* ‘grávida’	*ṭʰu*	*tu* ‘inchado’	*(-ʔ)tu*	*(-ʔ)tọ̰*
**tu*	tubérculo	*pi-tu* ‘remédio’	*tu* ‘cheio, redondo’	—	—	—	*(-ʔ)tu*	*(-ʔ)tọ̰*
**tu*[292]	capim, moita	—	*tu ~ tuj* ‘moita’	—	—	*a-tu-ti* ‘capim’	*aʔ-tu* ‘capim’	*aʔ-tọ̰* ‘capim’
**tu* **tur*	carregar	*tu* *tur*	*tu* *tur*	—	*ṭʰu* *ṭʰur*	*tu* *tur*	*tu* *(-ʔ)tur*	*tọ̰* *(-ʔ)tọ̰r*
**ijtu* **tur*	mijar	*itu* *tur*	*ictu* *tur*	*iṭʰu* N/A	*iṭʰu* *ṭʰur*	*itu* *tur*	*itu* *(-ʔ)tur*	*ḛ̃jtọ̰* *(-ʔ)tọ̰r*

[292] Cognato externo: PA **duj // *du* ‘capim’ (Xavánte, Akwẽ-Xerénte *duj // du*).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**katu* **katur*	mijar em	*katu* *katur*	—	—	—	—	*(-ʔ)katu* *(-ʔ)katur*	—
**ñĩtu ~ *ñỹtu*	pata	*ñitu*	—	—	—	*jõtu*	*jũʔtu*	*jñ̥tn̥*
**tut*	pomba	*tut*	*tuː(-re/-ti); tut-*	—	—	*tut(-re/-ti)*	*tut*	*tn̥t(-re/-tn̥)*
**katut*	costas	—	*katut*	*kaṭʰut*	*kaṭʰut*	*katut*	*katut*	*kʰrñ̥ katn̥t-rn̥* ‘atrás da aldeia’
**tũm*	velho, ancestral	*tũm*	*tũm*	*ṭʰũm*	*ṭʰũm*	*tũm*	*(-ʔ)tũm* ‘velho, sujo’	*(-ʔ)tñ̥m* ‘sujo, podre’
**twâ* **cuk*	socar, pisar	—	—	—	—	*twâ* *[twâ ~] huk*	*twâ* *(-ʔ)huk*	*twy* *(-ʔ)hn̥k*
**katwâ* **kacuk*	socar, pisar	*katwâ* *kaʔuk*	*kaʔtvâ* *kaʔuk*	—	—	—	*kaʔtwâ* ‘alcançar’ *kahuk*	*katwy* ‘alcançar’ *kahn̥k*
**twâm*	gordura	*twâm*	*tvâm*	*ṭʰwâm*	*ṭʰwâw*	*twâm*	*(-ʔ)twâm*	*(-ʔ)twym*
**atwâr*	embaúba	*atwâr*	*atwâː-ti*	—	—	*atwâr*	*atwâr*	*aːtwyr*
**te*	perna, sabugo	*te*	*te*	*ṭʰe*	*ṭʰe*	*te*	*(-ʔ)te*	*(-ʔ)te*
**te* **ij-te* **ba-te* **a-te* **ku-te*	ERG 1.ERG 1+2.ERG 2.ERG 3.ERG	*te* *[i-je]* *[ba-je]* *[a-je]* *ku-te*	*te* *ic-te* — *a-te* *ko-t*	*re, te, nde (~ -a)* *i-re* *wa-re* *[ka-re]* *kô-re*	N/A *i-re* *wa-re* *a-re* *kô-re*	*te* *i-te* *mpa-te* *a-te* *[te]*	*te* *i-te* *paʔ-te* *a-te* *ku-te*	*te* *ẽj-te* *paː-te* *aː-te* *kn̥-te*
**jate*	haste de palmeira	*jate*	*jate*	—	*jaṭʰe* ‘sabugo’	—	*jate*	—
**kate* **kacêk*	esmiuçar	*kate* *kaʔêk*	*ka(ʔ)te* *ka(ʔ)êk*	—	—	*kate* *[katen ~] kahêk*	*(-ʔ)kaʔte* *(-ʔ)kaʔhêk*	*(-ʔ)kaʔte* *(-ʔ)kaʔhik*
**kujate* **kujacêk*	afastar	*kujate* *kujaêk*	*kujate* *kujaêk*	*kujaṭʰe* ‘empurrar’ *kujasêk*	*kujaṭʰe* N/A	*kujate* *kujahêk*	*(-ʔ)kujate* *(-ʔ)kujahêk*	*(-ʔ)kn̥jate* *(-ʔ)kn̥jahik*
**tep*	peixe	*tep*	*tep*	*ṭʰep*	*ṭʰep*	*tep*	*tep*	*tep*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**tertet*	tremer	*teretet*	*tertet*	—	—	—	*(-ʔ)tertet*	*(-ʔ)tertet*
**tẽ* **tẽm*	ir.SG	*tẽ* *tẽm*	*tẽ* *tẽm*	*ṭʰẽ* *ṭʰẽm*	*ṭʰẽ* *ṭʰẽm*	*tẽ* *tẽn*	*(-ʔ)tẽ* *(-ʔ)tẽm*	*tẹ̃* *(-ʔ)tẹ̃m*
**kutẽ*	muruci	*kutẽ*	*kutẽ-kaə-ti ~ kutə-kəək*	*kuṭʰẽ-(ci)-sy*	—	—	*kutẽ*	*kọtẽ*
**jar-tẽk*	pintar uma bochecha	*aj-tẽk* (X. *ar-tẽk*)	—	—	—	(?) *jaratẽk* ‘guelra’	*jartẽk*	—
**mbutẽk ~ *mbytẽk*	mutum	*mutẽk*	*mbuːtẽk* ‘jacu’	*mbuṭʰẽŋ-ci*	*w̃uṭʰẽ*	*pytẽk* ‘jacu’; *pytẽk-ti* ‘mutum’	*pytẽk* ‘jacu’	*pạtẽk*
**tê*	berruga	*tê*	—	—	—	*tê*	*(-ʔ)tê* ‘doença peniana’	*(-ʔ)tiː*
**tê*	carrapato	*tê*	*tê(ʔ)-ti*	—	*ṭʰê*	*têê(-re/-ti)*	*têr-ti*	*tiː-re*
**têp*	perto	*têm-bê* ‘de vez’	*i-têp, ja-têp*	—	—	*têp* ‘logo’	*(-ʔ)têp*	*(-ʔ)tip*
**têk*	jogar flecha que richocheteia	*têk*	*têk*	—	—	*têk*	*(-ʔ)têk*	*(-ʔ)tik*
**têr*[293]	açaí	—	—	—	—	*têr(-re/-ti)*	*têr-ti*	*tir-re*
**ti*	grande (*sufixo aumentativo*)	*-ti*	*-ti*	*-ci*	*-ci*	*-ti*	*-ti*	*-tẹ*
**pyti* **pytir*	sonhar	*pyti* *pytir*	ANTIC *a-mỹti* *pi-mtir ~ -mnd-*	*wyti-re* N/A	—	N/A 3 *h-õtir*	*pyti* *pytir*	ANTIC *a-mtẹ* *(-j)pẽ̦-mtẹr*
**tik*	barriga	*tik*	—	*ṭʰik*	—	*tik* ‘grávida’	*(-ʔ)tik* ‘grávida’	*(-ʔ)tẹk* ‘grávida’
**pytĩ*	pesado	*pytĩ*	*pytĩ*	*wytĩ*	—	*putĩ-ti*	*pytĩ*	*pạtẽ̦ː*
**-tĩ* **-cĩk*	entrelaçar	*ñi-ʔĩk* ‘ornamentos’	—	—	—	*həhik-ti* ‘corda do branco’	*aʔ-tĩ* *jəʔ-hĩk*	*aʔ-tẽ̦* *jəʔ-hẽ̦k*

[293] Cognato externo: PA **tiri // *tiːri* ‘tipo de coco’ (Xavánte *tiri // tiːri* ‘bacuri’, Akwẽ-Xerénte *tri-kwa tom-rê*).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**a-tĩ* **jə-cĩk*	espirrar	—	*aʔ-cĩ* *cə-ʔĩk*	—	—	*t-atĩ* N/A	*aʔ-tĩ ~ aʔ-cĩ* *jəʔ-hĩk*	—
**tĩr*	vivo	*tĩn*	*tĩr*	*[ṭʰĩ]* *ṭʰĩr*	—	*tĩr*	*(-ʔ)tĩr*	*(-ʔ)tẽ̱r*
**tjêr* **tjêt*	queimar	*cêr* *cêt*	*cêr* *cêt*	*[sêt]* *sêt*	*[têt]* *têt*	*[cêt]* *cêt*	*[(-ʔ)cêt]; to cêr* *(-ʔ)cêt*	*[(-ʔ)cit]* *(-ʔ)cit*
**mbjê(C)tjêt*	raia, arraia	*mjêcêt*	*mbrê(r,n)cêt*	*jênsê-ci*	—	*cêcêt-re*	*cêwcêt*	*cêwcêt*
***/n/**								
**nda*	chuva	*na*	*nda*	*nda*	*nda*	*ta* ‘chuva que vem, inverno’	*ta*	*ta*, K. *taʔ-tẹ̱*
**ndap*	azedo, maduro	*nap* ‘azedo’	—	—	—	—	—	*(-n)tap*
**kundap*	jeju	*kunap*	*kundap-ti ~* *ŋgôndap-ti*	—	—	*kutap-ti*	Krahô *kutap*	—
**ndət*	tocar de leve	—	*ndət*	—	*kajkʰwa-ndət-* *jajti-ṭʰu* ‘norte, sul’	*tət*	*(-ʔ)tət*	*(-ʔ)tət*
**ndət*	cintura	*nət*	—	*kʰrat-ndət*	—	—	*(-n)tət*	*(-n)tẹ̱t*
**nə̃*	mãe	*nə̃*	*nə̃*	*nə̃*	—	*a-nə̃* ‘mãe de outra pessoa’	*a-nə̃* (2)	—
**pynə̃* **pynə̃r*	rastrear, andar atrás	*pynə̃* *pynə̃r*	—	—	—	—	*pynə̃* *pynə̃r*	—
**ka(p)nə̃* **ka(p)nə̃r ~ *-ñ*	dar pontapé	*kanə̃* *kanə̃r*	—	—	*kanə̃* *kanə̃r*	—	*(-ʔ)kamnə̃* *(-ʔ)kamnə̃n*	*(-ʔ)kãmnə̃* *(-ʔ)kãmnə̃n*
**ndŷ*	novo	*ny*	*ndyw*	*ndyp*	*ndyp*	*(-n)tû*	*(-n)tû*	*(-n)tọ̱w*
**ndo*	filhote de pássaro	*no-re*	*ndoː-re*	*ndo*	—	—	*(-n)to-re*	*(-n)toː*
**ndo(p-)*	olho	*no*	*ndo(p-)*	*ndo*	*ndo*	*to*	*(-n)to*	*(-n)to*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**ñĩndo*	ponta, fim	*ñino*	*ʔ-indo* ‘riacho, pântano’	*ñĩndo*	*kajkʰwa-ñĩndo* ‘oeste’	*jito* ‘cabeceira do Praialto’	Krahô *jito* ‘broto’	*ję̃to* ‘ponta; palmito’
**jando* **jandor*	enviar	*jano* *janor*	*jando* *jandor*	*jando* *jandor*	—	*jato* ‘motivar’ *jator*	*jato* ‘convidar’ *jator*	*jato* ‘convidar’ *jator*
**kundo* **kundor*	perseguir, caçar	*kuno* *kunor*	ANTIC *a-kundo* *pi-kundor*	—	ANTIC *a-kndo* N/A	ANTIC *a-ktor* *aj-pi-ktor*	*kuto* ‘sair.PL’ *kutor*	*kọto* ‘sair’ *kọtor*
**ndot*	umbigo	*not*	*ndot*	*ŋgrôt-ndot-ka-hwa* ‘Três Marias’	—	*jõntot*	*jõntot*	*(-n)tot; jõntot*
**ndoc*	pular	*noc* ‘mergulhar’	—	—	—	*ntoj* ‘pular’, *ntojtoj* ‘correr’	*(-n)toj*	*(-n)tos*
**nõ* **nõr*	estar deitado.SG	*nõ* *nõr*	*nõ* *nõr*	*nõ* *nõr*	*nõ* N/A	*nõ* *nõn*	*nõ* *nõr*	*nõ* *nõr*
**ñĩndô*	torso	*ñinô-kə* ‘camisa’	*ñindô*	—	—	*jitô* ‘costela’	*jĩtô*	*ję̃tu*
**pundu*[294]	ruim	*punu*	*punduj*	*wyndu* ‘machucar-se’	*wyndu* ‘cortar-se’	—	—	—
**kupndwâ* **kupndwâñ*	lamber	*kunwâ* *kunwâñ*	*kundwâ* N/A	—	—	—	*(-ʔ)kũmtwâ* *(-ʔ)kũmtwân*	—
**ñĩndwâp*	olho de palmeira	—	*ñindwâp*	—	—	*jitwâp*	Krahô *jitwâp*	*ję̃twyp*
**ndwân*	caramujo	*nwân*	*ndwân*	—	—	*twân*	Krahô *twân*	—
**ñĩndwâc*	pulso	*ñinwâc*	*ñindwâc*	—	—	*jãmtyjẽ̌*	*jũntyj*	*jǫ̃mtys*
**ñĩnde*	bochecha	*ñine* ‘maçã do rosto’	*ñinde*	—	—	—	*jĩte*	*ję̃te*
**ndep*	maduro	*nem*	*ndep*	*ndep* ‘vermelho’	*ndep*	—	*(-n)tep*	*(-n)tep*

[294] Cognato externo: PJM **pandô* ‘torto’.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**nẽ*	e.MS	*nẽ*	*nẽ*	*nẽ*	*nẽ*	—	*nẽ*	*nẽ*
**(c)anẽ* **(c)añỹr*	fazer assim, dizer assim	*anẽ* *añỹr*	*anẽ* *añỹr*	*nẽ* *ñỹr*	—	*(h)anẽ* *hajỹr*	*hanẽ* *hajỹr*	*hãnẽ* *hajɨ̃r*
**apnẽ*	CTPT	*amrẽ*	*amnẽ*	*amnẽ*	*amnẽ*	*amnẽ*	—	*amnẽ*
**ndê*	lontra	*nê*	*ndê*	—	*ndê*	*tê(-re/-ti)*	*têt(-re/-ti)* Krahô *tê-re*	—
**jandê*	espremer	*janê* *janêñ*	*jandê* *jandêñ*	*jandê* *jandên*	*jandê* *[jandêr]*	*jatê* *jatên*	*jatê* *jatên*	*jati* *jatin*
**pyndê*	segurar	*pynê* *pynêñ*	*pyndê* *pyndêñ*	(?) *wynde* ‘abraçar’ *wynden*	—	3 *h-õtê* *h-õtên*	—	*pɨ̨ti* *pɨ̨tin*
**ndi ~ *ndî*	mulher	*ni-re, ni-*	*ndi*	*mẽ-ndi-jê* ‘mulher’	*kra-ndi* ‘filha’	*ntî* ‘esposa (viva), fêmea’	*(-n)tî* ‘vagina’	*mẽ-ntɛj-kati-ji* ‘moças’
**nĩ* **nĩñ*	transar	*nĩ* *nĩñ*	*nĩ* *nĩñ*	*nĩ* *nĩn*	—	*nĩ* *nĩn*	*nĩ* *(-)nĩn*	*nɛ̨̃* *nɛ̨̃n*
**kunĩ*	todos	*kuni*	—	*kunĩ*	*kunĩ*	*kunĩn*	*(-ʔ)kunẽa*	*(-ʔ)kɵnɛ̨̃*
***/d/**								
**jaduj*	curto	*jaduj*	*o-ʔatuj* ‘logo’	—	—	—	*jatuj*	*jatɵ̨s*
***/r/**								
**jara*	pena de voo, asa	*jara*	*jara*	*jara*	*jara*	*jara*	*jara*	*jara:*
**jara-kre*	axila	*jara-kre*	*jara-kre*	—	—	*jar-kre*	*jara-k^{h}re*	*jara:-k^{h}re:*
**kura* **kurañ*	bater	*kurwa* *kurwañ*	*kura* *kurañ*	*kura* N/A	*kura* *[kura]*	*kôra* ‘matar a paul.’ *kôran*	*(-ʔ)kura* ‘matar’ *(-ʔ)kuran*	*(-ʔ)kɵ̨:ra* *(-ʔ)kɵ̨:ran*
**para*	tarde, crepúsculo	*para*	—	*hwara*	*hwara ~ hwar*	—	—	*paraʔ-kə̃m*
**rat*	grande	*rac*	*rac*	—	—	—	*(-)rat-ti*	*(-j)rat*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**karə*	veado catingueiro	*karə*	*karə*	*karə*	—	*karəj-re*	*karə*	*karə*
**jar-rə*	saliva	—	*ja-rə*	—	*ja-rə*	*jara-rə̂-ti* ‘babão’	*jar-rə ~ jari-rə*	—
**rərə ~ *rər*	pau de fogo	*rərə*	—	—	—	*rər*	*rər*	—
**rəm*	amescla-aroeira; resina	*rəm*	*rəm*	*rom*	—	*rəm*	*rəm*	—
**rərər*	amarelo, laranja	*rərər*	*rərər*	*rərər*	—	*aw-rərər* ‘alvorada’	*(-)rəːrə* ‘de manhã cedo’	*(-j)rəːrəː* ‘de manhã cedo’
**pyrək*	parecer	*pyrək*	*pyrək*	*wyrək*	—	*purak*	*pyrək*	*pə̨rək*
**rə̃*	flor	*rə̃*	*rə̃*	*rə̃*	*rə̃*	*rə̃*	*(-)rə̃*	*(-j)rə̃*
**rə̃(j)*	filhote de peixe	*tep-rə̃-re*	*rə̃*	—	—	*rə̃j*	—	—
**rə̃rə̃k*	trovejar	*rə̃rə̃k*	—	—	—	*rə̃rə̃k* ‘pisar’	*jəw-rə̃ːrə̃k*	*rə̃ːrə̃k*
**(a-)rə̂*	já	*arə̂m*	(?) *ra*	*arə̂*	*arə̂*	*rə̂*	*rə̂*	*ryʔ-mə̃*
**kurə̂ (~ *kurû ~ *kurwə̂)*	liso, escorregadio	*kurû*	*kurə̂*	—	—	*kurə̂*	*kuwrə̂*	*(-ʔ)kə̨ːry*
**karyr*	brilhante	*karyr* ‘claro; infecção de pele’	*karə̂r*	*karyr* ‘transparente’	*karə̂r* ‘transparente’	*karyr*	—	—
**ry*	comprido	*ry*	*ry*	*ry*	*ry-ci-re; ryk*	—	*(-)ry*	*(-j)rə̨ːʔ-tę̣*
**ro-ti*	sucuri	*ro-ti*	*ro(ʔ)-ti*	*ro-ci*	—	*ro-ti*	*roʔ-ti*	*roʔ-tę̣*
**rop*	onça	*rop*	—	*rop*	*rop*	*rop*	*rop*	*rop*
**jarop *ñ̃jarop*	muco nasal	*ñijarop*	*jarop ñijarop*	—	—	—	*jĩjarop*	*ję̃jarop*
**puror*	fino, raso	*pror; -puror* ‘fraco, frágil’	*ñi-pror* ‘fatia de carne’	—	—	*puror-re*	*puror*	*pə̨roːˑ-re*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**rõñ ~ *roñ*	macaúba, tucum	*roñ* ‘tucum *sp.*’	*roñ ~ rõñ* ‘macaúba’	—	—	*ron-ti* ‘tucum’	*rõn(-re/-ti)* ‘tucum’	*ron-hək (~ rən-)* ‘macaúba’
**karõ*	imagem, espírito	*karõ*	*karõ*	*karõ*	*karõ*	*karõ*	*karõ*	*karõ:*
**karõrõ*	roncar	*karõrõ*	*karõrõ*	—	*karõrõ*	*karõr(õ)*	*karõrõ* ‘farejar, grunhir’	*karõ:rõ:*
**rõr*	coco	*rõn*	*rõr*	—	—	*rõ-ti*	*rõr-*	*rõ:-*
**jarô*	curvado	*tu-jarô* ‘grávida’	*jarô*; *tu-jarô* ‘grávida’; *akrə-jarô* ‘montanha’	*ṭu-jarô* ‘grávida’	—	*jarô* ‘arqueado’	*jarô*	*jaru:-re*
**krerô*[295]	cará	—	—	(?) *ŋgerô*	—	*krerô*	*kʰrẽrô*	*kʰreru*
**rôrô ~ *rôr*	cupinzeiro	*rôrô*	*rôr*	—	*rôrô*	*rôr*	*rôr; rôrôt-re*	*ru:rut-re*
**rôrôk*	cair.PL, descer.PL	*rôrôk*	*rôrôk*	—	—	*rôrôk-cə* ‘lugar de pescar’	*(-)rôrôk*	*(-j)ru:ruk*
**karôt*	esforçar-se	*karôt* ‘espremer’	*karôt*	—	—	—	*karôt*	—
**ĵôrôr*	bico-de-brasa	(?) *curur*	*côrôr-re*	—	—	*côrôr-ti*	*côrôrô-ti*	—
**ru* **ruñ*	despejar, derramar	*ru* *ruñ*	*ru* *run*	*ru* *run*	*ru* *ruj*	*ru* *[rur]*	*ru* *(-)run*	*rọ* *(-j)rọn*
**rũm*	A BL	*ku-rũm*	*rũm*	*rũm*	*rũ*	—	*rũm*	*rọ̃m*
**rũñ*	grande	*rũñ*	*rũñ*	—	—	*rũn-ti*	—	*(-j)rọ̃n*
**rwâ-ci*	costela	*rwâ-ʔi*	*vrâ, vry-ʔi*	—	—	—	*ji-wrâʔ-hi*	—
**rû* **rwâk*	descer	*rû ~ rwâ* *rwâk*	*vrâ* *vrâk*	*rwâ* *rwâk*	*rwâ* *[rwât]*	*a-wrâ* ‘chuva, inverno’	*wrâ* *(-)wrâk*	*ry* ‘chover’ *(-j)ryk*

[295] Cognato externo: Panará *krejə:*.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**re* (F) NF = ?	abandonar	(?) *ñi-re* *[ñi-rer]*	*re*	—	—	*re* ‘boiar descendo’ *[ren]*	*re* *[(-)rer]*	*(-j)re* ‘ultrapassar’
**-re*	DIM	*-re*	*-re*	*-re*	*-re*	*-re*	*-re*	*-re*
**kaj-rer*	reto	*kaj-rer*	—	—	—	*kaj-rer*	*kaj-rer-ti*	—
**rerek*	macio; carne atrás das costelas	*rerek*	*rerek ~ rere*	*a-rerek* ‘lamaçal’	—	*rerek*	*(-)rerek*	*(-j)re:rek*
**rẽ* **rẽñ*	arremessar.PL	*rẽ* *rẽñ*	*rẽ* *rẽñ*	*rẽ* *rẽn*	*rẽ* *rẽj*	*rẽ* *rẽn*	*rẽ* *(-)rẽn*	*rẽ* *(-j)rẽn*
**jarẽ* **jarẽñ*	dizer, contar	*jarẽ* *jarẽñ*	*jarẽ* *jarẽñ*	*jarẽ* *jarẽn*	*jarẽ* *jarẽj*	*jarẽ* *jarẽn*	*jarẽ* *jarẽn*	*jã:rẽ* *jã:rẽn*
**kurẽ* **kurẽñ*	excitar-se sexualmente	*kurẽ*	*kurẽ* *kurẽñ*	—	—	*kurê* *kurên*	*kurẽ*	*kọ:rẽ*
**rê* **rêr*	nadar, atravessar	*rê* *rêr*	*rê* N/A	*rê* *rêr*	*rê* *rêr*	*rê* *rêr*	*(-)rê* *(-)rêr*	*(-j)ri:*
**jarê*	raíz	*jarê*	*jarê*	—	*jarê*	*jarê*	*jarê*	*jari:*
**jarê* **jarêñ*	desenterrar.SG	*jarê* *jarêñ*	*jarê* *jarêñ*	*jarê* *jarên*	—	*jarê* *jarên*	*jarê* *jarên*	*ja:ri* *ja:rin*
**karê* **karêr ~ *karê*	capinar	*karê* *karêr*	*karê*	—	*kahrê* *kahrêhrê*	*karê* *karêr*	*(-ʔ)karê* *(-ʔ)karêr*	*(-ʔ)ka:ri*
**kurê*	não gostar	*kurê*	*kurê*	—	—	*kurê*	*kurê*	*kọri*
**karên*	fumo	*kariñ-ô*	*karên (~ -ñ, -ẽ-)*	*karên*	*karêt*	—	—	*karin*
**ri*	LOC	*ri*	*ri*	*ri*	*ñĩhôk-ri* ‘no meio’	*jõ-rĩ* ‘onde’	*ri*	*rẹ*
**rĩt*	olhar	*rĩt*	*rĩt*	*rit*	*rit*	*rĩt*	*(-)rĩt*	*(-j)rẹ̃t*
**jarĩ*	pular, levantar	*jarĩ*	*jarĩ*	*jarĩ*	—	*jarĩ* *[jarĩn ~] jarĩ*	*jarĩ* ‘levantar’	*jã:rẹ̃*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**arĩk*	ficar, permanecer	*arĩk* ‘à toa’	*arĩk* [*cərĩk*]	*arĩŋ* ‘ficar; qualquer’	—	*arĩk*	*(-ʔ)karĩk* ‘calmo’	*(-ʔ)kaːrę̃k* ‘calmo’, K. *aːrę̃k-rẹ* ‘abandonado’
**(j)arî*	estar pendurado.PL	*arî*	*arî-cə ~ -ir-cə* ‘rede’	*jarî*	—	*arî-cə* ‘rede’	*jarî*	*jarẹj*
***/c/**								
**pêcə(-re/-ti)*	xexéu	*pêjə-ti*	*pêə-ti*	—	*hwetə-ci*	*pêhə-ti*	*pêhə-ti*	*piːhəː-re*
**kVcə*	cesto	—	*kavə*	*kôsə*	*kutə*	*kəhə*	*kʰəhə*	*kʰəːhəː*
**pijacəm*	envergonhado	*pijaəm*	*pijaəm*	*hwijasəm*	—	*pahə̃m*	*(-ʔ)pahəm*	*(-ʔ)pahəm*
**cək*	ave grande, gavião	*ək*	*ək*	*sək*	*tək*	*hək*	*hək*	*hək*
**kacək*	pseudo-, ruim	*k(a)ək*	*kaək*	*kasək*	*katək ~ kətək*	*kahək*	*-kahək*	*kahək*
**cy*	semente	*ʔy*	*ʔy*	*sy*	*ty*	*hy*	*(-ʔ)hy*	*(-ʔ)hẹ*
**kacy*	amendoim	*kay-re*	*kay*	*kasy-mbetʲ*	*katy*	*kahy*	*kahy*	*kaːhẹ*
**kucy*	fogo	*k(u)wy*	*kuvy*	*kusy*	*kuty*	*kuhy*	*kuhy*	*kọhẹ ~ kẹhẹ*
**pêrcy ~ *bêrcy*	ferrão	—	*pêry*	—	—	*pêrhy*	*(-ʔ)pêrhy*	*(-ʔ)pirhẹ*
**cy* **cyr* **kacy* **kacyr*	tecer	 *kay* *kayr*	*y* *yr* *kay* N/A	—	—	*hy* *hyr* *kahy* *kahyr*	Krahô *hy* *(-ʔ)hyr*	*hẹ* *(-ʔ)hẹr* *kahẹ* *kahẹr*
**jacy* **jacyr*	fazer cortes profundos	*jay* *jayr*	*jay* *jayr ~ jayk*	*jasy* N/A	—	—	*jahy* *jahyr*	*jahẹ* *jahẹr*
**kacõ* **kacõñ*	lavar (*mole*)	*kaʔõ* *kaʔõñ*	*kaʔõ* *kaʔõñ*	—	—	—	*(-ʔ)kaʔhõ* *(-ʔ)kaʔhõn*	*(-ʔ)kaʔhõ* *(-ʔ)kaʔhõn*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kucõ* **kucõñ*	lavar (*duro*)	*kuʔõ* *kuʔõñ*	*kuʔõ* *kuʔõñ*	*kusõ* *kusõn*	*kutõ* *kutõj*	*kuhõ* *kuhõn*	*(-ʔ)kuʔhõ* *(-ʔ)kuʔhõn*	*(-ʔ)kọʔhõ* *(-ʔ)kọʔhõn*
**cô*	folha, pelo	*ʔô*	*(ʔ)ô*	*sô*	*tô*	*hô*	*hô*	*(-ʔ)hu*
**cicô*	tonsura	*ijô*	—	—	—	*hihô*	—	—
**cô* **côr*	comer coisa macia	*ʔô* *ʔôr*	*ʔô* *ʔôr*	—	—	*hô* *hôr*	*hô* *(-ʔ)hôr*	*(-ʔ)hu* *(-ʔ)hur*
**kacô* **kacôr*	chupar	*kaô* *kaôr*	*kaô* *kaôr*	(?) *kasô* ‘rezar’ *kasôr*	*katô* ‘beijar’ *katôr*	*kahô* *kahôr*	*kahô* *kahôr*	*kahu* *kahur*
**kacôcô* **kacôcôr*	chupar	—	—	—	*katôtô* ‘beijar’ *katôtôr*	*kahôhô* N/A	—	—
**pijacô*[296] **pijacô(r)*	amamentar	—	*pijaô* *pijaô*	—	—	—	*pijahô* *pijahôr*	*pẹjahu* *pẹjahur*
**côj-re*	curica	*oj-re*	*õj-re*	—	—	*hôj-re*	*hôj-re*	*huj-re*
**côk*	seiva	*bâr-ôk*	*ʔôk* ‘esperma’	*sôk*	—	*hôk* ‘rim’	*(-ʔ)hôk*	*(-ʔ)huk*
**côk*	pintar	*ʔôk*	*ʔôk*	*sôk*	*tôk*	*hôk*	*(-ʔ)hôk*	*(-ʔ)huk*
**jacôk*	aguado; piriri	*jaôk*	*jaôk*	—	—	*jahôk*	*jahôk*	*jahuk*
**ñĩcôt*	ponta, fim	*ʔe-ñôt*	*ñijôt*	—	—	*jihôt*	*jihôt*	*ję̃hut*
**pucu*	carapanã, mutuca	*pu-re*	*pu*	—	*hutu*	*puhu-re*	*puhu(-re/-t-ti)*	—
**kacwa ~ *kacû*	pilão	*kawa*	*ka(ʔ)û*	—	—	*kahû*	*kahû*	*kahọw*
**cû* **cwâr*	pedir	*ʔû* *ʔwâr*	*vâ* *vâr*	—	—	*wâ* N/A	*wâ* *(-ʔ)wâr*	*wy* *(-ʔ)wyr*
**cwâr*	ALL	*ʔâr / -wâr*	*vâr*	*swâr* ‘em busca’	*twâr* ‘em busca’	*wâr*	*(-ʔ)wâr*	*(-ʔ)wyr*

[296] Cognato externo: Panará *pisasôw* ‘amamentar’.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**jacũm*	migalhas, pó, restos	*jaũm*	*jaũm*	(?) *hwĩ jasũm* ‘tipo de abelha’	—	—	Krahô *jahũm*	*jaʔhm̥̀m*
**ñĩce*	redondo	*ñe* ‘curto’	—	*ñĩse*	—	*jihe*	—	—
**cê*	aranha	*ê-ti*	*eː(-re/-ti)*	—	*tê*	*hê(-re/-ti)*	Krahô *hê-ti*	*hiː(-re/tę)*
**jacê*	ninho	*jaê*	*ja(ʔ)ê*	—	—	—	*jahê*	*jaːhi*
**jacê* **jacêr*	espantar, caçar	*jaê* *jaêr*	*jaê* *[jaê]*	*jasê* N/A	—	*jahê* *jahêr*	*jahê* *jahêr*	*jahi* *jahir*
**kucê*	furúnculo	*kuwê*	*kuvê*	—	—	—	*kuhê*	*kǹ̥hiː*
**kucê*	ficar em pé.PL	*kuʔê*	*kuʔê*	*kusê*	—	*kuwê*	*(-ʔ)kuʔhê*	*(-ʔ)kǹ̥ʔhi*
**cêc*	mentir	*ʔêc*	*ʔêc*	*sêt*	*têt*	*hêj*	*(-ʔ)hêj*	*(-ʔ)his*
**ci*	osso	*ʔi*	*ʔi*	*si*	*ti*	*hi*	*(-ʔ)hi*	*(-ʔ)hę*
**jacĩ*	tipoia	*jaĩ* *kaĩ*	*jaĩr* *kaĩ*	—	—	*jahĩ*	*jahĩ*	*jahę̃ː*
**ñõjacĩ*	vomitar	*ñõjãĩ*	*ñõjaĩ-ri*	—	—	—	*jõjahĩr*	*jõːjaːhę̃*
***/ñ/**								
**nĵa* **nĵar*	morder	*ñã* *[ñãñ]*	*nĵa* *nĵar*	*nta* N/A	*nta* *ntaj*	*(-n)ca* *(-n)car*	*ca* *(-n)car*	*ca* *(-n)car*
**jupnĵa* **jupnĵar*	roer	*ĵumjã* *[ĵumjãñ]*	*cumnĵa* *cumnĵar*	—	—	*jũmca* *jũmcar*	*jũmca* *jũmcar*	*jumca* *jumcar*
**kapnĵa* **kapnĵar*	mascar, mastigar	*kamjã* *[kamjãñ]*	*kamnĵa* *kamnĵar*	—	—	*kə̃mca* *kə̃mcar*	*(-ʔ)kãmca* *(-ʔ)kãmcar*	*(-ʔ)kãmca* *(-ʔ)kãmcar*
**a-kunĵa* **bi-kunĵar*	sorrir	—	*a-kunĵa* *pi-kunĵar*	—	—	—	*a-kca* *(-)pi-kcar*	*a-kca* *(-j)pę̀-kcar*
**nĵəj*	pica-pau	*ñəj*	*nĵəj*	—	*ntəj*	*cəj(-re/-ti)*	*cəj*	—

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**nĵy* **apnĵy*	marimbondo, caba	*amjy*	*nĵy* *amnĵy*	*amnty*	*amty*	*amcy*	*(-n)cy* *amcy*	*(-n)cạ:* *amcạ:*
**nĵô* **nĵôr*	pendurar.SG	*ñô* *ñôr*	*nĵô* *nĵôr*	*ntô* *ntôr*	*ntô* *ntôr*	*(-n)cô* *(-n)côr*	*cô* *(-n)côr*	*cu* *(-n)cur*
**janĵô* **janĵôr*	pendurar.PL	*jañô* *jañôr*	*janĵô* *janĵôr*	*jantô* *jantôr*	—	(?) *jacô* ‘tecer palha’	*jacô* *jacôr*	*jacu* *jacur*
**apnĵô*	rato	*amjô*	*amnĵô*	*amtô*	*amntô*	*amcô-re*	*amcô*	*amcu:*
**nĵôñ*	urubu	*ñôñ*	*nĵôñ*	—	*ntwâj-ho-ci*	*côn*	*côn*	*cun*
**nĵôpnĵôp*	coceira	*[mj]ômjôp*	*nĵômnĵôp ~ nĵôpnĵôp*	*ntômntôm*	*ndôndôp*	*côpcôp*	*côpcôp*	*cumcup*
**nĵu* **nĵuñ*	secar no sol	*ñu* *ñuñ*	*nĵu* N/A	—	—	—	*cu* *(-n)cun*	—
**nĵũm*	sujo	*ñũm* ‘turvo’	*ñũm* ‘turvo’	*ntum*	—	*(-n)cũm-re*	*(-n)cũm*	*(-n)cm̰*
**nĵũm*	saburá	*ñum-re* ‘mel com farinha’	*ñũm*	—	—	—	*(-n)cũm*	—
**kanĵû* **kanĵwâr*	furar, picar	*kañû ~ kañwâ* *kañwâr*	*kanĵwâ* *kanĵwâr*	—	—	*kacwâ* *kacwâr*	*kacwâ* *kacwâr*	*kacwy* *kacwyr*
**kapnĵû* **kapnĵwâr*	furar, picar	*kamjû* *kamjâr*	*kamnĵwâ* *kamnĵwâr*	—	—	*kə̃mcwâ* *kə̃mcwâr*	*(-ʔ)kamcwâ* *(-ʔ)kamcwâr*	—
**py(p)nĵû* **py(p)nĵwâr*	colocar em pé.PL	*pymjû* *pymjâr*	*c-unĵwâ* *c-unĵwâr*	*wyntwâ* *wyntwâr*	—	*pycwâ* *pycwâr*	*pycwâ* *pycwâr*	*pạcwy* *pạcwyr*
**nĵwâk*	sabiá	*ñwâk*	*nĵwâk*	—	(?) *nduak-ci*	*cwâk*	*cwâk*	—
**nĵek*	pregar, derrubar	—	*nĵek* ‘acertar’	(?) *ntek* ‘macio’	—	—	*(-n)cek* ‘acutilar’	*(-n)cek*
**nĵê* **nĵêr*	beliscar	*ñê* N/A	*kənĵê [~ kəcê]* N/A	—	—	*cê* *cêr*	*cê* *(-n)cêr*	*ci* ‘arranhar’ *(-n)cir*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kapnĵê* **kapnĵêr*	gemer	*kamjê* ‘gritar’ *kamjêr*	*kamnĵê* *kamnĵêr*	—	—		*(-ʔ)kamcê* ‘doer’ *(-ʔ)kamcêr*	*(-ʔ)kamci* ‘doer’ *(-ʔ)kamcir*
**kupnĵê* **kupnĵêr*	fazer cócegas	*kumjê* *kumjêr*	—	—	—		*(-ʔ)kũmcê* *(-ʔ)kũmcêr*	
**kanĵê*	estrela	*kañê-ti-re*	*kanĵê*	*kantê-ci*	*kantê-ci*	*kacê-re* ‘lua, estrelas’	*kacê*	*kaci:-re/-tę*
**kanĵê* **kanĵêr*	enganchar, segurar	*kañê* *kañêr*	*kanĵê* *kanĵêr*	—	*kantê* N/A	*kacê* *kacêr*	*kacê* *kacêr*	—
**nĵêp*	morcego	*ñêp*	*nĵêp*	*têp-ci*	*ntêp*	*cêp-ti*	*cêp(-re/-ti)*	*cip-re*
**nĵi*	mãe	*ñir-wa* (voc.)	—	—	*nti-rê*	*(-n)ci*	*(-n)ci* (3)	*(-n)cę:*
**janĵi* **janĵir*	pegar e levantar	*jañĩ* *[jañĩñ]*	*janĵi* ‘agarrar.MASS’ *janĵir*	*janti* ‘receber’ *jantir*	*janti* *jantir*	—	N/A *jacir* (*de líquido*)	—
**ñĩnĵi*	esposa	*ŋ-iĵi* (*termo triádico*)	—	—	—	*jici* ‘esposa (*viva*)’	*jĩci* ‘esposa’ (*fala quem não é parente*)	*ję̃:cę:*
***/ĵ/**								
**ĵa*	caule, videira	*ĵa*	*ca* ‘fibra de palmeira’	—	—	—	*ca*	*ca:* ‘maniva’
**ĵa* **ĵãm*	ficar em pé.SG	*ĵa* *ĵãm*	*ca* *cə̃m*	*ta* *tãm*	*ta* *tãw*	*ca* N/A	*ca* *cãm*	*ca* *cãm*
**ĵa* **ĵar*	colocar em pé.SG	*ĵa* *ĵar*	*ca* *car*	*ta* *taj*	—	*ca* *car*	*ca* *[cãm]*	*[cãm]* *[cãm]*
**ĵa*[297]	IRR, PROSP	*ĵa*	—	—	—	—	—	—
**ñĩja-kre*	nariz	*ñija-kre*	*ñija-kre-tə̂c* ‘nariz congestionado’	*ñja-k^{h}re*	*ñĩja-k^{h}re*	—	*jĩja-k^{h}re*	*ję̃ja-k^{h}re:*

[297] Cognato externo: PA **ĵa* ‘PROSP’ (Xavánte *ĵa*, Akwẽ-Xerénte *za*).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**ja-kə*	beiço	*ja-kə*	—	—	—	*ja-kə*	*jaʔ-kə*	*jaʔ-kə*
**jar-ci*	mandíbula	*ja-i* ‘bochecha’	—	*jaj-si* ‘bochecha’	—	*ja-hi*	*ja-hi*	*jar-hẹ*
**ĵə*	recipiente, nome de lugar	*ĵə*	*cə*	*tə*	*tə*	*cə*	*cə*	*cə*
**ĵə*	dor, doer	*ĵə*	*cə*	*tə*	*tə*	*cə*	*cə*	*cə*
**ĵə*	urina, bexiga	*ĵə*	*cə*	—	—	*cə*	*jə-cə*	*cə:*
**ĵə* **ĵər*	inserir.SG	*ĵə* *ĵər*	*cə* *cər*	*tə* *tər*	*tə* N/A	*cə* *cər*	*cə* *cər*	*cə* *cər*
**aĵə* **ĵər*	entrar.SG	*w-aĵə* *ĵər*	*acə* *cər*	*atə* *tər*	*atə* *tər*	*[cə]* *cər*	*acə* *cər*	*a:cə* *cər*
**jaĵə* **jaĵər*	inserir, vestir	*jaĵə* *jaĵər*	*jacə* *jacər*	*jatə* *jatər*	—	(?)*jacə* ‘pegar água’ *jacər*	*jacə* *jacər*	*jacə* *jacər*
**aĵə-ti*	veado mateiro	*aĵə-ti* (dial.)	*acəʔ-ti*	—	—	—	—	*a:cə(-re/-ʔtẹ)*
**kaĵət*	algodão	*kaĵət*	*kacət*	*katət*	*katət*	*kacət*	*kacət*	*kacət*
**ĵəñ*	doce, gostoso	*ĵəñ*	*cəñ*	*tən*	—	*cən*	*cen* (3 *h-ən*)	*cen* (3 *h-ən*)
**ĵâ*	amargo	*ĵâ*	*câ*	—	(?) *tâ* ‘untar’	*câ*	*câ*	*cy*
**kuĵâ*	catinga	*kuĵâ*	*kucâ*	*kutâ*	*kutâ*	*kucâ*	*kucâ*	*ku:cy* (K. *kọ:cy)* ‘cachaça’
**ĵy*	deslocar-se	*ĵy*	*cy*	*ty* ‘mudar-se’	—	*cy*	—	*cạ*
**ŋ̃ĵaĵy*	veado	*ŋjãĵy ~ ñãĵy*	*ñĩacy*	*ñĩñãty*	*ñĩñəty ~ ñĩaty*	*jacy*	*hĩjacy ~ ŋ̃ĵacy ~ jãcy*	*hẽ̞:jã:cạ*, K. *jã:cạ*
**juĵy*	quebranto, feitiço	*ĵuĵy*	*cucy*	—	—	*jõcy* ‘espírito’	*jũcy*	*jõ:cạ*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**ĵyĵyk~ *ŋĵyŋĵyk*[298]	gafanhoto	—	—	—	—	*cycyk*	*cycyk-re*	*cạcạk*
**ñỹ*	pata, casco	*ñỹ*	*ñỹ* ‘pata’	*ñỹ-* ‘mão’ (*em compostos*)	*ñỹ* ‘garra’; ‘mão’ (*em compostos*)	(?) *jõ-* ‘mão’ (*em compostos*)	(?) *jũ-* ‘mão’ (*em compostos*)	(?) *jə̃-* ‘mão’ (*em compostos*)
**ñỹ* **ñỹr*	estar sentado.SG	*ñỹ* *ñỹr*	*ñỹ* *ñỹr*	*ñỹ* *ñỹr*	*ñỹ* *ñỹr*	*jỹ* *jỹr*	*jỹ* *jỹr*	*jə̃* *jə̃r*
**kaĵŷ*	FND	*kaĵy*	*kacŷ*	*katyp*	*katy*	*kacû*	*kacû*	*kacọw*
**ĵo*	raposa	*ĵo-ti*	*co*	*rop-to-ci*	—	—	*co*	*co꞉* ‘cachorro’, *co꞉-re*
**ñõ*	GEN	*ñõ*	*ñõ*	*ñõ*	*ñõ*	*jõ*	*jõ*	*jõ*
**ñõ*	comida	*ñõ-kwâ-krẽn*	*ñõ*	*ñõ*	—	*jõ*	*jõ*	*jõ(꞉)*
**ñõ*	palmito	*ñõ*	—	—	—	*rõ-jõ*	—	—
**kôkñõ- ~ *-õ-*	ingá	*kôgñõ-kô*	*kõ(ñ)ñõ-kô*	*kõŋñõ-tô-ci*	—	*kukjə̃j-re*	Krahô *kʰôkjõj*	*kʰõkjõ꞉-cu꞉-pər*
**ñõr*	corda, envira	*ñõr*	*ñõr; pər-ñõr*	*wə-ñõr*	—	*jõr*	*jõr*	*h-õr-tẹ*
**kañõk*	ângulo agudo	*kañõk*	—	—	—	*kajõk*	*kajõk*	*kajõk*
**ĵô*	fruta	*ĵô*	*cô*	—	—	*cô*	*cô*	*cu*
**kuĵô* **kuĵôñ*	descascar	*kuĵô* *kuĵôñ*	*kucô* *kucôñ*	—	—	*kucô* *kucôn*	*(-ʔ)kucô* *(-ʔ)kucôn*	*(-ʔ)kọʔcu* *(-ʔ)kọʔcun*
**kaĵô* **kaĵôñ*	rasgar	*kaĵô* *kaĵôñ*	*kacô* *kacôñ*	—	—	*kacô* *kacôn*	*(-ʔ)kacô* *(-ʔ)kacôn*	*(-ʔ)ka꞉cu* *(-ʔ)ka꞉cun*
**ĵôm*	grão; socar	*ĵôm*	*côm*	(?) *sô-tôm-ci* ‘farinha’	(?) *tô-tôw-ci* ‘farinha’	*côm*	*côm*	*cum* ‘esmiuçar-se’
**ĵôt* **ñĩ-ĵôt*	pênis	*ñi-ĵôt*	*côt*	—	—	*côt*	*ji-côt*	*jə̃-cut*

[298] Cognato externo: PA **ĵy꞉ĵyky // *ĵyĵy* ‘gafanhoto’ (Xavánte *ĵy꞉ĵyʔy // ĵyĵy*, Akwẽ-Xerénte *zyzy*).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**puĵu* **puĵur*	esconder	*puĵu* *puĵur*	ANTIC *a-mũcu* *pi-mcur ~ -mnĵ-*	—	—	ANTIC *a-mcu* *aj-pi-mcur*	ANTIC *a-mcu* *(-)pĩ-mcur (~ -i-)*	ANTIC *a-mcọ* *(-j)pẽ̦-mcọr*
**kaĵu* **kaĵur*	bicar	*kaĵu* *kaĵur*	*kacu* N/A	—	—	*kacu* ‘ciscar’ *kacun*	—	*(-ʔ)ka:cọ* *(-ʔ)ka:cọn*
**a-kĵu* **bi-kĵu*	retesar, flechar	N/A *bikĵu*	—	—	—	*akcu* N/A	—	—
**mbryĵũm*	teju	—	*mbrycũm-ti*	—	—	*prycũm-ti*	*prycũm-ti*	*prạ:cẽ̦m*
**ĵur*	pus	*ĵur*	*cur ~ cu*	—	*tur*	*cur*	*cur*	*cọr*
**ĵwa*	dente	*ĵwa*	*cva*	*twa*	*twa*	*cwa*	*cwa*	*cwa:*
**ĵwa*	azedo	—	*cva*	—	*twa-ci*	*cwa-ti*	*cwa* ‘azedo, salgado’	*cwa* ‘salgado’
**ĵû* **ĵwâr*	tomar banho	*ĵû* *ĵwâr*	*cva* *cvâr*	*twâ* *twâr*	*twâ* *twâr*	*cwa* *cwâr [~ cwan]*	*cwa* *cwâr*	*cwa* *cwyr*
**kaĵwa*	sal	*kaĵwa*	*kacva*	*katwa*	*katwa*	—	*ka:cwa*	*ka:cwa*
**kuĵwa*	cheiro bom	*kuĵwa-re*	*kucva*	*kutwâ*	—	*kucwa*	*kucwa*	*kọcwa:*
**ñõt-ĵwa*	sono	*ñõ(t)-ĵwa*	*ñõ(t)cva*	—	*ñõtwa*	*jõtcwa*	*jõtcwa*	*jõtcwa:*
**jaĵû* **jaĵwâr*	colocar deitado.PL	*jaĵû* *jaĵwâr*	*jacvâ* *jacvâr*	*jatwâ* *jatwâr*	—	*jacwâ* *jacwâr*	*jacwâ* *jacwâr*	*jacwy* *jacwyr*
**ĵwâj*	nora, cunhada	*ĵwâj*	*cvâj*	—	—	*cwâj* ‘cunhada’	*cwâj(-ê)* ‘cunhada’	*(-j)cwyj-ji*
**ĵwâñ*	dono, nome de agente	*ĵwâñ*	*cvâñ*	—	—	*jõ-cwân* ‘responsável pela festa’	*cwân* ‘inimigo’	*jõ:-cwyn*
**kaĵwâñ*	miolo	*kaĵwâñ*	*kacvâñ*	*katvân*	—	*kacwân* ‘conteúdo do ovo’	*kacwân*	*kacwyn*
**ĵũn*	ofender	*ĵũn*	—	*tũn* ‘brigar’	—	*xun*	*cũn*	*cẽ̦n*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**ĵũ(m)*	pai	*ĵun-wa* (voc.)	*cũr*	*tu-rê*	*tu-rê*	*cũm(-re/-ti)* ‘macho’	*cũm* ‘macho’, *h-ũm* ‘pai.3’	*cm̥̃*
**ĵê*	pano, nó	*ĵê* ‘nó, desenho no corpo, artesanato’	*cê*	*tê* ‘fio, nó, rede’	—	*cê*	*cê*	*ci:*
**ñõmĵê*	seio de mulher	*ñõmjê-krə̃* ‘mamilo’	—	—	—	—	—	*jõnci:*
**kuĵêk*	veia	*kuĵêk*	*kucêk*	*kutêk*	—	*kucêk*	*kucêk*	*kn̥cik*
**apĵêt*	tatu-canastra	*apĵêt*	*apcêt*	*asêt-ci*	*atêt-ci*	—	*awcêt* ‘tatu-peba’	*awcit* ‘tatu-peba’
**ĵi* **ĵir*	colocar deitado.SG	*ĵi* *ĵir*	*ci* *cir*	*ti* *tir*	*ti* *tir*	*ci* *cir*	*ci* *cir*	*cẹ* *cẹr*
**ñĩ̃ĵi*	nome	*ñiĵi*	*ñici*	*ñĩ̃nti*	*ñĩ̃nti*	*jici*		
**pyĵi*	um	*pyĵi*	*pyci*	*wyti*	*wyti*	*pycit*	*pycit*	*pạ:cẹt ~ pẹtcẹt*
**ñĩ̃*	carne	*ñĩ̃*	*ñĩ̃*	*ñĩ̃*	*ñĩ̃*	*jĩ̃*	*jĩ̃*	*jẽ̞:*
**-ñĩ̃*	espinho	*mrə̂-ñĩ̃*	*ñĩ̃*	—	—	—	*hôm-jĩ̃*	*hum-jẽ̞:*
**apñĩ̃*	REFL	*amĩ̃*	*amñĩ̃*	*añĩ̃*	*añĩ̃*	*amji*	*amji*	*amjõ̞*
**ñĩ̃n*	fezes	*ñĩ̃n*	*ñĩ̃n*	*ñĩ̃n*	*ñĩ̃n*	*jĩ̃n*	*jĩ̃n* ‘tripa’	*jẽ̞n* ‘fezes, esperma’
**kañĩ̃n*	cérebro, tutano	*kañĩ̃n*	*kañĩ̃n*	—	—	*krə̃-kəjĩ̃n*	*kajĩ̃n*	*kajẽ̞n*
***/j/**								
**jət*	batata-doce	*jət*	*jət*	*jət*	*jât*	*jət*	*jət*	*jət*
**juñ*	beija-flor	*ñuñ*	*nĵuñ*	*jun*	*juj*	*jũn(-re/-ti)*	*jũn-re*	*jọn-re*
**ñũm*	quem	*ñỹm*, X. *ñũm*	*ñũm* ‘e.DS’	*ñũm*	*ñũw*	*jũm*	*jũm*	*jõ̞m*
**-jê*	COLL	—	—	*-jê*	*-jê*	*-jê*	*-jê*	*-ji*
**ajêt* **jêt*	estar pendurado.SG	*w-ajêt* *jêt*	*ajêt* *jêt*	*[jêt]* *jêt*	*[jêt]* *jêt*	*(n-)ajêt* N/A	*ajêt* *(-)jêt*	*a:jit* *jit*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
***/k/**								
**jaka*	branco	*jaka*	*jaka*	*jakʰa*	*jakʰa*	*jaka(-re/-ti)*	*jakʰa*	*jakʰa:*
**pyka(p-)*	terra	*pyka*	*pyka(p-)*	*hwykʰa*	*hwykʰa*	*pyka*	*pykʰa* ‘terra’; *pykʰa-ti* ‘areia de rio’	*pa̱kʰa:* ‘areia; terra natal’
**cəka*	sucuri	—	*əkaʔ-ti*	—	—	*həka-ti*	*həkʰa*	*həkʰa-tɛ̨*
**kac*	cesto	*kac*	—	—	—	*kaj*	*kʰaj*	*kʰa:s*
**kaj*	coelho	*kaj*	*kaj(-re/-ti)*	—	—	*kaj-ti*	—	—
**kar* **kak*	tossir	*kar* *kak*	*kar* *kak*	—	N/A *kʰak*	*kar ~ kak*	(Krahô *kʰar*) *(-ʔ)kʰak*	*kʰar* *(-ʔ)kʰak*
**kãm ~ kəm*	LOC	*kãm*	*kə̃m*	*kə̃m*	*kə̃w ~ kə̃*	*kə̃m*	*kʰam*	*kʰə̃m*
**kə*	pele, casca, invólucro	*kə*	*kə*	*kʰə*	*kʰə*	*kə*	*(-ʔ)kʰə*	*(-ʔ)kʰə*
**kə*	seio	*kə*	*kə*	*kʰə*	*kʰə*	—	*(-ʔ)kʰə*	*(-ʔ)kʰə*
**kə* **kər*	cantar (*pássaros*), assoviar	*kə* *kər*	*kə* *kər*	N/A *kʰər*	*kʰə* ‘latir, coaxar’ *kʰər*	*kə* *kər*	*(-ʔ)kʰə* *(-ʔ)kʰər*	*kʰə* *(-ʔ)kʰər*
**kə* **kər*	cortar.PL	*kə* *kər*	*kə* N/A	N/A *kʰər*	—	*kə* ‘separar’ *[kən]*	Krahô *(-ʔ)kʰrə̃ʔ-kʰə* *(-ʔ)kʰrə̃ʔ-kʰər* ‘cortar cabelo’	—
**jakə* **jakər*	entalhar.PL	*jakə* *jakər*	*jakə* *jakər*	*jakʰə* N/A	*jakʰə* *jakʰər*	—	—	N/A *jakʰər*
**jəkə*	cocar	*ĵəkə*	*jakə ~ jaʔkə*	—	*təkʰə*	(?) *jakə* ‘talo de palmeira’	—	*jəʔkʰə*
**kəc*	machado, faca	*kəc*	*kəc*	*kʰət*	*kʰət*	*kəj*	*kʰəj*	*kʰəs*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**cakəc*	beira do rio	*akəc*	*akət-cə*	*sakʰət*	—	—	—	*hakʰəs*
**kɐ̂*	pitiú, pixé	*kɐ̂*	*kɐ̂*	*kʰɐ̂*	—	*kɐ̂*	*(-ʔ)kʰɐ̂*	*(-ʔ)kʰy* ‘catinga’
**jakɐ̂c*	lado	*jakɐ̂c*	*jakɐ̂c*	*jakʰɐ̂t*	—	—	*(-ʔ)kʰat-jakʰəʃ̂-hi* ‘ossos pélvicos’	—
**kɐ̂j*, **kəj*	topo, cume	*kəj-rũm*	*kɐ̂j*, *kəc-mə̃*	*kʰyj*, *kʰəj*	*kʰɐ̂j(-rũw)*	*kɐ̂j*, *kəj*	*kʰɐ̂j*, *kʰəj*	*kyj*, *(-ʔ)kʰəj-nə̃* ‘fora’
**kop*	borduna	*kop*	—	*kʰəp*	—	—	*kʰop* ‘cavadeira’	(?) *kʰop-kahək* ‘aroeira’
**par-kop*	unha de pé	*par-kop*	*par-kʰop*	*hwaj-kʰəp*	—	*pari-kop*	*(-ʔ)par-kʰop*	*(-ʔ)par-kʰop*
**ñĩkop ~ *ñỹkop*	garra, unha	*ñikop*	*ñikop*	*ñỹkʰəp*	*ñĩkʰop ~ ñỹkʰop*	*jõkop*	*jũʔkʰop*	*jo̰ʔkʰop*
**jakop*	seguir	*jakop*	*jakop* ‘farejar’	—	—	*jakop*	*jakʰop*	*jakʰop*
**kokot*	cigarra	*kokot*	*ko(ʔ)kot-re*	—	—	*kokot(-re/-ti)*	—	*koʔkot*
**ijkõ* **kõm*	beber	*ikõ* *kõm*	*ickõ* *kõm*	*ikʰõ* *kʰõm*	*ikʰõ* *kʰõw*	*ikõ* *kõm*	*ikʰõ* *(-ʔ)kʰõm*	*e̜jkʰõ* *(-ʔ)kʰõm*
**cwakõ*	quati	*wakõ*	*wakõ*	*swakʰõ*	*takʰõ ~ tôakʰõ*	*wakõ*	*wakʰõ*	*wakʰõ:*
**kõn*	joelho, articulação	*kõn-krə̃*, *pari-kõn*	*kõn*	*kʰõn*	*kʰõn*	*kõn*	*(-ʔ)kʰõn*	*(-ʔ)kʰõn*
**ŋgôkõn*	cabaça	*ŋôkõn*	*ŋgô(ʔ)kõn*	*ŋgôkʰõn*	*ŋgôkʰõ-tə-ci* ‘melancia’	*kõkõn-re*	*kuʔkʰõn*	*kuʔkʰõn*
**kõk*	camaleão	*kõk*	*kõk*	—	*kʰõk-ci*	*kõk(-re/-ti)*	*kʰõk*	*kʰõk*
**kô*	borduna	*kô*	*kô*	*kʰô*	*kʰô*	*kô*	*kʰô*	*kʰu*
**kô*	grupo de árvores	*kô*	*kô*	*kʰô*	—	*kô*	*kʰô*	*(-ʔ)kʰu*
**kô*	coluna, lombar	*kô*	*kô*	—	—	*kô*	*(-ʔ)kʰô*	*(-ʔ)kʰu:*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kô,* **ñĩkô*	chifre	*kô*	—	—	—	*kô*	—	*prə̰ː-kʰuː,* *jə̰̃ːkuː*
**kô*	trevas	*kô*	*kambət-kô* ‘escurecer’	*kʰô-ptĩ*	—	*kô*	*aw-kapət-kʰô*	*aw-kapət-kʰuː*
**jakô* **jakôr*	assoprar, fumar	*jakô* *jakôr*	*jakô* *jakôr*	*jakʰô* N/A	*jakʰô* N/A	*jakô* *jakôr*	*jakʰô* *jakʰôr*	*jakʰu* *jakʰur*
**kakô* **kakôr*	assoprar em	*kakô* *kakôr*	*kakô* N/A	*kʰakʰô* *kʰakʰôr*	*kʰakʰô* *kʰakʰôr*	—	*(-ʔ)kakʰô* *(-ʔ)kakʰô*	—
**kôt*	COM	*kôt*	*kôt* ‘depois, atrás’	*kʰôt*	*kʰôt*	*kôt*	*kʰôt*	*(-ʔ)kʰut*
**kôp*	mosca	*kôp*	*kôp(-re/-ti)*	—	*kʰôp*	*kôp-re*	*kʰôp-re*	*kʰup*
**ñõkôt*	peito	*ñõkôt*	*ñõkôt*	—	—	*jõkôt*	*jõkʰôt*	—
**kôr*	sede	*kôr*	*kôr*	*kʰôr*	*kʰôr*	*kôr*	*kʰôr*	*kʰur*
**kukôj*	macaco	*kukôj*	*kukôj ~ kôkôj*	*kʰukʰwâj*	*kʰukʰwâj*	*kôkôj*	*kukʰôj*	*kə̰kʰuj*
**kôk*	vento	*kôk-ĵəbêr*	*kôk*	*kʰôk*	*kʰôk*	*kôk*	*(-ʔ)kʰôk*	—
**ku-*	3ACC	*ku-*	*ku-*	*kʰu-*	*kʰu-*	*ku-*	*ku-*	*kə̰(ː)-*
**ku* **kur*	comer.PL	*ku* *kur*	*ku* *kur*	*kʰu* *kʰur*	*kʰu* *kʰur*	*ku* *kur*	*kʰu* *(-ʔ)kʰur*	*kʰə̰* *(-ʔ)kʰə̰r*
**kuk* **kuka*	rosto	*kuka*	*kuk* *kuka-mə̃* ‘em frente, antes’	—	*(?) twa* ‘testa’	*kuk* N/A	*(-ʔ)kʰuk* *(-ʔ)kʰuka-taĵ* ‘testa’	*(-ʔ)kʰə̰k* *(-ʔ)kʰə̰kka-tys* ‘testa’
**kũm*	fumaça	*-kũm*	*kũm*	*kʰũm*	*kʰũw*	*kũm*	*(-ʔ)kʰũm*	*(-ʔ)kʰə̰̃m*
**kakũm*	nuvem	*kakũm*	—	—	*kʰakʰũw*	—	*aʔ-kakʰũm*	—
**ijkû* **kwâr*	cagar	*ikû ~ ikwâ* *kwâr*	*ickvâ* *kvâr*	*ikʰwâ* *kʰwâr*	*ikʰwâ* *kʰwâr*	*ikwâ* *kwâr*	*iʔkʰwâ* *(-ʔ)kʰwâr*	*ə̰̃jkʰwy* *(-ʔ)kʰwyr*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kakû* **kakwâr*	cagar em	*kakû ~ kakwâ* *kakwâr*	—	—	—	—	N/A ‘engravidar’ *(-ʔ)kakʰwâr*	*(-ʔ)kakʰwy* *(-ʔ)kakʰwyr*
**kwa*	poço	*ŋô(p)-kwa*	—	—	—	—	*kwa*	
**ñõkwa*	esterno	*ñõkwa*	*ñõkva*	—	*ñõkʰwa*	*jókwa*	*jõkʰwa*	*jõːkʰwa*
**jarkwa*	boca	*jajkwa*	*jakva*	*jajkʰwa*	*jajkʰwa*	*jarkwa*	*jarkwa*	*jarkʰwa*
**kəjkwa*	céu	*kəjkwa*	*kackva*	*kajkʰwa*	*kajkʰwa*	*kôjkwa*	*kôjkʰwa*	*kujkʰwaː*
**ñũrkwa*	casa, lar	*ñũrũkwã*, X. *ñũnkwã*	*ñõrkvỹ*	*ñũrũkʰwã*	*ñũrũkʰwã*	*jõrkwa*	*jũrkwa*	*jo̰rkʰwaː*
**kwâ*	poucos	*kwâ*	*kvâ*	*kʰwâ*	(?) *mẽ-kʰwỹ*	*kwâ*	*(-ʔ)kʰwâ*	*(-ʔ)kʰwy*
**kwâ* **kwâñ* **kakwâ* **kakwâñ*	cavar	*kwâ* *kwâñ* *kakwâ* *kakwâñ*	 *kakvâ* *kakvâñ*	 *kakʰwâ* *kakʰwân*	—	*kwâ* *kwân* *kakwâ* *[kakwâr]*	*kʰwâ* N/A	*kʰwy* *(-ʔ)kʰwyn*
**kukwâ* **kukwâr*	quebrar castanha	*kukwâ* *kukwâr*	*kukwâ* N/A	—	—	—	*kukʰwâ* ‘(*algodão*)’ *kukʰwâr*	—
**kwâr*	macaxeira	*kwâr*	*kvâr*	*kʰwâr*	*kʰwâr*	*kwâr*	*kʰwâr*	*kʰwyr*
**kukwâr*	engatinhar	*kukwâr*	—	*kukʰwâr*	*kukʰwar*	*kukure*	*(-ʔ)kuʔkʰwâ* *(-ʔ)kuʔkʰwâr*	*[kʰwy]* *(-ʔ)ko̰ʔkʰwyr*
**kwâj*	mulher (*em compostos*)	*kani-kwâj* ‘irmã’	—	*kandi-kʰwâ̰j,* *kʰẽn-kʰwâj* ‘irmã’	—	*-kwâj*	*-kʰwâj*	*-kʰwyj*
**kwâk*	lasca, cepo	—	*pĩ-kʰwâk* ‘lascar’, *kẽn-kwâk* ‘pedaço de pedra’	*kʰwâk-sy* ‘talo de inajá p/ limpar o dente’, *kʰwâk-sy-kasyr* ‘esteira’, (?) *hwĩ-kʰwâk* ‘feitiço’	*kʰwâk* ‘peneira’	*kwâk* ‘cofo; pedacinho’	*kʰwâk* ‘cercado’, *(-ʔ)kʰwâk* ‘cepo’	*kʰwâk* ‘cercado, jirau’ (K. ‘cama’)

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**ñĩkwə̃ ~ *ñĩkwa*	estar ou colocar deitado.PL	*ñikwə̃*	*ñikvə̃*	—	—	*jikwa*	*jikʰwa*	*jɛ̗̃kʰwaː*
**kwỹr ~ *kwỹ *kwỹñ*	quebrar.SG	*kwỹr kwỹñ*	*kvỹr [kvỹr]*	*kʰwỹ kʰwỹn*	*kʰwỹ kʰwỹj*	*kwĩ kwĩn*	*kʰwĩ (-ʔ)kʰwĩn*	*kʰwɛ̗̃ (-ʔ)kʰwɛ̗̃n*
**aj-kẽ *bi-kẽñ*	divertir-se, dançar	*aj-kẽ bi-kẽñ*	*ac-kẽ pi-kẽñ*	*aj-kʰẽ wi-kʰẽn*	*aj-kʰẽ wi-kʰẽj*	*aj-kẽ [aj-kẽn]*	*aj-kʰẽn (-)pi-kʰẽn*	*aj-kʰẽ (-j)pɛ̗ː-kʰẽn*
**kẽn*	pedra	*kẽn*	*kẽn*	*kʰẽn*	*kʰẽn*	*kẽn*	*kʰẽn*	*kʰẽn*
**kê *kêñ*	ralar	*kê kêñ*	*kê kêñ*	—	—	*kê kên*	*kʰê (-ʔ)kʰên*	*kʰi (-ʔ)kʰin*
**kakê *kakêñ*	arranhar	*kakê kakêñ*	*kakê kakêñ*	*kakʰê kakʰên*	*kakʰê kakʰêj*	—	*(-ʔ)kakʰê (-ʔ)kakʰên*	*(-ʔ)kaːkʰi (-ʔ)kaːkʰin*
**bêkê*[299]	perdiz	—	—	—	—	—	*pêkʰê-ti*	*pikʰiː(-re/-tɛ̗)*
**kêt*	NEG	*kêt*	*kêt*	*kʰêt*	*kʰêt*	*kêt*	*(-ʔ)kʰêt* ‘parar’	*(-ʔ)kʰit* ‘calar-se’
**akêt*	erva daninha	*akêt* ‘madeira de lei’	—	*akʰêt* ‘resto’	—	*akêt-ti*	*aʔkʰêt*	*aʔkʰêt*
**kêñ*	nu, pelado	*kêñ* ‘raspado’	*kêñ*	—	—	*kên* ‘maduro, lento, fraco’	*(-ʔ)kʰên* ‘ruim’	*(-ʔ)kʰin*
**kukêñ*	cutia	*kukêñ-re*	*kukêñ*	*kukʰên*	*kukʰêj*	*kukên-re*	*kukʰên*	*kɛ̗̃kʰin*
**kêkêk*	centopeia	*kêkêk*	—	—	—	*kêkêk-ti*	—	—
**kĩ*	cabelo	*kĩ*	*kĩ*	*kʰĩ*	*kʰĩ*	*kĩ*	*(-ʔ)kʰĩ*	*(-ʔ)kʰɛ̗̃*
**kĩñ*	feliz, gostar	*kĩñ*	*kĩñ*	*kʰĩn*	*kʰĩj*	*kĩn*	*(-ʔ)kʰĩn*	*(-ʔ)kʰɛ̗̃n*
**a-kĩñ ~ *a-kĩ *jə-kĩñ ~ *jə-kĩc*	roubar	*a-kĩñ ĵə-kĩñ*	*aʔ-kĩ jəʔ-kĩñ*	*a-kʰĩn tə-kʰĩn*	—	—	*aʔ-kʰĩ jəʔ-kʰĩj*	—

[299] Cognato externo: PA **wiki* ‘perdiz’ (Xavánte *wiʔi*, Akwẽ-Xerénte *wiki ~ wĩki*).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kî*	berarubu	*ki*	*kî*	—	—	*kî*	*kʰî*	*kʰe̯j*
**kukî* **kukjêr*	perguntar	*kukî* *kukjêr*	*kukja* *kukjêr*	*kukʰî* *kukcêr*	*kukʰî* *kucêr*	*kukîa* ‘buscar’ N/A	*(-ʔ)kukʰî* *(-ʔ)kukʰjêr*	*(-ʔ)kọ:kʰe̯j* *(-ʔ)kọ:kʰjir*
**a-kî* **jə-kjêr*	gritar, chamar	*a-kî* *ĵə-kjêr*	*a-kî ~ a-kir* *cə-kjêr*	*a-kʰî* *tə-kcêr*	*a-kʰî* N/A	*a-kî* *jə-kjêr*	*a-kʰî* *jə-kʰjêr*	*a:-kʰe̯j* *jə:-kʰjir*
**kokî* **kokjêr*	rachar	*kokî ~ kokjê* *kokjêr*	kokjê N/A	—	—	*kokjê* *[kokjên]*	*(-ʔ)kokʰjê* *(-ʔ)kokʰjêr*	—
**kakî ~ *kaki*	experimentar	*kakî*	*kaki* *[kakiñ]*	—	—	*kaki*	—	—
**kjê*	coxa	*kjê*	*kjê*	—	*cê*	*kjê*	*(-ʔ)kʰjê*	*(-ʔ)kʰji*
**kjê* **ñĩkjê*	lado, companheiro	*ñikjê*	*ñikjê*	(?) *ñĩkʰrê*	—	—	*(-ʔ)kʰjê* ‘irmã(o)’ *jĩkʰjê* ‘outro lado’	*(-ʔ)kʰji-ji* *jẽ̯:kʰji*
**kjê* **kjêñ*	puxar, arrastar	*kjê* *kjêñ*	*kjê* N/A	—	—	—	*kʰjê* *(-ʔ)kʰjên*	*kʰji* *(-ʔ)kʰjin*
**jakjê* **jakjêñ*	buscar água	*jakjê* *jakjêñ*	*jakjê* ‘abrir buraco’ *jakjêñ*	—	—	*jakjê* *jakjên*	—	*jakʰji* *jakʰjin*
**car-kjêr* **jar-kjêk*	bocejar	*ar-kjêr* *jaj-kjêk*	*jar-kjêr* *jar-kjêk*	—	—	N/A *jar-kjêk*	—	N/A *jarkʰjik*
***/kr/**								
**kra*	criança	*kra*	*kra*	*kʰra*	*kʰra*	*kra*	*(-ʔ)kʰra*	*(-ʔ)kʰra*
**ñĩkra ~ *ñỹkra*	mão	*ñikra*	*ñi(ʔ)kra*	*ñỹkʰra*	*ñĩkʰra* ‘dedo’	*jõkra*	*jũʔkʰra*	*jõ̯ʔkʰra*
**aj-kra* **bi-krar*	assustar-se	*aj-kra* *bi-krar*	*ac-kra* *pi-krar*	—	—	N/A *aj-pi-krar*	*aj-kʰra* *(-)pi-kʰrar*	*aj-kʰra:* *(-)pe̯:kʰra:*
**krat*	base, tronco, suporte	*krac*	*krac ~ krat*	*kʰrat*; *kajkʰwa-kʰrat* ‘leste’	*kajkʰwa-kʰrat* ‘horizonte’	*krat*	*(-ʔ)kʰat*	*(-ʔ)kʰrat*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**jakrat*	faísca	*ĵakrac*	*jakrac ~ jakrat* ‘faísca, brasa’	—	—	*jakrat* ‘carvão’	*jakʰrat*	*jakʰrat*
**krak-ri*	abaixo	*krak-ri*	*krak-ri*	—	—	*krak-ti*	*(-ʔ)kʰrak-ri*	*(-ʔ)kʰrak-rẹ*
**krə*	planejar, decidir	*krə*	*krə*	—	—	(?) *kra*	*(-ʔ)kʰrər*	*(-ʔ)kʰrə:*
**krə̃*	cabeça	*krə̃*	*krə̃*	*kʰrə̃*	*kʰrə̃*	*krə̃*	*(-ʔ)kʰrə̃*	*(-ʔ)kʰrə̃*
**-krə̃*	escuro	*ka-krə̃ tyk*	*ka-krə̃ tyk* ‘marrom’	—	—	—	*am-kʰrə̃ʔ-ti* ‘nublado’; *aʔ-pyʔ-kʰrə̃* ‘sombra’	*am-kʰrə̃* ‘sombra’
**krə̃*[300]	queimar	—	—	*kʰrə̃*	—	—	—	—
**kakrə̃*	nuvem de chuva	*kakrə̃*	*ka(ʔ)krə̃*	—	*kakʰrə̃*	*kakrə̃*	*taʔ kakʰrə̃*	—
**kakrə̃(j)*	axixá	—	*ka(ʔ)krə̃j*	—	—	—	Krahô *kakʰrə̃-re*	—
**kukrə̃(j)*	abelha arapuá	*kukrə̃j(-re/-ti)*	*kukrə̃(ʔ)-ti*, *kukrə̃ nĵy kambrêk*	*kukʰrə̃*	*kukʰrə̃-ci*	*kukrə̃(-re/-ti)*	*kuʔkʰrə̃ʔ-ti*	*kọʔkʰrə̃*
**krə̃n*	curto	*krə̃n*	*krə̃n*	—	—	*krə̃n-re*	*(-ʔ)kʰrə̃n*	*(-ʔ)kʰrə̃n*
**krə̃ñ*	acará	*krə̃ñ*	*krə̃ñ*	—	—	*krə̃n(-re/-ti)*	*kʰrə̃n(-re/-ti)*	—
**kry*	frio	*kry*	*kry*	*kʰry*	*kʰry*	*kry*	*kʰry*	*kʰrạ*
**jakry*	frio	*jakry*	*jakry*	*jakʰry*	—	(?) *jakry* ‘alegre’	*jakʰry*	*jakʰrạ:*
**kryt*	metal, pederneira	*kryt*	*kryt*	*kʰryt*	*kʰryt*	—	*kʰryt-re* ‘árvore para lenha’; (?) *kʰrât-cwa*[301]	*kʰrạt* ‘árvore para lenha’
**kukryt*	anta	*kukryt*	*kukryt*	*kukʰryt*	*kukʰryt*	*kukryt*	*kukʰryt*	*kọ:kʰrạt*
**kro*	podre	*kro*	*kro*	*kʰro*	*kʰro*	*kro*	*(-ʔ)kʰro*	*(-ʔ)kʰro*

[300] Cognato externo: Xaványte *ʔrə̃* ‘chamuscar’.

[301] A correspondência vocálica é irregular, o que talvez se deva a uma etimologia popular (*kʰrât* ‘bico’ + *cwa* ‘dente’ → ‘dente do bico’).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kro-ti*	mucura, gambá	*ŋî-kro-ti*	—	—	—	*kro-ti*	*kʰro-ti*	*kʰroʔ-tę̣*
**kror*	pintado	*kror*	*kror*	—	—	*kror*	*(-ʔ)kʰror*	*(-ʔ)kʰro:*
**krokrok*	papa-mel, irara	*krokrok*	*krokrok*	*kʰrokʰrok*	*kʰrokkʰrok*	*krôkrôk;* *krokrok-re* ‘cachorro-do-mato’	*kʰrokʰrok*	*kʰrokʰrok*
**krô*	grupo de plantas (horizontal)	*krô*	*krô*	*kʰrô*	*a-kʰrô*	—	*(-ʔ)kʰrô*	*(-ʔ)kʰru*
**krô*	preá	*krô*	*krô*	—	—	*krô*	*kʰrô*	*kʰru:*
**akrô*	timbó	*akrô*	*a(ʔ)krô*	*akʰrô*	—	*akrô*	*aʔkʰrô*	*aʔkʰru:*
**krôkrôk*	penas eriçadas	*krôkrôk-ti* ‘tipo de cocar com penas dependuradas’	*(?) krôkrôk* ‘restos (de animais mortos, tecido)’	—	—	*krôkrôk-re* ‘estragado’; *krôkrôk-ti* ‘coruja (pena estragada)’	—	*(-ʔ)kʰru:kʰruk*
**a-kru* **jə-kruñ*	andar fazendo barulho	*a-kru* *ĵə-kruñ*	*a-kru* N/A	—	—	*a-kru* *ja-krun*	*a-kʰru* *jə-kʰrun*	*a:-kʰrǫ̃* *jə:-kʰrǫ̃n*
**a-jkrut* **bi-j(a)krut*	dois	*a-jkrut*	*a-ckrut*	*a-jkʰrut*	*a-jkʰrut*	*a-jkrut* *(aj-)pi-jakrut*	*a-jkʰrut* *(-)pi-jakʰrut*	*a-skʰrọt* *(-)pę̣-skʰrọt*
**krû ~ *krwa*	flecha	*krû*	*krû ~ krur*	*kʰrwa*	*kʰrû ~ kʰrwa*	*krû*	*kʰrû*	*kʰrọw*
**krwâ* **krwâñ*	desenterrar.PL	*krwâ* *krwâñ*	*kvrâ* *kvrâñ*	—	—	*krâ* *krân*	*kʰrâ* *(-ʔ)kʰrân*	*kʰry* *(-ʔ)kʰryn*
**kakrwâ*	rim	—	—	—	—	—	—	*kakʰry*
**krwâj*	papagaio	*krwâj*	*kvrâj*	*kʰrwâj*	*kʰrwâj*	*krâj(-re/-ti)*	*kʰrâj-ti*	*kʰryj*
**krwât*	bico	*krwâdy, krwât-* (*em compostos*)	*kvrâty, kvrât-kə* ‘lábios’	*kʰrwât*	—	*krât*	*(-ʔ)kʰrât*	*(-ʔ)kʰryt*
**krwât*	traíra	*krwât*	*kvrât*	*kʰrwât-ci*	*kʰrwâ-ci*	*kryt-ti*	*kʰrât*	—

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**akrwât*	caju	*akrwât*	*aʔkvrâ:(-re/-ti)*	*akʰrwât-sy*	*akʰroj-ti*	*akrât-ti-cô*	*aʔkʰrât*	*aʔkʰryt*
**kre*	buraco	*kre*	*kre* *a(ʔ)kre*	*kʰre*	*kʰre*	*kre*	*(-ʔ)kʰre*	*(-ʔ)kʰre:*
**kre*	plantar	*kre*	*kre*	*kʰre*	—	*kre*	*(-ʔ)kʰre*	*(-ʔ)kʰre:*
**ñõkre*	garganta	*ñõkre*	*ñõkre*	—	*ñõkʰre-ty*	*jõkre*	*jõkʰre*	*jõ:kʰre:*
**ñĩkre*	ombro	*ñikre-ʔi*	*ñikre*	—	—	*jikre*	*jikʰre*	*jẽ̯kʰre:*
**ñĩkre*[302]	lóbulo	*ñikre*	—	—	—	—	—	—
**ijkre*	casa	*kikre*	*ickre*	*kikʰre*	*tikʰre*	*a-jkre*	*ikʰre*	*ẽ̯jkʰre:*
**jakre* **jakreñ*	passar, ultrapassar	*jakre* *jakreñ*	*jakre* *jakreñ*	*jakʰre* *jakʰren*	—	*jakre* *jakren*	*jakʰre* *jakʰren*	*jakʰre* *jakʰren*
**jakre*	ensinar	*jakre* ‘mostrar’	*jakre*	*jakʰre*	*jakʰre* ‘mostrar’	*jakre*	*jaʔkʰre*	*jaʔkʰre:*
**krẽ*	periquito	*krẽ-re*	*krẽ*	—	*kʰrẽ*	*krẽ-pej,* (?) *krẽ-krẽk-re*	*kʰrẽ-re*	*kʰrẽ-pes* ‘curica’
**krẽ* **krẽr*	comer.SG	*krẽ* *krẽn*	*krẽ* *krẽr*	*kʰrẽ* *kʰẽr*	*kʰrẽ* *kʰẽr*	*krẽ* *krẽr*	*kʰrẽ* *(-ʔ)kʰrẽr*	*kʰrẽ̯:* *(-ʔ)kʰrẽ̯:*
**krẽp*	cumaru, castanha-de-burro	*krẽp*	—	—	—	—	Krahô *kʰrẽm-re*	—
**a-ñĩkrê* **bi-ñĩkrêñ*	quieto, tranquilo	*a-ñikrê* (X. *a-jkrê*) *biñikrêñ*	*a-ñikrê* *pi-ñ(i)krê(ñ)*	*a-ñĩkʰrê* N/A	—	N/A *aj-pĩn-krên*	*a-nkʰrê* *(-)pi-nkʰrên*	*a-nkʰri* N/A
**kakrê* **kakrêñ*	coçar	*kakrê* *kakrêñ*	*kakrê* *kakrêñ*	—	—	*kakrê* *kakrên*	*[(-ʔ)kakrên]* *(-ʔ)kakrên*	—
**krêc*	tripa	*krêc*	*krêc*	—	—	*krêj*	*aʔ-kʰrêj* ‘folhas ou galhos mortos’	—

[302] Cognato externo: Panará *s-ikre* ‘orelha’.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**ndêkrêc ~ *nde-, *kukrêc*	pertences	*nêkrêc*	*kukrêc*	*ndêk^{h}rêt*	—	—	*te?k^{h}rêj*	*(-?)kọk^{h}ris*
**krit*	criação	*krit*	*kric ~ krit*	*k^{h}it*	—	*krit*	*(-?)k^{h}rit*	—
**krit*	grilo, gafanhoto	—	*krit*	*k^{h}it-sajnĵê ~ k^{h}it-sajŋgjê*	*k^{h}rit-ci ~ kit-ci, k^{h}i-tanĵê*	—	—	—
**kakrit*[303]	falso, sem importância	*kakrit*	—	—	—	—	—	—
**kajkrit*	leve	*kajkrit*	*kackrit*	*kajk^{h}it*	—	*kajkrit-re*	*(-?)kajk^{h}rit* ‘antes do sol nascer’	*(-?)kajk^{h}rẹt-re*
**kukrit*	intocado, virgem	*kapôt kukrit* ‘chapada’	*ku?krit* ‘virgem’	—	—	—	*ku?k^{h}rit* ‘sadio (sem membros faltando)’	*(-?)kọ?k^{h}rẹt*
**krir*	cupim	*krir-krir*	—	—	—	*krir*	*k^{h}rir*	—
**krĩ*	aldeia	*krĩ*	*krĩ*	*k^{h}rĩ ~ k^{h}ĩ*	*k^{h}ĩ*	*krĩ*	*k^{h}rĩ*	*k^{h}rẽ̞*
**krĩ*	estar sentado.PL	*krĩ*	*krĩ*	*k^{h}rĩ*	*k^{h}rĩ*	*krĩ*	*(-?)k^{h}rĩ*	*(-?)k^{h}rẽ̞*
**krî*[304] **kjêr*	criar	*krî kjêr*	—	—	—	—	—	—
***/ŋ/**								
**kaŋga*	abandonar, cansar	*kaŋa*	*kaŋga*	*kaŋga*	*añĩ-kaŋga* ‘preguiçoso’	*kaka*	*(-?)kaka*	*(-?)ka:ka:*
**ŋgə*	casa dos homens	*ŋə*	*ŋgə(p-/j-/m-)*	*ŋgə*	*ŋgə*	*kə*	*kə*	*kə:*
**aŋgə*	semente de tiririca (capim-navalha)	*aŋə*	*aŋgə*	—	—	*akə-hy*	(?) *akə-re* ‘candeia’	*a:kə:-re*

[303] Cognato externo: Panará *-akritĩ* (*kwa-akritĩ* ‘mamão-bravo’, *tom-ãkritĩ* ‘mutum’, *ĭntym-ãkritĩ* ‘capivara (*monstro*)’).
[304] Cognato externo: PA **ĵa* (NF **ĵari*) ‘criar’ (Xavánte NF *ĵari* ‘alimentar’, Akwẽ-Xerénte *za*, NF *zar(i)* ‘criar’).

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kuŋgə ~ -k* **kuŋgər ~ -k*	chamuscar	*kuŋə* *kuŋər*	*kuŋgə* N/A	—	—	(?) *kukə* ‘rastrear’ *kukər*	*(-ʔ)kukək*	*kọkə:kʰək*
**ka(j)ŋgər*	abelha tataíra	*kajŋgər*	*kaŋgər*	*kajŋgər-ci ~ kaŋgər*	—	*kakər*	*kakərə*	*kakər*
**ŋə̃* **ŋə̃ñ*	socar, debulhar	*ŋə̃* *ŋə̃ñ*	*ŋə̃* *ŋə̃ñ*	—	—	*hə̃* *hə̃n*	*ŋə̃* (-)*ŋə̃n*	*ŋə̃* *ŋə̃n*
**kaŋə̃*	cobra	*kaŋə̃*	*kaŋə̃*	*kaŋə̃*	*kaŋə̃*	*kahə̃*	*kaŋə̃*	*kaŋgə̃*
**ŋgŷ*	barro, lama	*ŋy*	*ŋgŷ*	—	*ŋgŷ*	*kû ~ kow*	*kû*	*kọw*
**ŋgo*	molhado	*ŋo*	*ŋgo*	*ŋgo*	*ŋgo*	*(-n)ko*	*(-ŋ)ko*	*(-ŋ)ko:*
**kaŋõ* **kaŋõñ*	pressionar, esfregar	*kaŋõ* *kaŋõñ*	*kaŋõ* *kaŋõñ*	—	—	*kahõ* ‘reclamar’ *kahõn*	*kaŋõ* *kaŋõn*	*(-ʔ)kaŋõ:* *(-ʔ)kaŋõn*
**kuŋõn*	besouro	*kuŋõn*	*kuŋõñ-re*	*kuŋõn*	*kʰuŋõt*	—	—	*kọŋõn-tẹ*
**ŋgô*	piolho	*ŋô-re*	*ŋgô*	—	*ŋgô*	*(-n)kô*	*(-ŋ)kô*	*(-ŋ)ku:*
**apŋgô*	lagarta	—	*amŋgô*	*amkô*	—	*amkô(-re/-ti)*	*amkô*	*amku:*
**ŋgô(c-)*	água	*ŋô*	*ŋgô(c-)*	*ŋgô*	*ŋgô*	*kô*	*kô*	*ku*
**kaŋgô*	líquido	*kaŋô*	*kaŋgô*	*kaŋgô*	*kaŋgô*	*kakô*	*kakô*	*kaku*
**jarŋgô*	saliva	*jajŋô*	*jaŋgô ~ jarŋgô*	—	*jajŋgô w̃ẽ* ‘to spit’	*jarkô*	*jarkô*	*jarku:*
**ŋgôj*	panela	*ŋôj*	*ŋgôj*	*ŋgwâj*	*ŋgôj*	—	Krahô *kôj-kʰə*	—
N/A[305] **ŋgwâr*	chorar	—	—	—	—	—	*[*ANTP *a-mrã]* *(-ŋ)kwâr*	*[*ANTP*a:-mrã (~-a)]* *(-ŋ)kwyr*

[305] Cognato externo: Panará *iŋkwə* ‘chorar’.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**ŋgwa*[306] **ŋgwâr*	pegar.PL	—	—	—	—	*[kwâ]* *(-n)kwâr*	*kwa* *(-ŋ)kwâr*	*kwa:* *(-ŋ)kwyr*
**ŋgwâñ*	penugem, pena	*ŋwâñ*	—	—	*ŋgwâj*	*kwân*	*(-ŋ)kwân*	*(-ŋ)kwyn*
**ŋgêŋgê*	quebrar milho	*ŋêŋê*	(?) *ŋgêŋgê* 'tremer'	—	—	*kẽkẽ* *kẽkẽn*	*(-ʔ)kẽʔkẽ* *(-ʔ)kẽʔkẽn*	*(-ŋ)ki:ki:* 'tocar de leve'
**ŋgêt*	tio	*ŋêt*	*ŋgêt*	*ŋgêt*	*ŋgêt*	*kêt-re/kê-ti*	*(-ŋ)kêt(-re/-ti)*	K. *kit-re/-te*
**ŋgêk*	dor	*ŋêk*	*ŋgêk*	*ŋgêk*	—	—	—	*(-ŋ)kik* 'choque'
**ŋgî ~ *ŋgjê* **ŋgjêñ*	inserir.PL	*ŋî ~ ŋjê* *ŋjêñ*	*ŋgjê* *ŋgjêñ*	*ŋgjê ~ ŋgrê* *ŋgjên ~ ŋgrên*	*jê* N/A	—	*kjê* *(-ŋ)kjên*	*kji* *(-ŋ)kjin*
**jaŋgî* **jaŋgjêñ*	vestir.PL	*jaŋî ~ jaŋjê* *jaŋjêñ*	*jaŋgjê* N/A	—	*janĵê* N/A	—	*jakjê* *jakjên*	*jakji* *jakjin*
**aŋgî* **ŋgjêc*	entrar.PL	*w-aŋî* *ŋjêc*	*aŋgjê* *ŋgjê-c*	*aŋgjê ~ aŋgrê* *ŋgjêt ~ ŋgrêt*	—	*akjêj* N/A	*akjêj* *(-ŋ)kjêj*	*a:kji* *(-ŋ)kjis*
***/ŋr/**								
**ŋgra*	paca	*ŋra*	*ŋgra*	*ŋgra-ci*	*ŋgra*	*kra*	*kra*	*kra:*
**ŋgrə*	seco	*ŋrə*	*ŋgrə*	*ŋgrə*	*ŋgrə*	*(-n)krə*	*(-ŋ)krə*	*(-ŋ)krə:*
**ŋgrə* **ŋgrəñ*	espalhar, esfregar	*ŋrə* *ŋrəñ*	N/A *ŋgrəñ-cə* 'borracha'	—	—	*ku-krə* 'pintar c/ ur.' *ku-krən*	*krə* *(-ŋ)krəñ*	*krə* *(-ŋ)krən*
**apŋgrə*	estação seca	—	*amŋgrə*	—	—	*amkrə*	*amkrə*	*amkrə:*
**ŋrə̃*	sujo	—	*ŋrə̃*	—	*ŋrə̃*	—	*(-)rə̃*	*(-j)rə̃*
**ŋgryk*	zangado, ciumento	*ŋryk*	*ŋgryk*	*ŋgryk*	—	*(-n)kryk*	*(-ŋ)kryk*	*(-ŋ)krə̣k*
**ŋgro*	esquentar	*ŋro*	*ŋgro*	—	—	*(-n)kro*	—	—

[306] Cognato externo: Panará *iŋkwəri* 'pegar.PL'.

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**kaŋgro*	quente	*kaŋro*	*kaŋgro*	*kaŋgro*	*kaŋgro*	*kakro*	*kakro*	*kakro*
**apŋgro*	luz do dia	*arŋro*, X. *amŋro*	—	—	—	*amkro*	*amkro*	*amkro*
**ŋgroj*	porco-espinho, cuandu	*ŋroj*	*ŋgroj*	*ŋgroj-sĩ-ci*	*ŋgrôj*	*kroj*	*kroj*	*kroj*
**ŋrõ*	tucano	*ŋrõ-ti*	*ŋrõ(-re/-ti)*	*ŋrõ-ci*	—	—	*rõ*	—
**ñĩŋrõt*	brotar (do chão)	*ñiŋrõt*	*ñiŋrõt*	*ñiŋrõn*	—	*jirõt*	*jirõt*	*jɛ̗̃rõt*
**(a)ŋgrô*	caititu	*aŋrô*	*aŋgrô*	*aŋgrô*	*aŋgrô*	*krô*	*krô*	*kru:*
**ŋgrô*	cinza acesa	*ŋrô*	*ŋgrô*	—	—	—	*(-ŋ)krô*	—
**jaŋgrô*	poeira	*a-jaŋrô*	*aw-jaŋgrô*	*jaŋgrô*	*a-jaŋgrô*	*pyka-jakrô*	*jakrô*	*jakru:*
**ŋgrôt*	Plêiades	*ŋrôt*	—	*ŋgrôt*	—	*krôt*	*krôt-re*	*krut*
**ŋgrû ~ *ŋgrwa*	buriti	*ŋrow*	*ŋgvra*	*ŋgrwa*	*ŋgrû*	*krow*	*krow*	*krow*
**ŋgre*	ovo, vagina	*ŋre*	*ŋgre*	*ŋgre*	*ŋgre*	*(-n)kre*	*(-ŋ)kre*	*(-ŋ)kre*
**ŋgre* **ŋgrer*	dançar, cantar	*ŋre* *ŋrer*	*ŋgre* *ŋgrer*	*ŋgre* *nger*	*ŋgre* *nger*	*(-n)kre* *(-n)krer*	*kre* *(-ŋ)krer*	*kre:* *(-ŋ)kre:*
**ŋrẽk*	mexer	*ŋrẽk*	*ŋrẽk*	—	—	ANTIC *aw-rẽk* ‘pular’	*(-)rẽk*	—
**ŋgrê*	poucos	*ŋrê-re*	*ŋgrê*	*ŋgrê*	*ŋgrê-re*	*(-ŋ)krê* ‘quieto’, *krê* ‘várias vezes’	*(-ŋ)krê* ‘três’	*(-ŋ)kri:* ‘três’
**(a)ŋgrê*	tatu-peba	—	*aŋgrê(-re/-ti)*	*aŋgrê(-ho)-ci*	*aŋgrê-ci*	*krêj-re* ‘tatu-rabo-de-couro’	—	*kri:-re* ‘tatu-china’
**ŋgri*	pequeno	*ŋri*	*ŋgri*	—	—	*(-n)kri* ‘quieto’	*(-ŋ)kri-re*	*(-ŋ)krɛ̗:*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
**jaŋgri*	jejuar	*jaŋgri*	*jaŋgri*	*jaŋgri*	—	—	*jakri*	*jakrẹ*
**kuŋrĩ* **kuŋrĩñ* **jaŋrĩ* **jaŋrĩñ*	empacotar fazer pacotes	*kuŋrĩ* *kuŋrĩñ* *jaŋrĩ* *jaŋrĩñ*	(?) *kaŋrĩ* ‘atar’ *kaŋrĩñ*	 N/A *jaŋĩn* ‘embrulho’	—	—	*(-ʔ)kurĩj* *(-ʔ)kurĩj* *jarĩj* *jarĩj*	*[(-ʔ)kọ(:)rẹ̃n]* *(-ʔ)kọ(:)rẹ̃n*
***/g/**								
**g-/*ŋ-*	2^{INT} (classe II)	*g-/ŋ-* (*em termos triádicos*)	—	*ŋ-*	—	—	*ŋ-*	*ŋg-*
**ga*	2^{AG}	*ga*	*ka*	*ka*	*ka ~ ga*	*ka*	*ka*	*ka*
**ga* **ĵər*	assar.SG	*ga* *ĵər*	*ka* *cər*	*ka* *[kaj]*	*ka* *tər*	*ka* *cər [~ kar]*	*ka* *cər*	*ka* *cər*
**gor-mə*	ainda	*gor-mə*	*kor-mə*	*kər-mə*	*kor-wə*	*kor-mə*	*kor-mə*	*kor-mə*
**ñĩgot*	inchado, gordo	*ñĩgot*	*ñikot*	*ñĩkot*	—	*jikot*	*jikot*	*jẹ̃kot*
**jagot*	redondo, pequeno	*jagot* ‘redondo’	*jakot*	*jakot* ‘pequeno’	*jagot*	*jakot-re*	*jakot* ‘curto, médio’	*jakot* ‘pequeno’
**ŋõ* **ñõr*	dar	*ŋə̃* (X. *ŋõ*) *ñõr*	*ŋõ* *ñõr*	*ŋõ* *ñõr*	*ŋõ* N/A	*hõ* *jõr*	*ŋõ* *jõr*	*ŋgõ* *jõr*
**ŋõr* **ñõt*	dormir	*ŋõr* *ñõt*	*ŋõr* *ñõt*	*ŋõr* *ñõn*	*ŋõr* *ñõt*	*hõr* *jõt*	*ŋõr* *jõt*	*ŋgõr* *jõt*
**gu*	$1+2^{AG}$	*gu*	—	*ku*	*kô*	*ku*	*ku*	*kọ*
**pyge ~ *a-pge*	esquerdo	*ĵ-ug(w)e*	*j-a-pke*	*a-pke*	*a-pge*	*j-õke*	LOC *a-wk^{h}e-rũm*	—
**pygək*	soluçar	*ĵ-ugək*	*pykək*	—	—	—	*jə-mkək* ‘cavidade do peito’	*pạ̈kək*
**gê*	3^{AG}.IRR	*gê*	*kê*	*kê*	*gê* ‘também’	*kê*	*kê*	*ki*

PJS	glosa	MBG	API	KSJ	TAP	PTJ	CAN	PYK
sem onset								
**a-*	2^{INT} (classe I)	*a-*	*a-*	*a-*	*a-*	*a-*	*aː-*	*aː-*
**a(p)-*	terra (*em compostos*)	*a-tə̂c* ‘terra firme’ (X. ‘antigamente’); *a-rerek* ‘terra macia’	*aw-re[w]rek* ‘voçoroca’	*a-rerek* ‘lamaçal’	—	*am-krə-re* ‘parte rasa’	*am-ko* ‘terra úmida’, *am-krə* ‘terra seca’	—
**ij-*	1^{INT}	*i-*	*ic-, i-*	*i-*	*i-*	*i-*	*iː-*	*ẽ̱j-*

Apêndice E. Proto-Transanfranciscano

Nota: Uma versão anterior deste apêndice, parcialmente desatualizada, encontra-se em Nikulin e Silva (2020, p. 52–59). Os dados das línguas Maxakalí extintas são fornecidos apenas nos casos em que apresentam alguma retenção não encontrada em Maxakalí moderno (por motivos de espaço, os reproduzimos na coluna do Maxakalí moderno). Os dados do Malalí, a não ser que se especifique o contrário, provêm de Wied-Neuwied ([1820] 1940).

A seguinte lista das etimologias Transanfranciscanas é ordenada pelo *onset* da última sílaba (seguindo a ordem */p pr m mr w t n r c ñ j k kr ŋ ŋr h/), logo pelo núcleo da última sílaba (seguindo a ordem */a ã y ỹ o õ ô u ũ e ẽ ê i ĩ/) e, finalmente, pela coda da última sílaba.

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
***/p/**					
**pan*	costela	*paT*	*paT*	—	—
**pãm* *~ *m- ~ *-õ- ~ *-p*	peixe	*mãP*	—	—	(?) *#hʷã* KMK ‹huam›$_{SO}$ KTX ‹huan› MGY ‹huá› (*nasal*) MEN ‹há› (*nasal*)
**pyc ~ *pyñ*	lagoa	*pyC-heP*	—	—	—
**pyk*	queimar	*pyK*	—	—	—
**pyŋ*	mel, abelha	*pyK*	*pyK*	*pəŋ*	—
**por*	pé	*pata*	*pata*	*po* ‘mão, pé’	(?) *#hʷate* KMK ‹uádhê›$_{SO}$, ‹uadê›$_{G}$ KTX ‹hoate› MGY ‹uadä› MAS ‹huachtöh›
**pok*	fechar	*paK* ‘cercar’ *cata-paK* ‘bocejar’	—	*pok*	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**po-ŋ*	ouvir	REL-*pa-K*, IRR REL-*pa-C*	REL-*pa-K*	*poŋ*	—
**pu-t*	chorar	*pu-t-a*, IRR *pu*	*pu-t-a* ~ *pu-T*	*puk*	—
**puñ*	flecha	*puC*	—	—	(?) *#hʷañ* KMK ‹wãn›$_G$ KTX ‹huún›, ‹hoag› MGY ‹hoay› MEN ‹hain›
**pêp*	ver	*pe-nã*	—	*pip*	*#hʷe* KMK ‹ha hôeh›$_G$ ‘eu o vejo’
**pi*	fazer	—	—	*pi*	—
**pi(-k ~ -ŋ)*	lavar	*pi-C*, IRR *pi*	—	—	—
**pim*	machado	*piP-kyP* ‘prego’	*piP* ‘machado, metal’	—	—
**pin*	macho	*piT*	—	—	—
**pjet*	um	*pceT*	—	—	—
***/pr/**					
**prat ~ *pran*	caminho	*ptaT*	—	—	—
**pryc ~ *pryñ*	pena	*ptyC-nãK* ‘pássaro’ HHH *pəkəj* ‘pena, pássaro’	*pdyC-cuP* ‘papagaio (espírito)’	—	—
**prym*	ter fome, querer	*ptyP*	*pdyP*	*prəm*	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**prôŋ*	cinza	*ptuK*	*pduK* ‘branco’ (> MXK *pduK*)	*proŋ* ‘carvão’	—
**prup ~ *prum*	morder	*ptuP*	*pduP*	—	*#pro* MEN ‹im**bró**›
**prĩt*	formiga	*mnĩT*	*mnĩT*	*prik*	—
***/m/**					
**-mãk*	asa, galho	*ñĩ-mãK* ‘asa’, *mĩ-mãK* ‘galho’	*ñĩ-mãK* ‘asa’, *mĩ-mãK* ‘galho’	*nỹ-m̨ak ~ ĩm-m̨ak* ‘asa’, *m̨ak* ‘galho, ramo’	*#ñĩhʷã* ‘braço’ KMK ‹nhiuám›SO KTX ‹niohãn› MGY ‹nichuá *(*ch *como em alemão, pelo nariz)*› MAS ‹kümghüáng›
**mbyt*	pegar.ANIM	*pyT* (SG)	*pyT* (SG)	*mbək* ‘matar’	—
**mũ-ŋ / *mũ*	ir	*mũ-K*, IRR *mũ* (com outro verbo *mũ-C*)	*mũ-K*	*mũ-ŋ*, IMP *mũ*	*#mã* KMK ‹mã›G MGY ‹man›

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**mĩm*	árvore	*mĩP*	*mĩP*	—	*#hʷĩ* ‘árvore’ KMK ‹hui›M KTX ‹huy› ‘lenha’ MEN ‹hi› *#hʷĩ ta* ‘lenha = árvore morta’ MGY ‹hoindá (oin *unido*, dá *breve*)› MEN ‹hintá (hin *pelo nariz*)›
***/mr/**					
**mrỹp ~ *mrỹm*	submergir	*mrỹP*	—	—	—
**mrũp*	familiar	*mrũP-cuP* ‘grupo de familiares’	—	—	—
***/w/**					
**wa*	pegar.INAN	*pa* (SG) *paC-* ‘CAUSCOM’ *paC* ‘ITER’	*ba* (SG) *baC-* ‘CAUSCOM’	—	—
**wyp*	cheirar, farejar	*cy-pyP* ‘nariz’ *ca-pyP* ‘porco’	*byP* ‘farejar’ *ca-byP* ‘porco’	*wəp* ‘cheirar, beijar’	—
**wym*	podre	—	—	*wəm*	—
**wôk*	cachoeira	*ĩP-buK* (provável empréstimo da LCR)	—	*ᵑ̊ũñãŋ wok*	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**wẽk ~ *wẽŋ*	mostrar	*mỹK*	—	—	—
**wi-p*	estar deitado	*pi-P*, IRR *pi* (SG)	*bi-P*	*wip*	—
**wĩ(-k ~ -ŋ)*	matar	*mĩ-C*, IRR *mĩ* ‘fazer’	*mĩ-C*	—	—
**jawit*	convidar	*capiT*	—	—	—
***/t/**					
**tak*	preto	—	—	—	*#ta* KTX ‹**tah**› MAS ‹oeich**tá**› *#kwaha-ta* ‘homem negro’ KMK ‹cua**dá**›SO, ‹kua**da**, kuà**dá**, kwahã**dá**›G MGY ‹khoha**dá** (kho *tão breve que apenas se ouve*, dá *breve*), koa-che**dá** (e *apenas audí-vel*, da *breve*› MAS ‹gach**thá**› ‘homem negro; preto (*cor*)’
**ty*	LOC	*ty*	*ty*	*tə*	—
**tym*	novo	*tyP*	—	—	—
**tyt*	mãe	*tyT*	*tyT*	—	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**tom*	velho, antigo, escuro	*taP* ‘já’ *-taP* ‘escuro, seco (de planta)’ *hi-taP* ‘antigo’	*taP* ‘escuro, velho, seco (de planta)’	—	—
**tôp(-t)*	voar.SG	*tup-a*, IRR *tuP*	—	—	—
**kitôm*	olho	cf. MLL ‹ketó› (*e* breve), ‹achetó›SH	—	*kitom*	*#kVtô* KMK ‹aen**köh-toh**›M, ‹an**quedô**›SO, ‹**kôdôh**›G KTX ‹**kitho**› MGY ‹**kedó**› MEN ‹im**gutó**› MAS ‹**göchtch**›
**watu*	molhado (MXK), rio (KNK)	*patu*	—	*watu*	—
**tum*	gordura	*tuP*	—	—	—
**tek ~ *teŋ*	barriga	*teC*	—	—	—
**tê*	ERG	*te*	*te*	*ti* ‘eu’, *ho-ti* ‘tu’	—
**tĩp*	cru	*nĩP*	—	*tip*	—
***/n/**					
**nũp*	estar deitado.PL	*nũP*	—	—	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**nũc ~ *nũñ*	irmão (mesmo gênero do *ego*)	*nũC*	*nũC*	—	(?) *#tõ* KTX ‹chi**ton**› MEN ‹a**tó**›
**nũc ~ *nũñ*	outro	*nũC*	*nũC*	—	—
**nẽ-n / *nẽ*	vir	*nỹ-T*, IRR *nỹ*	*nỹ-T*	*nĩ-ŋ*, IMP *nĩ*	*#nĩ* KMK ‹hi **ni**!, hi**ni**!›G ‘vem!’ MEN ‹**ni**› ‘ir depressa; vem!’
***/r/**					
**ra*	maduro	*ta* REL-*ta* ‘vermelho’	REL-*da* ‘vermelho’	*ra*	—
**ryt ~ *ryn*	flor	*mĩ-dyT* ‘flor’ *ñĩ-dyT* ‘barba’ *kyC-dyT* ‘sobrancelha’	*dyT*	—	—
**pVryk ~ *pVryŋ*	parecer	*pytyK*	*pydyK*	—	—
**rot*	carregar.MASS	*taT*	—	—	—
**rôñ*	comprido	*tuC*	*duC*	*ron*	(?) *#rôrô* KMK ‹i**roro**›M, ‹hin-**rôrô**-dãn›G KTX ‹ni**rrorho**›
**jarit*	raiz	*ñĩP-catiT*	*ñĩP-cadiT*	—	—
**rik*	dois	*tiC*	*diC*	—	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
***/c/**					
**ca*	capinar	*hãP-ca* ‘roça’	*hãP-cyC-ca* ‘roçado’	*ca*	—
**jica*	quente	—	*hãP-cyca* ‘calor’	*jica*	—
**cyp*	estar pendurado, pendurar	*cyP* (SG)	—	*cəp*	—
**co*	morder	*ca*	—	—	—
**ñũCcôk*	língua	*ñũCcũK* (mais velhos), *ñĩcũK* (mais novos)	—	*jicok*	—
***/ñ/**					
**nĵyn*	retirar (MXK), esconder (KNK)	*cyT*	—	*nĵəŋ*	—
**jonĵôŋ*	esquecer (MXK), perder (KNK)	*cacuK*	—	*jonĵoŋ*	—
***/j/**					
**jap*	costurar, tecer	*caP*	*caP*	—	—
**jam*	semente	*caP*	—	*jam*	—
**kyjam*	fogo	*kycaP*	—	—	(?) *#keja* MGY ‹ae**chkeia**› ‘cinza’
**jaw*	pus	*capa*	—	—	—
**jyp*	chupar	*cyP*	*cyP*	—	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**kymjyt ~ *kymjyk*	sangue	cf. MLL ‹akemje›	—	*kəmĵək*	—
**jyc*	folha	*cyC*	*cyC*	*jət*	—
**jyc*	urinar	*cyC*	—	—	*#jak* KMK ‹**jack**›SO MAS ‹a**jach** cumung›
**jyñ(-)*	doce, saboroso	*cyC-peC*	—	—	—
**ñỹp*	estar sentado	*ñỹP* (SG)	*ñỹP*	*n̥̈ep*	—
**jo*	vagina	—	—	*jo*	—
**jo*	chegar, sair.PL	*mũ=ca*, IRR *mũ=cã-T*	—	—	—
**jor-kuñ, *jor-*	boca	*cata-kuC* ‘palato’ (cf. MLL ‹ajatocó›, ‹jataco›SH, HHH *#čaka-ʔoC* ‘boca’) *cata-paK* ‘bocejar’	—	—	*#ĵara-kô/ĵata(-kô)* KMK ‹diharicô›SO MGY ‹häräko› MEN ‹jniatagó› MAS ‹t(chiatta›
**jô(ô)p*	beber	*cuuP*	—	*jop*	—
**jôk*	caça, animal	*cuK*	—	—	—
**ju(-k)*	derramar	*nỹ=cu-K*, IRR *nỹ=cu* ‘derramar, deixar.PL’	—	*ju*	—
**jum*	tomar banho, nadar	—	—	*jum*	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**jum*	sangue	(?) *-cuP* ‘plural coletivo’	—		*#xô* KMK ‹**schoh**›M MGY ‹**kedió** (e *e* o *breves*)› MEN ‹**ísó** (í *indist.*)› MAS ‹**höh**›
**juñ*	dente	*cuC*	*cuC*	*jun*	*#cô* KMK ‹anköh **tchoh**›M, ‹**dju**›SO, ‹nãn-**co**, nãn**cô-**›G MGY ‹**dió**› MEN ‹**jo**› MAS ‹**thüoh**›
**juk*	rabo, pênis	—	*cuK* ‘rabo’ *cu-diK* ‘pênis de duas pontas’	*juk*	—
**ñũk*	GEN	*ñũK*	—	*ñuk*	*#ñũŋ* MAS ‹ing**niung**› ‘meu’
**ñũt*	dormir (RLS)	*mũ=ñũT*	—	—	—
**je-k*	colocar deitado	*ce-C*, IRR *ce* (SG)	*ky-ĵeC*	*jek*	—
**-jet*	chamar-se	REL-*ceT-aC* ‘nome’	—	—	—
**jet ~ *jek*	osso	—	—	*jek*	*#je* MAS ‹ing**je**›

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**ñĩ̃ji*	nariz	cf. MLL ‹asejé› (*final inaudível*), ‹cegi›$_{SH}$, HHH *-cihĩ̃*$_{P, B}$	*ñĩ̃ci-kuC* ‘nariz, focinho’	—	*#ñĩ̃ji-kô* KMK ‹aenköh **nini-koh**›$_{M}$, ‹ninjicô›$_{SO}$, ‹nydykô, ninko›$_{G}$ KTX ‹niika› MGY ‹nihiekó› MEN ‹inschiwó› MAS ‹tchüchgoh›
**jim*	ficar em pé.SG	*ciP*	—	—	—
**jit*	fio	*ciT*	—	—	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**ñĩm*	mão	*ñĩP*	*ñĩP*	—	*#nĩ-cô* ‘dedo’ KMK ‹guangäh**ni** tschoh ~ guangäh **ni**tscho›$_{M}$ ‘dedo, unha’, ‹**nhin**djú›$_{SO}$ MGY ‹**ni**hitió› ‘mão’, ‹**ny**hitiocrin› ‘dedo’, ‹**in**hindió (inhin *breve e indistinto*)› ‘dedão’ *#nĩcô-ka* KMK ‹nhindjouká›$_{SO}$, ‹ñôncôkás›$_{G}$ MGY ‹nihitioca› *#nĩkrV* ‘mão’ KMK ‹guangähni kreschi nighör›$_{M}$ MGY ‹ninkre (kre *muito breve*)› MEN ‹incrú› *#nĩkVs* ‘mão’ KMK ‹nincas›$_{SO}$, ‹nên-kišk›$_{G}$
**ñĩt*	carne	*ñĩT*	*ñĩT*	*ñik*	—
**mõñṼt*	astro	*mãñũT* ‘sol, astro’	—	*ᵑ̊mõñak, ŋ̊omiak, tomiak* ‘lua’	—
**ñṼt*	fezes, defecar	*ñũT*	*ñũT* ‘barriga’	—	—

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
***/k/**					
**ka-t*	chamar	*ca-t-a*, IRR *ca* ‘gritar’	*ca-t-a* ~ *ca-T* ‘gritar’	*kak*	—
**kac*	casca, pele	*caC*	*caC*	*kat*	*#ka* KMK ‹an**ká**›SO
**kyp*	mosca	*kyP-nũP* ‘mosca’ *kyP-mãñũC* ‘muriçoca’	—	*kəp*	—
**kym*	tronco, chifre	*kyP*	*kyP*	—	*#ku* MAS ‹zigöh-**ku**› ‘umbu’, ‹schüö**kuh**› ‘coxa’, ‹mutg**kú**› ‘milho’
**kyt*	piolho	*kyT*	—	—	—
**kyñ*	testa	*kyC*	*kyC*	*kən*	*#ky* KMK ‹a**ckühh**›M MGY ‹a**ké** (e *breve e acent.*, a *indist.*)› MAS ‹**küh**› ‘testa’
**kut*	cavar	*kuT*	—	—	—
**kut*	macaxeira	*kuT*	*kuT*	—	—
**kuñ*	buraco	*kuC*	*kuC*	—	*#kô* MGY ‹ae**kó**› ‘buraco’

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**ke*	cabelo	*ce*	—	*ke*	*#ke* MGY ‹a(e)n **köh**›$_{M}$, ‹rô**kê**›$_{G}$ KTX ‹**qué**› MGY ‹**kä**› MEN ‹inin**gé**› ‘cabelo’, ‹ín**gé**› ‘pena’ MAS ‹**chöh**›
**kit*	buscar água	—	—	*kit*	—
***/kr/**					
**krat*	faca, metal	—	—	*krak*	—
**kryk*	medo (MXK), vergonha (KNK)	*ktyK, ñĩP-ktyK*	—	*krək*	—
**krỹñ*	cabeça	—	—	*krẽn*	—
**krôc ~ *krôñ*	podre	*ktuC*	*kduC*	—	—
**kruk*	filho	*ktuK*	*kduK*	*kruk*	*#(kece-)kra* KMK ‹**kra**ni(n)g›$_{M}$, ‹**koa**-nin›$_{G}$ ‘filho/filha’ KTX ‹getie**crà**› ‘filho’, ‹kiach**kra**rá› ‘filha’ MGY ‹kediä**grá**› MAS ‹kü**gcrá**› ‘filho’, ‹thziagi**crá**› ‘filha’

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
**ñĩm-kruk*	dedo	*ñĩP-ktuK*	—	—	*#nĩkrV* (?) KMK ‹guangäh**ni kre**schi nighör›M MGY ‹**ninkre** (kre *muito breve*)› MEN ‹**incrú**›
**krẽk ~ *krẽŋ*	fazer sexo	*knỹK*	—	—	—
**krṼt*	tucano	*knãT*	—	—	—
***/ŋ/**					
**ŋ(g-)*	1SG	*K=*	*K=*	*ŋg-*	—
**ŋgwiŋ*	não existir	*kuiK*	—	*ãŋgwiŋ*	—
***/ŋr/**					
**ŋgraŋ*	zangado, cobra	—	—	*ŋgraŋ*	—
**ŋgrik ~ *ŋgriñ ~ *ŋgriŋ*	pequeno	*ktĩC-nãK*	—	—	—
**ŋgrê(-k)*	cantar	*kte-K*, IRR *kte*	*kde-K*	*ŋgri*	(?) *#-gre* ‘cantar’ MAS ‹ag**gre**amú›

PTSF	português	Maxakalí moderno	Maxakalí Ritual	Krenák	Kamakã
***/h/**					
**hop*	assar, queimar	*mũ=haP*	—	*op*	—
**hũp*	dar	*hũP* (SG)	*hũP* ‘doar’	*uṃ*	—
**hũt*	dormir (IRR)	*mũ=hũT*	—	—	(?) *#-õtõ* KMK ‹montong›M, ‹humhumdong›SO, ‹hondon›G MEN ‹jundun (un *pela metade*)›

Apêndice F. Proto-Jabutí

A seguinte lista das etimologias Jabutí é ordenada pelo *onset* da última sílaba (seguindo a ordem */p pr m mr b w t n r ð d č ǰ c ĵ k kr ŋr ∅/), logo pelo núcleo da última sílaba (seguindo a ordem */a ã y ỹ o õ ô u ũ e ẽ ê i ĩ/) e, finalmente, pela coda da última sílaba.

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
***/p/**			
**pa*	acordar	*pa*	*pa*
**pa*	mascar	*pa*	*pa*
**ǰapa*	braço, galho	*capa*	*hapa / rapa*
**kupa*	lua, baía, lagoa	*kupa*	*kupa*
**pə(e)*	jia	*pə*	*pəe*
**pə*	cana	*pə* ‘cana’, (?) *mbəpə* ‘taboca’	(?) *ôpə* ‘taboca’
**pəpə*	bater	*pəpə* ‘apanhar, bater, apalpar’	*pəpə* ‘bater (palmas)’
**mĩnũ-pəj*	pescar com timbó	*minũ-paj*	*minõ-pə* ‘festa de bater timbó’
**pâj*	flatular	*pəj*	*psi*
**py*	perigoso, medo	*py* ‘perigoso, esconder-se’	*pi* ‘ter medo’
**py*	cru	*py*	*pi*
**nĩpy(-ko)*	ouvido, orelha	*nĩpy-koj*	*nĩpi(-kö-)*
**ǰupy*	descer	*cupə*	*hupi*
**kapy*	verde, imaturo	*kapy*	*kapi*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**kopy*	coelho	*kopy*	*köpsi*
**po*	cintura	*po*	*ɸö*
**po*	mão-de-pilão	*krokro-po*	*ɸö*
**ǰopo*	voar	*copo*	*höɸö*
**kopo*	pescoço	*poko ~ kopo*	*köɸö*
**ǰapoN*	esquerdo	*capo*	*haɸõ / raɸõ*
**pô*	comer	*pô*	*ɸô*
**pôpô*	coruja	*pôpô*	*ɸôɸô*
**ǰôpô*	desatar, soltar	*côpô-nã*	*hôɸô*
**pupu ~ *pupô*	murucututu	*pupu(-cici)*	*huhô* (esperar-se-ia **ɸuɸô*)
**pupu*	assoprar	*pupu*	*ɸuɸu* ‘buzina’
**pupu*	mãe-da-chuva	*pupu*	*ɸuɸu*
**pe*	apagar	*pe*	*pe*
**mbepe ~ *pepe*	joelho	*mẽpe*	*pepe*
**pi*	lavar	*pi*	*psi*
**mbe-pĩ*	tataíra	*me-pĩ*	*be-pĩ*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
***/pr/**			
**praj*	pé	*praj*	*pa*
**praN*	sobrinhos fraternos	*pra*	*ɸõ*
**nĩprəj*	banco, assento, esteira	*nipraj*	*nĩpe*
**proj*	chegar	*prəj*	*pe*
**proN*	roçar, derrubar	*pro* ‘roçar, capinar, bater’	*ɸõ* ‘derrubar’
**pri-ka*	barriga	*pri-ka*	*pi-ka*
***/m/**			
**mba*	clarear	*ma*	*mba*
**mbə*	fígado	*mbə*	*bə*
**mbə*	meio, centro	*mbə*	*bə*
**mbə*	ouvir, entender, saber	*mbə*	*bə*
**mbə(…)* **mbə(…)-čã*	colar mulungu, tento	*mbə* *mbə-hã*	*bəru* *bəru-hõ*
**mbəmbə*	mole, frouxo	*mbə̃mbə*	*bəbə-be*
**ǰambə*	estar cansado	*cãmbə*	*habə / rabə*
**mbə̂j*	cheio	*mbəj*	*ĵe-bzi* *bzi-tã* ‘todo; acabar’

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**(a)rymby*	tarumã	*arymby*	*hemi*
**ǰumbyj*	roubar	*cumãj*	*hubi / rubi*
**mỹ*	fechar, apertar	*mã*	*ĵe-mĩ* ‘fechar, estar entupido’
**nĩmỹ*	levar	*nĩmã*	*nĩmĩ*
**ŋgre-mỹ*	chocar	*rẽ-mã*	*ĵe-mĩ*
**kômỹ ~ *kumỹ*	pesado	*kômə̃*	*kumi*
**mbo*	chorar	*mõ*	*bö*
**pambo*	falar, contar	*pamõ*	*pabö*
**rimbô*	japu	*rĩmbô*	*hibô*
**ǰambôj*	algodão	*cãmbôj*	*habzi*
**mbu*	cará	*mbu*	*bu*
**mbu…*	aquele	*mbue-hã*	*bupe*
**ǰambuj(-kakə)*	lagarta-de-fogo, besouro-de-chifre	*cãmbuj*	*habzi-kakə*
**kambu*	novo	*kãmbu*	*kabu*
**kômũ*	rio (afluente do Rio Branco)	*kômũ*	*kôma*
**mbe(-ko)*	céu	*mẽ*	*be-kö-kö* *be-nõhi* ‘nuvem’

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**mbe*	aconselhar	*mẽ*	*be*
**kumbe*	paxiubinha	*kume*	*kube*
**kumbe*	capemba, broto	*kume* ‘capemba’	*kube* ‘broto de açaí’
**mbej* **mbej-ŋgre*	abelha, mel caba	*mbi* ‘abelha’ *mi-rẽ* *mbi-co* ‘mel’	*be* ‘mel’ *be-ĵe*
**mbɪ*	jenipapo	*mbɪ*	*bi(-ka)*
**mbi*	água	*mbi* ‘água, rio’	*bzi-ru(-kuku)* ‘água’; *hi-bzi* ‘chicha’
**ǰombi* **mrãj-ǰombi*	dor, doer, doença jararaca	*cõmbi* *mbrãj-cõmbi*	*höbi / röbi* *mẽ-röbi*
**mĩ* **ka-mĩ*	espremer, abortar apertar, abraçar	*mĩ* ‘fechar, sufocar, espremer, abortar’ *ka-mĩ* ‘abraçar, apalpar’	*mĩ* ‘espremer, abortar’ *ka-mĩ* ‘abraçar, apertar’
**mĩ* **mĩ-ka*	terra, chão barro	*mĩ* *mi-ka*	*mĩ* *mĩ-ka*
***/mr/**			
**mrã ~ *mbra*	barro, argila	*mbrã*	*ma*
**mrã ~ *mbra*	banhar	*mbrã* ‘dar banho’	*ma*
**mrãj*	cobra	*mbrãj*	*mẽ*
**mbrə*	pó, cinza	*mbrə* ‘pó’, *pikə-mbrə* ‘cinza’	*ka-mẽ*
**kʊmbrə̂j*	amendoim	*kũmbrəj*	*kômẽ*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**tãmrỹ*	bater	*tãmbrã*	*tömĩ*
**mrỹj-mrỹj(-mrỹj)*	relâmpago	*mbrãj-mbrãj-mbrãj*	*mĩ-mĩ*
**mbre*	mingau	*mbrẽ* ‘mingau, papa, esmigalhado’	*ma* ‘mingau, goma’
**nũmbre*	lama	*mbi-nũmbrẽ*	nõma
**kumbrejN*	samaúma	*kũmbri-prika*	kume-pika
***/b/**			
**wəbəw*	roer	*wəwəw*	*wəô*
**čabi*	bom	*hawi*	*hai(-)nẽ*
***/w/**			
**ǰawa*	flor	*cawa*	*hawa / rawa*
**ǰawa*	caranguejeira	*cawa*	*hawa-nô*
**ǰôwa*	cantiga	*côwa*	*hôwa / rôwa*
**waj*	quati / onça (?!)	*waj* ‘quati’	*wa* ‘onça’
**wəwə*	fel	*wəwə*	*wəwə-ka* ‘fel’, *wəwə-rö* ‘amargo’, *wəwə* ‘remédio de *itãtõa*’
**kəwewe*	ave grande, divindade	*kəwewe* ‘ave maior que o araçari, branca com vermelha, de bico comprido, alimenta-se de ovo de galinha’	*kəwewe* ‘o mais inteligente dos deuses’
**wi*	caminho	*wi*	*wi*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**wi*	curar	*wi*	*wi*
**ǰu(w)i*	subir	*cuj*	*huwi / ruwi*
***/t/**			
**tã*	NEG	*tã*	*tõ*
**nũtã*	dormir	*nũtã*	*nõtõ*
**taN*	piolho	*ta*	*tõ-ĵe*
**əjtaN*	perder, desaparecer	*ata*	*ətõ*
**mbətaj*	estrondear, estourar, espocar	*mbətaj*	*bətaj*
**tə*	trazer	*tə*	*te*
**tə-kə* **tôN-…-tə-kə*	recipiente, vasilha útero	*tə-kə* *tõã-tə-kə*	*tô-te-kə*
**nũtə*	língua	*[nduku]tə-re*	*nõte*
**ǰitə* **ǰitə-kə*	urinar bexiga	*citə-kə* ‘bexiga’	*hite / rite* *tö-rite-kə*
**katə*	carregar	*katə*	*kate*
**mbətəj*	coco de aricuri	*mbətaj*	*bəte*
**nĩ̃kətəj*	unha, garra	*nĩ̃kətaj*	*nĩ̃kəte*
**târâ*	coar, peneirar	*tərə*	*tôrô*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**tâj*	resto (de comida)	*təj*	*ti*
**ty*	rede	*ty*	*te(-)tə*
**ǰawa-ty*	pente-de-macaco	*cawa-ty*	*hawa-te*
**tyty*	esmiuçar	*tyty*	*titi* (ausência inesperada de **y* > *e* após coronal)
**tỹ*	enfiar	*tã* ‘vestir, enfiar’	*tĩ*
**mbətỹ*	enviar, mandar embora	*mbətã*	*bətĩ*
**toj*	sobrinha	*i-təj* ‘sobrinha, primos, filhos dos primos’	*te(e)* ‘sobrinha, sobrinho’
**tojtoj*	puxar, esticar	*təjtəj*	*tete*
**čãtojɴ*	brincar	*hãtəj*	*ĵe-hõtõ*
**kotô*	zogue-zogue	*kotô*	*kötô*
**ôtô*	rodear, rodar	*ôtô*	*ôtô*
**tôɴ*	gordura	*tô-ka*	*tõ*
**mbə-tutu(-ka)*	coração	*mbə-tyty-ka ~ mbə-tutu*	*bə-tutu-ka* ‘coração; ponta roxa que fica no final do cacho de banana’
**tũtũ*	cuité	*tũtũ*	*tôtô-me-kakə*
**kati*	coceira	*kaci*	*kati*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
***/n/**			
**nã*	engolir, beber	*nã* ‘engolir’	*nõ* ‘beber’
**nã*	fazer sexo	*nã*	—
**ǰanã*	gongo de coco	*canə*	*hanõ*
**tanãj*	timbó	*tanãj*	*tanẽ*
**ǰəjnãj* **čəjnãj*	outro	*canaj* *hanaj*	*rənẽ*
**onỹ*	pupunha	*onə*	*önĩ*
**tənỹj* **tənỹj-ka*	torcer cotovelo	*tənãj* *capa-tənãj-ka*	*tenĩ-ka*
**mĩnũ* **mĩnũ-pəj*	peixe pescar com timbó	*minũ* *minũ-paj*	*minõ* *minõ-pə* ‘festa de bater timbó’
**nĩnũ*	ponta	*nĩnũ*	*nĩnõ*
**kanũ*	cocar	*kanũ*	*kanõ*
**nĩ*	carne	*ni*	*nĩ*
**(ku-)nĩ*	espinho	*(ku-)ni*	*nĩ* ‘folha’, *ku-nĩ* ‘espinho’
**nĩ*	corda, nó	*ni* ‘corda’	*nĩ* ‘punho de rede’
**tonĩ*	fezes	*toni*	*töni-kôa-kakə* ‘vira-bostas’
**nĩnĩ*	nariz	*nĩnĩ* ‘bico’, *nĩnĩ-ka* ‘nariz’	*nĩnĩ-kö* ‘nariz’

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**ôrə(j)nĩ*	taperebá	*ôrənĩ*	*ôrenĩ*
**kukənĩ*	sal	*kukənĩ*	*kukənĩ*
**konĩ*	acompanhar, complemento	*konĩ*	*könĩ* ‘mistura de alimentos’
**kunĩ*	cuandu	*kunĩ*	*kunĩ*
**kunĩ*	ABL	*kunĩ*	*kunĩ*
**ônĩ*	cinturão, faixa, tocaia	*ônĩ* ‘cinturão, faixa’	*ônĩ* ‘tocaia’
**ônnĩ-(ti-)re*	lesma *sp.*	*ônire*	*õnitire*
***/r/**			
**ra-ĵi*	costela	*ra-ci*	*ha-ĵi* *ha-ĵi-rö / ra-ĵi-rö* ‘magro’
**ôraN*	aricuri	*ôra*	*ônõ*
**nũraw*	vermelho	*nũrãw*	*nõrö*
**nũrã*	tucum	*nũrã*	*nõnõ*
**kunũrãw*	garapeira	*kunuraw* ‘garapeira *sp.*, cumaru-de-ferro’	*kunono*
**əjrã*	ver, conhecer, visitar, mostrar	*arã*	*ənõ*
(?) **rə*	assar	*rə* (caso DJE *he* não seja cognato com ARI *ci*)	*he*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**ndârə*	jatobá	*nərə*	*nôre*
**ôrə*	castanha-do-Pará	*ôrə*	*ôre*
**târətârə*	vespeiro grande	*tôrətôrə*	*tərətərə* (preservação inesperada de **ə* após coronal)
**werâ*	muruci	*werə*	*werô*
**urâj ~ *ôrəĵ*	ninho	*urəj*	*ôri*
**tərâj*	comprido, longe	*tərəj* ‘longe’	*təri* ‘comprido’ (preservação inesperada de **ə* após coronal)
**pyry*	vermelho, arara-vermelha	*pyry* ‘vermelho’	*pire* ‘arara-vermelha’
**mbiry*	macaco-prego	*mbiry*	*bzire*
**cəjryry*	cupim	*karyry*	*cerere-ka* ‘cupinzeiro’
**kory*	seco	*kory*	*köri* ‘torrar, fritar’
**kəry*	preto, escuro, sujo	*kəry* ‘preto, escuro, sujo, noite’	*kəre* ‘impingem’
**kryry*	desembaraçar, pentear	*kryry*	*kiri*
**ury*	urutau	*ury* ‘udu, urutau *sp.*’	*ure-nõrö*
**kyryj*	limpar, varrer	*kyryj*	*kiri*
**ro*	crescer, comprido	*ro*	—
**iro*	querer	*iro ~ irô*	*bziru-iro* ‘ter sede’

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**kuroN* **praj-kuroN*	esteio, estaca ponte	*kuro* *praj-kuro*	*pa-kunõ*
**ronron*	xerimbabo	*roro*	*nõnõ*
**kawejro ~ *kawejrô*	caverna, gruta; tapiri	*kawirô* ‘caverna, gruta’	*kawerö* ‘tapiri, palhoça, choupana’
**roj*	saliva	*ca-rəj*	*he-i*
**ǰəjrəj*	ciúme	*caraj*	*həre / rəre*
**re*	linha, fio	*re*	*re*
**mbure ~ *-ô-* **mbure-ku ~ *-ô-*	macaxeira maniva	*mbure* *mbure-ku*	*bôre* *bôre-ku*
**ǰəjre*	rir	*care*	*ĵe-rəre*
**kure*	avó	*kure*	*kure*
**kəjdVre*	cócegas	*karere*	*kədəre*
**ere*	não indígena	*ere*	*ere*
**nĩreN*	tripa	*nĩre*	*nĩnĩ-ka*
**nũreN*	umbigo	*nũre*	*nõnĩ*
**ri*	BEN	*ri*	*ri*
**pari*	virar	*pari*	*pari* ‘virar, trair’
**pôri ~ *-u-*	curica	*puri*	*ɸôri*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**pôriri ~ *-u-*	veia, nervo	*puriri*	*ɸôriri*
**təri*	cutia	*təri*	*teri*
**mbâjciri*	taxi	*mbəjciri-o*	*biciri*
**ǰari*	raiz	—	*rari*
**paǰôri*	tamanduá	*pacôri*	*parôri*
**ǰoka(...)ri*	costas	*cokari-i* ‘espinhaço, costas’; *cokari-ka* ‘corcunda’	*höka(hi)ri*
**rĩ*	secar	*rĩ*	*i-nĩ*
***/ð/**			
**nũdy*	peito, seio	*ndũndy*	*nõwi*
**kady(dy)*	marajá	*kadydy*	*kai*
***/d/**			
**kuðâj*	veado-mateiro	*kurəj*	*kudi*
***/č/**			
**ča-*	WH.Q	*ha-ce* ‘onde’, *hã-ndə* ‘quando’	*ha-ci* ‘o quê’, *ha-ĵô, ha-u* ‘onde’
**čã* **čã-ka* **čaɴ-(ka-)y*	semente olho lágrima	*hã* *hã-ka-re* *ha-y*	*hõ* *hõ-ka* *hõ-ka-i*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**tojɴčaɴ*	sol	*təha* ‘sol, ano, mês’	*tõhõ*
**kəčỹj*	espaçar / arranhar (?)	*kəhãy* ‘espaçar’	*kəhĩ* ‘arranhar’
**čočo*	socó	*hoho*	*höhö*
**toɴčoɴ*	tossir	*toho*	*tõhõ*
**če*	cozinhar	*he*	*bzi-he*
**priče*	irmã(o) mais nova(o)	*prihe*	*psihe* ‘irmão mais novo’
**či ~ *ǰi*	1PL	*ci-*	*hi-*
**mbiči*	macaco-de-cheiro	*mbici*	*bihi*
**taɴči*	nome	*taci*	*tõci*
**reči*	campo	*reci*	*hehi*
**čãči ~ *čači*	lastimar / morrer	*hãci* ‘ter dó, lastimar’	*hahi / rahi* ‘morrer’
**ciči(či)*	tucandeira	*cici*	*cihihi*
		***/ǰ/**	
**ǰa-ko (*ǰa-)*	boca (interior)	*cã-mbi-ko* ‘boca’, *ca-rəj* ‘saliva’	*hakö / rakö*
**ǰo*	dente	*cô-krĩã* ‘dente’, *co-kani* ‘gengiva’, *co-kə* ‘parte superior da boca’	*hö / rö*
**ǰo*	tomar banho	*co*	*hö / rö*
**ǰo(ɴ)*	sangue	*co*	—

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**ǰô*	amadurecer	*cô*	*hô*
**ǰô*	pus	*cô*	*rô(ô)*
**ǰô(-ci)* **ǰô-taN*	pai avô	*cô(-ci)* *cô-ta*	*hô-ci* ‘papai’, *-rô* ‘pai, macho’ *hô-tõ* ‘avô, deus’
**ǰu*	cacho	*cu*	*ru*
**koǰu*	mexer	*kocu*	*bziru-i-köru* ‘remar’
(?) **ǰej*	assar	*ci* (caso DJE *he* não seja cognato com ARI *rə*)	*he*
**ciǰi*	sair	*cici* ‘sair, findar, ir embora’	*ciri* ‘nascer, parir, botar ovos’
***/c/**			
**cə*	quente, queimar	*kə*	*ce* ‘cozinhar’
**picə*	fogo	*pikə*	*pice*
**mbôrôcâj*	indígena (etnônimo?)	*mbôrôkəj-o*	*bôrôci*
**čecyj*	tampa	*hekyj*	*hece*
**cece-nĩ*	tutano	*cece-nĩ*	*cece-nĩ*
**nĩce*	ajudar	*nĩce*	*nĩce*
**ǰuce*	sobre, em cima	*cuce*	*huce / ruce*
**kumbici*	paxiúba-barriguda	*kũmbici-prika*	*kubici*
**ĵici ~ *ici*	filha	*cici* ‘filha (chamada pelo pai)’	*ici*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**mbâjci* **mbâjci-nũraw*	mutum-cavalo cigana	*mbəjci* *mbəjci-nurãw*	*bici* *bici-nörö*
**waciw*	uma constelação	*waciw*	*waci(-)ri*
**cici*	milho	*cici*	*cici*
**cici*	grande, grosso	*cici*	*cici*
**cici* **cici-ka*	aranha carrapato	*cici* *cici-ka*	*cici-ka*
**raɴbaci*	banana	*rawaci*	*hõaci-tə*
**toɴtoɴci*	urubu	*totoci*	*tõtõci*
**rojɴci*	velho	*rəjci(~ci)*	*nõci*
**paciɴ*	carapanã	*paci*	*pacĩ*
***/ĵ/**			
**ĵôbi*	inambu-relógio	*côwi*	*ĵôi*
**kuǰauĵej*	trinca-culhão, pentelho-de-velha	*kucawci*	*kurauĵe*
**ĵi*	mãe	*ci*	*ĵi*
**ĵi*	colocar	*ci*	*ĵi*
**ĵi ~ *i*	osso	*ci* ‘espinha’ (*i* ‘osso’)	*ĵi*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**paĵi*	fumo (cf. Chiquitano **paʎi-)*	*paci*	*paĵi*
**paĵi-čã*	angico, paricá	*paci-hã*	*paĵi-hõ(-kô)*
**puĵi*	agulha	*puci*	*puĵi*
**ĵiĵi*	frio, esfriar	*cici*	*ĵiĵi*
**kyjĵi*	sujo, turvo	*kyjci*	*kiĵi* ‘cinzento, turvo’
***/k/**			
**ka*	coisa redonda	*ka*	*ka*
**ǰika*	ramo, rama	*cika*	*hika / rika*
**nĩ̆ka*	ninho de abelha	*mbi-o-nika*	*be-nĩ̆ka*
**nĩ̆ka*	enrugar	*nika* ‘enrugar, encolher’	*nĩ̆ka* ‘virar cinza’
**nĩ̆kaj*	mão	*nikaj*	*nĩ̆ka-ka* ‘punho’
**kaj*	cabeça	*kaj*	*kõã-ka*
**mbə-təkaj*	rins	*mbə-təkaj*	*bə-təka* ‘rins, pâncreas’
**kə* **kə-tã* **ǰo-kə*	roupa, pele nu lábio	*kə* *kə-tã* ‘nu’ *co-kə* ‘lábio superior’	*kə* ‘roupa, pele, roupa’ *kə-tõ* ‘nu’ *hö-kə / rö-kə* ‘lábio inferior’
**pakə*	COM	*pakə*	*pakə*
**kambekə*	jirau	*kamekə*	*kabekə*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**karʊkə*	tipoia	*tõa-karukə*	*karôkə*
**mbi-ǰakə*	porto	*mbi-cakə*	*bzi-rakə*
**ǰôkə*	envira, cipó, corda	*côkə*	*hôkə*
**kakə*	descascar, quebrar	*kakə* ‘descascar; cuia, casco, casca’	*kakə* ‘quebrar’
**kəkə*	latir	*kəkə* ‘latir, conversar em tom alto’	*kəkə*
**akə*	ai! (dor)	*akə*	*akə*
**koky*	afastar	*koky*	*köki*
**ko*	buraco	*ko*	*kö*
**nĩ-ko*	nádegas	*ni-ko-ni*	*nĩ-kö*
**ǰako*	pedaço de pau	*cako*	*pikə-rakö* ‘lenha’
**ǰako-*	axila	*cakokə*	*hakökakö / rakökakö*
**ǰâjko*	quarto, casa	*cəjko* ‘quarto’	*hikö* ‘casa’
**kako*	parte exterior (?)	*kako* ‘ponta do cabelo’	*ô-kakö* ‘parte externa do pênis’, (?) *kakö* ‘espaço físico apropriado, acampamento’
**koko*	esfregar	*koko*	*kökö*
**kuko*	pagar, preço	*kuko* ‘pagar’ (cf. *kukoj* ‘responder por um malefício’)	*kukö* ‘preço’
**kô*	comer	*kô*	*kô*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**a(j)rekô*	Rio Branco	*arekô*	*arekô*
**pakô*	mulher	*pakô* ‘irmã mais nova (*ego* masculino)’ *pakô-e* ‘mulher’	*pakô*
**ku* **-ku*	árvore, pau chifre	*ku* *nĩpy-ku*	*ku* *me-ku*
**(ʊ)pəku*	armadilha	*(u)pəku*	*ôpəku* ‘armadilha para matar tatu’
**mbiku*	terreiro	*mbiku*	*biku*
**nũku*	boca (exterior)	*nduku* ‘lábios, boca, fim’	*nõku-tõ* ‘mudo’
**uruku*	roça	*uruku*	*uruku*
**ôku*	assoviar	*ôku*	*ôku*
**kũ*	moer	*kũ*	*kõ*
**kũ*	ir embora	*kũ*	*kõ*
**təkũ*	soluçar	*təkũ*	*təkõ* (preservação inesperada de **ə* após coronal)
***/kr/**			
**kra*	pedra	*kra*	*ta*
**krəj*	filho, DIM	*kraj*	*tə*
**čikrə̂ ~ *ǰikrə̂*	feder	*cikrə*	*hitô*
**mbykrəj*	pássaro, inambu	*mbykraj*	*bitə*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**krokro*	pilão, cumaru-de-cheiro	*krokro*	*kötö* ‘pilão’, *kötö-e* ‘cumaru-de-cheiro’
**ǰokrej*	crescer	*cokri* ‘engordar’	*höte / röte*
***/ŋr/**			
**ŋgre* **ŋgre-mỹ*	ovo chocar	*rẽ* *rẽ-mã*	*ĵe* ‘ovo, vagem’ *ĵe-mĩ*
**ŋgre*	dançar	*rẽ*	*ĵe* ‘rir’
**mbej-ŋgre*	caba	*mi-rẽ*	*be-ĵe* ‘caba, vespa. marimbondo’
sem onset			
**a-*	2	*a-*	*a-*
**ǰôpôa*	correr	*côpôa*	*hôɸôa*
**ôa*	panela	*ôa*	*ôa*
**y*	líquido, caldo	*y*	*i*
**o*	esconder	*o*	*ö*
**o*	fumar, sugar, beber	*o*	—
**kuǰaô*	bacurau	*kucaw*	*kuraô*
**taN.ô*	tatu	*taw-, tãw-, tãô-*	*tõô*
**caôN*	arraia	*caw ~ caô*	*caõ*

Proto-Jabutí	glosa	ARI	DJE
**u*	chupar, mamar	*u* ‘chupar, mamar, beber’	*u*
**ǰau* **ǰau-re ~ *ǰaô-re*	lagarto, calango osga, lagartixa	*caw* *caô-re*	*hau* *hau-re*
**ũ*	dar	*ũ*	*õ*
**ciũ*	espirrar	*ciũ ~ cĩw*	*he-ciõ*
**(č)i*	pena, cabelo, pelo, palha	*ka-i*	*hi*
**i-*	1SG	*i-*	—
**i-*	GNQ, 3	*i-* ‘GNQ’	*i-*
**ǰakəi*	nojo, enjoo	*cakəj*	*hakəi*
**mbômbôi*	taquara	*mbõmbôi*	*bôbôi*
**ĩ*	cheirar	*ĩ~ĩ~ĩ*	*ĩ*

A seguir, listamos pares de lexemas Arikapú e Djeoromitxí que não apresentam correspondências sonoras regulares. Poderia se tratar de itens difundidos via empréstimo na região do Rio Branco.

	Arikapú	Djeoromitxí
anta	*nə̃wə*	*hõã ~ hõə*
arco-íris	*ndurucu*	*neru*
bacuri	*ndəra*	*(kô)dôre*
balançar	*wə̃jwə̃j* ‘embalar, balançar, sacudir’	*wewe*

	Arikapú	Djeoromitxí
bicho-preguiça	*awnã*	*waôdo*
borrachudo, pium	*mbokõciwe* ‘pium’	*bokõ* ‘pium’, *bokõ-ciwe* ‘borrachudo’
cana-de-açúcar	*mbeky*	*beki-ĵi*
canoa	*kukəkə*	*kuəkə*
cesto, balaio	*cuj*	*tôe*
cigarra	*kôkôrə*	*kôrôkôrô*
coluna	*mõ* ‘coluna, costa (parte de baixo)’	*ma-ni* ‘ponta da coluna’
concha, colher caninana	*tỹbyrə* *mbrãj-tybyrə*	*temi* *mẽ-temĩ*
cunhado	*awewinõ*	*hainõ*
doce	*mõto*	*matõ*
dono	*mbio* ‘dono, amigo, companheiro’	*bzia*
enrugar	*cucu* ‘puxar, arrastar; enrugar’	*tuĵu* ‘murchar, enrugar’
entrar, afundar	*cury*	*hu / ru*
esquecer	*õwəj*	*õwə*
esquilo-grande	*tyty*	*tekati*
febre	*caryty*	*kərəte*
ferida	*kəcu*	*kərö-kö*

	Arikapú	Djeoromitxí
fino	*kəbitə* ‘raso, fino’	*kəbzitə* ‘estreito, fino, achatado’
gavião	*pãjkuri*	*pikurö*
gongo do murumuru	*kôrôre*	*kôre*
ingá	*comẽ*	*homi*
irmão mais velho	*ndəj* ou *nũãj*	*nẽ(ẽ)*
jabuti	*miakô*	*bziekô*
jandaíra, jataí	*paku-kəw*	*pakô-rö-kəô*
jia	*pira*	*pireô*
juriti	*panĩ*	*paneuri*
macucau	*əkaj-kəwaj*	*pakô-kawa*
mãe-da-chuva	*əka*	*wöka*
mãmão	*mbykoci*	*bôkati*
marico	*cu*	*du*
papagaio	*torewhe*	*eruwe*
peixe *sp.*	*pambe* ‘jatuarana’	*pama* ‘aracu, piau’
pente	*towə*	*tewə* ‘pente; arco; arma de fogo’
perereca (*Hyla boans*)	*mbiykõã*	*bzirikõã*
periquito	*cirikə*	*iriki*

	Arikapú	Djeoromitxí
poraquê	*tybyrə*	*mire*
preguiça	*ciriri*	*kəhiri*
pulso	*nĩkaty*	*nĩkaci* ‘pulseira’
ralar, amolar	*a*	*ô* ‘ralar, moer’ *hö-ô / rö-ô* ‘afiar’
raso / longo	*kureci* ‘raso’	*kurici* ‘longo’
seringa	*ataw*	*ôta-hõ* ‘semente de seringa’
trair	*prəj*	*pari*
tucumã	*ôrôkônãj*	*ôrôrô*
urtiga	*mbitojo*	*bətõ*
urucu	*kôãmbri*	*kurabi*
cunauaru	*wəwə*	*wãwã*
maracajá	*wariri*	*warurei*
tuiuiú, jaburu	*wakanõ-cici*	*wakənô*
pama	*watã*	*watã*

Apêndice G. Fonologia do Proto-Tupí

Este apêndice resume os resultados de Nikulin e Carvalho (manuscrito) relativos à reconstrução fonológica do Proto-Tupí. Foram omitidos os reflexos em Awetí (ver MEIRA, DRUDE, 2015) e nas línguas cuja história fonológica ainda não foi plenamente compreendida (Puruborá, Káro, Jurúna e Mondé).

Proto-Tupí	Proto-Tuparí	Makuráp	Proto-Tuparí Nucl.	Karitiána	Proto-Mundurukú	Proto-Mawé-Guaraní	Sateré-Mawé	Proto-Tupí-Guaraní
consoantes em *onset*								
***p**	*p	p	*p	p	*p-/*-b-; *Ø[A]	*p, *[mb][B], *β[C]	p, [mb]	*p, *[mb]
***b**	*b	p	*β	—	—	*β	w	*β
***m** ***[mb]**	*m *[mb]	m [mb]	*m *β	m —	*m *p-/*-b-	*m *[mb]	m	*m *[mb]
***w**	*w	w	*w	h	*w	*w	w, h/Ø[D]	*j (*wi > *i)
***t**	*t	t	*t	t	*c-/*-ĵ-; *c (*_i)	*t, *[nd][B] (*ti > *tʲi)	t, [nd]	*c- ~ *ts-[E], *[nd]
***tʲ**	—	—	—	s (?)	*x	*tʲ	-tV-/-r(j)V	*t
***[nd]**	*[nd]	[nd]	*ð	t	*c	*ð	n	*r
***r**	*r	r	*r	r	*r	*r	r	*r
***c**	*c	t	*c	s	*t; *c (*_i)	*c	h	*c- ~ *ts-/*-t-
***j** ***[ñ]**	*j *ñ	c ñ	*ð *ñ	s ñ	*ð	*ts (*Cts > *c)	s j	*t-/*-Ø- *t
***k**	*k	k	*k	k	*k, *kʲ (*_i)	*k, *[ŋg][B]	k, [ŋg]	*k, *[ŋg]
***kʲ**	*ʔ	ø	*ʔ	k	*k, *kʲ (*_i), *x (*_e)			
***ʔk**	*k	k	*k	ʔ	*ʔ	*ʔ	ʔ	*ʔ
***ŋ** ***[ŋg]**	*ŋ *[ŋg]	ŋ [ŋg]	*ŋ *[ŋg]	ŋ [ŋg]	*k	*ŋ *[ŋg]	ŋ	*k
***ʔ**	*ʔ	ø	*ʔ	ʔ	*ʔ	*ʔ	ʔ	*ʔ
núcleos								
***a**	*a	a	*a	o	*a	*a	a	*a
***e**	*e	e	*e	a	*e	*e	e	*e
***ə**					*y	*o	o	*o
***o**	*o	o	*o	y				
***u**					*o	*u	u	*u
***ɯ**	*y	y	*y	e	*i	*y	y	*y
***y**	*i	i	*i	i				
***i**						*i	i	*i

Proto-Tupí	Proto-Tuparí	Makuráp	Proto-Tuparí Nucl.	Karitiána	Proto-Mundurukú	Proto-Mawé-Guaraní	Sateré-Mawé	Proto-Tupí-Guaraní
consoantes em coda								
***-P**	*-P	-P	*-P	-p/-m	*-p/*-m	*-P	-P	*-P
***-T**	*-T	-T	*-T	-t/-n	*-t/*-n	*-T	-T	*-T
***-C**	*-C	-C	*-C	-c/-ñ	*-c/*-ñ	*-C	-C	*-C
***-K**	*-K	-K	*-K	-k/-ŋ	*-k/*-ŋ	*-K	-K	*-K

[A] = diante de **e/*i* em algumas palavras (condicionamento exato desconhecido); [B] = seguindo segmentos nasais; [C] = resultado de fusão com certas codas (PT **-Cp-*, **-Pʔ-* parecem ter esse reflexo em alguns casos); [D] = diante de *u* (em sílaba tônica/átona); [E] = condicionamento desconhecido (reflexos diferentes atestados apenas no sub-ramo Guaraní, talvez o Proto-Tupí-Guaraní não apresentasse o contraste).

Exemplos (seleção não exaustiva de etimologias):

Proto-Tupí	glosa	Proto-Tuparí	Makuráp	Proto-Tuparí Nucl.	Karitiána	Proto-Mundurukú	Proto-Mawé-Guaraní	Sateré-Mawé	Proto-Tupí-Guaraní
***jupa**	semente, rosto	**jopa*	*copa* ‘grão’	—	*sypo* ‘olho, semente’	**ðópa* ‘rosto’	—	—	—
***paP**	morrer.PL	**paP*	*paP* ‘esturricar’	**paP*	*pop*	—	**paP*	*paP*	**paP*
***py/*mby**	pé	**mbi*	*mbi*	**βi(-to)*	*pi*	**i*	**py/*mby*	*py/my*	**py/*mby*
***py**	interior	**pi*	*pi*	**pi*	(?) *pi-p*	**pi* ‘boca’	**py*	—	**py*
***py(-)ʔa/*mb-**	fígado	**piʔa*	*pia*	**piʔa*	—	**pią*	**pyʔa/*mbyʔa*	*pyʔa/myʔa*	**pyʔa/*mbyʔa*
***mẽpyT**	filho de mulher	**mẽpiT*	*mẽpiT*	**mẽpiT*	—	—	**mẽpyT*	*mẽmbyT*	**mẽmbyT*
***apyK**	sentado	**epiK*	—	**epiK*	(?) *mbik*	**(ʔ)ábik*	**apyK*	*(ʔ)apyK*	**(w-)apyK*
***po/*mbo**	mão	**mbo*	*mbo*	**βo*	*py*	**py*	**po/*mbo*	*po/mo*	**po/*mbo*
***pe**	pele, casca	**pe*	*pe*	**pe*	*pa*	—	**pe*	*pe*	**pe*
***pe** ***jape**	caminho (abs.) caminho (rel.)	**pe* **(j)a:pe*	*pe*	**pe* **(ʔ)a:pe*	*pa*	**e*	**pe* **tsape*	—	**pe* **-rape*
***(j)upi(-ʔa)**	ovo	**jopiʔa*	*copia*	**opiʔa*	*sypi*	**ðopią*	**(ts)upiʔa*	*(s)upiʔa*	**-rupiʔa*
***ŋguP-~*ŋgupi-**	cupim	**ŋgoP-*	*ŋgowa*	**ŋgoPʔi*	*ŋgypy*	**kópią̃*	**ŋgupi-*	*ŋupiʔa*	**kupiʔi*
***jəba**	rosto, testa	**jeba*	*cepa* ‘testa’	**eβa* ‘olho’	—	—	**tsoβa*	—	**toβa* ‘rosto’
***mẽT**	esposo	**mẽT*	—	**mẽT*	*mãn*	—	**mẽT*	—	**mẽT*
***waT**	ir.PL	**waT*	(?) *waT* ‘sempre’	**waT*	*hot*	—	**waT*	*waT*	—
***waK**	chorar	**waK*	—	**waK*	*hok* ‘tocar violão’	(?) **wa*	**waK*	*waK*	—
***wy**	machado	**wi*	*wi*	**wi*	*hi*	—	**wy*	(?) *ywy-haP*	**jy*

Proto-Tupí	glosa	Proto-Tuparí	Makuráp	Proto-Tuparí Nucl.	Karitiána	Proto-Mundurukú	Proto-Mawé-Guaraní	Sateré-Mawé	Proto-Tupí-Guaraní
***wyP**	assar	—	—	—	*hip*	—	**wyP* ‘cozido’	*wyP*	**jyP*
***wu**	espinho	**wo:*	—	**wo:*	*hy*	—	**wu*	*hu*	**ju*
***wuP**	vermelho	**woP*	*woP*	**woP*	—	—	**wuP*	*huP*	**juP* ‘amarelo’
***wuT(-ɨ̀ɯP)**	pescoço	**woT-kyP*	*woT-kyP*	**woT-kyP*	*hyt-o*	—	**uT(-ʔyP)*	*huT-ʔyP*	**juT*
***wɯ**	assoprar	**wy*	*wy*	—	*he*	—	—	—	—
***ewɨT**	mel, caba	**ewɨT*	—	**ewɨT*	*eet* (< **ahit*)	**eit*	**ewɨT*	—	**eiT*
***təK**	socar	**teK*	—	—	*tak*	**cyk* ‘quebrar’	**toK*	*toK*	**tsoK*
***təK**	larva	**teK*	—	**teK*	*ken-tak*	—	**toK*	—	**coK*
***ty**	mãe	**ti*	*ti*	**ti*	*ti*	**ci*	**ty*	*ty/ny*	**cy*
***waty**	lua	—	—	—	*oti* (< **hoti*)	**waci*	**wa(:)ty*	*wa(:)ty*	**jacy*
***(j)aty**	doer, dor	**jati*	*cati*	**asi*	*oti*	—	**tsaty*	*saty*	**tacy*
***potyC**	pesado	**poti*	*poti*	**poti*	*pyti*	**poci*	**potyC*	*potyC*	**potsyC*
***pytyK**	pegar, agarrar	—	—	—	*pitik*	—	**pytyk*	*pytyk*	**pytsyK*
***tuP**	ver	**toP*	*to-a / toP*	**toP*	*typ* ‘achar’	**co* (?)	**ẽnduP* ‘ouvir’	*wanẽnduP*	**(-r)ẽnduP*
***atu(K)**	banhar	**ato*	*c-ato*	**ato*	*oty*	**(ʔ)ájok*	**atuK*	—	**acuK*
***atu**	grande	**-ato*	*c-ato*	**-ato*	*py-oty* ‘dedão’	—	**-atu*	(?) *wato*	**wacu, *-acu*
***ɯtɯɯ**	veado	**yty:*	*yty*	**yty:*	(?) *nde*	**ici*	**yty:*	*yty:*	—
***jaVte**	queixada	**jaote*	*caote*	**ðaote*	*sojca*	**ðãʃe(ʔ)*	—	—	—
***tẽP** ***atẽP**	sair chegar	—	—	—	*tãm* ‘voar’ *otãm*	**cẽm* **(ʔ)ájẽm*	**tẽP* **atẽP*	*wẽẽ-tẽP*	**cẽP* **w-acẽP*
***tiK**	carapanã	**tiK*	—	**tiK*	*tik*	**cik*	—	—	—
***atʲa** (abs.) ***j-atʲa** (rel.)	fogo	—	—	—	(?) *iso*	**ðáxa*	**atʲa* **tsatʲa*	*arja*	**ata* **tata*
***ndəP**	amargo	**ndeP-*	—	**ðeP-*	*ta:p*	**cyp*	**ðoP*	*noP*	**roP*
***ndo**	morro	**ndo*	*ndo-a*	**ðo(:)*	—	**co-ʔa*	—	—	—
***k(ʲ)aru**	arara (esp.)	—	—	—	—	**káro*	**karu*	*karu*	—
***wuru**	boca	(?) **worV-*	(?) *(w)ora-pi*	—	—	—	**wuru*	—	**juru*
***awuru**	papagaio	**aworo*	—	**a(w)oro*	—	**áro*	**awuru*	(?) *awuru* ‘besouro’	*ajuru*
***(e-)ca**	olho	(?) **jija*	*cica*	—	*aso* ‘rosto’	**(é)ta*	**tse(T)ca*	*seha* (3 *i-há*)	**tsetsa*
***wyca**	pedra	—	—	—	*iso* ‘p/ moer’	**wíta-ʔa*	**wica*	—	**ita*
***waco ~ *wacu**	jacaré	**waco*	*wato*	**waco*	*osy* (< **hosy*)	—	—	—	—

Proto-Tupí	glosa	Proto-Tuparí	Makuráp	Proto-Tuparí Nucl.	Karitiána	Proto-Mundurukú	Proto-Mawé-Guaraní	Sateré-Mawé	Proto-Tupí-Guaraní
***mỹcũ**	mutum	**mĩcõ*	*mĩtõ*	—	*mbisỹ*	**wítõ*	**mỹcũ*	*myñũ*	**mỹtũ*
***wecyK**	batata	—	—	—	—	**wécik*	**wecyK*	—	**jetyK*
***pyCja**	calcanhar	**pija-*	—	**pia(-)ta*	*piːso*	**ʔíða*	**pyca*	*pya (< *pyha)*	**pyta*
***ja(-)po**	raiz	—	—	—	—	**t-aby(ʔ)*	**tsapo*	*sapo*	**tapo*
***jaP**	cabelo, pelo, pena	**jaP*	*caP*	**ðaP*	*sop*	**ðap*	**tsaP*	*saP*	**-raP*
***jaP**	aldeia	**ja(ː)P*	*caP*	**ðaːP*	—	—	**tsaP*	—	**taP*
***jaT**	escorpião	**jaT* ‘cobra’	*caT*	**ðaT*	—	**ðat*	—	—	—
***jãC**	dente	**jã(ː)C*	*ñãC*	**jã(ː)C*	*ñõñ*	**ðãj*	**tsãC*	*ñãC*	**tãC*
***jəP**	folha	**jeP*	*ceP*	**ðeP*	*-sap*	**ðyp*	**tsoP*	*y-hoP*	**toP*
***jɯ**	líquido, urina	**ji*	—	**ði*	*se*	**ði*	**tsy* ‘urina’	*sy*	**ty*
***jaCju**	tatu	**jajo*	—	**ðaðo*	*sosy*	**ðajðo(ʔ)*	**tsacu*	*sahu*	**tatu*
***pyCju**	respiração vento	**-pijo*	—	**-piðo*	*ñõpisy*	**ka(ʔ)-bíðo*	**pycu* **-βycu*	—	**pytu* **y-βytu*
***cuP**	pai	**jo(ː)P*	—	**ðo(ː)P*	*syp*	**t-op* ‘marido’	**tsuP*	*suP* ‘esperma’	**tuP* (3 **tuP*)
***jũK**	bicho-de-pé	**jõK*	*ñõK*	—	—	**ðõŋ*	**tsũK*	*ñũK*	**tũK*
***jeT**	nome	**jeT*	*ceT*	**ðeT*	*sat*	—	**tseT*	*seT*	**teT*
***jṼT**	fezes	**jẽ(ː)T*	*ñẽT*	**jẽ(ː)T*	*ñĩn*	**ðãn*	**tsũT*	*ñũT*	—
***jɯokãT**	tucano	**jõkãT*	*ñõkãT*	**jõkãT*	*nʲeʔokõn*	**cokãn (< *cio-)*	**tsũkãT*	*ñũ(K)kãT*	**tũkãT*
***k(ʲ)əK**	segurar	—	—	—	*kak*	**kyk*	**we-koK*	—	**je-koK* ‘apoiar’
***waku**	jacu	**wako*	*wako-pẽP*	**wako*	—	**wako*	**waku*	—	**jaku*
***(j)aku(P)**	quente	**(j)akoP*	—	**akoP*	*oky*	**ðákʲip*	**tsakuP*	*sakuP*	**takuP*
***pakuP**	novo	**pakoP*	—	**pakoP*		—	**pakuP*	*pakuP*	—
***kʲaP**	gordura	**ʔaP*	—	**ʔaP*	—	**xep*	**kaP*	*kaP*	**kaP*
***kʲũ**	língua	**ʔõ*	—	**ʔõ*	—	**kõ*	**kũ*	(?) *sẽŋgu*	**kũ*
***kʲɯT**	não maduro	**ʔyT*	—	**(ʔ)yT*	*ket*	**kit*	**kyT*	*ʔa-kyT*	**kyT*
***kʲeT**	dormir	**ʔeT*	*eT*	**ʔeT*	*kat*	**xet* **kíj-ap* ‘abrigo’	**keT*	*keT/ŋeT* *ŋet-aP* ‘moradia’	**keT*
***ƙaT**	cair	**kaT*	*kaT* ‘descer’	**kaT*	*ʔot*	**ʔat*	**ʔaT*	*ʔaT*	**ʔaT*
***ƙu**	ingerir	**ko*	—	**ko*	*ʔy*	**ʔo*	**ʔu*	*u-ʔu*	**ʔu*
***tuƙu**	morder	**toko*	—	**toko*	—	—	**tuʔu*	*tuʔu*	**coʔo*
***ƙuT**	gongolo	**koT*	(?) *ŋgoT*	**koT*	(?) *yr(-)o*	**ʔut*	**ʔuT*	*ʔuT*	**ʔuT*

Proto-Tupí	glosa	Proto-Tuparí	Makuráp	Proto-Tuparí Nucl.	Karitiána	Proto-Mundurukú	Proto-Mawé-Guaraní	Sateré-Mawé	Proto-Tupí-Guaraní
***ƙɯP**	árvore, pau	**kyP*	*kyP*	**kyP*	*ʔep*	**ʔip*	**ʔyP*	*arja-ʔyP*	**ʔyP*
***ƙɯT**	filho	**kyT*	—	**kyT*	*ʔet*	**ʔit*	—	—	—
***ƙɯC** ***ƙɯC-py**	terra	**kyC*	*kyC*	**kyC*	*ʔej* *ejᵉpi*	— **i̯pi(ʔ)*	**ʔyC* **(ʔ)yβy*	*ʔyC*	**ʔyC* **(ʔ)yβy*
***ẽƙẽT**	vomitar	**ẽkẽT*	—	**ẽkẽT*	—	—	**ẽʔẽT*	**ñ-ẽʔẽT*	**w-ẽʔẽT*
***jãŋã**	galho	**jãŋã*	*ñãŋə̃*	**ãŋã*	*ñõŋõ*	**ðakã*	**tsãŋã*	*jãŋã*	**tãkã*
***ŋgaP**	caba	**ŋgaP*	*ŋgaP*	**ŋgaP*	*ŋgop*	—	**ŋgaP*	*ŋaP*	**kaP*
***ŋãP**	seio, peito	**ŋẽP*	*ŋẽP*	**ŋẽP*	*nõm*	**kãm*	**ŋãP*	—	**kãm*
***ŋgə**	roça	**ŋge*	*ŋge*	**ŋge*	*ŋga*	**ky*	**ŋgo*	*ko/ŋo*	**ko*
***ŋgɯ**	líquido	**-ŋgy*	—	**-ŋgy*	*ŋge* ‘sangue’	—	—	—	—
***ŋgɯP**	piolho	**ŋgyP*	*ŋgyP*	**ŋgyP*	*ŋgep*	**kip*	**ŋgyP*	*ŋyP*	**kyP*
***ʔa**	cabeça, fruto	**ʔa*	*a-*	**ʔa*	*ʔo*	**ʔa*	**ʔa*	*ʔa*	**ʔa*
***ʔəK**	tubérculo	**(ʔ)eK*	—	**(ʔ)eK*	—	**más-yk* ‘mandioca’	**ʔoK*	—	**ʔoK*
***uruPʔu**	urubu	**oroPʔo*	—	**oroPʔo*	—	**óropo*	**uruβu*	*uruwu*	**uruβu*
***peP(ʔ)o**	asa, pena	**pePʔo*	—	**pePʔo*	*papy*	—	**pepo*	*pepo*	**pepo*
***mbiʔu ~ *piʔũ**	pium	**mbiʔo*	*mbio*	**βiʔo*	—	—	**piʔũ*	—	**piʔũ*
***ʔɯ** ***ʔɯ-jɯ**	água	**ʔy*	*y:*	**ʔy-ŋgy*, **ʔy:*	*e* ‘chuva’, *e-se* ‘água’	**(ʔ)í-ði*	**ʔy*	*y-ʔy*, *-ʔy-*	**ʔy*
***aʔi**	b.-preguiça	—	—	—	*oʔi*	**i̯aj ~ *i̯ai*	**aʔi*	—	**aʔi*
***juaC(-po)**	cauda, rabo	**joaC*	*coaC*	**owaC*	*sypoj*	**t-oaj-by*	**tsuaC(-po)*	*suwaC-po*	**tuwaC*
***ŋgəaT**	sol	**ŋgeaT*	*ŋgeaT*	**ŋgiaT* ‘céu’	—	—	**ŋguaT*	—	**kʷaT*, **kʷar-atsy*
***ə-ƙɯP** ***j-ə-ƙɯP**	flecha (*abs.*) flecha (*rel.*)	**e-kyP* **je-kyP*	*e-kyP* *ce-kyP*	**e-kyP*	—	**op* **ðop*	**uʔyP* **-tsuʔyP*	—	**uʔyP* **-ruʔyP*
***əK** ***j-əK**	casa (*abs.*) casa (*rel.*)	**eK* **jeK*	*eK* *ceK*	**eK* **ðeK*	—	**yK-ʔa* **ðyK-ʔa*	**oK* **tsoK*	*soK* ‘ninho’	**oK* **-roK*
***u-/*ũT**	eu	**o-/*õT*	*o-/õT*	**o-/*õT*	*y-/ỹn*	**õn*	**u-i-*	*uj-*	**wi-* ‘1SG.CRF’
***ũP**	dar	**õP*	*õP*	**õP*	—	**ỹm*	**ũP*	*ũP*	—
***jəɯ**	sangue	**jey*	*cey*	**ey*	—	**ðoj*	**cuy*	*su:*	**tuwy*
***e-/*ẽT**	tu	**e-/*ẽT*	*e-/ẽT*	**e-/*ẽT*	*a-/ãn*	**ẽn*	**e-/*ẽT*	*e-/ẽT*	**e-* ‘2SG.CRF’
***ək-ẽT**	porta	**ekẽT* ‘praça’	—	**ekẽT*	*akãn* ‘aldeia’	—	**okẽT*	*okẽT-ypy*	**okẽT*
***(j)ẽT**	carne	**jẽT-ʔã*	*ñẽrə̃ ~ ñỹrə̃*	**jẽT-ʔã*	—	**ẽn*	—	—	—

Apêndice H. Fonologia do Proto-Chiquitano

Este apêndice resume os principais resultados de Nikulin *et al.* (manuscrito) relativos à reconstrução fonológica do Proto-Chiquitano.

NB: para os segmentos reconstruídos, usamos o Alfabeto Macro-Jê; os reflexos nas variedades modernas são dados no Alfabeto Fonético Internacional.

PChq	Lomeriano	Ignaciano	Migueleño	observações
***p**	p, p^{jA}	p, p^{jA}	p, $c̲^{A}$	
***β̞**	β̞	β̞, w	β̞, j^{A}	condicionamento em Ignaciano desconhecido
***m**	m, m^{jA}	m, m^{jA}	m, $ɲ^{A}$	
***t**	t, c^{A}	t, c^{A}	t, $t̲^{jA}$	
***r**	n-/-r-	n-/-r-	r, $ʂ^{B}$	
***n**	n	n	n	
***ts**	s	ts	ts	
***s**	s	s	s	
***š**	ʂ, $ʃ^{C}$	ʂ, $ʃ^{C}$	x, $ɕ^{C}$	
***c**	tʃ	tʃ	tʃ	
***j**	j	j	j	
***ñ**	ɲ	ɲ	ɲ	
***k**	k, k^{jA}	k, k^{jA}	k, $c̲^{A}$	
***[ɯ̨]**	β̞	ɯ̨	ɯ̨	segmento epentético no ambiente **y_V*
***h**	∅, k^{D}	h	h ~ x	
***ʔ**	∅, $ʔ^{E}$	∅, $ʔ^{E}$	ʔ	
***a**	a	a	a	
***y**	ɨ̞	ɨ̞	ɨ̞	
***o**	o, u ~ o^{F}	o	o	o processo **oCa* → **uCa* operava já em PChq
***u**	u	u	u	
***e**	e	e	ɛ	
***i**	i	i	i, $ɛ^{G}$, $∅^{H}$	
***Ṽ**	Ṽ	Ṽ	VʔV, $Ṽ^{I}$, $Ṽ ʔ Ṽ^{J}$	
cons. epentética	obrigatória	opcional	opcional	PChq **r-/*n-* em palavras iniciadas por vogal
***CV-**	CV-	CV(ʔ)V-	CVʔV-	raízes nominais monossilábicas

[A] = nos ambientes de palatalização fonológica (por exemplo, *i_a/o* em Lom.; *i_a/y/o/u/e* em Mig.); [B] = diante de vogal elidida; [C] = seguindo **i*; [D] = no marcador de 2SG; [E] = em raízes da estrutura *-VʔV*; [F] = no ambiente **_Cu/y*; [G] = precedendo *s/ts*; [H] = no início de palavra, separado da sílaba tônica por, no mínimo, duas sílabas; [H] = em sílabas com o *onset* /ʔ/; [I] = no início de morfemas.